A. R. BUCKLAND & LUKYN WILLIAMS

DICIONÁRIO BÍBLICO UNIVERSAL

MAIS DE 200 000
EXEMPLARES VENDIDOS

Vida
ACADÊMICA

Table of Contents

Prefácio
Abreviaturas
Sumário
A
B
C
D
E
F
G
H
I
J
L
M
N
O
P
Q
R
S
T
U
V
Z


DICIONÁRIO BÍBLICO
UNIVERSAL

A. R. BUCKLAND & LUKYN WILLIAMS

DICIONÁRIO BÍBLICO UNIVERSAL

Tradução
JOAQUIM FIGUEIREDO

4. edição revista e atualizada

Vida

A. R. BUCKLAND & LUKYN WILLIAMS

DICIONÁRIO BÍBLICO UNIVERSAL

Tradução
JOAQUIM FIGUEIREDO

4. edição revista e atualizada

Vida

EDITORA VIDA
Rua Isidro Tinoco, 70 Tatuapé
CEP 03316-010 São Paulo, SP
Tel.: 0 xx 11 2618 7000
Fax: 0 xx 11 2618 7030
www.editoravida.com.br

4. ed. rev. e atual.: maio 2007
1ª reimp.: ago. 2010
2ª reimp.: jun. 2011
a*3ª reimp.*: mar. 2012

Editor responsável: Sônia Freire Lula Almeida
Editor-assistente: Gisele Romão da Cruz Santiago
Preparação: Lena Aranha, Emirson Justino, Gisele Romão da Cruz Santiago e Andrea Filatro
Revisão de provas: Nilda Nunes e Josemar de Souza Pinto
Diagramação: Efanet Design e Claudia Fatel Lino
Capa: Souto Design

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Buckland, A. R. (1857-1942)

Dicionário bíblico universal / A. R. Buckland & Lukyn Williams; tradução Joaquim dos Santos Figueiredo. — 4. ed. rev. e atual. — São Paulo: Editora Vida, 2007.

Título original: The Universal Bible Dictionary
isbn 978-85-7367-986-1

1. Bíblia — Dicionários I. Buckland, A. R. II. Williams, Lukyn. III. Título.

CDD 220.3

Índice para catálogo sistemático:
1. Bíblia : Dicionários 220.3
2. Dicionários bíblicos 220.3

07-0609

©1914, 1957, de A. R. Buckland & Lukyn Williams
Título original: *The Universal Bible Dictionary*
Edição publicada por
RELIGIOUS TRACT SOCIETY

■

Todos os direitos desta tradução em língua portuguesa reservados por Editora Vida.

PROIBIDA A REPRODUÇÃO POR QUAISQUER MEIOS,
SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

■

Todas as citações bíblicas foram extraídas da *Almeida Revista e Atualizada* (ARA) e, em caso de comparação, das versões *Almeida Revista e Corrigida* (ARC), *Tradução Brasileira* (TB) *e Nova Versão Internacional* (NVI).

■

Todas as citações bíblicas e de terceiros foram adaptadas segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em 1990, em vigor desde janeiro de 2009.

Sumário

A

B

C

D

E

F

G

H

I

J

L

M

N

O

P

Q

R

S

T

U

V

Z

Prefácio à 4ª edição brasileira

A Editora Vida oferece ao leitor a 4ª edição revista e atualizada do *Dicionário bíblico universal*, para a qual não faltaram esforços de contextualização e pesquisa.

Destacam-se nesta edição a conferência das informações compiladas nas edições anteriores e a adequação dos verbetes no que se refere a topônimos, antropônimos e referências contextuais e bíblicas — estas últimas aparecem pontualmente indicadas conforme a versão utilizada *(Revista e Atualizada, Revista e Corrigida, Tradução Brasileira de Figueiredo e Nova Versão Internacional)* ,possibilitando ao leitor um estudo comparado sempre que possível.

Extraímos do prefácio da primeira edição em português os aspectos norteadores desta obra, mencionados por Joaquim dos Santos Figueiredo:

Como está escrito no prefácio da segunda edição inglesa, este dicionário "foi preparado visando a auxiliar os leitores da Bíblia, que não podem compulsar obras de grande desenvolvimento doutrinal e dispendiosas. Esta obra objetiva, em primeiro lugar, guiar o leitor a um cuidadoso exame da própria Bíblia, prestando-lhe valioso auxílio em seus estudos por meio de artigos sobre o texto das Escrituras, bem como suas versões, sobre crítica, inspiração e doutrinas de caráter essencial, como Trindade, Expiação, Justificação, Regeneração e assuntos semelhantes". Os significados dos nomes próprios são apresentados ou sugeridos, quando há justificativas plausíveis. O rev. Buckland é muitíssimo grato ao cônego Lukyn Williams pela valiosa cooperação e disposição para escrever alguns dos mais valiosos artigos desta obra, e igualmente reconhece a importante ajuda do professor S.W. Green para que este trabalho fosse concluído.

A segunda edição deste dicionário deveu-se ao empenho do reverendo Orlando Boyer, de saudosa memória, que assim se expressou:

Investi recursos financeiros, tempo e energia para que a segunda edição desta valiosa obra fosse produzida. Concluída minha tarefa, deixo-a nas mãos do Senhor da Igreja a fim de que ele a use para abençoar e equipar os milhares de líderes que aguardaram por esta edição durante vinte e oito anos. Que ela cumpra o propósito para o qual foi escrita.

Por ser usado em seminários e institutos teológicos, tem sido exatamente esta a contribuição do Dicionário: equipar aqueles que desejam conhecer melhor a Bíblia, suas personagens principais e o ambiente em que atuaram, as doutrinas fundamentais da fé cristã, os livros, os autores e as datas. Nosso especial agradecimento ao reverendo Gordon Chown pela colaboração em rever e atualizar grande parte desta obra em sua edição anterior.

O EDITOR
maio de 2007

Abreviaturas

Livros da Bíblia

Ag	Ageu	Lm	Lamentações de Jeremias
Am	Amós	Lv	Levítico
Ap	Apocalipse	Mc	Marcos
At	Atos dos Apóstolos	Ml	Malaquias
Cl	Colossenses	Mq	Miqueias
Ct	Cântico dos Cânticos ou Cantares	Mt	Mateus
Dn	Daniel	Na	Naum
Dt	Deuteronômio	Ne	Neemias
Ec	Eclesiastes	Nm	Números
Ed	Esdras	Ob	Obadias
Ef	Efésios	Os	Oseias
Et	Ester	1Co	1Coríntios
Êx	Êxodo	1Cr	1Crônicas
Ez	Ezequiel	1Jo	1João
Fm	Filemom	1Pe	1Pedro
Fp	Filipenses	1Rs	1Reis
Gl	Gálatas	1Sm	1Samuel
Gn	Gênesis	1Tm	1Timóteo
Hb	Hebreus	1Ts	1Tessalonicenses
Hc	Habacuque	Pv	Provérbios
Is	Isaías	Rm	Romanos
Jd	Judas	Rt	Rute
Jl	Joel	2Co	2Coríntios
Jn	Jonas	2Cr	2Crônicas
Jo	João	2Jo	2João
Jó	Jó	2Pe	2Pedro
Jr	Jeremias	2Rs	2Reis
Js	Josué	2Sm	2Samuel
Jz	Juízes	2Tm	2Timóteo
Lc	Lucas	2Ts	2Tessalonicenses
Sf	Sofonias	3Jo	3João
Sl	Salmos	Tg	Tiago
Tt	Tito	Zc	Zacarias

Outras abreviaturas

a.C.	antes de Cristo
ARA	*Almeida Revista e Atualizada, SBB, 1953, 1993*
ARC	*Almeida Revista e Corrigida, SBB, 1997*
AT	Antigo Testamento
c.	cerca de
cf.	confira
cm	centímetro(s)

cp.	compare com
d.C.	depois de Cristo
km	quilômetro(s)
l	litro(s)
m	metro(s)
MS	Manuscrito
MSS	Manuscritos
NT	Novo Testamento
NVI	*Nova Versão Internacional, Vida, 2001.*
ref.	referência(s)
ss	seguintes
Septuaginta	*(LXX ou Versão dos Setenta)*
sig.	significado; significa
TB	*Tradução Brasileira*, SBB, 2001 (tradução original, 1917)
v.	ver ou vide
v.	versículo(s)
?	informação incerta

A

Aba. *Pai.* Palavra aramaica que ocorre no Evangelho de Marcos por ocasião da menção da oração de Jesus no Getsêmani (Mc 14.36). Aparece, também, nas invocações a Deus, registradas por inspiração do Espírito Santo (Rm 8.15; Gl 4.6). Nesses casos, a expressão é "Aba, Pai", de modo que o termo aramaico vem seguido do equivalente grego suplementar. Talvez seja apenas uma conjetura, pois a oração fervorosa não requer o uso dessas palavras. É provável que o invocativo "Aba" tenha se tornado sagrado pelo uso constante que Jesus fez dele e que continuou a ser utilizado pelos cristãos de fala grega, como uma espécie de nome próprio (ref. a Deus), sendo a designação "Pai" uma adição natural.

Abdom. *Servil.* 1. Cidade da tribo de Aser (Js 21.30; 1Cr 6.74; em Js 19.28, denomina-se "Ebrom"). Identifica-se com Abdé, pequenas ruínas situadas sobre um monte que domina a planície de Acre.
2. O décimo primeiro dos 12 juízes (Jz 12.13,15).
3. V. 1Cr 8.23.
4. O primogênito de Jeiel, pai de Gibeom (1Cr 9.35,36).
5. O filho de Mica, que foi enviado com outros pelo rei Josias à profetisa Hulda, a fim de consultá-la a respeito do Livro da Lei, encontrado no templo (2Cr 34.20). Em 2Rs 22.12, é chamado de Acbor.

Abel. *Respiração ou vapor.* 1. O segundo filho de Adão e Eva, que era pastor de ovelhas e foi assassinado por seu irmão Caim. Caim ofereceu dos frutos da terra ao Senhor, e Abel, a principal rês do seu rebanho. A oferta de Caim foi rejeitada, e a de Abel, aceita; movido por inveja, Caim irou-se contra seu irmão e o matou (Gn 4.2-15; cp. Hb 11.4). Jesus Cristo fez referência a Abel, como o primeiro mártir (Mt 23.35). Em Hb 12.22-24, a expressão de Gn 4.10 ("A voz do sangue de teu irmão clama da terra a mim") é modificada, a fim de revelar o contraste entre a antiga e a nova aliança: "Mas tendes chegado [...] ao sangue da aspersão que fala cousas superiores ao que fala o próprio Abel".
2. Prado.

abelha. Deuteronômio 1.44 e Sl 118.12 fazem alusão à conhecida natureza agressiva das abelhas. Embora os biólogos e naturalistas considerem a abelha da Palestina uma espécie distinta, ela parece pertencer subespécie da abelha vulgar ou doméstica, *Apis mellifica*. Possui coloração mais amarelada e diferenças de tonalidade mais marcadas do que as espécies comuns no Ocidente. Também é comparativamente menor e muito mais perigosa. Como o mel é um ingrediente importante na alimentação oriental, a criação de abelhas é cuidadosamente desenvolvida. A colmeia compõe-se de um tubo de barro, razoavelmente semelhante ao cano de água, ou de vários canos de barro sobrepostos. Esses canos têm cerca de 20 cm de diâmetro e 1 m de comprimento, com as extremidades fechadas, proporcionando apenas uma pequena abertura. Contudo, um fato singular é que o único mel mencionado na Bíblia é o "mel silvestre"; até hoje, muitos árabes vivem do trabalho de colhê-lo. Portanto, não é de surpreender que Sansão tenha encontrado mel na carcaça do leão que ele próprio matara. A carne do animal certamente não levou muito tempo para ser devorada pelas feras, de modo que as abelhas acharam, naquelas costelas secas, um lugar propício para desenvolver uma colmeia e encher seus favos da

doçura do mel elaborado do néctar das flores que cresciam nos arredores. A curiosa expressão mencionada em Is 7.18, "assobiará o Senhor [...] às abelhas que andam na terra da Assíria", é uma alusão à prática dos apicultores de chamar as abelhas para fora de sua colmeia pelo som agudo dos assobios. V. MEL.

Abel-Mizraim. Nome dado pelos cananeus à eira de Atade, onde José, seus irmãos e os egípcios choraram a morte de Jacó (Gn 50.11). É provável que a passagem contenha um jogo de palavras, como o que se verifica entre Abel, *prado*, e Ebel, *lamentação.* Pela narrativa do fato, pode-se presumir que seja algum lugar inicialmente denominado de *Prado* (ou *Campina*) *do Egito* nos limites de Canaã, porém a afirmação de que ficava "além do Jordão" situa-o mais a nordeste, o que implicava um trajeto maior para os pranteadores.

abençoar, bęnção. Quando abençoou os filhos de Israel (Dt 33), Moisés profetizou que eles desfrutariam prosperidade contínua e progressiva com o auxílio de Deus. Essa era uma forma patriarcal de bênção e, ao mesmo tempo, uma cerimônia religiosa de conformidade com a maneira de abençoar do Pai celestial, o qual, na realidade, sempre derrama benefícios sobre suas criaturas. Quando o salmo 103 conclama os homens a bendizerem ao Senhor, isso significa que o louvor e a honra pertencem ao Criador e que louvá-lo e honrá-lo é tanto um dever quanto uma alegria para suas criaturas. Todavia, quando é Deus que abençoa seu povo, como acontece em Gn 1.22 e em Ef 1.3, isso quer dizer que ele distribui sobre os seus filhos toda espécie de benefícios temporais e espirituais, para compartilhar com eles parte da infinita bem-aventurança que nele existe (1Tm 1.11). Abençoar era costume entre os hebreus e é frequentemente mencionado nas Escrituras Sagradas. Assim, Jacó abençoou seus filhos (Gn 49), e Moisés, os filhos de Israel (Dt 33). Abraão foi abençoado por Melquisedeque. O ato de abençoar ocupava um lugar tão importante na religião e vida dos judeus que o próprio método de impetrar a bênção fazia parte do ritual israelita (Nm 6.23). A pessoa que outorgava a bênção punha-se de pé, com as mãos levantadas ao céu. V. BÊNÇÃO

Abiail. *Meu pai é poder.* 1. Pai de Zuriel, chefe da família levítica de Merari, contemporâneo de Moisés (Nm 3.35).
2. Mulher de Abisur (1Cr 2.29).
3. 1Cr 5.14.
4. Uma descendente de Eliabe, irmão mais velho de Davi (2Cr 11.18).
5. Pai de Ester e tio de Mordecai (Et 2.15; 9.29).

Abias, Abiăo. *O Senhor é pai.* 1. Filho de Roboão que sucedeu o pai como rei de Judá (1Rs 14.31; 2Cr 12.16). É chamado de Abias nos livros das Crônicas e de Abião nos livros dos Reis. Abias esforçou-se para recuperar o reino das dez tribos (Israel) e fez guerra contra Jeroboão. Foi bem-sucedido, e tomou as cidades de Betel, Jesana e Efrom, com suas respectivas vilas. Depois de sua vitória, fortaleceu-se no reino e se casou com 14 mulheres (2Cr 13.21). Reinou por apenas três anos, e a última parte de seu reinado foi marcada pela iniquidade. Seguiu os passos de seu pai, o perverso Roboão, caindo em pecados como o da idolatria e da imoralidade. Sua mãe chamava-se Maaca. Era neto de Salomão (1Rs 15; 2Cr 11.20).
2. O segundo filho de Samuel (1Sm 8.2).
3. Filho de Jeroboão, primeiro rei de Israel. Foi o único, dentre toda a casa de Jeroboão, que ainda demonstrou alguma inclinação benigna

para com o Senhor Deus de Israel e que, por isso, recebeu a concessão de morrer em paz. Morreu ainda jovem, na ocasião em que a mulher de Jeroboão disfarçou-se e foi ao profeta Aías buscar auxílio para Abias, que estava doente (1Rs 14).

4. Um descendente de Eleazar, cujo nome foi dado ao oitavo dos 24 turnos em que Davi dividiu os sacerdotes (1Cr 24.10). 5. V. Nm 10.7.

6. A filha de Zacarias, mulher de Acaz e mãe de Ezequias (2Cr 29.1).

Abiatar. *Pai de abundância ou Meu pai é grande.* Décimo primeiro sumo sacerdote, sucessor de Arão. Escapou da morte quando o edomita Doegue, instigado por Saul, matou seu pai, Aimeleque, e 85 sacerdotes, por Abiatar ter intercedido em favor de Davi e ter-lhe dado o pão da proposição e a espada de Golias (1Sm 21; V. Mc 2.26, em que *Abiatar* deve ser *Aimeleque*). Juntou-se a Davi em Queila, trazendo consigo uma estola que habilitou o futuro rei, na crise do seu exílio, a consultar o Senhor (1Sm 23.9; 30.7). Abiatar e Zadoque foram mandados a Jerusalém com a arca (2Sm 15). Mais tarde, conspirou para que Adonias fosse o sucessor de Davi. Desterrado para a sua terra natal, Anatote, em Benjamim (Js 21.18), foi afastado de seu cargo por Salomão. Sua vida foi poupada por causa dos serviços prestados a Davi (1Rs 2.27-35).

abibe. *O germinar do trigo.* Antigo nome cananeu referente ao primeiro mês do ano no calendário sagrado dos hebreus, correspondendo ao sétimo mês no calendário civil. No dia 15 desse mês, o povo de Israel partiu do Egito (Êx 13.4). Para comemorar tal libertação, a lua da Páscoa posteriormente passou a ser considerada o marco inicial do ano judaico (Êx 12.2). Depois do exílio, mudou-se o nome para *nisã*, um termo babilônico (março-abril).

Abigail. *Meu pai é alegria*. 1. Uma mulher formosa casada com Nabal, um rico proprietário de cabras e carneiros no monte Carmelo. Quando os mensageiros de Davi foram desconsiderados por Nabal, Abigail tomou sobre si a culpa do marido e levou a Davi e seus homens os mantimentos solicitados, promovendo a paz. Decorridos dez dias desse incidente, Nabal morreu; Davi casou-se com a viúva e teve um filho que, em 2Sm 3.3, é mencionado pelo nome de Quileabe, e em 1Cr 3.1, Daniel.

2. Uma irmã de Davi, casada com Jéter, o ismaelita, e mãe de Amasa, a quem Absalão nomeou capitão em lugar de Joabe (2Sm 17.25; 1Cr 2.17).

Abilene (tb. Abilínia, Abilina). Uma planície. Constituía-se numa tetrarquia governada por Lisâneas, segundo o registro de Lucas (Lc 3.1). Abila, sua capital, situava-se a 29 km de Damasco, na encosta oriental do Antilíbano, uma região fértil regada pelo rio Barada. A tradição relaciona o nome de Abila com a morte de Abel e alega que o suposto túmulo deste, chamado de Neby Havil, encontra-se numa elevação acima das ruínas da cidade, num desfiladeiro íngreme pelo qual o rio corre montanha abaixo em direção à planície de Damasco.

Abimeleque. *Meleque* (rei) *é pai* ou *Meu pai é rei.* 1. Um rei de Gerar no tempo de Abraão (Gn 20.2), o qual levou Sara para o seu harém. Entretanto, avisado por Deus por meio de um sonho acerca de sua ofensa inconsciente, restituiu Sara a Abraão e fez aliança de paz com ele, em Berseba.

2. Outro rei de Gerar que reinou na época de Isaque (Gn 26) e que procedeu com Rebeca da mesma maneira que seu antecessor a respeito de Sara. Depois de uma disputa de poços, o que acontece com frequência em lugares áridos, Abimeleque e Isaque ficaram amigos.

3. Filho de Gideão (Jz 8.31). Depois da morte de seu pai, assassinou seus 70 irmãos, com

exceção de Jotão, que se escondera. Então, por influência dos irmãos de sua mãe (uma siquemita), foi eleito rei de Siquém, que se tornou um Estado independente de Israel. Três anos mais tarde, por ocasião da ausência de Abimeleque, houve em Siquém uma rebelião, que foi reprimida por Zebul, o governador, o qual expulsou o líder da sedição, Gaal, e destruiu totalmente a cidade, espalhando sal sobre suas ruínas. Na investida contra Tebes, uma mulher arremessou uma pedra de moinho sobre a cabeça de Abimeleque (Jz 9.53,54; 2Sm 11.21), e ele, para escapar à vergonha de ser morto por uma mulher, ordenou a seu escudeiro que o matasse. 4. Filho de Abiatar, sumo sacerdote no tempo de Davi (1Cr 18.16); em 2Sm 8.17, é chamado de Aimeleque, o qual, de acordo com 1Sm 22.20, não era filho, mas pai de Abiatar. Parece haver alguma confusão nas narrativas, o que influi na referência feita em Mc 2.26. 5. No título do salmo 34, esse é o nome dado a Aquis, rei de Gate (1Sm 21.10-15).

Abinadabe. *Meu pai é nobre.* 1. Israelita da tribo de Judá, que vivia perto de Quiriate-Jearim e em cuja casa a arca, depois de ter sido restituída pelos filisteus, permaneceu durante vinte anos (1Sm 7.1,2; 2Sm 6.3,4; 1Cr 13.7). 2. Segundo filho de Jessé e, portanto, irmão de Davi; combateu por Saul na guerra contra os filisteus (1Sm 16.8; 17.13; 1Cr 2.13). 3. Filho de Saul, morto em Gilboa pelos filisteus, juntamente com Jônatas e outros irmãos (1Sm 31.2; 1Cr 8.33; 9.39; 10.2). 4. Pai de um dos oficiais de Salomão, também chamado Ben-Abinadabe (1Rs 4.11).

Abisai. *Meu pai é Jessé.* Um dedicado sobrinho de Davi, filho mais velho de sua irmã Zeruia (1Cr 2.16). Ele foi à noite com Davi ao acampamento de Saul (1Sm 26.6) e teria atravessado o rei com sua lança se Davi não o tivesse contido. Abisai implorou a permissão de matar Simei, que amaldiçoou Davi quando este fugia de Absalão (2Sm 16.9-14). Mais tarde, participou da grande batalha que pôs fim à insurreição de Absalão (2Sm 20.6). Ele combateu vitoriosamente contra os amonitas (2Sm 10.10; 1Cr 19.11) e contra os edomitas (2Sm 8.13; 1Cr 18.12). Auxiliou no covarde assassinato de Abner (2Sm 3.30) e na perseguição de Bicri (2Sm 20.6,10). Na guerra contra os filisteus, Abisai livrou Davi de ser morto pelas mãos do gigante Isbi-Benobe, a quem ele mesmo matou. Mostrou grande valor na luta contra 300 homens (2Sm 23.18; 1Cr 11.20).

Abner. *Meu pai é uma lâmpada.* Comandante- chefe do exército de Saul. O pai de Abner, chamado Ner, era irmão de Quis, pai de Saul, de modo que Abner e Saul eram primos. Foi ele que trouxe Davi à presença de Saul, depois do combate contra o gigante Golias (1Sm 17.57), bem como acompanhou Saul na sua expedição contra Davi (1Sm 26.3-14). Cinco anos depois da morte de Saul e da desastrosa batalha em Gilboa, Abner proclamou Isbosete, filho de Saul, rei de Israel. O novo monarca foi reconhecido pelas tribos, com exceção da de Judá, onde reinava Davi. Seguiu-se uma guerra entre os dois reis, e houve uma batalha em Gibeão entre o exército de Israel, comandado por Abner, e o de Judá, sob o comando de Joabe, filho de Zeruia, irmã de Davi (2Sm 2.12-17). Abner foi derrotado e pessoalmente perseguido por Asael, o irmão mais novo de Joabe. Abner, em legítima defesa, ainda que relutante, matou seu inimigo e perseguidor. Isbosete, insensatamente, censurou Abner porque este se casara com Rispa, que tinha sido concubina de Saul. Abner, indignado pela acusação que lhe faziam, passou para o lado de Davi, que lhe prometeu o principal lugar no seu exército. Abner, em retribuição a essa

confiança, conquistaria Israel. Antes, porém, de poder fazer qualquer coisa nesse sentido, foi traiçoeiramente assassinado por Joabe e seu irmão Abisai, como vingança pela morte de Asael. Contudo, a causa principal era o receio de que Abner os excluísse do favor de Davi. O ato traiçoeiro foi julgado por Davi com indignação, mas razões de Estado o levaram a deixar impune tal crime. Entretanto, Davi demonstrou sua consideração pelo general Abner, assistindo ao funeral e fazendo uma oração apropriada junto à sepultura (2Sm 3.33,34).

abominação. Termo especialmente usado para referir-se a coisas ou atos pelos quais se tem aversão religiosa. É aplicado aos sentimentos dos egípcios no que se refere a comerem com os hebreus (Gn 43.32); aos sacrifícios israelitas de animais que no Egito eram considerados sagrados (Êx 8.26); e também com relação aos pastores de rebanho (Gn 46.34). O termo "abominação" refere-se, com mais frequência (há diferentes palavras hebraicas com o mesmo sentido), àquilo que era detestado pelo povo ou pelo Senhor Deus de Israel, tal como as carnes imundas (Lv 11), a carne imprópria para os sacrifícios, as práticas pagãs e, em especial, a idolatria e os deuses gentílicos (Jr 4.1; 7.30; v. o verbete seguinte).

abominável da desolação. Na profecia sobre a destruição de Jerusalém (Mc 13.14), Jesus deu a seus discípulos um sinal pelo qual eles saberiam da iminência desse acontecimento, devendo então fugir, enquanto houvesse tempo: *Quando, pois, virdes o abominável da desolação situado onde não deve estar* [...] *os que estiverem na Judeia fujam para os montes.* O texto de Mt 24.15 diz: *Quando, pois, virdes o abominável da destruição de que falou o profeta Daniel, no lugar santo* [...]". No livro do profeta Daniel (9.27; 11.31; 12.11), há frases semelhantes que aludem à tentativa de Antíoco Epifânio de abolir o judaísmo, manifestada pela profanação do templo, pela suspensão dos sacrifícios e pela colocação de um pequeno ídolo no altar dos holocaustos (em 168 a.C.). Em 1Macabeus 1.57, esta última atrocidade é chamada de "a abominação da desolação". Não se pode determinar o exato cumprimento da profecia na destruição de Jerusalém (em 70 d.C.). Talvez possa ter sua explicação no fato de que a terra santa foi profanada pelos exércitos romanos (Lc 21.20); ou que no pensamento de Jesus houvesse alusão a alguma profanação específica do templo.

Abraão, Abrão. O provável significado do nome Abrão é: *Pai engrandecido* ou *Pai exaltado.* A forma mais extensa não quer dizer coisa alguma, mas por uma semelhança de som sugere a significação hebraica de "pai de uma multidão" (Gn 17.5). Fundador da nação judaica (como se vê em Js 24.2; 1Rs 18.36; Is 29.22; Ne 9.7; Mt 1.1; 3.9). Sua vida acha-se descrita em Gn 11.26—25.10. Tera, descendente de Sem, saiu de "Ur da Caldeia" com seu filho Abrão, sua nora Sarai e seu neto (filho de Harã) Ló para Harã, onde fixou residência, sem concretizar seu plano mencionado no texto bíblico: "ir à terra de Canaã" (Gn 11.31). Depois da morte de Tera, Abraão ouviu o chamado divino e procurou a nova terra. Então recebeu a primeira promessa de Deus acerca da grandeza futura de sua descendência (Gn 12.1). Guiados por Deus, Abraão, Sarai e Ló dirigiram-se, com os seus bens e servos, para a terra de Canaã, e, mais tarde, observa- se a família estabelecida na rica planície de Moré, perto de Siquém, nas faldas dos dois famosos montes Ebal e Gerizim. Aí edificou ele um altar ao Senhor, e recebeu a primeira promessa, clara e distinta, de que essa terra seria dos seus descendentes (Gn 12.7). Depois se retirou para outro lugar na região montanhosa entre Betel e Ai, onde ficou em segurança até que a fome provocasse sua ida para o Egito. Nesse país, seu estratagema com Sarai o levou

obrigatoriamente a uma situação humilhante perante o faraó. Sua riqueza e seu poder já eram consideráveis. Ao voltar do Egito, Abrão separou-se de seu sobrinho Ló e foi habitar no vale de Manre, perto de Hebrom, a futura capital de Judá, que situava-se na rota de comunicação com o Egito, nas proximidades do deserto e das terras de pastagem em Berseba. No ataque a Quedorlaomer (Gn 14), Abrão já se tornara o principal de uma pequena confederação de chefes e poderoso o bastante para perseguir o inimigo até a entrada do vale do Jordão, combatendo com bom êxito uma grande força e libertando Ló. Com essa vitória, pôde deter por algum tempo a sequência de invasões do Norte. Em Gn 15, por causa da objeção de Abrão de que não tinha filhos, Deus confirmou a promessa de uma descendência inumerável. Nesse ponto, sua fé assume tamanha proeminência na teologia judaica e cristã que os escritores sagrados declaram: "ele creu no Senhor, e isso lhe foi imputado por justiça" (Gn 15.6; v. Rm 4.3; 9.7; Gl 3.6; Tg 2.23). A promessa ainda foi ratificada por meio de um pacto entre o Senhor e Abrão; mas antes de cumprir-se, pelo nascimento de Isaque, sua fé, provada pela demora, é fortalecida com uma disciplina moralizadora. Os cap. 16—20 de Gênesis registram o nascimento de Ismael, filho de Abrão com Agar, a serva de Sarai, bem como a instituição da circuncisão na qualidade de selo da aliança e mudança dos nomes de Abrão para Abraão e de Sarai para Sara. Nesses mesmos capítulos, encontra-se a narrativa da visita dos anjos e a promessa especial de que Abraão e Sara teriam um filho dentro do período de um ano; a intercessão de Abraão pela cidade de Sodoma; a destruição das cidades da planície; a fuga salvadora de Ló; e a segunda trapaça a respeito de Sara (cp. o cap. 12 e v. Abimeleque). Depois do nascimento de Isaque e da expulsão de Ismael em favor do "filho da promessa" (cap. 21), a história silencia por alguns anos, até que, na infância de Isaque, aparece a dura prova de fé na ordem dada por Deus para que Abraão oferecesse seu filho em sacrifício (cap. 22). Diante do uso de sacrifícios humanos, tão generalizado entre as nações pagãs circunvizinhas, tal ordem podia ser prontamente considerada, sem qualquer repugnância, como vontade de Deus. A sequência da narrativa nos mostra Abraão e sua fortíssima fé, com a declaração de que para o Senhor Deus de Israel era melhor a "obediência" do que o "sacrifício". Ainda que a vida de Abraão se tenha prolongado por cinquenta anos depois desse acontecimento, os únicos incidentes que se acham pormenorizados são a morte de Sara, a compra da caverna de Macpela para sepultura (cap. 23) e o casamento de Isaque com Rebeca (cap. 24). A morte de Sara foi em Quiriate-Arba, isto é, em Hebrom, de forma que Abraão teve de voltar de Berseba a sua antiga casa. É realmente significativo (At 7.5) o fato de que a herança de Abraão na terra da promessa tenha sido apenas um túmulo (cf. Gn 50.13). Na bela história do casamento de Isaque, é digno de nota que Abraão tenha recusado uma aliança de seu filho com as idólatras de Canaã. Por fim, o livro de Gênesis menciona o casamento de Abraão com Quetura e a morte dele aos 175 anos. Seu herdeiro, Isaque, assim como o exilado Ismael, sepultaram-no ao lado de Sara na caverna de Macpela. Abraão representa, no NT, o verdadeiro ideal da religião, seja por sua fé (Rm 4.16-22), seja por suas obras (Tg 2.21-23). O próprio Jesus declara acerca dele: *Vosso pai Abraão alegrou-se por ver o meu dia* (Jo 8.56). Tiago (Tg 2.23) o chama de "o amigo de Deus" (cp. Is 41.8; 2Cr 20.7), designação que entre os árabes substituiu o seu próprio nome (*Kalil Allah*, ou simplesmente *Kalil*, o Amigo).

Abraão, seio de. Os judeus, quando tomavam as refeições, recostavam-se em leitos, apoiando-se cada um no seu braço esquerdo; dessa forma, podia-se dizer que o seu companheiro de refeição mais próximo se reclinava no seu seio (cf. Jo 13.23). Portanto, o seio de Abraão, sendo este o pai da raça hebreia, significava uma posição de grande honra e de bênção depois da morte (Lc 16.22).

Abrona. Local do trigésimo primeiro acampamento dos israelitas. Situava-se nas proximidades do golfo Elanítico (Nm 33.34,35).

Absalão. *Meu pai é paz.* Terceiro e favorito filho de Davi. Nasceu em Hebrom, e sua mãe se chamava Maaca (2Sm 3.3). Decidiu, primeiramente, ser o vingador de sua irmã Tamar, que fora violada por seu irmão Amnom, o filho mais velho de Davi com Ainoã, a jizreelita. Depois do assassinato de Amnom, Absalão fugiu para a corte de Talmai, em Gesur. Três anos depois, pediram a Davi que permitisse a volta de seu filho a Jerusalém, no que ele anuiu; mas não quis vê-lo, senão decorridos mais dois anos, ao fim dos quais Davi lhe deu o beijo da reconciliação. A partir de então, Absalão era, entre os filhos sobreviventes, o mais velho de Davi; contudo, no receio de ser suplantado pelo filho de Bate-Seba, procurou obter popularidade, mantendo ao mesmo tempo uma esplêndida corte. Por fim, revoltou-se contra seu pai, no que foi bem-sucedido a princípio; depois, no entanto, foi capturado e morto por Joabe, apesar da proibição de Davi, que ainda amava muito seu filho (2Sm 3; cap. 13—18).

absinto. Há várias espécies de absinto na Palestina, mas dentre elas a planta mais conhecida dos botânicos é a *Artemisia absynthium.* É uma planta de qualidades medicinais, pertencente à família das compostas, também chamada abrótano. Os gregos a utilizavam na medicina, mas chamavam- lhe "amargor". Aparece, principalmente, nas costas arenosas, nos desertos e sobre os montes escalvados. O seu amargor dá origem a numerosas passagens figuradas das Escrituras: "Absinto e fel" são figuras de uma vida amargurada pela aflição, pelo remorso e sofrimento punitivo. Com essa figura, os israelitas são alertados por Moisés contra a idolatria (Dt 29.18). Em termos semelhantes, Salomão adverte o jovem das más inclinações (Pv 5.4). Jeremias emprega esse termo duas vezes, como expressão do castigo que haveria de vir sobre o Israel idólatra e corrompido (Jr 9.15; 23.15). Mais tarde, esse profeta lamenta o cumprimento da profecia, contemplando a desolação que se seguiu à tomada de Jerusalém (Lm 3.15, 19). A "estrela" mística da visão apocalíptica, a qual se chama "Absinto", é descrita em sua queda sobre as águas da Terra, tornando-as mortalmente amargas (Ap 8.11). A palavra hebraica traduzida por "absinto", "alosna", ou "erva venenosa", é um nome de significado especial que quer dizer coisa angustiosa. Em todas as suas ocorrências, o termo é usado para descrever aquele tipo de planta, erva venenosa ou amarga, que impede o crescimento das plantas benéficas (Os 10.4; Am 6.12).

Acã. *Perturbado.* Um homem da tribo de Judá. Na destruição da cidade de Jericó por Josué, Acã tomou para si alguns objetos do despojo da cidade, em desobediência à proibição do Senhor, e os escondeu, razão pela qual ele e sua família foram apedrejados e mortos (Js 7). Por isso, o lugar onde a punição foi executada recebeu o nome de Acor.

Acabe. *Irmão de pai.* 1. Filho de Onri, sétimo rei de Israel e o segundo de sua família que se assentou no trono. A história do seu reinado é registrada nos cap. 16—22 de 1Reis. Casou-se com Jezabel, filha de Etbaal, rei de Tiro, que era adorador do deus Baal e tinha sido sacerdote

da deusa Astarote, antes de ter deposto seu irmão e tomado as rédeas do governo. O reinado de Acabe distinguiu-se pela ação do profeta Elias, que se opôs fortemente a Jezabel, quando esta introduziu em Israel o culto de Baal e Astarote. V. ELIAS. A rainha Jezabel não somente induziu seu marido à idolatria, mas também o fez viver uma vida perversa. Foi ela quem instigou Acabe a cometer um grande crime contra Nabote, cuja vinha o rei ambicionara anexar a outros terrenos aprazíveis que faziam parte dos limites de seu novo palácio em Jezreel. Nabote recusou vender o terreno, baseando-se na lei de Moisés, segundo a qual a vinha era a "herança de seus pais". Pela sua declaração de recusa, foi acusado de blasfêmia, de modo que ele e seus filhos foram mortos por apedrejamento (2Rs 9.26). Elias, então, declarou que a consequência dessa atrocidade seria a destruição da casa de Acabe. Uma grande parte do tempo de reinado de Acabe foi ocupada com três campanhas militares contra Ben-Hadade II, rei da Síria. Das duas primeiras guerras, ele saiu completamente vitorioso. No fim da segunda, o rei Ben-Hadade caiu nas mãos de Acabe, mas foi libertado sob a condição de restituir todas as cidades de Israel que estavam em seu poder e fazer bazares para Acabe em Damasco (1Rs 20.34). A bênção de Deus foi retirada da terceira campanha. O profeta Micaías (ou Mica) avisou Acabe de que não teria agora a proteção divina e alegou que os profetas que o tinham aconselhado apressavam a sua ruína. Acabe foi à batalha e disfarçou-se para não ser conhecido pelos flecheiros de Ben-Hadade. Apesar disso, foi morto por certo homem que arremessou a flecha ao acaso. O seu corpo foi levado para Samaria, a fim de ser sepultado, e, no momento em que lavavam o ensanguentado carro do rei no açude de Samaria, os cães lamberam seu sangue (1Rs 22.37,38) conforme fora predito.

2. Filho do falso profeta Colaías, que orientou de modo enganoso os israelitas em Babilônia. Foi condenado à morte pelo rei Nabucodonosor (Jr 29.21).

acácia. Na profecia de Is 41.19, a acácia é uma das espécies de árvore que deveriam ser plantadas no deserto. Em outros lugares, usa-se a expressão "madeira de acácia". As referências a essa madeira acham-se no livro de Êxodo e em Dt 10.3; pelo que é dito nesses textos, conclui-se que foi a principal madeira utilizada na construção do tabernáculo e na fabricação de sua mobília. A árvore da qual trata o sunt do Egito é a acacia seyal, que produz a goma arábica vendida no comércio. Cresce principalmente na península do Sinai e aparece também na Palestina, sendo encontrada no vale do Jordão e na parte oriental do mar Morto. Tem uma haste dura e espinhosa e produz flores amarelas entre a sua folhagem peniforme. Sua vagem é como a do laburno. A madeira é rija, durável e extraordinariamente adaptável ao trabalho de marceneiro (Êx 25—27; 30; 35—38; Dt 10.3).

açafrão. O nome deriva-se do árabe *zafaran*. Obtém-se em pequenas quantidades dos estigmas amarelos e do estilete de um croco, de maneira que, como dizem, são necessários 60 mil botões para se preparar um arrátel de açafrão. No Oriente, faz-se uma substância aromática com essa planta (Ct 4.14), usada para dar sabor à comida e ao vinho, além de ser empregada como um poderoso medicamento estimulante. Também serve para a elaboração de uma excelente tintura, que é misturada com o extrato de uma planta alta da família das compostas, o Carthamus tinctorius, para a elaboração de uma tintura de qualidade inferior.

Acaia. Esse nome ocorre no NT para designar uma província romana que incluía o Peloponeso e grande parte da Hélade com as ilhas adjacentes. A Acaia e a Macedônia formavam a Grécia (At

19.21; Rm 15.26). Na ocasião em que Paulo foi levado à presença de Gálio, a Acaia era governada por um procônsul constituído pelo Senado romano.

acampamento. No cap. 33 do livro de Números, são mencionados 41 acampamentos ou paradas na peregrinação dos israelitas pelo deserto. Todavia, não devemos supor que os acampamentos dos israelitas eram formados segundo um estrito regulamento militar. Não havia dispositivos semelhantes a trincheiras e outros recursos para repelir algum ataque dos inimigos. Contudo, havia ordens estritas que deviam ser cumpridas para fins higiênicos (Nm 5.3; Dt 23.14). A forma de acampar acha-se prescrita em Nm 2.3. Todo conjunto do povo israelita constituía quatro divisões, cada uma formada de três tribos, de maneira que o tabernáculo ficava encerrado num quadrado. Cada uma das divisões tinha uma bandeira (Nm 1.52 e 2.2), assim como cada tribo; qualquer grande associação de famílias que perfizesse uma tribo também possuía suas insígnias. As leis sanitárias para o acampamento eram admiravelmente minuciosas e muito rigorosas. Os mortos eram sepultados fora do arraial (Lv 10.4); todos aqueles que tinham estado em contato com os corpos tinham, de igual modo, de ficar fora do arraial pelo espaço de sete dias (Nm 31.19). Os leprosos eram rigorosamente excluídos da convivência com seus semelhantes (Lv 13.46). Fora do arraial, havia um lugar onde eram depositados e queimados todos os dejetos e coisas imundas (Lv 4.12; Dt 23.10).

Acaz. *Possuidor.* 1. Filho de Jotão e décimo primeiro rei de Judá (2Rs 16; 2Cr 28). Quando ele subiu ao trono, Rezim, rei da Síria, e Peca, rei de Israel, formaram uma liga contra Judá e intentaram cercar Jerusalém. O profeta Isaías aconselhou Acaz a que vigorosamente se opusesse, e a tentativa daqueles reis fracassou (Is 7.3-9). Todavia, os aliados fizeram grande número de cativos (2Cr 28), que foram restituídos em consequência das repreensões do profeta Odede, e grande dano infligiram também a Judá (2Rs 16), tomando Elate, um porto florescente do mar Vermelho, no qual, depois de expulsos os judeus, restabeleceram os sírios. Acaz, em meio a essas conturbações, pediu auxílio a Tiglate-Pileser, que invadiu a Síria, tomou Damasco, matou Rezim e privou Israel dos seus territórios ao norte e dalém do Jordão. Em troca de tais favores, Acaz tornou-se tributário de Tiglate-Pileser, mandou-lhe todos os tesouros do templo e do seu próprio palácio e ainda compareceu perante o rei sírio em Damasco como seu vassalo. Quando Acaz morreu, após um reinado de dezesseis anos, não o puseram nos sepulcros dos reis (2Cr 28.27).

2. Bisneto de Jônatas (1Cr 8.35; 9.42).

Acazias. 1. Filho de Acabe e Jezabel e oitavo rei de Israel. Estava para partir numa expedição contra o rei de Moabe, um dos seus vassalos que se rebelara, quando caiu pelas grades de um quarto do seu palácio em Samaria e adoeceu. Enquanto tinha saúde, prestava culto aos deuses de sua mãe; entretanto, na sua enfermidade mandou mensageiros a Ecrom, na Filístia, a fim de que consultassem, por meio de seus oráculos e de Baal-Zebube, se viria a restabelecer-se. Elias o censurou por essa iniquidade e anunciou-lhe a proximidade de sua morte. Reinou cerca de dois anos (1Rs 22.51-53; 2Rs 1).

2. Quinto rei de Judá, filho de Jeorão e Atalia, filha de Acabe, portanto sobrinho do precedente Acazias. É chamado Jeocaz em 2Cr 21.17. Acazias, um idólatra, foi bem-sucedido na aliança que fez com seu tio Jorão, rei de Israel, contra Hazael, rei da Síria. Era tão estreita a união entre tio e sobrinho que houve grande perigo de que a mentalidade gentílica se propagasse com

grande força pelos reinos dos hebreus. Tal ameaça foi evitada por uma grande revolução, movida em Israel por Jeú, sob a direção de Eliseu. Quando Acazias visitava seu tio em Jezreel, Jeú se aproximou da cidade. Os dois reis saíram ao seu encontro, mas a flecha disparada por Jeú penetrou mortalmente o coração de Jorão, e Acazias, em sua fuga, foi perseguido e morto. Seu reinado durou apenas um ano (2Rs 8.25-29; cap. 9).

Acéldama. *Campo de sangue.* Um terreno situado em Jerusalém, comprado com as 30 moedas de prata que Judas recebeu por ter traído e entregado Jesus (At 1.19). O lugar tradicional chama-se atualmente Hakk-ed-Dumon e situa-se na extremidade oriental de um amplo terrapleno, numa inclinação ao sul do vale de Hinom, não muito distante do tanque de Siloé.

Aco. Essa povoação foi mais tarde chamada Ptolemaida e S. João d'Acre. Atualmente chama-se Akka. Um importante porto situado na costa da Síria, a cerca de 48 km ao sul de Tiro. Localiza-se na baía de Acre, uma reentrância formada pelo cabo do Carmelo, que entra pelo mar Mediterrâneo. Na divisão da terra de Canaã entre as tribos de Israel, Aco coube à tribo de Aser, mas nunca foi tomada de seus primeiros habitantes (Jz 1.31); por isso, é contada entre as cidades da Fenícia. A única referência que se faz no NT a essa povoação acha-se em At 21.7, quando fala da passagem de Paulo por ali, vindo de Tiro para Cesareia.

aço. Embora certa espécie de ferro, refinado e endurecido, fosse conhecida dos antigos, em várias passagens bíblicas as traduções mencionam a palavra "cobre", e não "aço". Alguns traduzem as palavras de Na 2.3 por "cintila o aço dos carros"; outros oferecem a seguinte tradução: "Os carros correrão como fogo de tochas". V. ARMAS, COBRE.

açoites. No Oriente, o costume geral de castigar era, e ainda é, bater com varas (Dt 25.1-3; Pv 22.15 etc.). No AT, há referência ao açoite ou chicote em 1Rs 12.11, 14; 2Cr 10.11,14 (não é o caso de Lv 19.20). Quanto ao emprego do açoite em sentido figurado, cf. Js 23.13; Jó 5.21; 9.23; Is 10.26; 28.15. Em Mt 10.17 e 23.34, há uma referência à prática judaica de açoitar os transgressores da religião. Paulo registra o fato de ter sofrido esse castigo em cinco ocasiões (2Co 11.24; cf. Hb 11.36). Os chicotes romanos, usados para açoitar, eram cheios de nós, sendo estes formados de pedaços de ossos pontiagudos ou metais cortantes. A flagelação por açoites geralmente precedia a crucificação e foi essa uma parte do castigo infligido a Jesus (Mt 27.26; Mc 15.15; cf. Jo 19.1, em que o açoitamento, talvez de uma forma mais branda, precedia a sentença, e com isso talvez Pilatos tentasse evitar a pena de morte). Pela Lei Pórcia, um cidadão romano não podia ser açoitado (At 22.25). A lei judaica não permitia que se dessem mais de 40 chibatadas (Dt 25.3); e, para evitar que esse número fosse excedido, o sentenciado recebia somente 39 (2Co 11.24).

Adão. Provavelmente, *vermelho*. 1. Nome do primeiro homem, cuja criação é registrada em Gn 1e 2. Foi formado "do pó da terra" (2.7), à imagem e semelhança de Deus (1.26), e este lhe deu domínio sobre todas as coisas criadas (1.26). Foi posto no jardim do Éden(2.8) com sua mulher, Eva (2.22). Eva cedeu tentação da serpente (3.5), comendo do fruto proibido da "árvore do conhecimento do bem e do mal" (2.17; 3.6) e deste também deu a Adão. Como resultado, abriram-se os olhos de ambos (3.7); sua desobediência foi castigada por uma completa mudança das condições terrestres, e foram expulsos do Éden(3.24). Na maldição proferida contra a serpente, já se vê anunciada a vinda de um redentor (Gn 3.15). Esse redentor é Jesus, apresentado por Paulo como o reparador da perda que a humanidade sofreu por motivo

da queda de nossos primeiros pais (1Co 15.22,45).
2. Cidade situada às margens do Jordão, mencionada quando os filhos de Israel atravessaram esse rio (Js 3.16). Chama-se atualmente Ed-Danieh.

adar. *Glorioso*. 1. Nome (babilônico) referente ao décimo segundo mês do calendário sagrado judaico (fevereiro/março; cf. Ed 6.15; Et 3.7). Na contagem, foi duplicado por sete vezes, durante dezenove anos, a fim de harmonizar-se o calendário lunar com o solar.
2. Uma cidade nos limites de Judá (Js 15.3).

adivinhação. O dom da profecia foi concedido por Deus apenas a pouquíssimas pessoas, na história da humanidade. Mas, nos tempos bíblicos, havia quem pretendesse ter o dom da adivinhação, praticando vários tipos de artifício com o fim de fazerem crer que possuíam conhecimento do futuro. Em geral, a adivinhação fazia parte dos predicados de uma casta sacerdotal, que disso fazia uso para os seus próprios fins (Gn 41.8; Is 47.13; Jr 5.31; Dn 2.2). Acredita-se que as pessoas que afirmavam ter em si espíritos familiares (Is 8.19; 29.4) eram ventríloquos, que desde o pó da terra, chilreando entre os dentes como um cochicho, murmuravam para imitar a voz dos espíritos que, segundo criam, eram invocados dentre os mortos. Com respeito à invocação da alma de Samuel pela pitonisa de En-Dor (1Sm 28.7-25), uma vez que a mulher era indubitavelmente uma impostora, podemos dizer que Deus, por seus próprios desígnios, permitiu que Saul fosse avisado do que o aguardava, por meio das artimanhas de tal feiticeira, de forma que ainda tivesse tempo de voltar o coração para Deus nos seus últimos dias. Em Ez 21.21, a referência à adivinhação é por meio de flecha. O rei arremessou um feixe de setas, a fim de ver em que direção desceria. Como as flechas caíram sua mão direita, ele marchou para Jerusalém. A taça pela qual se diz ter José adivinhado (Gn 44.5) era um vaso de prata (simbólico do Nilo, "a taça do Egito") que se supunha ter qualidades mágicas misteriosas. A adivinhação era feita por meio de irradiações da água, ou de pedras preciosas, com inscrições mágicas, arremessadas à água. A condição do fígado do animal que tinha sido sacrificado, segundo alguns, era um indicador do que reservava o futuro (Ez 21.21). Moisés proibiu toda espécie de adivinhação. V. MAGIA.

adoção. Termo pelo qual Paulo exprime o parentesco que a expressão "filhos de Deus" designa. Em Rm 8.15-23; 9.4; Gl 4.5 e Ef 1.5, há referência ao costume legal, entre os romanos, pelo qual a criança adotada tomava o nome de seu novo pai e deste se tornava herdeira. O parentesco era, em todos os aspectos, o mesmo que existia entre o pai natural e seu filho. O costume da adoção tem sido seguido por todas as nações,em todos os tempos. A adoção civil era permitida e determinada para alívio e conforto dos que não tinham filhos, mas na adoção espiritual a razão não é essa. O Senhor onipotente adota os que creem, os quais se tornam filhos de Deus, não porque haja alguma excelência neles, mas porque Deus é infinitamente bom. A filha do faraó adotou Moisés por causa do seu lindo rosto (At 7.20,21); Mordecai adotou Ester pela mesma razão e porque ela era sua parenta (Et 2.7). No ser humano, porém, não há nada que o torne merecedor da adoção divina (Ez 16.5). Além disso, na adoção espiritual, o novo filho recebe não só um novo nome, mas também uma nova natureza; torna-se participante da natureza divina (2Pe 1.4).

Adonias. *O Senhor é Senhor.* 1. O quarto filho de Davi, nascido em Hebrom, quando seu pai era rei de Judá (2Sm 3.4). Nos últimos anos do reinado de Davi, Adonias agregou em torno de si

um partido forte e começou a manifestar suas pretensões, aspirando à sucessão de seu pai. Mas Davi tinha prometido a Bate-Seba que seu filho Salomão seria o rei de Israel e deu ordens para que Salomão, montado na mula real, se dirigisse a Giom, a oeste de Jerusalém. Ali, Salomão foi ungido e proclamado rei por Zadoque, e reconhecido, efusivamente, como tal pelo povo. Essa resolução infundiu terror no partido contrário, de modo que Adonias fugiu para junto do altar. Foi perdoado por Salomão, sob a condição de mostrar-se como homem digno, e também ameaçado de morte, caso alguma maldade fosse por ele praticada (1Rs 1). Depois da morte de Davi, Adonias almejava o consentimento de Salomão para que se casasse com Abisague, aquela que vivera com Davi em sua idade avançada. Salomão julgou que na pretensão de Adonias havia uma intenção de reivindicar o trono e ordenou que fosse morto (1Rs 2.25).
2. Um dos levitas a quem Josafá enviou para ensinar a Lei ao povo (2Cr 17.8).
3. Um dos chefes do povo judeu que assinaram a aliança com Neemias (Ne 10.16). adoração. Há duas palavras no AT que se referem à adoração: uma delas, em certos trechos, tem o sentido de "fazer reverência", "inclinar-se" (Dn 2.46; 3.5); a outra ocorre numa referência ao culto prestado ao Senhor e a outros deuses ou objetos de veneração (Gn 24.26,48; Êx34.14; Dt 4.19); também é usada em referência ao "príncipe do exército do Senhor" (Js 5.14). No NT, a palavra mais frequentemente empregada significava, na sua origem, "beijar a mão de alguém", em sinal de consideração, fazendo-se uma inclinação respeitosa. É usada com as seguintes significações: adoração a Deus (Mt 4.10); reverência para com Jesus Cristo (Mc 5.6); culto idólatra (At 7.43; cf. Ap 9.20; 14.9; 22.8).

Adrameleque. 1. Ídolo dos habitantes de Sefarvaim que Salmaneser II, rei da Assíria, trouxe para colonizar as cidades de Samaria, depois de ter levado para aquele país os habitantes cativos (2Rs 17.81). Esse ídolo era adorado com ritos semelhantes aos de Moloque, isto é, por meio do sacrifício de crianças.
2. Filho de Senaqueribe, rei da Assíria; auxiliado por seu irmão Sarezer, matou o pai na casa do deus Nisroque, quando ele ali adorava (2Rs 19.37).

Adriel. Filho de Barzilai, o meolatita, a quem Saul deu sua filha Merabe em casamento, embora a tivesse prometido a Davi (1Sm 18.19). Cinco filhos de Adriel estavam entre os sete descendentes de Saul que Davi entregou aos gibeonitas (2Sm 21.9), com o fim de dar-lhes uma compensação, por ter Saul empregado todos os seus esforços para extirpá-los, uma vez que outrora havia uma aliança entre eles e os israelitas (Js 9.15).

Adulão. Cidade de Judá (Js 15.35), sede de um rei cananeu (Js 12.15); pelas evidências, um lugar bastante antigo (Gn 38.1- 20). Hoje em dia, chama-se Aid-el-Ma. Havia muitas cavernas nas colinas formadas de pedra calcária, situadas nos arredores de tal povoação. Era o ponto de encontro de Davi e seus companheiros. Ali também os irmãos de Davi e toda a casa de seu pai, vindos de Belém, encontraram-se com Davi (1Sm 22.1). Esse foi o lugar em que se deu o ato heroico dos três valentes que arriscaram a vida quando foram até Belém buscar água para Davi (2Sm 23.14- 17; 1Cr 11.15-19). A cidade de Adulão foi fortificada pelo rei Roboão (2Cr 11.7) e, mais tarde, veio a ser um dos lugares reocupados pelos judeus em seu retorno do exílio na Babilônia (Ne 11.30). Ainda há, nos arredores, muitas cavernas nos montes de pedra calcária.

adultério. Ato que foi proibido no sétimo mandamento (Êx20.14; Dt 5.18). Confira em Nm 5.11-29 a descrição da prova de infidelidade por meio da água amarga, que era dada à mulher

suspeita para que bebesse. As referências feitas pelos profetas ao adultério indicam uma situação moral muito baixa (Is 57.3; Jr 23.10; Os 7.4). É provável que depois do exílio, quando o laço conjugal tornou-se mais frouxo entre os judeus, raríssimas foram as vezes, se é que existiram, em que a pena de morte foi aplicada. A frase em Mt 1.19, "não a querendo infamar", possivelmente significa não levar o caso perante os juízes do conselho local. José procedeu assim, pois podia e preferia deixar Maria secretamente. A palavra "adultério" era usada figuradamente para exprimir a infidelidade do povo hebreu para com Deus. Figura muito apropriada por causa dos ritos impuros que faziam parte do culto idólatra (Ez 16). Desta forma também falou o Senhor acerca de uma geração "adúltera" (Mt 12.39). V. CASAMENTO. As principais passagens do NT que mencionam o adultério estão relacionadas com divórcio ou separação, tais como: Mt 5.31,32; 19.6; Mc 10.11,12; Lc 16.18; Jo 8.3-11; Rm 7.2,3; 1Co 7.10,11,39. advogado. A palavra grega parakletos, traduzida por "advogado" em 1Jo 2.1, aplica-se também ao Espírito Santo em Jo 14.16,26; 15.26; 16.7. O termo grego significa "alguém chamado para defender outra pessoa", especialmente quando se trata de uma acusação legal. Em latim, advocatus. A tradução "consolador" acha-se nas passagens citadas do Evangelho de João. O cristão tem, portanto, quer no Espírito Santo quer em Jesus Cristo, quem defenda a sua causa e lhe dê conforto nas horas tristes. V. ESPÍRITO SANTO.

Afeque. *Fortaleza.* 1. Cidade real dos cananeus cujo rei foi morto por Josué (Js 12.18). Na distribuição das terras, coube à tribo de Issacar.
2. Cidade situada na extremidade norte de Aser, nos limites dos amorreus (Js 19.30), de onde não foram expulsos os cananeus.
3. Lugar em que acamparam os filisteus, enquanto os israelitas permaneciam em Ebenézer, antes da batalha fatal em que foram mortos os filhos de Eli e na qual a arca foi tomada (1Sm 4.1). Situava-se nas proximidades de Jerusalém, a nordeste.
4. Campo de batalha em que Saul foi derrotado e morto (1Sm 29.1).
5. Cidade na estrada militar que ligava a Síria a Israel (1Rs 20.26). Essa cidade é identificada atualmente como Fiq, situada na região alta do uádi Fiq, a 10 km a leste do mar da Galileia, ainda no trajeto da importante estrada que liga Damasco a Jerusalém. Foi palco da derrota de Ben-Hadade (1Rs 20.30) e de muitas outras batalhas.

Agague. *Violento.* Rei dos amalequitas (1Sm 15), cuja vida Saul poupou, desobedecendo à ordem divina. Samuel declarou que, por esse ato, a sucessão sairia da família de Saul, e o próprio Samuel mandou buscar Agague, fazendo-o em pedaços. Hamã, o agagita, de cuja sorte se fala no livro de Ester, era, segundo a crença dos judeus, descendente de Agague, razão pela qual odiavam a sua raça. Em Nm 24.7, parece que o nome "Agague" é usado como título geral dos reis amalequitas.

Ágape. *Festa de amor cristão.* Nos tempos apostólicos, os membros da igreja encontravam-se em dias determinados para participarem todos de uma refeição fraternal comum (At 2.46). Essas reuniões estavam em estreita relação com a ceia do Senhor (1Co 11.20ss) e, desse modo, davam ocasião a situações tremendamente lamentáveis, uma vez que, por vezes, os falsos crentes cometiam abusos (2Pe 2.13; Jd 12). Com o crescimento numérico da igreja, as distinções sociais se afirmaram novamente, fazendo que as Festas de amor caíssem em descrédito.

Agar, Hagar. Escrava egípcia, pertencente a Sara (ou Sarai, *ARA, ARC, TB*), e cedida a Abraão para que lhe desse um filho (Gn 16). Agar, ao ser mãe, sendo a sua senhora estéril, ficou tão entusiasmada que irritou Sara, e foi coagida a abandonar as tendas de Abraão e esconder-se no deserto. Um anjo a encontrou e a aconselhou a voltar para casa, submetendo-se a Sara. Para comemorar essa visão (Gn 16.14), deu-se ao lugar o nome de Beer-Laai-Roi. Quando seu filho Ismael tinha 14 anos, e Sara estava celebrando o desmame de seu filho Isaque com grande regozijo, Agar novamente insultou a sua senhora. Abraão percebeu que as duas mulheres não poderiam viver juntas e despediu Agar definitivamente a pedido de Sara (Gn 21.14). No deserto, Ismael é miraculosamente salvo da morte.

Os árabes, descendentes de Ismael, chamam Agar de "a mãe Agar" e sustentam que ela era esposa legítima de Abraão. O apóstolo Paulo toma Agar como um símbolo do antigo pacto (Gl 4.22-23), e, segundo a Lei, seus descendentes eram escravos como ela.

Contudo, Sara era livre e representava a Jerusalém celestial. Assim, o cristão é avisado para que não esteja preso à Lei de Moisés, correndo o perigo de também ser banido com Agar e Ismael.V. ISMAEL, ABRAÃO.

Ageu. *Festivo.* Um dos três profetas da Restauração, isto é, pós-exílicos. Pouco se sabe a respeito de sua personalidade, mas a época em que aparece no cenário de Israel pode ser deduzida com base em seu livro e no livro de Esdras. Nasceu, provavelmente, durante o cativeiro e pertenceu ao grupo dos que vieram com Zorobabel da Babilônia para Jerusalém, no ano 536 a.C. A reedificação do templo começou com grande zelo, mas, por causa da oposição dos samaritanos, foram suspensas as obras pelo espaço de catorze anos. Com a ascensão de Dario Histaspes ao trono da Babilônia, Ageu foi, então, inspirado por Deus a exortar Zorobabel e Josué a que recomeçassem o trabalho de reconstrução do templo. As repreensões do profeta produziram tal efeito (Ag 1.14; 2.1) que os judeus deram continuidade à reedificação no ano 520 a.C., dezesseis anos depois da volta do exílio. Diz-se que Ageu foi sepultado em Jerusalém, perto dos sepulcros dos sacerdotes.

Ageu, O Livro de. Esse livro contém quatro mensagens proféticas, todas elas apresentadas num período aproximado de quatro meses (1.1; 2.1,10,20). Na primeira, os judeus são repreendidos por desprezarem o templo; nela há uma promessa de que o favor divino haveria de acompanhar a reconstrução. Vinte e quatro dias depois dessa profecia, as obras foram retomadas pelos israelitas, animados pela mensagem de misericórdia da parte de Deus. No entanto, passado um mês, o zelo do povo novamente arrefeceu e começou a duvidar da possibilidade de restauração do templo. Com a finalidade de eliminar as dúvidas do povo e levantar suas energias enfraquecidas, Ageu surge de novo para declarar que o Senhor era com eles e profetizar que a glória do novo templo seria maior que a do primeiro (Ag 2.1-9). Pela terceira vez, Ageu dirige-se aos judeus e censura-lhes a indiferença; ao mesmo tempo, incita-os a trabalharem da melhor maneira possível (Ag 2.l0-19). No mesmo dia, outra profecia foi dirigida a Zorobabel, na qualidade de príncipe de Judá e representante da dinastia de Davi, aquele por quem inicia a genealogia do Messias depois do cativeiro, encerrando as palavras proféticas com a promessa de que o povo de Deus seria preservado em meio à queda e ruína dos reinos da Terra (2.20—23). Compare Ag 2.6 com Hb 12.26,27. Entretanto, as palavras de Ag 2.9, "neste lugar darei a paz", foram, sem dúvida, cumpridas com a presença de Jesus Cristo no segundo templo.

agricultura. A Palestina, com exceção da região situada mais ao sul, é terra de fontes de água e ribeiros que correm das montanhas e nos vales (Dt 8.7-9). As primeiras chuvas caem em outubro. Não são chuvas contínuas, mas intermitentes, que proporcionam as condições para que os lavradores semeiem o trigo e a cevada. A chuva continua a cair em intervalos, durante os meses de novembro e dezembro, e ainda há dias chuvosos em março e abril. Nos meses restantes até outubro, o tempo é seco, e o céu não tem nuvens. Assim que o chão é amolecido pelas chuvas no mês de outubro, inicia o plantio do trigo, da cevada e da lentilha. O arado dos antigos hebreus era, provavelmente, semelhante aos arados rudimentares manuais que ainda são utilizados em determinadas regiões do mundo. Consistia em uma vara grossa feita de duas peças, às quais prendia-se um travessão que ficava atrelado a uma junta de bois. Na outra extremidade, encaixava-se uma peça em ângulo obtuso, que terminava embaixo na relha e possuía um guidão de manobra na parte superior. Os bois eram impelidos por meio de uma vara com aguilhão, que também era empregada para quebrar os torrões de terra ou limpar o arado. A ceifa começava no fim de março ou início de abril. Primeiro colhia- se a cevada; por fim, havia a colheita do trigo, em meados de maio. O tempo da sega durava sete semanas. O trigo era ceifado com uma foice e levado, em molhos, para a eira, um terreno circular, exposto ao vento, com uns 20 m de diâmetro. Ali a palha era desprendida do grão, por meio do andar de bois ou jumentos sobre o trigo. Algumas vezes, quantidades de trigo também eram debulhadas por meio de um mangual (Is 28.27), porém era mais comum o emprego de um instrumento constituído de uma armação de madeira, com pedras pontiagudas encaixadas em orifícios na parte inferior, que ficava em contato com o trigo. Essa armação era puxada por bois, e, muitas vezes, o agricultor sentava-se em cima para aumentar o peso. Na debulha, também se utilizava um instrumento de madeira adaptado às rodas de um carro, com certo número de lâminas para cortar o trigo. Depois, quando o vento soprava levemente, levantava-se com pás de madeira a palha com o grão, caindo este na eira e levada aquela pelo vento para fora dos limites do terreiro. O trigo, agitado numa joeira, ainda era limpo das pedras e impurezas (Am 9.9). A palha mais comprida servia de alimento para os bois (Is 11.7), enquanto a palha restante que não tinha valor era desprezada. A colheita era armazenada em lugares subterrâneos (Jr 41.8). Em troca de ouro, prata e artigos de luxo, a Palestina abastecia com o conteúdo de seus armazéns os mercados de Tiro e Sidom, onde também eram comercializadas as mercadorias de todas as nações desde a Espanha até a Índia. O profeta Ezequiel, nas descrições detalhadas sobre a grandeza de Tiro, menciona, entre vários artigos, o trigo que a Fenícia importava de Judá na sua época, o século VI a.C. Mais de seis séculos depois, vemos que Canaã ainda é fornecedora de trigo à Fenícia, pois, por volta de 44 d.C, uma missão especial veio ao rei Herodes Agripa, da parte de Tiro e Sidom, pedindo paz, porque o seu país era sustentado pelas terras do rei (At 12.20).

Agripa. V. HERODES.

águia. Na Bíblia, frequentemente, há referências ao surpreendente número de aves de rapina, de todos os tamanhos, encontradas na Palestina e Arábia. Em algumas das passagens em que ocorre a palavra “águia”, teria sido melhor a tradução “abutre”. Por exemplo, Mq 1.16, “faze-te calva, e tosquia-te [...] alarga a tua calva como a águia”, só pode ser uma referência ao abutre, que é desprovido de penas na cabeça e no pescoço, o que é, realmente, um dispositivo da natureza

para essa ave que tem por hábito introduzir a cabeça nas carcaças dos animais mortos. Outra ave mencionada como "águia" é o abutre grifo, cujo hábito de pousar nos pontos mais altos dos penhascos acha-se descrito com exatidão em Jr 49.16 e Jó 39.27-30. Nesta última passagem, há uma alusão ao misterioso alcance da visão de um abutre, quando diz: "seus olhos a avistam de longe". Quando um animal cai morto ou ferido no deserto, contam os viajantes que em pouquíssimo tempo essas aves aparecem sobre ele. Uma simples carcaça torna-se, dessa maneira, o chamariz de uma multidão de aves de rapina (Mt 24.28). A força da águia e o seu voo rápido são mencionados em Jr 4.13 e Os 8.1. No Sl 3.5, há uma referência à sua longevidade e aparente rejuvenescimento. O seu cuidado de mãe, a que se faz alusão em Dt 32.11,12, especialmente pelo ato de encorajar os filhotes nas primeiras tentativas de voo, é típico da classe de aves a que a águia pertence. Como a águia voa a grande altitude e dá a impressão de aproximar-se do céu, foi tomada como um símbolo de João, pelo conhecimento penetrante e profundo das verdades divinas, notório nos escritos desse apóstolo. A águia dourada e a águia imperial são muito conhecidas na Palestina, embora nem tanto quanto o abutre grifo, e são vistas principalmente nos vales rochosos e no alto das cordilheiras raramente visitado por seres humanos. O quebrantosso mencionado em Lv 11.13 e Dt 14.17, isto é, o abutre barbudo, tem esse nome pelo fato de levar consigo os ossos cheios de medula até as maiores alturas, para depois deixá-los cair sobre as pedras a fim de quebrá-los. Uma conhecida tradição afirma que o poeta Ésquilo morreu inesperadamente quando uma dessas aves deixou cair uma tartaruga sobre a sua cabeça calva, achando que esta fosse uma pedra. Outras águias que se veem na terra santa são a águia morena, a águia de Bonelli e principalmente a águia de garras curtas que se alimenta da enorme quantidade de répteis que caracteriza a região.

aguilhão. Uma grande vara com um ferro pontiagudo em uma das extremidades, destinada a conduzir gado (Jz 3.31; 1Sm 13.21; Ec 12.11). Em At 26.14, a frase "Dura cousa é recalcitrares contra os aguilhões" é uma expressão proverbial muito vulgar em grego e latim, para mostrar que é vã a resistência quando o poder é grande.

Ai. *Montão.* 1. Uma cidade de Canaã, existente desde o tempo de Abraão (Gn 12.8). Foi a segunda cidade que Israel conquistou e destruiu totalmente, depois de ter atravessado o Jordão (Js 7—10; 12). "Os homens de Betel e Ai", em número de 223, voltaram do cativeiro com Zorobabel (Ed 2.28). Aiate, por onde Senaqueribe passou na sua marcha contra Jerusalém, e Aia são outras formas do mesmo nome "Ai" (Is 10.28; Ne 11.31).
2. Cidade dos amonitas (Jr 49.3).

Aías. *Irmão do Senhor.* 1. Sacerdote do Senhor em Sião. A arca de Deus estava sob os seus cuidados; ele trazia a estola e inquiria do Senhor, por meio da arca (1Sm 14.18). É provável que seja o mesmo Aimeleque mencionado em 1Sm 21, visto que em ambos os casos o pai é o mesmo, ou seja, Aitube (1Sm 14.3; 22.9). Aimeleque era irmão do rei.
2. Filho de Bela (1Cr 8. 7), que se supõe ser a mesma pessoa que Aoá (1Cr 8.4).
3. Filho de Jerameel (1Cr 2.25).
4. Um dos valentes de Davi (1Cr 11.36).
5. Levita que durante o reinado de Davi tinha a seu encargo os tesouros da casa de Deus, bem como as coisas sagradas (1Cr 26.20). Na ARA, não consta o nome Aías.
6.Um dos príncipes de Salomão (1Rs 4.3).

7. Profeta de Silo (1Rs 14.2), por isso denominado de "o silonita" (1Rs 11.29), nos dias de Salomão e de Jeroboão, rei de Israel. Dele registram-se duas notáveis profecias. A primeira diz respeito a Jeroboão: anuncia-lhe que dez tribos se iriam separar de Salomão, como castigo por causa da idolatria deste rei, e que o reino seria transferido a ele. Essa profecia chegou ao conhecimento de Salomão, e Jeroboão, a fim de salvar sua vida, teve de fugir e refugiar-se junto a Sisaque, rei do Egito, onde permaneceu até a morte do rei de Israel (1Rs 11.29-40). A segunda profecia acha-se em 1Rs 14.6-16 e foi dirigida à mulher de Jeroboão, que, sob disfarce, viera saber notícias de seu filho Abias que estava muito doente. Aías predisse a morte do menino, bem como a destruição da casa de Jeroboão, por causa de sua idolatria. Também anunciou o exílio de Israel para além do rio Eufrates.
8. Pai do rei Baasa (1Rs 15.27,33).
9. Um dos chefes do povo que selaram a aliança com Neemias (Ne 10.26).

Aicão. *Meu irmão se levantou.* Quando Safã, o escriba, trouxe ao rei Josias o Livro da Lei que Hilquias, o sumo sacerdote, tinha achado no templo, Aicão foi enviado pelo rei com outros delegados para consultar a profetisa Hulda (2Rs 22). Quando os sacerdotes e profetas acusaram o profeta Jeremias, perante os príncipes de Judá, de ter feito severas declarações acerca dos pecados da nação, Aicão usou sua influência para proteger o profeta (Jr 26.24). Seu filho Gedalias foi nomeado governador de Judá por Nabucodonosor, rei da Babilônia, e a ele Jeremias foi entregue, quando saiu da prisão (Jr 39.14; 40.5).

Aijalom. *Lugar de gazelas.* 1. Cidade dos coatitas (Js 21.24), dada à tribo de Dã (Js 19.42), ainda que esta tenha sido incapaz de desapossar os amorreus desse lugar (Jz 1.35). Aijalom foi uma das cidades fortificadas pelo rei Roboão (2Cr 11.10), durante os conflitos deste com o insurgente e novo reino de Israel. A última notícia que temos dessa povoação é que os filisteus a tomaram e nela passaram a habitar. Essa cidade, sem sombra de dúvida, identifica-se atualmente como a cidade de Yalo, situada ao norte da estrada de Jafa e cerca de 23 km distante de Jerusalém. Está localizada na encosta de um extenso monte que forma o limite sul do belo vale das searas de trigo e que agora tem o nome de Merj Ibn'Amir. Ao que parece, não há razão para duvidar de que esse é o antigo vale de Aijalom, onde se deu a derrota dos cananeus (Js 10.12).
2. Lugar de Zebulom, mencionado como local da sepultura de Elom, um dos juízes (Jz 12.12).

Aimaás. *Meu irmão está irado.* 1. Pai da mulher de Saul, Ainoã (1Sm 14.50).
2. Filho de Zadoque, sacerdote no reinado de Davi. Enquanto Davi fugia de Jerusalém por causa da rebelião de seu filho Absalão, Zadoque e Abiatar, acompanhados de seus filhos, levaram a arca de Deus na intenção de irem com o rei. Mas Davi ordenou-lhes que voltassem para a cidade, o que eles fizeram, assim como Husai (2Sm 15). Em virtude de certa combinação, Husai, fazendo-se amigo de Absalão, deu um conselho diferente do de Aitofel e disse a Zadoque e a Abiatar alguma coisa do que se passava no palácio, para que fosse levado um aviso a Davi por Aimaás e Jônatas, que tinham ficado em En-Rogel, fora dos muros da cidade (2Sm 17.17). O que mais tarde se sabe de Aimaás relaciona-se com a morte de Absalão pelas mãos de Joabe e seus escudeiros. Aimaás solicitou a Joabe que lhe fosse permitido levar a notícia do ocorrido a Davi. Joabe, que era amigo de Aimaás, sabendo quão doloroso seria para o pai o conhecimento da morte do filho, não acedeu a seu pedido, mas mandou um etíope em seu lugar. Depois de o etíope partir, Aimaás tornou a insistir com Joabe para que lhe fosse

concedido ir levar a notícia a Davi, sendo por fim atendido. Correndo por atalhos, Aimaás chegou antes do etíope à presença de Davi e informou o rei da vitória alcançada sobre os revoltosos, mas não mencionou a morte de Absalão. Deixou ao etíope, com uma esperteza oriental, a desagradável missão de dar a notícia (2Sm 18).
3. Um dos oficiais de Salomão, responsável pelo abastecimento da casa do rei durante um mês a cada ano. Era genro do rei, casado com sua filha Basemate (1Rs 4.15).

Ainoã. *Meu irmão é gracioso.* 1. Mulher de Saul, primeiro rei de Israel (1Sm 14.50).
2. Uma mulher da cidade de Jezreel, que veio a ser mulher de Davi, quando este andava errante (1Sm 25.43); com ela e com a sua outra mulher, Abigail, Davi foi à corte de Aquis, rei de Gate (1Sm 27.3). Foi mãe de Amnom, o filho mais velho de Davi (2Sm 3.2).

Aitofel. *Irmão de loucura.* Um gilonita, conselheiro de Davi. A reputação de Aitofel era tão alta que suas palavras tinham a autoridade de um oráculo divino. Se, como se pode depreender de 2Sm 23.34, comparado a 11.3, ele era avô de Bate-Seba, talvez a queda da neta em pecado tenha sido o motivo que o levou a aderir à revolta de Absalão, sendo chamado por este no princípio da conjuração (2Sm 15.12). Para mostrar ao povo que o rompimento entre Absalão e o pai era irreparável, Aitofel aconselhou ao filho rebelado que tomasse posse do harém real (2Sm 16.21). Na busca de contradizer os seus conselhos, Davi enviou Husai para ficar junto de Absalão. Aitofel tinha recomendado que Davi fosse imediatamente atacado, mas Husai o aconselhou a esperar um pouco mais, com o intuito de enviar um aviso específico a Davi e dar a este o tempo necessário de reunir suas tropas para um decisivo combate. Quando Aitofel viu que prevalecia o conselho de Husai, caiu em desespero e, voltando para sua casa, pôs as suas coisas em ordem e enforcou-se (2Sm 17). Observe-se que esse é o único caso de suicídio mencionado no AT (excetuando-se os atos de guerra), assim como o de Judas é o único caso do NT.

alabastro. As passagens bíblicas que descrevem o caso de uma mulher que derramou sobre a cabeça do Salvador um precioso bálsamo, contido num vaso de alabastro, são: Mt 26.7; Mc 14.3; Lc 7.37. Os antigos consideravam o alabastro (espécie de mármore branquíssimo — composto de carbonato de cálcio) como o melhor material para a conservação de perfumes. Esses frascos tinham, comumente, uma forma arredondada, bojuda no fundo, e na parte superior terminavam num gargalo estreito, o qual era cuidadosamente selado. Na narrativa de Marcos, diz-se que a mulher quebrou o alabastro antes de derramar o bálsamo. Isso significa simplesmente a quebra do selo ou do gargalo; também pode inferir-se que o vaso foi destruído para não tornar a ser utilizado.

álamo. Palavra mencionada em Gn 30.37. O termo original procede de uma raiz que significa "coisa branca". O álamo branco é comum na Palestina e corresponde às descrições da passagem das Escrituras em que esse nome é mencionado. Era plantado a fim de proporcionar sombreamento, e sua madeira era utilizada na fabricação de móveis e utensílios domésticos. Varas descascadas do álamo foram postas por Jacó diante do rebanho de Labão (Gn 30.37). A árvore mencionada em Gn 30.37 não cresce na região indicada no texto; talvez a palavra empregada nesse contexto signifique amendoeira.

alaúde. Instrumento de corda, semelhante à viola. É a tradução do vocábulo hebraico *nebel*, que na maioria de suas ocorrências traduz-se pelo termo "saltério". Era tocado pelo dedilhar das cordas (Is 5.12; 14.11; Am 5.23; 6.5). V. MÚSICA.

aleluia. Forma grega usada na *Septuaginta* para transliterar a palavra hebraica composta *Halleluyah*, "louvai ao Senhor". O vocábulo ocorre na *Septuaginta* em vários salmos, como o 105 e o 106, traduzidos da *Vulgata* latina. Em outras traduções, usou-se o seu significado, "louvai ao Senhor", e na margem, *Aleluia*. A adaptação da palavra hebraica no culto cristão é devida ao seu uso em Ap 19.1-7. No século IV d.C., o termo "aleluia" já era reconhecido como uma exclamação cristã de alegria e de vitória. Os "aleluias" tinham um lugar especial nas liturgias dos primórdios da Igreja oriental e ocidental.

Alexandre. *Auxiliador dos homens.* Esse nome comum é usado numa referência a cinco pessoas no NT: 1. O filho de Simão Cireneu, que foi compelido a levar a cruz de Jesus (Mc 15.21). 2. Parente do sumo sacerdote Anás e membro diretor do Sinédrio em Jerusalém, quando Pedro e João foram presos e levados perante esse tribunal (At 4.6). 3. Um judeu de Éfeso, a quem seus compatriotas impeliram para a frente durante o tumulto provocado por Demétrio, um ourives que liderava os artífices da prata (At 19.33). 4. Um convertido que abandonara a fé, a quem Paulo entregou a Satanás (1Tm 1.19,20). 5. Um latoeiro que causou muitos males a Paulo e que resistira às palavras deste (2Tm 4.14); talvez esse indivíduo seja o mesmo mencionado no item 3.

Alexandria. Cidade localizada a 23 km a oeste da foz do rio Nilo, fundada por Alexandre, o Grande, rei da Macedônia, em 332 a.C., para ser a metrópole do seu império ocidental. Desde o princípio, sua população era miscigenada; a cidade dividia-se em três bairros, dos quais um se chamava "região dos judeus". Depois da tomada de Jerusalém, Ptolomeu I removeu um número considerável de cidadãos para Alexandria. Muitos outros judeus, por espontânea vontade, seguiram àqueles, de modo que, após sucessivas imigrações, a colônia judaica aumentou rapidamente. Mais tarde, quando a cidade de Alexandria caiu sob o domínio de Roma, Júlio César e Augusto confirmaram os privilégios que os israelitas desfrutavam antes desse acontecimento. Eles eram representados por um funcionário seu, e Augusto estabeleceu um conselho "para superintender os negócios dos judeus", segundo as próprias leis judaicas. Por algum tempo, a congregação judaica em Alexandria conservou- se numa estreita dependência da de Jerusalém, de forma que ambas reconheciam o sumo sacerdote como seu chefe religioso. Contudo, mais tarde, vieram a separar-se. A versão do AT em grego (conhecida como *Septuaginta*, ou *Versão dos Setenta*, pelo fato de ter sido traduzida por 70 tradutores judeus de Alexandria), aumentou a barreira linguística entre a Palestina e o Egito. O templo de Leontápolis (161 a.C.), que sujeitava os judeus do Egito às despesas provenientes do cisma, alargou ainda mais a ruptura na família israelita. Todavia, no princípio da Era Cristã, os judeus do Egito contribuíam ainda para o serviço do templo de Jerusalém, esta que, apesar de tudo, era a santa cidade e a cidade-mãe da raça judaica. Segundo Eusébio, Marcos foi o primeiro a pregar o evangelho no Egito e quem fundou a primeira igreja de Alexandria. No fim do século II, Alexandria era um importante centro de influência e instrução cristãs, com uma escola de catequese altamente distinta. O mais antigo dos seus mestres, mencionado pelo historiador Eusébio, foi Panteno, em cerca do ano 180 d.C. Clemente e Orígenes foram os mais famosos

dos seus sucessores, embora Ário, o autor da heresia ariana, também tivesse sido, segundo Teodoreto, um dos principais doutrinadores. As referências do NT a Alexandria acham-se em At 6.9; 18.24; 27.6 e 28.11.

alfa. A primeira letra do alfabeto grego, sendo ômega a última. A frase "Eu sou o Alfa e o *Ômega*", registrada em Ap 1.8 e 21.6, refere-se ao Senhor Jesus e originariamente era uma expressão de perfeição; mais tarde passou a ser aplicada especialmente à eternidade e onipresença de Deus, pois dele se originam todas as coisas e para ele todas elas convergem. Algumas frases de semelhante significado ocorrem em Is 41.4; Rm 11.36; 1Co 8.6 e Hb 2.10. Em Ap 22.13, o título é transferido para o Jesus glorificado, revelador e realizador do plano divino da redenção, em quem está o "Sim" e o "Amém", a confirmação e o cumprimento de todas as promessas de Deus (2Co 1.20; v. tb. Jo 1.3; 1Co 8.6; Cl 1.15,17; Hb 1.2,3).

alfarroba. É o fruto da alfarrobeira. Essa árvore apresenta folhas escuras e lustrosas, bem como produz, como fruto, vagens grandes que são trituradas e utilizadas na alimentação do gado e dos porcos. Os pobres também empregavam-nas em sua alimentação e consideravam-nas muito nutritivas. A parábola do filho pródigo faz referência a esse fruto em Lc 15.16.

Alfeu. 1. O pai de Levi (Mc 2.14), que deve ser Mateus, o apóstolo. 2. Em cada uma das quatro listas dos apóstolos (Mt 10; Mc 3; Lc 6; At 1), o nono mencionado é Tiago, filho de Alfeu.

alforje. Um saco que os viajantes usavam para levar dinheiro e mantimento durante a jornada. Era feito de diversos materiais, geralmente pele ou couro, e ficava preso à cintura (1Sm 17.40; Mt 10.10; Lc 12.33- 36). V. BOLSA.

aliança. *Concerto, pacto*. Era um contrato, ou convenção, realizado solenemente entre homem e homem (Gn 21.27; 31.44,45; Js 9.6-15), ou entre homem e Deus. A aliança entre Deus e o homem predomina de tal modo nas Escrituras que o cânon já completo recebeu, de forma definitiva, os títulos de AT (i.e., a antiga aliança) e NT. *1. O Antigo Testamento* ou *Aliança*. A palavra "aliança" é usada, primeiramente, em referência às promessas de Deus feitas a Noé (Gn 6.18; 9.9-16). Entretanto, o fato característico de um pacto entre Deus e o seu povo escolhido, Israel, principia em Abraão, com as promessas divinas a ele feitas nos cap. 12—15 de Gênesis, as quais são ratificadas ritualmente por pacto solene, sempre repetidas e ampliadas (Gn 17.19; 22.16). Da parte de Abraão, evidenciou-se a fé (15.6) e a obediência (17.1,9; 22.16). Conforme o que foi estabelecido nessa aliança, a narrativa do Êxodo inicia com as seguintes palavras: "[...] lembrou-se da sua aliança com Abraão, com Isaque e com Jacó" (Êx2.24). A promulgação da Lei no monte Sinai foi elaborada mediante a recordação de que Deus libertara Israel e com as promessas de outras bênçãos condicionadas à obediência. Moisés escreveu *todas as palavras do SENHOR no Livro da Aliança* e, após os sacrifícios expiatórios, leu-o diante do povo, que respondeu: *Tudo o que falou o Senhor, faremos, e obedeceremos*; e, depois disso, aspergiu sobre o povo o *sangue da aliança*, (Êx19.4-6; 24.4-8). Esse é o pacto a que geralmente são feitas referências por todo o AT e extraordinárias declarações no NT. As tábuas da Lei foram colocadas, mais tarde, na *arca da Aliança*, que era considerada um símbolo da presença do Senhor e lugar da sua manifestação (Êx 25.21). Assim como o ato de comer sal significava um penhor de amizade entre seres humanos, assim também *o sal da aliança* devia ser acrescentado a toda oferta de manjares, como lembrança santa dos sagrados laços entre Deus e o povo

escolhido (Lv 2.13; v. Nm 18.19; 2Cr 13.5). O pacto de um reino eterno na descendência de Davi (2Sm 23.5) acha-se consignado em 2Sm 7. São muitas as referências que se fazem no AT à aliança estabelecida entre Deus e o povo, bem como às declarações de que os israelitas a transgrediram por se esquecerem das determinações divinas. Todas essas incriminações culminam na grande profecia de Jr 31.31-34, em que uma *nova aliança* é anunciada. Esse novo pacto exigiria não somente obediência, mas também criaria aquele poder de amor, cuja lei deve estar escrita no coração. No cumprimento dessa profecia, passamos da antiga para a nova aliança.

2. O Novo Testamento ou Aliança (para o sentido da palavra "testamento", V. NOVO TESTAMENTo). Segundo a mais antiga narrativa da instituição da ceia do Senhor, Jesus disse: *Este cálice é a nova aliança no meu sangue*,1Co 11.25; cf. Mt 26.28; Mc 14.24; Lc 22.20. Há, aqui, uma referência ao êxodo (Êx24.8); Jesus estabelecia um novo relacionamento entre Deus e os homens, baseado, à semelhança da antiga aliança, no sacrifício, o sacrifício de si mesmo. No desenvolvimento dessa verdade dentro dos escritos do NT, os apóstolos, de forma natural, concentram todo o poder da nova aliança no sangue de Cristo (Rm 3.25; Ef 1.7; Hb 9.14; 1Pe 1.19; 1Jo 1.7; Ap 1.5). O pensamento da própria aliança é proeminente em 2Co 3.6; Gl 3.15; e, especialmente, em Hb 8.10; 12.24 e 13.20. Veja outros pontos de vista em NOVO TESTAMENTO.

alianças. Abraão fez uma aliança com os reis de Canaã (Gn 14.13) e com Abimeleque (Gn 21.22). A última foi renovada por Isaque (Gn 26.26). Todavia, quando o povo israelita se estabeleceu em Canaã, recebera orientação clara de não fazer alianças com as nações circunvizinhas; essa ordem divina tinha por fim evitar que o povo escolhido se corrompesse com a idolatria dos povos vizinhos. Mais tarde, tal proibição foi desrespeitada. Salomão firmou alianças com Hirão, rei de Tiro, e com o faraó, rei do Egito. O rei de Israel, por meio da aliança com Hirão, tinha o objetivo de obter material e operários para a construção do templo, bem como construtores de navios e marinheiros. A aliança com o rei do Egito deu a Salomão o monopólio do negócio de cavalos e outros produtos desse país. As dissidências entre Judá e Israel e as relações destes reinos com o Egito e com as monarquias da Assíria e Babilônia conduziram aqueles povos a numerosas alianças e contra-alianças (v. 1e 2Reis e 1e 2Crônicas, assim como trechos de Isaías, Ezequiel e Jeremias). Vários ritos religiosos eram executados quando se realizava uma aliança. A vítima do sacrifício era morta e dividida em duas partes, entre as quais passavam as pessoas interessadas, pedindo-se, nessa ocasião, a maldição de semelhante despedaçamento para aquele que quebrasse os termos da aliança. Esse costume vigorou por longo período de tempo (Jr 34.18). De modo geral, o juramento só é mencionado no ato de firmar alianças, quer entre nações (Js 9.15) quer entre indivíduos (Gn 26.28; 31.53; 2Rs 11.4). O acontecimento era celebrado com uma festa (Êx24.11; 2Sm 3.12-20). O sal, como símbolo de fidelidade, era usado nessas ocasiões, aplicado aos sacrifícios; desse uso origina-se a expressão "aliança de sal" (Nm 18.19; 2Cr 13.5). Levantou-se uma coluna em memória da aliança entre Labão e Jacó (Gn 31.52). Eram também enviados presentes pela parte que solicitava a aliança (1Rs 15.18; Is 30.6). Os judeus sempre atribuíram grande importância ao fato de serem fiéis a seus compromissos (Js 9.18). A ira divina caía sobre os violadores da aliança (2Sm 21.1; Ez 17.16).

alimentação imunda. A Lei mosaica prescrevia com exatidão os alimentos permitidos e proibidos. O que se podia comer era "limpo"; o que era proibido, "imundo". O intuito da distinção era a separação dos hebreus como povo exclusivo do Senhor (Lv 11.43-47; 20.24-26). A visão de Pedro, antes da recepção dos convertidos gentios na igreja, estava de acordo com essa perspectiva (At 10.12). A lei sobre as iguarias aplicava-se a todo o povo, diferente do que acontecia em outros países, em que havia restrições semelhantes somente a uma classe ou a certas classes. As prescrições expostas na íntegra em Lv 11 e em Dt 14.3-21 estão de acordo com os nossos instintos naturais e observações, conforme afirmou Cirilo há muito tempo, ainda que o costume (como no caso do uso da carne de porco) possa vencer a repugnância natural. Pode ser, porém, que muitas restrições tenham sido feitas com o fim de evitar que alguma coisa que os pagãos consideravam sagrada fosse ingerida. A natureza preparatória das determinações a respeito de comidas limpas ou imundas e da impureza do homem acha-se claramente indicada na Epístola aos Hebreus 9.9,10. V. ALIMENTO, IMPUREZA.

alimento. O alimento de origem vegetal é muito mais comum entre os orientais do que o de origem animal. Em lugar da manteiga, da banha de porco e da gordura, os orientais fazem uso do azeite. Uma sopa de favas e lentilhas, temperada com alho e azeite, é um dos pratos favoritos. Os principais elementos das refeições no Oriente são: ovos, mel, leite, especialmente a coalhada, e as diversas hortaliças e frutas. O prato mais comum é composto de arroz cozido com carne, semelhante a um ensopado, que com outros ingredientes assume uma coloração arroxeada, avermelhada ou amarelada. Na medida do possível, reservava-se o alimento animal para ocasiões especiais (Gn 18.7; Lc 15.23). A carne de certos animais provenientes da caça e a da vaca, do novilho, da ovelha e do cabrito são muito apreciadas no Oriente. É costume servir o animal por inteiro numa mesma refeição. O peixe é um gênero de alimento muito estimado. Entre os egípcios, os alimentos mais utilizados são os melões, os pepinos, as cebolas, a chicória, as beldroegas, os rabanetes, as cenouras, os alhos e os alhos-porós. O leite de cabra entra em grande parte nas refeições do Oriente, no período que se inicia em abril e vai até setembro, e o de vaca, durante os outros meses. A carne assada é quase limitada às refeições das pessoas ricas. Os hebreus comiam grande quantidade de pão. Algumas vezes, também comiam as espigas verdes de trigo, que eram esfregadas com as mãos (Lv 23.14; Dt 23.25; 2Rs 4.42; Mt 12.1; Lc 6.1). Todavia, era mais frequente tostarem-se os grãos ao fogo numa caçarola (Lv 2.14) e comer-se como trigo seco. Essa espécie de alimento era bastante comum entre trabalhadores do campo (Lv 23.14; Rt 2.14; 1Sm 17.17; 25.18; 2Sm 17.28). Em certas ocasiões, os grãos eram pisados e secos ao sol. Em seguida, comiam-se temperados com azeite ou preparava-se uma massa que se transformava num bolo macio (Lv 2.14-16; Nm 15.20; 2Sm 17.19; Ne 10.37; Ez 44.30). A fruta que servia de alimento eram os figos secos e em forma de bolos (1Sm 25.18); as uvas-passas (1Cr 12.40), que, em determinadas ocasiões, também eram utilizadas no recheio de bolos (2Sm 6.19); as romãs (Ct 8.2; Ag 2.19); as avelãs; e as amêndoas (Gn 43.11). Os pepinos (Nm 11.5; Is 1.8) e a alface (Êx12.8; Nm 9.11) devem ser postos na lista dos vegetais, usados na Palestina, em adição à lista mencionada anteriormente, como constituintes da alimentação dos egípcios. Os hebreus temperavam sua comida com um grande número de condimentos: o cominho, o endro, o coentro, a hortelã, a arruda, a mostarda e o sal. Era proibido a eles, sob pena de morte, alimentarem-se do sangue de animais (Lv 3.17; 7.26; 19.26; Dt 12.16; 1Sm

14.32; Ez 44.7,15), sob o argumento de que o sangue continha o princípio da vida e devia, portanto, ser oferecido sobre o altar (Lv 17.11; Dt 12.23). Também não podiam comer as reses que morriam de morte natural (Dt 14.21) ou tivessem sido despedaçadas pelas feras (Êx22.31), nem as aves e outros animais que a Lei considerava imundos (Lv 11; Dt 14.4). Os cristãos não deviam comer a carne dos animais que eles sabiam terem sido sacrificados aos ídolos (At 15.29; 21.25; 1Co 8.1), para que tal ato não parecesse idolatria. Entretanto, tinham a permissão de comer a carne comprada nos mercados públicos, ou que era servida em jantares festivos, não devendo fazer perguntas sobre a procedência do alimento (1Co 10.25-27). Atualmente, alguns convertidos africanos que vivem em determinadas culturas ainda são orientados de modo semelhante.

aljava. O receptáculo em que se levavam as flechas (Js 39.2.1). É usada metaforicamente no Sl 127.5. Em Gn 27.3, é possível que se trate de uma espada ou outra arma pendente do ombro (a tiracolo).

alma. A palavra "alma" é a tradução do termo hebraico *nefesh*, que em muitas outras passagens traduz-se por "vida" ou "criatura". Usa-se esse vocábulo em referência a um ser vivo (Gn 17.14; Nm 9.13); aos animais, como criaturas (Gn 2.19, 9.15); à alma como substância distinta do corpo (Gn 35.18); à vida animal (Gn 2.7; note-se a aparente identificação com o sangue, Lv 17.14; Dt 12.23); alma como sede dos afetos, sensações e paixões, sendo susceptível angústia (Gn 42.21), à aflição (Lv 16.29), ao desânimo (Nm 21.5), ao desejo (Dt 14.26), ao aborrecimento (Sl 107.18), e sendo, também, capaz de comunicar- se com Deus, como procedente dele (Ez 18.4), desejando-o (Sl 42.1; Is 26.9), regozijando-se nele (Sl 35.9; Is 61.10), confiando nele (Sl 57.1) e adorando-o (Sl 86.4; 104.1). A alma também é capaz de pecar contra Deus e fazer mal a si própria (Jr 44.7; Ez 18.4; Mq 6.7). No NT, o vocábulo "alma" é a tradução do termo grego *psyche*, o qual, à semelhança de *nefesh*, é muitas vezes traduzido por "vida". Usa-se em referência ao homem como indivíduo (At 2.41; Rm 13.1; 1Pe 3.20); à vida biológica, com suas paixões e desejos, distinguindo-se do corpo (Mt 10.28) e do espírito (Lc 1.46; 1Ts 5.23; Hb 4.12). A alma é passível de perder-se (Mt 16.26); de ser salva (Hb 10.39; Tg 1.21); e de existir depois da separação do corpo (Mt 10.28; Ap 6.9; 20.4). V. IMORTALIDADE DA ALMA ,ESPÍRITO.

aloés. O aloés, mencionado nas Escrituras, não tem relação com a planta florida dos jardins da atualidade, mas refere-se a uma madeira aromática, empregada no Oriente, desde tempos remotos, para fins sagrados e comuns. Nas passagens: Sl 45.8, Ct 4.14 e Pv 7.17, o aloés, junto com a mirra, inclui-se entre os perfumes agradáveis e atraentes. No NT, é mencionado apenas uma vez, no contexto do sepultamento de Jesus, quando a participação de José de Arimateia e Nicodemos é registrada (Jo 19.39).

alqueire. A palavra grega traduzida por "alqueire" (Mt 5.15) diz respeito ao termo "medida", mencionado em Gn 18.6, Mt 13.33 e Lc 13.21, correspondente à terça parte do efa, a medida padrão.

altar. Origina-se da palavra latina *altus*, assim chamado por ser construído no cume de alguma elevação, para a realização de sacrifícios e outras ofertas. O significado mais comum dos vocábulos hebraico e grego é "lugar de matança". Três outros vocábulos, dois hebraicos (Ez 43.15) e um grego (At 17.23), podem ser traduzidos pelo termo "altar", mas lançam pouca luz

sobre o significado da palavra. Depois da primeira ocorrência nas Escrituras (Gn 8.20), os altares mencionados relacionam-se com os patriarcas e com Moisés (Gn 12.7; 22.9; 35.1,7; Êx 17.15; 24.4). As primeiras instruções a respeito da edificação de um altar, conforme a Lei, acham-se em Êx 20.24, 25. Tinha de ser de terra ou de pedras toscas e sem degraus. No que concerne ao tabernáculo, havia dois altares — um no pátio exterior e outro no Lugar Santo. O primeiro chamava-se altar de bronze, ou do holocausto, e ficava na parte da frente do tabernáculo. Era de forma côncava, feito de madeira de acácia, quadrado, sendo o seu comprimento e a sua largura de 7 côvados, e a altura, de 3 côvados; recobria- se de metal e possuía argolas e varais para ser transportado nas jornadas do povo israelita pelo deserto. Em cada um dos seus quatro cantos, havia uma saliência, a que se dava o nome de ponta. Não havia degrau, mas uma borda em redor para conveniência dos sacerdotes, enquanto realizavam seu trabalho. A localização do altar à entrada do tabernáculo era uma significativa lição para o povo de Israel de que não era possível uma aproximação de Deus, a não ser por meio dos sacrifícios que nele eram oferecidos (Êx27.1-8; 38.1). O altar do incenso ficava no Lugar Santo, exatamente em frente ao véu que separava o Santo dos Santos. Era quadrado, de modo que seu comprimento e largura mediam 1côvado, com 2 côvados de altura. Era feito de madeira de acácia e coberto de ouro puro; tinha pontas em cada canto e duas argolas de ouro nas suas laterais para fins de transporte. Ainda que tal altar estivesse localizado no Lugar Santo, tinha tanta relação com o significado espiritual do Santo dos Santos que se podia dizer que fazia parte deste (Hb 9.3,4). Sobre ele queimava-se o incenso de manhã e de tarde, como símbolo da constante adoração do povo (Êx30.1-10; 40.5; 1Rs 6.22; Sl 141.2). No templo de Salomão, o altar de bronze era muito maior do que o do tabernáculo (1Rs 8.64), e um novo altar do incenso também foi edificado (1Rs 7.48). O tabernáculo era o santuário central em que Deus podia ser adorado, segundo a maneira divinamente estabelecida. Israel fora proibido de ter mais do que um santuário. Mas havia ambiguidade acerca da palavra "santuário", pois o termo era empregado tanto para casa quanto para altar. A casa ou "santuário central" tinha os seus dois altares, mas cada um deles não representava uma casa. Em toda parte, eram permitidos altares, desde o tempo de Moisés (Êx 20.24-26), mas só havia consentimento para um santuário apenas (Êx 25.8). O requisito necessário para o levantamento de altares era que não deveriam ter ligação alguma com os altares gentílicos ou os lugares altos (Dt 16.21). Havia permissão para pluralidade de altares, mas nunca para pluralidade de casas (Êx 20.24-26). A única ocasião em que houve mais de uma casa foi durante as confusões e complicações da época de Davi, quando existiam, então, dois santuários, um em Gibeão e outro em Jerusalém, cada um deles com seu altar de bronze (1Rs 3.2.4,15). Quando o reino se dividiu, Jeroboão estabeleceu os seus próprios santuários em Dã e Betel, a fim de evitar que o povo se dirigisse a Jerusalém e se afastasse, portanto, de sua lealdade ao rei de Israel. Os outros usos do altar eram ou para memória de algum fato (Js 22.10) ou para servir de asilo em caso de perigo (1Rs 1.50). Todavia, isso se constituía numa exceção que não invalida a ideia geral do altar como lugar de sacrifício. No NT, o emprego do termo "altar" é muito raro. Em Mt 5.23, a referência é ao altar judaico dos holocaustos. Em 1Co 9.13 e 10.18, o altar pagão e a mesa do Senhor são postos em relação e em contraste.

ama. A ama, entre as famílias orientais, era sempre uma pessoa estimada que fazia parte da família, quer na condição de ama de leite, quer na condição de aia ou tutora. Ela usualmente acompanhava a noiva à casa do marido: "Então despediram a Rebeca [...] e a sua ama" (Gn 24.59; v. tb. Gn 35.8; Nm 11.12; Rt 4.16; 2Sm 4.4; 2Rs 11.2; Is 49.23).

Amaleque, amalequitas. Segundo o que se diz em Gn 36.12-16, Amaleque era neto de Esaú e um dos príncipes de Edom (cf. 1Cr 1.36). Em todas as outras ocorrências, o nome não se refere à pessoa, mas a uma tribo — amalequitas (Êx17.8-16), e há fortes razões para considerar-se a tribo mais antiga do que o seu suposto antepassado Amaleque. Veja Gn 14.7 e compare com a frase de Balaão: "Amaleque é o primeiro [o mais antigo] das nações", Nm 24.20. Essas tribos nômades aparecem na narrativa de Gn 14 como habitantes de Canaã, nas proximidades de Cades, onde foram derrotadas por Quedorlaomer e seus confederados (Gn 14.7). Mais tarde, depois do êxodo, os amalequitas atacaram a retaguarda dos israelitas em Refidim, perto do Sinai (Dt 25.17-19), e foram derrotados por Josué (Êx 17.8-16). Eles, os mais antigos e impiedosos agressores de Israel, foram colocados sob a seguinte maldição divina: "Haverá guerra do Senhor contra Amaleque de geração em geração". A sua memória haveria de ser extinta de debaixo dos céus. Aliados com os cananeus, infligiram grave derrota aos israelitas, quando estes primeiramente procuraram entrar na Palestina (Nm 14.43-45). No tempo dos juízes, os amalequitas, aliados com os filhos de Amom, juntaram-se a Eglom, rei de Moabe, e atacaram Israel, tomando Jericó (Jz 3.13), porém foram completamente derrotados por Gideão no vale de Jezreel (Jz 6.33; 7.12-22). No tempo de Saul, este recebeu ordem de executar o decreto divino de exterminar totalmente o povo amalequita, mas Saul perdoou ao rei Agague e não se desfez do melhor do seu despojo, vindo a ser castigado pela desobediência com a perda de seu reino (1Sm 15). Na ausência de Davi, eles invadiram e saquearam Ziclague, bem como levaram consigo duas mulheres de Davi e outras como cativas. Entretanto, foram perseguidos e desbaratados (1Sm 30.1- 31). Um dos amalequitas, ao acusar-se de ter assassinado Saul, foi condenado à morte por Davi (2Sm 1.1-16). O ouro e a prata desse povo foram consagrados ao Senhor (2Sm 8.12; 1Cr 18.11). Durante o reinado de Ezequias, os amalequitas também foram derrotados por 500 homens da tribo de Simeão, que passaram a habitar no território outrora ocupado por aqueles (1Cr 4.39-43).

Amarias. *O Senhor prometeu.* 1. V. 1Cr 6.7,52. 2. Sumo sacerdote no tempo de Josafá (2Cr 19.11); parece ter apoiado os esforços desse rei para a realização de uma reforma em Israel e Judá.

3. V. 1Cr 23.19; 24.23.

4. Chefe de um dos 24 turnos de sacerdotes, cujo turno chamava-se pelo seu nome na época de Davi, de Ezequias e de Neemias; também é chamado Imer (1Cr 24.14; 2Cr 31.15; Ne 10.3; 12.2-13).

5. Um dos que se casaram com mulheres estrangeiras no tempo de Esdras (Ed 10.42).

6. V. Sf 1.1.

7. V. Ne 11.4.

Amasa. *Portador de carga*. 1. Filho de uma irmã de Davi (2Sm 17.25). Absalão nomeou- o comandante-chefe de seu revoltoso exército em lugar de Joabe, por quem foi derrotado no bosque de Efraim (2Sm 18.6). Mais tarde, Amasa foi perdoado por Davi e nomeado para o

lugar de Joabe, que caíra no desagrado do rei por ter matado Absalão (2Sm 19.13). Depois disso, Joabe matou traiçoeiramente Amasa, quando fingia saudá-lo (2Sm 20.10). 2. Um dos chefes dos filhos de Efraim (2Cr 28.12).

Amasai. *Pesado.* 1. V. 1Cr 6.25. 2. Chefe dos homens de Judá e Benjamim, que se juntaram a Davi em Ziclague; talvez o mesmo que Amasa (1) (1Cr 12.18). 3. Um sacerdote que tocava a trombeta diante da arca quando Davi a levou da casa de Obede-Edom (1Cr 15.24). 4. Um levita mencionado em 2Cr 29.12.

Amazias. *Forlaleza do Senhor*. 1. O oitavo rei de Judá. Assumiu o reinado aos 25 anos de idade, após seu pai ser assassinado por seus servos (2Rs 12; 14). Declarou guerra aos edomitas e os derrotou no vale do Sal, ao sul do mar Morto, tomando-lhes sua capital, Sela ou Petra (2Cr 25). Amazias realizou cerimônias religiosas em honra aos deuses de Edom, um ato de idolatria que desencadeou infortúnios no seu reinado. Foi totalmente derrotado na batalha de Bete-Semes por Jeoás, o rei de Israel a quem provocara e por quem foi levado cativo às portas de Jerusalém, que foi tomada sem resistência (2Rs 14.13). No vigésimo sétimo ano de seu reinado, Amazias foi assassinado por conspiradores em Laquis, para onde se retirara em fuga de Jerusalém (2Cr 25.27). 2. Um sacerdote de Betel que enviou ao rei Jeroboão acusações contra o profeta Amós e que se esforçou para levá-lo de Israel para Judá (Am 7.10; cf. 1Rs 12.25-33). 3. Um dos "filhos de Simeão", mencionado em 1Cr 4.34. 4. Um levita (1Cr 6.45).

amém. Advérbio hebraico, originário de uma raiz que significa "assegurar, firmar", por isso empregado no sentido de confirmar o que outra pessoa disse. Amém — assim seja. 1. No AT, o termo servia para expressar concordância e ratificar uma *maldição* (Nm 5.22; Dt 27.15-26; Ne 5.13), uma *ordem real* (1Rs 1.36), uma *profecia* (Jr 28.6), qualquer *oração*, especialmente no fim de uma doxologia (Ne 8.6), bem como se constituía e ainda se constitui numa resposta do povo às doxologias encontradas após os primeiros quatro livros da coletânea de Salmos (41.13; 72.19; 89.52; 106.48; cf. 1Cr 16.36). Esse costume passou das práticas religiosas da sinagoga para o culto cristão.

2. No NT: a) Empregava-se no culto público (1Co 14.16). A doxologia e o amém que fecham a Oração do Senhor (i.e., do Pai-nosso) em Mateus 6.13 são indubitavelmente devidos ao uso litúrgico da oração. b) Esse modo de responder com amém generalizou-se, para confirmar orações individuais e de ação de graças (Rm 1.25; 9.5; 11.36; Gl 6.18; Ap 1.6,7). c) Jesus, de modo particular, costumava empregar o mesmo termo, quando se tratava de chamar a atenção para assunto de singular relevância: "Em verdade, em verdade vos digo" (Jo 1.51). A expressão enfática "em verdade, em verdade" (transliterada do heb. para o gr. "amen, amen") ocorre cerca de 30 vezes em Mateus, 13 vezes em Marcos, 6 vezes em Lucas e 25 vezes no quarto Evangelho. d) Em 2Co 1.20, é dito que em Cristo se encontram as promessas de Deus ("tantas têm nele o sim"), e por meio dele acham a sua confirmação e cumprimento ("também por ele é o amém"). No texto de Ap 3.14, o próprio Salvador se chama "o Amém, a testemunha fiel e verdadeira" (cf. Is 65.16, lit. "Deus de amém"). O uso da palavra nos cultos da sinagoga logo se transferiu

para os cultos da Igreja (1Co 14.16), fato esse mencionado pelos pais da Igreja, tais como Justino Mártir, Dionísio de Alexandria, Jerônimo e outros.

amęndoa, amendoeira. A vara de Arão produziu flores "e dava amêndoas" (Nm 17.8). No livro de Jeremias, a expressão "Vejo uma vara de amendoeira" (Jr 1.11) é simbólica de desvelo ou vigilância, porque a raiz da palavra hebraica traduzida por "amêndoa" significa "velar" ou "vigiar". Mostra-se ao profeta uma vara de amendoeira para significar que o Senhor velaria pelo cumprimento da sua palavra. Em Israel, a amendoeira exibe suas flores de coloração branco-rosada logo no início do ano, de modo que em janeiro encontra-se em plena florescência, e os frutos surgem no mês de março ou abril. Os cálices do candelabro de ouro deveriam ser elaborados em formato de amêndoas (Êx25.33), ou seja, segundo o modelo da flor. A amendoeira repleta de flores foi tomada como símbolo de idade avançada (Ec 12.5), em razão da brancura de seu aspecto ao ser observada de longe. As amêndoas que faziam parte do presente enviado por Jacó ao administrador do Egito, que mal sabia ele ser seu filho José desaparecido (Gn 43.11), seriam as nozes de pistácia, uma árvore oriunda da Palestina e da Síria, muito cultivada por causa de seus frutos, os quais são exportados de Alepo e dos portos do Levante. O cerne oleoso da amêndoa serve de sobremesa, bem como ao preparo de bolos variados. As amêndoas eram altamente apreciadas pelos antigos, tanto na alimentação quanto em seus usos medicinais para enfermidades estomacais e antídoto contra o envenenamento por picadas de serpentes. Em Ct 6.11, a tradução é "jardim das nogueiras". Atualmente, a nogueira é cultivada nas encostas e declives mais baixos dos montes Líbano e Hermom, bem como em alguns locais da Galileia.

ametista. Pedra preciosa (espécie de cristal de rocha) que era posta no peitoral do sumo sacerdote (Êx28.19; 39.12). É mencionada no livro de Apocalipse (Ap 21.20) como uma das pedras que adornavam os fundamentos do muro da Jerusalém celestial. A ametista oriental oriunda da Índia é uma joia rara, muito brilhante, geralmente de coloração púrpura e, no que concerne à dureza, inferior somente ao diamante. A palavra hebraica aludia à crença de que o uso dessa pedra produzia sonhos favoráveis. O termo grego sugere que seu uso se constituía numa proteção contra a embriaguez.

Amom. O nome de um povo (1Sm 11.11; Sl 83.7); mais comumente denominados de amonitas, filhos de Amom. Segundo se pode ler em Gn 19.38, eram descendentes de Ben-Ami, o filho de Ló. Os amonitas eram uma raça de terríveis salteadores, tão cruéis que chegavam a vazar os olhos de seus inimigos (1Sm 11.2) e a rasgar o ventre das mulheres grávidas (Am 1.13). O território amonita ficava a leste do rio Jordão e a nordeste do mar Morto, de modo que o território de Moabe ficava ao sul. A sua principal cidade era Rabá (2Sm 11.1; Ez 25.5; Am 1.14). Eles nunca obtiveram qualquer parte do terreno do lado ocidental do rio Jordão, apesar das suas incursões. Os israelitas odiavam os amonitas porque estes não os auxiliaram quando de seu êxodo do Egito rumo a Canaã (Dt 23.4) e porque estavam envolvidos no caso de Balaão (Dt 23.4; Ne 13.1). A animosidade entre esses dois povos continuou a demonstrar-se por meio de vários conflitos registrados em sua história. Todavia, certa mulher amonita, chamada Naamá, tornou-se uma das mulheres de Salomão e mãe de Roboão (1Rs 14.21). O deus cultuado por essa tribo era Milcom (uma semelhança do ídolo Moloque), a abominação dos filhos de Amom (1Rs 11.5).

Amom. *Hábil obreiro.* 1. Rei de Judá, filho e sucessor de Manassés. Serviu a falsos deuses e, depois de um reinado de dois anos, foi assassinado (2Rs 21.19-26; 2Cr 33.20-25). Para conhecimento da deplorável condição de Jerusalém durante o seu reinado, leia o livro de Sofonias. O nome acha-se na genealogia de Jesus Cristo (Mt 1.10).
2. Governador de Samaria durante o reinado de Acabe (1Rs 22.26; 2Cr 18.25).
3. Um dos servos de Salomão (Ne 7.59).
4. Um deus egípcio (Jr 46.25).

amoreira. A amoreira (Lc 17.6) é uma árvore comum do norte da Arábia e certas regiões da Palestina. Duas variedades são conhecidas: a que produz frutos escuros e a que produz frutos claros. O bicho-da-seda alimenta-se das suas folhas. A árvore a que se faz referência em 2Sm 5.23,24 e 1Cr 14.14,15 não é bem a amoreira. Pode ser o sicômoro ou o choupo, de que há quatro espécies na Palestina: a escura, a clara, a de coloração acastanhada (muito conhecida na Europa) e, ainda, aquela espécie que se encontra às margens do Jordão e outros rios da região. O choupo balança naturalmente pela ação do vento, tremendo e agitando-se ao mais leve sopro.

amorreus. *Habitantes das montanhas; serranos.* Os amorreus ocupavam um lugar de destaque entre os povos que habitavam na terra de Canaã antes da conquista dos israelitas. Parece que, primeiramente, fizeram parte da grande confederação dos descendentes de Canaã (Gn 10.16). Mas no decurso de tempo entre a ida de Jacó para o Egito e o êxodo eles se separaram dos cananeus e se estabeleceram fortemente em Jerusalém, Hebrom e outros lugares importantes ao sul da Palestina; também atravessaram o Jordão e fundaram os reinos governados por Seom e Ogue (cf. Am 2.9,10). Seom recusou que os israelitas passassem por seu território e saiu a combatê-los; mas seu exército foi derrotado por completo (Nm 21; Dt 2). Mais tarde, encontramos os cinco chefes ou reis dos amorreus numa disputa do território a oeste do rio Jordão com Josué (Js 10). O povo amorreu sempre demonstrou coragem que evidenciava o caráter de guerreiros montanheses. Nada se sabe da sua história depois da conquista de Canaã pelos israelitas.

Amós. *Condutor de carga.* 1. Autor do livro que se intitula pelo seu nome e se encontra na coleção dos "Doze Profetas" ou "Profetas Menores"; sua profecia provavelmente é a mais antiga dos escritos proféticos. Quanto ao tempo em que Amós escreveu, parece ter sido a mesma época de Oseias, uma vez que exerceu seu ministério nos reinados de Uzias e Jeroboão II(1.1). A missão de Amós dirigia-se às dez tribos do Reino do Norte (7.10-13). Todavia, ele não pertencia ao reino de Israel; habitava em Tecoa, talvez sua terra natal, cidade ao sul de Belém, nas proximidades das grandes pastagens da região montanhosa de Judá. Quanto à sua vida pessoal, era pastor e lavrador (7.14), e não "profeta, nem discípulo de profeta". Isso quer dizer que ele não fora educado para tal missão, mas chamado a profetizar ao povo de Israel pelo irresistível poder de Deus (3.8; 7.15). O profeta faz alusão a esse fato quando Amazias, o sacerdote idólatra de Betel, acusou-o de conspirar contra Jeroboão. A sua ocupação inicial deveria afastar qualquer suspeita de ligação política com a casa de Davi. Amós é uma evidência viva que exalta a soberania e sabedoria DAQUELE que busca seus ministros tanto na tenda dos pastores como no palácio dos reis, dando a cada um a aptidão necessária para o cumprimento da sua tarefa.
2. Filho de Naum mencionado na genealogia de Cristo (Lc 3.25).

Amós, O Livro de. O estilo de Amós é simples, mas não é deficiente, em hipótese alguma, na sua beleza pitoresca. Seu modo de vida pode ser descoberto pelas ilustrações que escolhe, as quais, na sua maioria, são tiradas do trabalho rural. Muitas delas são admiravelmente originais, e todas deixam transparecer a vida da natureza. O conhecimento que revela dos acontecimentos de antiguidade remota (9.7) e de outros menos antigos que, até então, nunca tinham sido descritos (6.2), o encadeamento regular dos seus pensamentos e a correção de sua linguagem tendem a mostrar que a ocupação responsável e, muitas vezes, perigosa (3.12) de um pastor ainda era tão favorável à cultura intelectual como fora nos dias de Moisés e Davi. O livro pode dividir-se em cinco partes, no que diz respeito aos assuntos nele tratados: 1. Uma série de acusações contra as nações pagãs, contra Judá e, por fim, contra Israel, por causa dos seus pecados, com declarações de que o castigo lhes sobreviria (cap. 1e 2).
2. Os pecados de Samaria (sinônimo do reino de Israel) são expostos detalhadamente, e um castigo próximo é anunciado (cap. 3—5.17).
3. As razões da falsa confiança dos israelitas e a repetição dos avisos de castigo vindouro (cap. 5.18—6.14).
4. Uma série de cinco visões que mostra, de diferentes maneiras, a paciência e os justos juízos de Deus (cap. 7.1—9.10). Entre a terceira e quarta visões, é apresentada uma narrativa pessoal de profundo interesse (7.10-17).
5. Conclusão com predições de que a nação será restabelecida e de que novas bênçãos a tornarão próspera (cap. 9.11—15). Tais predições de futuras bênçãos são citadas pelo presbítero Tiago (At 15.16,17), a fim de demonstrar que todas as nações da Terra participariam dos benefícios que os judeus viessem a receber. A linguagem e as alusões feitas no livro de Amós sugerem que o conhecimento dos livros de Moisés era extremamente familiar ao profeta. V. 2.10 (cf. Dt 29.5); 4.6-10 (cf. Dt 4.30; 30.2); 4.11 (cf. Dt 29.23); 5.11 (cf. Dt 28.30-39). No NT, o livro é citado por Estêvão por ocasião de seu discurso diante do Sinédrio, bem como por Tiago durante o Concílio de Jerusalém (At 7.42,43; 15.16-18). Na primeira citação, a extensão da expressão "além de Damasco" (Am 5.27) para "além de Babilônia" (At 7.43) é digna de nota. Na última, a expressão "os demais homens" (At 15.17) está de acordo com a *Septuaginta* para a expressão "o restante de Edom". Isso porque as palavras "homem" e "Edom" em hebraico são semelhantes nas suas consoantes constituintes. A despeito da tradução preferida, o testemunho do profeta quanto à universalidade do evangelho é admirável. Há também uma notável coincidência entre 3.7 e Ap 10.7, pois em ambas as passagens se declara a revelação do mistério de Deus aos profetas.

Amoz. *Forte.* O pai do profeta Isaías (Is 1.1).

Amplíato. Um cristão romano (Rm 16.8). Esse nome encontra-se em duas notáveis inscrições (possivelmente uma delas seja do século Id.C.): nas catacumbas de Roma e no túmulo de Santa Domitília. Talvez isso signifique uma menção honrosa concedida a um escravo por meio de quem uma nobre família de Roma se converteu ao cristianismo.

anátema. Palavra grega que significa "coisa exaltada" dentro de um templo; por exemplo, como oferta de voto a um ídolo (esse é o uso em Lc 21.5). Na *Septuaginta*, o termo é aplicado aos animais que, oferecidos a Deus, deviam ser mortos (Lv 27.28, 29); daí vem o sentido genérico "condenado", "amaldiçoado" (Js 6.17; 7.12). Este último é o significado do termo grego (cf.

1Co 16.22; Rm 9.3; 1Co 12.3 e Gl 1.8,9). Em At 23.14, a palavra é utilizada no sentido de "maldição".

Anatote. *Respostas.* 1. Cidade de Benjamim, a 3 km a leste de Gibeá, concedida aos sacerdotes (Js 21.18; 1Cr 6.60). Abiatar foi desterrado para Anatote, depois de fracassar em sua tentativa de entronizar Adonias (1Rs 2.26). Foi a terra natal de Abiezer, um dos 30 capitães de Davi (2Sm 23.27; 1Cr 11.28; 27.12); de Jeú, outro dos valentes de Davi (1Cr 12.3); e de Jeremias (Jr 1.1; 11.21; 29.27). Foi novamente ocupada depois de retornarem do exílio. Alguns afirmam que, atualmente, essa cidade se chama Anata e se localiza nas proximidades de Jerusalém, cujos campos exibem a excelência do cultivo de trigo, oliveiras e figueiras. Ainda existem ruínas das antigas muralhas, e suas pedreiras continuam a fornecer pedras para as construções em Jerusalém.

2. Um filho de Bequer (1Cr 7.8).

3. Um dos chefes que assinaram a aliança com Neemias (Ne 10.19).

anciãos. Nas formas primitivas de governo, os homens idosos e de reconhecida experiência eram investidos de autoridade para assumir a direção dos negócios da comunidade e da administração pública como representantes do povo. Tal instituição não era, de maneira alguma, exclusividade de Israel, pois o Egito, Moabe e Midiã também tinham os seus "anciãos" (Gn 50.7; Nm 22.7); e, por semelhante modo, os gregos e os romanos. Na história do povo hebreu, eles aparecem, pela primeira vez, antes do êxodo (Êx 3.16- 18; 4.29; 12.21); depois disso, são, cada vez mais, mencionados na qualidade de representantes da comunidade, sendo eles um meio de que se servia o povo para comunicar-se com os dirigentes da nação — Moisés e Josué, os juízes e Samuel. Moisés, tendo sobre si o peso da administração da justiça, por conselho de Jetro, seu sogro, nomeou magistrados de vários graus de autoridade, delegando a eles a resolução das questões, com exceção dos casos mais graves (Êx 18.13-26). Em Êx 18.12, fica evidente que tais líderes foram escolhidos dentre os "anciãos de Israel". Acham-se exemplos dessas funções de magistratura em Dt 19.12; 21.2; 22.15; 25.7; Js 20.4; Rt 4.2. O cap. 11 do livro de Números narra o modo pelo qual Moisés, dirigido por Deus, nomeou um conselho de 70 anciãos para o auxiliar e o aliviar da sobrecarga. Como o Estado era essencialmente religioso, os anciãos de Israel partilhavam do mesmo Espírito de Deus que estava sobre Moisés. A tradição judaica da instituição do Sinédrio relaciona-se com esse fato. Os anciãos de Israel pediram a Samuel que lhes desse um rei (1Sm 8.5). Para mais informações sobre sua influência no tempo da monarquia, v. 2Sm 3.17; 5.3; 17.4; 1Rs 8.1; 12.6. Depois do exílio, ainda continuaram a representar o povo (Ed 5.5,9; 6.7,14; 10.8). Para anciãos, como sinônimo de presbíteros, no NT, V. IGREJA, BISPO E PRESBÍTERO.

âncora. Antigamente, a âncora era lançada da popa do navio (At 27.29). Nessa passagem, a referência talvez seja a uma âncora de quatro dentes, geralmente usada em águas de pouca profundidade, ou tratase de quatro âncoras distintas (V. NAVIO). Usada simbolicamente, a palavra "âncora" designa tudo o que sustenta a alma em tempos de violência e perturbação. A esperança tem uma admirável influência sobre a alma do crente e, por isso, é chamada "âncora da alma" (Hb 6.19). A âncora é um dos mais antigos símbolos usados na igreja cristã e acha-se em anéis e monumentos.

andorinha. É mencionada no salmo 84.3, em Pv 26.2, bem como em Is 38.14 e Jr 8.7. Essas passagens apresentam referências aos hábitos das andorinhas na construção de seus ninhos, ao seu voo rápido e incansável, ao tom de seu chilreio e à sua migração anual. Na Palestina, há muitas variedades de andorinhas.

André. *Varonil*. Irmão de Simão Pedro e um dos 12 discípulos. Nos Evangelhos sinópticos, ele é pouco mais do que um nome. A exceção das narrativas acerca da chamada dos primeiros quatro discípulos (Mt 4; Mc 1) e das listas dos 12 apóstolos, as outras referências são apenas as de Mc 1.29 e 13.3. No Evangelho de João, André aparece primeiramente como discípulo de João Batista (Jo 1.41), um dos dois que passaram a seguir Jesus. Logo que conheceu Jesus Cristo, anunciou as boas-novas a seu irmão Simão e o levou à presença do Mestre. Por esse motivo, tem sido considerado um modelo de missionário. Há outras referências no Evangelho de João (1.44; 6.8; 12.22). No livro de Atos, depois da lista registrada no cap. 1, André não é mais mencionado. A maior obscuridade é percebida no que se refere à sua obra apostólica, mas a tradição demonstra concordância em afirmar que André foi martirizado em Patras, na Acaia (Grécia). Antigos escritores declararam que ele foi atado, e não pregado, à cruz, para que, desse modo, seus sofrimentos se prolongassem.

anel. Tanto nos tempos antigos quanto nos modernos, os dedos sempre foram adornados com anéis. Com efeito, eles tinham um significado institucional. Foi nesse sentido que o faraó presenteou José com um anel, quando este foi investido de autoridade (Gn 41.42), e que Assuero também ofereceu um anel de presente a Hamã (Et 3.10). A razão disso reside no fato de, nesse tempo, o anel ser usado como selo de chancela, e os selos sempre foram muito comuns no Oriente, de modo que a marca, impressa no documento, equivalia à nossa atual assinatura. Exibia, frequentemente, a gravação do nome de seu proprietário, e era usado na mão direita (Jr 22.24). O pai do filho pródigo pôs-lhe um anel no dedo, como sinal de que ele tornava a desfrutar o favor paterno e o poder que tinha antes (Lc 15.22).

Aner. 1. Um dos três chefes hebronitas que cooperaram com Abraão na perseguição dos quatro reis invasores (Gn 14.13-24).

2. Cidade da meia tribo de Manassés, a oeste do rio Jordão, que foi dada aos coatitas (1Cr 6.70). Parece ser outro nome dado a Taanaque (Js 21.25).

anjo. *Mensageiro.* A doutrina dos anjos, na qualidade de assistentes de Deus e mensageiros de sua vontade, evidencia-se ao longo de toda a Bíblia. 1. A natureza dos *anjos*: Pouco se acha dito acerca disso. Os anjos geralmente aparecem na figura de homens (Gn 18; At 1.10) e, algumas vezes, revestidos de glória (Dn 10.5,6 e Lc 24.4). Os serafins mencionados em Isaías (6.2) e os querubins mencionados em Ezequiel (1.6) têm asas, fato esse que também se verifica no caso de Gabriel (Dn 9.21) e do anjo de Apocalipse (Ap 14.6). Em Hb 1.14, diz-se que eles são espíritos ministradores (cp. Mc 12.25).

2. *As funções dos anjos:* A princípio, eram mensageiros de Deus que, em nome deste, guiavam, orientavam, protegiam, fortaleciam, avisavam, repreendiam e puniam os seres humanos. Veja as narrações de Gn 18, 19, 22, 28, 32; Jz 2, 6, 13; 2Sm 24.16, 17; 2Rs 19.35 e compare com Sl 34.7; 35.5, 6; e 91.11. Nas mais antigas referências, o "Anjo do Senhor" não é distinto do próprio Senhor, pois é ele que fala (Gn 22.16; Êx 3.2-16; Jz 13.18-22). Há, também, a ideia de uma grande multidão de anjos (Gn 28.12; 32.2) que, num pensamento posterior, são

representados como o exército, a corte e o conselho de Deus (Sl 103.20,21; 89.7; Is 6.2-5; cp. Lc 2.13; Mt 26.5.1; Lc 12.8,9; Hb 12.22; Ap 5.11). Os anjos são guardas não só de indivíduos, mas também de nações (Êx 23.20; Dn 10.13-20). Cada igreja cristã tem o seu "anjo", como representante da presença e do poder de Deus na igreja; constitui-se numa garantia divina da vitalidade e da eficácia da igreja (v. Ap 2.1-8). Uma expressão de Jesus Cristo parece apoiar a crença de que cada pessoa tem no céu o seu anjo da guarda e de que o cuidado das crianças está a cargo dos mais elevados seres entre os ministros de Deus (Mt 18.10; cp. Lc 1.19). De acordo com tudo isso é que os anjos servem a Jesus (Mc 1.13; Lc 22.4.3); manifestam interesse pelo decoro nas reuniões da igreja (1Co 11.10) e pela salvação dos homens (Lc 15.10; 1Pe 1.12); tiveram sua participação na grandiosa revelação do Sinai (At 7.53; Gl 3.19; Hb 2.2) e executarão o juízo final (Mt 13.41). Dispõem-se em diferentes ordens. Dois são mencionados de modo especial: Miguel, um dos principais príncipes angélicos (Dn 10.13), "o arcanjo" (Jd 9), e Gabriel (Dn 8.16; Lc 1.19). Nos livros apócrifos, outros nomes aparecem, especialmente Rafael e Uriel. Há, também, referências a esses seres celestiais em Ef 1.21; Cl 1.16; 2.15; nesta última epístola, condena-se qualquer ideia de interpô-los entre Deus e os homens na qualidade de mediadores, honra essa que pertence exclusivamente a Jesus Cristo (Cl 1.14-20; 2.18). Algumas passagens (p. ex., Jd 6; 2Pe 2.4) referem- se misteriosamente a anjos caídos; e em Ap 12.9 constata-se que Satanás tem o seu exército de anjos. ano. Uma comparação entre Dn 7.25 e 12.7 e Ap 11.2,3 e 12.6 demonstra que esses textos fazem referência a um ano de 360 dias. Um tempo, dois tempos, e metade de um tempo, isto é, 42 meses ou 1.260 dias. Entretanto, um ano de 360 dias produziria alguns efeitos ruins, ou seja, as estações, as sementeiras, a ceifa e realidades afins, aos poucos, se dissociariam dos meses a que estavam relacionadas. Conjetura-se que, para corrigir tal problema, intercalava-se, no devido tempo, um mês especial, chamado de o segundo mês de adar. O ano sagrado principiava no mês de *abibe* (ou *nisã*), pelo tempo do equinócio da primavera. No dia 16 de *abibe*, as espigas de trigo, já maduras, deviam ser oferecidas como primícias da colheita (Lv 2.14; 23.10,11). Depois do exílio, um mês (o décimo terceiro) era acrescentado ao ano, todas as vezes que o duodécimo acabava tão longe do equinócio que não se podia fazer a oferta das primícias no tempo fixado. O ano civil principiava aproximadamente no tempo do equinócio do outono. V. CRONOLOGIA, TEMPO.

ano novo. A lua nova do sétimo mês (*tisri*, ou outubro) indicava o começo do ano civil, e a festa que se celebrava nesse dia, o dia do ano novo judaico, recebia o nome de Festa das Trombetas (Lv 23.23-25). Era um descanso solene que acontecia nove dias antes do Dia da Expiação. Com respeito ao serviço especial e aos sacrifícios do ano novo, v. Nm 29.1-6.

anticristo. Isto é, "rival de Cristo", ou "contra Cristo". O termo ocorre somente em 1Jo 2.18-22, 4.3 e 2Jo 7, em que a última hora é assinalada pela atividade de falsos mestres, "os quais não confessam Jesus Cristo vindo em carne". Mas a ideia aparece sob várias formas, na concepção geral de que o reino do Messias, ou de Cristo, será precedido e anunciado por uma terrível e mortal manifestação dos poderes do mal. Veja Ez 38; 39 e Dn 7.9,11,12. A base do ensino do NT pode achar-se nas palavras de Jesus, mencionadas em Mt 24.5-24. Paulo refere-se a essa última reunião de forças opostas ao espírito do evangelho como desvio da verdade (apostasia) e personifica-a no "homem da iniquidade", no "filho da perdição" (2Ts 2.3-12). Em 2Co 6.15, o apóstolo utiliza o termo "Maligno", aplicado na literatura judaica a esse mesmo conceito de

anticristo (cp. com a Epístola de Judas, com 2Pe 2 e 3 e com a "besta" de Apocalipse). É dessas passagens das Escrituras que se deduzem os traços característicos da apostasia do anticristo. Dois pontos são claros: 1. Que o anticristo é uma personificação, e não uma pessoa (v. 1Jo 2.18, em que ocorre a expressão "muitos anticristos"; deve-se também notar que Paulo troca a frase "o que o detém" por esta: "aquele que agora o detém", 2Ts 2.6,7). 2. Que o triunfo de Cristo sobre o anticristo é certo.

Antigo Testamento. O *título*: É difícil determinar se os termos "Pacto" ou "Testamento" representam com exatidão a palavra grega *diatheke* na frase *he kaine diatheke*, registrada em Lc 22.20 e 1Co 11.25 (cp. Hb 9.15). O que parece é que a palavra hebraica berith significa "um pacto", "uma aliança", quer entre homem e homem (Gn 31.44), quer entre Deus e o homem (Gn 15.18; Êx 19.5; Jr 31.31). A expressão "Antigo Testamento" compreende os livros do original hebraico, em geral pela ordem da tradução grega dos Setenta, ou *Septuaginta*. Nossa Bíblia distingue cuidadosamente os livros canônicos (os quais costumamos chamar de o AT) dos outros livros que denominamos apócrifos. (V. APÓCRIFOS.). A ordem hebraica, porém, é diferente da nossa. Consiste em três partes: primeiramente a Lei, isto é, o Pentateuco; em segundo lugar, os Profetas Anteriores e os Profetas Posteriores, de modo que os primeiros referem-se aos livros de Josué, Juízes, 1e 2Samuel e 1e 2Reis, e os últimos, aos Profetas Maiores, Isaías, Jeremias, Ezequiel, e ao Livro dos Doze, isto é, os Profetas Menores; em terceiro lugar, os Escritos, ou seja, os três Livros Poéticos (Salmos, Provérbios e Jó), os Cinco Volumes ou Rolos (Cântico dos Cânticos, Rute, Lamentações, Eclesiastes e Ester); Daniel, Esdras, Neemias e 1e 2Crônicas. É provável que tal disposição se baseie na ordem em que foram recebidos os diversos livros no cânon das Escrituras. (V. CÂNON.) importante chamar a atenção para o fato de que o atual texto da Bíblia hebraica é aquele que foi aceito pelos escritores denominados massoretas, dos séculos IX e X d.C. Eram eles judeus eruditos que se ocupavam das letras e vogais da língua hebraica, para acrescentá- las ao texto, tanto quanto possível, conforme a tradição (Massorá) que haviam recebido. Por uma análise comparativa de provas mais antigas (tal como o *Talmude* dos séculos V e Vi, a *Vulgata* de Jerônimo datada do ano 390 d.C., a *Mishná* do século III, as citações dos pais da Igreja e do NT, bem como as citações dos escritores Josefo e Fílon), podemos perceber que o texto do AT, elaborado pelos massoretas, era praticamente idêntico ao que estava em uso no início do século Ide nossa era. Pelo menos desde essa época, os judeus, ao que parece, conservaram o texto com escrupulosa fidelidade. Devemos recordar que o AT é, na sua essência, uma narrativa do modo pelo qual Deus preparou um povo, que deveria ser o depositário de sua revelação completa. O método empregado não é aquele que imaginaríamos, e, talvez, só agora possamos compreendê-lo mais detalhadamente. Parece-nos, portanto, que Deus não somente instruiu o povo de Israel, mas também preparou o meio em que ele deveria ser ensinado. Quanto a Abraão e aos seus descendentes imediatos, eles devem ter bebido da ciência babilônica e arábica. Moisés era um homem que tinha a instrução de um egípcio. Como foi educado na corte do faraó, é muito provável que ele não ignorasse a escrita cuneiforme da Babilônia. Quando os israelitas se estabeleceram na Palestina, entraram em contato, tanto para o bem quanto para o mal, com a cultura cananeia, que parece ter sido altamente desenvolvida. Davi e seu filho Salomão receberam influência de Tiro e de outras nações, ao passo que a Assíria e, mais tarde, a Babilônia e a Pérsia exerceram um poder mais do que militar e político sobre os

homens de Israel nos séculos vindouros. Na verdade, Israel, em certo sentido, vivia isolado, visto que se recusava a aceitar os falsos deuses das nações vizinhas; mas, em outro sentido, situava- se na rota principal entre a Babilônia e o Egito e fazia fronteira com os territórios de Moabe, Edom e das tribos do deserto, o que possibilitava assimilar o que havia de bom na vida social desses povos. Deus, que operara entre os pagãos, porque a Vida sempre foi a Luz dos homens (Jo 1.4), preparou seu povo escolhido não apenas separando-o para que Israel pudesse crescer em força mental e espiritual, mas também incutindo nele, de tempos em tempos, a instrução secular que o habilitasse para a realização de um progresso maior no conhecimento do Senhor. Israel, e somente Israel, pôde assimilar tudo isso; Israel, de modo crescente, tornou-se capaz de ser o recipiente da Encarnação. Evidentemente, o AT é um auxílio espiritual para nós. Na sua maior parte, os livros são históricos, de modo que os princípios expostos são exemplificados. Nele, não há sequer um israelita que seja apresentado sem defeito, e, por mais ilustre e bondoso que seja, quando algum deles pecou, seu pecado teve a respectiva consequência, seguido do castigo correspondente. Por outro lado, em cada caso é fácil delinear o efeito das boas atitudes na existência feliz de indivíduos e povos. Entretanto, o leitor cristão do AT obterá mais do que um conhecimento profundo dos princípios eternos e do que é necessário para a sua aplicação. Ele achará um auxílio espiritual muito direto. A vida dos santos que ali se acha descrita (porque muitos israelitas foram santos, apesar de sua relativa ignorância de uma revelação mais elevada sobre a vontade de Deus) lhe infundirá coragem e, ao mesmo tempo, o levará a prostrar-se, humilde e envergonhado, perante o Senhor de infinita misericórdia, porque, não obstante os altos privilégios cristãos, sua vida encontra-se aquém destes. Ele se gloriará na esperança da perfeição social anunciada pelos últimos profetas, esperança essa que, por enquanto, só teve realização parcial na vinda do Messias, cuja obra foi apenas iniciada. Acima de tudo, ele procurará entrar no espírito dos Salmos, pois foram escritos por homens que, evidentemente, viviam em íntima comunhão com Deus e tinham progredido muito na vida espiritual. Nenhum cristão devoto pode seguramente desprezar o estudo teológico do AT, ainda que seu conhecimento do Evangelho seja grande.

Antíoco. Esse nome não se encontra nas Escrituras, mas há várias referências aos monarcas que foram chamados por esse designativo. *Antíoco* II foi um dos reis a que se refere a passagem de Dn 11.6: "Mas, ao cabo de anos, eles se aliarão um com o outro". Era rei da Síria e entrou em guerra contra o rei do Egito (Ptolomeu Filadelfo). Foi selada a paz no ano 250 a.C.; Ptolomeu, "o rei do Sul", deu em casamento sua filha Berenice a Antíoco, "o rei do Norte", que se separou de sua primeira mulher, Laudice. Quando Ptolomeu morreu (247 a.C.), Laudice e seus filhos foram de novo chamados à corte. E "não pôde Berenice conservar o poder", pois Laudice envenenou Antíoco, que "tinha sustentado" aquela sua rival, e mandou que ela e seu filho fossem assassinados (Dn 11.6). Depois da morte de Antíoco, Ptolomeu Euergetes, irmão de Berenice ("um renovo da linhagem dela"), procurou vingar-se da morte de sua irmã, invadindo a Síria. Nessa invasão, Laudice foi morta, seu filho foi deposto do trono por algum tempo, e o país inteiro foi saqueado (Dn 11.7-9). As hostilidades continuaram por muitos anos, e um neto de Antíoco ameaçou lançar por terra o poder do Egito (Dn 11.9,10). *Antíoco* III, rei da Síria, cognominado o *Grande*, era neto de Antíoco II. Uniu-se a Filipe III da Macedônia com o fim de conquistar e dividir os domínios egípcios. Algumas facções dos judeus abraçaram a mesma

causa (Dn 11.14). Todavia, Antíoco e Filipe foram obrigados, por causa de perturbações nos seus países, a desistir do seu empreendimento. A consequência desse fato foi que o rei do Egito assenhoreou- se de Jerusalém e recuperou o território que havia perdido. No ano 198 a.C., Antíoco reapareceu em cena e aprisionou Scopas e suas tropas que se tinham refugiado em Sidom (Dn 11.15). Os judeus receberam Antíoco como seu libertador, o qual permaneceu ali para que se cumprisse a Escritura: "estará na terra gloriosa, e tudo estará em suas mãos" (Dn 11.16). Mais tarde, Antíoco deu em casamento sua filha Cleópatra a Ptolomeu Epifânio, rei do Egito, e concedeu a este, por dote, as províncias da Fenícia, porém ela favoreceu mais os interesses de seu marido do que os de seu pai. Em 187 a.C., Antíoco atacou o templo de Belos, em Elimais, onde foi assassinado pelo povo que acorreu em defesa do seu santuário. Assim, ele tropeçou, caiu, e não foi mais achado (Dn 11.19). Com respeito aos judeus, Antíoco não somente lhes deu inteira liberdade de culto, mas também fez ricas doações ao templo, favorecendo em muito os sacerdotes. Em apreço à fidelidade dos judeus, transportou 2 mil famílias israelitas da Mesopotâmia para a Lídia e Frígia, a fim de dissolver as tendências revolucionárias que se tinham manifestado naquelas províncias. *Antíoco* IV, Epifânio, rei da Síria, filho mais novo do anteriormente mencionado. Seleuco, o filho mais velho, foi morto por Heliodoro, que usurpou a coroa. Este foi expulso por Antíoco, que obteve, por si mesmo, "o reino com intrigas", pela exclusão de Demétrio, o filho de Seleuco (Dn 11.21). Depois disso, promoveu quatro campanhas bem-sucedidas contra o Egito, e a conquista deste país só não foi completa porque houve a intervenção dos romanos (Dn 11.24). Foi um rei esbanjador; por isso, durante o seu reinado, a situação da Palestina era de turbulência. Na sua segunda campanha (170 a.C.), quando voltou do Egito, tomou Jerusalém de assalto, saqueou o templo e deu ordens para a execução de uma terrível carnificina. Dois anos mais tarde, ocupou a cidade e a fortificou. O templo foi profanado, e a observância da Lei, proibida. No Lugar Santo, realizou-se um sacrifício a Júpiter Olimpo (Dn 11.29,30,31). Matatias e seus filhos, "ajudados com pequeno socorro" (Dn 11.34), organizaram a resistência contra ele, a fim de manter intactos, dessa maneira, a fé e o nome de Israel. Antíoco voltou suas armas para o Oriente (Dn 11.44). Em vão, tentou saquear o rico templo de Naneia (talvez com "o desejo de mulheres", Dn 11.37), em Elimais. Por fim, chegou ao fim de sua vida no ano 164 a.C., sem socorro de qualquer pessoa (Dn 11.45). O livro de Daniel dá grande destaque ao reinado de Antíoco IV. Sem consideração alguma pelos deuses de seus pais (Dn 11.37), ele era incapaz de apreciar o valor da religião das outras pessoas; tornou-se, assim, o símbolo dos inimigos de Deus (Dn 11.36,37). É considerado uma figura do anticristo, que resistia com todo o seu poder a tudo que era divino.

Antioquia. Havia duas importantes cidades com esse nome: 1. *Antioquia da Síria*. Depois de Jerusalém, nenhuma cidade tem uma relação mais íntima com a história dos primórdios do cristianismo do que Antioquia da Síria. Os cristãos que tiveram de sair de Jerusalém, após a morte de Estêvão, pregaram o evangelho em Antioquia. Foi nesse lugar que Paulo censurou Pedro, por conduzir- se de modo contrário ao que fora decidido pela igreja de Jerusalém quanto aos gentios, conforme as razões trazidas pelos emissários da igreja de Jerusalém aos cristãos de Antioquia (Gl 2.11,12). Nessa cidade, foi organizada a primeira igreja gentílica (At 11.20, 21); ali, pela primeira vez, os discípulos de Jesus Cristo foram chamados "cristãos". Em Antioquia,

Paulo realizou um trabalho ministerial sistemático; de lá, partiu para realizar sua primeira viagem missionária e para lá retornou. Depois do Concílio de Jerusalém (cujas resoluções foram especialmente dirigidas aos gentios convertidos em Antioquia, At 15.23), o apóstolo iniciou sua segunda viagem missionária a partir dessa mesma cidade e, ao final, para ela regressou. Antioquia ainda foi o ponto de partida da terceira viagem missionária de Paulo, cujo fim foi marcado pela prisão do apóstolo em Jerusalém e Cesareia. Essa famosa cidade foi fundada no ano 300 a.C. Os judeus, em grande número, estabeleceram-se ali desde o início, e eram governados pelo seu próprio chefe, além de desfrutarem os mesmos privilégios políticos que os gregos. Certamente, essa é a Antioquia do período romano, mencionada no NT. Seus cidadãos tornaram-se notáveis pela maneira rude de tratar as questões e pelo hábito de designar apelidos ou cognomes. Talvez o nome "cristãos" tenha sido dado aos discípulos do divino Mestre por escárnio. Dafne, o célebre santuário de Apolo, situava- se nas suas proximidades. A atual cidade de Antakya é um povoado reduzido que vive em condição de miséria. 2. *Antioquia da Pisídia* é mencionada em At 13 e 14 e em 2Tm 3.11. Tudo o que resta dessa cidade, em nossos dias, são ruínas, algumas delas importantes, como as de um templo, de um teatro, de uma igreja e de um belo aqueduto. A pregação de Paulo na sinagoga de Antioquia resultou na conversão de um grande número de gentios. Esse fato irritou de tal maneira os judeus que eles se opuseram fortemente a Paulo e o obrigaram a partir para Icônio e, em seguida, para Listra. Ao retornar de Listra, Paulo voltou a Antioquia com o fim de confirmar a fé dos convertidos. Esses fatos aconteceram por ocasião da primeira viagem missionária em que Barnabé acompanhou Paulo. As palavras de 2Tm 3.10,11 demonstram que Timóteo estava bem informado sobre o que o apóstolo sofrera durante sua primeira visita a Antioquia da Pisídia.

apedrejamento. Entre os judeus, o apedrejamento era um método muito usado na execução da pena de morte. Qualquer crime que merecesse a morte, com exceção do que a Lei estabelecia expressamente de outra forma, era punido com o apedrejamento. As testemunhas deviam arremessar as primeiras pedras (Dt 17.7). Há muitas referências a esse costume no AT: Êx 8.26; 19.13; 21.28-32; Lv 20.2,10,27; Dt 13.5,10; 1Rs 21.10. Nas passagens do NT, o apedrejamento é não somente uma punição legal, mas também um ato de violência da população (Lc 13.34; Jo 8.5; 10.31-33; At 5.26; 7.58,59; 14.19).

Apocalipse: *O livro da Revelação.* Chama- se assim o último livro da Bíblia pelo fato de conter as doutrinas proféticas reveladas ao autor por Jesus Cristo. A sua autoria é atribuída no próprio livro a João (1.1,4,9; 22.8), servo de Jesus Cristo (1.1), "o qual atestou a palavra de Deus e o testemunho de Jesus Cristo" (1.2). A igreja primitiva, num testemunho praticamente unânime, atribuiu a autoria de Apocalipse ao apóstolo João, filho de Zebedeu, o mesmo que escreveu o quarto Evangelho. No que diz respeito à data do livro, há muita controvérsia. A questão principal é saber se o exílio de João na ilha de Patmos, pequena ilha do mar Egeu, aconteceu quando Nero era imperador de Roma (54 a 68 d.C.) ou no tempo do imperador Domiciano (81 a 96 d.C.). O livro tem o mesmo caráter profético que distingue os livros de Daniel e Ezequiel. Essa literatura apocalíptica teve sempre por finalidade encorajar o povo judeu, em tempos de desgraça nacional, com a certeza de um futuro glorioso pela vitória do tão esperado Libertador de Israel. O conteúdo do livro pode ser dividido da seguinte maneira: A primeira parte (cap. 1—3) refere- se às "coisas que são" e compreende uma visão preparatória das

perfeições divinas, da simpatia do Redentor para com os homens, bem como as cartas aos "anjos", que são personificações do espírito de cada uma das sete igrejas. Cada uma dessas cartas ou epístolas consta de três partes: 1) a introdução, que se refere sempre a alguns dos atributos daquele que fala à igreja, tomados da visão anterior, nos quais se observa uma ordem progressiva e uma adaptação ao sentido geral da epístola que vem a seguir; 2) uma descrição das características da igreja com o respectivo encorajamento, admoestação e censura; 3) e as promessas de uma recompensa aos que vencerem, promessas que são feitas a todas as igrejas. A parte restante do livro (cap. 4—22) contém a revelação profética das coisas "que hão de acontecer depois destas". Há uma série de visões que mostram, por meio de imagens simbólicas e linguagem figurada, os conflitos e sofrimentos do povo de Deus, bem como a ação da providência divina sobre os que perseguem os fiéis. A conclusão descreve a queda da mística Babilônia, que é a figura do erro, e exibe a triunfante nova Jerusalém, a Igreja aperfeiçoada. O conteúdo completo do livro também pode dividir-se em sete partes, sem contar o prólogo que abrange os oito primeiros versículos do cap. 1. 1) As sete epístolas às sete igrejas (cap. 1—3); 2) os sete selos (4.1—8.1); 3) as sete trombetas ressoantes (8.2—11.19); 4) as sete figuras místicas (cap. 12—14): a mulher vestida do sol, o dragão vermelho, o filho varão que nasce da mulher, a primeira besta que saiu do mar, a segunda besta que se levantou da terra, o Cordeiro no monte Sião, o Filho do homem sobre a nuvem; 5) o derramamento das sete taças (cap. 15 e 16); 6) a aniquilação dos inimigos da Igreja (cap. 17—20); 7) as glórias da cidade santa, a nova Jerusalém (21.1—22.5); Epílogo (22.6-21).

A interpretação das profecias tem sido assunto para grandes discussões. As diferentes teorias podem ser dispostas em quatro parágrafos:

1) A interpretação preterista propõe que as profecias do Apocalipse tiveram seu cumprimento nos primórdios da era da Igreja. Os críticos do sistema preterista alegam que uma grande parte do livro reporta-se ao tempo da perseguição imposta por Nero e da revolta judaica. Os sete reis de que fala Ap 17.10 são os imperadores Augusto, Tibério, Gaio Calígula, Cláudio, Nero, Galba e Oto. O que é dito em 13.18 com respeito ao número da besta, 666, corresponde, segundo esse sistema de interpretação, ao valor numérico das letras hebraicas utilizadas na escrita das palavras Nero César.

2) A escola histórica de interpretação considera tais profecias como um delineamento dos grandes acontecimentos da história do mundo, ou da Igreja, desde os tempos apostólicos até o fim do mundo.

3) A escola futurista de interpretação alega que a maior parte desta série de profecias, ou todas elas, diz respeito a acontecimentos que se concretizarão um pouco antes da segunda vinda de Cristo. Segundo essa teoria, o anticristo, ou a besta apocalíptica, será a infidelidade em pessoa, o qual reinará sobre toda a extensão do antigo Império Romano e perseguirá implacavelmente os santos somente durante um período de três anos e meio, depois do que Cristo voltará para destruir aquele ímpio poderoso.

4) O quarto sistema de interpretação, denominado de espiritual ou ideal, considera o Apocalipse como uma manifestação pitoresca de grandiosos princípios em constante conflito, embora sob várias formas, e de caráter eclético. É importante observar a correspondência de linguagem em certas expressões, entre o Evangelho de João e o livro de Apocalipse:

I. A aplicação do título "Verbo de Deus" a Jesus (19.13). Esse nome "o verbo" ocorre somente no NT e apenas nos escritos de João (cf. Jo 1.1 e 1Jo 1.1).
II. A ideia de designar o Redentor da humanidade pelo nome de Cordeiro ocorre 25 vezes no livro de Apocalipse, e também em Jo 1.29,36.
III. Nas cartas às sete igrejas, observa-se o uso repetido do termo "vencer", no sentido de destruir o mal do mundo (Ap 2 e 3; v. tb. 12.11; 15.2; 17.14-21; cf. ainda 1Jo 2.13,14; 4.4; 5.4,5).
IV. O termo "verdadeiro", no sentido de real, genuíno, em oposição a fictício, acha-se 13 vezes no Evangelho e nas epístolas de João, e 10 vezes no livro de Apocalipse (cf. 3.7; 19.11; Jo 1.14; 15.1; 1Jo 5.20).
V. A expressão "quantos o traspassaram" (1.7) acha-se somente em Jo 19.37 e relaciona-se com a passagem de Zc 12.10, cuja tradução difere da *Septuaginta*.
VI. A ideia enfática de João em seu Evangelho, traduzida da língua grega pelo substantivo e seu verbo correspondente, "testemunho" e "testificar", significa uma declaração ou confissão pública de crença em Jesus Cristo, e encontra-se, também de modo proeminente, no livro de Apocalipse (v. Ap 1.2,9; 6.9; 12.11,17; 19.10; 20.4; 22.18,20).

apócrifos, livros; livros não canônicos.
1) A palavra "apócrifo" significa oculto e, com toda a probabilidade, foi o termo inicialmente empregado por certas seitas para designar os livros que eram guardados secretamente para seu uso exclusivo. Mais tarde, o termo "apócrifo" foi aplicado para designar os livros espúrios e, atualmente, restringe seu significado aos livros não canônicos.
2) Os livros apócrifos do AT. Estes não faziam parte do cânon hebraico, mas eram relativamente aceitos pelos judeus de Alexandria que liam o grego e por judeus de outros lugares. Alguns desses livros são citados no Talmude. A exceção de 2Esdras, Eclesiástico, Judite, Tobias e 1Macabeus, esses livros foram primeiramente escritos em grego, mas o seu conteúdo varia em diferentes coleções. Os livros apócrifos, por sua ordem usual, são os seguintes:
I(ou III) Esdras: Trata dos fatos históricos desde o tempo de Josias até Esdras, sendo a maior parte da matéria tirada dos livros das Crônicas, de Esdras e de Neemias. Foi escrito talvez no século ia.C.
II(ou IV) Esdras: Uma série de visões e profecias, especialmente apocalípticas, que Esdras anunciou. Data do final do século id.C.
Tobias: Uma narrativa lendária interessante pelo conhecimento de costumes dos tempos antigos de Aicar. Data do início do século II a.C.
Judite: Uma história a respeito da libertação dos judeus do poder de Holofernes, general persa, por intermédio da corajosa heroína Judite. Foi escrito em meados do século II a.C.
Ester: Capítulos adicionados à obra canônica. Data, provavelmente, do século II a.C.
Sabedoria de Salomão: Livro escrito semelhança de estilo do livro de Provérbios, sendo precioso por estabelecer o contraste entre a verdadeira sabedoria e o paganismo. A data do seu aparecimento deve ser entre os anos 50 a.C. e 10 d.C.
Eclesiástico ou Sabedoria de Jesus, filho de Siraque: É uma coleção de ditos prudentes e judiciosos em forma muito semelhante ao livro de Provérbios. Foi originariamente escrito em hebraico, por volta de 180 a 175 a.C., e traduzido para o grego depois de 132 a.C. A maior

parte do original hebraico foi descoberta nos anos de 1896 a 1900 d.C. Baruque: Uma suposta profecia feita por Baruque na Babilônia, com uma epístola ao mesmo Baruque escrita por Jeremias. É provável que tenha sido escrita no século II a.C. Adições ŕ História de Daniel: 1) O cântico dos trẹs jovens (*Benedicite*, com uma introdução); 2) A história de Susana, que apresenta Daniel como um juiz justo; 3) Bel e o dragão, em que Daniel mostra a loucura do paganismo. Há pouca base para se determinar a data de tais adições. Oração de Manassés, rei de Judá, durante seu exílio na Babilônia. A data é desconhecida. Primeiro Livro dos Macabeus, que narra os fatos da revolta dos macabeus ocorrida a partir do ano 167 a.C. Foi escrito em cerca do ano 80 a.C. Segundo Livro dos Macabeus, cujo assunto assemelha-se ao primeiro livro, porém sua forma é mais lendária e homilética. Foi escrito um pouco depois do primeiro. Há também o Terceiro Livro dos Macabeus, que, ao que parece, é uma história fictícia do ano 217 a.C., tratando das relações do rei egípcio Ptolomeu IV com os judeus da Palestina e Alexandria. Há incerteza quanto à sua data, porém pode-se dizer que é anterior ao ano 70 d.C. Existe ainda o Quarto Livro dos Macabeus, que é um ensaio homilético sobre o assunto contido em 2Macabeus, feito por um judeu de Alexandria de influência filosófica estoica. Foi provavelmente escrito no século id.C. Ainda que os livros apócrifos tenham sido incluídos na Septuaginta, nenhuma citação exata se faz deles no NT. É verdade que os pais da Igreja muitas vezes os citaram isoladamente, como se fossem Escritura Sagrada, mas, na argumentação, distinguiam os apócrifos dos livros canônicos. No final do século IV, Jerônimo estabeleceu uma distinção muito clara entre esses livros e os canônicos. Com o fim de defender-se de ter limitado sua tradução latina da Bíblia aos livros do cânon hebraico, ele declarou: "Qualquer livro, além destes, deve ser contado entre os apócrifos". Contudo, Agostinho (354—430 d.C.), que não sabia hebraico, juntava os apócrifos aos livros canônicos, com a finalidade de diferenciá-los dos livros heréticos. Infelizmente, prevaleceram as ideias deste último escritor, de modo que os livros apócrifos constaram da edição oficial (a Vulgata) da Igreja de Roma. O Concílio de Trento (1546 d.C.) aceitou "todos os livros [...] com igual sentimento e reverência" e anatematizou os que não os consideravam de igual modo. Na época da Reforma, a Igreja anglicana, nos seus 39 artigos (1563 e 1571 d.C.), seguiu precisamente a maneira de ver de Jerônimo, não julgando os apócrifos como livros das Escrituras Sagradas, mas aconselhando sua leitura "para exemplo de vida e instrução de costumes".
3) *Livros pseudepígrafos.* Nenhum artigo sobre os livros apócrifos pode desconsiderar na íntegra tais livros, porque de ano para ano cresce o entendimento de sua importância. Denominam-se pseudepígrafos porque se apresentam na qualidade de escritos pelos santos do AT. Eles são amplamente apocalípticos; representam esperanças e expectativas que não produziram boa influência no cristianismo primitivo. Entre esses, podem ser mencionados os seguintes: O Livro de Enoque (escrito em etiópico), que é citado em Jd 14. Atribuem-se várias datas no transcurso dos últimos dois séculos a.C. Os Segredos de Enoque (escrito em eslavo), da autoria de um judeu helenista, ortodoxo, na primeira metade do século I d.C. O Livro dos Jubileus (dos israelitas), ou O Pequeno Gęnesis, que trata de particularidades do Gênesis de uma forma imaginária e mitológica. Foi escrito por um fariseu entre os anos 135 e 105 a.C. Os Testamentos dos Doze Patriarcas: O livro estabelece um modelo de elevado ensino moral.

Pensa-se que o original hebraico foi composto entre os anos 109 e 107 a.C. e que sua tradução grega, forma em que a obra chegou até nós, foi elaborada antes de 50 d.C. Os Oráculos Sibilinos, Livros III—V, são descrições poéticas das condições passadas e futuras dos judeus. Sua parte mais antiga data, aproximadamente, do ano 140 a.C., e a porção mais recente data, aproximadamente, do ano 80 de nossa era. Os Salmos de Salomão, entre 70 e 40 a.C. As Odes de Salomão (c. 100 d.C.) são, provavelmente, escritos cristãos. O Apocalipse siríaco de Baruque (ou 2Baruque), cuja data provável é de 60 a 100 d.C. O Apocalipse grego de Baruque (ou 3Baruque), do século II d.C. A Assunção de Moisés, de cerca de 7 a 30 d.C. A Ascensão de Isaías, do século I ou II d.C.

4) *Os livros apócrifos do NT*. Sob esse título, classificam-se vários escritos cristãos de data remota, os quais pretendem fornecer novas informações acerca de Jesus Cristo e seus apóstolos, ou novas instruções sobre a natureza do cristianismo em nome dos primeiros cristãos. Entre os evangelhos apócrifos podem mencionar-se: O Evangelho segundo os Hebreus (há fragmentos do século II); O Evangelho segundo Tiago, tratando do nascimento de Maria e de Jesus (século II); Os Atos de Pilatos; Atos: os de Paulo e Tecla (século II) e os de Pedro (século III); Epístolas: a de Barnabé (fim do século I); Apocalipses: o de Pedro (século II). É tão raro encontrar-se um livro não canônico anexo a manuscritos do NT que nunca se considerou, com seriedade, a inclusão de qualquer deles no cânon.

Apolo. Judeu eloquente de Alexandria que veio a Éfeso, durante a ausência de Paulo, e nessa cidade foi instruído com mais exatidão na doutrina de Jesus Cristo por Áquila e Priscila. Por conselho destes, dirigiu-se a Corinto, onde foi bem-sucedido em seu ministério, especialmente nos debates com os judeus (At 18.24-28). Quando Paulo escreveu 1Coríntios, a igreja de Corinto estava dividida em vários partidos; uns cristãos eram do partido de Apolo em oposição a outros que arrogavam a si próprios os nomes de Paulo, Cefas e Cristo (1Co 1.12; 3.4-6,22; 4.6). Apolo não era, de modo nenhum, responsável por aquele cisma, pois é fato que Paulo tinha inteira confiança nele (1Co 16.12). Com exceção da referência que lhe é feita em Tt 3.13, nada mais se sabe a seu respeito.

apóstolo. Essa palavra significa mais do que um "mensageiro"; seu significado literal é o de "um enviado", incorporando a ideia de representação autorizada da pessoa que enviou. O apóstolo é um enviado, um delegado, um embaixador. I. *Nos Evangelhos:* Lucas nos diz que o nome "apóstolos" foi designado por Jesus Cristo aos Doze (6.13) e, em mais quatro passagens, emprega o termo em relação aos discípulos (9.10; 17.5; 22.14; 24.10). Em cada um dos outros Evangelhos, o termo ocorre apenas uma vez (Mt 10.2; Mc 6.30; Jo 13.16). No livro de Atos e nas Epístolas, especialmente nos escritos de Paulo, a palavra é frequente. A razão é clara: Jesus chamou alguns "discípulos" para conviverem mais de perto com ele e aprenderem a Palavra do Evangelho, a fim de enviá-los por toda parte como seus representantes. Daqui se depreende que as ideias essenciais do apostolado devem estar contidas em todas as relações do Mestre com os 12 apóstolos, ainda que este termo designe, com mais propriedade, os casos em que o discípulo vai numa missão a qualquer lugar, seja para tratar de serviços temporais durante a vida de Cristo, seja para sustentar a obra evangélica depois da morte do Mestre. A ideia se expressa com profundidade e precisão de significado no Evangelho de Marcos, ao afirmar que Jesus "chamou

os que ele mesmo quis, e vieram para junto dele. Então designou doze para estarem com ele e para os enviar a pregar" (Mc 3.13,14). Na significação do verbo "enviar", inclui-se a ideia de apóstolo (do gr. *apostello*, "eu envio"). O estudo primário do significado de "apóstolo", com base nos Evangelhos, deve desenvolver-se em torno destes três aspectos: chamada, instrução e missão. Basta indicar aqui algumas características de cada aspecto, conforme se acha na narrativa originalmente simples do Evangelho de Marcos.

1) *Chamada.* O primeiro ato do ministério público de Jesus Cristo é a chamada de Simão e André, Tiago e João, para acompanharem- no, a fim de fazer deles "pescadores de homens" (Mc 1.16-20). Uma estranha autoridade se nota na maneira de chamar, correspondendo-lhe uma resposta imediata; estas características aparecem na chamada seguinte, a de Levi (2.14), e, ainda, na nomeação dos Doze (3.13-19). Não se trata de uma adesão gradual a qualquer doutrina nova, a algum novo mestre. O próprio Jesus toma tal iniciativa tendo em vista a sua missão.

2) *Instrução.* Na primeira parte do Evangelho, os discípulos são testemunhas e companheiros de Jesus no ministério público deste, porém menciona-se ali a instrução objetiva do Mestre (4.10-25,35-41; 6.7-11,31,47-52; 8.14-21). Entretanto, a convivência com Jesus habilitou Pedro, como que falando por todos, a fazer a grande confissão: "Tu és o Cristo" (8.29). A essa confissão, seguiu-se a predição de Cristo, repetida três vezes, acerca de sua paixão (8.31; 9.31; 10.33), proporcionando-lhes lições sobre renúncia, humildade e serviço. O que se pode inferir ao ler o Evangelho de Marcos é que desde o tempo do ministério na Galileia, e depois de partirem dessa província, Jesus consagrou-se cada vez mais à instrução e educação dos Doze. Tal conclusão é sustentada com muitos outros detalhes por Mateus e Lucas e confirma-se pelo maravilhoso discurso de Jesus (Jo 13—17).

3) Missão. A missão temporária da qual trata o texto de Mc 6.7-13 pode ser considerada típica. Insiste-se na simplicidade da provisão material como algo de grande valor para que se concentrassem na urgência do trabalho. Essa confiança também é acentuada no grande discurso registrado em Mt 10 (cf., ainda, Lc 10.1-24, sobre a missão dos setenta). Os discípulos são por Jesus investidos de autoridade e, ao regressarem, relatam ao Mestre tudo o que tinham feito e ensinado.

II. *No Livro de Atos e nas Epístolas.* A suprema autoridade dos apóstolos na igreja primitiva acha-se indicada em At 1.1-11 e evidencia-se por todo o livro. Com a escolha de Matias para o lugar que Judas deixara por causa da sua traição, o círculo dos Doze se completou. Esse fato demonstra que, para o apostolado, era essencialmente requerido que o eleito tivesse sido companheiro de Jesus, desde o batismo deste até a sua ascensão. Todavia, por causa das necessidades prementes da Igreja em seu grande desenvolvimento e pela livre concessão do Espírito Santo, os limites do apostolado deixaram de ter aquela estreiteza. Por ato da igreja de Antioquia (At 13.1-3), Barnabé e Saulo foram constituídos apóstolos; o título lhes é conferido em At 14.4,14. Paulo não somente reivindica com veemência esse atributo para si (Rm 1.1; 1Co 1.1; 2Co 1.1; 1Co 9.1; 2Co 11.5; Gl 1.1), mas também associa consigo Barnabé (Gl 2.9; 2Co 9.5,6). É provável que Paulo também quisesse aplicar o mesmo designativo a Tiago, o irmão do Senhor (1Co 9.5; 15.7; Gl 1.19), a Silvano (1Ts 2.6) e, até mesmo, a cristãos menos conhecidos na história da igreja primitiva, tais como Andrônico e Júnias (Rm 16.7). Contudo, a extensão do círculo apostólico ficou limitada a uma condição essencial: um apóstolo

obrigatoriamente precisaria ter visto o Senhor (1Co 9.1) para poder testemunhar, de imediato, aquilo que era o objeto de fé da Igreja — Cristo ressuscitado (1Co 15.8). Além disso, deveria haver nele uma clara consciência da chamada divina e de sua nomeação (Rm 1.1; 1Co 1.1), servindo ao Senhor com os sinais que credenciavam um apóstolo (2Co 12.12; 1Co 9.2).É por causa da combinação dessas aptidões que os apóstolos são posicionados em primeiro lugar na ordem dos dons que Deus concedeu à sua Igreja (1Co 12.28; Ef 4.11). Eles se conservavam numa relação espiritual com Jesus Cristo, que os tornou fiéis depositários e pregadores autorizados da sua Palavra (cf. 2Pe 3.2, bem como, por repetidas vezes, na obra dos escritores da igreja primitiva: Ef 2.20 e Ap 21.14). De acordo com tais critérios, a prova da apostolicidade foi, mais tarde, requerida nos escritos que, por fim, vieram a ser parte constituinte do cânon do NT.

aqueduto. Quando o exército da Assíria se aproximava de Jerusalém, o rei Ezequias mandou tapar o manancial superior das águas de Giom, fazendo-as correr por meio de um canal para o lado ocidental da cidade (2Cr 32.4,30). Isso foi feito com o fim de garantir um suprimento de água para os habitantes da cidade e desviá-lo dos invasores. Há outras referências feitas ao "aqueduto do açude superior", e também a outro aqueduto, construído por ordem de Ezequias (2Rs 18.17; Is 7.3; 36.2; 2Rs 20.20; v. tb. Is 22.9,11). Até hoje, existem ruínas de vários aquedutos, um deles construído pelo rei Salomão para levar a água que vinha de uma distância de 24 km dos "poços de Salomão" e de Belém até Jerusalém.

Áquila. *Águia.* Um judeu que, por força de um édito de Cláudio, foi obrigado a sair de Roma com sua mulher, Priscila. Paulo encontrou o casal em Corinto, por ocasião da sua primeira visita a essa cidade, e trabalhou com eles no ofício de fazer tendas. Passados dezoito meses, Paulo partiu para Éfeso, na companhia de Áquila e Priscila, onde estes ficaram, enquanto Paulo dirigiu- se para a Síria. Em Éfeso, Áquila e sua mulher dispuseram-se a orientar melhor o pregador Apolo na doutrina de Cristo, uma vez que ele fora parcialmente "instruído no caminho do Senhor" (At 18.24-26). A seriedade de sua fé cristã demonstra-se no fato de que os cristãos, tanto em Roma quanto em Éfeso, reuniam-se na casa de Áquila e Priscila para realizarem seus cultos (1Co 16.19; Rm 16.5), além de serem descritos por Paulo, na saudação ao final da Epístola aos Romanos, como pessoas que "pela minha vida arriscaram a sua própria cabeça", referindo-se ao cuidado que Áquila e Priscila demonstraram com o apóstolo em certas ocasiões de tumulto e perigo (Rm 16.4).

Arã. *Levantada* (?). 1. País localizado ao norte e nordeste da Palestina, numa planície situada 600 m acima do mar Mediterrâneo. Estendia-se desde o Líbano, Fenícia e Mediterrâneo até o Eufrates (Nm 23.7; 1Cr 2.23). Incluía, até certa extensão, a Mesopotâmia e o território a que chamam Síria, sem a Palestina. V. SÍRIA. (Deve-se notar que a Síria dos tempos bíblicos difere da atual Síria). O país foi povoado por Arã, o quinto filho de Sem, cujos descendentes colonizaram as terras férteis ao norte da Babilônia, chamadas Arã, "entre dois rios", o Eufrates e o Tigre, sendo-lhes mais tarde dado o nome de Mesopotâmia pelos gregos, e de Padã-Arã, pelos hebreus (Gn 25.20; 28.2). Nas Escrituras, Arã geralmente é traduzido pelo termo "Síria". As regiões montanhosas fazem parte da alta e extensa cordilheira, conhecida pelo nome de Líbano, na qual se incluem os montes Hermom e Hor. Seus principais rios são o Orontes, o Abana e o Farfar. Durante o período da história do AT, Arã achava-se dividido em diversos pequenos

reinos, que, por vezes, variavam em extensão e poder. Os principais eram: Síria de Damasco, Zobá, Hamate, Arã-Naaraim, Padã-Arã, Maaca, Bete-Reobe e Gesur. No tempo de Davi, Zobá era o mais poderoso desses Estados; mais tarde, porém, a autoridade soberana foi transferida para Damasco (1Rs 11.24; Is 7.8). Depois disso, o reino foi submetido por Joabe e tornou-se dependente da monarquia judaica. Salomão perdeu o controle de Damasco, e Roboão, o restante do país (V. DAMASCO). Nos primórdios da história dos heteus, a parte norte de Arã era habitada por esse povo (V. HETEUS). Era a pátria de Balaão (Nm 23.7). V. SÍRIA. 2. Filho de Sem (Dn 10.22, 23; 1Cr 1.17). 3. Filho de Quemuel (Gn 22.21).

Arabá. *A planície, o deserto.* Arabá é aquele vale profundo que forma a mais admirável característica da Palestina, estendendo-se de ambos os lados do rio Jordão, desde o mar da Galileia, ao norte, até o golfo Elanítico, no mar Vermelho, constituindo uma das mais notáveis depressões da superfície do globo terrestre. A parte meridional desse vale irregular, particularmente o sul do mar Morto, ainda é chamada de Arabá e atrai especial interesse por ter sido palco das peregrinações dos filhos de Israel, após serem repelidos do sul da terra prometida. A região é, na sua maior parte, terrivelmente desoladora, com vegetação tremendamente escassa sob um sol ardente, tal como se lê: "Terra seca e deserta, terra em que ninguém habita, nem passa por ela homem algum" (Jr 51.43). A palavra acha-se em Js 18.18; mas geralmente, em lugar de Arabá, traduz-se pelo termo "planície".

Arábia. *Deserto.* A primeira vez que essa região é mencionada nas Escrituras Sagradas é quando Salomão recebe o ouro de "todos os reis da Arábia" (1Rs 10.15; 2Cr 9.14). Josafá recebeu dos habitantes desse país 7.700 carneiros e 7.700 bodes (2Cr 17.11). Os árabes, guerreiros ferozes, lutaram contra Judá nos dias de Jeorão, saquearam a casa deste rei, e levaram as suas mulheres e os seus filhos, porém foram derrotados por Urias (2Cr 26.7; 21.17). A Arábia e os príncipes de Quedar negociavam com Tiro, e alguns dos seus habitantes estavam entre os ouvintes dos apóstolos no dia de Pentecostes (At 2.11). Paulo, depois de convertido, retirou-se para a Arábia (Gl 1.17), provavelmente aquela parte do deserto próxima a Damasco. Em Gl 4.25, a referência é à península do Sinai. A designação de Arábia, conforme consta nas Escrituras, aplica-se, geralmente, à Arábia Pétrea, formada pelo Sinai, Idumeia e região do monte Seir. Algumas vezes, faz-se referência ao país, chamando-o "Oriente" (Gn 10.30; 25.6; 29.1). Seus mais antigos habitantes chamavam-se "horeus", por terem vivido em cavernas, mas foram desapossados pelos edomitas, israelitas e amalequitas. As principais tribos da Arábia Pétrea, mencionadas na Bíblia, são os amalequitas, edomitas, horeus, ismaelitas, midianitas, moabitas e amonitas. Os habitantes do norte da Arábia, ou Arábia Desértica (oeste e norte da Arábia Pétrea), afirmam ser descendentes de Ismael e Quetura. Seus hábitos de pilhagem são, por diversas vezes, mencionados no AT (2Cr 21.16; 26.7; Jó 1.15; Jr 3.2). Seu comércio de mercadorias da Arábia e da Índia era considerável, desde as praias do golfo Pérsico (Ez 27.20-24); neste ponto, ainda há uma cadeia de oásis no deserto, que são algumas das muitas estações para caravanas. A Arábia Ocidental, que inclui a península do Sinai, foi povoada pelos descendentes de Esaú e era, em geral, conhecida por terra de Edom ou Idumeia, bem como pelo seu mais antigo nome de deserto de Seir ou monte Seir. Os idumeus descendem ao mesmo tempo de Esaú e Ismael, pelo fato de que aquele se casou com a filha deste (Gn 28.9; 36.3). O

principal Estado da antiga Arábia era o Iêmen, a sudoeste da península. Esse era o reino mencionado na Bíblia por Sabá, cuja rainha foi ouvir a sabedoria de Salomão (1Rs 10). Os árabes chamam-no Bilkis. Outro importante reino foi o de Hija, que estava situado na parte superior do mar Vermelho, do qual Mudade (ou El-Mudade) foi um dos seus famosos dominadores. Segundo os árabes, Ismael casou-se com uma filha do primeiro Mudade, de quem descende Adnã, um antepassado de Maomé. Os árabes modernos afirmam que a sua nação é predominantemente ismaelita. As tribos que alegam sua origem no filho preterido de Abraão foram sempre governadas por pequenos chefes ou príncipes de família (xeques ou emires), os quais geralmente seguem a vida patriarcal. O falecido Edward Stanley Poole declarou: "Ninguém pode se envolver com esse povo sem constante e forçosamente lembrar-se dos primeiros patriarcas ou dos já estabelecidos ismaelitas. Podemos mencionar, por exemplo, sua vida pastoril, sua hospitalidade, seu respeito universal pela idade (Lv 19.32), sua deferência familiar (2Rs 5.13) e sua supersticiosa consideração pela barba. No sinete do anel, usado no dedo mínimo da mão direita, é comum encontrar-se a gravação de uma frase de submissão a Deus ou que expresse a perfeição dele, tal como 'Santidade ao Senhor' (Êx 39.30) e as palavras de Cristo 'por sua vez certifica que Deus é verdadeiro' (Jo 3.33). Como sinal de confiança, tal anel é dado a outra pessoa (v. Gn 41.42). O estojo de escrevente, usado no cinto, também é muito antigo (Ez 9.2), assim como o véu. Um homem tem o direito de requerer o casamento com sua prima, e abre mão desse direito por meio do gesto de tirar seu sapato, como fez o parente resgatador de Rute a Boaz (Rt 4.7,8)". As especiarias, o incenso e as pedras preciosas provenientes da Arábia, segundo mencionam as Escrituras, eram provavelmente produtos das regiões meridionais, as quais ainda são famosas por essas produções. O cristianismo foi implantado no sul da Arábia por volta do fim do século II e cem anos mais tarde já experimentara grande progresso. Floresceu principalmente no Iêmen, onde muitas igrejas foram implantadas. Contudo, o estabelecimento da religião islâmica, além de banir as crenças pagãs, na verdade também eliminou desse país o cristianismo.

arado. O arado da Síria, empregado em todas aquelas regiões, era um instrumento muito simples, tão leve que um homem sozinho podia facilmente conduzi-lo. Na verdade, em certos casos, não passava de um ramo de árvore, cortado abaixo da bifurcação, que se utilizava sem rodas. Com um apetrecho tão imperfeito, era impossível fazer mais do que raspar a superfície da terra. Mesmo aqueles arados providos de relhas e dentes eram, e ainda são, muito leves, obrigando o lavrador a apoiar-se neles com toda a sua força para que possam sulcar a terra (Lc 9.62). Algumas vezes, a extremidade do cabeçalho era guarnecida de ferro, assumindo uma forma que permitiria facilmente o cumprimento das profecias de Isaías (2.4) e de Joel (3.10). aramaico. A língua do povo de Arã. Esse idioma propagou-se por toda parte, exerceu influência sobre o hebraico e, no tempo de Jesus Cristo, era a língua popular da Palestina. As conquistas dos árabes destituíram o aramaico da posição que mantinha até então.

aranha. Em dois casos (Jó 8.14; Is 59.5,6), não há dúvida de que se trata, de fato, da aranha que conhecemos, pois é mencionada com a sua teia. A Palestina tem aranhas em grande número, que habitam na superfície do solo, em buracos no subsolo, nas árvores, nas casas e nas cavernas, de modo que, em certas situações, as paredes e buracos ficam totalmente recobertos por suas teias. Jó compara a esperança do ímpio à fraqueza dos filamentos da teia de aranha (8.14).

Arão. O significado desse nome é incerto. Foi descendente de Levi, o terceiro filho de Jacó, e tornou-se o primeiro sumo sacerdote de Israel. Seu pai chamava-se Anrão, e sua mãe, Joquebede. Era irmão de Moisés e de Miriã; três anos mais velho que aquele e mais novo do que esta. Foi escolhido por Deus para ser auxiliar de Moisés em virtude do seu dom de falar (Êx4.16). Não somente acompanhou Moisés quando este foi ao faraó, mas também realizou sinais miraculosos na presença do soberano egípcio e serviu de instrumento de Deus na operação de outras maravilhas (Êx 7.10). Na batalha contra Amaleque, Arão e Hur sustentaram as mãos de Moisés para que Israel fosse vitorioso (cf. Êx 17.12). Quando Moisés subiu ao monte Sinai, Arão foi persuadido pelo povo a fundir um bezerro de ouro para adoração, e, por seu procedimento, foi severamente censurado. Moisés orou e obteve o perdão de Deus em favor do povo e de Arão (Dt 9.20). Algum tempo depois, foi consagrado sumo sacerdote, de modo que essa elevada função passou a ser exercida por sua família por direito hereditário. Coré e os levitas revoltaram-se contra a sua autoridade sacerdotal, vindo o primeiro a ser consumido pelo fogo. Arão ofereceu incenso para fazer cessar a praga, e fica evidente que o Senhor aceitou sua intercessão pelo povo. Junto com Moisés e os príncipes de Israel, Arão recebeu a missão de fazer a contagem do povo. A murmuração de Arão e Miriã contra Moisés talvez tenha se originado na obstinação de Miriã, mas não persistiu por muito tempo (Nm 12). Em Meribá, ele e Moisés pecaram contra o Senhor (Nm 20.10ss), e, ao que parece, sua morte aconteceu pouco tempo depois disso no monte Hor, onde seu filho Eleazar foi investido de autoridade como seu substituto e, junto com Moisés, sepultou o pai (Nm 20.28). Arão e sua mulher, Eliseba, tiveram quatro filhos. Dois deles, Nadabe e Abiú, pereceram, consumidos pelo fogo do Senhor, enquanto seu pai ainda era vivo, por terem oferecido fogo estranho. O sumo sacerdócio continuou com a descendência de Nadabe até o tempo de Eli, que pertencia à casa de Itamar. Quando Salomão subiu ao trono, tirou o sumo sacerdócio dos filhos de Eli e o deu a Zadoque, da casa de Eleazar, cumprindo-se assim a profecia registrada em 1Sm 2.30.

Ararate. Território montanhoso da Armênia, mencionado nas Escrituras, para designar o lugar onde repousou a arca depois do Dilúvio (Gn 8.4). Local de exílio dos filhos de Senaqueribe (2Rs 19.37; Is 37.38), cujo povo era provavelmente vizinho e aliado de Mini e Asquenaz (Jr 51.27). O platô armênio adaptava-se muito bem para ser o berço da raça humana, bem como o centro de dispersão dos homens para as diversas partes do mundo. A montanha específica identificada com aquela onde a arca parou, embora seja chamada de Ararate pelos exploradores europeus, é conhecida pelos armênios com o nome de Massis, de Aghri-Dagh ("monte escarpado") pelos turcos e Kuh-i-Nuh ("montanha de Noé") pelos persas. Culmina em dois picos cônicos denominados Ararate Maior e Ararate Menor, que distam cerca de 11km um do outro; o primeiro a 5.260 m acima do nível do mar, e o segundo a 4.267 m acima da planície dos Arapas.

arca. Uma caixa ou qualquer vaso, baú ou recipiente cuja forma se assemelhe a uma caixa. Há três arcas mencionadas nas Escrituras que merecem uma atenção especial:
1) *A arca de Noé* (Gn 6.14—8.19). Noé, por mandado de Deus, construiu uma embarcação na qual ele, sua família e uma grande variedade de animais foram salvos do Dilúvio. As dimensões da arca eram: 300 côvados de comprimento, 50 côvados de largura e 30 côvados de altura. Era feita de madeira de cipreste, e suas juntas eram bem recobertas de betume, por dentro e por

fora, para torná-la impermeável à água. Tinha três andares e uma janela que, provavelmente, estendia-se ao redor de toda a arca, interrompida por pequenas divisórias. V. NOÉ.
2) *A arca (ARC) de Moisés.* Era um cesto feito de juncos (Êx 2.3-6) no qual o menino Moisés foi colocado, quando ficou exposto à beira do rio Nilo. À semelhança da arca de Noé, foi impermeabilizada por meio de betume e pez. V. MOISÉS.
3) *A arca da Aliança ou do Testemunho*, com sua cobertura, o propiciatório, de fato revestia-se de santidade e mistério. O texto de Êx 25 apresenta uma descrição completa de sua estrutura. O propiciatório, que servia de apoio aos querubins, era considerado o símbolo da presença de Deus (V. PROPICIATÓRIO). Em determinadas ocasiões, a presença de Deus manifestou-se por uma nuvem luminosa denominada Shekiná. A arca ficava sob os cuidados dos levitas da casa de Coate, que a levaram durante a peregrinação no deserto. Todavia, antes de ser transportada, os sacerdotes a cobriam para que não fosse vista. A arca continha uma urna dentro da qual estavam as duas tábuas da Lei, daí denominar-se arca da Aliança, bem como uma porção do maná e a vara de Arão (Hb 9.4). Nunca era vista dentro do tabernáculo, exceto pelo sumo sacerdote em determinadas ocasiões, pois se encontrava no local mais santo do recinto, o *Santo dos Santos.* A arca desempenhou um papel de destaque na história do povo escolhido. Foi levada pelos sacerdotes até o leito do Jordão, cujas águas se separaram, a fim de dar passagem ao povo israelita (Js 4.9-11). Por sete dias, rodeou Jericó nos ombros dos sacerdotes, antes de caírem as muralhas dessa cidade (Js 6.1-20). Depois que o povo de Israel se fixou na Palestina, a arca permaneceu por algum tempo no tabernáculo em Gilgal e, mais tarde, foi removida para Silo até o tempo de Eli, quando foi levada para o campo de batalha porque os israelitas supunham que por sua presença pudessem alcançar completa vitória. No entanto, não foi assim, e a arca caiu em poder dos filisteus (1Sm 4.3-11). A santidade da arca, enquanto esteve na posse daqueles pagãos, foi manifesta por milagres que provocaram grandes aflições aonde quer que fosse levada nos limites territoriais dos filisteus (1Sm 4; 6). Decorridos seis meses, a arca foi devolvida ao território dos judeus. Esteve, primeiramente, em Bete-Semes, onde a curiosidade do povo foi severamente castigada (1Sm 6.11-20); depois, foi transportada para Quiriate-Jearim (1Sm 7.1), de onde, mais tarde, seguiu, por ordem de Davi, para a cidade de Jerusalém, com grande cerimonial. Antes disso, porém, esteve por algum tempo em Perez-Uzá, onde Uzá foi ferido de morte quando estendia a mão para segurá-la por supor que ela tombaria (2Sm 6.1-19). Mais tarde, foi colocada por Salomão no templo (1Rs 8.6-9). Quando os babilônios destruíram a cidade de Jerusalém e saquearam o templo, é provável que a arca tenha sido tirada de lá e destruída por Nabucodonosor, visto que não se achou mais vestígio dela. Não é mencionada entre os utensílios sagrados que foram trazidos de volta à cidade santa (Ed 1.7-11). Tácito, historiador romano, dá testemunho acerca da condição desoladora e vazia do Santo dos Santos quando Pompeu ali entrou. A ausência da arca no segundo templo foi uma das provas de inferioridade deste em relação ao templo edificado por Salomão.

arcanjo. *Anjo principal*. 2Ts 4.16; Jd 9. V. ANJO.

arco-íris. A correta interpretação de Gn 9.13 não implica que o arco-íris tenha aparecido pela primeira vez naquele momento, mas sim que Deus consagrou esse fenômeno como sinal de seu amor e testemunho de sua promessa.

Areópago. *Monte de Marte*. Areópago significa literalmente o monte de Marte ou de Ares. Situava-se em um cume rochoso de Atenas, em frente da acrópole. O local é memorável, pois ali se reunia o senado do Areópago, a mais antiga e venerável das academias de Atenas. Os areopagitas sentavam-se como juízes, ao ar livre, em bancos de pedra, escavados na rocha. A linguagem de At 17.19,22 deixa-nos em dúvida se Paulo foi ali levado e permaneceu em pé no meio do Areópago ou se foi guiado pelos filósofos ao monte de Marte, a fim de que, em lugar à parte e mais sossegado do que o mercado público, pudessem ouvir o que ele tinha a dizer. As opiniões dividem-se a respeito dessa questão. A expressão "no meio do Areópago", registrada no livro de Atos, parece indicar que a conversa foi no lugar apontado; mas, como o discurso de Paulo tinha caráter popular, é bem possível que tenha acontecido à parte de qualquer formalidade. Certamente não houve uma conferência formal, mas talvez Paulo tenha comparecido audiência de Stoa Basileios para um exame preliminar de suas doutrinas ou, então, conforme declara Ramsay na obra *Paul, the Traveller* [Paulo, o viajante], para "satisfazer aquela seleta assembleia universitária acerca das qualificações do apóstolo para ensinar".

Aretas. *O rei Aretas* (2Co 11.32). Houve muitos príncipes da Arábia com esse nome, mas o único mencionado nas Escrituras é aquele sob cujas ordens o governador de Damasco (c. 9 a.C. a 40 d.C.) procurou prender Paulo, que escapou dessa cidade, ao ser baixado dentro de um cesto por uma janela da muralha. Trata-se daquele Aretas cuja filha se casou com Herodes Antipas. Quando este repudiou sua mulher para unir-se a Herodias (mulher de seu irmão Filipe), Aretas mandou um exército contra ele e obteve uma grande vitória. No juízo do povo, essa guerra foi o justo castigo do céu que Antipas sofreu por ter mandado assassinar João Batista.

arganaz. Um animal mencionado quatro vezes nas Escrituras (cf. Lv 11.5; Dt 14.7), que figura entre os animais dos quais ninguém podia alimentar-se por serem do tipo que "rumina, mas não tem a unha fendida". No Sl 104.18, são descritos como animais que se refugiam nas rochas. Em Pv 30.26, classificam-se como uma daquelas quatro pequenas coisas que são muito sábias: "povo não poderoso; contudo fazem a sua casa nas rochas". O que se traduz por "arganaz" é o *Hyrax Syriacus.* Ainda há uma grande quantidade desses animais, semelhantes ao nosso coelho, na Síria; vivem nas rochas e imediatamente procuram refúgio ao menor sinal de perigo.

Argobe. *Amontoado de pedras*. 1. Território a leste do Jordão, situado em Basã, no reino de Ogue, que possuía 60 grandes cidades fortificadas. Argobe localizava-se na porção que coube à meia tribo de Manassés, e foi conquistada por Jair, chefe da referida tribo. Depois disso, formou um dos comissariados de Salomão, a cargo de um oficial, cuja residência ficava em Ramote-Gileade (Dt 3.4,13,14; 1Rs 4.13). Em tempos posteriores, Argobe recebeu o nome de Traconites. Esse território tem sido identificado com o Lejah, notável província ao sul de Damasco e a leste do mar da Galileia. A região compõe-se, na realidade, de um solo formado por uma vasta camada de lava, dura como rocha, que ressoa como metal ao ser golpeada com força. Contudo, apesar de ser rochosa e pedregosa, ainda possui regiões de solo fértil. Deve ter sido muito povoada em determinada época, visto que na região foram descobertas as ruínas de mais de 50 cidades. Esse vasto território forma um maravilhoso contraste com a planície que lhe é contígua, a planície de Haura, um platô de vales ondulantes e solo riquíssimo que praticamente não tem pedra, o qual vai desde o mar da Galileia até o Lejah, além do deserto.

2. Confira o texto de 2Rs 15.25; a passagem não afirma claramente se ele foi um conspirador ao lado do rei Peca ou se um oficial deste.

argueiro. Uma partícula de qualquer coisa seca como o pó (Mt 7.3).

Arié. *Leão*. Junto com Argobe, foi um conspirador ou um oficial do rei que assumiu o poder (2Rs 15.25). V. ARGOBE.

aríete. (Ez 4.2; 21.22). Máquina de guerra feita com uma trave comprida de madeira maciça e dura como o carvalho. Numa das extremidades, tinha uma chapa metálica pesada com a feição da cabeça de um carneiro. Essa trave ficava suspensa sobre um estrado de vigas grossas e era colocada diante do muro ou portão que deveria ser derrubado. A cabeça de carneiro era movida para trás e, em seguida, impelida com força para atingir o alvo. Os romanos fizeram grande uso dessa arma no cerco de cidades fortificadas. V. GUERRA, ARMAS.

Aristarco. Um judeu de Tessalônica que foi companheiro de viagem do apóstolo Paulo. A primeira menção a Aristarco nas Escrituras está em At 19.29, quando este foi arrebatado pelo povo no tumulto de Éfeso. Foi um dos delegados das igrejas que contribuíram "para os santos" de Jerusalém e viajou a esta cidade na companhia de Paulo por ocasião da terceira viagem missionária (At 20.4; cf. 1Co 16.1- 4; 2Co 8.9). Navegou com Paulo de Cesareia a Roma (At 27.2) e estava com o apóstolo quando este de lá escreveu a Filemom e à igreja de Colossos, falando de Aristarco como seu cooperador, bom amigo e, ainda, como seu companheiro de prisão (Fm 24; Cl 4.10,11). Como na Epístola a Filemom (v. 23-24) somente Epafras é indicado como companheiro de Paulo na prisão, e na Epístola aos Colossenses (4.10-14) somente Aristarco, podemos supor que os companheiros de Paulo revezavam-se em compartilhar voluntariamente de seu cativeiro.

Armagedom. *A montanha de Megido*. Nome simbólico do cenário da última grande luta espiritual (Ap 16.16), derivado de 2Cr 35.22. O vale de Megido é o grande campo de batalha do AT, onde as principais lutas entre os israelitas e os inimigos do povo de Deus foram travadas. Foi ali, na planície de Esdrelom, que Baraque conquistou uma grande vitória sobre os cananeus e onde Gideão derrotou os midianitas (Jz 4; 5; 7). Também foi ali que Saul encontrou a morte pelas mãos dos filisteus (1Sm 31.8) e onde Josias foi morto pelas mãos dos egípcios (2Rs 23.29,30; 2Cr 35.22).

armas. Primeiramente, trataremos das armas ofensivas mencionadas na Bíblia: 1. A espada era o instrumento de guerra mais comum na Antiguidade. Pode-se inferir, pela descrição em Jz 3.16, que era feita em tamanho menor do que a atual, pois o texto informa que o punhal de Eúde tinha 1côvado de comprimento. Entretanto, nas mãos de guerreiros experientes, a espada podia ser manejada com tremenda eficácia (2Sm 20.8-12; 1Rs 2.5). Era guardada numa bainha que ficava presa ao cinturão do combatente. Antes da era do metal, as armas afiadas e cortantes eram feitas de pedra, porém em nenhum lugar há registro de que os israelitas tenham feito uso de armas de pedra. A espada era usada somente em tempo de guerra; em tempo de paz, nem mesmo o rei, na sua majestade, portava tal arma (1Rs 3.24).
2. A lança. Vários tipos de lanças são identificados. Desde a fortíssima arma que pesava cerca de 25 arráteis (1arrátel corresponde a aproximadamente 459 g), a hanit, usada por Golias e Saul, até o kidon, uma haste leve e curta que o guerreiro levava nas costas, entre os ombros. Havia ainda outras: a romach, a shelach, a shebet etc. Foi com a lança shebet (cujo termo foi traduzido

pela palavra "dardo") que Joabe acabou de matar Absalão (2Sm 18.14).
3. O arco era uma arma que todos os soldados tinham de aprender a manejar, desde o mais humilde súdito até os filhos do rei. Ao que parece, era envergado com o auxílio dos pés. Também são mencionados arcos de aço, extraordinariamente fortes. O cordel era provavelmente elaborado com alguma espécie de fibra dura. As setas ou flechas, algumas das quais por vezes envenenadas, eram levadas numa aljava.
4. A funda é, pela primeira vez, mencionada em Jz 20.16, que diz que 700 benjamitas canhotos podiam atirar "com a funda uma pedra num cabelo e não erravam". Em tempos posteriores, os fundibulários faziam parte do exército regular (2Rs 3.25). As fundas até hoje são utilizadas na Palestina por aqueles que vigiam os rebanhos, e Davi, quando ainda jovem, certamente também fez uso dessa arma com que mais tarde haveria de derrubar o gigante Golias. As armas defensivas, mencionadas na Bíblia, são as seguintes:
a) a couraça (1Sm 17.5; 2Cr 26.14; Ne 4.16); b) o capacete (1Sm 17.5; 2Cr 26.14; Ez 27.10); c) as grevas ou caneleiras para proteger as pernas e os pés (1Sm 17.6); d) duas espécies de escudo: o tsinnah, que encobria a pessoa por inteiro, e o magen, para uso nos combates corpo a corpo. Essas palavras são metaforicamente mencionadas no livro de Salmos numa referência ao amparo de Deus (cf. Ef 6.10-17).

Arnom. *Torrente*. Um rio que servia de limite entre Israel e o território de Moabe, ao norte do qual localizava-se o território dos amorreus. Nasce nas montanhas da Arábia e corre através do deserto para o mar Morto, em frente de En-Gedi. Atualmente chama-se Mojeb. O seu curso passa por uma ravina de grande profundidade. Após o percurso em terreno plano, o rio desce numa corredeira íngreme, e suas águas abrem caminho por entre precipícios de pedra calcária; a largura entre os extremos mais altos da ravina é de cerca 5 km. Em determinado ponto de seu curso, ainda se veem vestígios de uma antiga estrada romana calçada com pedras, bem como o arco de sua ponte. O rio corre por entre campinas férteis, e, em certos lugares, há abundância de loureiros e salgueiros nas margens. Quando o Arnom se precipita no mar Morto, sua largura é de 24 m, e sua profundidade é pouco superior a 1m, limitado por ribanceiras perpendiculares de arenito escuro, avermelhado e amarelado.

Arquelau. *Guia do povo.* Filho de Herodes, o Grande, e de Mataca, ao qual Herodes legou a maior parte de seu reino (Judeia, Idumeia e Samaria) e conferiu o título de rei. A única menção que dele se faz no NT é significativa. Quando José, casado com Maria, ouviu "que Arquelau reinava na Judeia em lugar de seu pai Herodes, temeu ir para lá", com o menino Jesus (Mt 2.22). Desde o início, o governo de Arquelau foi maculado por atos de crueldade e derramamento de sangue. Não muito depois da morte de seu pai, 3 mil judeus foram assassinados no templo por uma coorte de soldados romanos, que Arquelau enviara para sufocar um tumulto. Uma influente embaixada de judeus pediu ao imperador César Augusto que depusesse Arquelau e unisse a Judeia à Síria. Augusto recusou, permitindo, contudo, que ele não usasse o título de rei, mas o de etnarca. Na qualidade de governador, dirigiu sua província por dez anos, de 4 a.C. a 6 d.C. Neste último ano, uma segunda delegação de judeus foi a Roma, com o fim de apresentar queixas ao imperador acerca das crueldades de Arquelau. A prova dos fatos, naquele momento, era contundente. Augusto, após colocar o governador frente a frente com seus acusadores, tomou, por fim, a decisão de bani-lo para a Gália, onde morreu.

arqueus. Uma das famílias cananeias que habitaram em Arca, cidade situada ao norte da Fenícia (Gn 10.17; 1Cr 1.15). Arca tornou-se famosa pelo culto que os seus habitantes prestavam a Afrodite. Foi fortificada pelos árabes e atacada pelos cruzados, que, sob o comando de Raimundo de Tolosa, foi em vão cercada durante dois meses no ano 1099 d.C. Mais tarde, porém, foi tomada por Guilherme de Sartanges. Em 1202 d.C., foi totalmente destruída por um terremoto. O lugar que agora se denomina Arca encontra-se a uma distância aproximada de 19 km ao norte de Trípoli e de 8 km ao sul de Nahr-el-Kebir (Eleutero). A grande estrada costeira passava entre essa povoação e o mar.

arquitetura. O mais antigo edifício de que se tem registro é a torre de Babel, construída com tijolos cozidos ao fogo, fortemente ligados por meio de betume, uma substância encontrada em grande quantidade no vale do Eufrates (Gn 11). Nas terras mencionadas na Bíblia, há, pelo menos, duas cidades que se supõe serem de remotíssima antiguidade, a saber, Damasco e Hebrom. A primeira já existia no tempo de Abraão, e a outra, Hebrom, era de origem cananeia e fora fundada por volta de 2000 a.C. Os primeiros israelitas, pastores de vida nômade, habitavam em tendas, mas durante a sua escravidão no Egito foram obrigados a trabalhar em construções, muitas das quais ganharam considerável fama. Mas é somente a partir do tempo de Davi que eles podem ser, de fato, considerados edificadores. A partir dessa época, começaram a utilizar a pedra calcária, encontrada em abundância na região, não apenas na restauração de ruínas, mas na edificação de novos palácios e fortalezas. Entretanto, as tendas ou cabanas de ramagem com pinturas rudimentares continuaram a ser as casas favoritas do povo. Quando entraram na terra prometida, depararam-se com cidades muradas que os esperavam (Nm 13.28; Dt 1.28). Davi preparou-se para o grande empreendimento de edificar o templo, mas tal tarefa foi designada a Salomão, que, sem nenhum impedimento, chamou operários estrangeiros para auxiliá-lo, além de importar matéria-prima de outros lugares para a edificação (1Rs 5.10; 1Cr 28 e 29). Além das suas obras em Jerusalém e em seus arredores, Salomão edificou fortalezas e cidades em outros lugares. Entre os reis de Judá e Israel, houve muitos que foram grandes edificadores (1Rs 15.17, 23; 22.39; 2Rs 20.20; 2Cr 32.27,30). Na volta do exílio em Babilônia, os muros e o templo de Jerusalém foram reedificados solidamente com pedra e madeira provenientes do Líbano (Ed 5.8). Durante o governo de Simão Macabeu, foi erigida, para defesa do templo e da cidade, a Fortaleza Barris, mais tarde denominada Antonia. Contudo, declara o cônego Philpott: "Os reinados de Herodes e seus sucessores foram especialmente notáveis pelo impulso que deram ao desenvolvimento da arquitetura. O templo foi restaurado com grande magnitude, e Jerusalém veio a ser protegida com a construção de várias fortalezas, além de ser embelezada com belos edifícios". Ainda existem as ruínas de muitas sinagogas galileias, construídas num estilo misto de arquitetura, em parte judaico e em parte romano, durante os séculos II e III d.C.

arrebatamento. A palavra grega traduzida por "arrebatamento" ou "êxtase" é utilizada somente por Lucas, o médico (At 10.10; 11.5; 22.17). Pedro experimentou um arrebatamento quando viu os céus abertos e toda espécie de animais quadrúpedes que desciam até ele. Nesse arrebatamento, ouviu uma voz que lhe ensinou como deveria proceder a respeito da chamada dos gentios. Paulo diz que caíra em êxtase na sua volta de Damasco, quando recebeu o mandado de Deus para ir aos gentios. Há uma breve menção de outro arrebatamento em 2Co

12.1-4. Tal palavra não se encontra no AT, mas neste encontram-se descritos alguns fenômenos análogos (Nm 24.4,16). Um profundo sono caiu sobre Abraão, sentindo também o pavor de uma grande escuridão (Gn 15.12). Balaão teve uma visão de Deus (Nm 24.4). Saul profetizou e caiu em êxtase (1Sm 19.24). Ezequiel esteve atônito por sete dias até que a palavra do Senhor veio à sua alma (Ez 3.15; 8.3). V. SONHO, VISÃO.

arrependimento, arrepender-se. Arrependimento é o sentimento de pesar por faltas cometidas ou por um ato praticado. Neste último sentido, é dito a respeito de Deus, como se vê em Gn 6.6 e em 1Sm 15.11, entre outros textos. De igual modo, os atos divinos, em outras situações, são descritos por meio de termos comuns à realidade humana (Gn 8.1; 11.5). Os profetas, em muitas passagens bíblicas, chamam o homem ao arrependimento de seus pecados e mudança de vida (Is 55.7; Jr 3.12-14; Ez 14.6; Jl 2.12,13). Com respeito a alguns exemplos de arrependimento e confissão de pecados registrados no AT, v. Nm 12.11; 1Sm 15.24-31; 2Sm 12.13; 1Rs 21.27-29; 2Cr 12.6,7. No NT, uma das palavras traduzidas por "arrependimento" denota o pesar por ato cometido (Mt 21.30) e é usada em relação a Judas (Mt 27.3). Outra palavra (na sua forma verbal ou substantiva) exprime uma mudança de ideias que se manifesta em uma mudança de vida e de propósitos. É a palavra usada na pregação de Jesus (Mt 4.17), na pregação dos apóstolos (At 2.38; 5.31), nas Epístolas (Rm 2.4) e no Apocalipse (2.5).

arruda. Pequeno arbusto, de 60 a 90 cm de altura, com folhas pequenas e amareladas. Seu aroma chega a ser considerado forte demais pelos ocidentais, mas era muito apreciado pelos antigos. A arruda era usada, antigamente, como condimento e, também, para fins medicinais (Lc 11.42).

Artaxerxes. *O grande rei.* Nos livros de Esdras e Neemias, o nome Artaxerxes parece denominar dois reis da Pérsia: 1. O Artaxerxes de Esdras 4, que mandou suspender as obras do templo, identifica-se, de várias formas, com Cambises, o pseudo-Smerdis ou Xerxes. 2. O monarca mencionado posteriormente (em Ed 7 e Ne 2.1; 5.14; 13.6), que permitiu e favoreceu a reedificação das muralhas de Jerusalém. No entanto, a identificação do primeiro Artaxerxes é difícil, porque as inscrições refutam a teoria de que Artaxerxes era também um título real, e não simplesmente um nome. Geralmente, já é aceita a opinião de que há referência apenas a um Artaxerxes, o que, por conseguinte, aponta para a tese de que a passagem referente a Esdras 4.6-27 estaria fora de uma ordem cronológica. Tal Artaxerxes identifica-se com o Artaxerxes i, Longímano, que reinou de 464 a 425 a.C.

árvore. Em quase todos os países, há certas árvores consideradas sagradas, e a Palestina não é exceção. Não é raro ver ali árvores a que estão presos alguns pedaços de pano, como sinal da oração feita naquele lugar por determinados adoradores que acreditam que tais árvores possuem o poder sagrado de afastar doenças. Essa reverência remonta a tempos antiquíssimos, muito antes dos patriarcas, e explica certos casos em que se faz menção especial a árvores. O aserá (V. BOSQUE), um tronco ou poste, não é mais do que a forma convencional de uma árvore e, como tal, acha-se relacionado a um falso culto.

Asa. *Médico*. 1. Filho de Abias e rei de Judá, que se distinguiu por seu empenho na restauração do verdadeiro culto ao Senhor e por sua ferrenha hostilidade à idolatria (1Rs 15.9-24; 2Cr 15.1-19). Maaca, sua avó, prestava culto a certo ídolo num bosque, mas Asa queimou esse símbolo religioso e mandou lançar suas cinzas no ribeiro de Cedrom, despojando, em seguida, Maaca da sua autoridade de rainha-mãe. Asa fortificou cidades na fronteira e levantou um grande exército,

com o qual derrotou, por completo, o invasor Zerá. De volta a Jerusalém, convocou uma grande assembleia, na qual a aliança feita pela nação de buscar o Senhor Deus de Israel foi renovada com grande solenidade (2Cr 15). Quando se aliou a Ben-Hadade, rei de Damasco, Asa obrigou Baasa, rei de Israel, a abandonar o projeto de fortificar Ramá e estabeleceu as fortalezas de Geba e Mispa em Benjamim, evitando assim a emigração de Judá, ou a imigração para este reino. Asa morreu no ano 41 do seu reinado, em grande estima e honra por parte de seu povo.

2. V. 1Cr 9.16.

Asael. *Deus o fez*. 1. Filho mais novo de Zeruia, irmã de Davi, famoso por ser um bom corredor. Foi um dos 30 valentes de Davi, e este lhe conferiu uma posição de comando em seu exército (2Sm 23.24; 1Cr 27.7). Quando combatia sob as ordens de seu irmão Joabe em Gibeom contra o exército de Isbosete, Asael perseguiu Abner, de modo que este, após pedir que o deixasse, foi obrigado a matá-lo em defesa própria (2Sm 2.18). 2. Um levita, a quem Josafá mandou ensinar a Lei ao povo em Judá (2Cr 17.8).

3. Um levita que, por ordem do rei Ezequias, tinha a seu encargo as ofertas, os dízimos e as coisas santíssimas (2Cr 31.13).

4. O pai de Jônatas, um dos líderes do povo que se opuseram à orientação de Esdras na decisão de expulsar as mulheres estrangeiras dos judeus, por ocasião do retorno de Babilônia (Ed 10.15).

Asafe. *Cobrador*. 1. Levita, um dos principais músicos de Davi, a quem esse rei nomeou para "dirigir o canto na casa do Senhor" (1Cr 6.31,39). Asafe também era "vidente" (2Cr 29.30), e são-lhe atribuídos 12 salmos, todos eles de caráter profético (Sl 50; 73; 83). Os seus descendentes ou partidários, os "filhos de Asafe", tomaram parte na purificação do templo e na celebração desse acontecimento (2Cr 29.13-30; 35.15).

2. O pai ou antepassado de Joá, cronista no tempo de Ezequias (2Rs 18.18; Is 36.3-22).

3. Oficial do rei da Pérsia, guarda das florestas reais em Judá (Ne 2.8).

4. Levita mencionado em 1Cr 9.15 e em Ne 11.17.

Asaías. *O Senhor o criou*. 1. Um oficial que, junto com outros, foi enviado pelo rei Josias a buscar orientação divina a respeito das palavras do Livro da Lei achado por Hilquias no templo (2Rs 22.12-14; 2Cr 34.20).

2. Príncipe simeonita que, durante o reinado de Ezequias, expulsou de Gedor os pastores de Cam (1Cr 4.36).

3. Levita da família de Merari na época do reinado de Davi (1Cr 6.30); auxiliou no transporte da arca desde a casa de Obede-Edom até Jerusalém (1Cr 15.6).

4. O primogênito dos silonitas, conforme o registro de 1Cr 9.5, que voltou da Babilônia para Jerusalém com a sua família. Em Ne 11.5, foi chamado pelo nome de Maaseias.

Ascalom. Uma das cinco cidades dos príncipes dos filisteus (Js 13.3; 1Sm 6.17). Estava situada às margens do mar Mediterrâneo (Jr 47.7). O lugar ainda conserva o antigo nome. Sansão desceu de Timna para Ascalom, onde matou 30 homens, despojando-os do que tinham. Era uma cidade afastada, menos notável nas Escrituras que as outras cidades da Filístia. No tempo de Orígenes, acharam-se alguns poços de extraordinário feitio, os quais se supôs terem sido cavados por Isaque ou, de alguma forma, pertencessem à era patriarcal. Ascalom teve importante

participação nas guerras dos cruzados; dentro dos limites de seus muros, ainda firmes, Ricardo Coração de Leão estabeleceu sua corte. A *Echalota* é uma planta com cheiro e sabor do alho, a qual existia na região de Ascalom, de onde se origina o nome do vegetal.

Asdode. *Fortaleza, castelo.* Uma cidade bem fortificada que dominava a planície da Filístia. Situava-se no cume de um monte e exercia o controle da entrada da Palestina para quem partia do Egito, fato esse que explica sua grande importância histórica. Asdode foi, também, a principal sede do culto a Dagom. Localizava-se a cerca de 50 km da fronteira sul da Palestina, a 5 km do mar Mediterrâneo e, aproximadamente, a meio caminho entre Gaza e Jope. Ainda que coubesse por herança à tribo de Judá, nunca foi conquistada pelos israelitas (Js 15.47) e é mencionada como ponto de partida dos ataques contra Israel. Quando o rei Uzias derrubou a muralha dessa cidade, construiu cidades fortificadas sobre os montes adjacentes a fim de defender-se de futuros ataques (2Cr 26.6). No tempo de Neemias, ainda conservava as suas características raciais e linguísticas (Ne 13.23,24). A única referência que se faz no NT a esse lugar diz respeito à viagem de Filipe em seu retorno de Gaza para Cesareia (At 8.40). Hoje, é um povoado insignificante de nome Esdud, sem nenhum dos traços distintivos que a tornaram importante.

Aser. *Feliz.* O oitavo filho de Jacó, nascido de Zilpa, serva de Lia (Gn 30.13). O território que coube aos descendentes de Aser ficava no litoral da Palestina, desde o monte Carmelo até Sidom. Possuía alguns dos mais belos lugares da terra santa e, na sua natureza exuberante, manifestava a concretização das bênçãos que Jacó e Moisés conferiram a Aser (Gn 49.20; Dt 33.24,25). Havia ali o azeite em que ele banharia o seu pé, o pão em abundância, os deliciosos manjares para sua satisfação, e, também, nas manufaturas metálicas dos fenícios estavam o ferro e o metal para o seu calçado. Nesse período antigo, a Fenícia demonstrava pleno vigor, e Aser contentava-se em habitar entre os fenícios e em participar das suas riquezas, sem tentar conquistá-los e exterminá-los, o que Deus determinara (Jz 1.31,32; 5.17). Na ocasião da contagem dos israelitas no Sinai, a tribo de Aser era mais numerosa do que as de Efraim, Manassés e Benjamim (Nm 1.32-41). Contudo, no reinado de Davi, a tribo se tornara tão insignificante que seu nome é inteiramente omitido na lista dos principais chefes (1Cr 27.16-22). Com exceção de Simeão, Aser é a única tribo a oeste do Jordão que não proporcionou à nação nenhum juiz ou herói. Todavia, Ana, que dia e noite no templo adorava a Deus com jejuns e orações (Lc 2.36-38), era filha de Fanuel, da tribo de Aser.

Ásia. Província romana que compreendia apenas a parte ocidental do que hoje é conhecido pelo nome de península da Ásia Menor e da qual Éfeso era a capital. Essa província originou-se na doação de Átalo, rei de Pérgamo, ou rei da Ásia, o qual em testamento legou à república romana os seus domínios hereditários a oeste da península (c. 133 a.C.). A fronteira foi um tanto alterada, de modo que, no tempo de Augusto, a Ásia tornou-se uma destacada província governada por um procônsul. Possuía muitas cidades importantes, nas quais se encontravam as sete igrejas de Apocalipse. Os "asiarcas" ou "principais da Ásia" (At 19.31) eram oficiais da província, encarregados de dirigir os jogos públicos e as festividades religiosas. Não se sabe se esse cargo era exercido em mandato anual ou por quatro anos.

Asima. Era um deus adorado pelo povo de Hamate. Seu culto foi introduzido em Samaria pelos colonos de Hamate, os quais o rei da Assíria estabeleceu naquela terra (2Rs 17.30).

áspide. Essa palavra encontra-se em diversas passagens das Escrituras, tais como Jó 20.14,16: "veneno de áspides sorveu"; Is 11.8: "A criança de peito brincará sobre a toca da áspide". Em Sl 58.4, "como a víbora surda que tapa os ouvidos", o termo "víbora" é a tradução da palavra hebraica que em outros lugares é vertida por "áspide". O referido réptil é o que se conhece pelo nome de cobra vendada do Egito. Acha-se, geralmente, nas regiões mais desertas da Palestina, ainda que seja comum ao sul de Berseba. Vive em buracos de rochas e de muros velhos. Essa cobra é muito sensível à arte do encantador, mas há algumas que afrontam todas as tentativas de acalmá-las, e, portanto, chamam-se "surdas" (Sl 58.4), ainda que ouçam muito bem. É verdade, porém, que as serpentes não têm grande sensibilidade auditiva; são impressionadas somente por notas agudas e penetrantes como as da flauta.

Assir. *Prisioneiro*. Um nome frequente na família de Coré. 1. Filho de Coré (Êx 6.24; 1Cr 6.22). 2. Filho de Ebiasafe, filho de Coré (1Cr 6.37). 3. Filho de Ebiasafe, filho de Elcana, de modo que Assir era, portanto, sobrinho de Samuel (1Cr 6.23).

Assíria, Assur. Assur era um dos netos de Noé (Gn 10.11,22), a quem a idolatria de então elevara à posição de um deus. Os assírios, muitas vezes, chamaram seu país de "a terra do deus Assur". Nos tempos primitivos, a capital do império era Assur (Kileh-Shergat), e é provável que o nome Assíria origine-se do nome dessa cidade. *País e povo.* Na geografia antiga, a Assíria era um país situado a leste do rio Tigre. Limitava-se ao norte com a Armênia, a leste com a Média e ao sul com a Susiana e Caldeia. A região é atravessada por vários rios, cujo principal é o Tigre (v. hidéquel). Os territórios ao norte e ao sul eram montanhosos, mas bem aproveitados para pastagens, produzindo também frutas, trigo e algodão. Foi para tal região montanhosa que Salmaneser enviou os habitantes de Efraim e Galileia na condição de colonos, quando ele se apoderou das dez tribos do Norte (2Rs 17). Agora são, em parte, povoadas pelos nestorianos, cujos antepassados abraçaram o cristianismo. O povo acha-se mergulhado numa estúpida e supersticiosa ignorância. Assur foi, primitivamente, o nome não de um país, mas de uma cidade fundada em tempos remotos nas margens do Tigre. Mais tarde, o país circunjacente recebeu essa denominação. Foi edificada por um povo de raça semelhante a dos modernos turcos, sendo mais tarde conquistada pelos assírios semíticos, povo ligado pelo sangue e linguagem aos hebreus e árabes. O nome que em tempos primitivos significava "limite de água" foi ligeiramente mudado pelos assírios e assumiu a forma de uma palavra que na Assíria queria dizer "gracioso". Desse modo, Assur tornou-se uma personificação divina do poder e constituição da Assíria. Assur (Kileh-Sherghat) não foi sempre a capital, pois a sede do governo veio a transferir- se para Nínive, Calá e Dur-Sargin, as quais, na atualidade, são respectivamente conhecidas pelos nomes de Konyunjik, Nimrud, e Khorsabad. Em vez de Dur-Sargin, o livro de Gênesis menciona Resém "entre Nínive e Calá" (Gn 10.12). Dessas cidades, Nínive é, no mínimo, tão antiga quanto Assur. A Assíria só começou a levantar-se a partir do momento em que a monarquia babilônica envelheceu. Até então, o país tinha o nome de Gútio (Curdistão), o qual tem sido identificado com *Goim,* ou "nações", a que se refere Gn 14.1, cujo rei foi Tidal. Parece ter havido um tempo em que os príncipes de Assur eram meros governadores, nomeados pelos imperadores de Babilônia, visto que os mais antigos de que temos conhecimento chamavam a si mesmos de vice-reis, e não reis. Os primeiros proprietários dessa terra,

geralmente denominados acadianos, foram os inventores do sistema cuneiforme de escrita e fundaram as principais cidades da Babilônia, além de terem sido os construtores dos mais antigos monumentos babilônicos que se conhecem. V. BABILÔNIA. Embora os invasores semitas tenham subjugado o povo da Acádia, a língua deste, contudo, era conhecida dos babilônios cultos e sobreviveu por muito tempo, ocupando o mesmo lugar que a latina na Europa. Os babilônios eram agricultores, mas os assírios caracterizavam-se como um povo militar e comerciante, simples nos seus costumes, mas cruéis e ferozes nas suas investidas, os quais empalavam e queimavam vivos os habitantes das cidades conquistadas. Constituíam uma verdadeira potência militar; destituída, porém, a sua grande fortaleza de Nínive, a nação se extinguiu. V. NÍNIVE. *Resumo histórico.* Pouco sabemos a respeito dos primeiros líderes da Assíria, além de seus nomes. Bel-Capcapi, não mais considerado vice-rei sob o domínio babilônico, foi o seu primeiro rei (século XVI a.C.). Por alguns séculos, a História ocupa-se das lutas que o povo assírio teve de travar contra a Babilônia. Rimom-Hirari i(1320 a.C.) deixou inscrições nas quais suas guerras são mencionadas. Seu filho fundou a cidade de Calá, e seis gerações dos seus descendentes se sentaram no trono da Assíria. Mais tarde, Tiglate-Pileser II, fundador do primeiro império da Assíria, estendeu seus limites desde a Cilícia, para o oeste, até o Curdistão, a leste. Quando esse conquistador alcançou o mar Mediterrâneo, após subjugar os heteus, representou essa conquista pela cena de um navio em que ele navegava e de dentro do qual ele mesmo matava um delfim. Embelezou a cidade de Nínive e no ano 1130 a.C. sitiou e conquistou a cidade de Babilônia. V. TIGLATE-PILESER. Mas as conquistas de Tiglate-Pileser perderam-se nos reinados seguintes, durante os quais se levantou e se alargou o reino de Davi e Salomão. Todavia, nos anos 911 a 858 a.C., o Império Assírio ressurgiu e se tornou notório com as campanhas dos monarcas conquistadores e pelas horríveis barbaridades praticadas, tais como empalações e pirâmides de cabeças humanas. Os exércitos de Assurnasirpal invadiram a Armênia, Mesopotâmia, Hindustão, Babilônia, Fenícia, ao passo que os de Salmaneser II, o mesmo que subjugou Oseias, estenderam mais os limites da nação, marcando o auge do poderio assírio. Em um dos monumentos deste último rei, estão traçadas as figuras dos portadores de tributos de "Jeú, filho de Onri". Para se defenderem de Salmaneser II, os reis dos povos vizinhos formaram uma confederação. Entre tais reis, há menção do nome de "Acabe de Israel", que forneceu para a guerra 2 mil carros e 10 mil homens de infantaria. V. ACABE, BEN-HADADE II. Doze anos mais tarde, quando Hazael, rei da Síria, ocupava o trono de Damasco, Salmaneser marchou contra ele e sitiou essa cidade. Foi nessa ocasião que Jeú se apresentou a Salmaneser oferecendo-lhe tributos em submissão. V. JEÚ. A revolta de 27 cidades, incluindo Nínive e Assur, obrigou Salmaneser II, bem como seu filho e sucessor, a permanecerem nos limites de sua nação. Mas Rimom-Nirari III (810 a 781 a.C.) compeliu os fenícios, os israelitas, os edomitas e os filisteus a pagarem-lhe tributo. Desde aquele momento, a potência assíria experimentou uma decadência até o ano 745 a.C., quando Pul se apoderou da coroa e assumiu o nome de Tiglate-Pileser IV; assim foi fundado o segundo império da Assíria. V. PUL. Esse monarca fortaleceu grandemente a Assíria e inaugurou uma política de expansão e consolidação que foi mantida com êxito por seus sucessores. Tal era o terror que seu nome infundia que os reis de países pequenos, tais como Eniel de Hamate, Uzias de Judá, Rezim da Síria, Hirão de Tiro, Pisiris de Carquemis e Menaém de Samaria, apressaram- se a lhe prestar

homenagem (cf. 2Rs 15.19). Nessa época, o rei Acaz foi bastante oprimido por Peca e Rezim, os quais tinham entrado em acordo para destruir a casa de Judá. Acaz, então, pediu auxílio a Tiglate-Pileser. Houve um confronto, e, como resultado, a Síria tornou-se província da Assíria, as tribos dalém do Jordão foram levadas para o cativeiro e a cidade de Damasco foi destruída. Acaz apresentou-se quando os reis e príncipes derrotados já rendiam homenagens ao conquistador (2Rs 16.10). Outro grande monarca assírio foi Sargão, sucessor de Salmaneser IV. O seu império, no auge do poder, estendia-se do mar Mediterrâneo ao golfo Pérsico; os reis subjugados pagavam tributos ao imperador e lhe prestavam homenagem. Sargão invadiu a Palestina, tomou Jerusalém e incendiou Asdode (Is 20.1). Após ser assassinado, seu filho, Senaqueribe, foi o sucessor. V. SARGÃO, EZEQUIAS. Senaqueribe ocupou-se principalmente com a manutenção dos territórios conquistados pelos seus predecessores. Há uma longa inscrição de seus feitos contra Ezequias, mas nada diz acerca do que aconteceu ao exército assírio diante de Jerusalém (2Rs 19). O desastre foi tão grande que ele nunca mais se refez, ainda que, outra vez, tenha conseguido retomar a cidade de Babilônia, a qual se rebelara, e infligir-lhe grande morticínio e incêndio. Em 681 a.C., foi morto por seus dois filhos mais velhos. Esar-Hadom teve de lutar contra seus irmãos por causa do trono. Ele era dotado de gênio militar, mas não era tão cruel quanto os que o antecederam. Conquistou o Egito, reedificou Babilônia, para onde Manassés, rei de Judá, foi levado à sua presença como prisioneiro (2Cr 33.11). Esar-Hadom ocupou a fronteira da Média, e a ilha de Chipre pagou-lhe tributo. Assurbanipal é, provavelmente, o "grande e afamado Osnapar" de Ed 4.10. Era dado ao luxo nos seus hábitos, amava a literatura e entregou a direção de suas tropas a generais, de modo que alargou consideravelmente as fronteiras do seu império. Contudo, uma revolta, chefiada por seu irmão (652 a.C.), produziu a perda do Egito e a independência parcial de Babilônia, cujos governadores, mais como soberanos do que como vice-reis, dirigiam os negócios do Estado. A situação continuou assim até que Nabopolassar e Nabucodonosor sacudiram qualquer vestígio de jugo da Assíria. V. BABILÔNIA. O último rei assírio, Esar-Hadom II, viu o esfacelamento do seu grande império, queda essa de Nínive que fora anunciada muito tempo antes pelos profetas de Deus. *Religião.* Os deuses assírios eram de origem babilônica. Os acadianos criam que cada objeto e cada fenômeno da natureza tinha o seu respectivo espírito, quase sempre malévolo, e que esses seres maus só podiam ser apaziguados por encantamento e exorcismo, de forma que os sacerdotes eram as únicas pessoas que podiam encantá- los ou exorcizá-los, a ponto de sacerdote e mágico serem termos sinônimos. Os deuses maiores eram: *Anu*, "o céu"; *Bel*, "a Terra"; *Ea*, "a profundidade". Depois desses, havia, pela ordem de sua classe, o deus Lua, o deus Sol, a Estrela da Tarde e outros planetas. Mais tarde, o deus Sol foi elevado à mais alta categoria, sendo invocado como *Bel* ou *Baal*, o supremo "senhor". *Betis*, ou *Bilate*, sua mulher, era o complemento feminino de *Bel* (Astarote). *Merodaque*, por semelhante modo, era conhecido como *Bel*, o fruto de Sar e *Quisar*, o firmamento superior e o inferior. Era um deus de bondade, sempre disposto a combater os poderes do mal. Seu filho, *Nebo*, o deus da literatura, foi o inventor da escrita cuneiforme, e seu culto foi introduzido na terra de Canaã (cf. Nebo, Ed 2.29; e, ainda, monte Nebo, Dt 32.49). *Rimom*, "o que relampeja", era o deus da chuva e da tempestade, armado do raio. Istar (Astarote), "a rainha do céu", era adorada sob muitas denominações e formas. Também era a

mesma *Astarte* e *Afrodite* dos gregos. Duas outras divindades principais eram *Nergal* e *Adar*, este último o deus ao qual se faz referência em 2Rs 17.31, sob o nome de *Adrameleque*, "rei Adar". Tanto os babilônios quanto os assírios possuíam sua liturgia religiosa, com cultos para certos dias e estações. Uma das práticas mais curiosas de seu ritual era a oração depois de um sonho ruim ou pesadelo. Também tinham uma coletânea de salmos penitenciais. Em situações de desastre ou calamidade nacional, eram observados os dias de jejum e de humilhação. O próprio nome *sabato* era empregado pelos assírios, que lhe chamavam "dia de descanso para o coração", bem como "dia de cessação do trabalho". Eles acreditavam numa vida futura. Hades, a terra dos mortos, era um lugar de trevas, onde as almas voavam como morcegos, alimentando-se de pó,até que bebessem as águas da vida que saíam borbulhando do altar de ouro de Alate, a rainha do mundo inferior, quando, então, eram restauradas à vida e ao ar das regiões superiores. A religião assíria e a mitologia estavam inextricavelmente estruturadas. Havia mais de uma história da Criação, e uma delas apresenta notável semelhança com a registrada em Gênesis. A história do Dilúvio era tema favorito dos babilônios. V. BABILÔNIA. Havia grandes contrastes na religião da Assíria. Os assírios eram rudemente politeístas e criam em centenas de deuses; adoravam, até mesmo, espíritos de homens divinizados. Contudo, havia uma forte tendência para o monoteísmo, de modo que Assur seria o deus supremo. Eles confessavam os pecados aos seus deuses, implorando-lhes perdão e auxílio, mas seus cultos eram maculados pelos mais vergonhosos excessos, ainda que os espíritos mais cultos tendessem à concepção de um Deus supremo.

Arte, literatura e ciência. Os palácios e templos assírios eram edificados com tijolos, imitação do que se fazia em Babilônia, e exibiam placas de alabastro esculpidas. Para particularidades, V. NÍNIVE. Os palácios tinham apenas um andar, edificados sobre terraços e cercados de jardins ou parques. A escultura geralmente era feita em relevo, e as figuras eram traçadas em perfil, demonstrando muitas vezes grande sensibilidade artística. Os assírios eram exímios na arte de gravar em marfim, e o plano de fundo das suas esculturas gravado com grande perícia é um exemplo de minúcia e beleza da arte em marfim. As esculturas, em geral, eram pintadas, ainda que de forma imperfeita, com cores vivas, e os artistas empregavam tintas vermelhas, pretas, azuis e brancas. A literatura compreendia, principalmente, as traduções dos originais acadianos, escritos em caracteres cuneiformes sobre argila e pedra (V. ESCRITURA, BABILÔNIA), embora o papiro também fosse usado. A educação já estava muito desenvolvida, e, ao que parece, havia poucas pessoas que não soubessem ler e escrever a simplificada escrita em uso nas coisas comuns do cotidiano. Os livros de argila eram pequenos, e a escrita, por vezes, era traçada em caracteres nítidos com o auxílio de lentes de cristal, das quais uma foi encontrada no sítio arqueológico da biblioteca de Nínive. Todas as grandes cidades do império tinham bibliotecas, onde muitos escribas eram empregados. Em tempos posteriores, o aramaico era a língua comum do comércio e da diplomacia, fato esse que explica a razão pela qual os judeus, após o exílio em Babilônia, renunciaram sua própria língua em favor do aramaico, conhecido e ensinado em todos os países da vizinhança. Os assírios criam piamente na astrologia, e muitos deles eram hábeis astrônomos, a ponto de produzirem uma obra original sobre astronomia com 72 livros no ano 1800 a.C. Sargão icompilou uma obra mais extensa sobre prognósticos, constituída de 137 livros. Tratados sobre agricultura, poemas, salmos e cantos têm sido encontrados no sítio

arqueológico da biblioteca de Nínive, assim como contos e outros documentos comerciais. A matemática e a medicina já estavam muito adiantadas.

Vestuário. O vestuário dos assírios pouco diferia do oriental de hoje. V. VESTUÁRIO. A coroa dos reis assemelhava-se à multifacetada mitra do papa, e as vestes reais possuíam franjas e eram ricamente bordadas. O vestuário do povo era simples e resumia-se a uma túnica ou casaco. Os soldados de infantaria usavam, além disso, saiotes e sandálias; os cavaleiros eram equipados com botas. V. SANDÁLIAS E ARMAS. Os assírios faziam uso de mesas, cadeiras e camas. Gostavam de alimentar-se com boas comidas, embora as classes inferiores, na sua maioria, vivessem de pão, frutas e vegetais. Bebiam muito vinho feito de uvas provenientes das vinhas de Damasco, bem como aquele que era feito de tâmaras. Cerveja, leite, creme, manteiga e azeite eram gêneros alimentícios muito consumidos. A poligamia era permitida, mas não era geral. Havia abundância de escravos, procedentes dos cativos militares. Um camelo valia meio siclo de prata, porém um escravo valia muito menos. Em determinadas situações, as viúvas podiam ser compradas.

Comércio. Os assírios eram grandes negociantes, e seus monarcas guerreavam a fim de garantir-lhes a hegemonia no comércio mundial. As tabuinhas de contrato, descobertas em grande quantidade entre os achados arqueológicos, referem-se a acordos de aluguel e venda de casas, escravos e outros bens, como também aos juros por empréstimos que geralmente não ultrapassavam 4%. Todos esses atos eram avalizados por testemunhas que faziam uso de selos ou sinais inscritos com a unha. Em seguida, o documento era guardado numa caixa que recebia um revestimento de argila. Até a época de Nabucodonosor, os pagamentos eram efetuados por peso, uma vez que ainda não se utilizava a fundição e cunhagem de moedas. Para mais detalhes, procure, por meio dos respectivos nomes, o que se acha escrito neste dicionário sobre os monarcas assírios, bem como acerca das cidades, dos rios etc. As principais referências bíblicas sobre a Assíria são as seguintes: Famosa por sua fertilidade (2Rs 18.32; Is 36.17) e por seu comércio (Ez 27.23,24); era opressora (Is 52.4); foi instrumento da ira divina (Is 10.5); estava sob condenação e aliança com Israel (Jr 2.18-36; Ez 16.28- 63; Os 5.13; 7.11; 8.9); foi impotente para desviar os juízos de Deus (Os 5.13; 10.6; 14.3); sua queda foi anunciada (Is 10.5- 19; Ez 31.3-17; Na; Sf 2.13-15). O livro de Gênesis também se refere a essa nação (2.14; 25.18), e Balaão faz menção a Assur em Nm 24.22-24. Hazael e Ben-Hadade, reis de Damasco, opuseram-se a Salmaneser em sua marcha conquistadora; Jeú, rei de Israel, foi feito tributário; Menaém também pagou tributos a Pul (2Rs 15.19); as tribos israelitas a leste do Jordão e ao norte foram levadas cativas pelos assírios (2Rs 15.29; 1Cr 5.26). Acaz, rei de Judá, recorreu a Tiglate-Pileser, a fim de que este o auxiliasse na guerra contra o reino de Israel (2Rs 16.7-10; 2Cr 28.16-21); Tiglate-Pileser recusou o pedido, mas tomou Damasco e destruiu o reino da Síria (2Rs 16.9), o que já tinha sido profetizado (Is 8.4; Am 1.5). Salmaneser subjugou Oseias, rei de Israel, e o fez tributário, porém este rei se revoltou, e a cidade de Samaria foi sitiada pelo período de três anos. Por fim, Sargão tomou a cidade e levou os israelitas cativos para a Assíria, como fora anunciado pelo profeta Oseias (2Rs 17.3-6; 18.9-11; Os 9.3; 10.6; 11.5). No reinado de Sargão, o general Tartã foi bem-sucedido em seu ataque a Asdode, ao Egito e Etiópia (Is 20.1-4; Na 3.8-10). É provável que tenha invadido Judá (v. Is 10.5-34; 22.1-14). No tempo de Senaqueribe, Ezequias, rei de Judá, recusou-se a pagar o tributo (2Rs 18.7); todavia, quando

os assírios invadiram de novo seu país, Ezequias se submeteu (2Rs 18.14-16). Entretanto, Jerusalém foi sitiada, e sua queda, evitada pela aproximação do rei da Etiópia. Após a destruição de grande parte do exército assírio (2Rs 18.17-37; 19; 2Cr 32.1-22; Is 36; 37), Senaqueribe retornou a Nínive, onde foi assassinado por seus filhos (2Rs 19.36,37; Is 37.37,38). Quando Esar-Hadom reinava em Babilônia, Manassés, rei de Judá, foi levado para lá e, mais tarde, restituído ao seu trono (2Cr 33.11-13). Colonos idólatras oriundos de províncias distantes fixaram residência em Samaria (2Rs 17.24-29; Ed 4.2,9,10). O retorno de Israel do cativeiro na Assíria fora predito (Is 27.13; Os 11.11; Zc 10.10). Muitos nomes bíblicos podem ser lidos e identificados nas inscrições descobertas nas ruínas de Nínive, entre outros os nomes dos reis judeus Jeú, Menaém e Ezequias.

assobiar. O ato de chamar alguém, por meio de assobio, significava poder e autoridade (Is 5.26; 7.18). Quando Zacarias fala do retorno do exílio, diz que o Senhor assobiaria para ajuntar a casa de Judá e trazer os judeus a sua própria terra. A palavra "assobiar", ou o som do assobio, significava geralmente insulto e desprezo (1Rs 9.8; Jó 27.23; Jr 19.8; 49.17; 51.37; Lm 2.15; Ez 27.36; Sf 2.15).

Assôs. Cidade e porto marítimo da província romana da Ásia, no território antigamente denominado Mísia. Situava-se no golfo de Adramítio e distava cerca de 11 km da costa defronte de Lesbos, nas proximidades de Metimna. A estrada romana que ligava as cidades da parte central da província a Alexandria e a Trôade passava por Assôs, e a distância entre aquelas duas localidades mencionadas era de 32 km aproximadamente. Tais pontos geográficos esclarecem a rápida passagem de Paulo pela cidade, tal como se acha mencionada em At 20.13,14. Existem, ainda, muitas ruínas da antiga cidade, como a fortaleza de onde se contempla uma paisagem surpreendente. A Rua dos Túmulos, que vai até a Porta Grande, é outro ponto de destaque. Esse lugar, outrora importante, é atualmente uma pequena vila de nome Bairam Kalessi. V. TRÔADE.

Assuero. 1. Filho de Dario, o medo (Dn 9.1).
2. Assuero, rei da Pérsia, é mencionado em Ed 4.6. Depois da morte de Ciro, os inimigos dos judeus, com o intuito de embargar a reedificação da cidade de Jerusalém, fizeram acusações contra eles ao rei Assuero. Pode ser identificado com o do item 3.
3. O Assuero do livro de Ester deve ser o mesmo que Xerxes, filho de Dario Histaspes, mais conhecido por sua derrota na batalha de Salamina, quando invadiu a Grécia, por volta de 480 a.C. Ele divorciou- se da rainha Vasti, em virtude de ela ter se recusado a comparecer publicamente em um banquete, e quatro anos mais tarde casou-se com a judia Ester, prima de Mordecai por este tutelada. V. ESTER.

Assur. V. ASSÍRIA.

Astarote, Asterote. *Estrela, o planeta Vênus*. A principal divindade feminina dos fenícios, assim como Baal era o principal dos deuses. Da mesma forma que Baal foi identificado com o Sol, Astarote, ou Astarte, com os seus crescentes, identificava-se com a Lua, mas seu símbolo era uma vaca. O culto dessa deusa veio dos caldeus para os cananeus. Era a deusa da capacidade produtiva, do amor e da guerra. Entre os filisteus, seu culto era acompanhado de grande licenciosidade, e o ambiente dos bosques contribuía de maneira proeminente. As pombas eram-lhe consagradas. V. BOSQUE.

astrólogo. O fato de predizer o futuro pelos aspectos, influências e posições dos corpos celestes era costume entre o povo da Antiguidade, com exceção, talvez, dos hebreus. A palavra "astrólogo" é derivada das palavras gregas aster (estrela) e logos (discurso ou palavra). Embora houvesse muita mistificação e charlatanismo entre os astrólogos, especialmente quando previam os acontecimentos futuros pela observação das estrelas (que eles supunham exercer influência sobre os negócios dos homens), eles conseguiram, contudo, transmitir conhecimentos muito úteis e foram os precursores da moderna ciência da astronomia. A evidência de que em tempos remotíssimos foram feitas tentativas de regular o ano segundo o movimento do Sol reside no fato de que o ano judaico foi dividido em meses de 30 dias cada (Gn 7.11; 8.4). Os egípcios, babilônios e fenícios manifestaram grande superioridade na ciência astronômica. Somos informados de que havia mágicos e encantadores no Egito (Êx7.11; Lv 19.31; 20.27; Dt 18.20), os quais calcularam os eclipses do Sol e da Lua, fingindo, perante o povo, terem produzido tais fenômenos por intermédio de seus encantamentos. Algumas das constelações são mencionadas em Jó 9.9; 38.31,32; Is 13.10; Am 5.8; 2Rs 23.5. Não é de admirar, em hipótese alguma, que os hebreus não tivessem prestado grande atenção à astronomia, visto que o estudo da astrologia, a que se dava alta importância entre os povos pagãos, lhes era proibido (Lv 20.27; Dt 18.10; Is 47.9; Jr 27.9; Dn 2.13,48). Na verdade, Daniel estudou a arte da astrologia na Babilônia, mas não a praticava (Dn 1.20; 2.2). Os astrólogos, a exemplo, certamente, dos magos mencionados em Mt 2, dividiam os céus em repartições ou habitações, atribuindo a cada uma das divisões um governador ou presidente. Este fato pode, talvez, explicar a origem da palavra "*Belzebu*", ou seja, *o senhor das habitações celestes* (Mt 10.25; 12.24-27; Mc 3.22; Lc 11.15-19). V. MAGOS, FEITICEIROS.

Atalia. *Jah* [contração de YAHWEH, i.e., Javé] *é grande*. 1. Filha de Acabe e Jezabel, a qual casou-se com Jeorão, filho de Josafá, rei de Judá, e introduziu no Reino do Sul o culto de Baal, que já se difundira pelo Reino do Norte. Depois da subida de Jeú ao trono de Samaria, ela matou, com exceção de um, todos os membros da família real de Judá que tinham escapado ao massacre do rei de Israel (2Rs 10.14). O descendente da família real salvo era uma criança de nome Joás, filho mais novo de Acazias, a quem sua tia Jeosabeate escondera. Jeosabeate era filha do rei Jorão e mulher do sacerdote Joiada (2Cr 22.11), a qual, junto com o marido, cuidou do pequeno príncipe, ocultando-o no templo pelo período de seis anos, durante os quais reinou Atalia sobre Judá. Mas, no fim desse tempo, Joiada apresentou ao povo o seu legítimo rei, o qual "na casa do Senhor" recebeu as honras de monarca da parte dos soldados da guarda. No sábado, a terça parte das tropas manifestou sua fidelidade ao rei no palácio, e os dois terços restantes contiveram a multidão dos visitantes e adoradores que afluíram ao templo. Atalia, que não prestava o seu culto na casa do Senhor, reconheceu que estava em perigo ao ouvir as vozes do povo e a música na entronização de seu neto. Ela chegou já tarde ao templo, e, imediatamente, a retiraram dali por mandado de Joiada, que disse: "Não a matem na casa do Senhor" (2Rs 11). Foi morta à entrada da casa do rei.
2. Um benjamita, filho de Jeroão (1Cr 8.26).
3. O pai de Jesaías (Ed 8.7).

Atarim. Talvez o caminho para Hormá (Nm 21.1).

Atenas. A mais famosa cidade da Grécia antiga. Paulo a visitou quando voltava da Macedônia e parece ter ficado ali por algum tempo (At 17). No tempo desse apóstolo, Atenas era uma cidade livre, isto é, isenta da obrigação de pagar tributos, e situava-se na província romana da Acaia. Durante a sua permanência, Paulo proferiu seu memorável discurso no Areópago perante os filósofos atenienses. A observação do historiador sagrado, no que diz respeito ao caráter inquiridor dos atenienses (At 17.21), é justificada por muitos outros escritores. Demóstenes, o célebre orador ateniense, censura os seus conterrâneos por esse costume de constantemente andarem pelo mercado, perguntando uns aos outros: *Quais são as últimas notícias?* A sua vivacidade natural devia-se, em parte, à pureza e claridade da atmosfera, o que lhes permitia passar uma boa parte do tempo ao ar livre. O povo, como observa Paulo, era um tanto supersticioso, e a cidade, em todas as suas direções, exibia um grande número de templos, altares e outras construções sagradas. Paulo debateu com os judeus em uma sinagoga da cidade (At 17.17). No NT, não há nenhuma referência a uma igreja cristã ali fundada por esse apóstolo. Todavia, segundo a tradição, Dionísio, o areopagita, que se convertera mediante a pregação de Paulo, foi o primeiro bispo dessa suposta igreja.

Atos dos Apóstolos. *Título e plano*. O título do livro nos mais antigos manuscritos é simplesmente *Atos* ou *Atos dos Apóstolos*. Essa indeterminação é própria da natureza seletiva dos fatos narrados. As primeiras palavras estabelecem a ligação entre o que se lê no Evangelho e o que o livro de Atos expõe. Não se sabe se a expressão "todas as coisas que Jesus começou a fazer e a ensinar" é uma evidência de que a intenção do autor era a de escrever uma continuação da obra de Jesus realizada por meio dos apóstolos. Talvez a frase signifique, na sua simplicidade, "aquilo que Jesus primeiramente fez", sendo a obra dos apóstolos que escolhera distinta da obra de Jesus. O tema do livro de Atos é indicado em 1.8: "Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em toda a Judeia e Samaria, e até aos confins da terra". Tal plano, traçado de forma irregular, facilmente se reconhece na estrutura da obra. Ao milagre de Pentecostes, segue-se o testemunho dos apóstolos e a expansão da igreja, nas três fases — "Jerusalém" (cap. 2—7), "Judeia e Samaria" (cap. 8—12) "e até aos confins da terra" (cap. 13—28). O progresso exterior da igreja acompanha o crescimento interior, com especialidade no que concerne à sua emancipação gradativa do judaísmo. A terceira fase identifica-se quase inteiramente com a obra e o ministério de Paulo. *O autor*. O testemunho externo, desde Ireneu, é unânime em atribuir a Lucas tanto o livro de Atos quanto o terceiro Evangelho. É universalmente aceito que a primeira pessoa, isto é, "nós", mencionada em 16.10, significa que as linhas descritivas da viagem são traçadas por um companheiro de Paulo. A única explicação razoável é a de que em Trôade o autor se juntou a Paulo, acompanhou-o até Filipos, permanecendo nesta cidade durante a ausência do apóstolo, e, a partir de então, andou sempre na companhia de Paulo até que este chegou a Roma. *Fontes*. O "documento de viagem" demonstra ser o próprio registro das notas de Lucas, acrescidas de fatos provenientes da sua memória e eventuais investigações. Com respeito às outras partes do livro, podemos supor que Lucas seguiu o método indicado em Lc 1.1-4. Lucas deve ter desfrutado com mais tranquilidade a companhia de Paulo em Cesareia, em Malta e em Roma, onde, possivelmente, encontrou, mais tarde, o apóstolo Pedro. Tenha esse encontro ocorrido ou não, o certo é que Marcos, "o intérprete de Pedro", esteve com Lucas em Roma (Cl

4.10,14; Fm 24) e, sem dúvida, podia fornecer-lhe excelentes informações acerca dos acontecimentos iniciais em Jerusalém, dos quais a casa de sua mãe fora o centro. Em Cesareia, Lucas permaneceu com Filipe, o evangelista (21.8), e em Jerusalém encontrou-se com Tiago e os presbíteros (21.18).

Data. As últimas palavras (28.30,31) permitem- nos dizer que a história de Atos vai até o ano 62 d.C. Alguns têm alegado que a forma abrupta pela qual o livro encerra é um indicador do limite de conhecimento do seu autor e que tenha sido provavelmente escrito por volta do ano 63 d.C. É muito pouco provável que o Evangelho de Lucas tenha sido escrito antes do ano 70 d.C., e não há a menor sombra de dúvida de que o livro de Atos é posterior ao Evangelho escrito pelo mesmo autor. Esses e outros indícios de caráter externo e interno levam-nos a apontar a data de 80 d.C., com pequena margem de erro para mais ou para menos, como a mais provável.

Valor histórico. A impressão geral que se tem na leitura do livro é a de ser uma narrativa verdadeira, elaborada por um historiador consciencioso, guiado pelo Espírito Santo. Já em 1790 d.C., Paley, em seu livro intitulado *Horae Paulinae*, relacionou "as coincidências naturais" entre o livro de Atos e as epístolas paulinas com argumentos que até hoje, de nenhuma forma, perderam seu valor. O livro, em suma, trata do seguinte: 1. A primeira parte da história, consagrada inteiramente à igreja de Jerusalém, narra o preenchimento do corpo apostólico (At 1); a primeira manifestação do Espírito Santo, segundo a promessa (At 2); o aumento da prosperidade da igreja, entre amarguras e perturbações de dentro e de fora, até a perseguição e dispersão de seus membros (At 3—7). Nesse período, é dada uma ênfase especial aos primeiros discursos de Pedro, que apresenta o evangelho como o cumprimento das profecias e a plena realização da "aliança que Deus estabeleceu com vossos [dos judeus] pais"; também se destaca a oração histórica de Estêvão, a qual demonstra que o relacionamento de Deus com o povo de Israel era progressivo e que a relação do privilégio religioso com o lugar e circunstâncias exteriores era apenas temporária.

2. Segue-se uma narrativa sobre o progresso da obra evangelizadora, de modo que o evangelho é levado a Samaria, e um prosélito da Etiópia se converte (At 8). Depois disso, como introdução à história missionária da igreja, ocorre a conversão e chamada daquele que haveria de ser "o apóstolo dos gentios" (At 9). Em Cesareia, abre-se a porta da fé aos incircuncisos pela pregação de Pedro, e tem início a evangelização dos pagãos em Antioquia, onde Paulo, pela primeira vez, exerce sua missão especial (At 10 e 11). Finalmente, a morte e o livramento de dois dirigentes da igreja-mãe de Jerusalém, que deixa de ser, a partir de então, o principal assunto da história (At 12).

3. A terceira parte, que começa com a obra de Antioquia, o grande centro da igreja gentílica, marca outra interposição do Espírito Santo, ao narrar as viagens de Paulo em suas três grandes jornadas missionárias. O apóstolo, em cada lugar onde evangeliza, dirige-se primeiramente aos judeus, mas é rejeitado e perseguido por eles, ao passo que os gentios aceitam ouvir a Palavra, de forma que numerosas igrejas foram implantadas por intermédio de seu ministério nas principais cidades da civilização pagã (At 13—20). Por fim, quando visita Jerusalém em circunstâncias especiais a fim de conciliar seus compatriotas, Paulo é atacado e preso; após uma série de discursos em que defende a si próprio e suas doutrinas, é enviado à capital do mundo gentílico

para ser julgado no tribunal de César. Já em Roma, o apóstolo, uma vez mais, apela a seus compatriotas e lembra-lhes a antiga lamentação profética sobre a obstinada cegueira deles e declara-lhes que a "salvação de Deus foi enviada aos gentios. E eles a ouvirão" (cap. 21—28). Alguns dos muitos discursos de Paulo, proferidos durante as viagens missionárias, são modelos de argumentação quanto à maneira em que se dirigir a diversas classes de ouvintes. O discurso proferido na sinagoga da Pisídia (At 13) é um exemplo das suas pregações aos judeus; o de Listra (At 14) contém os argumentos que ele empregava quando sua audiência compunha-se de pagãos rudes; o de Atenas (At 17) demonstra que ele sabia adaptar suas palavras à gente grega de fina educação; e o de Mileto (At 20) nos dá a conhecer suas advertências aos pastores de um grande número de convertidos.

Atrote-Sofã. Cidade pertencente tribo de Gade (Nm 32.35).

Augusto. Esse nome ocorre três vezes no NT. No Evangelho de Lucas (2.1), é dito o seguinte: "Naqueles dias foi publicado um decreto de César Augusto, convocando toda a população do império para recensear-se". A passagem refere-se a Otaviano, sobrinho de segundo grau de Júlio César, o qual, depois de grandes lutas, foi proclamado imperador de Roma no ano 29 a.C. Foi o primeiro dos imperadores a receber o nome Augusto, designativo que lhe foi conferido pelo Senado romano em 27 a.C., para significar que ele era digno de veneração religiosa. Nas outras duas passagens (At 25.21,25), Augusto quer simplesmente dizer o imperador, o qual, naquele tempo, era Nero.

aves. As aves, segundo a Lei de Moisés, acham-se divididas tanto em animais limpos quanto em animais imundos. As aves imundas, que por isso mesmo não podiam servir de alimento, eram aquelas que se alimentavam de carne, peixes e animais mortos. As que se alimentavam de insetos, de grãos e de frutas eram "animais limpos". Essa classificação pode, facilmente, estar de acordo com os conceitos atuais sobre o assunto. Outra cláusula da Lei mosaica proibia que se tirasse do ninho a ave-mãe, embora seus filhotes e ovos pudessem ser retirados dali. Há várias referências aos hábitos das aves: Jr 8.7 fala da chegada da cegonha, do grou e da andorinha; em Ct 2.11,12, o canto das aves e a voz da rola são prenúncios da chegada da primavera. Em Ec 12.4, acha-se a expressão "a voz das aves" em alusão ao canto do rouxinol, que existe em grande número ao longo das margens do Jordão e na vizinhança do mar Morto. Esse pássaro canta muito bem e é facilmente domesticável. Tais aves são muito procuradas no Oriente, e há uma referência a essa domesticidade no livro de Jó (41.5): "Brincarás com ele, como se fora um passarinho?". A grande maioria das aves que se encontram na Palestina pertence à classe das aves de arribação. Nos lugares mais baixos do vale do Jordão, acham-se aves subtropicais, que não se veem nas regiões mais ao norte. Além dessas, há umas 15 espécies peculiares à Palestina. As aves eram muito empregadas como alimento pelos habitantes da terra santa e ainda o são na atualidade. Nos tempos primitivos, eram capturadas principalmente por meio de redes e armadilhas (Sl 124.7; Pv 7.23), mas atualmente são caçadas com espingardas nos arredores de Jerusalém. Outra forma de caça a aves, principalmente perdizes, consiste em arremessar uma vara pontiaguda. Em 1Sm 26.20, faz-se alusão a esse tipo de caça. Em uma única passagem, Bildade menciona quatro diferentes métodos de apanhar aves (Jó 18.8-10). Aves marítimas e aves aquáticas são raras na Palestina, mas as de rapina, tais como abutres, açores, entre outras,

são abundantes nessa região, e há muitas referências a elas na Bíblia. Em Dt 32.11, diz-se que Deus ensinou Israel como a águia ensina seus filhotes. V. ÁGUIA.

avestruz. Em Jó 39.13-18, há retrato vivo de sua ostentação e do modo cruel e estúpido pelo qual trata seus ovos e filhotes pequenos. Segundo a Lei de Moisés, classifica-se entre as aves imundas, além de ser considerada uma criatura que habita na desolação do deserto (Lv 11.16; Dt 14.15; Jó 30.29; Is 13.21; 34.13; 43.20; Jr 50.39; Mq 1.8). Não é verdadeira a história de o avestruz esconder sua cabeça na areia como se fosse invisível. Desde os tempos mais remotos, os avestruzes são conhecidos na Síria, Arábia e Mesopotâmia.

aveus, avins. Povo antigo da Palestina que habitava em vilas ou acampamentos nômades, ao sul da Sefelá, a grande planície ocidental que se estende até Gaza. Nessas ricas e férteis regiões, os aveus foram atacados pelos invasores filisteus, "os caftorins, que saíram de Caftor", que, após aniquilá-los, passaram a habitar nessas terras em seu lugar (Dt 2.23). Fala-se da parte restante desse povo em Js 13.3,4, como habitantes ao sul dos filisteus. Têm sido identificados com os heveus.

Azarias. *A quem o Senhor ajudou.* Nome comum hebraico, especialmente entre os descendentes de Eleazar. As principais pessoas com esse nome foram: 1. O sumo sacerdote, sucessor de seu avô Zadoque (1Rs 4.2). Ele oficiou na consagração do templo e foi o primeiro sumo sacerdote que ali serviu.
2. Sumo sacerdote nos reinados de Abias e Asa (1Cr 6.10,11).
3. Sumo sacerdote no reinado de Uzias, o décimo rei de Judá. O mais notável acontecimento de sua vida acha-se narrado em 2Cr 26.17-20. Quando o rei Uzias pretendia queimar incenso no altar do templo, Azarias e 80 sacerdotes do Senhor "resistiram ao rei Uzias". Tal rei foi, por isso, acometido de lepra. Azarias foi contemporâneo de Isaías, Amós e Joel.
4. Sumo sacerdote nos dias de Ezequias (2Cr 31.10-13). Ocupava-se, com especialidade, do abastecimento das câmaras do templo, armazenando ali os dízimos, as ofertas e os objetos consagrados, a fim de serem utilizados pelos sacerdotes e levitas. A manutenção dessas coisas e a conservação do culto dependiam inteiramente dessas ofertas, de modo que, quando o povo era pouco cuidadoso nesse aspecto, os sacerdotes e levitas viam-se obrigados a ir para suas terras, deixando deserta a casa de Deus (Ne 10.35-39; 12.27-30,44,47).
5. Um dos líderes dos "filhos da província", que vieram de Babilônia com Zorobabel (Ne 7.7). Em outro lugar, é chamado Seraías (Ed 2.2).
6. Um dos sacerdotes que repararam uma parte do muro (Ne 3.23,24).
7. Um dos levitas que auxiliaram Esdras na instrução do povo com respeito ao conhecimento da Lei (Ne 8.7).
8. Um dos sacerdotes que selaram a aliança com Neemias (Ne 10.2), provavelmente o mesmo Azarias que prestou seu auxílio na dedicação do muro da cidade (Ne 12.33).
9. Um dos príncipes de Salomão, filho de Natã, talvez neto de Davi (1Rs 4.5).
10. Filho de Josafá, rei de Judá (2Cr 21.2).
11. O nome de nascença de Abede-Nego (Dn 1), escolhido com Daniel e outros jovens para servirem ao rei Nabucodonosor. Ele recusou-se a dar apoio à idolatria, pelo que foi lançado numa fornalha ardente com os seus companheiros, mas todos saíram dela ilesos.
12. Filho de Odede e profeta nos dias do rei Asa. Ele aconselhou o rei, bem como falou ao povo

de Judá e Benjamim, no sentido de que eliminassem a idolatria e restaurassem o verdadeiro altar de Deus que estava em frente ao pórtico do templo. Um grande número de israelitas originários da nação irmã, Israel, reuniu-se aos seus irmãos para a reforma, o que deu início à era de paz e de grande prosperidade (2Cr 15).
13. Filho de Jeroão e um dos capitães de Judá na época de Atalia (2Cr 23.1).
14. Um dos capitães de Efraim no reinado de Acaz; mandou voltar ao seu lugar os cativos e o despojo que tinham sido levados por Peca na ocasião da invasão de Judá (2Cr 28.12).

Azeca. Cidade de Judá, constituída de aldeias independentes, situadas na Sefelá, uma rica planície agrícola. Josué, quando perseguia os cananeus, depois da batalha de Bete-Horom, foi até Azeca (Js 10.10,11). Os filisteus acamparam entre Azeca e Socó, antes da batalha na qual Golias foi morto (1Sm 17.1). Foi uma das cidades fortificadas pelo rei Roboão (2Cr 11.9) e acha-se mencionada como lugar reocupado pelos judeus, depois de seu retorno do exílio (Ne 11.30).

azeite. A principal fonte de azeite entre os judeus era a oliveira. Havia um intercâmbio comercial de azeite com os negociantes de Tiro, os quais, provavelmente, exportavam-no para o Egito, onde as oliveiras, na sua maioria, não produziam azeite de boa qualidade. A quantidade de azeite fornecido por Salomão a Hirão foi de 20 mil batos (2Cr 2.10), ou 20 coros (1Rs 5.11). O franco comércio desse produto também era mantido entre o Egito e a Palestina (1Rs 5.11; 2Cr 2.10,15; Ed 3.7; Is 30.6; 57.9; Ez 27.17; Os 12.1). A "oferta de manjares", prescrita na Lei, era frequentemente misturada com azeite (Lv 2.4,7,15; 8.26,31; Nm 7.19; Dt 12.17; 32.13; 1Rs 17.12,15; 1Cr 12.40; Ez 16.13,19). O azeite estava incluído entre as ofertas dos primeiros frutos (Êx 22.29; 23.16; Nm 18.12; Dt 18.4; 2Cr 31.5); e o seu dízimo era requerido (Dt 12.17; 2Cr 31.5; Ne 10.37,39; 13.12; Ez 45.14). O azeite "para a luz" deveria ser, por expressa ordenação, o das azeitonas esmagadas no lagar (Êx 25.6; 27.20,21; 35.8; Lv 24.2; 1Sm 3.3; 2Cr 13.11; Zc 4.3,12). Usava-se o azeite na consagração dos sacerdotes (Êx 29.2,23; Lv 6.15,21), no sacrifício diário (Êx29.40), na purificação dos leprosos (Lv 14.10-18, 21,24,28) e no cumprimento final do voto de nazireu (Nm 6.15). Certas ofertas deviam ser apresentadas sem esse óleo, como, por exemplo, as que eram feitas para expiação do pecado (Lv 5.11) e por causa de ciúmes (Nm 5.15). Os judeus também empregavam o azeite para friccionar o corpo depois do banho ou antes de uma ocasião festiva; todavia, em tempo de luto ou de alguma calamidade, abstinham-se de usá-lo. Nos banquetes dos egípcios, havia o costume de ungir os hóspedes; os criados ungiam a cabeça de cada um no momento em que tomavam o seu lugar à mesa (Dt 28.40; Rt 3.3; 2Sm 12.20; 14.2; Sl 23.5; 92.10; 104.15; Dn 10.3; Am 6.6; Mq 6.15; Lc 7.46). Também se aplicava o azeite externa ou internamente como medicamento (Is 1.6; Mc 6.13; Lc 10.34; Tg 5.14). Geralmente era utilizado nos candeeiros, que, no caso dos egípcios, tinham um receptáculo de vidro, onde primeiramente se derramava água; o pavio era feito de algodão, torcido em volta de um graveto (Mt 25.1-8; Lc 12.35). O azeite indicava alegria, ao passo que sua falta caracterizava tristeza ou humilhação (Is 61.3; Jl 2.19; Ap 6.6). Muitas vezes, o azeite é tomado como símbolo de nutrição e fartura ou conforto (Dt 32.13; 33.24; Jó 29.6; Sl 45.7; 109.18; Is 61.3). V. UNÇÃO, OLIVEIRA.

Azal. *Nobre.* Um lugar, de localização atualmente desconhecida, até onde há de chegar a ravina do monte das Oliveiras, quando o Senhor ali aparecer na sua volta (Zc 14.5).

Azel. *Proximidade; ele tem reservado.* Um descendente de Saul (1Cr 8.37,38; 9.43).

Azmavete. *A morte é forte.* 1. Um dos valentes de Davi (2Sm 23.31; 1Cr 11.33). 2. Um descendente de Mefibosete ou Merite-Baal (1Cr 8.36). 3. O pai de Jeziel e de Pelete, dois dos hábeis fundibulários e flecheiros que se juntaram a Davi em Ziclague (1Cr 12.3). 4. Superintendente dos tesouros do rei durante o reinado de Davi (1Cr 27.25). 5. Uma aldeia situada nos limites de Judá e Benjamim, que atualmente se chama Hismeh. Dos filhos de Azmavete, 42 retornaram do exílio na companhia de Zorobabel (Ed 2.24). Em outra ocorrência bíblica, o nome é Bete-Azmavete.

azul. O vestuário da realeza era comumente de uma coloração azulada, ou purpúrea (Êx25.4), uma vez que na língua hebraica não existe um termo que designe o verdadeiro azul. A cor azul, à semelhança da púrpura, derivava de uma espécie de molusco, e a tintura obtinha-se do próprio animal, e não da sua concha. V. CORES. A palavra traduzida por "azul" também é usada para indicar certa espécie de tecido ou tapeçaria (Et 1.6).

B

Baal, Baalim. *Senhor, Principal*. Em sua origem, esse nome significava "senhor" ou "dono", mas, posteriormente, foi empregado para caracterizar a relação do homem com sua mulher, ou da divindade com o seu adorador. Nunca foi estritamente um nome próprio, mas era o nome do deus de cada lugar, a exemplo de Baal-Peor (Nm 25.3). O seu plural era *baalim.* Comparem-se os nomes pessoais, tais como Asdrúbal e Baal-Hanan. Nos "lugares altos", Baal era adorado como um elemento masculino que proporcionava o aumento dos rebanhos e produtividade à terra. Os atos rituais eram realizados com muita pompa e cerimônias em que eram oferecidos produtos da natureza e incenso, holocaustos e sacrifícios humanos (Os 2.8; Jr 19.5). Seus sacerdotes, em certas ocasiões, entravam em êxtase a tal ponto de ferirem-se com facas, da mesma maneira que procediam outros sacerdotes pagãos, mencionados por Heródoto e Plutarco (1Rs 18.28). O culto a Baal propagou- se por uma área extensa e já existia desde tempos remotos (Nm 22.41); predominava entre os cananeus e moabitas, de modo que, por influência desses povos, passou ao povo de Israel. Pelo casamento de Acabe com Jezabel, o culto fenício a Baal tornou-se a religião oficial entre os israelitas até ser eliminado no reinado de Jeú. O culto prestado a Baal nunca obliterou inteiramente a adoração ao Senhor. Durante certo tempo, as duas religiões seguiram seu curso em paralelo; no entanto, mais tarde, a adoração ao Senhor Baal ou Senhor de Canaã assumiu a hegemonia, expressada com rituais hediondos e imorais. Portanto, como já foi dito, os israelitas associaram o nome de Baal aos seus próprios nomes, a exemplo do que fizeram com o nome do Senhor em nomes como Isaías (Is-Baal, Isbosete). Os profetas do Senhor sempre combateram com todas as suas forças esse culto degradante e cruel. Elias corajosamente foi bem-sucedido na missão de levantar a consciência nacional contra a prática dessa imoralidade religiosa (1Rs 18). Oseias também a condenou como verdadeira idolatria, e Jeú atacou o culto a Baal, introduzido por Acabe, com todo o rigor. Não conseguiu, porém, aniquilá-lo inteiramente, pois, mais tarde, Josias ainda foi compelido a empregar medidas violentas com o fim de evitar seu ressurgimento entre o povo escolhido. Este, a essa altura, tornara a edificar seus templos, imagens e altares por toda parte, bem como sustentava seus sacerdotes idólatras (2Rs 23.4,5). A prática do falso culto acontecia nos lugares altos (1Rs 18.20) ou mesmo no terraço das casas (Jr 32.29). O culto a Baal propagou- se tão amplamente que vestígios dessa religião foram encontrados em muitos países, como na Babilônia (Bel) e nas colônias fenícias do Mediterrâneo.

Baal-Zebube, Belzebu. *Senhor das moscas.* Um deus filisteu adorado em Ecrom. Acazias chegou a consultá-lo (2Rs 1.2). Supõe-se que o nome seja uma modificação pejorativa feita pelos judeus do termo *Baal-Zebul*, isto é, "Senhor da casa alta" (Mt 10.25), ou, ainda, "Senhor das moscas da esterqueira". Tal designativo não deixa de ser natural, visto que há uma enorme proliferação de moscas em climas quentes, além do fato de que os egípcios fizeram do escaravelho um deus.

Baaná. *Filho da dor.* 1. Oficial do comissariado de Salomão em Jezreel, ao norte do vale do Jordão. Era filho de Ailude (1Rs 4.12).
2. Oficial do comissariado de Salomão em Aser (1Rs 4.16).
3. Pai de Helebe, um dos 30 valentes de Davi (2Sm 23.29; 1Cr 11.30).
4. Capitão do exército de Isbosete (2Sm 4.2-9). Na companhia de seu irmão, assassinou

Isbosete e foi sentenciado à morte por Davi. Os corpos dos assassinos foram pendurados sobre o tanque de Hebrom.

5. O pai de Zadoque que voltou com Zorobabel e auxiliou a reparação dos muros de Jerusalém (Ne 3.4). Talvez seja o mesmo de Ed 2.2.

6. Um dos chefes do povo que selaram a aliança com Neemias (Ne 10.27).

Baasa. Homem de origem muito humilde "levantado do pó" (1Rs 16.2). Filho de Aías e usurpador do trono de Israel. Para garantir sua posição real, determinou que Nadabe e todos os da família de Jeroboão fossem mortos em Gibetom, de modo que assim se cumpriu a profecia (1Rs 14.10). Por desprezar a advertência de Deus (1Rs 16.1-5), seu governo foi cheio de perturbações, pois esteve continuamente em guerra contra Judá. No seu reinado, Ben-Hadade, rei da Síria, conquistou diversas cidades ao norte de Israel, o que o obrigou a desistir da ideia de fortificar Ramá contra Judá (1Rs 15.20-22; 2Cr 16.4,5). Entretanto, depois de um reinado de vinte e quatro anos, Baasa foi um dos poucos reis a morrer de morte natural. Foi sepultado em Tirza (1Rs 15.21), e a sua dinastia foi aniquilada por Zinri (1Rs 16.9-13).

Babel. Em assírio, é Bab-Illu, que significa "porta de Deus"; o verbo hebraico *balal* significa "confundir" (Gn 10.10). Cidade na planície de Sinear, fundada por Ninrode. Depois do Dilúvio, os sobreviventes viveram juntos até que alcançaram a planície de Sinear. Aqui fizeram tijolos e edificaram uma cidade que, segundo esperavam, seria o centro de um império mundial (Gn 11). Talvez, como lembrança do Dilúvio, eles pensassem em prevenir-se contra outra calamidade semelhante, edificando uma torre bem alta, identificada com Birs, que atualmente se chama Birs Nimrude. Mas os seus planos foram frustrados por Deus (Gn 11.5,8), que confundiu a sua linguagem e os obrigou a dispersarem-se sobre a terra. V. BABILÔNIA.

Babilônia, a cidade de. A atual Hillah (Babel). Babilônia é a forma grega do termo hebraico *Babel*. A cidade era a capital do reino caldeu de Babilônia. Embora não fosse a cidade mais antiga do império, com o passar do tempo tornou-se a mais importante pela sua grandeza e influência. Situada nas margens do Eufrates, quase 80 km ao sul da atual Bagdá, no meio de planícies férteis próximas ao golfo Pérsico, a cidade de Babilônia foi o centro comercial do mundo antigo. Ainda que a data de sua fundação seja incerta, supõe-se que seja muito antiga (no mínimo, 3000 a.C.), em razão de sua ligação com Acade e Calné (Gn 10.10). A história de Babilônia é uma longa série de lutas travadas por vários governadores e comandantes militares para a conquistarem e manterem. Por diversas vezes, foi sitiada, e muitas vezes seus templos e muralhas foram arrasados, seus habitantes, cruelmente mortos e seus tesouros, despojados. Entretanto, um fato extraordinário é que essa cidade magnífica e cheia de opulência sempre se ergueu das cinzas. A cada restauração, Babilônia tornava-se mais bela, até que nos tempos de Nabucodonosor tornou-se uma das maravilhas do mundo, com enormes edifícios, canais navegáveis que a atravessavam em todas as direções e uma população provavelmente maior do que a de qualquer outra cidade dos tempos antigos. As atuais ruínas, tudo o que resta da grande cidade da Babilônia, constituem uma grande quantidade de fortes que se estendem por 8 km, de norte a sul, principalmente na margem esquerda do rio Eufrates. Há restos de muralhas, templos e palácios reais por toda parte. A fortaleza que se situa mais ao norte tem sido identificada, geralmente, como a torre de Babel, medindo, ainda, 19,5 m de altura. Maior do que isso é a série de plataformas do palácio. São numerosos os restos de fortificações, e, nas

margens do Eufrates, ainda hoje se podem ver os vestígios de grandes diques. Foi Nabucodonosor quem mandou desviar o rio e revestir de tijolos o trecho do seu leito que atravessava a cidade. A cidade foi descrita por Heródoto e outros escritores que puderam contemplá-la. Ainda que as descrições desses escritores difiram um pouco entre si, todos concordam quanto à maravilhosa grandeza e magnitude de Babilônia. A cidade foi edificada em ambos os lados do rio, cercada por uma dupla muralha de defesa. Segundo a medição de Heródoto, essas muralhas de 90 km de circunferência limitavam uma área de 322 km 2.Nove décimos dessa área estavam ocupados com jardins, parques e campos, ao passo que o povo vivia em casas de dois, três e quatro andares. As muralhas eram muito altas e tão largas na parte superior que um carro puxado por quatro cavalos tinha espaço para trafegar sobre elas e dar a volta. Foram edificadas 250 torres nos muros com intervalos e, em cem lugares, apresentava pontos de passagem protegidos com portões de cobre. Ainda havia outros muros ao longo das margens do Eufrates com seus respectivos cais. Navios de transporte atravessavam o rio entre as portas de um e de outro lado, e uma ponte levadiça de 9 m de largura ligava os dois lados da cidade. O grande palácio de Nabucodonosor situava-se numa das extremidades dessa ponte, no lado oriental. Outro palácio chamado "A Admiração da Humanidade", começado por Nabopolassar e concluído por Nabucodonosor, ficava na parte ocidental e protegia o grande reservatório. Dentro dos muros desse palácio, encontravam-se os famosos jardins suspensos da Babilônia, edificados a uma altura de 23 m acima do solo, na forma de um quadrado com 120 m de lado, elevados sobre arcos. O templo de Bel, ou torre de Babel, de quatro faces, era uma pirâmide de oito plataformas, de forma que a mais baixa tinha 120 m de cada lado. Chegava- se ao topo, onde estava o altar de Bel, por um plano inclinado. Sobre o altar, fora colocada uma imagem de Bel de 12 m de altura, toda em ouro, metal do qual também eram feitos a grande mesa e muitos objetos exóticos pertencentes àquele lugar sagrado. As esquinas desse templo, como acontecia em todos os templos caldeus, correspondiam aos quatro pontos cardeais do globo terrestre. Dentre os materiais empregados na grandiosa construção, estavam os tijolos feitos de limo extraído do fosso que rodeava toda a cidade. A história política dessa maravilhosa povoação vincula-se à história do Império Babilônico, de modo que a sua queda coincide com o declínio e a queda de toda a nação, ainda que o culto a Bel tenha continuado em alguns templos até o ano 29 a.C., bastante tempo após o desaparecimento da grande cidade de Babilônia.

Babilônia, o império da. Para o estudante da Bíblia, a importância do Império Babilônico se vê no fato de que cerca de 300 referências ao país e ao povo babilônico são feitas nas Escrituras Sagradas. No AT, a palavra hebraica *babel* pode significar tanto a império como a cidade, embora algumas vezes se empregue o nome de Sinear para definir todo o país. Com efeito, Sinear era o mais antigo nome desse grande território (Gn 10.10; 11.2). Já nas Escrituras de tempos posteriores ao exílio, a região era chamada de Caldeia ou terra dos caldeus (Jr 21.4; Ez 12.13). Os babilônios não tinham um nome que definisse a totalidade de seu país, mas falavam de Acade ou de Sumer, quando queriam referir-se à parte norte ou à parte sul de sua terra. Receberam esses nomes dos habitantes anteriores.

Descrição física. Babilônia era uma planície de aproximadamente 650 km de comprimento por 160 km de largura. Limitava-se ao sul com o golfo Pérsico e a oeste com o deserto da Arábia. A

leste, estava o rio Tigre, e ao norte, a Assíria, mas este limite norte foi diversas vezes modificado em virtude da variação de grandeza da nação dos assírios. Por causa de um inteligente sistema de irrigação, que se estendia por meio de uma rede de canais, os campos da Babilônia eram extraordinariamente férteis. A fertilidade era tanta que o trigo crescia sozinho, sem nenhum auxílio de lavrador, e tal lavoura proporcionava, a cada ano, de duas a três colheitas nas terras cultivadas. Existia uma fartura de pastagens. Além das grandes colheitas de cereais, os babilônios também possuíam uma quantidade enorme de cavalos, camelos, bois, carneiros e cabras. Também havia uma grande quantidade de aves de muitas espécies, e os rios estavam repletos de peixe. Vê-se hoje, nas tristes condições dessa terra outrora fecunda, como se cumpriram as profecias das Escrituras. Hoje, é um deserto, mesclado com áreas pantanosas, cujos habitantes são hienas, linces, panteras e javalis. Os seus grandes templos e cidades, outrora habitados por poderosos conquistadores, são atualmente montões de entulho. Como foi espantosa a queda da Babilônia, "a joia dos reinos" (Is 13.19)! Hoje em dia, ali não há mais habitantes, com exceção de algumas tribos de beduínos errantes (Is 14.22). A Babilônia era "o deserto" de que fala o profeta Isaías (Is 21.1). As palavras de Jeremias "habitas sobre muitas águas" (Jr 51.13) eram uma alusão ao transbordamento do Eufrates, bem como aos numerosos canais abertos com a finalidade de desviar as águas das cheias para outros lugares e de transportar mercadorias. Eram esses os rios da Babilônia junto aos quais os filhos de Israel se assentavam e choravam (Sl 137.1). A capital babilônica era uma "terra de negociantes; cidade de mercadores" (Ez 17.4). O reino era um dos quatro "tronos" descritos por Daniel e é destacado nas profecias pelo símbolo de um leão com asas de águia. Além da cidade de Babilônia, havia outras de considerável importância. Uma das mais importantes era Eridu (a atual Abu-Sabrein). Este porto situava-se no golfo Pérsico, que, nessa época, estendia-se a uma distância de 210 km mais para o norte do que na atualidade. Tal redução deve-se à quantidade de terra e destroços levados pelas águas do Eufrates. Um pouco mais a oeste desse povoado de Abu-Sabrein, há um marco que indica o lugar de Ur, a qual indubitavelmente se designa na Bíblia pelo nome "Ur dos caldeus" (Gn 11.28). Em tempos remotos, anteriores ao reinado do conquistador Gudea que rumou para o oeste até a Palestina, os reis de Ur tinham domínio supremo sobre a Babilônia. Um dos reis de Ur, de nome Ur-gur, era muito zeloso em matéria de religião e, por isso, mandou edificar templos na maioria das cidades da Babilônia. Seu filho, Dungi (cerca de 2600 a.C.), conhecido pelo nome "rei dos quatro quartos", também foi um entusiasta construtor de templos, como se vê pelas inscrições nas lâminas que estão no Museu Britânico. Foi Dungi que erigiu um templo ao deus Nergal, em Cuta, a atual Tell-Ibrahim (2Rs 17.24), uma povoação próxima à Babilônia, habitada por uma tribo guerreira, oriunda da Pérsia, a qual, por fim, foi subjugada por Alexandre, o Grande. Durante certo tempo, Ur perdeu sua importância, enquanto os reis de Isin mantiveram seu domínio sobre Babilônia. Entretanto, pouco tempo depois disso, observa-se que Ur recuperou sua antiga supremacia em toda a Babilônia. Todavia, a mais importante cidade do Império Babilônico estava ao norte. A cidade de Babilônia, ao manter seu caráter independente durante a segunda dinastia de Ur, atingiu, pouco a pouco, uma importância que perdurou por um período de quase dois mil anos. Depois da decadência de Ur, Babel assumiu, gradativamente, uma posição de domínio na "Terra dos Caldeus" e, naquele tempo (c. 2000 a.C.), Hamurabi ou Anrafel (Gn 14) tornou-se o mais conhecido de seus reis.

No ano 1700 a.C., essa cidade já era a sede do governo. Os babilônios eram de baixa estatura, de corpo troncudo, com nariz de formato oriental semítico, lábios fartos e olhos amendoados; seus cabelos eram escuros, crespos e volumosos. Num país que mantinha grande atividade comercial com as terras vizinhas, era natural o requinte tanto nas vestimentas quanto nas residências (Ez 23.15). Conseguiam adquirir com facilidade especiarias, marfim, ouro, pedras preciosas, metais, lã e tintas. A pesca de pérolas no golfo Pérsico era, já nesse tempo, cuidadosamente desenvolvida. Mas o luxo trouxe consigo soberba e ociosidade (Is 13.11; Jr 50.29). Uma baixa moralidade minava os fundamentos da força da nação e preparava progressivamente o caminho para a ruína final. As tabuinhas de contrato mostram-nos que o cidadão babilônio tinha dois nomes: um oficial e outro particular. Quando morria, seu corpo geralmente era cremado, e já se levantou a hipótese de que teria sido em um desses fornos crematórios, sete vezes mais aquecido do que o costume, que os três companheiros de Daniel foram lançados. Quando morria um babilônio, dizia-se que a sua alma ia para a "região dos céus de prata", e ali habitava com os heróis dos tempos passados. Isaías sabia disso e usou de tal conhecimento ao profetizar contra a Babilônia (Is 14.4-10). O vestuário do babilônio compunha-se de uma túnica de linho, que descia até o joelho, e sobre esta uma capa curta. Usavam uma espécie de sandália com sola de madeira, e, à semelhança dos turcos, punham turbantes. As classes inferiores vestiam apenas uma túnica, apertada na cintura com um cinto. Num país em que a principal preocupação era a *guerra*, não é de admirar que a atividade bélica alcançasse grande progresso. Fabricavam e usavam espadas, arcos, flechas, lanças, capacetes e escudos. No cerco das cidades, utilizavam escadas para a escalada, bem como minavam torres e esburacavam muros. Em campo aberto, faziam uso de cavalos e carros (Is 36.8). Na luta, não manifestavam compaixão alguma, assassinando todos aqueles que não podiam levar consigo. Empregavam os cativos nas diversas construções, e, sem sombra de dúvida, a maioria das grandiosas edificações da Babilônia, à semelhança do que aconteceu no Egito, foi resultado do trabalho de escravos. Depois da guerra, o *comércio* era a atividade da qual se ocupava a maioria da população, porque o semita sempre foi um negociante nato. Compravam e vendiam terras, emprestavam dinheiro ou gêneros a juros e conseguiam dotes para mulheres solteiras. Os escravos eram comprados e vendidos; em determinadas ocasiões, eram marcados com o nome de seu dono. *A língua babilônica* era a oriental semítica, praticamente a mesma do assírio. A língua chamada caldaica, na qual foram escritos os textos de Dn 2.4—7.28; Ed 4.8—6.18 e 7.12-16; e Jr 10.11, era a oriental semítica, uma espécie de aramaico ou siríaco. Seu modo particular de escrever, "a escrita cuneiforme" (i.e., em forma de cunha), da direita para a esquerda, expressa-se por um simples sinal, flecha ou cunha que se repete em várias posições para formar palavras e frases; os sinais eram marcados sobre tabuinhas e cilindros de barro macio, os quais depois eram cozidos ou secados ao fogo. Muitas inscrições, consagrações de templos, entre outros documentos primorosamente gravados em pedra, também foram descobertos. Dos seus escritos que chegaram até nós, a maior parte trata de atos comerciais; porém, vez por outra, encontram-se obras poéticas e em prosa, muitas delas associadas à religião. Alguns dos últimos reis tinham por costume registrar suas obras de construção, mandando fazer inscrições em tigelas, taças e vasos. Em certas ocasiões, eram erigidos monumentos de diorito, mármore e alabastro, com gravuras de ambos os lados. Os enormes

touros e leões alados com as suas inscrições pertencem ao período assírio. Essas inscrições históricas, gravadas em monumentos públicos e vários edifícios, têm sido a principal fonte de reconstituição da história da Babilônia. Os feitos de muitos dos últimos reis da Babilônia foram inscritos em cilindros ou em prismas de argila, algumas dessas inscrições em caracteres tão pequenos que se considerou a hipótese de terem sido necessários microscópios (e os babilônios já tinham conhecimento deles) não só para gravá-las, mas também para lê-las. A maior parte dos cilindros até hoje decifrados contém descrições das obras realizadas por Nabucodonosor II, que levou cativos para Babilônia os poderosos de Jerusalém (2Rs 24); da tomada de Babilônia por Ciro (538 a.C.); e do cerco de Jerusalém por Senaqueribe (2Rs 18 e 19), esta última descrição gravada num prisma de seis lados. Também foi descoberto um prisma de dez faces contendo uma bela inscrição feita sob as ordens de Assurbanipal (Asnapar, Ed 4.10), o mesmo rei que mandou para as terras de Samaria uma agitadora população de cuteus. Ele subiu ao trono em 668 a.C. Manassés, rei de Judá, pagou tributo a Assurbanipal, pois este marchava com um grande exército para conquistar o Egito (v. MANASSÉS). Na literatura da Babilônia, acha-se o que se considera, provavelmente, o mais antigo dicionário contendo tábuas gramaticais e listas de palavras sinônimas. Em matéria de *religião*, os babilônios eram adoradores da natureza. As quatro estações, a terra, o mar, o ar, a chuva, o vento, o trovão, o relâmpago etc. estavam sob a influência de divindades diversas que, algumas vezes, manifestavam-se bondosas para com os homens, e outras vezes, hostis. Esses deuses e deusas, assim como os homens, estavam sujeitos a paixões humanas. Pensavam como homens e procediam como tais. Por conseguinte, também podiam ser enganados ou mesmo intimidados. Alguns deuses tinham a forma humana. Outros tinham a forma humana e a de um animal. Havia também aqueles na figura de um animal, na aparência e em seus atributos. Uma particularidade das divindades babilônicas era que o poder e a influência dos deuses das cidades aumentavam ou diminuíam na proporção direta de importância das próprias cidades. Os deuses maiores formavam duas tríades divinas. Acima de todos, estava *Anu,* o deus do céu, depois *Bel* (Jr 50.2; 51.44), o deus da terra, e, em seguida, Ea, o deus do mundo interior e dos conhecimentos ocultos. A segunda tríade divina compunha- se de *Sin*, o deus Lua, *Samas*, o deus Sol, e *Ramã*, o deus da tempestade, do trovão e do raio. Cada deus tinha a sua própria cidade, e ali era considerado o maior de todos os deuses. As deusas tinham menor importância e, de fato, eram simplesmente as esposas dos deuses. Mas havia uma notável exceção a essa regra: *Istar*, a Astarote da Escritura (Jz 2.13), era uma deusa que fazia parte da primeira classe de divindades; era a deusa da guerra e do amor. Além de todos esses deuses, havia uma inumerável multidão de deuses menores. Foi com base nos deuses babilônicos que os gregos e romanos desenvolveram, mais tarde, a sua religião politeísta. Tais deuses e deusas eram adorados em cultos constituídos de muitas cerimônias. Os sacerdotes não somente dirigiam o culto público, mas também, de modo prático, inspecionavam inteiramente a própria vida dos adoradores; até a elaboração das leis e sua regulamentação estavam em suas mãos. Eles não apenas realizavam os atos públicos do culto, mas também os atos necessários a cada fiel. Quando uma doença ou qualquer mal sobrevinha a um homem, atribuía-se esse fato à ação de algum demônio ou espírito mau, de que os ares estavam cheios. Se o seu próprio deus não podia livrá-lo do mal, aquele homem apelava, então, para os deuses maiores, por meio da intermediação dos sacerdotes. Muitos sacerdotes dedicavam-se também ao vaticínio, que

consideravam e dirigiam como uma ciência; o estudo dos agouros era, igualmente, uma das ocupações favoritas dos babilônios. Naturalmente tudo isso significava que os adoradores iludidos tinham de recorrer frequentemente aos sacerdotes, que supostamente interpretavam os presságios (Ez 21.21). Como os agouros eram registrados, e igualmente a sua interpretação, formou-se, no decorrer do tempo, uma grande coleção de tabuinhas, cuidadosamente separadas em séries relativas a cada templo. Era, de fato, uma biblioteca de consultas. Entre as tabuinhas encontradas nas ruínas de Babilônia, muitas há que contêm lendas referentes à mitologia babilônica. Algumas dessas lendas se assemelham muito às narrativas bíblicas da Criação e do Dilúvio. A história de Sargão de Agade, ou Acade, do qual tomou o nome o último Sargão mencionado em Is 20.1, narra o seu humilde nascimento e chega a dizer que sua mãe o colocou num cesto feito de canas, untado de pez, e o pôs a flutuar no rio Eufrates. Foi, contudo, salvo das águas por *Aqui*, que trabalhava na tarefa de irrigação. Sargão serviu a Aqui como jardineiro, e em tal função era protegido pela deusa Istar, que, por fim, o tornou jardineiro de todo o país. Ao longo de sua *história*, a Babilônia foi, muitas vezes, um país tributário da Assíria, embora Merodaque-Baladã (Is 39.1), em 703 a.C., tenha tentado sem sucesso a independência babilônica. Todavia, em 606 a.C., Nabopolassar tomou Nínive e destruiu, dessa forma, o Império Assírio. Nabucodonosor, depois de várias campanhas militares bem-sucedidas a serviço de seu pai, Nabopolassar, sitiou Jerusalém e a conquistou (2Rs 24). Levou cativos para a Babilônia os habitantes da cidade de Davi; levantou uma imagem de ouro no campo de Dura (Dn 3); lançou três jovens numa fornalha de fogo (Dn 3); teve um sonho para o qual Daniel ofereceu a interpretação; perdeu o juízo por algum tempo e andou errante pelos campos, mas sua razão lhe voltou e, de novo, assentou-se no seu trono, pelo que louvou a Deus (Dn 4.34). Esse mesmo rei dirigiu o cerco de Tiro, que durou treze anos, e sustentou diversas campanhas militares vitoriosas contra o Egito. Foi durante o seu reinado que a cidade de Babilônia veio a ser reedificada com grande esplendor. Seu filho e sucessor, Evil-Merodaque (2Rs 25.27), pôs em liberdade o rei Joaquim, a quem Nabucodonosor mantivera na prisão por trinta e sete anos. Nabonido, o segundo sucessor de Evil-Merodaque, gastou sua vida toda na obra de embelezar ainda mais as principais cidades e em aperfeiçoar a cronologia babilônica. Contudo, criou uma indisposição com os sacerdotes e transformou a cidade de Babilônia em sede de todos os deuses. Para se vingarem dele, os sacerdotes auxiliaram Ciro, rei da Pérsia, na sua conquista do país, especialmente na tomada de Babilônia. O exército de Nabonido era comandado por Belsazar, seu filho (Dn 5), que fora chamado por seu pai para exercer a corregência. Dessa forma, conforme declaravam as profecias, o Império Babilônico deixou de existir como nação independente (539 a.C.). Tornou-se uma província da Pérsia até que fosse incorporado ao grande império de Alexandre, o Grande. V. BELSAZAR E NABUCODONOSOR.

Babilônia no NT. Em Mateus e Atos, as menções a Babilônia dizem respeito à mesma Babilônia do AT. Contudo, no livro de Apocalipse emprega-se o termo como símbolo do grande poder anticristão, representado pela cidade de Roma. Assim, por exemplo, as sete cabeças da besta sobre a qual vem montada a mulher que se chama pelo nome "BABILÔNIA, A GRANDE, A MÃE DAS MERETRIZES E DAS ABOMINAÇÕES DA TERRA, são os sete montes, uma clara referência às sete colinas de Roma (Ap 17.5,9). O termo "Babilônia",

mencionado em 1Pe 5.13, seria um nome fictício para ocultar a verdadeira referência a Roma, assim como, posteriormente, os judeus davam a Roma o nome de Edom?

bacia. 1. Vaso de cerâmica, ou de metal, que servia nos ritos judaicos. A palavra hebraica também se acha traduzida por "taça" e "tigela". Poucos objetos de barro ou de metal que pertenceram aos antigos judeus ainda podem ser vistos na atualidade. As taças e bacias de uso comum entre os povos vizinhos eram principalmente de barro ou de madeira. Hirão mandou manufaturar para Salomão muitas taças e bacias de ouro, prata e cobre, utensílios entre os quais se achava o grande "mar" para os serviços do templo (2Cr 4.8). Na cerimônia da purificação no deserto (Êx 24.6,8), Moisés recebeu a metade do sangue dos sacrifícios em bacias e com ele aspergiu o povo. As bacias de lavar os pés eram mais largas e fundas do que as usadas para conter alimentos e, geralmente, feitas de madeira (Jo 13.5). Certas tigelas de madeira eram usadas nas refeições, para líquidos e caldos, assim como se utilizam hoje em dia entre os árabes (2Rs 4.40). Talvez o copo por meio do qual José fazia suas adivinhações fosse desse gênero (Gn 44.5). Essas bacias eram cheias de um líquido que era bebido, num só gole, contra o mal. V. OLARIA. 2. A bacia do tabernáculo, feita de metal lustroso proveniente dos espelhos de bronze utilizados pelas mulheres (Êx38.8), era colocada entre a porta e o altar. No templo de Salomão, havia dez bacias de bronze (1Rs 7.27-39), cada uma delas com capacidade para 1.350 litros aproximadamente. Eram usadas para lavar os animais oferecidos nos holocaustos (2Cr 4.6). Em Ef 5.26 e Tt 3.5, talvez fosse mais adequado dizer- se "bacia", em vez de "lavagem", de modo que a metáfora se aplique ao batismo.

Balaão. Nome de significado desconhecido, talvez queira dizer "devorador". Um adivinho ou profeta a quem Balaque, rei de Moabe, ordenou que amaldiçoasse os israelitas. Era filho de Beor e residia em Petor, na Mesopotâmia (Nm 22.5). Em vez de amaldiçoar os inimigos de Balaque, Balaão, por instrução e compulsão divinas, abençoou Israel e predisse sua futura grandeza (Ne 13.2; Mq 6.5; 2Pe 2.15; Jd 11; Ap 2.14). Apesar de viver entre os pagãos, ele tinha algum conhecimento do verdadeiro Deus, além de ser um homem de grande inteligência, com fama de santidade e sabedoria. Era considerado profeta entre a sua gente, que, conforme as ideias de muitas outras nações da Antiguidade, tinha o curioso costume de entregar os seus inimigos aos deuses destruidores, antes de enfrentá-los em guerra. Balaão negociara com os seus dons especiais, como fica evidente no fato de os mensageiros de Balaque terem levado consigo presentes para recompensarem o profeta por seus encantamentos, quando foram ter com ele a pedido do rei. Os israelitas haviam começado suas conquistas na terra santa, e, por isso, o rei de Moabe, aliado aos midianitas, procurou de todas as formas deter o avanço deles. Todavia, Balaão, por aviso de Deus, embora desejoso do lucro que tal situação lhe proporcionaria (2Pe 2.15), recusou levar a efeito o que o rei moabita solicitara. Somente depois que outra delegação mais importante foi a sua casa, resolveu partir. Mas isso era contra a vontade de Deus, que pela boca da jumenta fez Balaão, de alguma maneira, compreender a sua decisão maligna. Mais tarde, contemplou o resultado desse fato. Não há evidência confiável de que ele se tenha tornado um homem temente a Deus. Somos, porém, levados a crer que ele não o tenha, de fato, se tornado, até porque, posteriormente, vemo-lo empregar malignamente todos os seus esforços para conseguir a destruição dos israelitas (Nm 25). Balaão morreu quando combatia ao lado dos midianitas contra Israel, aqueles a quem tentara amaldiçoar (Nm 31.8,16).

balança, pesar. Instrumento utilizado para aferir o peso; julgar. Frequentemente vê-se o emprego dessa palavra nas Escrituras Sagradas no sentido de uma atitude mental ou valor moral. Foi assim no caso de Belsazar (Dn 5.27). Em Is 40.15, utiliza-se a expressão "pó na balança" no sentido de alguma coisa completamente insignificante. A honra e a integridade são comparadas a balanças justas (Pv 11.1). Também havia a ideia de equilíbrio, ou de perfeição de forma, como se vê em Jó 37.16. A balança compunha-se de uma barra a prumo, tendo no alto uma travessa de cujas extremidades pendiam ganchos ou suportes para os pesos e mercadorias (Pv 16.11; Ap 6.5). A balança de braços desiguais parece não ter sido conhecida até o tempo dos romanos. O profeta Miqueias (6.11) refere-se a esta fraude vulgar ao denunciar a existência de negociantes desonestos que tinham duas espécies de peso: os mais pesados para quando compravam e os mais leves para quando vendiam. Esses pesos, geralmente de pedra, eram levados em sacos de um lugar para outro.

baleia. A palavra hebraica que por quatro vezes se traduz por "baleia" em certas versões (Gn 1.21; Jó 7.12; Ez 32.2; Mt 12.40) é traduzida também por "grande animal marinho", "monstro marinho", "crocodilo", "grande peixe". Encontram-se baleias no litoral da Espanha, e há informações de que, de tempos em tempos, elas entram no mar Mediterrâneo. Duas espécies de hiperodonte, ou baleias com dois dentes inferiores permanentes e afiados, são encontradas no mar Mediterrâneo. Também há outros cetáceos menores, a exemplo do golfinho, que fazem desse mesmo mar o seu *habitat*. Todos esses animais marinhos classificam-se como mamíferos aquáticos, por darem à luz e amamentarem seus filhotes. A baleia-esperma, que talvez possa ser encontrada no mar Mediterrâneo, bem como determinada espécie de tubarão, são capazes de engolir um ser humano. V. JONAS.

bálsamo (Gn 37.25). Resina extraída de uma árvore da família das balsamináceas. A planta que produz o verdadeiro bálsamo é oriunda da costa oriental da África, mas o composto balsâmico era preparado e exportado de certos lugares a leste e ao sul da Palestina para o Egito, o principal importador e consumidor. Na obtenção do bálsamo, corta-se a árvore, uma planta sempre verde de 4 m de altura, ou então se lhe dá um golpe com um machado, posicionando por baixo do corte uma bacia ou vasilhame suspenso que recebe a seiva à medida que a árvore transuda. A quantidade que se colhe de cada árvore é muito pequena. Nos tempos antigos, tal bálsamo perfumado era famoso em todo o mundo conhecido de então e era tão raro que pequenas amostras do composto podiam ser consideradas um tesouro precioso, a exemplo das que foram levadas como troféu de guerra para Roma, após a conquista da Palestina. O bálsamo de Gileade era assim chamado pelo fato de ser a resina balsâmica exportada principalmente das encostas de Gileade. A sua produção, na realidade, era uma exclusividade dessa região. Era muito precioso, a ponto de valer duas vezes o seu peso em ouro. Tal bálsamo era um artigo de grande valor comercial por causa de suas propriedades terapêuticas ao ser aplicado sobre feridas ou chagas abertas. De acordo com uma curiosa tradição, as raízes originais do arbusto de bálsamo foram levadas para a Palestina pela rainha de Sabá. Contudo, tal história não é tão confiável, visto que o bálsamo era exportado de Gileade para o Egito desde os tempos patriarcais (Gn 43.11), quando Jacó o considerou um valioso presente para o administrador do Egito, que mal sabia ser ele o filho que desaparecera. Nos tempos da vinda de Cristo ao mundo, o arbusto se desenvolvia por toda a região de clima próximo ao tropical no vale do rio Jordão. A família das plantas do

bálsamo (balsamináceas) compreende várias espécies de planta que produzem bálsamo e mirra. Apesar do árduo esforço dos romanos para proteger e cultivar as plantações de bálsamo, que ainda sobreviveram até a época das Cruzadas, tal cultivo desapareceu por completo de Jericó e Gileade.

bandeira (Is 49.22). As palavras "bandeira", "estandarte" e "insígnia" são sinônimas; todas elas usadas nas Escrituras Sagradas. Os filhos de Israel, durante as suas peregrinações pelo deserto, levavam à frente bandeiras que indicavam o lugar de cada uma de suas divisões. Nessas bandeiras, estavam bordados determinados planos, como sinalização necessária orientação de uma grande multidão de pessoas. Em uma subdivisão, não se adotava a bandeira, mas somente uma simples lança, no alto da qual estava preso algum emblema. Os estandartes egípcios e romanos eram apenas modificações da lança arvorada, levando em cima um consistente emblema de metal, em geral feito de ouro. V. INSÍGNIA, ESTANDARTE.

banho. O banho era um ato de limpeza, que devia ser praticado por aqueles dos quais se suspeitava terem adquirido a doença da lepra, ou de estarem imundos por outros motivos (Lv 15.16-28; Nm 19.7; 2Rs 5.10). Era, também, necessário no período do luto, pois este implicava profanação (2Sm 12.20). O sumo sacerdote frequentemente tinha de realizar banhos cerimoniais por ocasião da sua consagração, do Dia da Expiação, e também antes de qualquer ato solene de propiciação (Êx 40.12; Lv 16.4). Havia lugares de banho no templo e nas casas de gente rica. Era costume ungir e perfumar o corpo depois do banho (Et 2.12). Os tanques (v. Siloé) eram locais públicos para banho (Ne 3.15,16; Is 22.11; Jo 9.7) com paredes de isolamento e proteção ao seu redor. Os balneários termais de Emaús e aqueles que se situavam no extremo nordeste do mar Morto eram muito procurados, tornando-se centros de moda e vaidade no tempo dos gregos e romanos.

banquete. O banquete, como ato distinto da simples refeição de cada dia, acontecia com bastante frequência na vida social e religiosa dos hebreus. Quanto aos dias de festa em que havia banquetes, serão tratados quando as diversas *festividades* forem descritas. Havia banquetes em determinadas ocasiões, tais como: a) quando se celebravam casamentos, b) na ocasião do desmame do herdeiro, c) nas reuniões de despedida, d) no tempo da tosquia etc. Nos funerais, eram servidos refrescos, mas não havia coisa nenhuma que lembrasse uma festa pagã. O faraó e Herodes, segundo lemos nas Escrituras Sagradas, festejavam com banquetes o aniversário do seu nascimento (Gn 40.20; Mt 14.6). É evidente que nesses diversos banquetes havia, muitas vezes, exemplos vergonhosos de descontrole e falta de domínio próprio, pelo que se nota na atitude dos profetas que foram compelidos a censurar os participantes dessas festividades (Ec 10.16; Is 5.11; Jr 35.5). Era frequente a presença de cantores e dançarinos. Dos banquetes, originou-se o costume de fazerem-se reuniões para beber. Quando qualquer pessoa preparava uma festa para os seus amigos, mandava com alguns dias de antecedência um criado com o respectivo convite. Na tarde do dia marcado, outra vez eram enviados mensageiros à casa dos convidados, para dizer-lhes que viessem participar do banquete. Tal costume é mencionado em Lc 14.7ss. O convite para que aqueles indivíduos fossem tomar parte no banquete não era feito pela primeira vez; todos eles já tinham sido convidados anteriormente e aceitaram o convite, de modo que já estavam compromissados. A recusa, depois de todas as formalidades, constituía uma desfeita ultrajante à pessoa que convidara e merecia castigo. Os convidados eram bem recepcionados

pelo dono da casa, que os abraçava e beijava nos lábios, ou nas mãos, ou nos joelhos, ou nos pés, conforme a classe e posição do convidado. Esse era um costume geral no Oriente e muito comum entre os judeus; por isso, Jesus queixou-se a Simão porque este não o tinha beijado ao recebê-lo em sua casa (Lc 7.45). Os hóspedes, ao chegarem empoeirados e suados a uma casa, tinham por costume lavar-se antes de sentarem à mesa. Nesse ato, geralmente eram auxiliados por um criado. Esse tipo de serviço não era considerado honroso, razão pela qual o portador da toalha era uma pessoa considerada inferior. Todavia, o próprio Salvador não hesitou em assumir esse serviço humilhante, quando quis dar a seus discípulos lições exemplares de amor e humildade (Jo 13.12). Os pratos de cada conviva eram servidos pela pessoa que presidia a mesa (Gn 43.34; 1Sm 1.5; 9.23,24), e a quem se queria particularmente honrar, oferecia-se dupla quantidade de alimento. Havia, também, o grato e bom costume de enviar porções de comida diretamente do banquete a amigos mais pobres (Ne 8.10; Et 9.19,22). Perfumes e óleos aromáticos eram espargidos sobre a cabeça, barba e vestes dos hóspedes. V. REFEIÇÕES, BEBIDA, PÁSCOA.

barba. Entre os judeus e, de modo geral, no Oriente, sempre se atribuiu grande importância à barba, como sinal de digna masculinidade, e para o homem não havia maior ofensa do que alguém tratá-la com desprezo. Se alguém tocasse a barba de algum homem com atitude desrespeitosa, significava grave insulto (1Cr 19.4; 2Sm 10.4,5; 20.9). Ao mesmo tempo, a prática de chegar a barba aos lábios e beijá- la era uma saudação que demonstrava simpatia pela outra pessoa. Com exceção dos egípcios (Gn 41.14), que honravam os mortos deixando crescer a barba, o ato de rapá-la ou arrancá-la era um sinal de luto ou dor (2Sm 19.24; Ed 9.3; Is 15.2; Jr 41.5; 48.37). Quando se queria garantir a boa-fé e conduta honrosa de uma pessoa, era comum jurar pela sua barba. Os árabes, até hoje, juram solenemente pela sua barba e, quando precisam honrar um amigo de maneira especial, exclamam: "Conserve Deus a vossa abençoada barba". A relação de virilidade e respeitabilidade com barbas longas e fartas é ilustrada pela Lei mosaica, que proibia cortá-las à maneira dos egípcios (Lv 19.27; Sl 133.2). Os egípcios, diferentemente das nações circunvizinhas, raspavam a barba e deixavam apenas uma quantidade de pelos bem cuidados que formavam uma espécie de cavanhaque. Algumas vezes, em lugar do próprio cabelo, usavam barba postiça trançada em formatos diferentes, segundo a classe do indivíduo. Havia algum significado cerimonial no corte da barba dos judeus, conforme se depreende de Lv 19.27 e 21.5. Os cuidados com a barba eram objeto de primeira consideração da parte de pessoas distintas (Sl 133.2); quando mal cuidada, caracterizava algo ridículo e desprezível. Os leprosos eram barbeados para manterem a pele descoberta ou por causa da higiene da pele doente (Lv 14.9). Figuradamente, há referência na Bíblia às "barbas" do povo de Deus em uma alusão à sua honra e dignidade, barbas essas que o Senhor haveria de cortar por intermédio da navalha do rei da Assíria (Is 7.20).

Barcos (Ed 2.53). Uma família de levitas que voltou do exílio com Neemias (Ne 7.55). O nome significa "filho ou adorador do deus Cos, e pertence a uma grande classe de nomes próprios teóforos.

Barjesus. *Filho de Jesus* (At 13.6-12). Feiticeiro e falso profeta que fazia parte da comitiva de Sérgio Paulo, um procônsul romano residente em Pafos, na ilha de Chipre. Quando Paulo e Barnabé chegaram à ilha de Chipre, Sérgio Paulo desejou receber deles orientação religiosa. Mas

Barjesus, receoso de que sua reputação, posição e proventos estivessem em perigo por causa da doutrina pregada por Paulo e Barnabé, a estes se opôs. Em consequência de tal atitude, Deus o feriu de cegueira por intermédio do apóstolo Paulo. Barjesus era judeu; todavia, "Elimas", o outro nome pelo qual era conhecido (At 13.8), era de origem árabe, derivado de uma palavra que significa "mago" ou "apto", cuja tradução, registrada no NT, é "mágico" ou "encantador".

Barnabé. *Filho da consolação*. Talvez, na sua origem, filho de Nebo; conhecido primeiramente pelo nome de José (At 4.36). Barnabé, levita, natural da ilha de Chipre, era um dos mais antigos cristãos e parece ter tido um zelo especial em exortar e animar os ouvintes. Era homem abastado, mas vendeu os seus bens e depositou o dinheiro da venda aos pés dos apóstolos. Na ocasião em que os cristãos judeus hesitaram em receber Paulo como seu irmão na fé, Barnabé foi quem venceu a relutância e apresentou o novo convertido à igreja de Jerusalém (At 9.27). Era tão estimado e digno de confiança por seu bom senso e integridade de caráter que, por várias vezes, foi encarregado de missões importantes e estratégicas (At 11.19—26.30). Foi com referência à missão de Barnabé em Antioquia que Lucas utilizou estas significativas palavras a respeito desse homem: "era homem bom, cheio do Espírito Santo e de fé" (At 11.24). Ele acompanhou Paulo durante a primeira viagem missionária deste apóstolo (At 13.2,3). Em Listra, depois da cura de um coxo, os pagãos prestaram culto a Paulo e Barnabé, julgando ser este o deus Júpiter (At 14.12). Houve divergências entre Barnabé e Paulo a respeito de João Marcos, primo ou sobrinho de Barnabé (Cl 4.10), de modo que Barnabé não acompanhou mais o apóstolo Paulo desde a segunda viagem missionária (At 15.36ss). O rompimento foi, mais tarde, restaurado, mas certamente, na providência de Deus, tal fato serviu para uma maior expansão da obra evangelística. Pouco se sabe da vida posterior de Barnabé. Diz-se que ele foi martirizado por sua fé. Sua vida foi marcada pela abnegação e pelo zelo. Entretanto, houve ocasião em que Barnabé transigiu em atitudes que sabia serem reprováveis (Gl 2.12,13). Não era casado, pelo que se depreende de 1Co 9.6, texto que nos mostra quanto era ele estimado pelo apóstolo Paulo, apesar do problema anteriormente ocorrido.

Barrabás. *Filho do pai, ou do rabi*. Aquele a quem Pilatos libertou em lugar de Jesus, de acordo com um antigo costume praticado na ocasião da Páscoa. Nos Evangelhos, há diferentes perspectivas acerca do crime pelo qual ele fora lançado na prisão. Em Mt 27.16, ele é apenas "um preso muito conhecido"; Marcos diz que Barrabás tinha sido "preso com amotinadores, os quais em um tumulto haviam cometido um homicídio" (Mc 15.7); Lucas confirma a exposição de Marcos, mas afirma também que a insurreição tinha sido na própria cidade de Jerusalém; e João não diz mais do que isto: "Barrabás era salteador" (Jo 18.40).

barro. Era utilizado nas edificações (v. Tijolo) e, como matéria-prima na obra de olaria (Is 29.16; 45.9; Rm 9.21), apresentava muitas variedades. O barro também era usado para selar locais (Jó 38.14); ao que parece, o túmulo de Jesus Cristo foi selado com esse material (Mt 27.66). A prática de selar portas com barro, a fim de facilitar a descoberta de algum ato ilícito, até hoje é comum no Oriente. O barro era uma substância relativamente rara, especialmente na Palestina, e tinha mais ou menos valor conforme sua qualidade. Seu preparo requeria bastante trabalho, pois era amassado e pisoteado debaixo d'água para que ficasse completamente macio e livre de impurezas (Is 41.25). Dessa maneira, o barro se tornava absolutamente maleável nas mãos do

oleiro, o qual lhe dava a forma que quisesse. Acontecia, também, de algum objeto de barro ser desfeito, para que alguém lhe desse outro feitio (Is 64.8; Jr 18.4).

Barsabás. 1. Filho de Sabá ou filho do sábado, por nascer nesse dia (At 1.23). Foi mencionado como um candidato à sucessão de Judas Iscariotes no apostolado, porém Matias foi o escolhido para tal encargo. A organização não parecia estar completa enquanto o número dos Doze (cp. com as 12 tribos) não fosse completado. Seu nome por extenso era José Barsabás Justo, e, desde o século V, há uma suposição de que ele era um dos 70 discípulos designados pelo Senhor Jesus (Lc 10.1).

2. Em At 15.22, há menção de outro Barsabás. Chamado também de Judas, era membro proeminente da igreja de Jerusalém.

Bartimeu. *Filho de Timeu.* Mendigo cego de Jericó a quem Jesus Cristo restituiu a visão (Mc 10.46). Mateus e Lucas descrevem o mesmo acontecimento (Mt 20.30; Lc 18.35), todavia Lucas registra que o milagre foi feito quando Jesus entrava na cidade, e não quando saía. É singular o fato de que Bartimeu é o único cego curado por Jesus cujo nome é mencionado nos Evangelhos. Sua fé era tão forte que, apesar de lhe ordenarem algumas vezes que se calasse para não incomodar o Mestre, ele continuou clamando ainda mais alto, a fim de chamar a atenção do Salvador. Desde que recuperou a vista, seguiu Jesus Cristo e passou a ser um dos seus humildes discípulos.

Bartolomeu. *Filho de Tolmai.* Um dos 12 apóstolos (Mt 10.3). O seu verdadeiro nome não é conhecido, mas era chamado Bartolomeu, o filho de Tolmai. Tem sido identificado como Natanael, visto que Bartolomeu não está na lista dos discípulos, segundo o Evangelho de João, mas consta o nome de Natanael, acerca do qual nada falam os outros evangelistas. Era natural de Caná da Galileia, homem de bom caráter, que, por isso, foi elogiado por Jesus Cristo. Diz-se que seu ministério apostólico se desenvolveu na Armênia e que estendeu sua pregação e ensino até a Índia. Segundo uma lenda, Bartolomeu sofreu o martírio ao ser esfolado vivo e crucificado de cabeça para baixo.

Baruque. *Abençoado.* 1. Filho de Nerias, irmão de Seraías, amigo e secretário do profeta Jeremias (Jr 36.4ss). Era homem de família nobre (Jr 51.59), erudito, e serviu àquele profeta. Sob orientação de Jeremias, Baruque escreveu as profecias desse profeta, comunicando-as aos príncipes e governadores, um dos quais acusou Jeremias e seu escrevente, Baruque, mostrando ao rei, como prova das suas alegações, os escritos de que tinham conseguido lançar mão. Quando o rei leu os documentos, indignou-se com grande furor e mandou que os dois fossem presos, mas eles conseguiram escapar. Depois da conquista de Jerusalém pelos babilônios (586 a.C.), Jeremias foi bem tratado pelo rei Nabucodonosor, e Baruque veio a ser acusado de influenciar Jeremias a fim de que não fugissem para o Egito (Jr 43.3). Contudo, por fim, ambos foram compelidos a ir para lá com o remanescente do povo de Judá (Jr 43.6). Durante o seu aprisionamento, Jeremias deu a Baruque o título de propriedade da herdade que comprara de Hanameel (Jr 32.12). Nas suas orações a Deus, Baruque lamentou-se por tudo o que sofrera, mas apaziguou-se ao compreender que o melhor era contentar-se com a condição de vida que Deus lhe dera (Jr 45.2-5.). V. JEREMIAS; APÓCRIFOS, LIVROS.

2. Filho de Zabai, que ajudou na reconstrução dos muros de Jerusalém (Ne 3.20).

3. Um sacerdote que assinou a aliança com Neemias (Ne 10.6).
4. Filho de Col-Hozé, um descendente de Perez (Ne 11.5).

Barzilai. 1. Um homem rico da tribo de Gileade que protegeu Davi quando este fugia do seu filho rebelde Absalão (2Sm 17.27). Mais tarde, quando a revolta foi dominada, a intenção de Davi era a de que Barzilai estabelecesse residência na corte, mas o ancião desculpou-se por sua avançada idade e mandou para Jerusalém, em seu lugar, o filho Quimã (2Sm 19.32- 39). A gratidão de Davi para com esse fiel súdito nunca se desvaneceu. Nas suas últimas recomendações a Salomão, Davi pediu-lhe que continuasse a ser amigo da família de Barzilai (1Rs 2.7). Cp. Ed 2.61 e Ne 7.63.
2. Pai de Adriel, o marido de Merabe (2Sm 21.8).

Basã. *País fértil*. A primeira menção feita nas Escrituras a Basã encontra-se em Nm 21.33, que narra que os israelitas derrotaram Ogue, rei de Basã, em Edrei, cidade da fronteira para onde viera a fim de resistir ao exército invasor de Israel. Trata-se de um país extenso e fértil, situado a leste do rio Jordão, limitando-se ao sul com as montanhas de Gileade; a leste, com o Jebel Haurã, uma sequência de vulcões extintos; a oeste, com Gesur e Maaca (Js 12.5); e ao norte, com o Hermom. Quando os amorreus foram conquistados e expulsos juntamente com o rei Ogue, seu fértil território coube à meia tribo de Manassés (Js 13.29), que imediatamente se apossou dele (Dt 31.3,4; cp. Nm 21.35). Suas duas principais cidades eram Edrei e Asterote, a atual Tell'-Ashtera. Em Dt 3.4, faz-se alusão a 60 cidades muradas em Argobe de Basã, que estavam sob o domínio de Ogue. V. ARGOBE. Basã é uma terra notável e cheia de atrativos. A sua extraordinária fertilidade acha-se comprovada pela densidade de sua população (Dt 3.4-14), haja vista o grande número de ruínas espalhadas por todo o seu território. Quando o império de Alexandre fragmentou-se, a posse desse país foi objeto de contínua disputa. A parte central de Basã tornou-se, então, refúgio de ladrões e foragidos, caráter que conserva até os dias de hoje. Os árabes consideram que essa terra pertenceu primeiramente ao patriarca Jó.

Bate-Rabim. *Filha de muitas mulheres* (Ct 7.4). Porta da antiga cidade de Hesbom, perto da qual estavam duas piscinas, que são comparadas aos olhos do seu amado pela noiva no livro de Cântico dos Cânticos.

Bate-Seba, Bate-Sua (1Cr 3.5). *Filha do juramento*. A formosa esposa de Urias, que, mais tarde, tornou-se mulher de Davi e mãe de Salomão (2Sm 11.3; 12.24; 1Rs 1). O pecado de Davi com Bate-Seba tornou-se ainda mais tenebroso quando ele procurou a morte do marido dela, Urias, que era oficial do exército e homem dedicado ao seu rei (2Sm 11.6ss). Ao concretizar tamanha deslealdade, Davi casou-se com a viúva. Instigada pelo profeta Natã, Bate-Seba fala com Davi, já idoso, acerca da conspiração de Adonias para tornar-se o sucessor ao trono (1Rs 1.15-31). Posteriormente, ela é persuadida por Adonias a ir ter com Salomão, para que este permitisse o casamento dele com Abisague. Nessa ocasião, ela é recebida honrosamente por Salomão como rainha-mãe, mas o rei percebe, na própria petição, o plano astucioso de Adonias (1Rs 2.13-25). Além de Salomão, Bate-Seba teve mais três filhos: Simeia, Sobabe e Natã (Mt 1.6; 1Cr 3.5). O fato de ser ela neta de Aitofel pode explicar a rebelião deste contra Davi (2Sm 11.3; 23.34).

batismo, batizar. *Mergulho, mergulhar.* João não introduziu nenhum novo costume ao batizar os seus discípulos no rio Jordão, pois, entre os judeus, a imersão de todo o corpo, se possível em água corrente, era um meio de purificar-se de toda a impureza cerimonial (Is 1.16). Quanto ao

batismo de Jesus, v. Mt 3.13-17. Além das lavagens cerimoniais do corpo, entre os judeus também havia o hábito de batizar os convertidos ao judaísmo. Portanto, quando viram João batizando, não ficaram surpreendidos com o ato do batismo, mas com o fato de ele batizar. É o que se conclui da pergunta que lhe fizeram: "Então Por que batizas, se não és o Cristo, nem Elias, nem o profeta?" (Jo 1.25). Eles não perguntaram: "Que novo rito é este?", mas sim: "Por que o administras tu?". O batismo de prosélitos era, para os judeus, coisa natural, uma vez que todos os gentios eram considerados imundos. Na devida administração do batismo cristão, a lavagem tornou-se o sinal da purificação da alma. Quando um gentio se convertia ao judaísmo, era obrigatoriamente batizado, porque toda a sua vida anterior tinha sido ritualmente impura. O batismo cristão era sinal de purificação moral, ao passo que o de João Batista era um ato cerimonial intermediário entre a prática dos judeus e a prática simbólica e espiritual dos apóstolos. Todavia, quanto ao cerimonial necessário ao ato judaico ou ao ato cristão, a imersão não era essencial; não é provável que os 3 mil convertidos no dia de Pentecostes tenham sido imersos, ainda que certamente o tenham sido os discípulos de João Batista. O batismo de João estava mais ligado às abluções do cerimonial mosaico do que ao rito cristão. Ele próprio não fazia parte do grupo de profetas, nem do colegiado apostólico de Cristo. Essa é a razão pela qual as pessoas a quem João batizou ou seus próprios discípulos foram outra vez batizados na sua conversão ao cristianismo (At 19.1-5). O batismo cristão vincula-se, de modo especial, com o dom do Espírito Santo (Mt 28.19) e com o perdão dos pecados (Mc 16.16). As pessoas qualificadas para serem batizadas são indicadas em At 2.41. Em At 8.16 e 22.16, demonstra-se em nome de quem o ato de batismo deveria ser praticado; e em Rm 6.3,4 confirma-se que os crentes em Cristo são "sepultados com ele na morte pelo batismo".

batismo do Espírito Santo e com fogo (Mt 3.11). Como no texto grego não vem preposição nenhuma antes da palavra "fogo", fica evidente que João se refere a dois aspectos de um só batismo. Tem de ser espiritual, em contraste com o que é material e exterior, e deve ser purificador. Levantou-se a questão acerca desse termo "fogo". Trata-se de uma referência à purificação dos piedosos que verdadeiramente aceitam o batismo do Espírito, ou diz respeito à destruição dos perversos, como nos v. 10 e 12? Entretanto, a operação da presença de Deus é sempre dupla, diante da reação da alma ao submeter- se espontaneamente ou rebelar-se (Is 31.9; 33.14,15).

Baurim. *Vila de jovens.* Localizada entre o rio Jordão e Jerusalém. O nome só tem um significado importante por causa dos fatos que se sucederam nesse lugar. Foi ali que Mical voltou para Davi (2Sm 3.16). Também foi ali que Simei amaldiçoou Davi, quando este fugia de Jerusalém (2Sm 16.5-14). E foi em Baurim que Jônatas e Aimaás se esconderam, descendo dentro de um poço, para escaparem da vingança de Absalão (2Sm 17.18). Foi igualmente a terra natal de um dos homens fortes de Davi (2Sm 23.31). Sua localização exata é atualmente desconhecida.

Bavai. *Desejando.* Filho de Henadade, um dos chefes que ajudaram a reedificar os muros de Jerusalém nos dias de Neemias (Ne 3.18).

Bazlite. *Despojando.* Família de servidores do templo, que voltou do exílio com Zorobabel (Ed 2.52; Ne 7.54).

bdélio (Gn 2.12). Uma goma aromática comum no Oriente, produzida na terra de Havilá. Os especialistas alegam, em seus escritos, que a palavra significa pérola, ou qualquer outra pedra

preciosa. Diz-se, em Nm 11.7, que o maná tinha a aparência do bdélio. Ora, se o maná, conforme Êx16.14, assemelhava-se à geada branca, é possível que o bdélio tivesse o mesmo brilho da pérola e de algumas espécies de resina no momento em que transudam da sua respectiva árvore.

bebida, bebida forte. A bebida forte, a que se faz referência em Is 5.22, era feita de cevada com mistura de diversas especiarias. Outras bebidas havia, além do vinho, feitas de mel, trigo e tâmaras. Algumas passagens (Sl 107.27; Is 24.20; 49.26; 51.17-22) referem-se aos efeitos o uso da bebida forte. Era proibida aos sacerdotes, quando estavam em serviço (Lv 10.9), e também aos nazireus (Nm 6.3). V. EMBRIAGUEZ.

beca. *Fração.* Meio siclo, quantia equivalente a cerca de 6 gramas. Era a contribuição de todo israelita depois dos 20 anos de idade (Êx 30.12-16; 38.26; v. tb. Mt 17.24-27).

Beeliada. *Baal sabe* (1Cr 14.7). Um dos filhos de Davi. A forma original desse nome tornou-se odiosa para os israelitas, por causa da sua relação com o culto a Baal, de modo que a palavra foi alterada para Eliada, isto é, "Deus sabe" (2Sm 5.16; 1Cr 3.8).

Beelzebube. V. BAAL-ZEBUBE.

Beer. *Poço* (Nm 21. 16). 1. Estação de parada dos israelitas além de Arnom. Designada com esse nome por causa do "poço" cavado pelos príncipes do povo. Podemos identificar Beer como o lugar denominado "Beer-Elim", isto é, "Poço de heróis", de Is 15.8, e, portanto, o termo "heróis" seria uma alusão aos príncipes e nobres que o cavaram, ou seja, que ordenaram a sua abertura, uma vez que cavar o poço era, por certo, uma expressão simbólica. Quando se encontrava um poço e este era preparado para uso do povo, o chefe da tribo procedia ao ritual de cavá-lo, ato durante o qual havia canções em que o poeta da tribo celebrava as virtudes da água (Nm 21.17,18). Não faz muito tempo que o local foi identificado nas proximidades da mina de El-Modeyne.
2. Lugar para onde Jotão, filho de Gideão, fugiu por medo do seu irmão Abimeleque. Situa-se a 13 km a oeste de Hebrom (Jz 9.21).

Beer-Laai-Roi. *O poço daquele que vive e me vê.* O nome da fonte, onde apareceu um anjo do Senhor a Agar, quando esta fugia da fúria de Sara, mulher de Abraão (Gn 16.14). Em Gn 21.14-21, observa-se que tal poço ficava no deserto de Berseba, a oeste do mar Morto. Essa região do norte da Arábia parece ter sido a terra de onde Agar procedia, e não o Egito. Portanto, era de esperar que ela retornasse ao seu próprio povo, após ser despedida por Abraão. Isaque também habitou ali (Gn 24.62; 25.11). V. AGAR, ISMAEL E MIZRAIM.

Beerote. *Poços* (Dt 10.6). 1. Uma das quatro cidades dos heveus, os quais foram salvaguardados por intermédio de um acordo de paz ardilosamente estabelecido com Josué (Js 9.17). Foi concedida à tribo de Benjamim (Js 18.25). Era a terra natal dos assassinos de Isbosete (2Sm 4.2) e também de um dos valentes de Davi (2Sm 23.37; 1Cr 11.39). Veja, igualmente, Ed 2.25 e Ne 7.29. Beerote, ou seja, El-Bireh, a cerca de 13 km ao norte de Jerusalém, ainda é o primeiro ponto de parada para caravanas, embora seja apenas uma humilde aldeia com menos de mil habitantes. Segundo a tradição, foi naquele ponto que Maria e José deram pela falta de Jesus em seu retorno à Galileia (Lc 2.43).
2. Houve, também, uma estação de parada dos israelitas, que se chamava Beerote-Bene-Jaacã (Dt 10.6; Nm 33.31). beijo. Uma saudação costumeira entre os hebreus. No AT, observa-se tal

prática entre pais e filhos (Gn 27.26); entre parentes (Êx 4.27); entre pessoas não aparentadas (2Sm 20.9). Era praticado no momento do encontro de pessoas, bem como quando estas se despediam (Gn 29.11; Rt 1.14). Podia ser uma expressão de honra e deferência (Sl 2.12), expressão essa que também tinha a sua aplicação nos cultos idólatras (1Rs 19.18; Os 13.2). No NT, o ato de beijar os pés de alguém expressa humildade reverente (Lc 7.45). Os primeiros cristãos saudavam-se uns aos outros por meio do beijo ou ósculo (At 20.37; Rm 16.16; 1Ts 5.26; 1Pe 5.14).

Belém. *Casa do pão*, ou *lugar de comida.*

1. Belém, que inicialmente se chamava Efrata, era uma das mais antigas cidades da Palestina (Gn 35.19). Seu nome atual é Beit-Lahm. Situada a 10 km ao sul de Jerusalém, a cidade encontra-se em uma magnífica localização, a 600 m acima do nível do mar, rodeada de montes e vales muito férteis, nas proximidades da principal estrada que liga Jerusalém a Hebrom (Rt 2; Sl 65.12,13). A cidade não possui água, a não ser a que guardam em cisternas, provenientes das chuvas, e a água que vem das Fontes de Salomão por meio de um aqueduto. Nenhuma localidade da Palestina guarda recordações mais interessantes do que a cidade de Belém; contudo, não se entende a razão pela qual esse povoado, terra natal de Davi e do "Filho de Davi", além de ser palco de vários acontecimentos importantes, tenha permanecido na obscuridade durante tão longa existência. Seu antigo nome, Efrata, é mencionado na história de Jacó, por ser o lugar nas proximidades do qual Raquel foi sepultada. Salma, um neto de Calebe, é chamado de "pai dos belemitas" em 1Cr 2.51, 54. Mais tarde, manteve estreita relação com a terra de Moabe, e essa amizade perdurou até o tempo de Saul (1Sm 22.3,4). A vida de Rute familiariza-nos com os belemitas e sua maneira de viver. Embora Davi tivesse nascido em Belém, a cidade não recebeu nenhum privilégio especial por esse vínculo histórico com o grande rei, pois este não edificou nenhum monumento, nem a elevou a posição superior em relação às demais cidades do reino. Todavia, quando Davi foi terrivelmente oprimido pelos adversários, seu maior desejo foi o de beber um pouco de água do velho poço localizado em sua cidade natal (2Sm 23.15). O lugar foi fortificado mais de uma vez. Os filisteus mantiveram lá uma guarnição (2Sm 23.14), e, mais tarde, há menção de que Roboão fortificara a cidade de Belém (2Cr 11.6), ou seja, Belém foi uma das cidades que esse rei fortificou para defender e manter sua posição em Jerusalém. Pela passagem de Ed 2.21, compreendemos que 123 homens de Belém retornaram do exílio na companhia de Zorobabel (Ne 7.26). Em termos materiais e estruturais, a cidade de Belém e sua estalagem não diferiam das outras cidades da Palestina, exceto pelo fato notável de que era o ponto de partida daqueles que faziam a longa e cansativa viagem para o Egito (Jr 41.17). Foi nessa estalagem, fora das portas da inexpressiva Belém, que se deu o mais memorável acontecimento da história deste mundo, conforme predito em Mq 5.2. O Salvador do mundo nasceu não em uma cidade, nem mesmo na hospedaria, mas no estábulo da estalagem. Também foi de Belém que aconteceu a fuga para o Egito, a fim de que a vida do menino Jesus fosse preservada (Mt 2.1-15; Lc 2.4-15; Jo 7.42). A história subsequente de Belém, com uma ou duas exceções, é tão obscura como a passada. Adriano, imperador de Roma, plantou um bosque para fins idólatras no local do nascimento de Cristo, e, mais tarde, a imperatriz Helena edificou uma igreja no mesmo lugar, templo que continua ali até hoje. Tal templo é rodeado por três conventos que pertencem, respectivamente, às igrejas cristãs grega,

romana e armênia. No século Xi, os cruzados conquistaram Belém, que estava sob o domínio turco, e ali foi estabelecida uma sede episcopal. 2. Cidade de Zebulom, mencionada somente em Js 19.15. Situa-se a 9 km a oeste de Nazaré e também se chama Bet-Lahm, como sua famosa homônima.

Belial. *Maligno, indignidade*. Uma palavra que é empregada muitas vezes nas Escrituras Sagradas. No seu uso comum, significa o que é vil, indigno e inútil, quer se trate de coisas (Sl 41.8), quer de pessoas ou classes de pessoas, tais como: ‘‘homens malignos” (Dt 13.13), “filho de Belial” (1Sm 25.17), “todos os maus e filhos de Belial” (1Sm 30.22). Entretanto, nunca é utilizada no AT de maneira restrita como nome próprio.

Ben. *Filho.* Termo que frequentemente precede nomes tais como Ben-Hadade, que quer dizer “filho de Hadade”, Benjamim etc.

Benaia. *Javé edificou*. 1. Um dos oficiais de Davi (2Sm 23.22,23), filho de Joiada. Era homem dotado de espírito destemido e se destacou em diversas ocasiões. Foi partidário de Salomão contra as pretensões de Adonias (1Rs 1.8ss) e, depois de matar Adonias e Joabe, assumiu o comando do exército (1Rs 2.25; 4.4-35). Na lista dos homens de honra do rei Davi, Benaia era considerado um dos valentes, imediatamente abaixo dos ‘‘três mais valentes”, de um grupo de mais de 30 homens (2Sm 23.20-23). Seu filho, que se chamava Joiada à semelhança do avô, também participou do conselho do rei (1Cr 27.34).
2. Um homem piratonita, chamado pelo mesmo nome, que também fazia parte do grupo dos valentes de Davi (2Sm 23.30; 1Cr 11.31).
3. Um dos príncipes da tribo de Simeão (1Cr 4.36).
4. Um dos sacerdotes de Davi em Jerusalém. Era cantor e instrumentista do grupo de músicos que se faziam ouvir com alaúdes (1Cr 15.18,20,24; 16.5,6). Ainda existem oito pessoas que se chamam por esse nome no AT; contudo, pouco se sabe a respeito delas.

bęnção. 1. A consciência judaica do poder e do amor de Deus naturalmente encontrou palavras de louvor, que reconhecem a bondade e a misericórdia dele. A frase “Bendito o Senhor Deus de Israel” (1Sm 25.32) ocorre diversas vezes no AT em uma referência aos seus benefícios gerais e específicos. A adequação da bênção a situações do NT é instrutiva. Zacarias, na sua visão da glória vindoura, faz uso da antiga frase “Bendito seja o Senhor Deus de Israel” (Lc 1.68). Jesus Cristo é aclamado como “Bendito”, aquele que “vem em nome do Senhor” (Mt 21.9). O Senhor é “bendito” na qualidade de “Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo” (Ef 1.3).
2. Assim como Deus é “bendito”, também o são aqueles que confiam nele e andam nos seus caminhos. (Cp. as bem-aventuranças de Sl 1.1 com as bem-aventuranças do Sermão da Montanha, em Mt 5.3.)
3. A bênção do alimento na ocasião das refeições— o costume judaico, estritamente observado, de dar graças a Deus pelo mantimento — é mencionada quatro vezes nos Evangelhos: na multiplicação dos pães e peixes para os 5 mil, na multiplicação dos pães e peixes para os 4 mil, na última ceia e na refeição ocorrida em Emaús.
4. O último ato de Jesus na Terra foi o de abençoar seus discípulos enquanto era elevado ao céu (Lc 24.51).

benfeitor. Essa palavra ocorre apenas em Lc 22.25: "Os que exercem autoridade são chamados benfeitores". A referência é ao título que certos reis tomaram para si. Ptolomeu, rei do Egito, foi intitulado "Euergetes", que significa "Benfeitor".

Ben-Hadade. *Filho de Hadade.* Título religioso dos reis de Damasco. Na Síria, Hadade, ou Adade, era o deus da tempestade. Costumava-se associar esse nome aos nomes de indivíduos. 1. Filho de Rezom que, na qualidade de senhor de Damasco, adquiriu, gradativamente, influência e domínio sobre os chefes dos povos vizinhos, até que se tornou um monarca poderoso, a ponto de Baasa, rei de Israel, e Asa, rei de Judá, buscarem fazer uma aliança com ele. Após receber de Asa um grande tributo, aliou-se a este rei e invadiu a parte norte de Israel, vindo a conquistá- la e devastá-la até o tempo de Onri (1Rs 20.1-34).
2. Filho do rei precedente, a quem sucedeu no trono de Damasco. Quando pelejou contra os assírios em Carcar, no ano 854 a.C., Acabe era um dos seus aliados; todavia, na maioria das vezes, ele esteve em guerra contra o rei de Israel. V. ACABE. Ben-Hadade cercou Samaria acompanhado por uma companhia de 32 reis tributários. Depois da morte de Acabe, a cidade de Samaria foi novamente sitiada pelo rei de Damasco, o qual tratou a cidade de modo tão severo (2Rs 7) que a fome levou seus habitantes a recorrerem a carne humana para se alimentarem. V. ELISEU. Jorão, o rei israelita, já não sabia mais o que fazer, quando, de repente, as tropas sitiantes desapareceram, tomadas de grande pânico. O auxílio de Deus foi tão completo que Jorão pôde recuperar o território até Ramote-Gileade (2Rs 9). Logo depois de sua volta a Damasco, Ben- Hadade ficou doente e consultou Eliseu sobre as consequências de sua doença. Pouca esperança lhe deu o profeta, ao assegurar-lhe que havia de morrer dentro de pouco tempo, ainda que não fosse por causa da doença que o afligia. Hazael, que na qualidade de mensageiro do rei fora consultar o profeta, recebeu de Eliseu a informação de que, pela providência de Deus, estava destinado a ser o sucessor de Ben-Ha-dade. Essa profecia se cumpriu, pois Hazael assassinou Ben-Hadade e se apoderou do trono (2Rs 8.15). V. HAZAEL, A CABE, ELISEU, DAMASCO, SAMARIA.
3. Filho de Hazael e seu sucessor no trono. Como rei e general, não tinha as grandes qualidades de seu pai, motivo que o levou, em pouco tempo, a devolver a Joás, na planície de Esdrelom, as cidades que Hazael conquistara dos israelitas (2Rs 13.25). Em Am 1.4, é profetizada a destruição de todos os palácios de Ben-Hadade, bem como outros infortúnios que lhe sobrevieram.

Benjamim. *Filho da mão direita.* 1. Nome que lhe foi dado por seu pai, Jacó. Sua mãe, que morreu momentos depois de lhe dar à luz, chamara o filho recém-nascido pelo nome de Benoni, *filho da minha aflição* (Gn 35.18). Benjamim, o mais novo dos 12 filhos do patriarca Jacó, era amado com toda a ternura por seu pai; José, que também era filho de Jacó com Raquel, era seu irmão. Benjamim era a grande consolação de seu pai idoso e correspondia com igual afeto à grande amizade que nutria por ele seu irmão mais velho, José (Gn 45.14). Nasceu na Palestina, entre Betel e Belém; seu nascimento custou a vida de Raquel, sua mãe (Gn 35.16ss). Nada mais é dito acerca de Benjamim até o momento em que seus irmãos tiveram de ir ao Egito para comprar trigo. Nessa ocasião, fica evidente sua condição de filho muito amado e de irmão querido pelos outros irmãos. Ele era o favorito de toda a família e, apesar de ser o pai de uma numerosa descendência, sempre foi considerado aquele de quem o resto da família

deveria ter especial cuidado (Gn 46.21; 44.20). A partir de então, sua vida desdobra-se e desaparece na da tribo que se chama pelo seu nome. Ele, que parece ter sido o menos varonil dos 12 irmãos, foi o fundador de uma tribo de guerreiros temíveis. Mas a força e as qualidades guerreiras dessa gente advinham da situação geográfica de seu território pedregoso que ficava mais exposto aos ataques externos dos povos inimigos. O caráter valente da tribo de Benjamim foi profeticamente anunciado por Jacó, momentos antes de morrer (Gn 49.27).
2. Um descendente de Harim (Ed 10.32).
3. Um dos que participaram da reconstrução dos muros de Jerusalém (Ne 3.23). É provável que seja o mesmo referido nos itens 4 e 5.
4. V. Ne 12.34.
5. V. 1Cr 7.10.

Benjamim, tribo de. Ainda que pequena, essa tribo era, de modo especial, valente e guerreira. Já no tempo da peregrinação pelo deserto, contava com mais de 35 mil guerreiros (Nm 1.37); esse número aumentou de tal maneira que, quando os israelitas entraram na terra prometida, essa tribo possuía 45.600 combatentes (Nm 26.41). Depois da conquista da Palestina, tal temperamento belicoso dos benjamitas foi a causa de se envolverem em guerra com as outras tribos, pois recusaram-se a entregar certos criminosos à justiça, o que resultou em guerra desta contra as demais tribos, e o exército de Benjamim foi derrotado e reduzido a 600 guerreiros, que se refugiaram na penha de Rimom, situada no deserto (Jz 20.47). Entretanto, apesar de quase ter sido exterminada, a tribo de Benjamim refez-se tão depressa que, no tempo do reinado de Davi, chegou a reunir um exército com cerca de 60 mil homens, e, durante o reinado de Asa, o número de benjamitas armados e adestrados chegou a 280 mil. A amizade dos benjamitas com seus irmãos de Judá certamente foi de grande benefício para ambas as tribos. Os laços que uniam essas duas tribos aguerridas tornaram-se ainda mais estreitos pelo fato de Davi, após expulsar os jebuseus de Sião, ter feito dessa fortaleza a própria capital, quando já se tornara rei de todo o povo de Israel. Sião, ou Jerusalém, constituía uma parte do território de Benjamim, que se situava ao lado, ou melhor, praticamente dentro do território de Judá. Quando Salomão morreu, essas duas tribos, Judá e Benjamim, permaneceram fiéis e formaram um reino à parte (1Rs 12.21), chamado, simplesmente, pelo nome de Judá. Saul, o primeiro rei de Israel, era da tribo de Benjamim. V. SAUL E DAVI.

Bequer. *Camelo novo.* 1. O segundo filho de Benjamim. Foi um dos 14 descendentes de Raquel que se estabeleceram no Egito (Gn 46.21; 1Cr 7.6,8). Seba, que se revoltou contra Davi depois da morte de Absalão, pertencia a essa família (2Sm 20). V. SEBA. Bequer foi um dos antepassados de Saul e de Abner, de modo que as gerações sucederam-se na seguinte ordem: Bequer, Abias, Becorate, Zeror, Jeiel, Ner, Quis, Saul (1Cr 7.8; 1Sm 9.1; 1Cr 9.36). Abner era irmão mais novo de Quis e, portanto, tio de Saul.
2. Um dos filhos de Efraim (Nm 26.35).

Beraca. *Bênção.* 1. Um guerreiro benjamita que se juntou às tropas de Davi em Ziclague (1Cr 12.3).
2. Vale próximo a Tecoa, ao sul de Judá, identificado, atualmente, como Beireicute. Situa-se na altura da estrada principal que liga Belém a Hebrom. Esse vale de Bênção foi palco de grande

regozijo e de uma festa de ação de graças promovida pelo rei Josafá e seu povo, depois que os amonitas e moabitas foram derrotados pela intervenção direta e oportuna de Deus (2Cr 20.26).

Bereia. Cidade que hoje tem o nome de Verria ou Kara Verria, localizada na encosta oriental da serra do Olimpo, no sopé do monte Bermios, situado na Baixa Macedônia. Quando Paulo e Silas foram obrigados a deixar Tessalônica (At 17.10), buscaram refúgio nesse povoado, razão pela qual Bereia se encontra no trajeto de sua viagem missionária (At 17.10). Era a terra natal de Sópatro, um dos companheiros de Paulo (At 20.4). Tanto os judeus quanto os gregos de Bereia receberam de boa vontade as doutrinas do evangelho (At 17.12). Paulo permaneceu ali por algum tempo, mantido pelos esforços cuidadosos dos discípulos de Tessalônica, até que os judeus de Bereia insuflassem o povo contra ele. Na viagem para a cidade de Atenas, Paulo foi acompanhado por alguns novos convertidos bereanos. Na primeira metade do século XX, sua população, constituída fundamentalmente de turcos e gregos, era de aproximadamente 20 mil habitantes; seus produtos característicos eram arroz, frutas, mármore e artigos manufaturados de algodão.

Berenice. Essa mulher, que estava presente quando Paulo fez o seu discurso diante de Festo (At 25 e 26), era filha de Herodes Agripa I e irmã de Herodes Agripa II. Demonstrava um caráter licencioso, e, mesmo numa época de depravação moral, era considerada uma mulher sem princípios de moralidade. Tornou-se amante do imperador Tito. O fato de comparecer ao depoimento de Paulo é interessante, visto que o apóstolo outrora pregara acerca do pecado e do juízo vindouro diante da sua irmã adúltera, Drusila (At 24.24). Berenice era mulher de grande importância política e, mais tarde, lutou por alguns anos para tornar a pôr a dinastia herodiana no trono da Judeia, porém seus planos fracassaram por completo.

Berequias. *O Senhor abençoa.* 1. Filho de Zorobabel e descendente de Jeoaquim, rei de Judá (1Cr 3.20).

2. Pai de Asafe, o principal dos cantores (1Cr 15.17).

3. Levita que viveu nas proximidades de Jerusalém (1Cr 9.16; 15.23); era filho de Asa.

4. Um efraimita que, no tempo do reinado de Acaz, era um dos principais de sua tribo (2Cr 28.12).

5. Nome do pai de Mesulão, um dos que estão na lista daqueles que reedificaram os muros de Jerusalém (Ne 3.4,30 e 6.18).

6. O pai do profeta Zacarias (Zc 1.1,7).

Berias. 1. Esse nome triste, que lembrava grande infelicidade, foi dado ao filho de Efraim, por causa de uma tragédia na família (1Cr 7.21-23). Os filhos de Efraim tinham feito uma tentativa de roubar o gado de Gate, e foram mortos pelos homens desta cidade. Quando nasceu outro filho a Efraim, este lhe deu o nome de Berias, "porque as coisas iam mal na sua casa".

2. Filho de Aser e ancestral da família dos beritas (Gn 46.17; Nm 26.44,45; 1Cr 7.30,31).

3. Filho de Elpaal e benjamita, por adoção, em virtude dos serviços prestados ao povo de Benjamim na ocasião em que os habitantes de Gate foram expulsos. Antes disso, ele e seu irmão, Sema, foram chefes das famílias que habitavam em Aijalom (1Cr 8.13).

4. Filho de Simei, levita e gersonita que viveu no tempo do reinado de Davi (1Cr 23.10,11).

berilo. O termo em Êx 28.20 e 39.13 se refere à turquesa. Esta pedra preciosa era a décima pedra, ou a primeira da quarta ordem, engastada no peitoral do sumo sacerdote. Não se sabe bem que

espécie de pedra era essa. Também é a oitava das pedras preciosas que formam os fundamentos da Jerusalém celestial (Ap 21.20), onde, provavelmente, corresponda ao berilo conhecido na atualidade, muito semelhante à esmeralda. Plínio o descreve como uma pedra de coloração verde-mar.

Berseba. Para alguns, significa "Poço do juramento"; outros, porém, declaram que o termo significa "Poço dos sete" (Gn 21.22-33; 26.26-33). Outrora foi um lugar de considerável importância; no entanto, Bir-es-Seba, como se denomina na atualidade, é apenas um lugar de ruínas, com dois imensos poços cercados de bebedouros de pedra para uso dos animais. Embora não estivesse localizada no limite extremo de Judá, visto que se situava a cerca de 95 km para o interior da Palestina, ficava nas adjacências das terras cultivadas da tribo de Simeão, e, por isso, o povo costumava dizer que Berseba era o ponto extremo ao sul do país; disso originam-se as frequentes frases: "De Dã até Berseba" (2Sm 17.11); de "Geba até Berseba" (2Rs 23.8). Foi nas proximidades desse poço, ou poços, que Abraão, Isaque e Jacó residiram e dessedentaram seus rebanhos. A cidade, situada a cerca de 32 km ao sul de Hebrom, passou, por fim, para a tribo de Simeão (Js 15.28; 19.2). Em Berseba, também viveram os filhos de Samuel (1Sm 8.2), e, em tempos posteriores, imagens foram erigidas nessa aldeia, numa tentativa de representar o verdadeiro Deus (Am 5.5; 8.14). Alguns dos que voltaram do exílio estabeleceram ali a sua residência na época de Neemias (Ne 11.27,30). Além dos dois poços circulares com 15 m de profundidade, anteriormente mencionados, há indícios de que existiam outros poços no local; todavia, é duvidoso de que fossem em número de sete poços. Na história dos primórdios do cristianismo, o nome de Berseba ocorre em listas eclesiásticas, na qualidade de cidade episcopal sob jurisdição do bispo de Jerusalém (620 d.C.).

Beta. *Confidência.* Cidade pertencente a Hadadezer, rei de Zobá, da qual Davi levou um grande despojo de bronze (2Sm 8.8). Em 1Cr 18.8, menciona-se a mesma cidade pelo nome de Tibate.

Betânia. *A casa das tâmaras*. É muito interessante o fato de essa aldeia, tão relacionada com a vida de nosso Salvador, chamar-se, atualmente, El-Azeriete, isto é, a "vila de Lázaro". Está situada na encosta sudeste do monte das Oliveiras, a 670 m acima do nível do mar, 1.600 m abaixo do cume do referido monte, a 3 km de Jerusalém, nas proximidades da estrada de Jericó (Jo 11.18; Mc 10.46). Foi a aldeia na qual Jesus frequentemente era recebido como hóspede pela família de Lázaro e onde se deu a ressurreição deste querido amigo do Senhor (Jo 11.1-46; 12.1). Também era o povoado onde residia Simão, o leproso (Mt 26.6), e de onde Jesus partiu para sua entrada triunfal na cidade de Jerusalém (Mc 11.1). Igualmente em Betânia, Jesus repousou, por uma noite, na semana que antecedeu sua crucificação, e ali se cumpriu a sua ascensão ao céu (Mt 21.17; Lc 24.50).

Bete-Anate. *Templo da deusa Anate.* Fortaleza, ou "cidade murada", de Naftali, na qual seus primeiros habitantes permaneceram, mesmo depois que o restante do território foi conquistado e ocupado pelos israelitas (Js 19.38). Esses habitantes ficaram sujeitos a trabalhos forçados pelos conquistadores judeus (Jz 1.33). Hoje em dia, denomina-se Aenitha, na Alta Galileia.

Bete-Arã. *Casa da montanha.* Cidade pertencente à tribo de Gade, situada a leste do Jordão (Js 13.27), chamada também pelo nome de Bete-Harã em Nm 32.36. Em seus primórdios, pertencia aos amorreus e, mais tarde, foi fortificada por Gade. Esse povoado, conhecido atualmente por Tell-er-Rameh, encontra-se a 200 m acima do nível do mar, quase defronte de

Jericó, entre Hesbom e o Jordão. Nas suas proximidades, havia fontes termais cujas águas, segundo se dizia, eram eficazes contra a lepra. Isso tornou o lugar muito frequentado como balneário. Herodes, o Grande, tinha um palácio em Bete-Arã, e Herodes Antipas cercou esse palácio de muros.

Bete-Áven. *Casa de iniquidade* ou *de idolatria*. 1. Lugar a leste de Betel (Js 7.2), situado entre Betel e Micmás (1Sm 13.5). Sua localização exata ainda não foi identificada, mas é certo que ficava em um extremo desértico (Js 18.12).
2. Um sinônimo ultrajante de Betel (Os 4.15; 5.8; 10.5).

Bete-Baal-Meom. *Casa de Baal-Meom.* Cidade moabita dada à tribo de Rúben. Ficava ao norte de Amom, um pouco ao sul do monte Nebo, a leste do Jordão (Js 13.17). Foi primeiramente chamada de Baal-Meom (Nm 32.38), nome ao qual os israelitas associaram o prefixo Bete. Também tinha o nome de Bete-Meom (Jr 48.2,3) e de Beom, uma forma condensada da palavra (Nm 32.3). É um dos lugares mencionados na Pedra Moabita, na qual há inscrições que afirmam ter o rei Mesa edificado ou reedificado essa cidade. O seu local ainda pode ser reconhecido por algumas ruínas que se denominam "Fortaleza de Miun".

Bete-Bara. *Casa do vau.* Um lugar situado no território de Gade, a leste do Jordão (Jz 7.24). Ali Gideão conquistou grande vitória contra os midianitas; esse foi o limite até onde os homens de Efraim deviam ir em sua investida contra os midianitas. As águas, a que o texto se refere, eram os riachos que corriam dos montes de Efraim e desaguavam no rio Jordão.

Bete-Biri. *Casa da minha criação.* Cidade pertencente à tribo de Simeão (1Cr 4.31), a mesma que em Js 19.6 é chamada Bete-Lebaote. Situava-se na região mais ao sul da terra santa, nas proximidades de Berseba.

Bete-Car. *Pastagem das ovelhas* ou casa do cordeiro. Foi o lugar onde os israelitas pararam de perseguir os filisteus, em uma perseguição que começara em Mispa (1Sm 7.11). Pelo texto, infere-se que a cidade ou fortaleza estava edificada no alto de um monte. Ali, também, Samuel colocou uma pedra (v. 12) e lhe chamou "Ebenézer", em memória do auxílio que o Senhor dera aos homens de Israel e como sinal de que era o fim da perseguição.

Bete-Dagom. *Casa de Dagom.* 1. Cidade de Judá cujo nome é uma evidência de que o culto filisteu ao deus Dagom se propagara para além dos limites da Filístia. Situava-se em alguma parte das regiões baixas de Judá, mas sua localização exata ainda não foi estabelecida; sabe-se, apenas, que ficava nas proximidades de Gederote (Js 15.41).
2. Cidade situada nos limites do território de Aser, perto do litoral. Era de propriedade dos filisteus (Js 19.27) e atualmente é conhecida pelo nome de Tell d'Auk.

Bete-Haquerém. Casa da vinha. Uma estação, com farol, entre Tecoa e Jerusalém, dominada por Recabe (Ne 3.14; Jr 6.1). Tem sido identificada como Ain-Karim, situada mais a sudoeste de Jerusalém. Desfrutava de uma boa localização como base militar, pois ficava numa elevação maior do que os terrenos que a circundavam, de modo que sua luz era visível a toda região (cf. Jr 6.1: "Tocai a trombeta de Tecoa, e levantai o facho sobre Bete-Haquerém"). Também era um lugar estrategicamente rico e valioso que precisava ser protegido. As pedras sobre as quais provavelmente eram postos os luzeiros ainda podem ser vistas no cume da montanha, tendo uma delas 12 m de altura e 40 m de diâmetro.

Bete-Horom. *Casa da caverna.* Havia duas cidades em Efraim que eram designadas por esse nome, as quais chamavam-se, respectivamente, "a de baixo" e "a de cima", nas proximidades da fronteira de Benjamim (Js 10.10; 1Cr 7.24). Hoje em dia, os povoados correspondentes a eles denominam-se Beit-Ur el Foca e Beit-Ur el Tahta, nomes que se distinguem pelas expressões "o lugar mais alto" e "o lugar mais baixo". A fundadora e edificadora dessas duas vilas foi Seerá, filha de Berias, conforme o registro de 1Cr 7.24. A referência que lhes é feita em 2Cr 8.5 implica que Salomão as reedificou e as transformou em fortalezas. A posição de Bete-Horom na encosta do planalto, praticamente no sopé da descida que dá acesso à fértil planície de Sarom e acima da grande estrada que partia de Jerusalém, é considerada da mais alta importância do ponto de vista militar. Quando Gibeão foi ameaçada pelos cananeus das regiões mais baixas, Josué os perseguiu e derrotou na subida da ladeira de Bete-Horom e, na descida dessa ladeira, ainda continuou a feri-los, enquanto batiam em retirada (Js 10.10, 11). Mais tarde, durante os turbulentos tempos do reinado de Saul, os filisteus, acampados em Micmás, mantinham o controle estratégico dessas duas cidades. Posteriormente, Salomão tornou a fortificar Bete-Horom, tanto a de cima quanto a de baixo, bem como Gezer (1Rs 9.17; 2Cr 8.5). Os egípcios, ao passarem por Bete-Horom, invadiram o território de Judá durante o reinado de Roboão. Nos dias de hoje, a estrada é pouco utilizada, mas, pelos vestígios de calçamento que ainda restam, fica evidente que os romanos não desprezaram esse posto militar tão estratégico que guarnecia a principal linha de comunicação entre a cidade de Jerusalém e o litoral.

Betel. *Casa de Deus.* 1. A importância de Betel na história bíblica não pode ser avaliada com precisão pelo número de vezes (65 ocorrências) que é mencionada na Bíblia. Fica no centro da terra de Canaã, a 19 km ao norte de Jerusalém, perto de Luz. Foi Jacó quem lhe deu o nome (Gn 28.19; 35.1-15). Quando a cidade foi conquistada pela tribo de Efraim, o nome de Luz desapareceu e prevaleceu o de Betel, que passou a designar todo aquele lugar (Jz 1.22). Betel já era conhecida como santuário quando a Palestina se dividiu nos reinos de Israel e Judá. Jeroboão estabeleceu ali e em outro lugar um culto idólatra, a fim de impedir que o povo israelita fosse a Jerusalém para adorar a Deus. Foi em Betel que ele pôs um dos bezerros de ouro e que organizou um sacerdócio, ordenando festas e promovendo peregrinações aos altares que levantara (1Rs 12.28). Por causa dessa idolatria, um homem de Deus que veio de Judá (1Rs 13.1-3) e, posteriormente, Amós profetizaram da parte de Deus contra Betel. Amós levou a cabo sua missão, mas recebeu um aviso do sumo sacerdote de Jeroboão para que deixasse a cidade. Oseias também profetizou contra Betel. As profecias se cumpriram quando Josias, rei de Judá, destruiu os altares e ídolos de Betel, queimando sobre eles os ossos de homens mortos (2Rs 23.15,16). Antes dessa destruição, Betel era o "santuário do rei" e o "templo do reino" (Am 7.13). Pelo que é dito em Am 8.5ss, percebe-se que Betel foi um importante centro comercial, cuja população contava com um número considerável de negociantes ricos. Pela clareza das palavras do profeta, depreende-se que tais comerciantes eram desonestos, e o sofrimento que sobreveio àquele notável lugar foi causado por essa falta de honestidade, bem como pela idolatria. Sua opulência gerou ainda outras perversidades, a ponto de Amós declarar profeticamente que Betel seria reduzida a nada (Am 5.5) e de Oseias referir-se a ela como "Bete-Áven" (Os 4.15), que significa *Casa da iniquidade*. Entre outras referências a Betel, sabe-se que, durante o conturbado período dos juízes, o povo estava acostumado a ir à"Casa de Deus"

naquela localidade, a fim de consultar ao Senhor (Jz 20.18,26,31; 21.2), pois nesse santuário se encontrava a arca da Aliança, aos cuidados de Fineias, e ali realizavam- se sacrifícios pacíficos e holocaustos. Samuel também foi a Betel em sua visita anual às cidades santas (1Sm 7.16). É importante observar que o culto ao Senhor continuou em Betel ao lado do culto a Baal com aquelas extravagantes formas de idolatria estabelecidas por Jeroboão. Esse era o estado das coisas quando Eliseu visitou os "discípulos dos profetas" (2Rs 2.2,23) e foi escarnecido pelos rapazes. Jeú apoderou-se do trono e, destruindo o culto de Baal, elevou o culto do bezerro de ouro, introduzido por Jeroboão, a um grau superior (2Rs 10.29). Começou, então, um período de crescente prosperidade para Betel até que, no tempo de Jeroboão II, tornou-se novamente a residência real, com suntuosos palácios de "pedra" e "marfim" para habitação de verão e de inverno (Am 3.15; 7.13). Todavia, quando o reino de Israel foi invadido e assolado pelo rei da Assíria, o bezerro de ouro foi levado de Betel por Salmaneser, e os sacerdotes ali permaneceram a fim de ensinar ao povo a maneira pela qual deveria adorar e servir "o Deus da terra" (2Rs 17.27, 28). Tal culto corrompido foi totalmente extinto pelas medidas drásticas tomadas por Josias, conforme já foi dito.

2. Cidade ao sul de Judá que se tornou um dos lugares para onde Davi se retirou em busca de refúgio, quando fugia de Saul (1Sm 30.27). Talvez seja o mesmo lugar mencionado em Js 12.16.

Betesda. *Casa de misericórdia.* Nome de um tanque ou reservatório situado em Jerusalém, perto do mercado das ovelhas (Jo 5.2-7). O fornecimento de água era intermitente, o que explica o movimento da água (v. 3) e a resposta do enfermo a Jesus, ao usar o termo "agitada" ou "movida" (v. 7). A menção de cinco alpendres pode indicar que se tratassem de dois tanques, uma vez que os alpendres consistiam em galerias, erguidas sobre os quatro lados, com uma divisão que separava o tanque em duas partes. Essas galerias deviam acomodar um grande número de inválidos que ali se reuniam para receber os benefícios do movimento das águas. O lugar foi novamente descoberto em 1888 d.C., nas proximidades da Igreja de Sant'Ana, e apresenta dois tanques, cada um com 18 m de comprimento por 3,5 m de largura, adjacentes em toda a extensão de seu comprimento.

Bete-Seã. *Casa de sossego.* Cidade situada a 6 km do rio Jordão, no lado ocidental, e a 29 km ao sul do mar de Tiberíades. Por muito tempo, foi conhecida como Citópolis, talvez por ter sido conquistada pelos citas em cerca de 600 a.C. Localizava-se entre a província da Galileia e a de Samaria, à beira da grande planície do Jordão, dentro dos limites territoriais de Issacar, porém cedida à tribo de Manassés (Js 17.11; Jz 1.27). Quando os filisteus derrotaram o rei Saul na batalha de Gilboa, dependuraram o seu corpo, como era costume entre eles, nas muralhas de Bete-Seã (1Sm 31.10). Bete-Seã, evidentemente, passou a pertencer à Filístia; todavia, mais tarde, dela se faz menção como parte do reino de Judá (1Rs 4.12). A casa de Salomão era abastecida por Bete-Seã, que nessa época compreendia todas as terras ao seu redor e estava aos cuidados de um oficial do comissariado do rei. Uma vez que os filisteus mantinham ali uma guarnição e que os cananeus também faziam parte da sua população (Jz 1.27), supõe-se que Bete-Seã tenha sido conquistada pelos israelitas durante o reinado de Davi. Depois do exílio e durante o tempo da dominação grega, denominou-se Citópolis, nome esse que posteriormente desapareceu, dando lugar à antiga designação de Bete-Seã. Nos primeiros séculos do

cristianismo, tornou- se famosa como sede de uma escola cristã. Seu nome atual, Beisân, indica apenas o lugar de algumas belas ruínas, porém era um dos lugares mais importantes de Decápolis no tempo de Jesus Cristo.

Bete-Semes. *Casa do Sol.* 1. Cidade da fronteira, em terreno acidentado a nordeste das montanhas de Judá, que pertencia, todavia, à tribo de Dã (Js 15.10). Hoje é conhecida pelo nome de Ain-Semes, perto da região da Baixa Filístia. Pelo pedido feito aos habitantes de Quiriate-Jearim para que descessem e levassem a arca para a sua terra (1Sm 6.21), fica evidente que se situava numa região mais baixa ou numa depressão. Os filisteus ficaram aterrorizados com a posse da arca, e, quando a enviaram para fora de Ecrom, o carro de bois que a transportava dirigiu-se para Bete- Semes e parou no campo de "Josué, o bete-semita" (1Sm 6.14). Bete-Semes foi palco de uma batalha entre Jeoás, rei de Israel, e Amazias, rei de Judá (2Rs 14.11- 13). Também foi tomada pelos filisteus (2Cr 28.18), quando invadiram esse e outros lugares durante o reinado de Acaz. Bete-Semes era um dos territórios que faziam parte da intendência do rei Salomão (1Rs 4.9). Tanto em Bete-Semes como nos seus arredores, prestava-se culto ao Sol declaradamente, o que pode ser provado pelas ruínas que ainda existem.
2. Cidade nos limites de Issacar (Js 19.22), talvez seja a Ain esh-Shemsiyeh, a 11km ao sul de Bete-Seã, no vale do Jordão.
3. Cidade fortificada de Naftali, cujos habitantes (cananeus) não foram expulsos pelos israelitas, mas ficaram sujeitos a Israel na condição de tributários (Js 19.38).
4. Cidade do Egito, chamada Om (v. om), onde se adorava o Sol; em grego, tinha o nome de Heliópolis. Na Idade Média, essa localidade ainda se chamava Bete-Semes (Jr 43.13).

Bete-Zur. *Casa de rocha.* Cidade nas montanhas de Judá (Js 15.58), de importância estratégica, localizada na estrada principal que ligava Berseba e Hebrom a Jerusalém. Foi fortificada pelo rei Roboão (2Cr 11.7). Seus habitantes auxiliaram Neemias na reedificação dos muros de Jerusalém depois do exílio (Ne 3.16). Outrora, o lugar mais fortificado de toda a Judeia, Bete-Zur, atualmente, não passa de uma simples aldeia no meio de antigas ruínas, a 7 km de Hebrom.

Betfagé. *Casa de figos verdes.* (A palavra traduzida por "começou a dar seus figos" em Ct 2.13 é *fagim*.) Essa vila situava-se no monte das Oliveiras, próximo de Betânia, na estrada que ligava Jericó a Jerusalém (Mt 21.1; Mc 11.1; Lc 19.29). Tanto as posições geográficas relativas de Betfagé e Betânia quanto destas em relação a Jerusalém têm sido alvo de discussão e opiniões diversas. No trajeto de Jericó para Jerusalém, Jesus, ao que parece, entrava antes em Betfagé para, depois, chegar a Betânia. Tal indicação sugere que Betfagé estava localizada um pouco abaixo de Betânia para o lado da encosta oriental.

Betsaida. *Casa da pesca*. Parece que havia dois lugares com esse nome: um deles foi a terra natal de André, Pedro e Filipe; o outro, situava-se nas proximidades de onde se deu a multiplicação dos pães e peixes para as 5 mil pessoas. 1. A primeira dessas povoações aqui descrita, Betsaida da Galileia, ficava a noroeste do lago de Genesaré, às margens de suas águas, não muito distante de Cafarnaum (Mt 11.21; Mc 6.45; Lc 10.13; Jo 1.44). Muitos eruditos, entretanto, negam a existência dessa Betsaida.
2. A outra Betsaida, onde se realizou o milagre da multiplicação dos pães (Lc 9.10- 17), localizava-se na margem oriental do referido lago, próximo da foz do rio Jordão. O deserto de

Betsaida também ficava nas proximidades (Mt 14.15-21; Lc 9.10). O povoado, outrora uma simples aldeia, foi reedificado, embelezado e elevado à categoria de cidade por Filipe, o tetrarca, o qual lhe deu o nome de Julias, em homenagem a Júlia, filha do imperador romano César Augusto. Diz-se que Filipe ali morreu e foi sepultado. O lugar das ruínas de El-Tell, numa encosta a leste do Jordão, tem sido identificado com Betsaida Julias. Se houve apenas uma Betsaida, como muitos alegam, trata-se, então, do mesmo lugar que ora é mencionado no território da Galileia, ora é referido no território dos gaulanitas.

Betuel. *Homem de Deus.* 1. Filho de Naor, irmão de Abraão, e pai de Rebeca (Gn 22.22,23; 24.15,24). Chamava-se "Betuel, o arameu" (Gn 25.20). Ainda que o nome ocorra diversas vezes, a própria pessoa, contudo, só aparece uma vez nas Escrituras Sagradas (Gn 24.50), e supõe-se que sua morte tenha acontecido pouco tempo depois.
2. Uma cidade simeonita (1Cr 4.30). Em Js 15.30, é designada pelo nome de Quesil; em Js 19.4, denomina-se Betul.

betume. Essa substância de consistência lodosa era extraída em lugares como a região do mar Morto e do Eufrates. Utilizava- se o betume como argamassa nas construções (Gn 11.3); era especialmente empregado para proteger as camadas inferiores da umidade em toda a extensão. O betume, que jorra dos poços, frequentemente é visto flutuando em grandes placas na superfície do mar Morto, bem como descendo pela correnteza do rio Eufrates. Erupções de betume são frequentes ao longo das praias do mar Morto, que também se chama lago Asfaltite. Por ter sido largamente utilizado nas construções, encontrou-se grande quantidade de betume seco e duro em ruínas antigas, a exemplo das ruínas de Babilônia (Gn 6.14; Êx2.3; Is 34.9).

Bezalel. *Na sombra de Deus.* 1. Filho de Uri e neto de Hur, um dos descendentes de Calebe (1Cr 2.18-20,50). Era um artífice habilidoso, e foi encarregado de executar as obras de arte que compunham a construção do tabernáculo, no deserto. Associou-se a Aoliabe, que tinha a seu encargo a fabricação dos tecidos. O trabalho pessoal de Bezalel era a arte em metal, madeira e pedra, mas também supervisionava, na qualidade de mestre, os trabalhos artísticos de Aoliabe (Êx31.2; 35.30; 36.1,2; 1Cr 2.20; 2Cr 1.5). V. HUR.
2. Filho de Paate-Moabe, um dos que tinham casado com mulheres estrangeiras no tempo de Esdras (Ed 10.30).

Bíblia. V. CÂNON DAS ESCRITURAS SAGRADAS; APÓCRIFOS, LIVROS; AT.

bicho. Não se trata exclusivamente dos bichos que vivem dentro da terra, mas de qualquer animal rasteiro, como a lagarta. Pode significar bichos da terra, como em Mq 7.17; a larva das moscas, como em Êx 16.20; Jó 7.5 (cf. Mc 9.48); a lagarta da traça, como em Is 51.8; alguma larva de inseto, como em Dt 28.39; Jn 4.7.

Bidcar. Um capitão que servia a Jeú, de quem antes era colega e companheiro de armas(2Rs 9.25). Depois que Jeú atravessou com uma flecha Jorão, filho de Acabe, Bidcar executou o que fora predito por Deus acerca da família de Acabe e lançou o corpo de Jorão no campo de Nabote, o jezreelita (v. 26).

Bigtã. Eunuco que conspirou contra o rei Assuero. Mordecai, ao descobrir a conspiração, agiu para salvar a vida do rei e por isso, mais tarde, recebeu grandes honras, ao passo que os conspiradores foram dependurados numa forca (Et 2.21; 6.2). Alguns questionam se o tipo de

morte teria sido por crucificação ou por empalação, visto que não se usava a execução por enforcamento naquele contexto. O mesmo tipo terrível de morte foi aplicado a Hamã (Et 7).

Bila. 1. Serva de Raquel, a filha mais nova de Labão. Foi concubina de Jacó, com quem teve dois filhos: Dã e Naftali (Gn 29.29; 35.25). O seu pecado com Rúben levou Jacó a predizer o mal que havia de sobrevir a seus descendentes (Gn 35.22; 49.4). 2. Cidade pertencente à tribo de Simeão (1Cr 4.29). Também é chamada de Balá em Js 19.3 e de Baalá em Js 15.29. A localização exata dessa cidade é desconhecida.

Bildade. *Bel tem amado* (?). Um dos três amigos de Jó (Jó 2.11). Era suíta, descendente direto de Abraão, e habitava a leste da Arábia. Como consolador, falhou por sua insensibilidade e falta de compaixão. Atribuiu a morte dos filhos de Jó à maldade da vida deles. Afirmou que Jó certamente deveria ter cometido pecados graves para ser castigado de modo tão severo. Ele representa, com toda a propriedade, a sabedoria do mundo e a falta de compaixão. Por fim, Jó se impôs com seus argumentos e repreendeu-o pela falta de amor (Jó 8; 18; 25). V. JÓ.

Bileã. *Destruição do povo.* Cidade levítica que, com seus arredores, foi cedida aos filhos de Coate (1Cr 6.70). É aquele lugar denominado Ibleã em Js 17.11. Ficava ao norte de Samaria, mais para o oeste do monte Gilboa, e fazia parte do território da meia tribo ocidental de Manassés. Atualmente é identificada como Belame, ao norte de Nablus. V. IBLEÃ.

bilha. Vaso de barro para conter água, azeite, mel etc. (1Sm 26.11). V. BOTIJA.

Binui. *Fundando uma família.* 1. Pai de Noadias, um dos que foram designados para pesar o ouro e a prata que Esdras trouxera da Babilônia (Ed 8.33).
2. Um dos que se tinham casado com mulheres estrangeiras na época de Esdras; era filho de Paate-Moabe (Ed 10.30).
3. Um dos filhos de Bani; seu nome é mencionado na lista dos que se casaram com mulheres estrangeiras (Ed 10.38).
4. Filho de Henadade (Ne 3.24); ajudou a reedificar os muros de Jerusalém sob a direção de Neemias. Talvez o mesmo que Bavai, mencionado no v. 18.
5. Chefe de uma das famílias que retornaram de Babilônia com Zorobabel (Ne 7.15). Na lista de Esdras, acha-se o nome de Bani para designar a mesma pessoa (Ed 2.10).
6. Um levita (Ne 12.8). Talvez os indivíduos mencionados nos itens 4 e 6 refiram-se à mesma pessoa.

bispo. No grego, o termo *epískopos* (de onde deriva a palavra "episcopal") significa "superintendente". Antes de ser aplicado ao ofício de pastor de uma igreja, essa palavra era utilizada para designar o cargo de supervisor ou superintendente. Dessa forma, os operários empregados pelo rei Josias nas obras do templo tinham os seus respectivos superintendentes (2Cr 34.12). Na parte judaica da igreja cristã, havia "anciãos" ou "presbíteros" (At 11.30; 15.2; v. tb. 14.23). Os presbíteros a que se faz referência em At 20.17 são chamados de "bispos" ou superintendentes em 20.28, em virtude de seu cargo. Em 1Tm 3.2-7, o apóstolo Paulo especifica as qualidades que devem existir nos que desempenham essa missão na igreja. A "oração" e "imposição das mãos" eram práticas características do momento de sua ordenação ao episcopado. Os bispos desempenhavam as funções que compreendiam o ministério pastoral (1Tm 5.17). Quando a organização das igrejas cristãs nas cidades gentílicas envolvia a constituição de uma ordem distinta na superintendência pastoral, o título de epískopos

mostrou-se conveniente e familiar, de modo que foi prontamente adotado pelos gregos, à semelhança do que aconteceu com o termo "ancião" (i.e., presbítero) na igreja-mãe de Jerusalém. Por conseguinte, não há dúvida de que, nos primórdios da igreja, as palavras "ancião" e "bispo" eram consideradas equivalentes.

Bitínia. Distrito e província romana situada na Ásia Menor. Atualmente corresponde a uma parte da região de Anatólia, na Turquia. Limitava-se ao norte pelo mar Negro; a leste, pelas províncias do Ponto e Galácia; ao sul, pela província da Ásia; e a oeste, pelo mar de Mármora. Nos primórdios do cristianismo, havia cristãos que habitavam nessa parte da Ásia Menor, à luz da menção feita em At 2.9 da província do Ponto. Paulo desejava ir para lá durante sua segunda viagem missionária (At 16.7). Está incluída na relação de províncias para as quais Pedro enviou sua primeira epístola (1Pe 1.1). Plínio, o Moço, que foi governador da Bitínia no ano 111 d.C., testemunha a respeito da pureza e firmeza dos cristãos dessa província (ou do Ponto) numa notável carta enviada a seu senhor, o imperador Trajano. A Bitínia foi um Estado independente até que Nicomedes III, o último dos seus reis, saísse dali por vontade dos romanos, no ano 74 a.C. Aproximadamente cem anos mais tarde, na ocasião em que o sultão do Ponto foi expulso, a Bitínia agregou-se às províncias do Ponto e da Paflagônia para formar uma única província romana sob o governo de um procônsul. Quando Plínio escreveu a carta a que nos referimos, o cristianismo tinha feito progressos tão grandes que os templos e cultos pagãos já experimentavam um profundo desprezo por parte da população. O sacerdócio e aqueles que viviam dos sacrifícios pagãos sofriam com a decadência de sua religião. Essa foi a razão pela qual os cristãos sofreram uma implacável perseguição na região.

blasfęmia. Todo aquele que blasfemava do nome do Senhor, quer israelita quer estrangeiro, era sentenciado à pena de morte, conforme se lê em Lv 24.16. O transgressor ao qual se refere especificamente o texto de Lv 24.11 era filho de mãe hebreia e de pai egípcio. Procurou-se a direção de Deus para tratar desse caso. Quando o Senhor fez conhecer a sua determinação (Lv 24.12), o blasfemo foi levado para fora do arraial. Aqueles que tinham ouvido a ofensa puseram as suas mãos sobre ele, e toda a congregação o apedrejou (Lv 24.14,23). Os rabinos utilizavam-se de Lv 24.16 para fundamentar sua crença de que não era lícito pronunciar distintamente o nome do Senhor. V. JEOVÁ. A blasfêmia era, e ainda é, tratada por Jesus Cristo como ofensa de especial gravidade.

Blasto. *Broto*. Camareiro ou oficial responsável pelos aposentos do rei Herodes Agripa I(At 12.20). Algumas pessoas de Tiro e Sidom o persuadiram a que pedisse ao rei conceder-lhes uma audiência, fato que demonstra a considerável influência que Blasto exercia na corte.

Boanerges. *Filhos do trovão*. Epíteto dado a Tiago e João, filhos de Zebedeu, por causa do seu temperamento arrogante e impetuoso (Mc 3.17). Para compreender o excesso de zelo dos dois referidos irmãos, cf. Mc 9.38 e Lc 9.54. Os eruditos ainda não conseguiram determinar com exatidão a origem dessa palavra.

Boaz. *Força, firmeza.* 1. Um lavrador natural de Belém e descendente de Jacó. Foi um dos ancestrais de Jesus Cristo na dinastia dos reis de Judá (Mt 1.5). Era um homem rico e de caráter íntegro, como se vê no tratamento justo que deu à sua jovem parente Rute, a moabita, cuja causa ele sustentou e com quem, posteriormente, casou-se.
2. Uma das colunas de bronze levantadas no pórtico do templo de Salomão, cuja altura era de

18 côvados (1Rs 7.15-21); era oca e terminava num capitel ornamental de 5 côvados (2Cr 3.17). As diferentes me - didas, nas diversas narrativas, devem-se à inclusão ou exclusão do capitel no cálculo.

boi, vaca. Entre os israelitas, os bois executavam determinados trabalhos agrícolas. Eram utilizados para lavrar a terra (Dt 22.10; 1Rs 19.19); para pisar o trigo (Dt 25.4; Os 10.11); para puxar o carro (Nm 7.3; 1Sm 6.7); e como animal de carga no transporte de mercadorias (1Cr 12.40). Os israelitas alimentavam-se da sua carne (Dt 14.4; 1Rs 1.9). Os bois eram oferecidos em sacrifício (Gn 15.9; 2Cr 29.33; 1Rs 8.63), e o leite de vaca era utilizado na alimentação, como, por exemplo, para fazer manteiga. Comumente, permitia-se que os bois vagueassem pelos campos, porém alguns eram selecionados para serem engordados e sustentados a seco para os ricos. Em 1Rs 4.23, há distinção entre as vacas gordas ou cevadas e o gado de pasto.

boi selvagem. É tradução da palavra hebraica *re'em*. um animal bem conhecido por seu tamanho, ferocidade e chifres extraordinários (Nm 23.22; 24.8; Dt 33.17; Jó 39.9,10; Sl 29.6; 92.10; Is 34.7). O boi bravo, ou *urus*, que em tempos remotos era abundante na Europa e Ásia Ocidental, acha-se representado nos baixos-relevos dos monumentos da Assíria. Distingue-se do boi manso por certo número de sinais no corpo, o que nos leva a crer que possuía um pelo comprido. De natureza feroz, não era, como caça, de valor inferior à caça do leão nos dias de Semíramis e Senaqueribe. Há razões para crer que essa raça foi extinta na terra santa em épocas remotas, de modo que todas as características exatas desse boi terrível e veloz até hoje são desconhecidas. O cônego Tristam encontrou quatro dentes numa região de mineração do Líbano, os quais, ao serem analisados, pertenciam a alguma espécie de boi bravo de grandes dimensões, identificado, sem dúvida, com o auroque ou urus. Isso pode ser confirmado por um obelisco partido que foi encontrado em Nínive, cuja inscrição menciona certo rei assírio e faz referência ao "destrutivo *rimi* selvagem", que ele matou na encosta do monte Líbano.

bolsa. 1. Conforme o significado da palavra original que ocorre em Jo 12.6 e 13.29, a bolsa usada por Judas era uma pequena caixa no formato de um estojo para guardar a embocadura de um instrumento de sopro.

2. Um saco de couro ou de seda, preso à cintura, utilizado pelos viajantes e negociantes, que carregavam em seu interior o dinheiro e seus pesos de medida. As bolsas usadas pelas mulheres, em alguns casos, tinham maravilhosos adornos (Is 3.22). Outra espécie de bolsa era formada por uma cinta de lã muito comprida à qual costurava- se uma tira de pano pelas bordas, de modo que formasse um receptáculo. Este era posicionado na cintura e envolvido com diversas voltas pelo restante da cinta de lã, a fim de que a parte da bolsa, propriamente dita, ficasse bem amarrada pelo lado de dentro (Pv 1.14; Mt 10.9; Mc 6.8; Lc 10.4; 22.35,36).

Bons Portos. Uma enseada na costa sul de Creta, perto de Laseia, onde o navio que levava Paulo a Roma foi obrigado a ancorar. Até hoje, o lugar é conhecido pelo seu antigo nome grego, Kaloi Limenes. O formato do litoral, mais a leste de Bons Portos, recorta-se abruptamente para o norte. O navio em que Paulo viajava permaneceu em Bons Portos porque não podia resistir aos fortes ventos do noroeste que o impediam de seguir viagem (At 27.8).

bordado. Essa arte de embelezar um pano de linho ou outro tecido com desenhos artísticos feitos no tear ou com uma agulha existe desde os tempos mais remotos. Provavelmente veio do Egito ou da Babilônia para a terra de Israel (Js 7.21; Ez 27.7). As referências bíblicas a tais trabalhos

de bordado são dignas de nota: 1. a vestimenta do sumo sacerdote (Êx28, obra em várias tonalidades de cor formada por tecidos diferentes); 2. as cortinas e véus do tabernáculo (Êx 26.36); 3. Jz 5.30; Ez 16.10,13,18; 26.16; 27.7,16,24. A preparação do fio de ouro para bordados acha-se descrita no livro de Êxodo (39.3).

bosque. Essa palavra ocorre muitas vezes no AT em alusão ao poste-ídolo e o respectivo culto idólatra proibido ao povo de Israel (Êx34.13; Jz 6.25-30; 1Rs 16.33; 2Rs 18:4; Is 17.8 etc.). A palavra hebraica é *asherad*, ou sua forma plural asherim, que parece ter sido uma coluna sagrada para marcar o lugar do culto pagão ou um símbolo de alguma divindade adorada. Segundo alguns intérpretes, a palavra "bosque" ou "arvoredo" não é a melhor tradução para o termo original que ocorre em 1Sm 22.6, cuja substituição deveria ser feita pela palavra "tamargueira".

botija. Vaso de barro de forma razoavelmente cilíndrica, com gargalo estreito e asa de manuseio, utilizado para conter líquidos de uso doméstico (Jr 19). V. BILHA.

Bozra. *Aprisco.* 1. Cidade real de Jobabe, rei de Edom (Gn 36.33; 1Cr 1.44), situada no território montanhoso, perto da fronteira norte do país, na metade do caminho entre Petra e o mar Morto. Era famosa pelos seus carneiros e tornou-se alvo de denúncias proféticas (Is 34.6; 63.1; Jr 49.13,22; Am 1.12; Mq 2.12.). O lugar que se identifica com a antiga cidade de Bozra chama-se, atualmente, el-Buseira, a sudeste do mar Morto. Os carneiros e bodes, mencionados por Isaías, ainda são comuns nos arredores desse povoado. 2. Cidade de Moabe, situada nas colinas arenosas a leste do mar Morto. Sofreu os efeitos da total desolação desse país (Jr 48.24). Na inscrição da Pedra Moabita, o rei Mesa declara que a tinha reedificado.

bracelete. Diferentes vocábulos da língua hebraica são traduzidos pela palavra "bracelete". Em 2Sm 1.10 e Êx35.22, há referências ao tipo aneliforme de bracelete. Em Gn 38.18, a palavra significa um cordão do qual pende um sinete ou selo circular. Ocorre mais frequentemente no sentido de pulseira, como se pode ver em Gn 24.22; todavia, em Is 3.19 trata-se de um ornamento em forma de cadeia. Os braceletes eram de ouro ou de outros metais preciosos, adornados com pedras preciosas; havia também braceletes de ferro e de barro. Tanto homens quanto mulheres usavam braceletes. Entre as princesas do Oriente, tal joia era uma insígnia de sua realeza, e é provável que assim fosse considerada no tempo de Davi (2Sm 1.10). O bracelete dos reis, feito de metal nobre e pedras preciosas, era usado acima do cotovelo, ao passo que o vulgar era usado no pulso, à semelhança das pulseiras atuais (Ez 16.11). Os braceletes também eram usados misticamente como proteção contra doenças e maus espíritos.

brasa. Trata-se do carvão proveniente da madeira, empregado como combustível. Aquela refeição de Elias, "um pão cozido sobre pedras em brasa" (1Rs 19.6), refere-se, provavelmente, a um bolo cozido sobre uma pedra quente, como ainda se usa em certos lugares do Oriente. A expressão proverbial "amontoarás brasas vivas sobre a sua cabeça" (Pv 25.22) foi adotada pelo apóstolo Paulo para exprimir a vergonha ardente que as pessoas sentem quando o mal que praticaram é retribuído com o bem (Rm 12.20).

braseiros. Os braseiros serviam para levar brasas vivas ou acesas; esse uso estava relacionado com os holocaustos. Os braseiros eram feitos de bronze (Êx27.3; 38.3) ou de ouro (2Rs 25.15; Jr 52.19). A mesma palavra hebraica também se traduz por "apagadores" para os candeeiros (Êx

25.38; 37.23; Nm 4.9) e por "incensário" para levar o incenso enquanto queimava (Lv 10.1; 16.12; Nm 16.6). Um antigo braseiro, descoberto no sítio arqueológico da cidade de Jerusalém, foi exibido na Exposição Judaica de Whitechapel, em 1906. Era de bronze e, incluindo-se o cabo, tinha aproximadamente 30 cm de comprimento; o tamanho da sua respectiva pá era de cerca de 60 cm.

brincos. Os brincos eram adornos simples e lisos ou tinham pingentes pendurados, que, em certos casos, podiam ser sonoros. Eram usados pelas senhoras elegantes, trajadas conforme a moda dessa época. Essas mulheres acrescentavam outros adornos à sua apresentação pessoal: braceletes, anéis, tornozeleiras com pendentes, argolas ou pendentes de nariz etc. (Gn 24.22; Êx32.2,3; Is 3.21). O tamanho e peso desses objetos excediam bastante o que é comum em nossos dias. Em geral, os brincos de melhor qualidade eram não somente lavrados em ouro, como também cravejados com pérolas e rubis, o que agregava maior valor à joia e também ao presente (Nm 31.50 e Jó 42.11). As pessoas pobres usavam, em lugar dessas joias valiosas, brincos feitos de barro, chifre e outros materiais mais baratos. Em algumas passagens bíblicas, é impossível determinar se o que é dito por brinco refere-se aos de orelha ou aos pendentes de nariz, visto que estes eram tão valorizados quanto aqueles. Além disso, sabe-se que os escritores sagrados usavam indistintamente ambos os termos. Todas as mulheres e moças do Oriente fazem uso de tais adornos. Alguns desses brincos de orelha apresentam gravações de figuras, de talismãs e palavras mágicas, ou, ainda, de nomes e símbolos de seus deuses. É provável que os brincos da família de Jacó fossem desse tipo, razão pela qual ele os requereu de seus familiares, a fim de que os enterrasse debaixo do carvalho próximo a Siquém, antes de irem para Betel (Gn 35.4).

bugio. "De três em três anos, voltava de Tarsis a frota, trazendo ouro, prata, marfim, bugios e pavões" (1Rs 10.22; 2Cr 9.21). Bugios e outros macacos de várias espécies acham-se pintados nos monumentos assírios; eram livremente introduzidos no Egito. O fato de bugios, pavões e marfim (ou presas de elefante) serem mencionados nesse texto implica que esses navios de Társis vinham da Índia e do atual Sri Lanka. V. TÁRSIS.

bul. O oitavo mês do ano sagrado dos judeus, correspondente a um período que envolve nossos atuais meses de outubro e novembro. Era o segundo mês do ano civil e iniciava na primeira lua nova de outubro. O nome, de origem cananeia, foi adotado pelos israelitas e refere-se evidentemente ao nome de um deus (1Rs 6. 38). V. MÊS.

buxo. Era uma espécie de cedro, semelhante, em geral, ao cipreste (Is 60.13). A profecia de Is 41.19 quer dizer que o deserto se tornará como as encostas do Líbano, cobertas de árvores. O buxo, apesar da sua pequena dimensão que raramente excede 6 m de altura, crescia extraordinariamente na região montanhosa do Líbano. Seu crescimento é vertical, com ramos para cima em formato de pequenos cones.

Buz. *Desprezo* (?). 1. O segundo filho de Milca e Naor, irmão de Abraão (Gn 22.21). Sua família estabeleceu-se na Arábia Pétrea (Jr 25.23). Eliú, um dos consoladores de Jó, era descendente de Buz e morava nessa região (Jó 32.2). O nome é interessante, porque proporciona outro exemplo de um costume judaico característico — o de dar nomes com sonoridade semelhante aos parentes. Por exemplo: Uz e Buz, Imná, Isvá e Isvi (Gn 46.17); Uzi e Uziel (1Cr 7.7). Dizem que os árabes gostam tanto de usar a consonância que, até hoje, denominam Caim de Kabil e

Abel de Abil.
2. Um dos ancestrais de Abiail, o gadita, cujos filhos habitaram na terra de Basã até Salca, durante o reinado de Saul (1Cr 5.14).

C

cabana. No antigo Oriente, as propriedades não tinham cercas de proteção; eram abertas, guardadas somente por um vigia que se assentava dentro de uma cabana no alto de alguma colina. Esse tipo de abrigo era suficiente para proteger do mau tempo apenas uma pessoa (Jó 27.18). Bastava um guarda para proteger os rebanhos, frutos e bens de uma propriedade. Se houvesse uma tentativa de assalto, o dever do vigia era dar o alarme imediatamente (Is 1.8). A diferença que havia entre uma tenda e uma cabana era que a primeira era coberta de pano, e a segunda, protegida com ramos de árvores. Por vezes, cabanas de proteção contra raios solares (Ne 8.16) eram construídas debaixo de uma árvore, nas proximidades de algum riacho ou nos terraços das casas situadas em vilas e cidades. Na época da estiagem, as pessoas se retiravam para suas casas de campo e ali se instalavam em construções temporárias e rudimentares, semelhantes a cabanas. V. TABERNÁCULOS, FESTA DOS; TENDA.

cabeça. 1. Termo que muitas vezes é empregado figuradamente nas Escrituras. Cristo é a cabeça da igreja (Cl 1.18), graças à sua autoridade e influência na comunicação de vida, saúde e força a cada cristão. O marido também é a cabeça da mulher (Gn 3.16), no que concerne à preeminência do sexo (1Pe 3.7) e excelência do conhecimento (1Co 14.35). "A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular" (Sl 118.22). 2. Nas visões de Ezequiel, os sacerdotes piedosos não raspariam a cabeça com navalha, mas cortariam o cabelo rente ao couro cabeludo, como sinal de masculinidade que se distinguia dos costumes do sacerdócio pagão (Ez 44.20). V. CABELO.

cabelo. As mulheres hebreias usavam o cabelo comprido e dividiam-no em certo número de tranças que, em seguida, eram entrelaçadas. Entre os israelitas, o cabelo preto era considerado o mais bonito (Ct 5.11). Os hebreus usavam o cabelo natural com certo arranjo, mas não cortado. As israelitas tinham bastante trabalho para dar realce à sua beleza natural, conforme se nota em certas passagens (cf., p. ex., Rt 3.3; Sl 23.5; Ec 9.8; Mt 6.17) em que há evidência de que o cuidado e o embelezamento do cabelo eram comuns, usando-se, para tanto, os unguentos perfumados. Os apóstolos notaram a excessiva atenção dada ao adorno do cabelo pelas mulheres de seu tempo e censuraram tal atitude (1Tm 2.9; 1Pe 3.3). Raspar a cabeça era sinal de grande aflição (Jó 1.20; Jr 7.29); mas, pelo mesmo motivo, permitia-se que o cabelo crescesse sem os devidos cuidados. Arrancar os cabelos com as mãos era demonstração de grande e repentino desgosto. Um dos sinais de lepra era a mudança na cor do cabelo; por isso, a determinação da Lei era que todos os pelos e cabelos fossem raspados, por serem considerados a sede da doença (Lv 13.4,10; 14.8,9). A expressão de Ct 7.5, "[...] a tua cabeleira, [é] como a púrpura", significa que os cachos do cabelo estavam bem cuidados. Considerava-se o cabelo a coisa menos valiosa do homem (2Sm 14.11; Mt 10.30), porém os árabes, até hoje, juram pelas suas barbas; talvez jurar pela cabeça signifique jurar pelo cabelo que nela está (Mt 5.36). (V. BARBA, CALVÍCIE.) Com frequência, recorria- se ao polvilhamento dos cabelos com substâncias colorais. A guarda de Salomão, segundo relata o historiador Flávio Josefo, polvilhava a cabeça com ouro após frisarem e perfumarem os cabelos. Entre o povo medo, as pessoas da alta classe usavam cabeleira; os assírios, entretanto, usavam longos cachos de cabelo que não se sabe ao certo se

eram naturais ou postiços. Os hebreus nunca usavam cabeleira. Algumas vezes, fazia-se uso de diversas tinturas preparadas para dar mais brilho ou para disfarçar a idade.

cabra. A cabra doméstica era um dos animais classificados pela Lei como limpos para uso na alimentação e nos sacrifícios. O cabrito era considerado uma comida requintada (Gn 38.17; Jz 15.1; Lc 15.29) e um prato obrigatório em qualquer festa ou na prática da hospitalidade entre os árabes. O mesmo pastor que cuidava das ovelhas também zelava pelas cabras, misturando estas com aquelas na busca de boas pastagens e alimento. De noite, os rebanhos de ovelhas e de cabras são separados. Ovelhas e cabras são costumeiramente encontradas em localidades diferentes; as regiões montanhosas são mais adequadas para as cabras. As cabras da Síria são geralmente pretas. O leite de cabra é de alto valor nutritivo e dele se faz queijo e manteiga. O couro de cabra era usado na fabricação de odres, ou recipientes, de água e vinho. Na expressão de Sl 119.83, "Já me assemelho a um odre na fumaça", o salmista refere-se ao aspecto ressecado e quebradiço dessas peles ao serem expostas à ação do calor do fogo. A pele de cabra era empregada na fabricação de cortinas e tendas, bem como no vestuário. Um rebanho de cabras, ainda que pequeno, era conduzido por um bode, o qual é, metaforicamente, descrito como guia em Jr 50.8 e Zc 10.3. As cabras têm sido uma das principais causas da devastação de arbustos no sul da Síria e, por conseguinte, da desertificação dessa região, pois são os animais que mais destroem a vegetação e as plantações.

cabra montęs. Há referências à cabra selvagem do sul da Palestina em 1Sm 24.2, Jó 39.1 e em Sl 104.18. O lugar de En-Gedi (Ain Jid), ou "fonte das cabras", é assim chamado por causa das cabras monteses que, em certas ocasiões, ainda são vistas ali. Andam em pequenos grupos, são tímidas e buscam refúgio e habitação nos lugares menos acessíveis das montanhas. Sua carne é de excelente qualidade, e, sem dúvida, esse foi o animal que Isaque mandou seu filho Esaú caçar com a aljava e o arco (Gn 27). A gazela, a única espécie silvestre cuja caça é livre no país, possui uma carne mais seca e de qualidade inferior.

Cabzeel. *Deus ajunta.* Cidade situada no extremo sudeste de Judá, mais precisamente no começo da subida de Acrabim (Js 15.21). Era a terra natal de Benaia, filho de Joiada e um dos valentes de Davi (2Sm 23.20; 1Cr 11.22). Foi repovoada depois do exílio.

caçador, caça. Os monumentos da Assíria apresentam cenas de seus monarcas em perseguição da caça. A vida patriarcal condizia mais com a de um proprietário de rebanhos do que com a de um caçador; contudo, Ninrode (Gn 10.9) e Esaú (Gn 25.27) são considerados famosos caçadores. Parece que a Palestina, no tempo em que os judeus a conquistaram, tinha grande quantidade de animais ferozes (Jz 14.5; 1Sm 17.34). As feras e aves eram apanhadas com armadilhas, ratoeiras, laços e redes; tal prática era tão comum e familiar que ofereceu elementos para a respectiva linguagem figurada (Js 23.13; Jó 18.10; Jr 5.26).

caco. Pedaço de louça quebrada (Jó 2.8). No Egito, esses pedaços de louça eram baratos e muito utilizados como superfície própria para a escrita. Com as descobertas desses cacos e suas respectivas inscrições gravadas, foi possível conhecer a linguagem cotidiana e os costumes dessa época.

cadeia, colar. O colar de ouro colocado no pescoço de José (Gn 41.42) e a cadeia de ouro prometida a Daniel (Dn 5.7) eram joias que distinguiam pessoas de certa posição. O primeiro-ministro e os juízes do Egito usavam cadeias. Semelhantemente, homens e mulheres usavam

colares como ornamento (Pv 1.9). Os midianitas adornavam o pescoço de seus camelos com colares feitos de peças de metal em forma de crescente ou meia-lua (Jz 8.21,26). Os judeus utilizavam grilhões em torno dos pulsos e tornozelos de seus prisioneiros; tais grilhões eram ligados com cadeias (Jz 16.21; 2Sm 3.34; 2Rs 25.7; Jr 39.7). Entre os romanos, o prisioneiro era algemado e preso com cadeias a um ou mais guardas, dependendo do caso (At 12.6,7; 21.33).

cadeia. 1. Cordas, laços ou cadeias (Jz 15.14; Ec 7.26; Jó 38.31). Os costumes pecaminosos acorrentam com cadeias qualquer pessoa. A paz e o amor são laços que unem os cristãos (Ef 4.3; Cl 3.14).

2. Em Os 11.4, compreende-se, por meio dos termos "cordas" e "laços", a influência moral e benéfica exercida por Deus sobre aquele povo. A escravidão, a dor, o medo e a perplexidade são retratadas por grilhões, cadeias ou varas de jugo, porque restringem a liberdade (Is 28.22; Ez 34.27).

Cades (ou *En-Mispate, a fonte do juízo*). Hoje em dia, chama-se Ain-Kadis, situada a 80 km ao sul de Berseba, no limite meridional da terra prometida (Gn 16.14; 20.1). Foi ali que Quedorlaomer derrotou os reis dos amorreus (Gn 14.7). Os filhos de Israel acamparam-se nesse lugar enquanto os espias observavam a terra (Nm 13.26; 32.8; Dt 1.2,19,46; 9.23; Js 14.6,7), e é provável que o local tenha se tornado o quartel-general dos judeus por trinta e oito anos. Também foi o lugar onde Moisés feriu a rocha (Nm 27.14; Dt 32.51); dali partiram os israelitas para suas jornadas no deserto (Nm 14.25; Dt 2.1,14); voltaram ao mesmo local em seu caminho para Canaã pelo monte Hor, ocasião em que se deu a morte de Miriã (Nm 20.1,14,22; 33.36,37; Jz 11.16,17). V. MERIBÁ, QUEDES.

Cafarnaum. *Aldeia de Naum.* Situava-se ao norte do mar da Galileia. Cumpriu-se literalmente a sentença pronunciada contra essa e outras cidades. Cafarnaum é um lugar interessante pelo fato de ter sido a residência de Jesus Cristo e de apóstolos, bem como o lugar em que ocorreram tantos milagres. Cafarnaum passou a ser a cidade onde Jesus morou em determinada fase de sua vida neste mundo, pelo que é referida como "sua própria cidade" (Mt 9.1). Quando Jesus voltava para lá, o texto bíblico menciona que ele estava "em casa" (Mc 2.1). Ali se deu a chamada de Mateus (Mt 9.9). Os irmãos Simão Pedro e André eram de Cafarnaum (Mc 1.29). Também foi nessa cidade que Jesus operou a cura do servo do centurião (Mt 8.5; Lc 7.1); da sogra de Simão Pedro (Mt 8.14; Mc 1.30; Lc 4.38); ordenou que o paralítico se levantasse (Mt 9.6; Mc 2.9; Lc 5.24); e curou um homem atormentado por um espírito imundo (Mc 1.32; Lc 4.33). Parece que o filho de um oficial do rei (Jo 4.46) que habitava em Cafarnaum foi ali curado mediante palavras proferidas por Jesus em Caná da Galileia. Em Cafarnaum, Jesus chamou a si uma criança e ensinou a seus discípulos uma preciosa lição (Mt 18.1; Mc 9.33); ali, também, quando se encontrava na sinagoga, pronunciou o maravilhoso discurso que se lê no cap. 6 do Evangelho de João. A cidade era um importante posto alfandegário e contava com a guarnição das tropas romanas.

Caifás. Era genro de Anás, outro sumo sacerdote, e exerceu o sumo sacerdócio de 18 d.C. até 36 d.C., um período considerado longo nessa elevada posição, o que era raro acontecer. Depois da ressurreição de Lázaro, Caifás proferiu diante do Sinédrio aquela inconsciente predição de que Jesus haveria de morrer pela nação (Jo 11.50). Ele teve conhecimento da conspiração para

prender Jesus "à traição" (Mt 26.3,4). Jesus, após ser interrogado por Anás, foi por este enviado manietado a Caifás (Jo 18.24), a quem confessou ser o Filho de Deus. Por essa razão, Caifás o considerou digno de morte (Mt 26.66). Esse príncipe dos sacerdotes também foi o mesmo que interrogou os apóstolos Pedro e João (At 4.6).

Caim. 1. Primogênito de Adão e Eva, que, num acesso de inveja, pois o sacrifício de Abel fora aceito, e o seu, rejeitado, levantou-se contra seu irmão e o matou. As palavras que se acham em Gn 4.15 podem ser traduzidas desta maneira: "Em seguida o Senhor pôs um sinal em Caim para que, se alguém o encontrasse, não o matasse" (NTLH). Caim fundou a primeira cidade, à qual deu o nome de seu filho Enoque. Com respeito a seus descendentes: Lameque instituiu a poligamia, Jabal estabeleceu a vida nômade, Jubal inventou os instrumentos musicais e Tubalcaim foi o primeiro ferreiro. As referências a Caim, feitas no NT, acham-se em Hb 11.4; 1Jo 3.12; Jd 11.

2. Cidade situada na região montanhosa de Judá (Js 15.57). Chama-se, atualmente, Yukin.

Calá. *Firmeza.* Uma das mais antigas cidades da Assíria. Foi fundada por Assur (Gn 10.11); identifica-se com Ninrode, cujas ruínas estão situadas a cerca de 32 km ao sul de Konyunjik (Nínive). Tiglate-Pileser, Esar-Hadom e outros monarcas assírios erigiram na cidade real de Calá edifícios de consideráveis dimensões e grande esplendor. Os objetos assírios, que hoje em dia se acham no Museu Britânico, são, em sua maioria, provenientes da antiga cidade de Calá.

calabouço. Jr 37.16. O cárcere de Jeremias, provavelmente, era uma cisterna subterrânea (38.6) ou masmorra, localizada no meio do pátio interior da casa, com abertura em formato abobadado quase ao nível do solo, através da qual os prisioneiros eram introduzidos ou retirados do calabouço. V. PRISÃO.

calcanhar. Ter os calcanhares descobertos significava vergonha, desprezo, cativeiro e aflição (Jr 13.22). Levantar o calcanhar tinha o sentido de dar pontapé e pagar o bem com o mal, como fez Judas (Sl 41.9; Jo 13.18). Os homens são apanhados em um laço, pelos calcanhares, quando o mal os surpreende (Jó 18.9). O cumprimento da profecia "tu lhe ferirás o calcanhar" (Gn 3.15) deu-se, provavelmente, nos sofrimentos infligidos a Jesus Cristo.

calção. Em certas ocasiões, especialmente no Dia da Expiação, o sacerdote oficiante tinha de vestir um calção para cobrir o corpo "da cintura às coxas" (Êx 28.42) quando entrava no santuário. Os sacerdotes, quando realizavam os sacrifícios, também o usavam.

Caldeia. Província situada ao sul de Babilônia, na região mais baixa do rio Eufrates, a oeste do rio Tigre. Era o limite do deserto da Arábia e se estendia até o golfo Pérsico. Nos tempos do AT, a Caldeia era entrecortada por numerosos canais, de forma que a região era muito fértil e povoada. Nos dias atuais, é uma terra deserta. Sua área compreendia 640 km de comprimento por 160 km de largura em média. Empregava-se a palavra "Caldeia" em um sentido mais amplo para significar a Babilônia e até mesmo os domínios do império, por causa da supremacia que os caldeus tinham alcançado sobre aqueles povos (Ed 5.12). Foi da Caldeia (Ur dos caldeus) que Abraão, chamado por Deus, emigrou (Gn 11.28); dessa província, vieram aqueles bandos que saquearam as propriedades de Jó (Jó 1.17). O nome Caldeia era usado de modo intercambiável com o de Babilônia (2Rs 25.5,10,13: 2Cr 36.17; Is 13.19; 48.20; Jr 50.1,8,10; 51.35; Ez 11.24; 12.13; 16.29; 23.15,16). V. BABILÔNIA.

caldeus. Eram, em seus primórdios, uma tribo que vivia nas extensas regiões pantanosas da desembocadura dos rios Tigre e Eufrates, ao sul da Babilônia. Essa tribo estava fadada a exercer importante influência na vida do povo babilônio. No governo de Merodaque-Baladã, eles se apoderaram de Babilônia (c. 721 a.C.); decorridos doze anos, Merodaque foi forçado a fugir em face da perseguição imposta pelos invasores assírios. Embora conseguisse voltar à cidade de Babilônia, não levou muito tempo para que Senaqueribe assolasse o território dessa cidade a ferro e fogo, transformando o Império Babilônico em propriedade da coroa da Assíria. Entretanto, é possível que Nabucodonosor e sua família fossem de descendência caldeia. Certamente os caldeus alcançaram uma proeminência na Babilônia, valendo-se de seu nome para designar os habitantes de todas as partes do país. É provável que os caldeus pertencessem à raça semítica. Aqueles do livro de Daniel eram simplesmente "astrólogos". Desde os tempos mais remotos, a Babilônia, isto é, a Caldeia, no sentido mais amplo do termo, tornou-se conhecida como o país da astrologia, e os indivíduos que a praticavam eram altamente considerados. O rei Senaqueribe elevou ao trono da Babilônia um astrólogo.

Calebe. Filho de Jefoné (Nm 13.6). Um dos 12 espias, representantes de cada tribo, que foram enviados à terra de Canaã para examiná-la, fato que se deu no segundo ano após o êxodo dos filhos de Israel. Calebe representava a tribo de Judá. Ele e Josué foram os únicos espias que retornaram com boas notícias da terra em que habitariam. O otimismo desses dois homens desagradou tanto ao povo israelita, temeroso de proceder à conquista de Canaã, que, por pouco, não foram apedrejados. Deus castigou a rebeldia do povo, determinando que, dentre os israelitas de 20 anos de idade para cima, apenas Josué e Calebe teriam a permissão de entrar na terra prometida. Quando Calebe já estava com 85 anos de idade, reivindicou a posse da terra dos anaquins, Quiriate-Arba, ou Hebrom, e seus arredores na região montanhosa (Js 14). Ele e seus parentes expulsaram de Hebrom os três filhos de Enaque, o gigante, e, em recompensa a Otniel, seu irmão mais novo, por ter conquistado Quiriate-Sefer (i.e., Debir), deu-lhe sua filha Acsa em casamento (Js 15.14-19; Jz 1.11-15). Crê-se que Calebe era cananeu de nascimento e que a tribo dos quenezeus, à qual pertencia, tenha sido incorporada tribo de Judá (Js 14.6,14).

cálice. Segundo o costume dos judeus em seus sacrifícios de ação de graças, o anfitrião tomava um cálice de vinho na mão e, com palavras solenes, rendia graças e louvores a Deus, em tal ocasião especial, pelos benefícios dele recebidos. Em seguida, passava o cálice a todos os convidados, de modo que cada um bebesse dele. O salmista refere-se a tal costume em Sl 116.13; nosso Salvador, durante a famosa celebração em que se despediu de seus discípulos, seguiu a mesma prática. Em 1Co 10.16, o apóstolo Paulo faz referência ao uso do "cálice da bênção". Algumas vezes, o termo "cálice" é utilizado em alusão a beber da ira, do juízo ou da maldição de Deus (Is 5.17,22; Jr 25.15; Ez 23.33; Zc 12.2; Ap 14.10).

Calvário. Três dos evangelistas conservam o nome aramaico do lugar onde Jesus foi crucificado, isto é, o *Gólgota* ("a caveira"), e acrescentam a interpretação — "Lugar da Caveira" (Mt 27.33; Lc 15.22) e "lugar chamado Caveira" (Jo 19.17, NVI). Lucas omite esse termo aramaico e simplesmente declara: "Quando chegaram ao lugar chamado Calvário, ali o crucificaram" (Lc 23.33). Na Vulgata e traduções nela baseadas, adota-se o termo latino "Calvário", empregado como nome próprio, "o lugar chamado Calvário". Nos países de fala portuguesa, Calvário é o nome pelo qual se identifica o lugar da crucificação de Jesus Cristo. V. GÓLGOTA

calvície; calva. A calvície natural não era muito comum no Oriente, e, quando acontecia de alguém tornar-se calvo, a pessoa passava a ser ridicularizada. Certa feita, o profeta Eliseu foi insultado por alguns rapazes (não meninos) de Betel, o que, na realidade, não se tratava de uma ofensa pessoal, mas de um ato contra o representante do verdadeiro culto a Jeová, visto que Betel se tornara um dos principais lugares de idolatria na Palestina. Durante o tempo de luto, as pessoas deixavam o cabelo crescer muito; no Egito, ao contrário disso, o povo cortava a cabeleira. As pessoas das nações circunvizinhas, em particular as mulheres árabes, cortavam o cabelo como sinal de grande aflição; mas isso era proibido aos israelitas (Lv 19.27; Dt 14.1). Os nazireus cortavam rente o cabelo, em virtude do voto que faziam (At 18.18). Faz-se, frequentemente, alusão a esse fato nas Escrituras (Mq 1.16; Jr 47.5). Muitas vezes, os pagãos ofereciam o cabelo a seus deuses, como oferta de valor, porque, depois do sangue, era considerado o centro da força e da vida. Tal oferta do cabelo, ato esse meramente individual e particular, tornou-se a origem da tonsura monástica ou *prima tonsura*. Na época de Paulo, a opinião pública proibia o corte de cabelo às mulheres (1Co 11.5).

Cam, Cão. 1. Um dos filhos de Noé, talvez o mais novo (Gn 5.32). É possível que o nome signifique "crestado" ou "preto", característica peculiar aos povos identificados como seus descendentes, por intermédio de Cuxe, seu filho mais velho. Os povos que descendem de Cam são os seguintes: os assírios, os babilônios, os cananeus, os sidônios, os egípcios e os líbios (Gn 10.6). Os descendentes de Cam, de forma geral, eram povos que mantinham estreita relação com o mar e atividades marítimas, os quais desenvolveram sua civilização mais rapidamente que os descendentes dos outros dois filhos de Noé, Sem e Jafé. Os primeiros grandes impérios, o assírio e o egípcio, foram fundados pelos camitas; em virtude do comércio desenvolvido por esse povo, os reinos de Tiro, Sidom e Cartago destacaram- se desde os primórdios. Contudo, também foram os que mais depressa contemplaram sua decadência. O Egito, que era uma das primeiras nações, tornou-se a última e "o mais humilde dos reinos" (Ez 29.15), sujeitando-se sucessivamente aos descendentes de Sem e Jafé; o mesmo aconteceu com os demais ramos da descendência de Cam. Na referência à "terra de Cam", em Sl 105.23 (cf. tb. Sl 78.51), o país assim designado é o Egito. Em 1Cr 4.40, a expressão "os descendentes de Cam" talvez diga respeito aos antigos cananeus. V. CUXE, CANAÃ, MIZRAIM.
2. *Quente.* Sítio da vitória de Quedorlaomer sobre os zuzins (Gn 14.5)

cama. As camas orientais sempre foram mais simples do que as camas europeias. Os colchões, ou colchas estofadas, em que se dormia eram colocados sobre uma espécie de divã ou elevação no assoalho do quarto, o qual, no inverno, era coberto por um tapete e, no verão, por uma esteira fina. Fazia-se uso de almofadas em lugar de travesseiros. Essas camas não ficavam arrumadas durante o dia; os colchões eram enrolados e guardados em um armário até a noite, razão pela qual se compreendem melhor as palavras de Jesus dirigidas ao paralítico: "[...] toma o teu leito [...]" (Mt 9.6). O divã tinha um acesso de vários degraus e, durante o dia, servia de assento para as pessoas. Sua extremidade era considerada lugar de honra (Am 3.12). No verão, era suficiente cobri-lo com um cobertor fino ou mesmo com alguma peça de vestuário exterior, que tenha sido usada durante o dia (1Sm 19.13). Quando as pessoas eram pobres, essa veste ou capa era geralmente o que lhes servia de cama, por isso a Lei determinava que não fosse mantida como penhor, após o pôr do sol (Dt 24.13).

cambista. Todo israelita de 20 anos para cima, rico ou pobre, devia pagar a metade de 1siclo à casa do tesouro no santuário, como oferta ao Senhor, por ocasião do recenseamento da população (Êx 30.13- 15). Os cambistas que Jesus expulsou do templo (Mt 21.12; Mc 11.15; Jo 2.15) eram negociantes que faziam a troca de moedas, com a cobrança de ágio, para os judeus oriundos de todas as partes do mundo, quando estes vinham a Jerusalém para as grandes festividades e tinham de pagar seu tributo, ou o dinheiro do resgate, em moeda hebraica, ao tesouro do templo. Também se recorria a tais cambistas para o câmbio de moedas em geral.

camelo. O mais valioso de todos os animais nas regiões desérticas do Oriente. Os camelos serviam para o transporte de pessoas (1Sm 30.17) e de cargas, para montaria, além de servirem como animal de tração (Is 21.7). Os camelos pequenos eram capazes de carregar 800 arráteis, e os de porte maior, meia tonelada. Carregados assim, os camelos podem percorrer de 45 a 60 km por dia, em uma marcha regular de aproximadamente 5 km/h. A grande vantagem do camelo, em tais condições ambientais, é sua capacidade de ficar sem comer e beber por um longo período de tempo, sem passar mal por essa abstinência forçosa. Sabe-se que esses animais conseguem viajar por cerca de dez dias sem necessidade de ingerir água. O camelo da Arábia é dotado de uma série de bolsas d'água localizadas no primeiro estômago, de modo que levam consigo uma reserva de 7 litros de água aproximadamente. Sua corcova consiste em uma reserva de alimento, formada por células de gordura, cujo volume aumenta quando o animal é bem alimentado e trabalha pouco, ou diminui, enrugando-se, quando o animal é submetido a trabalho pesado e má alimentação. A carne do camelo era proibida pela Lei para servir de alimento, visto que esse animal, embora seja um ruminante, não possui unhas fendidas (Lv 11.4; Dt 14.7). Seu leite é muito utilizado. Jacó preparou um presente para Esaú, seu irmão, que incluía 30 camelas de leite (Gn 32.15). O pelo do camelo, tecido em pano, era usado para fazer selas rasas, ou selins, tendas e roupas simples usadas pelos habitantes do deserto. João Batista usava uma vestimenta de pelos de camelo, a roupa de profeta (Mt 3.4; Mc 1.6; cf. 2Rs 1.8; Zc 13.4). Faziam- se tendas, escudos, arneses e baús com pele de camelo. Os apetrechos de um camelo consistiam em uma grande cela de madeira, em torno da corcova, um tapete e um tecido de lã que cobriam a cela para proporcionar um assento. Os homens se assentam em cima com as pernas cruzadas, mas as mulheres e crianças são transportadas dentro de uma armação mais leve de madeira, suspensa ao lado da cela na forma de um grande cesto. A expressão proverbial "é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha" (Mt 19.24) está em perfeita harmonia com a linguagem oriental; não se sabe ao certo se o "fundo de uma agulha" é uma referência à pequena e estreita porta situada no portão de entrada das cidades do antigo Oriente Médio.

caminho. Essa palavra ocorre na Bíblia com o sentido de via, de estrada (Gn 16.7; Nm 14.25; Mc 10.32). Muitas vezes, o termo "caminho" significa os hábitos e procedimentos de alguém na vida, como se lê nestas passagens: "Emendai os vossos caminhos" (Jr 7.3); "todo ser vivente havia corrompido o seu caminho na terra" (Gn 6.12). O conceito de "caminho do Senhor" diz respeito ao que ele é em relação a nós: "os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos, os meus caminhos" (Js 23.14), significa estar prestes a morrer e encaminhar- se para a sepultura ou domínio dos mortos. Caminho duro representa o caminho dos pecadores (Jz 2.19). Jesus Cristo chamou a si mesmo de "o caminho" (Jo 14.6), pois é somente por intermédio dele que os que creem obtêm acesso ao Pai. As expressões "o caminho"

e "este Caminho" eram utilizadas em alusão à fé e prática dos primeiros cristãos (At 9.2; 19.9, 23; 22.4; 24.14,22), talvez com a finalidade de estabelecer um contraste com o sistema judaico de regras para a vida diária, denominadas *Halacote* ou "Caminhos".

"caminho de um dia". As codornizes foram espalhadas pelo arraial a uma distância de 25 a 32 km, que era o caminho de um dia (Nm 11.31). O caminho ou "jornada de um sábado" (At 1.12) equivalia a 1.400 m, a distância máxima, permitida pela Lei, para a caminhada nesse dia (Êx16.29).

Camos. Deus dos moabitas e dos amonitas. Salomão foi quem introduziu, em Judá, o culto a esse deus, e Josias o aboliu (Nm 21.29; 1Rs 11.7; 2Rs 23.13; Jr 48.7).

campainha. As campainhas em forma de discos ou címbalos de metal eram instrumentos muito antigos, de modo que a primeira menção que delas se faz nas Escrituras remonta aos tempos de Moisés. Em Êx 28.33, somos informados de que as bordas inferiores da veste do sumo sacerdote deveriam ser ornamentadas com campainhas de ouro, a fim de que a sua presença pudesse ser notada quando ele entrasse no Lugar Santo, diante do Senhor, e quando saísse, isso para que não morresse. A campainha também era um sinal de vitória e, no decorrer do tempo, passou a fazer parte do equipamento de um cavalo de batalha. O profeta Zacarias faz alusão a esse costume quando, ao anunciar a mudança que se verificaria na aceitação universal da verdadeira religião, declarou: "Naquele dia, será gravado nas campainhas dos cavalos: Santo ao Senhor" (Zc 14.20). Entre os povos pagãos, o uso de campainhas nas cerimônias religiosas era comum. Pensava-se que seu som contribuía para todos os tipos de expiação e purificação e que exercia influência sobre a alma dos mortos. As campainhas também eram tocadas com a finalidade de exorcizar ou afugentar os demônios. Em alguns templos pagãos, havia, igualmente, o costume de chamar o povo, por meio de toques de campainha, para assistir ao sacrifício. Em Atenas, isso era praticado regularmente pelos sacerdotes de Persefom e deu origem ao uso de campainhas nas igrejas.

campo. Na Bíblia, essa palavra significava, simplesmente, uma terra cultivada ou uma extensão delimitada de terreno (Gn 23.13, 17; Is 5.8); também podia denotar a totalidade da herança de uma pessoa (Lv 27.16; Rt 4.5; Jr 32.9,25). A ausência de valados protetores tornava os campos expostos ao dano feito pelos animais desgarrados (Êx 22.5). O "campo fértil", a exemplo do que se menciona em Ez 17.5, refere-se a uma terra para plantação de árvores; muitas vezes, porém, é uma tradução da palavra hebraica *carmel*, como ocorre em Is 10.18. Aos olhos da Lei, consideravam-se vilas sem muros e casas espalhadas como campos (Lv 25.31).

campo do oleiro. Pensou-se que tal lugar havia recebido esse nome por ter relação com a olaria que havia em Jerusalém (Is 30.14) ou, talvez, por causa da casa do oleiro a que se refere o profeta Jeremias (18.2). Essa porção de terreno foi comprada com o dinheiro da traição que Judas devolveu aos sacerdotes; e, nesse lugar, fez-se um cemitério para sepultamento de estrangeiros (Mt 27.7,10).

cana, junco. As palavras hebraicas traduzidas por cana são termos genéricos, que se aplicam a certa variedade de vegetal, como canas, juncos, taboas etc. O cesto no qual Moisés foi posto (Êx2.3) era, provavelmente, de juncos ou de outras plantas que crescem na água (Jn 2.5). As palavras de Jó 8.11, "Pode o papiro crescer sem lodo? Ou viça o junco sem água?", referem-se à vegetação dos pântanos. Os textos de Jó 41.2,20 referem-se a cordas de junco e de juncos,

propriamente ditos, a queimar. Não há dúvida de que, em alguns casos, alude-se especificamente ao papiro. Mais de 20 variedades de juncos e umas 30 espécies de caniços crescem na Palestina, incluindo o papiro, espécie de cana alta com uma grande inflorescência espigada e pedúnculos que partem da parte superior da haste. Chega a uma altura de 3 a 4 m, com um diâmetro de 5 a 8 cm na base. Para fabricarem papel do papiro, tiravam-se as películas que recobrem o cerne e, em seguida, apenas a haste era cortada em tiras, as quais eram postas ao comprido sobre uma peça plana de madeira; as tiras aplanadas eram unidas com uma espécie de cola e, posteriormente, comprimia-se tudo a fim de obter-se uma folha plana e compacta.

Canaã. *Baixo, plano.* 1. Quarto filho de Cam (Gn 10.6; 1Cr 1.8), ancestral de vários povos que, antes da conquista dos israelitas, estabeleceram-se no litoral da Palestina e ocupavam, de modo geral, todo o território a oeste do rio Jordão (Gn 10.15). Uma maldição foi lançada sobre a terra de Canaã, em virtude do procedimento pouco respeitoso de Cam para com seu pai, Noé (Gn 9.2-27).

2. O nome "Canaã" é, algumas vezes, referido pela expressão substitutiva "terra de Canaã".

Canaã, terra de. Em Sf 2.5 e Mt 15.22, a terra de Canaã se restringe à parte litorânea da Filístia e da Fenícia, que por ser a região mais baixa de todo esse território, harmoniza-se com o significado da palavra "Canaã" (i.e., "terra baixa"); todavia, sua aplicação era extensiva a toda a região a oeste do rio Jordão e do mar Morto, entre estes e o mar Mediterrâneo. A língua de Canaã (Is 19.18), ou seja, o idioma fenício, tinha grande semelhança com a língua dos israelitas, o hebraico.

cana aromática. Is 43.24; Jr 6.20. Talvez seja o cálamo perfumado que era oferecido no ritual religioso assírio.

Caná da Galileia. Cidade, ou aldeia, que se destaca pelo fato de ter sido o lugar onde Jesus Cristo operou seu primeiro milagre (Jo 2.1-11; 4.46). Ali também, mais tarde, o Salvador realizou outro sinal maravilhoso (Jo 4.54). Além disso, era a terra natal do apóstolo Natanael (Jo 21.2). Nenhuma dessas passagens indica com exatidão a localização de Caná. O que se pode deduzir do que está escrito é que essa aldeia não ficava muito distante de Cafarnaum (Jo 2.12; 4.46). Investigações recentes tendem a identificá-la mais com Curbete Caná, situada a 15 km ao norte de Nazaré, do que com Queque Quená, localizada a apenas 5 km a nordeste de Nazaré.

cananeus. Utiliza-se essa designação tanto em sentido estrito quanto em sentido amplo. Implica a tribo que habitava em determinada parte da terra a oeste do Jordão, ou o povo que vivia, de modo geral, em toda a terra de Canaã. Quanto ao seu significado estrito: a região baixa compreendia as regiões situadas entre a costa do Mediterrâneo e a base dos montes de Benjamim, de Judá e de Efraim; a planície da Filístia, ao sul, e de Sarom, entre Judá e o Carmelo; a grande planície de Esdrelom, junto à baía de Aca; a planície da Fenícia, que abrange Tiro, Sidom e todas as outras cidades desse território; e, finalmente, o vale do Jordão, que se estendia desde o mar de Genesaré até o sul do mar Morto, cerca de 180 km de comprimento por 13 a 22 km de largura. A tribo cananeia habitava a costa desde Sidom até Gaza, e desta até o extremo sul do mar Morto (Gn 10.18,19). Os carros, importante parte constituinte do exército cananeu (Js 17.16; Jz 1.19; 4.3), só podiam ser conduzidos e trafegar nas planícies. Esses terrenos planos eram a região mais rica da terra de Canaã. Em seu significado mais amplo,

o termo "cananeus" incluía todos os habitantes não israelitas da terra, antes da conquista por Israel.

candeeiro. Moisés recebeu ordem para que fizesse um candeeiro ou candelabro para o tabernáculo, conforme o que se acha descrito em Êx 25.31,37 e 37.17-24. Assim como o castiçal de Moisés simbolizava a luz da Lei, também os candeeiros tornaram-se símbolos do Espírito, da igreja e das duas testemunhas descritas no livro de Apocalipse (Zc 4; Ap 2.5; 11.4). O candeeiro era colocado na parte meridional do primeiro compartimento do tabernáculo, de modo que tal posição simbolizava a região celestial. No templo de Salomão, em lugar do candeeiro do tabernáculo, havia dez castiçais de ouro, burilados com detalhes semelhantes, cinco à direita e cinco à esquerda (1Rs 7.49; 2Cr 4.7). Esses candeeiros foram levados para a Babilônia na ocasião do exílio dos judeus (Jr 52.19). Quando Jesus Cristo exclamou: "Eu sou a luz do mundo" (Jo 8.12), é provável que sua metáfora tenha sido sugerida pelos dois grandes candeeiros que ficavam acesos no pátio, chamado de "Pátio das Mulheres", durante a Festa dos Tabernáculos, cuja iluminação era vista por toda a cidade de Jerusalém.

cânon das Escrituras Sagradas. A aplicação do termo "cânon" ao conjunto dos livros que constituem as Escrituras do AT e do NT ocorreu somente por volta do fim do século IV, quando todo o NT já era reconhecido pelas igrejas. Mas a ideia originou-se da coletânea das Escrituras Sagradas hebraicas, as quais já estavam completas e determinadas desde o início da Era Cristã.

A. *O cânon do AT. Os livros que encerra:* O AT contém 39 livros, agrupados por assunto. Nele se acham os 5 livros da Lei ou Pentateuco; os 12 livros históricos; os 5 livros poéticos; e os 17 livros proféticos. Essa disposição provém da *Vulgata* latina, que, por sua vez, baseou-se na *Septuaginta* (LXX), assim chamada por terem sido 70 tradutores que verteram as Escrituras do hebraico para o grego coinê. Quando nos referimos a essa tradução grega do AT, utilizamos a sigla LXX. Todavia, as Escrituras hebraicas compreendem somente 24 livros, visto que os seguintes grupos de livros apresentam-se como um só livro no cânon hebraico: os 2 de Samuel, os 2 dos Reis, os 2 das Crônicas, Esdras e Neemias, os 12 profetas menores. Posteriormente, uma classificação reduziu o número de livros para 22, a fim de corresponder ao exato número de letras do alfabeto hebraico, de forma que o livro de Rute uniu-se ao livro de Juízes, e o livro de Lamentações uniu-se ao livro de Jeremias. O agrupamento das Escrituras hebraicas é um fato importante na história do cânon do AT.

1. *Lei (Torá)* — Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio.

2. *Profetas: Anteriores* — Josué, Juízes, Samuel, Reis; *Posteriores* — Isaías, Jeremias, Ezequiel e os Doze.

3. Escritos (*Os Quetubim na Septuaginta* são os hagiógrafos, ou escritos sagrados).

a. *Livros Poéticos*: Salmos, Provérbios, Jó.

b. *Megilôt* (Rolos, que eram lidos, cada um em separado, nas cinco grandes festividades judaicas): Rute, Cântico dos Cânticos, Lamentações e Ester.

c. Daniel, Esdras, Neemias e Crônicas. Deve notar-se que somente a primeira divisão, a Lei, corresponde ao agrupamento da *Vulgata* latina. Os "Profetas" incluem quatro livros históricos, e o próprio título da terceira divisão, os "Escritos Sagrados", sugere o caráter misto dos assuntos. A *Versão dos Setenta*, ou *Septuaginta*, que geralmente é citada pelos escritores do NT, contém 14

livros, além das Escrituras hebraicas. O número excessivo de livros gregos da *Septuaginta* em relação aos livros das Escrituras hebraicas corresponde aos livros apócrifos.
B. O *cânon do NT. Livros que encerra:* A ordem dos 27 livros do NT é derivada da *Vulgata* latina. Acham-se assim agrupados:
1. Os quatro Evangelhos e o livro histórico de Atos.
2. A série de 14 epístolas de Paulo, que se encerra com a Epístola aos Hebreus.
3. As sete epístolas universais.
4. Apocalipse. A ordem tradicional é particularmente infeliz no que diz respeito aos escritos paulinos, os quais, em geral, parecem ter sido dispostos por volume e importância. Se tal disposição pudesse, de algum modo, justificar-se por se tratar de "Epístolas" inspiradas, devia-se ter em mente o fato de que primeiramente foram cartas e, mais tarde, chamaram-se epístolas, por ocasião de sua inclusão no cânon. Na qualidade de cartas, mantêm íntima relação com a vida e o ministério do apóstolo Paulo. Sua ordem cronológica é, realmente, de grande importância para a completa compreensão de cada uma das epístolas, e estas podem ser agrupadas, com razoável segurança, da seguinte maneira: *Segunda viagem missionária:* (Gálatas), 1Tessalonicenses e 2Tessalonicenses. *Terceira viagem missionária:* (Gálatasl), 1Coríntios e 2Coríntios (Gálatas), Romanos. Quando Paulo estava na prisão: Efésios, Colossenses e Filemom; Filipenses. *Depois da (primeira) prisão:* Tito; 1Timóteo; 2Timóteo. A literatura do NT compreende, portanto, os quatro Evangelhos, ou seja, uma narrativa da vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo; a história da igreja primitiva, tratando, de modo especial, da obra de Paulo; uma coleção de 21 epístolas apostólicas; e o livro de Apocalipse. Esses escritos constituem, de fato, o cânon do NT.

Cântico dos Cânticos, Cantares de Salomão. O assunto de Cântico dos Cânticos é a mútua afeição e ternura entre o marido e sua esposa. Há muita discussão sobre quem é o autor desse livro e quando foi escrito. A opinião geral dos antigos atribui o livro a Salomão, e a evidência interna exibe coerência com a época e a vida desse rei. O livro de Cântico dos Cânticos sempre esteve incluído no cânon, mas não é citado no NT. Temos de considerar Cântico dos Cânticos de Salomão como uma bela manifestação dos sentimentos amorosos, implantados pelo Criador em nossa alma. No entanto, mais do que isso, devemos dizer que as relações afetivas entre o homem e sua mulher são referidas em muitas passagens das Escrituras para exemplificar a união entre o Senhor e seu povo escolhido. De acordo com isso, os judeus sempre entenderam o livro de Cântico dos Cânticos em um sentido figurado. Os comentaristas cristãos de todos os tempos, do mesmo modo, consideram esse poema como uma expressiva pintura do amor existente entre o Salvador e sua igreja, descrevendo coerentemente o caráter fiel e perpétuo dessa união. Assim, quando o poema é visto por essa perspectiva, transparece ser uma valiosa visão da verdade divina. Sem dúvida, é no tema geral do poema que devemos procurar seu significado místico. De maneira nenhuma, devemos procurar a interpretação simbólica de todos os pormenores mencionados. Cântico dos Cânticos de Salomão, na qualidade de um poema, revela-se na forma de diálogo; os principais interlocutores são o rei Salomão e sua noiva; além desses, há um coro de virgens e outros espectadores. As partes do poema podem distinguir-se desta maneira: a) introdução: uma revelação do mútuo amor do noivo e da noiva (termina em 2.7); b) a visita do noivo e o sonho da noiva (termina em 3.5); c) as núpcias reais (termina em

5.1); d) um sonho de afastamento e tristeza, seguido de uma declaração renovada de amor (o fim dessa cena é em 6.9); e) alegria do amor conjugal (essa cena termina em 8.4); f) o noivo visita a casa da Sulamita e há uma feliz lembrança dos tempos passados (termina em 8.14). Como geralmente acontecia nos antigos poemas, não existem alíneas no cântico que indiquem a mudança de cena e de personagens. Tais mudanças são conhecidas em parte pelo sentido, mas, principalmente, pelo uso, no original hebraico, dos pronomes masculinos e femininos da segunda ou terceira pessoa. Quando não se observa essa distinção nas traduções, o poema fica obscuro. Contudo, em algumas edições da Bíblia, as diferentes cenas e personagens são indicadas.

canto do campo. Segundo a Lei, o canto dos campos não deveria ser completamente ceifado, pois o que nele estava plantado fazia parte da provisão para os pobres (Lv 19.9). Os constantes clamores dos profetas com respeito à defraudação do direito dos pobres (Is 10.2; Am 5.11; 8.6) parecem mostrar que essa disposição da Lei tinha perdido, na prática, sua força. Aos judeus, era proibido cortar os "cantos", isto é, as extremidades do cabelo no contorno das orelhas e os pelos das costeletas (Lv 19.27; 21.5).

Cão. V. CAM.

cão. Os cães são numerosos no Oriente. Sem donos, correm pelas estradas em matilhas, vivendo do que podem apanhar ou do que lhes é lançado. Comem toda espécie de sobras de comida, e até mesmo as sepulturas humanas, se não estiverem bem fechadas, tornam-se alvo de seus ataques. "Os cães devorarão Jezabel dentro dos muros de Jezreel" (1Rs 21.23). No exato local dos barreiros de Jezreel, do lado de fora dos modernos telheiros, ainda se veem os legítimos descendentes dos cães mencionados no texto citado, à procura dos restos de comida. Atualmente, todas as cidades da Palestina, desde a maior até a menor, estão repletas de cães vadios e imundos, os quais dificilmente se separam uns dos outros durante o dia e uivam terrivelmente durante a noite. Comparar uma pessoa a um cão, seja vivo, seja morto, era uma expressão profundamente ultrajante (1Sm 17.43; 24.14; 2Sm 9.8; 2Rs 8.13). O apóstolo Paulo exorta: "Acautelai-vos dos cães" (Fp 3.2), isto é, dos impudentes, sórdidos e vorazes mestres religiosos judaizantes. Nos textos de Pv 26.11 e 2Pe 2.22, os pecadores que continuamente recaem no pecado são comparados a cães que voltam a comer o que vomitaram. Os "cães" são excluídos da nova Jerusalém (Ap 22.15).

capacete. Feito de bronze, o capacete que os israelitas usavam era em forma de uma carapuça com peças que cobriam as orelhas e o pescoço. Os capacetes que Uzias forneceu a seu grande exército (2Cr 26.14) eram do mesmo metal, bem como os de Saul e Golias (1Sm 17.5,38). Esses capacetes de bronze eram usados somente pelos principais guerreiros, mas o soldado simples, ao que parece, usava carapuças acolchoadas que possuíam hastes de metal, ou, então, equipavam-se com barretes fabricados de feltro ou couro. Os heteus usavam capacetes que, na extremidade superior, eram mais largos que os comumente utilizados, ao passo que os oficiais da Assíria usavam capacetes mais altos e pontiagudos.

Capadócia. Província oriental da Ásia Menor. Limitava-se ao sul e a leste com a cordilheira do Taurus e com o curso superior do rio Eufrates, isto é, o alto Eufrates. Nos primórdios, estendia-se mais para o norte, até o mar Negro; contudo, no tempo dos apóstolos, achava-se dividida em duas províncias romanas, Ponto e Capadócia, esta última situada perto do monte Taurus. É

uma região elevada e plana, cortada por cadeias de montanhas, famosa por seus pastos para criação de gado, além de ser fértil e rica em termos agrícolas. Sua metrópole era Cesareia, situada nas proximidades do monte Argeu, a montanha mais alta da Ásia Menor. Alguns judeus da Capadócia estavam em Jerusalém entre os ouvintes do primeiro sermão de Pedro (At 2.9); e alguns dos cristãos ali residentes pertenciam ao grupo dos destinatários e leitores da primeira epístola desse apóstolo (1Pe 1.1).

Carmelo, *Lugar bem coberto de vegetação.* 1. Uma montanha que nos fornece características notáveis do relevo de Canaã. Penetra no mar Mediterrâneo, formando um grande promontório, e estende-se terra adentro a uma distância de mais de 19 km a sudeste, praticamente em linha reta, terminando abruptamente em um despenhadeiro. Forma uma espécie de barreira entre a planície costeira de Sarom, ao sul, e os territórios interiores de Esdrelom, ao norte. O monte Carmelo é formado de pedra calcária dura e possui muitas cavernas. Na montanha, por vezes, são encontradas pedras redondas, conhecidas pelo nome de "melões de Elias". De fato, são aquilo que os geólogos chamam de geodos. O Carmelo ainda se reveste daquela vegetação exuberante que sugeriu aos profetas algumas de suas ilustrações favoritas (Is 33.9; Mq 7.14). O Carmelo coube à tribo de Aser (Js 19.26). O rei "Jocneão do Carmelo" foi um dos chefes cananeus derrotados por Josué (12.22). O monte Carmelo, para nós, é relevante por sua relação com a história dos dois grandes profetas de Israel — Elias e Eliseu. Foi ali que Elias desconcertou os profetas de Baal, levando o povo de Israel de volta à obediência ao Senhor. Tal acontecimento se deu no extremo oriental da cordilheira. Desse lugar, é possível que se visse distintamente a cidade de Jezreel, onde estavam o palácio de Acabe e o templo de Jezabel. Na base da montanha, divisava- se claramente o leito sinuoso do rio Quisom. Depois da matança, Elias subiu ao cume do Carmelo e ali orou ao Senhor pela chuva tão esperada (1Rs 18.17-46). Foi, também, nesse monte que Elias fez descer o fogo do céu que consumiu, por duas ocasiões distintas, as tropas de 50 soldados e seu capitão, enviadas pelo rei Acazias para prender o profeta, pois este impedira a passagem dos mensageiros do rei que consultariam Baal-Zebube, deus de Ecrom (2Rs 1.9-15). Depois de Elias ser elevado ao céu, Eliseu foi ao monte Carmelo, mas somente uma vez; ali recebeu a sunamita, aquela mãe consternada, cujo filho lhe foi restituído vivo (2Rs 4.25).
2. Cidade na região montanhosa de Judá (Js 15.55), que nos é familiar por ter sido a residência de Nabal (1Sm 25) e a terra natal da esposa predileta de Davi, a carmelita Abigail (1Sm 27.3; 1Cr 3.1). Ali, sem dúvida, foi o lugar onde Saul levantou um monumento, depois de ter alcançado vitória na batalha contra os amalequitas (1Sm 15.12). Nesse local, também, o rei Uzias plantava suas vinhas (2Cr 26.10). As ruínas da cidade, que atualmente se chama Curmul, estão a 16 km abaixo de Hebrom, entre as quais se destacam um castelo com grande fortaleza e um enorme e belo reservatório.

carmesim. "Ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata [...]; ainda que sejam vermelhos como o carmesim [...]" (Is 1.18). A palavra "carmesim" refere-se à fêmea do inseto cochonilha, que pode ser pego na árvore em que desenvolve seu ciclo de crescimento, a azinheira da Síria. Quando viva, a ninfa é quase do tamanho do caroço da cereja e apresenta uma cor escura de amaranto; mas, quando morre, torna-se tão pequena quanto um grão de trigo. Vê-se muito na

Palestina, e, algumas vezes, ainda é usado para tingir. A escarlate provém do mesmo inseto, mas nem sempre essas cores são bem distintas.

carne. A palavra hebraica que ocorre no AT, *basar*, tem, habitualmente, o sentido literal de carne, ou seja, a carne do homem ou a de animal (Gn 2.21; 9.4; Lv 6.10; Nm 11.13), e também significa todas as criaturas vivas (Gn 6.13,17); além disso, denota um significado especial de "humanidade", sugerindo, por vezes, a extensão da fraqueza humana em contraste com a grandeza do poder de Deus (Sl 65.2; 78.39). No NT, a palavra sarx é empregada da mesma maneira (Mc 13.20; 26.41; Hb 2.14; 1Pe 1.24; Ap 17.16). O apóstolo Paulo, constantemente, contrasta a carne e o Espírito, bem como faz uma comparação entre a vida de inclinação à natureza carnal e a vida do cristão guiado pelo Espírito (Rm 7.5,25; 8.9; Gl 5.17 etc.). A expressão "carne e sangue" (Mt 16.17; Gl 5.16) é usada no sentido de estabelecer uma distinção entre Deus e o homem. V. ALIMENTO.

Carquemis. Cidade do norte da Síria, situada estrategicamente na passagem do Eufrates, razão pela qual se tornou objeto de conflitos. Foi tomada pelo faraó Neco e, posteriormente, reconquistada por Nabucodonosor (2Cr 35.20; Is 10.9; Jr 46.2). Em 1911, foram feitas escavações no sítio arqueológico de Jerablus, antiga Carquemis, mas, apesar de obterem alguns esclarecimentos acerca dos heteus ou hititas, os resultados, em geral, não foram satisfatórios V. HETEUS.

carro. Veículo puxado por bois (2Sm 6.3), que diferia dos carros de guerra atrelados a cavalos. Eram abertos, ou cobertos, e serviam para levar pessoas, cargas ou produtos. Embora a maneira comum de viajar no Oriente fosse em liteiras ou a cavalo, os carros, em determinadas situações, também eram usados. Eram veículos rudimentares, com rodas fortes, puxados por bois. Segundo suas figuras representadas em certos monumentos, eram empregados para levar os frutos do campo, bem como para transportar mulheres e crianças em suas viagens. José mandou carros a Canaã, a fim de buscar seu pai e família para que fossem trazidos ao Egito, juntamente com os bens da casa (Gn 45.19,21,27; 46.5). Quando houve a celebração da dedicação do tabernáculo, as ofertas dos "príncipes", isto é, dos principais participantes, foram levadas em seis carros, cada um deles puxado por uma junta de bois (Nm 7.3,6,7).

carro de guerra. O poder militar de uma nação era avaliado, principalmente, pelo número de carros de guerra que ela possuía. Até a época de Davi, os israelitas praticamente não possuíam carros dessa natureza; contudo, o rei Salomão mantinha uma força de 1.400 carros, advindos do imposto cobrado sobre certas cidades tributárias (1Rs 9.19; 10.25). Há uma referência aos primitivos carros do Egito em Gn 41.43 e Êx14.7; os carros de ferro dos cananeus eram um sério obstáculo à ocupação da terra pelos israelitas (Js 17.16, 18; Jz 4.3,13). Como esses aparatos bélicos podiam ser queimados (Js 11.9), é provável que sua estrutura fosse construída de madeira e reforçada com ferro, para que tais carros se tornassem mais resistentes. Quando os judeus também quiseram ter seus carros de guerra, sem dúvida imitaram os modelos egípcios. O carro egípcio constituía-se de uma armação de madeira semicircular e lados retilíneos, de modo que a parte de trás ficasse apoiada sobre um eixo de duas rodas; tinha um parapeito de madeira ou de marfim, preso à armação por tiras de couro, e, na frente, achava-se uma peça perpendicular de madeira. O assoalho do carro era feito de cordas tecidas em forma de rede, para evidentemente oferecer um ponto de apoio mais elástico e amortecido aos ocupantes.

Subia-se no carro pela parte de trás, que era aberta, uma vez que os lados eram reforçados com guarnições de couro e metal. O compartimento de arcos ficava acoplado ao lado direito do carro em diagonal; a aljava e o estojo de lanças posicionavam-se de modo inclinado para cima. Se o carro era ocupado por dois combatentes, havia outro compartimento de arcos. Cada uma das duas rodas tinha seis raios. Não havia tirantes; uma correia ficava presa a um gancho, e as rédeas passavam por argolas localizadas de cada lado dos dois cavalos. O condutor permanecia do lado direito e, no momento em que disparava uma flecha, mantinha o chicote pendurado no pulso. Algumas esculturas retratam o rei sozinho em seu carro, com as rédeas colocadas em volta do corpo, de modo que tivesse condição de arremessar os dardos sem nenhum impedimento. Normalmente, os carros de guerra eram ocupados por dois combatentes; excepcionalmente, havia um terceiro combatente que segurava a cobertura de proteção e de honra do guerreiro ilustre. Segundo o costume, o carro do rei era seguido por um segundo carro, disponível para ser usado em caso de necessidade. Os carros de guerra assírios e persas eram muito semelhantes aos do Egito. Os monarcas judeus que se renderam à idolatria chegaram a fazer ofertas de carros e cavalos ao deus Sol (2Rs 23.11).

carvalho. Na Síria, há mais de nove espécies de carvalho, entre tantas outras variedades. Quando a terra foi colonizada pelos cananeus, a Palestina Ocidental era, provavelmente, tão rica em florestas de carvalho e outras árvores frondosas como é, atualmente, a Palestina Oriental. Alguns carvalhos são sempre viçosos, mas outros são decíduos, perdendo suas folhas no outono. Essa é uma das características de clara distinção, mesmo em uma era não científica. Os antigos judeus tinham consciência de tal fato, pelo que se depreende de duas passagens do livro de Isaías: "[...] sereis como o carvalho, cujas folhas murcham" (1.30) e "Como terebinto e como carvalho, dos quais, depois de derrubados, ainda fica o toco" (6.13). Na Palestina, o carvalho de folhas perenes é principalmente representado pelo carvalho de Quermes, do qual há exemplares com troncos cuja circunferência varia de 6,5 a 8 m. Outra espécie abundante na região é a Valônia do Levante, isto é, o carvalho decíduo de cúpula espinhosa; seus frutos, em forma de bolinhas, são usados no curtimento de peles, mas os árabes servem-se deles como alimento. O carvalho é o símbolo da força: "[o amorreu] era forte como os carvalhos" (Am 2.9). Os ídolos eram, algumas vezes, feitos de carvalho (Is 44.14,15), bem como os remos dos barcos da Síria (Ez 27.6).

casa. No sentido lato, emprega-se o termo hebraico *bayit* para designar qualquer habitação, fixa ou móvel. Pode ter-se derivado de uma raiz que significa "passar a noite". Semelhantemente, o tabernáculo de Deus, embora fosse apenas uma tenda, é chamado, algumas vezes, de casa ou habitação de Deus. No Oriente, houve poucas mudanças no sistema de construção de casas. As ruas das cidades, geralmente, são estreitas, com uma sequência de lojas em ambos os lados. As casas ficam atrás das lojas. Se entrarmos em uma das casas principais, passaremos, primeiramente, por um corredor, onde se veem assentos de ambos os lados, pois é ali que o dono da casa recebe qualquer indivíduo quando quer tratar de negócios; poucas pessoas têm permissão para entrar na casa. Para além dessa entrada, o visitante privilegiado é recebido no pátio aberto (sem cobertura) quadrangular, cujo piso geralmente é revestido de mármore ou de outro material duro. Tal pátio proporciona a entrada de luz e ar para vários cômodos da casa, cujas portas dão para essa área aberta. Para receber visitantes e hóspedes, cobre-se o piso com

esteiras e tapetes. Como esse local está livre de qualquer interrupção externa, torna-se o lugar mais apropriado para recepções e diversões. O pátio, geralmente, é rodeado por uma varanda com arcos, sobre a qual constroem-se galerias que dão acesso a cada andar, no caso de a residência ter vários andares. As galerias superiores são construídas nas mesmas dimensões da varanda que as sustenta e possuem parapeitos que impedem a queda das pessoas. As janelas que dão para a rua são pequenas e posicionam-se em uma altura considerável; suas partes móveis, que se abrem e fecham, são feitas de madeira entalhada vazada e não possuem vidros. Dessa forma, o morador torna-se imperceptível pelo lado de dentro da janela, mas pode observar com razoável nitidez o que se passa no ambiente externo. Todavia, as janelas dos andares superiores, construídas em uma saliência para fora da parede da casa, frequentemente são de tamanho considerável. Jezabel, por ordem de Jeú, foi lançada para baixo através de uma janela desse tipo. Nas casas dos ricos, a parte mais baixa das paredes é decorada com tapeçarias de veludo ou seda, suspensas por ganchos, as quais podem subir ou descer de acordo com o desejo do dono da casa (Et 1.6). A parte superior das paredes é decorada com padrões permanentes, ao passo que o teto, em certos casos, é feito de madeira aromática de grande valor (Jr 22.14). O assoalho desses esplêndidos quartos é revestido com lajotas de pedra pintadas ou de mármore. Certos assoalhos eram feitos de estuque e cobertos com ricos tapetes. Em todos os casos, os quartos das mulheres ficam separados, ainda que, outrora, a separação não fosse tão rigorosa como é, hoje em dia, entre os judeus. O telhado das casas orientais é quase sempre plano. Compõe-se de vigas de madeira, cobertas de pedra ou argamassa, para proteger os moradores contra o sol e a chuva, bem como lhes proporcionar um terraço bem agradável ao ar livre, quando o tempo está bom. Em volta desse terraço, há um parapeito, não muito alto, para proteção e segurança das pessoas (Dt 22.8). Na Palestina, durante a época mais quente do ano, o povo dorme nos terraços das casas, em caramanchões feitos de ramos ou de junco (Ne 8.16). O quarto dos hóspedes é, por vezes, construído no telhado ou terraço, com acesso por meio de uma escada externa, de modo que o hóspede possa entrar ou sair sem causar transtornos ou incômodos à família que o hospeda. Várias atividades domésticas são realizadas nesses lugares altos da casa, tais como estender roupa para secar, espalhar os figos, uvas, entre outras frutas, para desidratá-los no calor e fazer passas. Algumas vezes, os terraços também são usados para a realização de cultos idólatras (2Rs 23.12; Jr 32.29). As tendas, usadas durante a Festa dos Tabernáculos, eram levantadas sobre os terraços planos, e estes também eram o lugar preferido dos moradores para lamentar e chorar nas ocasiões de grande aflição. Não existem fogões nas casas orientais; as famílias fazem uso de braseiros, e há ocasiões em que acendem um fogo no pátio aberto. Entretanto, as cozinhas possuem uma espécie de forno a lenha em plano mais alto, feito de tijolos com cavidades onde se faz fogo para cozer alimentos. Além dos caramanchões para uso no verão, há, também, cômodos especialmente protegidos que são usados no tempo frio. As casas dos pobres no Oriente são construções muito fracas, cujas paredes são feitas de barro, canas e junco (cf. Jó 4.19). Os ladrões podem invadir essas frágeis residências com muita facilidade (Jó 24.16; Mt 24.43). Algumas vezes, tais moradias de barro, e mesmo de tijolo, possuem apenas um cômodo, de modo que a outra parte da casa sirva para o gado. A aparência externa de todas as casas, tanto de ricos quanto de pobres, deixa muito a desejar. Em geral, não se observa nada além de uma

parede branca e lisa com janelas pequenas, grades de madeira em forma de treliça e uma porta simples. V. TENDA, TABERNÁCULO, CABANA.

casamento. A instituição do casamento, segundo as Escrituras Sagradas, originou-se na Criação (Gn 2.23,24) e é dessa maneira que Jesus Cristo considera a origem e importância do matrimônio (Mt 19.4,5). No AT, os registros mais antigos acerca do casamento demonstram que os pais eram aqueles que combinavam a união conjugal de seus filhos (Gn 21.21; 24), embora houvesse casos em que a decisão de concordar ou não com o contrato conjugal ficava a cargo dos futuros cônjuges (Gn 24.58). Na ocasião do casamento propriamente dito, pagava-se o preço, ou dote (Gn 24.53; 34.12). Em certos casos, o pagamento do dote era efetuado na forma de serviços prestados (Gn 29.18,27,28; Js 15.16). O casamento era seguido de uma festa (Gn 29.22; Jz 14.10,12). O recém-casado, durante o período de um ano, ficava isento de convocações para combater em uma guerra ou para "qualquer encargo" (Dt 24.5; cf. Lc 14.20). Embora a Lei proibisse o casamento entre pessoas que mantinham certo grau de parentesco (Lv 18.6-18; 20.11,12,17,19-21; Dt 22.30; 27.20,22,23), há, contudo, exemplos de casamento entre parentes próximos (Gn 24.4; 29.19). O casamento com a irmã da esposa, ou cunhada, enquanto a esposa ainda estava viva, era proibido (Lv 18.18). O casamento com a viúva do irmão falecido foi prescrito por lei com uma finalidade específica (Gn 38.8,11; cf. Mt 22.24). No princípio, as uniões matrimoniais eram formadas, na medida do possível, dentro da mesma família (Gn 29.19; cf. Gn 27.43 e 28.5). Mais tarde, foi proibido o casamento com mulheres cananeias e com outras que fossem estranhas à família israelita. Parece que uma exceção foi feita em favor dos edomitas e dos egípcios (Dt 23.7,8). Permitia- se também o casamento com mulheres prisioneiras de guerra (Dt 21.10-14). José e Moisés casaram-se com mulheres que não eram hebreias (Gn 41.45; Êx2.21; Nm 12.1). Posteriormente, outros fizeram o mesmo, a saber, Davi, Salomão, Acabe e Manassés (2Sm 3.3; 1Rs 11.1; 1Rs 16.31; 1Cr 7.14). No que diz respeito aos problemas ocasionados por casamentos com mulheres pagãs, v. Ed 9; 10; Ne 13.23. O casamento do sumo sacerdote, dos sacerdotes, de uma herdeira e de uma mulher divorciada estava sujeito a certas restrições (Lv 21.7,13,14; Nm 36.5-9; Dt 24.1-4). No NT, Jesus Cristo refere-se ao casamento como uma instituição divina e indissolúvel; se fora permitido o divórcio, isso se devia à "dureza do [...] coração" (Mt 5.31,32; 19.9; Mc 10.2-9). Ele honrou com a sua presença um casamento ocorrido em Caná e ali operou seu primeiro milagre (Jo 2.1-11). Em oposição aos ascetas que pregam a obrigatoriedade do celibato (1Tm 4.3), o casamento é declarado "digno de honra" (Hb 13.4). Os membros da igreja são exortados a se casarem dentro da esfera cristã (1Co 7.39; 2Co 6.14). O apóstolo Paulo, em 1Co 7.12-16, trata do caso dos cônjuges em que um aceita a fé cristã e o outro permanece fora do cristianismo. O relacionamento entre marido e mulher, bem como suas responsabilidades mútuas, são assuntos considerados em vários textos (1Co 11.3,8-12; 14.35; Ef 5.22-33; Cl 3.18,19; 1Tm 2.11-15; 1Pe 3.1-7). V. ADULTÉRIO, POLIGAMIA E CERIMÔNIA DE CASAMENTO.

casamento, cerimônia de. O conhecimento dos atos cerimoniais relacionados às núpcias no Oriente é essencial para a compreensão de várias passagens das Escrituras. A promessa, ou contrato, pré-nupcial é celebrada com muita alegria, permitindo-se aos noivos que conversem com mais frequência durante um período de noivado e se tornem mais conhecidos um do outro. Contudo, alguns dias antes do casamento, os noivos se restringem em suas respectivas

casas e recebem somente a visita dos amigos. Os companheiros do noivo são expressamente mencionados na história de Sansão (Jz 14.10-18); as companheiras da noiva também são referidas em Sl 45.9,14-15. As amigas e companheiras da noiva cantavam o *epitalâmio* ou cântico nupcial, à porta da casa da noiva, na tarde que antecedia o casamento. Os convidados de ambas as partes são chamados de "filhos das bodas" (*ARC*), fato que lança muita luz sobre o significado das palavras de Jesus Cristo: "Podem, *porventura*, andar tristes os filhos das bodas, enquanto o esposo está com eles?" (Mt 9.15, ARC). Ao entardecer, o noivo sai de sua casa em direção à casa da noiva, acompanhado de determinado número de amigos, a fim de tomar a mão de sua prometida em casamento; esse cortejo, que inclui o noivo e seus amigos caminhando com tochas e lâmpadas na mão, era geralmente precedido por um conjunto de músicos instrumentistas. Nenhuma pessoa poderia juntar-se ao cortejo sem alguma espécie de luz. As luzes que se levam nessas procissões são chamadas *meshals*. Tais lâmpadas eram feitas com estopa ou farrapos de linho bem torcidos, enfiados em certo tipo de vaso de metal que se prendia à ponta de um varapau. Em outros casos, a lâmpada ou tocha era levada em uma das mãos, enquanto a outra mão segurava um vaso de azeite, para que, de vez em quando, houvesse o cuidado de repor o azeite da candeia, e esta permanecesse acesa durante todo o trajeto (Mt 25.1-8). Depois da cerimônia e da bênção nupcial, o noivo e a noiva eram conduzidos com grande pompa a sua nova casa. O cortejo em procissão assemelhava-se, em todos os aspectos principais, ao cortejo do noivo que vinha buscar sua noiva. O episódio do participante da festa que não trajava a "veste nupcial" baseia-se no fato de que as pessoas tinham por costume comparecer ao casamento com ricas vestes festivais. Havia um guarda-roupa especial, do qual podia servir-se todo aquele que não estivesse devidamente trajado com veste nupcial. Se o casamento era entre pessoas de alta estirpe, cada convidado recebia uma luxuosa vestimenta. Essas vestes ficavam penduradas no interior de uma câmara, por onde os convidados passavam para vestir-se em honra de seu anfitrião, antes de entrarem na sala do banquete. No Oriente, esse costume perdura até hoje: quando um homem rico faz uma festa, dá ordens a seus empregados para que vistam os convidados, à entrada do local da celebração, com peles raras e macias sobre as próprias roupas destes.

Casifia. Um lugar na estrada entre Babilônia e Jerusalém (Ed 8.17), residência de levitas e servidores do templo, os que acompanharam Esdras, quando este sacerdote voltava da Babilônia.

cássia. Um dos ingredientes do "óleo sagrado para a unção" (Êx 30.25). Acha-se mencionada em conjunção com a noiva real, em Sl 45.8: "Todas as tuas vestes recendem a mirra, aloé e cássia". Era artigo de comércio no mercado de Tiro (Ez 27.19). A cássia, pequena planta, semelhante a um arbusto, é oriunda da Cochinchina e da costa de Malabar. A casca da árvore da cássia era, também, comercializada. O cheiro é mais penetrante e menos agradável do que o do cinamomo.

cativeiro, cativeiros de Israel e Judá. Encontramos a origem dessas calamidades nos pecados dos governantes e do povo, bem como nas alianças com os poderes pagãos. Peca, rei de Israel, procurou o auxílio de Rezim, rei da Síria, contra Acaz, rei de Judá. Acaz, imitando a política de seu rival, pediu a Tiglate-Pileser (ou Pul), rei da Assíria, que o socorresse. Este veio e castigou duramente os israelitas e levou as duas tribos e meia de além-Jordão (Rúben, Gade e a meia

tribo de Manassés) para a Média, cobrando tributos do resto do país. Dez anos mais tarde, Oseias, rei de Israel, apelou para Sô, rei do Egito, a fim de que este o auxiliasse a tirar dos israelitas o peso do tributo, e Ezequias, rei de Judá, também fez parte da confederação. Essa revolta fez Salmaneser, filho de Tiglate-Pileser, vir com um grande exército atacar o reino de Israel. Samaria caiu em poder de Sargão, sucessor de Salmaneser, sendo anexada ao império da Assíria. Esse foi o segundo cativeiro de Israel, cujo resultado foi a despovoação do país. Jerusalém escapou, pois o exército de Senaqueribe, filho de Sargão, foi miraculosamente destruído. Os territórios conquistados aos israelitas foram, depois, povoados por colonos vindos da região do Tigre e do Eufrates (2Rs 17.24). Esses colonos e os israelitas que tinham ficado na terra de Israel uniram-se por casamentos recíprocos e, posteriormente, passaram a ser conhecidos como os samaritanos. Não se sabe o que foi feito das dez tribos.

O reino de Judá foi, sucessivamente, tributário da Assíria, do Egito e da Babilônia. A revolta do rei Zedequias contra o império da Babilônia resultou na vinda de Nabucodonosor contra Jerusalém, em 587 a.C. Depois de um cerco de dezoito meses, a cidade foi tomada à meia-noite. Matou-se a maior parte de seus habitantes, os olhos de Zedequias foram vazados, e os filhos dele, assassinados. Depois, esse rei, preso em "duas cadeias de bronze", foi levado para a Babilônia. Nebuzaradã, general de Nabucodonosor, incendiou a cidade, destruiu o templo e levou consigo os vasos sagrados, que ainda ali havia, bem como a maior parte dos judeus, ficando apenas algumas pessoas pobres para cultivar a terra. Na Babilônia, desde o princípio, os judeus eram um povo separado dos outros e, em muitos lugares, formaram comunidades distintas, com seus anciãos e governo próprios. Eram tratados como colonos, e não como escravos. Podiam alcançar as mais altas posições do Estado, como Daniel, ou ocupar os lugares de maior confiança junto ao rei. A idolatria que os cercava já não exercia nenhuma atração para eles; ao contrário, despertou neles um forte antagonismo. O restaurador da nação judaica foi Ciro, o Grande, que conquistou a Babilônia e tornou-se célebre como fundador do Império Persa. Ciro publicou um decreto, em virtude do qual os súditos dos Estados que foram conquistados pela Babilônia podiam voltar a seus países e restabelecer seu culto. Os resultados desse decreto e a história dos judeus desde esse fato até o encerramento do cânon do AT acham-se nos livros históricos de Esdras, Neemias e Ester, bem como nas profecias de Ageu, Zacarias e Malaquias. Ciro decretou a reedificação do templo em 536 a.C. Pode-se dizer que o número de pessoas que voltou do exílio chegou a cerca de 56 mil; mas quase todos os judeus que nasceram na Babilônia ficaram nesse país. Nessas terras distantes, aqueles que conservaram suas distinções nacionais formaram o importante ramo israelita, ou o das tribos dispersas, conhecido pelo nome de Dispersão (Jo 7.35; 1Pe 1.1; Tg 1.1). Esses judeus, habitando em terras pagãs, realizaram o grande propósito de propagar o conhecimento do Deus verdadeiro, como também, por meio deles, foi que os evangelistas da fé cristã começaram a evangelizar as pessoas nas doutrinas de Jesus Cristo. V. CIRO, DISPERSÃO.

cavalo. Nas Escrituras, as referências ao cavalo dizem respeito ao de guerra, exceto, talvez, pela passagem de Is 28.28, em que se mencionam cavalos para fazer a debulha do trigo. A bela descrição poética em Jó 39.19-25 aplica-se somente ao cavalo de guerra. Os hebreus antigos não tinham cavalos. Havia a proibição de multiplicá-los (Dt 17.16), e isso queria dizer que não deveriam procurar a salvação por meio de alianças com povos estrangeiros (Is 31.1). Os

cananeus tinham carros e, portanto, cavalos (Js 17.16); e os carros de ferro constituíam bons elementos nas forças de Sísera (Jz 4.3). Quando Davi pôde subjugar Hadadezer, reservou para si alguns dos carros armados e seus respectivos cavalos (2Sm 8.4); mas foi Salomão o primeiro que, de modo regular, estabeleceu a criação de cavalos e formou uma força de cavalaria. Quando Salomão casou-se com uma das filhas do soberano do Egito, recebeu muitos cavalos. Foi tão bem-sucedido na criação de cavalos que chegou a ter 400 cavalarias, 40 mil cavalos e 12 mil cavaleiros (1Rs 4.26; 2Cr 9.25). Quando os israelitas demonstraram estar dispostos a depositar demasiada confiança no auxílio da cavalaria, o profeta Isaías (31.3) os admoestou: "Pois os egípcios são homens e não deuses; os seus cavalos, carne e não espírito". Josias tirou os cavalos que seus antecessores tinham consagrado ao Sol (2Rs 23.11). O Sol era adorado nas terras do Oriente, e representavam-no movendo- se em um carro puxado por cavalos. Na Pérsia, sacrificavam-se esses animais ao Sol. Pensa-se que os cavalos, retirados do pátio do templo por Josias, destinavam-se a um fim semelhante. Menciona-se, com frequência, o freio dos cavalos nas Escrituras (Sl 32.9), e eles não eram muito diferentes dos utilizados atualmente; sabe- se que os assírios ornamentavam seus cavalos com campainhas e tapeçarias (Ez 27.20; Zc 14.20). Os romanos, algumas vezes, ferravam os seus cavalos com objetos apropriados de ferro ou de couro que se prendiam às patas.

Embora, ainda hoje, em toda parte da Palestina, encontrem-se cavalos para puxar carros e levar carga, nos tempos antigos, porém, os animais utilizados pelos que queriam viajar eram a mula, o burro e o camelo. As palavras em Zc 14.20 querem dizer que, até mesmo os cavalos, símbolo das coisas mundanas, seriam consagrados ao Senhor. V. CARRO.

caverna. Na Palestina, as rochas, em sua maior parte calcárias, sobejam em cavernas, muitas das quais alargadas pelas mãos dos homens a fim de servirem de abrigo e de defesa. No verão, os pastores que vivem perto de Hebrom deixam suas aldeias e passam a habitar em cavernas e ruínas a fim de ficarem mais perto do campo e dos seus rebanhos. Quase todas as habitações de Gadara são cavernas. Grandes séries de cavernas existem em Eleuterápolis de Judá, bem como em uma localidade entre Belém e Hebrom. Ló habitou em uma caverna depois da destruição de Sodoma (Gn 19.30). Abraão sepultou Sara, sua mulher, na caverna de Macpela (Gn 23.19). Os cinco reis dos amorreus, quando foram perseguidos por Josué, refugiaram-se em uma caverna, em Maquedá. Josué ordenou que grandes pedras fossem levadas para a boca da caverna e continuou a perseguir o inimigo. Quando a derrota foi total, voltou à caverna, tirou de lá os reis e mandou enforcá- los em cinco madeiros (Js 10.15-27). Outras cavernas são mencionadas nas Escrituras: a de Adulão, onde Davi e seus companheiros se refugiaram (1Sm 22.1; 2Sm 23.13-16); a caverna de En-Gedi, onde Saul foi procurar Davi e os seus homens (1Sm 24.1 e 8); aquela em que Obadias escondeu os profetas para não serem vítimas da fúria de Jezabel (1Rs 18.4); e a caverna em que Elias descansou depois da mortandade dos profetas de Baal no monte Carmelo (1Rs 19.9). Sob a categoria de caverna, podem também ser mencionadas as sepulturas de Lázaro e Jesus Cristo (Mt 27.60; Jo 11.38), as quais foram abertas na rocha.

No tempo de Gideão, os israelitas, para não caírem nas mãos dos midianitas, refugiaram-se em cavernas, abundantes na região montanhosa de Manassés (Jz 6.2); e nos primeiros tempos de Saul escaparam dos filisteus, procurando abrigo em covas. Muitas vezes, aproveitavam-se as cavidades naturais das rochas para transformá- las em cisternas de água ou para servir de prisão

(Is 24.22; Ez 32.23; Zc 9.11). O solo rochoso de uma grande parte da terra santa quase não permite os sepultamentos, a não ser nas cavidades naturais ou nas escavadas na rocha. A habitação "do homem possesso de espírito imundo" (Mc 5.2) nos sepulcros explica-se pelas muitas cavernas rochosas que existem perto do mar da Galileia.

cebola. Os israelitas lembravam-se, com muitas saudades, das cebolas do Egito, pois desejavam comê-las (Nm 11.5); elas têm um sabor mais doce do que as nossas. Os orientais sempre foram muito apreciadores desse vegetal.

cedro. O cedro do Líbano pertence à família das pináceas. Seu principal *habitat* é nas cordilheiras do Taurus e do Líbano, e esta última representa seu limite mais meridional. Na floresta do Líbano, o tronco dos maiores exemplares dessa árvore mede 15 m de circunferência, e a sua altura chega a quase 30 m. Os poetas hebreus mencionavam o cedro do Líbano como símbolo de poder e majestade, de grandeza e beleza, de força e permanência (Is 2.13; Ez 17.3,22,23; 31.3-18; Am 2.9; Zc 11.1,2). Compara-se o cedro, graças a seu firme e contínuo crescimento, ao progresso espiritual do homem justo (Sl 92.12). Nas florestas naturais, considera-se a madeira do cedro superior em qualidade. O madeiramento principal, quer do primeiro templo quer dos palácios reais, como o de Davi (1Cr 14.1), era de cedro. Em 1Rs 7.2, há menção a um palácio real, "a Casa do Bosque do Líbano". Durante o reinado de Salomão, o cedro tornou-se muito comum em Jerusalém, da mesma forma que, em tempos anteriores, a madeira do sicômoro, inferior em qualidade, também fora muito popular (1Rs 10.27; 2Cr 9.27; Ct 1.17). Os reis de Judá, posteriores a Salomão, e os imperadores da Assíria tinham habitações feitas com a preciosa madeira do cedro (Jr 22.14,15; Sf 2.14). Os mastros dos navios de Tiro eram feitos de troncos de cedro do Líbano (Ez 27.5). Foi ainda o Líbano que forneceu a madeira de seus cedros para o segundo templo, de Zorobabel (Ef 3.7), e para o de Herodes.

Cedrom. *Escuro.* É o nome de um ribeiro, cuja nascente está a noroeste de Jerusalém, que corre para o leste pelo lado setentrional até a distância de 2,5 km; depois, faz uma curva apertada para o sul e passa entre a cidade de Jerusalém e o monte das Oliveiras; após esse trecho, estreita-se e desce em corredeiras ligeiras, e, a seguir, o leito fica estreito, profundo e escuro, e ali só correm águas durante as grandes chuvas de inverno. Liga-se ao vale de Hinom, em Bir-Ezube, a 200 m abaixo de sua nascente, e, daí, segue, tomando a direção do sueste, até o mar Morto. Davi, quando fugia de Absalão, o atravessou (2Sm 15.23); e Jesus Cristo também passou para "o outro lado do ribeiro Cedrom", em seu caminho para o monte das Oliveiras e para o jardim de Getsêmani (Jo 18.1). Nele, lançavam-se ídolos e outras impurezas (2Rs 23.4,6,12; 2Cr 29.16; 30.14; Jr 31.40). Hoje, esse local é conhecido como vale de Josafá.
A palavra "Cedrom", segundo alguns escritores, corresponde ao genitivo plural grego de cedro, cujo significado é "dos cedros"; talvez seja também uma corruptela em razão da semelhança com o som da palavra hebraica *kidron* (escuro).

cego, cegueira. A cegueira é uma triste e frequente manifestação em todos os povos do Oriente. Causas físicas produzem esse mal, e a falta de cuidado e mau tratamento o agravam. Esse defeito tornava qualquer homem inábil para o sacerdócio (Lv 21.18). Quem guiava mal o cego, fazendo-o errar o caminho, era amaldiçoado (Lv 19.14; cf. Dt 27.18). Considera-se como um dos castigos de apostasia (Dt 28.28). A cegueira também era miraculosamente infligida (Gn 19.11; 2Rs 6.18), além de ser uma forma cruel de vingança ou castigo (Jz 16.21; 2Rs 25.7). Em

linguagem figurada, o profeta Isaías anuncia o ato de abrir os olhos aos cegos como uma das obras do Messias (29.18; 35.5; 42.7).

No NT, salienta-se o predomínio da cegueira. Os milagres que Jesus operou, abrindo os olhos aos cegos, chamaram, sem dúvida, atenção especial sobre nosso Salvador (v. Jo 10.21). Há, também, a cegueira espiritual, cuja influência sobre o caráter é patente (Jo 12.40; 2Co 4.4; 2Pe 1.9; Ap 3.17).

cegonha. A cegonha é uma ave de arribação que chega à Palestina no fim de março. Voa de dia, de maneira que todos podem observar seu voo "no céu" (Jr 8.7). Era considerada imunda (Lv 11.19; Dt 14.18). As penas das asas são pretas, um belo contraste com a restante plumagem, alvíssima. Acredita-se que Jó se referiu a essa característica das cegonhas em 39.13. As asas são grandes e fortes, e sua envergadura chega a 2 m (Zc 5.9). Essas aves podem voar a grande altura e percorrer longas distâncias.

ceia. Havia apenas duas refeições por dia na vida de um oriental. A primeira era por volta do meio-dia (Gn 43.16; 1Rs 20.16; Rt 2.14; Lc 11.37; 14.12). A segunda, em algum momento durante a tarde, denominava- se ceia e era a refeição principal (Jz 19.21). Celebrava-se também a festa do cordeiro pascal a essa hora (Êx 16.12).

ceia do Senhor. Há cinco passagens do NT que, de modo distinto, tratam da ceia do Senhor: as três narrativas dos Evangelhos, que se referem à sua instituição, 1Co 10 e 1Co 11. Os nomes pelos quais se conhece essa ordenança no NT são estes: o "partir do pão" (At 2.42) e a "ceia do Senhor" (1Co 11.20). Instituiu-se essa celebração à véspera da morte de Jesus Cristo e na presença dos discípulos mais intimamente ligados a ele, e isso indica que só podem participar da ceia do Senhor os que já foram instruídos nas doutrinas do Mestre, e não os que ainda se preparam para abraçar plenamente sua fé em Cristo. Há uma estreita relação entre a ceia do Senhor e a morte de Cristo; assim, é essencial estudar todas as passagens que derramam luz sobre sua morte. Jesus, de forma simbólica, antecipara sua morte em linguagem altamente metafórica (Jo 6) e a anunciara em uma clara exposição (Mt 16.21), explicando que esse fato era "pela vida do mundo" (Jo 6.51), pois viera para "dar a sua vida em resgate por muitos" (Mt 20.28). Foi em Cafarnaum, cerca de um ano antes da sua crucificação, que Cristo proferiu o seu mais completo ensinamento a respeito de sua morte (Jo 6). De maneira solene e enfática, ele afirmou que era o pão do céu que dava vida ao mundo; e que era absolutamente necessário que cada um comesse sua carne e bebesse seu sangue para receber e conservar a vida eterna. Desse modo, ele ensinou a absoluta necessidade de participar de sua morte para a posse da vida eterna. Esse discurso em Cafarnaum foi principalmente dirigido aos incrédulos e a certos indivíduos que eram cristãos nominais. Em vista da clara referência feita à sua morte, vê-se logo a relação entre aquelas suas palavras e a ceia do Senhor, instituída à véspera de sua paixão. A relação entre elas é de uma verdade universal com aplicação particular: a ceia é o meio pelo qual os discípulos de Cristo podem se apropriar do benefício de sua morte. Tanto o discurso como a ceia referem-se à mesma coisa — a cruz. Examinaremos, agora, em seus pormenores, a linguagem de Cristo na instituição da ceia. A instituição foi imediatamente depois da refeição da Páscoa. Jesus tomou primeiro o pão e depois o cálice, bendizendo a Deus por um e dando graças pelo outro. Ele, na verdade, bendiz a Deus e dá-lhe graças. No ato de partir o pão, disse: "Tomai, comei; isto é o meu corpo", e tomou o cálice, dizendo: "Isto é meu sangue, o sangue da *nova* aliança,

derramado em favor de muitos, para remissão de pecados" (Mt 26.26, 28). As palavras "isto é meu corpo" referem-se àquele pedaço de pão que Jesus deu a seus discípulos e estão em conformidade com as usadas pelos judeus por ocasião de sua Páscoa: "Este é o pão da aflição que os nossos antepassados comeram na terra do Egito". Por essa razão, a afirmação de Jesus significa isto: ''Este bocado de pão representa meu corpo, que é dado por vós". O termo "aliança" traz à memória fatos e promessas do AT, especialmente a nova aliança, anunciada por Jeremias (Jr 31.31; Hb 8.7-13). "Em memória de mim" (Lc 22.19) que dizer "para recordação", sendo a lembrança do fato o fim primário e fundamental da instituição. E "fazei isto" significa "praticai este ato".

Passando dos Evangelhos para as Epístolas, achamos um ou dois pontos acrescentados às palavras da ceia na narração de Paulo. Em 1Co 10.16, lemos: "o cálice da bênção que abençoamos", e isto quer dizer: "o cálice sobre o qual se profere a bênção". No NT, o objeto da bênção nunca se acha associado a coisas, mas somente a Deus, como aquele, o único ser, a quem bendizemos e glorificamos. "A comunhão do corpo de Cristo" significa a participação com outras pessoas do que é "comum". Desse modo, Paulo, de modo restrito, segue a primeira instituição, relacionando a ceia com a morte de Cristo. Note-se que o apóstolo usa o termo "mesa", e não "altar", para a ceia do Senhor. Em 1Co 11.26, há um pensamento adicional: "todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciais a morte do Senhor, até que ele venha". O apóstolo adverte que, na santa ceia, ninguém coma nem beba indignamente, isto é, que ninguém deixe de considerar o conteúdo sagrado e solene do que o Senhor instituiu. Assim, quem participa de modo indigno "será réu do corpo e do sangue do Senhor", isto é, réu por profanar os meios divinos de nossa redenção, o próprio Senhor. Deve haver determinado exame pessoal e discernimento; isso quer dizer que cada um deve discernir espiritualmente o fim sagrado e os desígnios do ato. Essas são as passagens do NT que se referem à ceia do Senhor.

Em todo o ensinamento das Escrituras Sagradas, nota-se a extrema simplicidade da instituição: o lugar era uma casa, e não um templo; as pessoas eram simples judeus; foi à tarde; as circunstâncias eram as de uma refeição social, como a de uma família que se reunia por ocasião da Páscoa. A ideia fundamental da ordenança acha-se nestas palavras de Jesus: "Fazei isto em memória de mim". Recordamos o Salvador e o seu sacrifício para o nosso bem. Mas o pão deve ser comido, e o vinho, bebido. Isso quer dizer que não se trata simplesmente de uma lembrança, mas de uma aplicação a cada cristão. Devemos, em nosso coração, alimentar-nos dele pela fé, praticando o ato não em segredo e isoladamente, mas em companhia de outros, pois confessamos a nós próprios e aos que comungam conosco a nossa confiança no sacrifício expiatório de Cristo. Realizamos, portanto, a posse em comum de tudo o que o Calvário significa, manifestando igualmente nossa unidade com aquele que morreu na cruz (1Co 10.17). Mais ainda: tanto Jesus como Paulo relacionam, de modo precioso, esse ato com o futuro, com a segunda vinda; e nós proclamamos a sua morte "até que ele venha". Dessa forma, a santa ceia envolve, simboliza e apresenta o evangelho inteiro em miniatura, Cristo para nós, oferecido no Calvário; Cristo em nós, apropriado por meio da fé; Cristo entre nós, sendo o nosso centro de unidade; Cristo como nosso Senhor e Rei. Assim, a ceia do Senhor revela e exprime a "totalidade da salvação": fortalece a nossa fé, estimula nosso amor, inspira nossa obediência e

sustenta nossa esperança. Por conseguinte, a mensagem de toda a revelação de Deus em Cristo concentra-se nessa instituição.

ceifa. O tempo da ceifa começa em abril e acaba em princípios de junho. Medeia o espaço de três meses entre a semeadura e a primeira colheita, e o de um mês entre esta e a ceifa completa. No começo de abril, a cevada, em todo o território da terra santa, já está com a espiga cheia. Em meados do mesmo mês, a espiga fica com a cor dourada, particularmente nos distritos do Sul. Nessa época, nos arredores de Jericó, já está totalmente madura; o mesmo acontece com as plantações nos planaltos do Acre, que amadurecem quinze dias mais tarde. Faz-se a colheita até meados de sivã, ou seja, em fins de maio. Na Palestina e na Síria, quando o caule está em boas condições, os segadores utilizam a foice para ceifar o trigo; mas, quando o caule é pequeno, arrancam-no com as mãos pelas raízes. Fazem isso para que não se perca nada da palha, que serve para alimentação do gado. Há referência a essa prática em Sl 129.7. Os ceifeiros, de manhã, muito cedo, vão para o campo e voltam para suas casas à tarde. Levam consigo os provimentos necessários e carregam a água em cabaças ou em vasilhas de couro. Na colheita, são acompanhados pelos próprios filhos, ou outras pessoas, que apanham tudo aquilo que, pela maneira descuidada de ceifar, fica para trás. Assim, fica fácil compreender o fato de Rute estar no campo da ceifa. O direito dos respigadores estava assegurado pela lei positiva (Lv 19.9). Após a ceifa da cevada, vinha a do trigo. Depois da colheita, o trigo era debulhado e joeirado na eira. Em seguida, depositava-se o trigo nos celeiros, e a palha servia de combustível para aquecer os fornos de cozer pão.

centurião. Acham-se referências a "centurião" em Mt 8.5; 27.54 e também, muitas vezes, em Atos. Era o capitão de cem homens no exército romano. V. EXÉRCITO.

cera. Esse termo é usado metaforicamente para designar qualquer coisa suave e fácil de ser amassada (Sl 22.14; 68.2; 97.5; Mq 1.4).

cerca. Obra de pedra, ou de silvado (cerca viva com espinheiros), ou de madeira, com a qual os lavradores, ou os pastores, cercam seus pomares ou apriscos na Palestina. A providência protetora de Deus também se chama circunvalação, cerca (Jó 1.10; Is 5.2). Os obstáculos e as inquietações são como uma cerca, ou uma sebe, que atrapalha nosso caminhar (Jo 19.8; Lm 3.7; Os 2.6). Menciona-se um "cercado de espinhos" em Pv 15.19. Em Is 5.5, tratase de uma sebe, ou cerca viva com espinheiros, cuja finalidade era proteger a vinha.

César. No NT, ele é o imperador de Roma. Os judeus pagavam-lhe tributo e, se fossem cidadãos romanos, tinham o direito de apelar a ele. Era o nome de família de Júlio César, adotado como título por todos os imperadores romanos. Há referências a quatro césares no NT: *Augusto* (Lc 2.1); *Tibério* (Mt 22.17 e trechos paralelos; Jo 19.12); *Cláudio* (At 17.7); e *Nero* (At 25; Fp 4.22). Também, no NT, encontra-se a expressão *casa de César*, significando todos os que faziam serviço no palácio, incluindo os escravos. "Todos os santos [...] da casa de César" (Fp 4.22) eram, provavelmente, alguns dos servos mais humildes. Os que se converteram antes da chegada de Paulo são mencionados em Rm 16.

Cesareia. Não se deve confundir com Cesareia de Filipe. Chama-se hoje Kaisarich. Cidade situada na costa do mar Mediterrâneo, a cerca de 33 km ao sul do monte Carmelo, precisamente acima da divisa entre Samaria e Galileia, na estrada principal, que vai de Tiro ao Egito. Foi edificada com muita beleza e magnificência por Herodes, o Grande, e seu fundador

lhe deu o nome de Cesareia para homenagear César de Roma. Era a metrópole romana da Judeia, como também a residência oficial dos reis herodianos, e de Félix, e de Festo, e de outros procuradores romanos. Nessa cidade, Herodes Agripa I, neto de Herodes, o Grande, foi ferido com uma repugnante enfermidade (At 12.19; 23.23; 25.1,4,6,13; 12.21-23). Cesareia era a terra onde Filipe, evangelista e diácono, residia (At 8.40; 21.8); foi o porto em que Paulo embarcou para Tarso, quando se viu obrigado a sair de Damasco (At 9.30); Cornélio, o centurião romano, vivia nessa cidade e ali também se converteu (At 10.1,24; 11.11); foi nesse lugar que Paulo desembarcou, na volta de sua segunda e terceira viagens missionárias (At 18.22; 21.8); dali o apóstolo partiu para Jerusalém (At 21.15); para ali voltou, já preso, e Félix, conquanto o tratasse "com indulgência", manteve-o encarcerado por dois anos antes que fosse enviado para Roma pelo governador Festo (At 23.23,33; 24.27; 25.4). Cesareia possuía um grande e esplêndido porto. Do mar, via-se um templo dedicado a César e a Roma, contendo estátuas colossais do imperador romano.

Cesareia de Filipe. "Cesareia de Filipe" era assim chamada para distingui-la da cidade litorânea do mesmo nome. Banias é seu nome atual. Uma cidade edificada em uma pitoresca posição, na base da serra de Hermom, ao sul, dominando a rica planície do Jordão superior (Huleh). Localizava-se ali uma das principais nascentes do rio. Antigamente, o lugar era conhecido pelo nome de Paneias (homenagem ao deus Pã), mas, quando a povoação passou a fazer parte do território de Filipe, o tetrarca de Traconites alargou-a e embelezou-a, mudando o nome para Cesareia em homenagem ao imperador. Há menção a essa cidade nas jornadas de Jesus Cristo. Foi ali que Pedro reconheceu o caráter messiânico de seu divino Mestre (Mt 16.13-16; Mc 8.27-29), e, provavelmente, em suas proximidades, Jesus subiu ao monte da transfiguração, em uma das elevações da serra de Hermom (Mt 17.1; Mc 9.2).

cesto. Os cestos da Palestina tinham muitas formas e tamanhos e eram feitos com vime e muitos outros materiais, como canas e ervas. Eram, geralmente, baixos; algumas vezes, porém, eram largos e fundos, com uma tampa, e serviam para armazenar objetos. Os cabazes para levar gêneros sobre o lombo do cavalo ou do burro eram algumas vezes feitos de vime. O cesto de vime também era usado para levar refeições(Gn 40.16; Êx29.3; Lv 8.2; Jz 6.19). Os cestos a que se faz referência no milagre da alimentação dos 5 mil (Mt 14.20; Mc 8.19) eram pequenos; os da alimentação dos 4 mil (Mt 15.37; Mc 8.20), grandes. Em Damasco, desceram Paulo pela muralha em um desses cestos grandes (At 9.25). Em 2Rs 10.7; Jr 24.2, a palavra traduzida por cesto refere-se realmente a uma espécie de alcofa.

cetro. Palavra grega cujo significado literal é bastão curto, a insígnia de reis, governadores e outras pessoas de autoridade (Gn 49.10; Nm 24.17; Is 14.5). O cetro serve também de vara de correção e mostra a suprema autoridade que castiga ou humilha (Sl 2.9; Pv 22.15). Termo também utilizado para designar o cajado do pastor (Lv 27.32). Na passagem de Levítico, a palavra é a mesma que se traduz por cetro em outros trechos (v. tb. Mq 7.14). Os cetros eram feitos com ferro, ouro, prata e outros metais (Sl 2.9; 125.3). Havia também os de marfim e de madeira preciosa. Do mesmo modo, usava-se a palavra metaforicamente para exprimir predomínio (Gn 49.10). O governo de Deus é chamado de "cetro de equidade" (Sl 45.6; Hb 1.8).

céu. Segundo os judeus, havia pelo menos três céus: o primeiro céu correspondia à região da atmosfera terrestre, onde voam os pássaros, que, por isso mesmo, são chamados "as aves dos céus" (Jó 35.11). É a esse céu que se referem as passagens que falam sobre orvalho do céu, nuvens do céu e ventos do céu. O segundo céu refere-se à parte do espaço onde luzem o Sol, a Lua e as estrelas, o "firmamento", ou a expansão do céu (Gn 1.8). O terceiro céu, segundo acreditavam os judeus, simbolizado pelo Santo dos Santos, correspondia à casa de Deus e dos santos anjos. Cristo veio desse céu, para lá subiu depois de sua ressurreição (At 1.11) e de lá virá outra vez (1Ts 4.16). Paulo foi arrebatado a esse mesmo céu (2Co 12.2). Não é como os outros céus, perceptíveis a olho nu (Jo 3.12,13; Hb 8.1; 9.24). Alguns judeus mencionavam sete céus (Testamento dos Doze Patriarcas, Levi 2 e 3; Livro dos Segredos de Enoque, 3.21). Com respeito ao céu, a eterna morada dos remidos, sabemos que é um lugar que foi preparado para eles por Jesus Cristo (Jo 14.2); um lugar de felicidade (1Co 2.9) e glória (2Tm 2.11); e, também, lugar de repouso, em que se está livre de toda inquietação (Hb 4.10,11). Também chamado de "reino" (Mt 25.34; Tg 2.5; 2Pe 1.11); "paraíso" (Lc 23.43; Ap 2.7); "uma herança" (1Pe 1.4); "cidade" (Hb 11.10). Nessa abençoada morada, os remidos servem a Deus, inteiramente livres do mal que afeta a alma e o corpo (Ap 7.15,16), em completa alegria e felicidade (Sl 16.11), uma vida que está acima de nossa compreensão (1Co 2.9).

cevada. Ezequiel 4.9. O pão de cevada era a principal alimentação das classes mais pobres, e o grão de cevada, depois do trigo, é o alimento mais popular na produção agrícola da Palestina. Empregava-se também a cevada para alimentar cavalos etc. (1Rs 4.28). Em Jz 7.13, em um sonho, um pão de cevada que "rodava contra o arraial dos midianitas" representa o exército de aldeãos, mas isso não implica fragilidade por parte dos 300 de Gideão. Na Lei mosaica, em certos casos em que a moral era afrontada, prescrevia-se uma oferta de farinha de cevada (Nm 5.15). A cevada era semeada em outubro e colhida em março ou abril. Como amadurecia mais cedo do que o trigo, havia, algumas vezes, uma segunda semeadura. Barcos de seis remos, com cevada, acham-se esculpidos nos monumentos e nas moedas do Egito do século VI a.C.

chacal. V. DRAGÃO.

chave. A chave usada nos tempos do AT, muito diferente da moderna, era uma grande peça de madeira, ajustada com arames ou pregos pequenos. Quando introduzida na concavidade, que servia de fechadura, levantava outras peças dentro da chapa, fazendo, desse modo, recuar a lingueta. Entre os mouros, é comum ver um homem de autoridade, andando com uma grande chave de metal amarelo presa ao ombro em um pedaço de pano. Isso serve para explicar Is 22.22: "Porei sobre o seu ombro a chave da casa de Davi" (cp. Mt 16.19).

chifre. Essa palavra tem muitos sentidos nas Escrituras Sagradas: 1. São as extremidades de um animal (como em Gn 22.13) ou a imitação deles (1Rs 22.11).
2. O chifre servia, e ainda hoje serve, de vaso para guardar certos líquidos ou perfumes (1Sm 16.1).
3. Era também usado como trombeta (Js 6.5).
4. Chamavam-se chifres as quatro pontas do altar; consideravam-se especialmente sagrados e, em certas cerimônias rituais, eram aspergidos de sangue (Êx29.12; Lv 4.7); neles se seguravam os refugiados que procuravam o santuário (1Rs 1.51; 2.28).
5. O chifre era símbolo de poder e glória (1Sm 2.1), podendo ser cortado (Jr 48.25) e

humilhado no pó(Jo 16.15). Para a interpretação de chifre na profecia de Daniel, v. o livro de Daniel.

Um chifre, ou uma projeção de prata, é algumas vezes usado no Oriente, especialmente pelas mulheres; entre os povos selvagens, em certas cerimônias, usam-se os chifres sobre a cabeça.

Chipre. Ilha do mar Mediterrâneo, grande, bela e fértil. Era a terra natal de Barnabé (At 4.36). Cedo recebeu o evangelho e mandou evangelistas a diversos lugares (At 11.19,20; 21.16); foi visitada por Paulo e Barnabé em sua primeira viagem missionária (At 13.4-13); Barnabé a visitou de novo (At 15.39); Paulo, em sua terceira viagem missionária, passou ao sul de Chipre (At 21.3); e, quando ia para Roma, navegou outra vez por ali (At 27.4). A ilha de Chipre tornou-se célebre pelas suas minas de cobre que, em certa ocasião, foram arrendadas a Herodes, o Grande. Um notável fato da sua história foi a terrível insurreição dos judeus, no reinado do imperador Trajano (117 d.C.), cujo resultado foi a mortandade, em primeiro lugar, dos habitantes gregos e, depois, dos próprios insurgentes. V. QUITIM.

chumbo. Menciona-se, pela primeira vez, o chumbo em Êx 15.10. Era usado para servir de peso, e sua forma era a de um bolo redondo e chato (Zc 5.7), ou a de uma pedra bruta, não lapidada (Zc 5.8). Em tempos antigos, geralmente empregavam-se as pedras como pesos (Pv 16.11). Jó exprime o desejo de que suas palavras fossem gravadas "com pena de ferro e com chumbo" na rocha (19.24). Isso se refere à prática de entalhar inscrições na pedra, em que depois se derramava o chumbo derretido nas cavidades das letras. Estas, portanto, tornavam-se mais legíveis e duradouras. A maneira de purificar o chumbo com uma chama ardente, retirando-lhe a escória que se mistura a ele, fornece, na Escritura, vár ias alusões ao castigo de Deus e à purificação do povo (Ez 22.18,20).

chuva. Há nas Escrituras Sagradas referências às primeiras chuvas e às que vinham mais tarde, as temporãs e as serôdias (Dt 11.14; Jr 5.24; Os 6.3; Jl 2.23; Tg 5.7). As primeiras caíam nos meses de outubro e novembro (não muito depois do começo do ano civil), e as últimas, na primavera. Na Palestina, a chuva, de modo geral, cai entre esse espaço de tempo. Aquela trovoada e chuva, vindas miraculosamente durante a sega dos trigos, encheram o povo de medo e espanto (1Sm 12.16-18). Salomão pôde falar da "chuva na ceifa" para dar a ideia, de forma bastante expressiva, de alguma coisa fora de seu lugar, algo que não é natural (Pv 26.1). As chuvas, a maior parte das vezes, vinham do oeste e do sudoeste (Lc 12.54).

cidadão, direitos de. O privilégio de cidadão romano adquiria-se por compra (At 22.28), por serviços militares prestados ou por favor. Uma vez obtido, esse direito passava para os filhos. Grande número de judeus, considerados cidadãos romanos, estava espalhado pela Grécia e Ásia Menor. Um cidadão romano não podia ser acorrentado nem encarcerado sem julgamento formal (At 22.29), não se permitia que ele fosse açoitado (At 16.37), e, se ele quisesse, podia apelar a um tribunal de província para o imperador de Roma (At 25.11). Qualquer infração desse privilégio resultava em castigo severo. Em sentido figurado, Paulo aplica esse direito de cidadão aos privilégios e às responsabilidades do cristão (Ef 2.19; Fp 1.27; 3.20).

cidade. Desde o tempo em que a cidade de Jerusalém foi tomada por Davi, os hebreus, em grande parte, tornaram-se um povo habitante de cidades. As cidades, em grande parte, eram muradas, isto é, possuíam uma muralha com torres e portas. Mas, em volta da cidade, especialmente em tempos de paz, os arrabaldes ficavam desguarnecidos, e os privilégios da cidade se estendiam a

seus arredores. Em conformidade com o costume oriental, determinadas cidades deviam abastecer o Estado com certos produtos, para a construção de edifícios, fabricação de carros de guerra, armação de cavaleiros e provisão da mesa real. Para a manutenção dos levitas, foram-lhes concedidas 48 cidades, espalhadas pelo país, bem como uma porção de terreno nos subúrbios.

Antes do cativeiro, o governo interno das cidades judaicas era efetuado por uma junta de anciãos (2Rs 10.1), com os juízes, e estes deviam pertencer à classe sacerdotal. No tempo da monarquia, parece que um governador ou presidente era nomeado, e ele enviava os juízes a diversos pontos do distrito, que, presumivelmente, levavam depois certas questões de dúvida a Jerusalém para serem resolvidas por um conselho de sacerdotes, levitas e anciãos. Depois do cativeiro, disposições semelhantes foram realizadas por Esdras para a nomeação de juízes.

Em muitas cidades orientais, destina-se grande espaço a jardins e, dessa forma, torna-se muito maior a extensão da cidade. Explica-se assim, em parte, a notável amplidão das cidades de Nínive e Babilônia. As ruas, em geral, são extremamente estreitas, raras vezes permitindo que dois camelos carregados passem um ao lado do outro. O comércio interno das cidades era sustentado, como hoje acontece, por meio de bazares. O profeta Jeremias fala-nos (37.21) da Rua dos Padeiros.

Os espaços abertos, junto às portas das cidades, eram, em tempos antigos, como ainda são hoje, usados pelos anciãos, para suas assembleias, pelos reis e juízes, para reunião de cortes e constituição de tribunais, e pelo povo, para tratarem de suas regalias. Também ali, quando era preciso castigar os culpados de certos delitos, expunham-se as pessoas à exposição pública. Havia grande trabalho para abastecer de água as cidades, empregando-se reservatórios e cisternas que se enchiam com as águas pluviais, ou trazendo, por meio de aquedutos, o precioso líquido de distantes nascentes.

cidade de refúgio. Eram seis as cidades levíticas escolhidas para lugares de refúgio, quando se tratava de homicídio involuntário (Nm 35; Js 20). Estavam espalhadas por diversas tribos: três achavam-se do lado oriental do rio Jordão, isto é, Bezer, na de Rúben; Ramote-Gileade, na de Gade; e Golã, na de Manassés. As outras três, no lado ocidental, eram Quedes, na de Naftali (ainda hoje Quedes, distante 32 km da cidade de Tiro); Siquém, na de Efraim; e Hebrom, na de Judá.

cidade murada. Era a cidade com muralhas, um tipo de defesa permanente, coroadas de parapeitos com seteiras, além das torres e dos espaços regulares (2Cr 32.5; Jr 31.38). Em tempos posteriores, máquinas de guerra foram colocadas sobre os muros, e, em ocasiões de luta, havia sentinelas nas torres (Jz 9.45; 2Rs 9.17; 2Cr 26.9, 15). A cidade de Jerusalém estava cercada de três muralhas, sobre as quais, segundo se diz, havia, respectivamente, 90, 14 e 60 torres. Em muitas cidades, havia um castelo, como último recurso para os defensores. Observa-se isso, por exemplo, em Siquém e em Tebes (Jz 8.17; 9.46,51; 2Rs 9.17).

Cilícia. Província marítima a sudeste da Ásia Menor, cercada de altas cordilheiras. A parte oriental era notável por sua beleza, fertilidade e pela suavidade de seu clima, tornando-se, por isso, a residência favorita dos gregos, depois que a Grécia foi incorporada ao império da Macedônia. A capital, Tarso, sediava uma celebrada escola de filosofia. A Cilícia, por sua posição geográfica, era a via de comunicação entre a Síria e o Ocidente. Na idade apostólica, os judeus, em número considerável, estabeleceram- se ali. Tarso era a terra natal de Paulo (At 9.11,30; 21.39; 22.3).

Logo depois de sua conversão, ele visitou a Cilícia (At 9.30; Gl 1.21), dirigindo-se para ali outra vez por ocasião de sua segunda viagem missionária (At 15.41).

cinamomo. O cinamomo é a casca de uma árvore importada do Extremo Oriente — Cochinchina, Sri Lanka e Costa de Malabar —, sendo conhecida na Palestina desde tempos remotos. Acha-se mencionada em Êx 30.23 como uma das partes componentes do óleo da santa unção; em Pv 7.17, como um perfume para o leito; em Ct 4.14, como uma das plantas do jardim, a imagem da noiva; e, em Ap 18.13 (canela de cheiro), como uma das mercadorias da grande Babilônia.

cingir o navio. Encontra-se essa expressão somente em At 27.17. Cabos eram amarrados em volta do casco do navio abaixo da sua quilha, sendo depois ligados ao convés. Havia desses cabos especiais nos arsenais das galeras de Atenas. Nos tempos modernos, ainda se emprega esse processo de amarrar o barco.

cinta. Artigo indispensável no vestuário de um oriental, cuja finalidade é arregaçar as vestimentas longas que, de outro modo, seriam um impedimento para trabalhar ou caminhar. Geralmente, feitas de couro, lã ou linho. Muitas vezes, teciam-se várias figuras nela, e o comprimento era suficiente para dar algumas voltas em redor do corpo. Como uma das extremidades da cinta era dobrada para trás e costurada nas bordas, ela servia também de bolsa. Essa é a bolsa mencionada em Mt 10.9; Mc 6.8. À cinta, algumas vezes, prendiam-se facas e punhais, e os escritores e amanuenses empregavam-na também para segurar o "estojo de escrevedor à cintura", isto é, os tinteiros e as penas de escrever (Ez 9.2). Tirar a cinta ou desprender o cinto do corpo para oferecer qualquer desses objetos a alguém era uma prova de grande confiança e afeto. Um cinto que fosse rica e primorosamente trabalhado era um objeto de honra, algumas vezes dado como recompensa de mérito (2Sm 18. 11). "Cingir os lombos" é apertar mais a cinta e, dessa forma, preparar-se para uma jornada ou para algum empreendimento vigoroso.

cinza. A cinza de uma novilha que fora inteiramente queimada, conforme Nm 19, tinha eficácia cerimonial na purificação dos imundos (Hb 9.13), mas poluía os limpos. As cinzas aspergidas sobre uma pessoa e, especialmente, postas sobre a cabeça eram usadas como sinal de tristeza; e a expressão de Jó 2.8, "sentado em cinza", é denotativa de uma dor extrema. A cinza é, também, usada figuradamente em Jó 30.19; Is 44.20; Ml 4.3 e em outros trechos.

circuncisão. Essa cerimônia foi ordenada por Deus a Abraão e seus descendentes, como sinal da aliança estabelecida entre o Senhor e o povo escolhido. O rito fazia parte da herança comum dos hebreus, dos cananeus e de outras nações da Antiguidade, mas os filisteus constituíam uma notável exceção, pois são expressamente designados como incircuncisos em 1Samuel, muitas vezes.

Ela era uma condição necessária na nacionalidade judaica. Toda criança de sexo masculino devia ser circuncidada no oitavo dia de seu nascimento. Os escravos, quer nascidos em casa quer comprados, tinham igualmente de ser circuncidados. Nenhum estrangeiro podia comer o cordeiro na celebração da Páscoa, a não ser que todos os varões de sua família fossem circuncidados, tornando-se, portanto, realmente judeu (Êx 12.48).

Na igreja primitiva, levantou-se a questão quanto à obrigação da circuncisão dos gentios que se convertiam ao cristianismo, dando causa a grandes inquietações. A paz da igreja de Antioquia foi perturbada pelos mestres judaizantes, que diziam aos gentios convertidos: "Se não vos

circuncidardes segundo o costume de Moisés, não podeis ser salvos" (At 15.1); mas, em Jerusalém, os apóstolos e os presbíteros decidiram que os gentios estavam inteiramente livres de toda obrigação a respeito de qualquer rito judaico (At 15.22-29). A maneira de pensar do apóstolo Paulo, em relação a esse assunto, pode ser observada em Gn 5; 6; Rm 3.30; 4.9-12; 1Co 7.18,19; Fp 3.2; v. tb. At 16.3; Gl 2.3. Todavia, o cristianismo apoderou-se do significado espiritual da circuncisão. No AT, aplicava-se a qualificação de "incircunciso" aos lábios, ouvidos e coração (Êx 6.12; Jr 6.10; Lv 26.41). Declara-se, no NT, que a verdadeira circuncisão é a "do coração, no espírito, não segundo a letra" (Rm 2.29). São os cristãos que, pela sua fé, constituem a circuncisão no sentido espiritual (Fp 3.3; cp. Gl 2.11).

Cirene. É hoje El-Krenna. Era a principal cidade da Cirenaica (Trípoli). Esse país estendia-se desde Cartago ao Egito, e desde a Líbia (At 2.10) ao Mediterrâneo. Cirene era habitada por um considerável número de judeus, que deram o seu nome a uma das sinagogas de Jerusalém (At 2.10; 6.9). Era natural dessa cidade o Simão que levou a cruz do Salvador (Mt 27.32; Mc 15.21; Lc 23.26), como também alguns dos primeiros evangelistas. Cirene, embora localizada na costa africana, era uma cidade grega.

Ciro. *O Sol.* Os primórdios da carreira desse grande imperador, inextricavelmente, acham-se envoltos em lenda: não se encontra nada sobre sua vida e trajetória nas Escrituras Sagradas. A narração mais digna de fé estabelece que ele era filho de Cambises, um persa de sangue real e, pelo lado materno, neto de Astíages, rei dos medos. Ele chegou a dominar a Babilônia, a Média, a Pérsia e outros países. Conduziu, vitoriosamente, seus exércitos até as cidades gregas setentrionais da Ásia Menor, e eles também marcharam para o sul até chegarem ao vale do Tigre. Diz-se que ele realizou muitos e grandes feitos de engenharia militar, como atravessar o Gindes, afluente do Tigre, desviando suas águas para um grande número de pequenos canais, e tomar a Babilônia, afastando a corrente do Eufrates, de maneira que os soldados puderam entrar na cidade pelo leito do rio. Ciro não só foi um grande conquistador, mas um sábio governador que procurou, tanto quanto possível, identificar-se com os sentimentos das várias nações que ele subjugara. Tanto os judeus como os babilônios viviam satisfeitos sob seu domínio. Ele decretou que o templo de Jerusalém fosse reedificado (2Cr 36.23; Ed 1.2; 4.3; 5.13); que os vasos da casa do Senhor, que Nabucodonosor tinha levado, voltassem para Jerusalém (Ed 1.7); além de permitir que madeiras de cedro fossem levadas do Líbano e de Jope (Ed 3.7). No livro de Isaías, Ciro é reconhecido como pastor do Senhor (Is 44.28) e como um rei ungido (Is 45.1).

cisterna. Os verões na Síria são muito secos, e, como há falta de nascentes em muitas partes do país, a água da chuva que cai durante as outras estações é recolhida em cisternas e reservatórios. Os depósitos públicos de água são, conforme o costume, chamados de "lagoas". A natureza rochosa do solo torna especialmente fácil a construção de cisternas, quer pela escavação quer pelo alargamento de cavidades naturais. As cisternas da Palestina, atualmente, têm uma abertura circular em cima, algumas vezes feita de cantaria, a qual tem uma roldana e um balde para tirar água. As cisternas vazias serviam, algumas vezes, de cárcere e de lugares de detenção. A cova onde José foi lançado era assim (Gn 37.22). Jeremias foi lançado em uma lodosa cisterna, sem água (Jr 38.6).

cita. Menciona-se essa palavra uma só vez, um termo geral cujo sentido é de povo rude e bárbaro (Cl 3.11). Cícero põe os citas na mesma classe dos bretões. O país da Cítia estendia-se através da Ásia Central a partir do mar Negro; mas o termo "cita" é usado pelos historiadores antigos para designar, muito vagamente, as tribos nômades não civilizadas, errantes por aquelas vastas planícies, que se limitavam a oeste com o mar Cáspio e o mar Negro, prolongando-se para o leste. Os citas chegaram à Palestina, pois Bete-Seã se chamava Citópolis; e, conforme diz Heródoto, os egípcios os derrotaram em Asdode.

ciúmes, oferta de. A passagem de Nm 5.11-31 mostra o processo prescrito para a descoberta da infidelidade da mulher e o castigo dela, caso fosse contaminada por um outro homem ou provocasse ciúmes em seu marido.

Cláudio. Foi o quarto imperador de Roma e governou o império de 41 a 54 d.C. Ele deu a Agripa toda a Judeia, e a seu irmão Herodes, o reino de Cálcis. Pôs fim à disputa que havia entre os judeus e os alexandrinos, dando força aos primeiros com a liberdade de Alexandria e com o livre exercício de sua religião e leis, mas não lhes permitindo que convocassem assembleias em Roma. O rei Agripa morreu no ano 44 d.C.; o reino da Judeia foi novamente reduzido a uma província romana; e Cúspio Fado foi designado governador e enviado para lá. Foi nesse período que houve a fome predita pelo profeta Ágabo (At 11.28). No ano 49, Cláudio publicou um decreto, e, conforme as ordens ali expressas, todos os judeus deveriam ser expulsos de Roma (At 18.2). A causa dessa ordem, segundo relata Suetônio, foram os frequentes motins a que se entregavam os israelitas, instigados por um tal "Cresto". Se, como é possível, esse historiador confundiu as palavras *Chrestus* com *Christus*, a causa dos tumultos pode ter sido a oposição judaica aos cristãos de Roma. Não se sabe se o decreto foi, em algum tempo, inteiramente cumprido. V. CRISTÃO.

Cnido. (Agora é Kria do Cabo.) Cidade situada na extremidade sudoeste do promontório da Cária, na Ásia Menor, por onde Paulo passou quando navegava para Roma. As ruínas mostram que a antiga Cnido devia ter sido uma povoação de grande magnificência (cf. At 27.7)

Coate. Era o segundo filho de Levi e avô de Moisés, Arão e Miriã. Os descendentes de Coate, por intermédio de Arão, mesmo os que não eram sacerdotes, tinham superioridade sobre os outros descendentes de Levi (embora Coate não fosse o filho mais velho de Levi), pois o sacerdócio residia exclusivamente na família de Coate. Enquanto os israelitas caminhavam pelo deserto, a família de Coate era responsável por levar a arca e os vasos sagrados do tabernáculo. A herança dos coatitas, sem mencionar a dos sacerdotes, que tinham 13 cidades nas terras das tribos de Judá, Simeão e Benjamim, constava de terras na meia tribo de Manassés e nas tribos de Efraim e Dã. Mais tarde, passaram a desempenhar um papel importante nos cultos e serviços do templo (Gn 46.11; Êx6.16,18; Nm 3.17; 4.2; 7.9; 10.21; 16.1; 26.57; Js 21.4; 1Cr 6.1; 9.32; 15.5; 23.6; 2Cr 20.19; 29.12; 34.12).

cobre. Há referência ao minério de cobre em Dt 8.9 e à sua fundição em Jó 28.2. A liga que se conhece pelo nome de metal amarelo foi inventada no século XII d.C. Havia minas de cobre nos montes de Canaã, e empregava-se esse metal em grande número de obras de arte (Jz 16.21; 1Sm 17.5; 2Rs 25.7). O bronze, uma liga de cobre e estanho, é muito antigo, e armas, espelhos e vários ornamentos eram manufaturados com ele. O cobre era usado na fabricação de moedas (Mt 10.9). A palavra é, também, muitas vezes empregada em sentido simbólico, como se lê em

Lv 26.19, em que a frase "farei [...] a vossa terra, como bronze" quer dizer grande dureza e secura. Também é usada com o sentido de invulnerabilidade, "de bronze a minha carne" (Jó 6.12), de indignidade (Jr 6.28), bem como com a acepção de fortaleza (Zc 6.1). Em Ed 8.27, fala-se do "lustroso e fino bronze". O cobre abundava nos tempos antigos, e com ele se fabricavam correntes, pilares, bacias, capacetes e lanças (Jz 16.21; 1Rs 7.15-21; 2Rs 25.13; 1Cr 18.8; Êx 38.8; Jó37.18; 1Sm 17.5; 6.38; 2Sm 21.16). V. tb. o arco de bronze em Jó 20.24.

codorniz. Uma pequena ave da família das perdizes. Os israelitas, no deserto de Sim (Êx 16.13) e em Quibrote-Hataavá (Nm 11.31-34), foram miraculosamente contemplados com codornizes. Alguns críticos dizem que as codornizes, graças à emigração anual, caíram no arraial dos israelitas levadas para lá pelo vento sudoeste que sopra da Etiópia e do Egito sobre as praias do mar Vermelho.

colar. V. CADEIA.

colchete. Uma espécie de ganchos para prender cortinas e outras coisas do tabernáculo (Êx 26, 27, 36, 38). Em 2Rs 19.28; Is 37.29; Ez 29.4; 38.4, há, sem dúvida, referência ao anel colocado no nariz dos animais por meio do qual podiam ser guiados.

Colheitas, Festa das. V. TABERNÁCULOS, FESTA DOS.

colônia. Uma designação de Filipos, a famosa cidade da Macedônia, em At 16.12. Augusto, depois da batalha de Ácio, cedeu a seus veteranos as partes da Itália que abraçaram a causa de Antônio e transportou muitos dos habitantes expulsos para Filipos e outras cidades. Filipos tornou-se uma colônia romana, e considerou-se, por haver prevalecido ali o *Jus Italicum* e por ser Paulo um cidadão romano, uma ilegalidade o fato de os magistrados dessa cidade terem mandado açoitar o apóstolo.

Colossenses, Epístola aos. Essa epístola foi escrita durante o tempo em que Paulo esteve preso em Roma pela primeira vez, e, provavelmente, foi também nessa ocasião que ele escreveu as cartas aos Efésios e a Filemom. As três cartas foram enviadas pelos mesmos mensageiros, Tíquico e Onésimo. Este último estava de volta à casa de seu senhor, Filemom, residente em Colossos. Por conseguinte, essa carta, provavelmente, foi escrita no ano 62. O objetivo dela é claro. A descrição da igreja feita por Epafras, seu fundador, enviada pelos colossenses a Roma com o fim de confortar Paulo e dar-lhe informações da situação em que a igreja se encontrava, era em seu todo satisfatória. Todavia, parece ter havido algum perigo nos ensinamentos dos falsos mestres que pretendiam harmonizar o cristianismo com as especulações dos filósofos. Negavam a suprema dignidade de Cristo, atribuindo aos anjos não só a criação (1.16), mas também a obra mediadora de redenção entre Deus e o homem. Não bastasse isso, introduziram o culto dos anjos na igreja (2.18). Há, também, claras referências à influência perturbadora dos mestres judaizantes e dos ascetas (2.16; 3.11,18,19). Corrigir e refutar os erros mencionados foi o objetivo dessa epístola.

Em sua exposição, o apóstolo faz-lhes ver que nem as especulações dos filósofos, nem as tradições humanas, nem as austeridades poderiam levantar a alma acima dos atos grosseiros e habilitá-la a realizar os propósitos invisíveis e eternos. Mas em Cristo há perfeita salvação, pois a fé nele nos reconcilia com Deus e, ao permitir nosso relacionamento com um Redentor celestial, nossos pensamentos e desejos voltam-se para as coisas do alto. O pensamento essencial

da epístola é: "Cristo é tudo em todos". Como na Epístola aos Efésios, aqui também aparece seu termo favorito, "riquezas", nestas e outras expressões: "a riqueza da glória deste mistério" (1.27), "toda riqueza da forte convicção" (2.2), bem como na forma adverbial: "Habite, ricamente, em vós a palavra de Cristo" (3.16). A semelhança entre essa epístola e a Epístola aos Efésios mostra a manifestação de tendências parecidas nas duas igrejas. É possível, também, como as duas epístolas foram enviadas na mesma época, atribuir essa analogia ao fato de que as mesmas ideias, bem como as mesmas expressões, haverem naturalmente ocorrido. Na verdade, as duas epístolas devem ser lidas juntas. Uma é comentário da outra. Nota-se, contudo, uma diferença de tom enfático nelas. Paulo, levado pela controvérsia, sustenta com firmeza nessa epístola a natureza de Cristo e o que ele é para a sua igreja; ao passo que na Epístola aos Efésios explica a unidade da igreja e o seu glorioso destino nos desígnios de seu divino fundador.

Colossos. Grande cidade da Frígia, Ásia Menor, nas margens do rio Lico, a qual, tendo sido em tempos antigos de grande importância, já nos tempos do NT era considerada decadente perante suas rivais Laodiceia e Hierápolis. Situava-se junto à grande estrada que ia de Éfeso ao Eufrates e ficava a cerca de 5 km do lugar onde hoje é localizada a vila de Conas. Foi sede de uma igreja cristã à qual Paulo dirigiu uma de suas epístolas; ali residiu Filemom e o seu escravo Onésimo (Cl 4.9), e Arquipo (Cl 4.17), e Epafras (Cl 1.7; Fm 23), o fundador da igreja ali estabelecida. Pelo que se lê em Cl 2.1, Paulo não tinha visitado Colossos.

coluna, pilar. Em tempos muito antigos, usavam-se pedras toscas, colocadas verticalmente, para cumprir um voto e relembrar algum feito, e, muitas vezes, eram realizados certos sacrifícios perto delas. Eis alguns exemplos desses memoriais: as colunas de Jacó (Gn 28.18; 31.45,51,52; 35.14); os pilares levantados por Moisés no monte Sinai (Êx 24.4); as 12 pedras do rio Jordão e as de Siquém (Js 4.8,9; 24.26,27). Tais pilares tornaram-se, muitas vezes, objeto de culto idolátrico. Levantavam- se, também, colunas para servir de marcos e de postes de estrada (1Sm 20.19). O termo também ocorre em um sentido metafórico. Assim, encontramos também menção à coluna de nuvem, de fogo, de fumaça etc. (Êx13.21; Jz 20.40). Jómenciona as colunas do céu e da terra (Jó 9.6; 26.11), em que os céus e a terra são o edifício levantado pela mão do Criador. Paulo refere- se à igreja cristã como coluna na qual se acha inscrita a verdade do evangelho (1Tm 3.15). Em 2Sm 18.18, lê-se que Absalão levantou para si uma coluna no vale de Josafá para que seu nome não fosse esquecido. Do mesmo modo, o cristão há de ter um lugar de permanência e de utilidade no templo divino, com o nome de Deus e o nome de sua cidade nele inscritos (Ap 3.12).

combustível. No Oriente, a falta de combustível obriga, por vezes, os habitantes a fazerem uso de todos os materiais disponíveis e apropriados para alimentar o fogo. Os caules secos de ervas e flores, as gavinhas da videira, os pequenos ramos de murta, alecrim e outras plantas, tudo isso era empregado para aquecer os fogões. Jesus refere-se à "erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno" (Mt 6.30). Nessa passagem, a erva inclui, em geral, todas as plantas cujas hastes são tenras. A expressão "o crepitar dos espinhos debaixo de uma panela" (Ec 7.6) deriva desse hábito. Às vezes, a falta de lenha era tão premente que o povo chegava a usar o esterco de animais como combustível (Ez 4.12-16). Em Am 4.11, há esta frase: "um tição arrebatado da fogueira". Ela refere-se às varas da videira e a outros gravetos usados no Oriente para iluminar, mas que, em pouco tempo, são consumidos pelo fogo.

comércio. Abraão era rico, pois tinha objetos e ornamentos de prata e ouro, o que mostra que, já naqueles tempos remotos, as raças nômades tinham relações comerciais com outros povos (Gn 13.2; 24.22,53). O Egito, desde os tempos mais longínquos, tinha uma boa situação como nação comercial, ainda que seus negócios externos estivessem nas mãos de estrangeiros. Foi uma caravana de ismaelitas, com os seus camelos carregados de especiarias, que levou José para o Egito; a descrição desse fato mostra que os escravos faziam, algumas vezes, parte da mercadoria importada (Gn 37.25; 39.1; v. Jó 6.19). O trigo era exportado do Egito e pago por meio de pesadas quantidades de prata (Gn 41.57; 42.3,25,35; 43.11,12,21). As pedras preciosas e as especiarias da Índia eram levadas para o Egito (Êx 25.3,7). Nessa mesma época, havia relações comerciais entre a Babilônia e as cidades da Síria. Até o reinado de Salomão, pode dizer-se que a nação hebraica não tinha comércio externo. Mas esse rei importou do Egito fio de linho, cavalos e carros. Ele pagou tudo isso com o ouro que vinha, por mar, da Índia e da Arábia (1Rs 9.26,27; 10.22- 29). O cedro e as outras madeiras para as grandes obras do templo e do palácio real foram levados para Jope pelos fenícios, por via marítima, e as provisões necessárias para os operários que trabalhavam no monte Líbano eram enviadas por Salomão (1Rs 5.6,9; 2Cr 2.16).

Os navios costumavam navegar para o oceano Índico de três em três anos, partindo de Elate e Eziom-Geber, saídas para o golfo Elanítico, no mar Vermelho, e traziam ouro, prata, marfim, pau de sândalo, ébano, pedras preciosas, macacos e pavões para a Palestina (1Rs 9.26; 10.11,12; 2Cr 8.18).

A Judeia abastecia a Fenícia com trigo, mel, azeite e bálsamo (1Rs 5.11; Ez 27.17; At 12.20), enquanto os comerciantes de Tiro trouxeram a Jerusalém peixe e outras mercadorias por ocasião da volta do cativeiro (Ne 13.16), bem como madeiras para a reedificação do templo. Exportava-se azeite para o Egito (Os 12.1), vendiam- se cintos de manufatura doméstica para ornamento e linho fino aos mercadores (Pv 31.24). No livro de Ezequiel, Jerusalém aparece como rival de Tiro no comércio de exportação que se fazia pelo porto de Jope (Ez 26.2). Os lugares do mercado público eram, principalmente, os espaços abertos próximos das portas das povoações para onde eram levados os gêneros de venda por aqueles que vinham de fora (Ne 13.15,16; Sf 1.10).

Quanto à compra e venda das diversas mercadorias, a Lei era muito exigente na maneira honesta de negociar. Pesos exatos e balanças precisas eram exigidos, e havia muito rigor na avaliação desse detalhe (Lv 19.35,36; Dt 25.13-16). Levar à força homens ou mulheres para outras terras para serem vendidos era crime, passível de dura penalidade (Êx 21.16; Dt 24.7).

cominho. É uma pequena e tenra semente que se debulhava batendo-a com uma vara (Is 28.25-27). Os antigos empregavam o cominho como condimento, no peixe e em certos guisados, e como estimulante do apetite; e os cozinheiros egípcios costumavam salpicar de cominho os bolos e os pães. Em Mt 23.23, menciona-se o cominho entre as pequenas ervas, das quais os escribas e os fariseus, escrupulosamente, pagavam dízimos.

concerto. V. ALIANÇA.

concubina. Na época dos patriarcas, a diferença entre esposa e concubina, em virtude do predomínio da poligamia, não fica muito clara. Contudo, a concubina, em geral, era uma escrava. Os filhos das concubinas, como as ideias de legitimidade não eram como hoje, aparecem nas genealogias exatamente como os das esposas. Se a concubina fosse hebreia, e o pai

desta a tivesse vendido como escrava, ou se ela fosse prisioneira de guerra, seus direitos eram protegidos por lei (Êx21.7; Dt 21.10- 14). Um hebreu não podia ter uma mulher cananeia como concubina. Contudo, as concubinas dos reis eram, em geral, provenientes dessa classe de mulheres. As mulheres hebreias livres podiam, também, tornar-se concubinas. V. POLIGAMIA.

congregação. Aplica-se, com bastante frequência, essa palavra a todo o povo hebreu, como comunidade religiosa (Êx12.3; Lv 4.13; Nm 1.2). Antes da instituição da monarquia, o parlamento da congregação constava do chefe, ou pai, de cada casa, família e tribo. Os delegados eram chamados de anciãos ou príncipes e exerciam direitos soberanos; e o povo achava-se ligado aos atos desses magistrados, mesmo quando os desaprovava (Js 9.18). Em hebraico, emprega-se outra palavra para a assembleia convocada para algum fim especial, como, por exemplo, a que se realizava por ocasião de uma das grandes festividades (1Rs 8.65; 2Cr 7.8; 30.13). Há, ainda, uma terceira palavra hebraica que aparece várias vezes em certas frases, traduzida de várias maneiras: tenda da congregação, tabernáculo do testemunho etc.

congregação, o monte da. "No monte da congregação me assentarei", diz o rei da Babilônia na visão de Isaías (Is 14.13). Ele refere-se a um monte ao norte da Babilônia, onde, segundo a mitologia, os deuses faziam suas reuniões.

conselho. 1. V. SINÉDRIO.
2. "Quem proferir um insulto a seu irmão estará sujeito a julgamento do tribunal" (Mt 5.22). O tribunal a que o texto se refere era um dos tribunais inferiores. (V. tb. Mt 10.17; Mc 13.9.)
3. Uma espécie de júri ou conselho privado, os assessores que ajudavam os governadores romanos na administração da justiça e em outros casos públicos (At 25.12).

convocação. Geralmente santa convocação. Aplica-se somente ao sábado e às grandes festividades anuais dos judeus (Êx 12.16; Lv 23.2; Nm 28.18; 29.1; Is 1.13).

copeiro. Era um empregado superior na casa dos monarcas orientais, e sua missão era servir o vinho ao rei impedindo que este ingerisse algum veneno. Neemias tinha esse emprego na corte do rei da Pérsia (Ne 1.11). O despenseiro do faraó era copeiro (Gn 40.1-13; v. tb. 1Rs 10.5; 2Cr 9.4). O serviço prestado pelo copeiro era pessoal, porque não só tinha de supervisionar certos preparativos da mesa, mas também passar a taça de vinho a seu senhor. Nos tempos primitivos, isso era garantia de que o vinho não estava envenenado.

cor. As cores naturais que a Bíblia menciona são branco, preto, vermelho, amarelo e verde. O branco era símbolo de inocência, e, por isso, descrevem-se as vestes angelicais e as dos santos na glória como alvas (Mc 16.5; Jo 20.12; Ap 19.8,14). Essa mesma cor era, também, emblema de alegria (Ec 9.8) e de vitória (Zc 6.3,6).
O preto, a cor oposta ao branco, representava o mal (Zc 6.2,6; Ap 6.5), o luto, a aflição e as calamidades (Jr 14.2; Lm 4.8; 5.10). O vermelho simbolizava o derramamento de sangue (Zc 6.2; Ap 6.4; 12.3) e era considerado um elemento de beleza pessoal (1Sm 16.12). Em Ct 2.1, o lírio descrito é o vermelho, e a Síria é famosa por produzir essa flor. A cor do rosto é comparada ao fruto vermelho da romã (Ct 4.3; 6.7); e diz-se que a cor da pele era mais vermelha do que os rubis (Lm 4.7), contrastando com o branco dos vestidos.
Aplica-se, muitas vezes, a cor verde às pastagens. A palavra "verde" também ocorre no sentido de novo, fresco, opondo-se a seco (Gn 30.37; Lv 2.14; 23.14; Jz 16.7,8; Et 1.6; Jo 8.16; Ct

2.13).

A túnica de José, de muitas cores (Gn 37.3), era provavelmente uma veste comprida, com mangas compridas, distinta da túnica mais popular, curta e sem mangas (V. 2Sm 13.18.)

coração. Os hebreus empregavam essa palavra com o sentido de sede de toda a vida mental — inteligência, vontade e emoções (Ez 13.2; Os 7.11; Lc 8.15; At 16.14).

coral. (Jó 28.18; Ez 27.16). Os recifes de coral e as ilhas de coral são abundantes no mar Vermelho, onde, provavelmente, os hebreus passaram a conhecer essa produção marítima. Há corais de diferentes cores: branco, preto e vermelho, sendo o último o mais precioso.

Corasă (Borasă). Um dos lugares que Davi e seus homens costumavam visitar e para onde mandou presentes, a seus amigos, do despojo tirado dos amalequitas. Talvez a localidade de Asa, em Js 15.42 (1Sm 30.30).

Corazim. Hoje é Querazé, a 4 km ao norte de Tel Hum (Cafarnaum), no mar da Galileia. As extensas ruínas incluem uma sinagoga. Jesus Cristo operou sinais maravilhosos em Corazim, mas denunciou a cidade em virtude da incredulidade de seus habitantes (Mt 11.21; Lc 10.13).

Corbă. Palavra hebraica que se encontra no Evangelho de Marcos (7.11), mas que não aparece no texto paralelo de Mt 15.5, cujo significado é "oferta ao Senhor". O termo, com o sentido de oblação — literalmente, qualquer coisa apresentada como oferta a Deus —, ocorre, com frequência, em Levítico (p. ex., 2.4). Por essa razão, tornou-se uma fórmula de dedicação aos propósitos sagrados e um mero pretexto para escapar a certas obrigações. O mandamento "Honra a teu pai e a tua mãe" compreendia o dever de sustentar os pais, se estes estivessem passando necessidades; mas, se a palavra Corbã fosse pronunciada sobre os meios de auxílio necessários, estes já não eram para os pais, pois isso era sagrado. Assim, a religião contrapunha-se à Palavra de Deus, pois seus representantes autorizados, os escribas e os fariseus, dispensavam o indivíduo "de fazer qualquer coisa em favor de seu pai ou de sua mãe". É provável que o voto de dedicar alguma coisa ao serviço do templo fosse apenas uma formalidade (v. Mt 23.16-22). Jesus condena não só essa formalidade revestida de aparência de santidade, mas também o voto em si, pois ele desprezava os deveres da piedade filial em nome da religião e, desse modo, invalidava a Palavra de Deus (v. tb. Mt 5.23,24).

corço. Na Escritura, o corço é a gazela; era permitido comer sua carne, e ela ia à mesa do rei (Dt 12.15,22; 14.5; 15.22; 1Rs 4.23). A gazela de Dorcas é muito comum na Palestina, especialmente no deserto da Judeia e na Arábia. Entre Berseba e Gaza, veem-se, muitas vezes, manadas de gazelas, em número de 20 a 50, às vezes chegando a 60. São elegantes, tímidas, belas e mais velozes do que os cavalos mais ligeiros.

corda. Era usada para segurar tendas; levar animais; atrelar bois, cavalos etc. ao arado ou ao carro; atar as mãos dos presos; armar os arcos das flechas; formar o cordame de um navio; medir o chão; pescar; fazer laços; prender os toldos; para, junto com um peso, servir de sonda; para, junto com um balde, tirar água de um poço; içar coisas pesadas (Êx35.18; Jz 15.13; Et 1.6; Sl 118.27; Is 5.18; Jr 38.6). Diversas espécies de cordas mais finas eram feitas de linho (Is 19.9). As cordas das quais Jesus se serviu para manifestar sua indignação no templo eram, provavelmente, feitas de vergas (Jo 2.15).

A barraca de pano representava a imagem do corpo humano, e as cordas que a seguravam ao chão representavam o princípio da vida (Ec 12.6).

Afrouxar, sacudindo a corda, uma metáfora originada no modo de guiar os animais, tem o sentido de libertar-se da autoridade (Sl 2.3).

Como as cordas eram empregadas na medição das terras, a corda ou a linha tornava-se uma forma de referir-se à herança (Sl 16.6); e lançar "o cordel" (Mq 2.5) significava determinar a posse de uma propriedade. Pôr uma corda na cabeça em lugar de toucado era sinal de vil submissão (1Rs 20.31).

cordão. Um fio ou faixa em volta da base dos capitéis das colunas do templo (Jr 52.21) ou do tabernáculo e seu pátio (Êx 27.10; 36.38).

cordeiro. No AT, diversas palavras são traduzidas por "cordeiro". A usada mais livremente, especialmente em Levítico e Números, refere-se ao cordeiro macho. O cordeiro pascal podia ser tanto um cordeiro como um cabrito (Êx 12.5), pois a palavra hebraica se aplica aos dois animais. O cordeiro, de forma bastante notável, aparecia entre os sacrifícios ordenados pela Lei. Era oferecido todos os dias (Êx29.38; Nm 28.3) e, especialmente, no sábado (Nm 28.9; cp. Ez 46.4,13;), na Páscoa (Êx12,5), no Pentecostes (Lv 23.18), na Festa dos Tabernáculos (Nm 29.13) e em outras ocasiões. No NT, há três palavras gregas traduzidas por "cordeiro". O cordeiro aparece como símbolo de inocência e importância no AT e no NT (Is 11.6; 53,7; cp. Lc 10.3; At 8.32). V. SACRIFÍCIO E CORDEIRO DE DEUS.

Cordeiro de Deus. A expressão ocorre somente duas vezes (Jo 1.29,36) e tem relação com Is 53.7 (cp. At 8.32). As palavras foram usadas por João quando a Páscoa se aproximava, sugerindo assim o sacrifício do cordeiro pascal (Êx 12.5; cp. Jo 19.36; 1Co 5.7; 1Pe 1.19). A expressão "cordeiro de Deus" transmite não só a ideia da inocência de Jesus, mas também de seu sofrimento vicário. Ele foi o cordeiro designado, pelo próprio Deus, para o sacrifício (Gn 22,8), e, em Apocalipse, o epíteto de cordeiro aplica-se 29 vezes a Jesus Cristo, e encontra-se a palavra grega correspondente somente em Apocalipse e em Jo 21.15. É uma forma diminutiva da palavra usada em Lc 10.3. V. EXPIAÇÃO.

Coré. 1. Um coreíta (1Cr 9.19; 26.1).

2. Um levita encarregado das ofertas voluntárias que se entregavam na porta oriental do templo (2Cr 31.14).

3. Em 1Cr 26.19, a expressão "filhos dos coreítas" deve referir-se aos filhos de Coré.

4. Um coatita que, por não estar satisfeito com a posição que tinha entre os filhos de Levi e por invejar a autoridade de seus primos, Moisés e Arão, revoltou-se contra estes junto com Datã, Abirão e Om e mais 250 dos principais levitas (Nm 16). Coré e seus partidários pereceram, pois o chão que pisavam abriu-se, e línguas de fogo saíram da terra (v. Jd 11).

coreítas. Os descendentes de Coré, ou Corá, que tinham escapado da catástrofe e que, como antes, continuaram a fazer o serviço no tabernáculo. Foram nomeados por Davi para o serviço do templo, e a missão deles era guardar as portas e cantar louvores ao Senhor (1Cr 9.19-31). Diversos salmos, cuja autoria liga-se ao nome de Coré, são atribuídos a eles. Mas não se sabe se os salmos foram compostos por eles, ou se foram compostos para serem cantados por eles. V. HEMÃ.

Coríntios, Epístolas aos. Como resultado dos trabalhos de Paulo e Apolo, formou-se, em Corinto uma numerosa e florescente igreja; e os doutrinadores eram ali estabelecidos para instruir os convertidos e garantir que os preceitos cristãos fossem regularmente observados.

Todavia, não muito depois, a paz dessa igreja foi perturbada por certas pessoas que procuravam enxertar naquele ramo do cristianismo os ensinamentos da filosofia humana. Esses indivíduos tentaram depreciar o apóstolo, descrevendo-o como pregador sem estilo e sem arte oratória e pondo até mesmo em dúvida sua autoridade apostólica. Além disso, sob o pretexto da liberdade cristã, defendiam a vida licenciosa de seus membros.

Esses ensinamentos resultaram em divisões e irregularidades, e, logo, a igreja decaiu de seu primeiro estado de fé e amor. O estado dos cristãos de Corinto, de fato, assemelhava-se muito ao daqueles que, em todas as épocas, abandonam os erros e as baixezas do paganismo. Com efeito, a santidade da vida cristã trabalha no interior dessas pessoas, mas duros conflitos surgem entre a verdade do novo caminho e os males firmemente estabelecidos. Essa era a situação da igreja de Corinto, e Paulo procurou trabalhar esse aspecto nas duas epístolas que dirigiu aos coríntios. *A primeira epístola* foi escrita de Éfeso, não muito depois de Paulo ter saído de Corinto. A data provável é o ano 57. Embora essa epístola seja denominada a primeira aos coríntios, evidentemente outra, que não chegou aos nossos dias, mas à qual se faz referência em 5.9, precedeu- a. Essa primeira carta ou foi concomitante a alguma outra, também dirigida aos coríntios, ou estes, depois de receber a de Paulo, escreveram-lhe, pedindo seus conselhos e instruções sobre alguns pontos (7.1). O objetivo da epístola era corrigir os males que prevaleciam entre os cristãos de Corinto, dos quais o apóstolo fora informado por alguns de seus membros (1.11; 5.1; 11.18). Tal espírito de desordem causou-lhe tanta preocupação que ele deliberou enviar a Corinto seu discípulo Timóteo (4.17; At 19.22). Os males que Paulo procurou corrigir eram os seguintes: divisão causada por espírito de partidarismo; inclinação à filosofia e imoralidade; os recursos aos tribunais gentílicos; a imodéstia feminina; a transformação da ceia do Senhor em uma ocasião de jovialidades; o abuso do dom de línguas; a negação da ressurreição de Jesus Cristo.

Os pontos acerca dos quais eles pediram instruções eram estes: o casamento; a circuncisão; a escravidão; o consumo de alimentos oferecidos em sacrifício aos ídolos; a coleta para os santos de Jerusalém. Paulo, à medida que expõe a boa doutrina, não deixa de instruir os cristãos sobre a aplicação dos mais altos princípios em todas as particularidades da vida pessoal ou da igreja. Os tópicos especiais da primeira epístola são: o evangelho como sabedoria de Deus (cap. 1—3); a supremacia do amor (cap. 13); a doutrina da ressurreição (cap. 15). Em nenhuma epístola do apóstolo se manifesta o seu próprio caráter de modo mais brilhante que nessa. A afirmação da sua autoridade apostólica é belamente apresentada com humildade e piedosa desconfiança de si mesmo (2.3; 9.16,27). Ele combina a fidelidade com a mais alta ternura (3.2; 4.14; 6.12), e quaisquer que sejam os seus dons, ele prefere o amor (13.1).

A segunda epístola. Paulo, não muito depois de ter escrito a primeira epístola, partiu de Éfeso e foi para Trôade. Aqui, ele esperava encontrar Tito (que ele enviara a Corinto), para informar-se do estado da igreja e do efeito produzido por sua primeira carta. Mas, não o encontrando, dirigiu-se para a Macedônia, onde sua ansiedade foi aliviada com a chegada de Tito. Paulo, por intermédio desse evangelista, soube que suas leais repreensões tinham despertado na alma dos cristãos de Corinto uma piedosa tristeza, levando-os a considerar proveitosa a boa disciplina da igreja. Mas, infelizmente, haviam-se manifestado sintomas de outra espécie. O partido que recebia orientação dos falsos mestres ainda diminuía a autoridade apostólica de Paulo,

desvirtuando suas intenções e conduta: faziam uso da primeira carta do apóstolo para levantar novas ações contra ele, pois afirmavam que ele não cumprira a promessa de voltar a Corinto e adotara uma maneira de escrever muito autoritária, procedimento incompatível, segundo eles, com a forma desprezível de sua pessoa e do seu modo de falar.

Em consequência disso, o apóstolo escreveu a segunda epístola com o fim de dar continuidade à sua obra de reforma, de afirmar ainda mais sua autoridade contra os falsos doutores e de preparar os coríntios para sua desejada visita, que ocorreria quando tudo estivesse em ordem e as prometidas contribuições para seus irmãos necessitados estivessem preparadas. Em nenhuma outra epístola, o coração de Paulo foi tão sensivelmente exposto como nessa. A linguagem de recomendação, amor e reconhecimento acha-se confundida com palavras de censura, indignação e desgosto. O principal objetivo da epístola foi animar e tranquilizar a parte mais sã dos membros da igreja, defendendo-os contra as tentativas dos falsos mestres que procuravam desviá-los do caminho do verdadeiro evangelho. Paulo estabelece sua autoridade apostólica e expõe, como credencial de sua missão, seus trabalhos e sofrimentos, os perigos que enfrentou e as revelações divinas que recebeu. Pode-se inferir que essa epístola produziu, em geral, bom efeito, graças à corrente de tranquilidade que perpassa a Epístola aos Romanos, escrita em Corinto, alguns meses depois, e ao fato de não se ter nenhuma informação em contrário. Essa epístola é nossa única fonte de informações para conhecimento de muitos pormenores da vida do apóstolo.

Corinto. Famosa cidade grega, edificada sobre o istmo que liga o Peloponeso ao continente, desfrutando assim o benefício de dois portos, o de Cencreia, a leste, e o de Léquio, a oeste. Recebe em um deles as ricas mercadorias da Ásia e, no outro, as da Itália e de outros países ocidentais. Em tempos muito antigos, foi um grande empório comercial, bem como terra de grande luxo e licenciosidade; ali prestava-se o culto à deusa Vênus, o qual era acompanhado de rituais desprezíveis. Em Corinto, o apóstolo Paulo escreveu a Epístola aos Romanos, em que faz uma preciosa descrição dos vícios dos pagãos (Rm 1.21-32). A verdadeira Corinto grega já não existia quando o apóstolo ali esteve, mas, antes, aquela cidade reedificada por Júlio César, a capital da província romana da Acaia. Ali, quando Cláudio era imperador, Paulo trabalhou na obra de evangelização por dezoito meses, no fim de sua segunda viagem missionária (At 18.1-18); ali foram escritas as duas epístolas aos tessalonicenses; há referências a seu trabalho nessa cidade em At 18.27; 19.1; 1Co 3.6. Foi à igreja de Corinto, composta de gentios e judeus convertidos (At 18.4-8; 2Co 1.1,23), que Paulo dirigiu duas epístolas, uma de Éfeso e a outra da Macedônia. Durante sua terceira viagem missionária, voltou à cidade, permanecendo, portanto, na Grécia por três meses (At 20.3); foi durante esse tempo que ele escreveu a Epístola aos Romanos. Ali residiam Estéfanas (1Co 1.16; 16.15,17), Crispo (At 18.8; 1Co 1.14), Gaio (Rm 16.23; 1Co 1.14) e Erasto (Rm 16.23; 2Tm 4.20).

Corinto não é hoje mais do que uma simples vila, situada no antigo local e com o mesmo nome, cuja corruptela, muitas vezes, é Gorto. Ali observam-se ainda algumas notáveis relíquias de seu antigo esplendor, como as ruínas do Posidônio, ou Santuário de Netuno, o campo dos jogos ístmicos onde Paulo foi buscar algumas de suas mais belas imagens, conforme lemos em 1e 2Coríntios e em outras epístolas. Essas ruínas compreendem o estádio, onde se efetuaram as

corridas pedestres (1Co 9.24). Na praia, há grande quantidade de pequenos pinheiros verdes, utilizados para fazer as coroas para os vitoriosos nesses jogos (1Co 9.25).

Cornélio. Centurião que prestava serviço em Cesareia e um dos primeiros que se converteu da religião pagã ao cristianismo (At 10). Cornélio e Simão Pedro tiveram visões celestiais que resultaram em um encontro entre eles. Simão Pedro disse: "Vós bem sabeis que é proibido a um judeu ajuntar-se ou mesmo aproximar-se a alguém de outra raça; mas Deus me demonstrou que a nenhum homem considerasse comum ou imundo". O apóstolo Pedro anunciou, a seguir, o evangelho a Cornélio, que recebeu favoravelmente as doutrinas de Cristo, e o Espírito Santo manifestou-se sobre aqueles que tinham ouvido a Palavra, isto é, Cornélio, seus parentes e seus amigos (At 10.24,44). A importância dada a esse acontecimento, narrado no cap. 11, mostra-nos que esse fato constitui uma época distinta na história da igreja. Cornélio, embora temesse a Deus e fosse muito afeiçoado ao judaísmo (10.2), era, contudo, incircunciso (11.3), não sendo, portanto, prosélito. Dessa maneira, seu batismo foi o primeiro passo importante para a admissão dos gentios ao cristianismo (11.18).

coro. A maior medida existente para coisas secas, equivalente ao hômer (TB), contendo cerca de 220 litros (1Rs 4.22; Ez 45.14; 2Cr 2.10; 27.5).

coroa. As coroas são constantemente mencionadas nas Escrituras e representam várias palavras com significados distintos. No AT, encontramos: a coroa ou a orla de ouro em volta dos ornamentos do tabernáculo (Êx25.11,24; 30.3); a coroa do sagrado ofício, que o sumo sacerdote punha na cabeça (Êx 29.6; v. 28.36,37); a usada pelo rei (2Sm 1.10); e, mais frequentemente, o diadema real (2Sm 12.30). Emprega-se, também, simbolicamente, tanto a coroa sagrada (Sl 89.39) como a real (Pv 12.4; 16.3l; 17.6). No NT, menciona-se o diadema real em Ap 12.3; 13.1; 19.12. Em outros trechos, há referências à coroa da vitória (1Co 9.25; 1Pe 5.4), ou da alegria festiva.

coroa de espinhos. Os soldados romanos puseram uma coroa de espinhos em nosso Senhor Jesus Cristo para, assim, escarnecerem do "Rei dos Judeus" (Mt 27.29 e textos paralelos). A planta de que se serviram pode ter sido o zízifo da Arábia, que tem muitos espinhos, possuindo, ao mesmo tempo, ramos muito flexíveis, que são facilmente entrelaçados.
O emprego da coroa de espinhos foi mais para escarnecer do que para torturar.

correia das sandálias. Tira de couro com que se prendia a sandália ao pé. Constava de duas correias. Uma delas passava entre o dedo polegar do pé e o segundo, e a outra em volta do calcanhar e sobre o peito do pé. Desatar as correias era tarefa reservada a um servo (Mc 1.7).

correio. Pessoa encarregada de levar correspondência, encomendas etc. (2Cr 30.6; Et 3.13,15; 8.10,14; Jó 9.25; Jr 51.31). Atribui-se, geralmente, aos persas o estabelecimento de correios regulares com substituições de corredores a pé ou a cavalo.
A rapidez com que as mensagens eram levadas a seu destino é quase inacreditável. Para que não houvesse nenhuma demora, os postilhões estavam autorizados a obrigar os homens ou animais a seu serviço a caminharem apressadamente. Às vezes, as mensagens também eram levadas de um local a outro pelas vozes de homens estacionados nos cumes dos montes.

corte. Entre os cananeus e povos vizinhos, a prática de raspar a cabeça e mutilar o corpo, um meio de tornar o espírito dos mortos propício, era corrente. A Lei proibia aos israelitas imitar esses gentios com tais atos (Lv 19.28). Os sacerdotes de Baal golpeavam-se com canivetes para

aplacarem seu deus (1Rs 18.28). Outro costume, também proibido, era o de tatuarem o corpo com a finalidade de mostrar sua submissão a uma divindade. Em Ap 13.16, faz-se evidentemente alusão a isso. Quando uma pessoa morria, considerava-se prova de afeição o rasgar a carne (Jr 16.6; 41.5; 48.37).

coruja, bufo. O grande bufo (ou coruja) da Palestina (Lv 11.17; Dt 14.16; Is 34.15) é a águia bufo do Egito, e essa espécie quase se limita ao Egito e à Palestina. É uma ave grande, com quase 60 cm de comprimento, que habita nas ruínas e nas regiões despovoadas do deserto. Neste, ela faz o ninho em tocas. O pequeno bufo da Palestina é muito comum nesses locais e é a ave favorita dos árabes. Segundo afirma H. Chichester Hart (*Animals of the Bible* [Animais da Bíblia]), ela "é considerada como uma espécie afortunada e amiga do homem. [...] Observa-se a presença dessa ave nas ruínas e nos grandes túmulos. Também é possível vê-la em volta das povoações e nos olivais, e, geralmente ao pôr do sol, é quase certo ouvir seu triste canto melodioso, qualquer que seja o lugar onde o viajante estenda sua tenda. Quando canta, curva-se de modo extraordinariamente esquisito e grotesco; e, por ser uma ave completamente dócil, consente em que se faça um apurado estudo de suas divertidas maneiras". O "pequeno bufo" da Palestina (Lv 11.17; Dt 14.16) tem relação estreita com o "pequeno bufo" da Europa, mas é menor e tem cor mais pálida (Sl 102.6; Is 34.15).

corvo. É a primeira ave mencionada pelo seu nome na Bíblia (Gn 8.7). Os corvos, por determinação de Deus, levaram alimento ao profeta Elias, junto ao ribeiro de Querite (1Rs 17.4,6). Em Pv 30.17, há uma referência a um costume bem conhecido do corvo, o de invariavelmente atacar primeiro os olhos dos animais pequenos ou doentes. O corvo é citado para explicar a providência de Deus com respeito a suas criaturas, visto que ele vive em lugares isolados, onde o alimento é muito escasso, mas, apesar disso, sempre encontra seu sustento (Jó 38.41; Sl 147.9; Lc 12.24). As aves da espécie do corvo são abundantes na Palestina: alimentam-se, normalmente, de animais mortos, e, por isso, eram consideradas animais imundos, e sua carne era alimento proibido (Lv 11.15; Dt 14.14).

corvo marinho. O termo hebraico em Lv 11.17 e Dt 14.17 implica uma ave mergulhadora que não parece ser o corvo marinho. É algum membro da família das andorinhas do mar.

Cós. Hoje, chama-se Stâncio, uma pequena ilha, afastada da costa da Cária, Ásia Menor, onde Paulo passou a noite quando voltava de sua terceira viagem missionária (At 21.1). Ficou célebre por suas fábricas de tecidos e seus vinhos, bem como pelo templo consagrado ao deus Esculápio, anexa ao qual havia uma escola de Medicina, com um museu de Anatomia e Patologia.

couraça. Uma veste de malha que cobria o corpo, tanto a frente quanto as costas. Constava de duas partes, unidas pelos lados (Jr 46.4; 51.3). Em Ap 9.9, faz-se referência a ela. Armadura para proteger a parte superior do corpo (Jó 41.26).

Cozeba. *Enganador*. Alguns descendentes de Selá, o filho de Judá, são chamados de "homens de Cozeba" (1Cr 4.22).

cozinhar. Geralmente a carne não fazia parte da alimentação dos judeus. Poucos animais eram mortos para esse fim, exceto em ocasiões de hospitalidade e festividade. A goela do animal — cabrito, cordeiro ou vitela — era cortada para que o sangue pudesse escorrer (Lv 7.26). Depois de esfolado, o animal estava pronto para ser assado ou cozido. Para assar, punha-se o animal inteiro na assadeira (Êx 12.46), sobre o fogão a lenha (Is 44.16) ou em um forno, que

nada mais era do que um buraco cavado na terra, bem aquecido, tendo por cima uma tampa. Para a carne cozida, empregava-se o sistema comum de cozinhar, sendo o animal cortado em pedaços, lançados em um caldeirão cheio de água ou leite (Êx 12.9; 23.19). Preparava- se, assim, essa refeição no fogão a lenha; removia-se, de quando em quando, a espuma que se formava na superfície, acrescentando-se, no devido tempo, sal e diversas especiarias. A carne e o caldo eram servidos separadamente (Jz 6.19), usando-se o caldo com pão asmo; havia, também, molho de manteiga, e embebiam-se bocados de pão nele (Dn 18.8). Servia-se comumente uma sopa de vegetais (Gn 25.29; 2Rs 4.38). Os utensílios necessários para cozinhar eram diversos: duas ou mais panelas (Lv 11.35); um caldeirão (1Sm 2.14); um garfo, ou fateixa, para pendurar a carne; um grande vaso de metal aberto, semelhante a uma caldeira de cozer peixe, que servia, também, para lavagens ou para pôr os alimentos que seriam consumidos (Êx16.3).

Creta. Uma das maiores ilhas do mar Mediterrâneo, igualmente distante da Europa, Ásia e África, mas sempre considerada parte da Europa. Era habitada por considerável número de judeus, alguns dos quais estavam em Jerusalém no célebre dia de Pentecostes (At 2.11); Paulo passou por essa ilha, do lado sul, em sua viagem para Roma (At 27.7—13.21); e, provavelmente, o mesmo apóstolo a visitou depois de sua primeira prisão em Roma (Tt 1.5); foi campo de trabalho de Tito, que ali recebeu a epístola de Paulo na qual seus habitantes são descritos como povo sem lei e imoral (Tt 1.10-13). Epimênides (600 a.C.), poeta desse povo, é citado contra eles (Tt 1.12). Tito foi muito venerado em Creta durante a Idade Média.

cretenses. Os habitantes de Creta (Tt 1.12; At 2.11).

cristal. No livro de Jó(28.17), declara-se que a sabedoria é mais preciosa do que o ouro e o cristal. Em Ez 1.22, essa palavra refere-se ao cristal de rocha. Em Ap 4.6 e 22.1, a palavra tem o sentido de gelo ou de cristal.

cristão. Essa palavra ocorre somente três vezes no NT (At 11.26; 26.28; 1Pe 4,16). Todas essas ocorrências sugerem que o nome era de origem e aplicação pagãs. Eram os cristianos, de onde o termo cristão se derivou. Observa-se a mesma formação na palavra "herodianos", que quer dizer partidários de Herodes, em Atos e nas Epístolas. Todos os que abraçavam as doutrinas de Jesus Cristo chamavam-se a si mesmos discípulos, irmãos, santos etc. O honroso título que, desde o século II, prevaleceu nas igrejas, e cujo sentido revela afeição e devoção específicas para com a santa pessoa de Jesus, parece dever sua origem a uma alcunha pagã. "Em Antioquia, foram os discípulos, pela primeira vez, chamados cristãos" (At 11.26). Em concordância com esse uso gentílico, temos o governador romano, Festo, que afasta a ideia de tornar-se cristão (At 26.28). Pedro diz que o crente, se for acusado de ser cristão nos tribunais romanos, não deve se envergonhar disso, mas, antes, considerar motivo para tributar glória a Deus (1Pe 4.16). Tácito, por volta do ano 116 d.C., ao escrever acerca da perseguição movida pelo imperador Nero (64 a 68), diz que grandes castigos foram infligidos àqueles "a quem a população chamava de cristãos". O escritor Cláudio também se refere aos que seguiam um tal Cristo, um nome de uso comum, cujo sentido era "amável". Os apologistas cristãos do século II aproveitaram-se dessa particularidade do sentido da palavra, acentuando esse caráter de gentileza e amabilidade, completamente desprovido de ofensa, para responder às acusações contra os discípulos de Jesus Cristo, considerados malfeitores pela população em geral.

Cristo. V. JESUS.

crocodilo. O crocodilo de Jó 41.1-34 é o que se encontra no Nilo, do Alto Egito, e ainda existe no Zerka, ou rio do Crocodilo, que nasce perto de Samaria e corre pela planície de Sarom. O crocodilo ataca principalmente o peixe, que ele persegue com vertiginosa velocidade, mas, às vezes, também se alimenta de qualquer animal que conseguir apanhar. O crocodilo era considerado animal sagrado entre os egípcios. Em Sl 104.25,26, não se faz referência ao crocodilo, mas a algum monstro da espécie da baleia; pois não há crocodilos no Mediterrâneo, o "mar vasto, imenso" da passagem. Em Jó3.8, parece haver uma alusão ao dragão mitológico que devora o Sol, quando há eclipse. Em Sl 74.14 e Is 27.1, usa-se o termo metaforicamente para referir-se ao Egito.

Crônicas, Os Livros das. O título do Primeiro e do Segundo Livro das Crônicas foi dado por Jerônimo. Anteriormente, os dois livros eram um só, denominado *Palavras dos dias*, incluído nos *Quetubins*, ou hagiógrafos. Na *Septuaginta*, são conhecidos pelo nome de *Omissões*, ou *Paralipômenos*, considerados como suplementos. Segundo a tradição judaica, Esdras é o autor de Crônicas, devendo observar-se que a conclusão do segundo livro é igual ao começo do livro de Esdras. Os dois livros de Crônicas, quando reunidos em um só, formavam um todo completo com o de Neemias. Esses livros que formam um todo, considerando-se o ponto de vista histórico e o método seguido na escolha de elementos, são também semelhantes. Não se pode determinar a data em que foram escritos. Se Esdras foi seu principal autor, houve, provavelmente, um acréscimo feito por outro escritor.

Deduz-se, evidentemente, com base nesses livros, que Crônicas são uma compilação de fontes anteriores, certamente de obras dos profetas. Esses documentos, algumas vezes, parecem ser citados literalmente (v. 2Cr 5.8; 8.8). Além disso, muitas passagens são idênticas, ou quase idênticas, a outras dos livros de Reis, o que revela que todos esses trechos foram extraídos dos mesmos anais. Os documentos a que se faz referência são os seguintes: 1. O livro dos Reis de Judá e Israel, 2Cr 16.11; 25.26; 28.26. A citação de Reis não provém dos livros canônicos, e isso fica evidente pelas alusões feitas a acontecimentos que não se acham registrados neles.

2. A história de Samuel, o vidente (1Cr 29.29),
3. A história de Natã, o profeta (1Cr 29.29).
4. A história de Gade, o vidente (1Cr 29.29).
5. A profecia de Aías, o silonita (2Cr 9.29).
6. A visão de Ido, o vidente (2Cr 9.29).
7. As histórias de Semaías, o profeta, e de Ido, o vidente (2Cr 12.15).
8. A história de Jeú, o filho de Hanani (2Cr 20.34).
9. O comentário ao Livro de Reis (2Cr 24.27).
10. Os atos de Uzias, por Isaías, o filho de Amoz (2Cr 26.22).
11. A visão de Isaías, o profeta, filho de Amoz (2Cr 32.32).
12. A história escrita por Hosai (2Cr 33.19). As matérias dos livros podem ser expostas da seguinte maneira: 1. O Primeiro Livro das Crônicas acha-se naturalmente dividido em duas partes: *Parte I*. Contém as genealogias, com breves narrações históricas, mostrando a descendência do povo de Israel de Adão até a época de Esdras. As genealogias de Adão até Jacó (1.1—2.2); os descendentes de Judá e suas residências (2.3-55); a família de Davi (cap. 3);

outros descendentes de Judá e também de Simeão, Rúben e Gade, bem como da meia tribo de Manassés, com sua colonização e notícias históricas (cap. 4 e 5); genealogias dos levitas e sacerdotes (cap. 6); os descendentes de Issacar, Benjamim, Naftali, da outra meia tribo de Manassés, de Efraim e de Aser, com algumas de suas possessões e notícias históricas (cap. 7); a genealogia de Benjamim até a época de Saul e os descendentes de Saul (cap. 8); lista das famílias que habitaram em Jerusalém (9.1-34); linhagem de Saul, repetida (9.34-44). *Parte II.* A segunda parte trata, principalmente, do reinado de Davi e relata estes fatos: a morte de Saul e de Jônatas (cap. 10); a subida de Davi ao trono e a tomada de Jerusalém; os homens valentes de Davi (cap. 11 e 12); a mudança da arca para a casa de Obede-Edom (cap. 13); o palácio de Davi, os filhos desse rei e suas vitórias (cap. 14); a arca é levada da casa de Obede- Edom para Jerusalém; os preparativos necessários para o culto divino (cap. 15 e 16); o desejo que Davi tem de edificar um templo e a mensagem que Deus lhe envia por meio de Natã (cap. 17); diversas vitórias alcançadas sobre os filisteus, os moabitas, os edomitas, os sírios e os amonitas (cap. 18—20); a numeração do povo, a peste que se seguiu a esse fato, bem como a extinção da epidemia (cap. 21); os preparativos de Davi para o templo (cap. 22); contagem dos levitas e sacerdotes e a divisão deles (cap. 23 e 24); os cantores e os músicos (cap. 25); funções dos porteiros, guardas do tesouro, oficiais e juízes (cap. 26); a ordem do exército; os príncipes e os oficiais (cap. 27); as últimas exortações de Davi; as ofertas dos príncipes e do povo para o templo; ação de graças e preces de Davi; e o princípio do reinado de Salomão (cap. 28 e 29).

O Segundo Livro das Crônicas pode, também, dividir-se em duas partes: *Parte I*. Trata da história do povo de Israel sob o governo de Salomão e relata estes fatos: os sacrifícios de Salomão em Gibeom, sua oração e sua escolha da sabedoria; suas riquezas e poder (cap. 1); a edificação, aprestos e ornamentos do templo (cap. 2—5); a oração de Salomão na dedicação do templo e a resposta de Deus (cap. 6 e 7); as edificações de Salomão, os oficiais e o comércio (cap. 8); a visita da rainha de Sabá; riquezas e grandezas de Salomão (cap. 9).

Parte II. Narra a história do reino de Judá, depois da separação das dez tribos; relata, também, a elevação de Roboão ao trono e a revolta das dez tribos (cap. 10); o governo de Roboão e seu êxito; sua degeneração e a invasão do rei do Egito (cap. 11 e 12); reinados de Abias e Asa (cap. 13—16); o bom reinado de Josafá (cap. 17—20); maus reinados de Jeorão e Acazias, e a usurpação de Atalia (cap. 21 e 22); reinado de Joás (cap. 23 e 24); reinados de Amazias, Uzias, Jotão e Acaz (cap. 25—28); o bom reinado de Ezequias e as reformas; Jerusalém é ameaçada por Senaqueribe e libertada por Deus (cap. 29—32); a maldade de Manassés, seu cativeiro e arrependimento, e o mau reinado de Amom (cap. 33); o bom reinado de Josias e seu zelo reformador (cap. 34 e 35); reinados de Jeoacaz, Jeoaquim e Joaquim, pai e filho, e Zedequias; destruição da cidade e do templo; cativeiro do povo (36.1-21); e, finalmente, a proclamação de Ciro, permitindo a volta dos judeus (36.22,23).

cronologia. Os hebreus não dividiam o tempo em horas. A noite era dividida em três vigílias. Mas no NT mencionam-se quatro delas (Mc 6.48; 13.35), e essa ideia, provavelmente, originou-se com os romanos. A semana correspondia a um período de sete dias, que terminava no sábado. Os dias da semana, a não ser o sábado, conforme parece, não tinham um nome específico. O dia correspondente à sexta-feira, porém, era denominado de "dia da preparação", isto é, a preparação para o sábado. Os meses eram rigorosamente lunares, e o ano de 12 meses tinha 354

dias; mas durante o exílio, e depois dele, um mês intercalar foi acrescentado, o ve-adar, com o fim de completar o ano solar de 365 dias com os 11dias que faltavam para isso. O dia da lua nova era guardado como dia de festa sagrada. O primeiro mês é chamado *abibe* ou *nisã*, "o mês das espigas de trigo", o período em que estas estavam tão crescidas que, no 16ª dia, o segundo dia da Festa dos Pães Asmos, era possível oferecer espigas já maduras. Isso fixa o princípio do ano em meados de março. Acredita-se que o ano patriarcal fosse de 360 dias. Nas passagens históricas, desde o êxodo até o tempo do cativeiro, o ano é lunar, com 354 dias. No princípio do ano, no primeiro dia do sétimo mês, havia uma santificação especial além da santificação ordinária da lua nova. Os antigos hebreus não dividiam o ano em estações precisas: há menção do verão e do inverno, como também das estações em relação com a agricultura, como a da sementeira e a da ceifa.

O ano sabático ocorria de sete em sete anos, como o sábado ocorre de sete em sete dias. Durante esse ano, não se cultivava a terra. Havia, também, remissão temporária ou total das dívidas. O ano sabático começava no sétimo mês. Após sete anos sabáticos, ou o espaço de quarenta e nove anos, guardava-se o quinquagésimo ano, o Ano do Jubileu. O jubileu chamava-se "o ano da trombeta", porque o início do ano era anunciado ao som da trombeta no Dia da Expiação. Era um ano privilegiado, pois nessa ocasião as dívidas eram perdoadas, as terras voltavam a seus primeiros donos, e os escravos ganhavam a liberdade. *Cronologia do AT*. Antes do estabelecimento do reino, a cronologia é matéria de debate.

1. Período da história dos reis.

Para esse período, a principal fonte de informações encontra-se nas listas que a Escritura apresenta dos reis de Israel e Judá, estabelecendo-se a comparação com os anais dos impérios que ele encerra. As dificuldades da averiguação aparecem, primeiramente, em razão de as duas séries de reinados diferirem na totalidade dos anos; e, na verdade, os reinados de Judá, desde a morte de Salomão até a queda de Samaria, abrangem, segundo parece, o espaço de duzentos e cinquenta e nove anos, ao passo que os de Israel, durante o mesmo período, não passam de duzentos e quarenta e um anos. Adotam-se diferentes interpretações para a explicação dessa divergência: uns acreditam que não foram registrados os intervalos de anarquia em Israel; outros salientam que, em Judá, houve exemplos da soberania associada, de forma que os mesmos anos foram contados ao pai e ao filho.

A segunda fonte de dificuldades ocasionais está no ajustamento dos anais das outras nações com a cronologia bíblica. Todavia, a despeito de aparentes discrepâncias, os resultados, de forma notável, confirmam e esclarecem o que se diz na Bíblia.

Os sincronismos da última parte desse período com conhecidas datas da história secular já tornam possível a indicação precisa da cronologia antes de Jesus Cristo. A causa de dificuldades circunstanciais, em especial, decorre de certas particularidades sobre a maneira de contar:

a) Historiadores judeus, por exemplo, falam de certo reinado que eles consideraram com duração de três anos, embora ele se estendesse por um ano e parte de dois. Ora, tanto podem ser dois anos e dez meses como um ano e dois meses.

b) Algumas vezes, eles fixam o principal número, omitindo o menor, como em Jz 20.35 (cf. v. 46).

c) Nas antigas monarquias, como acontecia muitas vezes, os pais governavam junto com os

filhos, e o tempo de reinado de cada um deles inclui, algumas vezes, parte do reinado do outro, mas outras vezes o exclui. Diz-se, por exemplo, que Jotão reinou dezesseis anos (2Rs 15.33); todavia, no v. 30, faz-se menção de seu vigésimo ano. Parece que ele reinou com Uzias, que era leproso, por quatro anos. (Cp. 2Rs 13.1-10; 24.8 com 2Cr 36.9.) De modo semelhante, é possível explicar Dn 1.1 e Jr 25.1: Quando Jerusalém foi cercada, Nabucodonosor era rei junto com seu pai.

d) Acontece também, com bastante frequência, a adoção de modos distintos de contagem em relação aos mesmos acontecimentos (v. Gn 15.13; Gl 3.17). Moisés menciona o período de quatrocentos anos entre o nascimento de Isaque e o êxodo, ao passo que Paulo menciona um lapso de quatrocentos e trinta anos entre o chamado de Abraão e a entrega da Lei no monte Sinai, fato este que ocorreu três meses depois do êxodo.

2. Do cativeiro ao nascimento de Cristo. O segundo período, compreendendo o tempo dos Profetas Posteriores, o encerramento do cânon do AT e o intervalo antes do nascimento de Cristo, está definitivamente determinado pelos anais das várias nações. Acerca dessa parte da cronologia, não há, positivamente, dúvida alguma. V. ISRAEL. *Eras cronológicas.* Deve-se acrescentar que, tendo em vista os sincronismos com a história profana no primeiro e segundo períodos, temos certas eras determinadas nos seguintes "cânones":

1) *Cânon assiríaco epônimo.* Quatro anais diferentes foram descobertos, os quais concordam, substancialmente, entre si, e as faltas de qualquer um deles são supridas pelos outros. Os anos são contados pelos nomes dos dignitários anualmente nomeados, desde 893 até 659 a.C. A data registrada de um eclipse total do Sol mencionado nesses anais (15 de junho de 763 a.C.) fornece a chave do resto.

2) *Era babilônica de Nabonassar:* 747 a.C. Nabonassar foi um rei da Babilônia, e não se sabe muito sobre ele, exceto que o celebrado *Cânon de Ptolomeu* (um astrônomo egípcio do século II da Era Cristã) teve início em seu reinado, e esse período estende-se de 747 a.C. até 137 d.C.

3) *As olimpíadas,* ou períodos de quatro anos, que eram contados pelos gregos a partir de cada celebração dos jogos olímpicos, começaram no ano 776 a.C.

4) O *ano da edificação de Roma* (*Annus Urbis Conditoe*), indicado, geralmente, pela abreviação A.U.C. (754—753 a.C.), é empregado nos cálculos romanos, como também o são os nomes dos cônsules de 509 a.C. a 476 d.C.

5) A *era selêucida* começa com a ocupação de Babilônia por Seleuco Nicator, depois da morte do filho de Alexandre, em 312 a.C.

6) *A Escritura*, raras vezes, especifica, em sua contagem de tempo, a época determinada. Há uma exceção, pois o profeta Ezequiel faz, constantemente, referência à data do cativeiro de Jeconias, 597 a.C. Todavia, o "trigésimo ano" do cap. 1, v. 1, pertence a um cálculo diferente e, talvez, refira-se à própria vida do profeta, ou, conforme já se conjecturou, à entronização de Nabopolassar, pai de Nabucodonosor, no ano 625 a.C.

Períodos de tempo que se iniciam em momentos distintos. As diversas épocas anteriormente mencionadas iniciam-se em meses e dias diferentes: o ano assírio começa (como o judaico) na lua nova antes do equinócio da primavera; a era de Nabonassar, em 26 de fevereiro; as olimpíadas, por volta de 1º de julho, no dia da lua cheia que se segue ao solstício de verão; o A.U.C., em 21 de abril; e a era selêucida, no dia 1º de setembro. Na comparação das diversas

cronologias, deve-se ter em mente esses dados. *Cronologia do NT*. Essa cronologia está fixada por algumas datas importantes, e as listas consulares do Império Romano são um guia exato. É preciso observar que o "ano do nascimento de Jesus Cristo", o fato que se convencionou para a determinação das datas a.C. e d.C., é apenas uma aproximação. Esse ano foi fixado pelos cálculos de Dionísio, o Pequeno, monge romano do tempo do imperador Justiniano, como o ano 753 da fundação de Roma (v. antes). Mas, se Jesus nasceu antes da morte de Herodes, o Grande (750, A.U.C.), o cálculo, evidentemente, está errado em três anos pelo menos; e, embora não se possa ter certeza com respeito ao tempo exato do nascimento de Cristo, o fato provavelmente ocorreu por volta do ano 749 A.U.C., isto é, no ano 4 ou 5 a.C. Na verdade, a questão não é importante, e, por isso, o que foi estabelecido será, certamente, sempre conservado. O NT faz poucas menções diretas à cronologia. As especificadas têm, principalmente, alguma relação com os anais romanos.
I. Lucas 3.1: "No décimo quinto ano do reinado de Tibério César", isto é, a contar do tempo em que, no governo do império, Tibério estava associado a Augusto (765 A.U.C.). Isso faz que a data do ministério de João seja 780 A.U.C. ou 27 d.C. Nessa mesma época, Jesus tinha 30 anos (Lc 3.23). Por conseguinte, deveria ter aproximadamente 33 anos quando foi crucificado, fato que, pelas razões indicadas, é geralmente fixado no ano 30 (d.C.).
II. João 2.20: "quarenta e seis anos", a contar do tempo em que Herodes empreendeu a restauração do templo. Essa obra, segundo Josefo, começou no 18º ano do reinado de Herodes, ou 19 a.C., vindo a ser o ano 27 ou 28 d.C. a data especificada no texto.
III. Atos 12.23: A morte de Herodes Agripa foi em 44 d.C. Essa data é útil, porque lança luz sobre o ano em que se deu a conversão do apóstolo Paulo.
IV. A elevação de Nero, o César a que se refere At 25.8,12, ao trono imperial foi em 54 d.C.
V. Atos 24.27: A nomeação de Festo, sucessor de Félix, para o cargo de procurador da Judeia, foi no ano 60 d.C. VI. A grande perseguição de Nero teve início em 64 d. C, três ou quatro anos depois da chegada de Paulo a Roma e cerca de dois anos depois de seu primeiro julgamento e absolvição. Durante esses dois anos, é provável que o apóstolo tenha iniciado uma última e extensa viagem missionária. Com o auxílio das datas mencionadas, é possível construir uma cronologia do NT, tão certa quanto possível, em sua relação com a história universal. (V. os artigos sobre os livros da Bíblia, procurando os respectivos títulos.)

cruz. A crucificação era um método romano de execução, primeiramente reservado a escravos. Nesse ato, combinavam-se os elementos de vergonha e tortura, e, por isso, esse processo de justiçar os réus era considerado com o mais profundo horror. O castigo da crucificação começava com a flagelação, depois de o criminoso ter sido despojado de suas vestes. No açoite, os soldados, muitas vezes, fixavam pregos, pedaços de osso e coisas semelhantes, e a tortura do açoitamento, às vezes, era tão forte que o flagelado morria em consequência dos açoites. Geralmente, a flagelação era efetuada com o réu preso a uma coluna. No caso de Jesus, esse castigo infligido parece ter sido brando, antes da sentença, com a finalidade de provocar a compaixão e conseguir a libertação do acusado (Lc 23.22; Jo 19.1). Colocava-se, em geral, uma inscrição acima da cabeça da pessoa (Mt 27.37; Mc 15.26; Lc 23.38; Jo 19.19), a qual, em poucas palavras, exprimia seu crime. O criminoso levava sua cruz ao lugar da execução. Jesus Cristo foi pregado na cruz, mas, algumas vezes, o condenado era apenas atado a esse

instrumento de suplício, e, certamente, este último processo era considerado o mais penoso, uma vez que a agonia do criminoso era extraordinariamente prolongada. Entre os judeus, algumas vezes, o corpo de um criminoso era dependurado em uma árvore; mas não podia ficar ali durante a noite, porque era "maldito de Deus" e contaminaria a terra (Dt 21.22,23). Paulo, em Gl 3.13, aplica essa passagem a Jesus, e é possível encontrar ecos dela em At 5.30 e 10.39.

cubo. 1Rs 7.33: cubo da roda é a peça no qual o eixo se encaixa e de onde saem os raios para as pinas.

cumprir. No NT, a expressão "para se cumprir", ou "para que se cumprisse", ocorre várias vezes (Mt 2.15,17,23; 8.17; 12.17). Isso, geralmente, não quer dizer que as pessoas que tomavam parte no acontecimento soubessem que estavam cumprindo uma profecia. Na realidade, o sentido, na maioria dos casos, deve ser este: neste acontecimento, verificou-se o que foi dito pelo profeta...

Cuxe. 1. Filho de Cam, neto de Noé, e pai de Ninrode (Gn 10.6,8). De modo geral, emprega-se o nome como termo geográfico e étnico para referir-se ao país (Is 11.11) e ao povo da Etiópia, o sentido usual no AT. Situada na África Oriental, a Etiópia compreendia a região do alto Nilo, o Sudão, a Núbia, com o Cordofão, o Senaar e a Abissínia do Norte. Segundo afirma o professor Sayce, "em sua maior parte, essa região era habitada pela raça branca, cujas características físicas manifestam sua ligação com os egípcios. Mas essa raça encontrava-se no vale meridional do Nilo e estava em contato com duas raças de pele escura, a negra e a dos núbios". 2. Um benjamita mencionado no título em Sl 7, mas desconhecido.

Cuza. Era o procurador de Herodes Antipas, e Joana, sua esposa, uma das mulheres que acompanhavam Jesus e seus discípulos (Lc 8.3). Ela estava com as mulheres que, bem cedo, dirigiram-se ao sepulcro na manhã da ressurreição (Lc 24.10).

D

Dã. 1. Quinto filho de Jacó e o primeiro de Bila (Gn 30.6). Nada sabemos a respeito de sua vida pessoal. Quando, no deserto do Sinai, fez-se a contagem do povo, a tribo de Dã tinha 62.700 homens que podiam trabalhar, e esse número foi apenas superado por Judá. A porção da terra prometida que fora marcada para possessão dessa tribo era a menor das 12, mas tinha eminentes vantagens naturais. Estendia-se desde Jafo, posteriormente denominada de Jope (agora, conhecida por Jafa), ao norte, até Ecrom e Gate-Rimom, ao sul, e compreendia uma das regiões mais férteis de toda a Palestina. Entretanto, a posse desse território foi disputada primeiramente pelos amorreus e, depois, pelos filisteus, que obrigaram os danitas a deixar os campos de trigo da planície, com seu terreno preto. Assim, os danitas procuraram as povoações que cercam as terras baixas e cujas ruínas ainda coroam os montes. Em consequência disso, os danitas passaram a procurar outra herança no país de Laís (Jz 18). Desse modo, em sua rica possessão do Norte, os danitas puderam usufruir do repouso que lhes fora negado em sua antiga possessão. Depois do tempo de Davi, o nome de Dã, aplicado a uma tribo, é esquecido aos poucos. Sansão pertencia à tribo de Dã. Digno de nota é a omissão do nome de Dã na lista de Apocalipse (cap. 7). Talvez a razão para isso seja o fato de que, conforme se supõe, o anticristo viria dessa tribo.

2. A cidade bem conhecida e que se tornou muito familiar, pois era a mais setentrional baliza da Palestina, na popular expressão "de Dã até Berseba". Está situada perto da principal nascente do Jordão e, nos primórdios, chamava-se Laís ou Lesém (Js 19.47). O nome Dã surgiu após a conquista da cidade pelos danitas (Jz 18); foi lugar de culto idólatra (Jz 18.29, 30; 1Rs 12.29,30; 2Rs 10.29; Am 8.14); e foi devastada por Ben-Hadade (1Rs 15.20; 2Cr 16.4). Dã era uma cidade antiquíssima e já tinha grande reputação no tempo de Abraão (Gn 14.14). Sem dúvida, essa passagem, em sua primeira redação, registrara o nome antigo de Laís, e o novo nome foi inserido mais tarde no manuscrito. É identificada com a moderna povoação de Tell-el-Kady, "a barreira do juiz", cujo longo topo horizontal está coberto de ruínas. A nascente que brota junto à barreira chama-se El-Leddan, e Nahr ed-Dan é o rio que nasce ali.

Dagom. O deus nacional dos filisteus. Havia templos consagrados ao deus Dagom em Gaza e Asdode (Jz 16.21-30; 1Sm 5.5,6; 1Cr 10.10). Dagom era deus da agricultura. Essa é a razão pela qual os filisteus enviaram, ao Deus de Israel, cinco ratinhos de ouro, semelhantes aos do campo, como sacrifício expiatório pelo pecado; o rato do campo simbolizava, talvez, aquele Deus que castigara os adoradores de Dagom. Há, provavelmente, alguma relação com o fato de a praga, em sua origem, ser uma doença de rato.

Dã-Jaã. Lugar situado a noroeste do reino de Davi, o qual foi visitado por Joabe para a contagem do povo (2Sm 24.6). Talvez possa ser identificado com Damã, cujas ruínas se veem a 6 km ao norte de Aczibe.

Dalila. *Terna* (?). Uma mulher proveniente de Soreque, na Filístia, a quem Sansão amava. Foi por instigação de Dalila que os filisteus puderam conhecer o segredo da força desse afamado israelita (Jz 16.4-18). Ela recebeu, pela sua traição, a importância de 5.500 peças de prata.

Dalmácia. Região montanhosa na costa oriental do mar Adriático, parte da província romana do Ilírico, para onde Tito foi enviado (2Tm 4.10). O próprio apóstolo Paulo pregara o evangelho

nas terras circunvizinhas (Rm 15.19). Passou a ser o nome de uma província só depois do ano 70 d.C.

Dâmaris. *Bezerra.* Mulher que se converteu com as pregações de Paulo em Atenas (At 17.34). Provavelmente, não era uma mulher da nobreza ateniense, pois as mulheres nobres não compareceriam ao auditório em que Paulo pregava.

Damasco. A mais importante e uma das mais antigas cidades da Síria, situada em uma planície fértil, quase circular, com 48 km de diâmetro; é banhada pelo Barada e o Awaj (Abana e Farfar). Fica a 218 km a nordeste de Jerusalém. Por séculos, foi um centro comercial (Ez 27.18; 47.16-18). Já era conhecida no tempo de Abraão, a terra natal de seu mordomo Eliezer (Gn 14.15; 15.2). A não ser pelo curto período de tempo em que esteve sujeita a Davi e a Salomão, essa cidade era a capital do reino independente da Síria, e sua história está estreitamente ligada com essa nação. O rei Davi conquistou a cidade de Damasco, obrigando-a a pagar tributo (2Sm 8.5,6; 1Cr 18.5-7); mas ela, durante o reinado de Salomão, foi retomada por Rezom, um guerreiro (1Rs 11.23-25). Ben-Hadade I, rei da Síria, ao ser subornado por Asa, rei de Judá, quebrou sua aliança com Baasa e invadiu o reino de Israel (1Rs 15.18-20; 2Cr 16.2-4), e a guerra com os israelitas continuou na época de Onri (1Rs 20.34). Ben-Hadade II, no tempo do rei Acabe, cercou Samaria, mas sem sucesso; posteriormente, tentou, mais uma vez, conquistá-la, mas foi rechaçado; contudo, dessa vez, firmou uma aliança com Acabe (1Rs 20.1-34). Três anos mais tarde, entraram de novo em guerra, e Acabe foi derrotado e morto (1Rs 22.1,37). O general Naamã foi enviado de Damasco a Samaria para curar-se da lepra (2Rs 5). A cidade de Samaria foi cercada pela segunda vez por Ben-Hadade, mas em vão (2Rs 6.24). Hazael foi visitado por Eliseu em Damasco, que profetizou que ele seria o sucessor de Ben-Hadade (2Rs 8.7-15). Esse mesmo Hazael foi derrotado pelos assírios, mas alcançou vitória contra Jorão e Acazias (2Rs 8.28,29). Os sírios, no reinado de Jeú, assolaram a terra de Israel a leste do Jordão (2Rs 10.32,33; Am 1.3-5); cercaram e tomaram Gate (2Rs 12.17; Am 6.2); ameaçaram Jerusalém (2Rs 12.18; 2Cr 24.23); e, no reinado de Jeoacaz, oprimiram Israel (2Rs 13.3-7,22). Ben-Hadade III foi também um rei opressor; mas perdeu as cidades que Hazael conquistara (2Rs 13.25), e Jeoás saiu vitorioso conforme Eliseu previra (2Rs 13.14-19); também Jeroboão atacou a cidade de Damasco (2Rs 14.28). Rezim, junto com Peca, rei de Israel, atacou Jerusalém, mas não foi bem-sucedido, embora tenha levado numerosos cativos e recuperado Elate (2Rs 16.5,6; 2Cr 28.5; Is 7.1-9). Tiglate-Pileser, rei da Assíria, instigado por Acaz, tomou Damasco, matou Rezim e transportou os habitantes dessa cidade para Quir, conforme Amós profetizara; e, desse modo, o reino de Damasco terminou (2Rs 16.9-12; Is 17.1-3; Jr 49.23-27; Am 1.5).

Nos tempos do NT, Damasco fazia parte do reino de Aretas, um árabe que conservava seu poder, embora sujeito aos romanos (2Co 11.32). Foi perto dessa cidade que se deu a conversão de Paulo (At 9). Damasco desfrutou prosperidade comercial, quase sem interrupção, e ainda hoje é uma cidade próspera. A planície produz nozes, romãs, figos, ameixas, damascos, limões, pêras e maçãs; e, nos arredores dela, existem vinhas famosas. Em todos os tempos, o trânsito por Damasco foi mais lucrativo do que seu comércio direto. As caravanas entre o Egito e a Síria, bem como as entre Tiro, Assíria e o Oriente, geralmente passavam por Damasco. V. BEN-HADADE E HAZAEL.

dança. As mulheres hebreias exprimiam seus sentimentos por meio de dança; e, quando o marido e as pessoas amigas voltavam a suas casas, após combater pela vida e pela pátria, elas saíam ao encontro deles com danças de triunfo (Êx 15.20; Jz 11.34). Em Jr 31.13, mencionam-se jovens dançando com pessoas idosas. A particularidade do procedimento de Davi, já mencionado anteriormente, quando ele "dançava com todas as suas forças diante do Senhor" (2Sm 6.14), tem esta explicação: a dança, segundo o costume, deveria ter sido dirigida por Mical, que, com as suas donzelas, haveria de receber os conquistadores. É certo, porém, que, entre as nações semíticas, as danças sagradas eram observadas tanto por homens como por mulheres. Mical considerava indigno e indecoroso que o rei de Israel se despojasse das vestes de seu real ofício. No caso dos sacerdotes de Baal, trata-se, provavelmente, de uma dança aos saltos (1Rs 18.26). Em Ct 6.10, "formidável como um exército com bandeiras" pode significar uma dança de espada, efetuada pela noiva. A dança mencionada em Sl 149.3 e 150.4 era ao som da gaita pastoril ou de qualquer outro instrumento de sopro. Em nenhum dos exemplos citados, os homens dançam com mulheres. A dança que as moças executavam era, muitas vezes, licenciosa, como, provavelmente, a de Salomé (Mc 6.22).

Daniel. *Deus é meu Juiz.* 1. Segundo filho de Davi, nascido em Hebrom, de Abigail, a carmelita (1Cr 3.1). Mas, em 2Sm 3.3, seu nome é Quileabe.

2. O profeta Daniel, de cuja vida pouco se sabe, a não ser o que foi relatado no livro que leva seu nome (V. DANIEL, LIVRO DE). Ele não foi sacerdote, como Jeremias e Ezequiel; mas era como Isaías, da tribo de Judá, e provavelmente membro da família real (1.3-6). Foi levado para Babilônia, quando ainda jovem (1.4), no terceiro ano de Jeoaquim (605 a.C.), oito anos antes de Ezequiel. Quando chegou à Babilônia, foi designado para servir na corte de Nabucodonosor; ali se tornou conhecedor da ciência dos caldeus, alcançando uma sabedoria superior deles.

O primeiro acontecimento que tornou Daniel conhecido, e que lhe deu grande influência, foi o de ter revelado e explicado o sonho de Nabucodonosor. Esse fato ocorreu no segundo ano do reinado exclusivo desse monarca, isto é, em 603 a.C. Depois disso, seus companheiros, miraculosamente, escaparam à morte na fornalha de fogo em que foram lançados por se recusarem a prestar culto a uma imagem. Nabucodonosor, alguns anos mais tarde, teve seu segundo sonho. Os acontecimentos registrados no cap. 5 do livro de Daniel, isto é, o banquete de Belsazar e as palavras escritas na parede, aparentemente ocorreram no ano 538 a.C., no final do reinado de Nabonido, representado na Babilônia por seu filho Belsazar. Naquela noite, o jovem príncipe (que tinha a denominação de "rei") foi assassinado, e a dinastia, mudada. Nabucodonosor elevara Daniel a uma alta posição, e ele ocupou lugar honroso, embora não de forma contínua, durante o governo da dinastia babilônica e da persa. No reinado de Dario, ele foi lançado em uma cova de leões em virtude de sua fidelidade para com o Deus de Moisés, mas miraculosamente salvo. Ele profetizou durante o cativeiro (1.21), e sua última profecia foi revelada dois anos mais tarde, no terceiro ano do reinado de Ciro (10.1). Foi um modelo de fidelidade ao Senhor, mesmo em uma terra estrangeira. Ezequiel menciona Daniel, além de Noé e Jó, como homem justo (14.14,20) e dotado de especial sabedoria (28.3). Se esse Daniel for o mesmo que foi levado cativo para a Babilônia, é muito notável o fato de um jovem, contemporâneo do profeta, ser incluído na mesma classe de grandes homens da Antiguidade.

Jesus Cristo cita-o como profeta (Mt 24.15). 3. Um descendente de Itamar que voltou do exílio com Esdras (Ef 8.2) e que selou a "aliança fiel" estabelecida por Neemias (Ne 10.6).

Daniel, O Livro de. *Conteúdo.* O livro é dividido em duas partes: (I) a histórica (cap. 1—6), e (II) a profética (cap. 7—12). Na primeira parte, menciona-se Daniel na terceira pessoa; na segunda parte (com exceção das notícias preliminares, 7.1—10.1), ele próprio é o narrador. (I) Daniel e seus companheiros na corte de Nabucodonosor (cap. 1); o sonho do rei com a grande estátua, simbolizando quatro reinos (cap. 2); a fornalha de fogo (cap. 3); o sonho de Nabucodonosor com a grande árvore, cuja destruição representava a loucura do imperador, em que este seria "expulso de entre os homens, e a [...] morada [dele seria] com os animais do campo" (cap. 4); o banquete de Belsazar (cap. 5); Daniel na cova dos leões (cap. 6). (II) Visão dos quatro grandes animais que subiam do mar; o juízo diante do "Ancião de dias" e a entrega do reino a "um como o Filho do homem" (cap. 7); visão do carneiro com dois chifres ferido pelo bode que tinha apenas um chifre insigne entre os olhos; quando esse chifre se quebrou, dele saíram quatro outros chifres e, de um deles, um chifre muito pequeno que se tornou grande e perseguiu os santos (cap. 8); a Daniel, é dada a compreensão da profecia de Jeremias (Jr 25.12; 29.10) quanto aos setenta anos das "idolatrias" de Jerusalém (cap. 9); Daniel, depois do jejum e do luto, teve ainda outras visões (cap. 10—12).

A interpretação das visões é motivo de viva controvérsia. O anjo Gabriel explica a visão do cap. 8, e sua aplicação histórica torna-se um assunto simples. O império dos persas, estabelecido por Ciro, durou de 538 a 333 a.C., quando, na batalha de Issus, foi destruído por Alexandre, o Grande. Este conquistador (simbolizado pelo chifre quebrado), que havia estabelecido domínio quase universal, morreu aos 32 anos de idade (em 333). Por não ter deixado herdeiros, seu grande império foi repartido entre seus generais. Depois de vinte anos de rivalidades e lutas, estabeleceram- se quatro reinos: Macedônia e Grécia, Trácia e Bitínia, Egito e Síria, e a parte oriental, com a Babilônia, foi dada a Seleuco. Por essa razão, a Judeia viveu sob o governo dos reis selêucidas, dos quais Antíoco Epifânio foi o nono (175 a 164 a.C.), representado na profecia pelo "pequeno chifre". As perseguições aos judeus empreendidas por ele resultaram em uma revolta, chefiada por Judas Macabeu, e na reconsagração do templo (em 165 a.C.), cerca de três anos depois de sua profanação. Antíoco morreu alguns meses depois. Portanto, é possível deduzir que, como a clara predição do cap. 8 se acha repetida e desenvolvida na parte restante do livro, antecipa-se ele nas profecias do mesmo gênero, embora sejam mais obscuras, dos cap. 7 e 2, e que os reinos da Média, Pérsia e Grécia estão também compreendidos nos quatro simbolizados pelos animais e pela estátua. Além disso, o primeiro dos quatro reinos é o do próprio Nabucodonosor, isto é, a Babilônia (2.38).

A partir desse ponto, os estudiosos discordam quanto aos detalhes. A Média e a Pérsia são um só império, fundado por Ciro, simbolizado pelo carneiro com dois chifres, um mais comprido e o outro mais curto? Se for assim, a Grécia é o terceiro, e o quarto, naturalmente, refere-se ao Império Romano, pois o império fundado por Alexandre, o Grande, passou para o domínio romano. Dessa interpretação, derivam diversas outras interpretações a respeito dos dez reinos (os dedos dos pés da estátua, cap. 2, e os chifres do quarto animal, cap. 7), em que havia de se dividir o Império Romano. Muitas vezes, identifica-se também o pequeno chifre, em 7.8,20,21,25, com o papado.

A interpretação do quarto reino está em estreita relação com a controvérsia que diz respeito à data e autoria do livro. Se, em conformidade com a tradição dos judeus e da Igreja cristã, o livro foi escrito por Daniel, na Babilônia, então não somente é certa a historicidade dos cap. 1a 6, mas também são maravilhosas as predições concernentes a Antíoco Epifânio, anunciadas quatro séculos antes do acontecimento. Várias razões favorecem essa data: (1) *O livro pertence ao cânon.* Ele foi recebido como Escritura Sagrada no tempo dos macabeus (v. 1Macabeus 2.59,60); e, conforme afirma Flávio Josefo, suas profecias foram apresentadas a Alexandre, o Grande, na ocasião de sua chegada a Jerusalém (Ant., XI, 8.5). O livro está na *Septuaginta*, cuja tradução iniciou-se por volta do ano 280 a.C. (2) *O testemunho de Jesus Cristo* (Mt 24.15). (3) *O testemunho da Igreja cristã.* Porfírio, um escritor pagão (233 a 302 d.C.), atacou, pela primeira vez, as qualidades proféticas de Daniel, e Jerônimo tratou das objeções levantadas por ele. (4) *Os pormenores e colorido da narrativa* impressionam-nos de tal maneira que somos levados a julgar esse livro como obra de um contemporâneo. Todavia, o valor religioso do livro, a revelação do plano de Deus, a promessa da vinda de Cristo e todas as lições morais e espirituais que a igreja, em todos os tempos, recebe por meio de suas páginas devem ser considerados independentemente de qualquer conclusão sobre o tempo em que foi escrito e a respeito de seu autor.

dardo. "Dardos inflamados" (Ef 6.16) são setas, ou outras armas de arremesso, lançadas em chamas ou que têm em si qualquer material combustível.

Dario. Três reis com esse nome são mencionados no AT: 1. Dario, o medo, que, no governo da Babilônia, sucedeu o rei Belsazar. Nessa ocasião, ele tinha 62 anos de idade (Dn 5.31ss). Foi ele quem escolheu Daniel para ser um dos três presidentes colocados à frente de 120 sátrapas; e, depois do miraculoso livramento do próprio Daniel na cova dos leões, publicou um decreto ordenando reverência ao Deus de Daniel em todos os domínios de seu império. Acha-se, comumente, identificado com Gobrias, governador da Média, que operou como representante de Ciro na tomada da Babilônia.

2. Dario, filho de Histaspes, que foi proclamado rei do vasto império da Pérsia no ano 521 a.C. Foi um dos maiores generais da Antiguidade. Ele conduziu seus vitoriosos soldados para aquém dos Bálcãs e ao longo da costa setentrional da África; e, no lado oriental, chegou até as planícies do Indo. Tentou, também, conquistar a Grécia, mas a derrota dos persas foi espantosa na batalha de Maratona (490 a.C.), uma das mais decisivas na história da humanidade. Durante os trinta e seis anos de seu reinado, ele firmou e estendeu o reino, fundado por Ciro. Os judeus viveram em prosperidade durante o reinado de Dario, e, graças à boa vontade dele, a restauração do templo continuou até que fosse terminada (Ed 6.15).

3. Dario, o persa (Ne 12.22), provavelmente Codomano, o último rei da Pérsia, aniquilado por Alexandre, o Grande, em 330 a.C.

Davi. *Amado* (?). O segundo e o mais ilustre dos reis de Israel. Era filho caçula de Jessé, bisneto de Rute, e nasceu em Belém. Davi, em sua mocidade, foi pastor, ocupação que nos países orientais era geralmente exercida pelos escravos, pelas mulheres ou pelos íntimos da família. Apesar disso, ele foi ungido por Samuel para ser rei de Israel. Como era hábil tocador de harpa, foi chamado por Saul com o fim de suavizar a melancolia do infeliz monarca (1Sm 16). O lugar do encontro de Davi com Golias foi Efes-Damim (1Sm 17), localizado entre os montes da parte ocidental de

Judá; e o ribeiro que corria entre os dois exércitos era o Elá, ou o Terebinto, que hoje é o uádi conhecido como Es-Sunt. A fama que Davi adquiriu pelo fato de ter vencido o gigante levou-o a casar-se com Mical, filha do rei, como também foi a causa dos maliciosos ciúmes que Saul sentia do jovem guerreiro. Todavia, o rei nomeou Davi capitão de sua guarda real, posição somente inferior à de Abner, o general do exército, e de Jônatas, o provável herdeiro do trono. Davi e Jônatas vieram a ser grandes e dedicados amigos, mas a louca inveja e os maus intentos do rei Saul arrastaram, por fim, Davi para o exílio. Ele, primeiramente, buscou acolhida com o sacerdote Aimeleque, mas depois refugiou-se na corte de Aquis, o filisteu monarca de Gate, e, dali, livrou-se, ao fingir-se de louco (1Sm 19—21). Davi, após retirar-se de Gate, escondeu-se na caverna de Adulão, mas, depois, foi para uma fortaleza perto de En-Gedi; e, posteriormente, apareceu no bosque de Herete, ao sul de Judá. Aqui, um grupo de homens dedicados, que de boa vontade compartilhavam os perigos que Davi enfrentava, reuniu-se a ele. É verdade que tomar o partido de Davi era perigoso, o que ficou notório pelo assassinato de Aimeleque e dos sacerdotes, perpetrado por Doegue, o idumeu, a mando de Saul (1Sm 22). Os amigos de Davi entraram na cidade fortificada de Queila, e Saul esperava apanhá-los ali de surpresa (1Sm 23). Em contraste com a furiosa perseguição movida contra Davi, evidencia-se a cavalheiresca atenção do fugitivo para com "o ungido do Senhor", como quando ele poupou a vida de Saul no deserto de En-Gedi (1Sm 24) e no deserto de Zife (1Sm 26). Abigail, no caso do insensato Nabal, apelou a essa nobre disposição de caráter (1Sm 25). Por algum tempo, Davi abrigou-se dessa perseguição com Aquis, rei de Gate, e, depois, Saul não o procurou mais (1Sm 27.4). Na ausência de Davi, Ziclague foi tomada e incendiada pelos amalequitas; mas ele perseguiu os invasores, derrotou-os e assim pôde livrar do cativeiro muitas pessoas, entre as quais suas próprias esposas (1Sm 30). Depois da desastrosa batalha de Gilboa (1Sm 31), Davi proferiu uma tocante lamentação a respeito de Saul e Jônatas (2Sm 1). Davi, a seguir, veio a ser rei de Judá; foi ungido em Hebrom (2Sm 2) e reinou ali por mais de sete anos. Houve uma guerra prolongada entre a casa de Saul e a casa de Davi (2Sm 3.1). No entanto, depois do assassinato de Isbosete, filho de Saul (2Sm 4), ato que foi fortemente reprovado por Davi, este tornou-se rei de todo o povo de Israel (2Sm 5). A seguir, quis conquistar uma fortaleza, a única que resistira às forças do povo escolhido naquela terra. Por meio de um ataque-surpresa, a cidade de Jebus foi tomada e passou a ser conhecida por seu antigo nome, Jerusalém, como também pelo nome de Sião (2Sm 5). Essa cidade foi grandemente fortificada, tornando-se a capital do reino. A arca foi transportada com grande solenidade de Quiriate-Jearim para lá, onde se construiu uma nova tenda ou tabernáculo para recebê-la (2Sm 6). A prosperidade continuou a estimular as armas de Davi; mas, no meio de tantos triunfos, quando seu exército estava cercando Rabá, ele caiu nas profundezas do pecado, planejando a morte de Urias, depois de ter cometido adultério com Bate-Seba (2Sm 11). Convencido de sua grave falta, arrependeu- se, implorando pela misericórdia do Senhor, e foi perdoado; mas, pelo resto da vida, questões de família o amarguraram. Absalão, seu filho muito amado, revoltou-se contra ele, e Davi, por algum tempo, teve de exilar-se; mas, por fim, esse filho ingrato e revoltado, que tanto martirizou seu pai, morreu (2Sm 15—18). O insensato procedimento do rei, ao fazer censo do povo, enevoou ainda mais a vida de Davi (2Sm 24). Finalmente, depois de Adonias ter pretendido o trono, Davi abdicou em favor de Salomão, confiando-lhe, além disso, a tarefa de edificar o templo

para o qual ele reunira muitos materiais. Depois das recomendações finais a seu sucessor, descansou com seus pais, "e foi sepultado na cidade de Davi" (1Rs 1e 2). A vida de Davi está repleta de incidentes românticos e de contrastes surpreendentes. Realmente, essa é uma história humana que manifesta tanto a fraqueza como a força de uma alma de extraordinária capacidade. Davi foi considerado um homem "segundo o [...] coração" de Deus (1Sm 13.14; At 13.22), e isso não quer dizer, de forma alguma, que ele fosse perfeito, mas somente que era um agente escolhido do Senhor para seus profundos desígnios. Os pecados de Davi acarretaram graves acontecimentos em sua vida, mas ele humilhou-se, com grande arrependimento, pois tinha a convicção de que pecara (2Sm 12). Sobre o caráter geral de Davi, o deão Stanley afirma o seguinte: "Tendo em vista a complexidade dos elementos que constituem o caráter de Davi, a paixão, a ternura, a generosidade, a altivez, as suas qualidades de soldado, pastor, poeta, estadista, sacerdote, profeta, rei; considerando-se ainda que esse homem extraordinário é o amigo amoroso, o guia cavalheiresco, o pai dedicado, não há em todo o AT outra pessoa com a qual ele possa ser comparado. [...] Ele é o tipo e a profecia de Jesus Cristo. Não se chama Jesus como o filho de Abraão, ou o filho de Jacó, ou o filho de Moisés, mas sim como o 'filho de Davi' ".

Davi, cidade de. V. JERUSALÉM.

Debir. *Relicário* (?) Significado desconhecido. 1. Hoje, é Edh-Dhaherayeh, uma cidade nas montanhas de Judá (Js 15.49), em outras épocas chamada de Quiriate-Sefer (Js 15.15; Jz 1.11). Situa-se no cimo de uma comprida crista achatada, um território árido e sem nascentes. Cidade real de Anaquim, a qual foi tomada por Otoniel (Js 10—12; 15; Jz 1.12,13) e concedida aos sacerdotes (Js 21.15; 1Cr 6.58).

2. Lugar na fronteira norte de Judá, perto do vale de Acor (Js 15.7). 3. Um local perto da fronteira de Gade, no vale orien tal do Jordão (Js 13.26). 4. Rei de Eglom, um dos cinco monarcas que Josué mandou enforcar (Js 10.3,28).

Débora. *Abelha.* 1. A ama de Rebeca (Gn 35.8; cp. 24.59). No Oriente, as amas eram pessoas importantes da família e de grande consideração. Débora acompanhou Rebeca à tenda do marido desta (Gn 24.59).

2. Uma profetisa que julgava Israel debaixo das palmeiras do monte Efraim (Jz 4.5); mulher de Lapidote. Seus dons proféticos permitiram que exercesse grande influência em um tempo de desespero e confusão (Jz 4.6,14; 5.7), e, realmente, era considerada uma verdadeira mãe para Israel. Com suas palavras, despertou os filhos de Israel para resistirem a Jabim, rei de Hazor, que oprimira o povo israelita pelo espaço de vinte anos. Com o auxílio de Baraque, organizou um exército de 10 mil homens, e as forças de Jabim, comandadas por Sísera, foram completamente derrotadas. Depois disso, houve paz em Israel por quarenta anos (Jz 5.32). Seu glorioso cântico de triunfo, uma das mais antigas e grandiosas poesias hebraicas e também uma das mais admiráveis odes desse gênero em toda a literatura, encontra- se no mesmo cap. 5. Com exceção de Atalia, não há outra mulher na história judaica que governasse o povo de Israel.

Decápolis. *Dez cidades.* Trata-se de uma confederação de cidades gregas, que, conforme se acredita, eram dez, e que se estendiam por uma região que abrangia ambos os lados do Jordão ao sul do mar da Galileia e estendia-se na direção do norte. Depois do ano 63 a.C., receberam certos privilégios de Roma. Alguns doentes, que habitavam esse território, foram curados por

Jesus Cristo (Mt 4.25; Mc 5.20; 7.81). As dez cidades, segundo Plínio, eram Damasco, Filadélfia, Rafana, Citópolis (Bete-Seã), Gadara, Hipos, Diom, Pela, Gerasa e Canata. Nos tempos de Jesus Cristo, essas cidades, cuja população era primordialmente grega, eram bastante populosas e prósperas: seis delas estão completamente arruinadas e desertas; três, Citópolis, Gadara e Canata têm ainda algumas famílias que vivem em condições bastante precárias e desumanas, entre as ruínas de palácios, que se desfazem em pó, e nos cavernosos retiros de antigos túmulos. Damasco, embora despojada de muito da sua antiga glória, é ainda uma cidade importante e populosa.

Dedã. 1. Filho de Raamá e neto de Cuxe (Gn 10.7).
2. Filho de Jocsã (Gn 25.3). Os dedanitas (Is 21.13) e os de Dedã (Ez 27.20), descendentes desses dois troncos, eram uma tribo árabe; viviam como negociantes de caravana entre o Oriente e o Ocidente, e sua residência principal era perto de Edom (Ez 25.13). Há uma ilha chamada Dadã, perto do golfo Pérsico, cujo nome pode ter alguma relação com a Dedã bíblica.

Dedicação, Festa da. Festa instituída para comemorar a purificação do templo e a reedificação do altar, depois que Judas Macabeu expulsou os sírios (164 a.C.). É mencionada apenas uma vez na Bíblia (Jo 10.22). Celebrava-se essa festa com muitos cânticos e com ramos de árvores que as pessoas carregavam. Ainda hoje é observada pelos judeus (Hanucá) e costuma realizar-se no final de dezembro.

defeito. Aplica-se essa palavra aos sacerdotes. Isso quer dizer que os ministros da religião mosaica não deviam ter defeito físico que os incapacitasse para a missão sacerdotal. Esses defeitos acham-se especificados em Lv 21.18-20. Desse modo, a perfeição física dos sacerdotes era uma representação do sacerdote perfeito, Cristo. Também se emprega a palavra "defeito" com relação aos sacrifícios: os animais sacrificados não podiam ter defeito (Lv 22.20-24). Isso se realizou em Cristo, o Cordeiro "sem defeito e sem mácula" (1Pe 1.19), que se sacrificou pelos homens.

Demétrio. 1. Fabricante de pequenas relíquias de Diana, em Éfeso, as quais, provavelmente, representavam a deusa em um nicho de prata. As pessoas costumavam usar essas relíquias com a imagem de Diana como amuletos ou para magias e as carregavam ou punham em casa. Os que visitavam o famoso templo podiam facilmente comprá-las. Quando Paulo pregou o evangelho em Éfeso, Demétrio exaltou-se com ele por achar, com razão, que o negócio de fazer representações da deusa estava ameaçado pelas doutrinas da religião cristã apresentadas pelo apóstolo (At 19.24).
2. Um convertido a quem João elogia, o qual vivia em Éfeso, ou perto dessa cidade (3Jo 12).

Demônio. *Diabo, acusador, Satanás.* 1. O falso acusador, que calunia Deus perante o homem, e o homem perante Deus. Em Gn 3.5, o Demônio dá a entender que Deus é um dominador arbitrário e egoísta. Como acusador do homem, v. Jó, cap. 1e 2. Ele é descrito como "acusador de nossos irmãos, o mesmo que os acusa de dia, e de noite, diante do nosso Deus" (Ap 12.10). Sobre a natureza e o estado original de Satanás, as Escrituras não revelam muito, mas insinua-se o poder que exerce forte influência sobre a alma. Na parábola do semeador (Mt 13.19), ele é apresentado como aquele que arranca do coração a boa emente; e, na do trigo e joio, é retratado como aquele que introduziu o mal no mundo. Paulo declara a Agripa que sua missão era desviar os homens do poder de Satanás, levando-os para Deus (At 26.18); e, quando quer considerar os

homens como separados da graça de Cristo, sua expressão é "entregue a Satanás" (1Co 5.5; 1Tm 1.20). Há a expressão "sinagoga de Satanás" (Ap 2.9; 3.9) e também "coisas profundas de Satanás" (Ap 2.24). Na Epístola aos Hebreus, fala-se que Cristo, por meio de sua morte, destruiu "aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo" (Hb 2.14). As "ciladas" (Ef 6.11), "os desígnios" (2Co 2.11), o "laço do diabo" (1Tm 3.7; 6.9; 2Tm 2.26), todas elas são expressões que indicam a natureza do poder do mal. Os demônios, que têm o poder de tentar a alma, formam um exército do qual Satanás é o chefe (Mt 12.24,26; Lc 10.18; At 10.38; Ef 6.12). A Escritura descreve os pecados como "obras" do Demônio e atribui o erro e o mal ao inimigo da luz (2Co 11.14,15; 1Ts 2.18; Ap 2.10; 20.10). Satanás é apresentado como tentador, superior a qualquer outro; os principais exemplos que a Escritura nos mostra acerca de sua atividade neste gênero são as tentações de Eva e de nosso Senhor (v. SATAnáS). 2. Ao Demônio, como objeto de culto, ao qual eram oferecidos sacrifícios propiciatórios, há referências em Lv 17.7; Dt 32.17; 2Cr 11.15; Sl 106.37 (cp. Ap 9.20). V. SÁTIRO.

demônios, possesso por. A possessão demoníaca figura largamente nos Evangelhos e em Atos. Três palavras representam o espírito do mal e a condição da alma sujeita a ele: *demônio, endemoninhado, possesso*. Implicam a existência de seres que podem ter certo poder sobre seres humanos ou que habitam, até mesmo, nos animais (como aconteceu com os porcos da terra dos gadarenos, Mt 8.32). Essa influência maligna manifestou-se por vezes na enfermidade física (como a mudez, Mt 9.32, 33); mas, em certas ocasiões, demonstra-se que as pessoas possessas não eram doentes, como, por exemplo, a nítida diferenciação feita em Mt 10.8. Pela parábola do espírito imundo, percebe-se que a influência demoníaca também se manifesta na degradação moral (Mt 12.43-45). Os demônios se opõem ao reino da paz, e a sujeição deles era prova de que "é chegado o reino de Deus" (Lc 11.20). Eles também reconheceram em Jesus Cristo o Filho de Deus, como se vê em Mt 8.29, e sentiram a autoridade de seu nome, quando usada por outros (At 19.15).

A apresentação da possessão demoníaca como uma simples doença física ou mental não se sustenta em face dos pormenores que se observam nos Evangelhos. Tampouco existe qualquer força comprobatória no argumento de que tal possessão já não existe. Essa afirmação não tem base firme.

Fenômenos como os descritos nos Evangelhos são observados no campo missionário.

denário. O denário era a principal moeda romana de prata. Era, geralmente, o salário que um homem recebia pelo trabalho de um dia.

Era moeda de uso corrente em todo o Império Romano, nos tempos do NT; seu nome latino era denarius, e o grego, *denarion* (Mt 20.2; 22.19; Mc 6.37; 12.15; Lc 20.24; Jo 6.7; 12.5; Ap 6.6). A dracma, peça de prata, equivalia ao denário romano utilizado em toda a Europa até muito depois do desmembramento do Império Romano. A moeda que circulava no tempo de Cristo tinha, no anverso, a cabeça de Tibério, com esta inscrição: '"Tibério César Augusto, filho do deificado Augusto". No reverso, estava a imagem da imperatriz Lívia, com cetro e flor. V. MOEDA.

Derbe. Cidade da Licaônia, geograficamente falando, embora fizesse parte da província romana da Galácia. Paulo, conforme se lê em At 14.20 e 16.1, a visitou e, quando ele foi à província da Galácia e da Frígia, é possível que também tenha passado por lá (At 18.23). Gaio, companheiro

do apóstolo, era natural de Derbe (At 20.4). O local onde Derbe se situava é, provavelmente, o da muralha de Gudelissim, a cerca de 48 km a sudoeste de Listra.

deserto. A ideia mais corriqueira de deserto, uma vasta extensão de areia, sem árvores e água, conforme empregada na Bíblia, não se associa à palavra. Os israelitas não tinham conhecimento desse tipo de deserto, quer nas viagens, quer na sua existência fixa. Nos livros históricos da Bíblia, a palavra "deserto" refere-se ao vale do Jordão, o do mar Morto e aquela região que fica ao sul do mar Morto. Nesses locais, nos dias de prosperidade da Palestina, crescia a palmeira, o bálsamo, a cana-de-açúcar, e, ali, podia-se admirar uma forte e bela vegetação. Nos livros proféticos e poéticos, aplicava-se o termo "deserto" aos territórios secos, em razão do excessivo calor, embora Ez 47.8 refira-se ao vale do rio Jordão. A palavra traduzida por "deserto", em Êx3.1; 5.3; 19.2 e Nm 33.16, seria mais bem traduzida por "terra de pasto". Os israelitas, em todo o tempo de sua passagem para a terra prometida, levaram consigo rebanhos e manadas. O mesmo sentido aplica-se a Jó 24.5; Is 21.1; Jr 25 e 24.

deserto da Judeia. A região de Judá que ficava a leste e ao sul de Jerusalém. Trata-se de um território áspero, bastante acidentado, com muitas cavernas e correntes de água, que ficam secas a maior parte do ano. Os rebanhos de algumas tribos errantes andam por ali, alimentando-se nessas fracas pastagens, junto com as cabras bravas e as ovelhas (Jz 1.16). Foi a oeste dessa região, no monte Carmelo, que Davi, foragido, encontrou o miserável Nabal; e, na orla oriental, ele teve o memorável encontro com Saul na caverna de En-Gedi (v. en-gedi). Nesse mesmo deserto, João Batista fez suas pregações (Mt 3.1); e, conforme se acredita, foi aqui também que se deu a tentação de Jesus. V. DESERTO.

Deuel. Pai de Eliasafe (Nm 1.14; 7.42,47; 10.20).

Deus. I. *Os nomes de Deus.* A palavra portuguesa "Deus", que tem a mesma forma na língua latina, representa alguns nomes da Bíblia, referentes ao Criador. (a) O termo de uso mais comum é *Elohim*, que, estritamente falando, está na forma plural, derivando-se, presumivelmente, da palavra *eloah*. Mas, embora seja plural, o fato é que, quando se refere ao único e verdadeiro Deus, o verbo da oração da qual *Elohim* é o sujeito, bem como o predicativo, quase invariavelmente estão no singular. As principais exceções são quando a pessoa que fala, ou aquela a quem se fala, é pagã (Gn 20.13; 1Sm 4.8). (b) El, provavelmente "o único que é forte", também ocorre com bastante frequência. Encontra-se esse nome com adições: *El-Elyon*, "o Deus Altíssimo" (Gn 14.18); *El-Shaddai*, "o Deus Todo-poderoso" (Gn 17.1); e entra na composição de muitos vocábulos hebraicos (e.g., Eliabe, Micael). (c) *Adonai*, Senhor, ou superior. Essa palavra e as duas precedentes eram empregadas quando se queria mencionar o Deus da humanidade, sem especial referência ao povo de Israel. (d) Todavia, Jeová, ou mais propriamente *Yahweh*, o Senhor, o Ser que por si mesmo existe, o Ser absoluto, que é sempre a providência de seu povo, designa aquele que, em um sentido especial, fez o pacto com o povo de Israel. (e) Outro nome, ou, antes, título, "o Santo de Israel" (Is 30.11), merece ser aqui mencionado, porque ele nos manifesta o alto ensino moral dos profetas, pois fez os israelitas verem que o Senhor, a quem eles adoravam, estava muito afastado dos caminhos usuais do homem, e, portanto, era necessário que seu povo, como ele, odiasse o pecado. É com esse título que o Senhor é reconhecido como uma pedra de toque não só da pureza cerimonial, mas também da pureza ética. (f) Pai. Nas religiões semíticas primitivas, esse termo, enquanto

aplicado aos deuses, tinha uma base natural, pois os povos acreditavam que eram descendentes de seres divinos. Todavia, no AT, Deus é considerado como o Pai do povo israelita, porque ele, por sua misericórdia, o constituiu nação (Dt 32.6; Os 11.1; v. Êx4.22). De modo semelhante, ele é chamado de o Pai da geração davídica de reis, porque ele a escolheu e a tornou suprema (2Sm 7.14; Sl 2.7,12; 89.27). Mais tarde, diz-se que Deus se compadece dos que o temem (isso se refere particularmente aos israelitas e aos que aceitam a religião de Israel), como um pai se compadece de seus filhos (Sl 103.13; Mt 3.17).

II. A doutrina de Deus. Algumas considerações sobre esse ponto: (a) A Bíblia, em nenhuma trecho, propõe-se a provar a existência de Deus. A crença no Criador é doutrina admitida. Nunca houve nenhuma dúvida a respeito da existência da divindade, ou da raça humana em geral. Entre os argumentos que podemos lembrar para provar a existência do Criador, estes devem ser salientados: a relação entre causa e efeito, conduzindo-nos à grande Causa Primeira; a personalidade, a mais alta forma de existência que se pode conceber, de sorte que uma Causa Primeira que carecesse de personalidade seria inferior a nós próprios; a ideia de beleza, de moralidade, de justiça; o desejo insaciável de existência plena, inato em nós, que nunca poderia ser satisfeito, se não houvesse tal Ser supremo — luz, vida e amor — a quem recorrer. (b) Deus é um e único (Dt 6.4), doutrina inteiramente aceita por Jesus Cristo (Mc 12.29). Portanto, se houvesse mais do que uma divindade, haveria, decerto, conflito entre esses seres onipotentes. Por isso, contrariamente ao dualismo de Zoroastro, segundo o qual há dois seres supremos, um bom e outro mau, a Bíblia ensina que Deus tem a autoridade suprema, até mesmo sobre o mal (Is 45.6,7). Esse fato fundamental da unidade de Deus não está em contradição com a doutrina cristã da Trindade; ao contrário, a salvaguarda. (c) Deus é o Criador e o conservador de tudo (Gn 1.1; At 17.24; Ap 4.11 e, semelhantemente, Jo 1.3; Cl 1.16, em que o agente imediato é a segunda pessoa da Trindade). Todos os dias, aprendemos, com clareza de percepção, que a matéria não é coisa morta e sem movimento, que as próprias pedras tremem em razão de sua energia, e sua coesão sustenta-se pelas formidáveis e ativas forças que, sem interrupção, nelas operam. O conhecimento humano, cada vez mais aperfeiçoado, sobre os métodos de Deus na criação, leva-nos a um louvor cada vez mais elevado. (d) Estamos, também, sabendo mais com respeito à relação de Deus para conosco, como governador e sustentador de tudo. Em relação a esse assunto, há duas verdades, em nenhum sentido autoexcludentes: (1) ele é transcendente, isto é, superior ao Universo, ou acima dele (v. Is 40.22; 42,5; 1Tm 6.16); (2) é igualmente importante notar que Deus é imanente, isto é, está na matéria, ou com ela. Assim, nós e todos os seres vivemos nele (At 17.28; v. tb. Jo 1.3,4); e ele está em nós pelo simples fato de que, por ser Espírito (Jo 4.24), é dotado de onipresença.

III. A adoração a Deus. Se a religião é, na verdade, uma necessidade natural, o culto é sua forma visível. Assim, embora possamos supor a priori que podemos entrar na presença de Deus sem qualquer sinal exterior, isso é totalmente impossível, por ser incompatível com a natureza humana e contrariar diretamente as exigências da religião, visto que esta requer a adoração a Deus com o engajamento total de nossa complexa personalidade. Jesus Cristo disse: "Deus é Espírito; e importa que os seus adoradores o adorem em Espírito e em verdade" (Jo 4.24). V. ALTAR, BAAL, IGREJA, ELOÍ, ESPÍRITO SANTO, JEOVÁ, JESUS CRISTO, SENHOR, SENHOR DOS EXÉRCITOS, TABERNÁCULO, TEMPLO,TRINDADE, ADORAÇÃO.

Deuteronômio, O Livro de. Quinto livro do AT e último do Pentateuco. O nome, derivado dos assuntos que encerra, significa "segunda lei". Quanto às matérias, elas podem ser resumidas da seguinte maneira:

I. *Introdução ou Prefácio*, cuja finalidade é chamar a atenção do povo: 1. Comemoração das bênçãos que os israelitas receberam, quer em tempo de paz, com relação aos dons de uma sábia e religiosa magistratura, quer em tempo de guerra, com relação às vitórias alcançadas sobre os reis de Hesbom e Basã (cap. 1—3).

2. Em seguida, descreve-se a Lei preciosa que lhes foi dada, com referências ao autor, à promulgação miraculosa, ao assunto e aos benefícios que lhes adviriam na observância dessa Lei (4.1-40).

II. *Segunda parte.* Contém: 1. os Dez Mandamentos, os princípios essenciais da religião (4.44-49; 5); segue-se uma declaração referente à finalidade da Lei — a obediência, com uma exortação a esse respeito (cap. 6) e as razões dissuasivas dos atos que a pudessem impedir de ser observada, como a comunicação com as nações pagãs (cap. 7), o esquecimento dos benefícios de Deus (cap. 8) e a justificação de si mesmo. Depois, vem a lembrança do abatimento de Israel, motivado por suas frequentes rebeliões, murmurações e provocações, fazendo-se também menção à livre graça e amor de Deus para com seu povo (cap. 9—11).

2. Exortações práticas, deduzidas desses princípios, cuja introdução é um apelo fervoroso e impressionante (10.12-22; 11). Essas advertências dizem respeito, principalmente, à adoração a Deus, quanto ao lugar e forma de culto apropriados (cap. 12); ao evitar tudo que levasse o povo à idolatria e ao castigo desses transgressores (cap. 13); alimentação e aos animais imundos que eram proibidos (14.1-21); aos tempos e às estações próprias dos serviços religiosos, incluindo o ano sabático (cap. 15) e as festas anuais (16.1-17); também se considera a direção do homem, em sua obediência à autoridade civil ou à autoridade eclesiástica (16.18-22; 17; 18), trata-se, de maneira geral, de nossos deveres para com Deus e para com o próximo, bem como do cumprimento das diversas leis morais, judiciais e cerimoniais (cap. 19—26).

III. *Conclusão*. Depois de uma solene repetição da Lei, temos: 1. As exortações, que chamam o povo à obediência com promessas de bênçãos e com alertas de maldições (cap. 28), recordam as grandes maravilhas de Deus em benefício dos israelitas, fazendo-os ver, ao mesmo tempo, a obrigação de perseverar no caminho da Lei por um pacto reverente (cap. 29) e, finalmente, os concitam ao arrependimento (cap. 30).

2. Também deve-se considerar a parte histórica: Moisés abdica de seu cargo e encarrega Josué de guiar os israelitas à terra prometida. Ele entrega a Lei aos sacerdotes (31.1-21); compõe um cântico profético, que entrega ao povo (31.22-30; 32); abençoa cada tribo em particular (cap. 33); avista a terra prometida, onde não poderia entrar; morre e é sepultado (cap. 34). Jesus, quando respondeu ao tentador no deserto, citou três vezes aquelas palavras de Deuteronômio (cp. Mt 4.4,7,10 com Dt 8.3; 6.16; 6.13).

A predição acerca de um profeta, em Dt 18.15-19, é aplicada duas vezes a Jesus no NT — pelo apóstolo Pedro e pelo mártir Estêvão (At 3.22; 7.37). Há provas de que essas palavras eram, também, consideradas pelos judeus uma referência à vinda do Messias. (V. Jo 1.30,31,45; 5.45-47.) Não há dúvida de que a linguagem de Moisés teve cumprimento geral em uma sucessão profética, culminando no aparecimento e na obra de Jesus Cristo, a quem, por causa disso, as

palavras mosaicas se referem de modo especial. As numerosas citações do livro de Deuteronômio no NT deixam ver a consideração em que o livro era tido logo nos primeiros dias da Igreja cristã. V. PENTATEUCO.

Dez Mandamentos. Os mandamentos estão escritos em Êx20.3-17 e Dt 5.6-21; as circunstâncias em que eles foram dados a Moisés são descritas em Êx19—24. Os Dez Mandamentos foram gravados em duas tábuas de pedra, e estas, colocadas dentro da arca. São também chamadas de as "tábuas do Testemunho" (Êx 31.18; 32.15) e, algumas vezes, simplesmente de "o Testemunho"; é o testemunho da vontade de Deus para os homens, é a Retidão exigindo retidão dos homens (Êx25.16; 31.18). Para saber como devem ser compreendidos pelos cristãos, v. as palavras de Jesus Cristo em Mt 5.21-32.

dia. O "calor do dia" (Mt 20.12) significa o tempo das 9 horas, quando, no Oriente, o Sol resplandece vivamente no céu. "Pela viração do dia" (Gn 3.8) é justamente antes do pôr do sol. Antes do cativeiro, os judeus dividiam a noite em três vigílias: a primeira vigília durava até a meia-noite (Lm 2.19), a média ia da meia-noite até o cantar do galo (Jz 7.19), e a da manhã prolongava-se até o nascer do sol (Êx14.24). No NT, porém, há referências a quatro vigílias, divisão que os judeus receberam dos gregos e romanos: a primeira, do crepúsculo até às21horas (Mc 11.11; Jo 20.19); a segunda, das 21 às 24 horas (Mc 13.35); a terceira, das 24 às 3 horas (Mc 13.35); e a quarta, das 3 horas até o romper da manhã (Jo 18.28). O dia achava-se dividido em 12 partes (Jo 11.9). A hora terceira, a sexta e a nona eram consagradas à oração (Dn 6.10; At 2.15; 3.1). A soma das partes de um dia equivalia ao dia todo (Mt 12.40). Os judeus não tinham nomes especiais para os dias da semana, mas o sábado era o dia que servia de referência para os outros dias da semana. Usa-se, também, a palavra "dia" para referir-se aos dias de festa (Os 7.5) e ao dia de ruína (Jó 18.20; Os 1.11). É importante observar que no cálculo da duração de um reinado, por exemplo, conta-se uma pequena parte do ano como um ano completo. Assim, se um rei subia ao trono no último dia do ano, o dia seguinte marcava o princípio do segundo ano do seu reinado. V. CRONOLOGIA, TEMPO, ANO.

diaconisa. Em virtude da referência em Rm 16.1: "Recomendo-vos a nossa irmã Febe, que está servindo à igreja de Cencreia", acredita-se que Febe pertencia a uma ordem de diaconisas já reconhecida. Mas não há prova alguma de que esse realmente fosse o caso. O sentido mais geral da palavra *diákonos* (V. DIÁCONO) pode ser essa usada no caso de Febe. Isso implica que Febe era uma mulher de influência, cujos serviços prestados ao apóstolo, bem como a outros santos do evangelho (Rm 16.1,2), eram uma justificação do honroso título de *diákonos*. Note-se, contudo, que as "mulheres" às quais se faz menção em 1Tm 3.11 desempenham ali uma missão especial. Nesse período, o diaconato, claramente, incluía tanto os homens como as mulheres. Há muita discussão sobre a posição das mulheres na igreja, se as mencionadas em 1Tm 3.11 eram as esposas de diáconos ou outras mulheres. Na igreja primitiva, as mulheres solteiras e as viúvas eram admitidas na qualidade de diaconisas.

diácono. É o título usualmente aplicado aos sete, a quem At 6 se refere. Os apóstolos, ao acatar as queixas que os judeus gregos faziam de que suas viúvas eram desprezadas no ministério cotidiano, convocaram a multidão dos fiéis com o fim de eleger sete homens, "cheios do Espírito e de sabedoria", a quem, pela oração e imposição de mãos, fosse confiado o dever de servirem às mesas e distribuírem os donativos da igreja. Em geral, a igreja primitiva julgava que

a ordem de diáconos teve sua origem nos sete, o assunto de At 6. Deve-se observar que, em Atos, os sete nunca são chamados diáconos. No final da vida de Paulo, já há claros indícios de que os diáconos fazem parte regular da organização da igreja. Eles são mencionados com os "bispos" da igreja filipense (Fp 1.1); e, em 1Tm 3, Paulo estabelece regulamentos para ambos os cargos. Devemos notar que, no NT, a palavra diácono (*diákonos*) é utilizada no sentido geral de servo ou agente (de um rei, Mt 22.13; "de Deus", Rm 13.4; "de Jesus Cristo", 1Tm 4.6). É nesse sentido que Paulo se refere a si mesmo como diácono ou "ministro" do evangelho (Cl 1.23) e da igreja (Cl 1.25).

dia do Senhor. V. SENHOR, DIA DO.

diamante. Pedra preciosa (Êx28.18; 39.11; Ez 28.13). Os comentaristas modernos preferem traduzir a palavra hebraica por ônix. Essa palavra é derivada de um termo grego, cujo significado é "invencível". Nos primórdios, aplicava-se ao mais duro metal e, metaforicamente, também a qualquer coisa fixa e inalterável; em Ez 3.9 e Zc 7.12, a palavra é a tradução do hebraico *shamir*, uma pedra de grande dureza (talvez coríndon, também conhecido como corindo, cristalizado em alumina) que se empregava para cortar.

Diana. Nome latino da deusa grega Ártemis. Em Éfeso, havia um famoso templo para que seus adoradores lhe prestassem culto (At 19). Nessa cidade, acreditava-se que ela era o sustentáculo de todas as criaturas vivas. E os efésios achavam que a imagem dessa deusa caíra do céu. O templo era servido por um grupo de sacerdotes e por virgens consagradas a Vesta (V. ÉFESO E DEMÉTRIO). Esse grandioso edifício era uma das sete maravilhas do mundo: fora construído com mármore brilhante, e a construção dele levou 220 anos. Por detrás da imagem da deusa, havia um tesouro onde as nações e também os reis depositavam seus preciosos objetos. Essa famosa obra arquitetônica foi queimada pelos godos em 260 d.C.

dia natalício (aniversário de nascimento). Utiliza-se essa expressão somente três vezes: uma vez no AT, quando em Gn 40.20 se faz referência ao aniversário de nascimento do faraó, sempre um dia de festa; e duas vezes no NT, em que se menciona o dia do nascimento de Herodes (Mt 14.6 — "dia natalício"; Mc 6.21 — "aniversário natalício"). No Oriente, como em qualquer outra parte, o costume de comemorar o dia do nascimento com grandes demonstrações de alegria é muito antigo. Mais tarde, os judeus passaram a não nutrir muita consideração por essas festas, pois, nesses dias festivos, praticavam-se muitas vezes certos atos de idolatria; mas, nos primórdios da Igreja cristã, celebravam-se, como se fossem aniversários natalícios, os dias em que os discípulos de Jesus Cristo foram martirizados, comemorando-se assim a entrada deles na vida eterna.

Dibom ou Dibom-Gade. 1. Cidade a 5 km ao norte do Arnom. Cidade de Moabe (Nm 21.30), acampamento dos israelitas (Nm 33.45,46), cedida a Rúben, reedificada por Gade (Nm 32.3,34; Js 13.9,17) e reconquistada por Moabe (Is 15.2; Jr 48.18,22). Também se chama Dimom (Is 15.9), o local da descoberta da Pedra Moabita.
2. Cidade que foi novamente habitada pelos homens de Judá, depois da volta do cativeiro (Ne 11.25). V. DIMONA.

Dimona. *Lugar pantanoso.* Cidade que ficava na extremidade sul de Judá (Js 15.22); provavelmente o mesmo que Dibom (2).

Diná. *Julgado ou vingado.* Filha de Jacó e de Lia; ela acompanhou seu pai da Mesopotâmia até Canaã e foi violada por Siquém, filho de Hamor; Simeão e Levi, irmãos de Diná, por parte de pai e mãe, vingaram-se dessa ofensa de forma terrível, assassinando todos os indivíduos do sexo masculino da cidade de Hamor, e a cidade (Gn 34) foi também saqueada.

dinaítas. Tribo assíria, transportada para Samaria por Assurbanipal, rei assírio (668 a 626 a.C.), depois da conquista do reino de Israel e do cativeiro das dez tribos. Esses assírios opuseram-se à reedificação do templo (Ef 4.9). Há conjecturas de que eles eram o povo dayani que vivia na Armênia Ocidental.

dinheiro. Nos tempos antigos, antes da fabricação da moeda, pesavam-se o ouro e a prata para os pagamentos (Gn 23.16). Em toda a história de José, encontramos indícios de que se preferia o uso do dinheiro à troca. Todo o dinheiro do Egito e de Canaã foi dado ao faraó pelo trigo comprado, e só depois disso os egípcios recorreram permuta (Gn 47. 13-26). No tempo de Êxodo, pesava-se ainda o dinheiro (Êx30.13), e a prata é o metal mencionado; não se empregava o ouro, embora fosse valorizado como dinheiro. Antes do tempo de Esdras, não encontramos na Bíblia nenhuma prova do uso de dinheiro cunhado. Examine as palavras utilizadas para se referir às diversas espécies de moeda. V. DENÁRIO.

direito de primogenitura. No Oriente, o primogênito, ou o filho mais velho, desfrutava certos privilégios em relação aos outros filhos, e, de forma especial, entre os hebreus. O primogênito era consagrado ao Senhor (Êx 22.29). Pertencia-lhe a excelência da dignidade e a excelência do poder (Gn 49.3). Quando o pai morria, ele recebia porção dobrada na distribuição dos bens de família (Dt 21.17). Nas famílias reais, tinha direito de sucessão ao trono (2Cr 21.3). O direito de primogenitura e os privilégios que lhe eram inerentes poderiam ser retirados por conduta inconveniente do primogênito, como no exemplo dos filhos de Isaque, e os direitos, nesse caso, eram transferidos (Gn 27.37). Davi, por direção divina, excluiu do trono Adonias para favorecer Salomão, e essa preferência foi assinalada com a unção deste. O filho mais velho era muito respeitado na família. À medida que a família crescia, ele obtinha, pouco a pouco, mais autoridade, vindo, assim, a ser o maioral — "cabeça da casa de seus pais" (Nm 1.4; 17.3; 25.14); "príncipe da casa paterna" (Js 22.14). A porção dobrada da herança da família, que cabia ao filho mais velho pela Lei de Moisés, explica o fato de Eliseu ter pedido porção dobrada do espírito de Elias (2Rs 2.9). Nas genealogias das Escrituras, o primogênito de uma linhagem é muitas vezes mencionado (Gn 22.21; 25.13) de modo particular. Também, no judaísmo, uma especial santidade se achava ligada ao título de primogênito e é nesse sentido que, segundo parece, aplica-se ao Messias (Rm 8.29; Cl 1.18; Hb 1.6; Ap 1.5); e, como coerdeiros dele, os remidos reclamam sua herança (Lc 22.29; Rm 8.17; Cl 3.24). V. HERDEIRO, PRIMOGÊNITO.

discípulo. Discípulo é o que aprende com alguém, ou o que segue os princípios de um mestre, seja de Moisés (Jo 9.28), seja de João Batista (Mt 9.14), seja dos fariseus (Mt 22.16); mas, preeminentemente, confere- se a qualidade de discípulo, de modo geral, aos que seguiam Jesus Cristo (Mt 10.42), ou, de modo restrito, aos apóstolos (Mt 10.1). A palavra é também aplicada a uma mulher, como no caso de Dorcas (At 9.36). V. ESCOLAS, APÓSTOLO.

Dispersão, os judeus da. Os judeus da Dispersão são aqueles que habitavam em países estrangeiros. Essas colônias conservavam inteiramente o tipo de vida israelita, evitando, por

meio de uma poderosa coesão da fé que professavam, perder-se nas nações onde viviam. Nessas novas circunstâncias, a observância literal da Lei mosaica era difícil, mas na meditação obtinham um conhecimento mais profundo e verdadeiro das doutrinas, apreendendo seu sentido espiritual. A Dispersão foi uma preparação, realmente maravilhosa e providencial, para a propagação dos princípios cristãos entre judeus e gentios. O templo de Jerusalém era o centro reconhecido da religião judaica, e os judeus, em toda parte, contribuíam anualmente com metade de 1siclo para sua manutenção. No princípio da Era Cristã, havia judeus na Babilônia, na Pérsia, na Média, em Pártia, por toda a Ásia Menor, na ilha de Chipre, nas ilhas do mar Egeu, em Alexandria, ao longo da costa setentrional da África e em Roma. A mais antiga prova que possuímos de uma comunidade de judeus dispersos, em outro local que não Babilônia, é a colônia de Elefantina (Assuã), no Alto Egito, onde, pelas descobertas recentes, evidentemente havia ali um templo judaico no século VI a.C. Muitas dessas comunidades eram prósperas e influentes. A influência da Dispersão na rápida propagação do cristianismo é de considerável importância, tanto pela modificação da doutrina judaica como pelo proselitismo desses israelitas. No dia de Pentecostes, entre os convertidos havia judeus provenientes de todas as partes do mundo onde havia colônias israelitas e, naturalmente, foram esses os que, na volta para suas casas, propagaram, de modo notável, o evangelho, preparando assim o caminho para a subsequente obra dos apóstolos.

A Dispersão criara entre os gentios uma classe de pessoas conhecida pelo nome de "devotos", ou "tementes a Deus", os quais, embora não fossem formalmente judeus, manifestavam, nos mais variados graus, a fé no Deus de Israel. Naturalmente, os primeiros convertidos ao cristianismo procederam desses judeus da Dispersão.

divórcio. A Lei de Moisés permitia que o marido israelita repudiasse sua mulher (Dt 22.19,29; 24.1-4), mas os motivos pelos quais ele podia tomar tal deliberação é assunto para discussões. Jesus Cristo disse: "Qualquer que repudiar sua mulher, exceto em caso de relações sexuais ilícitas, a expõe a tornar-se adúltera; e aquele que casar com a repudiada comete adultério" (Mt 5.32). V. ADULTÉRIO, CASAMENTO.

dízimo. *Décima parte.* Abraão apresentou o dízimo de tudo a Melquisedeque, o sacerdote do Deus Altíssimo (Gn 14.20). Jacó, depois de ter a visão dos anjos, prometeu ao Senhor o dízimo de tudo que o Senhor lhe desse, se de novo voltasse em paz à casa de seu pai (Gn 28.22). A Lei de Moisés declarava que a décima parte dos produtos da terra, bem como dos rebanhos e das manadas, pertencia ao Senhor e devia ser-lhe oferecido. Os dízimos haviam de ser pagos na mesma espécie, e, havendo resgate deles, tinha de fazer-se o aumento de um quinto de seu valor (Lv 27.30-33). Para dizimar as ovelhas, era costume encerrá-las em um curral, e os animais, à medida que saíam, eram marcados de dez em dez com uma vara, imersa em vermelhão. Esse é o sentido da expressão "debaixo da vara" (ARC; "debaixo do bordão", ARA). Os levitas recebiam esse dízimo, os quais, por sua vez, dedicavam uma décima parte dele ao sustento do sumo sacerdote (Nm 18.21-28). Essa legislação foi modificada ou aumentada em tempos posteriores (Dt 12.5-18; 14.22-27; 26.12,13). Essas passagens, ao que tudo indica, mostram que, além do primeiro dízimo para a subsistência dos levitas e do sumo sacerdote, havia um segundo dízimo, que se aplicava às festas. De três em três anos, os levitas e os pobres recebiam uma parte no dízimo para as festas. No tempo dos reis, cobrava-se um dízimo adicional com fins seculares

(1Sm 8.15,17); mas o sistema religioso do dízimo foi caindo em desuso. Todavia, Ezequias o restabeleceu, como também Neemias, depois da volta do cativeiro (2Cr 31.5,12,19; Ne 12.44). Empregados especiais eram nomeados para tomar conta dos armazéns e dos depósitos, com o fim de recolher o dízimo. A prática de dizimar, especialmente para socorro dos pobres, era realizada também no Reino do Norte, porque o profeta Amós se refere a isso, embora em tom irônico, como um costume de seus dias (Am 4.4). Malaquias queixa-se de que o dízimo estava sendo deixado de lado (Ml 3.8,10). Depois, o sistema foi sustentado com todas as particularidades por aqueles que, como os fariseus, pretendiam que a Lei fosse inteiramente cumprida (Mt 23.23; Lc 18.12; Hb 7.5-8).

dodanim, rodanim. Raça descendente de Javã, filho de Jafé (Gn 10.4; 1Cr 1.7). Eles podem representar uma colônia grega da Ásia Menor. Se rodanim é a forma correta, certamente designa o povo natural da ilha de Rodes. Na Antiguidade, Rodes foi ocupada pelos fenícios, cujos túmulos foram descobertos nos antigos cemitérios da ilha; mas a colônia fenícia foi, subsequentemente, conquistada pelos gregos dóricos.

Doegue. *Ansioso.* O capataz dos pastores de Saul, um idumeu que deu a Saul informações sobre Aimeleque e o auxílio que este prestou a Davi. Ele destruiu os sacerdotes de Nobe e suas famílias, totalizando 85 pessoas, e também todas as propriedades (1Sm 21.7; 22.9,17,22).

domingo. V. SENHOR, DIA DO.

doninha. Essa palavra ocorre somente em Lv 11.29, sendo considerada animal imundo, pois se arrasta. Há, na Palestina, vários animais dessa espécie, mas aqui, conforme parece, aquele a que se refere é o icnêumone, encontrado abundantemente nos lugares rochosos por toda a extensão das planícies cultivadas. Assemelha- se, sob certos aspectos, à doninha e também se parece com o furão, muito comum na Palestina. Esse animal, em razão do corpo comprido e das pernas curtas, foi, provavelmente, classificado entre os que rastejam.

dons espirituais. São os poderes ou graças que o Espírito Santo confere a certos cristãos em benefício da igreja. A natureza desses dons e o exercício correto deles são tratados em Rm 12 e 1Co 12—14; v. tb. 1Co 7.7; 1Tm 4.14; 2Tm 1.6; 1Pe 4.10. São mais do que exemplos das simples graças cristãs ("o fruto do Espírito", Gl 5.22,23), porque se referem a certos e determinados poderes.

Dor. *Residindo em volta* (?). Atualmente é Tantura. Cidade real de Canaã sobre um promontório, ou cabo formado de rochas elevadas, a 22 km ao sul do monte Carmelo. O rei de Dor aliou-se a Jabim, rei de Hazor, contra Josué (Js 11.1,2; 12,23). Dor estava dentro do território de Aser, mas fora dada a Manassés. Seus habitantes não foram expulsos dali, ficando apenas sujeitos a pagar certo tributo (Js 17.11; Jz 1.27,28). Foi jurisdição de Salomão (1Rs 4.11). Entre suas ruínas, acham-se os restos do antigo porto.

Dorcas. Palavra grega, cujo significado é gazela, por causa dos grandes olhos do animal, assim como Tabita é a palavra aramaica para gazela, por virtude da beleza que esta geralmente apresenta. Foi uma querida mulher cristã de Jope, que fazia vestes para os pobres. Foi ressuscitada por Pedro (At 9.36-42).

Dotã. Atualmente Tel, uma cidade sobre uma elevação, que fica a 20 km ao norte de Samaria, em uma planície que se prolonga entre as serras meridionais, desde o lado sudoeste dos planos do Esdrelom. Era nessa planície que os irmãos de José estavam pastoreando seus rebanhos, quando

o venderam como escravo aos midianitas (Gn 37.17); e foi na cidade de Dotã que o profeta Eliseu recebeu maravilhoso auxílio contra as forças que o rei assírio enviou para o prender (2Rs 6.13).

dracma. Moeda de prata (Lc 15.8,9). Era uma moeda grega que tinha quase o mesmo valor que o denário romano. O duplo dracma (didracma) equivalia à metade de 1siclo, dois dos quais formavam o estáter, mencionado em Mt 17.27. V. DENÁRIO, DINHEIRO.

dragão. Em algumas traduções, com essa palavra faz-se referência ao chacal. A terra santa, com o seu grande número de cavernas e velhos túmulos, oferece lugares apreciados pelo chacal, que anda em busca de animais desgarrados, ou cabritos, mas não se atreve a atacar o homem. O dragão em Ap 12 é simbólico. Não se refere necessariamente a alguma criatura realmente existente. João, quando descreve Satanás como o grande dragão vermelho, ferindo de forma veemente com a sua cauda, talvez tivesse em mente a boa, um tipo de serpente.

Dragão, Fonte do. Ficava a oeste, ou na parte sudoeste da muralha de Jerusalém (Ne 2.13). O nome provavelmente advém do culto que se prestava ali, antes dos israelitas, a uma serpente sagrada, ou a um *jinn*, espírito em várias mitologias orientais na forma de serpente.

dromedário. Em Is 60.6 e Jr 2.23. Camelo de corrida de uma só corcova.

Drusila. Terceira filha de Herodes Agripa, o qual mandou matar o apóstolo Tiago (At 12.1,2) e lançou Pedro na prisão (At 12.3,4), tendo, depois de uma vida iníqua, uma terrível morte na ocasião em que falava ao povo em Cesareia (At 12.23). Drusila era notável por sua beleza. Seu segundo marido foi Cláudio Félix, governador da Judeia, com quem teve um filho, cujo nome era Agripa. Foi diante de Drusila e de seu marido Félix que o apóstolo Paulo compareceu para defender sua fé cristã (At 24.24). Agripa, o filho de Drusila, pereceu na grande erupção do Vesúvio, no ano 79 d.C.; alguns escritores acreditam que filho e mãe morreram na mesma ocasião.

Dumá. *Silêncio*. 1. Uma tribo ismaelita da Arábia, e, portanto, Dumá também é o nome do principal território habitado por tal tribo (Gn 25.14; 1Cr 1.30). A principal povoação chama-se agora Jof e situa-se na parte setentrional da península, quase a meio caminho entre Petra e o Eufrates.

2. Cidade no território montanhoso de Judá (Js 15.52), a cerca de 11km de Hebrom; atualmente é Ed-Dômeh, lugar de grandes ruínas com túmulos cavados na rocha.
3. Em Is 21.11, parece ser o título da profecia seguinte, cuja finalidade é exprimir o "silêncio" do destino de Edom. Dura. Local na província da Babilônia, que dava o seu nome à planície que o rodeava. Ali o rei Nabucodonosor mandou levantar uma imagem de ouro (Dn 3.1). Dura é identificado com o terreno plano de Dowair ou Duair, a sudeste de Babilônia, onde foi descoberto o pedestal de uma estátua colossal.

E

Ebal. 1. Um horeu (Gn 36.23; 1Cr 1.40). 2. Um filho de Joctã, descendente de Sem (1Cr 1.22). É chamado Obal em Gn 10.28.

Ebal, monte. *Descoberto.* Um monte célebre, com 900 m de altura, ao norte do vale de Siquém. Ebal e Gerizim são montes gêmeos, próximos um do outro, estando separados apenas por um profundo vale, em que ficava situada a cidade de Siquém, a moderna Nablus (Jz 9.7). Os dois montes são muito semelhantes em altura e forma. O monte Ebal, porém, é desprovido de vegetação, ao passo que o monte Gerizim é coberto de belo verdor. Moisés ordenou que, quando os israelitas tivessem passado o rio Jordão, se dirigissem logo a Siquém e ali se dividisse toda a multidão em dois grupos, cada um composto de seis tribos: uma das partes ocupou o monte Ebal, e a outra, o monte Gerizim. As seis tribos que estavam no monte Gerizim deveriam proferir bênçãos sobre os que observassem fielmente a Lei do Senhor, enquanto as outras seis anunciariam maldições contra os que a violassem (Dt 11.29; 27.11-13; Js 8.30,31). O primeiro "grande" altar ao Senhor foi levantado em Ebal (Dt 27.2-8). Ali também foram colocadas pedras memoriais, com o fim de recordar a entrada dos israelitas na terra prometida depois da queda de Jericó. Os samaritanos, contudo, sustentavam que o altar fora elevado no monte Gerizim e, mais tarde, edificaram ali um templo, cujas ruínas ainda hoje se podem ver. A observação da mulher samaritana em Siquém diz respeito a esse fato (Jo 4.20).

Ebenézer. *Pedra de auxílio.* Uma pedra memorial erigida por Samuel, depois de os israelitas serem libertados dos filisteus (1Sm 4.1; 5.1; 7.12). Isso foi feito em um local que ficava entre Mispa, a "torre de vigia", à distância de 8 km ao norte de Jerusalém, e Sem, mas, na verdade, não se conhece sua exata posição. Éber,Héber. 1. Bisneto de Sem e filho de Saul. Foi um dos antepassados de Abraão, na sétima geração (Gn 10.21; 11.14-26). 2. O chefe de uma família de Gade (1Cr 5.13). 3. Um filho de Elpaal, da tribo de Benjamim (1Cr 8.12). 4. Um filho de Sasaque, também da tribo de Benjamim (1Cr 8.22). 5. Um sacerdote da família de Amoque (Ne 12.20). V. HEBREUS.

Ebrom. Uma cidade de Aser (Js 19.28).

Eclesiastes, O Livro de. O Eclesiastes acha-se agora classificado entre os escritos sagrados que fazem parte dos "Livros de Sabedoria". Essas obras distinguem-se em sua substância e em sua natureza das dos Profetas. Elas são mais reflexivas e éticas do que a expressão de uma mensagem direta de Deus, não se observando no livro palavras explicativas do tipo: "Assim diz o Senhor". Na verdade, não se menciona o nome do Senhor em Eclesiastes. *Título e autor*. O nome em português desse livro, extraído da versão grega, significa "O Pregador", aquele que fala a uma assembleia. Provavelmente, esse é o sentido do título hebraico *Qoheleth*. Essa pessoa deve ser Salomão, mas, idealmente, é como se seu espírito falasse isto: "Eu *fui* rei". Em geral, acredita-se que Salomão foi realmente seu autor, e o livro, segundo se afirma, encerra as reminiscências das horas de arrependimento e as sábias conclusões de sua maturidade. De acordo com essa maneira de ver, o sábio monarca, tão ricamente dotado de sabedoria, afastou-se de Deus, procurando a felicidade nas coisas mundanas e na prática da idolatria (1Rs 11.1-13); mas, em seus últimos anos, reconheceu sua loucura e deixou registrada em Eclesiastes sua experiência, depois de haver

proclamado, em tempos áureos, as grandes verdades da vida perante todos aqueles que de todas as partes vinham à sua corte para serem instruídos por sua renomada sabedoria. *Conteúdo*. Enquanto as grandiosas lições desse livro estão sendo claramente expostas, não se pode de forma alguma traçar o curso do pensamento. Depois de uma introdução geral, apresentando ao leitor o assunto e o desígnio (1.1-11), o Pregador recorda sua experiência pessoal em sua busca da felicidade, mostrando que nem os prazeres da vida, nem mesmo sua inteligência, puderam dar-lhe o que buscava (1.12—2.23). Ele conclui dizendo que a melhor coisa é orientar nosso viver segundo as inalteráveis disposições da divina providência (2.24; 3.15).

O autor faz suas observações sobre a *vida dos homens*, especialmente em suas relações sociais, e considera tudo vaidade (3.16; 4.16), apresentando algumas considerações admiráveis a esse respeito (5.1-9). Renova suas observações, considerando os homens como indivíduos, e expõe a decepção que os egoístas e os avarentos sofrem (5.10 e 6.12). Depois, ele apresenta algumas máximas de sabedoria prática para suavizar esses males, mas admite que nem sempre dão resultado (7.1; 9.10), e acrescenta algumas das mais impressionantes e preciosas instruções, tendo em vista a aplicação da sabedoria às várias circunstâncias da vida, com o fim de conseguir a maior felicidade possível (9.11; 11.6).

Isso conduz à exposição dos mais sublimes pensamentos sobre a sabedoria, produzindo uma serena esperança nos homens e preparando-os para a velhice, a morte e o juízo (11.7; 12.7). O Pregador, por meio da exposição de sua doutrina, chega a esta conclusão: (1) que as coisas do mundo realmente não trazem felicidade aos homens (12.8); (2) que somente a sabedoria divina pode ensiná-los a alcançar um viver sábio, apesar de sua natureza humana imperfeita (12.9-12); e (3) que essa sabedoria celestial prescreve que se cultive uma piedade humilde e respeitosa (12.13), na expectativa de um futuro em perfeita harmonia e retribuição, o objetivo mais sublime para o homem alcançar aqui na Terra (12.14).

Eclesiástico, O Livro de. Esse é o título latino de uns dos livros considerados apócrifos, chamado na *Septuaginta* Sabedoria de Jesus, filho de Siraque. Jesus ben Siraque, a quem se atribui a obra, parece ter sido um judeu da Palestina, ardente estudioso das Escrituras hebraicas, bem como grande patriota que sentia orgulho pelos grandes homens de sua nação e que, ao mesmo tempo, era um viajante, minucioso observador das coisas. O prólogo do livro é obra do neto do autor, que, por volta do ano 130 a.C., traduziu para o grego a obra hebraica, provavelmente escrita pouco depois do ano 200 a.C. Até há pouco tempo, o Eclesiástico somente era conhecido em suas versões, das quais a grega e a siríaca foram feitas do original hebraico, e a latina, da tradução grega. Mas, ultimamente, foram descobertos e examinados vários fragmentos do original hebraico. No século III d.C., Cipriano, pela primeira vez, o intitulou de *Eclesiasticus.* Considerando a vida sob três aspectos — o social, o doméstico e o civil —, o livro reconhece a paternidade de Deus, trata da sabedoria e refere-se à Lei de Moisés. Algumas partes da obra são sublimes, como o Louvor da Criação (42.15—43.33) e o Elogio dos homens famosos (cap. 44—50). Esse livro é o mais belo monumento que possuímos da literatura judaica não canônica.

Ecrom. Era a mais setentrional das cinco cidades pertencentes aos príncipes dos filisteus (Js 13.3). Estava situada nas terras baixas, e foi destinada a Judá (Js 15.11, 45,46). Foi também dada a Dã

(Js 19.43), mas, após algum tempo, os filisteus recuperaram- na. Foi a última cidade filisteia para onde se enviou a arca, antes de esta voltar ao poder dos israelitas (1Sm 5.10). A mortalidade nesse lugar foi maior que em Asdode ou em Gate. Era lugar santo para o culto de Baal-Zebube (2Rs 1.2-6). A destruição de Ecrom é profetizada em Am 1.8; Sf 2.4; Zc 9.5. O seu nome atual é Akri, a alguns quilômetros a sudoeste de Ramlé

Éden. *Delícias.* 1. O Éden é o jardim ou paraíso que Deus preparou para receber o homem (Gn 2.8). A localidade do jardim do Éden não pode ser determinada de forma exata, embora dois dos seus quatro rios sejam, indubitavelmente, o Tigre e o Eufrates. A identificação de Pisom e de Giom, no entanto, não foi possível. Talvez o "rio" que se transformou em quatro cabeças seja o golfo Pérsico, onde o Tigre e o Eufrates, além de dois outros rios, desaguavam originariamente. Provavelmente, considerava-se o golfo um rio, e o fenômeno das marés explica, desse modo, a divisão em quatro partes. Assim, o Éden ficaria nas férteis planícies da Babilônia. Outras referências ao Éden: "o jardim do Senhor", em Is 51.3; "jardim de Deus", em Ez 28.13 e 31.9; e "jardim do Éden", em 36.35. Nessas passagens, como na narrativa do Gênesis e em outros textos, a *Septuaginta* usa a palavra persa para paraíso ou jardim do Senhor. Por essa razão, no NT, o paraíso vem a ser o Éden restaurado, a ideal habitação dos bem-aventurados (Lc 23.43; 2Co 12.4; Ap 2.7). V. PARAÍSO.
2. Um gersonita, filho de Joá (2Cr 29.12).
3. Um levita do tempo de Ezequias, nomeado para distribuir as oblações (2Cr 31.15).
4. Um dos mercados do comércio de Tiro, tomado por um rei assírio. Parece ter sido a habitação dos Bit-Adini, a que as inscrições as sírias se referem, e sua localização fica a cerca de 320 km a nordeste de Damasco. Eles foram levados cativos para Telassar, na parte oriental do rio Tigre (2Rs 19.12; Is 37.12; Ez 27.23).

Éder. 1. O lugar onde Jacó permaneceu entre Belém e Hebrom chama-se a "torre de Éder" (Gn 35.21). Era uma das torres que serviam para os pastores vigiarem os rebanhos. Também serviam de lugares de abrigo, ou ainda como pontos de reunião, no estio, para os donos de rebanhos. A torre de Éder ficava afastada de Belém cerca de 1.600 m. Em Mq 4.8, parece que a cidade de Belém, a terra natal do Messias, utiliza a torre de Éder.
2. Cidade da fronteira, na extremidade sul de Judá (Js 15.21).
3. Um neto de Merari, filho de Levi (1Cr 23.23).

Edom. *Vermelho.* Esse foi o nome dado a Esaú por causa da cor vermelha do guisado de lentilhas pelo qual ele vendeu o seu direito de primogenitura a Jacó (Gn 25.30; 36.1).
2. O país que nos tempos do NT era conhecido pelo nome de Idumeia (Mc 3.8). Originariamente, chamava-se "monte Seir" (escabroso), na época habitado pelos horeus (Gn 14.6). Estendia-se do mar Morto até o mar Vermelho, e Elate e Eziom-Geber eram portos idumeus (Dt 2.8). É um território estreito e montanhoso, com 160 km de comprimento por 32 km de largura, e fica a 600 m, a altura média, acima do nível do mar. A leste, faz fronteira com o deserto da Arábia, e, a oeste, com Judá. É uma região de profundos vales e de férteis planícies, com um clima magnífico, mas o aspecto geral do terreno do país é acidentado e inculto (Jr 49.16; Ob 3.4).
Foi essa terra que Esaú ocupou logo depois da morte de seu pai, Isaque (Gn 36.6-8). Foi subjugada pelos seus descendentes (Dt 2.12). Os idumeus (descendentes de Esaú, ou Edom)

eram um povo guerreiro, habitantes das cavernas, como também o foram os horeus, a quem eles afugentaram daquelas localidades (Jr 49.16). Também eram idólatras (2Cr 25.14). Eles recusaram aos hebreus a passagem por seu território (Nm 20.14-21; 21.4) e foram acusados de ódio inveterado para com o povo israelita (Ez 25.12). Saul declarou guerra aos idumeus, e Davi os subjugou completamente depois de terrível carnificina (1Sm 14.47; 2Sm 8.14). A partir dessa época, os reis de Edom passaram a ser tributários dos reis de Judá, e essa situação perdurou até o reinado de Josafá (1Rs 22.47). A partir daí, mantiveram sua independência e fizeram repetidos ataques a Judá (2Cr 28.17). Sua hostilidade perversa (Ez 25.12) trouxe sobre eles os males profetizados por Isaías (34.5-15; 63.1-6), Jeremias (49.7-12; Lm 4.21), Ezequiel (25.14), Joel (3.19) e Amós (1.11,12). Durante o tempo do cativeiro dos israelitas, os idumeus avançaram na direção do noroeste, ocupando muitas cidades ao sul de Judá e de Simeão; mas, ao mesmo tempo, perderam a parte meridional de seu próprio território, conquistado pelos nabateus, poderosa tribo árabe.

Em tempos posteriores, o nome de Edom, ou Idumeia, estendia-se a todo o território desde o deserto da Arábia até o Mediterrâneo. Bozra (Bezer) era a cidade capital, mas a principal fortaleza era Petra (Sela), esse maravilhoso e quase inexpugnável lugar, talhado na rocha viva. V. PETRA. As palavras dos profetas foram completamente cumpridas — "Edom se fará um deserto abandonado" (Jl 3.19; Jr 49.17). Hoje, o deserto de Edom apresenta características tão peculiares que causa espanto, sendo difícil imaginar como uma região tão estéril e acidentada pôde, em tempos antigos, ser adornada de cidades e habitada por um poderoso e próspero povo! O seu aspecto atual poderia servir para desmentir sua história, não fossem os muitos vestígios de sua primitiva grandeza, os sinais de uma antiga cultura, isto é, ruínas de cidades e fortificações nas quais ainda é possível ver os restos de muralhas e de estradas revestidas de pedras.

Edrei. *Fortaleza.* 1. Cidade fortificada sobre um cabo formado de rochas elevadas que se salienta no ângulo sudoeste do Lejá. Foi uma das duas principais cidades de Basã e o local da derrota de Ogue pelos israelitas (Nm 21.33-35; Dt 1.4; 3.10; Js 9.10; 12.4; 13.12). Foi cedida à meia tribo oriental de Manassés (Js 13.29-31), mas depois disso não se faz outra referência a ela. Embora outrora fosse uma grande fortaleza, é agora um montão de ruínas, ao qual está ligado ainda o seu antigo nome (Edraet).

2. Cidade de Naftali ao norte da Palestina (Js 19.37), fica a 3 km ao sul de Quedes.

efa. Medida para secos e líquidos. A medida equivale a 22 litros. Essa medida tinha a mesma capacidade que o bato (Êx16.36).

Efésios, Epístola aos. Deduz-se a data em que o apóstolo Paulo escreveu essa epístola da narrativa. Paulo escreveu-a na mesma época em que Colossenses e Filemom foram escritas, quando o apóstolo era prisioneiro em Roma. Ele antevia a rápida decisão de seu caso: ou a morte, ou, como julgava mais provável, seu livramento (Fp 1.25,27; 2.23,24). Parece, também, que os filipenses ouviram falar da prisão de Paulo e, por isso, haviam contribuído com certa quantia para auxiliar o apóstolo; mais tarde, foram informados da doença de seu mensageiro Epafrodito em Roma, e Paulo, posteriormente, recebeu notícias a respeito deles e dos cuidados que dedicavam a ele (Fp 2.25-30; 4.10-18). Sem dúvida, a carta foi escrita de Roma por volta do ano 62 ou 63 d.C. (60 ou 61na cronologia revista). É provável que, originariamente, a Epístola aos Efésios fosse uma carta circular (epístola de Laodiceia, Cl 4.16) que deveria ser

dirigida a todas as igrejas da Ásia Menor.

A *ocasião* da epístola faz lembrar o ministério de Paulo em Éfeso. Sua primeira visita a Éfeso foi de curta duração, apenas um sábado, quando retornava de sua segunda viagem missionária. Mas a obra por ele iniciada entre os judeus foi sustentada por Áquila e Priscila, como também por Apolo (At 18.19-21,24,26). Esses cooperadores de Paulo trabalharam de tal modo que o apóstolo, já em sua segunda visita, encontrou algumas reservas para seus trabalhos posteriores. Paulo continuou trabalhando ali por mais de dois anos, apesar das fortes perseguições (At 20.19; 1Co 15.32), e colheu notáveis frutos de seu trabalho entre judeus e gentios não somente na cidade, mas em toda a província (At 19.10). Dessa maneira, foram implantadas as "sete igrejas da Ásia". Paulo, em sua evangelização zelosa e persistente (At 20.18-20), implantou, na própria cidade de Éfeso, uma grande e florescente igreja, à qual, no ano seguinte, em sua última viagem a Jerusalém, ele, por meio dos seus anciãos ou presbíteros, dirigiu solenes palavras de despedida (At 20.17-35). Depois confiou essa igreja aos cuidados de Timóteo (1Tm 1.3).

As palavras da epístola têm um caráter particular. Não é bem uma epístola pessoal, como algumas outras cartas do mesmo autor. Todavia, é notável pelos delineamentos cuidadosos sobre o proclamado evangelho de Paulo. A linguagem é a de um coração apaixonado pela verdade, manifestando um ardente espírito, universal em seus propósitos e generoso em todos os aspectos. Há muitos pontos de ligação entre a linguagem da Epístola aos Efésios e a da enviada aos Colossenses. Também é digno de nota o uso de algumas palavras e frases que se encontram nessas duas cartas.

Na Epístola aos Efésios, a expressão "lugares celestiais" — e suas variações "regiões celestiais" ou "regiões celestes" — ocorre cinco vezes, e há 12 ocorrências da palavra "graça". A palavra "riqueza" é, igualmente, por vezes empregada: "riqueza da sua graça" (1.7; 2.7); "riqueza da glória" (1.18; 3.16); "riquezas de Cristo" (3.8). "Mistério", no sentido do segredo outrora oculto em Deus, mas agora revelado, é um termo recorrente nas epístolas de Paulo, mas especialmente característico dessa epístola, na qual ocorre seis vezes (1.9; 3.3,4,9; 5.32; 6.19), e sempre enfaticamente. Nessa epístola, a comparação que o apóstolo faz entre a igreja e um edifício suntuoso, bem como a alegoria da armadura de um soldado romano, são expressivas e belas (2.20-22; 6.13-17). Já se mencionou a omissão de saudações pessoais.

Todo o assunto de que a epístola trata divide-se em duas partes principais: os cap. 1—3 são principalmente doutrinais; e os cap. 4—6 são quase inteiramente práticos.

Éfeso. Cidade situada na região da Ásia Menor, às margens do rio Caístro, a cerca de uns 10 km de sua foz. Era uma cidade livre, centro da administração romana, na qual havia muitos judeus. Essa povoação era muito famosa pelo templo de Ártemis (Diana), de extrema magnificência e com imensos tesouros, considerado como uma das maravilhas do mundo. Esse templo tinha 130 m de comprimento por 67 m de largura e era adornado com pinturas e estátuas. Foi incendiado no dia em que Alexandre, o Grande, nasceu e, por algum tempo, ficou em ruínas. Alexandre ofereceu-se para reconstruí-lo se os efésios aceitassem pôr no novo edifício uma inscrição que indicasse o nome do benfeitor. O oferecimento foi recusado, e os próprios habitantes reedificaram o templo com maior magnificência que o anterior. As ruínas de Éfeso encontram-se perto da cidade turca de Kusadási — Anatólia. Muitas das peças de mármore, bem como as pedras preciosas, que se empregaram na construção dos seus magníficos edifícios

foram levadas para Constantinopla e outras grandes cidades, situadas às margens do Mediterrâneo, e a massa de toda aquela alvenaria serviu, durante séculos, aos habitantes dos locais próximos.

O livro de Atos menciona duas visitas de Paulo a Éfeso (18.19; 19.1). Na primeira vez, quando se dirigia a Jerusalém, pregou em um sábado na sinagoga, e Priscila e Áquila ficaram em seu lugar, aos quais, pouco tempo depois, juntou-se Apolo. Quando Paulo visitou a cidade pela segunda vez, permaneceu ali por mais de dois anos, sendo a razão provável dessa demora a importância do lugar, a sede principal da idolatria e grande centro de influência. Os trabalhos de evangelização foram coroados por notáveis resultados, tanto na cidade como nas aldeias circunvizinhas. Segundo uma tradição primitiva, João, o evangelista e apóstolo, viveu em Éfeso, no final de sua vida. V. PAULO, DIANA. O sumário das referências bíblicas a Éfeso é a seguinte: situação do templo e a imagem de Diana, que sugeriram ilustrações a Paulo (1Co 3.9-17; Ef 2.19-22; 1Tm 3.15; 2Tm 2.20).

Centro dos trabalhos de Paulo quando concluía sua segunda viagem (At 18.19-21). Por quase três anos, quando o apóstolo retornava de sua terceira viagem missionária, ali também evangelizou (At 19.1-20; 20.31). Foi o cenário do tumulto provocado pelos adoradores de Diana (At 19.21-41; 20.1; 1Co 15.32). Depois disso, Paulo mandou chamar os presbíteros de Éfeso para se encontrarem com ele em Mileto (At 20.16- 18). Ali Timóteo exerceu seu ministério (1Tm 1.3), e trabalharam também na obra do evangelho Áquila e Priscila (At 18.18,19; 2Tm 4.19), Apolo (At 18.24) e Tíquico e Trófimo (At 20.4; 21.29; 2Tm 4.12). Foi residência de alguns discípulos de João Batista (At 19.1-3); de Onesíforo (2Tm 1.16- 18; 4.19); de Alexandre, o latoeiro (2Tm 4.14); de Demétrio (At 19.24); dos filhos de Ceva (At 19.14); de Himeneu e Alexandre (1Tm 1.20; 2Tm 4.14); e, finalmente, de Fígelo e Hermógenes (2Tm 1.15). É o lugar de uma das sete igrejas à qual se refere o livro de Apocalipse (1.11; 2.1). Paulo, de Roma, dirigiu a essa igreja a Epístola aos Efésios. V. EFÉSIOS, EPÍSTOLA AOS.

Efraim. *Fértil.* Segundo filho de José, nascido no Egito (Gn 41.52). Quando foi levado, com Manassés, à presença do patriarca Jacó, este pôs sua mão direita sobre ele. José quis mudar as posições de seus dois filhos, mas Jacó recusou-se a atender a seu pedido (Gn 48.8-20).

Efraim, cidade de. Cidade em uma região "vizinha ao deserto", para onde Jesus Cristo se retirou em razão da veemente hostilidade dos judeus de Jerusalém (Jo 11.54).

É provavelmente, a mesma cidade também conhecida por Ofra. (V. esse verbete.) Não se sabe se é exatamente aquela povoação mencionada em 2Sm 13.23, a qual ficava na vizinhança da herdade de Absalão.

Efraim, bosque de. A floresta ou bosque de Efraim (1Sm 14.25; 2Rs 2.24) ficava a leste do Jordão, perto de Jabes-Gileade, e foi um lugar memorável pela batalha que ali se travou entre Davi e o exército rebelde de Absalão (2Sm 18.6).

Efraim, monte de. (Js 17.15; 19.50; 20.7). Também se diz região montanhosa de Efraim. Deu-se esse nome à cordilheira que se estende de norte a sul pelas terras de Efraim. O solo era fértil tanto nas encostas orientais como nas ocidentais. Efraim, Porta de. Uma das portas de Jerusalém, perto da que é hoje conhecida pelo nome de Porta de Damasco (2Rs 14.13; 2Cr 25.23; Ne 8.16).

Efraim, tribo de. Os descendentes de Efraim ocuparam uma das mais férteis regiões da Palestina, tendo o mar Mediterrâneo a oeste, e o rio Jordão protegendo-os a leste. Ao norte, limitava-se com a tribo de Manassés, e ao sul fazia fronteira com as terras das tribos de Dã e Benjamim. A tribo de Efraim, quando deixou o Egito, era extraordinariamente volumosa (Nm 2.18,19). Josué, efraimita, deu-lhe a porção de território anteriormente descrita (Js 16.1-10). A arca e o tabernáculo permaneceram por muito tempo no território dessa tribo, em Siló. Depois da revolta e separação das dez tribos, a capital do seu reino sempre esteve dentro dos limites de Efraim, de modo que o povo proveniente da região, muitas vezes, é chamado de efraimita (Jr 31.9).

Efrom. *Fortaleza.* 1. Heteu que possuía o campo onde estava a caverna de Macpela, o qual foi comprado por Abraão pela quantia de 400 siclos de prata (Gn 23.8-17; 25.9; 49.29,30). 2. Monte que, com o território circunvizinho, servia de fronteira ao norte de Judá (Js 15.9). 3. Cidade perto de Betel, no deserto de Judá (2Cr 13.19). Foi tomada, com outras cidades, a Jeroboão por Abias, rei de Judá.

Egito. Por toda a história da Bíblia, desde que Abraão desceu ao Egito para ali habitar (Gn 12.10) por causa da grande fome que havia em Canaã, até aquele dia em que José, por mandado do Senhor, levantou-se às pressas e, tomando à noite o menino e sua mãe (Mt 2.14), partiu para o Egito, os israelitas e os egípcios estão sempre em comunicação. Nas Escrituras Sagradas, o nome genérico de Egito é Mizraim; chama-se o Alto Egito algumas vezes de Patros (v. Is 11.11; Jr 44.1; Ez 29.14; Ez 30.14-16). Uma designação poética do Egito é Raabe (Sl 87.4; 89.10; Is 51.9 [ARC]). V. RAABE. Quanto ao aspecto físico, o Egito limita-se ao norte com o mar Mediterrâneo; a noroeste, com o ribeiro El-Aris (o rio do Egito em Nm 34.5), a fronteira da Palestina, e com o deserto sírio ou arábico até o golfo de Suez; desse ponto, na direção sul, tem por limite a costa ocidental do mar Vermelho, ficando as terras egípcias a oeste do deserto da Líbia. Desde os tempos mais remotos, seus limites meridionais foram as cataratas de Assuã, a antiga Siene. O comprimento do Egito é muito desproporcional à largura, pois aquele chega a cerca de 800 km, e esta varia entre 8 km mais ou menos (terra cultivável) e cerca de 130 km, que é toda a largura da fronteira marítima do delta do Nilo. A bem conhecida e afamada fertilidade do solo do Egito provinha, e ainda hoje provém, da fertilizadora influência das inundações anuais do rio Nilo, fato que já é notado em Dt 11.10-12, quando ali se faz referência ao sistema de cultivar as terras por meio da irrigação. A Palestina, de acordo com essa mesma passagem, era um país regado pelas chuvas, ao passo que o Egito tinha de ser laboriosamente regado pelo próprio homem, pois, nesse país, as chuvas não são frequentes, e a fertilidade depende do solo irrigado pela cheia anual do Nilo. Tira-se todo o proveito possível dessa cheia, para irrigar as terras por meio de canais e abertura de regos. Fazer canais e limpá-los era uma das formas da "dura servidão, em barro, e em tijolos" (Êx1.14), pela qual os israelitas eram amargurados no Egito.

A prosperidade, as riquezas e a fertilidade do Egito dependiam das cheias do Nilo, como também sua própria existência. O limo é trazido nas correntes que descem das montanhas e dos planaltos da Etiópia, bem como de locais que ficam bem mais para o interior da África, e, durante as inundações anuais, ele deposita-se nas terras. No período das cheias, todo o país parece um conjunto de lagos, canais e reservatórios, e todos eles são separados por açudes e por

estradas alteadas, isto é, construídas em terrenos mais altos do que os alagados. Não é tanto a saturação do solo, mas o que nele se deposita, que produz tão largas colheitas. Logo que as águas baixam, começa o período de plantio. A semente é lançada no chão umedecido, ou até mesmo sobre a água que ainda cobre um pouco a terra, e, sob a ação do quentíssimo sol, a vegetação e os frutos aparecem com tal rapidez que se pode fazer uma série de colheitas. A aparência do país é transformada em virtude das cheias anuais e torna-se simplesmente assustadora. O que era deserto seco, só areia e pó, converte-se, em um curto espaço de tempo, em belos campos cobertos de verdor. Os egípcios eram tão inteiramente dependentes do rio Nilo que o adoravam, prestando-lhe honras divinas, pois o consideravam o primeiro e mais importante de todos os seus deuses. Foi esse culto ao rio que tornou terrivelmente impressionante a praga das rãs e a da conversão das águas em sangue (Êx 7.15-25; 8.1-15).

O Egito, em suas divisões políticas, desde tempos muito remotos, era dividido em nomos, ou distritos. Estes, outrora, eram praticamente reinos separados, sujeitos a um supremo governador; primitivamente havia 36 deles, e cada um tinha seus objetos de culto especiais. Esses nomos foram diminuindo em número até que, no tempo de Isaías, não havia, provavelmente, mais do que dois deles. Somente duas das divisões se acham mencionadas nas Escrituras, Patros e Caftor. Com respeito a determinada divisão, a terra de Gósen, pelo que se dizia, era uma das mais ricas terras de pastagem do Baixo Egito. O sentido do nome é desconhecido, mas talvez seja derivado de guse, palavra árabe cujo significado é "coração" e a qual se utiliza para referir-se ao que é escolhido, ou ao que é precioso (Gn 45.18; 47.11).

Foi essa a província que José escolheu para ali estabelecer seus parentes. Gósen ficava entre o braço mais oriental do Nilo, da Palestina e da Arábia. Fazia parte do distrito de Heliópolis, do qual a notável Om das Escrituras era capital. V. GÓSEN E OM. Como era de esperar em um país tão populoso como o Egito, havia muitas cidades, grandes e prósperas, dentro de seus limites. Pouco se sabe sobre as mais antigas povoações, a não ser a informação que se recolheu nos monumentos e nas inscrições dispersos pelo país.

Tebas, uma das mais notáveis dessas cidades, era a antiga capital do Egito. Diz-se que essa famosa cidade foi edificada por Mizraim, filho de Cam e neto de Noé. Foi também chamada Nô(Ez 30.14), Nô-Amom e Dióspolis. Situava-se às margens do Nilo, a sede do culto prestado ao deus Amom, e ali encontravam-se os ricos e magníficos templos e outros edifícios públicos. A cidade de Tebas era grandiosa e poderosa, conforme atestado pela História, e a Escritura, quando a compara com Nínive e lhe dá preeminência sobre esta cidade, confirma essa informação (Na 3.8-10). V. NÔ. Outras cidades importantes eram Zoã (Sl 78.12); Om, ou Heliópolis (Gn 41.45); Pitom e Ramessés (Êx 1.11); Sim (Ez 30.15); Pi-Besete, ou Bubastes (Ez 30.17); Tafnes, ou Hanes (Jr 43.8; Is 30.4); Migdol (Jr 46.14); Mênfis, ou Nofe, cuja riqueza e fama são atestadas por antigos escritores que chegaram a considerá-la um lugar superior a Tebas, além de ser a maior cidade dos faraós que os hebreus melhor conheciam e que recebeu grande número de referências na Bíblia; Sevene (Ez 29.10); e Alexandria.

Os egípcios, antes mesmo da fundação de Cartago, Atenas e Roma, já haviam alcançado um alto grau de prosperidade, quanto à vida luxuosa e aos seus costumes, em um tempo em que todo o mundo ocidental se achava ainda envolto no barbarismo. O sistema de governo era a monarquia, cujo fundamento era um poderoso sacerdócio do qual o chefe era o próprio

monarca. Esses reis-sacerdotes foram, inicialmente, chamados de faraós. Faraó não era um nome próprio, mas apenas uma palavra que significava "Casa Grande", e que geralmente se usava como prefixo do nome do monarca. A coroa era hereditária, mas os atos do faraó eram consideravelmente limitados pelo costume e pelas leis que os livros sagrados encerravam. Os chefes ou reis territoriais estavam sujeitos à jurisdição do faraó. Esses chefes tinham o governo das províncias, ou nomos, e governavam segundo as leis gerais do país. Com o fim de preservar a dignidade do monarca, não se permitia que um servo assalariado, ou um escravo, ficasse perto de seu augusto amo. Para evitar essa aproximação, as crianças pertencentes à ordem sacerdotal serviam ao faraó, as quais sempre recebiam uma refinada educação quer em conhecimentos quer em boas maneiras. Os reis egípcios eram muito respeitados. Nas honras que lhes prestavam, eram considerados como visíveis representações da divindade; e, depois da sua morte, eram pranteados como se fossem mais do que homens e também eram adorados. O povo do Egito, excluindo-se o rei, ou faraó, era dividido em sete classes ou castas distintas: os sacerdotes, os militares, os pastores, os guardadores de porcos, os lojistas e negociantes em geral, os intérpretes e os barqueiros. Além dessa divisão, cada casta subdividia-se em homens de várias ocupações, e nenhuma pessoa se intrometia nos negócios dos outros.

O *sacerdócio* era, realmente, o poder dominador, visto que o governo era mais eclesiástico do que monárquico. Mesmo que o rei não tivesse sido sacerdote anteriormente, ao subir ao trono ficava logo pertencendo à classe sacerdotal e era iniciado em seus mistérios. Esse fato pode explicar a união de José com Asenate, filha do "sacerdote de Om", pois o desejo do faraó e dos sacerdotes era concentrar todo o poder em suas mãos. Os sacerdotes possuíam grandes privilégios e auferiam grandes rendas (Gn 47.22,26). As principais sedes de sua instrução eram as grandes cidades, como Tebas e Om, mas, por todo o reino, havia também grupos de sacerdotes guiando o povo na religião e governando-o. Os sumos sacerdotes, que ocupavam cargos de poder, tinham uma posição logo abaixo à do rei (V. POTÍFERA), e todo o corpo sacerdotal não só dirigia o culto do povo, ocupando- se do serviço de seus deuses, mas também cada sacerdote era juiz, médico, adivinho e arquiteto. Os templos e as pensões deles eram sustentados com doações de terras que proporcionavam os provimentos necessários aos sacerdotes, e havia ainda um fundo comum para eles e suas famílias. Os livros sagrados, sobre os quais era exercida cuidadosa vigilância, continham não só os mistérios de seu culto, mas também os princípios do governo.

Além dos reis, os deuses locais eram os objetos de toda a religião pública e popular. A tentativa de Amenotepe IV (1370 a.C.), de que somente o Sol fosse adorado como Deus supremo não se sustentou. Em tempos posteriores, os mistérios, especialmente os de Osíris e os de Ísis, tornaram-se muito populares, mas eram revelados somente aos iniciados.

Quanto ao *exército*, os faraós tinham uma força esplendidamente organizada. Assim, a rapidez com que os carros de guerra e a cavalaria (mesmo depois das terríveis pragas que tinham caído sobre o país em resultado da luta entre Moisés e o faraó, Êx 14 e 15) foram reunidos para perseguição dos israelitas mostra que grandes forças militares estavam sempre preparadas e prontas para os acontecimentos. O exército tinha militares, e o emprego de soldado era hereditário. Na verdade, ele era membro de uma casta que desfrutava de particulares privilégios, possuindo para sua manutenção certos nomos ou províncias. O monarca era o comandante-

chefe, e a posição à sua direita era de honra especial. O exército achava-se dividido em batalhões, e cada um deles tinha seu próprio estandarte, sempre carregado por um oficial. As armas consistiam em arcos, escudos, martelos, espadas, lanças, maças e fundas. Dedicava-se grande atenção à criação de cavalos para o exército: alguns dos príncipes mantinham dezenas de estrebarias com centenas de cavalos. Todavia, apesar de toda a sua preparação militar, os egípcios não eram, afinal de contas, um povo guerreiro, mas conservavam o exército para sua própria proteção. Alguns dos dominadores, porém, mais ambiciosos ou mais vingativos do que outros, levaram a espada e o fogo aos territórios dos povos circunvizinhos.

Com respeito às *leis* dos egípcios, elas, em geral, eram justas e inclinadas à compaixão. Dizia-se que Toth, ou Hermes (o Mercúrio grego), as tinha composto para benefício da humanidade. O castigo geral para os pequenos delitos era a sova, ao passo que a mutilação, a prisão e a morte eram reservadas ao homicida voluntário e aos praticantes de outros crimes graves.

Na *agricultura e no comércio*, os egípcios eram um povo diligente e hábil. A cultura da planta do linho e de outras fibras para fabricação do papiro, do linho e de outros tecidos achava-se em grande desenvolvimento; e também era grande o número de outros vegetais que cresciam nos campos. Uvas, romãs, tâmaras e outros frutos eram produzidos abundantemente. Havia, além disso, abundância de cereais, a principal riqueza do país. Os mais importantes desses cereais eram a cevada, o centeio e o trigo. Por causa desse último produto, o Egito tornou-se especialmente afamado. Alguns povos consideravam o Egito como terra do trigo, e suas riquezas eram proverbiais (Êx12.35; Ez 32.12; Hb 11.26). O Egito, além de seus preciosos produtos vegetais, tinha minas de ouro, prata, cobre, chumbo, ferro, esmeraldas e enxofre, as quais se achavam nas terras altas. O trabalho nas minas era feito principalmente por escravos, e era tão cruelmente dirigido que a mortalidade era espantosa. Em tempos posteriores, quando o Egito estava passando de um conquistador para outro, as minas foram pouco a pouco abandonadas.

A *vida social* dos egípcios era a de um povo inteligente e instruído, familiarizado com as artes, vivendo entre monumentos grandiosos de sua vida passada. Estava acostumado ao desenvolvimento proveniente de suas riquezas e à comunicação com os outros povos. Com respeito moral, os egípcios eram dissolutos, com costumes desregrados, mas, em suas relações uns com os outros, eram cerimoniosos. Quanto à higiene pessoal, eram asseados. Aceitava- se a poligamia e o casamento de irmão com irmã. O vestuário era composto basicamente por roupas de linho, e usavam- se ornamentos de ouro e prata e com flores. Aceitava-se a escravidão (Gn 12.16). Empregavam-se largamente os cativos na construção de monumentos de que, em geral, apenas os monarcas sucessores usufruíam.

O Egito era governado por dinastias sucessivas, e, quanto à maioria delas, temos apenas uma limitada, mas valiosa, informação histórica. Menes, o primeiro rei histórico, reinou por volta de 4000 a.C. Quéops e outros reis, no governo da quarta dinastia, edificaram as três maiores pirâmides em Gizé. Houve perturbações sociais no tempo da décima terceira e décima quarta dinastias, e, em razão disso, preparou-se o caminho para a subjugação do Egito pelos invasores estrangeiros. Estes são conhecidos pelo nome de hicsos, ou reis pastores. O seu jugo foi quebrado, e sua última fortaleza foi tomada por volta do ano 1600 a.C. No que concerne aos atos pessoais e diplomáticos de Amenófis III, pertencente à décima oitava dinastia, as inscrições de Tel el-Amarna, em tabuletas, fornecem muitos esclarecimentos. Ramsés II, monarca da

décima nona dinastia, é o mais famoso edificador de templos, identificado como o faraó da opressão, e seu filho Meneptá, como o faraó do êxodo. No Egito, a *escravidão* do povo israelita durou quatrocentos anos, mais ou menos, considerando- se que a permanência no Egito foi de quatrocentos e trinta anos (Êx 12.40). Os fatos da opressão e da calamitosa saída, com a qual os egípcios sofreram muito, fizeram que os dois povos, embora não demonstrassem forte inimizade, se conservassem bem afastados um do outro até os reinados de Davi e Salomão. O rei Salomão, ao casar-se com a filha do faraó, consolidou a renascida amizade com os egípcios e recebeu como dote a cidade de Gezer (1Rs 9.16). Os israelitas e os egípcios, por um longo período de tempo, viveram entre a indiferença e estimadas alianças. Mas, certamente, sentiriam o inevitável. Israel, como ratinho nas unhas do gato, sofria quase sempre os maus-tratos, terrivelmente cruéis, de sua grande e pouco escrupulosa aliada. Na realidade, as alianças de Israel com o Egito trouxeram, por fim, a queda do reino de Judá, conforme profetizada por Isaías (36.6). Quase um século depois da destruição de Jerusalém por Nabucodonosor, o Egito foi conquistado pela Pérsia, tornando-se, desse modo, uma província persa. Desde essa época, Israel passou a ser ora a presa de um dominador estrangeiro, ora a de outro conquistador. Eis, em suma, as referências feitas ao Egito pelos escritores da Bíblia: ele é chamado "terra de Cam" (Sl 78.51; 105.23, 27) e de "Raabe" (Sl 87.4; 89.10; Is 51.9, ARC); as terras são inundadas pelo Nilo e regadas por irrigação artificial (Dt 11.10,11); as chuvas são raras (Dt 11.10,11; Zc 14.18); país reconhecidamente fértil (Gn 13.10), de modo especial o delta do Nilo, a leste do qual encontrava-se a terra de Gósen (Gn 46.28,34; 47.1-6,11); produtor de grão e de outros vegetais (Êx 9.31,32; Nm 11.5; Is 19.7); de papiro (Êx 2.3); tinha criações de cavalos, bois, camelos, jumentos e carneiros (Gn 12.16; 41.19; Êx 9.3; Dt 17.16; 1Rs 10.28,29); tinha crocodilos, rãs e gafanhotos (Êx8.2-5; 10.3-6,12,19; Sl 74.13, 14); foi famoso por suas fábricas de tecidos (Pv 7.16; Is 19.9) e pelos trabalhos de olaria (Êx 1.14). O Egito foi habitação de Abraão por certo tempo (Gn 12.10-20; 13.1); foi o país do cativeiro de José (Gn 37.28,36; 39.40) e teatro da sua administração(Gn 41.47); os filhos de Jacó, que iam comprar trigo, o visitaram (Gn 42 e 43); foi residência de Jacó e de seus filhos (Gn 46—49; At 7.15); ali os israelitas sofreram terrível opressão (Êx 1; Is 52.4; At 7.19); deu-se nessa terra o fato das dez pragas e dos encantamentos dos magos (Êx 7.9, 11); e da libertação de Israel por meio de Moisés (Êx 12.31-42; 13.17-22; 14). Os convertidos dos egípcios eram admitidos na congregação de Israel (Dt 23.7,8); os israelitas adotaram a idolatria do Egito (Êx32.4,8; Js 24.14; 1Rs 12.28; Ez 20.7,8). Fizeram aliança com Hadade, o edomita (1Rs 11.17-20); com Salomão (1Rs 3.1;7.8; 9.24; 10.28.29). O faraó tomou Gezer, cidade dos cananeus (1Rs 9.16); Sisaque recebeu Jeroboão, quando este fugia de Salomão (1Rs 11.40); o mesmo rei Sisaque tomou Jerusalém no reinado de Roboão, ficando este seu tributário (1Rs 14.25,26; 2Cr 12.2-9); Oseias, rei de Israel, procura o auxílio de Sô para se rebelar contra a Assíria (2Rs 17.4; Ez 17.1-21); Tiraca, rei da Etiópia, avançou contra Senaqueribe em auxílio de Ezequias, rei de Judá (2Rs 19.9; Is 36.6; 37.9). Neco, quando atacou o rei da Assíria, encontrou- se com Josias, rei de Judá, e este foi derrotado e morto em Megido (2Rs 23.29,30; 2Cr 35.20-24); o mesmo faraó depôs Jeoacaz, fez tributário o reino de Judá (2Rs 23.33,34; 2Cr 36.1-4) e foi derrotado por Nabucodonosor em Carquemis (Jr 46.2), e a Assíria, que pertencia ao Egito, passou para o domínio babilônico (2Rs 24.7). No Egito, Urias, que profetizava em nome do Senhor,

procurou asilo (Jr 26.20- 23). O faraó Hofra mandou um exército em auxílio de Zedequias, de modo que os babilônios retiraram o cerco de Jerusalém por algum tempo (Jr 37.5-11; Ez 17.11-18); essa nação recebeu Jeremias e outros fugitivos de Jerusalém, quando esta foi tomada por Nabucodonosor (Jr 43.1-7). O Egito foi invadido por Nabucodonosor, como fora profetizado (Jr 44.30; 46.13-26; Ez 29.32). Os profetas condenavam a confiança que as israelitas depositavam no Egito (2Rs 18.21; Is 7.18; 30.1-7; 31.1-3; 36.6; Ez 17.15; 29.6; Os 12.1). Cumpriu-se a profecia que se referia ao desaparecimento de Mênfis e dos ídolos (Jr 46.19; Ez 30.13); a que predizia o desaparecimento do papiro — "as canas e os juncos se murcharão" (Is 19.6,7); a que anunciava que os canais do Egito secariam (Is 19.5- 10); e a de que não haveria mais príncipes "na terra do Egito" (Ez 30.13). Promessa de bênçãos (Is 19.19-25).

Eglom. 1. Eglom era rei dos moabitas, o qual, com o auxílio dos amonitas e amalequitas (Jz 3.12ss), tomou Jericó, oprimindo o povo de Israel por dezoito anos, obrigando- o a pagar tributo. Foi assassinado por um israelita, chamado Eúde, que, por meio de um presente, obteve permissão para ser chamado à sua presença. V. EÚDE.

2. Uma das cidades dos amorreus que, em poder do seu rei Debir, e na confederação de quatro outras cidades, declarou guerra a Gibeom. Foi destruída por Josué (Js 10.3- 35; 12.12) e, na divisão das terras, coube à tribo de Judá (Js 15.39). Hoje, chama-se Ailã e fica a 22 km a nordeste de Gaza e a 16 km de Beit Jibrim, ao sul da grande planície marítima. V. JOSUÉ.

elamitas. Ed 4.9; Jr 49.37; At 2.9. V. ELÃO.

Elão. 1. Filho mais velho de Sem, cuja família deu seu nome a um território que fica ao sul da Assíria, tendo a Pérsia a leste. Os elamitas e os persas descendem dele (Gn 10.22). O país situava-se na Baixa Mesopotâmia, no cimo do golfo Pérsico, ao sul da Assíria e leste da Pérsia. Foi um reino poderoso sob o domínio de Quedorlaomer (Gn 14.1), mas sua ruína foi anunciada por Jeremias (25.25; 49.34) e Ezequiel (32.24). Era uma província da Babilônia no tempo de Belsazar (Dn 8.2), quando Susã era a capital. Esta era uma das mais antigas cidades do Oriente, e seus reis, mesmo depois de perder sua posição predominante, ainda permaneceram em condições de semi-independência, embora o país tivesse ficado sujeito à Babilônia desde o tempo de Nabucodonosor. O povo elamita era guerreiro e distinguia-se no manejo do arco (Is 22.6; Jr 49.35). Muitos judeus viviam nesse país, o que se comprova pelo número dos que foram a Jerusalém e ali se encontravam no dia de Pentecostes (At 2.9). V. SUSÃ.

2. Filho de Sasaque (1Cr 8.24).

3. Um levita, filho de Meselemias, sendo também "dos filhos de Asafe" (1Cr 26.3).

4. Família de elamitas que voltou de Babilônia para Jerusalém com Zorobabel (Ed 2.7). O número de indivíduos repatriados era de 1.254, e 71 foram os que voltaram com Esdras. Membros dessa família achavam-se entre aqueles que despediram suas mulheres estrangeiras (Ed 10.26). Um deles foi signatário do pacto (Ne 10.14).

5. Outra família com o mesmo nome e com o mesmo número de membros, a qual também voltou com Zorobabel (Ed 2.31). Referida como "outro Elão", para se distinguir da já mencionada.

6. Sacerdote que assistiu ao ato da dedicação dos muros de Jerusalém depois da restauração (Ne 12.42).

Elasa. *Deus criou.* 1. Sacerdote que casou com uma mulher estrangeira no tempo de Esdras (Ed 10.22).

2. Embaixador do rei Zedequias, que foi à Babilônia falar com Nabucodonosor. Ele também levava uma carta aos judeus cativos na Babilônia (Jr 29.3).

Elasar. Os domínios do rei Arioque (Gn 14.1). Nos tempos de Abraão, Elasar era a capital de um reino, sujeito a Elão. Costuma-se identificar essa povoação com a antiga cidade de Larsa, na Caldeia, a qual hoje se chama Senkereh.

Elate. Localizada na terra de Edom, "à praia do mar", que hoje se chama Eilé, localizada na parte superior do golfo Arábico. Pertencia, primitivamente, aos idumeus ou edomitas. Quando Davi conquistou Edom, e "em todo o Edom pôs guarnições" (2Sm 8.14), ele começou a estabelecer relações comerciais com o mundo exterior. Elate tornou-se porto de importância e lugar de considerável grandeza. No reinado de Salomão, Elate, bem como a localidade vizinha Eziom-Geber, passou a ser ainda mais importante por causa dos navios que o mesmo rei mandou construir, providos com tudo de que necessitavam, com o fim de comercializar com Ofir e mandar vir dali ouro e outras mercadorias preciosas (2Cr 8.17).

O porto de Elate permaneceu em poder dos israelitas por cento e cinquenta anos, mas foi recuperado pelos idumeus no reinado de Jeorão (2Rs 8.20). Todavia, Uzias, rei de Judá, retomou o porto, fortificou-o e repovoou-o com súditos seus, restabelecendo o comércio com Ofir. Continuou prosperando até o tempo de Acaz, que o perdeu, e o rei de Damasco tomou posse de tal localidade. A população da cidade, uma vez mais, foi mudada. Os judeus foram expulsos, dessa vez para o bem deles, sendo substituídos pelos sírios, que ali foram postos pelo rei Rezim (2Rs 14.22; 16.6).

Elcana. *Possessão de Deus.* 1. Êx6.24.

2. Pai de Samuel (1Sm 1.1-23; 1Cr 6.27, 34). Ele viveu no tempo de Eli e era casado com duas mulheres; uma delas era Ana, que, em resposta a suas orações, teve um filho a quem foi dado o nome de Samuel.

3. Um levita, que deve ser o mesmo de Êx 6.24, e um dos primeiros antepassados do pai de Samuel (1Cr 6.23).

4. Também antepassado mais próximo do pai de Samuel (1Cr 6.26).

5. 1Cr 9.16.

6. Um coraíta, que se juntou a Davi em Ziclague (1Cr 12.6).

7. Um levita (1Cr 15.23).

8. Um oficial do rei Acaz (2Cr 28.7).

Eleal ou Eleale. *Deus é engrandecido*. Cidade moabita, ao norte de Hesbom, que foi dada a Rúben (Nm 32.3). Situa-se a leste do Jordão, em terra de pastagem. Isaías e Jeremias a denunciaram. Ainda é possível ver as ruínas, cujo nome é El-Áal, no cimo de um monte, cercado de uma ampla planície (Is 15.4; 16.9; Jr 48.34).

Eleazar. *Deus nos auxiliou.* 1. Terceiro filho de Arão e de Eliseba, e esta era filha de Aminadabe, descendente de Judá por Perez (Gn 38.29; Êx6.23; Rt 4.18). Ele, bem como os de sua família que o seguiram, sucederam Arão no cargo de sumo sacerdote, conservando-se nessa alta posição até a época de Eli. Os seus dois irmãos mais velhos, Nadabe e Abiú, embora consagrados ao ministério sacerdotal, foram feridos de morte por causa de sua perversidade. Como Eleazar

passou a ser o filho mais velho, e sobrevivente, sucedeu seu pai, e seu sucessor foi seu filho Fineias, bem como seus herdeiros em conformidade com o pacto (Nm 25.12,13). Isso continuou assim até que, na pessoa de Eli, o sagrado ofício passou, por certo tempo, para a família de Itamar. Não se sabe o motivo por que a sucessão sacerdotal foi transferida de Eleazar para Itamar, mas temos conhecimento de que essa alta missão passou a ser exercida pela família de Eleazar por causa da vida escandalosa dos filhos de Eli. Desde tal época, o lugar de príncipe dos sacerdotes foi ocupado pela família de Eleazar até o cativeiro. V. AMATAR.

2. Filho de Abinadabe, sob os cuidados de quem foi confiada a arca, quando esta voltou para Israel, enviada pelos filisteus. Ele foi nomeado para essa tarefa por seus conterrâneos de Quiriate-Jearim (1Sm 7.1).

3. Um dos principais capitães do exército de Davi (2Sm 23.9). Era aoíta, filho de Dodô e considerado um homem de grande coragem pessoal (1Cr 11.12).

4. Merarita e filho de Mali (1Cr 23.21).

5. Sacerd ote que esteve presente na dedicação dos muros restaurados de Jerusalém (Ne 12.42).

6. Filho de Fineias (Ed 8.33).

7. V. Ed 10.25.

8. Filho de Eliúde, nome que se encontra na genealogia de José, casado com Maria (Mt 1.15).

eleito, eleição. As expressões "meu escolhido" e "meus eleitos" encontram-se algumas vezes na segunda parte do livro de Isaías (42.1; 43.20; 45.4; 65.9,15,22); e em muitas outras passagens faz-se referência a Israel como povo escolhido de Deus. (V. Dt 4.32-40; 7.6-11; Sl 78.67-72; 105.6; Is 41.8.) A redentora graça de Deus a respeito da humanidade manifesta-se com a divina escolha daqueles que haviam de ser instrumentos de seus altos desígnios, algumas vezes nacionais, outras vezes individuais (Moisés — Sl 106.23; Davi — 1Rs 11.34). Na grande profecia do "servo do Senhor" (Is 42—53), o servo é identificado ou com toda a nação, ou com o povo fiel remanescente, ou ainda com a figura ideal de 52.13—53.12. O cumprimento acha-se em Lc 9.35: "Este é o meu Filho, o meu eleito". (Em outras versões: "Este é o meu amado Filho" [ARC, NVI].) O termo "eleição" não ocorre no AT.

No NT, faz-se referência à eleição de Israel em At 13.17, especialmente quando Paulo, para as suas argumentações, fundamenta-se na maneira divina pela qual o povo de Deus foi tratado (Rm 9.11). As promessas divinas sempre foram para aqueles a quem o Senhor escolheu; e quanto à rejeição de todos, excetuado um remanescente de Israel, isso foi claramente profetizado nas Escrituras. No decorrer da argumentação, há determinada assertiva sobre a soberania divina (9.15-21), mas isso serve mais para repreender a arrogância do privilégio judaico do que como finalização desse tema. O povo de Israel é endurecido, para que a plenitude dos gentios possa acontecer. Pela compaixão manifestada para com os gentios, os judeus também obteriam compaixão, e, assim, Deus realizaria o seu propósito de ter "misericórdia de quem quer". Essa é a doutrina de Paulo acerca da eleição; e, como ele considera o resultado final a salvação do mundo, irrompe com a doxologia que fecha a discussão (11.25-36). Todavia, pondo de parte essas referências históricas ao povo judeu, o conceito do AT a respeito da eleição transfere-se, no NT, para o Israel espiritual, isto é, para a Igreja cristã. Isso se vê claramente em 1Pe 1.2; 2.9,10 e também no uso dos termos "escolhidos" ou "eleitos", empregados a respeito dos cristãos (Mt 24.22,31; Rm 8.33; Cl 3.12; 1Tm 2.10). É claro que

não se insistia sobre o privilégio nacional, e sim sobre uma realidade espiritual que deve ser sustentada contra a tentação da apostasia (Mt 22.14; 24.24) e que deve ser cuidadosamente empregada para se tornar mais firme (2Pe 1.10; v. Fp 3.12; Cl 1.23; 3.1). O método e o valor dessa eleição se realçam em Ef 1.3-14. A escolha de indivíduos para uma missão especial aparece de modo notável no caso dos apóstolos (Jo 15.16; At 1.2), a respeito de Paulo (At 9.15), e, como já se notou, foi perfeitamente realizada em Jesus Cristo (Lc 23.35). A expressão que Paulo utiliza para referir-se a Rufo, "eleito no Senhor" (Rm 16.13), parece denotar especial eminência no caráter e serviço cristãos. No mesmo sentido, a palavra pode aplicar-se àquela pessoa apenas designada por "senhora eleita" a quem João dirige sua segunda epístola (2Jo 1); mais provavelmente, usada simbolicamente a respeito de uma igreja à qual o apóstolo escreve e envia (v. 13) as saudações de sua própria igreja: "Os filhos da tua irmã eleita te saúdam". De modo semelhante, a frase "Aquela que se encontra em Babilônia, também eleita, vos saúda" (1Pe 5.13) pode se referir à igreja que estava em Roma. V. BABILÔNIA. elementos. Essa palavra tem diversos sentidos: (1) as letras do alfabeto e, em consequência disso, os rudimentos (o á-bê-cê) de qualquer ramo de conhecimento; (2) os elementos que compõem nosso Planeta: terra, ar, água e fogo; (3) os corpos celestes, as partes constitutivas do Universo. Com respeito à frase que vem na Segunda Epístola de Pedro (3.10) — "[...] os elementos se desfarão abrasados" —, os intérpretes divergem quanto ao seu sentido. Alguns dizem que se trata dos elementos, e outros afirmam que faz referência aos corpos celestes (3). Talvez este último sentido corresponda melhor ao que se afirma antes — "os céus passarão" —, oferecendo contraste com a ideia expressa depois: "também a terra e as obras que nela existem serão atingidas". Em Hebreus (5.12), a expressão "os princípios elementares dos oráculos de Deus" evidentemente refere-se ao primeiro sentido exposto anteriormente, os rudimentos. Há duas passagens de Paulo, em que o sentido não fica claro. Em três casos, faz-se menção a "rudimentos do mundo", e, em um deles, a apenas "rudimentos". Os gálatas estiveram em escravidão por causa da influência desses rudimentos, e, embora esses rudimentos fossem pobres e fracos, eles estavam de novo voltando (Gl 4.3,9). Os colossenses, por estarem em conformidade com esses rudimentos, e não "segundo Cristo", corriam o risco de se desviarem do evangelho por causa de "filosofia e vãs sutilezas". Eles não morreram com Cristo para os rudimentos do mundo (Cl 2.8,20)? Nessa interpretação comum dos "rudimentos do mundo", considera- se a palavra "mundo" no sentido moral: a doutrina condenada pelo apóstolo e, ao mesmo tempo, não espiritual e elementar, em oposição à plenitude que está em Cristo.

Eli. *Engrandecido.* Sumo sacerdote e juiz de Israel. Foi o antecessor de Samuel, descendente de Arão por Itamar (cp. 2Sm 8.17 com 1Rs 2.27 e 1Cr 24.3). Como resultado da sua fraca influência sobre seus dois filhos, Hofni e Fineias, foi-lhe dito que Deus o castigaria, e eles foram diretamente atingidos. A mensagem foi-lhe comunicada por meio do menino Samuel (1Sm 3). Essa profecia foi cumprida vinte e sete anos mais tarde, e Hofni e Fineias morreram quando combatiam os filisteus, em cujas mãos a arca ficou a partir dessa mesma ocasião. Eli, que na época tinha 98 anos, ficou tão arrasado com as más notícias que lhe foram trazidas do campo de batalha pelos corredores que caiu da cadeira para trás e, quebrando o pescoço, expirou (1Sm 4). Esse sumo sacerdote fora juiz de Israel por quarenta anos (1Sm 4.18). Eli foi o primeiro de sua família que exerceu as funções de sumo sacerdote, e Samuel profetizou

que esse alto ofício sacerdotal haveria de passar de novo para a família de Eleazar. Após a morte de seus filhos, seu neto Aitube (1Sm 14.3) ocupou a posição de sumo sacerdote, mas Abiatar, neto de Aitube, foi expulso "para que não mais fosse sacerdote do Senhor" (1Rs 2.27), pois apoiara a rebelião de Adonias contra Salomão. Zadoque passou a ser o sumo sacerdote em seu lugar (1Rs 2.35).

Eli, Eli. V. ELOÍ.

Eliabe. *Deus é pai.* 1. Era filho de Helom e chefe da tribo de Zebulom quando foram enumeradas as tribos no deserto do Sinai (Nm 1.9).
2. Filho de Palu (Nm 26.8) e pai de Datã e Abirão (Nm 16.1). Era membro de uma das principais famílias da tribo de Rúben, e os seus filhos foram os principais instigadores da revolta contra Moisés (Nm 16.1-12; Dt 11.6).
3. O filho mais velho de Jessé e irmão de Davi (1Sm 16.6). Ele é chamado Eliú em 1Cr 27.18. Sua neta Maalate casou-se com Roboão (2Cr 11.18).
4. Levita que viveu no tempo de Davi; era porteiro e também músico (1Cr 15.18; 16.5).
5. Indivíduo da tribo de Gade e chefe de seu povo. Era dotado de caráter guerreiro e uniu seu destino ao de Davi, quando este fugia de Saul para o deserto (1Cr 12.9).
6. Levita da família de Coate e filho de Naate, de quem descende o profeta Samuel (1Cr 6.27). Em outras narrações genealógicas, ele é chamado de Eliú (1Sm 1.1) ou de Eliel (1Cr 6.34).

Eliaquim. A quem Deus estabelece. 1. Um dos oficiais da corte de Ezequias. Sucedeu Sebna como mordomo da casa real e foi nomeado para conferenciar com o rei da Assíria, que, naquela época, cercava a cidade de Jerusalém (2Rs 18; 19; Is 22.20).
2. Filho e sucessor do rei Josias. Foi posteriormente chamado Jeoaquim (2Rs 23.34). V. JOAQUIM.
3. Sacerdote que, na época de Neemias, participou da festa de dedicação dos muros (Ne 12.41).
4. Antepassado de Jesus Cristo (Mt 1.13).
5. Antepassado de Jesus Cristo (Lc 3.30).

Elias. *O SENHOR é Deus.* 1. Elias era tesbita, natural de Gileade, país a leste do Jordão, e foi o maior e o mais romântico caráter que houve em Israel. Seu aparecimento público é dramático. No reinado de Acabe, rei de Israel que recebia a forte influência de Jezabel, sua mulher, a nação passou a aceitar a idolatria, esquecendo-se da aliança com o Senhor. Esta terrível mensagem, por meio de Elias, foi entregue a Acabe: "Tão certo como vive o Senhor, Deus de Israel, perante cuja face estou, nem orvalho nem chuva haverá nestes anos, segundo a minha palavra" (1Rs 17.1).

Elias tinha um temperamento impetuoso e ardente; nasceu nas serras de Gileade, amava as terras montanhosas. Pela narrativa dos fatos, podemos inferir, na realidade, certos aspectos e traços pessoais. Seus cabelos eram compridos e abundantes (2Rs 1.8; v. nota da NVI, "Ou: *Era um homem cabeludo*"). Era também forte, pois, caso contrário, não conseguiria correr grande distância diante do carro de Acabe, nem teria resistido a um jejum de quarenta dias. Seu vestuário constava de peles, presas com um cinto de couro, e de uma capa de pele de carneiro, que se tornou proverbial (1Rs 19.13). A seca que houve no país, em consequência da maldade do rei e do povo, durou três anos e seis meses (Lc 4.25; Tg 5.17). A fome resultante dessa seca foi tremenda, e a Fenícia foi também um dos territórios atingidos pelo terrível flagelo. Após

Elias entregar sua mensagem, escondeu-se de Acabe em um profundo vale a leste do Jordão, onde corria o ribeiro de Querite. "Os corvos lhe traziam pela manhã pão e carne, como também pão e carne ao anoitecer; e bebia da torrente" (1Rs 17.6).

Passado algum tempo, o riacho de Querite secou, e o Senhor ordenou a Elias que fosse para Sarepta, "que pertence a Sidom", o país de Jezabel (1Rs 17.8,9).

Ali encontrou-se com uma mulher viúva que apanhava lenha para preparar a última refeição que ela e seu filho tinham para comer, pois achava que, em pouco tempo, morreriam de fome. Esta, quando Elias pediu para si um pouco dessa pequena porção de alimento, atendeu ao profeta. Sua fé foi recompensada, porque, embora a fome se estendesse por três anos, nunca lhe faltou farinha, e o azeite também não se acabou (1Rs 17.10-16; Lc 4.26). Durante sua permanência em Sarepta, Elias teve a oportunidade de mostrar o poder do Senhor, visto que o filho da viúva adoecera e morrera. A consternada mãe acusou o profeta de ter trazido a sua casa tal infelicidade; mas ela, após Elias clamar a Deus pela vida do menino e entregar-lhe o filho vivo, foi obrigada a confessar: "Nisto conheço agora que tu és homem de Deus e que a palavra do Senhor na tua boca é verdade" (1Rs 17.17-24).

No terceiro ano da calamidade, as terras estavam tão secas e a fome era tão tremenda que Acabe e Obadias, chefe da sua casa, tiveram de procurar por toda parte forragem para que os seus cavalos e mulas não morressem.

Em Samaria, fizeram-se, a seguir, os preparativos para uma expedição. Nessa ocasião, o Senhor mandou que Elias fosse ter com Acabe e prometeu-lhe que mandaria chuva, e, dessa maneira, a seca em Israel acabou. No caminho, Elias encontrou Obadias e tranquilizou-o quanto aos seus receios a respeito do rei, dizendo-lhe, ao mesmo tempo, que procurasse Acabe (1Rs 18.7-16).

O encontro do rei com o profeta, o desafio do servo do Senhor, no monte Carmelo, dirigido aos profetas de Baal, o resultado dessa cena, a vinda da chuva, tudo isso é descrito com tal vividez que é difícil superá- la (1Rs 18.17-46).

Pela desumana mortandade dos profetas de Baal (v. Dt 13.5 e 18.20), Elias instigou a cólera de Jezabel, e essa terrível mulher declarou que faria com o profeta o mesmo que fora feito aos sacerdotes de Baal. Elias podia afrontar um rei colérico, mas a ameaça de uma mulher enraivecida o levou a novamente procurar o deserto, onde, em desespero, desejou que a morte o levasse. Mas Deus, em sua infinita bondade, guardou-o, alimentou-o e guiou-o pelo deserto, em uma jornada de quarenta dias, até que chegasse a Horebe, "o monte de Deus".

Ali, Elias, após as manifestações de forças terríveis da natureza, como o tufão, o terremoto e o fogo, ouviu "um cicio tranquilo e suave" e sentiu, em sua alma, que estava na presença de Deus. À pergunta perscrutadora: "Que fazes aqui, Elias?", o profeta respondeu com um protesto de lealdade ao Senhor e, ao mesmo tempo, reconheceu sua derrota, sua solidão e o receio de que lhe tirassem a vida. O profeta recebeu, a seguir, a ordem para retornar à tarefa abandonada, e, em seu íntimo, reconheceu que a causa de Deus permanecia segura.

Elias, apesar da repreensão e, contudo, cheio de coragem, voltou à sua missão; ao encontrar no caminho Eliseu, que lhe haveria de suceder, lançou sobre ele sua capa e o fez deixar a lavoura que cultivava (1Rs 19).

Dois anos mais tarde, Elias foi enviado à presença de Acabe para avisá-lo e também reprovar seu procedimento no caso da vinha de Nabote. A perturbada alma de Acabe, quando viu

aproximar-se Elias, deixou escapar este grito: "Já me achaste, inimigo meu?" (1Rs 21.20). O arrependimento dele adia o julgamento de seus pecados, mas não o anula. V. ACABE e NABOTE. Depois desses acontecimentos, Elias aparece, como mensageiro de Deus, para repreender Acazias, o qual, depois de subir ao trono, após a morte de seu pai, Acabe, procurara o auxílio de deuses estranhos. O plano de Acazias para lançar mão do profeta é frustrado, pois, nessa ocasião, desceu fogo do céu (2Rs 1; v. tb. Lc 9.54-56).

Elias, na ocasião em que fazia uma visita às escolas dos profetas em Betel e Jericó, soube que sua carreira neste mundo estava prestes a ter fim (2Rs 2). Quando Elias e Eliseu partiam de Jericó e se dirigiam para um lugar além do Jordão, foram acompanhados por 50 estudantes que puderam observar a miraculosa separação das águas do rio quando Elias tocou-as com seu manto. Eliseu pediu uma porção dobrada do espírito de Elias, isto é, para que pudesse ser herdeiro de seu ministério e de sua influência (uma alusão ao duplo quinhão que o primogênito recebia pela morte do pai). O Senhor disse-lhe que seu pedido, embora fosse extraordinário, seria atendido se Eliseu testemunhasse a saída de Elias deste mundo. Ora, eles ainda estavam falando, quando se deu a trasladação. Elias foi levado ao céu em um carro de fogo, e esse acontecimento foi observado por Eliseu (2Rs 2.1-12). V. ELISEU. A grande coragem, o grande zelo para honra de Deus e a austeridade são, na verdade, atributos de um "homem de Deus". Ele foi chamado a combater a espantosa idolatria de sua época, a demonstrar a existência e o poder do Senhor, bem como a corrigir ou castigar aqueles que o tinham abandonado.

A última profecia do AT, com respeito à previsão do Dia do Senhor, declara isto: "Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível Dia do Senhor" (Ml 4.5). Na época do NT, essa profecia impressionava a alma israelita, e havia a expectativa geral de que o Messias estava prestes a vir e que ele seria anunciado pela vinda de Elias (Mt 16.14; 17.10; Jo 1.21). Jesus declarou que a profecia de Malaquias fora cumprida em João Batista (Mt 11.14; 17.12,13; v. tb. Lc 1.17). Na visão do monte da transfiguração, Moisés e Elias apareceram, os representantes da Lei e dos Profetas; e os discípulos, quando eles desapareceram, viram unicamente Jesus (Mt 17.1-8). Comprova-se que a imaginação popular considerava que Elias tinha um poder grandioso pelo fato de se considerar que o profeta poderia aparecer e salvar Jesus Cristo da morte na cruz (Mc 15.35,36). A Epístola de Tiago acentua a humanidade de Elias: ele, homem justo, teve, no entanto, paixões como nós, orou fervorosamente, e suas orações, ora pedindo a seca, ora pedindo a chuva, foram ouvidas (Tg 5.17,18).

2. Ed 10.21.

Eliasibe. *Deus restaurou.* 1. Sumo sacerdote que fez uso indevido do templo, dando ali refúgio a um parente, Tobias, o amonita; instigou, por isso, a ira de Neemias (Ne 13.4-7). Seu neto casou-se com a filha de Sambalate, o horonita (Ne 13.28). Ele aparece pela primeira vez auxiliando a reedificação dos muros da cidade (Ne 3).

2. Um sacerdote (1Cr 24.12).

3. Um descendente da casa de Judá (1Cr 3.24).

4. Um músico do templo (Ed 10.24).

5. Ed 10.27.

6. Ed 10.36.

7. Pai de Joanã (Ed 10.6; Ne 12.22,23). Talvez a mesma pessoa descrita no primeiro item deste verbete.

Eliézer. *Deus me ajuda.* 1. O principal servo de Abraão, que era chamado de "o damasceno Eliézer" (Gn 15.2). "Um servo nascido na minha casa" (v. 3) significa que era membro da família. Ele era o "mais antigo servo da casa", enviado por Abraão para procurar uma mulher para Isaque (Gn 24.2).
2. Segundo filho de Moisés (Êx 18.4, 1Cr 23.15,17).
3. Neto de Benjamim (1Cr 7.8).
4. 1Cr 15.24.
5. 1Cr 27.16.
6. Profeta que profetizou contra Josafá (2Cr 20.37).
7. Ed 8.16.
8. Ed 10.18.
9. Ed 10.23.
10. Ed 10.31.
11. Um dos antepassados de José na genealogia de Cristo (Lc 3.29).

Elifaz. 1. Filho de Esaú e de Ada, a filha de Elom (Gn 36.4; 1Cr 1.35).
2. O principal dos três amigos de Jó. Era temanita, da província da Idumeia que fora colonizada por um filho de Esaú (Gn 36.10, 11; v. Jr 49.7,20). Elifaz, mais do que os outros amigos de Jó, sustentava que a infelicidade de Jó provinha do Senhor, um castigo por seus pecados ocultos. Ele trata mais amavelmente Jó do que Zofar ou Bildade. A grande verdade que ele apresenta é a assombrosa pureza e majestade de Deus (Jó 4.12-21). V. JÓ,O LIVRO DE.

Elifelete. *Deus, o caminho da salvação.* 1. Um dos filhos de Davi, nascido em Jerusalém (2Sm 5.16).
2. Outro filho de Davi (1Cr 3.6. Cp. com v. 8).
3. 2Sm 23.34; também chamado Elifal (1Cr 11.35).
4. 1Cr 8.39.
5. Ed 8.13.
6. Ed 10.33.

Elim. *Palmeiras.* O segundo acampamento dos israelitas depois que eles atravessaram o mar Vermelho, sendo célebre por suas 12 nascentes e 70 palmeiras (Êx 15.27; Nm 33.9,10). É,provavelmente, a elevada e ondulosa planície da margem sul do uádi Gurundel.

Elimas. *Mágico ou feiticeiro.* Falso profeta que resistiu a Saulo, "também chamado Paulo", e a Barnabé em Pafos, na ilha de Chipre (At 13.8). V. BARJESUS.

Elimeleque. *Deus é Rei.* O marido de Noemi, sogra de Rute. Pertencia à família dos hezronitas que habitava em Efrata, "que é Belém", no tempo dos juízes. Elimeleque e também seus filhos morreram em Moabe, e, por essa razão, Noemi e sua nora Rute voltaram para Belém, onde esta última casou-se com Boaz, seu parente, "da família de Elimeleque" (Et 1.2,3; 2.1,3; 4.3,9). V. RUTE.

Eliseu. *Deus é salvação.* Eliseu, filho de Safate, discípulo e sucessor de Elias. O profeta Elias, a quem Deus ordenara que ungisse Eliseu como profeta, foi, com essa finalidade, para Abel-Meolá, onde encontrou Eliseu ocupado em lavrar a terra com 12 juntas de bois. Elias lançou

seu manto sobre ele e seguiu em frente (1Rs 19.19). Eliseu correu atrás dele e pediu-lhe permissão para despedir-se de sua família. Todavia, recebeu uma resposta enigmática — "Vai e volta; pois já sabes o que fiz contigo" —, matou logo uma junta de bois, cozeu a carne com a madeira do arado e fez uma festa de despedida da qual seus vizinhos participaram. Depois disso, passou a auxiliar Elias, a quem serviu até este ser trasladado da Terra; ocasião em que Eliseu apanhou o manto caído, recebendo, em conformidade com seu pedido, a dobrada porção do espírito de Elias, sinal de que havia de ser seu herdeiro e sucessor (2Rs 2). Após o desaparecimento de Elias, Eliseu mostrou que foi favorecido com os dons de profeta, pois, por meio do manto do seu senhor, separou as águas do rio Jordão (2Rs 2.14). Os "discípulos dos profetas" publicamente o reconheceram como sucessor de Elias. Logo depois desse fato, deu-se o segundo e o terceiro de seus milagres: a transformação das águas más de Jericó em águas saudáveis (2Rs 2.19-22) e o aparecimento de duas ursas que despedaçaram 42 rapazes escarnecedores (2Rs 2.23,24).

Quando o rei de Moabe, que pagava tributo desde o tempo de Davi, revoltou-se contra o rei de Israel, este e seus aliados, os reis de Judá e Edom, marcharam para o deserto, na esperança de surpreender o rei de Moabe; mas a falta de água os fez sofrer muito. A pedido de Josafá, Eliseu profetizou um notável livramento (2Rs 3.1-25), maravilhosamente realizado. Não se indica claramente a cronologia da vida de Eliseu, mas, como ele morreu no reinado de Jeoás (2Rs 13.14), deve ter exercido seu ministério durante os reinados de Jeorão, Jeú, Jeoacaz e Jeoás, pelo espaço de quase cinquenta e sete anos. A mais profunda lição desse longo ministério não foi tanto a pregação do poder do Senhor, mas tornar conhecido o cuidado, a providência e o auxílio do Senhor, que sempre se tornam visíveis para com os seus servos e o seu povo. Vê-se isso no caso da viúva, cujo marido vivera no temor do Senhor (2Rs 4.1-7). Como essa viúva ficou pobre, o credor tomou seus dois filhos para serem seus servos. Ao fazer isso, agia de acordo com a Lei (Lv 25.39), embora não se pudesse justificar tal ação em razão de sua dureza. Depois Eliseu, o profeta do Deus de infinita misericórdia, não pôde resistir ao apelo que lhe foi feito e prestou auxílio à pobre mulher. Eliseu vinha várias vezes do monte Carmelo e costumava ficar em Suném, hospedado na casa de uma piedosa família israelita (v. Suném). A mulher sunamita não tinha filhos, o que era considerado uma grande desgraça entre as mulheres judias; mas, um dia, o profeta assegurou-lhe que Deus a livraria dessa esterilidade (2Rs 4.8-17). Na verdade, essa mulher teve um filho, que, passados alguns anos, morreu, por causa de um ataque de insolação. Ela deitou o corpo do seu filho na cama do profeta, partiu logo, montada em uma jumenta, em procura de Eliseu, o qual orou ao Senhor, e o rapazinho foi ressuscitado (2Rs 4.26-37). V. SUNAMITA. Algum tempo depois do acontecimento narrado, em uma ocasião de grande fome, Eliseu estava em Gilgal, ensinando os discípulos dos profetas e animando-os com a sua presença durante o flagelo que angustiava o povo. Lançou-se na panela uma planta venenosa, mas o profeta tomou a refeição inofensiva, misturando-lhe farinha (2Rs 4.38-41). V. GILGAL.

Pertence a esse mesmo período o milagre dos 20 pães e de algumas espigas de trigo. O outro milagre que Eliseu operou é descrito, de modo notável, em 2Rs 5. As tropas da Síria, em uma das suas incursões, levaram consigo uma menina que foi servir na casa de Naamã, homem de grande autoridade, porém leproso. V. LEPRA. Veio Naamã ao reino de Israel e apresentou-se, por indicação da menina judia, na casa do profeta Eliseu. E Naamã foi curado. O fato do

machado que é recuperado após ter caído na água mostra a poderosa influência de Eliseu. Os discípulos dos profetas foram receber de Eliseu a instrução necessária; mas, como o número desses discípulos dos profetas já era demasiadamente grande, pediram ao profeta que lhes permitisse construir uma casa para eles à margem do rio Jordão, onde havia madeira em abundância. Nessa ocasião, aconteceu o caso do machado que havia caído no rio flutuar (2Rs 6.1-7). Em outra ocasião, não sabemos quando, pois os acontecimentos descritos nesses capítulos não estão em ordem cronológica, Eliseu avisou o rei acerca de diversa s conspirações, pelas quais o rei da Síria esperava apoderar-se do rei. O monarca sírio não tinha explicações para o fato de Jeorão ter descoberto seus planos, preparados secretamente, até que lhe foi sugerido que o profeta, certamente, revelara tudo. Como ele sabia onde Eliseu se encontrava, mandou soldados a Dotã, para que o prendessem. Mas o profeta orou para que todo o exército de Ben-Hadade fosse ferido de cegueira. Deus ouviu a oração dele, e os soldados, cegos, foram conduzidos até Samaria. Todavia, Eliseu não permitiu que o rei de Israel massacrasse o exército que caíra em suas mãos daquela maneira miraculosa, e, assim, o profeta manifestou quanto sua alma era humanitária. Eliseu também mostrou ao rei sírio a futilidade de suas tentativas de contender com o Deus de Israel (2Rs 6.19-23). Ben-Hadade abandonou, com efeito, suas incursões como salteador, mas preparou um exército regular e cercou Samaria, em uma ocasião em que Eliseu e o rei de Israel estavam nessa cidade. A cidade enfrentou terríveis dificuldades por falta de alimento, e a fome era tão grande que um ato de canibalismo chegou ao conhecimento do rei. O rei Jeorão, extraordinariamente angustiado por esse fato, acusou Eliseu como a causa de todas as suas infelicidades e mandou matá-lo. Assim que o profeta foi avisado sobre o que estava acontecendo, e por também conhecer as intenções do rei, tomou as suas precauções (2Rs 6.32) e informou realmente Jeorão de que no dia seguinte haveria abundância de alimento, por baixo preço, o que aconteceu (2Rs 7).

Em seguida, o profeta apareceu em Damasco, a capital da Síria, e ali executou a ordem que Deus já dera a Elias: declarar que Hazael deveria ser rei (2Rs 8.7-13). No ano seguinte, Jeú foi ungido rei de Israel pelo profeta Eliseu. V. JEÚ. Eliseu morreu em sua própria casa depois de sessenta anos de serviço público, aos 90 anos (2Rs 13.14-19). Com respeito a certos acontecimentos miraculosos ocorridos após a sua morte, v. 2Rs 13.20-22.

Eliú. *Ele é o meu Deus.* 1. Filho de Baraquel, o buzita. Eliú, conquanto o mais novo, interveio na controvérsia entre Jó e seus amigos, embora seu juízo na questão não tenha sido favorável ao patriarca Jó (Jó 32—37).

2. Um dos antepassados do profeta Samuel (1Sm 1.1).

3. 1Cr 12.20.

4. 1Cr 26.7.

5. Um irmão de Davi, chefe da tribo de Judá (1Cr 27.18). V. ELIABE (3).

Eloí. *Meu Deus.* Pronuncia-se como trissílabo — E-lo-í. Marcos (15.34) apresenta essa expressão de dor, proferida na cruz por Cristo, da seguinte forma — *Eloí, Eloí, lamá sabactâni?* Mas Mateus apenas apresenta esta forma: "Eli, Eli, lamá sabactâni". A diferença existente decorre da substituição do hebraico pelo aramaico em um dos trechos citados do salmo 22.1. As duas passagens apresentam a palavra aramaica sabactâni, em vez da hebraica azabtâni (abandonaste-me); mas Mateus conserva a forma hebraica de "Eli" (Meu Deus), ao passo que Marcos usa o

equivalente aramaico Eloí. Devemos interpretar com toda a reverência o grito de angústia de Jesus, no seu grande sofrimento na cruz. A citação é a de um salmo em que a alma de um homem sucumbe pela demora do auxílio de Deus, embora tenha grande confiança na vitória.

elul. O sexto mês do ano sagrado dos judeus, que corresponde, em parte, ao mês de setembro (Ne 6.15). V. MESES.

Emanuel. É a forma grega da palavra hebraica *Immanuel* (Mt 1.23). Significa Deus conosco. Foi o nome simbólico dado à criança, cujo nascimento é anunciado por Isaías, como sinal, a Acaz, rei de Judá (Is 7.14). O nome ocorre de novo somente em Is 8.8 (cf. v. 10) e na aplicação da profecia ao nascimento de Jesus, feita por Mateus (1.23). Naquela ocasião de desastre nacional, nenhum libertador se levantou; mas a referência a Emanuel é demasiadamente concreta para ser apenas considerada como uma expressão figurativa da fé em Deus, a qual não podia ser esmagada por desgraça alguma. Certamente, deveria existir no horizonte das previsões proféticas um libertador real, uma pessoa divina em quem teria completa realização a fé inextinguível de "Deus conosco". Nessa profecia de Emanuel, a figura aparece coberta de sombra, como se ela se ocultasse nas calamitosas nuvens da guerra e da desolação: isso é natural, mas não se pode ter certeza se Isaías considera o nascimento da criança como caso sobrenatural. Na verdade, o texto declara que "a virgem conceberá e dará à luz um filho". Mas é difícil separar a profecia da brilhante linguagem messiânica em Is 9.6,7: "Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz". E, se dermos aos dons proféticos uma interpretação racional (1Pe 1.10-12), podemos ler, nas linhas incertas dessa visão passageira de Emanuel, uma promessa real e uma antecipação de Cristo (V. JESUS CRISTO).

embaixador. Pessoa encarregada de uma mensagem, amistosa ou hostil, de governante para governante (1Rs 20.2-6; 2Rs 14.8; 16.7; 18.14). A palavra, algumas vezes, aparece também com o sentido de intérprete, ou da pessoa que finge levar uma mensagem (2Cr 32.31; Js 9.4), como também de mensageiro, no sentido amplo do termo (Pv 13.17; 25.13; Is 18.2; 57.9; Jr 49.14; Ob 1.1). Há, nas Escrituras, exemplos mostrando que, já em épocas remotíssimas, enviavam-se embaixadores com o fim de obter algum benefício ou explicações (Nm 20.14; 21.21; Jz 11.12-19; v. tb. 2Rs 18.17). No NT, usa-se a palavra metaforicamente (2Co 5.20; Ef 6.20). Encontra-se também a palavra "embaixada" com o sentido de embaixadores (Lc 14.32; 19.14).

embalsamamento. As mais antigas memórias de embalsamamento são encontradas nos monumentos egípcios. O costume teve sua origem na suposta necessidade de preservar o corpo para ser novamente ocupado no futuro, quando a alma tivesse acabado todas as suas transmigrações. A arte de embalsamar os corpos, já nos primórdios da história dos povos, atingiu um bom grau de perfeição. Com efeito, as múmias mais bem conservadas são aquelas de data mais remota. Apenas dois exemplos de embalsamamento ocorrem na Bíblia: o de Jacó e o de José; mas esses em associação com os costumes do Egito (Gn 50.2,3,26). Os hebreus não costumavam embalsamar os cadáveres, embora utilizassem muitas especiarias e ervas aromáticas nas sepulturas de seus mortos. Asa foi posto "sobre um leito, que se enchera de perfumes e de várias especiarias, preparados segundo a arte dos perfumistas" (2Cr 16.14). Em Jo 19.39,40, lemos como Nicodemos cuidou do corpo do Salvador.

Heródoto descreve diversos modos de embalsamar que estavam em uso no Egito, e os preços da operação variavam muito, desde quantias ínfimas até as mais volumosas. Quando se empregava a preparação mais dispendiosa, removia-se, com um instrumento de ferro, o cérebro pelo nariz a fim de encher a cavidade do crânio com medicamentos. Em seguida, abria-se o tronco, retiravam-se os órgãos, e enchia-se o espaço com mirra, cássia e outras especiarias. Depois disso, durante sessenta dias, o corpo ficava imerso em natrum e, por fim, era enfaixado com ligaduras de linho, em cujas dobras se punham especiarias aromáticas e gomas, sendo, a seguir, enviado aos parentes, que o punham em uma caixa de madeira, ajustada ao corpo. Essa urna era colocada verticalmente na câmara sepulcral da casa, permanecendo ali durante um ano ou mais, até que, finalmente, era depositada na gaveta, ou urna, da família. Segundo os sistemas mais baratos de embalsamação, o corpo, após as cavidades serem preenchidas com óleo de cedro e, depois, esvaziadas, era posto em *natrum*. Essa operação dava à múmia a aparência de um corpo formado apenas de pele e osso. V. FUNERAL.

embriaguez. O primeiro exemplo de embriaguez registrado nas Escrituras é o de Noé (Gn 9.21). O pecado da embriaguez acha-se condenado em Rm 13.13; 1Co 6.9, 10; Ef 5.18; 1Ts 5.7,8. Retratam-se os homens embriagados de tristeza, de aflição se com o vinho da ira de Deus (Is 63.6; Jr 51.57; Ez 23.33). Afirma-se que as pessoas que vivem sob a influência da superstição, da idolatria e da ilusão estão embebedadas (Is 28.7; Ap 17.2).

emins. *Terríveis.* Antiga tribo de gigantes que habitava a região oriental do Jordão e do mar Morto. Eram aliados dos anaquins (Dt 2.10,11) e de outras tribos cujos indivíduos também tinham estatura gigantesca. Foram derrotados por Quedorlaomer, em Savé-Quiriataim (Gn 14.5).

empréstimos. Nos primórdios da história do povo hebreu, considerava-se dever religioso emprestar ao pobre e, de maneira alguma, devia-se cobrar juro por isso (Êx 22.25; Lv 25.35,37; Dt 15.3,7-10; 23.19,20). Com o desenvolvimento do comércio, introduziu-se o princípio do juro, mas o espírito original da Lei teve a aprovação de Cristo (Mt 5.42; 25.27; Lc 6.35; 19.23). Havia, na Lei de Moisés, rígidas precauções contra o duro tratamento para com os devedores (Êx 22.26; Dt 24.6,10,11,17). Não se podia conservar um devedor hebreu como escravo por mais do que sete anos (ou ano sabático), como também não se podia vendê-lo como escravo, e, no Ano do Jubileu, havia remissão da dívida (Êx 21.2; Lv 25.39,42; Dt 15.9). Essa provisão não se aplicava aos estrangeiros que viviam entre os hebreus; eles eram presos caso não pagassem suas dívidas (Lv 25.46; 2Rs 4.2; Is 50.1; 52.3). Em tempos posteriores, o devedor estava sujeito à prisão até que pagasse toda a dívida (Mt 5.26).

enaquins, anaquins. Raça de gigantes, assim chamados por causa da sua estatura ou força (Dt 2.10). Eram descendentes de Arba, um dos filhos de Sete. Depois da morte de Abraão, passou a habitar na parte meridional de Canaã e, particularmente, em Hebrom. Às vezes, são chamados filhos de Enaque, ou Anaque (Nm 13.33), e outras vezes, filhos dos enaquins, ou anaquins (Dt 1.28). Eles, em razão de sua aparência guerreira, incutiram terror no coração dos israelitas (Nm 13.28; Dt 9.2). Josué, porém, expulsou-os completamente de Canaã, com exceção dos que se refugiaram nas cidades filisteias de Gaza, Gate e Asdode (Js 11.21,22), onde deixaram de existir como um povo distinto dos outros. Hebrom, a principal cidade deles, foi conquistada por

Calebe, que fez sair dali os três filhos, ou, melhor dizendo, as famílias ou tribos, de Enaque, ou Anaque (Js 15.14; Jz 1.20).

encantador, encantamento. A prática do encantamento acha-se ligada com atividades de bruxaria e feitiçaria e é condenada pela Lei de Moisés (Dt 18.9- 12). Usam-se frases especiais na Bíblia para designar encantamentos: (1) no Sl 58.5, falar em voz baixa, falar por entre os dentes, é costume dos mágicos em suas operações de magia; (2) atividades secretas são aquelas que Moisés menciona quando se refere ao que os mágicos do faraó fazem; (3) a ilusão da vista e dos sentidos do povo é efetuada por aqueles que praticam a prestidigitação e a magia (2Cr 33.6); (4) encantar serpentes, isto é, tornar amável e sociável esse animal virulento, perigoso e intratável (Dt 18.11).

En-Dor. *Fonte de dor.* Cidade da tribo de Manassés onde residia a médium que o rei Saul foi consultar antes da batalha de Gilboa (Js 17.11; 1Sm 28). Considera-se, também, En-Dor o lugar da grande vitória alcançada por Baraque sobre Sísera (Sl 83.10). Atualmente, há uma aldeia abandonada cujo nome é Endur; ela fica a cerca de 7 km ao sul do monte Tabor, na encosta de uma montanha cheia de cavernas. endro. Essa palavra ocorre em Mt 23.23: "Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque dais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho e tendes negligenciado os preceitos mais importantes da Lei: a justiça, a misericórdia e a fé; devíeis, porém, fazer estas coisas, sem omitir aquelas!". É uma planta que nasce livremente na Palestina, cujas sementes são aromáticas e, por isso, muito empregadas para condimentar os alimentos. Também tem uso medicinal no Oriente.

enforcar. O ato de pendurar no madeiro, na história antiga dos judeus, era mais um sinal de opróbrio (Dt 21.22) do que de castigo; e, geralmente, penduravam os corpos de pessoas mortas. Todavia, mais tarde, esse ato tornou-se uma forma de pena capital, embora não fosse tão disseminado quanto a estrangulação, similar ao garrote. Vê-se claramente que os suicidas faziam uso dessa prática para pôr fim à vida: na morte de Aitofel (2Sm 17.23) e na de Judas (Mt 27.5). Em vários lugares em que se faz menção a alguém que foi enforcado, isso significa alguma forma de empalação ou crucificação (Js 8.29; 2Sm 4.12). V. PENA DE MORTE.

En-Ganim. *Fonte de jardins.* 1. Cidade localizada nas terras baixas de Judá (Js 15.34). 2. Cidade de Issacar, atualmente a próspera vila de Jenin, a 26 km ao norte de Siquém, nos limites da planície de Esdrelom. Belas e abundantes correntes de água cristalina vêm dos montes e atravessam a povoação, explicando-se, assim, a existência de numerosos jardins em sua vizinhança, como também seu nome (Js 19.21).

engastes. Engastavam-se pedras nos dois lados da estola do sumo sacerdote (Êx 28.11,12; 39.6,7). Também havia engastes de ouro no ornamento que se usava sobre o peitoral do mesmo sacerdote (Êx28.13).

En-Gedi. *Ponte do cabrito.* Essa povoação é a moderna Ain Jidi, cidade no deserto de Judá, a oeste do mar Morto, e a meio caminho entre as extremidades norte e sul (Js 15.62; Ez 47.10). O seu nome na Antiguidade era Hazazom-Tamar, "fendas das palmeiras" (Gn 14.7; 2Cr 20.2). Uma corrente de água quente e constante banha o local que, outrora, foi célebre por suas palmeiras e vinhas (Ct 1.14). Há, no deserto, atrás do desfiladeiro, inumeráveis cavernas nas quais se refugiaram Davi e seus companheiros (1Sm 23.29; 24.1-3). Também chamada de En-Gedi, a estrada que os moabitas e amonitas seguiram quando foram atacar Josafá (2Cr 20.1,2). A fonte

ainda existe, com uma fina nascente de água em uma espécie de terraço. Essa água forma uma corrente que desce pelo monte, a uma altura de 120 m acima do nível do mar Morto, onde deságua. Havia, começando ali, uma subida íngreme, a "ladeira de Ziz" (2Cr 20.16), que parece não ter sido senão o atual desfiladeiro que é ainda atravessado.

Enom. *Nascentes.* Lugar onde João batizava, a oeste do rio Jordão. O nome atual é Ainun, vila que fica a uns 11 km acima do uádi Furá, ao norte de Salim. Entre esse povoado e Enom, há nascentes e também um ribeiro que corre ao longo do vale. V. jo 3.23.

Enoque. 1. Filho mais velho de Caim (Gn 4.17), de quem deriva o nome da primeira cidade mencionada na Escritura.

2. "O sétimo depois de Adão" (Jd 1.14), pai de Matusalém, na linhagem de Sete (Gn 5.1-24). Diz-nos a Bíblia que ele "andou [...] com Deus" (Gn 5.22), expressão que denota comunhão com o Senhor (Gn 6.9; cp. com Mq 6.8 e Ml 2.6). A Escritura afirma também que ele "já não era, porque Deus o tomou para si", uma frase enigmática, interpretada pelo autor da Epístola aos Hebreus desta maneira: "Pela fé, Enoque foi trasladado para não ver a morte; não foi achado, porque Deus o trasladara. Pois, antes da sua trasladação, obteve testemunho de haver agradado a Deus" (Hb 11.5). Uma tradição judaica posterior atribui a Enoque a invenção da escrita, da aritmética e da astronomia, tornando- o recipiente de muitas visões e revelações. Por essa razão, relacionada a seu nome, há uma vasta literatura apocalíptica, e a obra mais notável que existe é o etiópico Livro de Enoque, escrita no século II ou século Ia.C. Esse livro apócrifo é citado por Judas nos v. 14 e 15. V. APÓCRIFOS, LIVROS.

En-Rimom. *Fonte de Rimom.* Cidade de Judá, ocupada depois da volta do cativeiro (Ne 11.29). Provavelmente, trata-se do mesmo lugar também chamado de "Aim", ou de "Rimom", em outros textos bíblicos (Js 15.32; 19.7; 1Cr 4.32). V. RIMOM.

enterro. Entre os judeus, o funeral realizava- se, sempre que possível, logo depois da morte. Desde os tempos mais remotos, o método mais utilizado no funeral entre os mais abastados era o de depositar em um túmulo o corpo do falecido. A cremação era considerada prática pagã e, por isso, contrária ao espírito da Lei. A razão pela qual se preferia sepultar o morto era porque a Escritura dizia: "Tu és pó e ao pó tornarás". O respeito pela ordem e pelo decoro era tão grande na família israelita que se realizava o enterro até do inimigo assassinado e do malfeitor (1Rs 11.15; Dt 21.23). As classes mais pobres que não podiam ter túmulos adotavam o enterro em valas comuns. Era grande a consideração pelos mortos, de sorte que se considerava a profanação de uma sepultura como ato de selvageria, o qual só poderia ser praticado por aqueles que tinham ultrajado a religião (2Rs 23.16,17; Jr 8.1,2). Em razão da natureza do terreno da Palestina, solo muito duro, eram numerosas as cavernas, que, naturalmente, eram usadas como túmulos. Nessas cavernas, alargadas e arranjadas para servir de túmulos, encerravam-se os corpos dos mortos, havendo apenas uma simples cerimônia religiosa. Jacó e José, que morreram no Egito, são os únicos exemplos conhecidos de terem sido sepultados segundo os elaborados métodos do Egito. Esses sepulcros em cavernas ou na encosta de outeiros eram, muitas vezes, preparados durante a vida daquele que o ocuparia e, em geral, localizam-se em jardins particulares junto da estrada, mas sempre fora das cidades. Parece provável que nenhuma pessoa, com exceção dos reis e dos profetas, era sepultada nas cidades (1Sm 25.1; 1Rs 2.10; 2Rs 10.35; 2Cr 16.14). Era uma afronta para as famílias que tinham sepulcros, que já eram dos seus

antepassados, não poderem ter ali sua sepultura (1Rs 13.22). E era sinal de profunda simpatia com uma pessoa, que não era da família, desejar ser sepultada com ela em um mesmo local (Rt 1.17; 1Rs 13.31), ou oferecer-lhe um lugar em sua própria sepultura (Gn 23.6). As pessoas das classes inferiores eram sepultadas em cemitérios, fora dos muros da cidade. Em 2Rs 23.6, há menção a lugar público para sepultamentos, quando se faz referência às "sepulturas do povo", as quais estavam situadas no vale de Cedrom, fora de Jerusalém. O "campo do oleiro" também era um desses locais (Mt 27.7). Nesses cemitérios, os cadáveres eram sepultados em covas e cobertos apenas por uma simples mortalha. Não se permitia que correntes de água ou caminho público atravessassem os cemitérios e, tampouco, consentia-se que os carneiros pastassem ali. Era costume visitar as sepulturas (Jo 11.31) ou para orar, ou para chorar de saudade. Era coisa ilegítima comer, beber, ler, ou mesmo passear, sem necessidade, por entre as sepulturas. Os corpos de crianças de menos de um mês eram levados por suas mães para o lugar do sepulcro, mas os outros eram transportados em esquifes, como aconteceu no funeral do filho da viúva de Naim. É digno de nota que a maior parte dos funerais mencionados no AT seja de patriarcas, reis, profetas ou outras pessoas de distinção, ao passo que no NT faz-se referência apenas àqueles enterros de pessoas de posição social modesta. Mas, em ambos os casos, usavam-se, segundo a maneira dos judeus, as especiarias, quando elas podiam ser fornecidas (2Cr 16.14). Nos cemitérios públicos, era obrigatório haver um espaço de 45 cm entre uma sepultura e outra. As grutas, ou sepulcros cavados na rocha, tinham uma antecâmara, na qual se depositava o caixão, mas havia também uma cavidade de certa profundidade, na qual se depositavam os corpos, deitados dentro de nichos cavados na rocha. Essas moradas dos mortos, usualmente, mediam 1,80 m de comprimento por 2,70 m de largura, e a altura era de 3 m. Nesses mausoléus, havia nichos para oito corpos. Essa era a forma geral; mas havia sepulcros com maior ou menor capacidade. A entrada para essa espécie de sepulcro era fechada com uma grande pedra, cuja forma era de uma enorme mó, que rolava em sulcos feitos para esse fim; ou se tapava o sepulcro com uma porta. A forma de construção dos túmulos explica o fato de as mulheres, quando chegaram de manhã cedo ao sepulcro de Cristo, terem ficado admiradas ao encontrarem a grande pedra revolvida e, ao ali entrarem, virem, espantadas, um mancebo sentado à direita (Mc 16.4,5; Jo 20.1-12).

Competia ao parente mais próximo dirigir toda a cerimônia do funeral, mas, a partir de certa época, certamente por urgente necessidade, havia-se estabelecido o costume de que determinados funcionários públicos tratassem do sepultamento (At 5.6,10). Raras vezes, usavam-se caixões e, quando usados, eram caixões abertos; mas os sarcófagos de pedra eram muito empregados nos túmulos de pessoas importantes. Durante todo o tempo que o corpo estava dentro de casa, era proibido comer, ou beber, ou pôr os filactérios. O alimento era preparado e era possível alimentar-se fora de casa.

enxofre. *Pedra ardente.* Usa-se pela primeira vez esse nome na Bíblia na narrativa sobre a destruição de Sodoma e Gomorra (Gn 19.24). Há abundância de enxofre nas proximidades do mar Morto (Dt 29.23). Algumas nascentes de água quente, às quais os romanos recorriam, e onde Herodes edificara magníficos estabelecimentos de banhos, depositavam tão grandes quantidades de enxofre que, às vezes, as banheiras ficavam encobertas.

A palavra "enxofre", que geralmente significa o mineral, também é empregada com o sentido

de fogo e serve para descrever a ação do raio, que deixa um cheiro sulfuroso durante a tempestade (Is 30.33).

Epafras. Cristão, natural de Colossos e fundador da igreja colossense (Cl 4.12; 1.7). Paulo chama-o de "amado conservo e [...] fiel ministro de Cristo" (Cl 1.7) e honra-o com um título que, em outro trecho, reservou somente para si e Timóteo, isto é, o de "servo de Cristo Jesus" (Cl 4.12,13). Foi a Roma com o fim de levar a Paulo notícias a respeito dos seus convertidos, e a Epístola aos Colossenses era a resposta "aos santos e fiéis irmãos em Cristo que se encontram em Colossos" (Cl 1.2). Aparentemente, ele estava preso com o apóstolo Paulo, embora a expressão "prisioneiro comigo, em Cristo Jesus" possa ser figurada (Fm 23). O nome é uma forma abreviada de Epafrodito, mas o pastor colossense e o mensageiro filipense são personagens distintas.

Epafrodito. Ministro e mensageiro dos filipenses, enviado pela igreja de Filipos a Roma para entregar uma oferta, em dinheiro, a Paulo, que, nessa época, estava preso. Ele ficou com o apóstolo por algum tempo e serviu-o com tão grande zelo que contraiu uma séria enfermidade (Fp 2.26; 4.18). Mais tarde, ao tomar conhecimento de que os filipenses estavam muito cuidadosos a respeito da sua saúde, voltou a Filipos, levando consigo a Epístola de Paulo aos Filipenses (Fp 2.25-30; 4.18).

epicureus, epicuristas. Uma seita filosófica grega. Alguns partidários dela, juntamente com os estoicos, discutiram com Paulo em Atenas (At 17.18). V. ESTOICOS.

Er. *Vigia.* 1. Filho primogênito de Judá, nascido de uma mulher cananeia (Gn 38.3-7; Nm 26.19). Não se acha mencionada nas Escrituras a maldade pela qual o Senhor o feriu, mas, provavelmente, sua culpa tinha alguma relação com a idolatria cananeia. 2. Filho de Selá, o filho mais novo de Judá (1Cr 4.21). 3. Filho de Josué, na genealogia de Jesus Cristo (Lc 3.29).

Erasto. Um dos que serviam a Paulo em Éfeso, o qual, com Timóteo, foi enviado à Macedônia. Passado algum tempo, "Erasto, tesoureiro da cidade", isto é, de Corinto, envia saudações à igreja de Roma (Rm 16.23). Mais tarde, Paulo manda dizer a Timóteo que "Erasto ficou em Corinto" (2Tm 4.20). Essas três referências não podem ser identificadas pelas datas.

Ereque. Foi a segunda das quatro cidades fundadas por Ninrode, na terra de Sinear (Gn 10.10). Ali, sepultavam-se os reis da Assíria, estando os arredores ainda cobertos de diques, havendo tijolos e caixões espalhados naquela área. É também chamada Orchoë. Fica, em relação à Babilônia, a 128 km ao sul e a 79 km a leste. O seu nome moderno é Warka, nas terras pantanosas do baixo Eufrates. Samaria foi colonizada com o povo de Ereque (Ed 4.9; v. tb. NVI).

erva. A vegetação dos prados, chamada de "a erva do campo" na linguagem bíblica. Logo no princípio da primavera, ela cresce vistosa e em profusão, mas seca depressa assim que o calor do verão chega, e, por isso, é utilizada, muitas vezes, como emblema da fragilidade da natureza transitória da vida humana e da fortuna (Jó 8.12; Sl 37.2; 90.5; Is 40.6,7). Os prados da Palestina perdem a cor no inverno, e todos os vestígios de sua beleza primaveril ficam completamente apagados.

Esar-Hadom. Assírio — *Assur deu um irmão.* Filho de Senaqueribe que, quando este foi assassinado, sucedeu-lhe no trono do reino da Assíria (2Rs 19.37; Is 37.38). Foi um dos mais

célebres reis da Assíria, homem sábio e conciliador, e também general vitorioso. A cidade de Babilônia, destruída por seu pai, foi reedificada por ele, que a tornou um dos principais centros do seu reino, imediatamente inferior a Nínive. Por essa razão, quando seus exércitos invadiram a Palestina, foi para a Babilônia que levaram Manassés, cativo (2Cr 33.11). Em Samaria, parece que uniu aquelas cidades que, anteriormente, foram estabelecidas por Sargão (Ed 4.2). Graças às sucessivas campanhas, o Egito foi reduzido a uma província da Assíria; e Esar-Hadom, quando marchava para essa nação com o fim de sufocar uma revolta egípcia, morreu no ano 668 a.C., depois de um reinado de treze anos.

Esaú. *Cabeludo.* Filho de Isaque e Rebeca e irmão gêmeo de Jacó. Atribui-se o seu nome ao fato de ter nascido "ruivo, todo revestido de pelo" (Gn 25.25). Seu outro nome, Edom (vermelho), usado pelos seus descendentes, deriva-se da sopa de lentilhas, de cor avermelhada, que Jacó lhe serviu, quando, vindo da caça, estava esfomeado (Gn 25.30). Esaú era caçador, homem do campo e, ao mesmo tempo, impetuoso e valente, contrastando, assim, de modo notável com o pacífico, meigo e prudente Jacó. Aquele era generoso e considerado "homem do mundo". O procedimento de Esaú, vendendo seu direito de primogênito, foi caprichoso e profano. Foi um ato profano, porque as bênçãos que acompanhavam a primogenitura não eram só de caráter civil, mas também espirituais: as promessas feitas por Deus a Abraão tinham sua realização na linhagem dos primogênitos. Esses altos privilégios foram desprezados por Esaú, que, por isso, é citado pelo autor da Epístola aos Hebreus como o tipo de todos aqueles que se afastam de Cristo (Hb 12.16,17).

Quando tinha 40 anos de idade, Esaú casou-se com duas mulheres cananeias, e esse ato causou grande desgosto a Isaque e Rebeca (Gn 26.34). Esaú, em virtude da transferência da bênção, por um extraordinário logro de seu irmão Jacó, prometeu vingar-se dele (Gn 27.41). Mas Rebeca tratou de mandar Jacó para a casa de seus parentes, na Mesopotâmia (Gn 27.43). Quando Jacó voltou para a terra de Canaã, próspero e muito rico, encontrou seu irmão. Como Esaú era dotado de caráter generoso, não só perdoou seu irmão, mas ofereceu-se para escoltá-lo até sua casa, no monte Seir. Jacó aceitou, mas, acusado por sua consciência, evidentemente receava servir-se da oferecida escolta (Gn 32.6-8). O encontro seguinte de Esaú com Jacó foi no funeral de Isaque, quase vinte anos depois. Dessa vez, Esaú tomou sua parte na herança e, afastando quaisquer pensamentos de inimizade que lhe viessem a respeito da bênção, voltou para o monte Seir. Como desejava fazer dessa região a sua pátria, expulsou os primeiros habitantes dali (Gn 36.8). V. JACÓ E EDOM.

escândalo, pedra de tropeço, rocha de escândalo (Is 8.14; Rm 9.33). Essas expressões talvez sejam sugeridas em razão das estradas e dos caminhos íngremes e acidentados, traçados através das serras da Palestina, um perigo permanente para o viajante. No NT, empregam-se duas palavras gregas para exprimir a ideia: (1) *skándalon*, implicando, em sua origem, alguma coisa que mais surpreende do que faz tropeçar (Mt 16.23; 1Co 1.23; Gl 5.11); (2) qualquer coisa em que o pé tropeça; obstáculo (Rm 9.32,33; 14.13,20; 1Co 8.9).

escarlate. Essa tinta, extraída do inseto cochonilha, era feita em vários lugares da costa do Mediterrâneo. Empregada principalmente em objetos de alto valor (Êx28.15), vestes cerimoniais que os reis davam àqueles a quem concediam certos benefícios (Pv 31.22). Usava-se o termo emblematicamente para designar suntuosidade e vida ociosa (2Sm 1.24).

Escol. *Cacho de uvas*. Irmão de Manre, o amorreu que, junto com Abraão, libertou Ló, quando este foi capturado por quatro reis (Gn 14.13ss).

Escol, vale de. Vale perto de Hebrom, cujo nome deve-se à abundância de uvas. Esse vale foi visitado pelos espias, enviados à terra de Canaã por Moisés (Nm 13.23,24; 32.9; Dt 1.24).

escola. Esse termo deriva de uma palavra grega que, primitivamente, queria dizer descanso, empregado para referir-se ao tempo do descanso em conferências e discussões; depois, passou a indicar o próprio lugar em que eram feitas essas conferências ou discussões. A palavra "escola", no único lugar em que aparece na Escritura, tem esse sentido. Quando Paulo estava em Éfeso, durante três meses, usou a sinagoga para suas conferências, mas obrigado a sair dali pela oposição que lhe fizeram, "separou os discípulos, passando a discorrer diariamente na escola de Tirano" (At 19.8-10).

O uso que Paulo fez da sinagoga em Éfeso sugere-nos que se considerava esse templo como o lugar da instrução religiosa, ministrada na Palestina, depois do exílio, por um corpo de mestres profissionais, os escribas (V. ESCRIBA). Afirma-se, muitas vezes, que, nos tempos primitivos, uma obra semelhante era dirigida pelas "escolas dos profetas"; mas essa expressão realmente não se encontra nas Escrituras, e não há prova alguma de que os "discípulos dos profetas" se dedicassem à educação. Há, no AT, muitas referências "instrução" e aos "mestres", mas não se encontram vestígios de escolas para crianças. O que parece é que a casa judaica era a escola, e os pais, os instrutores.

escorpião. O escorpião pertence à mesma classe das aranhas e encontra-se nos países quentes. Seu tamanho varia muito, de 15 cm, na África, a 7,5 cm nas costas vizinhas do Mediterrâneo. A principal característica do escorpião é o seu ferrão, um esporão em curva, com duas glândulas venenosas na base, localizado na extremidade da cauda. Esse animal esconde-se nos buracos e debaixo das pedras e, à noite, sai em busca de sua presa — grandes insetos e crisálidas — que ele segura com sua boca em forma de pinça, logo a ferindo mortalmente com um golpe de sua cauda. Os escorpiões são muito abundantes, em geral nas proximidades do mar Morto e da península do Sinai, como acontecia nos dias do êxodo, "por aquele grande e terrível deserto de serpentes abrasadoras, de escorpiões e de secura, em que não havia água" (Dt 8.15). Um desfiladeiro na fronteira meridional de Judá, mencionado em Js 15.3, é conhecido como a Passagem do Escorpião. As únicas referências no AT, além da referida, acham-se em Ez 2.6, uma metáfora do Israel rebelde, e 1Rs 12.11; 2Cr 10.14. "Eu, porém, vos castigarei com escorpiões" é uma expressão figurada, embora o escorpião possa ser qualquer espécie de punição. No NT, o escorpião aparece nas imagens do Apocalipse (9.3,5,10) e em duas declarações de Jesus (Lc 10.19; 11.12); na última dessas passagens, talvez haja alusão à aparência de ovo que o escorpião tem quando está enroscado.

escravidão, escravo. Na Bíblia, quase sempre se utiliza o termo "servo" para exprimir o que queremos dizer com a palavra "escravo". A escravidão, como instituição, já é descrita nos mais antigos anais da humanidade. Na época do AT, os escravos eram obtidos de vários modos. Muitos eram prisioneiros de guerra (Gn 14.14; Dt 20.14; 2Cr 28.8; Dn 1.4). Os ladrões, bem como todos aqueles que faziam grande mal ao próximo, eram vendidos como escravos (Êx22.3). Se um homem devia dinheiro e não podia pagar, tornava-se escravo de seu credor e podia ser vendido por este (2Rs 4.1; Ne 5.4,5; Mt 18.25). Havia, também, escravos que eram filhos de

escravos, nascidos na família de seu senhor (Gn 14.14; 15.3; 17.23; 21.10; Jr 2.14; v. tb. Sl 86.16; 116.16). Os escravos dessa última classe, geralmente, eram tratados com mais humanidade do que os outros; mas havia, no entanto, grande diferença entre aqueles e os filhos da família (Rm 8.15; Gl 4.6). Todavia, seus senhores depositavam grande confiança neles e, até mesmo, os armavam quando se tratava da defesa geral (Gn 14.14; 32.6; 33.1). A vida de José e a de Daniel mostram que os escravos, algumas vezes, eram elevados a posições de grande autoridade.

A Lei mosaica era de compaixão para com os escravos (Êx 20.10; 21.20,26,27; Dt 5.14; 12.18; 16.11). Todos os hebreus que foram obrigados a servir como escravos deviam obter sua liberdade no fim do sétimo ano, a não ser que preferissem continuar no serviço de seu senhor (Dt 15.12). O Senhor entregou a nação aos inimigos de Israel, em parte por se ter desprezado essa compassiva determinação (Jr 34.9,20). V. SERVO.

escriba. *Escritor.* Antes do cativeiro, empregava- se essa palavra para designar a pessoa que tinha certos cargos no exército (Jz 5.14; 2Rs 25.19; Is 33.18; Jr 52.25). O secretário do rei era também chamado de escriba e considerava-se esse emprego, junto das pessoas reais, uma alta posição (2Sm 20.25; 1Rs 4.3; 2Rs 12.10). Na história judaica dos tempos mais modernos, os escribas são os intérpretes ou os copistas da Lei. Esdras é descrito como "escriba versado na Lei de Moisés" (Ed 7.6). Os escribas proclamavam seus direitos, dizendo: "Somos sábios, e a lei do Senhor está conosco" (Jr 8.8). Quando o povo começou a falar o aramaico, a língua hebraica ainda lhes era familiar. Eles, por profissão, eram os estudantes da Lei, escrita ou oral, e, no tempo de Jesus, tinham obscurecido de tal forma a Lei com suas explicações e adições que foram acusados pelo divino Mestre de transgredir os mandamentos de Deus por causa de sua tradição e de ensinar "doutrinas que são preceitos de homens" (Mt 15.1-9; Mc 7.7). Eles, a maior parte das vezes, são mencionados com os fariseus, certamente por demonstrarem a mesma atitude para com a Lei e o mesmo formalismo em relação à vida religiosa (Mt 5.20; 12.38). Mas, embora os escribas, na maior parte das vezes, possam ter sido fariseus, nem todos eles pertenciam a tal grupo (v. Mc 2.16; Lc 5.30; At 23.9). Sua influência manifesta-se pelas estreitas relações que tinham com os principais sacerdotes e anciãos (Mt 16.21; 20.18; 26.3; Mc 10.33; 14.53; At 6.12). Não é de admirar a hostilidade dos escribas para com nosso Salvador, uma vez que os ensinamentos de Jesus eram totalmente opostos ao formalismo deles (Lc 5.30; 6.7); e essa hostilidade continuou a manifestar-se também em relação aos apóstolos (At 4.5; 6.12).

escrita. O livro de Gênesis não faz alusão alguma à arte de escrever, embora a arqueologia nos mostre que ela era praticada no tempo dos patriarcas e, de modo particular, por quase todas as classes do Egito no tempo do êxodo. A primeira alusão acha-se em Êx24.4. No tempo dos profetas, são frequentes as referências à escrita (Is 8.1; 30.8; Jr 30.2; Hc 2.2). V. LIVRO, TINTA, PAPIRO E PERGAMINHO.

Escritura. Lê-se essa palavra cerca de 17 vezes somente no AT (Dn 10.21). No NT, usa-se, normalmente, o plural, quase sempre em referência aos escritos do AT (Mt 21.42; Mc 12.24; Jo 5.39; At 17.11); emprega-se usualmente o singular quando se trata do contexto de uma passagem particular (Mc 12.10; Jo 7.38) V. CÂNON DAS ESCRITURAS SAGRADAS; NOVO TESTAMENTO; APÓCRIFOS, LIVROS; AT.

escrivão da cidade. O oficial, intitulado em At 19.35 “escrivão da cidade”, ocupava posição de dignidade e influência. O escrivão da cidade de Éfeso estava em contato imediato com o procônsul da Ásia. O que Lucas, no livro de Atos, diz a seu respeito concorda com o que se sabe de outras fontes. Essas autoridades tinham por dever tornar conhecidos ao povo as leis e os decretos do Estado. A essas funções, acrescentava-se o dever de presidir as assembleias públicas e de receber o voto. Em alguns casos, eles eram os administradores da comunidade; em outros, achavam-se associados a um magistrado superior. Na ausência ou morte desse superior, o escrivão da cidade tomava seu lugar até que ele voltasse ou seu sucessor fosse nomeado.

escudeiro. Era um oficial que os reis e os generais escolhiam entre os mais valentes. O dever do escudeiro era levar as armas de seu senhor e, além disso, devia ser o portador de mensagens de uma parte do campo para outra, o que os ajudantes de campo fazem hoje. Muitas vezes, no combate, ele era quem levava o escudo e protegia seu senhor (Jz 9.54; 1Sm 16.21; 31.4). V. EXÉRCITO.

escudo. Quatro palavras hebraicas são traduzidas pela palavra “escudo”. A primeira refere-se àquele escudo que, graças a seu tamanho, podia proteger todo o corpo. Este era o *escudo*, grande escudo de madeira, coberto com duras peles; o magen era um pequeno escudo redondo ou octogonal, muito usado pelos judeus, babilônios, caldeus, assírios e egípcios. Esse pequeno escudo também era feito de madeira, coberto com couro, para uso geral, e com ouro, para ocasiões especiais (1Rs 10.16,17; 14.26,27). O escudo de maiores proporções era empregado principalmente pela infantaria e, algumas vezes, era levado pelo escudeiro (1Sm 17.7). Também era usado durante os cercos, e muitos deles eram colocados juntos, a fim de proteger a cabeça dos soldados que faziam o cerco contra os dardos e as pedras, arremessados das muralhas ou das torres. Quanto ao pequeno escudo redondo, ele era usado tanto pela cavalaria como pela infantaria. O terceiro (*kidon*) é, mais propriamente, um dardo ou azagaia (1Sm 17.45). O sentido da quarta palavra (*shelet*, em 2Sm 8.7) é incerto, embora, provavelmente, trate-se de alguma espécie de escudo. Era desonroso perder o escudo no combate, porque a tristeza nacional aumentava quando se dizia que “neles foi profanado o escudo dos valentes” (2Sm 1.21). Tal ato, entre os gregos, era castigado com a pena de morte. As mães, na Lacedemônia, costumavam instigar a ambição de seus filhos, passando- lhes às mãos o escudo dos pais, e proferindo estas palavras: “Teu pai sempre conservou este escudo. Agora, conserva-o tu, também, ou morre”.

Era motivo de orgulho para o guerreiro manter sempre brilhante seu escudo. Quando não estava em uso, ficava sempre coberto, e era friccionado com azeite para livrá-lo dos estragos do tempo (Is 21.5; 22.6). Os escudos, guarnecidos de ouro, eram muito empregados para fins de ornamentação ou para ostentação. Salomão os empregava dessas duas formas e, nas procissões religiosas, como seu pai fizera anteriormente, exibia-os com seus troféus de batalha (1Rs 10.16ss; 2Sm 8.7). Descreve-se a fé como escudo em Ef 6.16, bem como salvação em Sl 18.35.

esculpir. Emprega-se essa palavra nas Escrituras Sagradas no sentido de fazer gravuras na madeira, na pedra, no metal ou em joias (v. Êx28.11,21; 35.35; 38.23). No mundo antigo, esta era uma das belas artes, muito conhecida e altamente desenvolvida. V. IMAGEM.

escultura. As artes de bordar e esculpir foram muito utilizadas na construção do tabernáculo e do templo, bem como na ornamentação das vestes sacerdotais. No tempo de Salomão, o artista

Hirão, da Fenícia, era o principal responsável por essa espécie de trabalhos e também dirigia grandes obras de arquitetura (Êx28.9-36; 31.2-5; 35.33; 1Rs 6.18,35; 2Cr 4.11,16; Sl 74.6; Zc 3.9).

Esdras. *Auxílio.* 1. Esdras era filho, ou neto, de Seraías (2Rs 25.18-21; Ed 7.1) e descendente de Arão. Nasceu na Babilônia, no século V a.C. Era sacerdote e escriba versado na Lei de Moisés (Ed 7.6). Embora tivesse nascido na terra do cativeiro, ele, contudo, pelo estudo da Lei e por meio da investigação entre os seus compatriotas, tinha obtido informações precisas sobre a terra e o templo de seus pais; e o resultado desses conhecimentos foi conceber um forte desejo de revivificação moral e religiosa entre os judeus da Palestina.

No sétimo ano de Artaxerxes Longímano (458 a.C.), Esdras recebeu a permissão de voltar à terra de seus pais com os que desejassem acompanhá-lo. Ele, também, levou material e dinheiro para o templo e os serviços necessários para essa obra. Em Ed 7, encontra-se, por extenso, o decreto do rei. Todavia, os planos de Esdras para uma revivificação religiosa encontraram obstáculos. Os príncipes do povo traziam-lhe notícias de que houvera numerosos casamentos de israelitas com mulheres pagãs. Quando Esdras recebeu essa notícia, rasgou suas vestes, arrancou os cabelos e a barba (sinais de dor interior) e assentou-se atordoado. Depois de um dia de humilhação, "Esdras orava e fazia confissão, chorando prostrado diante da casa de Deus". A consequência disso foi o pacto que se selou, em virtude do qual os israelitas deviam despedir suas mulheres estrangeiras (Ed 9—11).

Nada mais se diz acerca de Esdras, até que, passados treze anos, o encontramos de novo em Jerusalém com Neemias, naquele ato solene em que se leu a Lei diante do povo, repetindo-se a leitura todos os dias durante a Festa dos Tabernáculos. Este é o último fato mencionado em relação a Esdras. A tradição judaica atribui-lhe o acabamento do cânon do AT e a autoria de alguns dos livros canônicos, bem como a instituição da sinagoga.

2. Sacerdote que voltou do exílio com Zorobabel e Josué (Ne 12.1).

Esdras, O Livro de. Alguns trechos desse livro (4.8—6.18; 7.12-26) acham-se escritos em língua aramaica e mostram ser matéria inserida; eles, principalmente, consistem em comunicações ou em decretos nessa língua. Esdras aparece na primeira pessoa como o autor de 7.27; 8.34; 9; outros trechos narrativos do livro referem-se a ele na terceira pessoa. O livro, evidentemente uma continuação de Crônicas (2Cr 36.22, 23; Ez 1.1-3), compreende o período de tempo que se estende do ano 536 a 457 a.C., isto é, cerca de setenta e nove anos. O livro de Neemias, parte de Esdras no cânon hebraico, narra a atividade conjunta de Esdras e Neemias do ano 445 a 432 a.C.

A *história*, cujos fatos se narram nesse livro, consiste em duas partes, separadas uma da outra por um espaço de cinquenta e oito anos, incluindo todo o reinado de Xerxes. A primeira parte, que termina em 6.22, contém a história dos que voltaram da Babilônia e trata da reedificação do templo, a qual fora determinada por um decreto de Ciro, no ano 536 a.C., mas que só foi completada no reinado de Dario, filho de Histaspes (geralmente conhecido por Dario Histaspes), no ano 515 a.C. A segunda parte, que se inicia em 7.1, contém a narração da jornada de Esdras a Jerusalém, jornada que foi empreendida em virtude de um decreto de Artaxerxes Longímano no ano 458 a.C.; e também fala de seus esforços para a reforma do povo.

Os assuntos do livro podem ser indicados do seguinte modo:

I.A primeira companhia de judeus volta da Babilônia com a proclamação de Ciro para a reedificação do templo (cap. 1); a lista dos que voltaram com Zorobabel, com as ofertas para o templo (cap. 2); a construção do altar, em que se lançam os alicerces do templo (cap. 3); oposição dos samaritanos e suspensão das obras (cap. 4); profecias de Ageu e Zacarias, continuação das obras, visita dos governadores e a carta destes a Dario; o decreto favorável do rei; término e dedicação do templo (cap. 5 e 6).
II. A jornada de Esdras a Jerusalém com grande número de pessoas e as reformas que ele efetuou: Esdras, em comissão, da parte de Artaxerxes, vem para a Judeia com seus companheiros (7.8); casamento dos judeus com suas vizinhas pagãs; a aflição de Esdras pelos pecados do povo e a sua oração; o arrependimento e a reforma do povo (cap. 9 e 10).

A primeira parte do livro deve ser estudada em conjunção com as profecias contemporâneas de Ageu e Zacarias. As coincidências que se encontram nos livros de Esdras e Ageu mostram que este último profeta era quem escrevia os anais do povo antes de Esdras. Compare-se Ed 5.1,2 com Ag 1; e Ed 3.6,10,11,12 com Ag 2.18; e vejam-se as repetidas referências dos dois livros à Lei de Moisés.

Vemos o cumprimento das profecias com a volta dos judeus da Babilônia (Is 44.28; Jr 25.12; 29.10). A restauração da religiosidade judaica, do templo e do culto foi acontecimento de altíssima importância, cuja tendência era preservar, no mundo, a verdadeira religião e preparar o caminho para a vinda do Senhor.

Esdrelom. V. JEZREEL, PLANÍCIE DE.

esmeralda. Pedra preciosa altamente apreciada pelos antigos. A esmeralda era a segunda ordem de pedras no peitoral do sumo sacerdote (Êx 28.18; 39.11). Acha-se mencionada como uma das pedras preciosas que adornavam o rei de Tiro (Ez 28.13) e fazia parte da mercadoria levada para essa cidade (Ez 27.16). É descrita nos fundamentos da nova Jerusalém (Ap 21.19).

esmola. Encontra-se a palavra "esmola" (do grego *eleemosyne*) repetidas vezes no NT, mas não no AT, embora o dever de dar esmola esteja bem determinado na Lei de Moisés. Mandava a Lei que os israelitas, todos os anos, apresentassem os primeiros frutos da terra diante do Senhor. Todo proprietário devia, de três em três anos, repartir os dízimos de seus produtos com o levita, o estrangeiro, o órfão e a viúva. Havia, no vestíbulo do templo de Herodes, 13 caixas para receberem as esmolas voluntárias, e uma delas era destinada a donativos para a educação das crianças pobres de boa família. Depois do cativeiro, havia, em cada cidade, três cobradores de esmolas oficiais; e o ato de dá-las era obrigatório, sob pena de multa. Os fariseus eram zelosos em dar esmolas, mas foram censurados por Jesus, pois cumpriam esse dever moral com excessiva ostentação (Mt 6.2).

O dever de socorrer os pobres não foi desprezado pelos cristãos (Mt 6.1-4; Lc 14.13; At 20.35; Gl 2.10). Aconselhavam-se os seguidores de Jesus Cristo a separar, no domingo, certa parte dos seus lucros para remediar as faltas dos necessitados, e isso deveria acontecer todas as semanas (At 11.29,30; Rm 15.25-27; 1Co 16.1-4). Considerava- se dever especial das viúvas o consagrar-se ao serviço de distribuição de esmolas (1Tm 5.10). Antes do cativeiro, não há vestígio algum de que fosse permitida a mendicância, mas, com certeza, isso foi autorizado em tempos posteriores (Mt 20.30; Mc 10.46; At 3.2).

espada. A espada era curta e larga, geralmente com um só gume, mas, algumas vezes, com dois, quando sua função era a de instrumento perfurante. A forma era muito variável, e, muitas vezes, era reta, e outras, curva. Era sempre levada sobre a coxa esquerda, e, por essa razão, Eúde pôde ocultar uma espada curta, ou um punhal, sobre a coxa direita, sem que ninguém suspeitasse disso, visto que era canhoto (Jz 3.16). A espada é a mais antiga arma ofensiva mencionada na Bíblia. Os filhos de Jacó assassinaram os siquemitas espada (Gn 34.25). Muitas vezes, é sinônimo de guerra: "Assim diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel: [...] por causa da espada que estou enviando para o vosso meio" (Jr 25.27). Outras vezes, refere-se à conversa perniciosa, à falsa acusação, à difamação, a calúnia: "espada afiada, a sua língua"; "Porém Deus salva da espada que lhes sai da boca" (Sl 57.4; Jó 5.15). Compara-se a Palavra de Deus, em virtude de sua força penetrante, a uma espada de dois gumes (Hb 4.12). As palavras "[...] e da boca saía-lhe uma afiada espada de dois gumes" (Ap 1.16) exprimem a força de sua Palavra, quer se considere sua graça quer se considere seu juízo.

especiarias. Os antigos tinham a maior parte das especiarias que hoje conhecemos e as apreciavam muito. Serviam-se delas para temperar a carne (Ez 24.10), para dar sabor agradável aos seus vinhos (Ct 8.2), para perfumar as pessoas e as camas (Et 2.12; Sl 45.8; Pv 7.17), e para preparar os mortos (2Cr 16.14; Jr 34.5; Mc 16.1). Estimulava- se e protegia-se cuidadosamente o negócio das especiarias, o qual era largamente sustentado por meio de caravanas que viajavam através do deserto da Arábia e ao longo da costa da Palestina até o Egito, chegando muitas vezes até mais adiante (Gn 37.25). Muitas especiarias vinham da Índia e da Pérsia para a Palestina, mas as de uso comum provinham principalmente do próprio país, como o bálsamo de Gileade, a mirra e o nardo, embora essas substâncias tenham mais o caráter de perfumes do que propriamente de especiarias.

espelho. Na Antiguidade, raras vezes o espelho era feito de vidro, e as referências na Bíblia são, sem dúvida, aos de metal, que, por mais bem polidos que fossem, davam um reflexo extremamente imperfeito. Esses espelhos eram uma chapa de metal polido, uma obra muito mais rudimentar do que os modernos (Jo 37.18; 1Co 13.12; Tg 1.23).

espia. Quando os israelitas já tinham alcançado Cades, a fronteira do país de Canaã, Moisés, dirigido por Deus, enviou 12 homens, um de cada tribo, para espiar a terra e fazer um relatório sobre o caráter, o número e as características de seus habitantes (Nm 13.1-20). Estiveram ausentes por quarenta dias. Depois, voltaram com amostras de frutos e trouxeram boas notícias sobre a produtividade da terra, mas disseram que seus habitantes eram fortíssimos e terríveis (v. 25-33). Todavia, dois deles, quando os israelitas se insurgiram contra Moisés e Arão (14.1-4), asseguraram ao povo que a conquista do país não era, de forma alguma, impossível (v. 5-10). Esses dois homens, Josué e Calebe, estavam para ser apedrejados pela multidão enfurecida, quando o Senhor interveio (v. 11,12). O resultado de tudo isso foi que somente Josué e Calebe tiveram permissão de entrar na terra prometida (14.13-35), e os outros dez foram castigados com morte imediata (v. 36-38). Posteriormente, Josué enviou dois espias a Jericó, quando ele procurava tomar aquela cidade (Js 2.1ss). Eles foram descobertos e teriam sido mortos, não fosse o auxílio que lhes prestou Raabe, a qual, por esse seu procedimento, foi salva — não só ela, mas também sua família, com tudo o que lhe pertencia — quando a cidade foi destruída (Js 6.1ss; v. tb. Hb 11.31).

espinho. Em Is 55.13, a palavra "espinheiro" refere-se à urtiga, planta que causa pruridos quando se lhe toca. Em Ez 28.24, trata-se de um arbusto espinhoso, e, em Hb 6.8, há referência planta cujas folhas têm espinhos nas bordas, embora não se saiba exatamente qual seja ela. Os espinhos e os abrolhos, mencionados em Jz 8.7,16, explicam uma terrível forma de castigo em uso entre os antigos: o dilacerar a carne da vítima empregando os espinhos ou os cardos. Em outros exemplos, as Escrituras referem-se às plantas espinhosas do deserto, das quais há muitas variedades na Palestina. V. SARÇA.

espinho na carne. Essa expressão de Paulo e ideias semelhantes (2Co 12.7-10; Gl 4.14; e possivelmente 1Co 2.3; 2Co 1.8; 10.10; 1Ts 2.18) recebem interpretações variadas. Essa aflição na carne que ele mencionou era, decerto, qualquer sofrimento corporal, como se estivesse recebendo murros com a mão fechada (2Co 12.7), e esse flagelo tinha relação com suas visões espirituais. Alguns acreditam que seria epilepsia ou alguma afecção nervosa aliada a essa doença; outros sugerem que esse mal era a oftalmia (At 23.5; Gl 4.15; cp. Gl 6.11). V. PAULO.

espírito. No AT, a palavra "espírito" é, com duas exceções, uma tradução do termo hebraico *ruach*, cujo sentido literal é "vento" (Gn 8.1). Em muitas passagens, essa palavra é traduzida por "sopro", com referência ao ar respirado (Jó 17.1; Is 2.22), ou pela expressão "fôlego de vida" (Gn 6.17; 7.15; cp. Sl 104.29; Ez 37.8). Desse modo, emprega-se naturalmente a palavra acerca do princípio vital, o princípio da vida animal (*anima, psychê*), quer se trate de homens quer se trate de animais ("fôlego", Ec 3.19); de homens (Gn 45.27; Nm 16.22; Jó 10.12; Sl 104.29; Ec 12.7; Is 38.16; 57.16). Em outras passagens, refere-se ao princípio espiritual ou à alma racional (*animus, pneuma*). Nesse sentido, o espírito é a sede das sensações e das emoções; ele é altivo (Pv 16.18), atribulado (1Sm 1.15), humilde (Pv 16.19); as graças divinas tornam-se subjetivas nele (Sl 51.10; Ez 11.19; 36.26). No NT, o espírito (*pneuma*), faculdade divinamente concedida, pela qual o homem pode entrar em comunhão com Deus, distingue-se do caráter natural do homem (*psychê*); veja especialmente 1Co 2.10-16. A Bíblia, claramente, supõe a existência do espírito, separado do corpo, depois da morte (Lc 24.37,39; Hb 12.23). V. ESPÍRITO SANTO E ALMA.

Espírito Santo. Nas Escrituras Sagradas, o Espírito Santo, a terceira pessoa da Trindade, é denominado de "o Espírito", "o Santo Espírito", "o Espírito de Deus", "Espírito de vosso Pai", "o Espírito do Senhor" (AEC) e o "Consolador". Na criação, "o Espírito de Deus pairava por sobre as águas" (Gn 1.2; Jó 26.13). Certos homens receberam a incumbência de realizar a sua obra: Bezalel (Êx 31.2,3), Josué (Nm 27.18), Gideão (Jz 6.34), Jefté (Jz 11.29), Saul (1Sm 11.6), Davi (1Sm 16.13). Ele manifestou-se especialmente aos profetas (Ez 11.5; Zc 7.12), foi dado para que os homens pudessem ter um espírito de sabedoria (Pv 1.23) e prometido ao Messias (Is 11.2; 42.1) e a "toda a carne" (Jl 2.28).

No NT, o Espírito Santo manifesta-se no batismo de Jesus (Mt 3.16; Mc 1.10); na tentação (Mt 4.1; Mc 1.12; Lc 4.1); imediatamente depois da tentação (Lc 4.14); e na ocasião em que Jesus, quando falava em Nazaré, recorda a promessa messiânica de Is 61.12 (cp. 42.1-4). O Santo Espírito, do mesmo modo, fala ao velho Simeão, dirigindo-o em seus passos e pensamentos (Lc 2.25-27). Nosso Salvador promete o dom do Espírito Santo (Lc 11.13).

No Evangelho de João, o ensino de Jesus quanto à obra do Espírito e com respeito sua natureza é mais preciso: "Deus é Espírito". A não ser que o homem nasça de novo "da água e do

Espírito", ele não pode entrar no reino de Deus (3.5). O Espírito é dado sem medida ao Messias (3.34). Jesus, ao referir-se às promessas messiânicas (Is 44.3; Jl 2.28), falou do "Espírito que haviam de receber os que nele cressem" (7.39); porquanto o Espírito, em sua manifestação e operação, ainda não fora dado (7.39); seria enviado na qualidade de Consolador, Paráclito, Advogado (14.16,26; 15.26; 16.7; Jo 2.1); Espírito da verdade, por quem a verdade se expressa e é trazida ao homem (15.26; 16.13). Ele seria dado aos cristãos pelo Pai (14.16), habitaria neles e glorificaria o Filho (16.14), pelo conhecimento que dava a respeito dele. Em 1Jo 3.24—4.13, a presença íntima do Espírito é um dos dois sinais, ou características, da união com Cristo; e o Espírito, que é a verdade, dá testemunho do Filho (1Jo 5.6). Em Atos, a manifestação do Espírito é feita no dia de Pentecostes, e o fato acha-se identificado com o que foi anunciado pelo profeta (2.4,17,18); Ananias e Safira "tentam" o Espírito, pondo à prova a sua presença na igreja (5.9); o Espírito dirige expressamente a ação dos apóstolos e dos evangelistas (1.2; 8.29,39; 10.19; 11.12; 16.7; 21.4); e inspira Ágabo (11.28). Nas epístolas de Paulo, a presença do Espírito Santo está claramente determinada (Rm 8.11; 1Co 3.16; 6.17-19). Ele é o autor da fé (1Co 12.3; cp 2Co 4.13); os homens vivem no Espírito (Gl 5.25), ele ajuda-os em suas fraquezas (Rm 8.26,27) e fortalece-os (Ef 3.16); eles recebem dons espirituais do Espírito (1Co 12) e produzem frutos, o resultado da presença do Espírito na vida deles (Gl 5.22). Por meio do Espírito, há a ressurreição dos que creem em Cristo (Rm 8.11). Pedro escreve acerca da santificação, a obra do Espírito Santo (1Pe 1.2). Em Apocalipse, observa-se que João é conscientemente influenciado pelo Espírito (1.10; 4.2); e a mensagem dirigida às sete igrejas é a mensagem do Espírito (2.7,11,17,29).

O Espírito Santo é uma pessoa da Trindade, e não meramente um método de ação divina (v., especialmente, as palavras de Jesus Cristo: Jo 14.16,17; 15.26; 16.7,8; cp. Mt 12.31,32; At 5.3,9; 7.51; Rm 8.14; 1Co 2.10; Hb 3.7). O Espírito procede do Pai e do Filho (Gl 4.6; 1Pe 1.11). É ele tanto "o Espírito de Deus" como "o Espírito de Cristo" (Rm 8.9). Assim, o Espírito, nos mistérios da redenção, em uma nova vida, na regeneração, na santificação e na união com Cristo, é uma pessoa que, em sua operação como auxiliador do homem, ainda é aquele que pode ser negado, entristecido e apagado (Ef 4.30; 1Ts 5.19). V. TRINDADE.

esposa. V. MULHER CASADA.

esquife. Caixão de madeira para levar os mortos, ou aquilo sobre que se leva alguma coisa. No AT, a palavra é a mesma usada para cama. Coisa curiosa é que, embora sejam frequentes na Bíblia as referências aos funerais, menciona-se o esquife, ou féretro, somente duas vezes, (2Sm 3.31; Lc 7.14). V. ENTERRO. Em 2Cr 16.14, a palavra empregada é "leito".

estádio. Medida grega equivalente a 185 m (Lc 24.13).

estalagem. A proverbial hospitalidade no Oriente tornava desnecessária, nos tempos antigos, a estalagem, e não se pensava sobre o assunto. Em tempos posteriores, nas pouco frequentadas estradas da Palestina, onde a distância entre os povoados era considerável, ou nos subúrbios das cidades (Lc 2.7), as hospedarias, ou caravançarás, passaram a ser comuns; elas foram construídas com o fim de alojar os estrangeiros. Os locais precursores dessas estalagens eram simplesmente as nascentes de água, locais considerados bons para o acampamento dos viajantes (Gn 42.27; 43.21; Êx 4.24). No decorrer do tempo, esses locais com águas foram envolvidos por paredes; ou havia um espaço murado, perto da nascente, no qual os animais da caravana ficavam seguros

durante a noite. Depois, houve melhorias, de forma que, dentro de determinado recinto, já havia compartimentos onde as famílias, com certa privacidade, podiam recolher-se (Jr 9.2; 41.17).

Esses lugares, como os modernos khans, eram construções abertas, e o espaço do meio era reservado para os animais de carga ou veículos. Alguns dos khans, porém, eram de dois andares, e os quartos de cima tinham portas que se abriam para as galerias que havia em toda a volta. Nem os compartimentos superiores nem os inferiores tinham qualquer espécie de mobília, a não ser que se considere um estrado para dormir como tal. Também não se preparava alimento para os viajantes; mas, algumas vezes, havia uma espécie de venda anexa à estalagem, onde se podia abastecer com o necessário mediante pagamento. Um exemplo disso ocorre na história do bom samaritano (Lc 10.35). Moisés, quando voltava do país de Midiã para o Egito, hospedou-se em uma estalagem como essa (Êx4.24); os irmãos de José também pousaram em um lugar semelhante e estavam realizando os últimos preparativos para a grande viagem de regresso a sua casa, quando descobriram que o dinheiro destinado ao pagamento do trigo fora colocado nos sacos de cereal deles (Gn 42.27).

Nas estalagens maiores, as aberturas arqueadas davam acesso a séries de dois quartos, e o interior servia como pousada mais reservada; e ali também se armazenavam com mais segurança as mercadorias. Muitas hospedarias também tinham estrebarias em local separado da casa; e Maria deu à luz seu filho Jesus em um lugar como esse (Lc 2.7).

estandarte. Durante a marcha dos israelitas pelo deserto, cada tribo tinha seu próprio estandarte. Quando estavam acampados, colocavam-se três tribos de cada lado do tabernáculo, e cada três tribos formava um campo separado, ou uma divisão, com estandarte comum (Nm 1.52; 2.2ss). V. BANDEIRA E INSÍGNIA.

estanho. Esse metal acha-se mencionado, com outros, nos despojos dos midianitas (Nm 31.22). Os hebreus conheciam esse metal e faziam a liga dele com outros (Is 1.25; Ez 22.18,20). Os mercados de Tiro eram abastecidos desse metal por meio dos navios de Társis (Ez 27.12). Faziam-se prumos com ele (Zc 4.10).

esterco. O uso do esterco para cozer pão (Ez 4.12-16) refere-se a seu emprego como combustível, o que é ainda comum no Oriente; mas a sua proximidade tornaria o pão impuro para os judeus. O estrume era ou a palha regada com líquidos imundos (Is 25.10), ou o lixo retirado das ruas e das estradas, recolhido fora da cidade em determinados locais (Ne 2.13). Aplicava-se o esterco às árvores, abrindo-se covas em volta das raízes (Lc 13.8). Quando alguém se sentava no monturo, isso era sinal do mais profundo desalento (1Sm 2.8; Sl 113.7; Lm 4.5).

Ester. *Estrela.* Entre os monarcas do Oriente, costumava-se mudar o nome dos indivíduos a quem queriam honrar (Gn 41.45). Assim, uma donzela judia, Hadassa (murta), quando foi elevada à categoria de rainha, recebeu um novo nome, Ester. Ela nascera na Pérsia, pois era exilada. O nome de seu pai era Abiail. Seus pais morreram quando ainda era muito nova, e seu primo Mordecai tomou-a como filha adotiva. Quando a rainha Vasti foi destituída, trouxeram à presença do rei Assuero as mais belas donzelas que puderam encontrar, a fim de escolher-se aquela que seria a esposa do monarca. Ester foi eleita e coroada rainha com o maior esplendor. V. ASSUERO. Pouco tempo depois de seu casamento, Ester recebeu uma comunicação, escrita por Mordecai, na qual se declarava que dois camaristas tinham conspirado contra a vida do rei.

Assuero foi avisado, e, quando se descobriu que a denúncia tinha fundamento, os conspiradores foram supliciados. Até essa ocasião, a nacionalidade da nova rainha ainda não fora revelada, visto que os parentes de Ester temiam a inveja dos nobres da Pérsia. O rei, por não saber a raça a que Ester pertencia, prestou atenção e consentiu, irrefletidamente, no pedido de Hamã, que estava irritado contra Mordecai, porque este, em certa ocasião, não se havia ajoelhado quando aquele, um ministro, passava. O rei permitiu que Hamã exterminasse todos os judeus, jovens e velhos, apoderando-se, ao mesmo tempo, dos bens deles. Ester estava isolada da convivência social e não sabia nada sobre esses acontecimentos. Mordecai, porém, achou uma maneira de comunicar-se com a rainha e pôde convencê-la de que ela deveria interceder por seus compatriotas. A rainha Ester, ao aparecer na presença de Assuero, sem fazer-se anunciar e sem ser convidada, corria grande perigo. De acordo com a lei persa, tal procedimento merecia a morte, a menos que o monarca estendesse o cetro para a pessoa que transgredira as regras estabelecidas. Com toda a confiança, porém, depois de três dias de jejum e oração, já sem nenhum receio, Ester apresentou-se ao rei, que estendeu o cetro para ela. A rainha convidou o rei para um banquete e, ali, revelou a conspiração de Hamã, que também estava presente. Este foi executado, e novo decreto foi lavrado, em virtude do qual os judeus podiam defender-se quando fossem atacados V. ESTER, O LIVRO DE.

Ester, O Livro de. Esse livro foi escrito durante o período que se estendeu entre o término do templo e a missão de Esdras (516 a 458 a.C.). Xerxes, que nesse livro se chama Assuero, filho do Dario mencionado em Esdras (Dario Histaspes), ocupava, nessa ocasião, o trono da Pérsia. Sua tirania foi vividamente retratada por Heródoto (IX). Provavelmente, as festas descritas no cap. 1foram efetuadas com o fim de inaugurar a expedição de Xerxes à Grécia, e é possível que o casamento com Ester, no sétimo ano de seu reinado, também tenha se realizado depois das grandes derrotas dos persas em Salamina, Plateia e Micalé, em 480 e 479 a.C. O rei Xerxes, segundo diz Heródoto, consolou-se de sua humilhação com os prazeres do seu harém (IX, 108).

A fonte dessa narrativa podem ter sido os anais do reino da Pérsia (v. 2.23 e 6.1). Assim, temos a explicação dos pormenores que ali se dão com respeito ao reino de Xerxes e a exatidão com que são mencionados os nomes dos seus ministros e dos filhos de Hamã. Essa conjectura também nos dá o fundamento para os judeus serem somente mencionados na terceira pessoa, de Ester ser, com frequência, designada pelo título de "a rainha", e Mordecai, pelo epíteto de "o judeu". E tal fonte explicará, também, o tom secular do livro, em que não se menciona o nome de Deus uma vez sequer. Todavia, embora o nome de Deus não apareça no livro, percebe-se claramente sua mão providencial que impede o mal que ameaçava os judeus, dominando os que procuram fazer o mal e desfazendo o ardil deles, o que era bom para a família israelita e até para os pagãos (1.2; 4.10).

É necessário dar a devida importância aos fatos descritos: não era somente a segurança dos judeus na Pérsia que estava em jogo; pois, se Hamã tivesse conseguido alcançar seu objetivo, tornando-se assim o poder supremo da Pérsia em Jerusalém e por toda a Ásia, os judeus, provavelmente, teriam perecido em toda parte, e com eles a igreja visível de Deus.

A Festa de Purim (que quer dizer sortes) que os judeus, um mês antes da Páscoa, observam com grande regozijo nos lugares onde vivem é uma comemoração permanente, como ação de graças por aquela libertação nacional. De manhã, o *Megillah* de Ester (o rolo desse livro) é lido e

explicado nas sinagogas, e o resto do dia é destinado a divertimentos e a sessões festivas. Segundo a tradição judaica, "todas as festas acabarão nos dias do Messias, exceto a Festa de Purim". Alguns acham que Purim é a festa mencionada em Jo 5.1. Nenhuma outra referência se faz ao livro de Ester no NT.

Os assuntos desse livro são os seguintes: a elevação de Ester ao trono da Pérsia, em que ela ocupa o lugar de Vasti (cap. 1e 2); a conspiração de Hamã para a destruição dos judeus (cap. 3); a consequente aflição dos judeus; o malogro da conspiração de Hamã; o triunfo dos judeus sobre seus inimigos; a instituição da Festa de Purim para comemorar o livramento do povo israelita (cap. 4—10); e a exaltação de Mordecai.

As lições que apreendemos desse livro são distintas. Nos dois livros que precedem o livro de Ester no cânon, tomamos conhecimento da misericórdia do Senhor para com os judeus que voltaram da Babilônia para seu país. Por meio do livro de Ester, sabemos que também aqueles que ficaram em países pagãos foram, pela providência de Deus, guardados e defendidos. O livro também nos esclarece sobre a maravilhosa maneira por meio da qual aquele que tudo vê e que conhece o princípio e o fim dos acontecimentos executa, por meio dos fatos históricos, seus planos. Desse modo, o Deus altíssimo e soberano coordena até mesmo os resultados das ações livres dos homens. Além disso, o livro manifesta como é fácil, para Deus, derrubar do trono os poderosos e exaltar os humildes e ensina-nos como é seguro pôr a nossa confiança em Deus e andar humildemente com ele. Assim, as lições do livro de Ester ensinam-nos a reprimir todo o orgulho e vanglória, além de ministrar conforto nas provações, tornando, desse modo, nossa fé e nossa esperança mais firmes.

Estęvăo. *Coroa.* Judeu helenista, o primeiro mártir cristão. Ele, entre os sete da igreja de Jerusalém, é mencionado em primeiro lugar por ser homem "cheio de fé e do Espírito Santo", "cheio de graça e poder", que operava muitos milagres (At 6.5-8). Estêvão, graças às discussões sobre as doutrinas da fé cristã, foi escolhido para responder aos opositores helenistas da jovem igreja (v. 9); mas as palavras de sabedoria cristã do notável evangelista resultaram em sua prisão. Levado ao Sinédrio, o discurso proferido em sua própria defesa levantou uma terrível hostilidade contra ele. Por isso, foi apedrejado, e, já moribundo, invocou o Senhor e orou pelos seus assassinos (At 7.58-60). A perseguição iniciada nesse período trouxe notáveis resultados para a igreja (At 8.1,4; 11.19).

estoicos, epicureus. Mencionam-se filósofos estoicos e epicureus em uma passagem de At 17.18-33, em que se lê que eles, ouvindo Paulo em Atenas, inquiriram o apóstolo com respeito à sua nova doutrina.

1. Os *estoicos* formavam uma seita de filósofos gregos, discípulos de Zenão. O nome deriva-se de Stoa, "pórtico", o lugar onde esse mestre permanecia para ensinar em Atenas (299 a.C.). As principais doutrinas dos estoicos: Deus não procede de nenhuma causa; é incorruptível e eterno; tem sabedoria e bondade infinitas; é causa e preservador de todas as coisas e qualidades. A matéria, em seus elementos primitivos, também não tem precedência e é eterna; é dotada de movimento e de forma pela poderosa energia da divindade. Embora Deus e a matéria tenham existido desde a eternidade, o atual sistema de coisas teve princípio; em sua origem, existia o caos; e tudo acabará em uma conflagração tal que todas as coisas materiais voltarão ao seu primitivo estado, e toda a vida será reabsorvida na divindade. Essa volta ao caos, seguida do

aparecimento de uma nova ordem de coisas, é um acontecimento que se repete em todas as eras. Alguns imaginaram até mesmo que todo indivíduo, a cada reaparecimento, voltaria a seu próprio corpo. Aqueles estoicos que acreditavam na existência da alma depois da morte supunham que ela ia para as regiões celestes dos deuses, onde permaneceria até que todas as almas, na conflagração geral, tanto as dos homens como as dos deuses, fossem absorvidas na divindade. Alguns também admitiam uma espécie de purgatório, no qual a alma seria purgada e purificada de todas as impurezas. Os estoicos eram rígidos fatalistas, pois, conforme a concepção deles, todas as coisas e, até mesmo, os deuses estavam sujeitos a uma eterna cadeia de causas e efeitos. Eles ensinavam que um homem sábio e virtuoso podia ser feliz no meio da tortura e que todas as coisas externas eram indiferentes para ele. Se um homem estava satisfeito consigo mesmo, isso era suficiente. Detestavam os vícios.

2. *Epicureus.* Epicuro era um filósofo grego que foi mestre em Atenas a partir do ano 307 a.C. Segundo seu sistema, o grande objetivo da vida é o prazer. Admitia a existência de seres divinos, mas não acreditava que eles tivessem alguma comunicação com os homens. Esses entes existiam em um estado de perfeita pureza, tranquilidade e felicidade. Com respeito à vida do homem, Epicuro ensinava que uma vida tranquila, livre de males e rica de prazeres é o principal bem da vida humana. Seus seguidores sustentavam que o mundo não fora formado por Deus, nem tinha algum propósito, pois era obra do acaso, um encontro fortuito de átomos. Negavam a imortalidade da alma. A felicidade que eles procuravam era a obtida pelo gozo da vida. Alguns deles buscavam essa felicidade na tranquilidade e na alegria da alma, pela prática da moralidade, mas outros a procuravam nos prazeres mais grosseiros, segundo seus apetites carnais. A filosofia de Epicuro era dupla: primeiro, havia o estudo e a observação de todas as coisas pertencentes à natureza; a seguir, fazia-se esse estudo e essa observação a respeito das ações morais, por meio das quais se verificava a conduta dos homens, evitando-se a causa da pena. A vida do homem consistia em prazer e dor, portanto aquele que podia encontrar a alegria da vida e diminuir as situações contrárias era um verdadeiro filósofo. Todavia, somente se alcançava a verdadeira e perfeita felicidade por meio de uma vida virtuosa e de pensamentos dignos, bem como pela prática da temperança, gentileza, compaixão, gratidão e amizade.

estola sacerdotal. A estola de linho era uma vestimenta característica do sacerdote oficiante, uma espécie de túnica, apertada em volta com um cinto (1Sm 2.18,28; 14.3; 22.18; 2Sm 6.14). A do sumo sacerdote acha-se descrita em Êx 28; 39; Lv 8.7. Era uma vestimenta de linho fino, belamente ornamentada, com adornos em ouro, azul e púrpura. Tinha duas partes — uma delas cobria as costas, e a outra, o peito — unidas nos ombros. Sobre cada ombro, havia uma grande pedra de ágata, similar à dragona, e nas duas pedras estavam gravados os nomes das 12 tribos, seis em cada pedra. Nessa vestimenta, o cinto era tecido com uma só peça ligada parte da frente (Êx28.8). Sobre o vestuário, usava-se o peitoral, no qual havia um bolso que continha o Urim e o Tumim, ou os sagrados lotes. Sabemos que Gideão mandou fazer uma estola com materiais doados pelos midianitas, tornando-se esse cinto um laço para os israelitas (Jz 8.27). Quando Mica fez um ídolo, também confeccionou uma estola, consagrando um dos seus filhos como sacerdote (Jz 17.5; 18.14-20).

estoraque. É um dos três ingredientes que entravam na composição do perfume sagrado (Êx30.34,35). A palavra hebraica quer dizer gota, e stacte é o equivalente dela em grego. Talvez

seja uma resina que se extrai do *Storax officinale*, planta da espécie da que fornece a goma de benjoim, ou talvez seja determinada qualidade de mirra inferior.

estrada real. No tempo de Cristo, seis grandes artérias de comércio e comunicação cortavam o país. Cesareia e Jerusalém eram os pontos principais a que elas conduziam. A primeira cidade era a capital militar, e a segunda, a capital religiosa. Em primeiro lugar, estava a estrada do sul, que ia de Jerusalém, passando por Belém, a Hebrom; depois ela bifurcava e seguia, na direção oeste, para Gaza e, na direção leste, para a Arábia, de onde também partia outra estrada, na direção norte, até Damasco. Foi por essa estrada que Paulo viajou, quando, depois da sua conversão, procurou os ermos da Arábia (Gl 1.17,18). Em segundo lugar, havia a velha estrada, pela costa do mar, que ia do Egito até Tiro; e, dela, partia outra à direita, para Damasco, passando por Cesareia de Filipe, a qual não era muito frequentada. A estrada à beira-mar era a mais importante via militar da terra. Provavelmente, foi por essa estrada que os soldados romanos levaram Paulo (At 23.31). A terceira estrada ia de Jerusalém para Bete-Horom e Lida e chegava até Jope. A quarta estrada vinha da Galileia para Jerusalém, atravessando Samaria, ramificando-se em Siquém para o leste, tomando depois esse ramo a direção de Damasco. Os viajantes judeus, em geral, evitavam passar por Samaria, preferindo os perigos da quinta grande estrada (Mt 20.17,29; Lc 10.30; 19.1,28). A quinta estrada partia de Jerusalém, seguia para Betânia até chegar a Jericó, onde atravessava o rio Jordão em um vau, tomando a direção de Gileade. A sexta grande estrada não era inteiramente judaica, mas ligava Damasco a Ptolemaida. Partindo de Damasco, atravessava o rio Jordão para ir a Cafarnaum, Tiberíades, Naim e Nazaré; desse lugar, seguia até o porto de Ptolemaida. Assim, Nazaré localizava-se na grande estrada do mundo, e tudo o que acontecia ali passava depressa a ser conhecido em toda parte. Além dessas estradas que acabamos de mencionar, outras muitas de menor importância atravessavam o país em todas as direções. A estrada real (Nm 20.17,19) era conservada para fins nacionais à custa do público. Os caminhos para as cidades de refúgio deviam estar sempre bem conservados (Dt 19.3). Sabemos, pelos historiadores judeus, que essas estradas secundárias deviam ter cerca de 14 m de largura, e nelas havia pontes e letreiros. V. JORNADA.

estrangeiro, estranho. Diversos termos hebraicos são traduzidos pelas palavras "estrangeiro" e "estranho", e seu verdadeiro significado deve ser procurado em um comentário.
1. *Nekar, Nokri.* Um estrangeiro que podia estabelecer relações com Israel, ou não. Adora deuses estranhos e é considerado como alguém inteiramente desvinculado dos interesses do povo de Deus (Gn 35.2; Êx12.43).
2. *Zar.* Palavra com sentido mais lato, empregada em referência a qualquer pessoa que não tenha um vínculo particular de parentesco, isto é, estranho à família (Dt 25.5), ou a uma casa sacerdotal (Lv 22. 12), ou à terra (Os 7.9).
3. *Toshāb.* Aquele que habita por pouco tempo entre o povo de Israel, mas não estabelece nenhuma boa relação com os israelitas. Liga-se, muitas vezes, à palavra seguinte (Lv 22.10).
4. *Ger.* Estrangeiro, habitante da terra no melhor sentido. Algumas vezes, tem um sentido geral, quando, por exemplo, refere-se a Abraão, em Hebrom (Gn 23.4), e a Israel, no Egito (Gn 15.13; Êx 22.21); mas, com frequência, o sentido técnico do termo é o de um estrangeiro que passa a viver mais ou menos permanentemente em Israel, pondo-se sob a proteção do Senhor e obtendo, por isso, certos direitos e privilégios (Js 8.33). Deve participar do descanso sabático

(Êx 20.10), e não deve ser maltratado (Lv 19.33); mas não se exigia que ele observasse as leis referentes à dieta de modo estrito (Dt 14.21). Esse estrangeiro especial serve para ilustrar a relação do homem temente a Deus, pois, embora não tenha direitos em relação a seu Criador, lhe é permitido, contudo, desfrutar certos privilégios (Sl 39.12). Todo estrangeiro que fixava sua residência entre os hebreus era tratado com amabilidade (Êx22.21; 23.9; Lv 19.33,34; 23.22; Dt 14.29; 16.10,11; 24.19); e, em muitas coisas, tinha os mesmos direitos que os verdadeiros filhos de Jacó (Êx12.49; Lv 24.22; Nm 15.15; 35.15). Certamente, não lhes era permitido ofender as suscetibilidades religiosas do povo hebreu.

estrela. Alguns povos antigos estudavam a astronomia. As referências do AT às estrelas demonstram que, naquela época, havia boas observações e reflexão sobre os astros. A contemplação das estrelas causava espanto e temor. Vieram de Deus, estão sob o império do Senhor, e só ele as pode contar (Gn 1.16; Jó 9.7; Jr 31.35; Sl 8.3; 136.9; 147.4; Is 40.26). O escurecer do dia e a confusão dos corpos celestes são fenômenos associados com calamidades, tanto no AT (Is 13.10; Ez 32.7; Jl 2.10; 3.15) como no NT (Mt 24.29; Mc 13.25; At 2.19,20; Ap 6.13; 8.10-12). A adoração dos astros era uma das formas de idolatria entre os povos, e isso desviou também os hebreus do caminho da Lei (Dt 4.19; 2Rs 17.16; Jr 19.13; Am 5.26; Sf 1.5; At 7.43). Há referências a Jesus como a Estrela da Manhã (Ap 2.28; 22.16). Em Jd 1.13, em uma comparação com os cometas, há uma referência às "estrelas errantes". (Com respeito às estrelas e constelações especiais, V. TB. URSA, PLÊIADE E ÓRION.)

estrela do Oriente. A estrela que os magos viram no Oriente (Mt 2.2,7,9,10) era, evidentemente, maior do que uma simples estrela, embora muitas pessoas não lhe tenham dado a devida atenção. Herodes teve de fazer inquirições (2.7) quanto ao tempo em que ela aparecera àqueles sábios. Alguns estudiosos supõem que era uma estrela nova, ou um cometa, ou que não passava de uma conjunção de certos planetas conhecidos. V. ASTRÓLOGO, MAGOS.

Etã. *Lugar de aves de presa.* 1. Aldeia da tribo de Simeão (1Cr 4.32). Esse local deve ser onde se encontram umas ruínas com o nome de Aitun, perto de En-Rimom.
2. Cidade fortificada de Judá, reedificada por Roboão (2Cr 11.6; talvez tb. 1Cr 4.3). Ficava perto de Belém. Os tanques de Salomão eram abastecidos com suas nascentes, que tornaram o local famoso. O nome moderno é ain'Atan.
3. Sansão refugiou-se "na fenda da rocha de Etã" (Jz 15.8,11); provavelmente um local perto de Leí.
4. Uma antiga parada dos israelitas em sua peregrinação pelo deserto (Nm 33.6,8). Fazia parte do grande deserto de Sur, ao norte do golfo ocidental do mar Vermelho.
5. Um ezraíta que se tornou notável pela sua sabedoria (1Rs 4. 31; 1Cr 2.6; Sl 89, título).
6. Descendente de Merari e regente de música do templo (1Cr 6.44; 15.17).
7. Um coatita, antepassado de Asafe (1Cr 6.42).

etanim. É o sétimo mês do ano sagrado dos hebreus. Inicia-se na última lua de outubro e termina na primeira de novembro (1Rs 8.2). V. MÊS, ANO.

Etbaal. *Com Baal.* Rei de Sidom e pai de Jezabel, a mulher de Acabe (1Rs 16.31). Ele foi sacerdote de Astarte, tendo o nome de Itobal. Depois de assassinar Feles, rei de Tiro, apoderou-se do trono, reinando pelo espaço de trinta e dois anos.

eterna, vida. 1. *Ensino do AT*. A comunhão entre Deus e a alma humana, quando bem compreendida, envolve um futuro para essa alma; e as anomalias da vida que não têm aqui explicação requerem, para serem explicadas, a vida além da morte. Mas, comparativamente, o AT é pouco explícito sobre o assunto, pois os escritores dessa parte da Bíblia mencionam o *Sheol*, a palavra que geralmente se traduz por "inferno". O termo, porém, significa "concavidade" ou "vácuo". Os mortos vivem ali, mas privados de tudo o que realmente pertence à vida. É lugar de trevas, esquecimento, sono e ignorância. Nele, não há esperança, nem louvor; é lugar de corrupção, um poço horrível; e dali não se escapa (v. Jó 7.9; 14.7-12; Sl 88; 115; Ec 9.5; Is 14.11). Esse aspecto do ensino, no AT, explica a existência futura, considerando- se, em especial, tudo aquilo que cerca a morte. No entanto, este não é o único aspecto. Conhecemos a vida de Enoque e que ele andou sempre com Deus. Conhecemos também a triunfante passagem de Elias e a misteriosa visão de Samuel em Tecoa. Todos esses fatos esclarecem esta grande verdade: quando o homem vive em comunhão com Deus, não há morte que possa realmente quebrar essa comunhão. A expressão, repetida tantas vezes, "Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó", explica essa comunhão de forma concreta, como também deveria ter produzido no espírito dos judeus a compreensão do que Jesus lhes queria ensinar. Especialmente em Salmos, e também em alguns dos profetas, o fato de que o judeu devoto vive em uma estreita união com o Espírito do Criador representa para ele uma segurança, mesmo na morte; ele tem pouco conhecimento sobre a vida após a morte, mas pode confiar em seu Deus. "Não deixarás a minha alma na morte"; "Quando acordar, eu me satisfarei com a tua semelhança"; "Tu me guias com o teu conselho, e depois me recebes na glória". Em Ez 37, a visão dos ossos secos ensina-nos uma lição semelhante (v. tb. Is 26.19; Dn 12.2). Na alma israelita, ao lado desses ensinamentos, havia a ideia de uma relação entre a morte e o pecado; mas o judeu nunca pôde penetrar inteiramente o mistério dessa ligação. Na literatura de sabedoria, como, por exemplo, Eclesiastes, Provérbios, Jó e alguns dos salmos, ensina-se, ao judeu, a verdade sobre a vida futura por outro processo de argumentação. As necessidades da vida, sua aparente injustiça, sua retribuição inexata, o óbvio fato de que nem sempre o sofrimento é resultante do pecado, tudo isso se avolumava em uma questão que só poderia ser resolvida pela realidade da vida futura.
2. *Ensino do NT*. É no NT que se define perfeitamente a doutrina da vida eterna. A palavra grega traduzida por "eterno" ou "perpétuo" (*aionios*) deriva-se de um nome que significa uma idade, ou um período de tempo. O adjetivo toma seu sentido característico com o nome a que se aplica. Quando se aplica a Deus ou à vida, significa "eterno", no sentido lato. Quando se aplica ao serviço de um escravo, significa a duração de uma vida toda: "ele o servirá para sempre" (Êx21.6). A vida de Deus é a eternidade; a vida dos que hão de estar sempre com o Senhor deve ser igualmente eterna; e também se usa a mesma palavra em relação aos que estarão separados de Deus, o que indica que essa separação é também eterna. Entre os cristãos, não há nenhuma dúvida acerca da eternidade da vida, e nunca houve.

eternidade, eterno. A palavra "eternidade" ocorre em Is 57.15: "Porque assim diz o Alto, o Sublime, que habita a eternidade", frase que muitos hebraístas traduzem desta maneira: "o que habita para sempre". Em Is 9.6, o termo é duvidoso. A palavra "eternidade" significa literalmente "longo tempo", e essa ideia de um tempo, ou tempo indefinido, constitui a base do

sentido de perpetuidade nas expressões hebraicas e gregas. No AT, as palavras traduzidas por "eterno", "perpétuo", "para sempre" e "para todo o sempre" são aplicadas, em primeiro lugar, a Deus; depois, ao seu modo de proceder com os homens, à misericórdia divina, ao pacto do Senhor com seu povo, ao reino de Deus, ao Rei e Sacerdote messiânico, e assim por diante. A expressão "os outeiros eternos" (Hc 3.6; Dt 33.15; v. tb. Gn 49.26) é excepcional e poética (cp. Is 54.10).

No NT, emprega-se, em várias frases, a palavra que em grego significa "idade" para exprimir longevidade, tempo sem fim. Com referência ao passado, significa "desde todos os tempos"; e ao futuro, "por todas as gerações, para todo o sempre" (Ef 3.21). Contudo, dá-se importância capital ao adjetivo correspondente, cujo sentido literal é "longevidade", "tempo perpétuo". Observa-se o sentido simples em Fm 1.15, "a fim de que o recebas [a Onésimo] para sempre". O uso mais frequente do termo acha-se na expressão "vida eterna". Ela ocorre 8 vezes nos Evangelhos sinópticos (Mt 19.16-29 e textos paralelos; Mt 25.46; Lc 10.25); 11 vezes nas cartas de Paulo, 1vez na Epístola de Judas (v. 21); 23 vezes no Evangelho e em 1João. Na verdade, a frase é especialmente característica de João, e, certamente, o apóstolo evangelista quis transmitir, com essa expressão, algo muito diferente, uma ideia mais profunda do que a mera existência futura sem fim. Ele refere-se não à duração, mas à qualidade de vida, a uma vida realmente possuída por aquele que crê em Jesus Cristo (Jo 3.36; 5.24; 6.47,54, 68; 17.3; 1Jo 5.11,13). Jesus, em conformidade com essa compreensão, identifica a vida eterna com a vida (Lc 10.25,28). Paulo emprega estas expressões: "Toma posse da vida eterna" e "a fim de se apoderarem da verdadeira vida" (1Tm 6.12,19). Essa interpretação de considerar a qualidade da vida, e não sua duração, originou-se no contraste que se apresenta repetidas vezes entre "este mundo" (esta era) e o "porvir" (a idade vindoura) (Mt 12.32; 13.22). O século futuro, ou a idade futura (ou o mundo por vir), é o reino messiânico, o mundo invisível, no qual tudo o que é terreno e transitório desaparece, permanecendo eternamente só as realidades espirituais. O termo que estamos considerando regularmente se aplica às realizações pertencentes a esse mundo invisível e supersensível. Assim, Jesus Cristo emprega o termo "eterno" (não no sentido de duração perpétua) para referir-se ao fogo, à vida, ao castigo, às moradas (Mt 25.41, 46; Mc 3.29; Lc 16.9). Paulo também se exprime deste modo: "Eterno peso de glória" — uma casa eterna nos céus — "eterna destruição, banidos da face do Senhor", entre outros (v. 2Co 4.17,18; 5.1; 2Ts 1.9; 2.16; 1Tm 6.16; 2Tm 2.10; cp. 1Pe 5.10; 2Pe 1.11; Jd 1.7; Ap 14.6).

Etiópia, etíope. A palavra hebraica "Cuxe", que em At 8.27 se traduz por "etíope", aplicava-se, pelo menos, a três países distintos. Em Sf 3.10, o profeta conta sobre os judeus que voltavam do cativeiro e menciona a Etiópia, que se chamava Cuta (2Rs 17.24) e também Cuxe. Em Nm 12.1, a palavra "cuxita", ou "etíope" (NVI), é utilizada para designar os naturais de um país da Arábia Meridional, que ficava ao longo do mar Vermelho, o qual, em outro trecho, é chamado de Cusã (Hc 3.7). Em Is 45.14; Jr 13.23; Ez 29.10, cita-se a própria Etiópia, ou etíope. A parte setentrional desse território foi chamada Sebá pelos hebreus (Is 43.3), segundo o nome do filho mais velho de Cuxe (Gn 10.7), e Meroque pelos romanos; provavelmente, Candace foi rainha desse país (At 8.27). V. CUXE.

Eúde. 1. Descendente de Benjamim (1Cr 7.10).

2. Filho de Sem, o segundo juiz ou libertador dos israelitas (Jz 3.15). Os israelitas mandaram

Eúde pagar tributo a Eglom, "rei dos moabitas", em Jericó. Ele, ardendo de indignação, obteve uma audiência particular com Eglom. Depois disso, Eúde fugiu para o monte Efraim e chamou os oprimidos israelitas para o seu lado; a seguir, os vaus do Jordão foram vigiados, e, desse modo, os moabitas, que conservavam a terra com a força de várias guarnições, não puderam fugir. Os israelitas, portanto, caíram sobre o inimigo, desbarataram- no, ficando assim liberto o país. Eúde, como muitos dos seus compatriotas, era canhoto, e foi com sua mão esquerda que ele vibrou o golpe fatal contra Eglom.

Eufrates. O Eufrates é o mais largo, o mais extenso e o mais importante rio da Ásia Ocidental. Nasce nas montanhas da Armênia, e o ramo do norte, o Frat, é o verdadeiro Eufrates. Apenas esse ramo tem 640 km de comprimento, ao passo que o Murad Chai, o ramo do sul, corre por uma extensão de 435 km antes de juntar-se ao Frat, em Keblan-Maden. Após essa união, ele atravessa o Taurus e o anti-Taurus na direção sudeste. O Eufrates, em Selêucia, aproxima-se do Tigre e depois corre pelas planícies da Babilônia, alargando-se sobre a terra e formando charcos e lagos. Depois de correr quase paralelo ao Tigre por uma considerável distância, junta-se, finalmente, a este rio, a 96 km do golfo Pérsico, no qual os dois rios deságuam unidos. A extensão do Eufrates, da nascente até a foz, é de 2.850 km.

O Eufrates foi um dos quatro rios do Éden (Gn 2.14) (v. éden) e formava o limite oriental da terra que fora prometida à descendência de Abraão (Gn 15.18; Dt 1.7; 11.24; Js 1.4). Os rubenitas ocuparam o país até o Eufrates (1Cr 5.9); foi também possuído por Davi (2Sm 8.3), e o Eufrates, nessa época, era chamado de "o Rio" (TB) por seu filho Salomão (1Rs 4.21; 2Cr 9.26). Neco, rei do Egito, estendeu seus domínios até o rio Eufrates (2Rs 23.29), mas Nabucodonosor, rei da Babilônia, arrancou- lhe a posse de seu território (2Rs 24.7; Jr 46.2-10). O rio foi visitado por Jeremias (Jr 13.4-7). A última menção que se faz ao Eufrates, na Bíblia, é em Apocalipse, em que o termo é usado simbolicamente (9.14; 16.12).

O Eufrates, como acontece com maior parte dos grandes rios que nascem em terras altas, estava sujeito a cheias anuais, quando a neve se derretia. Desde tempos antigos, a água das inundações era cuidadosamente utilizada, para irrigação, em uma grande porção de terras. Esse rio era navegável e, durante séculos, foi, com o auxílio dos caminhos de caravanas, a via comercial entre o mar Mediterrâneo e o golfo Pérsico. Barcos feitos de vime e alcatroados, bem como jangadas, eram empregados na condução de mercadorias. Nas margens do rio Eufrates, havia, além da cidade da Babilônia, numerosas povoações com grande população: os caldeus habitavam aquele território que ficava dos dois lados de sua foz. Como as águas ficam com muito lodo, há muita terra pantanosa ao longo de seu curso e, especialmente, em sua foz. Diz-se que a antiga cidade de Eridu foi primitivamente um porto marítimo.

Eunice. A mãe de Timóteo (2Tm 1.5), uma judia cristã casada com um grego (At 16.1).

eunuco. Emprega-se essa palavra para designar um "oficial" ou "camareiro", embora nem sempre esses funcionários fossem eunucos. Os eunucos eram empregados pelos reis orientais para tomarem conta dos aposentos dos príncipes e das princesas, estas em lugar apartado (Et 2.3). Nas cortes da Pérsia e da África, os principais empregos eram desempenhados por eunucos (At 8.27), e estes, também, eram guardas de haréns. Em Mt 19.12, Jesus menciona aqueles que por amor ao reino dos céus se fizeram eunucos, isto é, renunciaram ao casamento.

Eva. *Vivente.* Nome dado por Adão à primeira mulher (Gn 3.20). Foi tentada pela serpente a comer do fruto proibido, dando-o em seguida a Adão (Gn 3). Eva teve três filhos: Abel, Caim e Sete. (V. Gn 5.4.) Depois do nascimento de Sete, seu nome desaparece da narração bíblica, havendo apenas meras referências (2Co 11.3; 1Tm 2.13).

evangelho. Essa palavra, cujo significado é "boas-novas", ou "boa mensagem", aplica-se às quatro narrações inspiradas, no NT, sobre a vida e as doutrinas de Jesus Cristo (Evangelhos): Mateus, Marcos, Lucas e João; e, também, à revelação da graça de Deus que Cristo veio pregar, que se manifesta em sua vida, morte e ressurreição, trazendo salvação e paz aos homens. Para designar o evangelho, utilizam-se nomes distintos: o *evangelho da graça*, porque provém do livre amor de Deus (At 20.24); o *evangelho do reino*, pois trata do reino da graça e da glória (Mt 4.23); o *evangelho de Cristo*, porque seu autor é Jesus, de quem se narra a história (Rm 1.16; 15.19); o *evangelho da paz* e salvação, pois suas doutrinas promovem o nosso bem-estar presente e conduzem à glória eterna (Ef 1.13; 6.15); o *evangelho da glória de Cristo*, porque nele se expõem as gloriosas perfeições de Deus (2Co 4.4); e o *evangelho eterno*, visto que foi planejado desde a eternidade, é permanente e tem efeitos eternos (Ap 14.6). (V. cada Evangelho sob o nome de seu autor.)

evangelista. Pregador de boas-novas. Essa palavra ocorre três vezes no NT. (1) Está em terceiro lugar na ordem dos oficiais qualificados que Cristo concedeu à sua igreja: apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres (Ef 4.10). Mas o nome já não aparece na lista correspondente apresentada em Rm 12.6-8 e 1Co 12.28.
(2) Paulo envia Timóteo para fazer "o trabalho de um evangelista" (2Tm 4.5).
(3) Filipe, um dos sete diáconos (At 6.5), é chamado de "o evangelista" (At 21.8). O título parece designar uma função missionária: o evangelista levava o evangelho a lugares onde era ainda desconhecido e, assim, facilitava os meios para uma instrução e organização mais permanentes. A aplicação do termo aos autores dos quatro Evangelhos é muito posterior à época do NT.

Evil-Merodaque. Filho e sucessor de Nabucodonosor, rei da Babilônia. Era amigo de Joaquim, rei de Judá, levado preso para aquele país, e o colocou em lugar superior aos outros reis cativos na Babilônia. Reinou cerca de dois anos, sendo assassinado por seu cunhado, o qual se apoderou da coroa (2Rs 25.27; Jr 52.31).

exemplo. Tipo proposto para se imitar, para ser seguido ou qualquer acontecimento que serve para chamar a atenção quanto à maneira de proceder (Fp 3.17; 1Ts 1.7; 2Ts 3.9; 1Pe 5.3; 1Co 10.11; 2Pe 2.6).

exército. Durante o êxodo, todo homem com mais de 20 anos de idade era soldado (Nm 1.3), e somente os sacerdotes e os levitas eram isentos do serviço militar (Nm 2.33). Cada tribo formava um regimento, com sua própria bandeira e seu próprio chefe (Nm 2.2; 10.14). Quando o inimigo estava próximo, fazia-se o alistamento de todos os combatentes. Alguns destes podiam ser dispensados do serviço em determinados casos (Dt 20.5-8). O exército era dividido em milhares e em centenas, sob o comando de seus respectivos capitães (Nm 31.14; 1Sm 8.12; 2Rs 1.9). Depois da entrada dos israelitas na terra de Canaã e após a dispersão do povo por todo o país, os combatentes podiam ser chamados no calor do momento por uma trombeta (Jz 3.27), ou por mensageiros (Jz 6.35), ou por algum sinal característico (1Sm 11.7),

ou, como em tempos posteriores, pelo arvorar de um estandarte (Is 18.3; Jr 4.21; 51.27), ou, ainda, por meio de uma fogueira sobre algum lugar alto (Jr 6.1). O rei era escoltado por determinado número de guerreiros que formavam o núcleo do exército. A guarda de Saul era de 3 mil guerreiros escolhidos (1Sm 13.2; 14.52; 24.2); e Davi tinha 600, mas ele, com o correr do tempo, aumentou esse número (2Sm 15.18). Mais tarde, organizou uma milícia nacional, dividida em 12 regimentos, e cada um deles tinha o nome de um dos diferentes meses do ano (1Cr 27.1). À frente do exército, quando estava em serviço ativo, o rei punha um comandante-chefe (1Sm 14.50).

O exército, até essa época, constava inteiramente de infantaria, mas, à medida que as relações com os povos estranhos aumentavam, deu-se muita importância aos carros de guerra. Estes não eram de grande utilidade na Palestina, pois o terreno ali era muito acidentado, mas podiam ser empregados com vantagem nas fronteiras, tanto do lado do Egito, como da banda da Síria. Davi pôs de reserva cem carros, do despojo dos sírios (2Sm 8.4); Salomão aumentou esse armamento e aplicou-o à proteção das povoações da fronteira, e, para esse fim, foram estabelecidas paradas em diferentes localidades (1Rs 9.19). Essa força aumentou até chegar a 1.400 carros e 12 mil cavaleiros. Para cada carro, eram destinados três cavalos, e o terceiro ficava de reserva (1Rs 10.26; 2Cr 1.14). Os postos do exército eram diversos: os soldados (homens de guerra), os tenentes (servidores), os capitães (príncipes), os oficiais do estado-maior e os oficiais de cavalaria (1Rs 9.22). As operações de guerra começavam geralmente na primavera, depois de se pedir solenemente a Deus por sua proteção. (V. URIM E TUMIM.) Os sacerdotes levavam a arca e acompanhavam os combatentes com o fim de infundir coragem e de prestar qualquer auxílio. Eles, ao atuar como arautos e diplomatas, também exerciam influência tanto antes como depois da guerra (Nm 10.8; Dt 20.2- 4; 1Sm 7.9). Os judeus, como guerreiros, eram combatentes temíveis, pois gostavam de se aproximar do inimigo para levá-lo à luta corpo a corpo. Precipitavam-se sobre o adversário, dando altos gritos e tocando trombetas. Mostravam, também, grande astúcia na guerra, preparando emboscadas e efetuando ataques noturnos. V. DAVI, JÔNATAS. Os feitos de valor eram generosamente recompensados. Antes do estabelecimento de um exército permanente, o soldado tinha de conseguir sua própria armadura, como também devia, pela força ou por outros meios, obter seu alimento. Mais tarde, o exército tornou-se um encargo nacional, embora os soldados não recebessem soldo.

O exército romano pode ser descrito desta maneira esquemática:

Uma	centúria	=	50 a 100 homens
Duas	centúrias	=	1manípulo
Três	manípulos	=	1coorte
Dez	coortes	=	1legião

Havia 60 centúrias em uma legião, cada uma das quais comandada por um centurião. Nos primórdios, a centúria, conforme o nome sugere, era constituída de cem homens, mas depois o número variava segundo a força da legião. No NT, mencionam-se a "legião" (Mt 26.53; Mc 5.9) e a "coorte" (Mt 27.27; Mc 15.16 [ARC]; Jo 18.3-12 [TB]; At 10.1; 21.31 [ARA]). O comandante de uma coorte (lat. tribunus, gr. chiliarches, i.e., comandante de mil) é mencionado em Jo 18.12 — "a coorte, e o tribuno, e os servos dos judeus prenderam a Jesus, e o manietaram" (ARC) — e várias vezes em At 21—24. Nesse último caso, a coorte era a

guarnição romana de Jerusalém, com seu quartel no Forte Antônia, contíguo ao templo. Além dessas coortes legionárias, havia também coortes de voluntários, servindo ao abrigo dos estandartes romanos. Uma dessas era a "coorte chamada Italiana" (At 10.1), porque era formada de voluntários da Itália. Na Judeia, o quartel-general das forças romanas era Cesareia. A "Coorte Imperial" (ou "Augusta"), a que se faz referência em At 27.1, pode referir-se a alguma das espalhadas pelas províncias, talvez a de Samaria, pois Herodes dera a esta cidade o nome de Sebasta (lat. Augusta). O nome dessa coorte pode também derivar-se de alguma honra especial, concedida pelo imperador a esse corpo do exército. Há referências ao oficial "centurião" em Mt 8.5 e 27.54 e no livro de Atos. Quatro soldados constituíam a guarda militar ordinária, e havia quatro delas, correspondentes às quatro vigílias da noite, as quais eram substituídas de três em três horas (Jo 19.23; At 12.4). Quando uma guarda tinha um prisioneiro sob seu cuidado, dois soldados vigiavam fora das portas da prisão, enquanto os outros dois ficavam na parte de dentro (At 12.6). Parece que os arqueiros mencionados em At 23.23 eram tropas irregulares, armadas às pressas.

çxodo. A saída dos israelitas da escravidão egípcia.

A causa imediata do êxodo foi a servidão opressiva a que os israelitas estavam sujeitos pelas leis dos faraós do Egito. Os descendentes de Jacó multiplicaram-se de tal maneira (Êx1.7) que se espalharam pelo país, criando o receio desses faraós. Para parar com o aumento dos israelitas, sujeitaram-nos primeiramente a uma dura e cruel escravidão (Êx 1.8-14). Depois, deram ordens para que as parteiras hebreias matassem todas as crianças do sexo masculino; mas elas, temendo a Deus, não fizeram como o rei do Egito ordenara (Êx 1.15-21). Afinal, ordenou-se que fossem lançados ao rio "todos os filhos" que nascessem aos hebreus (Êx 1.22), e as meninas foram poupadas. Por causa desses e de outros atos de opressão, Deus levantou seu servo Moisés para ser o libertador daquele povo; e, por meio de Moisés, realizou-se o livramento do povo hebreu e, por fim, seu estabelecimento na terra prometida.

Depois que os israelitas se estabeleceram em Canaã, parece que as relações entre Israel e o Egito foram amistosas por algumas gerações, percebendo-se ainda essa amizade no tempo de Salomão, pois este fez um tratado comercial com aquele país e casou-se com uma princesa egípcia (1Rs 3.1; 10.28,29). V. EGITO; MOISÉS; FARAÓ; PRAGAS, AS DEZ; PEREGRINAÇÕES.

Ęxodo, O Livro de. O propósito, que reverentemente podemos admitir para explicação dos acontecimentos narrados no livro, pode ser assim exposto: com a chamada de Abraão e o pacto da circuncisão, o povo de onde viria o prometido Salvador e que deveria ser, por muitos séculos, o depositário da divina revelação, tornara-se, de certo modo, uma nação distinta entre os habitantes do mundo. Mas, enquanto os israelitas vivessem misturados com as outras nações que tinham caído na idolatria, corriam o risco de perder sua verdadeira religião. Por isso, Deus determinou separá-los inteiramente de todos os povos. Deus, para realização de seu plano, permitiu que os hebreus fossem duramente escravizados e oprimidos. Como consequência da política dos egípcios, que transformou uma vida de abundância em casa de servidão, os israelitas, portanto, foram obrigados a desejar a libertação (cap. 1). Na melhor ocasião, foi-lhes dado um libertador, Moisés, que se incumbiu, não por escolha nem por vontade própria, dessa grandiosa missão, obedecendo ao chamado do Senhor, que a si mesmo se revelou com o nome de Deus da Aliança (cap. 2—4). A glória de Deus é manifestada a Israel quando o Senhor o

liberta de sua escravidão; e, quanto a faraó, ele é castigado por sua oposição a Deus e ao povo do Senhor (cap. 6—15). Em seguida, o Senhor guia e disciplina os israelitas, de forma muito particular, para que isso fique claro por meio de um misterioso esplendor material, condizente com o atraso espiritual daquele povo. A Lei divina — entre trovões, relâmpagos e tremores de terra — é promulgada, e, assim, as promessas de Deus são renovadas e, por meio de uma declaração solene, o Senhor atesta que eles são seu povo, e o povo também declara que o Senhor do Universo seria seu Deus (cap. 16—20). O Senhor, o Rei divino, revela as regras do seu governo e como aquele povo deveria lhe prestar culto. Além disso, Deus nomeia seus ministros e dirige a construção do seu lugar de habitação entre eles (cap. 21—40). Com respeito às leis morais, Deus mostra que suas pretensões continuam elevadas, apesar da queda do homem, levando o pecador a considerar suas próprias culpas e misérias e a sentir a necessidade de um Salvador. E, com essa finalidade, ele provê uma regra de vida para seu povo remido, mostrando aos hebreus o caminho em que deveriam andar em sua direção para o céu. As instituições cerimoniais eram a expressão das grandes verdades e princípios, apresentados de uma forma simples e palpável e adaptados à relativa infância da igreja. Eram também, ao mesmo tempo, tipos e figuras das bênçãos cristãs. De modo especial, a Páscoa era um emblema impressionante do sacrifício de Cristo, o "Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo". V. LEI.

exorcista. Essa palavra, literalmente, significa aquele que adjura, isto é, que invoca uma entidade poderosa com o fim de expulsar demônios (V. At 19.13, o único lugar da Escritura em que a palavra ocorre.) A profissão de exorcista, comum entre os judeus, está relacionada com a crença na possessão demoníaca (Mt 12.27; Mc 9.38). Jesus Cristo expulsava os demônios pela sua própria autoridade e deu a seus discípulos o poder de expulsá-los em seu nome (Mt 10.1; Lc 10.17; v. tb. At 16.18). V. DEMÔNIOS, POSSESSO POR.

Expiação, Dia da. Entre os filhos de Israel, esse era o grande dia de humilhação nacional. Em Lv 16, há a descrição de como observar essa manifestação de dor e arrependimento. As vítimas que se ofereciam estão enumeradas em Nm 29.7-11, e a conduta do povo está enfaticamente prescrita em Lv 23.26-32 e Nm 29.7-11. Esse dia, um sábado de descanso para os israelitas, era o décimo do sétimo mês, cinco dias antes da Festa dos Tabernáculos. (V. FESTAS.) O sumo sacerdote só podia entrar no Santo dos Santos no Dia da Expiação. Uma parte importante da cerimônia constava da apresentação de dois bodes à porta do tabernáculo. Eram lançadas sortes: um dos bodes era morto e, com seu sangue, espargia-se o propiciatório; o outro, o bode emissário, era levado para o deserto. O bode que devia morrer era "para oferecer ao Senhor", e o mandado para o deserto era "para Azazel" (*TB*). Há muita discussão a respeito da interpretação que se deve dar a Azazel; mas é claro que, nesse ato simbólico, os pecados do povo eram levados para o deserto. A especial virtude expiatória era simbolizada pelo bode emissário. Além disso, as vestes brancas do sumo sacerdote e sua entrada no Santo dos Santos tinham um sentido profundamente evangelístico, conforme o autor da Epístola aos Hebreus explica (Hb 9.7-28). O sumo sacerdote, já purificado e vestido de roupas alvas, era, na sua pessoa e na sua aparência exterior, o melhor tipo que um homem santo podia apresentar daquele ser puro e santo que deveria limpar seu povo e purificá-lo de seus pecados. Os pecados eram simbolicamente lançados sobre as costas dos bodes, como, na verdade, haveriam de ser realmente lançados sobre Cristo em dias futuros.

Ezequias. *O Senhor dá força.* 1. Rei de Judá (726 a 697 a.C.) que sucedeu Acaz, seu pai, aos 25 anos, e que governou o reino por vinte e nove anos. Ele é geralmente considerado um dos mais sábios e melhores reis de Judá. Recebeu o epíteto de "rei virtuoso", e, realmente, a descrição de muitos atos de seu reinado mostra de forma evidente seu piedoso caráter e seu temor a Deus (2Rs 18.5). Logo no princípio de seu reinado, ele desfez inteiramente a má política de seu pai e, em seu zelo ardente, destruiu os ídolos e os templos pagãos que foram erigidos em terras de Israel. Ao fazer isso, restaurou e purificou o culto prestado ao Senhor, além de ordenar que o povo de Israel viesse a Jerusalém para celebrar a Páscoa (2Cr 30.5). Distingue-se seu reinado não só pela reforma religiosa, mas também por muitas obras que realizou no país. Em suas relações com os poderes estrangeiros, o rei mostrou igual vigor e zelo. Fortalecido pelas vitórias alcançadas na guerra contra os filisteus (2Rs 18.8), preparou-se para sacudir o odioso jugo da Assíria. Essas preparações consistiam, em parte, no aperfeiçoamento das fortalezas de Jerusalém e no abastecimento da cidade com muita água, transportada por baixo da terra (2Rs 20.20; 2Cr 32.5-30). V. SILOÉ. A tomada das cidades muradas de Israel pelo rei Senaqueribe foi o motivo alegado por Ezequias para deixar de pagar o tributo que fora imposto a seu pai pelos assírios. A consequência imediata dessa forte resolução foi a invasão do reino de Judá pelo exército assírio (Is 36), em que se exigia a rendição de Jerusalém. O rei e o povo compreenderam que chegara o momento de resistir às forças assírias e prepararam-se para a luta. Portanto, o juízo de Deus manifestou-se sobre o exército assírio, o qual foi obrigado, em razão da peste que se espalhou no seu campo, a retirar-se muito apressadamente. A doença de Ezequias e o seu restabelecimento (2Rs 20.1-11; Is 38) inspiraram a bela passagem que se acha em Isaías (38.10-20), a única composição do rei que chegou até nós. Todavia, vemos esse rei que tão vividamente pôde exprimir sua gratidão para com Deus ceder à lisonja de Merodaque-Baladã, rei da Babilônia (que desejava obter seu auxílio contra o rei da Assíria), efetuando um vão e pomposo aparato diante de seus embaixadores. Por causa disso, o profeta Isaías predisse o cativeiro babilônico, que aconteceu após pouco mais de um século. Ezequias viveu submisso à vontade de Deus, o restante do tempo de seu reinado decorreu com tranquilidade e seu país continuou na prosperidade. Esse rei parece ter sido o protetor da literatura (Pv 25.1). Sucedeu-o no trono, em 697 ou 686 a.C., seu filho Manassés, alguém que não correspondeu às boas qualidades do seu pai.

V. SENAQUERIBE, ISAÍAS.

2. Filho de Nearias, descendente da família real de Judá (1Cr 3.23).

3. Esse nome também se lê em Sf 1.1. Talvez Sofonias fosse um descendente do famoso rei.

4. Um exilado que voltou da Babilônia (Ed 2.16).

Ezequiel. *Deus fortalece*. Um dos quatro grandes profetas, sacerdote dos judeus (Ez 1.3). Era filho do sacerdote Buzi e também fez parte da grande leva de cativos que Nabucodonosor mandou para a Babilônia junto com Jeoaquim, o jovem rei de Judá. Ele e muitos outros de seus compatriotas foram habitar em um lugar da Mesopotâmia, perto do rio Quebar, onde recebeu as revelações divinas que seu livro encerra. Começou a profetizar no quinto ano do seu cativeiro e continuou com suas profecias por vinte e dois anos, condenando de forma ousada a idolatria e toda a maldade de seus compatriotas. Sua audácia e a veemência de suas palavras custaram-lhe a vida. Sua memória foi grandemente reverenciada tanto pelos judeus como pelos medos e persas.

Foi contemporâneo de Jeremias, e os dois profetas trocaram correspondência epistolar. Os escritos de Ezequiel mostram notável vigor, e, evidentemente, ele foi a pessoa mais própria para fazer oposição à casa de Israel de "fronte obstinada e dura de coração", à qual Deus o enviara. Sua vida foi uma consagração completa obra que queria realizar. Ele sempre pensa e sente como profeta, e, nesse ponto, é muito diferente de Jeremias. Ele, na verdade, era homem de grande fortaleza espiritual, e isso se deduz da breve narração acerca da morte de sua mulher (Ez 24.15-18). O ponto central das predições de Ezequiel é a destruição de Jerusalém. Depois desse acontecimento, seu principal cuidado era dirigir palavras de consolação aos exilados judeus, anunciando-lhes seu futuro livramento e a volta à pátria. Foi morto por um de seus companheiros de exílio, um homem de posição entre os cativos.

Ezequiel, O Livro de. Reconhece-se universalmente que o livro foi escrito pelo grande profeta, cujo nome é mencionado em seu título. Indica-se a data de seu aparecimento pelo fato de Ezequiel ter começado a profetizar no ano quinto do cativeiro do rei Jeoaquim (1.2), isto é, no reinado de Zedequias (592 a.C.), continuando suas profecias até, pelo menos, o vigésimo sétimo ano (29.17). O ano em que começou seu ministério profético foi o do reinado de Nabopolassar e o da reforma de Josias. Sabe-se, pelas numerosas visitas que lhe faziam os anciãos que iam ter com ele para saberem que mensagens tinha recebido de Deus, que sua influência era grande entre o povo (8.1; 14.1; 20.1).

O livro pode ser dividido em nove seções, que, em grande parte, podem ter a seguinte disposição cronológica:

I. Chamad a de Ezequiel ao ministério profético (1.1—3.14), no quinto ano do cativeiro de Jeoaquim, 594 a.C.

II. Predições e representações simbólicas sobre a iminente destruição de Jerusalém e os sofrimentos do povo, anúncio da promessa de preservação de um remanescente (3.15—7), libertado no ano do chamado do profeta.

III. Visões que o profeta teve catorze meses depois das precedentes, nas quais se mostra o templo profanado pelos cultos idólatras do Egito, da Fenícia e da Assíria. Depois, descreve o castigo que veio sobre os habitantes de Jerusalém e os sacerdotes, e apenas alguns fiéis, uma exceção, são poupados. Finalmente, brilham as promessas de tempos mais felizes e de um culto mais puro (cap. 8—11).

IV. Uma série de repreensões e avisos contra os predominantes pecados e erros do povo. O profeta chama os judeus ao arrependimento e, renovando suas ameaças de castigo, declara que o sofrimento deles é consequência de seus próprios atos, e não somente dos pecados de seus pais (cap. 12—19).

V. Outra série de avisos que apareceram um ano mais tarde, por meio dos quais o profeta anuncia que novos juízos divinos se aproximavam; no entanto, eles vêm acompanhados das promessas de melhores tempos pela misericórdia do Senhor (cap. 20—23).

VI. Predições proferidas dois anos e cinco meses depois, no nono ano do cativeiro do rei Jeoaquim. Anúncio aos judeus expatriados do cerco de Jerusalém, que começava naquele mesmo dia da profecia (v. 2Rs 25.1), de que a cidade seria totalmente destruída (cap. 24).

VII. Predições de que seriam castigadas por julgamento divino as nações pagãs, vizinhas da Palestina, as que demonstraram especial hostilidade para com a Judeia: Amom, Moabe, Edom,

Filístia, Tiro, Sidom e Egito (cap. 25—32). Essas profecias foram feitas por intervalos, entre o 11º e o 27º ano do cativeiro de Jeoaquim.

VIII. Depois da destruição de Jerusalém, exortações são dirigidas aos judeus para que se arrependam e reformem sua vida. Profetiza a restauração de Israel, como rebanho guiado por Davi, seu pastor. Prediz, também, a destruição de seus inimigos, primeiramente o país de Edom e, mais tarde, "Gogue, da terra de Magogue". Por último, são anunciados os triunfos do reino de Deus sobre a Terra (cap. 33—39).

IX. Representações do estabelecimento e prosperidade do reino de Cristo, por meio das figuras simbólicas de uma nova divisão da terra de Canaã, da reedificação do templo e da reorganização de seus serviços (cap. 40—48).

O livro acha-se, em grande parte, escrito em prosa poética, embora muitas passagens sejam intercaladas por pura poesia.

Eziom-Geber. *Espinha dorsal do gigante.* (?) O local de um acampamento israelita. Cidade árabe, contígua a Elate, à entrada do golfo Elanítico, também chamado de golfo de Ácaba (v. elATe). Foi aqui que Salomão equipou sua esquadra para estabelecer relações comerciais com Ofir. Nesse mesmo porto, o rei Josafá envolveu-se em empreendimento semelhante, mas não foi feliz (Nm 33.35; Dt 2.8; 1Rs 9.26; 22.48; 2Cr 8.17; 20.36).

F

fábula. Na Bíblia, há apenas duas fábulas, na acepção popular do termo: a das árvores que quiseram escolher seu rei (Jz 9.8-15) e a do cardo do Líbano que conversa com o cedro (2Rs 14.9). As "fábulas" de 1Tm 1.4; 4.7; 2Tm 4.4; Tt 1.14 referem-se às lendas e alegorias judaicas das quais são exemplos muitas historietas do *Talmude*. Em 2Pe 1.16, dizem respeito àquelas coisas que são falsas e imaginárias. V. PARÁBOLA.

faca. Os hebreus faziam pouco uso da faca em suas refeições, mas empregavam-na na matança dos animais, bem como para cortar em pedaços os que estavam mortos (Gn 22.6; Lv 7.33,34; 8.15,20,25; 9.13; Nm 18.18; 1Sm 9.24; Ed 1.9; Ez 24.4). As mais antigas facas eram de pederneira, e talvez o uso destas se tenha conservado nos atos cerimoniais (Êx 4.25; Js 5.2,3).

faia. Expressão genérica que compreende não somente a própria faia, mas também o cipreste e o zimbro. Emprega-se sua madeira em construções de casas (1Rs 6.15), em navios (Ez 27.5) e serve também para fazer instrumentos musicais (2Sm 6.5). A expressão "ciprestes escolhidos" do Líbano (Is 37.24) refere-se ao pinheiro de Alepo, uma formosa árvore que se assemelha à faia escocesa. V. CEDRO.

faldas de Pisga. *Ladeiras de Pisga.* Certo aspecto do terreno, provavelmente uma ravina, a leste do mar Morto, na fronteira da tribo de Rúben (Dt 3.17; 4.49; Js 10.40; 12.3,8; 13.20). O distrito é conhecido por suas muitas nascentes, em que a água dos montes brota em várias altitudes. O vale onde se reúne a água dessas fontes formava o limite setentrional de Nebo. É lugar de grande beleza natural, graças a seus mananciais e a sua grande vegetação que contrastam com a região deserta em que se encontra.

faraó. *A grande casa.* Primeiramente significou um palácio e, mais tarde, o próprio rei. Era o título do monarca do Egito. À exceção do faraó Neco (2Rs 23.29), cuja marcha para o leste, na direção de Carquemis, foi interrompida por Josias, e do faraó Hofra, que sugeriu a Zedequias a resistência a Nabucodonosor, não é possível identificar com certeza nenhum outro faraó das Escrituras. Quando Abraão (Gn 12.15ss) foi ao Egito, o faraó era Amenotepe III, da décima segunda dinastia, segundo algumas autoridades. Ele foi o primeiro rei a tomar certas medidas para que houvesse água suficiente, evitando, assim, aquelas terríveis fomes que eram frequentes. Ele mandou construir o grande reservatório, conhecido como lago Moéris, o qual distribuía a água por meio de uma esplêndida série de canais. Essa obra foi tão bem concebida e executada que, segundo dizem os engenheiros modernos, valeria a pena restaurar o antigo lago e reparar os restos da construção antiga. O faraó da história de José (Gn 37.28ss) foi um dos primeiros reis hicsos, ou reis pastores. Sabemos muitas particularidades a respeito desse soberano, mas não seu nome. Ele reinou por volta do ano 1700 a.C. O fato de ele, repentinamente, elevar o hebreu José a um lugar próximo do seu, mostra-nos o poder que detinha, o qual pôde exercer em benefício de seu ministro favorito e da família deste.

A opressão aos hebreus não se iniciou durante a vida de José, mas foi efetuada por um faraó pertencente a uma dinastia que "não conhecera a José" (Êx1.8). Os faraós da opressão (décima nona dinastia) eram egípcios que, após expulsar os reis pastores, voltaram ao poder. Supõe-se que Ramsés II era o faraó que morreu quando Moisés andava pelo país de Midiã.

Tanto a tradição como os monumentos mostram que Ramsés II empregou os estrangeiros nas

tarefas duras e difíceis de sua terra; em cada um de seus edifícios, pôs inscrições que relatam esse fato, e, por meio dessas inscrições, vangloriava-se muito por não ter chamado um único egípcio para tal trabalho. Ele também criou um campo de tijolo, que era dele mesmo. Assim, aproveitando o trabalho dos cativos, podia vender seus tijolos por um preço inferior ao do mercado. Todos os tijolos de Ramsés II tinham sua própria imagem gravada neles. É possível ver alguns deles no Museu Britânico.

A perseguição, que teve início no reinado de Ramsés II continuou mais rigorosamente no tempo de Meneptá. Este tornou a vida dos israelitas tão triste que as lamentações desse povo subiram até o trono de Deus. Não se sabe muito sobre esse faraó do êxodo. O que a Escritura relata é que ele era um homem supersticioso, sem firmeza em seus propósitos. Essa vacilação foi a causa de seu exército afogar-se no mar Vermelho.

Sua múmia foi descoberta e encontra-se no Cairo, no Museu de Antiguidades Egípcias. A narrativa de Êxodo não afirma que ele morreu com seu exército. (V., contudo, o Sl 136.15.) O rei Hadade, um edomita inimigo de Davi, e o rei Salomão casaram-se com as filhas de um faraó da vigésima primeira dinastia (1Rs 3.1; 11.18-20).

No final da vigésima dinastia, os sumos sacerdotes de Amom, deus de Tebas (Jr 46.25), ganharam grande predomínio e conseguiram destruir o poder da família de Ramsés no Alto Egito. Nessa ocasião, os reis taanitas governavam no Baixo Egito. No Egito, havia, portanto, dois soberanos, e, segundo alguns, três governaram ao mesmo tempo, até que os reis bubástios, da vigésima segunda dinastia, dos quais Sisaque, o da Bíblia, foi o primeiro, reuniram os dois reinos sob o comando de sua coroa. Sisaque começou a reinar quando Salomão já estava no vigésimo quinto ano de seu reinado (990 a.C.). Hadade foi bem recebido na corte egípcia. Foi-lhe dada em casamento a filha do faraó e um bom lugar para ali habitar (1Rs 11.18-20). V. HADADE, TAFNES.

O faraó do tempo de Salomão conduziu uma expedição à Palestina, apoderou-se de Jezer e, depois, deu essa terra à sua filha, a mulher de Salomão (1Rs 9.16). O reino de Salomão era pouco extenso, pois, segundo essa narração, não compreendia ainda toda a Palestina. V. PALESTINA. Essa aliança foi desastrosa para os hebreus, porque os levou a manterem relações de amizade com idólatras, fato do qual resultaram mais tarde os cativeiros e, por fim, a Dispersão. Durante o reinado de Roboão, Sisaque trouxe um exército para lutar contra ele (2Cr 12.2-4). Em um muro de Tebas, há uma lista das cidades conquistadas por esse rei, as quais foram: Bete-Horom, Aijalom, Megido, Edom, e "Judah-mele", que o dr. Birch (*History of Egypt* [História do Egito], p. 157) julga ser a cidade real de Judá, isto é, Jerusalém. Mas, como algumas cidades do Reino do Norte são também mencionadas, é evidente que ele não atacou somente o reino de Judá.

O faraó Neco e o faraó Hofra são os outros faraós mencionados na Bíblia. O primeiro encontrou-se com Josias, rei de Judá, na batalha de Megido. Todavia, depois foi terrivelmente derrotado por Nabucodonosor II, e o "rei do Egito nunca mais saiu da sua terra; porque o rei da Babilônia tomou tudo quanto era dele, desde o ribeiro do Egito até ao rio Eufrates" (2Rs 24.7). Faraó Neco é o primeiro faraó mencionado por nome na Bíblia. O segundo, faraó Hofra, auxiliou os reis Joaquim e Zedequias a revoltarem-se contra Nabucodonosor. O resultado foi desastroso para os aliados (Jr 27.5-8; Ez 17.11-18).

Hofra subiu ao trono por volta do ano 590 a.C. e governou dezenove anos. Ezequiel descreve Hofra como um grande crocodilo, que vive nos seus rios, e que se gaba de que foram feitos para ele próprio (Ez 29.3). O profeta Ezequiel, porém, profetizou resultados desastrosos para ele, como também Jeremias, o qual, com outros judeus, tinha se refugiado no Egito (Jr 44.30; 46.25,26).

As profecias foram completamente cumpridas. Há alguns anos, no inverno de 1908 a 1909, o prof. Petrie mandou fazer escavações no palácio desse rei egípcio. Ocupava uma superfície de duas geiras e, em certos locais, a altura chegava a 15 m.

fariseus. *Separados.* Os fariseus formavam a mais importante das escolas judaicas, de caráter religioso, que funcionaram depois que, 150 anos antes do nascimento de Cristo, mais ou menos, o espírito de profecia já tinha deixado de existir. Receberam esse nome porque se separavam de todos os outros judeus, aspirando a mais do que uma simples santidade e estrito cumprimento de deveres religiosos. Essa separação consistia principalmente em certas distinções a respeito do alimento e de atos rituais. A maior parte das vezes isso era apenas exterioridade religiosa, sem profundidade espiritual (Mt 23.25- 28), embora, em geral, não fossem insinceros. Não tardou muito tempo para que essa seita obtivesse reputação e poder entre o povo. Havia um provérbio que afirmava que, se apenas duas pessoas entrassem no céu, uma delas seria um fariseu. A seita farisaica foi a única que sobreviveu depois da destruição do Estado judaico e ela infundiu suas doutrinas em todo o judaísmo posterior. A literatura talmúdica é unicamente obra deles.

Suas principais doutrinas eram as seguintes: A lei oral que Deus, conforme eles supunham, entregara a Moisés, por meio de um anjo, no monte Sinai. Afirmavam que essa lei fora preservada e desenvolvida pelo ensino tradicional e tinha autoridade igual à da lei escrita. Se essas fossem observadas, alcançava-se não somente a justificação perante Deus, mas realizavam-se, também, meritórias obras de supererrogação.

O jejum, as esmolas, as abluções e as confissões eram suficientes para a expiação do pecado. Os pensamentos e os desejos não eram pecaminosos, a não ser que fossem postos em ação. Eles reconheciam que a alma é imortal, bem como que futuros castigos ou futuras recompensas a esperavam. Acreditavam na predestinação, na existência de anjos bons e maus, e na ressurreição do corpo. V. RESSURREIÇÃO. O estado de felicidade futura, em que criam alguns dos fariseus, era muito rudimentar. Eles imaginavam que no outro mundo as pessoas comeriam, beberiam e desfrutariam os prazeres do amor, e que o homem viveria com sua primeira mulher. Essa maneira de pensar suscitou a astuta questão dos saduceus, que não acreditavam na ressurreição; eles perguntaram a Jesus a quem pertenceria no céu a mulher que tivesse tido sete maridos na Terra. Quanto às vestimentas, os fariseus manifestavam muitas particularidades. Os filactérios (cada uma das duas caixinhas que contêm uma faixa de pergaminho com passagens bíblicas que os judeus trazem junto à testa e ao braço esquerdo, durante a oração matinal dos dias úteis, com o fito de lembrarem-se das palavras de Deus) eram mais largos do que os das outras pessoas (Dt 6.8), e as franjas destes eram mais longas também (Mt 23.5). Alargavam as borlas (Nm 15.38,39). Quando estavam cumprindo um voto, adotavam uma vestimenta e cobertura para a cabeça especiais.

farmacęutico, boticário. A palavra hebraica não se refere aos preparadores de medicamentos, mas de perfumes, e quase sempre é traduzida por "perfumista". Algumas vezes, traduz-se por "boticário" (ARC). (V. Êx30.25,35; 37.29; Ec 10.1; 2Cr 16.14; Ne 3.8.) Nesse último texto, "um dos perfumistas" indica que Hananias era membro de uma associação comercial ou profissional.

fava. Menciona-se duas vezes esse legume na Bíblia, como gênero de alimentação (2Sm 17.28; Ez 4.9), utilizado para fazer pão, cozido e misturado com outras substâncias. A fava foi um dos mais antigos vegetais usados na Europa, mas já era conhecida dos antigos habitantes da Palestina e do Egito, onde os aldeãos deste último país a admitiam em suas refeições, embora os sacerdotes proibissem seu uso. Na Palestina moderna, as favas são semeadas em novembro e colhidas na mesma época da colheita do trigo V. TRIGO.

fé. 1. *Definição da palavra.* Fé implica uma disposição de alma para confiar em outra pessoa. Difere da credulidade, porque aquilo em que a fé tem confiança é verdadeiro de fato, e, ainda que muitas vezes transcenda a nossa razão, não lhe é contrária. A credulidade, porém, alimenta-se de coisas imaginárias, e é cultivada pela imaginação. A fé difere da crença porque é uma confiança do coração, e não apenas uma aquiescência intelectual. A fé religiosa é uma confiança tão forte em determinada pessoa ou princípio estabelecido que produz influência na atividade mental e espiritual dos homens, devendo, normalmente, dirigir sua vida. A fé é uma atitude, e não um impulso.

A fé cristã é uma completa confiança em Cristo e, por meio dela, realiza-se a união com seu Espírito, e a vontade passa a ser a de viver a vida que ele aprovaria. Não é uma aceitação cega e desarrazoada, mas um sentimento baseado nos fatos da vida, da obra, do poder e da Palavra do Senhor. A revelação é necessariamente uma antecipação da fé. A fé é descrita como "uma simples, mas profunda confiança naquele que é a luz, de forma que seus verdadeiros adoradores instintivamente obedecem à sua vontade, mesmo estando ainda imersos nas trevas". Mais adiante, o mesmo escritor afirma: "O segredo de um belo caráter está no poder do contínuo contato com aquele Senhor em quem se tem plena confiança" (bispo Moule). A mais simples definição de fé é a de uma confiança que nasce do coração.

2. *A fé, no AT.* A atitude para com Deus que, conforme o NT, a fé nos indica é largamente designada no AT pela palavra "temor". O temor vem antes que a fé; a reverência, antes que a confiança. Mas fica perfeitamente claro que a confiança em Deus é um princípio essencial no AT, o que se verifica particularmente na parte do AT que trata dos princípios que constituem o fundamento das coisas, isto é, nos Salmos e nos Profetas. Não se está longe da verdade quando se sugere que o "temor do Senhor" contém, pelo menos em sua expressão, o germe da fé do NT. As palavras "confiar" e "confiança" ocorrem muitas vezes; e o mais famoso exemplo está, certamente, na fé de Abraão (Gn 15.6), que tanto nos escritos judaicos quanto nos escritos cristãos é considerada um exemplo típico de fé em ação.

3. *A fé, nos Evangelhos.* Fé é uma das palavras mais comuns e mais características do NT. Seu sentido varia um pouco, mas todas as variedades se aproximam muito. Em seu emprego mais simples, demonstra a confiança de alguém que, diretamente ou de qualquer outra forma, está em contato com Jesus por meio das palavras proferidas ou das promessas feitas. As palavras ou as promessas de Jesus estão sempre, ou quase sempre, em determinada relação com a obra e a

Palavra de Deus. Nesse sentido, a fé é uma confiança na obra e na palavra de Deus ou de Cristo. Este é o uso comum do termo nos três primeiros Evangelhos (Mt 9.29; 13.58; 15.28; Mc 5.34-36; 9.23; Lc 17.5,6). Esse tipo de fé, pelo menos naquele tempo, infundia confiança nos discípulos que haveriam de realizar a obra para a qual Cristo lhes deu poder; essa é a fé que opera maravilhas. Na passagem de Mc 11.22-24, menciona-se a fé em Deus. Mas, no NT, a fé tem um sentido muito mais amplo e mais importante, o qual, na realidade, encontra-se nos três primeiros Evangelhos (Mt 9.2; Lc 7.50): fé salvadora, o mesmo que salvação. Essa ideia, geralmente, sobressai no Evangelho de João. É admirável que não haja nenhuma ocorrência do termo "fé" nesse livro, embora o verbo "crer" seja muito comum. Nesse Evangelho, encontra-se a fé gerada em nós pela obra de Deus (Jo 6.44), determinada pela confiança na obra e no poder de Jesus Cristo, como também a fé como o instrumento que opera em nosso coração e que nos leva para a vida e para a luz (Jo 3.15-18; 4.41-53; 19.35; 20.31). Em cada um dos Evangelhos, Jesus Cristo proclama-se a si mesmo como nosso Salvador e exige que expressemos nossa fé: uma atitude mental que devemos ter, um instrumento que devemos usar e por meio do qual podemos alcançar a salvação que ele nos oferece. A tese é mais clara em João do que nos Evangelhos sinótipcos, mas delineia-se mais claramente no Evangelho de João (Mt 18.6; Lc 8.12; 22.32).

4. *A fé, nas epístolas de Paulo.* Somos justificados, isto é, considerados justos, simplesmente pelos méritos de Jesus Cristo. As obras não têm valor, pois são obras de filhos rebeldes. A fé não é a causa, mas tão somente o instrumento, a mão estendida com a qual nos apropriamos do dom da justificação que Jesus, pelos méritos expiatórios de sua morte na cruz, está habilitado a oferecer-nos. Esse ensinamento encontra-se na Epístola aos Romanos (cap. 3—8) e na Epístola aos Gálatas. Nós realmente somos justificados e santificados pela constante operação e influência do Espírito Santo de Deus, esse grande dom concedido pelo Pai celestial por meio de Jesus Cristo à igreja e a todos os que creem no sacrifício vicário da cruz. Ainda devemos observar que a fé tem uma função a desempenhar, pois é por meio dela que nos submetemos operação do Espírito Santo (Ef 3.16-19).

5. *Fé e obras.* Muitos afirmam que há contradição entre Paulo e Tiago com respeito ao lugar que a fé e as obras ocupam em nossa vida e, especialmente, em relação a Abraão (Rm 4.2; Tg 2.21).

Se fizermos uma comparação cuidadosa entre os dois autores, logo descobriremos que Tiago, pela palavra "fé", refere-se à crença estéril e especulativa, uma simples ortodoxia, sem sinal de vida espiritual. As obras que ele menciona são as provenientes da fé. Nós já vimos o que Paulo ensina a respeito da fé. Ela é a obra e o dom de Deus em sua origem (v. Mt 16.17); sua sede é o coração, e não meramente a mente; é a profunda convicção de que as promessas de Deus em Cristo são verdadeiras, por uma completa confiança no Senhor; e, desse modo, a fé é uma fonte natural de obras, porque se trata de uma fé viva, a fé que atua pelo amor (Gl 5.6).

Paulo condena aquelas obras que, sem fé, reclamam o mérito para si mesmas; ao passo que Tiago recomenda aquelas obras que são a consequência da fé e da justificação, as quais, na verdade, são uma prova de justificação. Tiago condena a fé morta; Paulo louva a fé viva. Não há, pois, contradição. A fé viva, a que justifica e que se manifesta por meio de boas obras agradáveis a Deus, pode ser conhecida na frase já citada "a fé que atua pelo amor".

febre. As doenças febris são muito comuns nos países do Oriente. Os médicos dividiam as febres em "alta" e "baixa", e o médico Lucas é preciso quando escreve que a sogra de Pedro sofria de uma febre muito alta (Lc 4.38); compare-a com as narrativas paralelas de Mt 8.14 e Mc 1.30. No NT, há menção a outros que tiveram febre, como o filho do oficial (Jo 4.52) e o pai de Públio (At 28.8).

febre ardente. Provavelmente a febre mencionada em Lv 26.16 é a malária, frequente no Egito e vizinhanças do Jordão. Em Cafarnaum, a febre alta da sogra de Pedro era, provavelmente, da mesma natureza (Lc 4.38). Alguns escritores pensam que "o espinho na carne", que perturbava Paulo (2Co 12.7), era uma ardente dor de cabeça que acompanha a febre na malária.

fechadura. Trancas ou varões de ferro usados pelos antigos hebreus, a fim de trancarem suas portas. Introduzia-se, por um buraco feito na porta, uma grande chave que fazia correr o varão de ferro, deixando a porta livre (Jz 3.23,24; 1Rs 4.13; Ct 5.4,5; Is 45.2). V. CHAVE.

feiticeira, feitiçaria. Menciona-se a feitiçaria pela primeira vez em Êx22.18: "A feiticeira não deixarás viver". A prática de feitiçaria é condenada veementemente na Bíblia, e há sérias punições para os que a praticam (v. Lv 20.27; Dt 18.9-12). Considerava- se a feitiçaria um apelo a outro poder diferente do Senhor, portanto uma manifesta rebelião contra o nosso Deus, a majestade divina. V. ENDOR, MAGIA.

fel. No AT, trata-se de uma planta e de seus frutos, excessivamente amargos (Dt 29.18; 32.32; Sl 69.21; Jr 8.14; 9.15; 23.15; Lm 3.5,19; Am 6.12). Traduz-se essa mesma palavra hebraica em Oseias (10.4) por "erva venenosa". Era uma planta de rápido crescimento, talvez a dormideira. No livro de Jó, há referências a seu sentido literal, o humor proveniente do fígado (Jo 16.13; 20.14,25). Deram "vinho com fel" a Jesus Cristo (Mt 27.34), um vinho fraco, azedo, misturado com uma droga chamada "mirra" (Mc 15.23). Essa bebida era utilizada com a finalidade de produzir a estupefação nos supliciados.

Félix. Antônio Félix, no tempo dos apóstolos, foi governador da Judeia do ano 52 a 58 d.C. Ele residia em Cesareia, quando Paulo foi levado a salvo por uma escolta de soldados romanos (At 23.26.27; 24.1). O apóstolo proferiu um notável discurso perante o governador e a mulher deste, Drusila. Por causa de sua crueldade e mau governo, ele foi chamado a Roma, talvez em 58 d.C. (mas não depois do ano 60), e quase foi punido pelo imperador. Foi para ser agradável aos judeus que, conforme ele tinha conhecimento, o queriam acusar perante o imperador, que Félix deixou Paulo na prisão por dois anos.

Fenícia. *País das palmeiras.* É o país que fica entre a base ocidental do Líbano e o mar Mediterrâneo. De vez em quando, variava em extensão. Os seus limites mais longínquos foram Arado e Antarado ao norte, e Dor, abaixo do Carmelo, ao sul. Em nenhum momento, sua largura foi maior do que 32 km. Foi o campo dos trabalhos dos primeiros evangelistas cristãos (At 11.19; 15.3; 21.2). Os gregos deram-lhe o nome de Fenícia graças às palmeiras, o emblema retratado nas moedas de Tiro e Sidom, as principais cidades daquele distrito. O nome nativo era Canaã (terra baixa), para distinguir das terras altas de Arã, o nome hebraico da Síria. V. FENÍCIOS, TIRO, SIDOM.

fenícios. Os fenícios eram comerciantes e haviam estabelecido uma colônia em Cartago, que veio a ser um sério obstáculo ao progresso de Roma em suas conquistas. A língua fenícia era semítica, cognata do hebraico e aramaico — esta última a língua vulgar da Palestina nos tempos

de Cristo — e do árabe. Os escritores gregos e romanos concordam em que as letras foram primeiramente ensinadas aos gregos pelos fenícios. Na verdade, era crença antiga que eles inventaram o alfabeto, o que ainda não se comprovou. No tempo de Salomão, os judeus e os fenícios sustentavam juntamente o comércio exterior do país (1Rs 10.22). Uma união mais estreita dos dois povos foi impedida pela desastrosa revolta das dez tribos, embora Acazias tentasse restaurar o comércio, que em outros tempos se efetuava, juntamente com os fenícios, no mar Vermelho (1Rs 22.48,49). O pacto favorável não foi renovado, e os fenícios, mais tarde, alcançaram grandes lucros com a compra e revenda de hebreus cativos.

A religião dos fenícios era um sistema politeísta, em que as forças da natureza e os princípios da reprodução (macho e fêmea) ocupavam uma posição de destaque. O Sol, a Lua e os planetas eram adorados como poderes inteligentes que fiscalizavam o destino humano. Baal, Astarote e, segundo parece, Aserá, entre outros, eram seus deuses, e essas divindades exerciam má influência sobre os hebreus, principalmente porque eram adoradas por um povo cuja cultura era mais refinada que a deles próprios. O culto a Baal, entre os fenícios, era acompanhado do horrível sacrifício dos filhos, que os pais faziam passar pelo fogo (Jr 19.5.). V. MOLOQUE.

fera. Quando se usa essa palavra em oposição a homem, ela quer dizer qualquer criatura animal (Sl 36.6). Quando aplicada aos répteis, como em Lv 11.2 e 7.29,30, entendem-se animais de quatro pés como distintos dos de dois. Quando Paulo diz em 1Co 15.32 que combateu em Éfeso contra as feras, isso não quer dizer que o apóstolo foi ao anfiteatro lutar, como os gladiadores, mas sim que teve de contender em Éfeso com homens de igual ferocidade. Com certeza, não se refere ao tumulto no teatro, porque isso aconteceu mais tarde.

Há, ainda, outras passagens em que se usa o termo para indicar o procedimento selvagem de homens perseguidores e que agem de forma desenfreada (Sl 22.12; Ec 3.18; Is 11.6-8). Sob o governo do rei de Nínive, os animais tomaram parte no jejum do povo (Jn 3.7,8). A Lei de Moisés protegia os animais contra os maus-tratos de donos cruéis, embora eles sofressem, juntamente com os culpados, os juízos de Deus (Êx9.6; Sl 135.8). Quanto ao fato de a palavra "besta" ser empregada por João para referir-se a Roma, V. APOCALIPSE.

fermento. O simples fermento constava de uma porção de massa velha, em alto grau de fermentação, que se lançava na massa fresca para fazer pão, a qual era cozida no forno. Aos hebreus, era proibido o uso do fermento durante os sete dias da Páscoa, em memória do que seus antepassados fizeram, quando saíram do Egito e foram obrigados a levar com eles pão fabricado às pressas e sem fermento, pois os egípcios já lhes diziam que deixassem o país (Êx 12.15,19; Lv 2.11). A insipidez do pão asmo é um apropriado símbolo da aflição (Dt 16.3). O fermento é empregado de forma figurativa para indicar um poder gradualmente transformador, como, por exemplo, a silenciosa influência do evangelho no coração do homem (Mt 13.33; 16.11; 1Co 5.6).

ferreiro (1Sm 13.19). Os israelitas, até o tempo dos reis, não tinham aprendido as artes mecânicas. Nessa época, no entanto, o rei Hirão mandou artífices para a Palestina, e os israelitas conheceram essas artes por meio deles. Na época, predominava o emprego do bronze, com o qual se fabricavam utensílios de cozinha e cadeias (Jz 16.21), além de armaduras e outros instrumentos de guerra (1Sm 17.5,6; 2Sm 21.16; 22.35). O ferro era principalmente usado para fazer lanças pontiagudas, para fabricar relhas de arado e machados, e os carros dos

cananeus também eram chapeados com esse metal (Jz 1.19). Tudo isso requeria a inteligência e a perícia dos serralheiros.

ferro. A primeira menção que se faz do ferro na Bíblia é em Gn 4.22, texto em que se cita Tubalcaim, o forjador de instrumentos cortantes em bronze e em ferro. As descrições do explorador Layard, que achou serras e facas nas ruínas de Nínive, demonstram que os assírios usavam esse metal em grande escala. A fundição do ferro acha-se representada nas esculturas egípcias, e, portanto, o uso dos foles já devia ser conhecido por volta de 1500 a.C. Além disso, encontraram-se chapas de ferro ligando as fileiras de pedras no interior das pirâmides. No entanto, o trabalho em ferro é muito antigo, embora não se afirme na Bíblia que Moisés fez uso desse metal quando erigiu o tabernáculo, ou que Salomão o empregou na construção do templo em Jerusalém. Todavia, no Pentateuco, acham-se referências à sua grande dureza (Lv 26.19; Dt 28.23,48); ao leito de ferro do rei Ogue de Basã (Dt 3.11); às minas de ferro (Dt 8.9). Além disso, a dura escravidão dos israelitas no Egito também é comparada ao calor da fornalha para fundição do ferro (Dt 4.20). Vemos também na Bíblia que as espadas, os machados e os instrumentos de preparar pedra eram feitos de ferro (Nm 35.16; Dt 19.5; 27.5). O "ferro do Norte" (Jr 15.12) era, talvez, o ferro endurecido produzido no litoral do mar Euxino, pelo povo daquele local, o qual, segundo se afirma, descobriu a arte de temperar o aço. Figuradamente, usa-se o ferro como símbolo da força (Jó40.18), da aflição (Sl 107.10).

festa, dias de. Entre os judeus, algumas das festas achavam-se associadas com as periódicas fases lunares e com as diversas estações do ano, como, por exemplo, a lua nova, os sábados e as três grandes festas anuais de peregrinação, isto é, a Páscoa, a Festa dos Pães Asmos, a Festa de Pentecostes e a Festa dos Tabernáculos. A Páscoa era no dia 14 do primeiro mês, seguindo-se imediatamente a Festa dos Pães Asmos, que começava no dia 15 e durava sete dias. A Festa de Pentecostes celebrava-se no quinquagésimo dia, a contar do dia 16 do primeiro mês; e a Festa dos Tabernáculos, que durava sete dias, começava no dia 15 do sétimo mês. O primeiro mês, conhecido pelo nome de abibe, corresponde parcialmente ao nosso abril. A Festa dos Pães Asmos coincidia com o princípio da colheita do trigo, e a Festa de Pentecostes marcava seu fim, ao passo que a Festa dos Tabernáculos era, em essência, uma festa de vindima. Com respeito às particularidades dessas festas, v. os respectivos artigos. Todas as pessoas do sexo masculino deveriam assistir aos serviços do santuário por ocasião dessas três grandes festas (Êx 23.14-17; 34.23; Dt 16.16) e era-lhes expressamente proibido comparecerem com as mãos vazias. Os salmos 120 a 134 podem ser considerados como o Hinário do Peregrino. O afluxo de judeus a Jerusalém, vindos de todas as partes do mundo para a celebração das três grandes festas, especialmente a de Pentecostes (At 2.9), era enorme, algumas vezes chegando a mais de 2 milhões deles. Entre as festividades que foram instituídas depois da volta do cativeiro, deve ser mencionada a Festa de Purim (Et 9.2l), em memória da libertação do povo judeu das maquinações de Hamã.

Festo, Pórcio. Pórcio Festo sucedeu Félix, como governador da Judeia, no ano 58 d.C. Félix deixara Paulo preso em Cesareia (At 24.27). Quando Festo chegou à terra santa, os principais dos judeus pediram-lhe que condenasse o apóstolo ou o enviasse a Jerusalém, mas o intento deles era assassiná- lo no caminho. Todavia, Festo respondeu que entre os romanos não era costume condenar ninguém sem primeiramente ouvi-lo, e ele, portanto, escutou a defesa de

Paulo, na presença de Agripa II e Berenice. Como o grande apóstolo apelou para César, Festo o enviou a Roma. Esse governador morreu dois anos mais tarde, em 62 d.C.

fezes. O significado da palavra hebraica pode ser "escuro". Vinho "sobre a borra" refere-se ao vinho que era deixado na vasilha na qual fora servido. Por permanecer ali, tornava-se espesso e xaroposo. Antes de ser bebido, era coado e, já sem as escórias, considerava-se esse vinho purificado. Repousar "nas fezes do seu vinho" queria dizer continuar, de modo descuidoso, nas impurezas. A frase aplicava-se aos preguiçosos, aos estúpidos e aos néscios (Jr 48.11; Sf 1.12). Beber o vinho que repousava em suas fezes queria dizer beber até a última gota do cálice (Sl 15.8; Is 51.17).

fiador. Ser fiador de alguém por uma dívida não parece ser um ato sancionado pela Lei, embora fosse praticado. Assim, explicam-se certas passagens dos provérbios que alertam contra esse costume (Pv 11.15; 11.18; 22.26). Todavia, há exemplos de certos indivíduos que se ofereceram como fiadores para a realização de uma promessa (Gn 43.9; 44.32; Jó 17.3; Sl 119.122). Na Epístola aos Hebreus (7.22), há referência a Jesus como o fiador do cumprimento do novo e eterno pacto. V. LEI, PENHOR.

figueira, figo. A figueira é muito comum na Palestina. Divide-se em muitos ramos, bem providos de folhas, e, por isso, fornece a mais completa sombra para resguardar do sol oriental. Lemos na Bíblia que todo homem se assentava debaixo da sua figueira (1Rs 4.25; Mq 4.4; Zc 8.10). Natanael estava debaixo de uma figueira, provavelmente entregue às suas devoções (Jo 1.49-51). O fruto, procedente dos grandes ramos, sempre precede as folhas. Os primeiros figos amadurecem entre maio e agosto, segundo a sua situação, e caem logo que estão maduros: caem, conforme a frase de Naum (3.12), "na boca do que os há de comer", quando a árvore é sacudida. Os últimos figos amadurecem em setembro. Acontece também, quando o inverno é suave, uma terceira colheita de figos que se realiza na estação seguinte, na primavera. A figueira à qual se refere o Evangelho de Marcos (11.13) foi amaldiçoada por Jesus pelo seu fingimento. Visto que nessa árvore o fruto vem primeiro, e não as folhas, e por ela ter folhas mas nenhum fruto, era uma árvore estéril para a estação. O cônego Tristram afirma: "É preciso ver que o milagre de Jesus tinha uma intenção típica: mostrar como os israelitas seriam tratados por Deus, os quais, tendo a pretensão de serem os primeiros, como a prematura figueira, haviam de ser os últimos, visto que nenhum fruto era produzido na vida deles. Somente se viam sussurrantes folhas de uma profissão religiosa sem o bom fruto das obras". Bolos feitos de figos secos eram aconselhados sempre que alguma pessoa sentia falta de energia (1Sm 30.12), e os figos também eram aplicados no tratamento de chagas (2Rs 20.7).

figura. V. TIPO.

filactérios. *Amuleto ou encanto.* Certos versículos da Lei eram escritos em caracteres hebraicos muito pequenos sobre quatro peças de pergaminho, e estas eram colocadas em um estojo de couro com quatro divisões. Os pequenos pergaminhos eram dobrados, postos, bem apertadinho, nas cavidades e ligados com cabelos de animais limpos. O estojo era, a seguir, posto sobre três pedaços de couro para formar a base que assenta sobre a testa, sendo essas peças unidas com 12 pontos, representando as 12 tribos, três de cada lado. Em vez de fio, usavam-se os nervos finos tirados do pé de um animal limpo. Tiras de couro se ligavam ao frontal, com o

fim de prenderem o filactério à testa. Nos filactérios do braço, a caixa não está dividida em seções, mas dentro há um pedaço de pergaminho, contendo os designados versículos da Escritura, escritos em quatro colunas. Ela fica amarrada ao braço esquerdo, perto do coração. As pessoas piedosas do sexo masculino, com mais de 13 anos, usam esses filactérios em um dos dias da semana, o ano todo, por ocasião da oração da manhã; e o costume era carregá-los, segundo o desejo pessoal de cada um, durante todo o dia. Os judeus não os usavam nos dias de sábado nem em nenhum dia santificado, porque estes já eram assinalados em si mesmos. Jesus Cristo condenou o uso ostentoso dos filactérios entre os fariseus (Mt 23.5). O uso de tais amuletos vem desde o século III ou IV a.C. Além dos filactérios usados pelas pessoas, há ainda outro, chamado "mezuzá" (ombreira da porta), que, nas casas judaicas, fixava-se na peça de pedra, à direita, de cada ombreira. O judeu religioso toca esse local todas as vezes que passa por ali e, beijando seus dois dedos, repete em hebraico: "O Senhor guardará a tua saída e a tua entrada, desde agora e para sempre" (Sl 121.8).

Os versículos que invariavelmente se colocam nos filactérios são Êx13.1-16; Dt 6.4-9,13-21. A figura desenhada no exterior da caixa é a letra hebraica *shin*, a primeira letra de *Shadai* (Todo-Poderoso). Encontra-se, certamente, a explicação desse costume em Dt 6.6-8. Moisés diz ao povo que deve mostrar reverência e obediência aos mandamentos do Senhor, acrescentando: "Também as atarás como sinal na tua mão, e te serão por frontal entre os olhos". Isso, na verdade, era para se seguir no sentido espiritual.

Filadélfia. *Amor fraternal.* Cidade da Lídia, sede de uma das sete igrejas da Ásia, às quais foram dirigidas as cartas do Apocalipse (Ap 1.11; 3.7). Hoje tem o nome de Allah Sheher (cidade de Deus). Sua população é considerável, e há ali muitos cristãos.

A cidade foi fundada por Átalo Filadelfo (138 a.C.) para ser um mercado dos vinhos produzidos nos territórios vizinhos. É descrita como maravilhosamente fértil, embora sujeita a abalos sísmicos. No período romano, teve alguma importância, mas estava ligada à jurisdição de Sardes. Localizava-se entre Esmirna e as terras altas da Ásia Menor Central, e a igreja ali estabelecida, conforme parece, proporcionou boas ocasiões para propagar as doutrinas do evangelho.

Filemom. Um cristão de Colossos, a quem Paulo escreveu intercedendo pelo escravo Onésimo (Cl 4.9). A mulher dele chamava-se Áfia, e o filho, Arquipo. Pela narrativa, conclui-se que Filemom era homem de caráter, hospitaleiro, grato a Paulo, seu pai espiritual. Era cheio de boas obras e fé.

Filemom, Epístola a. O objetivo da epístola é claramente exposto. Onésimo, um escravo de Filemom, tinha fugido da casa de seu senhor e ido para Roma. Nesta cidade, conheceu o evangelho por meio da pregação de Paulo. O apóstolo apreciava o caráter desse homem e, alegremente, o teria conservado para seu próprio serviço, mas achou melhor que o fugitivo retornasse para a casa do seu amo. Portanto, Onésimo foi enviado com Tíquico a Colossos (entre 60 e 63 d.C.), e a epístola representou uma recomendação especial. Paulo, de maneira muito amável, mostra a Filemom qual o dever do senhor cristão para com um escravo que era agora um "irmão caríssimo" (1.16). A carta é um modelo da cortesia e da liberdade existentes nas relações de amizade cristã.

filha. A palavra, segundo o uso que tem na Escritura, algumas vezes quer dizer neta, e outras, descendente. "Filha de Belial" (1Sm 1.16) simplesmente significa "Filha da indignidade", isto é, mulher indigna. A palavra "filha" é, também, muitas vezes usada para referir-se às cidades. Sobre a herança das filhas, v. Nm 27.6-11.

filho de Deus. No AT, a qualificação "filhos de Deus" aparece pela primeira vez em Gn 6.2, e interpreta-se essa expressão de diversos modos: (1) jovens preeminentes; (2) anjos; (3) os descendentes de Sete; (4) os descendentes de Caim. Em Jó, o título é usado em referência aos anjos; e, em Os 1.10, ao Israel espiritual. Visto que Deus se revelou como Pai do povo de Israel (Is 63.16; 64.8; Jr 31.9), os israelitas são chamados filhos de Deus (Êx 4.22; Dt 14.1; cp. Dt 1.31; Is 1.2; 30.1).

As palavras do Sl 2.7, "Tu és meu filho, eu, hoje, te gerei", são aplicadas a Jesus Cristo em At 13.33; Hb 1.5 e 5.5.

No NT, nos Evangelhos sinópticos, as qualificações de "Filho de Deus", ou de "o Filho", são aplicadas a Jesus como títulos distintivos: antes do nascimento de Cristo (Lc 1.35); pela voz divina, no batismo e na transfiguração (Mt 3.17; 17.5; Mc 1.11; 9.7; Lc 3.22; 9.35); por Pedro (Mt 16.16); pelos homens que viram os milagres (Mt 14.33); pelo espírito das trevas na tentação (Mt 4.3,6; Lc 4.3,9); pelos possessos (Mc 3.11; 5.7; Lc 4.41; 8.28); pelos sacerdotes e outros como questionamento, quando Cristo estava pregado na cruz (Mt 27.43); e pelo centurião que estava no Calvário (Mt 27.54; Mc 15.39). O Evangelho de João começa com o testemunho pessoal do autor para com o Filho de Deus (1.34); o próprio Cristo faz uso desse mesmo título (9.35,37; 11.4), que é mencionado por seus acusadores diante de Pilatos (19.7); e o autor do livro declara que seu objetivo é promover a crença em Jesus como "o Filho de Deus" (20.31). (Cp. tb. 3.16-18,35,36; 5.20-22. Em Atos, essa designação somente aparece em 8.37 e 9.20 [v. tb. 13.33]. As expressões "Filho de Deus" e "o Filho" não aparecem nestas epístolas: Filipenses, 2Tessalonicenses, 1e 2Timóteo, Tito, Filemom, Tiago, 1Pedro, Judas, 1, 2 e 3João. Mas onde há referências ao Filho de Deus, fica claro que ele foi enviado por Deus (Rm 8.3), e este não o poupou (Rm 8.32) e o declara, explícita e inequivocamente, como seu Filho (Rm 1.4); o grande Sumo Sacerdote (Hb 4.14), que veio à Terra para "destruir as obras do diabo" (1Jo 3.8); para dar vida eterna (1Jo 4.9; 5.11); para ser a propiciação pelos nossos pecados (1Jo 4.9,10) e "o Salvador do mundo" (Jo 4.42); e para, por meio dele, procurarmos a presença de Deus, a vitória sobre o mundo e a vida eterna (1Jo 4.15; 5.5,10,11,12). V. JESUS CRISTO.

Filho do homem, Filho do Homem, filho do homem. No NT, o Filho do Homem é Jesus Cristo — e Jesus aplica o qualificativo a si mesmo —, com exceção das passagens de Hb 2.6 ("Que é o homem, que dele te lembres? Ou o filho do homem, que o visites?") e de Ap 1.13 e 14.14 ("semelhante a filho de homem"), em que se trata mais de uma descrição do que um título. O Salvador faz uso dessa expressão com referência ao poder e à supremacia (Mt 9.6; 13.41; 16.27; 19.28; 24.27,30; 25.31,32; 26.64; Mc 14.62), bem como fraqueza, à humilhação e ao sofrimento (Mt 8.20; 17.22; 26.24). Os seus discípulos evitaram, sem dúvida, o emprego desse título, porque eles estavam mais ocupados com sua divindade do que com sua humanidade. Jesus podia empregar o título, sem querer indicar com isso uma direta e clara pretensão ao messiado, pretensão que ele procurava sempre afastar de si próprio, a não ser diante de seus discípulos (Mt 16.13-16) e, por último, na presença do sumo sacerdote (Mc

14.61, 62). Todavia, no livro de Ezequiel, ambos os aspectos do título são compreendidos: o da fraqueza humana em contraste com a fortaleza de Deus, tudo descrito de modo perfeitamente claro, quase todas as vezes (cerca de cem) em que a expressão ocorre, como também o aspecto que se refere ao caráter do poder e da glória. No entanto, na introdução do livro, na visão das quatro criaturas viventes, em que cada uma delas tinha o rosto de homem, de leão, de boi e de águia, vê-se lá sentado no trono por "cima do firmamento que estava sobre a sua cabeça, [...] uma figura semelhante a um homem" (1.26) que se dirige ao profeta, chamando-o "filho do homem". Assim, ordena-se a Ezequiel que manifeste sua íntima comunhão não só com o carro, mas também com o condutor. É a essa dupla relação que Jesus se refere quando usa o termo. Na criação, ele é homem e, portanto, está sujeito ao sofrimento; mas ele, ao mesmo tempo, mantém um lugar supremamente único, em determinada relação com aquele ente, a respeito do qual a relação de Ezequiel era apenas uma ideia, revestindo-o essa suprema afinidade do poder para governar e julgar. A expressão sugere também que ele é o homem ideal, estando mais próximo de Deus do que qualquer ser humano, até mesmo que o primeiro Adão. Por conseguinte, embora o predicado "filho do homem" não fosse identificado, no conhecimento popular daquele tempo, com a personalidade do Messias — não constituindo, portanto, uma direta pretensão ao messiado —, ele admiravelmente exprimia tanto a sua humilhação como a sua glória; e os discípulos só passaram a ter essa visão mais ampla quando chegaram a compreendê-lo como ele realmente era, humano e, contudo, divino. V. JESUS CRISTO.

filhos do trovão. V. BOANERGES.

Filipe. *Aquele que aprecia os cavalos.* 1. Aquele apóstolo, natural de Betsaida, cidade de André e Pedro, ou ali residente, a quem Jesus chamou bem cedo para o seu ministério (Jo 1.43,44). Filipe, por sua vez, trouxe a Jesus seu amigo Natanael, a quem certamente falara muito sobre as promessas do AT a respeito do Messias (Jo 1.45). Foi um dos 12 apóstolos (Mt 10.3; Mc 3.18; Lc 6.14; At 1.13). Jesus o interrogou na ocasião em que houve o milagre da alimentação de 5 mil pessoas (Jo 6.5-7). Ele e André, no final do ministério terreno de Jesus, trouxeram- lhe "alguns gregos" que desejavam ver o divino Mestre (Jo 12.20-22). Na última ceia, ele dirigiu a Jesus esta súplica: "Senhor, mostra-nos o Pai, e isso nos basta" (Jo 14.8). Encontra-se ainda Filipe entre os apóstolos reunidos no cenáculo. Após a ascensão, ele não é mais mencionado no NT.

2. O segundo dos sete diáconos (At 6.5). Talvez pertencesse a Cesareia, na Palestina, onde mais tarde viveu com suas filhas (At 21. 8,9). Depois do apedrejamento de Estêvão, Filipe pregou em Sebasta ou Samaria, onde operou muitos milagres e houve uma boa colheita de convertidos, que foram batizados. Mas os apóstolos, quando souberam em Jerusalém que Samaria havia recebido a palavra de Deus, enviaram para lá Pedro e João, que, dirigindo- se àquela cidade e falando àqueles cristãos, oraram para que o Espírito Santo viesse sobre eles. No tempo em que Filipe esteve ali, um anjo ordenou-lhe que tomasse o caminho que vai de Jerusalém à antiga Gaza. Ele obedeceu e encontrou um eunuco etíope, mordomo da rainha Candace. Filipe continuou seu trabalho de evangelização em Azoto (Asdode) e, depois, caminhou ao longo da costa de Cesareia (At 8). Pelo espaço de vinte anos, nada mais se sabe dele, até o momento em que Paulo e seus companheiros se hospedaram em sua casa, época em que o diácono vivia com as suas quatro filhas que possuíam o dom da profecia. Ele era conhecido

como um dos sete e também era cognominado de "o evangelista" (At 21.8).
3. Filho de Herodes, o Grande (Mt 14.3). V. HERODES.
4. Outro filho de Herodes, o Grande; tetrarca da Itureia (Lc 3.1).

Filipenses, Epístola aos. A igreja primitiva era unânime no testemunho de que a epístola fora escrita por Paulo (v. 1.1), além do fato de as muitas referências pessoais ao autor harmonizarem-se com o que se conhece sobre o apóstolo. Tudo indica que Paulo a escreveu enquanto estava preso (v. 1.13,14). Apesar de haver controvérsia sobre o local e a data de seu encarceramento, a prisão em Roma, c. de 61, encaixa-se bem com o relato da prisão domiciliar de Paulo registrada em At 28.14-31.

O objetivo de Paulo ao escrever a epístola era agradecer aos filipenses a oferta que lhe tinham enviado após tomarem conhecimento de sua prisão em Roma (1.5; 4.10-19). O apóstolo aproveita a ocasião para tratar de outros assuntos: 1) dar um relato de suas circunstâncias (1.12-26; 4.10-19); 2) encorajar os filipenses a se manterem firmes diante da perseguição e a se alegrarem sempre (1.27-30; 4.4); 3) exortá-los à humildade e à unidade (2.1-11; 4.2-5); 4) recomendar Timóteo e Epafrodito igreja de Filipos (2.19- 30) e 5) alertar os filipenses contra os judaizantes (legalistas) e antinomistas (libertinos) entre eles (cap. 3).

Algumas características devem ser notadas nessa epístola: 1) é uma carta missionária de agradecimento; 2) manifesta virtudes cristãs: a) humildade (2.1-4); b) prosseguimento para o alvo (3.13,14); c) ausência de ansiedade (4.6); d) força do Senhor para fazer todas as coisas (4.13); 3) destaca-se como a epístola da alegria no NT; 4) contém um dos trechos cristológicos mais profundos do NT (2.5-11). Esboço: I. Saudação (1.1,2); II. Ação de graças e orações pelos filipenses (1.3-11); III. Circunstâncias pessoais de Paulo (1.12-26); IV. Exortações (1.27—2.18); V. Os companheiros de Paulo no evangelho (2.19-30); VI. Advertências a respeito dos inimigos da cruz de Cristo (3.17—4.1); VII. Exortações finais, agradecimentos e conclusão (4.2-23).

Filipos. *Pertencente a Filipe.* Cidade da Macedônia (originariamente Crenides), cujo nome deriva de Filipe, rei da Macedônia e pai de Alexandre, o Grande, que a reedificou e a embelezou (por volta do ano 350 a.C.). A antiga Filipos, a cerca de 15 km da costa, não é hoje mais do que ruínas; mas o seu antigo porto de Neápolis é hoje conhecido pelo nome de Kavalla. Entre Filipos e o mar, havia uma cadeia de montes escarpados, pelos quais passava a antiga estrada em pedra, construída para o transporte dos produtos extraídos das minas do interior. Foi em Filipos que Paulo pregou o evangelho pela primeira vez na Europa, em sua segunda viagem missionária, época em que Lídia e o carcereiro se converteram (At 16.12-40; 1Ts 2.2). O apóstolo visitou aquele povoado duas vezes (At 20.1-6), animando a igreja ali implantada, a qual esteve por muitos anos sob o cuidado de Lucas. Os cristãos de Filipos manifestaram sempre sua gratidão pela fé que receberam por meio de Paulo. Auxiliaram o apóstolo em diversas ocasiões (Fp 4.16); mandaram-lhe dinheiro, quando ele estava na Acaia; e, sabendo que era prisioneiro em Roma, enviaram-lhe um donativo por intermédio de Epafrodito, em 61ou 62 d.C. (Fp 2.25-30; 4.10-20).

filisteus. Desconhece-se o significado do termo. Talvez queira dizer imigrantes. Os filisteus habitavam as terras baixas de Judá ao longo da costa, de Jope até o deserto de Gaza. O território tinha cinco divisões, cada uma das quais com a sua respectiva capital — Asdode ou Azoto,

Gaza, Asquelom, Gate e Ecrom, sendo as duas últimas cidades situadas no interior. Esses cinco distritos formavam uma confederação da qual Asdode era a capital federal (1Sm 6.17); e, por isso, a arca foi levada para essa localidade (1Sm 5.1).É muito incerta a data do estabelecimento desse povo em Canaã, mas eles venceram Avim e são provenientes de Caftor (Dt 2.23; Jr 47.4; Am 9.7).

Quando os israelitas entraram no país, não demorou muito para entrarem em conflito com os filisteus, que, obstinadamente, resistiram aos invasores, obrigando uma parte da tribo de Dá a emigrar para as proximidades do monte Hermom (Jz 18). O poder dos filisteus aumentou durante o governo dos juízes e de Saul. Foi Davi quem, depois da morte de seu antecessor, uniu, de modo notável, as 12 tribos e os derrotou. V. SANSÃO.

A parte superior do território dos filisteus foi reclamada pelos descendentes de Efraim (1Rs 15.27; 16.15). Estes, contudo, não conseguiram expulsar seus habitantes. A Filístia, em nenhum momento, fez parte do reino de Israel (2Rs 1.3; 8.2). Seu povo jamais deixou de atacar os israelitas, praticando a pilhagem e prendendo os habitantes para vendê-los como escravos (1Sm 10.5; 13.3,17; 14.21; 23.1; 28.1; 29.11; 31.1-12). Essa situação durou até Tiglate-Pileser (734 a.C.) invadir todo o país, subjugando os filisteus até Gaza. Alguns anos depois, revoltaram-se contra Sargão (Is 20) e Senaqueribe. Ezequias foi envolvido na luta, por ter recebido o rei de Ecrom, que antes mantivera boas relações com a Assíria.

O rei Ezequias restabeleceu o poder que Salomão conquistara sobre a Filístia (2Rs 18.8). Nessa ação, o rei de Judá foi auxiliado pelos egípcios, que se apoderaram dos lugares baixos do país (Is 19.18). Senaqueribe, porém, na guerra com os egípcios, tomou Ascalom. Outras cidades submeteram-se aos assírios, e Ezequias também perdeu certas porções de seu território. Os assírios, por muito tempo, tiveram a cidade de Asdode em seu poder, até que os egípcios, sob Psamético I, a subjugaram (Jr 25.20). Neco, outro egípcio posterior a este, quando voltava da batalha de Megido, conquistou Gaza. Ainda outra vez, os filisteus ficaram esmagados entre as duas potências em luta, o Egito e a Caldeia, pois Nabucodonosor, ao percorrer o país, levou cativa, depois de grande mortandade, quase toda a população (Jr 47).

O velho ódio dos filisteus para com os judeus ficou patente durante o cativeiro (Ez 25.15-17). Todavia, desde a volta do cativeiro, a história dos filisteus é tomada pelas lutas com os reinos vizinhos.

filósofo, filosofia. A primeira palavra é empregada a respeito dos estoicos e epicureus (somente em At 17.18), os pensadores gregos representantes do que já se chamava de filosofia. Essa última palavra, que se encontra em Cl 2.8, não se refere à filosofia grega, mas àquele especial sistema de pensamento e de prática dos falsos mestres de Colossos, qualquer que fosse ele. Talvez se tratasse simplesmente de regras de conduta e de observâncias cerimoniais.

Fineias. Provavelmente é uma palavra egípcia, cujo significado é "o negro". 1. Filho de Eleazar e neto de Arão (Êx 6.25). Quando jovem, Fineias mostrou grande zelo na supressão da licenciosa idolatria que se disseminava entre o povo (Nm 25.7ss).

Por seu procedimento nessa ocasião, foi-lhe prometido que o sacerdócio ficaria em sua família para sempre (Nm 25.10-13). Ele estava presente quando os midianitas foram postos em debandada (Nm 31.6). Muito tempo depois, ele tornou-se o chefe de uma importante delegação enviada com o objetivo de admoestar as tribos de além do Jordão por causa de um

altar que ali fora erigido (Js 22.13-32). Quando se procedeu à divisão da terra, sua porção foi um monte na cordilheira de Efraim (Gibeá). Após a morte de Eleazar, Fineias tornou-se o sumo sacerdote e, nessa qualidade, proferiu um oráculo diante de seu povo a respeito de Gibeá (Jz 20.28).

2. Um dos filhos mais novos de Eli e, também, juiz de Israel (1Sm 1.3; 2.34). Esse Fineias pertencia à família de Itamar. Foi morto com seu irmão, quando a arca foi tomada pelos filisteus.

3. Um sacerdote ou levita, cujo filho, Eleazar, voltou com Esdras (Ed 8.33).

firmamento. A palavra hebraica que se acha em Gn 1.7 significa expansão, ou alguma coisa que se expande, como, por exemplo, o metal batido que se dilata (v. Jó 37.18). O termo "firmamento" que se encontra na Vulgata, a versão latina da Bíblia, ainda usada pela Igreja de Roma, quer dizer alguma coisa sólida.

flauta. Instrumento musical em uso tanto nas festas públicas como nas particulares (1Rs 1.40; Is 5.12; 30.29; Dn 3.5,7,10,15). Os instrumentistas a que Mt 9.23 se refere eram tocadores de flauta, músicos contratados para os casos de lamentação. O costume popular não permitia menos que dois tocadores de flauta em qualquer funeral, mesmo que se tratasse de pessoas muito modestas, do qual também participava uma mulher, cuja profissão era carpir — ou seja, expressar tristeza, lamentar e chorar — nessas ocasiões de luto.

flor. As flores sobejam na Palestina, embora muito poucas sejam mencionadas na Bíblia. À sua beleza, refere-se Ct 2.12 e Mt 6.28. Também há referências às flores, como emblemas da natureza transitória da vida humana, em Jó 14.2; Sl 103.15; Is 28.1; 40.6; Tg 1.10.

floresta. As florestas, ou bosques, mencionadas na Bíblia, são a de Efraim (Js 17.15), Betel (2Rs 2.23,24), Herete (1Sm 22.5) e a do deserto de Zife, em que Davi se escondeu (1Sm 23.15). (V. tb. 1Sm 14.25; 2Cr 27.4; Is 56.9.) Ainda hoje, existem partes dessas florestas, e não há a menor dúvida de que, em outras épocas, havia muitas delas na Palestina. O bosque de Efraim (2Sm 18.6), onde se deu o combate entre Davi e Absalão, ficava perto de Maanaim. A "Casa do Bosque do Líbano", edificada por Salomão, magnífica por sua grandeza e estilo arquitetônico, foi assim denominada graças à grande quantidade de madeira de cedro empregada em sua construção (1Rs 7.2; 10,17,21; 2Cr 9.16,20). A floresta era usada como símbolo do orgulho (2Rs 19.23; Is 10.18; 32.19; 37.24; Jr 21.14; 22.7; 46.23; Zc 11.2) e também como figura de esterilidade em contraposição a um campo cultivado ou uma vinha (Is 29.17; 32.15; Jr 26.18; Os 2.12).

fogo. Deus revelou sua presença na sarça ardente por meio do fogo (Êx 3.2), como também desceu ao monte Sinai entre chamas e relâmpagos (Êx 19.18). Aquele fogo que desceu do céu — primeiramente, sobre o altar do tabernáculo e, mais tarde, sobre o altar do templo de Salomão —, no momento da dedicação do templo, ali permaneceu graças ao constante zelo e cuidado dos sacerdotes que o alimentavam dia e noite. O fogo para fins sagrados, quando não era obtido do altar, chamava-se "fogo estranho"; e, como ele foi usado por Nadabe e Abiú, esses sacerdotes foram mortos com fogo proveniente de Deus (Lv 10.1,2; Nm 3.4; 26.61). Os hebreus, na época do êxodo do Egito, já utilizavam o fogo para fundir metais (32.24). Aos sábados, não se acendia nenhum lume para qualquer fim doméstico (Êx 35.3; Nm 15.32-36). Os adoradores do deus Moloque ou queimavam os seus filhos no fogo, ou os faziam passar por

ele (2Rs 16.3; 21.6; 2Cr 33.6). O Espírito Santo é comparado ao fogo (Mt 3.11; At 2.3), e a sua obra é converter e purificar as almas, inflamando-as de amor a Deus e de zelo pela sua glória. A Palavra de Deus é, também, apresentada como semelhante ao fogo (Jr 23.29). Empregam-se, além disso, os termos "fogo" e "chama" para exprimir sentimentos vívidos e a inspiração divina, bem como para descrever calamidades temporais e futuros castigos (Sl 66.12; Jr 20.9; Jl 2.30; Ml 3.2; Mt 25.41; Mc 9.43).

fole. O uso do fole é muito antigo, provavelmente da mesma época da arte de fundir metais (Jr 6.29). Não se sabe qual era a forma dos primeiros foles, mas julga-se que, provavelmente, fosse uma espécie de maçarico. Os monumentos egípcios, contudo, mostram figuras de foles que não diferem muito de alguns atualmente usados. Tinham duas partes, e o operário ficava sobre elas e fazia pressão com os pés, ora com um pé, ora com o outro.

fome. As fomes mencionadas nas Escrituras, as quais por vezes afligiram a Palestina, eram em razão da falta daquelas chuvas abundantes que caem em novembro e dezembro. Mas, no Egito, as fomes eram produzidas pela insuficiência das cheias do rio Nilo. A mais notável fome no Egito foi a que durou sete anos, quando José tinha a seu cuidado os celeiros do faraó (Gn 41.53-56). Com respeito a outras fomes, v. Gn 12.10, e 2Rs 6ss. Nessas ocasiões, os sofrimentos do povo eram horrorosos. fonte. Nascente de água, ou manancial, da qual se faz menção muitas vezes na Bíblia. Em terras secas da Judeia, elas eram particularmente valiosas e, em razão disso, temos o uso figurativo da palavra, como emblema de esperanças, bênçãos e consolações.

O "Cordeiro [...] os guiará para as fontes da água da vida" (Ap 7.17). Um grande número de localidades adotava o nome de alguma fonte próxima, e esse fato é indicado por meio dos prefixos Ain e En. Fontes perpétuas, descritas como nascentes de água viva, eram muito apreciadas (Sl 36.7-9; Is 49.10; Jr 2.13; Jl 3.18; Zc 13.1; Jo 4.10). Zacarias anuncia que uma fonte se abriria, na qual poderiam ser lavadas as impurezas da casa de Davi e de Jerusalém, profecia essa que teve cumprimento no sangue expiatório de Jesus Cristo. O termo "fonte" serve também para designar os filhos ou a posteridade (Dt 33.28).

fonte de Rogel. *A fonte dos canais.* Nascente que existia na fronteira de duas tribos: a de Judá e a de Benjamim (Js 15.7; 18.16), perto de Jerusalém (2Sm 17.17). Foi nesse lugar de En-Rogel que Jônatas e Aimaás esperaram por notícias da cidade, as quais transmitiram a Davi, quando este foi obrigado a sair de sua capital por causa da revolta de seu filho Absalão. Foi ali, também, que Adonias deu uma festa em honra dos seus partidários, quando ele conspirava contra Davi (1Rs 1.9). Provavelmente, esse lugar pode ser identificado com a atual "Fonte da Virgem", a leste de Ofel. É daqui que a água intermitente, que corre por debaixo da terra, vai para a fonte de Siloé.

forma de Deus. Em Fp 2.6-8, texto no qual a palavra "forma" aparece duas vezes, ela contrasta com o termo "figura", uma forma modelada. Portanto, "forma" é um termo empregado a respeito do ser vivo, e não de uma estátua.

Jesus, sendo segundo a forma e a natureza de Deus, tomou também a forma e a natureza de servo; mas despojou-se das manifestações exteriores da divindade, como aquelas com que Deus se manifestou aos antigos patriarcas, os sinais da sua visível glória (Dt 5.22-24). Cristo pôs de lado essas demonstrações divinas quando assumiu a forma de servo. Do mesmo modo, em Rm

12.2, o sentido em grego é o de que não devemos ser formados segundo as figuras transitórias deste mundo, mas transformados interiormente pela renovação da nossa alma.

formiga. Menciona-se duas vezes esse inseto no livro de Provérbios, em que ele é apresentado como modelo de atividade (6.6-8) e de sabedoria (30.24,25). Os árabes têm a sabedoria da formiga em tão grande estima que, quando nasce uma criança, costumam pôr-lhe nas mãozinhas um destes insetos, repetindo estas palavras: "Oxalá que sejas igualmente inteligente e hábil".

fornalha. 1. Usam-se as fornalhas para derreter metais preciosos (Pv 17.3). Aquela em que foram lançados os jovens hebreus, a mando de Nabucodonosor, por terem recusado adorar a imagem do rei (Dn 3.22, 23), era muito grande, destinada a cozer tijolo, e tinha uma abertura no topo, para receber o combustível, e uma porta próxima ao chão, pela qual se extraía o metal. Uma fornalha construída dessa forma devia estar constantemente em atividade por causa dos mortos que, conforme o costume dos babilônios, eram incinerados. 2. Forno para cozer o pão (Gn 15.17; Ne 3.11); era uma espécie de vaso, largo embaixo, mas estreito em cima. Quando era aquecido pelo fogo da lenha que ardia lá dentro, espalhava-se a massa pela superfície do forno, cozendo-se, dessa maneira, o pão. A palavra grega traduzida por "fornalha acesa" (Mt 13.42) refere-se à fornalha do oleiro, à forja do ferreiro e ao forno da cal.

fornicação. Essa palavra é usada na Escritura, tanto em seu sentido natural como em seu sentido figurado, para referir-se à idolatria, indicando a infidelidade para com Deus, o único a quem devemos adorar. V. ADULTÉRIO.

forno. O forno é uma das coisas comuns no Oriente. Para cada grupo de 12 moradias, os habitantes têm o costume de construir um forno para seu uso geral. Eles, muitas vezes, têm a forma e o tamanho avantajado de um cortiço de abelhas, são construídos com tijolos e cimentados com cal misturada com grande quantidade de sal. O espaço livre para cozer o pão tem aproximadamente 90 cm de diâmetro, e a boca do forno tem apenas cerca de 25 cm quadrados. É aquecido com silvas e erva seca, e, quando o aquecimento está pronto, as cinzas são varridas e postas de lado com uma vassoura apropriada. Depois disso, coloca-se no centro um pano molhado, sobre o qual se depositam os bolos de farinha e, a seguir, fecha-se a boca do forno com uma grande pedra. Dentro de pouco tempo, o pão está cozido. Nos tempos mais antigos, cada casa possuía um forno portátil, semelhante ao anteriormente descrito (Êx 8.3), e, somente em ocasiões de fome, ele servia para o uso de diversas famílias (Lv 26.26). Ainda outra espécie de forno era um vaso de barro de pouca altura, em que o fogo o aquecia por baixo.

Fortunato. Menciona-se esse homem com Estéfanas e Acaico, alguém que esteve com Paulo em Éfeso, e que tinha a intenção de voltar a sua casa em Corinto. O apóstolo, em sua Epístola aos Coríntios, contou que os três lhe tinham sido de grande auxílio (1Co 16.15,17).

franjas. É a borda de um vestido judaico. Quando o transgressor do sábado foi apedrejado até morrer (Nm 15.32-41), o Senhor ordenou que Moisés falasse aos filhos de Israel e lhes dissesse isto: "Nos cantos das suas vestes, façam borlas pelas suas gerações; e as borlas em cada canto, presas por um cordão azul". Elas serviriam como recordação dos mandamentos de Deus e como aviso visível contra os maus desejos e inclinações idólatras. Essas franjas eram uma espécie de borlas que se colocavam principalmente nas pontas do vestido. Foi essa parte do vestido de

Jesus, considerada sagrada, que a mulher tocou (Mt 9.20). Ainda hoje, nos cultos da sinagoga, os judeus fazem uso de uma espécie de banda, entre 95 e 50 cm de comprimento, com 30 cm de largura, guarnecida com franjas nas pontas. Essas compridas borlas são feitas com fios de lã branca, unidos por cinco nós, como se fossem pequenos botões, abertos e destorcidos na extremidade.

flecheiro. Os flecheiros eram empregados tanto em operações de caça como no exército (Gn 21.16; 27.3; Jr 51.3). No campo de batalha, eles atacavam em primeiro lugar, retirando-se depois mais para a retaguarda, de onde incomodavam fortemente o inimigo, lançando flechas por cima da cabeça de seus camaradas que combatiam nas fileiras da frente. As suas setas eram curtas ou compridas, segundo o serviço que tinham de desempenhar, sendo os arcos feitos de madeira ou metal (Sl 18.34). A corda do arco era de couro, de crina de cavalo ou de tripa. A ponta da flecha era em forma de farpa, para que realmente pudesse ferir a pele e inflamar a ferida. Os flecheiros que tanto amarguraram José e atiraram-lhe flechas eram seus inimigos que, com os dardos da falsa acusação, com as palavras duras e com as tentativas de assassinato, procuravam inutilizá-lo (Gn 49.23). Os flecheiros de Deus que cercaram Jó eram as aflições, as dores e os terrores que Deus lhe mandou, e que, como duras flechas cravadas em sua alma, feriam e afligiam esse "homem íntegro e reto, temente a Deus e que se desviava do mal" (Jó 1.1; 6.4; 16.13). V. ARMAS.

freio. Quatro ou cinco termos diferentes são traduzidos por "freio". Em Sl 39.1, o significado apropriado é "mordaça" e, em outras passagens, é "rédea" e "cabresto" (Jó 30.11; Sl 32.9; Pv 26.3; Tg 1.26; Ap 14.20).

Frígia. Território do interior, na Ásia Menor (At 2.10; 16.6; 18.23). Em certa época, compreendia quase a totalidade da Ásia Menor, mas depois foi dividida em Frígia Maior, ao sul, e Frígia Menor, a noroeste. A maior parte dela achava-se na província romana da Ásia.É provável que todas as vezes que se menciona a Frígia no NT queira se indicar a parte que estava na "Ásia", embora alguns críticos pensem que, em At 16.6, a referência seja a um distrito da província da Galácia. As cidades da Frígia, mencionadas no NT, são Laodiceia, Hierápolis e Colossos. O país localizava-se em uma região alta, acima do nível do mar, e mostrava considerável diversidade de terreno e clima. Os judeus iam ali desde os tempos mais remotos para fins comerciais, e, na época dos apóstolos, o número deles na região era considerável.

funda. A funda fazia parte do equipamento dos soldados nos tempos antigos (2Cr 26.14). Os da tribo de Benjamim tinham fama de bons atiradores de armas pontiagudas (Jz 20.16). Davi matou Golias ao atirar uma pedra com uma funda (1Sm 17.40-50). Mais tarde, os romanos construíram instrumentos que podiam arremessar pedras e bestas a grandes distâncias, antecipando o uso a distância das armas modernas. V. ARMAS, GUERRA. A funda era também usada pelos pastores e guardas de manadas para afugentarem os animais ferozes. Eles tornaram-se hábeis no manejo desse instrumento, o qual, em sua forma mais simples, tinha duas tiras presas às duas extremidades de uma pequena peça de couro, em que se colocava a pedra.

fundição de metais. O método judaico de fundir metais era desta maneira: o metal era reduzido ao estado líquido pelo calor e, depois, aplicado um álcali ou chumbo que se ligava com a escória, e o metal, dessa forma, era purificado (Is 1.25; Jr 6.29). O processo de refino de metais

é aplicado, figurativamente, em Zc 13.9 e Ml 3.2,3. No Oriente, o refinador da prata procura, muitas vezes, conhecer a qualidade do metal fundido, ao ver se ele reflete sua face.

fuso. Entre os judeus, a fiação era mais uma operação doméstica do que um negócio regular. Ainda é assim, não só na Palestina, mas também em todo o Oriente. Os instrumentos de fiação eram os mais primitivos. Tinham uma roca e um fuso e não se empregava nenhuma roda. O fuso era um instrumento de madeira roliço, com quase 30 cm de comprimento, com um objeto de pedra na extremidade de baixo para lhe dar peso e firmar seu movimento rotatório. O material para ser fiado estava frouxamente preso à roda, sustentada na mão esquerda, e o fio era puxado com a mão direita que segurava o fuso em seu movimento. Essa indústria estava inteiramente nas mãos das mulheres, embora fossem auxiliadas pelos homens da tecelagem (Êx35.25,26; Pv 31.19; Mt 6.28; Lc 12.27). V. TECELAGEM.

G

Gabatá. Palavra hebraica ou aramaica, cujo significado parece ser uma plataforma elevada, ou um estrado, na parte de fora do pretório de Jerusalém, onde estava a cadeira do juiz; foi nesse lugar que Pilatos entregou Jesus para morrer (Jo 19.13). Em grego, chama-se *Litóstrotos*, provavelmente em razão do fato de esse local ser pavimentado com pedras, em obra de mosaico, o que era comum em palácios e repartições públicas. O pavimento mosaico estava em moda entre os romanos.

Gabriel. *Homem de Deus.* Nome de um anjo que foi mandado ao profeta Daniel para lhe explicar suas visões. Zacarias também foi visitado por esse mesmo anjo, que lhe anunciou o futuro nascimento de João Batista. Seis meses depois, foi enviado a Maria, de Nazaré, com a mensagem sobre o nascimento de Jesus (Dn 8.16; 9.21; Lc 1.19,26). V. ANJO.

Gadara. É hoje Um-Keis. Era uma grande cidade fortificada da Pereia, na extremidade noroeste das montanhas de Gileade, a 8 km a leste do Jordão e a quase 10 km a sudeste do mar da Galileia. Era uma das cidades que formavam Decápolis. No tempo de Jesus Cristo, Gadara era praticamente uma cidade grega, embora se notasse também um forte elemento judaico na população; é possível que houvesse ali muitos aramaicos judaizados. Há ruínas de dois teatros, uma basílica, um templo e uma bela estrada com uma colunata de cada lado. Ao longo das bordas do mar da Galileia, perto de Gadara, ainda é possível ver os restos de antigos sepulcros, cavados nas rochas e voltados para o mar. Nos dias de nosso Salvador, esses lugares serviam como ponto de reunião de homens miseráveis e atormentados por doenças, ou seja, os párias da sociedade. Na descrição da cura que Jesus efetuou em um homem possesso, no país dos gadarenos, faz-se referência especial a esses túmulos: "[...] logo veio dos sepulcros, ao seu encontro, um homem possesso de espírito imundo, o qual vivia nos sepulcros, e nem mesmo com cadeias alguém podia prendê-lo" (Mc 5.2,3; Lc 8.27). V. GADARENOS.

gadarenos. Eram os habitantes de Gadara e do território circunvizinho. Segundo Mateus (8.28), foi na "terra dos gadarenos" que Jesus curou o homem possuído por espírito imundo e permitiu que os demônios entrassem em uma manada de porcos. O local exato do milagre era provavelmente uma cidade, chamada Kersa (ou Gerasa), cujas ruínas ainda existem na embocadura do uádi Semack. Fica perto da praia, nas faldas de um alto monte, em cuja encosta estão aqueles túmulos de onde, ao que parece, os dois endemoninhados saíram para encontrarem Jesus. O lago está tão perto da base do monte que os porcos correram desordenadamente e não puderam parar; assim, ao precipitarem-se na água, morreram afogados. A cidade de Kersa (ou Gerasa) pode, segundo sugere Mateus, ter sido incluída no território de Gadara. Nas três narrações desse acontecimento, há variantes para o termo que designa os habitantes dessa região: "gerasenos", "gadarenos" e "gergesenos".

Gade. *Sorte.* 1. Filho de Jacó e Zilpa, serva de Lia (Gn 30.9,10,11). Gade teve sete filhos (Gn 46.16), e, mais tarde, a tribo de Gade saiu do Egito com 45.650 pessoas. Depois de os reis Ogue e Seom serem derrotados, Gade e Rúben desejaram que sua porção territorial fosse a leste do Jordão, pois essa região era mais conveniente para as grandes manadas do que a região ocidental. Moisés cedeu ao pedido deles, com a condição de que acompanhariam seus irmãos e de que os ajudariam a conquistar a terra a oeste do rio Jordão. A herança de Gade limitava-se ao

norte com a tribo de Manassés; a oeste, com o Jordão; ao sul, com a tribo de Rúben; e as montanhas de Gileade ficavam a leste. Esses limites, porém, exceto os da parte ocidental, eram muito incertos. O território de Gade era uma combinação de ricas terras de lavoura e pastagens, com belas florestas. Terra de rios e nascentes, seus desfiladeiros, por onde corriam as abundantes águas que desciam dos montes até o vale do Jordão, eram de grande beleza. Mas o povo de Gade era impetuoso e guerreiro; portanto, não demorou muito para que os limites da tribo se estendessem para além daqueles estabelecidos e passassem a abranger toda a região de Gileade. Onze heróis de Gade juntaram-se a Davi no tempo de sua maior angústia (1Cr 12.8). Os homens de Gade entraram muitas vezes em guerra com os amonitas, os hagarenos e os midianitas, bem como com outras tribos errantes dos ismaelitas, a quem expulsaram de seus territórios (1Cr 5.19-22). Jefté, juiz de Israel natural de Mispa, pertencia à tribo de Gade (Jz 11), como também Barzilai (2Sm 19.32-39) e, provavelmente, o profeta Elias. O território de Gade foi campo de muitas batalhas durante as longas e terríveis lutas entre a Síria e Israel. Em consequência disso, a região sofreu muito (2Rs 10.33; Am 1.3). O povo de Gade foi levado para o cativeiro por Tiglate-Pileser (1Cr 5.26). Na época de Jeremias, as cidades dessa tribo foram habitadas pelos amonitas (Jr 49.1).

2. O *vidente*: profeta e amigo particular de Davi (1Sm 22.5). Foi, mais de uma vez, mensageiro de Deus em relação a Davi (1Sm 22.5; 2Sm 24.13-19; 1Cr 21.9-11). Foi, também, um dos biógrafos desse rei (1Cr 29.29).

Gade, o deus. Em Is 65.11, a palavra hebraica traduzida por "Fortuna" deveria ser vertida por "o deus Gade", deus, ou talvez deusa da Fortuna, uma divindade pagã, mencionada em várias passagens da Escritura: Baal-Gade (Js 11.17), a torre de Gade (Js 15.37); Is 65.11,12. "[...] os que preparais mesa para a deusa Fortuna [...], também vos destinarei espada" pode ser uma referência ao costume de reservar um esplêndido leito na casa para Gade, e esse leito não poderia ser usado por ninguém nem para qualquer outra finalidade. Os babilônios, da mesma forma, punham a mesa para seu deus Bel, e os etíopes, para o Sol.

gado. A riqueza dos patriarcas consistia principalmente em gado e escravos, ou servos que guardavam os rebanhos e as manadas deles (Gn 13.7). Abraão e Lótinham rebanhos e manadas tão numerosos que foram obrigados a se separar a fim de encontrarem as pastagens necessárias para tão volumoso rebanho.

Abraão e os patriarcas mais ricos tinham consideráveis manadas de gado, e grande parte delas era destinada aos sacrifícios. Os animais também serviam para as ocasiões de hospitalidade pública, para as festas especiais ou para quando era preciso presentear os amigos. Vagueavam em uma condição de meia domesticidade por grandes áreas de terreno. Esses animais, muitas vezes, tornavam-se bravos, principalmente quando ficavam expostos aos ataques de feras, como o leão e o urso, o lobo e o leopardo, adquirindo, dessa maneira, hábitos de ferocidade para se defenderem. Na Palestina Central, atualmente, o gado é de uma raça peluda e de pequeno porte; e não é muito empregada na agricultura. Todavia, nas terras ao sul do mar Morto, os agricultores árabes, quase exclusivamente, fazem uso desses animais. V. BOI, CABRA.

gafanhoto. Inseto pertencente à mesma ordem dos grilos, das locustas, das baratas, das libélulas, das formigas brancas e dos moscardos. Os gafanhotos alimentam-se exclusivamente de vegetais e, quando se reúnem em grande quantidade, são muito destruidores. Nuvens desses insetos

chegam a eclipsar o Sol ao meio-dia, e, quando atacam os campos, pode-se abandonar a esperança de salvar as plantações. As folhas são tiradas das árvores, e a terra fica nua, como se tivesse sido queimada (Jl 1.4; 2.4-9). Desse modo, eles são a causa de horríveis fomes. Felizmente, essas visitas de gafanhotos não são frequentes. Os hebreus podiam alimentar-se desses insetos; e, mesmo hoje, em certos lugares, como, por exemplo, no vale do Jordão, Gileade, Arábia e Marrocos, eles são considerados uma iguaria delicada. João Batista, no deserto, alimentava-se deles. A linguagem hebraica possui grande riqueza de nomes para os designar, mas não é certo se essa nomenclatura se refere a diferentes fases de seu desenvolvimento. Vários desses nomes ocorrem em Jl 1.4.

Gaio. 1. *Gaio, da Macedônia.* Foi companheiro de viagem do apóstolo Paulo. Ele e Aristarco foram arrebatados pela multidão, no tumulto de Éfeso (At 19.29). 2. *Gaio, de Derbe.* Era, provavelmente, representante da igreja na delegação que acompanhou Paulo, quando o apóstolo levou as contribuições das igrejas gentílicas a Jerusalém (At 20.4). 3. *Gaio, de Corinto.* Hospedou Paulo nessa cidade (Rm 16.23; 1Co 1.14). 4. *Gaio*, a quem João dirige sua terceira epístola em termos bastante afetuosos (3Jo 1). Não é possível saber se essas personagens são a mesma pessoa. O nome era bastante comum.

Galácia, gálatas. O nome ocorre no NT, em três formas. 1. *O país da Galácia.* Paulo refere-se "às igrejas da Galácia" em 1Co 16.1 e Gl 1.2; Crescente fora para a Galácia (2Tm 4.10). Pedro menciona a Galácia, enumerando as províncias romanas da Ásia Menor, às quais dirigiu sua primeira epístola (1Pe 1.1). 2. *Os habitantes,* os gálatas (em Gl 3.1 e no título da mesma epístola). 3. Nas referências que se fazem a essa região em Atos, o substantivo Galácia não aparece, mas apenas o adjetivo gálata. A verdadeira versão deveria ser, em 16.6: "eles passaram pela Frígia e pela região gálata", e em 18.23: "Ele atravessou a região gálata e a Frígia". Pelas palavras de Gl 4.13, parece que duas visitas precederam essa epístola. A província da Galácia abrangia as cidades de Antioquia da Pisídia, Icônio, Derbe e Listra, visitadas por Paulo em sua primeira viagem (13.14) e também na segunda (At 16.1-6).

Gálatas, Epístola aos. O objetivo da epístola é exposto por meio de seu conteúdo. As igrejas da Galácia, em parte, eram formadas por judeus convertidos. É provável, porém, que, em sua maioria, fossem formadas por gentios convertidos ao cristianismo (4.8) que, segundo parece, tinham bastante compreensão do AT (v. 4.21-31). Eles receberam o evangelho com alegria e prontamente e, por certo espaço de tempo, perseveraram fielmente nas doutrinas apostólicas (5.7). Mas, algum tempo depois da segunda visita do apóstolo às igrejas da Galácia, alguns mestres judaizantes (provavelmente emissários do partido fariseu em Jerusalém, v. At 15.1,2) visitaram essas igrejas, ensinando que os gentios convertidos deveriam submeter-se à circuncisão e observar o ritual mosaico para se salvarem. Eles atacaram a autoridade de Paulo, julgando-a inferior à de Pedro e dos outros apóstolos, a quem, segundo as afirmações deles, eles seguiam (cap. 1e 2). Além disso, acusavam Paulo de não ser correto, pois, embora o apóstolo observasse a Lei enquanto se achava entre os judeus, persuadia aos gentios que a ela renunciassem (5.11). Ao apresentar os fatos dessa maneira, conseguiram espalhar a semente da discórdia e divisão (5.15), desviando muitos cristãos da Galácia do caminho direito (1.6; 3.1; 4.9), pois estes aceitaram as ideias de seus novos doutrinadores, com o mesmo zelo que demonstraram em

outra época, quando ouviram as pregações de seu pai espiritual. Paulo já protestara pessoalmente contra esses erros (1.9; 4.16), mas, sabendo que eles estavam ganhando rapidamente terreno, escreveu essa epístola.

Essa carta — por seu objetivo, pela maneira abrupta e severa como principia e pelas enérgicas e ternas acusações que encerra — mostra quão grande era a preocupação do apóstolo a respeito das perigosas doutrinas que precisava combater urgentemente.

Seu principal fim era provar que os judaizantes, com seus erros doutrinários, não faziam mais do que destruir a vida e a alma do cristianismo. Portanto, Paulo prepara o caminho para a demonstração, rebatendo as falsidades que os adversários tinham propagado a seu respeito, e sustenta, com energia, sua missão e autoridade apostólicas. O principal contraste entre o método dessa epístola e o da Epístola aos Romanos é que o grande tema da justificação faz parte, nessa epístola, de um argumento particularizado, sem referência a quaisquer circunstâncias especiais; ao passo que na carta dirigida aos gálatas tudo é tratado de forma polêmica, com claras referências aos mestres judaizantes. O apóstolo não reúne aqui argumentos contra os gentios que consideravam as boas obras como um direito à recompensa divina, nem contra os judeus incrédulos que rejeitavam o cristianismo, persistindo em sua obediência Lei como único caminho de justificação. Toda a sua argumentação era contra aqueles judeus que, embora professassem ter abraçado o evangelho, ensinavam, contudo, que eram necessárias não só a fé em Cristo, mas também a observância da lei cerimonial, para a salvação. Paulo demonstra que essa lei nunca fora designada para esse fim, que ela já fora ab-rogada, e que aqueles que observavam suas determinações com o fim de assegurar o favor divino estavam, por esse fato, abandonando o único caminho da salvação.

Os erros que, conforme ele pregava, subvertiam o evangelho foram propagados por homens que professavam o cristianismo, embora não compreendessem seus princípios essenciais; e ele, "nem ainda por uma hora", queria submeter-se a esses mestres.

Os mal compreendidos preceitos da Lei mosaica, que Paulo nos apresenta em Rm 14 e 15, como a tolerância, por parte dos que estavam mais bem informados, são os daqueles cristãos, sinceros, mas não inteiramente esclarecidos, os quais, na verdade, embora considerassem sua salvação somente em Jesus Cristo, ainda não estavam satisfeitos com respeito à abolição do ritual judaico.

A epístola acha-se naturalmente dividida em três partes, e cada uma delas tem dois capítulos. As duas primeiras divisões referem-se principalmente às polêmicas, e a terceira apresenta doutrinas práticas e exortativas.

I. Paulo afirma e prova sua chamada divina e sua autoridade como apóstolo de Jesus Cristo (cap. 1e 2).

II. Estabelece seu principal argumento: nossa justificação é inteiramente pela fé, e não pelas obras da Lei (cap. 3 e 4).

III. Conclui com certos conselhos e direções práticas e resume os principais tópicos da epístola (cap. 5 e 6).

Galileia. Uma das províncias da Palestina. Compreendia o território que foi repartido pelas tribos de Issacar, Zebulom, Naftali e Aser, como também parte da área entregue à tribo de Dã, e da Pereia além do rio. Seus limites eram: ao norte, o Antilíbano; a oeste, a Fenícia; ao sul, Samaria;

e a leste, o mar da Galileia e o rio Jordão. A Galileia superior era designada pelo nome de Galileia dos Gentios, e sua população era formada por egípcios, árabes, fenícios e também judeus. A Galileia era bastante povoada, e seus habitantes, laboriosos. Por isso, era uma província rica, que pagava tributo de 200 talentos aos governadores romanos. Cristo era chamado de "o galileu" (Mt 26.69), porque fora educado nessa parte da Palestina, e ali viveu, ensinou suas doutrinas e chamou seus primeiros discípulos (Mt 4.13-23; Mc 1.39; Lc 4.44; 8.1; 23.5; Jo 7.1). A Galileia tornou-se um nome desprezível tanto para os gentios como para os judeus, porque seus habitantes eram uma raça mista que falava um dialeto corrompido, o qual surgiu depois do cativeiro, em virtude da mistura dos judeus ali estabelecidos com os estrangeiros gentios (Jo 1.46; 7.52; At 2.7). A maneira de Pedro falar indicava imediatamente a terra de seu nascimento (Mt 26.69,73; Mc 14.70). Durante toda a vida de Cristo, Herodes Antipas foi o governador ou tetrarca da Galileia. Em muitas cidades e vilas antigas, ainda existem as ruínas de magníficas sinagogas, uma prova da prosperidade dos israelitas, bem como da volumosa quantidade deles naquela região e época.

Galileia, mar da. O mar da Galileia também era chamado "lago de Genesaré" (Lc 5.1), "mar de Tiberíades" (Jo 6.1; 21.1) e, no AT, "mar de Quinerete" (Nm 34.11; Dt 3.17; Js 13.27; 19.35). Esse mar interior mede 20 km de comprimento, de norte a sul, e sua largura varia entre 6 e 12 km. A superfície dele fica 208 m abaixo do nível do mar Mediterrâneo; e a profundidade oscila entre 24 e 30 m. O rio Jordão, a 42 km de sua nascente, entra no mar da Galileia, e o rio, em seu percurso, desce 513 m, o que representa mais de 12 m por km. O lago fica a uns 44 km do mar Mediterrâneo, a cerca de 96 km a nordeste de Jerusalém. Está cercado por terras altas, e as montanhas aproximam-se da praia pelo lado oriental. A sua superfície, em geral, é tão suave como a do mar Morto, mas o pequeno mar da Galileia está sujeito a repentinos pés de vento, de pouca duração. A causa dessas ventanias são os ventos que sopram dos montes, principalmente quando a forte correnteza formada pelo rio Jordão é contrária ao vento sudeste, que sopra das serras com a força de um furacão. Podemos fazer uma ideia do mar da Galileia, no tempo de Cristo, imaginando-o coberto de embarcações de diversos tamanhos, com suas praias cobertas de casas e palácios, de sinagogas e templos, cuja população era composta por judeus e gentios.

galileu. Habitante da Galileia (Mc 14.70).

Gálio. Era irmão de Sêneca, o filósofo estoico. Foi nomeado procônsul da Acaia pelo imperador Cláudio. Paulo foi levado à sua presença por ensinar os homens a "adorar a Deus por modo contrário lei" (At 18.12, 13). Gálio, porém, não prestou atenção às acusações dos judeus, querendo com isso apenas indicar que não desejava intrometer-se nas controvérsias religiosas. Pela força do destino, seu nome transformou-se em provérbio de censura, como o de uma pessoa indiferente à religião. Gálio, por seu procedimento, demonstra atitude amistosa ou, pelo menos, imparcial, das autoridades romanas para com o cristianismo nos primórdios da Era Cristã. Gálio foi condenado à morte pelo imperador Nero.

galo, cantar do. O cantar do galo acha-se mencionado em Mc 13.35, o período de tempo entre a meia-noite e o romper do dia. É,realmente, ao romper da alvorada que se ouve o segundo cantar do galo, e o primeiro, menos habitual, à meia-noite. Em Mc 14.30, há menção a dois

cantos do galo, ao passo que, em Mt 26.34, há referência ao que se chama, expressivamente, o cantar do galo, isto é, ao segundo.

Gamaliel. *Deus recompensa.* Um distinto doutor da lei judaica, fariseu e mestre de Paulo (At 22.3). A ilustre família, à qual ele pertencia, desfrutava de privilégios particulares, especialmente em relação ao estudo de literatura grega, proibido, normalmente, entre os judeus. Quando os apóstolos foram levados à presença das autoridades judaicas, Gamaliel aconselhou a assembleia a tratar aqueles homens de modo tolerante; e, aceito o conselho, foram libertados (At 5.34).

Gate. *Prensa de vinho.* Uma das cinco fortalezas dos filisteus e terra natal do gigante Golias (1Sm 6.17; 17.4). No tempo dos reis hebreus, Gate era um espinho para Israel. Identifica-se essa fortaleza com Telles-Safi, a cerca de 26 km a leste de Asdode.

Gate-Hefer. *Lagar de sítio cavado.* Era a terra natal do profeta Jonas (2Rs 14.25). Josué cedeu a cidade à tribo de Zebulom (Js 19.13). Identifica-se essa povoação com a moderna aldeia de Mesh-hed, a 4 km a leste de Séforis, e sua população é formada por alguns muçulmanos. Nessa localidade, ainda venera-se o suposto túmulo de Jonas.

gavião. O termo em hebraico serve para significar voo vigoroso e rápido, e geralmente é usado para designar pequenas aves de presa, sendo, talvez, dessas a mais vulgar o francelho, ou peneireiro, um falcão (*Falco tinnunculus*) encontrado na Europa, Ásia e África. O gavião acha-se mencionado entre as aves imundas que a Lei proibia que se comessem (Lv 11.16; Dt 14.15). As palavras (Jó 39.26) "Ou é pela tua inteligência que voa o falcão, estendendo as asas para o Sul?" referem-se claramente aos instintos migratórios da maior parte de certas aves que se veem na Palestina e que procuram as regiões quentes do Sul quando se aproxima o inverno. Outras procedem de modo contrário, buscando as regiões do Norte para fugirem das zonas ardentes. O milhano encarnado é desta ordem. O esmerilhão, de pernas vermelhas, e o gavião do Levante são visitantes da Palestina no estio e voam para as terras do Sul no fim dessa estação. No Egito, pelo menos uma espécie dessas aves era muito apreciada, considerada sagrada, a ponto de se julgar crime passível de morte matar, mesmo acidentalmente, uma delas. Eram aves consagradas a Hórus, o deus Sol. Seria relevante acrescentar que as divindades solares acham-se representadas por estátuas com cabeça de gavião. A ligação do Sol com o gavião é proveniente da suposição de que essa ave podia contemplá- lo sem sofrer dano algum.

Gaza. *Lugar forte.* Cidade dos filisteus que Josué incorporou à tribo de Judá. Era uma das cinco fortalezas dos filisteus, situada na parte meridional da Palestina (1Sm 6.17), entre Ráfia e Asquelom, a 96 km a sudoeste de Jerusalém. Josué não pôde subjugá-la. Judá conseguiu conquistar Gaza, mas essa fortaleza não permaneceu por muito tempo em seu poder. Suas portas foram levadas por Sansão (Jz 16.1-3), o qual, em uma época posterior, ficou prisioneiro nessa localidade, e ali "virava um moinho no cárcere". Certo dia, Sansão destruiu o templo de Dagom, matando os príncipes e o povo que ali estavam, e também morreu sob os destroços (Jz 16.21-30). Nos reinados de Jotão e Acaz, Gaza recuperou sua independência, mas foi de novo subjugada por Ezequias (2Rs 18.8). Mais tarde, ficou sujeita aos egípcios, persas e caldeus e, depois de um cerco de cinco meses, foi tomada por Alexandre, o Grande. Alexandre Janeu a conquistou depois e infligiu espantosas barbaridades a seus habitantes. Foi reedificada por Gabínio e colocada sob a proteção de Roma. Hoje, existem somente restos de sua primitiva grandeza. A moderna Guzzeh fica em uma elevação: as casas são construídas com pedra, mas a

aparência é muito frágil. A vista em redor é bela, e os produtos vegetais são viçosos e exalam um perfume no ar.

gazofilácio. Os ricos e a pobre viúva lançavam suas ofertas em caixas especiais (Mc 12.41). Jesus, "quando ensinava no templo", sentou-se em frente do lugar onde eram depositadas as contribuições (Jo 8.20). Os sacerdotes não quiseram lançar no gazofilácio as 30 moedas de prata que Judas lhes restituíra, porque as consideravam "preço de sangue" (Mt 27.6). Não havia nenhum edifício especial para abrigar a casa do tesouro. O tesouro eram as 13 caixas de bronze, nas quais os adoradores que iam ao templo lançavam seus donativos. Quando João diz que Jesus ensinava no templo, perto do gazofilácio, ele se refere ao pátio exterior das mulheres, onde foram postas essas caixas de bronze.

geada. Jacó, ao descrever seus sofrimentos a Labão, dizia-lhe que a geada o consumia de noite (Gn 31.40).

Ele, naquela época, estava na Mesopotâmia. As noites ali eram tão penetrantemente frias como era abrasador o dia. É possível ler outras referências à geada em Jó 37.10; Sl 78.47; Jr 36.30.

Geazi. *Vale da visão* (?), *negador* (?). O servo e confidente de Eliseu que se tornou notável na história do filho da sunamita (2Rs 4—8). Quando o profeta curou da lepra o general Naamã, este lhe ofereceu um belo presente, que não foi aceito. Geazi, contudo, por palavras mentirosas, obteve parte dessa oferta. Eliseu o castigou, ferindo-o de lepra e à sua posteridade (5.15-27).

Geba, Gaba e Gibeá. *Monte.* Atualmente, Jeba, a 9,5 km ao norte de Jerusalém sobre uma crista rochosa, na borda meridional do uádi es Surveinit, que serve de limite entre Geba e Micmás (1Sm 14.5) dominando o desfiladeiro. Cidade de Benjamim, na fronteira setentrional da tribo e do reino de Judá (Js 18.24; 1Sm 13.16; 2Sm 5.25; 2Rs 23.8; 1Cr 8.6); cedida aos sacerdotes (Js 21.17; 1Cr 6.60); teatro da luta entre os filisteus e Jônatas (1Sm 13.3) e da vitória que Davi alcançou sobre os filisteus (2Sm 5.25). Foi fortificada por Asa (1Rs 15.22; 2Cr 16.6); ocupada pelo exército assírio em sua marcha para Jerusalém (Is 10.29), como também por alguns que voltaram do cativeiro (Ed 2.26; Ne 7.30; 11.31; 12.29).

Gebal. *Confim.* Cidade na costa da Fenícia, que não foi conquistada pelos israelitas (Js 13.5). Seus habitantes, os gibleus, eram famosos pedreiros e construtores de navios (1Rs 5.18; Ez 27.9). Hoje, chama-se Jebeil, e suas ruínas ainda indicam sua primitiva grandeza e magnificência. Não é possível ter certeza se Gebal é o local a que se refere o Sl 83.7, ou se é outra localidade ao sul do mar Morto.

Gedalias. *Javé é grande.* Foi nomeado por Nabucodonosor para governar o povo de Judá, depois de esse imperador conquistar o reino e destruir Jerusalém e o templo (2Rs 25.22). Gedalias, a quem Jeremias se juntou, tomou medidas para a reinstalação dos judeus dispersos; mas, depois de um benéfico governo de dois meses, foi assassinado por um bando da família real de Judá, do qual Ismael era chefe (Jr 40 e 41). Ele era homem piedoso e amável e governou bem o povo. Sua morte é ainda hoje comemorada no calendário judaico como uma calamidade nacional.

Gedor. *Uma muralha.* 1. Cidade de Judá na região montanhosa (Js 15.58), identificada com Jedur, a cerca de 3 km ao ocidente da estrada que vai de Hebrom a Belém. Talvez seja a mesma povoação que Gedor (1Cr 12.7), uma cidade de Benjamim.
2. Em 1Cr 4.39, entre o sul de Judá e o monte Seir, isto é, Petra.

3. Um dos antepassados de Saul (1Cr 8.31; 9.37).
4. Membro da tribo de Judá (1Cr 4.4,18).

geena. V. TOFETE, INFERNO, HINOM.

Gemarias. *Javé realiza.* 1. Príncipe de Judá, de cuja janela Baruque leu ao povo a assustadora profecia de Jeremias. Ele pediu ao rei Jeoaquim que não se queimasse o rolo (Jr 36). 2. Embaixador de Zedequias junto ao rei de Babilônia, por quem Jeremias mandou uma carta aos seus compatriotas desterrados, avisando-os de que não deveriam alimentar falsas esperanças de redenção (Jr 29.3).

genealogia. Nenhuma nação, em tempo algum, foi mais cuidadosa em conservar suas genealogias do que a dos judeus. Depois do cativeiro, as genealogias tiveram uma importância civil e religiosa, pois, por meio delas, provavam-se os direitos que as diferentes famílias tinham às respectivas heranças, além de fornecer a prova da descendência do Messias. Os sacerdotes, antes de serem admitidos em suas funções, eram obrigados a apresentar uma genealogia exata de suas famílias.

Os judeus, independentemente de onde estivessem, conservavam as tábuas genealógicas de suas várias famílias, e os originais eram guardados em Jerusalém, para serem consultados quando necessário. Esses autênticos monumentos, durante as guerras e as perseguições, eram cuidadosamente postos em segurança e, de tempos em tempos, renovados. Todavia, desde a última destruição de Jerusalém, na dispersão do povo, perderam-se as antigas genealogias judaicas (1Cr 5.1,17; 9.1; 2Cr 12.15; Ed 2.62; Hb 7.3,14). Mateus apresenta a genealogia de Jesus Cristo desde Abraão, e Lucas, de Adão até José, abrangendo um período de mais de 4 mil anos. A genealogia de Lucas mostra a linhagem de José, e não a de Maria, pois, nos registros públicos, dos quais, conforme podemos supor, as genealogias foram transcritas, Jesus, filho de Maria, casada com José, só poderia aparecer como filho de José. O evangelista Mateus exibe a genealogia que contém os sucessivos herdeiros ao trono de Davi e Salomão; o evangelista Lucas expõe o tronco paterno daquele que era o herdeiro. Maria, provavelmente, era prima de José, de modo que, embora não formalmente, as duas genealogias realmente são tanto de Maria como de José. O termo "genealogias", em 1Tm 1.4 e Tt 3.9, refere-se a essas fantasiosas enumerações, como as que se leem no Livro dos Jubileus. V. CRÔNICAS, GERAÇÃO.

Genesaré, lago de. V. GALILEIA, MAR DA.

Genesaré, terra de. Depois do milagre por meio do qual 5 mil pessoas foram alimentadas, Jesus e seus discípulos atravessaram o mar da Galileia e, "estando já no outro lado, chegaram a terra, em Genesaré" (Mt 14.34; Mc 6.53). Esse nome deriva-se de Quinerete, o antigo nome de uma cidade (Js 19.35), bem como do território circunvizinho. A terra de Genesaré estendia-se por 6 km, a noroeste do mar da Galileia. Era um região particularmente fértil, com clima delicioso e abundância de frutos de muitas qualidades. Nessa parte do lago, as praias estão cobertas de ruínas rudimentares, marcando os locais de algumas daquelas cidades e vilas por onde Jesus Cristo andou e pregou suas doutrinas.

Gęnesis, O Livro de. As diversas matérias do Gênesis podem ser resumidas da seguinte maneira: I. *Desde a Criação até o Dilúvio.* Essa parte trata da criação do mundo, da formação do homem à imagem de Deus, da instituição do sábado (dia de descanso) e do casamento (cap. 1e 2); da entrada do mal no mundo, da sentença contra o tentador e o homem, e da promessa de Deus a

respeito de um Salvador (cap. 3); do caso de Caim e Abel e dos descendentes de Caim; do princípio das obras humanas, das manufaturas e das artes (cap. 4); da linhagem dos patriarcas de Adão até Noé (cap. 5); da universalidade do pecado, da destruição do mundo no Dilúvio e da salvação de Noé e sua família (cap. 6 e 7).
II. *Desde o Dilúvio até o chamado de Abraão* . Essa parte trata do pacto de misericórdia que Deus fez com o novo mundo e da profecia de Noé com respeito a seus três filhos (cap. 9); do repovoamento da terra pelos descendentes de Noé, da origem das distinções nacionais e do começo dos principais impérios da Antiguidade (cap. 10); da confusão das línguas e da dispersão da família humana pela Terra (cap. 11).
III. *Desde o chamado de Abraão até a morte de José.* Nessa parte do livro, os negócios gerais da humanidade são somente relatados ocasional e acidentalmente: trata-se, principalmente, do patriarca e seus descendentes, a quem Deus escolheu e separou do resto do mundo, a fim de que, de sua geração, pudesse descender o Salvador prometido. Essa parte, portanto, trata da vida de Abraão e sua família, com informações sobre a origem e a história de alguns dos mais antigos reis e nações (cap. 12—25); de Isaque e sua família (cap. 26 e 27); de Jacó e sua família (cap. 28—35); e, mais particularmente, da vida de José, chegando a narração até a descrição do estabelecimento da família de Israel no Egito, onde os israelitas puderam livrar-se da fome e, pela providência de Deus, começar sua preparação para, mais tarde, constituírem um grande povo (cap. 37—47); a seguir, a narrativa trata da profecia de Jacó com respeito a seus filhos e descendentes, na qual brilha um raio de luz a respeito da futura redenção (cap. 48 e 49). O livro se encerra com as instruções de José em relação a seus restos mortais e com sua morte (cap. 50).
No NT, as referências ao livro de Gênesis são abundantes. As passagens a seguir são indicadas segundo a fórmula geral das citações: "Está escrito"; "Disse o Senhor", entre outras:
Gn 1.27 — Mt 19.4
Gn 2.2 — Hb 4.4
Gn 2.7 — 1Co 15.45
Gn 12.3 — At 3.25; Gl 3.8
Gn 17.7 — Gl 3.16,19
Gn 21.10,12 — Gl 4.30; Hb 11.18
Gn 22.16,17 — Hb 6.13,14; Tg 2.23
Gn 25.23 — Rm 9.12
Há frequentes referências a episódios e personagens do Gênesis, como:
Gn 3.4,5 (Eva enganada pela serpente); 2Co 11.3; 1Tm 2.14.
Gn 4.4 (sacrifício de Abel); Hb 11.4
Gn 5.24 (caráter e trasladação de Enoque); Hb 11.5,6.
Gn 14.18-20 (Melquisedeque); Hb 7
Gn 19.24-26 (destruição de Sodoma e Gomorra); Lc 17.29,32; 2Pe 2.6
Gn 22.9 (sacrifício de Isaque); Tg 2.21
Gn 25.33 (Esaú vende seu direito de primogenitura); Hb 12.16

Gn 47.31 (Jacó adora apoiado no seu bordão ou sobre a cama); Hb 11.21 Acrescente-se a isso todas as referências que Estêvão fez quando estava sendo julgado no Sinédrio (At 7).

Em Jo 1.1, repete-se, com uma profunda significação, a expressão: "No princípio" (1.1). O homem criado à imagem e semelhança de Deus (5.1; 9.6) é uma verdade reconhecida em 1Co 11.7; Ef 4.24; Cl 3.10; Tg 3.9. Jesus Cristo, em Mt 19.5, e Paulo, em 1Co 6.16 e Ef 5.31, reforçam a santidade da união conjugal com as palavras de Gn 2.24. Menciona-se, repetidas vezes, a fé de Abraão (15.5,6) como figura de caráter cristão (Rm 4.3; Gl 3.6; Tg 2.23). A palavra "paraíso" leva o pensamento ao jardim do Éden(Gn 2.8,9; Ap 2.7; 22.1,2). A escada de Jacó é tomada como símbolo de grande expressão (Gn 28.12; Jo 1.51). Muitas conformidades verbais mostram que escritores inspirados do NT tinham familiaridade com o livro de Gênesis, considerado o livro de autoridade divina.

gentios. Emprega-se essa palavra para referir-se aos povos que não eram da família hebraica (Lv 25.44; 1Cr 16.24). Usa-se o mesmo termo para descrever os descrentes, como em Jr 10.25. Os gentios, de modo geral, eram todos os que não aceitavam que Deus se revelara aos judeus, os quais, portanto, permaneciam na idolatria. Na descendência de Abraão, conforme divinamente se anunciou, todas as nações seriam abençoadas; e todos os povos se uniriam ao Salvador e passariam a ser o povo de Deus (Gn 22.18; 49.10; Sl 2.8; 72; Is 42.6; 60). Quando Jesus Cristo veio, sua resposta aos gregos implicava que grandes multidões de gentios participariam da Igreja (Jo 12.20,24). Na dispensação de Deus, tanto na antiga como na nova, o povo de Deus não podia se aliar aos gentios pelo casamento. Os judeus, nos primórdios dos tempos, formavam essencialmente uma nação separada das outras (Lv 20.23) e eram obrigados a conservar, para não se confundirem com os outros povos, seu caráter moral, político e religioso, sob pena de duras sentenças (Lv 26.14-38; Dt 28). Proibia-se, até mesmo, a união pelo casamento com a parte remanescente dos povos conquistados, os que ficaram na Palestina (Js 23.7), para que não fossem castigados como o foram seus antecessores (Lv 18.24,25). Excluía-se da congregação do Senhor os amonitas ou os moabitas, e essa medida prevaleceu até a décima geração (Dt 23.3), embora, na terceira geração, tenha-se admitido um idumeu, ou egípcio. A tendência que se notava nos israelitas para caírem na idolatria mostra a necessidade da adoção dessas regras severas.

geração. Emprega-se essa palavra em Sl 24.6 para designar determinada classe de povo. Equivale, praticamente, ao termo "genealogia", em Mt 1.1, e "história", em Gn 2.4 (NVI). Na longevidade da vida patriarcal, parece que o tempo de uma geração era de cem anos (Gn 15.16); mas, posteriormente, esse tempo passou a variar entre trinta e quarenta anos (Jó 42.16).

Gerar. Atualmente, Um el-Jerar. Cidade e distrito no país dos filisteus, ao sul de Gaza (Gn 10.19) e Berseba. Foi residência de Abimeleque; de Abraão, depois da destruição de Sodoma (Gn 20.1,2); e de Isaque, quando houve fome em Canaã (Gn 26.1-26). Foi destruída por Asa, quando este rei derrotou e perseguiu os etíopes que estavam sob o comando de Zerá (2Cr 14.13,14).

gerasenos, gergesenos. V. GADARENOS.

Gerizim. *Terra estéril.* Um monte de 869 m acima do nível do mar, ao sul da entrada do vale de Siquém, defronte de Ebal. Em Gerizim, foram pronunciadas as bênçãos e as maldições, quando

os israelitas entravam em Canaã (Dt 11.29; 27.12; Js 8.33). Ali contou-se a parábola de Jotão aos homens de Siquém (Jz 9.7). O templo samaritano localizava-se nesse mesmo monte (Jo 4.20), e hoje ainda é lugar de culto. O nome atual é Jebel et-Tor.

Gérson. *Estrangeiro.* 1. O filho primogênito de Moisés (Êx 2.22; 18.3). Jônatas, o filho de Gérson, foi o primeiro sacerdote no culto idólatra da tribo de Dã (Jz 18.30). 2. Um membro da família de Fineias que acompanhou Esdras desde a Babilônia (Ed 8.2). 3. O filho mais velho de Levi (Gn 46.11; 1Cr 6.1; 6.16,17,62,71). A linhagem de Coate, segundo filho, tornou-se proeminente, porque a ela pertenciam Arão e os sacerdotes. O mais distinto dos gersonitas foi Asafe (1Cr 6.39-43). A coberta, as cortinas, o pavilhão e as cordas do tabernáculo ficavam sob os cuidados deles (Nm 3.25,26; 4.25,26). Cederam-lhes 13 cidades nas tribos do Norte (Js 21.27-33; 1Cr 6.62,71-76).

Gesur. Pequeno reino a leste do Jordão. Suas fronteiras eram o monte Hermom, ao norte, e Basã, ao sul (Js 12.5). Foi conquistado por Jair, filho de Manassés (Dt 3.14, 1Cr 2.23), mas os habitantes não foram expulsos (Js 13.2; 11.13). Esteve sob o governo de Talmai, cuja filha, esposa de Davi, era mãe de Absalão (2Sm 3.3). Absalão, depois de matar seu irmão Amnom, refugiou-se em Gesur (2Sm 13.37,38; 14.23,32; 15.8).

geteus. Habitantes de Gate (2Sm 6.10,11; 15.18,19)

Getsęmani. *Lagar de óleo.* Jardim que ficava logo na saída de Jerusalém, atravessado pelo ribeiro de Cedrom, no sopé do monte das Oliveiras. Era um lugar frequentado por Jesus, e ali ocorreu a cena de sua agonia.

Gezer. *Despenhadeiro.* Cidade real dos cananeus, conquistada por Josué (Js 10.33; 12.12), no limite meridional de Efraim (Js 16.3; 1Cr 7.28). Dada aos coatitas, tornou- se uma cidade de refúgio. Seus habitantes não foram expulsos (Js 16.10; 21.21; Jz 1.29; 1Cr 6.67). Foi o limite da perseguição movida por Davi contra os filisteus (2Sm 5.25; 1Cr 14.16). O faraó a deu à sua filha, mulher de Salomão, porém aquele a tomou e a incendiou. A cidade foi reedificada por Salomão (1Rs 9.15-17).

Hoje é conhecida pelo nome de Tell-Jezer, alguns quilômetros ao sul de Ramlé. Pelas investigações feitas em suas ruínas, é possível afirmar que desde o ano 2500 a.C. até tempos recentes sempre foi habitada. Entre achados arqueológicos, há esqueletos de crianças que foram sacrificadas, uma fileira de grandes pedras levantadas para o culto do Sol, e uma língua de ouro, que lembra o caso de Acã (Js 7.21).

Gibeá. *Monte.* 1. Cidade das montanhas de Judá (Js 15.57). 2. *Gibeá de Benjamim.* Aqui ocorreu o fato narrado em Jz 19 e 20, a causa de a tribo de Benjamim ser quase extirpada; casa de Saul (1Sm 10.26); dali, Jônatas mandou desalojar os filisteus de Gibeá (1Sm 13.2,3); lugar onde foram enforcados os sete filhos de Saul (2Sm 21.1-9); terra de três dos homens valentes de Davi (2Sm 23.29; 1Cr 11.31; 12.3) e de Uriel (2Cr 13.2); foi ocupada pelo exército assírio, quando marchava para Jerusalém (Is 10.29, uma passagem que demonstra que Gibeá e Geba não são o mesmo lugar); um centro de idolatria (Os 5.8; 9.9; 10.9).

Acha-se identificada com a moderna Tell-el-Ful, uma vila na principal estrada que parte de Jerusalém em direção ao Norte. Em 1Sm 7.1, afirma-se que a arca foi levada "à casa de Abinadabe, no outeiro", isto é, em Gibeá (2Sm 6.3).

Gibeão, Gibeom. Essa povoação, edificada sobre um pequeno monte isolado e comprido, no meio de uma rica planície de terreno elevado, "terra de Benjamim", ficava a 8 km a noroeste de Jerusalém. Uma das cidades principais dos heveus. Seus habitantes fizeram uma aliança com Josué (Js 9.3-17). Por essa razão, a cidade foi atacada por alguns reis cananeus, mas socorrida por Josué (Js 10). Coube à tribo de Benjamim, e foi cedida aos sacerdotes (Js 18.25; 21.17). Foi palco do reencontro entre os homens de Davi e os de Isbosete, sob o respectivo comando de Joabe e Abner, quando Asael foi morto (2Sm 2.12-17,24; 3.30). Ali também Joabe matou Amasa (2Sm 20.5-10), e Benaia matou Joabe (1Rs 2.28-34). O tabernáculo da congregação, nos reinados de Davi e Salomão, ficava em Gibeão (1Cr 16.39; 2Cr 1.3), e a arca, em Jerusalém (2Cr 1.4). Salomão, no princípio de seu reinado, visitou essa cidade e entrou nela com grande pompa (1Rs 3.4-15; 9.2; 2Cr 1.3-13). Houve uma segunda visita, cuja finalidade era remover para o templo o tabernáculo da congregação com os vasos sagrados (1Rs 8.4). Ocuparam- na alguns daqueles que voltaram do cativeiro (Ne 3.7; 7.25). Ananias, o falso profeta, residia ali (Jr 28.1). Nesse lugar, Joanã libertou os cativos de Ismael (Jr 41.12, 16). Seu nome moderno é El-Jib.

Gideão. *Derrubador.* Era filho de Joás, da tribo de Manassés, também chamado Jerubaal (Jz 6.32) e Jerubesete (2Sm 11.21). Habitava na cidade de Ofra, e foi escolhido por Deus para libertar, de modo extraordinário, os israelitas do jugo dos midianitas, sob o domínio dos quais Israel sofrera pelo espaço de sete anos. As hordas vorazes e cruéis destruíam todos os anos os produtos da terra de Canaã, exceto os que eram escondidos nos retiros fortificados das montanhas. O estratagema de Gideão foi bem pensado e serviu para causar consternação nos arraiais de um grande exército indisciplinado. O brilho dos fachos, o ressonante alarido dos israelitas e o toque das 300 trombetas por entre os montes, tudo isso originou tamanho pânico, ocasionando a terrível derrota dos midianitas. Gideão foi o sétimo juiz de Israel e julgou os israelitas pelo espaço de cinquenta anos. Recusou-se a ser rei de Israel. Infelizmente, deixou-se cair na idolatria, mandando fazer uma estola que "veio a ser um laço a Gideão e à sua casa". Todavia, ele é honrosamente mencionado em Hb 11.32. V. Jz 6.14-27; 8.1-24.

Gidom. *Um corte.* Lugar designado como limite da perseguição movida contra Benjamim depois da batalha de Gibeá. Ficava, portanto, entre Gibeá e a penha de Rimom (hoje Rummon), a cerca de 5 km a leste de Betel (Jz 20.45).

Gilboa. Cordilheira em Issacar, a oeste do rio Jordão, onde o rei Saul e seu filho Jônatas foram derrotados e mortos pelos filisteus (1Sm 28.4; 31.1,8; 2Sm 1.6,21; 21.12; 1Cr 10.1,8). Na vila de Jelbom, na parte meridional da serrania, ainda existe uma abundante nascente de água, de onde, sem dúvida, derivou-se o nome de Gilboa. Os montes são estéreis, mas há ricos vales nos dois lados das serras. Há nove povoações nas encostas de Gilboa, das quais Jezreel é a mais importante, atualmente conhecida pelo nome de Zerin.

Gileade. *Região pedregosa.* 1. Território montanhoso a leste do Jordão, ocupado por Gade, Rúben e a meia tribo de Manassés; por vezes, a palavra refere-se a toda a região que fica a leste do rio Jordão (Dt 34.1; Js 22.9; Jz 20.1). O país era acidentado, rico em florestas e com ricas pastagens (Nm 32.1), e produzia especiarias e gomas aromáticas (Gn 37.25; Jr 8.22; 46.11). Jacó acampou ali quando foi alcançado por Labão (Gn 31.21,25). Foi tomado pelos israelitas (Nm 21.24,25,32-35; Dt 2.32- 36; 3.1-10). Era a terra de Jair (Jz 10.3). De Jefté (Jz 11.1,7-11) e

Elias (1Rs 17.1). Foi refúgio dos israelitas, quando se livraram dos filisteus (1Sm 13.7), refugiando-se ali também os filhos de Saul (2Sm 2.8,9), e de Davi, posteriormente, quando fugia de Absalão, pois este o seguiu até essa região (2Sm 17.24,26). No reinado de Jeú, o país de Gileade foi conquistado por Hazael, rei da Síria (2Rs 10.33). O bálsamo de Gileade era a seiva de uma árvore que cresce nessa região. É uma substância branca, viscosa, que depressa se coagula, utilizada na cura de inflamações. No tempo de Alexandre, o Grande, valia duas vezes seu peso em prata. Maanaim, a capital meridional de Gileade, ainda hoje existe com o nome de Mukhmah. Ao norte, ficava Jabes-Gileade, que hoje se chama uádi Yabir. A noroeste de Rabá-ben-Amom, na parte sul, as ruínas de Jubeiá indicam o local de Jogbeá, onde os midianitas foram perseguidos por Gideão (Jz 8.11). Sucote, para onde se dirigiu Jacó depois que Esaú se apartou dele, hoje acha-se identificado com Tell Der'ala, ao norte de Jaboque; e Mispa, com Sufe.

2. Gileade também é nome de pessoa (Nm 26.29; Jz 11.1; 1Cr 5.14).

gileaditas. Um ramo da tribo de Manassés, descendente de Gileade, ou os que habitam em Gileade (Nm 26.29; Jz 12.4; 2Sm 17.27; 1Rs 2.7; Ed 2.61; Ne 7.63).

Gilgal. *Um círculo de pedras.* 1. Foi o local onde os israelitas, depois de atravessarem o rio Jordão, acamparam pela primeira vez. Aqui foram levantadas as 12 pedras tiradas do rio e foram circuncidados aqueles que nasceram no deserto; e, pela primeira vez, celebrou-se a Páscoa na terra de Canaã. Nesse mesmo lugar, permaneceu um acampamento durante o período inicial da conquista (Js 4.19,20; 5.9,10; 9.6; 10.6-43; 14.6). Samuel, quando era juiz, visitou esse local (1Sm 7.16). Ali, sacrifícios foram oferecidos ao Senhor (1Sm 10.8; 11.14,15; 13.4-15; 15.12,21), Saul foi proclamado rei (1Sm 11.14, 15) e Agague, o amalequita, foi morto (1Sm 15.33).

Os homens de Judá se dirigiram a esse lugar para apresentarem suas saudações ao rei Davi, quando este voltou a Jerusalém depois da morte de Absalão (2Sm 19.15-40). Foi ocupado depois da volta do cativeiro (Ne 12.29). No local de Gilgal, acha-se agora a povoação de Tell Jiljul, a 7 km do rio Jordão e a 2.400 m de Er-Riha (Jericó).

2. Uma cidade, a 10 km ao norte de Betel, de onde partiram Elias e Eliseu antes da trasladação do primeiro, e para onde Eliseu voltou (2Rs 2.1; 4.38). Hoje seu nome é Jiljilia.

3. O rei de Gilgal foi derrotado por Josué (Js 12.23). Chama-se agora Jiljulia, ao norte de Jope, a 10 km de Antipátride.

4. Limite da parte setentrional de Judá, também com o nome de Gelilote, provavelmente o mesmo local descrito na definição 1(Js 15.7; 18.7).

Giom. *Ribeirão.* 1. Um dos rios do Éden (Gn 2.13).

2. O lugar onde Salomão foi ungido e proclamado rei (1Rs 1.33,38,45), no vale de Cedrom, a leste de Jerusalém (2Cr 33.14). Havia ali uma nascente, cujas águas foram desviadas para a cidade de Davi, por Ezequias, e "os embaixadores dos príncipes da Babilônia lhe foram enviados para se informarem do prodígio que se dera naquela terra" (2Cr 32.30,31). girgaseus. Uma das tribos que estavam de posse de Canaã quando esse país foi invadido pelos filhos de Israel (Gn 10.16; 15.21; Dt 7.1; Js 3.10; 24.11; 1Cr 1.14; Ne 9.8). O território dos girgaseus ficava a oeste do rio Jordão.

Goim. Palavra hebraica empregada para designar nações (Gn 14.1; Js 12.23). Na primeira passagem, parece que se trata de certas tribos errantes ao norte de Elão.

Gólgota. *Caveira.* É o nome hebraico do local onde Cristo foi crucificado (Mt 27.33; Mc 15.22; Jo 19.17). V. CALVÁRIO.

Golias. Famoso gigante de Gate, que desafiou o exército de Israel. Ele foi morto e despojado por Davi, e este era apenas um adolescente (1Sm 17). Tinha "seis côvados e um palmo", ou "dois metros e noventa centímetros" (NVI), de altura. Davi, depois de sua vitória, cortou a cabeça de Golias e a trouxe para Jerusalém, e as armas do gigante ele as pôs em sua tenda (1Sm 17.54).

Gomorra. *Submersão.* Uma das cinco cidades da planície (Gn 10.19; 13.10) que se opuseram à invasão de Quedorlaomer (Gn 14.2-11). Foi destruída com fogo e enxofre (Gn 19.24,28). Sua maldade era notória (Gn 18.20; Dt 29.23; 32.32; Is 1.9,10; Jr 23.14; 49.18; Rm 9.29). O que aconteceu a essa cidade foi um aviso contra o pecado (Dt 29.23; Mt 10.15; Mc 6.11; 2Pe 2.6; Jd 7). Nela percebe-se o precedente para a destruição de Babilônia, Edom, Moabe e Israel (Is 13.19; Jr 50.40; Jr 49.18; Sf 2.9; Am 4.11). As cidades da planície estavam situadas no vale do Jordão, perto da extremidade norte do mar Morto. Todas essas cidades foram envolvidas na terrível catástrofe, à exceção de Zoar, identificada com a moderna Tell esh-Shaghur, nas faldas dos montes de Moabe.

gordura. Era proibido comer certas porções da gordura dos animais que tinham sido oferecidos em sacrifício, pois, como a gordura é a parte mais rica do animal, ela pertencia ao Senhor (Lv 3.3, 9,16,17; 7.3, 23). Contudo, era possível comer outras partes da gordura de animais sacrificados e a gordura de outros animais, a não ser a dos que tivessem morrido de doença ou houvessem sido despedaçados pelas feras (Lv 7.24). Os hebreus apreciavam muito as carnes gordas (1Rs 4.23; Jr 46.21; Lc 15.23).

Gósen. 1. Território fértil na parte oriental do Baixo Egito, onde Jacó e sua família se estabeleceram e seus descendentes permaneceram até o êxodo (Gn 45.10; 46.28- 34; 47.1-6,27; 50.8; Êx8.22, 9.26). Quando os hebreus ali se estabeleceram, a região não era uma província organizada, ocupada por uma população agrícola. Não passava de um amplo espaço de terra pantanosa que o rei, sem ofender seu povo, podia dar aos estrangeiros. Com o aumento da população, deu-se o nome de Gósen a um grande espaço de território, cujos limites, conforme se supõe, estendiam-se desde o ramo tanítico do Nilo, na parte oriental do delta do Nilo, até o deserto do mar Vermelho.
2. Certa região ao sul da Palestina, tomada por Josué (Js 10.41; 11.16).
3. Cidade das terras montanhosas de Judá (Js 15.51).

Gozã. Território para onde os israelitas foram levados cativos pelos assírios (2Rs 17.6; 18.11; 19.12; 1Cr 5.26; Is 37.12). Trata-se, provavelmente, da região notavelmente fértil, banhada pelo Habor, que corre pela Mesopotâmia para o Eufrates.

graça. No AT, significa favor, especialmente na expressão "achou graça" (Gn 6.8). No NT, refere-se ao favor que o homem não merece, mas que Deus livremente lhe concede. Algumas vezes, é contrastada com a lei (Rm 6.14). Também exprime a corrente de misericórdia divina, pela qual o homem é chamado, e salvo, e justificado, e habilitado para viver bem e achar isso *suficiente* para ele (Gl 1.15; Ef 2.8; Rm 3.24; 1Co 15.10; 2Co 12.9).

grade. 1. A grade judaica para destorroar a terra tinha, como atualmente, uma pesada prancha rudimentar, com pedras agudas, ou pregos de ferro, dos dois lados com o fim de desfazer os duros torrões. Esse instrumento era puxado por bois, e o lavrador ficava em cima dele para que seu peso ajudasse a terra a ficar bem arada e preparada para receber a semente (Is 28.24). Algumas vezes, usava-se um objeto ainda mais primitivo, isto é, um cepo, ou um ramo de árvore, que era arrastado pelo chão áspero. Também se empregava a grade como instrumento de castigo ou de tortura (2Sm 12.31), caso essa passagem refira-se a torturas, e não propriamente a formas de trabalho.
2. A grade através da qual a mãe de Sísera olhava (Jz 5.28) era simplesmente uma janela estreita. Em Ct 2.9, trata-se de um trabalho de rede, diante da janela.

gral. Objeto de madeira empregado para triturar o grão. Nas casas de pessoas abastadas, o gral e o pilão eram feitos de metal. Quando o maná caía no deserto, os israelitas trituravam-no no moinho, ou pisavam-no no gral, até que ficasse em boas condições para servir na alimentação (Nm 11.8). Hoje, o gral de pedra para moer trigo também é usado pelos árabes. O gral de Pv 27.22, em que o insensato devia ser calcado, era muito maior. V. MOINHO.

grão. As espécies mais comuns de grão, mencionados na Escritura, são o trigo, a cevada, a espelta e o milho. A aveia não é mencionada. O trigo era triturado em casa para fins domésticos (2Sm 4.6). Desde a época de Salomão, a Palestina foi um país exportador de trigo, e esse produto era levado em grande abundância para Tiro (2Cr 2.10,15; Ez 27.17). V. AGRICULTURA.

Grécia. País situado no sudeste da Europa, mas pouco conhecido dos hebreus. Nas Escrituras hebraicas, há referência à Grécia também sob os títulos de "Javã" (isto é, Jônia), Quitim, entre outros. Seus habitantes compraram os israelitas como escravos (Ez 27.13; JI 3.6), Daniel profetizou sua extensão e poder (Dn 8.21; 10.20; 11.2) e, em Zc 9.13, anuncia-se que os judeus fariam oposição aos gregos. Foi o centro de trabalhos evangelísticos (At 20.2). Os pontos de contato direto entre a Grécia e a Palestina são poucos e obscuros. Alexandre, o Grande, visitou a cidade de Jerusalém depois do cerco de Tiro, tratando o sumo sacerdote e a religião judaicos com grande respeito. Um fato extremamente importante para o desenvolvimento da obra evangelística foi a língua grega, um meio de gerar comunicação na Ásia Ocidental, durante o período do ministério de Jesus e dos trabalhos apostólicos.

gregos. *Helenos*. No NT, esse termo denota ou os naturais da Grécia, ou, mais geralmente, os gentios, os que não eram judeus (Rm 1.14; 1Co 1.24).
Deve-se distinguir cuidadosamente do termo "helenistas", traduzido por "gregos" em At 6.1, 9.29 (*ARC*) e 11.20 (*ARA; ARC*). Helenistas eram judeus que falavam a língua grega e que estavam dispersos por vários povos. Examine algumas traduções do texto de At 11.20: "[...] houve murmuração dos helenistas contra os hebreus [...]" (*ARA*); "[...] houve uma murmuração dos gregos contra os hebreus" (*ARC*); "[...] os judeus de fala grega entre eles queixaram-se dos judeus de fala hebraica" (*NVI*). Portanto, em At 11.20, a versão é incerta, e discute-se se o termo refere-se a "gregos" ou a "judeus gregos", um problema de grande interesse para a interpretação da narrativa do escritor, especialmente quanto à extensão que o evangelho foi gradualmente alcançando até chegar aos gentios. V. DISPERSÃO.

grou. Is 38.14 e Jr 8.7. O grou é uma ave de arribação, bem conhecida na Palestina, cuja voz é alta, melancólica e rouca. No inverno, bandos de grous, aos milhares, dirigem-se a certos locais do deserto, ao Sul, em lugares conhecidos como poleiros, e ali ficam para se protegerem do frio.

guerra. As circunstâncias em que vivia o povo hebreu levavam-no a frequentes guerras, e, pelas narrativas do AT, é possível conhecer as formas e as condições das batalhas nessa época. Antes de entrarem na luta, as nações pagãs consultavam seus oráculos, seus adivinhos e seus necromantes (1Sm 28.3-10; Ez 21.21). Os hebreus, a quem o Senhor proibira atos desse gênero, costumavam, nos primórdios de sua história, interrogar Deus por meio do Urim e do Tumim (Êx28.30; Lv 8.8; Dt 33.8; Ed. 2.63 Ne 7.65; v. tb., Jz 1.1; 20.27,28; 1Sm 23.2; 28.6; 30.8). Também costumavam levar a arca para o campo (1Sm 4.4-18; 14.18). Depois do tempo de Davi, os reis que governavam na Palestina consultavam, com respeito ao resultado da guerra, os profetas, os verdadeiros ou os falsos. Também se ofereciam sacrifícios e, em virtude desses atos, dizia-se que os soldados se consagravam para a guerra (Is 13.3; Jr 6.4; 51.27; Jl 3.9; Ob 9). Há exemplos de declarações formais de guerra e, algumas vezes, de negociações prévias (Jz 11.12-28; 2Rs 14.8; 2Cr 25.27), mas isso nem sempre era observado (2Sm 10.1-12). Quando o inimigo fazia uma incursão repentina, ou quando a guerra principiava inesperadamente, o alarme era dado ao povo por mensageiros mandados com rapidez a toda parte; e depois soavam as trombetas de guerra, tremulavam os estandartes nos lugares mais altos, clamavam as vozes uníssonas sobre as montanhas, ecoando de cume para cume (Jz 3.27; 6.34; 7.22; 19.29,30; 1Sm 11.7,8; Is 5.26; 13.2; 18.3; 30.17; 62.10). As expedições militares começavam geralmente na primavera (2Sm 11.1) e continuavam no verão, mas, no inverno, os soldados iam para os quartéis. Quanto aos exércitos romanos, eles permaneciam firmes e vigilantes em ordem de batalha, prontos a receber o golpe dos adversários. Talvez haja alusões a essa prática nas seguintes passagens: 1Co 16.13; Ef 6.14. Os gregos, enquanto ainda estavam distantes do inimigo algumas centenas de metros, começavam a entoar o cântico de guerra. Observa-se em 2Cr 20.21 alguma coisa que se assemelha a isso. Levantavam vivas, o que também se fazia entre os hebreus (Js 6.5; 1Sm 17.52; Is 5.29,30; 17.12; Jr 4.19; 25.30). Em Jz 7.20, o grito de guerra era este: "Espada pelo Senhor e por Gideão!". Em alguns exemplos, soltavam clamores terríveis. A simples marcha dos exércitos com suas armas, com seus carros e com o tropel dos cavalos ocasionava uma confusão terrível, cujo barulho é comparado, pelos profetas, ao bramido do oceano e à queda de caudalosas correntes (Is 9.5; 17.12,13; 28.2). Os vitoriosos no combate ficavam extremamente agitados e exaltados por causa da alegria; as aclamações ressoavam de montanha para montanha (Is 42.11; 52.7,8; Jr 50.2; Ez 7.7; Na 1.15). O povo, guiado pelas mulheres, saía ao encontro dos conquistadores, com cânticos e danças (Jz 11.34-37; 1Sm 18.6,7). Cânticos de vitória eram entoados em louvor aos vivos, e recitavam-se elegias pelos mortos (Êx 15.1-21; Jz 5.1-31; 2Sm 1.17-27; 2Cr 35.25). Levantavam- se monumentos em memória do triunfo obtido (1Sm 7.12, e, segundo alguns intérpretes, 2Sm 8.13), e as armas do inimigo eram penduradas no tabernáculo, como troféus da vitória (1Sm 31.10; 2Rs 11.10). Os soldados, merecedores de recompensas por seus feitos, eram honrados com presentes, e a ocasião também lhes proporcionava a possibilidade de realizarem honrosos enlaces matrimoniais (Js 14; 1Sm 17.25; 28.17; 2Sm 18.11).

Guerras do SENHOR, Livro das. Faz-se na Bíblia uma citação a essa desconhecida coleção de hinos (?) acerca das guerras sustentadas por Israel em nome do Senhor (Nm 21.14,15). Talvez refira-se a uma parte do livro dos Justos.

H

Habacuque. *Lutador* (?). Profeta, autor do livro que tem o seu nome. Pouco se sabe sobre sua personalidade e época em que viveu, e nada em relação à sua tribo, parentesco e ocupação. Como menciona o poder caldeu, que crescia com rapidez espantosa, e não a Assíria, conclui-se que Habacuque profetizou em Judá durante o reinado de Joaquim, pouco antes da invasão de Nabucodonosor (1.6; 2.3), por isso deve ter sido contemporâneo de Jeremias. (Para um exemplo das lendas contadas a seu respeito entre os judeus, v. o livro apócrifo Bel e o Dragão 14.33-39).

Habacuque, O Livro de. Os assuntos desse livro podem ser divididos em duas partes:
1. Os cap. 1e 2 descrevem os pecados de Judá e anunciam que o povo seria castigado pelos caldeus, que sofreriam grande ruína. O profeta utiliza cinco vezes "ai!" contra eles (cf. Hc 2.6-19).

2. Depois disso, o profeta conclui o livro com uma sublime oração em forma de cântico de louvor, salmo evidentemente escrito para uso no culto público, com intenção de levar consolação aos judeus piedosos quando se esperavam grandes calamidades. Assim, a libertação futura pela misericórdia de Deus seria tão notável como fora no monte Sinai. A profecia de Habacuque se torna notável, de maneira especial, pela declaração que faz da importante verdade adotada por Paulo como base para seus sublimes ensinamentos: "O justo viverá pela sua fé" (Hc 2.4; cf. Rm 1.17). V. FÉ. Além da profunda declaração em 2.4, também são empregadas duas declarações de significado evangélico: o aviso em 1.5, citado por Paulo em Antioquia (At 13.40, 41), e a visão certa, embora sem tempo determinado (2.3) a que se faz alusão em Hb 10.37. Há, também, semelhança entre 2.11 e Lc 19.40; e entre 3.18 e Lc 1.47.

Habor. *Junção.* Rio de Gozã, que nasce em um montanhoso distrito da Turquia (antiga Mesopotâmia) e corre para o Eufrates. Banhava o território para onde os israelitas foram levados cativos pelos assírios (2Rs 17.6; 18.11; 1Cr 5.26). O transporte das dez tribos foi iniciado por Tiglate-Pileser e finalizado por Salmaneser. Seu nome atual é Khabur, e a região de ambos os lados do rio está coberta de ruínas das cidades assírias.

Hacoz. *Espinho.* Sacerdote nomeado por Davi para o serviço do santuário (1Cr 24.10). Na verdade, o nome é Coz, pois ha é um artigo definido que duplica a primeira letra. A palavra ocorre sem o prefixo em Ed 2.61.

Hadade. Talvez *o que lança o raio.* Deus do tempo a quem se prestava culto na Palestina e na Síria. 1. Filho de Ismael, também chamado de Hadar (Gn 25.15; 1Cr 1.30).
2. Filho de Bedade, rei de Edom, sendo Avite a sua capital (Gn 36.35; 1Cr 1.46).
3. Último dos reis de Edom. Depois de sua morte, os governadores do país tiveram o nome dos príncipes (1Cr 1.51). Sua cidade principal era Pai ou Pau (1Cr 1.50). Em Gn 36.39, é chamado Hadar.

4. Filho de Bedade, rei de Edom, levado ainda criança para o Egito pelos servos do seu pai quando Joabe, general das tropas de Davi, extinguiu todo varão em Edom. O rei do Egito deu-lhe posição, casa e terras e casou-o com a irmã da sua própria esposa. Depois da morte de Davi, desejou voltar ao seu país, mas o faraó procurou detê-lo no Egito porque havia uma forte

amizade entre suas famílias. Por fim, o faraó consentiu em sua partida. Voltando para Edom, levantou adversidades contra Salomão; não se sabe detalhes sobre isso (1Rs 11.14-25).

Hadadezer. *Hadade é um auxílio.* Rei de Zobá a quem Davi derrotou (2Sm 8.3; 1Rs 11.23). Nas Crônicas, os "escudos de ouro" foram levados para Jerusalém e consagrados ao serviço de Deus (1Cr 18.3,4,7). Mais tarde em Helã, foi novamente derrotado por Davi (2Sm 10.16-18; 1Cr 19.16-18), e seus aliados tornaram-se súditos do rei de Israel. V. ZOBÁ.

Hadadrimom. *Hadade Rimom.* Lugar em que houve grande lamentação no vale de Megido (ou Esdrelon) pela morte de Josias, como resultado das feridas na batalha com os egípcios (Zc 12.11; v. 2Rs 23.29; 2Cr 35.22-23). Contudo, talvez essa lamentação tenha sido por causa do deus Tamuz, que possivelmente tinha o nome dos deuses Hadade e Rimom.

hades. V. INFERNO.

Hadide. *Aguçada.* Cidade ocupada depois da volta do cativeiro (Ed 2.33; Ne 7.37; 11.34). Hoje é Haditheh ou Hadid, a 5 km a leste de Lida.

Hagar (TB). *Pessoa errante* (?). V. AGAR.

hagarenos. Ismaelitas, descendentes de Agar (ou Hagar, TB), derrotados no tempo de Saul pelos rubenitas (1Cr 5.10, 19,20). Eram nômades, pois há relatos de roubo, principalmente de tendas e camelos (Sl 83.6). Jaziz, superior dos responsáveis pelos rebanhos de Davi, era hagareno (1Cr 27.31). O termo "hagarenos" foi aplicado aos muçulmanos que se dizem descendentes de Agar.

Hamã. Filho de Hamedata, o agagita (Et 3.1), e vizir do rei Assuero. Intentou a destruição de todos os judeus do Império Persa para se vingar de uma desconsideração de Mordecai, judeu, tio da rainha Ester. Mordecai insistiu com a rainha para que intercedesse pelo livramento dos israelitas. Entretanto, como o decreto já estava assinado, o rei somente podia pendurar Hamã na forca preparada para Mordecai e, então, publicar outro decreto permitindo que os judeus se defendessem. Os judeus modernos têm o costume de dar o nome de Hamã a qualquer inimigo comum. Na época da Festa de Purim, o nome de Hamã é citado nas sinagogas da Rússia, havendo, ainda, bater de pés e barulho com argolas preparadas para esse fim. V. ESTER, PUR, PURIM.

Hamate. *Fortaleza* ou *recinto sagrado.* Cidade e reino da Síria, no vale de Orontes. A "entrada de Hamate" fica no norte do Líbano, entre a montanha e a cordilheira de Bargilus (Nusairiyeh). Era o limite do território cedido aos israelitas (Nm 13.21), ainda que a verdadeira possessão estivesse muito abaixo desse limite. No tempo de Davi, o nome aparece quando o rei Toí mandou felicitar o rei israelita por derrotar Hadadezer, inimigo comum (2Sm 8.9,10). Hamate fazia parte dos domínios de Salomão e foi onde o sábio rei edificou cidades-armazéns (2Cr 8.4; v. tb. 2Rs 14.28). Após a morte de Salomão, tornou-se outra vez Estado livre e conservou sua independência até que o rei Jeroboão a tomou, destruindo seus fortes (2Rs 14.28). Mais tarde, fez parte do Império Assírio (2Rs 18.33-34; Is 10.9) e depois passou para o poder dos caldeus, no tempo de Zedequias (Jr 39.5; 49.23; 52.9,27). Centro comercial importante, era também conhecida por seu sistema de irrigação de grandes rodas, que levavam a água do rio Orontes até a cidade alta. Hoje é conhecida pelo nome de Hama.

Hamate. *Fontes de água quente.* Cidade fortificada, pertencente à tribo de Naftali, ao sul de Tiberíades (Js 19.35). É o mesmo lugar que Hamote-Dor (Js 21.32) e Hamom (1Cr 6.76).

Suas águas quentes e sulfurosas ainda correm temperatura de 62ºC das três nascentes na fronteira da antiga cidade.

Hamor. *Jumento.* Um heveu, de quem Jacó comprou um pedaço de terreno (Gn 33.19; Js 24.32). Pai do príncipe Siquém, que praticou um ato ofensivo e desastroso contra Diná (Gn 34).

Hanã. *Gracioso.* Havia muitas pessoas com esse nome, que é uma forma abreviada de diversas palavras compostas em que há o nome de Deus, dando ao vocábulo o significado de graça de Deus, como Elanã, Hananias etc. 1. Filho de Sasaque, pertencente à tribo de Benjamim (1Cr 8.23).

2. Indivíduo descendente de Saul (1Cr 8.38; 9.44).
3. Um dos heróis de Davi (1Cr 11.43).
4. Um dos que voltaram do cativeiro com Zorobabel (Ed 2.46; Ne 7.49).
5. Levita que auxiliava no culto quando Esdras lia a Lei (Ne 8.7).
6. Levita que selou o pacto com Neemias e o povo. É possível que seja o mesmo do item 5 (Ne 10.10; 13.13).
7. Chefe de uma família que assinou o pacto (Ne 10.22).
8. Chefe de outra família que também assinou o pacto (Ne 10.26).
9. Filho de Jigdalias, que parece ter sido chefe de uma corporação de profetas com uma câmara no templo (Jr 35.4).

Hanamel (NTLH), Hananel, Hananeel (TB). *Graça de Deus* ou *Deus é bondade.* Filho de Salum e primo de Jeremias, o profeta. Jeremias mostrou sua fé comprando de Hanamel um campo em uma época de grande inquietação e incerteza, quando a Judeia estava dominada e Jerusalém ameaçada pelos caldeus (Jr 32.7-12).

Hananeel (TB), Hananel. *Deus é clemente.* Uma das torres sobre a muralha de Jerusalém. Tinha o nome do homem que a edificou (Ne 3.1; 12.39; Jr 31.38). Localizava-se entre a Porta do Gado e a Porta do Peixe. É mencionada em Zc 14.10.

Hanani. *O Senhor é clemente.* 1. Vidente de Davi e chefe de um turno a serviço do santuário (1Cr 25.4,25).

2. Censurou o rei Asa por ter confiado no rei da Síria, Ben-Hadade (2Cr 16.7-10). Provavelmente é o mesmo indivíduo que o seguinte.
3. Pai de Jeú, um vidente que falou contra Baasa (1Rs 16.1) e Josafá (2Cr 19.2; 20.34).
4. Um sacerdote (Ed 10.20).
5. Irmão de Neemias, que o tornou governador de Jerusalém (Ne 1.2; 7.2).
6. Sacerdote e músico que ajudou na dedicação dos muros de Jerusalém (Ne 12.36).

Hananias. *O Senhor é clemente.* Forma original de Ananias. 1. Um dos três jovens pertencentes à tribo de Judá e membros da família real que, levados cativos para a Babilônia, foram escolhidos para serem instruídos na ciência dos caldeus e postos a serviço de Nabucodonosor. Seu nome foi mudado para Sadraque, e ele se recusou a prestar culto à imagem de ouro (Dn 1.7; 3.12). V. DANIEL, SADRAQUE.

2. Chefe do décimo sexto turno de músicos a serviço do templo. Um dos 14 filhos do cantor Hemã que exaltavam o poder de Deus com cornetas (1Cr 25.4,23).
3. Capitão do exército de Uzias (2Cr 26.11; "um dos príncipes do rei", ARA e ARC; "um dos generais do rei", NTLH).

4. Pai de Zedequias, um dos príncipes do tempo de Jeoaquim (Jr 36.12).
5. Falso profeta de Gibeão que, no reinado de Zedequias, anunciou diante de Jeremias e de todo o povo que em dois anos os cativos, assim como todos os utensílios do templo que Nabucodonosor tinha levado para a Babilônia, voltariam a Jerusalém (Jr 28.1-17). Jeremias replicou profetizando que, em lugar de um jugo de madeira, seria posto um jugo de ferro sobre o povo pelo espaço de setenta anos. Além disso, o próprio Hananias morreria naquele mesmo ano por resistir à vontade do Senhor.
6. Avô de Jerias, capitão que cuidava da Porta de Benjamim, que prendeu Jeremias sob acusação de desertar para os caldeus (Jr 37.13).
7. Filho de Sasaque (1Cr 8.24).
8. Filho de Zorobabel (1Cr 3.19,21).
9.Um dos que tinham casado com mulheres estrangeiras (Ed 10.28).
10. Indivíduo que acumulava os cargos de perfumista e sacerdote (Ne 3.8). Era o encarregado de preparar o óleo sagrado e o incenso.
11. Homem que trabalhou nas obras dos muros de Jerusalém (Ne 3.30). Talvez o mesmo do item 9.
12. Principal da fortaleza de Jerusalém, "porque era homem fiel e temente a Deus" (Ne 7.2, ARC).
13. Nome de uma família, cujo chefe selou o pacto (Ne 10.23).
14. Sacerdote quando Joaquim era sumo sacerdote, cerca do ano 480 a.C. (Ne 12.12,41).

Hanum. *Favorecido.* 1. Filho de Naás, rei dos amonitas. Como Davi tinha recebido favores do rei Naás, mandou seus servos a Hanum com uma mensagem de simpatia. Hanum julgou que os mensageiros de Davi eram espias e, então, praticou uma ação insultuosa: mandou tirar-lhes metade da barba, cortar as suas vestes até o alto das coxas e os despediu, duplamente ridículos. Ao voltarem a seu país, Davi ouviu a história, mandou que ficassem em Jericó até que suas barbas crescessem de novo, e preparou uma guerra em que muitos amonitas foram mortos (2Sm 10.1-10; 1Cr 19.2-6).
2. Um reparador da Porta do Vale (Ne 3.13).
3. Um reparador do muro (Ne 3.30).

Harã. 1. Cidade de Padã-Arã para onde Abraão foi ao sair de Ur e onde morreu Tera (Gn 11.31,32). Local de onde o patriarca partiu para Canaã (Gn 12.4,5). Labão vivia ali quando Jacó foi ao seu encontro (Gn 27.43). De acordo com Is 37.12, estava na dependência dos assírios. O profeta Ezequiel (27.23) diz que era um dos mercados de Tiro. Chama-se Naor em Gn 24.10 e Harã em At 7.2,4. Ainda hoje, existe o lugar chamado Harã nas margens de um afluente do Eufrates. Em tempos antigos, ali se prestava culto à deusa Lua. V. ABRAÃO.
2. Filho de Calebe (1Cr 2.46).
3. *Montanhês* (palavra diferente das duas precedentes). Filho de Tera e pai de Ló, de Milca (mulher de Naor) e Iscá (Gn 11.27,29,31).
4. Um levita (1Cr 23.9).

Harim. *De nariz chato.* 1. Sacerdote responsável pela terceira divisão do santuário (1Cr 24.8).
2. Ascendente de 1.017 pessoas que vieram do cativeiro com Zorobabel (Ed 2.39; Ne 7.42). Membros da mesma família são mencionados em Ed 10.21 e Ne 10.5.

3. Filhos de Harim, casados com mulheres estrangeiras (Ed 10.31). Provavelmente o mesmo nome que o dos itens 4—6.
4. Uma família que selou o pacto com Neemias (Ne 10.27). Provavelmente idêntico ao nome dos itens 3 e 6.
5. Ne 12.15.
6. Parece ter sido um lugar de Judá com o nome da família de Bene-Harim, que voltou do cativeiro com 320 pessoas (Ed 2.32; Ne 7.35). É provavelmente o mesmo dos números 3 e 4.

Harosete-Hagoim. Cidade ao norte de Canaã onde habitava Sísera, general do rei Jabim, de Canaã. Sísera foi para Harosete-Hagoim depois de sua derrota para Baraque (Jz 4.2,13,16).

harpa. O mais antigo instrumento musical, conhecido desde antes do Dilúvio (Gn 4.21). A palavra hebraica *kinnor,* traduzida por harpa, provavelmente significa a lira. Os hebreus a usavam não apenas para suas devoções, mas também nos seus passatempos. Nas suas formas primitivas, parece ter sido feita de osso e casco de tartaruga. Era um instrumento leve, pois Davi dançou enquanto o tocava, assim como também o fizeram os levitas (1Sm 16.23; 18.10). Não era usada em ocasiões de tristeza (Jó 30.31; Sl 137.2).

Hasabias. *O Senhor o estimou.* Um nome predileto dos levitas. Várias pessoas aparecem com esse nome na Escritura (v. 1Cr 6.45; 9.14; 25.3; 26.30; 27.17; 2Cr 35.9; Ed 8.19,24; Ne 3.17; 10.11; 11.15,22; 12.21,24).

Hasabneias. 1. Pai de um edificador do muro (Ne 3.10).
2. Um levita (Ne 9.5). A mesma pessoa que Hasabias em Ed 8.19,24; Ne 10.11; 11.22; 12.24.

Haurã. *Terra preta ou terra de cavernas*. Nome mencionado somente duas vezes na Escritura (Ez 47.16,18). Era uma porção de territórios pequenos no tempo dos judeus, aumentada pelos romanos, que lhe chamaram Auranites. Estendia-se por quase 32 km ao sul de Damasco, um pouco abaixo de Bozra, que hoje chama-se el-Buseira. Dentro de seus limites, estavam Traconites, Itureia, que agora se chama Dejedour, e parte de Basã (V. BASÃ). Por ser uma região vulcânica, é possível ver os restos de uma cratera sobre o Tel Shoba, do lado oeste. Produz boas ervas e cereais e é frequentada pelos árabes para pastagens. Sua superfície está coberta das ruínas de muitas cidades e tem inscrições gregas. Os muros dos edifícios são de notável espessura, e muitas das suas portas são de pedra, revelando remota antiguidade.

Havilá. *Deserto arenoso.* 1. Filho de Cuxe (Gn 10.7; 1Cr 1.9).
2. Filho de Joctã, descendente de Sem (Gn 10.29; 1Cr 1.23).
3. Terra que Pisom rodeava depois de deixar o Éden (Gn 2.11). Talvez ficasse a oeste do mar Cáspio ou sobre a costa ocidental do golfo Pérsico. V. ÉDEN.
4. Limite do território dos ismaelitas (Gn 25.18) em que houve guerra de Saul contra os amalequitas (1Sm 15.7). Além da antiga, talvez tenha havido muitas outras Havilás habitadas pela numerosa e largamente espalhada descendência de Cuxe.

Havote-Jair. *Aldeias de Jair.* Em hebraico, significa certo gênero de cabanas ou choupanas, como as árabes. Algumas dessas habitações formavam uma aldeia quando colocadas em círculo. O distrito mencionado (Nm 32.41; Dt 3.14; Js 13.30; Jz 10.4) ficava além do Jordão; mas não está claro se era na terra de Gileade (1Rs 4.13) ou na terra de Basã (Dt 3.14). Talvez essas povoações estivessem situadas em ambas. Pertencia à meia tribo de Manassés e era um grupo de aldeias que fazia parte de um dos distritos de Salomão (1Rs 4.13).

Hazael. *A quem Deus vê.* A vida de Hazael, rei de Damasco, é profundamente maléfica. Era oficial de alta patente a serviço do rei Ben-Hadade, que em certa ocasião ficou doente e o mandou a Eliseu para saber se ele, Ben-Hadade, recuperaria a saúde. Obedecendo à ordem de Deus a Elias, o profeta Eliseu ungiu Hazael como rei e lhe disse que a doença de Ben-Hadade não era fatal, mas que ele morreria e o próprio Hazael reinaria em seu lugar. Hazael notou que a profecia se cumpriu porque ele matou Ben-Hadade e se apoderou do trono. Foi contemporâneo de Jorão, Jeú e Jeoacaz, reis de Israel. No Obelisco Negro, no Museu Britânico, é mencionado por pagar tributo com Jeú a Salmaneser II, rei de Assíria, no ano 841 a.C. A pergunta que ele fez ao profeta Eliseu (2Rs 8.13): "Pois que é teu servo, este cão, para fazer tão grandes coisas?" demonstra que ele não se horrorizou com o que acabava de ouvir, mas hipocritamente se considerava indigno da alta posição anunciada. As cruéis barbaridades produzidas por ele a Israel estão narradas em 2Rs 8.12; 10.32ss; 12.17. (V. tb. 1Rs 19.15-18; Am 1.4)

Hazar-Adar. *Vila de Adar* (ou *de um nobre*). Lugar no limite sul da terra prometida, entre Cades-Barneia e Azmom (Nm 34.4). O nome é simplesmente Adar em Js 15.4. A palavra "Hazar" é prefixo de certo número de nomes de lugar. Geralmente indica lugares de caráter semipermanente, como os edificados pelos árabes, com paredes de pedra e teto de lona.

Hazazom-Tamar. *Diminuição* (ou *desbaste*) de palmeiras. Nome antigo de En-Gedi, a oeste do mar Morto. Os amorreus vendidos por Quedorlaomer e seus aliados habitaram ali (Gn 14.7). Foi o lugar do acampamento dos aliados que invadiram Judá no reinado de Josafá (2Cr 20.2). É possível que fosse "a cidade das palmeiras", de onde os filhos de Queneu, sogro de Moisés, imigraram para o deserto de Judá (Jz 1.16). Quando Balaão se refere aos queneus, podia observar a praia do oeste do mar Morto e as rochas íngremes de En-Gedi, onde os filhos de Queneu tinham sua fortaleza ou "ninho". Entretanto, a passagem em Jz 1.16 provavelmente se refere a Jericó.

Hazor. *Cerca.* 1. Cidade fortificada, que Josué conquistou e cedeu a Naftali quando a terra foi dividida. Era a cidade real e principal dos cananeus e estava situada entre Ramá e Cades, em uma elevação, de onde se divisava o lago de Merom (Js 11.1,10,13; 12.19; 19.36). Hazor, a maior cidade do norte da Palestina, oprimiu os israelitas no reinado de Jabim, mas foi dominada por Débora e Baraque (Jz 4.2,17; 1Sm 12.9). Foi reedificada por Salomão (1Rs 9.15). Mais tarde, seus habitantes foram levados cativos para a Assíria por Tiglate-Pileser (2Rs 15.29).

2. Cidade no sul de Judá (Js 15.23).

3. Ligado a Hadata, a palavra composta significa Nova Hazor. Outra cidade no sul de Judá (Js 15.25). As duas partes do nome acham-se impropriamente separadas em algumas versões.

4. Lugar ao norte de Jerusalém onde alguns benjamitas residiram depois de voltar do cativeiro. Pode ser o mesmo lugar que Hazor (Ne 11.33), atualmente chamado de Hazzur.

5. Distrito da Arábia conquistado por Nabucodonosor (Jr 49.28,30,33).

Héber, Éber(Lc 3.35). *Vindo de outro lado* (?). 1. Um homem de Aser (Gn 46.17; Nm 26.45; 1Cr 7.31).

2. Marido de Jael, que matou Sísera. Pertencia à tribo dos nômades queneus, que, por algum tempo, estabeleceu-se no disputado terreno entre as tribos do Norte e as terras de Jabim, rei cananeu (Jz 4.11-24).

3. Um descendente de Judá (1Cr 4.18).
4. Indivíduo da tribo de Benjamim (1Cr 8.17).

hebreu. *Vindo de outro lado*. A mais antiga menção que se faz desse adjetivo está em Gn 14.13. Nome que designava os filhos de Israel pelas nações circunvizinhas, embora os termos "Israel" e "israelitas" também fossem empregados. A palavra deriva de Héber (homens vindos da outra margem, do Eufrates), que é também o nome de um lugar (Nm 24.24), e secundariamente o nome de um dos avós dos hebreus (Gn 10.21). Héber significa, realmente, a parte marginal de um rio, e deriva de uma raiz que significa "atravessar". Supõe-se, geralmente, que foi a origem de chamar-se Abraão, o hebreu, isto é, aquele que atravessou o rio, vindo da outra margem, o que aconteceu quando o patriarca emigrou da Mesopotâmia (Gn 14.13); mas também pode ser que muito antes tenha sido dado o nome a seus ascendentes pelos babilônios, quando eles saíram da península Arábica e se dirigiram para o oeste, atravessando o Eufrates. V. ABRAÃO, ISMAEL, ISRAELITAS, JUDEUS, e o verbete seguinte.

hebraico, língua hebraica, judaico (*ARA*, *ARC*), língua dos judeus (*TB*). Língua falada pelos israelitas durante sua independência. Era considerada por eles a "língua sagrada". No AT, é chamada de "a língua de Canaã", ou "judaico" (2Rs 18.26-28; Is 19.18; 36.13). Foi a língua dos habitantes de Canaã e da Fenícia, não somente pelas inscrições, mas também pelo silêncio da Escritura referente a qualquer diferença entre a língua dos cananeus e a dos hebreus. Ambos povoaram o mesmo país; contudo, não se nota diferença alguma na linguagem, sendo reconhecida a diferença entre a língua hebraica e a egípcia (Sl 81.5; 114.1). Há também diferença entre o hebraico e a língua dos assírios (Is 36.11), e entre o hebraico e o aramaico, usado pelos caldeus (Jr 5.15).

Então, o hebraico pode ser considerado o dialeto israelita da língua dos cananeus. Entretanto, no decorrer do tempo, a influência das línguas dos povos circunjacentes de Arã, Mesopotâmia, Síria e de grande parte da Arábia foi tão grande que, por volta do ano 722 a.C., o hebraico começou a decair e se extinguiu, deixando de ser falado. Era, ainda, a língua de Jerusalém no tempo de Neemias (Ne 13.24). Todavia, muito antes do tempo de Jesus Cristo, o hebraico tinha sido substituído pelo aramaico, sendo a literatura hebraica inteligível apenas para os eruditos. Quando se menciona no NT a língua hebraica, trata-se da língua popular, conhecida pelo nome de aramaico. Entretanto, quando se faz menção de um hebreu, em oposição a grego ou helenista, significa um judeu, cuja língua nativa era o aramaico, e não o grego, e que tinha sido educado segundo os costumes estritamente judaicos.

Hebreus, Epístola aos. Epístola certamente dirigida a cristãos hebreus, que habitavam uma cidade ou região qualquer e haviam formado uma sociedade organizada ou igreja, cujos pastores haviam falecido. Possuíam mestres aos quais os crentes deveriam obedecer, por conselho do autor (v. 13.7,17,24). Geralmente a opinião de que esses cristãos residiam na Palestina, talvez em Jerusalém ou em Cesareia, tem sido aceita, mas alguns críticos julgam que a epístola foi dirigida aos judeus convertidos de Alexandria. Há, também, quem afirme que foi destinada aos romanos que tinham recebido a fé cristã. Ainda outros escritores afirmam que a carta foi primeiramente enviada aos que estavam em Antioquia.

Quando e onde foi escrita. Não é possível saber, com certeza, quando e onde a epístola foi escrita. Apenas uma indicação de lugar, e esta duvidosa, nos é dada (13.24): "Os da Itália vos

saúdam". Isso pode significar tanto aqueles com quem o escritor vivia em Roma como alguns italianos que estivessem com o autor em qualquer parte. Com referência à data da epístola, normalmente concorda-se que não foi escrita depois da destruição de Jerusalém, mas em data próxima desse acontecimento, pois o autor fala do ritual levítico como ainda estando em pleno funcionamento.

O *autor.* Com respeito à autoria da epístola, desde os tempos primitivos da Igreja, sempre foi algo muito incerto. Nas traduções mais antigas, foi atribuída a Paulo. Os destinatários. Há poucas alusões aos destinatários, e não podem responder inteiramente à nossa indagação. Segundo 13.7, parece que, conforme já mencionado, trata-se de uma sociedade organizada ou igreja existente por algum tempo e que possuía mestres, a quem os membros da igreja deviam obediência. Entretanto, essas observações podem ser aplicadas tanto aos cristãos judeus da Palestina (entre os quais os de Jerusalém ou de Cesareia) como aos da Dispersão. Essa epístola, quanto à sua matéria, pode dividir-se em duas partes principais: a primeira é principalmente doutrinal (1- 10.18), e a segunda, principalmente prática (10.19-13). a) Na primeira parte, a suprema autoridade e a glória da dispensação cristã são provadas, mostrando quanto seu Mediador, o eterno Filho de Deus, é superior aos mediadores do antigo pacto, tanto os espirituais, como os anjos, quanto os terrenos, como Moisés. Mesmo passando por grandes sofrimentos e humilhação até a morte, a glória do Mediador não diminui, pois é o grande meio de realizar sua grandiosa obra de redenção (1—4.13). Cristo é comparado com Moisés, Josué e Arão. Primeiro o autor faz ver que Cristo é o verdadeiro representante do homem, como Arão era o verdadeiro sacerdote que Deus nomeou; depois mostra que Jesus Cristo sobrepuja em muito Arão na qualidade de sacerdote, reproduzindo o mais antigo e mais nobre sacerdócio do rei-sacerdote Melquisedeque. A nova aliança, de que Jesus é o cabeça, invalida e ab-roga a antiga, provando-se isso com o próprio AT. A eficácia intrínseca e perpétua do seu único sacrifício, como perfeita propiciação pelo pecado, é posta em contraste com a virtude típica e cerimonial dos sacrifícios muitas vezes repetidos (4.14—10.18). b) A argumentação precedente está entremeada de conselhos práticos e avisos solenes. Na conclusão da epístola, os hebreus são vividamente exortados a continuarem a sua vida de fé com paciência e confiança alegre no meio das provações presentes. Prova-se que a fé é virtude essencial para participação nas bênçãos prometidas por Deus, bem como sua ação e eficácia são demonstradas em uma longa linha de heróis, mártires e confessores, que termina em Jesus, o grandioso exemplo. Os cristãos hebreus são encorajados a sofrer suas provações como um teste paternal, que deve produzir o bem mais alto. Os gloriosos privilégios da nova aliança são apresentados para fazer conhecer o terrível perigo da apostasia (10.19-12). Em seguida, aparecem algumas exortações para o cumprimento de deveres especiais, preceitos e regras de vida, sendo essa recomendação feita com precipitação paulina. O escritor encerra a notável epístola à maneira do apóstolo Paulo, com uma doxologia e bênção (13).

Hebrom. *Confederação, companhia.* 1. Uma das mais antigas cidades do mundo, primeiramente chamada de Quiriate-Arba, perto dos carvalhais de Manre (Gn 13.18; Nm 13.22; Js 20.7), localizada em um vale aberto, a cerca de 29 km ao sul de Jerusalém (Nm 13.22). Era a residência predileta de Abraão, Isaque e Jacó, e o local da sepultura da família (Gn 23; 25.9; 49.29- 31). A caverna que Abraão comprou ainda existe e está cercada pelas paredes de uma

mesquita. O nome atual de Hebrom, El-Khalil (o amigo), é o mesmo nome pelo qual Abraão é conhecido dos seguidores de Maomé. Hebrom foi conquistada por Josué aos cananeus e dada a Calebe (Js 10.36,37; 11.21; 12.10). Mais tarde, foi cedida aos sacerdotes e coatitas de Judá, tornando-se uma cidade de refúgio (Js 15.13,54; 20.7; 21.11; Jz 1.10.20). Foi onde Davi estabeleceu seu governo após ser ungido rei de Judá, reinando nessa cidade por sete anos e meio (2Sm 5.5). Abner, assim como a cabeça de Isbosete, foram sepultados em Hebrom (2Sm 3.32; 4.1, 8,12). Foi, ainda, o centro da revolta de Absalão (2Sm 15.7-10). Depois, foi fortificada pelo rei Roboão (2Cr 11.10). Quando retornaram do cativeiro, os judeus reedificaram e ocuparam a cidade (Ne 11.25). Hebrom, ou El-Khalil, também é um lugar de considerável população e importância. Ocupa as rampas do vale de onde os espias colheram magníficos cachos de uvas (Nm 13.23). Tais rampas são, ainda hoje, cobertas de vinhas e produzem uvas e azeitonas. V. MANRE.

2. Cidade na fronteira de Aser, perto de Reobe (Js 19.28). Seu nome aparece como Ebrom, mas também foi chamada de Abdom. V. ABDOM.

3. Filho de Coate, filho de Levi (Êx6.18; Nm 3.19; 1Cr 6.2).

4. Um dos nomes de uma lista de pessoas com nomes idênticos aos de lugares do sul de Judá (1Cr 2.42,43), sendo também Abi-Hebrom (1Cr 2.42).

Helbom. *Gordura* (?). Lugar célebre nos tempos antigos pelo seu vinho original (Ez 27.18). Hoje é uma vila a alguns quilômetros de Damasco. Ainda é famosa por suas excelentes uvas.

helenistas. V. GREGOS.

Hena. 1. Cidade da Mesopotâmia conquistada pelos assírios (2Rs 19.13; Is 37.13).

2. Planta citada em Ct 1.14; 4.13, geralmente estimada no Oriente pela fragrância de suas flores e pelas propriedades corantes das suas folhas. É um arbusto de 1,80 a 2,50 m de altura, com folhagens em tom verde-escuro e cachos de bagas brancas e amarelas que exalam um delicioso perfume. No tempo de Salomão, era possível encontrá-la ao redor do mar Morto em En-Gedi. No Oriente, as casas são perfumadas por hena, e suas flores são apresentadas aos convidados como cumprimento especial. Além disso, as mulheres as usam como ornamento. Serve, também, para colorir as mãos, os pés e as unhas. Depois de secas, as folhas são reduzidas a pó, do qual se faz uma massa que, aplicada à pele, produz uma cor avermelhada ou alaranjada.

herança. A lei mosaica sobre a sucessão das terras não era complicada. A propriedade do pai era igualmente repartida entre os filhos homens, conquanto o mais velho tivesse direito a uma porção dobrada (Dt 21.17). Quando não havia filhos, e somente nesse caso, as filhas partilhavam a herança, desde que se casassem com homens de sua própria tribo (Nm 36.6ss). Não havendo filhos nem filhas, a propriedade ia para seu irmão. Na falta deste, para o tio paterno, e, finalmente, para o parente mais próximo. Um dado interessante da lei mosaica da herança era que, se uma mulher enviuvasse e não tivesse filhos, o parente mais próximo do seu falecido marido tinha o direito de casar com ela. Caso não quisesse recebê-la por mulher, então o mais próximo da linha de parentesco tinha o mesmo direito (Rt 3.12, 13; 4). Nesse caso, o novo marido deveria, pelo "direito da herança", remir a propriedade da sua mulher quando ela não mais a possuísse (Jr 32.7). É importante lembrar que todas as leis relativas à propriedade da terra foram estabelecidas para evitar que esses bens saíssem da posse da família (Dt 21.15-17). As leis referentes ao Ano do Jubileu também tinham o intuito de fixar rigorosamente as

propriedades rurais em certa linha de herdeiros. Desta maneira, a sucessão era um fato de direito, e não de escolha. Os filhos, na verdade, tinham o direito de reclamar a sua herança antes da morte do pai, contanto que todos estivessem de acordo. Este último costume era válido para os bens pessoais, dos quais o proprietário poderia dispor como quisesse. A parábola do filho pródigo faz referência a ele (Lc 15).

herdeiro. Os princípios relativos à herança são diferentes no Oriente, pois nem sempre os filhos esperam a morte de seus pais para receberem a sua parte. Por essa razão, quando Cristo é chamado de "herdeiro de todas as coisas" (Hb 1.2), não implica a morte do primeiro possuidor dessas riquezas. Assim também, quando os santos são chamados herdeiros da promessa (Hb 11.9), da retidão do reino, do mundo, dos dons divinos e "coerdeiros com Cristo" (Rm 8.17), isso significa que participam de determinadas vantagens sem a necessidade da morte de qualquer proprietário dos referidos bens. Entre os ocidentais, não é costume haver herança sem que haja o falecimento dos parentes ou testadores (V. tb. Gn 15.3; 2Sm 14.7; Jr 49.1,2; Mt 21.38; Rm 4.13.) V. ADOÇÃO, PRIMOGÊNITO, CONCUBINA, HERANÇA.

Heres. *Sol.* 1. Equivalente ao grego *Heliópolis*, "Cidade do Sol". O monte Heres, próximo a Aijalom, nos confins de Judá e Dã. Foi habitado pelos amorreus, que não foram expulsos (Jz 1.35).

2. Nome de um levita (1Cr 9.15).

heresia. Nome derivado de uma palavra grega que primeiramente significava o ato de tomar (p. ex., uma cidade); depois teve o sentido de escolha ou eleição, de inclinação ou preferência; tornou-se, então, a significação da própria coisa escolhida; e, por fim, passou a significar um princípio filosófico ou sistema, bem como as pessoas que seguem esse princípio. Além disso, também é usada para designar uma seita ou escola de pensamento. No livro de Atos, a palavra grega equivalente a *heresia* é traduzida por "seita" e aplicada aos saduceus (5.17), fariseus (15.5; 26.5), nazarenos (24.5) e cristãos (28.22). Há, também, um uso aplicado à igreja cristã em At 24.14. Paulo e Pedro, escrevendo a respeito de heresias, qualificaram-nas como divisões ou doutrinas que dividem a igreja (1Co 11.19; Gl 5.20; 2Pe 2.1). Os escritores eclesiásticos empregam a palavra "heresia" para designar as opiniões que se apartam da verdadeira fé. Agostinho sustentou (*De Haeret*.) que era "inteiramente impossível, ou em todo caso a coisa mais difícil", dar uma definição para heresia. Segundo Filastrius, bispo da Bréscia, havia 28 heresias entre os judeus antes de Jesus Cristo e 128 depois desse tempo.

Hermas. *Mercúrio.* Pessoa a quem Paulo se refere em suas saudações (Rm 16.14) e que, mesmo com nome de origem grega, era cristão, residente em Roma. Na verdade, parece que a maioria dos cristãos da igreja primitiva em Roma falava grego. O Pastor de Hermas, uma obra de meados do século II, tem sido atribuída a esse cristão, mas erroneamente. É considerado como santo na Igreja romana, com festa no dia 9 de maio em sua homenagem.

Hermes. *Mercúrio.* Cristão grego, de Roma, que foi saudado por Paulo. Tanto ele como Hermas eram chefes de famílias cristãs e pessoas influentes na igreja (Rm 16.14). Segundo a opinião de alguns teólogos, Hermes foi um dos 70 discípulos e, mais tarde, bispo da Dalmácia. É um dos santos do calendário grego, com festa celebrada em 8 de abril em sua homenagem. V. MERCÚRIO.

Hermom. Provavelmente *sagrado* ou *proibido* (significado de muitas montanhas, como, p. ex., Fujiyama, ou monte Fuji, no Japão). O monte Hermom domina a terra santa, coberto de neve, com sua crista acima das nuvens. Para a Síria antiga, era o lugar santo da sua religião, o mais alto de todos os lugares altos de Baal. Para Israel, já prevenido contra a idolatria praticada sobre os altos montes, era pouco mais do que a fronteira natural do norte da terra prometida. Para o cristão, voltou a possuir alguma santidade e, em um sentido mais nobre, foi o local para onde Jesus se retirou por algum tempo e onde se transfigurou diante dos discípulos, perto de Cesareia de Filipe. O monte Hermom era o grande marco dos israelitas, constantemente citado como o seu limite ao norte. Os hebreus conquistaram toda a terra, desde o rio Arnom até o monte Siom, "que é Hermom" (Dt 4.48). Assim como o monte Tabor, era ponto do Norte: "[...] o Tabor e Hermom exultam em teu nome" (Sl 89.12). O monte também era conhecido por outros nomes, como Siom (Dt 4.48), a mais antiga citação. O seu orvalho é tão abundante que as tendas dos viajantes ficam molhadas, como se sobre elas caíssem grandes gotas de água. Os fenícios o chamavam de Siriom, mas os amorreus o conheciam pelo nome de Senir (Dt 3.9), ambas palavras com o significado de esplendor, pois é raro ver o monte sem a sua brilhante coroa de neve. Sobre o mais alto dos três cumes, encontram- se os restos do antigo templo de Baal, formado por pedras dispostas quase em círculo, dentro do qual se acham as ruínas de um templo. É possível que tenha sido destruído pelos israelitas em obediência a esta ordem: "Destruireis por completo todos os lugares, onde as nações[...] serviram os seus deuses, sobre as altas montanhas" (Dt 12.2). De lá, os sacerdotes de Baal tinham uma vista clara do curso do Sol em razão da altura. O monte Hermom era tão importante para os antigos idólatras que eles rodeavam sua base de templos, todos eles voltados para o cume, pois era um grande santuário, como Jerusalém para os judeus, e Meca para os muçulmanos.

Herodes Antipas. Quando Herodes, o Grande, morreu, Antipas tornou-se governador da Galileia e da Pereia. Sua obra mais importante foi a edificação de Tiberíades, à beira do mar da Galileia, seguindo os modelos gregos. Foi a Antipas que Jesus chamou de "raposa" e a esse mesmo dominante Jesus foi mandado por Pilatos para julgamento. Seu casamento com Herodias, mulher de seu irmão Filipe, só lhe causou perturbações e inquietações, como a guerra em que foi derrotado pelo pai de sua legítima e repudiada mulher, filha de Aretas, rei da Arábia. A ambição de Herodias fez que Herodes Antipas fosse, por fim, privado de seus domínios e mandado para o exílio. Além disso, sua conduta para com João Batista é bem conhecida (Mt 14.1-8; Mc 6.14-25; 8.15; Lc 3.1,19; 8.3; 9.7,9; 13.31; 23.7-15; At 4.27; 13.1). A respeito dos outros membros da família herodiana, V. HERODIAS, AGRIPA, BERENICE, ARQUELAU, DRUSILA, SALOMÉ.

Herodes, o Grande. Antípater, pai de Herodes, foi nomeado procurador da Judeia por Júlio César no ano 47 a.C., e Herodes tornou-se governante por Antônio no ano 37 a.C. Quando Marco Antônio foi derrotado por Augusto na batalha do Ácio, em 3l a.C., Herodes não perdeu tempo; foi conversar com o conquistador. Este lhe confirmou a posse de todo o reino dos macabeus, dividido em cinco distritos: Judeia, Samaria e Galileia no leste do Jordão; Pereia e Idumeia no oeste. Herodes, idumeu, era descendente dos edomitas e teve um governo marcado por extraordinários contrastes. De um lado, procurou agradar aos judeus, ampliando, fortificando e embelezando a cidade de Jerusalém. Por outro lado, tinha intenção de

"romanizar" o povo. Para isso, levantou um anfiteatro na cidade santa, instituiu jogos públicos, reedificou Samaria sob o nome de Sebasta (Augusta) e construiu suntuosos templos em honra do imperador tanto em Sebasta quanto em Cesareia de Filipe. No ano 25 a.C., uma terrível fome se manifestou na Judeia e Samaria. Herodes não economizou despesas para diminuir o mal, contribuindo com o ouro e a prata dos seus palácios para abastecer o país com trigo vindo do Egito em navios. Finalmente, para coroar seus esforços em benefício do povo, começou, no décimo oitavo ano do seu reinado (20 a.C.), a reconstrução do templo em um feito grandioso. "Em quarenta e seis anos, foi edificado este Santuário" (Jo 2.20), assim se dizia muito depois da sua morte, embora não estivesse totalmente completo em suas particularidades. Entretanto, a ambição desenfreada e a crueldade implacável do rei deram-lhe lugar entre os piores tiranos de todos os tempos. Para ter o caminho do trono completamente livre, mandou matar o venerável Hircano (31 a.C.). Depois disso, Mariana, sua mulher, e os seus dois filhos foram vítimas da sua desconfiança insensata. Além disso, já gravemente enfermo, ordenou a execução de Antípater, seu filho com outra mulher. Próximo da morte, mandou que os anciãos das principais cidades judaicas fossem trancados no anfiteatro para serem assassinados quando saísse dele o último suspiro de vida, pois queria "que ao menos pudesse haver algumas lágrimas no seu funeral". Felizmente houve a sensatez de não se cumprir tal ordem! Pouco tempo antes da sua morte, Jesus Cristo nasceu em Belém. A matança dos inocentes estava realmente em conformidade com o caráter desse rei, um homem muito cruel, ciumento e ensandecido.

herodianos. Pessoas de um partido político que favorecia a autoridade dos Herodes sob o governo de Roma. Seus membros mostraram forte hostilidade para com Jesus Cristo em diversas ocasiões (Mt 22.16; Mc 3.6; 12.13), sendo partidários dos fariseus e saduceus. Era uma união acidental, em consequência de julgarem necessário combater o perigo comum, pois raras vezes há menção aos herodianos. Sua finalidade política era fundar um império judaico independente, governado por Herodes. Desse modo, a soberania de Roma servia de proteção até que fossem fortes o bastante para poderem mudar a ordem.

Herodias. Neta de Herodes, o Grande. Casou primeiro com seu tio Filipe, e tiveram uma filha, Salomé. Como Filipe caiu em desagrado e foi obrigado a viver fora da sociedade, ela o abandonou. Casou-se, então, com o seu cunhado Herodes Antipas, governante da Galileia, que lhe ofereceu um palácio e uma coroa. Uma vez que João Batista censurou o casamento incestuoso (Mt 14.3,4; Mc 6.17), Antipas ordenou sua prisão e, mais tarde, mandou degolá-lo por sugestão de Herodias. Outra sugestão dela foi a de Antipas ir a Roma para alcançar o título de rei, mas isso resultou em sua desgraça: o título real lhe foi negado, e Antipas, exilado em Seom. Herodias, sua ambiciosa e iníqua esposa, o acompanhou no exílio. V. HERODES ANTIPAS, JOÃO [BATISTA], SALOMÉ.

Hesbom. *Fortaleza.* Cidade principal de Seom, rei dos amorreus (Nm 21.26; Dt 4.46). Suas ruínas podem ser vistas em uma colina na orla leste de uma alta planície a 33 km a oeste da fronteira norte do mar Morto, nos confins de Rúben e Gade. Foi conquistada por Moisés (Nm 21.21) e cedida a Rúben (Nm 32.37), que mandou reedificá-la. Depois, sua posse foi transferida para o ramo merarita dos levitas (Js 21.39). Mais tarde, os moabitas (Nm 21.26) retomaram-na (Is 15.4), assim como os amonitas (Jr 48.2). Nas ruínas de Hesbom, ainda existem cisternas e depósitos de água (Ct 7.4).

Hete. O tronco do povo heteu (Gn 10.15; 1Cr 1.13). Segundo filho de Canaã, habitava ao sul da terra prometida. Hebrom, no tempo de Abraão, era povoada pelos filhos de Hete. V. HETEUS.

heteus. Descendentes de Hete, filho de Canaã. Pouco se sabia a respeito dos heteus. Alguns críticos, afirmando que eram uma raça de pouca importância, falavam desse povo como querendo negar o caráter histórico de 2Rs 7.6: "Eis que o rei de Israel alugou contra nós os reis dos heteus e os reis dos egípcios, para virem contra nós". Contudo, descobertas mais recentes justificam amplamente a narrativa bíblica. Sabe-se que os heteus constituíam um poder notável e, não muitos séculos antes do tempo do profeta Eliseu, tinham disputado o império da Ásia Ocidental com os egípcios. Mesmo com seu poder diminuído nos dias de Jorão, ainda eram formidáveis inimigos e aliados úteis. Seu domínio pode ser comparado com o dividido reino do Egito, e seu reino era mais poderoso que o de Judá. Depois dessa época, no AT, não se fala mais desse povo, que alcançou o auge da grandeza quando a monarquia de Israel ainda não estava fundada, ou mesmo antes de os israelitas conquistarem a terra de Canaã. Os heteus, cujos príncipes e cidades são citados nos livros históricos do AT, estavam estabelecidos no Norte, sendo Hamate e Cades, nas margens do Orontes, os pontos mais ao sul. Entretanto, o livro de Gênesis fala de outros heteus (15.20). Abraão comprou de um heteu a caverna de Macpela (Gn 23.10), as duas mulheres de Esaú eram desse povo (Gn 26.34). Provavelmente a lista de Gn 10.15 se refere a esses heteus do Sul, tornando-se possível, então, explicar Ez 16.3,45, que afirma que "o pai" de Jerusalém "era amorreu", e sua "mãe, heteia". Como o profeta atribui a fundação de Jerusalém aos amorreus e aos heteus, os jebuseus, de quem a cidade foi tomada por Davi, devem ter pertencido a uma ou outra dessas duas grandes raças, provavelmente a ambas, porque as duas nações estavam estreitamente entrelaçadas.

A colônia dos heteus na Palestina limitava-se a um pequeno distrito nas montanhas de Judá. Sua força nacional existia bem longe, ao norte. Os amorreus eram um povo mais antigo, com quem os heteus se uniram por casamentos recíprocos. Contudo, não se sabe em que tempo isso ocorreu.

Fora das narrações bíblicas, tudo o que se conhece do misterioso império dos heteus é fruto das investigações feitas nos monumentos do Egito e da Assíria, assim como dos estudos das inscrições encontradas nas ruínas da Ásia Menor, o centro do seu poder no Norte. Pelas tabuinhas de Tel el-Amarna, sabemos que os heteus se apoderaram gradualmente dos postos avançados do Egito enfraquecido, até que, por fim, acharam-se na fronteira norte da Palestina com poder igual ao dos egípcios, que cederam aos heteus a Síria do norte. Assim, eles foram se estendendo, das suas primeiras habitações para o oeste, até o rio Eufrates, em cujas margens estava Carquemis, a capital; e, para o leste, até o mar Egeu. No norte, seu limite era a Capadócia e, no sul, as tribos de Canaã. Por volta do século XII a.C., os heteus ainda eram fortes o suficiente para conter os avanços dos reis assírios. Contudo, nesse tempo não possuíam um só governante. Depois, por mais de duzentos anos, período em que se forma o reino esplendoroso de Davi e Salomão, não há inscrições sobre esse povo, que reaparece depois da separação das dez tribos de Israel, com o poder de Damasco. Os heteus conservaram Carquemis até a conquista por Sargão, imperador da Assíria, em 717 a.C.

A principal divindade dos heteus era a Terra, ou a "Grande Mãe", sendo cada cidade ou Estado uma forma especial da deusa.

heveus. *Aldeãos* (?). Os heveus (descendentes dos cananeus, cf. Gn 10.17) estavam especialmente associados aos amorreus. Representam uma população mista de amorreus e cananeus que vivia na vizinhança da grande fortaleza dos amorreus. V. AMORREUS.
Segundo Js 11.3, o povo heveu existia na base do Hermom: "habitavam nas montanhas do Líbano, desde o monte de Baal-Hermom até a entrada de Hamate" (Jz 3.3). Há referências a esse povo vivendo mais ao sul, em Gibeom (Js 9.7, TB) e em Siquém (Gn 34.2), além de passagens em que possuem o nome de amorreus (2Sm 21.2; Gn 48.22). Podem, portanto, ser considerados predominantemente amorreus de raça e descendentes de Canaã (Gn 10.17). Habitavam em Siquém quando Jacó voltava a Canaã e eram governados pelo príncipe Hamor (Gn 34.2). Foram vítimas dos cruéis e vingativos filhos de Jacó. Os gibeonitas também eram heveus (Js 11.19). Tinham o costume cananeu de fazer suas reuniões às portas das cidades. Os heveus eram pacíficos quanto à sua disposição e maneiras.

Hezrom. *Acordo.* 1. Filho de Perez e antepassado de Davi (Gn 46.12; Nm 26.21). 2. Filho de Rúben e tronco da família dos hezronitas (Gn 46.9; Êx 6.14; Nm 26.6; 1Cr 5.3). 3. Lugar na fronteira sul de Judá (Js 15.1-4). 4. Outra povoação ao sul de Judá, também chamada Hazor (Js 15.25).

Hidéquel (ARC), Tigre. *Rápido* (?). Rio Tigre, na língua dos hebreus (Gn 2.14; Dn 10.4). Um dos rios que regavam o jardim do Éden. O "grande rio" de Daniel, junto ao qual o profeta teve algumas de suas mais importantes visões. Suas duas principais nascentes estão nas montanhas da Armênia. Seu curso é, em grande parte, na direção sueste; e, a 96 km do golfo Pérsico, junta-se com o rio Eufrates, depois de ter percorrido mais ou menos 1.835 km. Estava ligado com o Eufrates por um sistema de canais de irrigação, tornando a região entre os rios muito fértil. O seu nome moderno, Digleh, deriva-se do antigo Hiddekel. V. ÉDEN.

Hiel. *Deus vive*. Homem natural de Betel, que reedificou Jericó apesar da maldição contra aquele que tentasse construí-la depois de ter sido destruída por Josué (Js 6.26). Hiel, no tempo de Acabe, sofreu os efeitos da maldição: estabeleceu os fundamentos da cidade à custa da vida de Abirão, seu filho mais velho; e as portas, à custa da vida de seu filho mais novo, Segube (1Rs 16.34). É possível que tenham sido sacrificados em obediência a um costume de que se encontram vestígios em muitos lugares. V. JERICÓ.

Hierápolis. *Cidade sagrada.* Mencionada apenas uma vez, em ligação com Colossos e Laodiceia, na Frígia (Cl 4.13). Situada a 330 m acima do nível do mar, foi sede de uma igreja cristã, talvez fundada por Epafras. Tornou-se famosa por suas nascentes de água quente, que ainda são características naturais do lugar. Aparentemente, é representada por uma povoação chamada Pambuk Kale, na Turquia.

Hilquias. *O Senhor é a minha porção.* 1. Pai de Eliaquim, oficial de Ezequias (2Rs 18.18). 2. Sumo sacerdote no reinado de Josias, rei de Judá (2Rs 22.4). Os notáveis acontecimentos ocorridos durante sua vida sacerdotal tornaram-no superior a outros sacerdotes. Auxiliou a grande reforma de Josias e a celebração da Páscoa em conformidade com a vontade do rei. Além disso, descobriu o livro da Lei de Moisés no templo (2Rs 22.10; 1Cr 6.13; 2Cr 34.14; Ne 11.10).

3. Um levita (1Cr 6.45).
4. Outro levita, guarda do templo (1Cr 26.11).
5. Um sacerdote contemporâneo de Esdras (Ne 8.4; 12.7,21).
6. Pai de Jeremias (Jr 1.1).
7. Pai de Gemarias (Jr 29.3).

him. Uma medida para líquidos, que contém 12 *logues*, estimada entre 3 e 6 litros (Êx 29.40; cp. ARA com NTLH e NVI).

Himeneu. *Nupcial.* Homem convertido ao cristianismo pela pregação de Paulo. Mais tarde, caiu na heresia que afirma que a ressurreição já estava realizada (2Tm 2.17). Como se diz em 1Tm 1.20, ele foi entregue a Satanás, o que parece significar que foi privado da comunhão dos fiéis.

hino. A Igreja cristã herdou os Salmos, usados no culto público e nas devoções particulares. O hino que Jesus e seus discípulos entoaram (Mt 26.30) era o grandioso Hallel (v. AleluiA), compreendendo Sl 113—118. Paulo recomenda o uso dos hinos (Ef 5.19; Cl 3.16). Lucas apresenta três hinos cristãos: o *Magnificat* (1.46-55), o *Benedictus;* (1.68-79) e o *Nunc Dimittis* (2.29-32), e talvez um quarto, *Gloria in Excelsis* (2.14). As passagens de Ef 5.14 e 1Tm 3.16 também podem ser fragmentos de hinos cristãos.

Hinom, vale de. Vale a sudoeste de Jerusalém, tendo cerca de 2 km de comprimento. Começa na parte oeste da cidade, estende- se para o sueste até a Porta de Jafa, e depois forma uma curva para o sul, onde se dobra em volta do cume a sudoeste da cidade, seguindo, por fim, para o leste a juntar-se ao vale de Cedrom, ou Josafá, em Byr Eyub. Perto dessa junção, há um pedaço de terreno oval, o lugar de Tofete. Às vezes, é chamado de vale dos filhos de Hinom (2Rs 23.10). Marcava o limite entre Judá e Benjamim (Js 15.8), onde houve o culto idólatra que envolvia sacrifício de crianças, conforme os ritos de Moloque (1Rs 11.7; 2Rs 16.3; 2Cr 28.3). Finalmente, era usado para receber todo o lixo da cidade, para ser destruído pelo fogo. Por isso, esse local era tomado como símbolo do lugar reservado para castigo dos maus (Mt 5.22, 29,30; 18.8,9; Mc 9.43- 48). Sobre este último uso, v. inferno. V. TOFETE.

hipocrisia, hipócrita. Palavras derivadas do grego, sendo o hipócrita aquele que faz o papel de ator no teatro. Nas referências do AT, as palavras hebraicas indicam profanação ou pessoa profana. No NT, a palavra significa, algumas vezes, uma hipocrisia consciente (Mt 6.16), e outras, inconsciente (Mt 7.15). V. FARISEU.

hipopótamo, Beemote. *Bestas.* (Jó 40.15- 24.) Beemote é traduzida por "besta", "animais", ou por qualquer "quadrúpede" grande (Jó 35.11; Sl 73.22; Gn 6.7; Êx9.25; Lv 11.2). Há duas espécies parecidas com hipopótamos existentes somente na África. Apesar da corpulência, são velozes. Têm costumes noturnos, deixando os rios e os lagos, onde vivem bem, para praticar grande devastação nos terrenos cultivados. Seus alimentos prediletos são ervas, relvas e, especialmente, trigo verde. Era um animal muito procurado pelos romanos para ser apresentado nos circos e vinha do Egito.

Hirão. Forma abreviada de Airão, *"irmão de um poderoso"*. 1. Rei de Tiro que viveu em paz com Davi e Salomão (2Sm 5.11,12; 1Rs 9.14; 10.22), auxiliando este último na construção do templo e na preparação da armada de Társis. Sua cidade de Tiro era conhecida por sua magnificência. As relações entre Hirão e Salomão eram contínuas e estreitas. De acordo com a tradição, os dois reis gostavam muito de propor adivinhações um ao outro.

2. Principal arquiteto que o rei Hirão mandou a Salomão para auxiliar na edificação do templo (1Rs 7.13; 2Cr 2.13).

hissopo. Palavra adotada do hebreu. Provavelmente é a manjerona, um pequeno arbusto que tem cerca de 45 cm de altura, com hastes retas, largas e folhagem, além de grandes espigas de pequenas flores. Tem um aroma picante e nasce em muitos lugares, até mesmo nos muros (1Rs 4.33). (V. tb. Êx12.22; Lv 14.4; Jo 19.29; Hb 9.19.) Como as hastes da manjerona, e muito mais da alcaparra, são muito flexíveis. Entende- se que em Jo 19.29 a palavra "hissopo" é empregada por "hissos", a lança curta dos romanos.

Hobabe. *Querido.* Sogro ou cunhado de Moisés. Em Nm 10.29, é chamado de filho de Reuel, identificado com Jetro em Êx 2.18 (cp. 3.1). As palavras de Jz 4.11 são em favor da identificação de Hobabe com Jetro.

Hodavias. *Louvai a Jeová.* 1. Descendente da casa real de Judá (1Cr 3.24).
2. Homem da tribo de Manassés (1Cr 5.24).
3. Um benjamita (1Cr 9.7).
4. Um levita fundador da família dos benehodavias (Ed 2.40). Em Ed 3.9, é chamado de Judá, e em Ne 7.43, de Hodeva.

Hofni. *A cavidade da mão* (?). Filho de Eli, o sumo sacerdote. Ele e seu irmão, Fineias, são chamados de "filhos de Belial", por seu péssimo comportamento (1Sm 2.12). Desonraram seu santo ministério com odiosos roubos e cobiças. Deus anunciou, por meio do menino Samuel, a destruição da casa de Eli (1Sm 3.11,12), sendo Hofni e Fineias mortos em uma batalha contra os filisteus (1Sm 4.4,11,17).

Hofra. V. FARAÓ.

holocausto. Palavra original derivada da raiz que significa "ascender" e aplicada à oferta inteiramente consumida pelo fogo, cuja fumaça subia até Deus. Uma descrição detalhada dos holocaustos encontra-se nos primeiros capítulos de Levítico. Pertenciam à classe dos sacrifícios expiatórios, isto é, eram oferecidos como expiação dos pecados que os ofertantes tinham cometido. Eram, também, sacrifícios de ação de graças e, finalmente, ato de adoração. Os altares para holocaustos eram invariavelmente edificados com pedras inteiras, à exceção daquele feito para acompanhar os israelitas pelo deserto, que era coberto de chapas de cobre. V. ALTAR. Os holocaustos, bem como as ofertas de manjares e as ofertas de paz, eram sacrifícios voluntários. Por outro lado, os sacrifícios pelos pecados eram obrigatórios e tinham de ser apresentados de maneira uniforme e sistemática, como estabelece Lv 1—3. Os três primeiros (holocaustos, ofertas de manjares e as ofertas de paz) geralmente demonstram homenagem, dedicação própria e ação de graças. Já os sacrifícios pelos pecados tinham a ideia de propiciação. Os animais para holocaustos podiam ser quadrúpedes, do rebanho ou da manada que servissem para alimento, ou aves. Contudo, se eram novilhos, carneiros ou rolas, tinham de ser machos sem defeito e deveriam ser inteiramente queimados. Seu sangue deveria ser derramado sobre o altar, e as suas peles, dadas aos sacerdotes para vestuário. Havia holocaustos de manhã e de tarde. Eram especialmente oferecidos todos os sábados e também no primeiro dia de cada mês, nos sete dias dos pães asmos e no Dia da Expiação. O animal era apresentado pelo ofertante, que punha nele a sua mão e depois o matava; o restante cabia ao sacerdote. Realizavam-se holocaustos nos atos de consagração dos sacerdotes, levitas, reis e lugares; e na purificação de

mulheres, dos nazireus e dos leprosos (Êx29.15; Lv 12.6; 14.19; Nm 6; 1Rs 8.64). Antes de qualquer guerra, também se ofereciam holocaustos e, em certas festividades, ao som das trombetas.

homem. 1. As principais palavras traduzidas por "homem" no AT são: a) *Adam* (Gn 1.26): também um termo coletivo, que se emprega "por humanidade" e que se distingue de Deus. b) *Ish* (Gn 2.24): indivíduo do sexo masculino. c) *Enosh* (Gn 6.4): raça humana, como seres mortais. d) *Geber* (Êx10.11): homem na sua robustez.
2. No NT, as principais palavras são:
a)*Aner* (Lc 1.27): homem de idade madura.
b) *Anthropos* (Mt 4.4): homem em oposição a animal.

homem da iniquidade. Somente em 2Ts 2.3. V. ANTICRISTO.

homicida. Foi ordenado aos filhos de Israel que escolhessem seis cidades para refúgio, três de cada lado do Jordão, a fim de que os assassinos pudessem ir para lá, fugindo do vingador de sangue. Contudo, se o ato fosse cometido com intenção, o assassino deveria ser entregue ao vingador, mesmo que tivesse ido para junto do altar de Deus (Êx 21.14; Nm 35; 1Rs 2.29-34). Quando o sumo sacerdote morria, o homicida podia deixar impunemente a cidade de refúgio. V. CIDADE DE REFÚGIO.

Hor. 1. Montanha na fronteira de Edom, geralmente identificada com Jebel Nebi-Harun, a sudeste de Petra. Alguns preferem identificá-la como Jebel Madeira, a noroeste de Edom. Foi uma das estações dos israelitas quando peregrinavam pelo deserto. Ali morreu Arão, e Hor foi sua sepultura (Nm 20.22-29; 21.4; 33.37-41; Dt 32.50).
2. Projeção montanhosa em forma de espora, do lado nordeste do Líbano, servia de limite para o território dos israelitas, embora não fosse realmente ocupado (Nm 34.7,8).

hora. Os antigos contavam o tempo do nascer ao pôr do sol. O dia era dividido em doze horas, mais longas ou menos longas de acordo com a estação do ano. Assim, a hora do verão era maior do que a hora do inverno. A divisão do dia também podia ser feita em três partes: manhã, meio-dia e tarde (Sl 55.17). Entre os hebreus, dividia- se a noite em primeira, segunda e terceira vigílias (Jz 7.19); mas, entre os romanos, eram quatro as vigílias, assim como no NT (Mc 13.35). No NT, também há divisão do dia em doze horas ou períodos (Mt 20.1-10; Jo 11.9; At 23.23) que começavam ao nascer do sol. V. TEMPO. Em muitas passagens, emprega-se o termo "hora" para exprimir uma curta duração de tempo, ou uma determinação de tempo (Dn 3.6,15; 4.33, ARC; Mt 8.13; 10.19). A expressão "na mesma hora" significa "imediatamente" (Dn 5.5; At 16.18).

Horebe. *Uma terra deserta.* Mesmo monte sagrado que o Sinai. Local onde Moisés viu a sarça ardente (Êx3.1), onde a rocha foi ferida para dar água aos israelitas (Êx 17.6) e onde os israelitas acamparam por onze meses e receberam a Lei (Dt 1.2ss; 4.10-15; e cap. ss). Local em que os hebreus provocaram o Senhor fazendo e adorando o bezerro de ouro (Êx33.6). Horebe não é mencionado no NT. V. SINAI.

horeus. *Habitantes da caverna.* Habitantes antigos do monte Seir, aliados dos emins e refains (Gn 14.6). Tinham seus príncipes e eram poderosos antes de Esaú conquistar o seu país. Os horeus e os edomitas parecem ter sido um só povo algum tempo depois (Dt 2.12,22; Jz 5.4).

Provavelmente os mesmos que os heveus. Talvez hoje sejam os hurrianos, espalhados desde a Média até o mar Vermelho antes de 1500 a.C.

Hormá (TB), Horma. *Consagrado* ou *um asilo.* Cidade real dos cananeus conquistada por Josué (Nm 21:3) e cedida a Simeão. Chamava-se Zefate em tempos primitivos (Jz 1.17). Até ali, chegaram os israelitas que tencionavam ocupar a terra prematuramente (Nm 14.45; Dt 1.44). Local exato não identificado.

hortelã. Diversas espécies dessa planta usada como condimento são cultivadas na Palestina. A única menção feita a essa planta na Bíblia é uma referência à escrupulosidade ostentosa e hipócrita dos fariseus, quando pagavam o dízimo até das menores plantas de seus jardins (Mt 23.23; Lc 11.42).

Hosama. *O Senhor já nos ouviu.* Um dos filhos de Jeconias ou Joaquim, rei de Judá (1Cr 3.18). Nada é citado sobre os filhos de Jeconias quando se descreve sua prisão por Nabucodonosor, embora sejam mencionadas suas mulheres e sua mãe. Deve-se notar que Jr 22.30 não é uma predição de que nenhum deles seria rei.

Hosana. *"Salva-nos, te pedimos".* Saudação de numerosas pessoas que viram o Salvador passar na sua entrada triunfal em Jerusalém. Forma de louvor muito conhecida entre os judeus (Mt 21.9,15; Mc 11.9,10; Jo 12.13). O Sl 118, do qual foi tirada a exclamação *hosana*, era familiar aos israelitas, mesmo às crianças, pois os v. 25 e 26 eram recitados na Festa dos Tabernáculos, quando o grande *Hallel* (Sl 113—118) também era cantado por um dos sacerdotes. Em certos intervalos, as multidões agitavam seus ramos de salgueiro e palmeira, gritando *hosana* ou *aleluia*. No decorrer do tempo, os ramos de salgueiro se chamaram *hosanas,* e o sétimo dia da festa era denominado *a grande hosana.*

hospitalidade. Conceder hospitalidade é um dever reconhecido tanto no AT como no NT. Era uma virtude patriarcal (Gn 18.3) prescrita na Lei (Lv 19.33,34); implicava responsabilidade pela segurança do hóspede (Gn 19.6-8); sua violação tinha mais importância do que um caso simplesmente pessoal (Jz 19 e 20). Ser hospitaleiro é um dever cristão (Rm 12.13; Hb 13.2; 1Pe 4.9), especialmente no caso de um bispo ou superintendente (1Tm 3.2). As circunstâncias da igreja primitiva tornavam os cristãos particularmente dependentes de tal auxílio.

Hulda. *Doninha.* Profetisa que foi consultada pelo rei Josias (2Rs 22.14; 2Cr 34.22). V. HILQUIAS.

Em 2Rs 22.14, Hulda habitava em Jerusalém, na parte mais baixa da cidade.

humildade. Uma humilde disposição espiritual. O paganismo não tinha nenhuma palavra para significar a graça e a beleza da humildade. Os termos correspondentes significavam fraqueza e baixeza da alma. A humildade é preciosa aos olhos de Deus (1Pe 3.4); revela que mais graça será dada a seu possuidor (Sl 25.9; Tg 4.6); conserva a alma tranquila e contente (Sl 69.32,33); e gera paciência e resignação nos momentos de grandes infelicidades (Jó 1.21). Jesus nos deu o grande exemplo de humildade (Fp 2.6-8). As maiores promessas de felicidade são feitas aos humildes (Sl 147.6; Is 57.15; Mt 5.5; 1Pe 5.5).

Hur. *Branco.* 1. Homem que, com Arão, sustentava as mãos de Moisés em Refidim (Êx17.10). Ele e Arão foram encarregados da direção do povo enquanto Moisés estava no monte Sinai (Êx 24.14). Segundo a tradição judaica, era o marido de Miriã.
2. Filho de Calebe e Efrate (1Cr 2.19,20). Pertencia à ilustre família dos Peres e tinha três

filhos, que fundaram as cidades de Quiriate-Jearim, Belém e Bete-Gader. Depois de Hur, na linha direta, veio Salma ou Salmom (Rt 4.20), chamado de "pai dos belemitas", cujo filho foi Boaz, progenitor direto de Davi (1Cr 2.51,54; Rt 4.21). Contudo, o próprio Hur algumas vezes também é chamado de pai de Belém (1Cr 4.4, AEC). Para mais informações, v. tb. Êx 31.2; 35.30; 1Cr 2.19,50; 4.1.

3. Rei de Midiã, morto com Balaão (Nm 31.8).

4. Um dos provedores de Salomão no distrito do monte Efraim (lRs 4.8).

5. Pai de Refaías, que ajudou Neemias na reparação dos muros de Jerusalém (Ne 3.9).

I

Ibleã(TB), Ibleão. Cidade de Issacar (Js 17.11) cedida a Manassés, da qual não foram expulsos seus habitantes (Jz 1.27). Provavelmente é a mesma que Bileã (TB) ou Bileão (1Cr 6.70). Acazias foi ferido perto de Ibleã quando fugia de Jeú (2Rs 9.27).

Icabode (TB), Icabô. *Nenhuma glória.* Filho de Fineias, neto de Eli, o sumo sacerdote. Foi chamado assim porque, na ocasião do seu nascimento, sua mãe soube da terrível notícia da perda da arca da aliança e da morte de seu sogro, além da perda de seu cunhado e seu marido no combate com os filisteus. O abalo foi tão grande que ela também morreu (1Sm 4.19-22; 14.3).

Icônio. Capital da Licaônia visitada por Paulo (At 13,14,16.2; 2Tm 3.11). Licaônia era o planalto no centro da Ásia Menor. Icônio era importante por estar situada na linha direta da comunicação entre Éfeso, Antioquia e o Eufrates. Essa localização da cidade, por onde passavam estradas militares romanas, fez de Icônio um bom lugar para trabalhos missionários. É a moderna Konya. V. PAULO, BARNABÉ, ANTIOQUIA.

Ido. *Amado.* 1. Um provedor de Salomão (1Rs 4.14). 2. Um descendente de Gérson, o levita (1Cr 6.21), citado no v. 41 como Adaías. 3. Filho de Zacarias, da tribo de Manassés (1Cr 27.21). 4. Profeta e vidente que acusou Jeroboão, filho de Nebate (2Cr 9.29). O escritor Josefo julga que foi ele o profeta morto por um leão (cf. 1Rs 13). As obras de Ido, das quais não há vestígio algum, constituíam uma coleção do historiador que fazia parte da literatura histórica e profética. (V. 1Cr 27.21; 29.29; 2Cr 12.15; 13.22.)

idólatra, idolatria. Idólatra é o adorador de ídolos, e a idolatria é o culto que lhes é prestado. No AT, o pecado da idolatria é explicitamente condenado nos dois primeiros mandamentos (Êx 20.3-5), e seu castigo, no caso de transgressão nacional, está claramente determinado (Dt 4.15-28). Esse tipo de culto apareceu na idade patriarcal (Gn 31.19; 35.2); influenciava os israelitas no Egito (Êx 12.12; v. Js 24.14); foi praticado no deserto pelos hebreus (Êx 32.1-4); o povo teve a idolatria à sua frente ao entrar na terra prometida (Jz 2.3); tornou-se um terrível mal no tempo dos reis, especialmente no reinado de Acabe (1Rs 16.33); foi o motivo de o povo escolhido ser julgado por Deus (Am 5.26,27); e era tema frequente das denúncias proféticas. O pecado da idolatria era, sob a Lei, castigado com a morte, quer fosse individual (Êx 22.20), quer fosse de uma comunidade (Dt 13.12-16), e o instigador da idolatria era tratado com igual severidade (Dt 13.6-11). No NT, a avareza também é considerada idolatria (cp. Cl 3.5 com Mt 6.24). Entretanto, a idolatria em si sempre inquietou os convertidos ao cristianismo (At 15.20; 17.16), pois tinham de ser guiados com respeito à convivência com os idólatras (1Co 5.10) e comida oferecida aos ídolos exposta para venda (At 15.29; 1Co 8.1). Quando o cristianismo se tornou dominante na Europa, a idolatria foi proibida por lei, no ano 324 d.C., pelo imperador Constantino Magno e, no ano 392, sob o governo do imperador Teodósio.

ídolo. A palavra "ídolo" vem do grego *eidólon* e significa "imagem". É a representação de uma divindade que se torna objeto de culto, usurpando o lugar de Deus e recebendo a adoração ou o culto que só a ele é devido. 1. No AT, as palavras empregadas com mais frequência para

significar um ídolo ou imagem são: a) *Tselem,* imagem (cp. Gn 1.26 com Ez 16.17; Dn 3.1), b) Pesel, imagem de escultura (Êx 20.4), c) *Massekah*, imagem de fundição(Êx 32.4), d) *Matstsebah*, pedra sagrada (cp. Êx23.24; 2Rs 3.2 com Gn 28.18), e) *Gillulim*, significado incerto, mas provavelmente um termo de desprezo, empregado livremente por Ezequiel ao tratar dos ídolos (v. 6.4ss), f) Elil, termo de desprezo, provavelmente implicando falta de poder (cf. Sl 96.5), g) Atsab, figura (v. Sl 115.4), ou causa de dor, h) Teraphim, deuses domésticos ou pessoais (Gn 31.19; Jz 17.5). Em alguns casos, os ídolos eram feitos, inteiramente ou em parte, de prata ou ouro (Êx 32.3,4; Is 2.20). Havia fabricantes regulares de ídolos (Hc 2.18,19). Os ídolos eram postos nos templos e também em casas (Jz 17.5; 1Sm 5.2). Sacrifícios e presentes eram oferecidos a eles (Os 2.8; 4.13).

2. No NT, os ídolos são uma característica especial da vida religiosa dos gentios. Os que se convertiam à fé cristã os abandonavam (1Ts 1.9) e tinham de ser cuidadosos para não se manchar com os costumes idólatras (At 15.29). Alguns doutrinadores da igreja primitiva consideravam a profissão de fazer ídolos ato igual a lhes prestar culto (Tertuliano, De idol., c. 6). V. IDÓLATRA, IDOLATRIA, IMAGEM.

ídolos do lar. Imagens que, algumas vezes na sua forma e grandeza, eram como homens e estavam relacionados com ritos de magia (1Sm 19.13-16). Eram objetos de idolatria em uso nos cultos domésticos (Gn 31.19,30; Jz 17.5; 18.14-20); foram consultados pelos israelitas como oráculos (Zc 10.2) e pelos babilônios, no caso de Nabucodonosor (Ez 21.21).

Idumeia. Forma grega de Edom. V. EDOM (Mc 3.8).

igreja. Quando Jesus Cristo se une ao pecador, estabelece-se naturalmente uma relação de fraternidade entre aqueles que estão em comunhão com Cristo. Uma reunião de crentes é, portanto, produto da obra redentora do Salvador, é a união de todos os que estão em direta relação com ele próprio. É designada de várias maneiras no NT. Contudo, seu título mais importante e característico atualmente é "igreja", que ocorre mais de cem vezes no NT. A palavra grega traduzida por "igreja" (*ecclesia*) significa uma assembleia ou congregacão, e por este termo se acha vertida na Bíblia de Lutero.

Quando começou a igreja? Geralmente se fala do dia de Pentecostes como o nascimento da igreja, porque foi a primeira vez que os crentes constituíram um corpo espiritual pela presença íntima do Espírito Santo. Entretanto, em certo sentido, a Igreja cristã começou realmente quando dois dos discípulos de João Batista, ouvindo seu mestre falar do Cordeiro de Deus, uniram-se a Jesus (Jo 1.37). Além disso, já havia a igreja ou congregação judaica por todo o tempo do AT. O termo "igreja" encontra-se pela primeira vez nos lábios do Salvador em Mt 16.18 e, logo depois, em Mt 18.17, únicas ocasiões em que a palavra é mencionada nos Evangelhos. Isso mostra a intenção de Jesus em fundar uma sociedade de caráter permanente.

Como começou a igreja? Utilizando o dia de Pentecostes como uma ilustração típica, pode-se dizer que a igreja começou pela aceitação da Palavra de Deus, pregada pelo apóstolo Pedro. Desse modo, os crentes ficaram unidos a Cristo e uns aos outros nele. A ordem precisa dos acontecimentos deveria ser cuidadosamente observada: Cristo era pregado, depois era aceito pela fé, em seguida os crentes arrependidos se filiavam à igreja. Havia determinado contato de cada crente com Deus, pela obra da fé no que diz respeito ao homem, e pela operação do Espírito Santo no que diz respeito a Deus. Em seguida, vinha o ato ministerial do batismo. A

narrativa de At 2 apresenta uma ideia da igreja em suas linhas essenciais no NT. *Qual a razão da existência da igreja*? Geralmente, para glorificar a Deus (Ef 3.10; 1Pe 2.9); especialmente para manter a fraternidade entre os cristãos; para dar testemunho ao mundo em nome de Cristo; e para maior extensão dos princípios evangélicos. Dessa forma, a igreja satisfez o instinto social ao mesmo tempo que proveu os meios a serem empregados para estabelecer o cristianismo no mundo. Nisto está o grande valor da igreja: ao passo que cada cristão é salvo pela união com Cristo, é também santificado, não isoladamente, mas em associação com outros cristãos. O lar, a escola, a aldeia, a vila, a cidade e o país são ilustrações da vida social que tem sua expressão religiosa na igreja.

O termo "igreja" possui três acepções diferentes no NT, embora estejam associadas. O mais antigo emprego da palavra refere-se aos cristãos de uma casa ou cidade, isto é, aos cristãos de um só lugar. Em seguida, nota-se um sentido mais vasto, um agregado de igrejas por certo tempo em diferentes lugares (1Co 10.32; 12.28). O significado do termo se amplia até abranger, de modo universal, os cristãos de todos os tempos e lugares, constituindo o "Corpo de Cristo" (At 20.28; Ef 1.22; Cl 1.18). A igreja deve, portanto, ser encarada nos seus aspectos de vida interior e exterior, distinção feita algumas vezes por meio dos termos "invisível e visível". Assim, a igreja é considerada conforme sua cabeça espiritual ou organização terrena; ou conforme sua vida espiritual e existência temporal. A igreja é invisível por respeitar seu chefe divino e sua vida espiritual, mas é visível em relação àqueles que a formam. Os dois aspectos, quando relacionados, nem sempre se harmonizam com exatidão. Uma pessoa pode pertencer à igreja visível sem pertencer à igreja invisível, ou seja, pode ser membro da sociedade exterior sem que isso signifique união espiritual com Cristo.

Como a vida da igreja tomou diversas formas na sua existência de 21 séculos, somente é aceito como absolutamente necessário para o seu bem-estar o que está no NT. Cabe ressaltar que nunca se empregou o termo "igreja" no NT para significar um edifício, mas sempre em relação aos crentes em Jesus Cristo. Se buscarmos uma estrita exatidão, evitaremos a expressão "igreja de Cristo", pois o singular nunca é usado, mas sim o plural "igrejas de Cristo". É, também, muito importante ter em vista a ideia da igreja universal como inicialmente espiritual, sendo mais um organismo do que uma organização. Na Epístola aos Efésios, essa ideia espiritual da igreja é predominante, e deveríamos ser orientados por ela a respeito da igreja local, da universal e do ministério. A verdadeira doutrina da igreja pode ser resumida nas palavras bem conhecidas: "Onde está Cristo, ali está a sua igreja". Caso nos perguntem: "Onde está Cristo?", a resposta deve ser: "Cristo está onde opera o Espírito Santo, porque somente este de fato apresenta Cristo aos homens". Ainda, se formos interrogados de outra maneira: "Onde está o Espírito Santo?", a resposta é óbvia: "O Espírito Santo se mostra pela sua graça e poder na vida das pessoas".

Devemos ter muito cuidado em não dar valor excessivo à posição e importância da igreja. A expressão "por meio de Cristo para a igreja" é inteiramente certa; "da igreja para Cristo" é certa somente em parte. Nunca devemos pôr a igreja entre o pecador e o Salvador; mas se, por outro lado, exaltarmos e honrarmos Cristo, a igreja sempre terá seu próprio lugar e será apreciada como deve ser.

Devemos, também, ser cuidadosos em não depreciar a posição da igreja. O cristão precisa da igreja para aquilo que está relacionado com o culto — a fraternidade, a evangelização e a

edificação. Devemos cultivar a unidade e a fraternidade da igreja da maneira mais proveitosa, a fim de se realizar o propósito divino: "Para que, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus se torne conhecida agora dos principados e potestades nos lugares celestiais" (Ef 3.10).

ilha. A palavra hebraica que é traduzida por "ilha" na Bíblia significa terra habitável, geralmente terras distantes. Desse modo, em Gn 10.5, "as ilhas das nações" refere- se tanto ao litoral como às ilhas do mar Mediterrâneo. Contudo, em Ez 26 e 27, as ilhas (terras do mar, ARA) são os países distantes com os quais a cidade de Tiro tinha comércio, tanto para o leste como para o oeste, incluindo talvez a África Oriental e a Índia (27.15). O texto de Is 20.6 refere-se às terras marítimas de Canaã.

As "ilhas do Mar" são geralmente as ilhas e praias do Mediterrâneo Ocidental.

Ilírico. Província romana da costa leste do mar Adriático, que separa a Grécia da Itália. Fica a noroeste da Macedônia e foi onde Paulo realizou trabalhos (Rm 15.19). Era dividida pelo rio Drilo. Esse país compreendia a Dalmácia (2Tm 4.10), que deu seu nome a toda a região desde Épiro até as terras da Itália. Atualmente, pertence aos seguintes países: Sérvia, Montenegro, norte da Albânia, Bósnia-Herzegovina e Croácia.

imagem. Representação artificial de alguma pessoa ou coisa, usada como objeto de adoração. Nesta última circunstância, é sinônimo de ídolo. Mica, da tribo de Efraim, mandou fazer uma imagem de prata (Jz 17.3,4). Além disso, persuadiu um levita a ser seu sacerdote. A imagem era consultada como oráculo, e foi instalada publicamente junto dos danitas. O neto de Moisés tornou-se seu sacerdote, cargo que continuou a ser exercido na sua família (Jz 18.4-6,14-31). Gideão também fez uma estola sacerdotal com o ouro tirado do inimigo e a colocou em Ofra (Jz 8.24-27). Essa estola tornou-se um ídolo que trouxe grande mal a Israel e Gideão.

imortalidade da alma. 1. *Nos autores não cristãos*. Heródoto, historiador grego que viveu alguns séculos antes de Cristo, diz que os egípcios foram os primeiros a ensinar sobre a imortalidade da alma humana. Logo depois, Platão ensinou ao mundo grego a mesma verdade, dizendo ter aprendido essa doutrina de outro filósofo, Pitágoras. Platão baseou uma boa porção dos seus ensinamentos morais nesta grandiosa crença: ser bom ou ser mau determina o futuro da alma. O filósofo ainda descreve, de modo original, os tormentos dos maus e a felicidade dos bons. 2. Nas Escrituras Sagradas, pouco está escrito, se alguma coisa há, a respeito da origem ou permanência da alma humana. "O Senhor Deus [...] lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente" (Gn 2.7). A alma vem de Deus, dada ou criada. Quanto à vida futura, a Escritura claramente nos ensina que a alma do homem vive depois da morte do corpo, ou seja, a consciência humana sobrevive à separação da alma e do corpo. Abraão, Isaque e Jacó estão mortos, mas a sua personalidade subsiste, sendo isso o que o divino Mestre parece sustentar (Mt 22.31,32) em prova da ressurreição. A vida eterna e a morte eterna parecem sempre implicar estados conscientes; não há uma palavra que nos dê a sugestão de inconsciência. Fala-se da morte, isto é, da morte do corpo, como um sono; então morte significa "estar com Cristo", o que requer uma consciente personalidade. Nunca se lê na Bíblia que o homem foi criado imortal e que, separado do pecado, a sua vida seria para sempre; mas não faltam passagens em que se acha representado um estado futuro, em que bons e maus têm uma parte consciente, existindo esse estado para sempre. O conhecimento do NT torna clara esta doutrina, e é impossível citar mais do que passagens típicas como a parábola do rico e

Lázaro, o rei e a festa nupcial (Mt 22.1), os talentos (Mt 25.14). V. tb. Mt 10.22,32; 26.64; Lc 9.26. V. ETERNA, VIDA.

Império Romano. V. ROMANO.

impigem. Doença de pele, que desqualificava o descendente de Arão para servir no templo (Lv 21.20). Para o sacrifício, não se podia oferecer coisa alguma que tivesse impigens (Lv 22.22).

imundo. Sob a Lei de Moisés, certos atos e condições acarretavam impureza. Então, era necessária uma purificação cerimonial ou sacrifício próprio. O "estar imundo" podia provir do parto (Lv 12); da lepra (Lv 13.14); de certas emissões (Lv 15); de contato com os mortos (Nm 19.11-22; 31.19,20) ou com o corpo de um animal limpo que morresse de alguma doença (Lv 11.39,40; 17.15,16; 22.8); e de certos atos no sacrifício da novilha vermelha (Nm 19.1-10). Logo que se observava a impureza, algumas formas de purificação eram providenciadas (Lv 11.24,25,28,39,40; 15.5,8,21; Nm 19.11,22). Quando alguém imundo não reconhecia seu estado e, por isso, não buscava a purificação, precisava oferecer um sacrifício de expiação do pecado. Na vida judaica posterior a Moisés, o significado espiritual dos ritos de purificação em inúmeras formalidades era imenso (cf. Mc 7.2-8). V. ALIMENTAÇÃO IMUNDA.

incensário. Pequeno vaso de metal, próprio para receber os carvões em chama do altar. O sacerdote punha o incenso nele e o conservava em suas mãos (2Cr 26.19; Lc 1.8,9).

incenso. Substância seca, resinosa, aromática, de cor amarela, de gosto amargo e picante, mas externamente odorífera. A goma é extraída por incisão na casca de uma árvore cultivada na Arábia e Índia. O nome de incenso também é dado à fumaça que se eleva pela queima da goma aromática. Há duas palavras hebraicas traduzidas por incenso: uma se refere espécie da goma; a outra, fumaça que sai do sacrifício e do incensário. O incenso era oferecido, juntamente com outras ofertas (cf. Lv 2.1), sozinho sobre o altar do incenso (Êx 30.1-9) ou em um incensário (Lv 16.12; Nm 16.17). A preparação do incenso está descrita em Êx30.34-38; e as ocasiões cerimoniais para queimar o incenso, em Êx30.7,8, assim como o Dia da Expiação, em que o incenso era posto sobre o fogo (Lv 16.12,13). No NT, o incenso é mencionado somente em relação ao culto do templo (Lc 1.10,11), assim como em Ap 5.8; 8.3,4; 18.13. Os vapores aromáticos eram considerados símbolo da oração que sobe até Deus (Sl 141.2; Ap 5.8; 8.3,4), dando, de certo modo, uma ideia da perfeição de Deus pelos vários elementos que entravam na sua composição. Também era uma manifestação típica da intercessão de Cristo. Durante os quatro primeiros séculos da Igreja cristã, não há indícios do uso do incenso no culto cristão, embora isso fosse comum nos cultos pagãos. O uso do incenso em desinfecções apareceu mais tarde, constituindo depois um rito.

inclinar-se (ARC), prostrar-se. Curvar o corpo sempre foi uma forma comum de saudação, além de expressar respeito e reverência pela pessoa saudada e humilde deferência do saudador (Gn 24.26,48; 1Rs 1.53; 2.19). Jacó inclinou-se diante de Esaú sete vezes (Gn 33.3).

Índia. Embora a Índia seja mencionada apenas duas vezes na Bíblia, ambas no livro de Ester (1.1; 8.9), há outras provas de que, mesmo em tempos muito antigos, os judeus tiveram algum conhecimento desse país ou, pelo menos, de certas mercadorias vindas dele. Os gêneros eram trazidos em récuas de camelos através da Arábia ou pelo oceano Índico. A importação de produtos da Índia foi grande no reinado de Salomão. Diz-se que até o estanho era importado da Índia. A afirmação, em Et 1.1, de que o rei Assuero governava desde a Índia até a Etiópia fixa a

extensão do domínio persa no Oriente até o rio Indo. O nome hebreu *Hodu* é uma abreviação de *Honadu*, idêntico ao nome original e ao local do Indo-Hindu ou Sindu, o grande rio, e "Hapta Hendu". A Índia da Bíblia era o moderno Punjabe, não toda a península, e fazia parte do território conquistado por Alexandre, o Grande.

inferno. Há três termos no AT traduzidos por "inferno", além de uma forma verbal que em 2Pe 2.4 está assim interpretada: "precipitando-os no inferno". No AT, *Sheol* é traduzida por "inferno" (Dt 32.22), além de outras 34 ocorrências como sepultura ou inferno (cf. Gn 37.35; Nm 16.30). Contudo, *Sheol* significa o lugar para onde vão as almas dos mortos, sem distinção de bons e maus, de felicidade e sofrimento (cp. Sl 16.10 com Nm 16.30).

No NT, o nome "inferno" é, em dez lugares, uma tradução do grego *hades*. *Hades* geralmente corresponde a *Sheol*. O rico avarento (Lc 16.23) estava no *Hades,* onde também esteve Jesus (At 2.27). Entretanto, em Lc 16.23,26 parece haver uma separação de bons e maus. Assim, para o mau, *Hades* é um lugar de tormento, embora não seja o lugar final. O termo "inferno" é, em 12 passagens, uma tradução de geena, composto de duas palavras hebraicas, *Ge-Hinom*, "O vale de Hinom". Trata- se de um lugar perto de Jerusalém onde crianças eram cruelmente sacrificadas no fogo ao deus Moloque, ídolo dos amonitas (2Cr 33.6). Mais tarde, o mesmo lugar se tornou depósito de lixo e também se chamou Tofete (2Rs 23.10). (V. TOFETE.) *Geena* aparece nas palavras dirigidas aos judeus, que deveriam compreender a referência. Em Mc 9.43-48, é um lugar de castigo duradouro.

insígnia. Sinal ou símbolo militar. As palavras hebraicas empregadas nos diversos textos significam o estandarte de uma pequena divisão do exército (Nm 2.2; Sl 74.4) ou o símbolo especialmente usado como sinal de convocação do povo para fins militares, além de outros (Is 5.26; 11.10,12; 18.3; 30.17; 31.9).

A serpente de cobre foi levantada no deserto sobre uma haste como insígnia (Nm 21.9), caso que Jesus compara ao fato de ser ele próprio levantado (Jo 3.14). Assim, ele chama todos os homens a si, e os crentes o seguirão como a um estandarte (Jo 12.32). V. BANDEIRA, ESTANDARTE.

inspiração. A palavra deriva de *in spiro*, "soprar para dentro, insuflar". Na Bíblia, designa não somente Deus como autor da inteligência do homem (Jó 32.8), mas também a própria Escritura como "inspirada por Deus" (2Tm 3.16). Nesta última passagem, há claramente uma ação de Deus com o fim de transmitir seus pensamentos ao homem. Ainda que se fale primeiramente de inspiração no AT, o termo pode ser corretamente aplicado ao NT, pois também é considerado Escritura. A palavra que significa "sopro de Deus" indica a primária e fundamental qualidade que dá à Escritura caráter de autoridade sobre a vida espiritual. Assim, suas lições são proveitosas nos vários aspectos da necessidade humana.

A inspiração pode ser melhor entendida na própria *reivindicação da Escritura.* Os profetas do AT afirmam falar segundo a mensagem que Deus lhes deu. O NT requer essa autoridade divina para o AT. Harmoniosamente, fala-se, em toda parte da Escritura como a "Palavra de Deus". Designações como "as Escrituras", "os oráculos de Deus" (Rm 3.2), além de expressões como "está escrito", mostram claramente a sua proveniência divina. Soma- se a isso o fato de a autoria das palavras da Escritura ser atribuída a Deus (Mt 1.22; At 13.34) ou ao Espírito Santo (At 1.16; Hb 3.7). Assim, diz-se que os escritores falavam pelo Espírito Santo (Mt 2.15). Desse

modo, as próprias palavras da Escritura são consideradas de autoria divina (Jo 10.34,35; Gl 3.16) e suas doutrinas são designadas para a direção espiritual e temporal da humanidade em todos os tempos (Rm 15.4; 2Tm 3.16). O apóstolo Paulo reclama autoridade igual à do AT para suas palavras, pois são vindas de Deus. Do mesmo modo, o autor de Apocalipse muito claramente situa sua mensagem no nível das mais antigas Escrituras. A garantia da doutrina de as Escrituras Sagradas terem autoridade divina está no ensinamento a respeito do Espírito Santo, prometido aos discípulos de Cristo como seu Mestre e Guia (Jo 14.26; 16.13). Ao tratar-se propriamente da matéria da mensagem, é melhor usar o termo "revelação", cabendo "inspiração" para o método por meio do qual foi revelada. Por inspiração da Escritura, compreendemos a comunicação da verdade divina, única em grau e qualidade. Como os apóstolos eram inspirados para ensinar de viva voz, não podemos pensar que não foram inspirados para escrever. Por consequência, podemos considerar a inspiração um dom especial do Espírito Santo para os profetas do AT e para os apóstolos e seus companheiros do NT transmitirem a revelação de Deus como recebida.

É claro haver uma única inspiração na Escritura. Mas até onde se estende essa inspiração? Revelação é a manifestação dos pensamentos de Deus para direção da vida do homem. Se a vontade divina tem de ser conhecida e transmitida às gerações, deve ser corporificada em palavras. Para nos certificarmos dos pensamentos, é preciso estarmos certos das palavras. A inspiração deve, portanto, estender-se à linguagem. Em 2Pe 1.21, "os homens", e em 2Tm 3.16, "a Escritura", dizem-se inspirados. Na verdade, não poderíamos considerar os homens inspirados, mas não os seus escritos, porque a inspiração pessoal deve, necessariamente, exprimir-se pela escrita, pois tende a perpetuar-se. A vida estende-se por todo o corpo, e não podemos realmente fazer distinção entre o espírito e a forma, entre a substância e o molde. Todavia, a expressão "inspiração verbal" precisa ser cuidadosamente determinada contra qualquer noção errônea. A possibilidade de haver má compreensão faz muitos cristãos preferirem a expressão "inspiração plenária". A inspiração verbal não significa um ditado mecânico, como se os escritores fossem instrumentos meramente passivos: ditar não é inspirar. A inspiração verbal estabelece até que ponto vai a inspiração, estendendo-se tanto à forma como à substância. Assim, diz "o que é", e não "como é", pois o método de operação do Espírito Santo não nos é explicado, somente seu resultado é conhecido. Deus fez uso das características naturais de cada escritor e, por um ato especial do Espírito Santo, habilitou-os a comunicar ao homem, por meio da escrita, a sua vontade divina. Observa-se essa associação do divino e do humano em passagens como Mt 1.22; 2.15; At 1.16; 3.18; 4.25. A operação do Espírito Santo junta-se com a atividade mental do escritor, operando por meio dele e o guiando. Ainda que não saibamos explicar como ocorre tal operação, conhecemos seus resultados. Certamente esse entendimento a respeito da inspiração refere-se somente aos escritos conforme saíram das mãos dos escritores originais. Como os originais não foram preservados, precisamos do auxílio de uma minuciosa crítica textual para nos aproximarmos o máximo possível do tempo e das circunstâncias dos manuscritos. Essa forma de compreender a inspiração pode ser justificada pelas seguintes considerações: a) O uso atual da Bíblia na vida e obra da igreja cristã, com acentuada autoridade no ensinamento verbal. b) Uma ponderada e sábia exegese em todos os tempos, mas especialmente em nossos dias. c) A busca pela Bíblia em todos os assuntos

controversos. d) A crença a respeito da inspiração nos tempos apostólicos e subapostólicos. e) O uso do AT pelos escritores do NT em 284 citações e expressões como "está escrito". f) Jesus Cristo se apoiou no AT para suas considerações (Jo 10.30-36). g) Os profetas e os apóstolos consideravam-se homens inspirados (2Sm 23.2; Jr 36.4-8; 1Co 2.13; 14.37). Além disso, é impossível limitar a inspiração à doutrina, considerando a história como sujeita às circunstâncias comuns, pois doutrina e história estão unidas de tal modo que não há como separá-las. A própria revelação de Cristo é a de uma pessoa histórica, sendo inseparáveis os fatos e as doutrinas que lhe dizem respeito. Deve-se lembrar, ainda, que o NT afirma que a história do AT é inspirada e foi escrita para nossa instrução (Rm 4.23,24; 15.4; 1Co 10.6,11). Como a Bíblia é uma autoridade para nós, assim devemos considerá-la, independentemente do método usado em sua inspiração, uma vez que o valor da autoridade realmente independe de todas as particularidades sobre como foi inspirada. A analogia entre Verbo encarnado e Palavra escrita auxilia no estudo da inspiração, pois ambos são divinos e também humanos, embora seja impossível dizer onde termina o divino e começa o humano em cada caso. Ambos os elementos estão ali, reais e inseparáveis, de maneira que, quer se trate de Cristo quer da Bíblia, podemos dizer que tudo é perfeitamente humano e tudo é absolutamente divino.

ira de Deus. A atitude de Deus para com o pecado e o pecador apresenta-se como sendo de ira (Êx 22.24; Sl 21.9). Usa-se "ira de Deus" para as distintas manifestações dos retos juízos de Deus (Rm 1.18; 3.5), especialmente em relação à"ira vindoura" (Mt 3.7; Lc 3.7; 1Ts 1.10). Os homens, por motivo da sua natureza pecaminosa, são "filhos da ira" (Ef 2.3).

irmão. A palavra "irmão" aparece com vários sentidos nas Escrituras. Há diversas ocorrências para: um parente próximo (Gn 29.12, TB, ARC); um sobrinho (Gn 14.16, TB, ARC); um indivíduo da mesma tribo (2Sm 19.12); uma pessoa da mesma raça (Êx 2.11); e, metaforicamente, qualquer semelhança entre pessoas (Lv 19.17; Jó 30.29; Pv 18.9). Também existem aplicações para irmão como um amigo, um companheiro de trabalho, um discípulo (Mt 25.40). Além disso, a palavra também era geralmente empregada pelos cristãos ao falarem dos que tinham a mesma crença religiosa (At 9.17; 22.13). Os judeus reservavam o termo "irmão" para distinguir um israelita, mas Cristo e os seus apóstolos estendiam a todos os homens o significado do nome (Lc 10.29,30; 1Co 5.11).

irmãos do Senhor. Aqueles citados em Mt 12.46; 13.55 e outras passagens como irmãos de Jesus seriam filhos de José e Maria? Segundo uma opinião formada por volta do século II pelo menos, esses "irmãos de Jesus" eram filhos de um primeiro matrimônio de José. Mais tarde, alguns críticos os consideraram primos do nosso Salvador. Contudo, podem ter sido filhos de José e Maria. Em todas as passagens dos Evangelhos, exceto uma, esses irmãos de Jesus são mencionados em associação com Maria. Se eles eram filhos mais velhos de José, Jesus não seria o herdeiro do trono de Davi segundo as nossas noções de primogenitura. Eles não acreditavam em Jesus desde o princípio da sua missão e até, segundo parece (Jo 7.5), depois que os apóstolos foram escolhidos. Assim, não puderam ser parte dos Doze, dos quais, na verdade, distinguem- se particularmente quando são vistos na companhia deles em um período posterior (At 1.14). Portanto, não devem ser confundidos com os filhos de Alfeu, embora tenham os mesmos nomes. V. TIAGO, EPÍSTOLA DE. Além disso, como as palavras "filho" e "mãe" são empregadas em Mt 13.55 no seu sentido natural e principal,

semelhantemente devem ser tomados os nomes "irmão" e "irmã", pelo menos até o ponto de excluir o termo "primo". O fato de os filhos de Alfeu, bem como os irmãos do Senhor, terem os nomes de Tiago, José e Judas nada prova, pois esses nomes eram muito comuns nas famílias judaicas. É estranho que esses irmãos não tenham sido lembrados quando Jesus confiou sua mãe ao cuidado de João. Entretanto, isso se explica pela razão de que a esse tempo eles ainda não criam em Cristo, pois a conversão deles parece ter ocorrido na aparição de Jesus a Tiago, depois da sua ressurreição (1Co 15.7).

Isabel. *Deus é uma promessa.* Esposa de Zacarias e mãe de João Batista (Lc 1.5). Descendia de Arão, e provavelmente recebeu esse nome como lembrança de Eliseba, mulher do sumo sacerdote. Foi mulher de elevado caráter e parente de Maria, mãe de Jesus (Lc 1.36).

Isaías. *Salvação do Senhor.* É chamado de "o mais ilustre dos profetas". Todavia, foi tão grande estadista quanto profeta, tomando parte ativa nos negócios públicos durante os reinados de Uzias, Jotão, Acaz e Ezequias. Nada se sabe a respeito de seu pai, Amoz (1.1; 2.1). A tradição de que Isaías foi condenado à morte por Manassés também é incerta. Era casado, e sua mulher foi apelidada por ele de "a profetisa" (Is 8.3). Tiveram dois filhos, dos quais nada se sabe, a não ser seus nomes simbólicos (Is 7.3; 8.3,4). Deve ter exercido sua missão de profeta durante um longo período de tempo: pelo menor tempo, passaram-se quarenta anos desde o último ano de Uzias (c. 740 a.C.; Is 6.1) até o ano em que Jerusalém foi liberta dos ataques de Senaqueribe (701 a.C.), quando o profeta desaparece da história. Os profetas Oseias e Miqueias foram contemporâneos de Isaías. Além do livro com seu nome, sabemos por 2Cr 26.22 que o profeta escreveu uma narração dos "atos de Uzias", mas tanto esse como outros escritos do profeta se perderam. A vida de Isaías está intimamente relacionada com as histórias de Samaria e Judá, principalmente com este reino, e deve ser estudada nessa relação.

Isaías, O Livro de. Os assuntos do livro podem ser divididos em sete seções: 1. Discursos de caráter geral, principalmente nos tempos de prosperidade e de corrupção nos reinados de Urias e Jotão. Demonstra os pecados do povo e faz ver, também, que com o arrependimento viria a misericórdia do Senhor. O cap. 6 relata o chamado do profeta, como uma justificativa para suas ameaças e promessas (cap. 1—6).
2. *O Livro de Emanuel.* Profecias ligadas à invasão de Judá pelas forças coligadas de Israel e da Síria, além das invasões dos assírios e dos avisos a Acaz contra seu desejo de procurar obter uma aliança com esse povo. Depois, são anunciadas as incursões dos assírios e a destruição dos seus exércitos, com promessas de uma salvação mais grandiosa (cap. 7—12).
3. *O Livro dos Pesos.* Calamidades anunciadas contra várias nações hostis ao Senhor e a seu povo. Entre esses inimigos, estava incluída a própria cidade de Jerusalém e um alto oficial do palácio do rei (cap. 22), porque estavam contaminados pelos pecados dos pagãos (cap. 13—23).
4. *O Apocalipse de Isaías.* Uma visão geral das operações divinas sobre o julgamento e a misericórdia, mostrando seus fins e resultados (cap. 24—27).
5. *Profecias*, principalmente as do tempo de Ezequias, que denunciam os pecados de Israel e Judá, mas com promessas de compaixão e de o peso das calamidades cair sobre os seus opressores (cap. 28—35).
6. Uma narrativa da invasão de Senaqueribe e da sua derrota, ilustrando as profecias precedentes. Há, ainda, outra narrativa sobre a vaidade de Ezequias e a consequente ameaça de

castigo, não faltando promessas consoladoras em seguida (cap. 36—39).
7. *A Grande Profecia da Restauração de Israel.* Uma prolongada revelação dos desígnios de Deus quanto à sua misericórdia para com o povo de Israel, tendo em vista especialmente o fim do cativeiro babilônico. Trata-se, na maior parte, de uma profecia contínua, mas pode ser dividida em três seções (cap. 40—66):
a) Os cap. 40—50 contêm uma defesa da divindade do Senhor, que há de se manifestar grandemente como Salvador do seu povo.
b) Os cap. 51—56.8 anunciam e descrevem a manifestação da salvação por meio do Messias, além do resultado maravilhoso da sua obra. c) Os cap. 56.9—66 expõem mais amplamente os resultados da obra da salvação na superioridade da igreja de Cristo sobre o antigo Israel nacional, em relação ao caráter, privilégios e destinos. *Citações no NT*: Há numerosas citações do livro de Isaías no NT, mais especialmente o cap. 53, que trata dos sofrimentos do Servo do Senhor que salva do pecado e da aflição. Esse capítulo está quase todo reproduzido no NT, sempre aplicado a Jesus Cristo. (Cp. v. 4 com Mt 8.17; v. 5,6 com 1Pe 2.24,25; v. 7,8 com At 8.32,33; v. 9 com 1Pe 2.22; v. 12 com Mc 15.28, Lc 22.37; Hb 9.28.)

Isaque. *Riso.* Filho de Abraão e Sara. Nome dado por sua mãe, porque, quando um anjo lhe anunciou que teria um filho, embora já tivesse passado da idade para isso, ela riu-se (Gn 18.10-12). Quando o menino nasceu, ela disse: "Deus me deu motivo de riso" (Gn 21.6). O nascimento de Isaque foi assunto de várias profecias e promessas, uma vez que Deus adiou o fato até Abraão e Sara já serem velhos, a fim de a fé dos seus servos ser testada pelo Senhor e tornar evidente que a criança era um dom de Deus, um filho da promessa (Gn 17.19). Isaque nasceu em Gerar (V. GERAR) quando seu pai já tinha 100 anos. Quando foi desmamado, seu irmão Ismael, filho de Agar, zombou dele (Gn 21.9). Mais tarde, esteve a ponto de ser sacrificado por seu pai, não fosse a intervenção de Deus (Gn 22.6-19). Casou aos 40 anos e teve dois filhos, Jacó e Esaú, de sua esposa e prima Rebeca. Estava já na meia-idade quando a fome o levou a Gerar, onde Deus lhe apareceu proibindo que fosse ao Egito. Nessa povoação, também repetiu o erro de Abraão, sujeitando-se à censura de Abimeleque ao declarar falsamente que Rebeca era sua irmã (Gn 26.7). Apesar da oposição dos filisteus, tornou-se um homem rico e edificou um altar ao Senhor em Berseba. Quando seu filho Jacó obteve sua bênção de modo enganador, Isaque o mandou para Padã-Arã (Gn 28.5), de onde ele voltou em prosperidade e com numerosa família depois de anos. Viveu até os 180 anos e foi sepultado em Macpela pelos seus filhos, na mesma sepultura em que ele e seu irmão Ismael depositaram o corpo de Abraão muitos anos antes. V. ABRAÃO, JACÓ E ESAÚ.

Isbosete, Is-Bosete (TB). *O homem de vergonha*. Seu primeiro nome foi Esbaal (1Cr 8.33; 9.39); mas a palavra baal (amo, senhor), inofensiva em si mesma, tornou-se tão associada à idolatria que os nomes com essa palavra foram modificados pelos escritores posteriores para bosete (vergonha, coisa vergonhosa). Assim, Meribaal é igual a Mefibosete; e Jerubaal é igual a Jerubesete. V. BAAL, ISI.

Foi o filho mais novo de Saul e sucessor ao trono de Israel. Quando Saul morreu, seu distinto general e parente Abner operou de tal maneira que Isbosete foi reconhecido rei em Maanaim por uma parte muito considerável de Israel (2Sm 2.8), enquanto Davi reinava em Hebrom sobre Judá. Isbosete tinha 40 anos quando subiu ao trono. Por dois anos, ele reinou em paz,

mas depois vieram tempos de tormento. Havia constantes contendas entre as suas forças e as de Davi, lutas que somente acabaram com sua morte. Foi o abandono de partido de Abner, ofendido por causa de uma falsa acusação (2Sm 3.7), que provocou o assassinato de Isbosete enquanto ele dormia. Assim, extinguiu-se a casa de Saul e se estabeleceu firmemente o reino de Davi sobre todo o povo de Israel e Judá. O assassinato foi efetuado em circunstâncias revoltantes por dois capitães de tropas, que esperavam ganhar as boas graças de Davi ao apresentarem a cabeça do seu inimigo ante ao rei. Contudo, estavam enganados, porque como recompensa tiveram uma morte cruel (2Sm 4.2-12). V. ABNER, BAANÁ, RECABE.

Iscariotes. *Homem de Queriote.* V. JUDAS ISCARIOTES.

Isi. *Meu marido*. Nome simbólico usado por Oseias para designar o povo de Deus quando os israelitas se convertessem. O nome é importante por ser um termo israelita com o significado de "meu homem", "meu marido", usado em substituição a "Baal", palavra cananeia com o mesmo sentido (Os 2.16). 1. Um descendente de Judá (1Cr 2.31).
2. Outro descendente de Judá (1Cr 4.20).
3. Um dos quatro simeonitas que levaram seus irmãos contra os amalequitas (1Cr 4.42).
4. Um chefe da tribo de Manassés (1Cr 5.24).

Ismael. *O Senhor me ouve.* 1. Filho de Abraão e Agar, a serva de Sara (Gn 16.11-16). Agar havia saído da casa de Abraão porque teve problemas com Sara, mas o anjo do Senhor lhe apareceu e ordenou que ela voltasse para junto de seus senhores. O anjo ainda revelou a Agar que ela teria um filho de Abraão, ao qual daria o nome de Ismael, e que ele seria um homem bravo e feroz, cuja "mão será contra todos, e a mão de todos contra ele". Obedecendo à ordem do anjo, Agar voltou para casa e teve Ismael treze anos antes do nascimento de Isaque. Anos mais tarde, Sara, irada por causa da zombaria de Ismael, induziu Abraão a expulsar de casa tanto o filho como a mãe (Gn 21.14). Então, Agar e Ismael andaram errantes pelo deserto de Berseba e foram miraculosamente salvos quando estavam na mais aflitiva situação. Agar ainda recebeu a promessa divina de que Ismael seria o pai de uma grande nação. Ela e o menino habitaram no deserto de Parã, onde Ismael se tornou um hábil arqueiro habituado à fadiga e às privações. Sua mãe o casou com uma egípcia, de quem ele teve 12 filhos (Gn 25.13) e uma filha, Maalate, ou Basemate, que casou com Esaú (Gn 28.9; 36.3). Os descendentes dos 12 filhos de Ismael formavam 12 tribos de árabes, algumas ainda com seus nomes. É interessante a observação de que Maomé afirmava ser descendente de Ismael em linha direta. Assim como Ismael esteve no funeral de Abraão com todos os outros filhos do patriarca, ele também foi sepultado na presença de todos os seus irmãos (Gn 25.17-18).
2. Um descendente de Saul por Meribaal (Mefibosete) (1Cr 8.38; 9.44).
3. Pai de Zebadias (2Cr 19.11).
4. Filho de Joanã, que ajudou Joiada a pôr Joás no trono de Judá (2Cr 23.1).
5. Um sacerdote do tempo de Esdras. Foi um dos 12 que foram obrigados a repudiar suas mulheres estrangeiras (Ed 10.22).
6. Filho de Netanias e assassino de Gedalias. Este Ismael parece ser descendente dos reis (Jr 41.1,2). A sua vil conspiração e a maneira infernal em que foi posta em prática estão descritas em 2Rs 25.23-25; Jr 40.8-16; 41.1-18. Ismael e seu partido foram perseguidos e vencidos por Joanã, que tomou suas mulheres, navios e eunucos. Entretanto, Ismael pôde escapar para as

terras de Amom com uma parte da sua companhia. Depois disso, deixa de ser mencionado na Bíblia. V. GEDALIAS.

ismaelita. Descendente de Ismael (Gn 37.25; Sl 83.6).

Israel. *Luta com Deus.* Novo nome dado a Jacó quando ele pedia uma bênção depois de ter lutado com Deus em Maanaim (Gn 32.28; Os 12.4). Depois é usado alternadamente com Jacó, embora com menos frequência. Primeiro, o nome era empregado para designar a família do patriarca, mas, depois que os hebreus se libertaram da escravidão egípcia, aplicavase de modo genérico ao povo das 12 tribos (Êx3.16). Mais tarde, porém, achamos a tribo de Judá excluída da nação de Israel (1Sm 11.8; 1Rs 12.16,17). Assim, desde que as tribos se revoltaram contra Roboão, Israel se tornou o Reino do Norte, e as tribos de Judá e Benjamim, com partes de Dã e Simeão, o Reino do Sul até a volta do cativeiro. Os que voltaram à sua pátria se tornaram Israel novamente, embora a maior parte deles fosse de judeus. Nos tempos do NT, o povo de todas as tribos era geralmente conhecido pelo nome de judeus.

Israel, reino de. Com o reinado de Salomão, a glória do reino unido de Israel acabou. Houve a revolta de dez tribos, causada pelo louco procedimento de Roboão (1Rs 12), embora já houvesse grande inquietação, principalmente em razão das enormes contribuições necessárias para manter a dignidade real. As dez tribos, sendo Efraim a principal, separaram-se das duas restantes e formaram o reino de Israel. As tribos de Judá e Benjamim foram as únicas que permaneceram fiéis à casa de Davi (1Rs 12.20,21). Todavia, a maior parte dos levitas e muitos tementes a Deus de todas as tribos aderiram, por fim, ao reino de Judá (2Cr 11.13-16). Jeroboão, o primeiro rei de Israel, da tribo de Efraim, subiu ao trono com coroação divinamente sancionada por meio do profeta Aías e com a promessa condicional de que o seu reino seria como o de Davi (1Rs 11.38), mas Jeroboão não tinha a fé nem a obediência de Davi (1Rs 12.15). Com o fim de preservar a independência do seu reino, organizou um corpo sacerdotal separado e estabeleceu o culto do bezerro em Dã e Betel. Esse sistema de idolatria tornou-se, até certo ponto, a religião nacional. O próprio rei é assim julgado na história: "Abandonará a Israel por causa dos pecados que Jeroboão cometeu, e pelos que fez Israel cometer" (1Rs 14.16). Desde então até Oseias, o 19º e último monarca dos israelitas, não houve um só rei que fosse livre da falha geral de depravação(2Rs 15.17). Onri (1Rs 16), famoso e poderoso entre as nações vizinhas, como atestam os monumentos, foi dos piores em caráter. Acabe (1Rs 16—22), filho de Onri, introduziu o culto ao deus fenício Baal em Israel, sob a influência de Jezabel, sua mulher, constituindo esse fato idolatria mais profunda que a de Jeroboão. Jeú, na verdade (2Rs 10.18-28), destruiu os profetas de Baal, e por sua obediência foi recompensado com largas bênçãos temporais. Contudo, ele "não teve cuidado de andar de todo o seu coração na lei do Senhor Deus de Israel, nem se apartou dos pecados de Jeroboão, que fez pecar a Israel". A nação seguiu na maldade os seus reis, com algumas exceções, mas foi preciso, nos dias de Elias, uma revelação direta para que fossem descobertas. Com uma população composta de centenas de milhares de indivíduos, apenas 7 mil são mencionados como não tendo dobrado o joelho perante Baal (1Rs 19.18).

Entretanto, Israel não estava sem avisos. Em cinquenta anos, apareceram, entre os profetas israelitas, Jeú, Miqueias, Elias e Eliseu. Os dois últimos operaram mais milagres do que qualquer outro profeta desde os tempos de Moisés e Josué. Alguns anos depois, vieram Jonas,

Oseias e Amós, que tiveram suas mensagens confirmadas por acontecimentos de justiça divina. A ruína dos dois últimos reis está diretamente relacionada com a política fatal das alianças feitas com os poderes do paganismo. Peca tinha procurado o auxílio de Rezim, rei da Síria, contra Acaz e, a princípio, tinha tirado vantagens. Acaz, na imitação da política do seu rival, pediu auxílio a Tiglate-Pileser (ou Pul), rei da Assíria, que incomodou terrivelmente os israelitas, levando para a Média as duas e meia tribos de além-Jordão e tornando tributário o resto do país. Esse foi o primeiro cativeiro de Israel. Dez anos mais tarde, Oseias apelou para Sô, rei do Egito (provavelmente Sobaco, o etíope, fundador da 25 adinastia), auxiliá-lo a não pagar o tributo; infelizmente, o rei Ezequias também fez parte desse grupo. Por essa revolta, Salmaneser, filho de Tiglate-Pileser, veio sobre Israel com um grande exército; Samaria caiu diante das forças de Sargão, sucessor de Salmaneser, e o Reino do Norte foi incorporado à Assíria. Esse foi o segundo cativeiro de Israel, que causou a despovoação da terra. O reino de Judá escapou porque o exército de Senaqueribe, filho de Sargão, foi miraculosamente destruído. Depois de conquistado, o território de Israel foi povoado por colonos vindos da região do Tigre e do Eufrates, que se uniram por casamentos recíprocos com o restante dos israelitas. Por fim, receberam o nome de samaritanos. Esse grupo atribuiu as devastações causadas pelos leões no país à cólera do "Deus da terra"; e, por seus apelos, o rei assírio mandou um sacerdote do Senhor para orientá-los. A religião deles era, a princípio, de várias espécies: "temiam o Senhor e ao mesmo tempo serviam a seus próprios deuses". Todavia, com as reformas de Josias, que se estenderam a Betel e aos distritos do Norte (2Rs 23.15; 2Cr 34.6,7), parece que o povo se submeteu à destruição de seus ídolos e adotou novamente a religião israelita. Esse fato também trouxe consigo novas complicações, segundo narra a história do país. Não se sabe o que aconteceu às dez tribos, mas parece que muitos israelitas voltaram à sua terra em diferentes períodos. Ciro dirigiu sua proclamação a todo o povo do Senhor (Ed 1.1-3); e alguns dos ritos ligados consagração do templo levam a crer que pessoas de todas as tribos estavam presentes. Além disso, parece que muitos israelitas se estabeleceram na Galileia e Pereia, muito tempo antes de Jesus Cristo (v. livro apócrifo 1Macabeus 5.9- 23). Contudo, é certo que no NT o nome israelita não se restringia às tribos do Norte, parecendo ter-se restaurado de algum modo a antiga nacionalidade.

israelitas. Descendentes de Jacó ou Israel. No NT, o nome nacional comum é judeu. Israelita é um termo que demonstra especial dignidade, um membro da teocracia e herdeiro das promessas (Jo 1.47; Rm 9.4; 11.1; 2Co 11.22). V. HEBREUS, JUDEUS.

Issacar. *O portador do salário.* 1. Quinto filho de Jacó e Lia. Sabe-se que ele teve quatro filhos, Tola, Puva, Jó e Sinrom (Gn 46.13), fundadores de famílias importantes na sua tribo, posicionados a leste do tabernáculo durante a marcha no deserto (Nm 2.5). Issacar ia com Judá e Zebulom à frente das tribos (Nm 10.15-16). As três tribos tinham um estandarte em comum, que possuía seus nomes e a figura de um leãozinho. A tribo de Issacar também foi uma das seis nomeadas para assistirem à cerimônia da maldição e da bênção no monte Gerizim (Dt 27.12). Apesar da desastrosa mortandade em Peor, a tribo de Issacar aumentou rapidamente em número durante a marcha para a terra prometida: no Sinai, eram 54.400 combatentes, e 145.600 no censo de Joabe (1Cr 7.2-5). Quando os israelitas chegaram à terra prometida, essa tribo recebeu algumas das melhores e mais férteis porções da terra ao longo da grande planície

ou vale de Jezreel, com a meia tribo de Manassés ao sul, Zebulom ao norte e o mar Mediterrâneo e o rio Jordão, respectivamente, formando seus limites a oeste e leste (Js 19.17-23). V. CANAÃ. Depois de se estabelecerem em Canaã, a ligação entre Judá e Issacar cessou quase inteiramente, mas se manteve perfeitamente até a dissolução do laço fraternal com Zebulom. A bênção de Jacó evidentemente tinha relação com a grande fertilidade da porção de Issacar na terra prometida. "Issacar é jumento de fortes ossos, de repouso entre os rebanhos de ovelhas. Viu que o repouso era bom, e que a terra era deliciosa; baixou os ombros à carga, e sujeitou-se ao trabalho servil" (Gn 49.14,15): uma descrição pitoresca de um povo agrícola que vive pacificamente, feliz com a fecundidade da sua terra, desejando pagar o tributo a seus violentos e saqueadores vizinhos do Norte. No tempo de Davi, grande número da tribo tinha se entregado a uma vida errante, tornando-se mercenários quando o seu auxílio era desejado (1Cr 7.1-5). Por vinte e seis anos, os reis de Issacar governaram o povo de Israel. V. BAASA, ZINRI, CANAÃ.

2. Um porteiro a serviço do tabernáculo durante o reinado de Davi (1Cr 26.5).

Itai. Um indivíduo natural de Gate, aparentemente banido, que se juntou a Davi com certo número de homens (2Sm 15.18,19). O belo procedimento de Itai, que se recusou a abandonar o rei quando ele fugia de Absalão, é comparável ao de Rute e Noemi (2Sm 15.19-22). Depois, ele aparece como capitão de um terço da força destinada a perseguir Absalão (2Sm 18.2,5,12).

Itália. Estado central do Império Romano, mencionado quatro vezes no NT (At 18.2; 27.1,6; Hb 13.24).

italiana, coorte. Certo número de soldados romanos (a 10ª parte de uma legião do exército romano ou aproximadamente 600 homens) parados em Cesareia, sendo Cornélio um dos seus seis centuriões (At 10.1). A "coorte chamada italiana" compunha-se de naturais da Itália, distinguindo-se do resto das tropas romanas, recrutadas das diversas províncias do império.

Itamar. Mais novo dos filhos de Arão (Êx 6.23). Ao lado de Eleazar, foi sucessor de Nadabe e Abiú, no sacerdócio (Êx 28.1; 38.21). No serviço do templo, Itamar cuidava do transporte das cortinas e tapeçarias, bem como dos pilares e das cordas (Êx 38.21). O seu descendente, Eli, tornou-se sumo sacerdote. Nenhum outro membro da família desempenhou o mesmo cargo. V. ELEAZAR, ELI.

Itureia. Antiga pequena província a nordeste da Palestina. Fazia parte dos governantes de Filipe (Lc 3.1), cujo nome era derivado de Jetur, o filho de Ismael, que a colonizou (Gn 25.15,16).

Iva. Cidade, talvez da Síria, mencionada em 2Rs 18.34 com Sefarvaim e Hena; e, em 2Rs 19.13 e Is 37.13, com Hamate também. Talvez seja a mesma povoação que Ava (2Rs 17.24), de onde Sargão, rei da Assíria, trouxe colonos para Samaria. É possível que Iva ou Ava seja o nome de um deus sírio. O significado da palavra ainda não está definido.

J

Jaaz, Jaza. *Um lugar pisado.* Foi palco de uma batalha decisiva, na qual os israelitas puseram em debandada os amorreus, comandados por Seom, tomando dessa forma posse da primeira porção da terra prometida (Nm 21.23; Dt 2.32; Jz 11.20). O lugar coube a Rúben e foi dado aos filhos de Merari (Js 13.18). Esteve sob a maldição dos profetas, como parte da terra de Moabe (Is 15.4; Jr 48.21,34). O sítio é desconhecido.

Jaaziel. *Confortado por Deus*. 1. Colaborador de Davi em Ziclague (1Cr 12.4). 2. Sacerdote que ajudou a levar a arca desde Obede-Edom (1Cr 16.6). 3. Um coatita (1Cr 23.19). 4. Levita que encorajou Josafá e seu exército em uma ocasião de perigo (2Cr 20.14). 5. O chefe de uma família que voltou da Babilônia com Esdras (Ed 8.5).

Jabal. Filho de Lameque e descendente de Caim. Ele habitava em tendas e possuía manadas e rebanhos, como os atuais beduínos (Gn 4.20).

Jabes-Gileade. Era a principal cidade de Gileade de Manassés, cujos habitantes foram mortos por não terem participado da guerra de Israel contra Benjamim (Jz 21.8-14). Saul defendeu a cidade contra os filhos de Amom, e ali foram sepultados aquele rei e seus três filhos (1Sm 11.1- 13; 31.11-13; 2Sm 2.4,5; 21.12; 1Cr 10.11, "Jabes de Gileade"). Em outras passagens bíblicas, chama-se somente Jabes. O seu nome se conservou na moderna povoação do uádi Yabes, que se une com o Jordão abaixo de Bete-Seã.

Jabez. 1. Cidade de Judá (1Cr 2.55). Ainda não está identificada. 2. Chefe da tribo de Judá. As letras do seu nome, quando transpostas (Jazeb), significam "Ele dá tristeza"; mas a bela oração de Jabez afastou o infortúnio sugerido por seu nome (1Cr 4.9,10).

Jabim. *Ele considera.* 1. Rei de Hazor. V. HAzor. Tendo receio de Josué, que já havia subjugado o sul de Canaã, Jabim formou uma aliança tanto ofensiva como defensiva com outros reis do Norte, entre o Jordão e o Mediterrâneo (Js 11.1). Josué derrotou os aliados em Merom e perseguiu- os "até a grande Sidom, e até Misrefote- Maim, e até ao vale de Mispa"(Js 11.8). Hazor foi tomada, e Jabim, morto. 2. Outro rei de Hazor. Ele oprimiu os israelitas pelo espaço de vinte anos, até que Sísera, seu general, foi derrotado por Baraque e Débora, nas faldas do monte Tabor (Jz 4.2-24).

Jabneel. *Deus edifica.* 1. Cidade na fronteira setentrional de Judá, que esteve em poder dos filisteus até que Uzias os expulsou dali (Js 15.11; 2Cr 26.6). Chamava-se Jâmnia no tempo dos macabeus e tem esse mesmo nome no Talmude. Está localizada a 21km ao sul de Jafa, e é modernamente chamada Yebna. 2. Cidade da fronteira de Naftali (Js 19.33). Localizava-se onde hoje está Yebna, na Galileia superior, a 11km ao sul de Tiberíades.

Jaboque. *Espalhado, murmurando.* Rio que nasce no platô oriental das montanhas de Gileade. Formava um dos limites da terra dos filhos de Amom (Jz 11.12-22). Na sua margem do sul, houve o encontro entre Jacó e Esaú (Gn 32.22). E foi perto do vau de Jaboque que o anjo lutou com Jacó (Gn 32.24).

jacinto. Essa pedra preciosa é mencionada em Ap 9.17; 21.20. As pedras conhecidas por esse nome, nos tempos modernos, são de várias cores avermelhadas. O verdadeiro jacinto é um baço

cristal encarnado, muito raro, que, polido, adquire um grande brilho; o seu peso específico é maior que o da granada. O hiacinto de Plínio, no século Id.C., era uma pedra azul, talvez a safira, e é a esta que João provavelmente se refere. No entanto, é mais provável que no peitoral do sumo sacerdote (Êx 28.19) se tratasse de uma pedra vermelha ou alguma de cor amarelada.

Jacó. *Suplantador.* O filho mais novo de Isaque e Rebeca. Na ocasião do seu nascimento, ele segurava na mão o calcanhar do seu irmão gêmeo, Esaú, e foi por causa disso que ele recebeu tal nome (Gn 25.26). Não devemos, porém, supor que esse nome fosse desconhecido antes desse fato, pois ele se encontra gravado em inscrições muito mais antigas. Jacó era dotado de temperamento meigo e pacífico, e gostava de uma vida sossegada e pastoril. Muito diferia do seu irmão, que amava a caça e era de caráter altivo e impetuoso. Quanto à predileção que tinha Rebeca por Jacó, e as suas consequências, V. ESAÚ. Foi por um ardil que Jacó recebeu do seu pai Isaque, já cego, a bênção que pertencia a Esaú por direito de nascimento. Esse direito de primogenitura já tinha sido objeto de permutação entre os irmãos, quando Jacó, aproveitando-se de certa ocasião em que Esaú estava com fome, tomou para si os privilégios e direitos de filho mais velho. (V. PRIMOGÊNITO.) Embora fosse desígnio de Deus que a sua promessa a Abraão haveria de realizar-se por meio de Jacó, os pecaminosos meios empregados por mãe e filho foram causa de tristes resultados. Ambos sofreram com a fraude cometida, que destruiu a paz da família e gerou inimizade mortal no coração de Esaú contra seu irmão (Gn 27.36-41). O ano de ausência (Gn 27.42-44), que Rebeca imaginou ser suficiente para abrandar a cólera de Esaú, prolongou-se em uma separação de toda a vida entre mãe e filho. Antes da volta de Jacó, Rebeca já tinha sido sepultada, ferida de muitos desgostos. O ódio de Esaú para com Jacó foi duradouro e, se Deus não tivesse abrandado seu coração em relação à conduta de Jacó, Esaú, sem dúvida, teria matado o irmão (Gn 27.41). Antes de Jacó fugir da presença de Esaú, foi chamado perante Isaque, recebendo novamente a bênção de Abraão (Gn 28.1- 4). Ele foi mandado a Padã-Arã, ou Harã, em busca de uma esposa de sua própria família (Gn 28.6). Foi encorajado em sua jornada por uma visão, na qual recebia a promessa do apoio divino. V. BETEL. Todavia, foi forçado a empregar-se em um fastidioso serviço de sete anos por amor de Raquel. Enganado por Labão, que no fim deste tempo lhe deu Lia, em vez de Raquel, teve Jacó de servir outros sete anos para casar com Raquel, a quem ele verdadeiramente amava. Depois disso, Jacó ainda era defraudado por Labão em uma questão de salários. Somente depois de vinte anos de pesados serviços é que ele conseguiu retirar-se furtivamente, com sua família e bens (Gn 31). Labão queria vingar-se de Jacó por sua retirada, mas Deus o protegeu. O ponto em que se iniciou uma mudança na vida de Jacó foi em Peniel; ali ele foi humilhado pelo anjo e renunciou aos seus astutos caminhos, aprendendo, por fim, a prevalecer com Deus somente pela oração. V. ISRAEL. Jacó teve grandes inquietações domésticas: a impaciência da sua esposa favorita, Raquel, com os seus queixumes, "Dá-me filhos, senão morrerei" (Gn 30.1); a morte de Raquel pelo nascimento de Benjamim; o pecado da sua filha Diná (Gn 34.5-26) e a consequente tragédia em Siquém; o mau procedimento de Rúben e o desaparecimento de José, vendido como escravo; todos esses males juntos teriam levado Jacó à sepultura, se Deus não o houvesse fortalecido. Deus esteve com ele, e foram calmos, felizes e prósperos seus últimos dias. Entre suas últimas palavras, estava a predição da vinda do Redentor (Gn 49.10). Jacó teve 12 filhos, sendo somente dois, José e Benjamim, os nascidos de Raquel. V. ISRAEL, ESAÚ,

RAQUEL, JOSÉ, GILEADE, a respeito de outros incidentes na vida desse patriarca. A certos fatos faz referências o profeta Oseias (12.2-12). A esse respeito, v. tb. Dt 26.5.
2. O pai de José, casado com Maria (Mt 1.15,16).
3. O nome de Jacó era também empregado figuradamente, para significar os seus descendentes (Nm 23.7).

Jacó, poço de. Poço que ficava à distância de 800 m a sudoeste da cidade de Sicar, *Askar* (Jo 4.6-12), e afastado 1.600 m de Siquém. Foi o lugar onde o nosso Salvador teve um memorável diálogo com a mulher samaritana. O poço é muito fundo e escavado na rocha, naquela parte do campo que Jacó comprou (Gn 33.19). A sua largura é de cerca de 2,70 m. Em tempos recentes, foi edificado sobre ele um templo. O fato de haver abundância de água nas vizinhanças do lugar corrobora claramente o nome, sugerindo-nos que o poço foi construído por um estrangeiro, a quem não era permitido fazer uso das outras fontes do sítio.
A oferta de Jesus Cristo, feita à mulher, dessa "água da vida", que nunca haveria de faltar, é expressiva pelo fato de esse poço estar, algumas vezes, seco.

Jael. *Cabra montês.* 1. A mulher de Héber, o queneu (Jz 4.17-22; 5.24). Sísera, o general de Jabim, rei de Hazor, tinha sido derrotado por Baraque e havia procurado refúgio nas tendas dos queneus, uma tribo neutra. Nesse sítio, foi ele convidado a esconder-se na tenda de Jael, que era um esconderijo seguro, já que nenhum árabe pensaria em procurá-lo em uma tenda de mulheres. Apesar da sua promessa de manter segredo, quando o general, muito cansado, estava dormindo, Jael tomou uma estaca de madeira, do tipo usado para prender a tenda no chão, e a cravou na cabeça dele. A mulher então esperou por Baraque, que estava em perseguição ao fugitivo, e, exultante, revelou-lhe o que havia feito. O seu ato mostrou que Jael tinha fé no bom êxito de Israel, possuindo, portanto, fé no Deus dos israelitas. No entanto, a sua ação foi de uma mulher um tanto selvagem, que possuía apenas um pequeno conhecimento espiritual.
2. Aparentemente o nome de um juiz, em Jz 5.6. Pode ser corrupção de Jair (10.3) e, talvez, mesmo idêntico a Jael (1).

Jafé. *Alargando-se.* O filho mais novo de Noé e o antepassado dos povos ao norte do Mediterrâneo, procedendo dele também as raças indiana e mongólica (Gn 5.32). A profecia "habite ele nas tendas de Sem" (Gn 9.27) foi talvez cumprida quando os gregos, seguidos pelos romanos, invadiram a Palestina, a pátria de Sem.
Outra explicação do texto é a de que se deve ler "Ele [Deus] habitará", juntando-se dessa maneira a bênção temporal de Jafé com a bênção espiritual concedida a Sem. No mesmo versículo, há referência ao fato de Cam ter sido castigado pelo seu procedimento, impróprio para um filho. Analisando por esse prisma, a profecia foi cumprida quando Deus esteve presente com o seu povo durante a longa peregrinação pelo deserto, também no tabernáculo e no templo, e inteiramente na Encarnação.

Jafia. *Ele fará brilhar.* 1. Cidade da fronteira de Zebulom, a 3 km ao sul de Nazaré (Js 19.12). O seu nome moderno é Yafa.
2. O rei amorreu de Laquis, que foi derrotado por Josué (Js 10.3).
3. Um dos filhos de Davi que nasceu em Jerusalém (2Sm 5.15; 1Cr 3.7).

Jairo. Chefe da sinagoga de Cafarnaum, cuja filha, da idade de 12 anos, Jesus fez ressuscitar (Mt 9.18; Mc 5.22; Lc 8.41). É notável por sua fé no Salvador. O nome é a forma grega de Jair.

Jambres. Paulo refere-se a Jambres como um dos magos que resistiram Moisés na corte faraônica, procurando imitar os seus milagres (2Tm 3.8). V. JANES, MAGIA. É possível que esse nome fosse propriamente Mambres.

janela. Geralmente todas as janelas das casas orientais abrem para o pátio interior, excetuando algumas pequenas janelas de grades ou varandas, que se voltam para o lado da rua. Somente em ocasiões de festas públicas, essas janelas exteriores eram abertas. Estava Jezabel usando da liberdade permitida às mulheres durante uma recepção popular, quando da sua janela, posicionada no andar superior, avistou Jeú (2Rs 9.30). Normalmente, as janelas eram estreitas e altas nas casas comuns; mas, nas habitações dos ricos, o feitio era diferente e artístico, dando larga entrada à luz e ao ar (1Rs 7.2-12). V. CASA, JEZABEL.

Janes. A esse homem, refere-se Paulo como um dos magos do Egito que se opuseram a Moisés diante do faraó (2Tm 3.8). jangada. Armação feita de tábuas, para navegar nos rios (1Rs 5.9; 2Cr 2.16).

Jaquim. *Ele confirmará.* 1. Filho de Simeão, que em 1Cr 4.24 é chamado Jaribe (Gn 46.10). 2. Um sacerdote (1Cr 9.10; Ne 11.10). Ele parece dar o seu nome ao 21º turno de sacerdotes (1Cr 24.17).
3. Um pilar no pórtico do templo de Salomão (1Rs 7.21).

jardim. Os jardins dos hebreus destinavam- se principalmente a árvores de fruto e sombra, e a plantas e ervas aromáticas (1Rs 21.2; Ct 4.12-16). A Bíblia também se refere a jardins de rosas e oliveiras. Em virtude do excessivo calor na estação de estio, era indispensável um abastecimento de água, proveniente das fontes, de um poço ou de corrente de águas que atravessasse o jardim (Gn 2.10; 13.10; Pv 21.1; Ec 2.5,6; Is 58.11). Um jardim regado e um jardim sem água são símbolos de bênção ou de maldição. Os jardins eram utilizados para sepulturas (Jo 19.41), sendo também lugares de culto e retiro religioso (Is 1.29; 65.3). Plantavam-se vegetais para alimentação em algum sítio produtivo do jardim. Posicionavam-se ali vigias para guardar os frutos (Jó 27.18; Jr 4.16,17); mas não lhes era permitido impedir alguém de tomar do campo o que fosse suficiente para a sua alimentação naquele mesmo sítio (Dt 23.24). No jardim de Getsêmani, nas rampas do monte das Oliveiras, há oito oliveiras muito antigas que marcam o lugar onde, segundo a tradição, ocorreu a agonia de Jesus.

Jarmute. 1. Cidade de Judá situada na crista de um monte, à distância de quase 13 km a nordeste de Gate. Quando foi conquistada por Josué, era cidade real dos cananeus (Js 10.3,5,23). Foi de novo habitada depois do cativeiro (Ne 11.29). O seu nome atual é El-Yarmuk.
2. Cidade de Issacar, que foi dada aos gersonitas (Js 21.29). Há certa razão em julgar esse nome idêntico ao de Remete (Js 19.21) e Ramote (1Cr 6.73).

jarretar. Jarretar um cavalo é cortar os importantes tendões e nervos movidos pelos músculos da curva da perna. Dessa maneira, cortados os jarretes, torna-se o cavalo, ou outro animal, incapaz de andar. A prática era comum em tempo de guerra (Js 11.6,9; 2Sm 8.4; 1Cr 18.4).

Jasom. *Próprio para curar.* 1. Cristão de Tessalônica; era amigo de Paulo e Silas, e por essa razão foi maltratado pelos judeus (At 17.1-9). Segundo a tradição, foi bispo de Tarso.
2. Companheiro de Paulo (Rm 16.21) e seu parente. Talvez seja o mesmo Jasom (1).

jaspe. Tem-se pensado que o jaspe das Escrituras Sagradas era o diamante, a esmeralda, a opala etc. Há, porém, uma pequena dúvida de que a palavra hebraica, bem como a grega,

representasse uma variedade de quartzos transluzentes e com prismáticas cores. Era a 12ª joia que brilhava no peitoral do sumo sacerdote (Êx 28.20; 39.13) e a primeira das 12 empregadas nos fundamentos da nova Jerusalém (Ap 21.19). Fazia parte também de outra divisão dos muros da nova Jerusalém (Ap 21.18). Em Ap 4.3, é usado como figura da glória de Deus.

Javã. 1. O quarto filho de Jafé (Gn 10.2,4). Provavelmente é o mesmo do item 2. 2.É a mesma palavra que Jônia. A Grécia e as ilhas que a circundam são as terras de Javã 1(Is 66.19). Os descendentes de Javã ocuparam também a Síria e a Macedônia. 3. Deve ter sido um território na Arábia do Sul, com um porto comercial dos fenícios (Ez 27.19). No entanto, sua identificação é extremamente incerta.

javali. A palavra hebraica aparece no salmo 80.13, com o significado de porco montês ou javali. Em outras passagens, trata-se do porco doméstico. O javali sempre existiu em abundância na Palestina e geralmente vive no Oriente. O salmista descreve de maneira exata o estado das coisas, quando o rio Jordão transbordava e fazia sair dos seus covis esses animais. Nessa ocasião, o lavrador tinha de vigiar os seus campos de dia e de noite, a fim de evitar que os javalis, ferozes e esfomeados, destruíssem absolutamente tudo. Diz-se que em uma única noite uma vara de javalis pode arruinar as plantações de um campo.

Jazanias. *O Senhor ouve.* 1. Um capitão judeu, filho do maacatita (2Rs 25.23). Ele ajudou a recuperar o despojo de Ismael, depois de Gedalias ter sido assassinado, indo em seguida para o Egito (Jr 40.8; 42.1). Nesta última passagem, lê-se Jezanias, chamado o filho de Hosaías. Parece ser o mesmo que Azarias (Jr 43.2). 2. Um recabita (Jr 35.3). 3. Filho de Sara, um dos 70 anciãos de Israel que prestaram culto aos ídolos, sendo esse ato de idolatria testemunhado por Ezequiel (Ez 8.11). 4. Filho de Azur, um príncipe iníquo de Judá, ao qual Ezequiel viu em uma visão e contra quem profetizou (Ez 11.1).

Jazer. *Ele nos auxilia.* Cidade dos amorreus, perto de Gileade, ao norte de Hesbom, que foi tomada pelos israelitas (Nm 21.32; 32.1,3). Reedificada por Gade, coube aos filhos de Merari (Nm 32.35; Js 13.25; 21.39; 2Sm 24.5). A cidade foi assunto de uma lamentação profética (Is 16.8,9; Jr 48.32). Nesta última passagem, o "mar" pode ter sido um lago. Julga-se que sua localização era em As'aur, a 6 km ao norte, de Hesbom; 1,5 km mais ao norte, está uma nascente perene, formando uma lagoa.

Jebus, jebuseu. Filho de Canaã (Gn 10.16) e pai dos jebuseus. A fortaleza central desse povo aguerrido e violento tinha o nome de Jebus (Jz 19.10,11; 1Cr 11.4,5) até que foi conquistada por Davi (Js 15.8,63; 2Sm 5.6-8), sendo então, pela primeira vez, chamada de Jerusalém. (V. JEBUSEUS, JERUSALÉM.) Há sugestões de que em acadiano a palavra significa "casa de segurança", tendo Jerusalém a mesma significação.

jebuseus. *Pertencentes a Jebus.* São os descendentes de Jebus, filho de Canaã, os quais colonizaram o distrito em volta de Jerusalém, que então se chamava Jebus (Gn 10.16; 15.21). Não se sabe se foram eles os primeiros habitantes ou se substituíram uma raça ainda mais antiga. A primeira referência aos jebuseus foi feita pelos espias, quarenta anos antes da entrada dos israelitas na terra santa (Nm 13.29). Eles constituíam uma forte e vigorosa tribo, o que se prova pelo fato de conservarem o seu poder na forte cidadela de Jebus até o tempo de Davi (2Sm 5.6). O seu rei

Adoni-Zedeque foi morto na batalha de Bete-Horom (Js 10.1,5,26). A própria fortaleza de Jebus foi posta a saque e queimada pelos homens de Judá (Jz 1.21). Todavia, esses contínuos desastres não conseguiram expulsá-los do seu território, visto que os achamos em uma época posterior habitando ainda as terras de Judá e Benjamim (Js 15.8,63; Ed 9.1). A submissão de Araúna, rei jebuseu, a Davi apresenta-nos um quadro característico da vida dos cananeus e também dos israelitas (2Sm 24.23; 1Cr 21.15). Nada se sabe a respeito da religião dos jebuseus. Somente dois membros dessa tribo são mencionados pelo nome, e são eles Adoni-Zedeque (Senhor de justiça) e Araúna. V. JERUSALÉM.

Jedaías. *O Senhor é louvor.* 1. Chefe da tribo de Simeão (1Cr 4.37).
2. Edificador dos muros de Jerusalém (Ne 3.10). O Senhor conhece. Jedaías, com essa significação, difere do nome precedente. É um chefe do segundo turno de sacerdotes, no tempo de Davi (1Cr 9.10; 24.7). Tal nome também é dado a sacerdotes, como acontece, p. ex., em Zc 6.10,14.

Jediael. *Conhecido de Deus.* 1. Chefe dos benjamitas (1Cr 7.6). Desse Jediael descenderam muitas famílias, que no tempo de Davi puderam reunir 17.200 combatentes.
2. O filho de Sinri, um dos 30 valentes de Davi (1Cr 11.45). Talvez seja o mesmo nome que o seguinte.
3. Chefe da tribo de Manassés que se juntou a Davi em Ziclague. Ocupou importante posição no ataque aos amalequitas (1Cr 12.20).
4. Um levita. Um guarda-portão do templo (1Cr 26.2).

Jedidias. *Querido do Senhor.* O nome dado a Salomão pelo profeta Natã, que tinha sido enviado por Davi para obter um sinal da bondade divina a favor do menino recém-nascido. O nome é de grande interesse. Jedide e Davi são palavras com a mesma raiz. Foi para Davi, o amado do seu povo, um feliz presságio, que comprovou ser ele novamente o favorecido de Deus, o fato de vir o profeta dizer-lhe que o nome de seu filho deveria ser uma combinação do seu próprio com o do Senhor — *Jedid-Jah*, "querido do Senhor". Esse costume de dar às crianças um segundo nome carinhoso ainda existe no Oriente (2Sm 12.25).

Jedutum. *Louvor.* Levita da família de Merari. Um dos três grandes dirigentes musicais que estavam a serviço do templo (1Cr 16.38,41; 2Cr 29.14). É o mesmo que Etã. Diz-se que certos salmos foram por ele compostos, isto é, os salmos 39, 62, 77. V. MÚSICA.

Jefté. *Ele abre.* Um dos juízes de Israel. Era filho de Gileade e de uma concubina, e, por causa dessa ilegitimidade, foi expulso de casa pelos seus irmãos (Jz 11.1,2). Depois rogaram que ele voltasse para ajudá-los contra os amonitas que tinham invadido Israel. Ele consentiu em ser o comandante-chefe das forças israelitas e teve total liberdade de ação nas operações contra os invasores. Em conformidade com os seus desejos, ele imediatamente procedeu contra o inimigo, depois de ter tentado negociar com o rei dos amonitas para que este se retirasse do país e renunciasse às suas pretensões. Não dando o rei ouvidos às suas argumentações, Jefté partiu contra os filhos de Amom e ao mesmo tempo fez o voto de, caso fosse bem-sucedido na guerra, oferecer a Deus em holocausto a primeira criatura que, saindo das portas de sua casa, viesse a seu encontro (Jz 11.30,31). Jefté teve êxito nos combates contra os amonitas e, no regresso a sua casa, sua filha foi a primeira pessoa que saiu de casa para abraçá-lo. Quando a viu, Jefté lembrou-se do voto e disse: "Fiz voto ao SENHOR e não tornarei atrás" (Jz 11.34-39). A filha

de Jefté conformou-se. As condições do voto foram cumpridas ao fim de dois meses. As palavras da filha de Jefté, bem como a frase final do v. 39, fazem supor, na opinião de alguns intérpretes, que o voto do pai teve o seu cumprimento pela consagração da filha a uma vida de celibato. O ato público seguinte de Jefté foi castigar os soberbos homens de Efraim por terem contestado seu direito de combater os amonitas, sem o seu consentimento, e por terem tomado armas contra ele, invadindo Gileade. Os efraimitas foram derrotados, tendo sido mortos os que fugiam da batalha nos vaus do Jordão (Jz 12). V. SiboleTe. Após servir por somente seis anos ao povo de Israel com a sua sabedoria, Jefté morreu, e foi sepultado em uma das cidades de Gileade (Jz 12.7). Jefté foi visivelmente, assim como Sansão, um instrumento do poder de Deus mais do que um exemplo da sua graça, embora em Hb 11.32 ele seja mencionado na lista dos notáveis homens fiéis.

Jegar-Saaduta. *O montão do testemunho.* Nome aramaico que foi dado por Labão ao monte de pedras elevado como testemunho do pacto entre Jacó e ele próprio. Corresponde ao nome hebraico Galeede, como Jacó o chamou (Gn 31.47). O monte de pedras de Labão não apenas foi sinal do negócio realizado entre ele e o seu genro, mas também da impossibilidade de novas comunicações, estando eles já em territórios separados e distantes. Daí em diante, viajou Jacó pela terra que os seus descendentes haviam de possuir. V. LABÃO, MISPA.

Jeizquias. *O Senhor fortalece.* A mesma palavra que Ezequias. Filho de Salum e homem superior de Efraim. É notado por sua grande coragem em evitar, juntamente com outros, que fossem levados para Samaria considerável número de cativos e grande despojo, os quais Peca tinha conseguido em campanha contra Acaz, rei de Judá. Jeizquias e seus amigos conseguiram que os prisioneiros fossem vestidos, alimentados e mandados para as suas casas (2Cr 28.12).

jejum. Havia somente um dia no ano, isto é, o Dia da Expiação, em que a Lei prescrevia o jejum a todos os israelitas (Lv 16.29,31). Durante o exílio, foram estabelecidos para cada ano quatro dias de jejum — pela queda de Jerusalém (Jr 52.6); pela destruição do templo (2Rs 25.8,9; Jr 52.12); pelo assassinato de Gedalias (2Rs 25.25; Jr 41.1,2); e pelo princípio do cerco (2Rs 25.1; Jr 52.4; Zc 8.19,20). No AT, o jejum é relacionado com o luto pelos mortos (1Sm 31.13; 2Sm 1.12); com o infortúnio e a tristeza (Jz 20.25; 1Sm 1.7; 20.34; Ne 1.4; Sl 35.13; 109.24; Jl 1.14; 2.12,15); e com a expressão da dor pelos pecados (Dt 9.18; 1Sm 7.6; 1Rs 21.27; Ed 10.6; Ne 9.1; Sl 69.10; Jn 3.5). Os fariseus jejuavam duas vezes por semana (Lc 18.12), na segunda-feira e na quinta-feira. A oração e o jejum estavam unidos na prática daqueles cristãos que provinham do gentilismo (At 13.1-3; 14.23). Paulo nos exorta, procurando desviar o nosso espírito da ideia de dar ao jejum um valor independente (Rm 14.2-6,17,21; Cl 2.16,21,22,23; 1Tm 4.3—5.8; 5.23). Em Mt 17.21; Mc 9.29; 1Co 7.5, a palavra "jejum" não aparece nos melhores manuscritos.

Jeoacaz. *O Senhor apoderou-se de.* 1. Filho de Jeú e rei de Israel por dezessete anos (2Rs 13.1-9). Durante seu reinado, ele esteve, em parte, sujeito a Hazael, rei da Síria, que o obrigou a reduzir as suas forças militares e a pagar tributos. Embora Jeoacaz tivesse seguido e apoiado a maligna idolatria de Jeroboão I, era contudo tão triste e aflitiva a sua situação e a do país que ele por fim suplicou ao Senhor que o ajudasse. O libertador enviado foi Jeroboão II (2Rs 14.25) ou, mais provavelmente, Adade-Nirari III, da Assíria, que bloqueou Damasco por volta de 803 a.C. 2. Filho de Josias, rei de Judá. Foi escolhido pelo povo em lugar de seu irmão mais velho (2Rs

23.31-36). O seu governo sobre Jerusalém durou apenas três meses. Apesar do breve reinado, ele pôde mostrar que era opressor do povo (Ez 19.3). Foi mandado para o Egito, preso com cadeias, e ali morreu (2Cr 36.4). Também se chamou Salum.
3. Outro nome de Acazias, rei de Judá, filho de Jeorão e pai de Joás, ambos reis de Judá. Em Acazias, a terminação é a mesma palavra que o prefixo Jeo em Jeoacaz (2Cr 21.17; 22.1; 25.23).

Jeoaquim. *O Senhor eleva.* Irmão e sucessor de Jeoacaz, rei de Judá. Ele deveu a sua coroa a faraó Neco, que lhe mudou o nome de Eliaquim para Jeoaquim (2Rs 23.34-36). Por quatro anos, foi tributário desse monarca; mas, depois da batalha de Carquemis, na qual Neco foi vencido por Nabucodonosor, Jeoaquim, juntamente com outros reis vassalos, foi compelido a aceitar a soberania do conquistador babilônio. Quatro anos após a submissão da Judeia, o rei Jeoaquim revoltou-se contra o imperador da Babilônia (2Rs 24.1); mas este, passado pouco tempo, o atacou e o capturou. Sua intenção inicial era levá-lo para a Babilônia (2Cr 36.6); contudo, mudando de ideia, mandou matá-lo. Assim, depois de um reinado iníquo de onze anos, tomado por grandes perturbações, Jeoaquim foi morto, sendo o seu corpo arremessado para fora das portas de Jerusalém, com indignação, como Jeremias havia anunciado, quando alertou o rei sobre o perigo e a loucura de revoltar-se contra Nabucodonosor (Jr 22.18,19; 26.23). O caráter do rei está descrito em poucas palavras em 2Rs 23.37: "Fez ele o que era mau perante o Senhor", estando entre muitas das suas maldades a proteção que ele dava à idolatria e a perseguição feita aos profetas e sacerdotes (2Cr 36.8; Jr 26; Ez 8).

Jeoás. *O Senhor é forte.* 1. A forma primitiva é Joás. Era filho de Acazias, sendo ele próprio rei de Judá (2Rs 11.21). 2. Filho de Jeoacaz e o 12º rei de Israel. Foi pai de Jeroboão II(2Rs 13.10). V. JOÁS.

Jeorão. *O Senhor é engrandecido*. A sua forma abreviada é Jorão. 1. Filho mais velho e sucessor de Josafá, rei de Judá (2Rs 8.16). A rainha Atalia, filha de Acabe, incitou-o a praticar a idolatria e outros pecados, o que causou grandes calamidades. Ele iniciou sua carreira no trono assassinando todos os seus irmãos, a quem Josafá tinha afastado dos negócios de Estado, colocando-os nas cidades fortificadas de Judá. E, como castigo das suas iniquidades, ocorreu que os edomitas, que por muito tempo estiveram sujeitos aos reis de Judá, revoltaram- se contra Jeorão e estabeleceram a sua independência (2Rs 8.20,21; 2Cr 21.8,9). Houve, depois disso, a invasão dos filisteus, que assaltaram o palácio do rei e mataram toda a família real e seus subordinados, escapando apenas o filho mais novo, Acazias, o qual foi levado para o cativeiro (2Cr 22.1). Passados dois anos, morreu o rei de uma terrível enfermidade, "sem deixar de si saudades", sendo-lhe negada a sepultura no lugar dos sepulcros dos reis (2Cr 21.19,20).

2. O filho de Acabe, Jorão, veio a ser rei de Israel quando seu irmão Acazias, que tinha sucedido ao trono, morreu sem deixar filhos (2Rs 1.17; 3.1). Ele continuou com Judá a aliança que seu pai tinha estabelecido (1Rs 22.44). Chamou Josafá, rei de Judá, e o rei de Edom para o auxiliarem na guerra contra os moabitas. Os aliados se viram em grandes dificuldades por causa da falta de água; Jorão foi censurado por Eliseu pela sua idolatria (2Rs 3.14). O rei de Israel e seu exército retiraram-se do campo de batalha quando o rei moabita ofereceu seu próprio filho em sacrifício aos deuses (2Rs 3.27). Ele próprio "tirou a coluna de Baal, que seu pai fizera" (2Rs 3.2). Os casos relacionados com a cura de Naamã tornaram mais forte a sua reverência para

com o Senhor, sendo, por isso, assegurada a amizade de Eliseu, a qual lhe foi muito útil na guerra com a Síria (2Rs 6). No entanto, durante o período de paz que se seguiu, Jorão caiu novamente na idolatria, censurando-o o profeta com toda a severidade. Jorão foi castigado por Deus, que permitiu que Samaria fosse cercada pelos sírios. Em vez de arrepender-se e implorar o auxílio do Senhor, Jorão procurou matar Eliseu, que frequentes vezes o tinha avisado (2Rs 6.30-33).

A cidade de Samaria foi salva (2Rs 7) depois de terem os seus habitantes praticado atos de canibalismo (2Rs 6.29). No entanto, os dias dos esforços de Jorão para reaver dos sírios a cidade de Ramote-Gileade estavam contados; ele foi ferido e retirou-se para Jezreel (2Rs 8.29; 9.14). Jeú, a quem ele tinha deixado em Ramote a fim de ocupá-la, revoltou-se e dirigiu-se logo a Jezreel, onde matou Jorão naquela mesma porção de terreno que Acabe tinha tirado de Nabote (1Rs 21.21ss). Com a sua morte, acabou a dinastia de Onri.

3. Sacerdote que, por ordem de Josafá, foi ensinar nas cidades de Judá (2Cr 17.8).

Jeová. O mais antigo exemplo que se conhece do emprego da palavra "Jeová" é de 1518 d.C. e se deve à má compreensão de um termo hebraico, cujas consoantes são *Yhwh*. Depois do cativeiro, os judeus tinham tão grande respeito a esse nome que, segundo algumas autoridades, ele, na verdade, somente era usado pelo sumo sacerdote, uma só vez no ano, no Dia da Expiação. Todavia, *Yhwh* ocorre muito frequentemente nas Escrituras Sagradas; e por isso outra palavra, *Adonai* (Senhor), a substituiu na leitura em alta voz e foi adotada pelos tradutores nas diversas línguas estrangeiras (gr. *Kyrios*; lat. *Dominus*). Dessa maneira, perdeu-se a verdadeira pronúncia de *Yhwh*. Quando, porém, foram acrescentadas as consoantes hebraicas (século VIII e X d.C.), as letras vogais de *Adonai* foram dadas a *Yhwh*, em vez das suas próprias vogais. Por essa razão, se o primeiro "a" fosse levemente disfarçado, seria possível ler *Yehowah*; e foi isso o que realmente aconteceu. Com essas vogais, pretendeu-se, tanto quanto possível, designar várias formas do verbo hebraico e sugerir assim, em uma só palavra — Jeová — estas várias ideias: "Aquele que será", "Aquele que é" e "Aquele que foi". Embora isso seja pura imaginação, concorda com a frase que se encontra em Ap 1.4. Primitivamente, sem dúvida, *Yhwh* representava o tempo de um verbo hebraico que implica continuidade (o tempo chamado "imperfeito"), e com suas vogais se lia *Yahaweh* ou *Yahweh*. A sua significação era provavelmente "Aquele que é" ou "Aquele que será", sugerindo plena vida com infinitas possibilidades. Para isso, há a seguinte explicação: Quando Moisés quis informar-se a respeito do nome de Deus, a resposta foi "O Ente 'Eu sou o que sou', ou 'Eu serei o que serei', me mandou vir ter contigo". Esse nome significa, então, o Ser que subsiste por si, o qual proverá para seu povo.

No que diz respeito a quanto esse nome era conhecido do povo de Israel, antes do chamado de Moisés, não é possível detalhar. Por um lado, Deus diz explicitamente: "Eu sou o Senhor: e eu apareci a Abraão, a Isaque, e a Jacó, como Deus, o Todo-poderoso [*El-Shaddai*]; mas pelo meu nome, o Senhor, não lhes fui perfeitamente conhecido". Por outro lado, esse nome ocorre frequentemente no livro de Gênesis, e encontram-se vestígios dele, com aplicação a certo deus, nos documentos babilônicos antigos. Tudo bem considerado, é provável que o uso da palavra no Gênesis se deva a escritores ou copistas posteriores ao chamado de Moisés; nesse caso, embora a palavra fosse conhecida antes dessa época, não estava formalmente identificada com o

verdadeiro Deus. Seja como for, a palavra era tão expressiva, tão cheia de promessas para um homem que começa a sua vida e para uma nação prestes a entrar em uma carreira de proveito para todo o mundo, que a sua escolha não somente revelava a natureza de Deus, mas também assegurava o bom resultado do seu povo. Era o nome do pacto com Deus e estava revestido de poder. V. DEUS.

Jerameel. *Deus tenha compaixão.* 1. Filho primogênito de Hezrom, descendente de Judá (1Cr 2.9). Os seus descendentes, que viviam na fronteira meridional de Judá, mantiveram amistosas relações com Davi, quando este estava em Ziclague (1Sm 27.10). O nome tornou-se famoso em tempos modernos por causa da estranha teoria de ter sido a tribo dos jerameelitas a origem de muitas doutrinas da religião judaica, e de ser um grande número de nomes do AT uma corrupção da palavra "Jerameel".

2. Levita de Merari, que representava a família de Quis, quando Davi organizou o serviço divino (1Cr 24.29).

3. Filho de Hameleque, a quem o rei Jeoaquim ordenou que prendesse Jeremias e Baruque (Jr 36.26).

jerameelitas. Os descendentes de Jerameel, cujo país ficava ao sul de Judá (1Sm 27.10). Davi mandou que as cidades dos jerameelitas tivessem uma parte do despojo dos amalequitas e fez ver a Aquis que tinha invadido o país deles (1Sm 30.29).

Jeremias. *O Senhor é alto.* 1. Profeta, filho de Hilquias, sacerdote de Anatote. Provavelmente esse Hilquias não era o sumo sacerdote desse período (2Rs 23.4), porque então não se teria falado dele de forma indefinida como "um dos sacerdotes" (Jr 1.1). Parece também que os sacerdotes de Anatote eram da casa de Itamar (1Rs 2.26), ao passo que o sumo sacerdócio tinha por muito tempo estado na linhagem de Fineias (1Cr 6.50). Jeremias foi chamado a exercer o ofício profético cerca de setenta anos depois da morte de Isaías, no 13º ano de Josias, sendo nesse tempo muito jovem e vivendo ainda em Anatote (Jr 1.1-6). Pouco tempo depois, ele recebeu a ordem de levar uma mensagem a Jerusalém (Jr 2.1). Alguns supõem que ele fez uma viagem pelas cidades e vilas de Judá com o fim de anunciar a seus habitantes o que ordenava o Livro da Lei encontrado no templo (Jr 11.2,6; 2Rs 22). Quando Jeremias voltou a Anatote, seus injustos concidadãos, incluindo até mesmo algumas pessoas da sua própria família, como se julgassem ofendidos com as repreensões do profeta, conspiraram contra ele (Jr 11.21; 12.6). Parece que, por essa razão, o profeta resolveu fixar residência em Jerusalém.

Durante o reinado de Josias, não há dúvida de que Jeremias o auxiliou na reforma religiosa do povo. No entanto, ao fim de dezoito anos, a invasão do faraó Neco trouxe a morte do bom rei e o cativeiro, no Egito, do seu filho e sucessor Salum ou Jeoacaz (Jr 22.10-12). Sucedeu Jeoaquim a Jeoacaz, e a partir daí o ministério do profeta foi exercido em meio a grandes dificuldades e perseguições. Os próprios "sacerdotes e profetas" tornaram-se os seus acusadores, e pediam, juntamente com a população, que ele fosse condenado à morte por ter anunciado a ruína do templo e de Jerusalém (Jr 26). Os "príncipes" não se atreveram a afrontar Deus tão abertamente, mas Jeremias ficou em sujeição ou foi impedido pelos seus adversários de aparecer em público. Nessas circunstâncias, Deus ordenou-lhe que escrevesse as suas predições, as quais foram lidas por Baruque no templo, em dia de jejum, "no quarto ano de Jeoaquim" (Jr 36.1), sendo também o primeiro ano de Nabucodonosor. As predições continham o aviso de que o

reino de Judá seria oprimido pelo crescente poder da Babilônia (Jr 25). Os príncipes ficaram assustados e esforçaram-se por despertar o rei, lendo-lhe as palavras de Jeremias. A atitude foi em vão, contudo: o monarca, depois de ouvir a leitura de três ou quatro páginas, cortou o rolo em pedaços e o lançou no fogo, dando ordens para que Jeremias e Baruque fossem capturados. Deus os livrou desse mal; e logo depois Jeremias foi levado a escrever novamente as mesmas mensagens com alguns acréscimos (Jr 36). No curto reinado do rei seguinte, Jeoaquim, também chamado Jeconias, ou Conias, ainda se ouvia a voz do profeta avisando o rei e o povo (cp. 2Rs 24.12 com Jr 22.24-30), mas infelizmente suas palavras não produziram efeito. No reinado de Zedequias, Jeremias declarou repetidas vezes, por inspiração divina, que os caldeus haveriam de voltar, tomar a cidade e incendiá-la. Como fizesse esforços para sair de Jerusalém, o profeta foi acusado de ter passado para o lado dos caldeus. Ele foi preso e no cárcere permaneceu até a conquista da cidade. Nabucodonosor, tendo formado melhor conceito do caráter de Jeremias, encarregou o seu general Nebuzaradã de proteger o profeta. Sendo-lhe permitido escolher entre ir para a Babilônia, onde, sem dúvida, ele seria recebido com todas as honras na corte, ou viver no meio do próprio povo, Jeremias preferiu a última concessão e permaneceu em Judá. Depois disso, ele aconselhou os principais do povo a que não fossem para o Egito, mas ficassem na sua pátria. Os judeus não se conformaram com essa ideia; ao contrário, persistiram em ir para o Egito, obrigando Jeremias e Baruque a acompanhá- los (Jr 43.6). No Egito, o profeta ainda procurou reconduzir o povo a Deus (Jr 44). Seus escritos não nos revelam nada mais a respeito dos acontecimentos que se passaram a seguir. Todavia, uma antiga tradição assevera que os judeus, ofendidos pelas fiéis admoestações do profeta, o apedrejaram, causando-lhe a morte. Jeremias foi contemporâneo de Sofonias, Habacuque, Ezequiel e Daniel. Entre os seus escritos e os de Ezequiel, há muitos pontos interessantes de semelhança ou contraste. Os dois profetas trabalharam para a mesma obra e quase ao mesmo tempo. Um profetizou na Palestina, e o outro na Caldeia; ambos, contudo, esforçaram-se em persuadir os judeus a que fossem cidadãos pacíficos, esperando sempre a restauração. Ezequiel, no entanto, insistia muito mais em pontos rituais da religião do que Jeremias. Também havia neles uma grande diferença na maneira de se exprimirem e no seu caráter pessoal. A vida de Jeremias revela que ele era homem humilde e modesto, pois contra sua vontade saiu da obscuridade e isolamento para a vida pública, sujeitando-se aos perigos que acompanhavam a missão profética. Embora pacífico por natureza e mais inclinado a lamentar em segredo as iniquidades do povo do que acusar publicamente os homens perversos, ele obedeceu ao chamado de Deus, mostrando ser sempre um fiel e destemido campeão da verdade, entre censuras e perseguições. Em Ezequiel, porém, vê-se o poder da inspiração divina operando em um espírito naturalmente firme e independente, que era, contudo, mais eclesiástico.

2. Um homem de Libna, pai de Hamutal, a qual casou com o rei Josias e foi mãe do rei Jeoacaz (2Rs 23.31).

3. Um indivíduo de Manassés (1Cr 5.24).

4. Um benjamita (1Cr 12.4).

5. Um homem de Gade (1Cr 12.10).

6. Outro homem de Gade (1Cr 12.13).

7. Sacerdote que voltou com Zorobabel (Ne 12.1).

8. Sacerdote que selou o pacto com Neemias na dedicação dos muros de Jerusalém (Ne 10.2; pode ser o mesmo de 12.12, 34). Talvez os nomes dos itens 7 e 8 sejam mais uma ordem de sucessão do que pessoas; e deste modo são idênticos.
9. Um recabita (Jr 35.3).

Jeremias, O Livro de. A *autoria* desse livro, na sua forma primitiva, é indicada no cap. 36. A seguinte classificação é sugerida por certas notas de ocasião em algumas das passagens e também pelos assuntos tratados:

I. *Reinado de Josias*, cap. 1—12. O princípio do cap. 11 parece designar o tempo em que foi novamente descoberto no templo o Livro da Lei (2Rs 22.3-13).

II. *Reinado de Jeoaquim*, cap. 13—20. Em relação à série de discursos proferidos nesse período, acha-se narrada a conspiração dos "príncipes de Judá" contra o profeta, com o livramento deste (cap. 25 e 26). Jeremias, em 22.1-19, acusa Jeoaquim por sua impiedade e declara que fim teria seu irmão e predecessor (Jeoacaz ou Salum). O cap. 35 apresenta-nos lições de constância e obediência na conduta dos recabitas. O cap. 45 (mensagem a Baruque, o escriba do profeta) e o cap. 36 referem-se ao rolo das profecias que foram lidas a Jeoaquim no quinto ano do seu reinado, tendo esse rei cortado e queimado as folhas.

III. *Reinado de Jeoaquim*, 22.20-30. O triste destino do rei (que aqui se chama Conias) é retratado de forma patética. Ele ficaria prisioneiro por toda a vida em Babilônia e sem herdeiro para ocupar o trono de Davi. IV. *Reinado de Zedequias*. Pertencem a esse período as seguintes passagens: cap. 21 e 27 (aconselham submissão ao jugo babilônico); cap. 28 (refere-se à profecia do falso profeta Hananias sobre a libertação dos judeus dentro de dois anos); cap. 34 (descreve o destino do rei e o castigo dos pérfidos possuidores de escravos); cap. 37 e 38 (narram a prisão do profeta e o seu encarceramento); cap. 39 e 52.1-30 (tratam da tomada de Jerusalém). Os cap. 30—33 dão a certeza da restauração e da realização do Novo Pacto, sendo notável no cap. 32 o episódio da compra que Jeremias fez da propriedade de Anatote, na firme esperança de que a terra seria novamente recuperada.

V. *Profecias contra as nações inimigas*, cap. 46—52. Essas profecias provavelmente foram anunciadas em tempos diferentes e estão reunidas nesses quatro capítulos pela semelhança do assunto. Referem-se ao Egito, à Filístia, a Moabe, a Amom, a Edom, a Damasco, a Quedar, e aos reinos de Hazor, Elão e Babilônia. O breve discurso contra Elão (49.34-39) foi proferido no princípio do reinado de Zedequias; e a maravilhosa profecia que diz respeito a Babilônia (cap. 50 e 51) foi publicada no quarto ano do mesmo rei, quando este foi com o principal oficial da sua corte à Caldeia, por algum motivo que nos é desconhecido. O discurso deveria ser lançado no rio Eufrates, preso a uma pedra, como figura de naufrágio da cidade soberba (51.63,64; cp. Ap 18.21).

VI. *Depois da queda de Jerusalém*. Uma das mais notáveis partes do livro é, no cap. 29, a carta que foi enviada por Jeremias aos que estavam exilados na Babilônia com o rei Jeoaquim, dando-lhes conselhos sobre a sua vida no cativeiro. Em lugar de se revoltarem e se afligirem, eles deveriam viver como pacíficos e industriosos habitantes da terra. Deveriam procurar a prosperidade do país e repudiar aqueles falsos profetas que espalhavam entre eles ideias de descontentamento e agitação. Declarava o profeta que, passados setenta anos, terminaria o cativeiro. Essa nobre carta, revelando grande sabedoria, influiu por muito tempo para o bem

dos judeus e foi lembrada quando chegou o dia da libertação (Ed 1.1). VII. *Até o fim da vida de Jeremias*, cap. 39—44. Essa divisão é principalmente histórica, tendo sido já notadas as suas particularidades. O principal discurso profético dessa seção é um protesto contra a idolatria dos judeus no Egito (cap. 44). Entre as predições especiais de Jeremias, estão aquelas que se referem ao destino de Zedequias (34.2,3; cp. 2Rs 25.5-7; Jr 52.11), à duração do cativeiro de Babilônia (25.11,12; v. Dn 9.2) e à volta dos judeus (29.10-14; Ez 1.1). A queda da Babilônia (25.12; 50; 51) e de muitas nações (cap. 46—49) é também anunciada, sendo o cumprimento sucessivo dessas predições razão suficiente para ser conservada a fé dos judeus nas palavras que se referem ao Messias (23.3-8; 30.9; 31.15; 32.37; 33.26). O livro prediz de forma muito clara a ab-rogação da Lei de Moisés; afirma que nunca mais será lembrada a arca da Aliança (3.16); e atinge a verdadeira altura nas predições do AT com a sua grande profecia sobre o Novo Pacto (31.31-34). As referências do NT feitas ao livro de Jeremias são frequentes, como mostram as comparações de Jr 7.11 com Mt 21.13 ("um covil de salteadores" e "um 'covil de ladrões' "); Jr 9.24 com 1Co 1.31 ("glorie-se no Senhor"); Jr 10.7 com Ap 15.4; Jr 11.20 com 1Ts 2.4; Jr 17.10 com Ap 2.23; Jr 22.5 com Mt 23.38; Jr 25.10 com Ap 18.22,23; Jr 51.7-9 com Ap 14.8; 17.24; 18.3,5; Jr 51.45 com Ap 18.4; e Jr 51.63,64 com Ap 18.21. A designação "o sol nascente", aplicada ao Messias em Lc 1.78, é de Jeremias (23.5), segundo a *Septuaginta*; no hebraico, é Renovo (v. Zc 3.8; 6.12). A mais notável das aplicações que o NT faz do texto de Jeremias (31.31-34) encontra-se em Hb 8.8-13; 10.15-17. O profeta descreve o Novo Pacto em termos tais que a passagem se torna uma verdadeira antecipação do evangelho; e talvez a expressão "nova aliança", na instituição da ceia do Senhor, tenha sido sugerida pelas palavras de Jeremias. Desse modo, este escritor é colocado ao lado de Isaías como "profeta evangélico".

Jericó. *Lugar de fragrância ou Cidade do Bálsamo* (?). Cidade na orla ocidental do Gor, à distância de 10 km do rio Jordão, estando-lhe sobranceira uma cadeia de estéreis e alcantiladas montanhas. A cidade do tempo de Josué ficava a cerca de 2 km a noroeste da moderna povoação de Eriha e a 32 km a nordeste de Jerusalém, perto da fonte de pura e doce água, sendo todos os outros mananciais da vizinhança formados de água salobra. Chama-se hoje Ain es-Sultan e Fonte de Eliseu, talvez por se julgar ser essa a fonte que foi purificada pelo profeta a pedido dos habitantes (2Rs 2.19-22).

Jericó era uma cidade real muito antiga, a principal do vale do Jordão, à qual se referem como bem conhecida naquele tempo os livros de Números e Deuteronômio, além de Josué e Jeremias (Nm 22.1; 26.3, 63; 31.12; 33.48; 36.13; Dt 32.49; 34.1; Js 13.32; Jr 52.8). Ela se achava defendida por muralhas e portas de considerável resistência (Js 2.5,15; 6.2,5,20; 12.9). Os cidadãos eram abastados, sendo produtivos os terrenos circunjacentes (Dt 34.3; Jz 1.16; 3.13). Os importantes vaus do Jordão que Josué atravessou, e eram os principais vaus, ficavam em frente de Jericó, que foi a primeira cidade na Palestina por ele conquistada (Js 2.1,2ss) depois da volta dos dois espias. (V. RAABE.) Estando condenada por Deus, foi incendiada depois da queda dos muros e terminou arrasada, pronunciando Josué uma maldição sobre o homem que tentasse reedificar "esta cidade de Jericó" (Js 6.26). A condenação caiu quinhentos anos mais tarde sobre Hiel, de Betel (1Rs 16.34). Foi ali estabelecida uma escola de profetas, sendo visitada por Elias e Eliseu (2Rs 2.4-18). A cidade foi tomada pelos caldeus (2Rs 25.5), mas repovoada depois da volta do cativeiro (Ed 2.34; Ne 3.2).

No tempo de Cristo, Jericó era a segunda cidade da Judeia. Foi ali que Jesus curou o cego Bartimeu e que Zaqueu recebeu a visita do Salvador (Mt 20.29; Mc 10.46-52; Lc 18.35; 19.1-10). Em certa época, Jericó fazia parte da propriedade de Cleópatra, que lhe tinha sido dada por Antônio. Depois foi arrendada a Herodes, o Grande, que ali construiu muitos palácios e edifícios públicos. Foi finalmente destruída pelos romanos em cerca de 230 d.C.

Jeroboão I. *Ampliador*. Filho de Nebate e Zerua, mulher viúva, nasceu (talvez de matrimônio) em Zereda (1Rs 11.26): ele é designado pela infamatória expressão de ter feito pecar Israel (1Rs 12.26-33; 13.34). Salomão teve conhecimento desse mancebo quando estava edificando Milo (aparentemente uma parte dos muros de Jerusalém) e o tornou intendente da cobrança proveniente dos trabalhos impostos aos habitantes de Efraim (1Rs 11.26, 27). A sua ambição foi alimentada pelo profeta Aías, que lhe disse que ele haveria de reinar sobre dez das tribos e, se obedecesse às leis de Deus, o seu reino seria tão próspero como fora o de Davi (1Rs 11.29-40). Sabedor disso, Salomão ficou assustado e procurou prender Jeroboão, que, por esse motivo, fugiu para o Egito, onde permaneceu até a morte do rei.

Jeroboão voltou, então, para a sua terra natal e pôde observar que Roboão, que havia sucedido seu pai no trono de Davi, já tinha indisposto contra ele as dez tribos do Norte. Quando os habitantes dessas tribos souberam que Jeroboão havia voltado, fizeram-no rei de todo o povo de Israel. Jeroboão fixou residência em Siquém, à qual mandou fortificar. Ele também reedificou Peniel, cidade além do Jordão, pondo-a em estado de defesa, a fim de aquietar as tribos situadas do outro lado do rio (1Rs 12.1-25).

No entanto, Jeroboão bem depressa esqueceu as condições sob as quais a prosperidade lhe tinha sido prometida (1Rs 11.38). Receando que, se fossem a Jerusalém para assistir às festividades anuais, as dez tribos poderiam afastar-se dele, estabeleceu um culto idolátrico com dois altares principais, em Dã e Betel (1Rs 12.28-30). Também edificou templos e estabeleceu sacerdotes dos mais baixos do povo, os quais não pertenciam à família de Arão nem à de Levi (1Rs 12.31). Jeroboão foi avisado por Deus mediante as palavras de um desconhecido profeta, por virtude do qual o braço do rei foi secado e posteriormente restaurado (1Rs 13.1-10). Jeroboão recebeu ainda censuras do profeta Aías, que já estava cego por causa da sua velhice (1Rs 14.1-18). Infelizmente as advertências divinas não foram levadas em consideração, e Jeroboão e sua família continuaram no caminho do pecado para sua própria ruína (1Rs 13.34). Depois de um reinado de vinte e dois anos, morreu Jeroboão, sucedendo-lhe seu filho Nadabe (1Rs 13; 14.1-20).

Jeroboão II. Filho de Jeoás, rei de Israel, e o quarto da dinastia de Jeú. Reinou durante quarenta e um anos e, embora favorecesse as práticas idólatras do filho de Nebate, Deus, contudo, o fez prosperar tanto que o seu reinado foi uma restauração do reino das dez tribos, o qual se levantou da decadência em que estava para um alto grau de extraordinário esplendor. Foi durante o seu reinado que viveram e ensinaram os profetas Amós, Oseias e Jonas. Os fatos da vida de Jeroboão II são narrados em 2Rs 14.23-29 e nos escritos de Oseias e Amós. Ele foi talvez o "salvador" prometido no reinado de Jeoacaz, pois por sua ação se libertaram os israelitas das mãos dos sírios (2Rs 13.4; 14.26,27). Jeroboão II continuou a combater o inimigo, chegando a tomar a sua capital, a cidade de Damasco (2Rs 14.28; Am 1.3,5). De conquista em conquista, recuperou todo o domínio de Salomão, em conformidade com a profecia de Am

6.14. Todavia, a antiga moralidade dos israelitas e o puro culto a Deus não foram restaurados: predominavam o vício e a opressão, e o culto do Senhor era manchado pela idolatria (Os 1.2; 4.12-14; 13.6; Am 2.6-8; 4.1; 6.6). V. AMÓS, OSEIAS, BETEL.

Jerusalém. Existia, com o nome de Uruslim, isto é, Cidade de Salim ou Cidade da Paz, uma cidade no mesmo sítio de Jerusalém, antes de terem os israelitas atravessado o rio Jordão ao entrar na Palestina. Inscrições da coleção de Tel el-Amarna mostram que nesse tempo (cerca de 1400 a.C.) a povoação era um lugar de alguma importância, e seu governante estava subordinado ao Egito. O nome aparece já com a forma de Jerusalém em Js 10.1. Os judeus identificavam-na com Salém, de que Melquisedeque foi rei (Gn 14.18; v. tb. Sl 76.2). Os atuais habitantes, judeus e cristãos, conservam o nome de Jerusalém, embora sob o poder dos romanos ela fosse conhecida pelo nome de Aelia Capitolina, e seja pelos maometanos chamada El-Kuds, o Santuário, tendo ainda outros títulos, segundo suas conexões.

Quanto à sua localização geográfica, Jerusalém estava entre as tribos de Judá e Benjamim, a 51km distante do Mediterrâneo, a 30 km do rio Jordão, a 32 km de Hebrom e a 58 km de Samaria. Acha-se edificada no alto de uma larga crista montanhosa, que atravessa o país de norte a sul, e está sobre duas elevações que se salientam do platô para o sul e são acessíveis apenas por estradas dificultosas. Essa proeminência está entre dois desfiladeiros, que tornam a aproximação difícil, a não ser pelo norte, e por isso constitui uma defesa natural. Do lado oriental, está o vale de Cedrom, que também é chamado vale de Josafá. A sudoeste e pelo sul, vê-se outro desfiladeiro, o vale de Hinom. Essas duas ravinas unem-se no Poço de Jacó (Bir Eyab), em uma profundidade de 200 m, medida desde a parte superior do platô. Possuindo tais defesas naturais, as montanhas circunjacentes e os profundos desfiladeiros, a cidade forma assim uma compacta fortaleza montanhosa (Sl 87.1; 122.3; 125.1,2). Com respeito à história de Jerusalém, começa no AT com o aparecimento de Melquisedeque, rei de Salém, que abençoou Abraão (Gn 14.18-20; v. Hb 7.1). No cap. 10 de Josué, fala-se de Adoni-Zedeque, rei de Jerusalém, o qual formou uma liga contra o povo de Gibeão, que tinha feito um acordo com Josué e os israelitas invasores. Josué prendeu e mandou executar os cinco reis confederados, incluindo o rei de Jerusalém; no entanto, embora as cidades pertencentes aos outros quatro reis fossem atacadas, é certo ter escapado nessa ocasião a cidade de Jerusalém. Ela é nomeada entre "as cidades no extremo sul da tribo dos filhos de Judá" (Is 15.21,63), e é notada a circunstância de não terem conseguido os filhos de Judá expulsar os jebuseus, habitantes dessa cidade, ocupando-a juntamente os invasores com o povo invadido.

A sua conquista definitiva está indicada em Jz 1.8. Mais tarde, os jebuseus parecem ter feito reviver a sua confiança na fortaleza da cidade. Quando Davi atacou Jerusalém, cuja capital era então Hebrom (2Sm 5), os habitantes zombaram dele (2Sm 5.6). A réplica de Davi foi fazer um discurso a seus homens, que resultou na tomada da "fortaleza de Sião". Então, a capital foi transferida para Jerusalém, aproximadamente em 1000 a.C., vindo ela a ser "a Cidade de Davi". Para ela, trouxe o rei a arca, que saiu da casa de Obede-Edom (2Sm 6.12). Ferido o povo por causa do censo realizado, a cidade de Jerusalém foi poupada (2Sm 24.16). Em gratidão, Davi comprou a eira de Araúna, o jebuseu, e ali levantou um altar (2Sm 24.25), preparando-se para construir nesse local um templo (1Cr 22.1-4), o que, entretanto, só foi levado a efeito posteriormente por Salomão (1Rs 6.1-38). Quando o reino se dividiu, Jerusalém ficou como a

capital das duas tribos fiéis a Roboão (1Rs 14.21). No seu reinado, ela foi tomada por Sisaque, rei do Egito (1Rs 14.25); no tempo do rei Jeorão, pelos filisteus e árabes (2Cr 21.16,17); e por Joás, rei de Israel, quando seu rei era Amazias (2Cr 25.23,24). No reinado de Acaz, Jerusalém foi atacada pelo rei Rezim, da Síria, e por Peca, rei de Israel, mas sem resultado (2Rs 16.5). Semelhante foi a tentativa de Senaqueribe, no reinado de Ezequias (2Rs 18.19; 2Cr 32; Is 36; 37). Quando Manassés governava, seus pecados e os pecados do povo foram a causa da prisão do rei e de sua deportação para a Babilônia (2Cr 33.9-11). Josias realizou em Jerusalém uma reforma moral e religiosa (2Cr 34.3-5). No período de maior decadência, quando reinava Joaquim, a cidade foi cercada e tomada pelas forças de Nabucodonosor, rei da Babilônia, que deportou para esta o rei e o povo, à exceção dos mais pobres dos seus súditos (2Rs 24.12-16). Zedequias foi colocado no trono, mas rebelou-se. Vieram outra vez as tropas de Nabucodonosor, e então Jerusalém suportou um prolongado cerco; no entanto, finalmente foi tomada, sendo destruído o templo e os melhores edifícios e derribadas as suas muralhas (2Rs 25). No tempo de Ciro, como se acha narrado em Esdras, o povo voltou do seu cativeiro, ocasião em que o templo foi reedificado, e a Lei, restaurada. As muralhas foram levantadas por Neemias (Ne 3). Alexandre, o Grande, visitou a cidade quando o sumo sacerdócio era exercido por Jadua, o que é mencionado em Ne 12.11,22. Morto Alexandre e feita a divisão de seus domínios, a Judeia ficou nos limites dos dois Estados rivais, o Egito e a Síria. Como efeito dessa situação, raras vezes os judeus tinham uma paz duradoura. Por volta de 320 a.C., Ptolomeu Sóter tomou a cidade, a qual foi fortificada e embelezada no tempo de Simão, o Justo, aproximadamente em 300 a.C. (*Ecclus*. 50). Antíoco, o Grande, conquistou-a em 203 a.C., mas em 199 a.C. ela foi retomada por Scopas, o general alexandrino. Após a derrota dos egípcios, infligida por Antíoco, Jerusalém caiu novamente sob seu domínio em 198 a.C. Em seguida, foi tomada por Antíoco Epifânio, que profanou o templo e ergueu um altar pagão no lugar do altar do Senhor (Dn 11.31); contudo, em 165 a.C., a cidade foi reconquistada por Judas Macabeu. Pompeu apoderou-se dela em 65 a.C., e ainda foi saqueada pelos guerreiros partos em 40 a.C. Retomou-a Herodes, o Grande, no ano 37 a.C. Foi ele quem restaurou o templo, levantando o edifício que foi visitado por Jesus Cristo. Com respeito ao lugar que Jerusalém ocupava na alma dos hebreus, v. Sl 122.6; 137.5,6; Is 62.1,7; cp. 1Rs 8.38; Dn 6.10; Mt 5.35. A Jerusalém do NT, embora tão proeminente nos Evangelhos, não conserva sua supremacia. O interesse e a curiosidade estendem-se para muito além dos limites da Palestina. Roma, Corinto, Éfeso e outras grandes cidades são as que chamam a atenção do mundo. Apenas três epístolas de Paulo se referem à cidade de Jerusalém (Romanos, 1Coríntios e Gálatas). Fora dos Evangelhos e de Atos dos Apóstolos, e da referência "Jerusalém lá de cima" e à"nova Jerusalém", seu nome aparece apenas nove vezes no NT. Foi à cidade de Jerusalém que vieram os magos do Oriente (Mt 2.1). Para ali foi levado o menino Jesus por José e Maria (Lc 2.22), e dentro dos seus muros Jesus apareceu novamente aos 12 anos de idade (Lc 2.41-51). Atraído pelo ministério de João Batista, o povo de Jerusalém foi ouvi-lo no deserto (Mt 3.5), mas a cidade resistiu ao ministério do divino Mestre (Lc 13.33,34). Para as referências ao ministério de Jesus, sua paixão e morte em Jerusalém, V. JESUS CRISTO. Em Jerusalém, a igreja nascente permaneceu por determinação de Jesus até a Festa de Pentecostes (At 1.4; 2.1-36). A igreja foi se desenvolvendo nessa cidade, sendo o ministério dos

apóstolos assinalado por milagres (At 2—5). Em Jerusalém, Estêvão foi martirizado (At 7.59). Quando a perseguição aumentou, os apóstolos permaneceram na cidade santa (At 8.1,14; 12.1-19) e lá, mais tarde, se reuniram para tratar da questão da circuncisão (At 15). Pela primeira vez, Paulo aparece com o nome de Saulo em Jerusalém (At 8.1), mas tinha ali estudado com Gamaliel (At 22.3). As suas visitas a Jerusalém são mencionadas em At 9.26-28; 11.29,30; 15.2-6; 21.17 (v. Gl 2.1-7). Como os membros mais pobres da igreja de Jerusalém sofressem em resultado do flagelo da fome, foram socorridos pelos irmãos da Macedônia e Acaia (At 11.29,30; Rm 15.25,26; 1Co 16.1-3). Em relação ao uso simbólico do nome Jerusalém, v. Gl 4.25,26; Hb 12.22; Ap 3.12; 21.2,10.

A *história posterior* de Jerusalém foi tão matizada de acontecimentos quanto a anterior. Em 70 d.C., o general Tito sitiou a cidade durante quase cinco meses, empregando nessa ação cerca de cem mil homens. Por fim, a cidade foi tomada e destruída. Flávio Josefo descreve o acontecimento, e a ele Tácito também se refere. Os sitiados defenderam-se com desesperado valor, calculando-se em 1milhão a perda de vidas nessa catástrofe. O imperador Adriano visitou Jerusalém em 130 d.C., reedificou a cidade e reprimiu uma revolta importante dos judeus (132-135 d.C.). A cidade foi dado o nome de Aelia Capitolina. O imperador Constantino e Helena, sua mãe, inauguraram uma nova era. Fez-se uma investigação a respeito dos lugares sagrados, sendo consagrada em 336 a Igreja da Ressurreição. Houve depois uma reação pagã, obra do imperador Juliano, salientando-se em uma tentativa para reedificar o templo. Os judeus receberam essa proposta com entusiasmo, mas os primeiros trabalhos para tal obra foram acompanhados de sinais que se julgaram sobrenaturais, e o projeto foi abandonado. Em 614, os persas saquearam a cidade, e 90 mil cristãos foram mortos. Jerusalém foi retomada por Heráclio em 628, mas em 637 caiu em poder dos sarracenos. Godofredo de Bouillon, o chefe da Quinta Cruzada, arrancou-a em 1099 aos muçulmanos, mas Saladino a reconquistou em 1187. As *muralhas* de Jerusalém têm sido causa de muita controvérsia. Lá para o norte, existiam em certa época três muros, mas as suas linhas exatas são incertas. Jerusalém foi indubitavelmente uma cidade murada na sua antiguidade, e a sua cidadela enchia os jebuseus de confiança (2Sm 5.6). Quando Davi conquistou a fortaleza, parece ter aumentado a área fortificada (2Sm 5.9). Outras obras foram efetuadas pelo rei Salomão (1Rs 3.1; 9.15). Jeoás, rei de Israel, tendo capturado Amazias, rei de Judá, demoliu grande extensão da muralha (2Rs 14.13). A destruição foi maior quando Nebuzaradã, capitão da guarda de Nabucodonosor, subjugou a cidade (2Rs 25; Ne 1.3; 2.13; Jr 52.14). A obra de Neemias limitou-se a restaurar o que tinha existido no passado. Quando os romanos cercaram a cidade, no ano 70 da nossa era, tiveram de acometer não só os dois antigos muros do lado do norte, mas também o terceiro, que não existia no tempo de Jesus Cristo e que foi construído por Agripa I,no tempo de Cláudio César, com o objetivo de alargar a cidade. É possível que a moderna muralha de Jerusalém siga a linha desse terceiro muro ao longo da sua direção setentrional.

Muitas portas de Jerusalém são mencionadas no AT; mais de um nome, porém, deve ter sido dado a essa ou aquela porta. As referências são assim feitas:
A Porta da Esquina (2Rs 14.13; 2Cr 25.23; 26.9; Jr 31.38).
A Porta de Efraim (2Rs 14.13; 2Cr 25.23; Ne 8.16; 12.39).
A Porta de Josué (2Rs 23.8).

A Porta "entre os dois muros perto do jardim do rei" (2Rs 25.4; Jr 39.4).
A Porta dos Cavalos (2Cr 23.15; Ne 3.28; Jr 31.40).
A Porta do Vale (2Cr 26.9; Ne 2.13,15).
A Porta do Ângulo (2Cr 26.9).
A Porta do Peixe (2Cr 33.14; Ne 3.3; 12.39).
A Porta do Monturo (Ne 2.13; 3.13; 12.31).
A Porta da Fonte (Ne 2.14; 3.15).
A Porta do Gado (Ne 3.1,32; 12.39).
A Porta Velha — a porta da cidade antiga ou do muro antigo (Ne 3.6; 12.39).
A Porta das Águas (Ne 3.26; 8.1,3,16; 12.37).
A Porta Oriental (Ne 3.29; Jr 19.2 traz Porta do Oleiro).
A Porta da Inspeção (Ne 3.31).
A Porta da Guarda (Ne 12.39).
A Porta de Benjamim (Jr 37.13; 38.7).
A Porta do Meio (Jr 39.3).

São mencionadas no AT as seguintes praças, ou ruas, de Jerusalém: a praça oriental (2Cr 29.4); a praça da Casa de Deus (Ed 10.9); a praça que estava diante da Porta das Águas (Ne 8.1,3,16); a praça da Porta de Efraim (Ne 8.16); a Rua dos Padeiros (Jr 37.21). Diz-se que as estradas que punham Jerusalém em comunicação com outras povoações tiveram especial cuidado da parte de Salomão, que as revestiu com mármore preto, trazido de além do Jordão. Havia apenas duas linhas principais de comunicação que conduziam à cidade. A primeira partia do vale do Jordão, por Jericó e pelo monte das Oliveiras, e dela serviam-se os viajantes do norte e do leste (2Sm 15.30; Lc 17.11, cp. 18.35) e os que vinham de Damasco e dos sítios de Samaria (2Cr 28.15). Essa estrada é ainda hoje percorrida pelos viajantes. A segunda grande estrada começa na planície marítima da Filístia e Sarom e segue pelas aldeias de Bete, território de Gibeão. Daí faz uma volta para o sul, aproximando-se de Jerusalém pelas vilas de Ramá e Gibeá. Era essa a estrada de que os exércitos faziam uso para se aproximar da cidade. Uma terceira estrada, de pequeno movimento, comunicava com os montanhosos distritos do Sul.

Jessé. Pai de Davi. Filho de Obede e neto de Boaz e Rute (Rt 4.17). É o único do seu nome e geralmente era chamado de "Jessé, o belemita" (1Sm 16.1-18). Desde o tempo do êxodo, era famosa a família de Jessé, pertencente à casa de Perez. V. NAASSOM. Em 1Sm 17.12, recebe o título completo de "efrateu de Belém de Judá". Jessé tinha oito filhos, que com ele viviam em Belém de Judá. Era muito considerado pelos seus concidadãos, embora não fosse um dos anciãos da cidade (1Sm 16.4, 5,10; 17.12). A sua propriedade constava de rebanhos de gado sob os cuidados de Davi (1Sm 16.11). Davi é chamado "filho de Jessé", ainda mesmo depois de ter alcançado fama e poder (1Cr 29.26). O profeta Isaías põe o nome de Jessé no ponto mais alto de honra: "Do tronco de Jessé sairá um rebento, e das suas raízes, um renovo" (Is 11.1; v. tb. 11.10).

Jesua. V. JOSUÉ.

Jesus. *Salvador.* 1.É a forma grega do nome Josué, filho de Num. Assim aparece em At 7.45; Hb 4.8.

2. Em Cl 4.11, Paulo escreve afetuosamente a respeito de "Jesus, conhecido por Justo". Esse Jesus, um cristão, foi um dos cooperadores do apóstolo em Roma e bastante o animou nas suas provações. V. JOSÉ.

Jesus Cristo. Não podemos, de forma alguma, tratar neste verbete de todos os assuntos relacionados à vida e obra do Salvador. Outros verbetes referentes a Jesus, e que aqui são indicados, devem ser examinados.

I. *Os nomes de Jesus Cristo* são empregados, no NT, de um modo que tem sentido. "Jesus", a palavra grega equivalente à hebraica "Josuá ou Josué" (O Senhor é nosso livramento) é o nome que foi indicado antes do nascimento do Salvador (Mt 1.21; Lc 1.31) e o mais frequente nos Evangelhos. O nome somente de "Jesus" aparece mais de 600 vezes; o de "Jesus Cristo", 5 ou 6 vezes. Vindo do grego e significando "Ungido", o nome "Cristo", equivalente a "Messias", aparece nos Evangelhos aproximadamente 50 vezes. Todavia, nas Epístolas e no Apocalipse, o nome pessoal de Jesus não é usado muitas vezes, a não ser associado ao título "Senhor" ou "Cristo". A transição é natural, inspirando o tema da pregação apostólica: "Este [...] é o Cristo, Jesus" (At 17.3).

II. O mundo, pelo que se via, estava amplamente preparado para receber Cristo. A vinda de Cristo não foi um caso isolado, mas um fato estritamente relacionado com a história da humanidade. Politicamente falando, o mundo estava pronto para o rápido crescimento de uma nova religião, considerando-se o grau de consolidação do Império Romano. Havia facilidade de comunicações, as condições eram regulares e existia uma língua (o grego) que era de uso geral e de grande utilidade para o viajante, como é hoje o inglês. Apesar do trabalho de muitos homens de elevados ideais, a sociedade marchava de mal para pior. A situação moral do mundo pagão tinha atingido um estado de profunda vileza, para o qual não se achava remédio. As condições indicadas por Paulo em Rm 1 são mais vivamente retratadas pelos historiadores, poetas e dramaturgos do paganismo.

Vida de Jesus

Assunto	Mateus	Marcos	Lucas	João
PARTE I. Nascimento e infância de Jesus.				
1. As genealogias	1.1-17		3.23-38	
2. O nascimento de João anunciado a Zacarias. *Jerusalém.*			1.5-25	
3. O nascimento de Jesus anunciado a Maria. *Nazaré.*			1.26-38	
4. Visita de Maria a Isabel e o seu cântico de louvor.			1.39-45	
5. O nascimento de João Batista.			1.57-80	
6. Aparecimento de um anjo a *José. Nazaré.*	1.18-25			
7. O nascimento de Jesus. Belém.			2.1-7	
8. A mensagem dos anjos aos pastores. *Perto de Belém.*			2.8-20	
9. A circuncisão. Apresentação no templo. *Belém e Jerusalém.*			2.21-38	
10. A visita dos magos. Jerusalém e Belém.	2.1-12			
11. A fuga para o Egito. Crueldade de Herodes. A volta do Egito para Nazaré.	2.13-23		2.39,40	
12. Jesus, aos 12 anos de idade, vai f Festa da Páscoa. *Jerusalém.*		2.41-52		
PARTE II. Proclamação e início do ministério público de Jesus Cristo.				

13. O ministério de João Batista. *O deserto. O Jordão.*	3.1-12	1.1-8	3.1-18	
14. O batismo de Jesus. *O Jordão.*	3.13-17	1.9-11	3.21-23	
15. As tentações. Deserto da Judeia.	4.1-11	1.12,13	4.1-13	
16. Testemunho de João Batista para com Jesus. *Bete-Arabá.*				1.15-34
17. Dois dos discípulos de João seguem Jesus. André traz a Cristo o seu irmão Pedro.				1.35-42
18. Jesus volta para a Galileia. Filipe torna-se seu discípulo e traz-lhe Natanael.				1.43-51
19. O casamento em Caná da Galileia. A visita a Cafarnaum.				2.1-12
PARTE III. Da primeira Páscoa, durante o ministério público de Jesus, até a segunda Páscoa.				
20. Jesus vai a Jerusalém para a Páscoa. Expulsa do templo os vendilhões.				2.13-25
21. Nicodemos visita Jesus de noite. *Jerusalém.*				3.1-21
22. Jesus sai de Jerusalém, mas fica na Judeia, e é aumentado o número de discípulos. Outro testemunho de João Batista. *Enom.*				3.22-36
23. Jesus parte para a Galileia, depois de João Batista ter sido lançado na prisão.	4.12	1.14	4.14	4.1-3
24. Cristo conversa com uma mulher de Sicar, junto ŕ fonte de Jacó. Os samaritanos creem nele.				4.4-42
25. Jesus chega ŕ Galileia e ensina publicamente.	4.17	1.14,15	4.14,15	4.43-45
26. Jesus volta a Caná da Galileia; a cura do filho de um oficial do rei em Cafarnaum.				4.46-54
27. A rejeição de Jesus em Nazaré; sua ida a Cafarnaum, onde fixou residęncia e ensinou publicamente a respeito do sábado.	4.13-16	4.16-31		
28. O chamado de Pedro, André, Tiago e João; e a pesca miraculosa. *Mar da Galileia: perto de Cafarnaum.* Muitos expositores consideram que esse chamado foi efetuado em pelo menos duas ocasiões distintas.	4.18-22	1.16-20	5.1-11	
29. Jesus cura um possesso na sinagoga. *Cafarnaum.*		1.21-28	4.31-37	
30. Cura da sogra de Pedro e de muitas outras pessoas.	8.14-17	1.29-34	4.38-41	
31. Jesus faz a sua primeira viagem pela Galileia, juntamente com os seus discípulos	4.23-25	1.35-39	4.42-44	
32. Jesus cura um leproso e retira-se da cidade para lugares desertos.	8.2-4	1.40-45	5.12-16	
33. Jesus volta a Cafarnaum. A multidão vai ao encontro dele. A cura de um paralítico.	9.2-8	2.1-12	5.17-26	
34. O chamado de Mateus.	9.9	2.13,14	5.27,28	
PARTE IV: Da segunda ŕ terceira Páscoa.				
35. Jesus em Jerusalém pela Páscoa;1 cura de um enfermo em dia de sábado, junto ao tanque de Betesda. Os judeus procuram matá-lo.				5.1-47
36. Os discípulos colhem espigas em dia de sábado. *Seria no caminho para a Galileia?*	12.1-8	2.23-28	6.1-5	
37. Cura de uma mão ressequida, efetuada em dia de sábado. *Galileia.*	12.9-14	3.1-6	6.6-11	

38. Jesus retira-se para o mar da Galileia, sendo seguido por grandes multidões, e cura muitas pessoas.	12.15-21	3.7-12		
39. Jesus vai ŕ montanha e escolhe os Doze: o povo o segue. *Perto de Cafarnaum.*	10.2-4	3.13-19	6.12-19	
40. O Sermão do Monte.	5.1—8.1		6.20-49	
41. Cura do servo do centurião. *Cafarnaum.*	8.5-13		7.1-10	
42. Jesus ressuscita o filho da viúva de Naim. A sua fama espalha-se por todos os lugares circunvizinhos e pela Judeia.			7.11-17	
43. Da prisão, João Batista envia alguns discípulos a Jesus. *Galileia.*	11.2-19		7.18-35	
44. Jesus censura os habitantes de Corazim, Betsaida e Cafarnaum.	11.20-30			
45. Enquanto estava comendo, sentado ŕ mesa com um fariseu, Jesus é ungido por uma mulher arrependida. *Cafarnaum.*			7.36-50	
46. Jesus, com os Doze, percorre a Galileia pela segunda vez.			8.1-3	
47. Cura de um endemoninhado. Os escribas e fariseus acusam Jesus de estar associado a Satanás. *Galileia.*	12.22-37	3.19-30	11.14,15, 17-23	
48. Jesus Cristo recusa-se a dar um sinal aos escribas e fariseus.	12.38-45		11.16, 24-36	
49. A referęncia de Jesus a sua măe e seus irmăos.	12.46-50	3.31-35	8.19-21	
50. Jesus, sentado ŕ mesa de um fariseu, fala da hipocrisia dos fariseus e escribas.			11.37-54	
51. Jesus discursa sobre a hipocrisia, a cobiça e a falta de vigilância.			12.1-59	
52. A observação de Jesus Cristo sobre a mortandade dos galileus. Parábola da figueira estéril.			13.1-9	
53. Grande multidăo se aproxima de Jesus, e ele lhe fala de muitas coisas. Parábola do semeador.	13.1-23	4.1-25	8.4-18	
54. As parábolas do joio e do trigo, do grăo de mostarda, do fermento, do tesouro escondido, da pérola de grande preço e da rede.	13.24-53	4.26-34		
55. Jesus atravessa o lago com os seus discípulos e acalma uma tempestade.	8.18-27	4.35-41	8.22-25	
56. Os dois endemoninhados de Gadara. Ao sul da costa oriental do mar da Galileia.	8.28; 9.1	5.1-21	8.26-40	
57. A festa em casa de Levi, estando ali publicanos e pecadores. *Cafarnaum.*	9.10-13	2.15-17	5.29-32	
58. A pergunta dos discípulos de João sobre o jejum, e a resposta de Jesus Cristo.	9.14-17	2.18-22	5.33-39	
59. A ressurreição da filha de Jairo; a cura de uma mulher que tinha uma hemorragia.	9.18-26	5.22-43	8.41-56	
60. Dois cegos voltam a enxergar; um espírito mudo é expulso. *Cafarnaum?*	9.27-34			
61. Jesus ensina na sua própria terra, e é rejeitado. *Nazaré.*	13.54-58	6.1-6		
62. A terceira viagem pelo país. Os Doze são mandados a evangelizar.	9.35—11.1	6.6-13	9.1-6	
63. Ao ouvir falar de Jesus, Herodes julga que ele é João Batista, a quem ele próprio tinha mandado decapitar.	14.1-12	6.14-29	9.7-9	

64. Os Doze voltam a Jesus, que se retira com eles para um lugar deserto, do outro lado do mar da Galileia. Segue-o uma multidão, e 5 mil pessoas são alimentadas.	14.13-21	6.30-44	9.10-17	6.1-14
65. Os discípulos voltam, atravessando o mar da Galileia; Jesus vai ter com eles, andando sobre as águas. Depois segue para Genesaré, onde se dirigem a ele grandes multidões.	14.22-36			
66. O povo procura Jesus e encontra-o em Cafarnaum. Ele ensina na sinagoga. Muitos discípulos ficam ofendidos com suas palavras e abandonam o Mestre. A confissão de Pedro.				6.22-71; 7.1
PARTE V. Da terceira Páscoa até a chegada de Jesus a Betânia, seis dias antes da quarta Páscoa.				
67. Os fariseus e escribas, vindos de Jerusalém, fazem objeção aos atos dos discípulos, que não respeitam a tradição dos anciãos. A resposta de Jesus.	15.1-20	7.1-23		
68. Jesus retira-se para os termos de Tiro e Sidom. Uma mulher siro-fenícia obtém um grande benefício para sua filha.	15.21-28	7.24-30		
69. Jesus volta pelo território de Decápolis para um monte, perto do mar da Galileia. Grandes multidões o seguem; ele cura muitas pessoas e alimenta mais de 4 mil.;	15.29-38	7.31—8.9		
70. Jesus despede o povo e atravessa o lago para Dalmanuta. De novo, os fariseus e saduceus lhe pedem um sinal.	15.39—16.1-4	8.10-12		
71. Jesus atravessa outra vez o lago e exorta seus discípulos a se acautelarem contra o fermento dos fariseus.	16.4-12	8.13-21		
72. Um cego é curado em *Betsaida.*		8.22-26		
73. Jesus vai para as aldeias de Cesareia de Filipe. Pedro e os outros discípulos confessam novamente a sua fé em Jesus Cristo.	16.13-20	8.27-30	9.18-21	
74. Jesus anuncia sua morte, ressurreição e as provações pelas quais passariam seus discípulos. *Região de Jesus, Cesareia de Filipe.*	16.21-28	8.31-38; 9.1	9.22-27	
75. A transfiguração de Jesus e o subsequente discurso.	17.1-13	9.2-13	9.28-36	
76. A cura de um endemoninhado, a quem os discípulos não puderam curar.	17.14-21	9.14-29	9.37-43	
77. Outra vez Jesus anuncia sua morte e ressurreição. *Galileia.*	17.22,23	9.30-32	9.43-45	
78. A moeda do tributo é miraculosamente providenciada. *Cafarnaum.*	17.24-27	9.33		
79. Os discípulos questionam sobre qual seria o maior entre eles. Jesus exorta-os a ser humildes e pacientes e a amar-se uns aos outros fraternalmente.	18.1-35;	9.33-50	9.46-50	
80. Setenta discípulos são instruídos e enviados a evangelizar. *Samaria.*			10.1-16	
81. Jesus deixa finalmente a Galileia e dirige-se a Jerusalém, f Festa dos Tabernáculos: os samaritanos não o querem receber.			9.51-56	7.2-10
82. Cura de dez leprosos. *Samaria?*			17.11-19	
83. Jesus em Jerusalém por ocasião da Festa dos Tabernáculos (cerca de seis meses depois da terceira Páscoa): ele ensina no templo, e as autoridades procuram prendę-lo.				7.11-53; 8.1
84. Pedem a Jesus que julgue uma mulher, culpada de adultério.				8.2-11
85. Ensino público de Jesus. Ele repreende os judeus incrédulos, os quais				8.12-59

procuram apedrejá-lo.				
86. Jesus responde ŕ pergunta de um doutor da lei. Parábola do bom samaritano.			10.25-37	
87. Jesus na casa de Marta e Maria. *Betânia.*			10.38-42	
88. Os discípulos são outra vez ensinados a orar. *Perto de Jerusalém.*			11.1-13	
89. Volta dos 70 discípulos após o cumprimento de sua missão.			10.17-24	
90. Jesus cura um cego de nascença em um sábado. Perguntas e objeções. *Jerusalém.*			9.1-41; 10.1-21	
91. Jesus no templo, por ocasião da Festa da Dedicação, cerca de treş meses depois da Festa dos Tabernáculos (v. item 83). Os judeus procuram prendę-lo; Jesus se retira para além do Jordão, e muitos vão ter com ele.			10.22-42	
92. Jesus é informado sobre a doença de Lázaro; vai a Betânia e ressuscita Lázaro.			11.1-46	
93. O conselho judaico determina condenar Jesus ŕ morte. Ele se retira com os seus discípulos para Efraim, perto do deserto.			11.47-54	
94. Jesus se retira para além do Jordão, e muitos do povo o seguem. Cura no sábado uma mulher enferma.	19.1,2	10.1	13.10-21	
95. Jesus dirige-se através da Pereia para Jerusalém e vai ensinando pelo caminho. Alguns fariseus o avisam a respeito de Herodes.			13.22-35	
96. Jesus faz refeição com um chefe dos fariseus no dia de sábado e fala aos convidados. Parábola da grande ceia. *Pereia.*			14.1-24	
97. O Salvador ensina ŕ multidão o que se requer dos verdadeiros discípulos.			14.25-35	
98. Os publicanos e pecadores rodeiam Jesus. Os fariseus murmuram. Parábolas da ovelha perdida, da moeda de prata e do filho pródigo.			15.1-32	
99. Parábola do mordomo infiel.			16.1-13	
100. Os fariseus são censurados. Parábola do rico e Lázaro.			16.14-31	
101. Jesus recomenda a paciência, a fé e a humildade.			17.1-10	
102. Resposta ŕ pergunta dos fariseus com respeito ŕ vinda do reino de Deus.			17.20-37	
103. Parábolas: a viúva importuna; o fariseu e o publicano.			18.1-14	
104. Preceitos em relação ao divórcio.	19.3-12	10.2-12		
105. Jesus recebe e abençoa as criancinhas.	19.13-15	10.13-16	18.15-17	
106. Um moço rico e de alta posição rejeita as condições que Jesus lhe apresenta. Parábola dos trabalhadores da vinha.	19.16-30; 20.1-16	10.17-31	18.18-30	
107. A caminho de Jerusalém, Jesus anuncia pela terceira vez a sua morte e ressurreição.	20.17-19	10.32-34	18.31-34	
108. O ambicioso pedido de Tiago e João.	20.20-28	10.35-45		
109. Cura de dois cegos perto de Jericó.	20.29-34	10.46-52	18.35; 19.1	
110. Visita a Zaqueu.			19.2-10	
111. Parábola dos dez servos, aos quais foram confiadas dez minas.			19.11-28	

112. Jesus chega a Betânia seis dias antes da Páscoa; e os que vieram ŕ festa fazem investigaçőes a seu respeito, indo muitas pessoas ter com ele em Betânia.				11.55-57; 12.1,9-11
PARTE VI. A última semana da Páscoa.				
113. *Primeiro dia da semana.* Jesus entra publicamente em Jerusalém e volta de noite a Betânia.	21.1-11, 14-17	11.1-11	19.29-44	12.12-19
114. *Segundo dia da semana.* Jesus vai a Jerusalém e no caminho amaldiçoa a figueira estéril; expulsa do templo os vendilhőes; e volta outra vez ŕ tarde para Betânia.	21.12,13, 18,19	11.12-19	19.45,46	
115. *Terceiro dia da semana.* Jesus vai de novo ŕ cidade pela manhă, passando pela figueira que tinha secado.	21.20-22	11.20-26		
116. Jesus ensina no templo. É interrogado a respeito da sua autoridade. Parábola dos dois filhos; parábola da vinha arrendada aos lavradores.	21.23-46 12.1-12	11.27-33; 20.1-19; 21.37,38	19.47,48;	
117. A parábola das bodas.	22.1-14			
118. Os fariseus e os herodianos interrogam Jesus a respeito do pagamento de tributo a César.	22.15-22	12.13-17	20.20-26	
119. Os saduceus interrogam Jesus relativamente ŕ ressurreição.	22.23-33	12.18-27	20.27-40	
120. Jesus fala a um doutor da lei a respeito dos dois grandes mandamentos.	22.34-40	12.28-34		
121. Jesus interroga os seus adversários a respeito do filho de Davi.	22.41-46	12.35-37	20.41-44	
122. Avisos contra o exemplo dos escribas e fariseus: ai desses homens! Lamentação sobre a cidade de Jerusalém.	23.1-39	12.38-40	20.45-47	
123. Oferta da viúva para o tesouro do templo.		12.41-44	21.1-4	
124. Certos gregos desejam ver Jesus. A incredulidade dos judeus.				12.20-50
125. Jesus sai do templo e no monte das Oliveiras, caminhando para Betânia, profetiza sobre a destruição do templo e a ruína da nação judaica.	24.1-42	13.1-37	21.5-36	
126. Jesus fala de sua vinda final para juízo. Parábolas das dez virgens e dos cinco talentos.	24.43-51; 25.1-46			
127. *Quarto dia da semana, começando ao pôr do sol.* As autoridades judaicas conspiram para prender Jesus e condená-lo ŕ morte. Em Betânia, por ocasião da ceia, Jesus é ungido por Maria. Judas concebe o seu plano; Jesus fica em Betânia por todo esse dia.	26.1-16	14.1-11	22.1-6	12.2-8
128. *Quinto dia da semana.* Jesus manda dois discípulos ŕ cidade com o objetivo de fazerem os preparativos da Páscoa, dirigindo-se ele próprio, ŕ tarde, para aquele local.	26.17-19	14.12-16	22.7-13	
129. *Sexto dia da semana, começando ao sol posto.* Jesus celebra com os Doze a ceia pascal. Há entre os discípulos discussão sobre qual deles seria o maior.	26.20	14.17,18 24-30	22.14-18,	
130. Jesus lava os pés dos seus discípulos.				13.1-20
131. Jesus prediz que será traído e indica o traidor. Judas retira-se.	26.21-25	14.18-21	22.21-23	13.21-

				35
132. Jesus anuncia a queda de Pedro e a dispersão dos Doze.	26.31-35	14.27-31	22.31-38	13.36-38
133. Instituição da ceia do Senhor (1Co 11.23-25).	26.26-29	14.22-25	22.19,20	
134. O discurso de despedida aos seus discípulos; a oração intercessora de Jesus.				14.1—17.26
135. A agonia de Jesus no Getsçmani.	26.30, 36-46	14.26, 32-42	22.39-46	18.1
136. Jesus é traído e preso.	26.47-56	14.43-52	22.47-53	18.2-12
137. Jesus é levado de noite ŕ presença do sumo sacerdote; Pedro o nega trçs vezes.	26.57,58, 69-75	14.53,54, 66-72	22.54-62	18.13-18, 25-27
138. De manhă, Jesus é levado ŕ presença do sumo sacerdote, e no Sinédrio declara que é o Cristo. É condenado e escarnecido.	26.59-68	14.55-65	22.63-71	18.19-24
139. Sacerdotes e anciăos do povo levam Jesus a Pilatos, com o objetivo de obter deste a sentença de sua crucificação.	27.1,2, 11-14	15.1-5	23.1-5	18.28-38
140. Pilatos proclama Jesus inocente, mas remete-o a Herodes; e Herodes, por sua vez, manda-o a Pilatos.			23.6-12	
141. Pilatos procura soltar Jesus, mas por fim o entrega para ser crucificado. Cristo é flagelado e escarnecido.	27.15-30	15.6-19	23.13-25	18.39—19.6
142. Judas arrepende-se e enforca-se (At 1.18,19).	27.3-10			
143. Jesus é levado ao Calvário para ser crucificado.	27.31-34	15.20-23	23.26-33	19.16,17
144. A crucificação.	27.35-44	15.24-32	23.33-43	19.18-27
145. Jesus expira na cruz; sinais sobrenaturais seguem sua morte; o testemunho do centurião.	27.45-56	15.33-41	23.44-49	19.28-30
146. O corpo de Jesus é retirado da cruz e sepultado.	27.57-61	15.42-47	23.50-56	19.31-42
147. *Sétimo dia da semana.* O sepulcro é guardado.	27.62-66			
PARTE VII. A ressurreição de Jesus Cristo; as subsequentes aparições do Senhor aos discípulos; a ascensão de Jesus.				
148. Primeiro dia da semana. A ressurreição. Jerusalém.	28.2-4		16.1	
149. Visita das mulheres ao sepulcro. Retorno de Maria Madalena.	28.1	16.2-4	24.1-3	20.1,2
150. Uma visão de anjos no sepulcro.	28.5-7	16.5-7	24.4-8	
151. As mulheres voltam para a cidade, e Jesus as encontra.	28.8-10	16.8	24.9-11	
152. Pedro e João correm ao sepulcro.			24.12	20.3-10
153. Jesus é visto por Maria Madalena no sepulcro.		16.9-11		20.11-18
154. Como os guardas explicaram o acontecimento, na sua volta para a cidade.	28.11-15			
155. Jesus é visto por Pedro e também por dois discípulos no caminho de Emaús (1Co 15.5).		16.12,13	24.13-35	
156. *A tarde do primeiro dia da semana.* Jesus aparece aos apóstolos, estando		16.14	24.36-49	20.19-

Tomé ausente.				23
157. *A tarde do primeiro dia da semana seguinte.* Jesus aparece-lhes de novo, estando Tomé presente.				20.24-29
158. Os apóstolos vão para a Galileia. Jesus mostra-se a nove deles no mar de Tiberíades.	28.16			21.1-24
159. Jesus aparece a 500 pessoas em um monte da Galileia (1Co 15.5).	28.16-20	16.15-18		
160. Jesus é visto por Tiago e depois por todos os apóstolos. *Jerusalém* (At 1.3-8; 1Co 15.7).				
161. Jesus sobe ao céu. *Betânia* (At 1.9-12).		16.19,20	24.50-53	

Ao considerar esse assunto, não é de admirar que nessa época um insuportável enfado tivesse tomado conta do mundo. O suicídio era o remédio empregado para o terrível mal, tanto pelos membros das classes altas como pelos das classes inferiores, não sendo essa medida de desespero condenada pelo próprio Marco Aurélio. A tal ponto isso chegou que por toda parte se acreditava que uma nova crise ocorreria, e essa crença encontrou uma expressão mais precisa na esperança messiânica dos judeus. A preparação para a vinda de Cristo, na história dos hebreus, pode ser estudada pelo desenvolvimento dessa esperança messiânica. Quando veio a "plenitude dos tempos", os homens estavam à espera de um Elias ou de um dos profetas a fim de preparar o caminho do novo Rei (Mc 6.15; 8.28; Jo 1.21; 6.14); ou então, como Simeão e José de Arimateia, estavam esperando a consolação de Israel, segundo a promessa (Mc 15.43; Lc 2.25). Quando João Batista apareceu, levantaram- se questões sobre se era ele o Cristo prometido (Lc 3.15). O mundo judaico estava na expectativa, mesmo que, quando o Prometido "veio para o que era seu", os que eram seus "não o receberam" (Jo 1.11). V. CRONOLOGIA DO NT, MESSIAS.

III. As nossas principais fontes autorizadas para o conhecimento da vida de Jesus Cristo são os quatro Evangelhos. Portanto, em vez de resumir a sua vida de modo narrativo, cremos ser mais conveniente apresentar uma sinopse, na forma de uma harmonia dos Evangelhos.

Este método de apresentar a vida do divino Mestre também tem a vantagem de sugerir algumas distintivas características de cada Evangelho. É manifesto o contraste na maneira de tratar o assunto entre os Evangelhos sinópticos (Mateus, Marcos e Lucas) e o Evangelho segundo João. Mais detalhes são encontrados em cada Evangelho sob o seu respectivo título.

IV. *A divindade de Jesus Cristo é claramente afirmada.* Preexistência (Jo 8.58) com o Pai (Jo 17.4,5; v. 17.24) no céu (Jo 3.13); como Filho, está em união com o Pai (Jo 10.30; 14.23; v. tb. Mt 16.13-17; 26.62- 64); recebeu do Pai a sua missão (Jo 10.36; 16.28). É isso o que de modo especial foi declarado por Jesus. Essas declarações devem ser consideradas à luz de sua perfeição moral (v. mais adiante o que está escrito sobre o caráter de Jesus Cristo). Ele próprio pergunta: "Quem dizem os homens que sou eu?" (Mc 8.27). Os seus títulos divinos encontram apoio nas suas obras de salvação. Ele próprio as oferece a João Batista, como evidentes razões de ser ele o Cristo (Mt 11.2-6; v. Jo 10.37,38), e chama a atenção dos seus discípulos para o pecado de rejeitar a prova desses atos (Mt 11.21-24; Jo 15.23-25). A sua influência sobre alguns foi decisiva, mesmo quando não era inteiramente reconhecida (Mt 8.27; Mc 5.37-43; Lc 7.13-16; Jo 11.33-46). Assim como ele concedeu os dons miraculosos de curar e socorrer, também se apresenta como a fonte de bênçãos espirituais. Ele disse: "[...] crede também em mim" (Jo 14.1) e "[...] eu vos aliviarei" (Mt 11.28). Amar a Jesus é amar a Deus (Jo 14.23); render-se a ele é render-se a Deus (Jo 17.10); unir-

se a ele é unir-se a Deus (Jo 17.23); estar com ele é estar com Deus (Jo 14.23); e ele pode perdoar pecados (Mt 9.6). Sendo esta a linguagem dos Evangelhos, a das Epístolas não é menos precisa. Ele é Deus (Rm 9.5), o Filho enviado pelo Pai (Hb 1.2), Onipotente (Fp 3.21; Cl 2.9,10), imutável (Hb 13.8), Criador (Cl 1.16,17; Hb 1.2), Juiz (Rm 14.10), objeto de adoração (Fp 2.10,11). V. FILHO DE DEUS. V. *A humanidade de Jesus Cristo é igualmente clara nas Escrituras Sagradas.* "E o Verbo se fez carne" (Jo 1.14). O acontecimento tinha sido preparado; houve a promessa em Gn 3.15, a qual foi assegurada a Abraão nas seguintes palavras: "Em ti serão benditas todas as famílias da terra" (Gn 12.3). A ideia messiânica foi tendo o seu desenvolvimento; e mais particularmente se manifesta essa esperança da vinda do Messias na vívida descrição "do servo do Senhor", que Isaías nos deixou em suas profecias (Is 40—66). O nascimento de Jesus foi sobrenatural, concebendo a virgem por obra do Espírito Santo. Desse modo, declara-se que Jesus "vem das alturas [...] do céu" (Jo 3.31), embora "nascido de mulher" (Gl 4.4) e "tornando-se em semelhança de homens" (Fp 2.7). Como "convinha que, em todas as coisas, se tornasse semelhante aos irmãos" (Hb 2.17), ele experimentou necessidades comuns aos homens. Teve fome (Mt 4.2), sede (Jo 4.6,7) e sentia a necessidade de dormir (Mc 4.38). Jesus experimentou as emoções familiares ao homem: ele teve momentos de angústia (Jo 12.27; 13.21); indignação (Mc 3.5); tristeza e compaixão (Mt 20.34; Jo 11.35). Viveu conflitos espirituais (Mt 18.11; 26.36-46) e sentiu o valor da oração (Mc 1.35; Lc 6.12). Todavia, ele próprio, embora fosse tentado (Mt 4; Lc 4; Hb 4.15), não pecou (2Co 5.21; Hb 4.15; 7.26; 9.14; 1Pe 2.22). V. filho do homem. VI. *O propósito da encarnação de Jesus* está exposto nas tão conhecidas palavras do Evangelho de João (3.16); e de modo sucinto é descrito pelo mesmo apóstolo, quando ele diz: "O Pai enviou o seu Filho como Salvador do mundo" (1Jo 4.14). A missão de Jesus não foi somente em benefício dos judeus. Pelo contrário, enquanto esteve na Terra, ele não deixou de pensar nas "outras ovelhas" (Jo 10.16). Sua última ordem foi a de evangelizar o mundo. Na realização desta obra, ele "a si mesmo se deu em resgate por todos" (1Tm 2.6), morrendo "pelos nossos pecados" (1Co 15.3). Em relação a este aspecto de sua missão, V. EXPIAÇÃO, JUSTIFICAÇÃO. Teve, pois, a vinda de Jesus Cristo um propósito muito mais abrangente do que o de apresentar um exemplo de homem perfeito. Foi um ato de Deus, referente a uma grandiosa determinação da Divindade, em que o Criador e o ser humano se acham em relação, porquanto "Deus estava em Cristo, reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões" (2Co 5.19). VII. *O caráter de Jesus Cristo*, como revelado nos Evangelhos, é digno de especial atenção. Na sua apresentação, os escritores sagrados abstêm-se de louvá-lo. Descrevem-no de maneira inteiramente despretensiosa, em narrativas simples e despidas de afetação. No entanto, os quatro autores dos Evangelhos, embora narrem por vezes fatos diferentes e apresentem diversas partes dos ensinamentos de Jesus, certamente nos mostram uma clara e persistente visão do mesmo caráter. Esse plano é verdadeiramente original. Não está em concordância com os mais altos pensamentos pagãos daquele tempo, e não é tal como os mestres judaicos contemporâneos de Jesus o teriam apresentado. É em si mesmo uma produção única. Vamos dar a conhecer, em um reverente estudo do caráter de Jesus, as seguintes particularidades:

A sua santidade impressionou os que o observavam, e por eles era aceita: Mt 26.59, 60; 27.23,24; Lc 23.13-15; Jo 8.46; 10.32; At 3.13,14; 1Pe 2.21-23.

A sua benevolência e compaixão foram repetidas vezes demonstradas: Mt 9.36ss; 18.11ss; Mc

7.26ss; 10.13-21,45-52; Lc 9.55; 10.30-37; 13.16; 14.2; 22.50,51; Jo 4. A sua amabilidade e afeição se manifestavam, como se vê em Mt 14.27-31; Lc 19.5, 41; 22.61; Jo 11.19,25-27. A sua mansidão e humildade são patentes: Mt 5.1-12; 9.28; 18.22ss; Lc 22.24-27; Jo 13.4. A sua coragem moral, firmeza e resignação se mostram em Mt 26.39-46; Mc 10.32; Lc 4.23ss; 13.31ss; 18.2ss; Jo 11.7; 18.4ss. A sua sinceridade e abominação à hipocrisia e a tudo o que se relacionava a ganhar popularidade são características evidentes que se veem em Mt 6.1-18; 10.16-39; 22.18ss; Mc 12.38-40; Lc 11.44ss; Jo 16.1-6. A sua moderação e a ausência de uma calculada austeridade se notam em Mt 8.19; 23.23; Mc 12.17; Lc 5.29-35; Jo 2.1ss. Jesus Cristo sustentou, com firmeza, sua própria perfeição moral e apresentou-se a seus discípulos como cumpridor dos mandamentos do Pai (Jo 15.10), porque, nas palavras dele, "eu faço sempre o que lhe agrada" (Jo 8.29). Ele também dirigiu a seus inimigos este desafio: "Quem dentre vós me convence de pecado?" (Jo 8.46). O caráter de Jesus, como revelado nos Evangelhos, não tem impressionado somente os que o aceitam como Cristo, o Salvador, mas também causado a admiração dos críticos e adversários do cristianismo.

Jetro. *Abundância.* Príncipe e sacerdote de Midiã; sogro de Moisés. (V. MOISÉS.) É também chamado Jéter e Reuel, e talvez ainda Hobabe. Crê-se que ele foi sacerdote do verdadeiro Deus e defendia a verdadeira religião. Descendente de Midiã, era filho de Abraão e Quetura. Moisés convidou-o a oferecer sacrifícios ao Senhor quando ele chegou ao acampamento dos israelitas, como também adorador do mesmo Deus (Êx 18.11,12). Conforme seu conselho, escolheu Moisés certo número de anciãos para o auxiliarem no governo e ao mesmo tempo julgarem os casos de pequena importância (Êx18). Moisés lhe rogou que acompanhasse os israelitas, servindo-lhes de guia, missão que se tornava desnecessária com a arca da Aliança (Nm 10.31,33). A hospitalidade que Jetro ofereceu a Moisés, quando este fugia do Egito para salvar sua vida, é uma bela demonstração da vida e dos costumes do Oriente. A cordialidade do sacerdote, que se manifestou para com o fugitivo de modo notável, decorria do fato de ter Moisés auxiliado as suas filhas a dar de beber aos animais. V. HOBABE.

Jeú. *O Senhor, Ele o é.* 1. Filho de Josafá e neto de Ninsi. Foi com ele que principiou a quinta dinastia dos reis de Israel, a qual teve maior duração do que qualquer outra casa real desse país (2Rs 10). As principais características de Jeú foram discrição, rapidez de ação e crueldade. Ele era ainda jovem quando Deus mandou que Elias o ungisse como rei de Israel (1Rs 19.16). Por alguma razão, Elias não cumpriu a missão, que transferiu a Eliseu, realizando este profeta a cerimônia da unção por procuração e em segredo (2Rs 9.16). Nessa ocasião, Jeú era capitão da força que cercava Ramote-Gileade, tendo ali sido deixado por Jorão, que se retirara para Jezreel, a fim de ser curado de uma ferida. Havendo conhecimento de tudo isso, ele foi aclamado rei pelos oficiais, que lhe proporcionaram as honras que o tempo e o lugar permitiam (2Rs 9.2-15). Jeú procurou evitar que as notícias da insurreição chegassem aos ouvidos de Jorão. Então, partiu logo para Jezreel, onde matou o rei de Israel e provocou a fuga do rei de Judá e a morte de Jezabel (2Rs 9.24-37). Jeú não se deteve nesse feito, mas continuou a mortandade até que a casa de Acabe foi exterminada (2Rs 10.1-14). Foi durante a marcha para Samaria que Jeú encontrou Jonadabe, o recabita, conseguindo dele o seu auxílio para a matança dos adoradores de Baal dentro do templo edificado por Acabe (1Rs 16.32; 2Rs 10.23). A estátua de Baal foi despedaçada, o templo foi arrasado e daquele edifício fizeram um lugar para usos vis. Todavia,

embora Jeú tivesse sido o instrumento nas mãos de Deus para infligir o devido castigo à casa de Acabe, ele é acusado nas Escrituras Sagradas de não abandonar inteiramente os pecados de Jeroboão, que fez pecar Israel, prestando culto aos bezerros de ouro (2Rs 10.29- 31). Jeú parece ter sido movido mais pelo espírito de ambição do que pelo temor a Deus, não sendo, na verdade, o desejo de restaurar a pureza do culto do Senhor o que o impelia nos seus atos. Durante os vinte e sete anos seguintes do seu reinado, não há conhecimento de nenhum fato de Jeú que não seja o de manter o culto do bezerro que Jeroboão tinha instituído. Ele foi sepultado em Samaria, sucedendo-lhe seu filho Jeoacaz. V. HAZAEL, RAMOTE-GILEADE, JEZREEL. Jeú é mencionado no "Obelisco Negro" (que agora existe no Museu Britânico), sendo representado a pagar o tributo a Salmaneser II, rei da Assíria (840 a.C.). É chamado na inscrição de "Jeú, filho de Onri". Não sendo conhecida a mudança da dinastia pelos escribas da Assíria, Onri provavelmente não é um erro clerical, mas aparece no lugar de Ninsi, como já tem sido sugerido.

2. Profeta de Judá, a quem Deus mandou que fosse ter com Baasa, rei de Israel, a fim de predizer-lhe o mau resultado de suas cruéis ações(1Rs 16.1-7), pois esse rei havia ferido a casa de Jeroboão. Ele também denunciou Josafá (2Cr 19.2,3). V. BAASA.

3. Descendente de Simeão (1Cr 2.38).

4. Descendente de Judá (1Cr 4.35).

5. Um dos heróis de Davi (1Cr 12.3).

Jezabel. Era filha de Etbaal, rei dos sidônios, e foi casada com Acabe, rei de Israel (1Rs 16.31). Essa princesa introduziu no reino de Samaria a forma siríaca do culto a Baal, a Astarote e a outras divindades fenícias. Com esse culto, ela também trouxe para os israelitas muitas daquelas abominações que tinham chamado a ira de Deus contra os cananeus. Tão fanatizada estava Jezabel nessa religião que em volta de sua mesa reunia 450 profetas ou sacerdotes de Baal e 400 sacerdotes de Astarote (poste-ídolo) (1Rs 18.19). Foi um mau dia para os israelitas aquele em que Acabe trouxe uma mulher estrangeira para partilhar do trono de Israel. Salomão mantivera cada uma das suas mulheres pagãs longe dos negócios do Estado, mas Acabe procedeu de forma diferente, permitindo que ela tomasse parte no governo, algumas vezes com exclusão dele próprio (1Rs 21.25). A terrível perseguição aos profetas do Senhor (1Rs 18.13; 2Rs 9.7) provocou um forte levante do povo, por instigação de Elias, sendo destruídos quase inteiramente os que adoravam o deus Baal (1Rs 19.1). No entanto, ele próprio, o forte Elias, caiu em abatimento quando lhe constou que Jezabel ficara ferozmente irritada ao receber a notícia da mortandade dos seus sacerdotes; então o profeta tratou de fugir para salvar a vida (1Rs 19.3). Jezabel era mulher de desígnios mais firmes do que o seu marido. Sem escrúpulos, no uso daquele poder que o rei devia conservar nas próprias mãos, ela ocasionou a morte de Nabote (1Rs 21.14) e mandou que seu marido se apoderasse das cobiçadas terras do assassinado. Provavelmente a rainha dava pouca importância à vinha ou a seu proprietário; para ela, entretanto, o poder era tudo, e foi pelo fato de exercê-lo cruelmente que a maldição do profeta caiu sobre ela (1Rs 21.23). A descrição de seu terrível fim, sendo Jeú seu implacável executor, é feita de modo inteiramente dramático em 2Rs 9.30-37. As palavras de Jeú, quando o mensageiro encarregado de enterrá-la, por ser ela "filha de rei", voltou informando-o do que tinha acontecido ao corpo, foram uma recordação da profecia de Elias (2Rs 9.36,37). Ele havia

considerado que deixar a rainha sem sepultura seria um insulto ao rei de Tiro. Jezabel devia ter avançada idade quando morreu, porque ela sobreviveu a Acabe pelo espaço de catorze anos, sendo proeminente seu lugar na corte de seus filhos, como o havia sido junto do trono de seu marido. Considerada em seu todo, Jezabel foi a mais perversa das rainhas de Israel e também a mais inteligente e notável. V. ACABE, JEÚ, ELIAS, NABOTE.

Jezreel. *Deus semeia.* 1. Cidade ao sul de Judá, perto do Carmelo (Js 15.56; 1Sm 25.43). 2. Um indivíduo de Judá, descendente do fundador de Etã (1Cr 4.3). 3. Nome simbólico de Israel (em virtude da importância de Jezreel (4) (Os 1.4,11) e também do filho mais velho de Oseias (Os 1.4). 4. A bem conhecida cidade de Issacar, edificada sobre um esporão do monte Gilboa, no alto de uma grande e rochosa ladeira. Aparece primeiramente nas Escrituras como uma cidade de Issacar (Js 19.18). Acabe a escolheu como sua principal residência, e foi onde morreu Jezabel (1Rs 18.45,46; 21.1; 2Rs 9.10,30-37). Para ali fugiu o ferido Jorão (2Rs 8.29) e ali foram mortos os filhos de Acabe (2Rs 10). A uns 2 km a leste de Jezreel, está Ain Jalud (Poço de Golias), a fonte de Jezreel, onde Saul acampou antes da sua última batalha (1Sm 29.1). Em virtude da sua posição, Jezreel era visível do monte Carmelo. Foi nessa povoação que Jezabel conservou 400 sacerdotes e estabeleceu um templo e um bosque em honra de Astarote (1Rs 18.19; 2Rs 10.11). O palácio de Acabe, a "casa de marfim" (1Rs 22.39), que era também residência de Jezabel, fazia parte da muralha da cidade no seu lado oriental. Ainda a leste, ficava o portão, tendo ao lado a grande torre de vigia. Logo em frente da porta de entrada, estava o espaço aberto, onde era lançado o lixo e onde os cães, que faziam o papel de varredores, vagueavam de um lado para o outro. Não admira, pois, a rapidez com que foram consumidos os despedaçados restos mortais de Jezabel, estando na verdade o local além dos muros (Nabote) onde Elias encontrou Acabe, Jeú e Bidcar (1Rs 21.16). O nome moderno de Jezreel é Zerin. V. JEÚ, JEZABEL, NABOTE, ELIAS e os verbetes seguintes.

Jezreel, planície de (e mais geralmente a planície de Esdrelom). Essa planície é chamada pelos árabes de Merj ibn Amer. Estende-se por quase 19 km, desde as faldas dos montes de Nazaré, ao norte, até os montes de Samaria, ao sul; e desde a serra do Carmelo a oeste, por quase 38 km, até o monte Tabor e Gilboa, a leste. Pelo lado leste, há três grandes extensões, cada uma separada das outras pelos espinhaços do pequeno Hermom e de Gilboa. Os ramos do norte e do centro (vale de Jezreel) estendem-se até o rio Jordão; a parte meridional termina como fundo de saco. A noroeste, a planície é estreitada pelos montes do Carmelo até formar um desfiladeiro, pelo qual há acesso à planície de Acabe, correndo ali o ribeiro Quisom. A planície de Jezreel servia de passagem e foi grande campo de batalha da Palestina. Ali pelejaram Baraque e Sísera, e também Gideão com os amalequitas e midianitas (Jz 4.13,14; 5.19-21; 7.1,22). Foi ainda palco da luta entre Josias e faraó Neco (2Rs 23.29; 2Cr 35.22) e da vitória de Salmaneser (Os 1.4,5,11; 2.22). Essa planície fazia parte do território de Issacar (Js 19.18) e, depois da morte de Saul, esteve por algum tempo em poder de Isbosete (2Sm 2.9). Salomão fez dela um dos seus comissariados em virtude de sua fertilidade (1Rs 4.12). Era, contudo, um lugar de pouca segurança para ser habitado, por isso o povo vivia em povoações situadas nos montes circunvizinhos. V. MEGIDO.

Jezreel, vale de.É esse o lindo e frutífero vale que se estende desde a planície de Jezreel até o Jordão. O seu comprimento é de 26 km, variando a sua largura entre 3 e 5 km. Na sua extremidade ocidental, estava a cidade de Jezreel, e no outro termo ficava Bete-Seã (Js 17.16). Esse apertado vale foi palco da última derrota de Saul, no seu combate com os filisteus (1Sm 31.1), e também da marcha de Jeú contra Jorão (2Rs 9).

Jó. *Odiado ou reverente* (?). 1. A principal figura do livro que tem o seu nome. Foi um patriarca que viveu na "terra de Uz" (Jó 1.1), feliz e próspero; entretanto, com a permissão de Deus, foi terrivelmente testado por Satanás. As provações de Jó resultaram em uma série de discussões entre o paciente patriarca e certos amigos. Por fim, ele se submeteu a Deus, já que "mudou o Senhor a sorte de Jó" e lhe acrescentou "o dobro de tudo o que antes possuíra" (42.10). Deus lhe restaurou inteiramente a sua prosperidade e, "depois disto, viveu Jó cento e quarenta anos" (42.16). O profeta Ezequiel o coloca na mesma categoria de Noé e Daniel (Ez 14.14,20); e Tiago se refere à sua paciência (Tg 5.11). Para esclarecimento de certos assuntos associados personalidade de Jó, V. JÓ,LIVRO DE.
2. Uma palavra diferente da anterior e provavelmente corrompida. O terceiro filho de Issacar (Gn 46.13). O seu nome vem registrado corretamente na forma de Jasube em Nm 26.24; 1Cr 7.1.

Jó, O Livro de. Esse livro tem o nome do patriarca cujas experiências estão nele registradas. O tempo em que Jó viveu é uma questão sobre a qual se têm levantado grandes discussões. Segundo opinião antiga, Jóexistiu antes de Abraão e, sendo assim, o seu lugar no Gênesis deveria ser entre os cap. 11 e 12, como suplemento aos fatos referentes à condição antiga da nossa raça, segundo se lê no primeiro livro de Moisés. Outros, porém, descobrem alusões destruição de Sodoma em Jó 15.34; 18.15; 20.26 e apresentam a coincidência de muitos nomes do livro serem iguais aos de alguns descendentes de Abraão, por Ismael e Esaú. Por essa razão, julgam o livro pertencente a uma época posterior. Alguns desses críticos o atribuem ao tempo em que os israelitas habitaram o Egito, mas outros o consideram produto de um período que talvez possa fixar-se depois do cativeiro. Existem diferentes opiniões a respeito de quem é o autor do livro: uns dizem ser obra do próprio Jó, mas ela também é atribuída, principalmente pelos rabinos, a Moisés; outros julgam ter sido escrito por Eliú, ou Salomão, ou Esdras, sendo ainda mencionados alguns outros escritores do AT.
Quanto ao palco dos acontecimentos descritos, não é coisa fácil de determinar. Alguns pensam que foi na Idumeia ou no deserto da Arábia; outros creem ter sido na Mesopotâmia. Evidentemente, foi dentro da esfera dos sabeus, dos caldeus ou dos edomitas (Jó 1.15,17; 2.11), parecendo indicarem os fatos certa localidade ao norte da península Arábica. O livro é naturalmente dividido em três partes:
I. A introdução histórica em prosa (cap. 1e 2): narra-se nessa seção a repentina e rude aflição de Jó, sob a ação de Satanás, que se apresenta na corte do céu como acusador daquele piedoso homem; este, contudo, sofre todos os males com exemplar paciência e confiança em Deus.
II. O argumento, ou controvérsia, em cinco partes:
1. *A primeira* série de discussões compreende a lamentação de Jó(cap. 3); a fala de Elifaz (cap. 4 e 5) e a resposta de Jó (cap. 6 e 7); a fala de Bildade (cap. 8) e a resposta de Jó (cap. 9 e 10); a fala de Zofar (cap. 11) e a resposta de Jó (cap. 12—14).

2. *A segunda* série compreende a fala de Elifaz (cap. 15) e a resposta de Jó(cap. 16 e 17); a fala de Bildade (cap. 18) e a resposta de Jó (cap. 19); a fala de Zofar (cap. 20) e a resposta de Jó (cap. 21).
3. *A terceira* série compreende a fala de Elifaz (cap. 22) e a resposta de Jó (cap. 23 e 24); e a fala de Bildade (cap. 25) e a resposta de Jó (cap. 26—31). Alguns afirmam que uma parte do discurso atribuído a Jó (27.7-23) foi na realidade uma terceira réplica de Zofar, tendo sido deslocada pelo erro de algum copista; contudo, esse ponto de vista não tem aceitação geral. Toda a questão encerra-se neste ponto: os grandes sofrimentos são ou não são consequência de graves culpas? Os amigos de Jó dizem que são e, por isso, o aconselham a arrepender-se e reformar sua vida. Jó diz que não são e apela para os fatos, ao mesmo tempo queixando-se amargamente dos seus amigos por terem agravado sua triste situação com falsas acusações.
4. A *fala* de Eliú (cap. 32—37). Eliú sustenta que as aflições são para o bem dos que as sofrem, mesmo que, estritamente falando, não sejam fruto do pecado. Ele censura Jó por procurar mais a sua justificação do que a de Deus e faz a defesa da divina providência.
5. Essa divisão compreende o encerramento da controvérsia com profundas palavras do Altíssimo, não explicando o Senhor sua ação, mas ilustrando seu poder e sabedoria (cap. 38—41); e a resposta de Jó, submetendo-se em seu arrependimento aos juízos de Deus (42.1-6).
III. A conclusão em prosa (42.7-17). Essa parte descreve ter sido Jó bem aceito por Deus e ter depois prosperado imensamente.
As lições práticas sugeridas pelo livro são óbvias e importantes. Nota-se logo em Satanás o seu caráter falho de caridade (1.9,10). Tanto sua origem como sua índole acusadora nos devem pôr de sobreaviso contra ele. Homens retos e de boa consciência são os primeiros a confessar que há neles vileza (1.1; 40.4; 42.6). O nosso progresso em sabedoria e santidade é proporcional à humildade. Não é preciso sabedoria para bem sustentar uma controvérsia, quando é certo que o próprio Jó teve falhas. E como se torna necessária uma revelação especial, sabendo-se que homens justos, com um exato conhecimento das coisas de Deus e de sua providência, não souberam ler bem as lições escritas em suas obras! O próprio Criador teve de intervir para corrigir os defeitos da inteligência humana nessas questões, as quais o livro de Jó aborda.
Se tratarmos de indagar qual a relação entre o livro de Jó e os outros do AT, acharemos que certas coincidências de expressão, entre Jó e muitas passagens de Salmos, Provérbios e Isaías, nos sugerem a ideia de que o livro era familiar nos dias da monarquia hebraica. Há no NT apenas uma citação explícita do livro de Jó: a que se lê em 1Co 3.19 após a fórmula "está escrito" e que tem sua origem em Jó 5.13. Uma comparação interessante é entre Fp 1.19 e Jó 13.16. Em Tiago (5.11), há uma referência à paciência de Jó. A expressão "o dia da ira" (Rm 2.5), embora primeiramente ocorra em Jó, pode ter sido citada pelo apóstolo, lendo ou pensando nas palavras de Sofonias (1.15,18).

Joabe. *O Senhor é pai.* 1. Sobrinho de Davi, pois era filho de Zeruia, irmã de Davi. Era irmão de Abisai e Asael, e um dos mais valentes soldados do tempo de Davi. Joabe era também homem cruel, vingativo e imperioso. Prestou grandes serviços a Davi, sendo sempre para ele um homem firme e leal. Foi comandante-chefe do seu exército quando Davi apenas governava em Judá. Por suas qualidades de estadista, ele chegou a ocupar o segundo lugar no reino. O seu irmão Abisai já tinha unido a sua sorte à de Davi em Ziclague (1Sm 26.6), quando Joabe, pela primeira vez

mencionado, parte de Hebrom à frente da guarda de Davi, a fim de vigiar Abner. O fatal duelo que se seguiu, entre 12 campeões de cada lado, teve como consequência uma batalha geral entre as tribos de Benjamim e Judá, terminando derrotada a primeira e morrendo Asael, irmão de Joabe, nas mãos de Abner (2Sm 2). A morte de Asael foi vingada de modo traiçoeiro por Joabe (2Sm 3.27). Davi manifestou sua dor por esse acontecimento, e, conforme seu desejo, Joabe apareceu no funeral de Abner cingido de saco e em pranto (2Sm 3.31). Foi no cerco de Jebus (Jerusalém) que Joabe ganhou grande distinção, sendo nomeado comandante do exército de Davi. A fortaleza de Jebus era localizada no alto de uma rocha e julgava-se inexpugnável. No entanto, quando Davi ofereceu o posto de principal do exército àquele que conseguisse tomá-la, foi Joabe quem para ali conduziu as tropas com êxito. Tomada a fortaleza, Joabe tratou de fortificar o lugar que foi ocupado por Davi como capital dos seus domínios e quartel-general do exército (1Cr 11.8). Aqui residiu Joabe e edificou uma casa (2Sm 14.24), saindo de Jerusalém somente quando era preciso comandar as tropas nas numerosas guerras em que o rei andava envolvido. Foi dessa maneira que ele materialmente ajudou a consolidar o império de Davi. As suas bem-sucedidas campanhas contra os amonitas, os edomitas e os sírios fizeram do seu nome uma palavra de terror para as nações circunjacentes (1Rs 11.15,16,21). No cerco de Rabá, tinha consigo a arca (2Sm 11.1-11). Ao tomar a parte inferior da cidade, mandou dizer a seu real amo que fosse ali para ter a honra de conquistar a cidadela (2Sm 12.26-28). Foi por essa sua lealdade que Joabe entrou na maquinação de Davi, que tinha por fim a morte de Urias (2Sm 11). Embora, daí em diante, tenha sido maior sua influência sobre Davi, não foi impelido àquele ato por motivos egoístas. A sua lealdade mais tarde se manifestou quando ele, com bom êxito, serviu à causa de Absalão, depois do assassinato de Amom. Essa foi também uma ocasião em que Davi patenteou o apreço que nutria por esse general (2Sm 14.1-20). Mais tarde, quando Absalão se revoltou contra seu pai, Joabe achou então necessário remover um inimigo tão perigoso e assumiu inteira responsabilidade por sua morte (2Sm 18.2-15; 19.5-7). Por esse ato, Joabe foi removido do comando do exército e substituído por Amasa, que tinha sido um rebelde (2Sm 20.4). Joabe foi, na realidade, um homem que com toda a dedicação serviu a seu rei, mas isso não o afastou de praticar atos de particular vingança, como foi o assassinato de Amasa, que se seguiu imediatamente ao fato de ser este nomeado para comandar o exército real em lugar daquele (2Sm 20.7,10; 1Rs 2.5). A resistência de Joabe ao desejo que Davi tinha de fazer o censo do povo foi uma questão de consciência. Ainda que a vontade do rei tivesse prevalecido, é certo que por seus esforços escaparam ao censo as duas tribos de Benjamim e Levi (2Sm 24.1-4; 1Cr 21.6).

Tendo sido Joabe, desde sua mocidade, um homem de sangue, era natural que seu fim fosse violento. Até então, seus grandes feitos tinham sido de lealdade ao trono; agora, no fim de uma vida longa e corajosa, ele se desviara para seguir Adonias (1Rs 2.28). Davi, já moribundo, não podia castigar seu antigo chefe militar, mas recordou o assassínio de Abner e Amasa, e ordenou a seu filho Salomão que os vingasse (1Rs 2.5,6). Ao morrer Davi, Joabe, temendo a vingança de Salomão, fugiu para o tabernáculo do Senhor em Gibeão. Foi Benaia que, dirigido por Salomão, ali matou o velho general (1Rs 2.28- 34). V. ABNER, ADONIAS.

2. Filho de Seraías, um descendente de Quenaz de Judá (1Cr 4.14).

3. O nome de uma família que voltou com Zorobabel (Ed 2.6; 8.9; Ne 7.11).

4. O nome mencionado em uma passagem obscura, aparentemente em ligação com Belém; pode referir-se a Joabe I(1Cr 2.54).

Joanã. *O Senhor é clemente.* 1. Outra forma de João. Filho de Azarias, o sumo sacerdote no tempo de Salomão (1Cr 6.9,10).
2. O filho mais velho de Josias, rei de Judá; morreu ainda criança (1Cr 3.15).
3. Príncipe da linhagem de Davi, depois da volta do cativeiro (1Cr 3.24).
4. Sumo sacerdote que viveu aproximadamente em 370 a.C. Provavelmente o mesmo que Jônatas (10) (Ne 12.22,23).
5. Um benjamita que foi um dos guerreiros de Davi (1Cr 12.4).
6. Um guerreiro de Davi que pertencia à tribo de Gade (1Cr 12.12).
7. Indivíduo de Efraim que, no tempo de Acaz, opôs-se a que os cativos fossem feitos escravos (2Cr 28.12).
8. Um exilado que voltou com Esdras (Ed 8.12).
9. Filho de Eliasibe. Havia no templo um compartimento chamado "câmara de Joanã". Talvez o mesmo Joanã do item 4 (Ed 10.6).
10. Filho de Abias, o amonita (Ne 6.18).
11. O filho de Careá e oficial do exército de Judá. Fugiu de Jerusalém quando a cidade foi atacada pelos caldeus; refugiou- se entre os amonitas e moabitas até que os invasores se retirassem, submetendo-se, então, ao novo governador de Jerusalém. Ele libertou os cativos que eram conduzidos de Mispa por Gedalias (Jr 41.11-16). Fixou, com outros capitães, sua residência em Tafnes. Depois disto, perde-se de vista (2Rs 25.23; Jr 40—43).

João. *Graça ou favor de Deus.* 1. Aparece também em outros lugares na forma de Joanã. Um parente do sumo sacerdote Anás. Juntamente com Anás e Caifás, fez inquirições a respeito do ensino dos apóstolos Pedro e João e da cura do coxo (At 4.6). Nada mais se sabe dele.

2. *João Marcos*, o evangelista; filho de Maria e primo (não sobrinho) de Barnabé. Esse evangelista é mencionado apenas cinco vezes com o nome de João (At 12.12,25; 13.5,13; 15.37). Nas outras passagens, é o nome Marcos que prevalece. V. MARCOS.
3. *João Batista*, o precursor. A vinda de João foi profetizada por Isaías (40.3) e Malaquias (4.5; v. Mt 11.14). Seu nascimento foi anunciado a seus idosos pais por "um anjo do Senhor" (Lc 1.5-23). Seu pai, Zacarias, era sacerdote, e sua mãe, Isabel, "era das filhas de Arão". A vinda dessa criança foi também predita a Maria na Anunciação (Lc 1.36). Com o nascimento de João (Lc 1.57) e a circuncisão do menino, Zacarias recuperou a fala, a qual tinha perdido quando o anjo lhe fez saber que havia de ter um filho (Lc 1.20,64). Quanto à infância de João Batista, apenas se sabe que ele "crescia e se fortalecia em espírito. E viveu nos desertos até ao dia em que havia de manifestar-se a Israel" (Lc 1.80). Assim, embora tivesse sido consagrado antes do seu nascimento à missão de pregar e ensinar (Lc 1.13-15), João Batista só deu início à sua obra quando chegou à idade viril, depois de ter passado vários anos isolado, vivendo uma vida de abnegação. O estilo de pregação de João Batista chamou a atenção de toda a gente. Suas vestes eram feitas de pelos de camelo; ele andava cingido de um cinto de couro, e sua alimentação consistia no que o notável pregador encontrava no deserto — gafanhotos e mel silvestre (Lv 11.22; Sl 81.16; Mt 3.4).

O *ministério* de João começou "no deserto da Judeia" (Mt 3.1; Mc 1.4; Lc 3.3; Jo 1.6- 28). Ele pregava o arrependimento e a vinda do reino dos céus, e toda a gente parecia ser movida pela sua palavra, pois multidões vinham ter com ele para receber o batismo (Mt 3.5; Mc 1.5). Censurava energicamente a falsa vida religiosa dos fariseus e saduceus que se aproximavam dele (Mt 3.7), admoestando também outras classes da sociedade (Lc 3.7-14). Chamava a atenção dos ouvintes para Jesus Cristo, o Cordeiro de Deus (Lc 3.15-17; Jo 1.29-31), a quem batizou (Mt 3.13-17). O povo quis saber se João era o Cristo prometido (Lc 3.15), mas ele categoricamente asseverou que não era (Jo 1.20).

A importância do ministério de João é claramente indicada nas referências de Jesus Cristo e dos apóstolos ao caráter e obra notável do pregador. Depois de responder aos mensageiros de João (Mt 11.2-6; Lc 7.19-23), Jesus falou às multidões sobre o caráter e a missão do seu precursor, declarando: "Entre os nascidos de mulher, ninguém apareceu maior do que João Batista" (Mt 11.7-11; Lc 7;24-28). Mais tarde, ele foi identificado por Jesus, de modo preciso, com o Elias prometido (Mt 17.10-13; Mc 9.11-13). O batismo de João também foi assunto de que Jesus se serviu para discutir com "os principais sacerdotes e os anciãos do povo" e deixá-los em dificuldades (Mt 21.23-27). Pelo fato de esses judeus rejeitarem o apelo de João, o Salvador os fez sentir sua responsabilidade (Mt 21.32). O batismo de João foi lembrado por Jesus depois da sua ressurreição (At 1.5); a ele se referiu também Pedro (At 1.22; 10,37; 11.16) e o apóstolo Paulo (At 13.24,25). Apolo conhecia somente o "batismo de João" (At 18.25), e maior conhecimento não havia entre certos discípulos de Éfeso (At 19.1-4). Com respeito ao "batismo de João", V. BATISMO. O ministério corajoso de João parece ter alarmado Herodes, o tetrarca da Galileia, o qual, segundo narra Josefo (Ant., XIII, 5.2), o considerava demagogo e pessoa perigosa. Como João o tivesse censurado por ter casado com Herodias, mulher de seu irmão Filipe, que ainda estava vivo, Herodes lançou o seu censurador em uma prisão. V. HERODIAS.

O medo da indignação popular (Mt 14.5) parece ter impedido Herodes de matar João Batista, mas a filha de Herodias, baseando-se em uma imponderada promessa de Herodes, obteve a morte de João (Mt 14.3-12).

4. *O apóstolo*. João, irmão de Tiago, era filho de Zebedeu (Mt 4.21) e Salomé, sendo esta provavelmente irmã da mãe de Jesus (cp. Mt 27.56 com Mc 15.40; Jo 19.25). Assim, João era primo de Jesus, e por isso foi muito natural que o Salvador, quando na cruz, entregasse sua mãe aos cuidados de João (Jo 19.25-27). João era, como seu pai, pescador de Betsaida, na Galileia, e trabalhava no lago de Genesaré (Mt 4.18,21). A família parece ter vivido em boas circunstâncias: seu pai, Zebedeu, tinha empregados (Mc 1.20); sua mãe era uma das piedosas mulheres que desde a Galileia acompanharam Jesus e o serviam com os seus bens (Mt 27.56); o próprio evangelista era conhecido do sumo sacerdote (Jo 18.15) e possuía uma casa (Jo 19.27). Acha-se identificado com aquele discípulo de João Batista, que não é nomeado, e que seguiu Jesus juntamente com André (Jo 1.35-40). O chamado de João e de seu irmão Tiago é narrado, em termos precisos, em Mt 4.21,22 e Mc 1.19,20. Foi ele um dos 12 apóstolos (Mt 10.2; Mc 3.13; Lc 6.12). A ele e a seu irmão, Jesus deu o nome de Boanerges (Mc 3.17). Na sua juventude, parece ter sido homem apaixonado, de temperamento impulsivo, dando ocasião a que Jesus o censurasse uma vez por ter proibido certo indivíduo de operar milagres (Mc

9.38,39), outra vez por ter desejado que do céu viesse castigo sobre os inóspitos samaritanos (Lc 9.51-56) e também por causa de sua pessoal ambição (Mc 10.35-40). Todavia, era ele chamado de o discípulo "a quem Jesus amava" (Jo 21.20) e a quem, juntamente com Tiago e Pedro, Jesus Cristo deu o privilégio de presenciarem tantos e maravilhosos acontecimentos do seu ministério. João pôde observar a cura da sogra de Pedro (Mc 1.29), a ressurreição da filha de Jairo (Mc 5.37 e Lc 8.51), a pesca miraculosa (Lc 5.10), a transfiguração (Mt 17.1; Mc 9.2; Lc 9.28) e a agonia no jardim do Getsêmani (Mt 26.37; Mc 14.32; Lc 22.39). É certo que João, como os outros discípulos, abandonou o Mestre quando o viu preso; depois, no entanto, o seguiu até o palácio do sumo sacerdote (Jo 18.15) e estava presente no Calvário (Jo 19.26,27). Em companhia de Pedro, visitou o túmulo vazio de Jesus (Jo 20.2-8), reconheceu depois o Senhor na miraculosa pesca (Jo 21.7), e o que havia de acontecer-lhe foi o assunto de uma inquirição da parte de Pedro, sendo a resposta de Jesus mal compreendida por alguns (Jo 21.21-23).

Depois da narrativa final do Evangelho, João é raras vezes mencionado; e, quando o é, sempre está ao lado de Pedro. João foi encarcerado por ordem do Sinédrio (At 4.1-19); e, passado algum tempo, foi mandado pela igreja a Samaria (At 8.14- 17). Quando Paulo, pela primeira vez depois da sua conversão, visitou Jerusalém, João estava ausente (Gl 1.19); contudo, passado certo espaço de tempo, ali o encontrou (Gl 2.9). Provavelmente João não estava nessa cidade por ocasião da última visita do apóstolo (At 21.18). Tem sido crença geral entre os cristãos o fato de que João ficou em Jerusalém até a morte de Maria, por volta de 48 d.C.; e que, depois de ter Paulo deixado finalmente a Ásia Menor, João foi trabalhar ali, residindo principalmente em Éfeso e implantando diversas igrejas nessa região. Crê-se também que, durante a perseguição de Domiciano, ou, segundo muitos, ao fim do reinado de Nero, João foi desterrado para a ilha de Patmos, no mar Egeu, onde teve as visões a que se refere no Apocalipse. Libertado mais tarde, voltou a Éfeso, onde continuou a pregar a fé cristã até sua morte, tendo já completado 100 anos de idade, o que aconteceu aproximadamente em 100 d.C. Ainda que alguns dos apóstolos tivessem sido casados (1Co 9.5), diz a tradição que João se conservou solteiro. Jerônimo (in *Gal*., VI, 10) diz que, quando João, por sua idade avançada, já não podia pregar, pedia que o levassem ao templo e então se contentava em exortar o povo da seguinte maneira: "Filhinhos, amai-vos uns aos outros". Não se conhecem particularidades sobre sua morte.

João, O Evangelho segundo. *A prova positiva de ter sido João o autor do quarto Evangelho.* O próprio autor apresenta-se ao leitor no seu Evangelho. Em três passagens (1.14; 19.35; 21.24), o escritor, embora permanecendo anônimo, parece referir-se a si próprio, reclamando precisamente para seus escritos a autoridade de uma testemunha ocular. Para a identificação do autor, uma pista é dada na última das passagens referidas (21.24). Quem é "o discípulo que dá testemunho a respeito destas coisas"? A resposta é: Aquele "discípulo a quem Jesus amava, o qual na ceia se reclinara sobre o peito de Jesus" (21.20; cp. 13.23,25; 19.26; 20.2; 21.7). Ora, nos acontecimentos referidos no cap. 21 estavam presentes Pedro, Tomé, Natanael, os filhos de Zebedeu e "mais dois dos seus discípulos" (v. 2). Dentro desse círculo, é natural procurar "o discípulo amado" nesse trio, que nos Sinópticos aparece na mais estreita relação com Jesus, e do qual constam Pedro, Tiago e João. Pedro, contudo, é excluído pela própria narração, e Tiago foi martirizado muito antes de ter podido escrever esse Evangelho. Resta, pois, o apóstolo João.

A prova interna, oferecida pelo próprio Evangelho. Pela narrativa, infere-se que o seu autor era:
1. *Judeu.* Ele está perfeitamente familiarizado com as opiniões judaicas (especialmente no que diz respeito à esperança messiânica: 1.21; 4.25; 6.14,15; 7.52; 12.13, 34; 19.15,21) e com os usos e práticas do povo de Israel. As explicações que o autor dá só poderiam ser fornecidas por um judeu, vivendo a certa distância da Palestina, após a ruína da nação e do culto judaico, e quando se tinham tornado numerosas as conversões de pagãos ao cristianismo. Ele se refere às festas, chamando-as de "festas dos judeus" (5.1; 6.4); esclarece que o mar da Galileia é a mesma coisa que o "mar de Tiberíades" (6.1); diz a seus leitores que "Rabi" quer dizer "Mestre" (1.38), e "Messias", "Cristo" (1.41); e explica o procedimento dos samaritanos, recordando o fato de que "os judeus não se dão com os samaritanos" (4.9).
2. *Natural da Palestina.* Ele mostra que lhe era familiar a topografia da Palestina e de Jerusalém (cidade que já estava em ruínas quando o Evangelho foi escrito).
3. *Falava aramaico.* O estilo é semítico, e as citações do AT mostram não só o conhecimento do hebraico, mas também da *Septuaginta.*
4. *Testemunha ocular.* Tempo, pessoas e lugares são constantemente especificados, mostrando o caráter gráfico da narrativa ou "a habilidade de um artista consumado ou a memória de um observador" (Westcott). A esse respeito, v. as passagens do Evangelho às quais já nos referimos (1.14; 19.35; 21.24).
5. *Um apóstolo*. Trata-se de uma testemunha ocular em estreita relação com os pensamentos e ações dos apóstolos e de Jesus Cristo. Agora passemos dessas considerações, que têm sua origem no próprio Evangelho, para o testemunho externo em favor da autoria de João. As palavras de Jo 1.1 são citadas por Teófilo de Antioquia (c. 180 d.C.), fazendo-as preceder de: "João diz". Ireneu (que conheceu Policarpo, sendo este conhecido de João) atribui o livro, sem hesitação alguma, a "João, discípulo do Senhor, e que também se recostara no seu peito", afirmando inclusive que ele o escreveu em Éfeso, onde permaneceu até o tempo de Trajano (97- 117 d.C.). Um testemunho semelhante é dado por Tertuliano, Clemente de Alexandria e outros escritores dos tempos subsequentes. Além disso, investigações recentes mostram que Taciano (c. 170 d.C) já fazia uso desse Evangelho e que é quase certo o livro ter sido conhecido também por Justino Mártir (c. 150 d.C.). Ainda leem-se passagens da mesma obra em Valentim (c. 130 d.C.) e Basilides (c. 125 d.C.), que são citadas por Hipólito. Apenas podemos deduzir a data do livro. As palavras de Jo 21.19 sugerem-nos que o Evangelho se refere a fatos passados havia bastante tempo, embora o capítulo 21 possa ter sido um apêndice à narrativa original. Com dificuldade, pode-se crer que tenha sido escrito antes do ano 80 d.C., devendo talvez pertencer última década do século I. Não há base suficiente para pôr em dúvida a crença da igreja primitiva de que o Evangelho foi escrito em Éfeso.

Sumário do conteúdo:
I. (1.1-18): O prólogo, expondo a glória do Filho de Deus em sua natureza divina e atos, bem como no fato e fim de sua encarnação.
II. (1.19—12.50): Acontecimentos que ocorreram durante a sua vida pública, manifestando o Filho de Deus sua glória *a todo o povo*: a) na primeira parte, achamos o testemunho de João Batista, a fé dos primeiros discípulos, a inquirição de Nicodemos e a fé dos samaritanos e a de

um nobre da Galileia (1.19—4.54); b) as narrativas subsequentes tratam dos milagres de Cristo, de conversações e de seu modo de viver, no meio de uma oposição violenta e sempre crescente (5.1—12.36). Vêm, finalmente, as reflexões sobre as precedentes narrativas (12.37-50). III. (13.1—21.25): Acontecimentos preparatórios e em relação com sua morte, manifestando Jesus sua glória de modo especial a seus discípulos. Temos nessa parte final: a) seus discursos particulares, falando o Mestre a seus discípulos mais íntimos, e sua oração intercessora (13.1—17.26); b) seu julgamento, paixão e morte (18.1—19.42); c) sua ressurreição e seu aparecimento a seus discípulos (cap. 20), acrescentando-se em apêndice uma nova descrição dos acontecimentos, junto ao mar de Tiberíades.

João, Primeira Epístola de. Esse livro do NT tem mais a natureza de uma dissertação sobre a crença e os deveres dos cristãos do que a de uma carta enviada a determinada igreja. Não apresenta saudações ou alusões pessoais. É uma "epístola universal", visto que é dirigida à igreja em geral. A *autoria* é atribuída a João por alguns dos mais antigos escritores cristãos. A semelhança que se observa tanto nas ideias como na linguagem, entre o quarto Evangelho e a carta de que se trata, favorece essa crença. Com efeito, essa epístola tem todo o caráter de um suplemento e comentário do Evangelho. Algumas comparações exemplificam a questão: 1Jo 1.4 com Jo 16.24; 1Jo 2.3 com Jo 14.15; 1Jo 2.8 com Jo 13.34; 1Jo 2.11 com Jo 12.35. Pelo que expõe, a epístola parece ter sido escrita por uma pessoa que viu Jesus e observou suas obras (1.1-4; 4.14). Crê-se que ela foi escrita em Éfeso, mas não se sabe a data precisa. É muito provável que seja dos fins do século I, atendendo aos erros que ali são condenados.
O *objeto* da epístola é exposto pelo autor (5.13). Ele procura confirmar e reforçar o Evangelho, assegurando aos cristãos que eles têm a vida eterna. Para alcançar seu objetivo, o autor entra em controvérsia com os adversários. Realmente, quase no início da vida da igreja, falsas doutrinas se haviam introduzido em seu seio. Havia quem pusesse em dúvida a divina dignidade de Jesus, negando que ele fosse o Filho de Deus. Aos que assim falavam, chama o apóstolo de enganadores e anticristo (2.22; 4.15; 5.1). Outros negavam a humanidade de Jesus, contradizendo, desse modo, a real comunicação social de Cristo com os homens (Hb 2.16; 4.15) e a realidade de sua morte e propiciação. A encarnação de Jesus era, na opinião desses, mera aparência, e a história de sua vida não passava de um mito. O apóstolo desfaz essas falsas ideias de modo enérgico (4.3), declara que ele próprio pôde tocar o corpo de Jesus (1.1) e alude em termos claros à água e ao sangue que jorraram do lado que foi penetrado pela lança. Uma terceira corrente de ideias se manifestava, sustentando alguns que bastava adorar a Deus com o espírito, havendo indulgência para o corpo. O apóstolo refuta essa doutrina imoral, pois declara que todo pecado é iniquidade (3.4), que a comunhão com Deus purifica o cristão, e somente nessa pureza é que podemos ser reconhecidos como seus filhos (2.5; 3.8-10; 4.13; 5.11). Os pontos de que trata a epístola sobejam em ensinamentos positivos sob três aspectos:
I. A epístola nos ensina qual a natureza da comunhão com Deus (1.3). Ele é luz (1.5) e *amor*, e a comunhão implica conformidade com os seus atributos. Visto que Deus é luz, o ser humano deve ser purificado e remido (1.7—2.2) e, além disso, deve ser santo (2.3-7). Como ele é amor, devemos amar-nos uns aos outros (2.10). No entanto, se Cristo for negado, todas essas bênçãos se perdem (2.22-24).
II. A epístola nos ensina qual a felicidade e os deveres de um filho de Deus. O nosso privilégio

de cristãos não é somente a comunhão com Deus, mas nossa adoção como filhos. Deus é justo, e por isso devem ser também justos os seus filhos (2.29—3.3). Cristo veio para tirar o pecado do mundo, e nele não há pecado; como ele é, devemos ser (3.4-10). Ele deu sua vida por nós, e então seu amor deve ser nosso modelo (3.11-18). Se tivermos o Espírito de Cristo, participaremos das outras bênçãos cristãs (3.19-24). Ora, se Cristo for negado, quanto à sua natureza humana em especial, essas bênçãos serão perdidas (3.19—4.6).
III. Deus não é somente *luz;* Deus é *amor* (4.7,8). O amor, parte essencial de sua natureza, manifesta-se na missão e no caráter de seu Filho e é condição necessária da filiação (4.21). Amar a Deus e ao próximo, a fé em Cristo e uma confiança tal que nos conserve a paz são, entre outros, os resultados dessa revelação.
Ora, se verdadeiramente crermos que Deus dá a vida eterna, e que essa vida está em seu Filho, seremos santos e felizes, seremos perdoados e santificados. Contudo, se rejeitarmos essa verdade, ou qualquer parte dela, ficaremos sem esperança e estaremos, como o mundo, em maldade (5.19).

João, Segunda Epístola de. Essa carta é dirigida a uma "senhora eleita e aos seus filhos" (v. 1), a quem os filhos de sua "eleita irmã" mandam saudações (v. 13). Alguns pensam que sob essa figura o apóstolo escreveu a uma igreja particular, ou à Igreja em geral, enviando saudações da igreja coirmã. No entanto, os críticos geralmente concordam em que se trata de uma carta dirigida a certa pessoa, exatamente como ocorre na terceira epístola. Com respeito às palavras "a senhora eleita", alguns expositores sustentam que a tradução deveria ser "a eleita Kiria". Outros são da opinião de que se deveria dizer "a senhora Eleita". João, Terceira Epístola de. Essa carta é precisamente pessoal (v. 1), sendo um exemplo da apostólica correspondência particular. É dirigida ao "amado Gaio" (v. 1), que pode ter sido aquele Gaio de que se fala em Rm 16.23 e possivelmente também o de 1Co 1.14; ou ainda o Gaio de At 19.29 e mesmo o de At 20.4,5, que é, talvez, idêntico ao de Rm 16.23. Contudo, tratando-se de um nome comum, é possível que se refira a outra pessoa. O autor dessa epístola foi, sem dúvida, quem escreveu também a segunda epístola. A *data* e o *lugar* em que ela foi escrita não se podem determinar. Seu objetivo foi felicitar Gaio e alertá-lo acerca de um tal Diótrefes, recomendando ao mesmo tempo Demétrio à sua amizade.

Joaquim. *O Senhor estabelece.* Era filho de Jeoaquim e de Neústa e rei de Judá. É também chamado Jeconias (Jr 22.24; 1Cr 3.17). Nasceu por ocasião do primeiro cativeiro babilônico, quando seu pai foi levado para a Babilônia. Tendo Joaquim voltado da Babilônia, reinou até ser morto pelos caldeus, no 11º ano de seu reinado, sucedendo-lhe seu filho Joaquim. Em 2Rs 24.8, diz-se que Joaquim tinha 18 anos de idade, quando começou a reinar, ao passo que os livros de Crônicas falam em 8 anos de idade. Este último número provavelmente se deve a um erro de copista. As palavras de Jeremias: "Registrai este como se não tivera filhos" (Jr 22.30) não devem ser tomadas no sentido mais restrito, visto que ele foi pai de mais de um filho (1Cr 3.17; Mt 1.12). A profecia significava que ele não haveria de ter herdeiro para seu trono, e foi isto o que aconteceu. Mal ele tinha subido ao trono, Nabucodonosor cercou Jerusalém com um exército regular. Joaquim, contudo, não resistiu, entregando-se assim que o inimigo iniciou o cerco da cidade. Ele, a rainha-mãe e toda a sua casa foram levados para a Babilônia (Jr 29.2), com todo o tesouro da cidade e todos os habitantes de melhor posição (2Rs 24.13; 2Cr

36.9,10). Na Babilônia, Joaquim esteve preso com todo o rigor pelo espaço de trinta e seis anos; foi só depois desse tempo que Evil-Merodaque, sucedendo Nabucodonosor (561 a.C.), o pôs em liberdade e o elevou a um lugar de superioridade em relação aos outros cativos. Nada mais se sabe dele, não obstante terem sido Daniel e Ezequiel seus companheiros no cativeiro. Todavia, uma tradição judaica diz ter sido Joaquim uma pessoa de grande riqueza e importância, e marido de Susana. Do que se lê no cap. 24 de Jeremias, pode-se depreender que os judeus esperavam que o rei Joaquim voltaria, não muito depois da sua queda. Na verdade, houve uma conspiração resultante dessa expectativa; e foi isso provavelmente o que levou os babilônios a manter Joaquim rigorosamente encarcerado durante o reinado de Nabucodonosor.

Joás. *O Senhor nos ajuda* (?). 1. Um descendente de Benjamim por Bequer (1Cr 7.8).
2. Um dos oficiais da casa de Davi (1Cr 27.28).
3. Este e o referido no item 4 são palavras diferentes das duas anteriores. *O Senhor é forte* (?). Pai de Gideão, que manteve em seu próprio lugar um altar e um poste-ídolo a Baal. Todavia, quando Gideão, em obediência a Deus, derrubou o altar de Baal, Joás defendeu o filho dos que se levantaram contra ele (Jz 6.31).
4. Filho de Acabe (1Rs 22.26).
5. Rei de Judá. Foi o único dos filhos de Acazias que escapou ao massacre ordenado por Atalia (2Rs 11.2). Foi salvo por Jeoseba e escondido no templo pelo espaço de seis anos. No fim desse período, Joás foi, por meio de uma revolução, elevado ao trono de Salomão, sendo ele o único sobrevivente que descendia desse rei. Começou então um período de prosperidade, sendo restabelecida a verdadeira religião. No entanto, quando Joiada morreu, Joás, influenciado por maus conselheiros, restaurou o culto de Baal e estabeleceu também postes-ídolos em honra de Asta-rote. Zacarias o censurou, mas Joás ordenou que ele fosse apedrejado no vestíbulo do templo. Posteriormente, Joás recebeu a recompensa pela barbárie cometida. O país foi saqueado por Hazael, rei da Síria, e Joás, tendo adoecido, foi morto na cama pelos seus criados (2Cr 24.20-25). Seu reinado teve a duração de quarenta anos. Ele foi sepultado em Jerusalém, mas seu corpo não foi levado para os sepulcros dos reis de Judá (2Rs 11.2ss; 2Cr 24.25).
6. Rei de Israel, Joás, ou também Jeoás, era filho de Jeoacaz, a quem sucedeu; foi pai de Jeroboão II(2Rs 14.1). Em consequência de uma visita que Jeoás fez a Eliseu, já moribundo, o profeta lhe prometeu que ele alcançaria três vitórias na luta com seus inimigos (2Rs 13.14-19). Por três vezes, derrotou Hadade, reconquistando algumas cidades que os sírios haviam tomado. Saiu também vitorioso em uma guerra que teve com Amazias, rei de Judá (2Cr 25ss). A causa dessa guerra foi extraordinária. Ele tinha tomado a soldo por 100 talentos de prata um exército de guerreiros de Israel, com o fim de que fizessem parte de uma expedição contra Edom. No entanto, sendo persuadido a ir ao combate sem esses homens, mandou-os embora. As tropas mercenárias ficaram enfurecidas com esse procedimento e, no caminho para as terras de Israel, saquearam certo número de cidades de Judá. Amazias, para vingar-se da afronta, declarou guerra a Joás. Este rei derrotou Amazias em Bete-Semes, derribou o muro de Jerusalém e saqueou a cidade e o templo, levando alguns de seus habitantes como reféns para seu país. Ele morreu em Samaria (2Rs 13.9ss; 14.1-27; 2Cr 25; Os 1.1; Am 1.1).
7. Homem da tribo de Judá que aparentemente tinha domínio em Moabe (1Cr 4.22).

8. Um dos heróis que foram auxiliar Davi em Ziclague. Alcançou, por isso, o segundo posto no comando das tropas (1Cr 12.3).

Jobabe. *Grito agudo* (?). 1. Filho de Joctã (Gn 10.29; 1Cr 1.23). 2. Rei de Edom (Gn 36.33,34; 1Cr 1.44). 3. Rei de Madom, ao norte de Canaã, derrotado por Josué em Merom (Js 11.1). 4. Um benjamita (1Cr 8.9). 5. Um benjamita (1Cr 8.18).

joeirar. O grão é joeirado ou separado da palha, sendo lançado ao ar com uma larga pá de madeira; e fazia-se uso de um abano para afastar a palha (Rt 3.2; Is 30.24). João Batista alude a essa operação quando fala da separação entre bons e maus (Mt 3.11,12).

Joel. *O Senhor é Deus.* 1. O filho primogênito de Samuel (1Cr 6.28). Sendo já Samuel de idade avançada, nomeou para juízes de Israel Joel e o irmão deste, Abias; mas estes, por seu procedimento vergonhoso e pela corrupção na maneira de administrar, fizeram que se produzisse uma mudança de governo e que Saul fosse ungido rei. Foi pai de Hemã, o cantor (1Sm 8.2; 1Cr 6.33; 15.17). 2. Príncipe de Simeão (1Cr 4.35). 3. Indivíduo da tribo de Rúben (1Cr 5.4,8). 4. Chefe de Gade (1Cr 5.12). 5. Chefe de Issacar (1Cr 7.3). 6. Irmão de Natã e um dos heróis de Davi (1Cr 11.38). 7. Um levita (1Cr 15.7,11); talvez o mesmo do item 8. 8. Um levita (1Cr 23.8; 26.22). 9. Príncipe da meia tribo de Manassés, a oeste do Jordão; viveu no tempo de Davi (1Cr 27.20). 10. Coatita da tribo de Levi. Recebeu o encargo de representar sua tribo na solene purificação que precedeu a restauração do templo (2Cr 29.12). 11. Judeu que casou com uma mulher estrangeira (Ed 10.43). 12. O chefe de uma classe de benjamitas que viveu em Jerusalém depois da volta do cativeiro (Ne 11.9). 13. Profeta e autor do livro que tem o seu nome. É mencionado como "filho de Petuel" (Jl 1.1), e nenhuma outra particularidade nos é dada a respeito de sua vida pessoal. As frequentes referências a Jerusalém e a Judá fazem-nos supor que ele era profeta do Reino do Sul, tendo vivido em Jerusalém. V. JOEL, O LIVRO DE.

Joel, O Livro de.É a obra que tem o nome do profeta e encerra a sua mensagem (Jl 1—3). A data do livro de Joel tem sido muito discutida. Sua profecia menciona, entre os inimigos do país, os fenícios (3.4), os edomitas e os egípcios (3.19), não fazendo referência alguma aos assírios ou aos babilônios, o que mostra claramente que ele escreveu ou antes de essas potências se terem tornado formidáveis, ou depois de o terem sido. Por consequência, ele deve ser incluído entre os Profetas Anteriores ou entre os Posteriores, sendo mais geralmente aceita, e com indícios de correção, a primeira ideia.

A mensagem de Joel mostra que ele viveu em um tempo no qual o povo de Judá ainda não tinha caído naquela extrema depravação de tempos posteriores. Por essa razão, talvez se possa precisar o período de seu ministério entre os reinados de Joás e Uzias. Ele foi contemporâneo de

Oseias e Amós; e, assim como esses falaram a Israel, Joel falou a Judá.

Os assuntos do livro podem dividir-se em duas partes, começando a segunda em 2.18. Em 1.1—2.11, o profeta descreve, com vivas expressões, uma iminente devastação, a vinda de sucessivos exércitos de gafanhotos (1.4) e uma terrível seca (v. 1-19), querendo provavelmente representar dessa forma as calamidades que chegaram com as diferentes invasões. Ele então exorta ao arrependimento, ao jejum e à oração (2.12-17), prometendo a remoção desses males e a vinda de ricas bênçãos. Ao mesmo tempo, anuncia o derramamento do Espírito Santo (2.18-31; v. At 2.1-21; 10.41) e o "terrível Dia do Senhor" (2.31—3.14. v. Mt 21.29). No cap. 3, o profeta prediz a convocação das nações no vale de Josafá, ou vale da Decisão, a sua destruição, o estabelecimento de Jerusalém como cidade santa e o glorioso estado de paz e prosperidade que haveria de desfrutar a igreja nos dias do Messias.

As anunciadas desgraças no primeiro capítulo são evidentemente literais e estão descritas na mais terrível forma de calamidade que pode ferir um povo agrícola. É questionável se também no segundo capítulo persiste a mesma interpretação; ou se a praga de gafanhotos é simbolicamente tomada por uma invasão de inimigos (v. Ap 9.3-11) ou por diversas e repetidas invasões como as de Tiglate-Pileser, Salmaneser, Senaqueribe e Nabucodonosor. Talvez haja mesmo referência à subjugação do país, em tempos futuros. Outras interpretações são a combinação desses pontos de vista, as quais consideram aquela profecia uma descrição literal e figurada de iminentes calamidades em geral. O "gafanhoto" é de certo modo usado nas Escrituras, algumas vezes, no sentido próprio, e, em outras, simbolicamente. No cap. 2, empregam-se expressões que parecem ter dupla significação, como as usadas mais tarde por Jesus Cristo (Mt 24), quando ele alude a uma primeira provação e também à última. Efetivamente, assim como todos os grandiosos e divinos livramentos prefiguram a redenção por meio do sacrifício na cruz, também as grandes e calamitosas visitações são uma figura do dia do juízo.

O estilo de Joel é claro e elegante, sendo apenas obscuro em relação ao fim. A dupla destruição anunciada em 1.1—2.11, a primeira efetuada pelos gafanhotos e a segunda pelos inimigos de quem eram precursores, está descrita em termos que são admiravelmente adaptados ao duplicado caráter da narração.

Quanto aos livros do AT, há uma correspondência entre Amós e Joel, no sentido de ter Joel (3.16) fornecido a nota tônica a Amós nas palavras de 1.2. No NT, lê-se que Pedro, no dia de Pentecostes, citou a predição de Joel, concernente aos "últimos dias" (2.28-32), como realizada no dom do Espírito Santo (At 2.17-21). As palavras com que esta profecia fecha são citadas por Paulo (Rm 10.13). Do gafanhoto, como símbolo de um exército destruidor (cap. 1e 2), se faz menção em Ap 9.7-9.

jogos. Há, no NT, notáveis referências aos jogos públicos, bem conhecidos dos gregos e romanos. Os prêmios para os vencedores eram colocados em sítio bem visível, de forma que os concorrentes pudessem ser estimulados, tendo sempre diante dos olhos esses objetos. A meta era sempre distintamente visível, de uma à outra extremidade do estádio, de tal modo que o corredor pudesse caminhar direto para lá. Era, sem dúvida, pensando nessas condições do jogo que Paulo afirmou: "Prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus". Os competidores desses jogos formavam uma classe distinta, os atletas. Eles

sujeitavam-se a uma rigorosa preparação para a luta, acostumando o corpo à fadiga, vivendo de modo muito modesto, nutrindo-se de alimentos simples, como figos secos, nozes, queijo fresco e pão escuro, e abstendo- se do vinho. "Todo atleta em tudo se domina [...]. Mas esmurro o meu corpo, e o reduzo à escravidão" (1Co 9.25-27). Há também nesta passagem uma referência ao jogo da luta: "Assim luto, não como desferindo golpes no ar". As mãos e os braços estavam envolvidos em uma ligadura de couro guarnecida de pregos que tornavam muito duro o golpe. A destreza do combatente manifestava-se em evitar os golpes do adversário, de tal maneira que apenas o ar era açoitado. A palavra grega no v. 27, traduzida como "desqualificado" ou "rejeitado" nas versões em português, era aplicada aos não aprovados pretendentes aos prêmios. Os atletas tinham todo o cuidado em desembaraçar o corpo de qualquer peça de vestuário que pudesse, de alguma maneira, incomodá-los. Eles procuravam levar na corrida o menor peso possível. Igualmente, os cristãos devem desembaraçar-se de "todo peso, e do pecado que tenazmente nos assedia" (Hb 12.1). A expressão "grande nuvem de testemunhas" compara os vitoriosos heróis da fé, de que se fala no cap. 12, com o imenso número de espectadores que, nas fileiras de bancos, observavam os jogos. O apóstolo exorta Timóteo a observar os preceitos do evangelho. Sem essa observância, ele não poderia esperar a aprovação de Deus e a posse da coroa celestial, assim como o competidor nos jogos públicos estava longe de receber das mãos do juiz a prometida recompensa, se ele não respeitasse as regras estabelecidas (2Tm 2.5). As recompensas dos vitoriosos constavam de coroas ou grinaldas, feitas de zambujeiros, pinheiros e salsas, ou de louros, conforme os lugares em que eram celebrados os jogos. Logo que os juízes tivessem decidido a questão, era proclamado por um arauto o nome do vencedor, sendo posta a coroa, por um dos juízes, sobre a cabeça do herói, e em sua mão direita era colocado um ramo de palmeira. Depois o herói era conduzido através da arena pelo arauto, que anunciava seu nome e sua naturalidade em alta voz; e a multidão, cheia de entusiasmo, tendo vista o triunfador, redobrava as aclamações e os aplausos. Assim também, os cristãos hão de receber uma coroa de glória, mas esta é imarcescível e está reservada nos céus (1Pe 1.4; 5.4). "Combati o bom combate, completei a carreira", diz Paulo, "a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto juiz, me dará naquele Dia" (2Tm 4.7,8). Corridas a pé, de cavalos e de carros eram as diversões nos programas dos jogos. Faz-se referência aos circos romanos e a seus desportos sanguinários em 1Co 4.9 e 1Co 15.32. Os homens que lutavam com as feras algumas vezes eram executantes profissionais, mas na maioria dos casos eram criminosos, privados de quaisquer meios de defesa.

Os únicos desportos de crianças que a Bíblia menciona são: a guarda de passarinhos (Jó 41.5) e o tocar e cantar nos casamentos e funerais (Mt 11.16). A esse respeito, v. tb. Zc 8.5.

Joiada. *O Senhor conhece.* 1. Era o pai de Benaia (2Sm 8.18) e o principal dos 3.700 sacerdotes que se juntaram a Davi em Ziclague (1Cr 12.27).

2. Foi o sucessor de Azarias no sumo sacerdócio e o marido de Jeosabeate, filha de Jeorão e irmã do rei Acazias (2Cr 22.11). Auxiliado por sua mulher, ele livrou Joás, filho do rei Jeorão, da morte, escondendo-o no templo, quando tinha apenas 1ano de idade. Passados sete anos, foi Joás proclamado rei e morta a sanguinária Atalia (2Rs 11 e 12; 2Cr 23 e 24). Durante a vida do sumo sacerdote Joiada, seguindo Joás os seus conselhos, tudo corria bem. Joiada formou o desígnio de reparar o templo, e, para esse fim, obteve consideráveis quantias nas diversas cidades

de Judá. Todavia, os levitas levantaram certas dificuldades. Sóquando o rei chegou à idade de poder cooperar com o libertador que ele conseguiu pôr em prática os seus planos (2Rs 12.7,9; 2Cr 24.5ss). Joiada conservou seu cargo de sumo sacerdote em alta veneração. Quando apresentou Joás ao povo e o proclamou rei, ele só permitiu que entrassem no templo os levitas para oficiarem. Também não quis que a idólatra Atalia fosse morta dentro da casa do Senhor. Ele destruiu o altar e o templo de Baal, e os sacerdotes desse deus foram mortos. Morreu Joiada com 130 anos, e por seus serviços foi sepultado na cidade de Davi, entre os reis de Judá. Sucedeu-lhe, no alto cargo sacerdotal, seu filho Zacarias (2Cr 24.20ss). Em Jr 29.26, ele é considerado o tipo do sacerdote fiel.

3. Aparentemente, filho de Benaia e um dos principais conselheiros de Davi. Muitos pensam, contudo, que as palavras deveriam ser Benaia, filho de Joiada, como consta em outra passagem (1Cr 27.34).

4. Indivíduo que ajudou a reparar uma das portas de Jerusalém (Ne 3.6).

Jonadabe. *O Senhor dá livremente.* 1. Sobrinho de Davi e primo de Amnom, a quem deu o fatal conselho (2Sm 13.3ss).

2. Filho de Recabe (Jr 35.6-19). Os recabitas eram uma família de queneus (1Cr 2.55) que provavelmente descendiam do sogro de Moisés (Jz 1.16). Supõe-se que Jonadabe foi o chefe da tribo no reinado de Jeú, sendo tido em alta estima por sua sabedoria e devoção (2Rs 10.15). Foi, pois, de grande importância para Jeú ter a aprovação pública de Jonadabe na mortandade dos adoradores de Baal. O fato de o povo ter observado abnegadamente suas prescrições, durante um período de quase trezentos anos, é recordado por censurar os israelitas, que tantas vezes transgrediram as leis do Senhor. Por isso, sobre o povo de Israel é proferida uma maldição, ao passo que uma bênção é lançada sobre os recabitas. O caráter de Jonadabe nos dá a entender que seus preceitos com referência a casas, vinho etc. tinham por fim livrar o povo da vida luxuosa, que enfraquecia e rebaixava os hebreus (Jr 35.7).

Jonadabe. O Senhor é generoso. Um filho de Recabe (2Rs 10.15).

Jonas. *Uma pomba.* Filho de Amitai (*Verdadeiro*), natural de Gate-Hefer, pequena aldeia de Zebulom, na Galileia, hoje chamada el-Meshad. Jonas é mencionado em 2Rs 14.25. Ele havia anunciado o aumento do reino de Israel, o qual recuperaria os seus antigos limites, sendo este fato realizado no valor e predomínio de Jeroboão II. Jonas provavelmente viveu durante o reinado desse rei, ou talvez antes, pelo tempo de Jeoacaz. Esse Jonas é geralmente identificado com a principal personagem do livro de Jonas.

Jonas, O Livro de. O autor desse livro tem sido identificado com aquele Jonas de que se faz menção em 2Rs 14.25. Entretanto, por outro lado, alguns críticos modernos recusam-se a considerar a obra como uma narração de fatos, julgando-a apenas um conto religioso, preparado com fins edificantes depois do exílio. Isso, porém, não se harmoniza com as referências de Jesus a Jonas.

Esse livro, à exceção do cap. 2, contém uma narrativa simples. Conta que Jonas, ao ser enviado a Nínive, no cumprimento de uma missão, procurou fugir para Társis, porém foi surpreendido por uma tempestade e lançado ao mar, sendo engolido por um grande peixe, em cujo ventre permaneceu pelo espaço de três dias (cap. 1), no fim dos quais, por sua oração fervorosa a Deus, foi maravilhosamente salvo (cap. 2). Como Deus novamente o mandasse a Nínive, ele para ali

partiu e anunciou àquela cidade a sua destruição; os ninivitas, porém, acreditando nas palavras de Jonas, jejuam, oram e, por se arrependerem, são misericordiosamente poupados (cap. 3). Jonas, imaginando que o haviam de considerar um falso profeta, desgosta-se daquele ato de divina misericórdia e deseja morrer. Quando deixa a cidade, senta-se sob o abrigo de uma aboboreira, mas essa planta seca em pouco tempo, pelo que Jonas se entristece mais intensamente. Então Deus lhe faz ver, naquele fato, quanta razão havia em sua suprema bondade para com os ninivitas arrependidos (cap. 4).

Considera-se difícil de resolver a questão do caráter histórico do livro. É certo, porém, que a existência e o ministério do profeta, bem como os principais fatos de sua vida, são citados por Jesus Cristo (Mt 12.39-41; 16.4; Lc 11.29,30), que não somente reconhece de modo explícito a missão profética de Jonas, mas também em Mt 12.40 (embora seja possível ser esse apenas um comentário do evangelista) descreve a sua estada no ventre do animal marinho indicativa de outro fato análogo, que haveria de acontecer com ele próprio. Depois de referir à pregação do profeta em Nínive e ao arrependimento de seus habitantes, tem esta expressão: "Eis aqui está quem é maior do que Jonas" (Mt 12.41). Toda a narrativa apresenta também o mais comovente contraste entre a terna misericórdia de Deus e a rebelião, impaciência e egoísmo de seu servo, bem como entre a facilidade com que os ninivitas se arrependeram pela pregação de um profeta estrangeiro que os visitou e a dureza que os israelitas mostraram para com os servos do Senhor que entre eles viviam e trabalhavam. No entanto, o grande propósito do livro indubitavelmente foi ensinar aos israelitas que a compaixão de Deus não se limitava a eles próprios, mas se estendia a todas as nações.

Jônatas. *O Senhor nos deu.* É o nome de muitas personagens do AT. 1. Um levita de Belém e descendente de Moisés. Tornando-se conhecido de Mica, um abastado efraimita, foi nomeado sacerdote da sua casa de deuses. Quando o exército de Dã marchou contra Laís, foram tomados os deuses de Mica, sendo Jônatas obrigado a ir com os guerreiros. Conquistada a cidade, e após a morte de seus habitantes, pela espada, este passou a ser sacerdote das imagens. Esse ofício permaneceu em sua família até o tempo do cativeiro (Jz 17 e 18). V. LAÍS, MICA.

2. O filho mais velho de Saul (1Sm 13.2) e amigo íntimo de Davi. Conhecemos sua grande coragem pessoal por aquilo que está narrado em 1Sm 14. A afeição que unia a alma de Jônatas e a de Davi parece ter sua origem no triunfo alcançado sobre Golias (1Sm 18.1-4); essa amizade não diminuiu com o aumento da hostilidade de Saul para com Davi (1Sm 19.1-7). O laço entre pai e filho, que tão estreito tinha sido (1Sm 20.2), esteve prestes a romper pela atitude do rei em seu desejo de aniquilar Davi (1Sm 20.34). Não obstante, os amigos separaram-se (1Sm 20.42-43), aderindo Jônatas à causa do pai, apesar de ter previsto o futuro de Davi (1Sm 23.17). Mais tarde, caíram mortos pai e filho em Gilboa, na guerra com os filisteus (1Sm 31.1,2; 2Sm 1.5). A lamentação de Davi, chorando Saul e mais especialmente seu amigo Jônatas, é uma das mais comoventes cenas das Escrituras Sagradas (2Sm 1.17- 27). Sua amizade com Jônatas reflete-se no modo pelo qual Davi tratou Mefibosete, filho de seu amigo (2Sm 4.4; 9.6-13). V. SAUL, DAVI, MEFIBOSETE.

3. Sobrinho de Davi. Esse Jônatas matou, como seu tio, um gigante de Gate, que tinha seis dedos em cada mão, e em cada pé outros seis (2Sm 21.21; 1Cr 20.7).

4. Tio e conselheiro de Davi (1Cr 27.32).

5. O último descendente de Eli. Aparece duas vezes na história, e a cada aparição, como mensageiro de confiança em importantes negócios de Estado (2Sm 15.27,36; 17.17,20; 1Rs 1.42,43).

6. Um dos heróis de Davi (2Sm 23.32; 1Cr 11.34).

7. Irmão de Joaná. Ele e outros capitães, que tinham fugido de Jerusalém, andaram errantes pelos campos dos amonitas, até que os invasores se retiraram. A personagem perde-se de vista depois que partiu para Mispa, a fim de juntar-se a Gedalias (Jr 40.8).

8. Pai de Ebede, que voltou do cativeiro com Esdras (Ed 8.6).

9. Sacerdote que se opôs a inquirições sobre a questão das mulheres estrangeiras (Ed 10.15).

10. Sacerdote do tempo de Joiaquim (Ne 12.14).

11. O filho de Joiada e, como ele, sumo sacerdote (Ne 12.11). Provavelmente o mesmo Joaná do item 4.

12. Pai de um sacerdote que tomou parte no serviço de dedicação dos muros de Jerusalém (Ne 12.35).

13. Escriba, em cuja casa Jeremias ficou preso (Jr 37.15,20; 38.26).

14. Indivíduo de Judá (1Cr 2.32,33).

Jope, Jafo (ARC). *Belo* (?). Cidade edificada na encosta de um monte, sobranceiro ao mar, na costa oriental do Mediterrâneo, a 48 km a noroeste de Jerusalém, sendo dessa cidade porto de mar desde o tempo de Salomão. Foi cedida a Dá (Js 19.46). Era o porto para onde se levava a madeira do Líbano que serviu na edificação do templo de Jerusalém (2Cr 2.16; Ed 3.7). Foi em Jope que Jonas embarcou para se dirigir a Társis (Jn 1.3). Nesse mesmo lugar, Tabita foi chamada à vida por Pedro, que também aí teve uma visão que o levou a visitar Cornélio (At 9.32-43; 10.1-23; 11.5-13). O porto de Jope é muito pobre e sempre foi perigoso. Por isso, a não ser como porto de Jerusalém, tem sido pouco utilizado. Todavia, mesmo sendo pobre, Jope foi frequentes vezes um lugar para cerco e assalto e, no intervalo entre o AT e o NT, por diferentes vezes os acontecimentos mudaram a situação das coisas. Pelo menos duas vezes, a cidade foi destruída por Céstio e Vespasiano, sendo da segunda vez um meio para limpar aqueles sítios de piratas, dos quais esse porto do mar era verdadeiro ninho. Sua moderna história limita-se à repetição de sua antiga experiência, visto que alternativamente foi incendiada, saqueada, reedificada e de novo fortificada por seus novos possuidores, sendo sua última calamidade o terrível "massacre de Jope", ordenado por Napoleão I, em 1799. Foi sede de um bispo cristão no século V, e atualmente tem vários conventos, pertencentes a diversas igrejas.

Jorão. *O Senhor é exaltado.* Forma abreviada de Jeorão. 1. Filho de Josafá (2Rs 8.21). 2. Filho de Acabe (2Rs 8.16ss).

3. Filho de Toí, rei de Hamate (2Sm 8.10).

4. Um levita do tempo de Davi (1Cr 26.25).

5. Sacerdote que viajou por Judá, ensinando a Lei por ordem de Josafá (2Cr 17.8).

Jordão. *Descendo* (?). O Jordão é essencialmente o rio da Palestina e o limite natural do país a leste. Caracteriza-se por sua profundidade abaixo da superfície geral da região que atravessa, por sua rápida descida e força da corrente em muitos sítios, e por sua grande sinuosidade. Nasce nas montanhas da Síria e corre pelo lago Merom e pelo mar da Galileia, desaguando, por fim, no

mar Morto, depois de um percurso de quase 320 km. Nas suas margens, não existe nenhuma cidade notável, havendo duas pontes e um considerável número de vaus, o mais importante dos quais é o Bete-Seã. Não é rio para movimento comercial ou para pesca. No seu curso, encontram-se 27 cachoeiras, e muitas vezes suas águas transbordam. O Jordão é nomeado pela primeira vez em Gn 13.10. Ainda que não haja referência ao fato, Abraão deve ter atravessado o rio, como Jacó, no vau de Sucote (Gn 32.10). A notável travessia dos filhos de Israel, sob o comando de Josué, efetuou-se perto de Jericó (Js 3.15,16; 4.12,13). A miraculosa separação das águas pela influência de Elias e Eliseu (2Rs 2.8-14) deve também ter ocorrido por esses sítios. Dois outros milagres têm relação com o rio. São eles: a cura de Naamã (2Rs 5.14) e o machado que veio à superfície das águas (2Rs 6.5,6). João Batista, durante seu ministério, batizou ali Jesus Cristo (Mt 3.11; Mc 1.9; Lc 3.21; Jo 1.19) e as multidões (Mt 3.6). A "campina do Jordão" (Gn 13.10) é aquela região baixa, de um e de outro lado do Jordão, que fica para a parte do sul.

jornada, um dia de. Segundo o cálculo geral, um viajante, caminhando só, andaria 5 km por hora, e o camelo, 4 km. Os viajantes gastavam, na sua marcha, de 6 a 8 horas. No entanto, o maior ou menor andamento dependia da natureza do caminho por onde se marchava. Uma caravana composta por mulheres e crianças, camelos e mulas, movia-se muito devagar, não podendo ir além de 16 a 18 km por dia.

jornaleiro. O jornaleiro era o homem que trabalhava livremente todos os dias de trabalho; e assim se distinguia do servo permanente ou escravo. Especial consideração havia, em conformidade com a lei, pelos sentimentos e necessidades dos pobres (Dt 24.10). A paga do trabalho era feita todos os dias (Lv 19.13; Dt 24.14,15; Jo 7.1,2; 14.6; Mt 20.8).

Josafá. *O Senhor julga.* 1. Filho de Asa, que subiu ao trono de Judá aos 35 anos de idade. O seu reinado foi de vinte e cinco anos (2Cr 17.1). Prevaleceu contra Baasa, rei de Israel, e pôs guarnições nas cidades de Judá e Efraim, as quais seu pai tinha conquistado. Também demoliu quanto pôde os lugares altos e postes-ídolos dos deuses pagãos; e levou isso a efeito, pondo ao mesmo tempo em campo um número considerável de sacerdotes, levitas e príncipes, para que atravessassem a terra e ensinassem a Lei ao povo. Manteve um grande exército, e era respeitado e temido pelos povos circunvizinhos; os árabes e os filisteus pagavam-lhe tributo. Todavia, foi censurado por ter feito aliança com o idólatra Acabe, rei de Israel (1Rs 22.44; 2Cr 18.1; 19.2). Josafá reparou suas faltas com os regulamentos e ordenações que estabeleceu em seus domínios, no que dizia respeito tanto aos negócios civis quanto aos religiosos, com sua vigilância pessoal e exemplo, com a nomeação de juízes honestos e hábeis, e com a regularização da vida disciplinar dos sacerdotes e levitas, ordenando que cumprissem seus deveres com pontualidade (2Cr 19). Depois disso, Deus lhe deu, em resposta às suas orações, completo triunfo sobre os moabitas, os amonitas e, também, sobre os meonianos, povo da Arábia Pétrea. Juntamente com Acazias, Josafá tentou estabelecer uma esquadra; contudo, tendo os navios naufragado em Eziom-Geber, abandonou a ideia (2Cr 20.35-37). O desastre tinha sido predito pelo profeta Eliézer, como castigo por sua insensata aliança com Acazias, rei de Israel. O fim de seu reinado foi calmo e sossegado, estando a direção dos negócios nas mãos de seu filho Jeorão. Josafá certamente foi um homem piedoso e justo, mas lhe faltou a firmeza de caráter necessária para bem dirigir os negócios de Estado, sendo essa a causa das calamidades de seu reinado. Todavia, ele era

respeitado e temido por sua coragem e atividade. Foi sepultado no sepulcro real (1Rs 22.51; 2Cr 21.1).

2. Cronista nas cortes de Davi e Salomão (2Sm 8.16; 1Rs 4.3). Os historiadores da corte talvez fossem empregados pelos potentados orientais para narrar as vitórias e outros notáveis acontecimentos dos respectivos reinados (Et 6.1). Pode ser também que a missão especial desses homens consistisse em auxiliar de contínuo o rei, fazendo-o lembrar-se das pessoas e dos acontecimentos.

3. Oficial do comissariado no reinado de Salomão (1Rs 4.17).

4. Sacerdote encarregado de tocar a trombeta diante da arca, quando esta era levada de Obede-Edom para Jerusalém (1Cr 15.24).

5. Pai de Jeú (2Rs 9.2,14).

Josafá, vale de.É um nome simbólico que o profeta Joel aplicou ao lugar onde havia de realizar-se o juízo (Jl 3.2,12). Desde tempos remotíssimos, o vale de Cedrom, um profundo fosso a leste de Jerusalém, tem sido considerado o local da visão do profeta; no entanto, o mais provável é que Joel não tivesse em mente nenhum lugar particular.

É certo que a Bíblia não menciona nenhum lugar especial com esse fim. Todavia, deve notar-se que os judeus acreditam que o juízo final há de se cumprir no vale de Cedrom; nesta consideração, o lugar é literalmente guarnecido de túmulos de judeus e maometanos que estão esperando o derradeiro chamado. Assim se tem pensado a respeito do vale, pelo menos desde o tempo de Josias (2Rs 23.6); e afirma-se, com certa probabilidade, que teve o nome de vale de Josafá antes de ter sido chamado vale de Cedrom. O seu nome atual é uádi Sitti Miriam.

José. *Ele* [o Senhor] *acrescenta.* 1. Filho do patriarca Jacó e de Raquel; nasceu em Padã-Arã, depois de Raquel ter esperado em vão longo tempo por um filho (Gn 30.1, 22-24). Os filhos da esposa favorita de Jacó foram José e Benjamim, sendo cada um deles objeto particular da profunda afeição de seus pais. Em virtude dessa parcialidade, surgiram acontecimentos de grande importância.

Na primeira referência que se faz a José depois de seu nascimento, é ele um rapaz de 17 anos, dileto filho de Jacó, tendo já este patriarca atravessado o rio Jordão e havendo fixado residência em Canaã. Raquel já tinha morrido, e, por essa razão, era de Jacó que pendia o cuidado dos dois filhos favoritos. Por ser ainda jovem, José servia de portador de recados para seus irmãos mais velhos, que estavam longe, guardando os rebanhos. O fato de José andar vestido com roupa superior à dos irmãos era motivo de grande ofensa para os filhos de Jacó. Talvez seu pai tivesse feito a "túnica talar de mangas compridas" com suas próprias mãos, conforme o costume ainda hoje praticado entre os beduínos. Assim se explica o ódio e o ciúme daqueles jovens. Tanto sua mãe como o próprio José tinham sido colocados desde o princípio em lugar de honra. Raquel era a verdadeira esposa, e, por isso, só ela é nomeada como "mulher de Jacó" na genealogia que aparece no cap. 46 de Gênesis. Além disso, a retidão de José era tal que seus irmãos reconheciam sua própria inferioridade, comparando a própria vida com a de José, mais pura e mais tranquila. E então acontecia que ele levava a seu pai notícias dos malfeitos de seus irmãos (Gn 37.2). No entanto, parece que foi a "túnica talar de mangas compridas" que fez o ódio de seus irmãos se manifestar em atos (Gn 37.3).

Mais insuportável se tornou José para com os seus irmãos quando lhes contou os sonhos que

havia tido (Gn 37.5-11). Não tardou muito até surgir a oportunidade de vingança. Os irmãos de José tinham ido apascentar seus rebanhos em Siquém, localizada a 80 km de distância; e, querendo Jacó saber como estavam seus filhos, mandou José ali para trazer notícias dos pastores. Contudo, como estes já se tinham retirado para Dotã, para lá também se dirigiu José, andando mais 24 km. Havia bebido água pela última vez do poço de Jacó. Dotã era uma importante estação e ficava na grande estrada para caravanas que ia de Damasco ao Egito. Havia por aqueles sítios ricas pastagens, estando a terra bem suprida de cisternas ou poços.

Estas eram cisternas construídas na forma de uma garrafa, estreitas por cima e largas no fundo, estando muitas vezes secas, mesmo no inverno. Eram também empregadas para servir de prisão. Naquela região, José foi encontrar seus irmãos, que resolveram tirar-lhe a vida (Gn 37.19,20). No entanto, Rúben, ajudado por Judá, fez todo o possível para salvar o irmão, e isso conseguiu, não podendo contudo evitar que ele fosse vendido como escravo (Gn 37.36). Os compradores eram negociantes ismaelitas ou midianitas, os quais, tendo dado por José 20 peças de prata, tomaram a direção do Egito (Gn 37.25,28,36). Os irmãos de José, entretanto, levaram a seu pai a túnica de mangas compridas de José, com manchas de sangue de uma cabra, para fazê-lo ver que alguma fera o havia devorado.

José foi levado ao Egito e vendido como escravo a Potifar, oficial do faraó (Gn 39.1). Bem depressa, ganhou a confiança de seu senhor, que lhe entregou a administração de sua casa (Gn 39.4). Depois disso, José foi tentado pela mulher de Potifar, contudo permaneceu fiel a Deus e a seu senhor (Gn 39.8,9). Falsamente acusado pela dona da casa, foi lançado em uma prisão (Gn 39.20). O carcereiro-mor tratava José com certa consideração (Gn 39.21). No seu encarceramento, o jovem israelita foi feliz na interpretação dos sonhos de dois companheiros de prisão, o copeiro-mor e o padeiro-mor do faraó (Gn 40). Quando o rei precisou de um intérprete para seus sonhos, o copeiro-mor contou ao monarca que tinha conhecido na prisão um jovem de notável sabedoria (Gn 41.1-13). Em consequência, José foi chamado, afirmando que só como instrumento do Deus Altíssimo podia dar a devida interpretação (Gn 41.16). Explicado o sonho do faraó, José aconselhou o rei a respeito das providências que deveriam ser tomadas por causa da fome que ameaçava afligir o Egito. O faraó recebeu bem os conselhos de José e colocou-o na posição própria de sua habilidade e sabedoria, dando-lhe, além disso, a filha do sacerdote de Om em casamento (Gn 41.37-45). Nessa ocasião, José também recebeu do faraó um nome novo, o de *Zafenate-Paneia.*

Durante os sete anos de abundância, José preparou-se para a fome, pondo em reserva uma quinta parte do trigo colhido (Gn 41.34,47-49). Os governadores egípcios, em épocas anteriores à do governo de José, vangloriavam-se de ter administrado o reino de tal maneira que em seus tempos não tinha ocorrido escassez de gêneros. No entanto, uma fome de sete anos era um acontecimento raríssimo, e tão raro que em um túmulo de El-Kad é mencionado um caso do gênero em certa inscrição, na qual o falecido governador da província declara ter feito a colheita dos frutos e distribuído o trigo durante os anos de fome. Caso se trate da mesma fome, esse governador, cujo nome era Baba, deve ter operado sob a suprema direção de José; porquanto está expressamente fixado no *Sallier Papyrus* que o povo da terra trazia seus produtos a Agrepi (o faraó do tempo de José) em Avaris (Hanar). Todavia, mesmo com tantos cuidados, o governador israelita não se esqueceu de seu Deus e de seus parentes. Os seus dois filhos,

Manassés e Efraim, nasceram antes da fome. Ao lhes dar nomes hebraicos, José mostrou que seu coração ainda estava com o seu povo e que, de modo especial, era fiel ao Deus de seus pais (Gn 41.50-52). Com efeito, os acontecimentos foram tão maravilhosamente dispostos que ele veio novamente a relacionar-se com sua família. A fome foi terrível na terra de Canaã, e Jacó viu no Egito a terra de onde lhe haveria de vir o socorro (Gn 42.1-6). A descrição da visita dos filhos do patriarca ao Egito e o fato de serem eles reconhecidos por José, tudo isso se lê em Gn 42—45. Não é nada estranho que, sendo os seus irmãos reconhecidos por José, este mesmo não o tivesse sido (Gn 42.8). Desde que o jovem israelita se separara de seus irmãos, ele havia crescido de rapaz à idade adulta, ao passo que eles já tinham alcançado aquela idade em que as aparências externas pouco mudam.

Além disso, José se tornara um egípcio no vestuário e na linguagem, enquanto seus irmãos conservavam o antigo cunho de seus antepassados; José era já um verdadeiro príncipe, mas eles haviam permanecido em seu estado de pastores, como o irmão os conhecera.

Tendo revelado a seus irmãos quem era, José desejou que seu pai fosse para o Egito (Gn 45.4-13), sendo seu pedido apoiado na autorização do faraó. Então o patriarca, sua família e seus criados foram viver no Egito, sendo-lhes dada para sua habitação "o melhor da terra"; e ali foram sustentados por José (Gn 47.6,12). Tem-se dito que a terra de Gósen do tempo de José devia ter por limite setentrional o sítio do entroncamento da atual estrada de ferro de Zagazig, perto de Tel-el-Kebir, estendendo- se ao sul, para além de Belbis. Essa região é na realidade fértil, existindo ali uma grande e próspera população. Zagazig está perto da antiga Bubastis, cujo território, em tempos faraônicos, chamava-se"*Sckhetnuter*", a campina divina. As mais recentes investigações feitas em Bubastis (Tel-Basta) revelaram o fato de que ali esteve a principal residência dos reis hicsos. A fome do Egito habilitou José, de harmonia com os interesses de seu rei, a concentrar a propriedade da terra nas mãos do monarca (Gn 47.13-26), com exceção do que pertencia aos sacerdotes. No entanto, o povo foi salvo dos horrores da fome. A colônia hebraica, entretanto, multiplicava- se extraordinariamente (Gn 47.27). Passados dezessete anos, José prometeu a seu pai, Jacó, que, como era seu desejo, ele seria sepultado junto de seus pais (Gn 47.29-31). Os filhos de José aproximaram-se do velho patriarca moribundo, que os abençoou (Gn 48; Hb 11.21). Nessa ocasião, os filhos do patriarca também foram chamados para junto do leito, sendo profetizados os seus caracteres e o futuro das respectivas famílias, e ficaram eles encarregados de sepultar o pai na caverna que Abraão havia comprado (Gn 49.33). O funeral de Jacó foi realizado com o esplendor próprio da condição do filho (Gn 50.7-9). Após a morte do patriarca Israel, seus irmãos tiveram receio de que tudo mudaria para eles, mas José os tranquilizou (Gn 50.15-21). Ele ainda viveu muito tempo, morrendo no Egito aos 110 anos de idade (Gn 50.26). Seu corpo foi embalsamado e, de conformidade com sua vontade (Gn 50.25), levado para Canaã pelos israelitas e sepultado em Siquém (Êx 13.19; Js 24.32; At 7.16). O nome de José é empregado em Dt 38.13 a respeito das duas tribos que descendiam de Efraim e Manassés, e em Am 5.6, 15, em relação ao Reino do Norte, no qual era predominante a tribo de Efraim.

2. Pai de Jigeal, que foi um dos espias. Pertencia à tribo de Issacar (Nm 13.7).

3. Filho de Asafe, no tempo de Davi (1Cr 25.2,9).

4. Um indivíduo que casou com uma mulher estrangeira (Ed 10.42).

5. Membro da família sacerdotal de Sebanias no tempo do sumo sacerdote Joaquim (Ne 12.14).
6. Um nome da genealogia de José, que foi marido de Maria, a mãe de Jesus (Lc 3.24).
7. Outro nome (Lc 3.30).
8. O marido de Maria, a mãe de Jesus Cristo. Homem reto e justo, que era da geração de Davi, aparecendo seu nome da linha direta dos registros (Mt 1.20; Lc 2.4; 3.23; Jo 1.45). José tinha o oficio de carpinteiro e exercia sua profissão em Nazaré, tanto antes como depois de ter estado no Egito. Pode-se afirmar até certo ponto que ele morreu antes da crucificação (Jo 19.27); entretanto, com respeito ao tempo em que se deu seu falecimento, e ao tipo de morte que o vitimou, nada se sabe (Mt 1.16-24: Lc 1.27; Jo 1.45; 6.42). V. IRMÃOS DO SENHOR, JESUS CRISTO, GENEALOGIA.
9. José de Arimateia. Foi membro do Senado judaico, o Sinédrio, e também seguidor na missão divina do Salvador (Jo 19.38). Lucas nos diz que ele era um homem bom, que não deu sua aprovação à sentença de morte de Jesus (Lc 23.50,51). Não tendo conseguido afastar os juízes de seu desígnio, foi ter à noite com Pilatos e lhe pediu o corpo do Crucificado. Então o depositou em uma sepultura nova, que ele, como homem rico, tinha preparado para si próprio (Mt 27.57-60; Jo 19.38-42). Era homem de bem, mas tímido e receoso; contudo, a morte de Jesus parece ter-lhe inspirado coragem e confiança. É possível também que os acontecimentos da crucificação o tenham convencido de ser Jesus, na verdade, o Filho de Deus. Há muitas lendas relacionadas ao nome de José de Arimateia, mas nada se sabe dele além do que se acha escrito nos Evangelhos (Mt 27.57,59; Mc 15.43; Lc 23.50; Jo 19.38).
10. José Barsabás, que foi um dos indicados para a vaga deixada no colégio apostólico por Judas Iscariotes em virtude da sua traição (At 1.23). V. BARSABÁS.
11. O primeiro nome do apóstolo Barnabé (At 4.36). V. BARNABÉ.
12. Irmão de Jesus (Mc 6.3). V. IRMÃOS DO SENHOR, TIAGO.
13. O irmão de Tiago, o menor, cuja mãe estava junto da cruz, com Maria, mãe de Jesus (Mc 15.40,47).

Josias. *O Senhor sara.* 1. Filho de Amom, a quem sucedeu no trono de Judá, com a idade de 8 anos (2Rs 21.26). Já nessa pouca idade, ele manifestava sua piedade (2Rs 22.2; 2Cr 34.3). Quando chegou aos 12 anos de idade, aboliu a idolatria em seu reino (2Cr 34.3ss) e por toda parte destruiu os lugares altos, os postes-ídolos, as imagens e outros sinais do culto pagão. Assistiu pessoalmente a essa purificação religiosa, pois ia percorrendo o país para bem observar tudo, voltando somente quando seus propósitos estavam realizados. Feito isso, mandou examinar as obras do templo (2Cr 34.8). Foi durante as reparações que o sumo sacerdote Hilquias achou o perdido Livro da Lei, cuja leitura produziu um notável efeito em Josias e no povo. Esse livro pode ter sido uma cópia original da Lei de Moisés (2Cr 34.14); ou então era um cópia do pacto que foi renovado com o povo nas planícies de Moabe, pois esses manuscritos tinham sido postos ao lado da arca (Dt 31.24-26); ou, mais provavelmente, era uma cópia da parte central de Deuteronômio. É provável que durante os reinados de Manassés e Amom a leitura da Lei tivesse sido proibida e geralmente posta de lado. As passagens que foram lidas ao rei impressionaram-no profundamente (2Rs 22.11). Parecia que Josias nunca tinha ouvido tais palavras, embora muitas cópias da Lei tivessem sido feitas sob a direção de Ezequias. Como explicação do fato, supõe-se que naquele tempo o povo ficava satisfeito com uma espécie de

ritual, observando exteriormente a religião, e por isso ignorava as ameaças e maldições da Lei contra os transgressores. Considerando as causas em relação a si próprio e a seu povo, Josias mandou emissários à profetisa Hulda, para que ela dissesse se as declarações da Lei teriam cumprimento no país durante sua vida. Hulda anunciou que viria a ruína sobre o país, mas que o rei teria um fim pacífico (2Cr 34.14ss). Josias determinou que se procedesse segundo as direções da Lei e, para esse fim, convocou o povo e com ele renovou o pacto (2Cr 34.29ss).

Os planos de reforma tiveram uma forte resistência da parte dos israelitas, e por isso os zelosos e perseverantes esforços de Josias não deram resultado, sendo, portanto, o país visitado por aquelas calamidades que haviam sido preditas (2Rs 22.20). O faraó Neco andava em guerra com os assírios. Josias, que de algum modo estava ligado ao rei da Assíria, opôs-se com seu exército ao rei do Egito, quando ele marchava ao longo da costa (2Cr 35.20). Neco, em sua ansiedade de evitar qualquer conflito com o rei de Judá, desejando alcançar Carquemis (sobre o Eufrates) com as suas forças intactas, procurou afastar Josias de sua frente por meios pacíficos (2Cr 35.21). No entanto, Josias estava firme em sua determinação, e, consequentemente, foi mortalmente ferido em Megido (2Cr 35.23), com a idade de 39 anos. Foi sepultado com todas as demonstrações de pompa e afeto nos túmulos dos reis. O profeta Jeremias, que deu início à sua carreira pública no começo do reinado de Josias, compôs uma bela elegia (que se perdeu), a qual durante muito tempo era cantada ou recitada todos os anos (2Cr 35.25).

2. Filho de Sofonias, em cuja casa, sediada em Jerusalém, Zacarias recebeu prata e ouro de Heldai e outros, que tinham vindo da Babilônia e trazido presentes para assistir à solene coroação do sumo sacerdote Josué (Zc 6.9-15). Supõe-se ter sido tesoureiro do templo.

Josué. *O Senhor é a minha salvação.* Também Jesua, *o Senhor salva*. 1. O heroico filho de Num, da tribo de Efraim, foi originariamente chamado Oseias, "salvação" ou "bem-estar", e Jeosué, "Deus é a minha salvação". Jesus, como equivalente grego de Josué, acha-se em At 7.45 e Hb 4.8. Josué foi um dedicado cooperador de Moisés, e era geralmente chamado de o seu servo, estando com ele no monte Sinai (Êx 24.13; 33.11).

Josué tinha 40 anos de idade quando saiu do Egito. A primeira notícia desse herói aparece quando os israelitas foram à peleja com os amalequitas em Refidim, sendo ele o comandante dos guerreiros (Êx17.9). De tal maneira ele se destacou nessa ocasião que daí para a frente seu papel foi da mais alta importância nas antigas lutas nacionais.

A viagem pelo deserto estava quase no seu termo, quando Moisés, dirigido por Deus e na presença de Eleazar, o investiu de completa autoridade sobre o povo (Nm 27.18-23; Dt 31.14). Desde então, a história de Josué é a história do povo israelita na luta contra os povos de Canaã. Durante seis anos, ele foi o guia dos exércitos do Senhor, e nesse tempo o idoso homem de guerra conquistou 6 nações e aprisionou 31reis. Acabada a guerra, Josué fez a divisão do país, com o auxílio de Eleazar e dos principais das tribos (Js 14.1; 19.51); além disso, estabeleceu 6 cidades de refúgio, construiu o templo de Silo, destinou 48 cidades para os levitas e mandou os combatentes para suas terras. Pouco tempo depois, Josué convocou todo o povo, para exortá-lo e dar-lhe seus últimos avisos. Feito isso, determinou que o pacto com Deus fosse renovado em Siquém (Js 24.1-25). Morreu aos 110 anos de idade, sendo sepultado em Timnate-Sera. Quanto ao seu caráter, ele sempre manifestou piedade, coragem e integridade desinteressada. O Espírito estava nele (Nm 27.18). Embora tivesse as promessas de vitória (Js 1), era com

prudência que ele operava para o bom resultado. Ele enviava espias e disciplinava suas forças, não obtendo, contudo, sua completa confiança nesses meios, mas esperando em Deus. Desse modo, antes de atacar os cananeus, ele solenemente renovava sua própria consagração e a consagração do povo ao Senhor Onipotente (Js 5). Em certas ocasiões de crise, procurava pela oração alcançar bênçãos especiais (Js 10.12-14). Sua piedade e devoção se manifestam em seus últimos apelos e dão-nos uma impressão favorável de sua influência e do espírito de submissão com que o povo recebia suas palavras (Js 24.24).
2. Um bete-semita (1Sm 6.14).
3. Governador de Jerusalém no reinado de Josias (2Rs 23.8).
4. Sumo sacerdote na reedificação do templo (Ag 1.1; Zc 3.1).
5. Um sacerdote do tempo de Davi (1Cr 24.11).
6. Um levita que distribuiu os dízimos pelos sacerdotes no tempo de Ezequias (2Cr 31.15).
7. Filho de Jozadaque, o sumo sacerdote, ofício que o próprio Josué exerceu (Ed 2.2; 3.2; Ne 7.7). Ele voltou do cativeiro babilônico com Zorobabel e tomou parte na reedificação do templo. Mostrou grande energia e coragem na restauração do país, e principalmente por seus esforços é que os serviços do templo foram recomeçados, pouco depois do retorno do cativeiro (Ed 3). Seus trabalhos foram retardados pelos samaritanos (Sambalate) durante catorze anos. No entanto, ao final desse período as obras do templo acabaram-se, tendo sido sua dedicação realizada por ocasião da Páscoa (Ed 6.15-22). A piedade, o nobre caráter e a importância da obra de Josué, relacionada a estabelecer seus conterrâneos na Judeia, elevaram-no à condição de um tipo de Cristo (Zc 3.8). No princípio do mesmo capítulo de Zacarias, Josué representa Israel, sendo para ele coisa certa o perdão e a restauração (Zc 3.1-7).
8. Um ramo da tribo de Judá que voltou com Zorobabel (Ed 2.6; Ne 7.11).
9. Outro sacerdote e chefe que veio com Zorobabel (Ed 2.36).
10. Pai de um levita que voltou com Esdras (Ed 8.33).
11. Pai de Ezer, que reparou o muro (Ne 3.19).
12. Um levita que selou o pacto (Ne 10.9).
13. Uma cidade perto da Berseba, reocupada por Judá depois do retorno do cativeiro, cujo nome moderno é S'Aweh (Ne 11.26).

Josué, O Livro de. Escritores judaicos e a antiguidade cristã atribuíram o livro a Josué, filho de Num, e essa também é a opinião de alguns críticos modernos. O livro foi sem dúvida escrito antes do tempo de Davi (cp. 15.63 com 2Sm 5.6-8) e provavelmente o foi por um contemporâneo (6.25), podendo ter sido também uma testemunha ocular dos acontecimentos descritos.

O lugar da narrativa na história do povo sugere-nos o objetivo com que ele foi escrito. Nos livros precedentes, descrevem-se as frequentes rebeliões e provocações dos israelitas vindos do Egito. Por causa desse seu procedimento, eles foram excluídos da boa terra que haviam desdenhado. Esse livro trata da história da geração seguinte, isto é, daqueles israelitas que ainda não tinham 20 anos quando saíram do Egito e dos que nasceram e foram criados no deserto, os quais parecem ter sido dotados de melhor alma que seus pais. As provações e a dura disciplina nas longas jornadas dos israelitas, com as instruções de Moisés, tiveram, pela graça do Espírito Santo, o efeito de um despertamento e de uma humilhação, pondo o povo em condições de ser

nele cumpridas as promessas divinas. Foi com essa geração que Deus renovou seu pacto, como se acha referido no cap. 29 de Deuteronômio. Grandes maravilhas foram por ele operadas em benefício de seu povo. Eles acreditaram em Deus e, por sua fé, venceram os exércitos dos cananeus e puderam possuir a terra. Em muitas circunstâncias da vida nacional, mostraram grande zelo por sua religião, como na ocasião do pecado de Acã e também quando suspeitaram que as duas tribos e meia tinham edificado um altar em oposição ao estabelecido altar dos holocaustos (cap. 22). Sua piedade é especialmente louvada em 23.8. Os diversos assuntos do livro podem formar três parte principais:
1. *A conquista de Canaã,* incluindo a nomeação de Josué e suas determinações na direção do povo (cap. 1); os espias enviados a Jericó (cap. 2); a passagem do Jordão (cap. 3 e 4); a circuncisão e a celebração da Páscoa em Gilgal (5.1-13); a tomada e destruição de Jericó e Ai, com a descrição do pecado e castigo de Acã (5.14—8.29); a leitura da Lei nos montes Ebal e Gerizim (8.30-35); o astucioso procedimento dos gibeonitas (cap. 9); as vitórias alcançadas na guerra com os cananeus, primeiramente ao sul e depois ao norte; a subjugação do país (cap. 10 e 11); e após isso a recapitulação das conquistas (cap. 12).
2. *A divisão do país*, incluindo tanto as partes conquistadas como as que ainda não tinham sido conquistadas; a descrição das porções que couberam às diversas tribos (cap. 13—19); a instituição das cidades de refúgio e das cidades levíticas (20.21); o estabelecimento das tribos a leste do Jordão, e os acontecimentos que se deram após esse fato (cap. 22).
3. *Os conselhos na despedida, e a morte de Josué* (cap. 23 e 24). As alusões aos acontecimentos descritos no livro aparecem no AT em 1Cr 2.7—12.15; Sl 44.2,3; 68.12-14; 78.54,55; Is 28.21; Hc 3.11-13; e no NT em At 7.45; Hb 4.8; 11.30,31; Tg 2.25.

Jotão. *O Senhor é perfeito.* 1. O filho mais novo de Gideão, que escapou da mortandade operada por Abimeleque em Ofra. Quando Abimeleque foi coroado rei, Jotão proferiu a famosa parábola das árvores que escolheram um rei, querendo dessa forma dar um aviso aos homens de Siquém. Ele fugiu para Beer a fim de salvar sua vida, e com essa fuga termina sua história (Jz 9.5-57).

2. Filho de Azarias, rei de Judá. Jotão governou como regente durante vinte e cinco anos, por causa da doença de seu pai, que era leproso, e subiu ao trono depois desse período de tempo. Foi rei e homem de retidão, embora não tivesse abolido os lugares altos da idolatria. Como os amonitas não quisessem pagar os tributos que lhes foram lançados por seu pai, Jotão os obrigou a isso pela força das armas. Seu reinado foi próspero, mas já no seu fim a paz foi ameaçada pelo rei de Damasco e por Peca. Foi contemporâneo do profeta Isaías (2Rs 15; 2Cr 27).
3. Um descendente de Calebe (1Cr 2.47).

Jozacar. *O Senhor se lembrou.* Filho de Simeate e um dos assassinos do rei Joás (2Rs 12.21). Em 2Cr 24.26, é chamado, por erro de copista, de Zabade. O motivo do assassinato de Joás não está claro. Ou foi um ato de vingança pessoal, ou então os homicidas foram impelidos a praticar o crime pela família de Joiada. Os assassinos foram condenados à morte por Amazias (2Rs 14.5,6).

Jubileu. *A ponta do carneiro.* Chamava-se Ano do Jubileu aquele que vinha depois de sete anos sabáticos (Lv 25.8-11). Esse quinquagésimo ano era anunciado pelo som de trombetas feitas de chifres de carneiro, no dia décimo de tisri (V. MÊS), o grande dia da propiciação. A terra, assim

como no ano sabático simples, devia ficar livre de culturas, sendo os frutos colhidos somente pelos pobres; mas o povo podia caçar ou ganhar seu sustento de qualquer outro modo. No Ano do Jubileu, todos os servos ou escravos tinham condições de obter sua liberdade (Lv 25.39-46; Jr 34.8- 14). As terras do país, bem como as casas das cidades dos levitas, que haviam sido vendidas durante os cinquenta anos precedentes, voltariam para os vendedores, a não ser o que havia sido consagrado a Deus e remido (Lv 25.17-28; 27.16-24). Igualmente as terras hipotecadas deveriam ser libertadas sem ônus algum. A maneira completa em que eram efetuadas essas disposições fez o Jubileu ser considerado um tipo do evangelho (Is 61.2; Lc 4.19). O fim moral e espiritual desses dias festivos manifesta-se com toda a clareza. Todo o propósito era unir o povo pelos laços de fraternidade e separá-lo dos pagãos; e, além disso, conservavam-se na memória os passados benefícios de Deus. A santidade do Senhor era patente nas disposições do Jubileu. O peso dos pobres era aliviado, a opressão e a cobiça eram reprimidas, e todos aqueles atos solenes ou eram uma figura das bênçãos do evangelho, ou sugeriam, para o cristão, as verdades que seriam inteiramente reveladas e realizadas em Cristo. O propósito do Jubileu era dar a todos os israelitas o direito de recuperar a terra que havia sido concedida aos antepassados. As casas das cidades muradas não estavam sujeitas a lei do Jubileu, embora uma casa pudesse ser remida dentro de um ano após a venda; contudo, as casas em conexão com a terra do país, e desse modo essenciais à cultivação do solo, não eram excetuadas, devendo dessa forma voltar aos antigos possuidores no Ano do Jubileu. Da mesma sorte, as casas das cidades levíticas não estavam isentas da lei do Jubileu; a terra, porém, que as circundava e a elas estava ligada não podia ser objeto de nenhum negócio, visto que jamais poderia ser vendida sob qualquer condição. V. SABÁTICO, ANO.

Judá. *Louvor.* Esse é um nome que em diversos lugares aparece sob a forma de Judas e de Judá. A Judeia também se chama Judá em certo número de exemplos.

1. Ocorre pela primeira vez em Gn 29.35; é Lia que dá esse nome a seu quarto filho quando disse: "Esta vez louvarei o Senhor. E por isso lhe chamou Judá". O menino nasceu em Harã, na Mesopotâmia. À exceção de José, ele figura mais vezes na história de Israel do que qualquer dos seus irmãos. Foi ele que aconselhou a venda de José aos mercadores ismaelitas, a fim de evitar sua morte (Gn 37.26,27). Ele nos é apresentado como o dirigente dos negócios da família, e, como se diz em 1Cr 5.2, "foi poderoso entre seus irmãos". Naquelas memoráveis viagens ao Egito para comprar trigo, foi Judá quem fez objeções ao fato de Jacó querer conservar Benjamim junto de si; e foi ele também que, oferecendo seus próprios filhos como reféns, empreendeu todos os esforços para trazer de volta Benjamim (Gn 43.3-10). Em todas as ocorrências dramáticas entre os filhos de Israel e seu irmão José, bem como no caso de ser a família removida para o Egito, foi Judá quem sempre falou pelos outros. Jacó reconheceu a ascendência de Judá sobre seus irmãos, o que se mostra nas últimas palavras que o patriarca lhe dirigiu: "os filhos de teu pai se inclinarão a ti" (Gn 49.8-10). Judá teve cinco filhos, dois dos quais morreram novos. Os outros três, Selá, Perez e Zera, foram com seu pai para o Egito (Gn 46.12). Esses filhos nasceram na Palestina em uma parte do país, da qual a família, já uma tribo, apossou-se de novo no tempo da conquista. V. JUDÁ, JUDEIA.

2. Levita do tempo de Zorobabel que ajudou a restaurar o templo (Ed 3.9). Provavelmente deveria ler-se Hodavias.

3. Levita que mandou embora sua mulher estrangeira (Ed 10.23).
4. Um indivíduo da tribo de Benjamim, o superintendente de uma parte de Jerusalém, no tempo de Neemias (Ne 11.9).
5. Levita, provavelmente o mesmo que Judá (2) (Ne 12.8).
6. Chefe dos que fizeram a dedicação dos muros, ou, então, talvez devamos compreender por esse nome a própria tribo (Ne 12.34).
7. Um sacerdote na dedicação dos muros (Ne 12.36).

Judá, Judeia. Esses nomes aplicam-se, algumas vezes, a toda a Palestina (At 28.21; e talvez Lc 23.5), mas geralmente só à parte meridional do país. A extensão do território que coube a Judá é descrita minuciosamente em Js 15.

O limite norte da primeira parte cabida a Judá começava no lugar em que o Jordão entra no mar Morto, e daí para o oeste, passando por Bete-Semes, até Jabneel, perto de Ecrom, distante 16 km do Mediterrâneo. A linha limítrofe toma depois a direção do sudeste, quase em linha reta, correndo junto ao país dos filisteus e pelos limites de Simeão até Cades-Barneia, na orla do deserto. A leste, a tribo limitava-se com o mar Morto e as montanhas de Seir na terra de Moabe. No entanto, depois da morte de Salomão, a tribo de Benjamim fez aliança com a casa de Davi, ficando assim incorporadas as duas tribos. Dessa forma, Jerusalém permaneceu dentro dos limites do novo reino, tornando-se uma cidade real (2Sm 2.9). Parte de Simeão (1Sm 27.6) e outra parte de Dã (2Cr 11.10) também foram incluídas em Judá. Mais tarde, essa área foi aumentada pela inclusão de parte de Efraim (2Cr 13.19; 15,8; 17.2). O total do território achava-se dividido em quatro regiões e tinha a extensão de quase 72 km do norte ao sul, sendo de 80 km a distância do leste ao oeste. Compreendiam essas regiões, a que se chamava o sul, as terras de pastagens e os desertos da parte mais baixa da Palestina (Js 15.21). Esta última parte também se chamava o deserto de Judá (Jz 1.16). Era de 37 o número de cidades, estando quase metade delas incluídas na tribo de Simeão (Js 19.1-9). A outra grande divisão era a planície ou terras baixas (Js 15.33), achando-se entre a região montanhosa do interior e o mar; seu nome próprio era Sefelá, o qual ainda se conserva. Era o país dos filisteus e o celeiro da Palestina. As fortalezas dos filisteus estavam na costa, edificadas sobre promontórios, dominando- as por um lado o mar e, pelo outro, os fertilíssimos campos de trigos e as vinhas. Os viajantes modernos ainda contemplam maravilhados a beleza e a fertilidade do país. Foi com a abundância dessa rica terra que Salomão pagou a Hirão seu auxílio na edificação do templo e do palácio real. Semelhantemente, nos tempos do NT, o povo de Tiro e Sidom era alimentado com os produtos dessa região (At 12.20). Era grande a sua população, pois havia 42 cidades, além das vilas.

A terceira divisão de Judá, abrangendo as terras montanhosas, era a maior e a mais importante em termos políticos. Nela estavam situadas as cidades de Jerusalém, Siquém e Hebrom e outras 38 de menor importância, como se acham enumeradas em Js 15.48-60. Atualmente, todo o onduloso território (não tão acidentado como o que fica ao norte de Jerusalém) está coberto de ruínas de cidades e fortificações; isso mostra que em certo tempo deveria ter sido muito povoado. Ali se veem arbustos e flores, onde não estejam plantadas a oliveira e a videira.

O quarto distrito, o "Deserto", era aquela grande depressão entre a costa do mar Morto e a parte montanhosa. Compreendia principalmente as planícies do sul; embora tivesse algumas

cidades, era de pequena importância, comparada com a região montanhosa ou com a Sefelá. O "Deserto", onde estiveram Jesus e João Batista, ficava acima de Jericó e ao longo do Jordão.

Quando Josué e Eleazar dividiram a terra entre as tribos (Js 14.1 e 19.51), recebendo Judá a sua parte, sua tarefa foi certamente espinhosa. Eles já tinham combatido os filisteus (Js 10.28-35) e avançado até Hebrom (Js 10.36-39). Todavia, os filisteus nunca foram completamente suprimidos, conservando a posse de algumas cidades. A tribo de Judá, porém, fixou-se resolutamente na região montanhosa, onde lhe foi permitido firmar sua habitação sem ser incomodada. Mesmo quando os filisteus afligiam as tribos do norte e do centro, Judá nada sofria, embora tivesse enviado guerreiros para auxiliar Saul. V. DAVI, SAUL. Depois da morte de Saul, esse povo foi independente e hábil para Davi e elegeu-o rei. Eles tinham a compreensão do seu valor e estavam informados a respeito de quem era Davi (2Sm 2.4-11): sabiam que havia nele as qualidades da vigorosa tribo, uma vontade independente e ousadia de ação. Se em certas circunstâncias as outras tribos faziam reclamações, eles se conservavam a distância e escolhiam o seu rei para que governasse soberanamente o país. Mesmo quando era seu desejo operar em harmonia com os outros, eles não o faziam, se a oportunidade se não oferecia, não hesitando em proceder isolados. Foi essa sua independência de caráter e sua disposição para viverem separados dos outros a causa de os acusarem de algumas faltas, como a de quererem desprezar seus irmãos das outras tribos (2Sm 19.41-43). Quanto à lista das cidades de Judá, v. Js 15.21-63. Nove das cidades foram distribuídas pelos sacerdotes (Js 21.9-19). Os levitas não possuíam cidades nessa tribo, e nas outras não as tinham os sacerdotes. Somente o caso da cidade de Belém parece duvidoso (Jz 17.7,9; 19.1).

Depois que Davi fez de Jerusalém sua capital, Judá tornou-se a parte principal de todo o país de Israel, permanecendo sempre assim, até que houve a separação das dez tribos no reinado de Roboão. Desde então, no espaço de quase quatrocentos anos, o trono foi ocupado por 20 reis, todos eles descendentes de Davi. Aparece apenas uma vez, durante o período dos reis, um caso de certa gravidade, que poderia ter interrompido a linhagem de Davi. Foi quando Rezim, rei da Síria, e Peca, rei de Israel, receando ser esmagados pela Assíria, firmaram entre si uma aliança, da qual quiseram que tomasse parte Acaz, rei de Judá. Isaías, no cap. 7, mostra de um modo pitoresco o mau êxito daquele plano. Alguns dos reis de Judá são dignos de louvor. São eles: Asa, Josafá, Josias e Ezequias. Outros, porém, foram ímpios e depravados, como Acaz, Manassés e Amom. Houve também alguns que, sendo recomendáveis por algumas de suas qualidades, cometeram, contudo, graves faltas.

Contudo, o plano divino não sofreu mudança alguma na longa preparação dos fatos para a vinda do Messias, como se mostra na genealogia real do primeiro capítulo de Mateus. É notável que, mesmo quando os reis de Judá terminaram seu governo por efeito de morte violenta, como aconteceu com Acazias, Joás e Amom, nenhuma tentativa se fez para quebrar a linhagem davídica de sucessão.

As condições internas do reino de Judá eram geralmente boas, e os seus anais, exceto os referentes a Jerusalém, não eram em sua maior parte abundantes em acontecimentos. De modo especial, conta-se que o rei Asa, além das medidas empregadas para purificar da idolatria o seu país, não poupando a própria mãe, edificou e fortificou diversas cidades.

De Josafá, diz-se que ele ordenou o conhecimento da Lei por todo o seu reino, nomeando

ministros para darem ao povo a devida instrução religiosa.

No Segundo Livro das Crônicas, cap. 17, há um interessante quadro que nos mostra quanto é próspera e pacífica uma comunidade que vive sob a direção de um homem sábio e previdente. Além disso, Josafá, querendo seguir o exemplo de Salomão, procurou sustentar uma esquadra comercial no porto então chamado Eziom-Geber. A respeito de Uzias, diz a história que ele, durante seu longo reinado, cultivou com bom êxito tanto a arte da paz como a da guerra (2Cr 26). "Ele era amigo da agricultura" e mostrou sua capacidade comercial, defendendo e fortificando o porto de Elate, ao norte do braço oriental do mar Vermelho, o qual desde os dias de Salomão estava em poder de Edom. No entanto, cinquenta anos mais tarde, quando Acaz reinava, foi reconquistado pela Síria ou por Edom. A existência nacional de Judá foi por mais de uma vez ameaçada; contudo, pela proteção de Deus, pôde sustentar-se o pequeno reino, tendo seu centro na montanhosa fortaleza de Jerusalém. Primeiramente, foi o Egito seu mais terrível inimigo, quando esta nação era governada pelos ferozmente agressivos reis da Bubástica, ou 22 adinastia. No reinado de Roboão, Sisaque saqueou o templo e ameaçou Judá; mas o orgulhoso jovem, humilhando- se perante o Senhor, "fortificou-se [...] em Jerusalém e continuou reinando" (2Cr 12.13). Zerá, outro monarca etíope, invadiu a Palestina pelo lado sudoeste, durante o reinado de Asa, à frente de uma imensa horda de etíopes, mas sofreu derrota decisiva em Maressa, na planície marítima, chamada Zefatá ou Sefelá (NVI). Foi essa uma vitória que livrou o reino de Judá por dois séculos de qualquer opressão da parte dos inimigos do sul; e também mostrou aos egípcios que eles tinham mais a ganhar com a amizade do que com a inimizade dos judeus, mudando por isso a atitude deles para com o reino (2Rs 17.4; 18.21-23; Is 20.5,6; 30.2-7).

O reinado de Josafá foi em geral pacífico, mas teve de combater os países confederados de Moabe, Amom e Edom. Os exércitos encontraram-se nos declives de En-Gedi, onde os cânticos dos levitas, acompanhados de trombeta, harpa e saltério, aterrorizaram de tal maneira as hostes pagãs que eles voltaram suas armas uns contra os outros. Assim se tornou memorável a cena do encontro, recebendo esse lugar o nome de "vale de Bênção" ("vale de Beraca", NVI). A invasão e a vitória são descritas com vivacidade em 1Cr 20. No entanto, os inimigos a quem Judá mais precisava temer eram os seus vizinhos israelitas, e, na verdade, suas relações com Efraim, como era designado o Reino do Norte, eram continuamente tensas. Abias, filho de Roboão, teve de encontrar-se com Jeroboão no campo de batalha, infligindo-lhe uma derrota decisiva (1Rs 15.7; 2Cr 13.2-20).

Houve uma luta mais séria e prolongada entre Asa e o rei israelita Baasa, com importantes consequências. Baasa estava levantando um baluarte em Ramá, na fronteira, a 11km de Jerusalém, em rivalidade com a grande fortaleza de Sião. A política contrária que Asa adotou era falsa e pecaminosa, embora seus resultados imediatos fossem bons. Com o objetivo de importunar Baasa, ele forneceu subsídios ao rei da Síria para atacar o reino de Israel pelo norte, obrigando desse modo as forças israelitas a afastarem-se de Judá. Ramá foi desmantelada, e seus materiais foram empregados por Asa na construção de novas fortalezas para defesa do reino de Judá. Hanani, o vidente, compreendeu o grande erro que se tinha cometido e censurou o rei (2Cr 16.7-9). O rei encerrou o profeta em uma prisão, mas os acontecimentos vieram a confirmar as palavras de Hanani. Erro semelhante foi a aliança entre Josafá e Acabe pelo

casamento de Jeorão, filho e sucessor de Josafá, com Atalia, filha de Acabe e Jezabel. Acazias, ou Jeoacaz (2Cr 21.17), filho de Atalia, foi morto em Jezreel, deixando um filho ainda infante como herdeiro do trono de Judá. Desse fato resultou a usurpação efetuada pela cruel avó do pequeno rei, com a série de males que se desenrolou. O resultado das alianças com países pagãos foi sempre ruim para os israelitas. Acaz procurou o auxílio de Tiglate-Pileser contra os reis de Israel e da Síria. Em vez de receber algum auxílio, foi intimado a pagar pesado tributo. O caso custou a Ezequias a maior parte do seu tesouro e, se não se tivesse dado uma especial intervenção, lhe custaria também o trono. Manassés perdeu a liberdade, fazendo aliança com o egípcio Tiraca, enquanto Josias perdeu a vida quando procurou resistir a faraó Neco, que marchava para o leste na direção de Carquemis. Jeoacaz, filho de Josias, foi levado cativo para o Egito. Eliaquim, ou Jeoaquim, irmão e sucessor de Jeoacaz, que devia a coroa a Neco, permaneceu pelo espaço de quatro anos tributário do Egito; todavia, com a derrota do rei egípcio em Carquemis, Jeoaquim se tornou súdito de Nabucodonosor, que por essa ocasião tinha sucedido seu pai, Nabopolassar. Quatro anos depois de a Judeia ter sido subjugada, sublevou-se o rei de Judá contra o imperador da Babilônia (2Rs 24.1), que passado algum tempo o pôde prender, ordenando que fosse morto (2Cr 36.6). Sucedeu-lhe seu filho Joaquim, ou Jeconias, que, no entanto, foi deposto pouco tempo depois e conduzido à Babilônia (597 a.C.), ficando em seu lugar seu tio Zedequias, terceiro filho de Josias. Procedendo este contrariamente aos conselhos e admoestações de Jeremias, revoltou-se, e isso foi causa de vir novamente Nabucodonosor sobre Jerusalém (587 a.C.). A cidade foi tomada depois de um cerco de dezoito meses. A maior parte de seus habitantes foi morta; e, quanto a Zedequias, arrancaram-lhe os olhos e assassinaram-lhe os filhos, sendo ele depois carregado de cadeias para a Babilônia. Pouco tempo depois, a cidade foi incendiada, o templo foi destruído, e foram levados para a Babilônia os vasos sagrados e grande número de judeus. Assim teve início o cativeiro na Babilônia. É notável que, após esses acontecimentos, nenhuma tentativa tenha sido feita para colonizar o país, procedendo-se contrariamente ao que aconteceu em Israel. Aprouve à Providência conservar a terra de Judá vacante, a fim de ser outra vez ocupada pelos judeus, quando se completassem os dias do cativeiro. Nabucodonosor e seus generais deixaram ficar em terras de Judá as pessoas mais pobres do país, com o fim de cultivarem a terra e observarem seus "sábados", até que aqueles a quem Deus a tinha dado retornassem para tomar posse de sua herança. A riqueza de Judá, que deve ter sido grande, se considerarmos o número de vezes que os tesouros da saqueada Jerusalém foram renovados, não provinha somente das pastagens e da agricultura. Os judeus eram bons negociantes, fazendo suas negociações com o Egito e outros países do Mediterrâneo e do mar Vermelho. O país, ou pelo menos Jerusalém, recebia subsídios regulares das colônias judaicas espalhadas por toda parte. As crônicas daquele tempo falam-nos de tesouros que eram levados para os cultos do templo, provenientes de lugares muito distantes, como os países ao norte da Índia e outros para além do Egito. O país possuía ainda outras vantagens que ajudaram o povo de Judá a conservar sua existência muito depois de ter sido destruído o reino de Israel. A sua fronteira estava menos exposta, a terra era mais acidentada e comparativamente mais estéril, mas era habitada por uma população ousada e cheia de confiança em sua força. Além disso, o território não era atravessado por nenhuma estrada de grande importância. O próprio Napoleão não quis correr o risco de conduzir seu exército por

meio daqueles desfiladeiros. Sendo eles possuidores do grande templo do Senhor, não eram tão tentados a seguir os falsos deuses e apresentavam ao inimigo uma frente mais sólida e unida. Acrescente-se a tudo isso o seguinte: os reis de Judá foram, em geral, bons e esclarecidos, e havia neles o bom desejo de promover o bem-estar de seus súditos. Os sacerdotes eram reverenciados e, em todas as ocasiões em que o exército estava em boas condições de guerrear, era difícil subjugá-lo. V. ISRAEL, REI.

Judas. É a forma grega da palavra hebraica Judá. 1. Filho de Jacó (Mt 1.2,3).
2. Um habitante de Damasco, em cuja casa foi Saulo recolhido (At 9.11). Ficava na "rua que se chama Direita", ou na rua dos Bazares, a qual se estendia desde a porta do sul até o centro da cidade. Ainda hoje se mostra aos viajantes uma "casa de Judas".
3. Judas, chamado Barsabás, talvez irmão de José Barsabás. Era membro da igreja de Jerusalém (At 15.22ss). Foi escolhido para ir com Paulo e Barnabé, como delegados, à igreja de Antioquia, com o fim de informarem os cristãos sobre a resolução dos apóstolos em Jerusalém, de que não era necessário ser observada a Lei pelos gentios. Ele tinha dons proféticos, desfrutava grande consideração entre seus irmãos na fé e, segundo a tradição, tinha sido um dos 70 discípulos. Nada mais se sabe a respeito dele.
4. Judas, o galileu (At 5.37). No ano 6 ou 7 da Era Cristã, opôs-se ao registro do povo, feito por Quirino (Cirênio), na Judeia. Esse alistamento efetuava-se com o fim de lançar impostos, e por isso era uma medida impopular. Nessa ocasião, Judas, habitante de Gamala, fez o povo se rebelar contra as autoridades, tendo por divisa: "Não temos outro mestre e senhor: só Deus". Clamava Judas que pagar o tributo a César e reconhecer, de qualquer maneira, uma autoridade estrangeira era uma traição a Deus e à Lei de Moisés. Um considerável número de seus partidários, os gaulonitas, como se chamavam, julgaram que ele era o Messias. Todavia, ele nada pôde fazer contra o poder de Roma; e, ainda que por algum tempo tenha assolado o país, foi morto finalmente. Dispersos os seus seguidores, o movimento recebeu o golpe de morte com a ruína total da nação. Embora seus métodos fossem errados e ele impiamente tivesse assumido o lugar de Messias, Judas deve ser considerado como um herói nacional, amante de sua pátria.
5. "Judas, filho de Tiago", que talvez fosse filho de um Tiago também chamado Tadeu. Era o décimo na lista dos apóstolos. Em Jo 14.22, ele é apresentado como "Judas, não o Iscariotes"; contudo, em Lc 6.16 e At 1.13, ele é simplesmente Judas, sem nenhum apelido distintivo. Diz a tradição que ele pregou o evangelho em Edessa, o campo da missão e do martírio de Tomé, e que viajou até a Assíria, sendo, no seu retorno às terras ocidentais, condenado à morte na Fenícia.
6. O irmão do Senhor e de Tiago (3). Os habitantes de Nazaré mencionaram seu nome quando escutavam, maravilhados, os grandes ensinamentos do Filho de seus vizinhos (Mt 13.55; Mc 6.3). Foi ele quem escreveu a Epístola de Judas, apresentando-se a si mesmo como "servo de Jesus Cristo e irmão de Tiago" (Jd 1).

Judas, Epístola de. A autoria dessa epístola tem sido atribuída a duas pessoas com o nome de Judas. Uma delas é o apóstolo Judas, também chamado Lebeu, e a outra é Tadeu (Mt 10.3; Jo 14.22). Contudo, não há prova alguma de que este apóstolo fosse o "irmão de Tiago", como o escritor da epístola a si próprio se denomina. Em algumas versões de Lc 6.16 e At 1.13, a palavra "irmão" não consta do original, e estaria mais em conformidade com o uso geral da

linguagem, e particularmente dos escritores do NT, se a palavra "filho" fosse empregada em lugar dessa outra. Além disso, se o escritor dessa epístola tivesse sido apóstolo, ele não julgaria necessário apresentar-se como "irmão de Tiago", nem se distinguiria dos apóstolos, como as palavras do v. 17 parecem indicar. Disso tudo se conclui que o Tiago mencionado no v.1era realmente o "irmão do Senhor" (Gl 1.19; v. tb. Mc 6.3), o qual tem um trabalho distinto na última parte da era apostólica. Nesse sentido, Judas teria estado com Jesus Cristo (Mt 13.55; Mc 6.3), pertencendo Judas e Tiago provavelmente ao número daqueles irmãos do Senhor que se reuniram com os apóstolos depois da ascensão de Cristo (At 1.14; 1Co 9.5). V. IRMÃOS DO SENHOR. Sobre a vida de Judas, não temos informações precisas. Os seus descendentes são mencionados por Eusébio. Conta esse escritor que, quando o imperador Domiciano mandou que fossem mortos todos os descendentes de Davi, "alguns dos heréticos acusaram os descendentes de Judas de pertencer à família de Davi, visto que Judas era irmão, segundo a carne, do Salvador e, por sua vez, descendia Jesus daquele rei". Depois se refere à boa confissão da fé cristã que eles fizeram na presença de seus perseguidores (*Hist. ecles*., III.20).

Não parece que a epístola tenha sido dirigida a alguma igreja. Segundo a antiga tradição, Judas trabalhou entre aqueles povos a leste da Judeia, e desse fato alguns concluem que a epístola foi enviada aos cristãos que por aquelas regiões se encontravam. Outros supõem que tenha sido escrita para os cristãos da Palestina. Quanto à *data*, pode ser ela inferida da natureza das heresias e das práticas nocivas que aí são combatidas, e do modo que o autor fala da pregação dos apóstolos, mostrando que a epístola se refere mais ao passado que ao presente. Parece então ter sido a epístola escrita no último período apostólico, poucos anos antes da destruição de Jerusalém, talvez por volta de 67 d.C.

É óbvia a relação dessa carta com a Segunda Epístola de Pedro. Há entre as duas epístolas uma notável semelhança tanto no pensamento como na linguagem. A elegância de estilo na Epístola de Judas, a sua forma particular, o vigor nos pensamentos e linguagem, e sua coerência de ideias, tudo nos leva a crer que a carta é toda original. Por outro lado, o cap. 2 de 2Pedro, no qual se revela a semelhança com a Epístola de Judas, parece ser diferente do estilo simples de Pedro. Há também na Epístola de Pedro algumas expressões que precisam comparar-se com os lugares paralelos de Judas para se compreender sua significação (a esse respeito, cp., p. ex. 2Pe 2.11 com Jd 9).

No seu todo, a Epístola de Judas parece ter sido escrita primeiramente, e Pedro, seguindo-a até certo ponto, usa-a de um modo independente, resumindo alguns pensamentos e acrescentando novas particularidades.

A finalidade especial dessa epístola parece ter sido prevenir os cristãos contra os falsos doutores que faziam consistir toda a religião na crença especulativa e profissão exterior, procurando arrastar seus discípulos à insubordinação e licenciosidade. A carta pode dividir-se em duas partes: a primeira trata do castigo dos falsos mestres (v. 5-7), e a segunda, de seu caráter em geral (8-19).

Para ilustrar a doutrina que apresenta, ele recorre, como faz Paulo em certos casos (2Tm 3.8; At 17.28; Tt 1.12), a fontes diversas das Escrituras. A referência à disputa entre Miguel e o diabo acerca do corpo de Moisés foi, segundo se diz, extraída da Assunção de Moisés, obra judaica apocalíptica que se supõe ter sido escrita por volta de 50 d.C., existindo dela apenas

fragmentos. A obra etíope Livro de Enoque, citada no v. 14, era bem conhecida nos tempos em que o NT foi escrito, notando-se coincidências de pensamento e linguagem em algumas das epístolas paulinas, na Epístola aos Hebreus e no Apocalipse.

A *característica* da epístola é o emprego que o autor faz dos trios. Observe-se nos v. 1 e 2 a triplicação da saudação e da bênção. Também são citados em trios: (a) três exemplos de justiça divina: o dos israelitas incrédulos, o dos anjos rebeldes e o das cidades da planície (v. 5-7); (b) três tipos de maldade: a de Caim, a de Balaão e a de Coré (v. 11); (c) três classes de homens maus: murmuradores, queixosos de sua sorte e obstinados; (d) três maneiras de proceder para com os que erram: "compadecei- vos de alguns que estão na dúvida", "salvai-os, arrebatando-os do fogo" e "sede também compassivos em temor" (v. 22,23).

Judas Iscariotes. *Homem de Queriote (Queriote- Hezrom*). Um dos 12 apóstolos, o que traiu Jesus Cristo. É chamado de "filho de Simão Iscariotes" (Jo 6.71). Seu caráter, com o resultado final, sempre foi do conhecimento de Jesus (Jo 6.64). Sua fraqueza logo se manifestou na cena da unção em Betânia (Jo 12.4,5). As palavras "Por que não se vendeu?" manifestavam o sentimento dos Doze, mas a ideia de que o unguento deveria ser vendido para socorrer os pobres era de Judas, como dá a entender João, acrescentando que Judas tinha proposto a venda daquela essência por ser ladrão, pois "tendo a bolsa, tirava [i.e., subtraía] o que nela se lançava" (Jo 12.4-6). Por essa revelação, já se explica o ato que ele mais tarde praticou. Sendo Judas, pois, cheio de cobiça e não conseguindo conformar-se com a natureza da missão de Jesus Cristo, foi se fortalecendo em seu espírito aquele sentimento indicado pelas palavras "entrou nele Satanás" (Jo 13.27); e a triste consequência foi o pacto com os principais sacerdotes e a entrega de Jesus Cristo. Depois daquela cena em Betânia, as más ideias começaram a preocupar sua alma (Mt 26.14). Satanás encontrou seu instrumento, e Judas foi ter com os príncipes dos sacerdotes (Lc 22.3,4). Provavelmente ele esperava mais do que as 30 moedas de prata (Mt 26.15), porque, na verdade, houve discussão sobre a quantia que lhe haviam de dar. Por fim, Judas se decidiu a fazer o papel de traidor e esperou a ocasião. Com tudo isso, não se separou de Jesus. Acompanhou o divino Mestre e seus colegas na ida a Betânia, e de Betânia a Jerusalém; esteve com eles no jardim de Getsêmani (Jo 18.2); e na última ceia lá se encontrava também, tendo seus pés lavados pelo Salvador e perguntando como os outros discípulos: "Sou eu?" (Mt 26.25). Completou sua infâmia entregando com um beijo o Mestre, o que aumentou a tristeza de sua vítima (Lc 22.48).

Praticada a vil ação, Judas passou a ser atormentado pelo remorso. Pode-se dizer que o arrependimento era sincero por seu desejo de desfazer o que tinha praticado (Mt 27.3,4). Foi nesse estado de alma que ele lançou aos pés dos sacerdotes as 30 moedas de prata, sendo por eles escarnecido. Foi "o filho da perdição" (Jo 17.12), não havendo para ele esperança de perdão nesta vida; e assim ele "retirou-se e foi enforcar-se" (Mt 27.5). As diversas descrições de sua morte se harmonizam pelo entendimento de que Judas primeiramente se enforcou em alguma árvore que estivesse à beira de um precipício, e que, quebrando-se a corda ou o ramo, ele se despedaçou na queda. Em At 1.20, a morte de Judas é relacionada com as predições de Sl 69.25 e 109.8; v. tb. Jo 17.12.

judeus. A palavra "judeu" significava, originariamente, um membro do reino de Judá (2Rs 16.6; 25.25; Jr 34.9). Durante o cativeiro, e depois do retorno à Palestina, os israelitas que formaram

o novo Estado eram conhecidos genericamente pelo nome de judeus. Os outros membros da raça israelita, espalhados por todo o mundo, foram no decorrer do tempo chamados de judeus, e a si próprios também atribuíam esse nome (Ed 3; Dn 3.8-12). V. DISPERSÃO, HEBREU, ISRAELITAS.

Entre as nações onde fixaram morada, eles foram principalmente notáveis por seu extremo exclusivismo. Crendo estar sob a proteção especial do Senhor, eles depressa recuperavam suas forças, que perdiam nas diversas calamidades causadas por sua desobediência aos preceitos divinos, retomando sua antiga satisfação como povo escolhido.

Com a queda da cidade de Jerusalém e a destruição do templo, terminou a existência nacional dos judeus. Daí em diante, eles se tornaram estrangeiros entre outros povos. Mesmo muito antes da conquista realizada por Tito, os judeus já se tinham espalhado por outras terras, onde formaram grandes e poderosas comunidades. Certo número deles havia permanecido na Babilônia, depois do retorno do cativeiro. No Egito e em Cirene, habitavam quase em igual quantidade, e em Roma e outras grandes cidades constituíam numerosas colônias. Quão largamente eles estavam dispersos, pode deduzir-se da lista dada por Lucas em sua narrativa a propósito dos acontecimentos no dia de Pentecostes (At 2.1-11). Com qualquer outro povo, o resultado da dispersão teria sido o desaparecimento de suas particularidades nacionais, se não raciais, e também sua absorção pelas nações nas quais foram habitar. Todavia, já se vão dois mil anos, e nota-se que eles continuam em vida separada, mesmo que obedeçam às leis dos diferentes povos, conformem-se a seus costumes e falem sua língua. Ainda que tenham percorrido todas as nações, o hebraico continua sendo sua língua nacional, e sua religião é ainda o antigo culto de Israel. Através de todas as dificuldades, embora súditos de muitos Estados, a verdade é que um judeu permanece sempre judeu, e somente judeu.

Foi esse poder de resistência às influências exteriores que os habilitou a restaurar o Sinédrio, passados alguns anos da total destruição de Jerusalém. Em duas gerações, com a maravilhosa vitalidade que sempre os distinguiu, os judeus conseguiram recuperar em grande extensão seus números, sua riqueza e seu espírito indomável. É fácil para nós compreender agora como o tesouro do templo, tantas vezes arrebatado, era tão rapidamente substituído. Quando chegava às comunidades estrangeiras dos judeus a notícia de qualquer nova desgraça, essas enviavam dinheiro e homens a Jerusalém para o serviço do templo e também para ser restabelecido o tesouro saqueado.

As calamidades e misérias que os judeus têm suportado talvez não possam ser comparadas aos infortúnios de nenhuma outra nação. O nosso Salvador chorou quando previu a rapina, o assassinato, o fogo, a pestilência e outros horrores que iriam atormentar o povo escolhido.

Quase todos os judeus modernos são fariseus na doutrina, embora não se chamem assim; e acham-se tão ligados a lei tradicional (i.e., oral) como o eram seus antepassados. Eles nutrem um ódio implacável aos caraítas (uma seita dos escrituristas), que aderem ao texto de Moisés e rejeitam as interpretações dos rabinos. Não há saduceus declarados, mas as doutrinas de muitos judeus "reformados" não são dessemelhantes.

juiz. Em tempos primitivos, e quando os israelitas estavam ainda no Egito, eles tinham suas próprias leis, que os anciãos faziam cumprir.

Moisés teve suas mais antigas comunicações com o povo por intermédio dos anciãos (Êx4.29),

que sem dúvida eram chefes de tribos ou de famílias israelitas (Dt 29.10; Js 23.2). Esse sistema esteve por muito tempo em voga e resistiu paralelamente com outros, no tempo de Davi (Nm 7.2, 10; Js 22.14). Os primeiros magistrados regulares foram nomeados por conselho de Jetro (Êx 18.14-26), o qual observou que a força de um só homem não era proporcional à tarefa de julgar uma nação inteira. A escolha dos juízes recaiu em indivíduos dotados de bom caráter e que ao mesmo tempo ocupavam em sua tribo um lugar de consideração (Dt 1.15,16). Foi reconhecida nessa eleição a lei de primogenitura, sendo comprovada a capacidade dos primogênitos em outros aspectos, além de serem os eleitos obrigatoriamente chefes de tribos ou de famílias.

Esses juízes tinham por responsabilidade tratar de casos civis e criminais, excetuando-se aqueles que tinham maior importância. Quanto à própria Lei, ela era ensinada pelos levitas, que de certo modo vieram a ser os jurisconsultos do povo. Não sabemos como esses juízes eram nomeados, a maneira de sua sucessão, e quais eram seus poderes particulares, mas é evidente que possuíam considerável autoridade, e, no cumprimento de sua missão, os negócios públicos podiam prosseguir sem haver rei, ou tribunal supremo, ou algum corpo legislativo. Havia também um conselho de 70 membros para auxiliar Moisés, mas essa instituição não era a princípio um tribunal judicial (Nm 11.24,25). Foi depois do cativeiro na Babilônia que esse conselho, com o nome de Sinédrio, governava a nação. V. SINÉDRIO. Além do sumo sacerdote, o governador eclesiástico por meio do qual o povo tinha comunicação com a Divindade, havia um supremo magistrado para os negócios civis, ao qual até a primeira autoridade sacerdotal estava subordinada. Moisés foi o primeiro desses magistrados civis, seguido por Josué (Nm 27.18). Em lugar inferior, os anciãos que compunham seu conselho exerciam o governo. Depois da morte de Josué e dos anciãos a quem ele tinha nomeado, estabeleceu-se uma situação anárquica na qual não havia obediência aos mandamentos divinos (Jz 2.12-15). Em consequência, certas pessoas eram escolhidas por intervenção divina para governar a nação como juízes ou libertadores. V. JUÍZES, O LIVRO DOS. Elas não tinham o poder de criar novas leis, mas somente o de julgar em conformidade com a Lei de Moisés. Detinham eles também o poder executivo, embora sua jurisdição se estendesse somente algumas vezes a certa parte do país. Não tinham estipêndio estabelecido, mas o povo estava acostumado a levar-lhes presentes ou ofertas. Essa forma de governo durou desde a morte de Josué até a escolha de Saul para ser rei, compreendendo um espaço de quatrocentos anos. Samuel foi o mais notável dos juízes, e parece que na última parte de sua vida ele se limitava a exercer principalmente a missão de profeta. Sendo Saul coroado rei, terminou a forma teocrática de governo (1Sm 8.7). A pessoa do juiz era considerada santa e sagrada, de modo que consultá- la era o mesmo que "consultar a Deus" (Êx18.15). O juiz era divinamente dirigido, não temendo então a face de ninguém, "porque o juízo é de Deus" (Dt 1.17,18; cf. Sl 82).

Além dos juízes supremos, havia os anciãos da cidade. Cada cidade do país tinha os seus anciãos, que constituíam um tribunal de justiça com poder de resolver as pequenas causas da localidade (Dt 16.18). Para juízos de menor responsabilidade, eram escolhidos indivíduos de mais idade, ou levitas, ou chefes de família, ou mesmo aqueles cujas riquezas os colocavam em situação de não serem tentados em seus julgamentos, porque os hebreus eram sensíveis com respeito à administração da justiça. Esses juízes locais eram chamados "príncipes", caso

pertencessem às classes superiores, e "anciãos", caso fossem das classes inferiores (Êx2.14; Jz 8.14; Ed 10.8; Jó 29.9). Havia certos chefes de família que os auxiliavam, indivíduos que eram reconhecidos como cabeças entre os seus. Eram esses os juízes que se sentavam às portas das cidades, homens de reconhecida influência e juízo (Jz 8.14,15). V. BOAZ, RUTE. Além disso, os levitas estavam espalhados por todas as tribos, de maneira que poucas eram as povoações que se achavam muito distantes de uma cidade levítica. Por costume, os juízes eram escolhidos entre os membros da tribo de Levi, pelo fato de serem homens altamente versados na Lei (2Cr 19.5-11; 35.3).

Ainda que se pudesse apelar em última instância para o sumo sacerdote (Dt 17.12), tal apelação, contudo, raras vezes era feita, certamente porque ele não gostava de proceder na qualidade de juiz. Sabe-se que, quando se fazia uma petição ao rei, era no sentido de que precisavam do seu "juízo", e não do seu auxílio contra os adversários (1Sm 8.5,20).

Os principais juízes foram: Otniel, Eúde, Sangar, Débora e Baraque, Gideão, Abimeleque, Tola, Jair, Jefté, Ibsã, Elom, Abdom, Sansão, Eli e Samuel. Depois do governo dos juízes, veio o governo dos reis até o tempo do cativeiro babilônico. Após o cativeiro, Esdras nomeou duas classes de juízes (Ed 7.25), mas os casos mais difíceis eram levados ao sumo sacerdote para serem resolvidos; e isso continuou até que foi instituído o Sinédrio, o grande conselho. Esse conselho supremo constava de 70 pessoas, havendo um presidente e um vice-presidente. Desde o tempo de Herodes, o cargo de presidente do conselho era distinto do de sumo sacerdote, vindo a ser um lugar de considerável importância.

Juízes, O Livro dos. A *autoria* e a *data* desse livro não são conhecidas com certeza. Segundo uma antiga tradição judaica, foi Samuel quem o escreveu, e isso não parece ser impossível. Certamente o livro foi escrito antes dos acontecimentos narrados em 2Sm 5.6-9. V. Jz 1.21. Todavia, pelas expressões usadas em 17.6; 18.1; 19.1 e 21.25, alguns críticos concluem que o livro é obra de um partidário apaixonado da monarquia, que não parece ter vivido quando o governo real havia degenerado extraordinariamente. Por isso, é possível que tenha sido escrito no reinado de Davi ou Salomão, sob a autoria dos profetas Natã e Gade.

A cronologia do livro tem sido muito discutida. As principais datas são as seguintes:
1. Afirma-se em 1Rs 6.1 que a edificação do templo foi iniciada por Salomão "no ano quatrocentos e oitenta, depois de saírem os filhos de Israel do Egito".
2. O juiz Jefté declara (Jz 11.26) que Israel habitou trezentos anos (certamente um número arredondado) em Hesbom e no território de além do Jordão.
3. As sucessivas enumerações, no livro dos Juízes, de períodos de opressão e livramento, totalizando trezentos e cinquenta anos até o fim do juizado de Abdom, são expostos no quadro seguinte:

OPRESSORES	ANOS	LIBERTADORES e JUÍZES	ANOS	TOTAL
Mesopotâmia(3.8)	8	Otniel (3.11)	40	48
Moabe (3.14)	18	Eúde e Sangar (3.30)	80	98
Jabim (4.3)	20	Débora e Baraque (5.31)	40	60

Midiã (6.1)	7	Gideão e Abimeleque (8.28; 9.22)	43	50
		Tola e Jair (10.2,3)	45	45
Amonitas (10.8)	18	Jefté (12.7)	6	
		Ibsã, Elom, Abdom (12.9,11,14)	25	49
				350

Veio depois a opressão dos filisteus por quarenta anos (13.1), provavelmente incluindo-se nesse período o juizado de Sansão por vinte anos (15.20). Desse modo, temos o total de trezentos e noventa anos entre a opressão de Cusã-Risataim e a morte de Sansão. No entanto, não se deve tomar ao pé da letra os números arredondados de anos (20, 40, 80); o mais provável é que alguns desses períodos se achem envolvidos uns nos outros. Por exemplo, é possível que a opressão dos amonitas no oriente coincida com a dos filisteus no ocidente. Dessa forma, Jefté e Sansão teriam sido contemporâneos. A tomada da arca, que foi a causa da morte de Eli, evidentemente se deu antes das principais proezas de Sansão contra o poder da Filístia, e, por isso, os primeiros capítulos de 1Samuel devem ser colocados antes de Jz 15.16.

4. O apóstolo Paulo (At 13.20), em conformidade com o texto aceito, especifica ter sido de quase quatrocentos e cinquenta anos o período dos juízes. Essa versão, contudo, é duvidosa. Segundo alguns críticos, as genealogias mostram que o período dos juízes é muito mais curto do que geralmente se supõe. Afirmam que entre Naassom, um príncipe da casa de Judá quando os israelitas entraram na terra de Canaã, e Davi, seu descendente, só quatro nomes são dados (Salmom, Boaz, Obede, Jessé). Ora, esses, seja qual for a maneira de contar, haviam de ocupar um espaço de tempo demasiadamente pequeno; e deve ter havido omissões, o que faz as tábuas genealógicas serem em si mesmas um guia de pouco significado.

Os assuntos do Livro dos Juízes:

I. Uma descrição das diversas guerras que foram sustentadas contra os cananeus depois da morte de Josué; em seguida, um esboço dos acontecimentos durante o tempo dos juízes, constituindo uma introdução às narrativas que se seguem (1—3.4).

II. Os israelitas são oprimidos por seus inimigos e libertados pelos juízes. Compreendem essa parte do livro: a sujeição aos reis da Mesopotâmia e de Moabe, e seu livramento pela ação de Otniel e Eúde; a libertação das tribos ocidentais, sendo Sangar o juiz (3.5-31); as tribos do norte oprimidas por Jabim, rei de Canaã, sendo os israelitas defendidos por Débora e Baraque (4.5); a libertação das tribos setentrionais e orientais que saíram do jugo dos midianitas pelo valor de Gideão (cap. 6—9); os governos de Tola e Jair; o livramento de Israel, sendo Jefté o juiz que os libertou do poder dos amonitas; e os governos de Ibsã, Elom e Abdom (cap. 10—12); a sujeição dos israelitas aos filisteus, sendo Sansão seu libertador (cap. 13—16). E terminam as narrativas regulares.

III. Um apêndice que provavelmente foi composto em data posterior, pormenorizando fatos que aconteceram não muito depois da morte de Josué e, por consequência, em um período anterior à maior parte da história dos juízes. Trata-se de uma narrativa que diz respeito à introdução da idolatria entre os israelitas e consequente corrupção e castigo desse povo. Por exemplo, o caso dos

ídolos de Mica, que foram roubados pelos danitas (cap. 17 e 18); e o brutal ultraje cometido pelos homens de Gibeá, do que resultou uma terrível guerra civil na qual a tribo de Benjamim foi quase destruída (cap. 19—21). São frequentes no AT as alusões a acontecimentos do tempo dos juízes e encontram- se, por exemplo, em 1Sm 12.9-11; 2Sm 11.21; Sl 78.56; 83.9-11; 106.34-45; Is 9.4. No NT, as principais referências estão em At 13.20 e Hb 11.32ss.

Juízo, Dia do. Em Mateus (25.31ss), o julgamento dos homens não atinge somente os discípulos declarados de Jesus Cristo, mas "todas as nações". O termo é geralmente empregado nas Escrituras para descrever o julgamento dos gentios; o Juízo é, então, universal. E parece ser uma referência especial a fatos da vida cristã. Aqueles que mereceram as palavras de Jesus, "Vinde, benditos de meu Pai", não sabiam que haviam servido a Cristo, mas o Espírito Santo lhes tinha inspirado atos de beneficência e caridade (At 16.31; 1Co 15.24-26; 1Ts 4.14-17). É em referência ao Dia do Juízo que Pedro diz: "Ora, os céus que agora existem e a terra, pela mesma palavra, têm sido entesourados para o fogo, estando reservados para o Dia do Juízo e destruição dos homens ímpios" (2Pe 3.7). O tempo fixado pelo apóstolo para a destruição dos céus e da terra pelo fogo, isto é, o Dia do Juízo e do castigo dos ímpios, mostra que ele não tem em vista apenas uma cidade ou nação, como alguns têm pensado, mas a própria Terra, com todos os maus que nela têm vivido.

Acredita-se que um "juízo universal" é requerido pela justiça de Deus (2Ts 1.6,7) e sugerido pelas acusações da consciência natural (Dn 5.6; At 24.25; Rm 2.1-15), pela relação que há entre o ser humano e Deus, entre a criatura e o Criador (Rm 14.12) e pela ressurreição de Jesus Cristo (At 17.31; Rm 14.9). O juízo universal encontra-se claramente indicado nas Escrituras Sagradas (Mt 25; At 24.25; Rm 2.1-16; 3.6; 14.10,11; 2Co 5.10; 1Ts 4.16,17; 2Ts 1.7,10; Jd 14,15).

O *tempo* do juízo será depois da ressurreição, segundo se lê em 2Tm 4.1 e Hb 6.2. Há um dia determinado (At 17.31), mas desconhecido dos homens (2Ts 2.1-14). Quanto ao *modo de se efetuar*, o juízo começará pela abertura de certos livros (Ap 20.12). Entre eles, serão patentes o livro das memórias do Senhor (Ml 3.16), o livro da consciência (Rm 2.15) e o Livro da Vida, no qual se acham escritos os nomes dos justificados (Lc 10.20; Ap 3.5; 20.12,15).

Quanto ao *Juiz*, as Escrituras Sagradas declaram que Deus julgará o mundo por meio de Jesus Cristo (At 17.31). Deus trino será o Juiz, tendo em consideração sua autoridade original, seu poder e direito de julgamento, mas a obra é destinada ao Filho (Rm 14.9,10), que surgirá em sua natureza humana (Jo 5.27; At 17.31), com grande poder e glória (1Ts 4.16,17). Ele será, então, invisível a todos e descobrirá os segredos dos corações (1Co 4.5). Terá plena autoridade sobre todos (Mt 28.18) e com reta justiça procederá (2Tm 4.8). Esse dia é a grande esperança do cristão, porque então será ressuscitado, completando- se a obra de redenção. V. VINDA DE CRISTO, SEGUNDA.

juízos de Deus. Os juízos do Altíssimo são os castigos que os homens recebem por seus crimes particulares (Gn 7.19-24; Êx 14; At 12.23). Todavia, não se deve ir longe em nossas deduções quando se trata de acontecimentos como a queda da torre de Siloé (Lc 13.4). Além disso, os julgamentos precipitados são proibidos (Mt 7.1; 1Co 4.5).

O "julgamento" a que se faz referência em Mt 5.22 era o de um tribunal local, constando, segundo a tradição rabínica, de 23 juízes.

jumento. A frequência com que se menciona na Bíblia o jumento mostra o grande uso que se fazia desse animal em todos os tempos, nas terras das quais trata a Bíblia. As referências a esse animal podem, em última instância, formar cinco grupos, em conformidade com os nomes hebraicos no original relativos às diferentes espécies:
1. O primeiro é o chamor, o nome ordinário do burro doméstico, macho ou fêmea, porém mais propriamente o macho. Nos países orientais, o burro é um animal de mais valor do que no Ocidente; mais corpulento, dedica-se a ele todo o cuidado. O animal pode fazer uma jornada de um dia, andando a meio galope, e tem uma maneira viva e fogosa de caminhar. A raça é cuidadosamente selecionada, valendo cerca de 75 dólares um burro da Síria, quando bem tratado. A cor e as marcas do burro doméstico são quase as mesmas por toda parte, sendo a cor parda a mais geral. No entanto, há na Síria uma variedade de jumentos brancos, de grande preço por sua beleza e feições delicadas. Somente reis e pessoas ricas montavam sobre esse animal, que era principalmente criado nas cercanias de Bagdá e Damasco. Débora e Baraque dirigem-se aos poderosos de Israel, dizendo-lhes: "Vós os que cavalgais jumentas brancas" (Jz 5.10).
Entre os judeus, montavam jumentos as pessoas de mais honra. Os jumentos são também empregados na cultura das terras e para transporte de cargas. Abraão seguiu em um jumento desde Berseba até o monte Moriá (Gn 22.3). A esse respeito, v. tb. Jz 10.4—12.14. As mulheres igualmente montavam em jumentos. Acsa e Abigail são particularmente mencionadas passeando ou viajando montadas nesse animal (Jz 1.14; 1Sm 25.20). Ainda que o jumento fosse considerado animal de importância, não era empregado na alimentação, a não ser em tempos de fome (2Rs 6.25), pois pertencia ao conjunto dos animais declarados imundos pela Lei de Moisés, uma vez que não rumina e tem casco inteiro.
2. A segunda palavra, athon, é sempre traduzida por "mula" ou "jumenta". Balaão ia montado sobre uma jumenta (Nm 22.23); a abastada sunamita albardou sua jumenta para ir procurar o profeta Eliseu (2Rs 4.24); Saul andava em busca das jumentas de Quis (1Sm 9.3); e Jedias tinha a seu cuidado as jumentas de Davi (1Cr 27.30). Eram mais valiosas do que os jumentos, e sabemos que parte da riqueza de Jó era composta por mil jumentas (Jó 42.12).
3. O terceiro termo, aiir, significava sempre um jumento novo, frequentemente usado para passeio (Jz 10.4; 12.14). O nosso Salvador fez sua entrada triunfal em Jerusalém montado sobre uma jumenta, vindo um jumentinho com ela. O animal não foi escolhido por ser o tipo da mansidão, como geralmente se supõe, mas sim por ser considerado de elevado valor e julgado, por essa razão, próprio para levar o Rei de Israel (Mt 21.2,5,7).
4. e 5. O quarto e o quinto termos, pere e arod, são invariavelmente aplicados ao jumento selvagem, ainda que provavelmente se achem indicadas duas espécies diferentes (Jó 39.5; Sl 104.11; Is 32.14; Jr 2.24; Dn 5.21; Os 8.9; nestas últimas duas ocorrências, "jumento montês"). O burro selvagem já não é encontrado na Palestina ou no monte Sinai, mas, pela frequente menção que dele se faz no AT, deve ter havido abundância desses animais naqueles tempos antigos. Todos os jumentos selvagens são velozes corredores e vagueiam sobre largas áreas à procura de pastagem.

junco. V. PAPIRO.

junípero. Aparece em diversas ocasiões na Bíblia (1Rs 10.11,12; 2Cr 2.8; 9.10, NVI), traduzido por "sândalo" na ARA. V. ZIMBRO, SÂNDALO.

Júpiter. *Brilhante.* O deus supremo da mitologia romana (gr. Zeus) que o povo de Listra supunha ter descido do céu na pessoa de Barnabé (At 14.12). Na mesma ocasião, aquela gente pensou que Paulo era Mercúrio (gr. Hermes) porque trazia a palavra. Mercúrio era considerado o mensageiro dos deuses.

juramento. O uso do juramento é frequente nos pactos e confederações solenes. No AT, esse uso era reconhecido pela Lei (Êx 20.7; Lv 19.12); aparece nas promessas do próprio Deus (Gn 26.3); usa-se nas convenções entre o rei e seus súditos (1Rs 2.43), entre o patriarca e o povo (Gn 50.25), entre o senhor e o servo (Gn 24.2-9); entre povos (Js 9.20); entre indivíduos (Rt 1.17); e é empregado nas promessas feitas a Deus (Gn 14.22,23). Encontram-se na Bíblia muitas formas de juramento, sendo esta a mais usual: "Deus me faça o que lhe aprouver" com suas variações(1Sm 3.17; 1Rs 2.23). Uma maneira de fazer juramento está registrada em Gn 24.2-9. O método mais usual consistia em levantar a mão direita para o céu (Gn 14.22; cp. Sl 106.26). No NT, as palavras de Jesus Cristo em Mateus (5.33-37) não são contra os juramentos judiciais, mas contra o uso profano e negligente de fazer juramento nos casos simples da vida temporal (v. tb. 23.16-22; Tg 5.12). O próprio Jesus, quando foi interrogado, respondeu sob esconjuração (Mt 26.63,64; Mc 14.62). Expressões da natureza de juramentos se acham nas epístolas de Paulo (Rm 1.9; 1Co 15.31; 2Co 1.18; Gl 1.20).

justificação. A justificação está ligada à importantíssima questão de se saber "como pode o homem ser justo para com Deus?". Por três vezes, tal pergunta é feita no livro de Jó (4.17; 9.2; 25.4; cp. 15.14). Israelitas sinceros sentiram a opressão dessa ideia (Sl 143.2; Mq 6.6). Esse sentimento se manifesta em todo o ritual mosaico, bem como no ritual e cerimonial do paganismo. O primeiro lugar da Bíblia onde se sugere a verdadeira solução do problema encontra-se em Gn 15.1-6, pois então, pela primeira vez, fala-se da "justiça" e da "crença". A palavra de Deus veio a Abraão, porque foi grande a confiança deste na revelação divina (v. 1), sendo a justiça a consequência. Essa passagem é, em alguns casos, a chave para as diversas referências encontradas em outros lugares da Bíblia com respeito à justiça e fé. A mesma ideia da justificação pela confiança em Deus se apresenta em Sl 32.1,2 e Hc 2.4; no entanto, a doutrina da justificação se exibe de modo mais claro nas páginas do NT.

A justificação diz particularmente respeito à nossa verdadeira relação com Deus, não tendo em vista a condição espiritual, mas a situação judicial. Essa verdadeira comunhão com Deus foi comprometida pelo pecado, do que resultaram a culpa, a condenação e a separação. A justificação compreende o ressurgimento dessa comunhão, sendo removida a condenação pelo perdão, a culpa pela justiça, e a separação pela boa vontade. A justificação significa realmente a reintegração do ser humano na sua verdadeira relação com Deus. É ele, então, considerado justo, aceito perante Deus como reto com respeito a lei divina, sendo, portanto, restaurado à sua posição original. Desse modo, a justificação é muito mais do que o perdão, embora o perdão seja necessariamente uma parte da justificação. As duas ideias aparecem distintas em At 13.38,39. O perdão é apenas negativo, concedido para ser removida a condenação, ao passo que a justificação é também positiva, trazendo a remoção da culpa e a concessão das boas relações com Deus. O perdão é apenas um ato de misericórdia divina, repetindo-se sucessivamente por

toda a nossa vida cristã. A justificação é completa, nunca é repetida, e abrange o passado, o presente e o futuro da nossa vida. "Quem já se *banhou* [justificação] não necessita de *lavar senão* os pés [perdão]" (Jo 13.10). A justificação também deve ser distinguida da santificação, que geralmente é compreendida com o significado "de ser feito santo". Ainda que a justificação e a santificação sejam estados inseparáveis na experiência da vida cristã, devem, contudo, distinguir-se claramente no pensamento. A justificação diz respeito à nossa situação espiritual; e a santificação, nossa condição espiritual. Aquela está relacionada ao nosso estado para com Deus, e esta, ao amor que lhe devemos. Uma trata da nossa aceitação; a outra, da nossa qualidade de aceitáveis. Uma é o fundamento da paz, Cristo por nós; a outra é o fundamento da nossa pureza, Cristo em nós. A base da nossa justificação é a obra redentora de nosso Senhor Jesus Cristo. "Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós, para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus" (2Co 5.21); "Por meio dele, todo o que crê é justificado" (At 13.39). Por consequência, é pela obra de Cristo, e não pelas nossas próprias obras ou méritos, que somos justificados. O ser humano procura continuamente estabelecer sua própria justiça, mas o mau êxito tem sido o resultado em todos os tempos, pois é manifesta sua incapacidade tanto para apagar o passado como para garantir o futuro. "Pela graça sois salvos [...] e isto não vem [...] de obras, para que ninguém se glorie" (Ef 2.8,9). A justificação é alcançada pela fé. "Todo o que crê é justificado" (At 13.39); "Justificados, pois, mediante a fé" (Rm 5.1). A confiança faz sempre supor que dependemos de alguém superior a nós; é o reconhecimento da nossa própria incapacidade e do poder de algum outro ser. A fé une-nos a Cristo, e essa união é a única resposta que se pode dar à revelação de Deus. É a renúncia de nós próprios e a crença no Salvador. Descansamos nosso coração em Jesus e aceitamos sua perfeita justiça. A grande verdade da justificação pela fé em Cristo é de supremo valor para a vida espiritual e o serviço de Deus. Ela é a base da paz espiritual (Rm 5.1). É o fundamento da liberdade espiritual, o que nos faz livres da escravidão do pecado levando-nos, assim, à própria presença de Deus. a garantia da santidade, porque traz ao nosso coração o poder do Espírito Santo. É também a inspiração de toda boa obra, visto que a alma, livre de toda a ansiedade a respeito da sua salvação, torna-se livre para trabalhar pela salvação dos outros.

Não há contradição entre Paulo e Tiago sobre esta doutrina da justificação, embora ambos invoquem Abraão como exemplo. Paulo, no cap. 4 da Epístola aos Romanos, trata de Abraão referindo-se ao que está descrito em Gn 15. A Epístola de Tiago aborda o mesmo patriarca em relação ao acontecimento narrado no cap. 22 do mesmo livro, fato ocorrido vinte e cinco anos depois. No entanto, durante esse intervalo de tempo Abraão foi um homem justificado pela fé (Gn 15.6) e, quando chegou o tempo da grande prova (Gn 22), ele manifestou então sua fé pelas obras. Quando Paulo escreveu, tinha em vista os não cristãos e usou o cap. 15 de Gênesis para provar a necessidade da fé e mostrar quais as obras provenientes da fé. Tiago, porém, dirige-se aos cristãos e usa o cap. 22 de Gênesis para provar a necessidade das obras e fazer ver que a fé deve ser provada pelas obras. Paulo está tratando o assunto do ponto de vista legalista e contrário a todo mérito humano; Tiago discorre com espírito antinômico e contrário à simples ortodoxia intelectual. Um faz realçar a base da justificação, o outro a prova. Como diz Arnot, Paulo e Tiago não são dois soldados de exércitos diferentes, combatendo um contra o outro,

mas sim dois combatentes do mesmo exército, lutando, costa com costa, contra inimigos que vêm de direções opostas.

Justo. Reto. 1. O sobrenome de José, também chamado Barsabás, que foi nomeado para suceder como apóstolo Judas Iscariotes (At 1.23).
2. Um cristão de Corinto, hospedeiro de Paulo (At 18.7).
3. Um cristão romano, judeu, que estava com Paulo quando este escreveu sua epístola à igreja de Colossos e a quem o apóstolo chamou cooperador (Cl 4.11). O seu primeiro nome era Jesus.

L

lã. A lã era um dos principais produtos usados para fazer roupas, como se pode inferir das frequentes referências à tosquia das ovelhas (Gn 31.19; 38.12; Jó 31.19,20) e à existência de uma festividade religiosa em tempos primitivos relacionada com essa operação (2Sm 13.23ss). Constava de lã certa porção do tributo de mesa (2Rs 3.4). A lã é também mencionada entre as ofertas das principais primícias não só por Oseias (2.7-11), mas também em Deuteronômio (18.4). Em tempos posteriores da nação judaica, o fiar a lã e o manufaturar as vestes eram considerados tarefas de uma boa dona de casa, mesmo que vivesse na abastança (Pv 31.13). V. VESTUÁRIO, TECELAGEM.

Labão. *Branco.* 1. Era irmão de Rebeca, mulher de Isaque. Como era pai de Lia e Raquel, estas vinham a ser, portanto, primas de Jacó, com as quais se casou. O tio de Jacó tinha tomado uma parte proeminente nos desponsórios da sua irmã com Isaque (Gn 24.10,29-60; 27.43; 29.5). Era homem astuto e cobiçoso, como se depreende principalmente das suas relações com Jacó e do que aconteceu com o casamento de Lia e Raquel (Gn 29 e 30). V. JACÓ, JEGAR-SAADUTA.

2. Lugar nas vizinhanças de um acampamento israelita, talvez o mesmo que Libna (2) (Dt 1.1).

ladrões, os dois. Os homens que apareceram na cena da crucificação não eram simples ladrões, mas salteadores ou bandidos, e faziam parte dos terríveis bandos que infestavam a Palestina nessa época. A parábola do bom samaritano nos mostra como era comum os viajantes serem atacados e roubados por eles, mesmo na importante estrada que ia de Jerusalém a Jericó (Lc 10.30). Era necessário empregar a força armada para combatê-los (Lc 22.52). Muitas vezes, como no caso de Barrabás, a vida desses turbulentos salteadores estava relacionada com um zelo fanático pela liberdade, sendo transformado o saque em uma insurreição popular (Mc 15.7). Para crimes dessa espécie, a crucificação era a pena aplicada.

lagar de vinho. Cada vinha tinha o seu próprio lagar de vinho, que em geral era uma cisterna feita na rocha, com cerca de 2,4 m de comprimento por 1,5 m de largura. O lagar possuía na parte de baixo uma abertura, da qual corria o mosto para uma cuba que ficava ainda mais abaixo. Essas duas partes se distinguem claramente em Jl 3.13. Toda adega tinha uma cobertura de colmo, de cujos barrotes estavam suspensas cordas. Os operários, de corpo nu, ali se seguravam para pisar as uvas que eram lançadas dos cestos para os balseiros. O trabalho de pisar as uvas era pesado, mas dava alegria aos trabalhadores, que no seu afã seguiam cantando, em algumas ocasiões acompanhados do toque de instrumentos musicais (Is 16.9; Jr 25.30; 48.32,33).

Em sentido figurado, a vindima, o rebusco e o pisar das uvas significavam fortes batalhas e grandes violências (IS 17.6; 63.1-3; JR 49.9; LM 1.15). V. VINHA.

lagarto. Os lagartos estavam incluídos entre os animais impuros que rastejam pela terra: eram proibidos na alimentação (Lv 11.30). Há abundância dessa espécie de animal na Palestina.

Laís. *Leão.* 1. Cidade dos sidônios na extremidade norte da Palestina que também se chamava Lesém (Js 19.47) e mais tarde Dã (Jz 18.7,29). Ali esteve depositada a imagem de Mica e, depois disso, um dos bezerros de Jeroboão. O seu nome atual é Barnas.

2. Um benjamita cujo filho, Palti ou Paltiel, veio a ser o marido de Mical, mulher de Davi

(1Sm 25.44; 2Sm 3.15).
3. Uma vila ao norte de Jerusalém (Is 10.30). Talvez a moderna Isawiye, a 3 km a nordeste da cidade.

Lamentações de Jeremias. *As lamentações de Jeremias* consistem em cinco poemas. A exceção do último, os outros poemas são, no original hebraico, acrósticos alfabéticos, começando cada estrofe com uma nova letra. O terceiro poema tem ainda a particularidade de todas as três linhas de cada estrofe principiarem pela mesma letra. O quinto poema não é um acróstico, embora tenha, como os outros quatro, 22 estrofes. A *autoria* do livro é uniformemente atribuída por antigas autoridades ao profeta Jeremias, embora no original hebraico não apareça seu nome. A *Septuaginta* inclui uma nota explicativa de que "Jeremias [...] fez esta lamentação sobre Jerusalém e disse". A elegia sobre Josias, que é atribuída a Jeremias em 2Cr 35.25 e à qual se refere Josefo (*Ant.*, X, 5) como tendo permanecido até a sua época, é talvez uma referência às Lamentações. A *data* dos poemas, se eles são de Jeremias, deve ter sido a daquele tempo que se seguiu imediatamente à queda de Jerusalém; contudo, se é outro o autor, os poemas foram então escritos em alguma ocasião antes do retorno do cativeiro. Os assuntos do livro são: (1) a miséria da cidade destruída e a confissão de sua culpa e da justiça do julgamento divino; (2) a miséria da cidade descrita com expressões ainda mais lastimosas; (3) a lamentação pelas desgraças dos povos, seguindo-se firmes palavras sobre a compaixão e a justiça de Deus, assim como uma oração pedindo seu auxílio; (4) ainda uma confissão do pecado; (5) mais uma vez, são expostos os infortúnios do povo judeu, e por fim vem uma oração implorando a misericórdia de Deus.

Lameque. 1. Era descendente de Caim e foi o primeiro polígamo. Teve duas mulheres, Ada e Zilá. O seu cântico é composto por palavras de triunfo na posse da espada (Gn 4.18-24).
2. Um descendente de Sete e pai de Noé (Gn 5.28).

lâmpada. A primeira referência ao candeeiro acha-se naquele notável episódio em que se fala do "fogareiro fumegante e uma tocha de fogo", isto é, da tocha que ratificou o pacto com Abraão (Gn 15.17) simbolizando a presença ardente de Deus. As lâmpadas de Êx25.37; 2Cr 4.20; 13.11; e Zc 4.2 significam a parte do candeeiro que dá luz. As lâmpadas do tabernáculo eram acesas todas as tardes e limpas todas as manhãs (Êx30.7,8). As casas do Oriente foram, desde a mais remota antiguidade, iluminadas por meio de candeeiros que eram postos sobre grandes veladores assentados no chão. As casas do Egito, em tempos modernos, nunca se acham sem luz; toda a noite, as lâmpadas são acesas em todos os quartos ocupados. A gente mais pobre preferiria restringir a alimentação a ficar sem luz. Isto torna mais enérgicas as expressões de Jó 18.5,6 e 21.17. Uma lâmpada brilhante é um símbolo de prosperidade (Jó 29.2,3). As lâmpadas de Jz 7.16,20 eram tochas acesas. Para conservar a chama, não se usa somente o azeite no Oriente, mas também se empregam o pez, a nafta e a cera. Algumas vezes, mechas de algodão torcido, embebidas nessas substâncias combustíveis, substituem as lâmpadas. Em certos casos, é costume levar um vaso de azeite em uma das mãos, e a lâmpada com trapos oleosos de algodão na outra. Também se usam candeeiros volantes. O transeunte de noite precisa de uma lâmpada, porque mesmo nas cidades as ruas são muito escabrosas (Sl 119.105). V. CASAMENTO, CERIMÔNIAS DE.

lanceta. Instrumento para cortar, para abrir abscessos etc. (1Rs 18.28).

lanterna. Espécie de caixa portátil dentro da qual se acende uma pequena lâmpada (Jo 18.3).

Laodiceia. Era uma florescente e rica cidade da Ásia Menor, às margens do rio Lico. Situava-se perto de Colossos, sobre a estrada principal que permitia grande movimento comercial e comunicação entre o leste e o oeste asiático; a sede de uma importante igreja cristã que não foi visitada por Paulo (Cl 2.1; 4.13,15; Ap 1.11; 3.14).

laodicenses. Os habitantes de Laodiceia. A carta que Paulo escreveu aos laodicenses (Cl 4.16) é, provavelmente, aquela conhecida pelo nome de Epístola aos Efésios.

Laquis. Fortaleza dos amorreus que foi tomada por Josué e, nas partilhas, coube a Judá (Js 10; 12.11; 15.39); foi fortificada pelo rei Roboão, e mais tarde ali se refugiou Amazias (2Rs 14.19; 2Cr 11.9; 25.27). Foi cercada por Senaqueribe, estando esse fato representado nas placas de Nínive, que foram encontradas em Kouzunjik e pertencem hoje ao Museu Britânico (2Rs 18.17; 19.8; 2Cr 32.9; Jr 34.7; Mq 1.13). Os judeus tornaram a ocupar a fortaleza quando voltaram do cativeiro (Ne 11.30). O lugar está identificado com o moderno Tell el-Hesy.

Lasa. O limite meridional dos cananeus, perto de Sodoma e Gomorra (Gn 10.19). Tem sido identificado com Calirhoé, um local famoso por suas nascentes de água quente, perto da costa oriental do mar Morto.

latão. V. COBRE.

latim. A língua falada pelos romanos (Lc 23.38; Jo 19.20). O título no alto da cruz, na qual Cristo foi pregado e morreu, estava escrito em latim (bem como em hebraico e grego) por ser a língua oficial.

lavagem. As abluções eram cerimoniais ou não cerimoniais (Lv 11.25,28; Gn 18.4; 2Sm 12.20). Lavar as mãos como sinal de inocência é um ato ao qual diversas passagens fazem referência (Dt 21.6; Sl 26.6; Mt 27.24). No tempo de Jesus Cristo, a Lei estava sobrecarregada de inumeráveis preceitos em relação às abluções (Mt 15.2; Mc 7.3). As condições de viagem e a natureza dos calçados explicam as muitas alusões que se fazem à lavagem dos pés. Essa prática tinha um lugar de destaque entre as regras da hospitalidade. Quando um hóspede se apresentava porta, seja de uma tenda, seja de uma casa, ofereciam- lhe água para lavar os pés (Gn 18.4; 19.2; 24.32; Jz 19.21). Se o hospedeiro desejava mostrar especial respeito a seu hóspede, querendo exprimir sua própria humildade em comparação com a figura recebida, ele próprio executava esse ato (1Sm 25.41; Lc 7.38,44; Jo 13.5-14; 1Tm 5.10).

lavandeiro. O trabalho do lavandeiro era limpar e branquear as vestimentas (Mc 9.3). As vestes eram metidas em tinas de água nas quais se deitava alguma substância correspondente ao nosso sabão (Ml 3.2). Os elementos que na época se usavam como sabão eram, entre outras coisas, o nitro, o álcali vegetal e a farinha de fava misturada com água. Os lavandeiros calcavam as vestes aos pés e as batiam. As diversas peças de pano eram branqueadas, esfregando-as com barro, greda ou marga, estes últimos variações de calcário argiloso. O uso desse tipo de substâncias para o exercício dessa ocupação produzia odores tóxicos; e era necessária grande extensão de terreno para secagem da roupa. Provém dessas circunstâncias o fato de o campo do lavandeiro ser localizado fora da cidade de Jerusalém.

lavandeiro, campo do. Esse lugar é acidentalmente mencionado como nome de um caminho entre muros, que era o "aqueduto do açude superior" (2Rs 18.17,26; Is 7.3; 36.2). Estava situado ao norte de Jerusalém e tão perto das muralhas que quem estivesse em cima delas podia

ouvir o que se falava no campo do lavandeiro. A fonte de Siloé, ou de Giom, cujas águas vêm da falda do monte Moriá, formava duas piscinas, chamadas de o "açude do rei" ou "açude superior" (Ne 2.14; Is 7.3) e ainda de o "açude inferior" (Is 22.9). O aqueduto que fazia a ligação do açude de cima com o de baixo, ou com a cidade, era chamado o "aqueduto do açude superior" (2Rs 18.17). Tanto o açude como o aqueduto eram razões suficientes para ajuntamento de lavandeiros. O campo era, sem dúvida, um local onde branquear a roupa e pô-la a secar.

lavoura. A cultura das terras pelo arado. "Não haverá lavoura nem colheita", diz Gn 45.6. (A esse respeito, v. tb. Êx34.21; Dt 21.4; 1Sm 8.12; Is 30.24.)

lavrador. Os hebreus eram um povo agrícola. A lavoura é mencionada, nas Escrituras Sagradas, desde seu princípio, visto que Adão foi posto no jardim do Éden para cultivá-lo. Noé também foi agricultor (Gn 9.20). Deus é comparado ao lavrador (Jo 15.1; 1Co 3.9), e a metáfora de uma terra diligentemente cultivada, ou de uma vinha cuidadosamente tratada, é muitas vezes usada nas Escrituras. V. AGRICULTURA.

Lázaro. É a forma grega de Eleazar. 1. Irmão de Marta e Maria. Ele vivia com suas irmãs em Betânia, perto de Jerusalém. Jesus deu-lhe a honra de hospedar-se em sua casa quando visitou a cidade. A ressurreição de Lázaro (Jo 11) foi o ato final que levou os judeus à resolução de quererem matar Jesus Cristo (Jo 11.47ss).
2. Lázaro é o nome dado ao pobre que, na parábola, estava sentado junto do palácio do rico (Lc 16.20).

leão. Há cerca de 130 menções ao leão nas Escrituras, sendo ele citado mais vezes que qualquer outro animal. Em tempos antigos, o leão vagueava pela Síria e Ásia Menor, mas já desde os meados do século XIX não tem sido visto na Palestina. Com o leão se encontraram pessoalmente Sansão (Jz 14.6), Davi (1Sm 17.36) e Benaia, um dos valentes de Davi (2Sm 23.20). As armadilhas eram meios populares de capturar leões. Outro método de captura consistia em fazê-los sair de seu covil para entrar em uma rede, que era posta ali por perto. Ainda hoje, este meio é empregado na Índia. Algumas vezes, a rede e a cova se combinavam, quando se desejava apanhar vivo o animal. Há referências a esses dois métodos em Jó 19.6 e Ez 19. A morte natural de um leão é pela fome: "Perece o leão, porque não há presa" (Jó 4.11). Os leões eram considerados o tipo da mais elevada coragem. Entre os melhores guerreiros de Davi, estavam os homens de Gade cujo rosto "era como de leões" (1Cr 12.8). O leão era o emblema da principesca tribo de Judá; todavia, por causa de sua ferocidade, emprega-se metaforicamente o leão em referência à crueldade e curiosidade maligna (Sl 7.2; 22.21; 2Tm 4.17) e também ao próprio Satanás (1Pe 5.8).

lebre. A lebre pertence ao grupo de animais imundos na Lei de Moisés, visto que, embora se pensasse que podia ruminar, não tem as unhas fendidas (Lv 11.6; Dt 14.7). A suposição de que a lebre ruminava se devia, sem dúvida, ao fato de ela constantemente mover a mandíbula, hábito adquirido com o fim de não elevar muito os dentes incisivos, uma vez que de outra sorte eles se entrelaçariam. Que se trata aqui da lebre, não há dúvida alguma, pois a palavra hebraica para significar esse animal é a mesma que o moderno nome árabe.
A lebre é um animal vulgar na terra santa, havendo diversas variedades. A espécie mais comum é mais ou menos como a nossa lebre, mas não se encontra além da Síria. Há também as

variedades egípcias e sinaíticas, que existem em grande quantidade na região meridional da Judeia. A variedade do Egito é mais leve na cor do que a do Sinai, a qual é menor, mais escura e tem pernas e orelhas mais longas. Essa espécie de lebre é constituída de criaturas extraordinariamente ativas, porém estúpidas. Vê-se de tempos em tempos essa lebre na Arábia, abaixo do mar Morto. Não se encontram coelhos na Palestina.

legião. Termo militar romano que significava um exército de aproximadamente 6 mil soldados a pé, com um contingente de cavalaria. No NT, usa-se apenas metaforicamente com respeito a uma multidão disciplinada (Mt 26.53; Mc 5.9).

legumes. Nome genérico de toda sorte de grãos que nascem em vagens, como favas, feijões etc. Os hebreus da Antiguidade torravam diversos legumes quando estavam em campanha (2Sm 17.28). Os legumes de que se alimentaram os quatro jovens durante dez dias (Dn 1.12,16) não devem ser considerados apenas como os grãos das vagens, pois por esse termo são também compreendidos outros tipos de vegetais.

Lei. A palavra *Torá,* traduzida por "Lei", significa propriamente uma direção, que era, por essência, espiritual. As Escrituras empregam o termo em diversas acepções, segundo o fim e a correspondência da passagem em que ele ocorre. Por exemplo, algumas vezes o termo designa a revelação da vontade de Deus (Sl 1.2; 19.7; 119; Is 8.20; 42.12; Jr 31.33). Também representa a instituição mosaica, em distinção ao Evangelho (Mt 11.13; 12.5; Jo 1.17; At 25.8), e por isso a Lei de Moisés frequentemente é considerada a religião dos judeus (Mt 5.17; Hb 9.19; 10.28). Outras vezes, em um sentido mais restrito, diz respeito às observâncias rituais ou cerimoniais da religião judaica (Ef 2.15; Hb 10.1). É nesse ponto de vista que o apóstolo Paulo, ao tratar da culpabilidade humana perante Deus, afirma que "ninguém será justificado diante dele por obras da lei" (Rm 3.20). A "lei gravada no seu coração", que Paulo menciona em Rm 2.15, é o juízo a respeito do que é mau e do que é justo, que Deus implantou na consciência de cada homem. V. JUSTIFICAÇÃO.

O princípio predominante da Lei era a teocracia. O próprio Senhor era considerado um Rei; as leis foram por ele dadas; o tabernáculo (e depois o templo) era considerado sua habitação; ali houve manifestações visíveis de sua glória; ali revelou sua vontade; ou recebeu seus ministros e exerceu funções de Soberano. A paz e a guerra, questões determinadas sob todos os governos pela suprema autoridade, estavam relacionadas com Deus (Dt 1.41,42; Js 10.40; Jz 1.1,2; 1Rs 12.24). A idolatria era uma traição. Por consequência, em relação aos judeus, Jeová era ao mesmo tempo Deus e Rei. V. REI. A teocracia tinha suas manifestações externas. Desse modo, o tabernáculo, onde se realizou o culto público desde o êxodo até o reinado de Salomão, era não só o templo de Deus, mas também o palácio do Rei invisível. Era sua "santa habitação", o lugar em que Deus encontrava seu povo e com ele tinha comunhão, ocupando dessa forma a posição de "o tabernáculo da congregação". V. TABERNÁCULO. Após o tabernáculo, veio o templo, harmonizando-se a suntuosidade do edifício e seus serviços com as determinações divinas e com o aumentado poder da nação. V. TEMPLO. Mas o Senhor, como Rei, não apenas tinha seu palácio, mas também seus ministros e funcionários do Estado. Sacerdotes e levitas eram apartados para o seu serviço. V. SACERDOTE, LEVITAS. Esse governo de Deus era reconhecido por meio de sacrifícios de várias espécies, realizados sob condições cuidadosamente definidas, os quais exprimiam a propiciação, a consagração e a comunhão. V. SACRIFÍCIO. Os

direitos divinos eram ainda reconhecidos por meio de certas *festividades*, que em sua variedade eram o sábado de todas as semanas, as três grandes festas anuais, o ano sabático e, além disso, o Jubileu, tudo isso levado a efeito com seus fins espirituais e morais. V. FESTA, DIAS de; SABÁTICO, Ano; jubileu. As determinações especificadas promulgadas em nome de Deus alcançavam plenamente a vida individual e nacional, mas nem tudo foi decretado de uma só vez e em um único lugar. Houve ordenações feitas no Egito (Êx 12; 13), no Sinai (Êx 19; 20), em Parã (Nm 10.22; 12.16; 13.3, 26) e nas planícies de Moabe (Dt 1.5). As enunciações por vezes se originavam do tabernáculo (Lv 1.1).

Que as prescrições da Lei tinham caído em desuso, pode provar-se não só pela decadência da religião e da moral no tempo dos reis, porém mais particularmente pela descoberta, no 18º ano do rei Josias, do "Livro da Lei na Casa do Senhor" (2Rs 22.8) e pelas reformas que se seguiram. V. DEUTERONÔMIO.

O sumário das ordenações desta Lei formava para toda a nação um código que, embora rigoroso, era salutar (Ne 9.13; Ez 20.11; Rm 7.12) e, além disso, agradável a uma mentalidade reta (Sl 119.97-100). As instituições cerimoniais, por exemplo, estavam maravilhosamente adaptadas às necessidades, tanto espirituais como materiais, de um povo nas condições dos israelitas. Isso se explica pelos seguintes pontos. (1) Tratava-se, até certo ponto, de regulamentos sanitários. Era esse um dos fins das disposições referentes às várias purificações, à separação dos leprosos e à distinção de alimentos etc. (2) Serviam para perpetuar entre os israelitas o conhecimento do verdadeiro Deus, para manter a reverência pelas coisas santas, para a manifestação de sentimentos religiosos na vida cotidiana e em todas as relações sociais. De modo particular, as festas sagradas eram fatores valorosos para a consecução desses fins. (3) Tinham, além disso, o efeito de evitar que os israelitas se relacionassem de forma estreita com as nações circunvizinhas (Ef 2.14,17). Assim, devem tantas vezes ter guardado o povo israelita da idolatria e corrupção que campeavam em todo o mundo. Desse modo, conservou-se a nação inteiramente distinta dos outros povos, até que veio o tempo em que essa barreira já não era necessária. (4) Essas observâncias tinham outros usos em sua significação simbólica. Em conformidade com o estado moral e intelectual do povo que ainda não tinha capacidade para alcançar prontamente as verdades divinas, as coisas espirituais eram representadas por objetos exteriores e visíveis. Assim, as ideias de pureza moral e santidade divina eram comunicadas e alimentadas pelas repetidas abluções das pessoas e moradias, pela escolha de animais limpos para o sacrifício, pela perfeição que se requeria das vítimas oferecidas e pela limitação das funções sacerdotais a uma classe de homens especialmente consagrados a esses deveres e que se preparavam com repetidas purificações. Além disso, pela morte expiatória da vítima, para a qual o pecador tinha simbolicamente transferido seus pecados ao pôr as mãos sobre a cabeça do animal e oferecer a Deus o sangue que representava a vida, ensinava-se a importante verdade de que o pecado merecia um castigo extremo, o qual somente podia ser desviado sacrificando-se outro ser em substituição. Dessa maneira, por meio de símbolos impressivos, lembravam-se constantemente os piedosos israelitas da justiça e santidade da Lei violada, de sua própria culpa e de quanto eles necessitavam da misericórdia divina. Assim, quando eram efetuadas essas práticas religiosas, na sinceridade de um espírito reto, a alma crente era enriquecida com a humilde esperança da compaixão divina e manifestava-se em atos de gratidão, obediência e

amor. (5) Essas várias instituições prefiguravam também coisas futuras, melhores e mais grandiosas (Gl 3.24). Pelo que se diz na Epístola aos Hebreus, sabemos que o sacerdócio, os sacrifícios e todo o ritual judaico formavam uma profecia típica da pessoa e obra do Grande Libertador e da redenção eterna que ele executaria quando chegasse a plenitude dos tempos. A Lei não foi destruída pelo Evangelho. Isso ficou evidente pelas próprias declarações de Jesus Cristo. Ele não veio para "revogar a Lei", mas para cumpri-la (Mt 5.17, 18). No que a Lei era apenas típica, servindo para certo fim que a vinda de Cristo aboliu, nisso foi ela então revogada. Tinha realizado seu propósito e já não era necessária (Gl 3.24,25). A parte cerimonial deixou de ter sua verdadeira significação. Aquele para quem a Lei apontava já tinha vindo. Restavam as permanentes obrigações da lei moral, cuja aplicação foi estendida pelo Salvador (Mt 5.21-48). Todavia, em virtude da grande influência da Lei na vida e no pensamento do povo judeu, não é de causar admiração que, sob a nova aliança, suas prescrições se tornassem um tema de certa perplexidade. Para compreensão deste ponto, v. o livro de Atos (10; 11; 15) e as epístolas aos Romanos, Gálatas e Hebreus. V. EXPIAÇÃO, CÂNON DAS ESCRITURAS SAGRADAS, PENTATEUCO.

Lei, intérprete da. Os doutores da Lei, tantas vezes mencionados no NT, dedicavam- se ao estudo e explicação da Lei de Moisés e das doutrinas tradicionais que tinham sido acrescentadas à mesma Lei (Mt 22.35; Lc 7.30; 10.25; 11.45). Na Epístola a Tito (3.13), "intérprete da lei" provavelmente significa aquele que exercia o lugar de advogado legal nos tribunais dos gentios. V. ESCRIBA.

leite. Nas terras mencionadas na Bíblia, usava-se não só o leite de vaca, mas também o de ovelha, de cabra e de camela (Dt 32.14; Gn 32.15; Pv 27.27). Em diversos casos (exceto em Pv 30.33), o termo "manteiga" refere-se a uma preparação do leite coalhado. Foi isso o que Jael ofereceu a Sísera (Jz 5.25) em um vaso de couro que os beduínos continuam usando atualmente. Ainda hoje, como nos dias de Abraão (Gn 18.8), os estrangeiros que passam por aqueles locais são recebidos por gente hospitaleira, que lhes apresenta essa bebida. A proibição de cozer o cabrito no leite de sua mãe dizia respeito a algum uso pagão no tempo da ceifa (Êx 23.19; 34.26; Dt 14.21). *Sugar o leite de uma nação inimiga* era uma expressão que significava sua completa sujeição (Is 60.16; Ez 25.4).

leito. Os leitos, como nós os compreendemos hoje, não estavam em uso na Palestina. Havia, contudo, alguma coisa semelhante (v. Gn 47.31). O divã ou sofá, entretanto, em vez de ser uma parte construída do edifício, era algumas vezes um móvel separado, feito de materiais custosos. O livro de Ester (1.6) menciona camas de ouro e de prata, com tapeçarias pendentes e colunas de mármore, mostrando assim o esplendor da corte de Assuero em Susã (v. tb. Ct 3.9,10). Ora, as relações que existiam entre o Egito e a Palestina deviam ter tornado conhecidas de muitos judeus as camas; mas o fato de esse tipo de móvel não ser por eles adotado mostra acidentalmente o espírito conservador desse povo. Durante os longos séculos da história da Bíblia, a cama em geral não sofreu mudanças: era sempre a mesma coisa. É singular que, na Bíblia, o uso desse objeto seja mencionado somente quando se trata de Ogue, rei de Basã, dizendo-se que ele tinha um "leito de ferro" (Dt 3.11). Segundo nossos conhecimentos atuais, tal leito devia ser feito de basalto, substância rochosa que contém 20% de ferro. Tal pedra era geralmente usada na parte oriental do Jordão para construção dos sarcófagos, e seria um leito

dessa natureza que o gigante Ogue empregava para dormir. Esses sarcófagos basálticos tinham muitas vezes 3 m ou mais de comprimento e eram proporcionalmente largos, sem dúvida formando, quando bem estofados, confortáveis lugares de descanso.

lentilhas. É uma espécie de ervilha. A planta da lentilha cresce até a altura de 15 a 20 cm, transformando-se então suas flores de púrpura em vagens, contendo cada uma delas duas ou três sementes. Na Palestina, faz-se a colheita das lentilhas em junho e julho, com uma foice ou com a mão, sendo então as lentilhas colhidas levadas para a eira. Suas qualidades nutritivas são bem conhecidas, e a sopa feita desse vermelho legume é um alimento saboroso. À vista da iguaria, Esaú, tentado pelo apetite, pediu que seu irmão lhe deixasse comer do guisado vermelho. "Deu, pois, Jacó a Esaú pão e o cozinhado de lentilhas", relata Gn 25.34. E, molhando Esaú o pão no cozinhado, servia-se dele com a colher, como costumam fazer atualmente seus descendentes. Segundo uma tradição dos árabes, Hebrom é o local onde Esaú vendeu seu direito de primogenitura; e é em memória desse fato que ainda hoje os dervixes ali fornecem aos pobres e aos viajantes uma sopa de lentilhas preparada na cozinha de sua mesquita.

leopardo. Em outros tempos, era um animal muito visto na Palestina, mas é raro hoje. A sua sarapintada pele, o seu caminhar rápido e o seu costume de estar de emboscada para saltar sobre a presa estão registrados em diversos lugares da Bíblia (respectivamente, Jr 13.23; Hc 1.8; Jr 5.6). Os beduínos do Sinai temem muito o leopardo, cujo alimento favorito são as cabras, que constituem praticamente a única possessão dessa gente. É notável, por isso, a declaração profética de Isaías (11.6) de que "o leopardo se deitará junto ao cabrito".

leproso, lepra. Doença da pele descrita com bastantes pormenores nos cap. 13 e 14 de Levítico e que é o mesmo terrível flagelo que hoje se conhece. A Lei mosaica, contudo, tinha em vista uma extensa classe de doenças, cujos sintomas eram erupções na pele. Por consequência, as palavras "lepra" e "leproso", sem dúvida, eram empregadas em um sentido lato. Naamã, por exemplo, embora leproso, vivia na corte e desempenhava os deveres de um general. Logo, sua doença, não deveria ser aquela que é dolorosamente conhecida no Oriente. No NT, são mencionados 12 casos de lepra (Mt 26.6; Mc 1.40; Lc 5.12; 17.12-19). No estudo das prescrições mosaicas com respeito ao tratamento dessa doença, é importante não considerar o termo "imundo" como equivalente a "contagioso". Os diversos atos cerimoniais, que só deviam observar na cura de lepra (Lv 14), são símbolos maravilhosos da purificação do pecador pelo sangue de Cristo. Quanto à chamada praga da lepra nos vestidos e nas casas (Lv 13.47-59; 14.33- 53), nada se sabe a respeito. Esse é um mal que deve ter desaparecido ou talvez equivalesse a parasitas em crescimento, que são relativamente inocentes.

Lesém. Cidade a oeste do monte Hermom (Js 19.47), também conhecida pelos nomes de Laís e Dã.

lesma. Há duas ocorrências desse animal na Bíblia. Em Lv 11.30, trata-se certamente de uma espécie de lagarto. No outro caso em que a palavra ocorre (Sl 58.8), a metáfora deriva-se do pegajoso rasto deixado pela lesma e de seu modo de andar que lhe dá a aparência de derretimento. As lesmas são abundantes na Palestina e em outras terras de que fala a Bíblia.

Levi. *Unido* (?). 1. O terceiro filho de Jacó, com Lia. Associou-se a seu irmão Simeão na terrível vingança contra os homens de Siquém, pelo fato de sua irmã Diná ter sido seduzida (Gn 34).

Em outras passagens da sua vida, ele figura simplesmente como um dos filhos de Jacó. V. LEVITAS.

2. O bisavô de José, marido de Maria (Lc 3.24).

3. Um remoto antepassado (Lc 3.29).

4. Outro nome do apóstolo Mateus (Mc 2.14; Lc 5.27,29).

levitas. Todos os sacerdotes do povo escolhido eram levitas, isto é, descendentes de Levi por Coate (segundo filho de Levi) e Arão. No entanto, Levi teve outros filhos, cujos descendentes ajudavam os sacerdotes, formavam a guarda do tabernáculo e o transportavam de um lugar para outro (Nm 4.2,22,29).

No tempo de Davi, toda a família levita estava dividida em três classes, cada uma das quais era subdividida em 24 ordens. A primeira classe estava a serviço dos sacerdotes; a segunda formava o coro dos cantores do templo; e a terceira constituía o corpo dos porteiros e guardas do templo (1Cr 24; 25; 26). Para sustentar todos esses homens, lhes foram concedidas 48 cidades, com uma faixa de terra em volta de cada uma delas, e eles recebiam também o dízimo de todos os produtos e do gado criado do país (Lv 27.30; Nm 35.1-8); desse dízimo, a décima parte cabia aos sacerdotes. Além disso, todos os levitas participavam do dízimo dos produtos, que geralmente o povo tinha de empregar naquelas festas para as quais eles eram convidados (Dt 14.22-27). V. SACERDOTE, SUMO SACERDOTE.

Levítico, O Livro de. O título desse livro deriva-se do que lhe é dado na *Septuaginta*: "O Livro Levítico". Nos escritos judaicos, é geralmente designado pelo nome de sua primeira palavra hebraica. Está em estreita relação com Êxodo e Números, mas difere desses livros em apresentar apenas uma pequena narrativa histórica (cap. 8—10; 24.10-23). A Epístola aos Hebreus dá uma interpretação cristã a uma parte considerável de Levítico.

Os *assuntos* do livro podem formar quatro seções: (1) conjunto das leis concernentes aos sacrifícios (cap. 1—4 e partes dos cap. 5—7). (2) A instituição do sacerdócio (cap. 8—10). (3) As leis acerca das purificações, e as respectivas ordenações no Dia da Expiação (cap. 11—16). (4) A "Lei da Santidade", que talvez fosse primitivamente um código separado. Repetidas vezes, a palavra "santidade" aparece em conjunção com várias disposições da lei cerimonial e moral (cap. 17—26). (5) Um apêndice sobre votos (cap. 27).

As referências a Levítico no NT são particularmente interessantes: a frase característica desse livro, "santos, porque eu, o Senhor, sou santo" (11.44,45; 19.2; 20.7, 26), repete-se em 1Pe 1.16 com a fórmula "escrito está".

Também aqui se encontra o grande mandamento (19.18), "amarás o teu próximo como a ti mesmo", o qual é citado em Mt 19.19; 22.39; Mc 12.31; Lc 10.27; Rm 13.9; Gl 5.14 e Tg 2.8.

Alusões especiais: a um par de rolinhas para purificação (12.6,8), em Lc 2.22,24; ao novilho e ao bode para expiação do pecado (16.18,27), em Hb 9.12,13; 10.4 e 13.11-13; a sacrifícios de louvor ou de ação de graças (7.12), em Hb 13.15. Em Lv 26.11,12, está a grande promessa que Deus fez aos israelitas a respeito de pôr o seu tabernáculo no meio deles (cp. Ez 37.27; Jo 1.14; 2Co 6.16; Ap 7.15; 21.3).

Lia. A significação é duvidosa: talvez vaca brava, em contraste com Raquel, *ovelha*. Mulher de Jacó e filha mais velha de Labão. Por meio de um ardil, foi dada a Jacó como sua mulher no

lugar de sua irmã Raquel, que era mais nova e mais bela, e por quem Jacó tinha servido a seu tio, pai das duas irmãs, pelo espaço de sete anos. Para casar com Raquel, Jacó foi obrigado a servir mais sete anos a seu tio Labão (Gn 29.20,30). Ambas são nomeadas na bênção pedida para Boaz (Rt 4.11).

Líbano. *Montanha branca.* Ficava ao norte da terra da promessa (Dt 1.7; 11.24; Js 1.4). Dá-se o nome do Líbano a duas cordilheiras igualmente paralelas à costa do mar, do sudoeste ao nordeste, na distância de 160 km, aproximadamente, sendo separadas por dois vales. A que fica mais ao sul, a menor, é o uádi at-Teim, onde nasce o Hasbani, que leva suas águas ao rio Jordão; a mais setentrional é o "vale do Líbano" (Js 11.17). A cordilheira a oeste é o Líbano da Escritura, de onde Salomão obteve madeira para a construção do templo (1Rs 5.9). A da parte oriental, o Antilíbano, "o Líbano para o nascente do sol" (Js 13.5), era primitivamente habitada pelos gibleus e heveus (Js 13.5,6; Jz 3.3). A população achava-se dispersa, e aqueles locais eram a morada de muitas feras (Ct 4.8; 7.4). As montanhas do Líbano impressionam muito o viajante, quer ele se aproxime delas vindo do Mediterrâneo, do lado ocidental, quer vindo do deserto, do lado oriental. Os cimos coroados de neve constituem para os viajantes do deserto uma agradável vista de refrigério sob um céu de fogo (Jr 18.14). A estupenda grandeza e grande elevação das montanhas do Líbano; seus cumes revestidos de neve perpétua dominando o espaço como torres, ou coroados de aromáticos cedros; seus olivais; suas vinhas produzindo os mais deliciosos vinhos; suas fontes de água cristalina e seus ribeiros de água fresca; a fertilidade dos vales e o agradável aroma dos arbustos — tudo se combina para formar na linguagem da Escritura a "glória do Líbano", conforme Is 35.2. Numerosas plantas aromáticas crescem sobre montanhas, e isso explica Ct 4.11 e Os 14.6.

liberdade. A Lei de Moisés permitia que os escravos conquistassem sua liberdade sob certas condições (Êx 21.2-4,7,8; Lv 25.39-55; Dt 15.12-18). Segundo a lei romana, o homem livre era aquele que nascia livre. O escravo forro ou liberto era aquele que comprava sua liberdade ou a quem ela era concedida. Este não tinha os mesmos direitos que o homem livre (At 22.28).

libertinos. *Homens libertos.* Aparentemente eram judeus que tinham estado presos em Roma (p. ex., os que Pompeu fez cativos); contudo, sendo libertados, voltavam a Jerusalém, onde eles e seus descendentes tinham uma sinagoga (At 6.9).

Líbia. Os líbios habitavam a costa setentrional da África, estendendo-se desde o oeste do Egito até talvez as colunas de Hércules (2Cr 12.3; 16.8; Na 3.9). São muitas vezes mencionados nos monumentos egípcios.

líbios. Os habitantes da Líbia, que se supõe serem descendentes de Pute, o filho de Cam (Jr 46.9; Dn 11.43).

Libna. *Branco.* 1. Cidade que ficava a sudoeste da Palestina, não se conhecendo sua exata localização. Foi tomada por Josué, cedida a Judá e destinada aos sacerdotes (Js 10.29-39; 12.15; 15.42; 21.13; 1Cr 6.57). Revoltou-se no reinado de Jeroboão (2Rs 8.22; 2Cr 21.10) e foi cercada por Senaqueribe (2Rs 19.8; Is 37.8). Libna foi a terra natal da rainha Hamutal, mãe de Jeoacaz e Zedequias (2Rs 23.31; 24.18; Jr 52.1).
2. Local de um acampamento israelita (Nm 33.20,21); talvez o mesmo que Labã.

Licaônia. Distrito da Ásia Menor, a noroeste da Cilícia, e que em tempos apostólicos foi habitado por uma raça imperfeitamente civilizada. Importante palco dos trabalhos de Paulo durante sua

primeira viagem missionária (At 14; 2Tm 3.11), foi atravessada, pelo mesmo apóstolo, na sua segunda e terceira viagens (At 16.1-8; 18.23; 19.1).

Lida (At 9.32,35,38). V. LODE, LIDA.

Lídia. Mulher de Tiatira, que vendia púrpura e servia a Deus. Convertida em Filipos pela pregação de Paulo, ela e sua família foram batizadas (At 16.14,40). É possível que Lídia fosse somente uma referência a como ela era conhecida em seu ramo de negócio (a Lídia), sendo desconhecido seu verdadeiro nome. V. MACEDÔNIA.

ligar, desligar. Os termos "ligar" e "desligar" (Mt 16.19) são frequentemente empregados pelos judeus no sentido de proibir e permitir, com referência ao ensino doutrinal e prático dos rabis. Quando eram nomeados os seus mestres, eles punham uma chave nas suas mãos e diziam-lhes: "Recebei o poder de atar e desatar". Desse fato provém a alusão: "Ai de vós, intérpretes da lei! Porque tomastes as chaves da ciência" (Lc 11.52). Convém observar, também, as palavras de Jesus em Mt 5.19, em que o termo "violar" é, em grego, o mesmo que o "desligar" de 16.19. Pedro, em razão de confessar o messianismo de Jesus, é o primeiro a receber a autoridade, que mais tarde é conferida a seus colegas, sendo eles para isso revestidos do poder lá do alto (Mt 18.18; Jo 20.23). Quanto a Pedro, recebeu ele de Deus o privilégio de ser o primeiro a chamar ao caminho da fé tanto os gentios como os judeus (At 2.14,38; 10.45). Os judeus interpretaram ao pé da letra a expressão "atar as leis à mão" e daí nasceu o costume dos filactérios presos ao pulso. Os rolos ou volumes dos escritos eram unidos por fitas. Por isso, em Is 8.16, encontra-se a expressão: "Resguarda o testemunho, sela a lei no coração dos meus discípulos".

línguas, confusão de. Por algum tempo depois do Dilúvio, havia só uma língua em toda a Terra. A família humana procurou manter essa unidade, estabelecendo um grande campo central, uma cidade que devia servir de metrópole e, sem dúvida, também de centro religioso para todo o mundo. Propuseram-se a realizar esse projeto na larga planície da Babilônia, um local que convinha admiravelmente à finalidade em vista de suas particularidades físicas e geográficas. O Senhor desfez esse propósito, confundindo "a sua linguagem, para que um não entenda a linguagem do outro. Destarte o Senhor os dispersou dali pela superfície da terra" (Gn 11.7-8). Ficou a memória do grande acontecimento no nome Babel, que a um hebreu sugere a palavra *balar*, "confundir". V. BABEL, BABILÔNIA.

línguas, dom de. As principais passagens com as quais temos de formar as nossas conclusões quanto à natureza e ao objetivo do dom de línguas são as seguintes: Mc 16.17; At 2.1-13; 10.46; 19.6; 1Co 12.10, 28,30; 14.1-39. No dia de Pentecostes, como está descrito em Atos, apareceram aos 120 discípulos "línguas, como de fogo" (2.3); e então "passaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem" (v. 4). O povo ouvia os discípulos falar em línguas que não tinham aprendido, de modo que as pessoas que estavam em Jerusalém, pertencentes a várias nacionalidades, compreenderam as palavras que lhes eram dirigidas, ou, mais provavelmente, Deus falava à alma segundo a língua própria de cada um deles.

linho, pano de. O "fino pano de linho"do antigo Egito, universalmente usado nesse país para fazer roupas e envolver o corpo dos mortos, que também era largamente exportado, era feito das fibras da planta do linho. Uma das pragas do Egito foi a destruição, pela saraiva, das plantações desse vegetal. Um pano tão leve, macio e brilhante era especialmente apropriado para as vestes

dos que tinham a seu cargo os serviços religiosos. Tanto os sacerdotes judaicos como os do Egito deviam, por lei, fazer uso de vestimentas de linho (Êx28; Ez 44.17-19). As cortinas do tabernáculo eram feitas do mesmo material e recebiam bordados (Êx 26.1). Samuel e Davi usavam estola de linho (1Sm 2.18; 2Sm 6.14). Seres angélicos foram vistos por Ezequiel (9.2) e Daniel (Dn 10.5) como que vestidos de linho; e, nas visões finais do Apocalipse, anjos e santos glorificados aparecem adornados das mesmas emblemáticas vestimentas de pureza (Ap 15.6; 19.8,14). No livro de Provérbios (31.22-24), faz-se alusão ao trabalho de fiar e tecer realizado pelas mulheres judaicas. Os mantos finíssimos de linho acham-se, em tempos de corrupção, entre aqueles objetos de luxo que as mulheres usavam e pelos quais são censuradas no livro do profeta Isaías (3.23).

O rico da parábola se vestia "de linho finíssimo"; e José de Arimateia prestou ao Salvador a honra de envolver seu corpo em um lençol de linho, antes de depositá-lo no túmulo (Lc 16.19; 23.53).

linho em flor. Essa expressão significa que o linho estava em flor, já bem desenvolvido e quase próximo a ser colhido (Êx 9.31). Por essa razão, a praga da saraiva deve ter acontecido aproximadamente em março, gerando nessa ocasião como imenso prejuízo a perda da planta e de todo o trabalho que tinha havido no cultivo. Em Js 2.6, a expressão "canas do linho" representa simplesmente a haste. A passagem contém uma referência ao costume de secar os pés da planta, expondo-os ao calor do sol sobre o terraço das casas. Seguia-se a isso a descascadura das hastes e a separação das fibras. E cardava-se por fim com o rastelo. O linho constituía antigamente uma das mais importantes colheitas da Palestina (Os 2.5,9).

lírio. A flor conhecida pelo nome de lírio do vale não é mencionada nas Escrituras Sagradas. Os "lírios do campo" de Mt 6.28 parecem compreender aquelas famílias de flores como a tulipa, a íris, o jacinto e a fritilária, bem como as anêmonas. No entanto, se em Ct 2.1,2 e Os 14.5 se quer significar uma única espécie, é provável então que se trate da íris. Sendo esta uma flor bela, vigorosa e grande, e além disso de cores brilhantes, não se podia imaginar emblema mais próprio, sob o ponto de vista oriental, para despertar o sentimento de admiração do amor.

Listra. Cidade da Licaônia, na província romana da Galácia, onde Paulo e Barnabé foram, no espaço de algumas horas, primeiramente venerados como deuses e depois apedrejados pelo povo. Fora das portas da cidade, estava o templo de Júpiter. Segundo uma lenda que era corrente em Listra, em tempos passados Júpiter e Mercúrio haviam visitado em forma humana a cidade. Esse povo ignorante e rude imaginou que, pela segunda vez, estava recebendo igual honra. Mais tarde, foi organizada uma igreja na mesma povoação. Timóteo, que era natural desse lugar, foi testemunha ou certamente teve conhecimento das perseguições que Paulo sofreu por ocasião de sua primeira visita (At 14.6-20; 2Tm 3.10ss). Quando Paulo, pela segunda vez, visitou a mesma cidade, Timóteo já era cristão (At 16.1-3; 2Tm 3.10, 11). Listra tem sido identificada com as ruínas que existem perto da vila de Khatyn Serai.

livro. Os primeiros livros tinham a forma de blocos e tabuinhas de pedra, do que se faz frequente menção nas Escrituras. Os escritos, geralmente memoriais de grandes e heroicos feitos, eram gravados na pedra. Jó queria que suas palavras ficassem permanentemente registradas, quando desejou "que, com pena de ferro e com chumbo, para sempre fossem esculpidas na rocha!" (Jó 19.24). Outras substâncias eram usadas para registrar pensamentos ou fazer qualquer

comunicação a um amigo distante, como as folhas de chumbo, as tabuinhas de madeira e as placas de madeira delgada ou de marfim, cobertas de uma camada de cera, onde facilmente se podia escrever com o estilo e também apagar-se a escrita.

Os livros de maior duração são aqueles que têm sido encontrados nas escavações da antiga Babilônia. Apresentam a forma de tijolos de barro e de chapas, sendo uns cilíndricos, outros com lados planos, e ainda outros de formato oval. Alguns estão metidos em uma caixa de barro, e todos estão cobertos de uma tênue escritura, feita em barro macio, por meio do estilo, tendo sido endurecidos no forno. Esses livros têm tamanhos diversos, e a sua espessura vai de dois a vários centímetros, não deixando de ser utilizada nenhuma parte da sua superfície. Nesses tijolos, escreviam-se poemas, lendas, narrações de batalhas, façanhas de reis, transações comerciais e contratos. V. BABILÔNIA.

Outra forma antiga de livro era o rolo. Este era feito de papiro, de pano de linho ou de peles especialmente preparadas para o traçado de caracteres. O papiro era manufaturado no Egito, empregando-se a haste da cana que abundantemente crescia nas margens do Nilo.

Era uma substância frágil, mesmo depois de muito cuidado na sua fabricação. Embora haja em nossos museus amostras da mais remota antiguidade, sua preservação deve-se somente a terem sido eles hermeticamente selados em túmulos ou enterrados profundamente na areia seca do deserto. Esse papel de papiro ainda se usava na Idade Média.

Entre os hebreus, entretanto, a substância que especialmente se empregava na confecção dos seus livros, ou melhor, dos seus rolos, era o pergaminho. Esses rolos apresentavam vários comprimentos e espessuras, embora geralmente tivessem 30 cm de largura.

Os grandes rolos, como os da Lei, eram postos em duas varinhas, sendo em uma delas enrolado o pergaminho, ficando a outra apenas presa sem ser enrolada. Quando não estavam em uso, os rolos eram cuidadosamente colocados em estojos para não se deteriorarem. O pergaminho empregado nesses livros era feito de peles e preparado com todo o cuidado; muitas vezes ele vinha de Pérgamo, onde sua fabricação chegou a elevado padrão. Dessa cidade é que derivou seu nome. A indústria de pergaminho só atingiu um alto grau dois séculos antes de Cristo, embora a arte fosse conhecida já no tempo de Moisés (Êx 26.14). Algumas vezes, esses rolos de pergaminho eram coloridos, mas somente no caso dos exemplares de mais alto preço. As bibliotecas que guardavam esses livros não eram certamente como as nossas, com suas ordens de estantes. Na verdade, os livros eram tão raros, e tão elevado era o seu preço, que somente alguns indivíduos podiam possuir poucos livros, sendo estes guardados em caixas ou em estojos redondos. Todavia, encontravam-se bibliotecas de considerável grandeza, encerrando muitas e valiosas obras, bem como documentos públicos. V. ALEXANDRIA, BABILÔNIA.

Livros particulares eram algumas vezes lacrados com selo (Is 29.11; Ap 5.1-3), carregando a marca de seu possuidor.

Livro dos Feitos Memoráveis. Alusão às lembranças escritas que alguns monarcas orientais guardavam a respeito das boas ou más ações de seus súditos. Em certas ocasiões, esse livro era consultado, e recompensas ou castigos eram distribuídos em conformidade às ações praticadas (Et 6.1-3).

Livro da Vida. *Registros judaicos.* No AT, quando alguém morria, seu nome era riscado da lista que as autoridades guardavam e que se supunha compreender somente os nomes dos vivos (Is

4.3). Por toda a Bíblia, significa o Livro de Deus em que são registrados os nomes dos cidadãos do reino de Deus e suas obras (Êx 32.32; Fp 4.3; Ap 3.5; 20.12; 21.25,27).

Livro dos Justos. Citado em Js 10.13; 2Sm 1.18. Continha uma coleção nacional de poemas, cujos assuntos eram as grandiosas ações dos heróis judaicos. Em adição às duas referidas passagens, pensa-se que um terceiro fragmento do livro existe em Nm 21.14. Há muitas suposições com respeito à forma e história do livro, porém nada mais é realmente conhecido. Também têm ocorrido várias falsificações do Livro dos Justos, que como tais foram descobertas.

Ló. Sobrinho de Abraão. Ele acompanhou seu tio desde Ur dos caldeus até Canaã, e daí ao Egito, voltando deste país à terra de Canaã. Uma questão levantada entre seus servos motivou uma separação amigável. Jó estabeleceu-se na planície em que se achavam edificadas as cidades de Sodoma e Gomorra. Quando estas foram destruídas pelo fogo do céu, Ló, embora escapasse com vida, perdeu todos os seus bens terrestres. Ele foi o pai de Moabe e Amom. Era dotado de fracas qualidades. Por três vezes, Jesus se refere a Ló em um discurso (Lc 17.28,29,32), e seu livramento é comentado em 2Pe 2.7.

lobo. Ainda há lobos na Palestina e Síria, embora a falta de florestas os leve a procurar refúgio, a maior parte das vezes, em lugares ermos. Eles não aparecem em alcateias na Síria, como ocorre em outros lugares, mas não deixam de fazer grande mal às ovelhas. O animal é mencionado 12 vezes nas Escrituras, sempre em sentido metafórico, para designar crueldade ou qualquer qualidade desse gênero, quase sempre em conjunção com suas devastações nos rebanhos. Muitas vezes, há referências ao hábito que o lobo tem de atacar a presa à noitinha (Jr 5.6; Hc 1.8; Sf 3.3). A sua ferocidade é também mencionada em Gn 49.27; Ez 22.27; e à sua maleficência entre os cordeiros se referem tanto Ezequiel (22.27) quanto Jesus Cristo (Lc 10.3; Jo 10.12). Na linguagem simbólica que Isaías emprega a respeito da paz no reino do Messias, ele afirma que o lobo habitará com o cordeiro, e ambos se alimentarão juntos (Is 11.6; 65.25).

Lode, Lida. Cidade de Benjamim na planície de Sarom, reocupada após o retorno do cativeiro (1Cr 8.12; Ed 2.33; Ne 7.37; 11.35). Ali se realizou a cura de Eneias pela ação de Pedro (At 9.32-35,38).

Loide. Avó de Timóteo, de quem Paulo se lembra em virtude de sua fé (2Tm 1.5).

loucura. O epíteto de louco aplica-se nas Escrituras Sagradas: a um indivíduo privado da razão (At 26.24; 1Co 14.23); a uma pessoa que se perverteu e está dominada por suas paixões (At 26.11); àquele cuja mente está confusa e desorientada, sendo tão grande sua perturbação que procede de modo incerto, extravagante e irregular (Dt 28.34; Ec 7.7); e, além disso, a todos os que estão transtornados pela veemência dos seus desejos, com respeito a ídolos, vaidades, doidices, fraudes e falsidades (Jr 50.38; Os 9.7). No Oriente, as pessoas olham para os loucos com certa reverência, considerando-os possuídos de uma espécie de caráter sagrado. Exemplo disso é o tratamento que Davi recebeu quando se fingiu de louco na corte de Aquis (1Sm 21.13-15).

Lua. O luar é muito mais claro nos países orientais do que nos ocidentais, e, por isso, grande parte das viagens é feita de noite, à luz da lua. As palavras do Sl 121.6, "não te molestará [...] de noite, a lua", dizem respeito ao mal que, segundo se julgava, os raios lunares faziam aos olhos dos que dormiam a céu aberto. Os paroxismos da epilepsia eram relacionados com a lua crescente e a lua minguante. O Evangelho de Mateus (4.24; 17.15) refere-se a esse estado empregando o termo "lunático". A Lua era adorada no Egito, Síria e Babilônia, particularmente

em Ur da Caldeia, e Harã. A mais antiga referência a essa forma de idolatria aparece em Jó31.26,27. V. tb. o aviso de Moisés (Dt 4.19). Manassés "se prostrou diante de todo o exército dos céus" (2Rs 21.3); e os sacerdotes que queimavam incenso à Lua foram destituídos por Josias (2Rs 23.4,5).

lua nova. O primeiro dia do mês lunar era santificado (Nm 28.11-15), por isso não se faziam negócios nem trabalhos manuais (Am 8.5), e o templo ficava aberto ao culto público (Is 66.23; Ez 46.3). Do que está escrito em 1Sm 20.5,24, depreende-se que nesse dia se faziam banquetes de grande cerimônia, visto que Davi se considerava especialmente obrigado a sentar-se à mesa do rei nessa ocasião.

Lucas. Lucas foi o companheiro de Paulo e, segundo a quase unânime crença da igreja antiga, escreveu o Evangelho que é designado pelo seu nome e também o livro de Atos. Ele é mencionado somente três vezes pelo seu nome no NT (Cl 4.14; 2Tm 4.11; Fm 24). Pouco se sabe a respeito de sua vida. Alguns julgam que ele esteve entre os 70 discípulos enviados por Jesus a evangelizar (Lc 10.1); outros pensam que foi um daqueles gregos que desejavam vê-lo (Jo 12.20); e, considerando-se que Lucas é uma abreviação de Lucanos, também há quem queira identificá-lo com Lúcio de Cirene (At 13.1). Dois dos pais da Igreja dizem que ele era sírio, natural de Antioquia. Na verdade, não parece ter sido de nascimento judaico (Cl 4.11). Era médico (Cl 4.14). Não foi testemunha ocular dos acontecimentos que narra no Evangelho (Lc 1.2), embora isso não exclua a possibilidade de ele ter estado com os que seguiam Jesus Cristo. Todavia, muito se pode inferir do emprego do pronome na primeira pessoa na linguagem de Atos. Parece que Lucas se juntou a Paulo em Trôade (At 16.10) e foi com ele até a Macedônia; depois viajou com o apóstolo até Filipos, onde mantinha relacionamentos, provavelmente ficando ali por certo tempo (At 17.1). Cerca de sete anos mais tarde, quando Paulo, dirigindo-se a Jerusalém, visitou Filipos, Lucas juntou-se novamente a ele (At 20.5). Se Lucas era aquele "irmão" de que se fala em 2Co 8.18, o intervalo devia ter sido preenchido com o ministério ativo. Lucas acompanhou Paulo a Jerusalém (At 21.18) e com ele fez viagem para Roma (At 27.1). Nesta cidade, Lucas esteve com o apóstolo durante sua primeira prisão (Cl 4.14; Fm 24); e achava-se aí também durante o segundo encarceramento, precisamente um pouco antes da morte de Paulo (2Tm 4.11). Uma tradição cristã apresenta-o pregando o evangelho no sul da Europa e encontrando na Grécia a morte de um mártir. V. LUCAS, O EVANGELHO SEGUNDO.

Lucas,O Evangelho segundo. A *autoria* desse livro é, pela voz unânime da Antiguidade, desde Ireneu (c. 180 d.C.) em diante, atribuída a Lucas, o médico. Alguns críticos descobriram alusões a ele a partir de Clemente de Roma (95 d.C.). Que o autor do Evangelho é o mesmo do livro de Atos, é quase universalmente aceito. V. ATOS DOS APÓSTOLOS. A *data* do livro é incerta. A comparação desse Evangelho com Mateus e Marcos nos sugere que o livro de Lucas é o último dos Evangelhos sinópticos, e desse modo deve ter sido escrito depois de 70 d.C. Mas também tem sido considerado que os dois anos da prisão de Paulo, em Jerusalém e Cesareia, poderiam ter proporcionado a Lucas a ocasião de compor sua obra, o que torna possível que ela tenha sido escrita por volta de 60 d.C. O *estilo* do autor é o de um homem educado e hábil na maneira de escrever. O *sumário* do Evangelho é o seguinte: Prefácio (1.1—4). O nascimento e os primeiros tempos da infância de Jesus Cristo (1.5; 2). O seu batismo,

genealogia e tentação (3.1 —4.13).
O seu ministério na Galileia (4.14—9.50). A sua viagem, partindo da Galileia, seguindo pela Samaria, Pereia e Judeia, e terminando com sua chegada a Jerusalém (9.51—19.27).
A sua entrada em Jerusalém e os fatos que se seguiram até sua crucificação (19.28 —23).
A sua ressurreição e seus resultados (cap. 24).

Pelas *características* desse livro, achamos que ele não tenha sido escrito de modo particular para os judeus, nem especialmente para os gentios, mas para o mundo todo: é o evangelho de uma salvação livre e oferecida universalmente. As *particularidades desse Evangelho* são numerosas e notáveis:

1. A narrativa dos acontecimentos que precedem e acompanham o nascimento de Jesus, incluindo o nascimento de João Batista; belos hinos cristãos, conhecidos pelos nomes de *Magnificat* (1.46-55), *Benedictus* (1.68-79), *Gloria in Excelsis* (2.14) e *Nunc Dimittis* (2.29-32); a genealogia humana de Cristo (3.23-38).
2. A infância de Jesus, o único episódio que quebra os "trinta anos de silêncio" (2.41-52).
3. Muitos discursos e máximas de Jesus, com certos incidentes, tais como os relacionados à festa na casa de Simão (cap. 7), mas especialmente os fatos que estão compreendidos na grande seção que se estende de 9.51 a 18.14. (Algumas das palavras de Jesus, incluídas nessa seção, são apresentadas por Mateus e Marcos sob aspectos diferentes e foram talvez repetição de suas primeiras falas.) Há incidentes absolutamente peculiares a esse Evangelho, como a rejeição de Jesus pelos samaritanos (cap. 9), a missão dos setenta (cap. 10), discursos concernentes à maneira de orientar os discípulos (14.25-35; 17.1-10), a visita a Zaqueu (cap. 19) e várias parábolas.
4. O Evangelho encerra as seguintes parábolas: os dois devedores (cap. 7); o bom samaritano (cap. 10); o amigo importuno (cap. 11); o rico insensato (cap. 12); a figueira estéril (cap. 13); a dracma perdida e o filho pródigo (cap. 15); o administrador infiel e o rico avarento e o mendigo Lázaro (cap. 16); o juiz iníquo e o fariseu e o publicano (cap. 18); as dez minas (cap. 19). V. PARÁBOLA.
5. Os milagres narrados somente nesse Evangelho são: a pesca maravilhosa (cap. 5); a ressurreição do filho da viúva de Naim (cap. 7); a cura da mulher paralítica (cap. 13); a cura do homem hidrópico (cap. 14); a cura dos dez leprosos (cap. 17); a cura de Malco (cap. 22). V. MILAGRE.
6. Com respeito aos acontecimentos ligados à morte e ressurreição de Jesus Cristo, Lucas é o único evangelista que menciona a oração por seus algozes (23.34) e a promessa ao ladrão arrependido (23.39-43). A ida a Emaús e a ascensão (cap. 24), embora sejam mencionadas no sumário do último capítulo de Marcos, são de certo modo peculiares ao Evangelho de Lucas. É também para se notar que, nesse Evangelho, mais do que em qualquer outro, é reconhecida a dignidade da mulher. Lucas retrata belamente a mãe de Jesus Cristo e, nas tantas referências feitas a mulheres, ele as mostra no serviço do Mestre e destaca as atenções do Salvador para com elas (Lc 1; 2; 7.11-17; 8.1-3,48; 10.38-42; 13.16; 23.28). Além disso, em nenhum outro Evangelho seu autor é tão cuidadoso em evidenciar a atitude de Jesus para com os pobres, os necessitados e os desprezados (2.24; 6.20- 25; 8.2,3; 12.16-21; 14.12-15; 16.13; 19.25).

Lúcifer. Não significa literalmente "Satanás", mas aquele "que dá luz". Aparece uma única vez no AT (Is 14.12-15), como "estrela da manhã" que foi atirada à Terra. Lúcifer é um epíteto aplicado ao rei da Babilônia, que caiu de seu estado de glória e elevação. Emprega-se Babilônia no Apocalipse como símbolo do império e último destino do maléfico; e daqui provém o uso do nome Lúcifer para significar Satanás em sua queda do céu.

lugares altos, os altos. Os cumes dos montes e os outeiros eram lugares de culto entre muitos povos. O altar de Noé ficava sem dúvida sobre o monte Ararate (Gn 8.20). Abrão edificou um altar sobre um monte, a leste de Betel (Gn 12.8). O altar levantado por Moisés, chamado "O Senhor É Minha Bandeira", situava-se indubitavelmente no cume do monte (Êx17.9,15). Ao entrarem na terra prometida, os hebreus acharam lugares altos relacionados com o culto idólatra. Moisés ordenou aos filhos de Israel que deitassem abaixo "todos os seus ídolos" (Nm 33.52). A lei deuteronômica determinava que o povo olhasse mais adiante, para "um lugar que o Senhor escolheria", onde haveriam de ser oferecidos os sacrifícios e ofertas. Se essa lei foi dada por Moisés, não poderia ter sido aceita como uma ordem para que se usasse unicamente um lugar de sacrifício; atos como os de Gideão (Jz 6.24,26), Davi (1Cr 21.26) e Elias (1Rs 18.30; cp. 1Rs 19.10) nos fazem ver que o uso de outros altares não era excepcional. Entretanto, o culto pagão continuava nos lugares altos; e, em alguns casos notáveis, houve a cumplicidade de homens em evidência, como Salomão (1Rs 11.7) e Jeroboão, filho de Nebate (1Rs 12.28, 33). O culto realizado nesses lugares altos era corajosamente condenado pelos profetas (p. ex., Os 4.13; 10.8). Foi atacado por Ezequias (2Rs 18.4) e rigorosamente combatido por Josias (2Rs 23.4-20).

A expressão "lugares altos" ou "os altos" perdeu, no decorrer do tempo, seu sentido material e passou a significar o altar de um deus pagão ou certo lugar de culto. Eles existiam no vale de Hinom (Jr 7.31), à entrada de uma porta de Jerusalém (2Rs 23.8) e mesmo nas estradas (Ez 16.24). Os lugares altos para o culto idólatra tinham seus sacerdotes (1Rs 12.31), seus sacrifícios, até mesmo sacrifícios humanos realizados nos "altos de Tofete" (Jr 7.31) e ritos licenciosos (Os 4.13).

luto. Uma notável feição do luto oriental é sua preparada publicidade. Abraão veio depois da morte de Sara, em grande cerimônia, lamentar sua morta e chorar por ela (Gn 23.2). Sabemos também que lugares altos, estradas e terraços eram locais especialmente escolhidos para manifestações de pesar não só pelos judeus, mas também por outras nações.

Entre os métodos especiais de qualquer pessoa exprimir sua dor, havia os seguintes: rasgar as vestes (Gn 37.29,34); vestir-se de pano de saco (Gn 37.34); lançar cinza, pó ou terra sobre a cabeça (Js 7.6; Jó 2.8); usar vestidos de luto (2Sm 14.2); despojar-se de seus atavios (Êx 33.4,6; 2Sm 19.24); arrancar o cabelo da cabeça ou a barba (Ed 9.3); jejuar (1Sm 31.13); prostrar-se em terra (2Sm 12.16); e o emprego de pranteadores contratados, que eram mulheres, cantores e músicos (2Cr 35.25; Mt 9.23). Os sumos sacerdotes eram proibidos de tomar luto, mesmo no caso de falecimento do pai ou da mãe. Os sacerdotes inferiores podiam exteriorizar o luto nos casos de parentes próximos (Lv 21.1-11). O aproximar- se do morto para lamentações produzia mancha cerimonial (Nm 19.11-16).

M

Maaca. *Opressão.* 1. A filha que Naor, irmão de Abraão, teve com a concubina Reumá (Gn 22.24).

2. Uma das mulheres de Davi, mãe de Absalão (2Sm 3.3; 1Cr 3.2).

3. Um pequeno reino localizado junto à base do Hermom, próximo de Basã, que coube à tribo de Manassés. Os membros dessa tribo não exterminaram os habitantes dessa região (Dt 3.14; Js 12.5; 13.11, 13). Os habitantes de Maaca juntaram-se aos amonitas contra Davi (2Sm 10.6,8; 1Cr 19.6,7); Abel-Bete-Maaca (2Sm 20.14, 15) é uma referência ao mesmo povo.

4. Pai de Aquis, que foi rei de Gate no princípio do reinado de Salomão (1Rs 2.39).

5. Mulher de Roboão e mãe de Abias, rei de Judá (1Rs 15.2; 2Cr 11.20). Durante o reinado do seu neto Asa, ela exerceu influência na posição de "mãe do rei" e levou o povo à idolatria (1Rs 15.13; 2Cr 15.16). Contudo, foi afastada do poder quando Asa empreendeu sua reforma religiosa.

6. Concubina de Calebe, filho de Hezrom (1Cr 2.48).

7. Uma mulher da tribo de Benjamim que casou-se com Maquir, filho de Manassés (1Cr 7.15,16).

8. Mulher casada com Jeiel, pai de Gibeom, de quem descendia a família de Saul (1Cr 8.29; 9.35).

9. Pai de Hanã, um dos guerreiros de Davi (1Cr 11.43).

10. Pai de Sefatias, governador dos simeonitas no tempo de Davi (1Cr 27.16).

Maanaim. *Dois campos ou exércitos.* Cidade a leste do Jordão e ao sul do Jaboque,* onde Jacó foi encontrado pelos anjos de Deus (Gn 32.2). Ficava no limite sul de Basã, na fronteira de Gade e Manassés. Coube a Gade e foi dada aos meraritas (Js 13.26,30; 21.38; 1Cr 6.80). Local da coroação de Isbosete, depois da morte de Saul, e onde também se refugiou Davi quando fugia de Absalão (2Sm 2.8,12,29; 17.24,27; 19.32; 1Rs 2.8). Local que serviu como um dos comissariados de Salomão (1Rs 4.14). Maanaim tem sido identificada como a vila moderna de Mahné, mas isso é incerto.

Maaseias. *Obra do Senhor.* 1. Levita que tomou parte nas cerimônias realizadas quando da saída da arca da casa de Obede-Edom (1Cr 15.18,20).

2. Um dos capitães que ajudaram a levar Joás ao trono de Judá (2Cr 23.1).

3. Oficial do rei Uzias (2Cr 26.11).

4. Filho de Acaz, rei de Judá; foi morto por Zicri, o efraimita, quando Peca, rei de Israel, invadiu o reino de Judá (2Cr 28.7).

5. Governador de Jerusalém no reinado de Josias; foi o superintendente das obras de restauração do templo (2Cr 34.8).

6. Nome de vários homens que haviam casado com mulheres estrangeiras (Ed 10.18,21,22,30).

7. Pai de Azarias, um daqueles que consertaram parte do muro de Jerusalém (Ne 3.23).

8. Sacerdote que esteve ao lado de Esdras enquanto este examinava a Lei (Ne 8.4).

* A localização em relação ao Jaboque é incerta. Alguns estudiosos consideram que ela ficava ao norte, enquanto outros presumem que estivesse ao sul do Jaboque. [N. do E.]

9. Sacerdote que explicava a Lei que era lida por Esdras (Ne 8.7).
10. Um dos homens que selaram o pacto feito por Neemias (Ne 10.25).
11. Descendente de Perez (filho de Judá) que habitou em Jerusalém depois do cativeiro (Ne 11.5).
12. Benjamita cujos descendentes habitaram em Jerusalém depois do cativeiro (Ne 11.7).
13. Sacerdote que participou da cerimônia de dedicação dos muros de Jerusalém (Ne 12.41,42).
14. Sacerdote cujo filho recebeu ordem do rei Zedequias para que fizesse indagações a respeito dos desígnios do Senhor (Jr 21.1; 29.25; 37.3).
15. Pai de um falso profeta que falou durante o cativeiro babilônico (Jr 29.21).
16. Avô de Baruque, amanuense e mensageiro de Jeremias (Jr 32.12; 51.59).
17. Oficial do templo no reinado de Jeoaquim (Jr 35.4).

maçã, macieira. A maçã é mencionada várias vezes nas Escrituras (Pv 25.11; Ct 2.3-5; 7.8; 8.5; Jl 1.12), mas não se sabe se se trata da maçã conhecida por nós, uma vez que não é natural da Síria. As opiniões se dividem, e existe a possibilidade de o texto em questão referir-se a frutas como maçã, limão, laranja, marmelo ou damasco. O cônego Tristão sustentou que o único fruto que concorda perfeitamente com as exigências das passagens citadas é o damasco, abundante na terra santa. Que outro fruto melhor se encaixaria com a imagem proposta por Salomão — "maçãs de ouro em salvas de prata" (Pv 25.11) — do que este áureo fruto que se observa entre a folhagem de sua árvore, brilhante na sua palidez?

Macedônia. Província romana que se estendia desde o mar Egeu até o Adriático, tendo a Ilíria a noroeste e a Acaia ao sul. Foi o primeiro país a receber o evangelho, estando intimamente relacionado ao ministério de Paulo. O trabalho de Paulo nessa região foi "no início do evangelho" (Fp 4.15). Em razão de uma visão, o apóstolo foi à Macedônia (At 16.9ss) e, mais tarde, tornou a visitar as igrejas dessa região (At 19.21; 20.1-3; 1Co 16.5; 2Co 1.16). Gaio e Aristarco (At 19.29), Segundo (ou Secundo) e Sópatro (At 20.4), além de Epafrodito (Fp 2.25), são exemplos que demonstram como os macedônios foram notáveis auxiliadores do apóstolo. Os cristãos da Macedônia destacaram-se por sua piedade e força de caráter (At 17.11; Fp 4.10-19; 1Ts 2.8,17-20; 3.10). As mulheres convertidas na Macedônia também exerceram grande influência na vida da igreja de Cristo. A primeira pessoa convertida foi uma mulher (At 16.14), e as mulheres sempre foram ativas no serviço da igreja (Fp 4.2,3). V. LÍDIA.

machado. A Bíblia menciona diversas variedades desse objeto. Uma delas era composta por uma peça de ferro que, presa com cordas a um cabo de madeira (Dt 19.5; 2Rs 6.5), servia para cortar qualquer coisa. Outra variedade parece ser uma ferramenta pontiaguda, semelhante a uma picareta (Êx20.25; Ez 26.9). A referência feita por Isaías (44.12) e Jeremias (10.3) parece indicar um tipo de foice usada por serralheiros e carpinteiros. O martelo, ou arma de guerra, presente em Jr 51.20 era provavelmente uma clava pesada ou um malho.

Macpela. O campo e a caverna de Hebrom comprados por Abraão onde foram colocados os restos mortais de Abraão, Sara, Isaque, Rebeca, Lia e Jacó. Nesse mesmo lugar, existe hoje uma mesquita, considerada um dos quatro santuários do mundo islâmico (Gn 23.17-20; 25.9; 49.30; 50.13).

Madalena. V. MAGDALA.

madeira odorífera. A madeira a que se refere o texto de Ap 18.12 era preciosa e muito procurada pelos romanos para fabricação de móveis. Trata-se da tuia, proveniente de uma árvore conhecida pelo nome de *Callitris quadrivalvis*, em estreita relação com a bem conhecida *Arbor vitae*.

mãe. Em algumas passagens, essa palavra é usada com o significado de metrópole, a "mãe" ou cidade principal de um país ou de uma tribo. Em outras ocasiões, emprega-se o termo em uma referência ao povo como um todo (2Sm 20.19; Is 50.1; Gl 4.26; Ap 17.5). "Mãe em Israel" foi um nome dado a Débora (Jz 5.7), com o sentido de que ela foi a mulher que serviu a Deus na libertação do povo de Israel.

Magadã, Magdala (ARC). Cidade à beira do mar da Galileia, situada a 5 km ao norte de Tiberíades (Mt 15.39). Em Mc 8.10, é chamada de Dalmanuta. Nessa cidade, residia a Maria que, por causa do lugar, é chamada de Maria Madalena. O lugar é identificado hoje como a moderna vila de El-Mejdel.

magia. O emprego de certos meios para influenciar os espíritos, pois se supunha que estes tinham ação sobre homens e circunstâncias. A magia era praticada no Egito (Êx 7 e 8) e de maneira geral no Oriente. Desse modo, os hebreus habitavam nas proximidades dos lugares onde a magia era realizada, prática que lhes era proibida pela Lei de Moisés (Lv 19.31; 20.6; Dt 18.9-14). Quando Saul visitou a feiticeira de En-Dor (1Sm 28), a mulher recorreu à magia, ficando surpresa com o resultado. As "vãs repetições" dos pagãos (Mt 6. 7), presentes também em outros textos do Novo Testamento, podem ser uma referência à crença de que as orações e atribuições eram eficazes quando repetidas muitas vezes (v. 1Rs 18.26). O livro de Atos faz referência a duas pessoas que se diziam praticantes de magia: Simão (8.9) e Elimas (13.8). As práticas dos cristãos de Éfeso citadas em At 19.19 são, sem dúvida, uma referência a atos de magia. Escritores cristãos antigos consideravam-se pessoas que professavam a magia com respeito aos espíritos maus, pois acreditavam que esses espíritos podiam ser dominados pela palavra que um crente verdadeiro lhes dirigisse em nome de Cristo. O Concílio de Ancira (315 d.C., atual Ancara, Turquia) foi o primeiro a legislar contra a magia. V. ENCANTADOR.

Magogue. 1. O segundo filho de Jafé (Gn 10.2; 1Cr 1.5). 2. Os descendentes de Magogue e sua terra. Não há certeza quanto a tratar-se de Cítia, que ficava entre o mar Negro e o mar Cáspio, ou de uma região da Ásia Menor. Ezequiel emprega as expressões "Gogue" e "terra de Magogue" para simbolizar a violência na terra, malograda pelo poder de Deus (Ez 38.2; 39.6). As imagens de Ezequiel são usadas no Apocalipse para descrever a luta final entre Cristo e o anticristo (Ap 20.8).

magos. A palavra "Rabe-Mague", presente em Jr 39.3,13, significa "chefe de magos" que, em tempos muito remotos, constituíam uma casta religiosa entre os persas, que adoravam a Deus sob a forma de fogo. O fato de os magos estarem entre os caldeus da corte de Nabucodonosor produziu a corrupção de sua fé original, embora, ao que parece, suas operações estivessem restritas principalmente a astrologia, adivinhação e interpretação de sonhos. As relações entre Daniel e os magos estão descritas em sua profecia. Ele foi o principal dos magos da Babilônia (Dn 5.11). Nos tempos que precederam a história do NT, o nome "magos" estava associado a trapaças de toda espécie. Era possível encontrar em todo o Império Romano enxames de impostores que se intitulavam magos. Mago é o epíteto de Simão, o embusteiro a quem se faz

referência em At 8.9. Todavia, a palavra "magos" tem uma honrosa significação quando aplicada aos sábios vindos do Oriente que procuravam o Salvador que nasceu em Belém (Mt 2). Em At 13.6,8, o termo acha-se traduzido por "mágico", "encantador". V. MEDOS.

Malaquias. *O meu mensageiro.* Título e nome do autor do último livro canônico do AT (Ml 1.1). Há concordância entre a opinião judaica corrente no período posterior ao de Jesus Cristo, a posição dos pais da Igreja e o pensamento da maior parte dos expositores de que Malaquias não é um nome próprio, mas apenas um título. Na *Septuaginta*, acha-se em Ml 1.1 a expressão "Pela mão do seu mensageiro". Em outras traduções, diz-se "o meu mensageiro". Jerônimo apresenta a maneira hebraica de entender, segundo a qual esse "mensageiro" foi Esdras, o escriba. Nada se sabe com exatidão quanto à personalidade do escritor além daquilo que se pode colher da sua obra. V. MALAQUIAS, O LIVRO DE.

Malaquias. O Livro de. É o último livro da série do Antigo Testamento conhecida pelo nome de Profetas Menores. Quanto à *autoria* do livro, V. MALAQUIAS. É possível inferir algo sobre a *data* de composição do livro com base no que se acha escrito. Muito embora alguns comentaristas afirmem que o livro se situa antes da chegada de Esdras, outros asseveraram ter ele aparecido durante o período de tempo em que Neemias estava na corte do rei da Pérsia. O estilo do escritor é vigoroso, conciso e claro. Pode-se notar uma profunda veemência nas suas palavras. É característica a maneira de o profeta se servir das objeções que teriam sido primeiramente feitas quando suas mensagens foram proferidas (v. 1.2; 2.17; 3.8,13,14). Um resumo do livro pode ser exposto do seguinte modo:

I. Irreverência nos serviços divinos (cap. 1), especialmente vergonhosa por dois motivos: a ingratidão dos israelitas para com o Senhor, embora os tivesse abençoado grandemente, o que não fez a Edom (1.2- 5), e o seu culto, muito diferente da adoração santa e pura observada fora da terra santa (1.10,11). Esta passagem tanto pode ser uma descrição da prática dos judeus da Dispersão quanto pode simbolizar de modo admirável o culto universal da igreja. Na verdade, a expressão "em todo lugar lhe é queimado incenso" antecipa de modo notável a declaração de Jesus Cristo (Jo 4.21).

II. Infidelidade sacerdotal (2.1-9). Se, por um lado, o povo trazia ofertas vergonhosas ao altar e as oferecia de maneira ímpia, por outro lado os sacerdotes eram ainda mais culpados por deturparem os ensinamentos e fazerem acepção de pessoas.

III. Casamentos ímpios (2.10-16). O grande desígnio de Deus para a formação de uma geração santa por meio da instituição do casamento era atacado de modo flagrante pelas alianças feitas com os pagãos. Além disso, os divórcios decorrentes desses casamentos eram fonte de terríveis tristezas nos lares e de choro que cobria de lágrimas o altar do Senhor (2.13).

IV. Esses pecados acarretariam o castigo próprio (2.17—3.6). O mensageiro do Senhor viria para preparar seu caminho, e o próprio Senhor apareceria no seu templo para julgar e purificar os homens.

V. Mais uma vez, é denunciado o pecado que o povo cometia ao não oferecer a Deus os seus dons. É feita a promessa de que a fidelidade nesse assunto seria seguida de bênçãos temporais, bem como a declaração de que os ímpios — que por zombaria perguntavam se a religião era proveitosa — teriam mais tarde a resposta. Em contraste com esses escarnecedores, brilhava o exemplo dos fiéis (3.7-18).

VI. O profeta encerra o livro com a segurança da salvação próxima, predizendo o nascimento do sol da justiça e ordenando que, até aquele dia, a Lei seja observada. Para que isso se confirmasse e para que o caminho do juízo fosse preparado, era necessário o aparecimento de um segundo Elias (cap. 4).

As referências a Malaquias no NT são interessantes: a escolha de Israel em detrimento de Edom (outro modo de se referir a Esaú, 1.2) serve para ilustrar a eleição divina, Rm 9.13. O mensageiro de Deus (3.1) e o "profeta Elias" (4.5,6) são identificados com João Batista (Mt 11.10,14; 17.11; Mc 1.2; 9.11,12; Lc 1.17,76; 7.27). A bela imagem do nascimento do sol da justiça tem o seu lugar paralelo nestas palavras (Lc 1.78): "pela qual nos visitará o sol nascente das alturas". Cp. com Jo 1.4; 8.12; 9.5 e 12.46.

Malquias. *O Senhor é rei.* 1. Gersonita, antepassado de Asafe. Foi um dos diretores do canto no reinado de Davi (1Cr 6.40).

2. Chefe de uma família de sacerdotes na época em que os cargos do santuário eram destinados por sorte (1Cr 24.9).

3. Três homens diferentes que tinham casado com mulheres estrangeiras durante o cativeiro, ou depois dele, e que as repudiaram por determinação de Esdras (Ed 10.25,31; Ne 3.11).

4. Outros três homens que trabalharam na reparação do muro de Jerusalém depois do cativeiro (Ne 3.14,31). 5. Um dos sacerdotes que estavam à esquerda de Esdras quando este lia a Lei ao povo diante da praça, em frente à Porta das Águas (Ne 8.4).

6. Sacerdote que selou o pacto (Ne 10.3).

7. Outro sacerdote que tomou parte na dedicação dos muros de Jerusalém (Ne 12.42).

8. Pai de Pasur. Pasur foi mandado pelo rei Zedequias a Jeremias para que este consultasse o Senhor. Depois disso, Jeremias foi lançado na cisterna de Pasur (1Cr 9.12; Ne 11.12; Jr 21.1; 38.1,6).

Malta. Ilha do Mediterrâneo, ao sul da Sicília, onde se deu o naufrágio de Paulo (At 28.1). Naquele tempo, estava ligada à província romana da Sicília. Por causa da sua posição no Mediterrâneo e da excelência dos seus portos, Malta (ou Melita) foi sempre considerada de grande importância para o comércio e a guerra. Sua fama se deveu ao mel e aos frutos ali produzidos, às fábricas de algodão, às pedreiras e à sua bem conhecida raça de cães. Em At 27.27, há uma referência ao Adriático, mas não há dificuldade alguma em identificar Melita com a moderna ilha de Malta, uma vez que, na linguagem da época, o termo "Adriático" não designava o Adriático ou o golfo de Veneza, mas o mar Largo entre Creta e a Sicília.

maná. Dizem alguns que esta palavra se deriva da pergunta que os israelitas fizeram: "Que é isto?" (Êx 16.15). Em hebraico, *mam* (?) O maná que caiu no deserto para alimento do povo de Israel e as condições para seu uso são citados em Êx16.14-36; Nm 11.6-9. Um vaso de maná foi posto na arca para lembrança (Êx 16.33; Hb 9.4). Também se faz alusão ao provimento do maná em Dt 8.3,16; Js 5.12; Ne 9.20; Sl 78.24; Jo 6.31,49,58. A expressão "maná escondido" presente em Ap 2.17 está escrita em oposição a sacrifícios aos ídolos. O maná tem sido identificado com a transudação de uma árvore ainda hoje encontrada na península do Sinai, bem como com outras substâncias, incluindo o líquen, que têm sido levadas pelo vento a grandes distâncias. Mas nenhum produto em particular preenche todas as condições da

narrativa bíblica. O maná de uso moderno é a seiva do freixo, depois de seca, sendo essa preparação feita na Europa Meridional.

Manassés. *Causa esquecimento.* 1. Filho mais velho de José (Gn 41.51). Este apresentou os dois filhos ao pai, Jacó, já moribundo, para que os abençoasse. Jacó os adotou, mas o direito de primogênito foi concedido a Efraim, o mais novo (Gn 48.1-22). A tribo de Manassés saiu do Egito com 32.200 homens com mais de 20 anos, liderados por seu príncipe, Gamaliel, filho de Pedazur (Nm 2.20,21). Na terra prometida, a tribo dividiu-se em duas: uma parte estabeleceu-se a leste do Jordão, no país de Basã, ao norte do ribeiro de Jaboque. A outra parte estabeleceu-se a oeste do Jordão, nas terras situadas entre Efraim, ao sul, e Issacar, ao norte (Js 17.10). Gideão e Jefté eram manasseítas. A parte da tribo que se estabeleceu a leste do Jordão juntou-se a Rúben e Gade. Prepararam 120 mil homens com todo tipo de instrumentos de guerra, a fim de tomarem parte na coroação de Davi em Hebrom (1Cr 12.37). A prosperidade, entretanto, levou os manasseítas à idolatria, pelo que foram castigados sendo arrastados ao cativeiro por Pul e Tiglate-Pileser (1Cr 5.23-26). Alguns membros da tribo de Manassés exerceram um papel importante nas diversas reformas religiosas (v. 2Cr 15.9; 30.1; 31.1; 34.6).
2. Décimo quinto rei de Judá e filho de Ezequias. Tinha 12 anos de idade quando iniciou seu reinado, que durou cinquenta e cinco anos. Prestou culto aos ídolos de Canaã, reedificou os altos que seu pai destruíra, levantou altares a Baal e construiu um poste-ídolo. V. BOSQUES. O rei Manassés edificou ainda altares a todo o exército dos céus, nos pátios da casa de Deus; ofereceu o filho em honra de Moloque; dedicou-se à magia, às adivinhações, aos augúrios e a outras superstições; pôs um ídolo na casa de Deus e, finalmente, envolveu o povo em todas as abominações das nações idólatras, a ponto de os israelitas cometerem mais maldades do que os cananeus, a quem o Senhor expulsara de Canaã. A todos esses crimes, Manassés adicionou a crueldade, tendo sido derramados rios de sangue inocente em Jerusalém. Os livros de Crônicas afirmam que Deus o castigou por esses pecados, permitindo que fosse levado cativo à Babilônia, onde humilhou-se diante de Deus. Ao voltar a Jerusalém, restabeleceu o culto ao Senhor e destruiu todos os símbolos idolátricos, à exceção dos altos. Ordenou a fortificação de Jerusalém e guarneceu os lugares fortes de Judá. Manassés morreu em Jerusalém e foi sepultado no jardim de sua casa (2Rs 21; 2Cr 33; Jr 15.4). A Oração de Manassés, que integra os apócrifos é, sem dúvida, uma composição posterior.
3. Homens que, nos dias de Esdras, casaram- se com mulheres estrangeiras (Ed 10.30,33).
4. O livro de Juízes (18.30) registra que "Jônatas, filho de Gérson, o filho de Manassés" foi um dos sacerdotes consagrados ao culto prestado à imagem que os filhos de Deus levantaram para si. Em vez de Manassés, não há dúvida de que se deve ler Moisés. No texto hebraico tradicional, a letra n (suficiente para mudar um nome, já que apenas as consoantes são grafadas) está escrita por cima da linha, o que constitui um modo de conservar a fama de Moisés. É provável, também, que tal idolatria fosse considerada mais natural em um descendente do rei idólatra Manassés do que no "filho de Gérson, o filho de Moisés".

mandrágoras. (Também se diz *maçãs do amor*.) A palavra é encontrada somente em Gn 30.14-16 e Ct 7.13. A mandrágora é próxima da família da erva moura, da maçã de Sodoma e da planta da batata. Encontram-se nos vales e planícies da Palestina, tanto a oeste como a leste do Jordão e, segundo dizem os árabes, possui virtudes medicinais. Cresce baixa como a alface e é muito

semelhante a esta, sendo, contudo, de uma cor verde-escura. As flores são arroxeadas. Quando o fruto está maduro, o que acontece no princípio de maio, é do tamanho e da cor de uma maçã pequena, extremamente vermelho e de odor pronunciado. A planta geralmente é apreciada pelos habitantes em virtude de alegrar o espírito. A forma bifurcada de sua raiz facilmente nos sugere uma representação da forma humana. Virtudes mágicas eram popularmente atribuídas a essa planta.

Manoá. *Descanso.* Pai de Sansão. O nascimento de Sansão foi anunciado a Manoá e a sua mulher pelo "anjo do Senhor" (Jz 13.3-23). Manoá e sua mulher tentaram dissuadir Sansão de casar com uma mulher filisteia (Jz 14.2-4). Sansão foi sepultado "no sepulcro de Manoá, seu pai" (Jz 16.31).

Manre. Essa palavra ocorre em três contextos: (1)É o nome de um amorreu, irmão de Escol e Aner, que fez aliança com Abraão (Gn 14.13,24). (2) O lugar onde habitou Abraão, que "foi habitar nos carvalhais de Manre" (Gn 13.18; 18.1). V. tb. Gn 35.27. (3) O nome está associado a Macpela, lugar de sepultamento comprado por Abraão. Estava em frente de Manre. Também aparece identificado com Hebrom (Gn 23.17,19; 25.9; 49.30; 50.13).

manteiga. A produção de manteiga no Oriente é bastante trabalhosa e, mesmo depois de pronta, ainda não é saborosa, sendo preciso filtrá-la e clareá-la. A nata é batida pelas mulheres. Coloca-se leite em uma vasilha de couro chamada odre que, não estando plenamente cheia, é presa à parede pela boca. Então, joga-se a vasilha com força para um lado e para o outro até que se forme a manteiga. Algumas vezes, duas mulheres seguram o odre, batendo nele de maneira alternada. Outra maneira é colocar o odre sobre os joelhos de uma mulher e "embalá-lo" como se fosse uma criança para dormir, até que a manteiga se separe do soro do leite. No final do processo, tira-se a manteiga, que é derretida e colocada em vasilhas menores. No inverno, este *samen* — como é chamado — tem uma aparência de leite coagulado. No verão, porém, é puro óleo. Algumas vezes, é clareado e depois derramado em cântaros, tornando-se um importante artigo de comércio.

Devemos supor que a iguaria que Abraão ofereceu aos três anjos que hospedou não foi manteiga (cf. ARC), mas uma bebida refrescante de soro de leite ("coalhada", ARA), iguaria ainda hoje preferida pelos árabes ao leite fresco.

As palavras de Jó— "quando eu lavava os pés em leite" (29.6) — servem para dar uma ideia de grande riqueza, mas também mostram o modo típico de bater o leite, calçando os pés com um odre cheio de nata e mexendo até que esta se transformava em manteiga. Em Jz 5.25, a referência é a um creme, servido como manjar delicado. Outra iguaria fina, emblemática de grande felicidade, era feita de mel misturado com manteiga (Is 7.15,22). V. LEITE, QUEIJO.

O método de fazer manteiga no Oriente explica o procedimento de Jael, quando esta abriu um odre de leite. O acontecimento é lembrado no cântico de Débora: "Água pediu ele, leite lhe deu ela; em taça de príncipes lhe ofereceu nata" (Jz 5.25; cf. 4.19). Em algumas versões, a palavra "nata" é traduzida por "manteiga" (ARC), significando mais exatamente o creme que se produz fervendo o leite de ovelha em fogo brando. Portanto, Jael deu de beber a Sísera leite diluído em água e um rico petisco preparado com manteiga ou creme.

manto. A coberta com que Jael cobriu Sísera (Jz 4.18) era uma espécie de chale ou manto, como os que, ainda hoje, são geralmente usados pelos árabes quando fazem suas camas em uma tenda.

A capa que Samuel usava quando foi chamado dos mortos pela feiticeira de En-Dor, e por meio da qual Saul o reconheceu, era a túnica sacerdotal, ou a veste que oficialmente ele usava (1Sm 28.14). Elias tinha um manto que envolvia seus ombros e que, com uma tira de couro em volta dos seus rins, constituía todo o seu vestuário (1Rs 19.13,19; 2Rs 2.8,13,14).

manufatura. A preparação de peles para tendas e a trama de fios para fazer tecidos usados para vestimenta constituíam o limite da habilidade industrial na vida nômade do povo de Israel. Muito provavelmente, essa arte era executada por mulheres. O couro dos animais era empregado na fabricação de vasilhas, bastante usadas na Antiguidade para conter líquidos (água, leite e vinho), e também na confecção de cintos, sandálias e correias. As passagens de Is 29.16 e Jr 18.2 mostram que a arte de moldar vasos de barro fora aprendida pelos hebreus durante o período dos reis, chegando a ser um trabalho familiar. Parece provável que eles tenham recebido da civilização babilônica, por meio dos seus vizinhos cananeus, a arte de oleiro. Certas peças de barro encontradas em Jerusalém são muito bem-acabadas e feitas com esmero. Nos jarros, sua formação corre em linhas paralelas à volta do corpo ou do gargalo do vaso. Na ornamentação, usavam-se figuras geométricas, linhas paralelas, linhas cruzadas, linhas curvas, bem como zigue-zagues, quadrados, losangos e triângulos. Algumas das grandes peças fenícias exibem partes diferentes, separadas por ornamentação linear, sendo cada divisão cheia de figuras de animais e homens, bem como de cenas de caça. Até a época de Davi e Salomão, os hebreus não tinham sobressaído em obras de madeira, pedra e metal. Sabe-se, contudo, que eles conheciam a arte de fundir metais preciosos pelo fato de terem feito uma estola de ouro, no santuário de Gideão em Ofra, servindo-se de brincos, anéis e crescentes de ouro tirados dos midianitas. Nesses tempos, o metal mais usado era o bronze. Com ele, eram feitos utensílios de cozinha e cadeias (Jz 16.21), bem como as diversas partes da armadura: capacete, escudo, saia de malha e dardo (1Sm 17.5, 6). Lanças e arcos eram feitos do mesmo metal (2Sm 21.16; 22.35). As minas do Sinai, ou as possuídas pelos fenícios na ilha de Chipre, forneciam os materiais necessários. O ferro era usado principalmente para fabricar armas de ponta e diversos instrumentos agrícolas (lanças, relhas de arado e machados). Os carros dos cananeus eram guarnecidos de chapas de ferro (Jz 1.19). O que provocou a mudança na história da manufatura hebraica foi a entrada dos artistas fenícios na capital meridional de Israel, nos reinados de Davi e Salomão (2Sm 5.11; 1Rs 5.6). Esse mesmo fato mostra que nesse tempo os operários israelitas eram por demais despreparados. Contudo, já no reinado de Joás, cerca de cento e vinte anos mais tarde, quando foi reparado o templo de Salomão, não houve necessidade de mandar vir de fora os necessários pedreiros, carpinteiros e mestres de obras (2Rs 12.7-13). Quando a cidade de Jerusalém foi tomada pelos babilônios, foram levados para o cativeiro cerca de mil carpinteiros e ferreiros, além de outros homens hábeis (2Rs 24.16). V. AÇO, OLARIA E TECELAGEM.

mão. As mãos eram empregadas tanto metafórica como cerimonialmente. (a) *Beijar a mão de alguém* era um ato de adoração (Jó 31.26,27): "[...] se olhei para a sol, quando resplandecia [...] beijos lhes atirei com a mão [...]". V. tb 1Rs 19.18. (b) O juramento era acompanhado em todas as nações pelo ato de levantar a mão. (c) Dar a mão sempre significou paz, amizade e confiança (2Rs 10.15). (d) Sentar-se à mão direita de alguém era indício de grande favor (Sl 16.11; 77.10), sendo o Filho de Deus muitas vezes representado como sentado à mão direita do Pai (Hb 1.13; v. tb. Sl 110.1). Satanás estava à mão direita do sumo sacerdote Josué como

acusador (Zc 3.1). Contudo, sob outro ponto de vista, o salmista diz: "O Senhor, tenho-o sempre à minha presença; estando ele minha direita, não serei abalado" (Sl 16.8). (e) A *imposição das mãos* é compreendida de diferentes maneiras no AT e NT. Muitas vezes, é considerada no sentido de ordenação e consagração de sacerdotes e ministros entre judeus e cristãos (Nm 8.10; At 6.6; 13.3; 1Tm 4.14). Deus designou Moisés para impor as mãos sobre Josué, como seu sucessor (Nm 27.18). Jacó impôs as mãos sobre Efraim e Manassés, quando os abençoava (Gn 48.14). Quando proferia a bênção, o sumo sacerdote tinha a mão levantada sobre o povo (Lv 9.22). Semelhantemente, quando os israelitas levavam ao tabernáculo as ofertas a serem apresentadas pelos pecados, os sacerdotes punham as mãos sobre os animais para expiação (Lv 1.4). Nesse testemunho, o ofertante reconhecia, em razão de seus pecados, que era digno de morte, sendo compreendido que esses pecados eram apagados no sacrifício, consagrando-o a Deus. A mão das testemunhas se levantava contra o idólatra para executar a sentença de morte (Dt 13.9; 17.7). Nosso Salvador impôs as mãos sobre a cabeça das crianças quando as abençoava (Mc 10.16). O Espírito Santo era conferido aos que eram batizados por meio da imposição das mãos dos apóstolos (At 8.17; 19.6). Pilatos lavou as mãos em sinal de inocência (Mt 27.24).

Maom. *Habitação.* Cidade edificada sobre um monte e cercada de pastagens naturais, nas montanhas de Judá, localizada a cerca de 3 km do Kurmul (Carmelo) e a 11km ao sul de Hebrom. Davi refugiou-se ali, escondendo-se de Saul. Nesse mesmo lugar, Nabal alimentou seus rebanhos (Js 15.55; 1Sm 23.24,25; 25.2; 1Cr 2.45). V. MEUNITAS.

máquina. Palavra empregada em referência a instrumentos de guerra. Em 2Cr 26.15, lê-se que Uzias "fabricou em Jerusalém máquinas, de invenção de homens peritos, destinadas para as torres e cantos das muralhas, para atirarem flechas e grandes pedras". A mesma palavra é traduzida como "astúcias" em Ec 7.29. Esses instrumentos bélicos são os aríetes citados em Ez 4.2 e 26.9. Além dessas máquinas, havia as torres movediças de madeira que os sitiadores faziam avançar pouco a pouco diante de uma cidade fortificada.

Maquir. *Lojista* (?). 1. Filho mais velho de Manassés e, portanto, neto de José. Uma grande parte de Canaã, a leste do Jordão, foi subjugada pelos descendentes de Maquir (Gn 50.23; Nm 26.29; 32.39; Dt 3.15; Js 17.1; 1Cr 2.21,23).
2. Filho de Amiel. Residiu na parte orien - tal do Jordão e protegeu Mefibosete, filho de Jônatas, depois da queda da dinastia de Saul (2Sm 9.4,5). Alguns anos mais tarde, Davi, tendo sido tirado do seu trono pela rebelião de Absalão, achou também em Maquir boa vontade de o servir (2Sm 17.27-29).

mar. Os hebreus davam o nome de mar a qualquer grande massa de água. Esse termo compreendia o oceano (Gn 1.2; 1Rs 10.22; Jó 38.8); o Mediterrâneo; o mar ocidental, bem como vários outros nomes (Dt 11.24; 34.2 ["mar último" na ARC]; Jl 2.20; Êx23.31; 1Rs 4.20; Sl 80.11); o mar Vermelho (Êx 10.19; Js 24.6); o mar Morto (ou Salgado; Nm 34.3; Js 18.19); o mar da Galileia (ou mar de Quinerete; Nm 34.11; Mt 4.15; Mc 3.7) e o mar de Jazer, um pequeno lago que fica perto de Hesbom (Jr 48.32). Além disso, algumas vezes a palavra foi aplicada a grandes rios, como o Nilo (Is 11.15), o Eufrates e o Tigre, uma vez que estavam sujeitos a transbordamentos anuais que inundavam os territórios próximos.

mar de fundição. O chamado mar de fundição era um grande vaso de cobre, construído para fins cultuais, no serviço do templo. Foi feito para o tabernáculo e ficava entre o altar e a "tenda da congregação". Era uma enorme bacia, sobre uma base ornamentada, na qual os sacerdotes lavavam as mãos e os pés quando iam cumprir seus deveres rituais. Foi feito de bronze obtido dos espelhos de metal polido entregues por mulheres piedosas para sua confecção (Êx38.8). No primeiro templo, o de Salomão, o mar de fundição era um grande tanque com 2,7 mde profundidade e 15 m de circunferência. Sua forma exata é desconhecida, mas podia conter uma quantidade de água que variava de 50 mil a 90 mil litros. A bacia assentava-se sobre 12 figuras de bois (2Cr 4.2-4), todos voltados para fora. Foi construído com o metal que Davi mandou trazer de Tibate e Cum (1Rs 7.23ss; 1Cr 18.8). Os gibeonitas tinham a responsabilidade de enchê-la de água, tendo feito esse trabalho por um longo espaço de tempo, até a construção de um aqueduto que a abastecia da água das lagoas de Belém. Não se sabe como era o mar de fundição no último templo, mas a água a ser colocada na bacia vinha de um depósito subterrâneo, por meio de roldanas. V. TEMPLO.

mar Morto. Nome encontrado em Ez 47.8 (ARA) e 2Cr 20.2 (NVI). V. MAR SALGADO.

mar Salgado. O mar Morto também é chamado de mar Salgado em Dt 3.17, Js 3.16 e 12.3. Tem esse nome em razão da imensa quantidade de sal diluído em suas águas que, por isso, têm maior peso específico, excedendo em cerca de 20% a 25% o da água do mar. Não há vida alguma em suas profundezas, e os peixes que são levados para lá pelas águas do Jordão morrem rapidamente. O mar não tem nenhuma saída, e suas águas desaparecem por meio de uma espantosa evaporação de cerca de 6 milhões de toneladas por dia. A superfície do mar Salgado situa-se a cerca de 390 m abaixo do nível do mar Mediterrâneo. V. MAR MORTO, JORDÃO.

mar Vermelho. É geralmente chamado nas Escrituras de *Yam Suph*, que significa "plantas marinhas". Separa o Egito da Arábia, estando dividido em dois braços pela península do Sinai na parte setentrional: o braço ocidental, o maior, chama-se hoje golfo de Suez, e o oriental é chamado de Elanítico ou golfo de Ácaba. O golfo de Suez está gradualmente estreitando desde a Era Cristã (Is 11.15; 19.5), secando-se a língua do mar Vermelho; mas provavelmente teria sido perto dos atuais lagos Amargos. Junto à entrada do golfo de Ácaba, ficavam os dois únicos portos do mar Vermelho mencionados na Bíblia: Elate e Eziom-Geber. A parte mais larga do mar Vermelho, até o local onde se separa em dois golfos, é de 320 km, e a parte mais estreita tem cerca de 160 km de largura. A largura média do golfo de Suez é de 28 km, enquanto a do golfo de Ácaba é consideravelmente menor. O primeiro comunica com o mar Mediterrâneo pelo canal de Suez. É provável que os israelitas tenham atravessado o mar Vermelho em um ponto a cerca de 48 km ao norte da atual entrada do golfo de Suez, isto é, na extremidade setentrional do mar Vermelho, como ele era então. Uma vez que todo o exército egípcio pereceu nas águas, a largura do mar Vermelho nesse lugar deve ter sido de pelo menos 19 km. No espírito da nação judaica, o livramento dos israelitas na travessia do mar Vermelho tornou-se o maior fato da sua história.

maranata. Expressão aramaica usada por Paulo (1Co 16.22). Em algumas versões, as palavras "anátema" e "maranata" aparecem juntas, mas "anátema e maranata" não tem significado. *Maranata* quer dizer "Senhor, vem". A frase assim formada é uma expressão aramaica da antiga

senha cristã, que ocorre de novo na sua forma grega em Fp 4.5: "Perto está o Senhor". Todavia, alguns críticos dividem a palavra em *marana* e ta, que significa "Vem, Senhor nosso".

marco. Ponto de referência da divisão da terra de Canaã entre as tribos e famílias das tribos. Foi um trabalho de grande cuidado e, na realidade, era um dos fundamentos da política nacional. Penas severas eram prescritas contra todo aquele que removesse qualquer marco ou sinal de limite (Dt 19.14; 27.17; Pv 23.10). marcos. (Jr 31.21.) No Oriente, eram sinais feitos com pedras para mostrar o caminho ao viajante. A mesma palavra é usada em referência a certas pedras que serviam para indicar a localização de um cadáver ou de qualquer osso humano (2Rs 23.17; Ez 39.5; V. CAMINHO, JORNADA).

Marcos, O Evangelho segundo. A autoria desse Evangelho é atribuída a João Marcos. V. MARCOS. Uma das mais antigas tradições cristãs relaciona a origem do seu trabalho com o apóstolo Pedro. De fato, Justino Mártir (100-120 d.C.) cita o Evangelho como sendo as "Memórias de Pedro". Certas características do Evangelho (v. abaixo) apoiam essa suposição. A tradição cristã não é menos forte na indicação de Roma como o lugar de sua composição. Quanto à data, Ireneu diz que o Evangelho é posterior morte de Pedro e Paulo. Mas, como nele não se acha referência alguma tomada de Jerusalém (70 d.C.), deve situar-se o seu aparecimento em época anterior a esse ano, entre 63 e 70 d.C. Os diversos assuntos desse Evangelho podem ser assim divididos:

I. Uma breve introdução, descrevendo a pregação do precursor de Jesus e o próprio batismo e tentação do Salvador (1.1-13).

II. Os mais importantes acontecimentos da vida pública e do ministério de Jesus na Galileia, ocupando esses fatos a parte maior do livro (1.14—9.50).

III. Uma resumida narração da viagem de Jesus a Jerusalém (cap. 10); sua entrada na cidade e alguns acontecimentos que ali ocorreram, principalmente os sofrimentos, a morte e a ressurreição (11.1—16.20). Pelas evidências internas, sustenta-se que o Evangelho foi escrito *principalmente para os leitores gentios.* Isso é notado pela explicação de palavras que os gentios não compreenderiam (3.17; 5.41; 7.11; 7.34; 10.46; 14.36; 15.34), pela explicação de costumes judaicos (7.3,4; 14.12; 15.42), pelas poucas referências ao AT e pela presença de formas latinas que não aparecem nos outros Evangelhos (6.27; 7.4; 12.42; 15.39,44,45). Eis algumas *particularidades do Evangelho de Marcos:*

Os milagres do surdo-mudo (7.31-37) e do cego de Betsaida (8.22-26); a parábola da semente que cresce de modo oculto (4.26-29); o caso do jovem envolto em um lençol de linho no momento da prisão de Jesus (14.51,52); a aparição de Cristo aos discípulos depois da ressurreição, quando os acusou de incredulidade (16.14-18); a explicação dos costumes judaicos a respeito da purificação (7.2-4).

Entre outras características desse Evangelho, precisamos notar que, diferentemente dos outros, ele não apresenta nenhum objetivo teológico predominante: é apenas uma crônica, alongando-se principalmente sobre os maravilhosos atos de Jesus. A vida que o Evangelho descreve é cheia de ação, dotada de um poder sem limites, de uma energia que não se acaba e de uma graça inesgotável. A relação do autor com Pedro explica as cores firmes e vívidas e todas as minúcias da narrativa. As próprias palavras aramaicas que o divino Mestre emprega são proferidas por vários motivos, como *Boanerges, Talita cumi, Efatá, Corbã, Aba.* As várias emoções das

personagens são maravilhosamente indicadas na narrativa. V., p. ex., 3.34; 8.12; 10.14,21,32; 16.5,6. O tempo e o lugar são cuidadosamente detalhados.
Se certas passagens relativas a Pedro são omitidas por outros evangelistas (1.36; 11.21; 13.3; 16.7), Marcos também omite referências a Pedro que são igualmente importantes (cp. 7.17 com Mt 15.15 e 8.29, 30 com Mt 16.17-19).

Marcos, o evangelista. Marcos era judeu e havia adotado um nome romano, sendo identificado como "João, cognominado Marcos" (At 12.12,25). Era sobrinho (primo?) de Barnabé (Cl 4.10) e filho de Maria, que residia em Jerusalém (At 12.12). É provável que Marcos tenha se convertido à fé cristã pelo ministério de Pedro (1Pe 5.13), que costumava frequentar a casa de sua mãe (At 12.12). Acompanhou Paulo e Barnabé desde Jerusalém até Antioquia (At 12.25) e, então, partiu com eles para uma viagem missionária, deixando-os, porém, antes de a completarem (At 13.5,13). Passados seis anos desse acontecimento, Paulo não quis levá-lo com ele em outra viagem, e, assim, Marcos acompanhou Barnabé a Chipre (At 15.38,39). Todavia, quando Paulo estava preso em Roma, Marcos é mencionado como seu auxiliador, e de uma maneira que bem mostra que ele havia reconquistado a estima do apóstolo (Cl 4.10; 2Tm 4.11; Fm 24). Os primeiros autores cristãos afirmam que ele trabalhou com Pedro durante um tempo considerável de seu ministério, desfrutando sua íntima amizade, bem como auxiliando-o como seu intérprete ou secretário. Diz a tradição que, mais tarde, foi missionário no Egito, tendo sido martirizado nesse país.
Algumas importantes suposições acham-se associadas a esse evangelista. Já alguns críticos têm sugerido que a casa citada em At 12.12 é a mesma onde se celebrou a última ceia (Mc 14.14), quando o pai de Marcos ainda vivia; que o jardim de Getsêmani lhe pertencia; e que o próprio Marcos era o homem do cântaro a que se refere Mc 14.13, sendo também o jovem do caso relatado unicamente no seu Evangelho (Mc 14.51,52). V. Jo 2.

Mardoqueu. V. MORDECAI.

Maressa. *Cidade principal.* 1. É hoje Merash, na orla da planície da Filístia. Era uma cidade nas terras baixas de Judá, dominando uma das passagens para os montes. Foi fortificada pelo rei Roboão (Js 15.44; 2Cr 11.8). Lugar aonde chegou o invasor Zerá, o etíope (2Cr 14.9,10). Terra natal de Eliézer, o profeta (2Cr 20.37). Foi o assunto de uma declaração profética na qual se faz um jogo de palavras com o nome (Mq 1.15).
2. "Pai de Hebrom" (Abi-Hebrom), o que talvez signifique que Hebrom foi colonizada por habitantes de Maressa (1Cr 2.42).
3. "Filho" de Lada, que talvez tenha sido o fundador de Maressa (1Cr 4.21).
4. Filho mais velho de Calebe (1Cr 2.42). marfim. Material proveniente da África e Índia. O negócio do marfim era sustentado em tempos muito antigos pela Assíria, por Tiro e pelo Egito. Salomão mandou fazer um grande trono de marfim recoberto de ouro, material este que era trazido de Társis em navios (1Rs 10.18,22; no v. 18, a palavra empregada significa simplesmente "dente", e assim geralmente; no v. 22, "dente de elefante"). A "casa de marfim" de Acabe é provavelmente uma referência ao fato de ela estar decorada com painéis de marfim. (V. Sl 45.8; Ct 5.14; 7.4; Ez 27.6,15; Am 3.15; 6.4; Ap 18.12.)

Maria. 1. Mãe de Jesus Cristo. Pouco tempo antes da data designada para seu casamento com José, apareceu-lhe o anjo Gabriel e anunciou-lhe que, por um milagre de Deus, seria ela a mãe

do Messias (Lc 1.26-56; 2.1-52; cp. com Mt 1.2). Os únicos acontecimentos do ministério do Salvador nos quais há citação de Maria são o casamento em Caná da Galileia (Jo 2.1-11) e sua tentativa, em conjunto com os irmãos de Jesus, de procurar restringir a ação do Mestre, que eles julgavam estar fora de si (Mt 3.21,31-35) e situações correlatas. Segundo o Evangelho de João, ela acompanhou seu filho ao Calvário e ali esteve junto à cruz. Vendo ali sua mãe e o discípulo a quem ele amava, Jesus disse a Maria: "Mulher, eis aí teu filho" e, voltando os olhos para o discípulo, disse: "Eis aí tua mãe". Desde aquela hora, o discípulo cuidou dela, levando-a para sua casa. Os Evangelhos sinópticos não falam dela em conjunção com a cena do Calvário, mas, por meio de Lucas, sabemos que Maria era uma das mulheres que estavam com os discípulos no cenáculo depois da ascensão (At 1.14). Nada mais é dito em relação a ela. Não há vestígio algum de mariolatria no NT.

2. *Maria Madalena.* Seu nome deriva de Magdala, cidade da Galileia de onde era natural ou onde residiu durante os primeiros anos de sua vida. Jesus expulsou dela sete demônios (Mc 16.9; Lc 8.2). Estava entre as mulheres que, seguindo Jesus desde a Galileia, foram testemunhas da crucificação (Mt 27.56; Mc 15.40; Lc 23.49; Jo 19.25) e do funeral (Mt 27.61; Mc 15.47; Lc 23.55). Deixando o Calvário, voltou a Jerusalém para comprar e preparar, junto com outros crentes, certos perfumes a fim de embalsamar o corpo de Jesus depois do fim do sábado. Ela permaneceu o dia de sábado inteiro na cidade e, no dia seguinte, de manhã bem cedo, foi ao sepulcro e achou-o vazio. Estando ali, recebeu de um anjo a notícia de que Jesus Nazareno havia ressuscitado (Mt 28.1-10; Mc 16.1-8 [10,11]; Lc 24.1-10; Jo 20.1,2; cp. com Jo 20.11-18). Em Lc 8.2, faz-se menção, pela primeira vez, de "Maria, chamada Madalena, da qual saíram sete demônios". Tal referência vem logo depois do caso da mulher pecadora que ungiu os pés de Jesus (Lc 7.36-50). Contudo, não há razão para concluir que as duas sejam a mesma pessoa, uma vez que a moderna inferência ao termo "Madalena" baseia-se em uma tradição sem valor. Também não se deve confundir "Maria de Betânia" — que, como se lê em Jo 12.3, ungiu os pés de Jesus seis dias antes da Páscoa — com a hipotética Maria do diferente caso de Lucas (cap. 7).

3. Pelo que nos dizem os três primeiros Evangelhos, sabemos que, entre as mulheres que seguiram Jesus desde a Galileia e presenciaram a crucificação no Calvário, estava "Maria mãe de Tiago (o menor [Mc]) e de José" (Mt 27.56; Mc 15.40; Lc 24.10). Na passagem correspondente no quarto Evangelho (Jo 19.25), é quase certo que essa mulher é a mesma Maria que é chamada "Maria, mulher de Clopas", ou de Cleopas, ou ainda possivelmente *filha* de Clopas. Diversas questões interessantes se levantam sobre esse assunto. (1) É Clopas o mesmo que Alfeu (v. Alfeu)? Se for assim, é possível que "Tiago, o menor" seja o apóstolo "Tiago, filho de Alfeu" (Mt 10.3; Mc 3.18; Lc 6.15; At 1.13).

4. *Maria, a irmã de Marta.* A única referência sinóptica acha-se em Lc 10.38-42. Pelo que se lê nessa passagem, parece que Marta era a dona da casa em certo povoado. Maria, a irmã de Marta, tendo aparentemente deixado de participar na preparação para receber os convidados, "quedava-se assentada aos pés do Senhor a ouvir-lhe os ensinamentos", deixando que Marta ficasse sobrecarregada de tanto trabalho. Marta queixa-se, então, e Jesus lhe responde ternamente.

É o quarto Evangelho que nos diz que essas mulheres viviam em Betânia e que apresenta seu

parentesco com Lázaro, além de nos mostrar que os três moradores dessa casa eram estimados amigos de Jesus. Os papéis desempenhados por Marta e Maria no episódio da morte e ressurreição de Lázaro (Jo 11.1-46) estão em notável concordância com o que é afirmado sobre elas em Lc 10. João também atribui a essa Maria o ato narrado por Mt 26 e Mc 14. Ele evidentemente procura descrever o ato como um impulso de gratidão pela volta de Lázaro a sua casa (Jo 11.2; 12.1,2).
5. *A mãe de João Marcos* e tia de Barnabé (Cl 4.10), dona de uma casa em Jerusalém. Depois da prisão de Pedro, no momento em que os fiéis estavam reunidos nessa casa, orando, bateu à porta o mesmo apóstolo que tinha saído da prisão pelo ministério de um anjo (At 12.12).
6. *Uma cristã de Roma*, elogiada por Paulo pelo seu grande trabalho na igreja (Rm 16.6).

marido. Adão foi o primeiro marido (Gn 2.22; 3.6), e a lei fundamental que diz respeito às relações entre homem e mulher é primeiramente estabelecida para Adão e Eva (Gn 2.24,25). Segundo a lei judaica, eram dez as obrigações que o marido tinha de cumprir com relação a sua mulher. O Pentateuco faz referência a três dessas obrigações (Êx 21.9,10). As outras sete compreendiam os seguintes aspectos: dote; tratamento em caso de doença; resgate do cativeiro; funeral; ser provida em casa do marido pelo tempo que ela ficasse viúva e enquanto não lhe fosse paga a sua doação; sustento das filhas dela até que se casassem e uma disposição para que seus filhos, além de receberem a parte da herança do pai, pudessem também compartilhar o que para ela estava reservado. Ao marido, pertenciam todos os ganhos da sua mulher e também aqueles bens que ela herdasse depois do seu casamento. Todavia, uma vez que o marido podia aproveitar-se dos frutos resultantes da administração do dote de sua mulher, ele também era o responsável por qualquer perda. O marido era seu herdeiro universal. Os deveres do marido são frequentemente expostos nas Epístolas, como em 1Co 7.3; Ef 5.25; Cl 3.19; 1Pe 3.7. V. CASAMENTO.

Marote. *Amargura.* Cidade nas terras baixas de Judá (Mq 1.12, onde se percebe um jogo de palavras).

Marta. *Senhora.* Irmã de Lázaro e Maria. Era a dona da casa onde Jesus se hospedava na vila de Betânia. Marta é sempre mencionada antes de Maria, provavelmente por ser a irmã mais velha (Lc 10; Jo 11). Tinha um gênio inquieto e agitado e, por isso, foi censurada por Jesus.

martelo. 1.É possível que Pv 25.18 e Jr 51.20 façam referência ao cajado que usam os pastores que, quando guarnecido de pregos, transforma-se em uma arma ameaçadora.
2. Instrumento feito de metal duro, usado para bater ou despedaçar coisas. Esse nome é encontrado em Jz 4.21; 1Rs 6.7; Is 44.12; Jr 10.4. No antigo cântico de Débora (Jz 5.26), porém, é usada outra palavra, significando um batedor ou um martelo de madeira (maço). O martelo usado por Jael (Jz 4.21) era um malho empregado para prender ao chão as estacas da tenda. Os ourives do ouro e da prata, bem como os trabalhadores de minas e os pedreiros, tinham os seus martelos especiais (Is 41.7; Jr 23.29). Usa-se metaforicamente o nome "martelo" para exprimir uma força esmagadora ou arrasadora (Jr 23.29; 50.23).

mastro. Is 30.17: "Como o mastro no cimo do monte". A palavra é empregada aqui em dois sentidos: como sinal de desolação e como sinal para orientação. Os judeus seriam como um mastro sobre o monte quando, pelos juízos de Deus, fosse reduzido o seu número, sendo eles afligidos como alerta para outros povos.

Matanias. *Dom do Senhor.* 1. Tio de Joaquim. Foi posto no trono de Judá por Nabucodonosor em lugar do sobrinho, sendo então mudado o seu nome para Zedequias (2Rs 24.17; cp. 2Cr 36.10-13).

2. Descendente de Asafe que tomou parte nas cerimônias musicais na festa da dedicação dos muros de Jerusalém (1Cr 9.15; Ne 11.17; 12.25,35).

3. Filho de Hemã, o cantor (1Cr 25.4,16).

4. Descendente de Asafe. Ajudou a purificar o templo nos dias do rei Ezequias (2Cr 29.13).

5. Nome de quatro homens que, por ordem de Esdras, despediram suas mulheres estrangeiras (Ed 10.26,27,30,37).

6. Levita cujo descendente (Hanã) foi um dos tesoureiros nomeados por Neemias (Ne 13.13).

Mateus. O apóstolo que, pela comparação de Mt 9.9 com Mc 2.14 e Lc 5.27,28, é identificado como Levi, filho de Alfeu. Além disso, o nome "Mateus" aparece em todas as quatro listas dos apóstolos (Mt 10.2-4; Mc 3.16-19; Lc 6.13-16; At 1.13) e "Levi" não aparece em nenhuma. Mateus era publicano, ou coletor de impostos da alfândega nos domínios de Herodes Antipas, em Cafarnaum, porto do mar da Galileia. Foi nessa cidade que Jesus habitou depois de ter saído de Nazaré. É provável que Mateus tenha ouvido os discursos e observado os milagres do divino Mestre nesse mesmo povoado. Isso o teria preparado para obedecer ao chamado de Jesus. Com efeito, estando sentado na sua tenda à beira da estrada, deixou tudo para o seguir (Mt 9.9). Posteriormente, demonstrou sua afeição ao Mestre e seu interesse pela felicidade espiritual dos seus antigos companheiros convidando um grande número de publicanos para uma festa, na qual houve oportunidade de ouvir o divino Pregador. Foi escolhido por Jesus Cristo para ser um dos 12 apóstolos (Mt 10.3) e estava com os outros discípulos no cenáculo depois da ascensão (At 1.13). A humildade de Mateus pode ser reconhecida no Evangelho que tem o seu nome. Ao enumerar os apóstolos, ele se autodenomina "Mateus, o publicano" (10.3), não omitindo seu primeiro emprego. É pelo que diz Lucas, e não pelo que Mateus escreve, que sabemos que ele deixou tudo para seguir Jesus e "lhe ofereceu [...] um grande banquete em sua casa" (cp. Mt 9.9,10 com Lc 5.27-29). Eusébio (*Hist. eccles.*, III, 24) diz que, depois de pregar aos seus próprios conterrâneos, Mateus foi para outras nações. Sócrates (*Hist. eccles.*, I, 19) diz que a Etiópia foi o centro dos seus trabalhos. A maior parte dos escritores antigos afirma que ele teve a morte de um mártir.

Mateus, O Evangelho segundo. Existe um consenso na Igreja cristã de que foi Mateus quem escreveu o Evangelho que recebe seu nome. V. MATEUS. A data de sua composição é aproximada. Embora tenha sido escrito depois do Evangelho de Marcos, pode-se inferir da comparação de Mt 24.15 com Lc 21.20 que a crise ainda não tinha chegado. Note-se o caráter indeterminado e o aviso solene "quem lê entenda". Além disso, passagens como Mt 4.5; 5.35; 22.7; 23.2-34; 24.2,15 e 27.53, com suas alusões à Cidade Santa, ao lugar Santo e Cidade do Grande Rei, parecem implicar que o Evangelho foi escrito no fim da guerra com os judeus (70 d.C.).

Os *assuntos* do livro não seguem a mesma ordem apresentada no Evangelho de Marcos. Em resumo, os temas são: 1.1—2.23, nascimento e infância de Jesus; 3.1—4.11, preparação para o ministério; 4.12—18.35, ministério na Galileia; 19.1—20.34, Pereia e a viagem a Jerusalém; 21.1—25.46, ensino em Jerusalém; 26.1—28.20, paixão e ressurreição.

As principais seções, particulares desse Evangelho, são as seguintes:
1. A *genealogia* real, a história dos primeiros dias da infância de Jesus em Belém e a fuga para o Egito (cap. 1e 2).
2. *Discursos.* Tópicos do Sermão do Monte (cap. 5—7) e palavras contra os fariseus (cap. 23); considerações a respeito da sua igreja (16.17-19; 18.15-20).
3. *Parábolas.* O trigo e o joio (13.24-30 e 36-43); o tesouro oculto, a pérola de grande valor e a rede lançada ao mar (cap. 13); o credor incompassivo (cap. 18); os trabalhadores na vinha (cap. 20); os dois filhos (cap. 21); a veste nupcial (cap. 22); as dez virgens, os talentos e a descrição do juízo final (cap. 25).
4. *Milagres.* A cura de dois cegos e de um mudo endemoninhado (cap. 9); Pedro caminhando sobre as águas do mar (cap. 14); a moeda na boca do peixe (cap. 17); o tremor de terra e a ressurreição dos santos (cap. 27).
5. Incidentes relacionados com a paixão, a crucificação e a ressurreição; a morte de Judas; o sonho da mulher de Pilatos; a guarda vigiando o sepulcro (cap. 27); o aparecimento de Jesus às mulheres, perto do sepulcro, e sobre um monte da Galileia aos discípulos (cap. 28).
Para quem foi escrito o Evangelho? Aparentemente para os leitores judeus. É possível encontrar em todo o livro sinais de que ele foi escrito por um hebreu cristão familiarizado com os textos sagrados do seu país e profundamente influenciado por seu espírito. Parece que o principal propósito ao relatar a vida de Jesus foi demonstrar que o rejeitado Mestre de Nazaré é, realmente, o prometido rei de Israel.
Ele encontra o herdeiro do trono de Davi na oficina de uma vila da Galileia e vê no filho adotivo de José o "Emanuel" de Isaías. Narra os perigos que correu o menino Jesus por causa do receio de um rival e o seu livramento do que tinha sido anunciado pelos profetas. Os ensinamentos do Evangelho são apresentados pelo Rei de Israel na condição de complemento da antiga Lei. Suas ações e milagres, bem como todas as circunstâncias dos seus sofrimentos e morte, são o cumprimento de profecias relativas ao Filho de Davi. As predições de Jesus aqui mencionadas referem-se ou à perseguição dos seus discípulos por obra dos judeus, ou à ruína do Estado judaico, ruína esta de aspecto temporal, posta pelos antigos profetas em sintonia com o estabelecimento do reino espiritual de Israel (cp. o cap. 24 com o cap. 66 de Isaías). De maneira mais completa do que em qualquer dos outros, esse Evangelho deixa mais explícita a ligação entre o AT e o NT, embora, em muitas ocasiões, as aplicações sejam extraordinariamente admiráveis e sugestivas.

Meara. *Caverna.* Lugar ao norte da Palestina que ainda não estava conquistado quando Josué morreu (Js 13.4). Tem sido identificado com um povoado de nome el-Mugh Eiriyeh, nas montanhas de Naftali, a cerca de 15 km a oeste da extremidade setentrional da Galileia.

Média. Esse país foi dividido entre gregos e romanos, recebendo a designação de Média Atropatene e Média Magna. A primeira correspondia aproximadamente à província do Azerbaijão, no atual Irã, antiga Pérsia. Embora elevado, o território é bastante fértil, com água em abundância na maior parte de suas terras, sendo portanto favorável à agricultura. Seu clima é temperado, embora rigoroso em certas ocasiões do inverno. Existe ali produção de arroz, trigo de todas as qualidades, vinho, seda, cera branca e várias espécies de frutos de grande qualidade. Tabriz, sua moderna capital, foi a residência de verão dos reis da Pérsia. Trata-se de um belo

lugar, situado em meio a uma floresta de árvores frutíferas. mediador. O que está no meio entre duas partes, com o fim de as reconciliar. A respeito da Lei, diz-se que "foi promulgada por meio de anjos, pela mão de um mediador", a saber, Moisés (Gl 3.19). Jesus é o "Mediador de superior aliança", a "nova aliança" (Hb 8.6; 9.15; 12.24), e "um só Mediador entre Deus e os homens" (1Tm 2.5; V. EXPIAÇÃO).

medicina, cirurgia. Há referência aos serviços de parteiras em Gn 35.17; 38.28; Êx 1.15-21. A respeito dos médicos, diz-se em Gn 50.2 que eles embalsamaram Israel e, em 2Cr 16.12, lê-se que foram consultados pelo rei Asa. Falando de seus amigos, Jó declara que eles são "médicos que não valem nada". O uso da medicina (ou de remédios) é mencionado em Pv 17.22; Jr 30.13; 46.11; Ez 47.12. Outras passagens, como 2Rs 20.7, Is 1.6 e Jr 8.22, aludem ao emprego de bálsamos e emplastros. Encontramos em Is 1.6 uma referência ao tratamento de feridas. Nos casos de lepra, era o sacerdote quem examinava o doente e o declarava curado (Lv 13). No NT, a profissão de médico é tida como familiar pela citação que se faz de um provérbio (Lc 4.23; cp. Mc 5.26). Paulo chama Lucas de "o médico amado" (Cl 4.14). Em função de muitas particularidades, os escritos desse evangelista sugerem certa familiaridade com a arte de curar.

médico. Os médicos são mencionados não somente nas inscrições egípcias, mas também no Código de Hamurabi, contemporâneo de Abraão. Mais tarde, a cidade de Alexandria tornou-se a sede da instrução médica no mundo. Os gregos, porém, fizeram dessa arte uma ciência. Naquele tempo, essa especialidade era tão praticada como é hoje. Heródoto diz que cada parte do corpo humano era estudada por um médico distinto em razão de sua prática. O ofício de parteira era uma ocupação à parte e, pelo menos no Egito, foi exercido por mulheres (Êx 1.15). Os médicos egípcios tinham salários provenientes dos tesouros públicos e sempre tratavam os doentes segundo as fórmulas. Quando a ciência falhava, era praticada a magia. Sob a Lei, o próprio Deus era médico, e, por isso, há alusões ao Senhor que sara pela sua misericórdia (Êx 15.26; Sl 103.3; Jr 17.14; 30.17). Qualquer um podia praticar a medicina (Êx 21.19; 2Rs 8.29), mas somente o sacerdote podia fazer a declaração a respeito da cura (2Cr 16.12; Jr 8.22). O que é notável acerca da arte da cura entre os judeus é a ausência de feitiços, encantos e fascinação, coisas tão comuns em todos os outros povos. Esse aspecto sozinho já seria suficiente para elevar o padrão da arte judaica de curar, mantendo-o acima da medicina egípcia. O livro de Eclesiástico (na Bíblia católica; não confundir com Eclesiastes) mostra familiaridade com o tratamento das doenças (10.10; 38.1-15), e a tradição judaica atribui a Salomão uma grande quantidade de curas. Em razão do grande número de judeus espalhados tanto pelo Império Romano quanto estabelecidos na própria Roma, muitos deles foram impelidos a aprender a arte de curar, de modo que, mesmo entre os pagãos, tinham eles grande reputação. O conhecimento que Lucas tinha da medicina era provavelmente originário de uma escola grega, talvez de Tarso. As escolas gregas de medicina eram bem conhecidas naquele tempo e frequentadas por estudantes de lugares distantes. V. MEDICINA.

medidas. V. PESOS E MEDIDAS.

medos. Os medos eram o povo que habitava a Média, país que ficava a noroeste da antiga Pérsia, ao sul e a sudoeste do mar Cáspio, a leste da Armênia e Assíria, a oeste e noroeste do grande deserto de sal, no Irã. V. MÉDIA. A referência feita aqui a esse povo abrange apenas sua ligação com a narrativa bíblica. A primeira menção a certas "cidades dos medos", para onde foram

levados os israelitas, dá-se na destruição da cidade de Samaria (2Rs 17.6; 18.11). Deduz-se desse fato que a Média estava sob o domínio da Assíria no tempo de Salmaneser ou de Sargão, seu sucessor. Pouco depois, Isaías profetiza sobre a parte que os medos haviam de tomar (juntamente com os persas, como aconteceu) na destruição de Babilônia (Is 13.17; 21.2). Isso é ainda mais distintamente declarado também por Jeremias (Jr 51.11,28), sendo a Média independente no tempo deste profeta (Jr 25.25). Daniel menciona a conquista de Babilônia pelos medo-persas (Dn 5.28,31) e refere-se ao reinado de "Dario, o medo", a quem Ciro pôs na Babilônia como seu vice-rei. A tomada da Babilônia pôs fim ao Império Babilônico e deu a Ciro todo o território entre o Eufrates e o Mediterrâneo, incluindo a mui cobiçada terra da Palestina. Entre os primeiros frutos dessa grande vitória, destaca- se o edito para a restauração judaica (Ed 1.1-4), por meio do qual grande número de judeus voltou à terra de seus pais para a ocuparem como uma colônia persa. Os sucessores de Ciro, no Império Medo-Persa, foram Cambises II, Smerdis, Dario e Xerxes (o Assuero a que se refere Ester). Xerxes "reinou, desde a Índia até a Etiópia, sobre 127 províncias" (Et 1.1). O alto lugar da Média sob o governo dos reis persas, estando, contudo, em posição subordinada, é notado pela frequente combinação dos dois nomes em frases de honra, com a precedência dada aos persas (Et 1.3,14,18,19). A característica particular da religião original dos medos era a crença em dois grandes e quase igualmente poderosos espíritos, o do Bem e o do Mal, chamados respectivamente Ormaz e Arimã. Esses seres espirituais existiam desde toda a eternidade, faziam guerra um ao outro, e, de maneira geral, o príncipe da Luz levava vantagem sobre o deus das Trevas. Os medos também adoravam o Sol e a Lua, assim como os elementos fogo, água, ar e terra. A religião do povo, em tempos posteriores, era o magismo. V. MAGIA.
Os medos eram uma raça valente e guerreira, excelentes cavaleiros e, naturalmente, hábeis no manejo do arco.

Meetabel. *Deus é o Benfeitor.* 1. Mulher de Hadade ou Hadar, o oitavo e último rei de Edom mencionado, que tinha Pau (ou Paí) como sua terra natal ou cidade principal, antes de a monarquia ser estabelecida entre os israelitas (Gn 36.39; 1Cr 1.50).
2. Uma pessoa cujo neto, Semaías, foi comprado por Sambalá e Tobias para intimidar Neemias (Ne 6.10).

Mefibosete. 1. Filho de Saul e Rispa (2Sm 21.8). Davi entregou Mefibosete e outros seis indivíduos aos gibeonitas, os quais os enforcaram ou crucificaram no monte em sacrifício ao Senhor, visando com isso a que a fome que afligia o país fosse afastada. Depois de estarem pendurados por cerca de cinco meses, sendo protegidos contra as aves e animais pela mãe de Mefibosete, foram enterrados seus ossos, juntamente com os de Saul e Jônatas, na cova dos antepassados de Quis em Zela.
2. Filho de Jônatas e, portanto, neto de Saul, anteriormente chamado de Meribe- Baal (V. ISBOSETE). Tinha cinco anos de idade quando seu pai foi morto. Ao ter conhecimento dos tristes acontecimentos, sua ama fugiu apressadamente com o menino no colo e, na correria, tropeçou, fazendo Mefibosete ficar aleijado dos dois pés (2Sm 4.4). Mefibosete foi levado com o resto de sua família para além do Jordão, nas montanhas de Gileade, onde achou refúgio na casa de Maquir, um poderoso xeque de Gade ou de Manassés, em Lo-Debar. Passados vários anos, pela amizade que tivera com Jônatas, Davi procurou saber onde estava Mefibosete e

mandou que ele e seu filho Mica fossem levados para Jerusalém. Mefibosete foi tratado pelo rei com todas as demonstrações de ternura e bondade e, desde então, residia na capital. Cerca de dezessete anos depois, Davi teve de fugir de Jerusalém por causa da rebelião de Absalão. Há duas versões a respeito do procedimento de Mefibosete nessa situação: uma é dele mesmo (2Sm 19.24-30), e outra é de Ziba, seu escravo (2Sm 16.1-4). Davi acreditou nesta segunda notícia, que apresenta Mefibosete como réu de ingratidão e traição, e ordenou que metade dos bens que tinham sido destinados a Mefibosete fosse dada a Ziba.

Megido. Antiga cidade de Canaã pertencente ao território de Issacar. Foi cedida, porém, a Manassés, mas este não expulsou os cananeus (Js 12.21; 17.11- 13; Jz 1.27,28; 1Cr 7.29). Foi palco da derrota de Sísera pela ação de Baraque (Jz 5.19) e ali Josias foi morto pelo faraó Neco (2Rs 23.29,30; 2Cr 35.22). Por essa razão, esse nome sugere terríveis conflitos e perturbações (Zc 12.11; Ap 16.16). Situava-se em um dos comissariados de Salomão (1Rs 4.12; 9.15) e para lá fugiu Acazias, onde morreu (2Rs 9.27). Megido é o moderno povoado de al-Lejjun, à distância de 24 km de Nazaré, na estrada de caravanas que vão do Egito para Damasco. Várias escavações arqueológicas no decorrer do século XX revelaram que o local foi habitado em diversas ocasiões.

mel. O clima quente, a profusão de flores, as fendas nas rochas calcáreas do país (Sl 81.16), tudo isso faz que Israel tenha abelhas em abundância e seja uma "terra que mana leite e mel" (Êx 3.8). O mel silvestre é abundante hoje e, sem dúvida, o era também nos tempos de Sansão (Jz 14.8,9), Jônatas (1Sm 14.25-27) e João Batista (Mt 3.4). Em tempos posteriores, também se deu o nome de mel a um xarope espesso feito de uvas ou tâmaras. É possível que seja a esse mel artificial que se refira a passagem de 2Cr 31.5 e outras. O mel não podia ser usado em nenhuma oferta de manjares (Lv 2.11).

melão. "Lembramo-nos", diziam os israelitas no deserto, "dos melões que comíamos no Egito" (cf. Nm 11.5). O termo provavelmente compreendia o melão que conhecemos (*Cucumis melo*) e também a melancia (*Cucurbita citrullus*). Este último fruto cresce muito no Egito durante as cheias do Nilo, atingindo tamanho considerável a ponto de fornecer vários litros de suco. Um óleo medicinal é extraído das suas sementes, e, assim sendo, o melão fornece alimento, bebida e remédio às classes mais pobres. O melão cresce exuberantemente em alguns terrenos planos da costa de Israel.

Melquisedeque. Rei de Salém e sacerdote do Deus Altíssimo que encontrou Abraão quando este voltava da carnificina de Quedorlaomer. Melquisedeque trouxe pão e vinho, abençoou o patriarca e recebeu dele os dízimos (Gn 14.17-20). Em um dos salmos messiânicos (Sl 110.4), Jesus é descrito como sacerdote para sempre "segundo a ordem de Melquisedeque". Esse ponto é tratado de modo amplo em Hb 5.6,7, em que a relação entre Melquisedeque e Cristo, como tipo e antítipo, dá-se nas seguintes particularidades: a) ambos são sacerdotes, mas não segundo a ordem levítica; b) os dois têm superioridade sobre Abraão; c) não se conhece o seu princípio e o seu fim; 4) não são apenas sacerdotes, mas também reis de paz e justiça.

Menaém. *Confortador*. Filho de Gadi que assassinou o usurpador Salum e se apoderou do trono vago de Israel (2Rs 15.14- 22). A tomada da cidade de Tirza pelo rei idólatra Menaém foi marcada por atos de terrível crueldade. O mais notável acontecimento do seu reinado foi o

primeiro aparecimento de uma força hostil de assírios na fronteira nordeste de Israel. Nessa ocasião, contudo, os israelitas foram libertados.

mendigo. (V. 1Sm 2.8; Lc 16.20-22.) V. ESMOLA.

mene, mene, tequel, parsim. Essas são as palavras aramaicas que dedos misteriosos escreveram na parede durante o banquete de Belsazar e que, depois de aterrorizar o rei e desconcertar os sábios, foram interpretadas por Daniel (Dn 5). Sendo a língua aramaica de fácil compreensão na Babilônia, podemos supor que a perplexidade dos sábios foi devida, em parte, a alguma coisa desconhecida nos caracteres e, em parte, à concisão inexplicável da mensagem. No momento da interpretação, a palavra *parsim* é considerada no singular *peres*, em vez de no plural *parsim*, sugerindo-nos mais prontamente, por um terrível jogo de palavras, tratar-se dos persas, que já estavam às portas da Babilônia. O significado exato de várias palavras é muito discutido, e as limitações não permitem que esse assunto seja tratado aqui.

Mênfis. *A boa habitação.* Principal cidade do Baixo Egito antes da fundação de Alexandria. Suas ruínas são extensas, dando a entender que são restos de esplendorosas grandezas. A destruição de Mênfis foi anunciada repetidas vezes pelos profetas hebreus (Is 19.13; Jr 2.16; 46.14,19; Ez 30.13,16; Os 9.6). As profecias foram cumpridas quando o Egito foi invadido pelo rei persa Cambises. A ruína de Mênfis foi tão completa que o próprio local onde fora edificada se perdeu, sendo descoberto somente há mais de um século. A insignificante aldeia de Mit Raheeneh ocupa quase o centro da antiga capital, distando 16 km ao sul da moderna cidade do Cairo, no lado ocidental do Nilo.

menina dos olhos. Essa expressão ocorre em Dt 32.10; Sl 17.8; Pv 7.2; Lm 2.18; Zc 2.8. A palavra hebraica do primeiro termo significa literalmente "homenzinho".

mequeratita. Homem natural de um lugar chamado Mequera-Héfer; um dos 37 guerreiros de Davi (1Cr 11.86). Em 2Sm 23.34, lê-se "maacatita".

Merabe. *Aumento.* A filha mais velha do rei Saul, prometida a Davi, mas dada a Adriel, o meolatita (1Sm 14.49; 17.25; 18.17,19). Gerou cinco filhos, entregues por Davi aos gibeonitas, os quais foram crucificados ou enforcados no monte sagrado de Gibeá (2Sm 21.8).

Merari, meraritas. Merari, o terceiro filho de Levi, foi o chefe dos meraritas, os quais constituíam a terceira grande divisão dos levitas (Gn 46.11). No censo do deserto, o número dos meraritas era de 6.200, contados da idade de um mês para cima, e de 3.200 da idade de 30 até os 50 anos (1Cr 6.19,47). Pode-se ver algumas das particularidades dos seus deveres com relação ao tabernáculo em Nm 3.20,33-37; 4.29-33,42-45; 7.8; 10.17. Josué cedeu-lhes 12 cidades, uma das quais era Ramote, em Gileade, cidade de refúgio (Js 21.7,34-40).

Mercúrio. O povo de Listra chamava Barnabé de Júpiter, e Paulo, de Mercúrio (At 14.12). Sem dúvida, esse incidente pode ser explicado pela crença de que Júpiter e Mercúrio visitaram em forma humana essa província, segundo a tradição (v. Ovid. *Metamorph*, VIII, 620-724).

meretriz. V. PROSTITUTA.

Meribá. *Contenda*. Um nome dado às águas que brotaram da rocha em Cades (v. esta palavra), porque os filhos de Israel lutaram com o Senhor e Moisés (Nm 20.1-13,24). Também há referências às "águas de Meribá" em Nm 27.14; Dt 32.51; 33.8; Sl 81.7; 95.8; Ez 47.19; 48.28. Um caso muito semelhante aconteceu anteriormente em Refidim, perto de Horebe, chamando-se esse lugar "Massá" (tentação) e também "Meribá", segundo se lê em

Êx17.7. Caso se considere as duas ocorrências como eventos distintos (v. Dt 33.8; Sl 95.8), parece melhor aceitar a aplicação do nome "Meribá", no primeiro incidente, como uma interpolação.

Merodaque-Baladã. Rei da Babilônia nos dias do rei Ezequias (2Rs 20.12; Is 39.1). Resistiu ao crescente poder dos monarcas da Assíria e lutou pela independência de sua nação. O principal objetivo da visita dos seus embaixadores ao rei Ezequias foi, sem dúvida, formar uma coalizão de países que englobava Babilônia, Judeia e Egito para lutar contra a Assíria. Todavia, Sargão expulsou-o do trono. Merodaque-Baladã ficou exilado durante sete anos, após o que foi reconduzido ao seu posto. Por fim, foi derrotado por Senaqueribe, após um segundo período de domínio que durou meio ano (702 a.C.).

męs. Desde o tempo da Lei mosaica, o mês entre os judeus era lunar, sendo decidido que começava por ocasião da lua nova. Abibe, o mês das "espigas de trigo", era o primeiro do ano, em comemoração ao êxodo (Êx 12.2), e a Páscoa certamente caía nesse mês. Abibe corresponde em parte ao nosso abril. Vejam-se os nomes dos diversos meses.

Mesa. 1. Rei de Moabe nos reinados de Acabe e de seus filhos Acazias e Jorão, reis de Israel. Mesa era vassalo de Acabe, pagando-lhe um tributo de "cem mil cordeiros e a lã de cem mil carneiros" (2Rs 3.4). Quando Acabe foi morto em Ramote-Gileade, Mesa rebelou-se contra tal jugo. Mas Jorão, rei de Israel, uniu-se ao rei de Edom e a Josafá, rei de Judá, em uma expedição contra os moabitas, que foram completamente derrotados. Diante de situação tão extrema, Mesa ofereceu seu filho primogênito, que havia de suceder-lhe no reino, em holocausto a Quemos, o impiedoso deus do fogo, adorado em Moabe (v. 1Rs 11.7,33), o que fez que os três exércitos saíssem dali horrorizados, retornando para suas terras. Em 1868, foi descoberto nas ruínas de Dibom um grande fragmento que pertencia a um monumento de pedra levantado por Mesa (c. 850 a.C.). Na sua inscrição, estão registradas as vitórias de Mesa sobre Israel. Essa pedra, restaurada com a adição de outros fragmentos, está hoje no Museu Britânico. É conhecida pelo nome de Pedra Moabita.
2. Um benjamita (1Cr 8.9, TB).

Meseque. Meseque e Tubal, filhos de Jafé (Gn 10.2), são nomes que, quase sempre, aparecem juntos no AT. Seus descendentes aparecem nas inscrições da Assíria com a denominação de Muska e Tubla. Eram conhecidos pelos geógrafos clássicos pelos nomes de Mosqui e Tibareni. Todavia, nos tempos clássicos, sua localização ficava muito mais para o norte do que tinha sido na idade dos monumentos da Assíria. Nos reinados de Sargão e Senaqueribe, seus territórios estendiam-se para o sul até a Sicília e para o norte até o meio de Comagene. Mais tarde, foram obrigados a retirar-se na direção norte, até o mar Negro. Foi nessa região da Ásia Menor que Xenofonte e suas tropas gregas encontraram o remanescente da raça. Os modernos habitantes da República da Geórgia pertencem à raça de Meseque e Tubal (1Cr 1.5,17; Sl 120.5; Ez 27.13; 32.26; 38.2,3; 39.1).

Mesopotâmia. *Entre rios.* A região entre o Eufrates e o Tigre; mas, de modo geral, é a porção ocidental desse território, entre a grande curva do Eufrates e o Tigre superior. Foi o país de Naor e Abraão antes de emigrarem para a terra prometida (Gn 11.31; 24.10; At 7.2). Foi também o lugar de habitação de Balaão, do rei Cusã-Risataim, dos aliados dos amonitas e de

certo número de indivíduos que estavam em Jerusalém no dia de Pentecoste (Dt 23.4; Jz 3.8,10; 1Cr 19.6; At 2.9).

Messias. *Ungido.* Essa palavra aparece tanto no AT quanto no NT. Em algumas passagens, a palavra é traduzida por "Príncipe" (Dn 9.25) e, em outras, com sua significação própria: "Ungido" (Dn 9.26) e "Cristo" (Jo 1.41; 4.25). A palavra "ungido" é aplicada aos sacerdotes (Lv 4.3,5; 6.22), aos reis (1Sm 2.10; 12.3) e até mesmo a um pagão, como no caso de Ciro (Is 45.1). De modo geral, considera-se a passagem de Gn 3.15 como uma promessa da vinda do Messias. Os escritores judaicos, contudo, não interpretam diretamente essas palavras de Gênesis como fazendo referência ao Messias, embora alguns sustentem que a vitória seria "nos dias do Messias". O Messias foi anunciado a Abraão de maneira mais ou menos clara, como a prometida *Semente*; a Moisés, como um *Profeta*; a todos desse tempo, como um *Sacerdote*; a Davi, manifesta-se também como *Rei*. Não se pode saber até que ponto Davi conhecia o profundo significado das profecias que lhe foram reveladas por Natã e outros ou que foram por ele mesmo proferidas. As palavras de Pedro podem ser aplicadas tanto a ele como a outros videntes inspirados (1Pe 1.10-12). Mas o próprio apóstolo Pedro também nos ensina, em outro lugar, que Davi sabia que "Deus lhe havia jurado que um dos seus descendentes se assentaria no seu trono" (v. At 2.30).

De fato, os salmos transbordam de referências ao Messias e ao seu reino. Eles contêm maravilhosas predições da vida de Cristo relativas a seus sofrimentos e à sua glória. O salmo 22 fala a respeito dos seus sofrimentos; os salmos 2, 45, 72 e 110 falam de sua glória. O v. 11 do salmo 132 relaciona Jesus a Davi; Sl 118.22 prediz que ele seria rejeitado pelos judeus; Sl 68.18 proclama sua ascensão e o dom do Espírito Santo. O salmo 117 é uma chamada aos gentios. O caráter messiânico não se restringe a esses salmos explicitamente proféticos. Por todos os salmos, é possível encontrar-se um *ideal* de pessoa justa, embora sofredora, que, pela dor e pelas aflições, haveria de atingir o domínio universal. Ora, é Jesus Cristo, na sua pessoa e na sua obra, que de modo completo e único realiza esse ideal. De fato, no salmo 8, a honra conferida por Deus à humanidade é assim descrita: "E sob seus pés tudo lhe puseste" (v. 6). O comentário apostólico, porém, apresenta-se da seguinte forma: "Agora, porém, ainda não vemos todas as coisas a ele sujeitas; vemos, todavia [...] Jesus [...] coroado de glória e de honra [...]" (Hb 2.8,9). No salmo 16, Davi faz esta afirmação, possuído de firme esperança: "Pois não deixarás a minha alma na morte, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção" (v. 10). "Sendo, pois, profeta", comenta o apóstolo Pedro, ele "referiu- se à ressurreição de Cristo" (At 2.30, 31). O salmo 40 também nos oferece um belo quadro de santificação, o qual teve sua realização singular e completa em Cristo, como se pode ver em Hb 10.5-10. Os indícios que se encontram nos profetas estão em harmonia com os que se veem nos salmos. O Messias deve ser Rei, e, por isso, os profetas o representam revestido com tudo o que é característico dos mais ilustres príncipes da teocracia judaica. Em mais de uma vez, dão-lhe o título de Davi, que, em muitos aspectos, era o ideal da verdadeira autoridade (Os 3.5; Jr 30.9; At 13.34). Seguindo a mesma linha, eles descrevem seu caráter como profeta ou sacerdote, multiplicando as imagens, de modo criativo, para cada caso a fim de apresentar as mais sublimes ideias sobre sua missão (Zc 6; Hb 7). Falam do seu reino do mesmo modo — reino de graça e glória — como a mais alta perfeição da economia judaica, chamando-lhe Jerusalém ou Sião (Is 60.15-20; 62.1,6,7; Gl 4.26-28; Hb 12.22. V. tb. Is

60.6,7; 66.23). Para o profeta Joel, o derramamento do Espírito é a manifestação das três formas de revelação divina que ocorrem no AT. A ideia de que todas as nações haveriam de adorar o verdadeiro Deus baseia-se na declaração de que elas se reunirão na Festa dos Tabernáculos (Zc 14.16). A glória dos dias do Messias é representada pelos tempos felizes de Davi e Salomão (Zc 3.10; cp. 1Rs 4.25). O poder da paz é representado pela união entre Judá e Israel (Os 1.11; Is 11.13). Além disso, os inimigos do reino do Messias não somente recebem os nomes que tinham os inimigos da antiga teocracia, isto é, os de nações gentílicas, mas também o de algum povo que, nesse tempo, era poderoso ou um inimigo especial dos israelitas. Em Is 25, eles recebem o nome de Moabe; em Is 63 e Am 9.12, o de Edom; e, em Ez 38, o de Magogue. Todavia, é possível pensar que existam duas linhas paralelas da profecia apontando para o Messias: uma delas apresenta o Rei ideal, e a outra, o Profeta ideal, o Servo Sofredor de Deus. Como é possível conciliar essas indicações proféticas? A resposta pode ser dada com as palavras do professor Sanday: "Voltemos à página que separa o Antigo Testamento do Novo. Olhemos para a figura que ali é delineada e acharemos nela um maravilhoso conjunto de traços, vindos das mais diferentes e distantes fontes, de Natã, de Amós, de Zacarias, de Daniel, dos salmos 2, 22, 69 e 110. Ao contrário do que poderíamos esperar, esses traços não se encontram em um ser artificial, complexo e bem elaborado, mas na doce e maravilhosa figura de Jesus de Nazaré — *Rei*, mas não de acordo com a maneira que os homens consideram a realeza; *com coroa*, mas de espinhos; *sofrendo* pela nossa redenção, mas somente para que possa reinar" (*Inspiration*, p. 404). Embora a pessoa e a obra de Jesus Cristo sejam maravilhosamente adaptáveis às duas linhas de predição, ao tempo do seu advento os pensamentos do povo judeu estavam fixados apenas no aspecto de realeza da missão do Messias. O povo entendia que o Messias haveria de estabelecer um reino terrestre, e sua esperança quanto à extensão dessa obra temporal ia além dos limites do judaísmo. Os próprios apóstolos estavam muito influenciados por essas ideias, mesmo depois da ressurreição (Mt 20.20,21; Lc 24.21; At 1.6). Contudo, aparecem clarões de uma visão mais correta em Lc 2.30; 23.42; Jo 4.25. Nosso Salvador identificou-se claramente como o Messias (Jo 4.26) e referiu-se ao cumprimento das profecias do AT nele próprio (Mt 26.54; Mc 9.12; Lc 18.31-33; 22.37; 24.27; Jo 5.39,46). Seus discípulos pregam a mesma verdade (At 2.16,25; 8.28-35; 10.43; 13.23,32-37; 26.22,23; 1Pe 1.11; e em muitas passagens das epístolas de Paulo). V. JESUS CRISTO, REINO DE DEUS, SERVO DO SENHOR.

Mesulão. *Amigo.* 1. Antepassado de Safã, escriba nos dias do rei Josias (2Rs 22.3).
2. Filho de Zorobabel (1Cr 3.19).
3. Chefe de uma família de Gade (1Cr 5.13).
4. Um benjamita (1Cr 8.17).
5. Um benjamita, cujo filho Salu foi um dos principais da tribo estabelecida em Jerusalém, depois da volta do cativeiro (1Cr 9.7; Ne 11.7).
6. Um benjamita que viveu em Jerusalém depois do cativeiro (1Cr 9.8).
7. Um aronita, da família de Zadoque, cujos descendentes habitaram em Jerusalém (1Cr 9.11; Ne 11.11).
8. Sacerdote, antepassado de uma família que habitava em Jerusalém (1Cr 9.12).
9. Um coatita, ou família de levitas coatitas, quando reinava Josias: pertencia à classe dos

superintendentes das obras para a restauração do templo (2Cr 34.12).
10. Um chefe que voltou com Esdras da Babilônia. Auxiliou o trabalho da chamada dos levitas, que eram necessários para voltarem a Jerusalém (Ed 8.16).
11. Um dos principais, no tempo de Esdras, que ajudou Jônatas e Jaseías na anulação dos casamentos que alguns do povo tinham contraído com mulheres estrangeiras (Ed 10.15).
12 .Um dos que despediram suas mulheres estrangeiras (Ed 10.29).
13. Certo homem que ajudou a reedificar duas partes do muro de Jerusalém (Ne 3.4,30; 6.18).
14. Operário que trabalhou na restauração da Porta Velha de Jerusalém (Ne 3.6).
15. Um daqueles que estavam à esquerda de Esdras, quando este lia a Lei para o povo (Ne 8.4).
16. Sacerdote, ou família de sacerdotes, que selou o pacto com Neemias (Ne 10.7).
17. Um dos que selaram o pacto com Neemias (Ne 10.20).
18. Sacerdote da família de Esdras que prestou auxílio na dedicação dos muros de Jerusalém (Ne 12.13).
19. Um sacerdote (Ne 12.16).
20. Levita e porteiro do templo depois do exílio (Ne 12.25).
21. Um dos príncipes de Judá que estavam com os que iam à direita, marchando sobre o muro de Jerusalém, quando da sua dedicação (Ne 12.33).

meunitas. Um povo contra o qual o rei Uzias promoveu guerra, sendo vitorioso (2Cr 26.7). Na língua original, essa palavra parece ser o plural de Maom (v. o verbete). Eles habitavam o território a leste da grande cordilheira de Seir, a moderna esh-Sherah, que forma o lado oriental do uádi al-Arabah, onde ainda hoje existe uma cidade com o mesmo nome. São mencionados em Ed 2.50, Ne 7.52 e também em 1Cr 4.41.

Mica. 1. Efraimita cuja vida é descrita nos capítulos 17 e 18 do livro de Juízes. Seu único pensamento é obter o favor de Deus (Jz 17.13), mas, sendo por demais ignorante quanto àquilo que prescreve a Lei, enche sua casa de ídolos e escolhe para os serviços religiosos um sacerdote não autorizado, primeiramente uma pessoa de sua família e, depois, um levita que não era da linhagem sacerdotal. A narrativa mostra claramente o ponto de grande desmoralização a que alguns dos levitas tinham chegado. Esse levita — que, depois de servir à casa idolátrica de Mica, veio a ser o primeiro sacerdote de outro sistema religioso, no qual o Senhor não tinha parte — era neto de Moisés, porque o nome "Manassés" (Jz 18.30) é uma alteração de "Moisés", feita com o propósito de defender este venerável nome do descrédito que tal descendente haveria de lançar sobre ele.
2. Chefe de uma família de Rúben (1Cr 5.5).
3. Filho de Meribe-Baal, ou Mefibosete, filho de Jônatas (2Sm 9.12; 1Cr 8.34,35; 9.40,41).
4. Levita da família de Asafe cujos descendentes habitavam em Jerusalém (1Cr 9.15; Ne 11.17,22). É chamado de Micaías em Ne 12.35.
5. Filho mais velho de Uziel, irmão de Anrão (1Cr 23.20; 24.24,25).
6. Homem de alta posição social cujo filho, Abdom, foi mandado pelo rei Josias para investigar acerca do caminho do Senhor, quando foi achado o Livro da Lei (2Cr 34.20). Em 2Rs 22.12, é chamado de Micaías.
7. Levita ou família de levitas que assinou o pacto com Neemias (Ne 10.11).

Micael, Miguel. *Quem é como Deus?* 1. Pai de um dos 12 espias (Nm 13.13).
2. Indivíduo de Gade que se estabeleceu em Basã (1Cr 5.13).
3. Um gadita (1Cr 5.14).
4. Antepassado de Asafe (1Cr 6.40).
5. Homem de posição da tribo de Issacar (1Cr 7.3).
6. Um benjamita (1Cr 8.16).
7. Indivíduo da tribo de Manassés que se juntou a Davi em Ziclague (1Cr 12.20).
8. Pai ou antepassado de Onri, chefe da tribo de Issacar, no reinado de Davi (1Cr 27.18).
9. Filho de Josafá que foi assassinado por seu irmão Jeorão (2Cr 21.2,4).
10. Pai ou antepassado de Zebadias (Ed 8.8).
11. O anjo de Deus que veio em auxílio de Daniel, chamado por este de príncipe do povo de Israel (Dn 10.13,21; 12.1). Em Ap 12.7,9, lê-se sobre a luta de Miguel contra o dragão, "a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo". O texto de Jd 9 faz referência a uma antiga lenda judaica, citada do livro apócrifo A Assunção de Moisés, no qual Miguel aparece contendendo com o diabo e disputando com ele a respeito do corpo de Moisés. O Maligno reclamava sua posse, visto que o grande libertador do povo israelita era culpado de crime de homicídio (Êx 2.12).

Micaías. *Quem é como o Senhor?* 1. Um profeta que predisse a morte de Acabe em Ramote-Gileade (1Rs 22.1-35; 2Cr 18). Era filho de Inlá e já havia nascido por volta do ano 890 a.C. O nome de Micaías não aparece antes dessa data, mas a linguagem de Acabe (1Rs 22.8) faz supor que este já tinha recebido do mesmo profeta, em tempos passados, mensagens de censura e aviso. Há quem julgue que, nessa ocasião, ele foi encarcerado por sua fidelidade e audácia (1Rs 20.35,42).
2. Pai de Acbor, importante funcionário do rei Josias (2Rs 22.12). É Mica em 2Cr 34.20.
3. Mulher de Roboão e mãe de Abias (2Cr 13.2, "Micaía"). Em outra passagem, é chamada de "Maaca, filha de Absalão" (1Rs 15.2; 2Cr 11.20).
4. Príncipe de Judá enviado por Josafá para ensinar o povo (2Cr 17.7).
5. Descendente de Asafe (Ne 12.35). Em 1Cr 9.15, aparece como "Mica".
6. Um dos sacerdotes que tocavam trombeta quando foi efetuada a dedicação dos muros de Jerusalém por Neemias (Ne 12.41).
7. Pessoa que anunciou as profecias de Jeremias a todos os príncipes que estavam reunidos na casa do rei Zedequias (Jr 36.11-13).

Mical. *Quem é como Deus?* A mais nova das duas filhas de Saul (1Sm 14.49). Depois da luta entre Davi e Golias, o esperado casamento do pastor vitorioso com Merabe, a filha mais velha de Saul, não se realizou. Como Mical amava Davi, Saul prometeu dá-la assim que o jovem guerreiro matasse cem filisteus, muito embora o rei esperasse secretamente que Davi viesse a perder a vida no seu esforço para cumprir essa condição. Mas Davi foi bem-sucedido, e Mical tornou-se sua mulher. Empregando uma manobra de grande perspicácia, Mical salvou a vida de seu marido do louco procedimento do seu pai (1Sm 19.11-17). Em consequência disso, ficou ela separada de Davi por muitos anos, casando nesse intervalo de tempo com Palti ou Paltiel (1Sm 25.44; 2Sm 3.14,15). Depois da morte de seu pai e seus irmãos, fugiu ela com o restante dos membros da família de Saul para o leste do Jordão. Depois de ter-se estabelecido com toda

a segurança em Hebrom, Davi mandou chamá-la, pondo-a novamente no antigo lugar de sua mulher. Catorze anos haviam se passado, mas o amor de Davi por Mical não tinha arrefecido. Um dia, porém, ela ficou aborrecida ao observar a conduta de Davi no momento em que a arca era levada de Quiriate-Jearim para Hebrom. Por causa disso, houve um rompimento final entre ela e o rei (2Sm 6.14-23).

Midiã. Filho de Abraão e Quetura (Gn 25.2; 1Cr 1.32), pai dos midianitas ou árabes, que habitavam principalmente o norte da Arábia. Na direção do sul, eles se estendiam pelo litoral leste do golfo de Ácaba e, para o norte, povoavam a fronteira oriental da Palestina. Não há dúvida de que os descendentes de Agar e Quetura casaram-se uns com os outros, o que serve para explicar o fato de os negociantes a quem José fora vendido serem chamados de midianitas em um lugar e, em outro, receberem o nome de ismaelitas (Gn 37.25,28). Depois de matar um egípcio, Moisés fugiu para a terra de Midiã e lá casou-se com a filha de um sacerdote midianita (Êx 2.15-21). A cidade desse país estava situada no litoral árabe do golfo Pérsico. Os midianitas caíram na idolatria e imoralidade, exercendo uma péssima influência sobre os filhos de Israel, como se pode ver na narrativa de Nm 25.6-18. Um israelita trouxe publicamente para o campo uma mulher midianita, e ambos foram mortos. No período em que as tribos cananeias eram um povo inimigo, os midianitas puderam conviver com os israelitas por se dizerem consanguíneos destes, o que fez que os israelitas fossem mais prontamente afastados da sua obediência ao Senhor. Em consequência disso, por ordem expressa de Moisés foi declarada guerra contra Midiã (Nm 31). Muitos anos depois, eles se restabeleceram desse golpe e tornaram-se cruéis opressores do povo de Israel, devastando suas plantações até Gaza, na costa do Mediterrâneo. Essa opressão e o livramento de Israel por obra de Gideão estão descritos nos cap. 6, 7 e 8 do livro de Juízes. O despojo tomado por Moisés e Gideão mostra que os midianitas eram um povo nômade poderoso que vivia da pilhagem e que amava a ostentação.

midianitas. V. MIDIÃ.

Miguel. V. MICAEL.

milagre. Palavra derivada do latim (*miraculum*) que, em sentido amplo, aplica-se a qualquer acontecimento maravilhoso. Na Bíblia, porém, é usada em sentido restrito, significando "um ato de Deus que, de maneira visível, é diferenciado do modo de agir comum ao seu poder, visando a autenticar uma mensagem divina, embora possa servir também para outros fins".

Milagres de Jesus Cristo nos Quatro Evangelhos

Milagres	Mateus	Marcos	Lucas	João
Milagres citados nos quatro *Evangelhos*:				
A multiplicação dos pães	14.15-21	6.35-44	9.12-17	6.5-14
Em três Evangelhos:				
A tempestade é aquietada	8.23-27	4.35-41	8.22-25	
O demônio nos porcos	8.28-34	5.1-20	8.26-39	
A ressurreição da filha de Jairo	9.18,19 e 23-26	5.22-24 e 35-43	8.41,42 e 49-56	
Cura de uma mulher com hemorragia	9.20-22	5.25-34	8.43-48	
Cura do paralítico de Cafarnaum	9.1-8	2.1-12	5.17-26	

Cura do leproso	8.1-4	1.40-45	5.12-15	
Cura da sogra de Pedro	8.14,15	1.29-31	4.38,39	
Cura da mão ressequida	12.9-13	3.1-5	6.6-11	
Cura de um lunático	17.14-21	9.14-29	9.37-42	
Jesus andando sobre o mar	14.22-33	6.45-52		6.19-21
Cura do cego Bartimeu, perto de Jericó	20.29-34	10.46-52	18.35-43	
Em dois *Evangelhos:*				
Cura da menina siro-fenícia	15.21-28	7.24-30		
Alimentação de 4 mil	15.32-39	8.1-9		
A figueira que secou	21.17-22	11.12-14, 20-24		
Cura do servo do centurião	8.5-13		7.1-10	
Cura de um endemoninhado na sinagoga		1.23-26	4.33-36	
Cura de um endemoninhado cego e mudo	12.22		11.14	
Em um só *Evangelho:*				
Cura de dois cegos	9.27-31			
Cura de um mudo endemoninhado	9.32,33			
O estáter na boca do peixe	17.24-27			
Cura de um surdo e gago		7.31-37		
Cura de um cego em Betsaida		8.22-26		
A pesca maravilhosa			5.1-11	
Ressurreição do filho da viúva de Naim		7.11-16		
Cura da mulher com uma enfermidade			13.10-17	
Cura de um homem hidrópico			14.1-6	
Cura de dez leprosos			17.11-19	
Cura da orelha de Malco			22.49-51	
Conversão da água em vinho				2.1-11
Cura do filho de um oficial do rei em Caná				4.46-54
Cura do paralítico de Betesda				5.1-16
São abertos os olhos de um cego de nascença				9.1-7
Ressurreição de Lázaro				11.1-46
A segunda pesca maravilhosa				21.1-14

Diversas palavras em hebraico (*mopet, péle, oth*) do AT são traduzidas por milagre, maravilha e sinal. No NT, usa-se a palavra dunamis (poder) para significar milagre (Mc 9.39) e *semeion* (sinal) também com o mesmo significado (Lc 23.8). Essa a palavra característica que se emprega no quarto Evangelho. Os milagres de Jesus são também descritos por *erga* (obras; Jo 5.20; 7.3; 10.25; 15.24 etc.) e *terata* (prodígios; Jo 4.48; At 2.22).

A função do milagre como autenticação de uma mensagem divina é bastante clara. Não devemos considerar isoladamente os milagres relatados no AT, mas como parte integrante da história que culminou na encarnação de Jesus Cristo. Eles estão profundamente relacionados à obra de Moisés

e Arão, assim como com a dos profetas Elias, Eliseu e Daniel. O propósito desses milagres é evidenciado, por exemplo, em Êx 3.20; 7.5,17; 1Rs 18.37 e 2Rs 5.8. Sua importância foi compreendida e reconhecida (cf. Êx10.16,17; 1Rs 18.39; Dn 3.28,29; 6.26,27). De igual modo, os milagres de Jesus Cristo "devem ser compreendidos segundo sua obra messiânica e acomodados aos interesses do reino de Deus. Nenhum milagre, seja qual for o seu caráter, pode ser considerado como mera manifestação de poder, mas todos, naturalmente, ocorreram segundo as circunstâncias e para um fim benéfico relacionado à obra de Cristo, o Arauto, o Fundador do reino dos céus". Os milagres são entendidos desse modo pelo próprio Salvador (Mc 2.10; Jo 5.36). Os outros milagres do NT devem ser considerados à luz do que foi ordenado por Jesus aos apóstolos (Mt 10.8) e ao grupo dos primeiros cristãos (Mc 16.17). Também se fala dos milagres em termos que indicam o seu objeto (At 3.16; 5.12-14; 8.6,7). Os milagres de Jesus Cristo estão dispostos no quadro anterior, organizado para facilitar sua localização nos diversos Evangelhos.

Milcom. O deus dos amonitas (1Rs 11.5,33; cp. o v. 7; 2Rs 23.13). Há passagens nas quais o nome dessa divindade é Moloque. V. MOLOQUE.

milhano. É uma das aves imundas mencionadas em Lv 11.14 e Dt 14.13. Trata-se de uma ave típica do Velho Mundo, conhecida por nomes como milhafre, tagarote e bútio, da qual há duas variedades na terra santa. Uma delas é uma ave grande e delicada, da mesma família do falcão, mas de voo não tão rápido. Tal como o esmerilhão, não caça sua presa quando está voando, mas vigia-a de certa posição vantajosa e, na ocasião própria, salta sobre ela. É bem provável que a "ave de rapina" mencionada em Jó 28.7 seja o milhano.

Milo. *Torrado.* 1. Certa parte das fortificações de Jerusalém, mencionada pela primeira vez quando Davi tomou a "fortaleza de Sião". Talvez sejam as defesas que se estendiam para o oeste, envolvendo a porção mais baixa que enchia o vale Tiropeano, e que ligava os dois montes sobre os quais estava edificada a cidade (2Sm 5.9; 1Cr 11.8). Obras posteriores foram realizadas por Salomão e Ezequias (1Rs 9.15, 24; 11.27; 2Cr 32.5).
2. Bete-Milo (a Casa de Milo): a) nome de um lugar ou de uma família ligada a Siquém (Jz 9.6,20); b) local de Jerusalém onde Joás foi morto (2Rs 12.20). Provavelmente está associada a Milo (1).

minas. O conhecido texto de Jó 28.1-11 mostra que os processos de derreter e refinar metais eram familiares aos povos da Bíblia desde tempos muito primitivos. Afirmam diversos autores que, em épocas tão remotas quanto 4000 a.C., uma colônia, formada em sua maior parte por egípcios condenados a trabalhos forçados, já trabalhava em minas de cobre na península do Sinai. O ouro e a prata eram depurados por um processo chamado copela, que consistia em fazer uma mistura de qualquer desses metais com chumbo, submetendo-a a uma fusão em vaso de barro ou de pó de ossos, sobre o qual se soprava por meio de um fole. Uma referência a esse processo é feita em Ml 3.3: "Assentar-se-á como derretedor e purificador de prata; purificará os filhos de Levi e os refinará como ouro e como prata". Os montes de Israel são ricos em ferro, e as minas desse local ainda são exploradas.

ministro. Indivíduo que oficia ou serve outra pessoa, como Josué em relação a Moisés (Êx 24.13; Js 1.1). Os ministros de Salomão eram os servos (1Rs 10.5) que prestavam serviço na corte. O "assistente" da sinagoga de Nazaré a quem Jesus passou o livro de Isaías depois de ter lido certa passagem (Lc 4.20) era um ministro que tinha por obrigação abrir e fechar o edifício, distribuir

os livros para o culto e, depois, colocá-los no seu lugar, além de geralmente ajudar o oficiante principal. O termo também é aplicado magistrados (Rm 13.6), pastores e mestres (1Co 3.5) e ao Filho do homem, que veio a este mundo não para ser servido, mas para servir (ser ministro; Mt 20.28).

Minite. Um lugar a leste do Jordão; local até onde se estendeu a carnificina dos amonitas, realizada por Jefté (Jz 11.33). O "trigo de Minite", que Israel negociava com Tiro (Ez 27.17), talvez faça referência ao mesmo lugar, mas a passagem oferece dificuldades. É possível que as ruínas de Minyeh, a 21km a sudoeste de Hesbom, sejam o equivalente moderno desse local.

Miqueias. O profeta Miqueias parece ter sido natural de Moresete-Gate (Mq 1.14), um povoado da Filístia, distante cerca de 32 km de Jerusalém. Parece que Miqueias exerceu o ministério profético não muito depois de Amós, Oseias e Isaías terem iniciado o seu. Em suas censuras, repreensões e avisos, ele envolve tanto Israel como Judá (1.1). Há uma admirável semelhança entre as predições sobre a ruína de Samaria e a de Jerusalém (cp. 1.6 com 3.12). Alguns escritores gregos, entre eles Epifânio, dizem que Miqueias foi assassinado por Joás, filho de Acabe, confundindo-o com Micaías, filho de Inlá (1Rs 22.8-28). Os nomes são formas diferentes da mesma palavra. Crê-se que Micaías não sofreu o martírio, mas morreu em paz no reinado de Ezequias. Pelo que se lê em Jr 26.8,9, 18,19, parece que o profeta Jeremias teria sido morto pelo fato de anunciar a destruiçãodo templo, mas Miqueias havia predito a mesma coisa mais de cem anos antes.

Miqueias, O Livro de. O autor desse livro apresenta-se como "Miqueias, morastita" e diz ter falado profeticamente "nos dias de Jotão, Acaz e Ezequias, reis de Judá" (1.1). A afirmação de que ele "profetizou nos dias de Ezequias" (Jr 26.18) não limita seu trabalho apenas a esse reinado.

O *conteúdo* do livro pode ser dividido em quatro seções principais e o epílogo: a) cap. 1, os juízos de Deus sobre Israel e Judá; b) cap. 2 e 3, prova da necessidade desses juízos; c) cap. 4 e 5, a promessa; d) cap. 6, colóquio entre o Senhor e o seu povo; cap. 7, epílogo: lamentações e esperança do profeta.

Miqueias anuncia em termos claros a invasão de Salmaneser e Senaqueribe (1.6-16); a dispersão de Israel (5.7,8); a cessação da profecia (3.6,7) e a completa destruição de Jerusalém (3.12). O profeta prediz não menos claramente o livramento de Israel (2.12; 4.10; 5.8); a terra natal do rei messiânico (5.2); a proclamação de seu evangelho desde o monte Sião, seus resultados e a exaltação do reino do Messias sobre todas as nações.

O *estilo* de Miqueias tem muito da beleza poética de Isaías e do vigor de Oseias, mas é por vezes obscuro por sua concisão e transições repentinas. É abundante em exemplos de jogo de palavras e perguntas eloquentes. Sua missão especial como arauto do juízo vindouro torna predominante a severidade do tom, mas toda aspereza é suavizada pela forma tão bela utilizada pelo profeta no encerramento de seu livro.

São muito importantes as citações feitas a Miqueias no Novo Testamento. Um exemplo é a citação de 5.2, que fala sobre o nascimento do Messias em Belém, feita em Mt 2.6. Essa passagem é especialmente notável por ter sido citada pelos sacerdotes e escribas de Jerusalém como profecia relativa ao Messias, sendo aceita por todos (cp. com Jo 7.42). Há também

admiráveis reproduções da linguagem do profeta (7.6) em Mt 10.35,36, Mc 13.12 e Lc 12.53, assim como de 7.20 em Lc 1.73.

Miriã. 1. Irmã de Moisés e Arão. De longe, às margens do Nilo, Miriã vigiava o cesto em que seu irmão Moisés fora colocado. Foi ela quem indicou sua própria mãe para ser a ama do menino (Êx 2.4,7). Depois da passagem pelo mar Vermelho, ela é chamada de "profetisa" e dirige o cântico triunfal das mulheres (Êx 15.20,21). Foi ferida de lepra por duvidar da autoridade de Moisés, mas foi curada pela intercessão dos seus irmãos por ela a Deus (Nm 12.10-15). Morreu durante a peregrinação dos israelitas no deserto e foi sepultada em Cades (Nm 20.1).
2. Filho ou filha de Merede, que aparece nas genealogias da tribo de Judá e da casa de Calebe (1Cr 4.17).

mirra. A mirra é mencionada na Bíblia como um ingrediente do "óleo sagrado da unção" para o tabernáculo (Êx 30.23,25). Foi apresentada pelos magos ao menino Jesus; foi-lhe oferecida, sendo recusada, quando já estava no Calvário e fazia parte das especiarias que puseram em seu corpo (Mt 2.11; Mc 15.23; Jo 19.39). A referência à mirra em Ct 5.5,13 e Et 2.12 indica uma preparação, conhecida pelo nome de "óleo de mirra". A substância mencionada em Gn 37.25 e 43.11 como parte das mercadorias levadas pelos negociantes ismaelitas através da Palestina para o Egito, bem como dos presentes enviados por Jacó a José, é uma resina produzida pelo ládano, uma planta do gênero *Cistus*, encontrada na Palestina, em Chipre e em outras partes da região do Mediterrâneo.
Em tempos antigos, era uma mercadoria muito valorizada, usada também como perfume e com fins terapêuticos, mas foi gradualmente perdendo sua importância e deixando de ser utilizada. Só foi introduzida no Egito em tempos posteriores aos acontecimentos descritos em Gênesis. Daí se explica por que achavam conveniente oferecê-la aos governadores do Egito. Como se sabe, a mirra é a goma transudada pelos golpes aplicados na casca de certa árvore.

Mispa. *Torre de vigia.* 1. Um montão de pedras, preparado por Jacó e Labão, no monte Gileade (Gn 31.48,49) para servir como testemunho do pacto que começava então, bem como de marco de separação entre eles. O lugar tornou-se mais tarde um santuário do Senhor. Ali se reuniam os filhos de Israel em dias de calamidade a fim de escolherem um chefe que os dirigisse (Jz 10.17). O primeiro ato de Jefté foi ir a Mispa e proferir suas palavras diante do Senhor. Nesse mesmo local, houve o encontro fatal entre Jefté e sua filha, quando ele voltava da guerra (Jz 11.34).
2. Localizada perto de Hermom, era a residência dos heveus que se juntaram à liga dos povos do norte contra Israel, sendo Jabim, rei de Hazor, o chefe da aliança. Foi o lugar para onde fugiu, repelido por Josué, o derrotado exército da mesma confederação (Js 11.3,8).
3. Cidade de Judá (Js 15.38) nas terras litorâneas da Sefelá. Tem sido identificada com a moderna Tell es-Safiyeh, situada na rampa dos montes de Judá, dominando completamente a planície marítima.
4. Cidade de Benjamim (Js 18.26; Os 5.1) onde Samuel julgou o povo, reuniu as tribos e elegeu Saul como rei de Israel (1Sm 7.5-12,16; 10.17-25). Sua fortificação foi obra de Asa (1Rs 15.22; 2Cr 16.6). Foi a residência de Gedalias, governador da Caldeia, depois da tomada de Jerusalém e do episódio em que foram mortos os peregrinos que iam de Samaria (2Rs 25.23,25; Jr 40.8; 41.16). A cidade foi reocupada depois da volta do cativeiro (Ne 3.7,15,19).

5. Cidade de Moabe, onde vivia o rei dessa nação, quando Davi entregou seus pais ao seu cuidado (1Sm 22.3).

mistério. Essa palavra é encontrada 3 vezes nos Evangelhos, 4 vezes no Apocalipse, mas 20 vezes nas epístolas de Paulo. Em nenhuma das ocorrências, seu significado resume-se apenas a qualquer coisa estranha e inexplicável, mas está sempre relacionado a um segredo que é revelado ou não, conforme o caso. Nos tempos do NT, o mundo pagão estava repleto de sociedades que tinham como objetivo ensinar os "mistérios", isto é, os segredos relacionados à religião, nos quais os simpatizantes eram solenemente iniciados. É provável que esse fato tenha levado Paulo a usar muitas vezes tanto a palavra "mistério" como alguns termos correlatos. Assim, algumas versões apresentam expressões diversas em Fp 4.12, como "estou instruído" e "tenho aprendido o segredo". Em Cl 1.26, o mistério é a presença de Cristo nos cristãos. Em Ef 3.4-8, há referências aos privilégios comuns aos cristãos egressos do judaísmo e paganismo.

misto de gente. A expressão presente em Jr 25.24 e 50.37 parece ser uma referência aos soldados estrangeiros ou às tropas mercenárias que viviam entre a população autóctone. Em outras passagens, quer dizer um povo de raça misturada ou composto de muitas raças (lRs 10.15; Jr 25.24 e Ez 30.5). U
m misto de gente acompanhou os israelitas quando estes saíram do Egito (Êx12.38). A expressão compreendia todos os que não tinham sangue puramente israelita, isto é, os descendentes de casamentos mistos, além de egípcios e membros de outras raças, todos vítimas da mesma opressão que tinha afligido o povo hebreu. A mesma expressão ocorre em Ne 13.3, mas o que se lê em Nm 11.4 — "E o populacho que estava no meio deles" — deve referir-se à parte ínfima de toda a multidão, e não a uma classe estranha aos israelitas.

mitra. É a palavra encontrada em Êx28.4, 37,39; 29.6; 39.28,31; Lv 8.9; 16.4 para designar uma espécie de barrete que o sumo sacerdote usava. Era de linho e, por meio de um laço de fita azul, atada a uma chapa de ouro ligada à testa, com esta inscrição: "Santidade ao Senhor". Em Ez 21.26, a palavra está traduzida por "diadema".

Mizraim. O segundo filho de Cam (Gn 10.6,13; 1Cr 1.8,11) e o nome hebraico do país (Egito) habitado pelos seus descendentes. Supõe-se que a palavra é uma forma dual hebraica, "os dois Mazors" ou "praças fortes", havendo referência às defesas das suas regiões: o Baixo Egito, a parte do sul, em que o país se acha dividido desde os tempos pré-históricos.

Moabe. *Família de um pai.* O antigo território de Moabe parece ter sido dividido em três porções.
1. A "terra de Moabe", país do topografia acidentada, ao norte do Arnom, em frente de Jericó, chegando a Gileade pelo lado do norte. Essa terra foi tomada pelos amorreus antes de os israelitas conquistarem Canaã. Depois da conquista, foi cedida às tribos de Rúben e Gade, sendo recuperada pelos moabitas na época da queda do reino das dez tribos. Por essa razão, suas cidades são citadas pelos profetas como pertencentes a Moabe (Nm 21.13,26; Dt 1.5; 29.1; 32.49; 34.5,6; Is 15.1-5; Jr 48; Ez 25.8-11).
2. O "campo de Moabe", planície alta e acidentada, estende-se desde as montanhas que dominam o mar Morto, a oeste, até a Arábia Desértica, a leste, e desde a profunda abertura do Arnom, ao norte, até o país de Edom, ao sul. Os israelitas foram expressamente proibidos de entrar nesse "campo" e, por essa razão, passaram pelo deserto (Midbar) de Moabe, a leste (Gn 36.35; Dt 2.8,9; Jz 11.15,18; Rt 1.1,2; 1Cr 1.46).

3. As "campinas de Moabe", a região seca e tropical do Arabá, ao norte do Jordão (Nm 22.1; 26.3,63; 31.12; 33.48-50; 35.1; 36.13; Dt 34.1,8; Js 13.32). Ali se encontram os campos de várias cidades, sendo bons para agricultura. Tinha duas cidades principais: Ar de Moabe e Quir, fortaleza. Na maior parte de sua história, os moabitas foram inimigos ferrenhos dos israelitas (2Rs 1.1; 3.4,5). Os nomes das inscrições coincidem com os da Bíblia e mostram que Quemos era o deus de Moabe, e o Senhor, o Deus de Israel.

moabita. V. MOABE.

moinho. O moinho oriental é composto de duas pedras circulares com cerca de 125 cm de circunferência e 7 cm de espessura, colocadas uma sobre a outra. No centro da parte superior, está uma abertura onde o trigo é lançado pouco a pouco, passa entre as pedras e, assim, vai sendo reduzido a farinha. Na pedra de cima, são fixados dois fortes braços (ou apenas um) que a fazem girar. A superfície superior da mó que está por baixo é levemente convexa, ajustando-se a uma correspondente concavidade da mó de cima. O trabalho, pesado, é feito por mulheres todos os dias, especialmente por escravas. Como essas pedras eram por demais necessárias para preparar a alimentação diária de cada família, era proibido aos israelitas tomar "em penhor as duas mós, nem apenas a de cima, pois se penhoraria, assim, a vida" (Dt 24.6). No Oriente, é costume conceder aos soldados certa quantidade de trigo e outros gêneros, juntamente com certa quantia. Esse trigo é levado ao moinho ao romper do dia. Isso explica (o que, de outro modo, seria enigmático) a conduta de Recabe e Baaná, os assassinos de Isbosete, entrando na casa deste, como se tivessem ido buscar trigo (2Sm 4.5,6). Esses dois capitães entraram no palácio, fazendo de conta que precisavam do trigo, que devia ser distribuído pelos soldados, a fim de que estes pudessem levá-lo no dia seguinte ao moinho, à hora matutina de costume. Em Lm 5.13, lê-se: "Os jovens levaram a mó, os meninos tropeçaram debaixo das cargas de lenha", sendo essa lenha o madeiramento do moinho que os cativos eram obrigados a levar. A "grande pedra de moinho", citada em Mt 18.6, era movida por um jumento.

Moisés. *Salvo das águas* (Êx 2.10). É mais provável, porém, que o nome seja um termo egípcio que significa filho ou criança. Foi o grande legislador dos hebreus, filho de Anrão e Joquebede, da tribo de Levi. Nasceu precisamente na época em que o rei do Egito resolvera mandar matar todas as crianças recém-nascidas do sexo masculino pertencentes à família israelita (Êx 2.1-4; 6.20; At 7.20; Hb 11.23). Sua mãe o colocou em um "cesto de junco", às margens do Nilo. A filha do faraó, que o salvou, deu-lhe o nome de Moisés e criou-o como filho adotivo, o que permitiu que ele fosse educado em toda a ciência dos egípcios (Êx 2.5-10; At 7.21,22). A Bíblia só volta a fazer menção de Moisés quando ele já é adulto. Ao testemunhar o espancamento de um israelita por um egípcio, julgando que ninguém o via, matou o egípcio e enterrou o cadáver na areia. Mas alguém tinha observado o ato, e Moisés, sabedor disso, fugiu para a terra de Midiã, onde casou-se com Zípora, filha de Jetro, chefe ou sacerdote das tribos midianitas, tornando-se pastor dos rebanhos de seu sogro (Êx 2.11-21; At 7.29). Foi no retiro e na simplicidade de sua vida de pastor que Moisés recebeu de Deus a ordem de ir livrar os filhos de Israel.

Resolveu, então, voltar para o Egito, acompanhando-o sua mulher e seus dois filhos. Mas não demorou muito até que ele os mandasse para a casa de Jetro, onde permaneceram até que tornaram a unir-se em Refidim, quando ele estava à frente da multidão dos israelitas. Pouco

depois de ter-se despedido da mulher e dos filhos, encontrou Arão, o qual, em situações posteriores, foi o orador, visto que Moisés tinha dificuldades para falar (Êx4.18-31). A ofensa de Moisés em Meribá foi repetida três vezes (Nm 20.1-13; 27.14): não acreditou que, por meio de simples palavras, água pudesse sair da rocha e, então, feriu-a desnecessariamente duas vezes, revelando com isso uma impaciência indesculpável. Além disso, não atribuiu a glória do milagre inteiramente a Deus, porém a si próprio e a seu irmão: "Porventura, faremos sair água desta rocha?". Faleceu aos 120 anos de idade, depois de o Senhor ter-lhe mostrado, do cume do monte Nebo, na cordelheira de Pisga, toda a extensão da terra prometida. "[O Senhor] o sepultou em um vale, na terra de Moabe, defronte de Bete-Peor; e ninguém sabe, até hoje, o lugar da sua sepultura" (Dt 34.6). O único traço forte do seu caráter que podemos apresentar com total confiança está descrito em Nm 12.3: "Era o varão Moisés mui manso, mais do que todos os homens que havia sobre a terra". A palavra "manso" não exprime bem o verdadeiro sentido; a ideia que a palavra hebraica nos dá é, por outro lado, de ser ele "muito sofredor e desinteressado". Moisés juntou-se a seus compatriotas no momento em que eles sofriam a mais terrível escravidão (Êx2.11; 5.4); esqueceu-se de si próprio para vingar as iniquidades de que eram vítimas os hebreus (Êx 2.14); quis que seu irmão tomasse a direção dos atos libertadores em lugar dele próprio (Êx 4.13); além disso, chegou a desejar que todo o povo hebreu recebesse dons semelhantes aos dele (Nm 11.29). Quando lhe foi apresentada a ideia de que todo o povo fosse destruído e que ele se tornasse a origem de uma grande nação (Êx32.10), Moisés pediu, na sua oração a Deus, que fosse perdoado o pecado dos israelitas; "se não, risca-me, peço-te, do livro que escreveste" (Êx 32.32). A respeito da conduta de Moisés na sua qualidade de libertador e legislador dos israelitas, v. Lei; FARAÓ; PRAGAS, AS DEZ; MAR VERMELHO.

Moloque. *Rei*. Também chamado Milcom (v. esse verbete). Na verdade, o nome é "Moleque" (rei): com a mudança de uma vogal, os hebreus quiseram sugerir a palavra *boshet* ("vergonha"), por motivos de repugnância, como aconteceu com Isbosete por Meribe-Baal. Era o deus do fogo dos amonitas, assim como Quemos era o deus dos moabitas. Sacrifícios humanos e provas de fogo eram alguns dos meios usados para aplacar tal divindade. Os israelitas foram admoestados sobre esse culto com ameaças de terríveis castigos. Aquele que oferecesse o filho a Moloque deveria ser morto por apedrejamento (Lv 18.21; 20.2-5). Quando o rei Salomão estava em idade avançada, foram consagrados lugares altos a Moloque em um dos cumes do monte próximo de Jerusalém (1Rs 11.7). Fazer passar o filho ou a filha pelo fogo, em adoração a Moloque (2Rs 23.10,13, ARC), era matar a criança e depois oferecê-la em holocausto sobre um altar. O sacrifício de crianças era não somente expiatório, mas também purificatório: por ele, supunha-se que as vítimas eram assim purificadas da imundícia do corpo, alcançando então a união com as forças divinas. Constatou-se que a imagem de Moloque tinha a forma de um bezerro, com as mãos estendidas para a frente, como que querendo receber alguma coisa. Ídolos semelhantes em outros países tinham as mãos postas na direção do chão, de tal maneira que, ao ser colocada sobre elas, a criança era lançada em uma cova de fogo. Os sacerdotes de Moloque tinham mais importância do que os príncipes de Amom (Jr 49.3). V. GEENA.

monte, montanha. "A região montanhosa de Israel" (Js 11.16) e a "região montanhosa de Judá" (Js 20.7) significam a região elevada em oposição ao vale ou à planície. Semelhantemente, a

região montanhosa de Efraim é uma referência a todo aquele território montanhoso ocupado pela tribo de Efraim, onde se acham o monte Gaás, o monte Zemaraim e as cidades de Siquém, Samir e Timnate-Sera (2Cr 15.8). Do mesmo modo, quando se diz "região montanhosa dos amorreus", faz-se referência às terras elevadas que ficam a leste do mar Morto e do Jordão (Dt 1.7,19,20). A "região montanhosa de Naftali" é uma referência ao território elevado cedido à tribo de Naftali. O "monte do vale" (Js 13.19) era um distrito a leste do Jordão, dentro do território cedido a Rúben, contendo certo número de cidades.

morastita. Natural de Morasete. Termo aplicado ao profeta Miqueias (Jr 26.18; Mq 1.1).

Mordecai. Mordecai é o herói do livro de Ester, que serviu de instrumento para livrar os judeus da destruição planejada contra eles por Hamã, o primeiro-ministro de Xerxes. Era da tribo de Benjamim e estava entre os cativos residentes em Susã. A *ARC* e a *NVI* grafam "Mardoqueu". Quando se tornou conhecido o decreto para a matança de todos os judeus que viviam no império, foi pelas exortações e acertados conselhos de Mordecai que Ester tomou sobre si a obrigação de interceder por seus compatriotas junto ao rei. O decreto fora inspirado por Hamã, movido por ódio àquele judeu que não quis curvar-se diante dele. Em certo momento, Mordecai salvou a vida de Assuero, descobrindo uma conspiração de dois dos eunucos que tinha como objetivo tirar a vida do rei. Isso aconteceu pouco antes de Hamã pedir licença para enforcar Mordecai. Os acontecimentos tomaram outro rumo, sendo enforcados Hamã e seus filhos na mesma forca que tinha sido preparada para o parente de Ester. Consideráveis restos do palácio de Assuero (Xerxes), em Susã, foram descobertos em meados do século XIX. V. ESTER.

morte, crime de. O crime de homicídio era punido com a morte (Gn 9.6; Dt 19.11,12). Quando um cadáver era encontrado no campo sem que se soubesse quem o havia matado, os anciãos e juízes dos lugares vizinhos tinham de dirigir-se àquele lugar (Dt 21.1-8). Os anciãos da cidade mais próxima deveriam tomar uma novilha que nunca tivesse trabalhado, conduzi-la a um vale que nunca tivesse sido lavrado ou semeado e, ali, perfurar-lhe a nuca. Os sacerdotes do Senhor, com os anciãos e magistrados da cidade, aproximavam-se do cadáver e, tendo lavado as mãos sobre a novilha que tinha sido morta, diziam: "As nossas mãos não derramaram este sangue, e os nossos olhos o não viram derramar-se. Sê propício ao teu povo de Israel, que tu, ó Senhor, resgataste, e não ponhas a culpa do sangue inocente no meio do teu povo". A Lei mosaica proibia a compensação ou a suspensão da pena quando o delito era de homicídio voluntário, não podendo o assassino ser protegido, ainda que procurasse asilo em uma cidade de refúgio ou mesmo junto ao altar do Senhor, como se pode bem depreender do caso de Joabe (Êx 21.12,14; Lv 24.17,21; Nm 35.16, 18,21,31; Dt 19.11-13; 2Sm 3.27; 20.10; 1Rs 2.5,6,31). Se um animal, conhecido o seu hábito, causasse a morte de alguma pessoa, não apenas o animal era morto, mas o próprio dono era culpado do homicídio, caso ficasse provado que ele não tinha empregado os meios necessários para controlar o animal (Êx21.29,31). Era lícito matar um ladrão encontrado de noite roubando, mas já não podia praticar-se esse ato violento depois do nascer do sol (Êx 22.2,3).

mosca(s). As moscas eram abundantes no Egito e na Palestina. Trata-se da espécie que os modernos viajantes encontram nas vizinhanças do Nilo, chamadas de mosca da Abissínia, tão grandes quanto uma abelha. Irritam de tal modo os animais que eles são obrigados a abandonar suas pastagens ou os lugares onde estão, indo procurar outros locais onde haja areia ou lama

para que possam se esfregar. Com base nisso, podemos imaginar os terríveis efeitos da praga das moscas (Êx 8.24). O profeta Isaías (7.18,19) diz que a mosca estará nos próprios lugares para onde os animais se afastam no desejo de se verem livres da sua presença. As moscas comuns do Egito são muito incômodas. Gostam de meter-se nos cantos dos olhos ou de colocar-se nas pálpebras. Os egípcios prestavam culto a diversas espécies de moscas e insetos. Outros povos tinham divindades cuja função era defendê-los das moscas, como, por exemplo, Baal-Zebube, o deus das moscas de Ecrom, e Hércules, "o expulsor de moscas". Também se imaginava que Júpiter tinha o poder de afugentar as moscas e, em especial, de conservar seus templos livres delas.

mostarda. Jesus compara o reino dos céus ao crescimento de um grão de mostarda, o qual se tornou "maior do que as hortaliças" (Mt 13.31,32; Mc 4.31; Lc 13.19). Não há dúvida de que Jesus estava se referindo a uma planta familiar e muito conhecida na Palestina. A semente de mostarda era a menor de todas que os judeus estavam acostumados a semear nos campos. Nas ricas planícies da Filístia, é possível encontrar plantas de mostarda selvagem com altura de cerca de 3 m. Isso explica o fato de ser fácil encontrar aves procurando abrigo em tais plantas.

mudo. Aquele que, por uma enfermidade natural, não pode falar (Êx 4.11), o que não fala por falta de conhecimento ou habilidade (Pv 31.8), ou ainda aquele que emudeceu por não querer abrir a boca (Sl 39.9). Cristo deu a fala aos mudos repetidas vezes (Mt 9.32,33; 12.22; Lc 11.14).

mula. A Bíblia não faz menção de mulas até o tempo de Davi, em cujo reinado foram introduzidos os cavalos. Mais tarde, aparecem como animais nos quais montavam geralmente as pessoas importantes (1Rs 1.33; 18.5; Is 66.20). É bem provável que Salomão tenha importado suas mulas do Egito, uma vez que há uma ordem em Lv 19.19 contra a criação desses animais. Os fenícios obtinham suas mulas comprando-as de Togarma (Armênia), nas feiras de Tiro (Ez 27.14). Em algumas ocasiões, as mulas eram usadas como animais de carga (2Rs 5.17). Em virtude da sua firmeza no andar, elas são de grande valor nos lugares montanhosos e acidentados.

mulher. Entre os judeus, a igualdade social do homem e da mulher fazia contraste com os costumes que, de modo geral, prevaleceram no Oriente, especialmente em tempos mais modernos. As mulheres hebraicas ainda assim desfrutavam considerável liberdade. Não eram mantidas isoladas dentro de haréns, nem obrigadas a aparecer de face coberta; misturavam-se com os homens e os jovens nos trabalhos e nas amenidades da vida simples. As mulheres efetuavam todo o trabalho da casa (V. MULHER CASADA). Iam buscar água e preparavam o alimento (Gn 18.6; 24.15; 2Sm 13.8). Fiavam e confeccionavam roupas (Êx 35.26; 1Sm 2.19). Também se envolviam em negócios (Pv 31.14-24). Participavam da maior parte dos privilégios da religião, e algumas chegaram a ser profetisas. V. DÉBORA, HULDA, MIRIÃ. O lugar que as mulheres assumem no NT mostra o efeito igualador de um evangelho no qual "não pode haver [...] nem homem nem mulher" (Gl 3.28). Serviam a Jesus e a seus discípulos (Lc 8.1-3; 23.55); participaram dos dons do Espírito Santo, no dia de Pentecostes (At 2.1-4; cf. 1.14); foram proeminentes em algumas das igrejas paulinas (At 16.14; 17.4; cf. Fp 4.2,3). O ponto de vista de Paulo a respeito da igualdade dos sexos aparece de modo especial em 1Co 7, não sendo incongruente com isso o ato de reconhecer que a mulher deve estar sujeita a seu marido (Ef

5.21-33; Cl 3.18,19; cf. 1Pe 3.1-9). Pelo que se diz em 1Co 11.5, parece depreender- se que era permitido às mulheres praticar os seus dons de oração e profecia nas reuniões da igreja, embora o falar com a cabeça descoberta seja por ele condenado, que apelava para a ordem divina da sujeição da mulher ao homem (1Co 11.3-16). Na mesma epístola, porém, parece retirar a permissão (1Co 14.34-36). Em 1Tm 2.8-15, a proibição de ensinar na igreja é feita com maior rigor. Entre as mulheres mencionadas no cap. 16 da Epístola aos Romanos, pelo menos uma delas — Febe — parece ter tido uma posição oficial, a de diaconisa, na igreja de Cencreia. A respeito dos serviços que deviam prestar as viúvas sustentadas pela igreja, V. VIÚVA.

mulher casada, esposa. A posição da mulher casada dentro da família hebraica era instável em razão da poligamia. De maneira geral, a mulher se casava com tão pouca idade que estava longe de poder cumprir a missão de uma dona de casa. A esterilidade da sua mulher levava o marido a procurar outra companheira para gerar descendência. A esposa também podia induzir o marido a aceitar uma concubina, escolhida por ela, embora, posteriormente, os filhos dessa mulher fossem considerados como seus próprios (Gn 16.2; 30.3,9). Em consequência disso, o dar filhos ao mundo conferia dignidade à mulher. Embora o homem tivesse o poder de anular o casamento por sua vontade, a mulher não podia fazê-lo. Era, contudo, possuidora de certos direitos. Mesmo em se tratando de uma mulher inferior, seu senhor não tinha direito de vendê-la, embora pudesse desposá-la com seu filho. Tinha, também, de sustentá-la, a não ser que ela fosse reclamada pelos seus parentes, ficando, nesse caso, livre para casar com outro (Êx 21.7-11).

No caso de o casal se separar, o marido deveria entregar à mulher uma *carta de divórcio* (Dt 24.1,3). Essa regra existia para benefício da mulher, que, então, estava definitivamente liberada, podendo casar-se outra vez. A legislação deuteronômica tinha por fim preservar grande rigidez nas relações conjugais, visando, com isso, evitar práticas depravadas contra as quais se revoltava a consciência moral de Israel (Ez 22.10; Am 2.7).

A sorte de uma mulher que, ao se casar, tinha propriedades era mais favorável do que a que casava em outras circunstâncias. A mulher nessas condições tinha direito de possuir os seus bens separadamente dos do marido. Por causa disso, Agar é reconhecida por Abraão como serva de Sara, tendo esta o absoluto direito de dispor da sua escrava como lhe agradasse (Gn 16.6; cf. 1Sm 25.42). Com base no que diz o livro de Provérbios (31.10ss), depreende-se que a situação da mulher em uma casa hebraica abastada foi muito honrosa em tempos posteriores. Essa mesma posição de honra é confirmada pelo reconhecimento da sua influência moral e instrutiva, juntamente com a de seu marido, na educação dos filhos (Êx 20.12; Dt 5.16; Pv 1.8; 6.20 etc.).

Desde os tempos mais antigos, uma liberdade considerável era concedida à mulher hebreia. Rebeca andava livremente por toda parte com a face descoberta, até que se aproximou de Isaque (Gn 24.64,65). As donzelas de Sião dançavam nos terrenos das vinhas, nas festividades anuais (Jz 21.21); as mulheres cantaram e dançaram em público para saudar Saul e Davi (1Sm 18.6,7). Houve mulheres profetisas (V. HULDA) e juízas, como Débora (Jz 5). Também houve aquelas que exerceram funções na realeza, como Jezabel (1Rs 18.13), Atalia (2Rs 11.3) e Bate-Seba (l Rs 2.19). V. CASAMENTO.

mundo. Cinco palavras no AT e quatro no NT são traduzidas por "mundo". No AT, a mais usada, *tebel*, implica uma terra fértil e habitada (como em Sl 33.8; Is 27.6). Erets, normalmente "terra" (como em Gn 1.1), aparece quatro vezes vertida para "mundo". No NT, o termo que se vê com mais frequência é *kosmos.* Essa palavra implicava originariamente a "ordem" e foi posta em uso na filosofia de Pitágoras para significar o mundo ou o Universo, no seu maravilhoso modo de ser, em oposição ao caos. No Evangelho e nas epístolas de João, o termo "mundo" é usado em seus vários aspectos, isto é: a parte dos entes, ainda separados de Deus, a humanidade como objeto dos cuidados de Deus, e a humanidade em oposição a Deus (v., p. ex., Jo 1.9; 3.16; 14.17; 1Jo 2.2,15; 5.19). Depois de *kosmos,* a palavra mais usada é *aiõn*, que originariamente significava a duração da vida, bem como eternidade, uma época, ou mesmo certo período de tempo. Emprega- se no sentido de "fim do mundo" (Mt 13.49), "este mundo" (era) e o "século vindouro" (Mt 12.32; Mc 4.19; Lc 18.30; Rm 12.2). Em Hb 1.2 e 11.3, é o "mundo", como feito pelo Filho. Oikoumene, que significa o mundo habitado, especialmente o Império Romano, ocorre em Mt 24.14; Lc 2.1; At 17.6; Ap 12.9. Gê, a Terra, aparece somente em Ap 13.3.

murta. Quando os judeus voltaram do cativeiro, dirigidos por Neemias, foram buscar ramos de murta e outras árvores no monte das Oliveiras para a construção das barracas da Festa dos Tabernáculos (Ne 8.15). O profeta Isaías anunciava um tempo em que a murta haveria de ser plantada no deserto e substituiria a sarça (Is 41.19; 55.13). Em sua visão, Zacarias viu um bosque de árvores de murta, em lugar sombrio (Zc 1.8,10,11).

música. Atribui-se a invenção da música instrumental a Jubal, o sexto descendente de Caim (Gn 4.21). Em Gn 31.26,27, há uma referência ao contentamento e aos cânticos, com tamboril e harpa. O cântico de Miriã e das mulheres de Israel, à beira do mar Vermelho, foi acompanhado de toques de tamborins e de danças (Êx15.20). A música, tanto vocal como instrumental, era usada nos serviços religiosos dos hebreus. Com base em várias referências, é possível deduzir que os instrumentos tinham som forte e eram harmoniosos. Como os cânticos públicos eram cantados em respostas alternadas, fazendo-se ouvir o coro geral, depois das partes do salmo que eram cantadas somente pelos dirigentes do canto, tornavam-se necessários instrumentos apropriados para guiar as vozes de um grande número de pessoas, como acontecia por ocasião das grandes solenidades. A música era uma parte essencial da instrução ministrada nas escolas dos profetas. Em Betel, havia uma escola desse gênero (1Sm 10.5), o que também acontecia em Ramá (1Sm 19.19,20), Jericó (2Rs 2.5,7,15) e Gilgal (2Rs 4.38). Davi reunia em volta dele cantores e cantoras que podiam celebrar as vitórias do rei e tornar alegres suas horas de paz (2Sm 19.35). Salomão fez a mesma coisa (Ec 2.8), e ele próprio era compositor experimentado (1Rs 4.32). O serviço do canto no templo era efetuado pelos levitas. Dos 38 mil que formavam a tribo de Levi, 4 mil deles foram separados, no reinado de Davi, para louvar ao Senhor com os instrumentos que o rei tinha mandado fazer (1Cr 23.5), aos quais ele ensinou um canto especial. Parece que o rei-poeta também organizou o coro levítico e a orquestra, os quais, de alguma forma, continuaram nos tempos de Salomão e Josafá, e ainda existiam quando se lançaram os fundamentos do segundo templo (1Cr 15.16-24; 2Cr 7.6; Ed 3.10,11). Entre os hebreus, havia música nos casamentos, nas festas de aniversário, por ocasião das vitórias, na

aclamação dos reis e quando se realizavam as grandes festas da sua nação. V. FLAUTA, TAMBORIM, TROMBETA.

N

Naamã. *Agradável.* 1. Um benjamita (Gn 46.21; Nm 26.40; 1Cr 8.4,7). 2. O general-chefe do exército de Ben-Hadade, rei da Síria; foi curado da lepra, banhando-se sete vezes no rio Jordão, em obediência à palavra do profeta Eliseu (2Rs 5). O profeta recusou um presente que lhe foi oferecido por Naamã; pediu este então que lhe fosse permitido levar para sua pátria uma carga de terra do país de Canaã, transportada por duas mulas. A razão que o sírio deu para tal pedido era não servir no futuro a algum outro deus que não o Senhor. Parece que sua intenção era edificar um altar com a terra vinda de uma nação abençoada pela especial presença do Senhor. Eliseu satisfez o desejo do general da Síria. A recepção que o profeta teve posteriormente em Damasco mostra que a fama do "homem de Deus" e do poderoso Senhor, em cujo nome ele operava maravilhas, não estava apagada na cidade de Naamã (2Rs 8.7-9). O caso de Naamã é mencionado por Jesus Cristo como exemplo de se estender a misericórdia divina a quem não era israelita (Lc 4.27).

Naás. *Serpente ou adivinho.* 1. Rei dos amonitas que, durante o cerco a Jabes-Gileade, disse aos habitantes que faria aliança com eles sob a condição de lhes ser arrancado o olho direito, ou de eles se tornarem escravos. O rei Saul veio salvá-los, derrotando Naás inteiramente (1Sm 11.1-11). Foi esse rei ou o seu filho que prestou a Davi algum serviço de importância (2Sm 10.2), fato que provavelmente deve ter ocorrido quando Davi andava errante por causa de Saul. 2. Amasa, o comandante-chefe do exército de Absalão; era neto de Naás (2Sm 17.25).

Naassom. *Serpente ou adivinho.* Príncipe de Judá no tempo do primeiro censo no deserto (Êx 6.23; Nm 1.7). Eliseba, sua irmã, foi mulher de Arão, e o seu filho Salmom foi marido de Raabe, depois da tomada de Jericó. Naassom é mencionado na genealogia de Jesus Cristo (Mt 1.4; Lc 3.32).

Nabal. *Sem juízo ou negligente.* Era "um homem, em Maom, que tinha suas possessões no Carmelo" (1Sm 25.2). Era rico em rebanhos e manadas; mas quando Davi, em suas vagueações, pediu a Nabal que lhe mandasse provisões em troca da proteção dada a seus pastores, ele recusou em termos insultantes (1Sm 25.10,21). Abigail, formosa esposa de Nabal, ouvindo falar do perigo que seu marido corria pelo ressentimento de Davi, levou pessoalmente as provisões ao foragido. Nessa ocasião, Nabal estava com outros em orgia, sendo grande sua embriaguez. Ouvindo depois o que tinha acontecido, "se amorteceu nele o coração" e, passados dez dias, ele morreu (1Sm 25.38). Abigail veio a ser mulher de Davi (1Sm 25.39-42).

Nabote. Era um israelita da cidade de Jezreel, que vivia no tempo de Acabe, rei das dez tribos, e tinha uma bela vinha perto do palácio real. Acabe cobiçou sua propriedade, mas Nabote, em conformidade com a lei (Lv 25.23,24), recusou vendê-la. Jezabel pôs em campo seus artifícios, e Nabote foi morto a pedradas, por motivo de uma falsa acusação, apoderando-se o rei de sua vinha (1Rs 21.1-16). Então o profeta Elias assegurou ao rei que seu pecado lhe acarretaria terrível retribuição(1Rs 21.17-24), o que na verdade aconteceu (2Rs 9).

Nabucodonosor. *Nebo protege o teu servo!* Filho e sucessor de Nabopolassar, o fundador do Império Babilônico (de 605 a 562 a.C.). Ele foi enviado por seu pai, à frente de um exército, para castigar o faraó Neco, rei do Egito. Pouco tempo antes, esse príncipe tinha invadido a Síria, derrotado Josias, rei de Judá, em Megido, e submetido toda aquela região, desde o Egito

até Carquemis, cidade situada sobre o Eufrates superior, que, na divisão dos territórios da Assíria após a destruição de Nínive, havia passado para a Babilônia (2Rs 23.29,30). Nabucodonosor derrotou Neco na grande batalha de Carquemis, em 605 a.C. (Jr 46.2-12), recuperou a Celessíria, a Fenícia e a Palestina, tomou Jerusalém (Dn 1.1,2) e estava em marcha para o Egito quando recebeu notícias da morte de seu pai; voltou, então, apressadamente para a Babilônia, acompanhado apenas de suas tropas ligeiras. Foi nessa época que Daniel e seus companheiros foram conduzidos para a Babilônia, onde rapidamente se tornaram notáveis sob a proteção de Nabucodonosor (Dn 1.3-20). O rei Jeoaquim, que tinha sido mantido no trono de Judá como rei vassalo de Nabucodonosor, passados três anos revoltou- se contra os dominadores (2Rs 24). O imperador da Babilônia marchou pela segunda vez contra Jerusalém, que se submeteu sem grandes esforços (Jr 22.18,19). Jeoaquim foi morto, e Joaquim, seu filho, posto em seu lugar; contudo, dentro de três meses este demonstrou insatisfação com o jugo, provocando assim a vinda de Nabucodonosor a Jerusalém pela terceira vez. O imperador babilônio depôs o jovem príncipe e mandou-o para a Babilônia, conservando-o preso pelo espaço de trinta e seis anos. Com o rei de Judá, grande parte da população também seguiu para Jerusalém, assim como os principais tesouros do templo, que foram depositados no templo de Bel-Merodaque. Depois Zedequias, filho do rei Josias e tio de Joaquim, reinou em Judá como rei vassalo, mas fez um tratado com o soberano do Egito, apesar dos avisos de Jeremias (Ez 17.15), rompendo sua aliança com o rei da Babilônia. Veio novamente Nabucodonosor e, depois de um cerco de dezoito meses, tomou a cidade de Jerusalém (586 a.C.). Os filhos de Zedequias foram assassinados à vista de seu pai; depois se arrancaram os olhos do próprio rei, que foi levado para a Babilônia, onde definhou até o fim da vida (2Rs 24.8; 25.21). Deve-se notar que o profeta Jeremias (Jr 32.4,5; 34.3) tinha predito a deportação de Zedequias para a Babilônia, ao passo que Ezequiel (Ez 12.13) profetizara que ele não veria aquela cidade. Ambas as profecias foram literalmente cumpridas, visto que Zedequias foi cruelmente privado da vista antes de ser arrastado a duro cativeiro naquela cidade.

O judeu Gedalias foi nomeado governador de Jerusalém, mas pouco tempo depois terminou morto; muitos judeus fugiram para o Egito, e outros foram levados para a Babilônia. A Conquista de Jerusalém, seguiu-se rapidamente a queda de Tiro e a completa submissão da Fenícia, em 586 a.C. (Ez 26 e 28). Depois desses acontecimentos, os babilônios se posicionaram contra o Egito, infligindo grandes penas a este país, por volta de 582 a.C. (Jr 46.13- 26; Ez 29.2-20).

Dizia mais tarde Nabucodonosor: “Não é esta a grande Babilônia que eu edifiquei?” (Dn 4.30). O orgulho desse rei fundamentava-se em ter ele realizado admiravelmente a construção de grandes obras, entre as quais mais de 20 templos, várias fortificações, a abertura de canais, extensos diques junto ao rio e célebres jardins suspensos. Em toda a Babilônia, a descoberta de tijolos, nos quais está gravado o nome de Nabucodonosor, atesta seu espírito empreendedor, bem como sua opulência e gosto. As escavações feitas na Babilônia no século XX, especialmente no inverno de 1908-1909, puseram a descoberto uma parte considerável do palácio de Nabucodonosor, cuja magnificência não foi exagerada. Um dos muros exteriores, por exemplo, tem mais de 21m de espessura.

Um dos mais lembrados incidentes da vida de Nabucodonosor é a construção da grande

imagem na planície de Dura, à qual Sadraque, Mesaque e Abede-Nego se recusaram a adorar. Por essa razão, esses jovens foram lançados em uma fornalha de fogo, onde foram miraculosamente preservados de todo o mal (Dn 3). Pelo fim de seu reinado, como castigo por sua soberba e vaidade, Nabucodonosor foi acometido por uma estranha forma de loucura, a que os gregos chamam licantropia; por essa doença, o enfermo imagina estar transmudado em animal. Abandona, então, as habitações dos homens e vai para os campos viver uma vida de irracional (Dn 4.33). O primeiro uso que fez de sua restaurada razão foi reconhecer a justiça do Poderoso Governante dos homens e oferecer um cântico de louvor pela mercê que lhe havia sido concedida. Nabucodonosor morreu em idade avançada, após quarenta e três anos de reinado. Uma espécie de monoteísmo, com mistura de politeísmo, pelo que nos diz a Escritura, pode explicar sua quase exclusiva devoção a um deus do seu país, que tinha o nome de Merodaque (Dn 1.2; 4.24,32, 34,37; 2.47; 3.12,18,29; 4.9). Parece que ele, em algumas ocasiões, identificou Merodaque com o Deus dos judeus (Dn 4), mas em outras parece ter considerado o Senhor como uma das divindades locais e inferiores sobre as quais Merodaque governava (Dn 3).

Nadabe. *Liberal.* 1. Filho de Arão, que com seu irmão Abiú foi morto pelo fogo do céu. Os dois ofereceram, em sua presunção, incenso a Deus com um fogo estranho, em vez de fazê-lo sobre o altar divino (Lv 10.1,2). Do que se acha registrado em Lv 10.9, logo depois da morte desses sacerdotes, depreende-se que eles estavam embriagados quando praticaram a ofensa. 2. Rei de Israel, filho de Jeroboão I, que foi morto por Baasa (1Rs 15.25,31). A profecia de Aías foi literalmente cumprida, visto que o assassino causou a ruína de toda a casa de Jeroboão (1Rs 14.10).

3. Filho de Samai, da tribo de Judá (1Cr 2.28).
4. Benjamita da mesma família do rei Saul (1Cr 8.30; 9.36).

Naftali. *A minha luta.* 1. O sexto filho de Jacó e filho de Bila (Gn 30.8). Por ocasião do êxodo, a tribo de Naftali tinha 53.400 homens prontos a pegar em armas (Nm 1.43; 2.30). Sob o governo de Baraque, distinguiram-se valentemente os naftalitas e os zebulonitas contra o exército de Jabim, o mais novo; e, conforme o desejo de Gideão, eles perseguiram os midianitas (Jz 4.10; 5.18; 7.23). Mil outros capitães, à frente de 37 mil homens, auxiliaram a coroação de Davi (1Cr 12.34,40). Ben-Hadade, rei da Síria, instigado por Asa, assolou a terra de Naftali. Sofreu, também, em tempos posteriores, com as invasões dos sírios (1Rs 15.20). Muitos dos naftalitas, se não a maior parte, foram levados cativos por Tiglate-Pileser, rei da Assíria (2Rs 15.29). Josias purificou da idolatria o território de Naftali (2Cr 34.6). Nesse mesmo território, Jesus e seus discípulos pregaram muitas vezes (Is 9.1; Mt 4.13,15). 2. Porção da terra de Canaã que coube à tribo de Naftali. Consistia em uma longa e estreita faixa de terra, a oeste do lago de Genesaré, estendendo-se muito para o norte, do lado ocidental do Jordão, até o Líbano. No tempo do nosso Salvador, a terra de Naftali achava-se incluída na Galileia e, como fizesse parte dessa província, seria muito mais importante do que antes. Foi o berço da fé cristã, a terra de onde eram naturais quase todos os apóstolos, e a terra natal de Jesus Cristo. Tornou-se, além disso, populosa e próspera, muito acima do que se acha indicado no AT.

Naor. 1. Avô de Abraão (Gn 11.22-25), citado na genealogia de Jesus Cristo (Lc.34). 2. Irmão de Abraão (Gn 11.26,27). Quando Abraão e Ló emigraram para a terra de Canaã,

Naor continuou a viver na terra do seu nascimento, no lado oriental do rio Eufrates. Isaque, filho de Abraão, veio a casar com Rebeca, que era neta de Naor; Labão, que era irmão de Rebeca e pai de Lia e Raquel, mulheres de Jacó, era também neto de Naor. A forma do verbo hebraico, em Gn 31.53, sugere-nos que o "Deus de Naor" era considerado distinto do "Deus de Abraão". Se for assim, é possível que haja referência a um dos deuses que antes da chamada de Abraão eram adorados pela família de Tera, estando suas imagens em poder de Raquel durante o encontro em Gileade (Gn 31.19,30-35). Esses deuses tiveram de ser afastados para que Jacó subisse à presença de Deus em Betel (Gn 35.2).

nardo. Óleo aromático extraído de uma planta da Índia, o qual era comercializado por elevado preço (Mc 14.3-5; Jo 12.3-5). Em algumas passagens do AT, há referências ao seu uso como um perfume (Ct 1.12; 4.13,14). Nos textos mencionados no NT, a palavra grega, com um qualificativo, tem a significação de "nardo puro e não adulterado". Espicanardo vem da expressão da Vulgata Spicati nardi, uma referência à sespiguetas que se encontram na base da planta e das quais se extrai o perfume. V. PERFUME.

nascente. A Palestina é uma terra de nascentes, ainda que a maior parte delas sequem em determinadas estações do ano. Para que houvesse a água necessária, era preciso abrir poços e construir aquedutos e cisternas. Com efeito, as mais antigas ruínas arquitetônicas do país têm relação com os trabalhos de abastecimento e reserva de água. A posse de água era uma fonte de felicidade (Is 41.18), e a abertura de um poço se assemelhava a um ato religioso (v. Nm 21.16,17). V. BEER.

Natã. *Doador.* 1. Profeta que viveu nos reinados de Davi e Salomão. Dissuadiu o rei Davi de edificar o templo, fazendo-o ver que ainda não havia chegado o tempo para essa obra. O acontecimento de sua vida de que conservamos maior lembrança é a repreensão que ele fez a Davi por causa de seu pecado com Bate-Seba, proferindo na ocasião a famosa parábola do rico e a cordeirinha do homem pobre (2Sm 12.1- 12). Natã, por sua influência e intercessão, assegurou a sucessão de Salomão ao trono (1Rs 1.8-45).
2. Filho de Davi e Bate-Seba e, portanto, irmão de Salomão (1Cr 3.5). Foi um dos antepassados de José, o marido de Maria (Lc 3.31). Extinta a linhagem de Salomão em Joaquim ou Jeconias, que morreu sem descendência, tornou-se Salatiel, da casa de Natã, herdeiro do trono de Davi, e dessa forma entrou nos registros genealógicos como filho de Jeconias.
3. O pai de Jigeal, um dos valentes de Davi (2Sm 23.26).
4. Um chefe na segunda expedição de Esdras, vindo da Babilônia. Ele foi enviado do acampamento, próximo ao rio Aava, à colônia dos judeus em Casifia, com o fim de obter dali alguns levitas e netineus para o serviço do templo (Ed 8.16).
5. Pessoas com o nome de Natã também são mencionadas em 1Rs 4.5; 1Cr 2.36; 11.38; Ed 10.39; Zc 12.12.

Natanael. *Dom de Deus.* Discípulo de Cristo e um verdadeiro israelita, em quem não havia dolo; João relata como ele se converteu (1.45-51). Era natural de Caná da Galileia e foi um dos poucos discípulos a quem Jesus apareceu no mar de Tiberíades, depois de sua ressurreição (Jo 21.2). Provavelmente é o mesmo que Bartolomeu (V. BARTOLOMEU). V. TB. NETANEL.

Naum. *Consolação.* 1. Nome que ocorre uma só vez no AT, no princípio do "Livro da visão de Naum, o elcosita" (Na 1.1). Elcos não está identificada, mas Jerônimo afirma ter sido uma

pequena aldeia pertencente à Galileia.
2. Filho de Esli, citado na genealogia de Jesus Cristo (Lc 3.25).

Naum, O Livro de. Tudo o que se sabe, no que se refere à *autoria* do livro, está em seu primeiro versículo (Na 1.1). A data da profecia pode ser inferida pela natureza da mensagem. Naum deveria ter profetizado no reinado de Ezequias, depois que as dez tribos foram levadas cativas; isso se deu, certamente, entre as duas invasões de Senaqueribe. Tebas, a "populosa Nô" (Nô-Amom), tinha sido tomada e saqueada (Na 3.8-10) por Assurbanipal (664 a.C.); e, pela destruição de Tebas, o profeta prediz a sorte de Nínive.

Nínive, cuja destruição é anunciada pelo profeta, era nessa ocasião a capital de um grande e florescente império. A cidade ocupava larga extensão de terra e nela habitava grande população, sendo na época o principal centro do comércio mundial. As suas riquezas, porém, não provinham inteiramente da vida comercial. Era uma cidade de sangue, que estava "toda cheia de mentiras e de roubo" (3.1). Espoliava as nações vizinhas, e é comparada pelo profeta a uma família de leões, que "enchia de vítimas as suas cavernas, e os seus covis, de rapina" (2.11,12). Nesse tempo, a cidade achava-se extraordinariamente fortificada por colossais muralhas, que alcançavam 33 m de altura, e possuía, além disso, 1.500 torres, pelo que podia desafiar todos os seus inimigos. A sentença que Jonas tinha pronunciado fora adiada por causa do arrependimento do povo. Contudo, seus pecados, repetidos e agravados, trouxeram sobre ela então uma irrevogável sentença. A cidade foi de tal forma destruída que, no século II d.C., não havia dela nenhum vestígio. Sua própria localização foi, por muito tempo, um tema de dúvida e incerteza.

O conteúdo do livro acha-se apresentado sob a forma de um simples poema, abrindo com a solene descrição dos atributos e operações do Senhor (1.2-8). Segue-se uma alocução dirigida aos assírios, na qual se descrevem a confusão e a queda do seu império (1.9-14), encerrando os v. 12 e 13 em um parêntese, uma consolação para os israelitas, com promessas de descanso e socorro na opressão. O cap. 2 é um quadro em que o cerco, a tomada de Nínive e a consternação de seus habitantes são admiravelmente descritos. O cap. 3 trata da ruína total da cidade e das várias causas que a motivaram. O exemplo de Nô-Amom (ou Tebas), grande e forte cidade do Egito que caiu pela sentença de Deus, é aproveitado para ilustrar o castigo que os assírios haveriam de receber (3.8-10).

navio. É pela primeira vez nomeado na bênção de Jacó, na qual se acha anunciado que Zebulom "servirá de porto de navios" (Gn 49.13). Os navios mais familiares aos hebreus eram, possivelmente, uma espécie de jangada feita de cana, que navegavam no rio Nilo, e também aquelas embarcações mercantes, impelidas em parte por meio de remos e em parte por uma grande vela. O rei Josafá empregou seus esforços para fundar uma armada mercantil, com a base de sua construção em Eziom-Geber (2Cr 20.36). Isso tinha em vista fins comerciais com os países estrangeiros. Jonas procurou escapar das vistas de Deus tomando um navio (Jn 1.3), que pelo Mediterrâneo navegava para Társis, uma colônia fenícia da península hispânica. Os primitivos navios mercantes eram em parte cobertos, tendo camarotes e porão para proteger pessoas e bens. A Escritura registra que Jonas desceu "ao porão" (Jn 1.5). Em alguns navios, os camarotes eram feitos sobre a cobertura, como se pode ver nas antigas inscrições. Algumas vezes havia certas figuras pintadas ou esculpidas na proa e na popa do navio. Essas pinturas, ou

esculturas, tomavam geralmente a forma de deuses ou de alguma deidade protetora. O navio em que Jonas havia embarcado para Társis tinha uma ou mais imagens (Jn 1.5), bem como o navio de Alexandria no qual Paulo viajou em um tempo muito posterior (At 28.11). Os navios de guerra parecem ter existido desde os tempos mais remotos. O profeta Ezequiel faz a mais completa descrição de um navio dessa natureza (Ez 27). Era, provavelmente, um navio galera, para batalha, da maior grandeza, com uma saliente galeria em toda a volta, onde permaneciam os guerreiros e eram pendurados os escudos quando não estavam em uso. Ezequiel compara tal navio à cidade de Tiro, sugerindo "muros em redor" (27.11), ou seja, o local para a luta. As torres eram lugares altos nos castelos da proa. Nos dias de Paulo, os marinheiros não tinham bússola e, por isso, quando se desviavam da terra, perdendo-a de vista, o que raras vezes acontecia, somente podiam orientar-se pelo Sol e pelas estrelas. Se o céu estava nublado, era costume ancorar o navio depois do sol posto, pela impossibilidade de navegar (At 27.20). Muitas vezes as embarcações permaneciam no porto durante o inverno (At 27.12). Levavam várias âncoras. Foram estas primeiramente formadas por grande quantidade de pedras, sendo depois de bronze e, finalmente, de ferro. Da popa do navio, onde Paulo viajava, foram lançadas quatro âncoras com o auxílio de um batel (At 27.29,30). As embarcações eram dirigidas por meio de grandes remos em forma de pás, presos com cordas aos lados do navio. As embarcações do mar da Galileia eram barcos de pescadores, com mastro e vela, e raras vezes tinham cobertura. Os pescadores que tudo deixaram para seguir Jesus não eram necessariamente gente pobre; pelo menos, não eram dos mais pobres (Mt 4.22).

Nazaré. É hoje En-Nasira. Uma cidade fechada entre montes rochosos e estéreis, formando o espinhaço meridional do Líbano que termina na planície de Esdrelom. Foi a terra natal de José e Maria, o local da anunciação, a residência de Jesus por vinte e oito anos e o lugar onde ele começou a ensinar sua doutrina (Mt 2.23; 4.13; Mc 1.9; Lc 1.26,27,56; 2.4,16-30,39, 51; Jo 1.45). Os galileus, e em particular o povo de Nazaré, eram desprezados pelos habitantes da Judeia. (V. NAZARENO.) Mostra-se ali a "Fonte da Virgem" como sendo o lugar onde, segundo a tradição, a mãe de Jesus recebeu a saudação do anjo (Lc 1.28). Certamente, durante sua vida em Nazaré, Maria foi muitas vezes a essa fonte buscar água e, presumivelmente, acompanhada de seu Filho, quando pequeno. Há ali um notável precipício, quase perpendicular, de 12 a 15 m de altura, que deve ser aquele mesmo ao qual os enfurecidos conterrâneos de Jesus o levaram para dali o precipitarem (Lc 4.29). A vista que se descortina do cume de Neby Ismail, um dos montes por detrás da cidade, é muito bela. Deve-se notar que, embora a cidade estivesse isolada, ficava perto de uma das grandes estradas que, nesse tempo, era muito percorrida pelos negociantes.

nazareno. Habitante de Nazaré. Um termo frequentes vezes aplicado a nosso Salvador, talvez em certas ocasiões por desdém, sendo depois adotado e glorificado pelos discípulos. Todos os habitantes da Galileia, onde ficava a cidade de Nazaré, eram vistos com desprezo pelo povo da Judeia por causa da singularidade de suas maneiras e fala. O opróbrio de Nazaré, a que se refere um homem que era galileu (Jo 1.46), pode ter-se originado na má reputação dos habitantes em virtude da sua falta de religiosidade e do relaxamento de costumes. A palavra hebraica, vertida para nazareno, é *netser*, que significa "renovo", e é idêntica à palavra usada em Is 11.1: "Do tronco de Jessé sairá um rebento, e das suas raízes, um renovo". Dessa maneira, todas as vezes

que chamaram Jesus de o "Nazareno" estavam pronunciando, com conhecimento ou não, um dos nomes do anunciado Messias. Assim se explica a alusão em Mt 2.23. O epíteto de nazareno é aplicado com desprezo aos seguidores de Jesus em At 24.5. O nome ainda existe em árabe, como uma simples designação dos cristãos.

nazireu. *Separado, consagrado.* Não se deve confundir nazireu com nazareno. Nazireu era a pessoa, de um ou de outro sexo, que na Lei de Moisés se obrigava por voto a abster-se de vinho e de todas as bebidas alcoólicas, a deixar crescer o cabelo, a não entrar em casa alguma em que houvesse gente morta e a não assistir a nenhum funeral. Se acidentalmente alguém morresse na presença de um nazireu, recomeçava este sua consagração de nazireado. Geralmente o voto era por certo período de tempo, mas algumas vezes por toda a vida. Nazireus perpétuos, como Samuel, Sansão e João Batista, foram consagrados a essa condição de vida por seus pais e continuaram a viver assim sob seu voto, abstendo-se do vinho e deixando crescer o cabelo. Os que faziam voto de nazireu fora da Palestina e não podiam ir ao templo quando expirava o tempo do voto contentavam-se em observar, na terra onde viviam, a abstinência requerida pela Lei, cortando, porém, o cabelo. Quanto às ofertas e aos sacrifícios que, prescritos por Moisés, deviam ser efetuados no templo, ou por eles ou por outros em seu lugar, ficavam adiados até que se lhes oferecesse conveniente oportunidade. Essa é a razão pela qual Paulo, estando em Corinto e tendo feito, segundo parece, uma forma modificada de voto nazireu, mandou cortar seu cabelo em Cencreia, um porto de Corinto, e adiou as restantes obrigações do seu voto para quando fosse a Jerusalém (Nm 6.1-21; At 18.18; 21.23,24). A consagração de um nazireu era uma disposição que notavelmente se assemelhava à do sumo sacerdote (Lv 21.10-12). O voto do nazireu era feito com o fim de cultivar a soberania da vontade e vencer as baixas inclinações da natureza humana, com o significado de um sacrifício a Deus.

Nearias. Um descendente de Davi (1Cr 3.22,23).
2. Um capitão simeonita que desbaratou a parte restante dos amalequitas no monte Seir (1Cr 4.42).

Nebaiote. O filho mais velho de Ismael. Eram seus descendentes os nebaioteus (Gn 25.13; Is 60.7), cujo território, segundo Josefo, compreendia toda a região desde o Eufrates até o mar Vermelho, isto é, a Pétrea e todo o deserto a leste. De costumes pastoris, eles habitavam em tendas e dirigiam o negócio do deserto; todavia, no mar Vermelho alguns exerciam a pirataria.

Nebo. *Arauto* (?). 1. Conhecida divindade dos babilônios e assírios (Is 46.1) que se supunha presidir a ciência e as letras. O seu caráter geral corresponde ao de Mercúrio na mitologia latina. O nome forma parte das palavras Nebucadenezar (Nabucodonosor) e Nebuzaradã. Nabucodonosor reedificou completamente seu templo em Borsipa.
2. Cidade a leste do Jordão, tomada e reedificada pelo israelita Rúben; mais tarde, foi recuperada pelos moabitas (Nm 32.3, 38; 1Cr 5.8; Is 15.2; Jr 48.1,22).
3. Montanha que hoje tem o nome de Jebel Neba, sendo o mais alto cume da serra de Pisga, na terra de Moabe, em frente de Jericó. Foi dali que Moisés viu pela primeira e última vez a terra prometida (Dt 32.49; 34.1).
4. Cidade de Benjamim ou de Judá, cujos habitantes voltaram do cativeiro. É talvez o mesmo que Nobe (Ed 2.29; Ne 7.33).
5. Progenitor de certos judeus que casaram com mulheres estrangeiras durante o cativeiro ou

posteriormente (Ed 10.43). Mas talvez se trate aqui de um lugar, devendo o seu nome ser identificado com o precedente.

Nebuzaradã. *Nebo dá semente.* Capitão da guarda a quem Nabucodonosor encarregou de completar a destruição da cidade e a pacificação da Judeia (Jr 39.9-18; 40.1-6). O seu procedimento para com Jeremias foi de sabedoria e amabilidade. Ele conduziu pessoas importantes de Jerusalém para Ribla, na Síria, onde estava seu senhor (2Rs 25.18-20). Decorridos cinco anos, passou outra vez pelo país e levou mais 745 cativos (Jr 52.30).

Neco. Era o nome pessoal do faraó do Egito que combateu contra Nabopolassar nos dias do rei Josias e, depois de introduzir Eliaquim como rei de Judá, levou Jeoacaz, seu irmão, para o Egito (2Cr 35.20,22; 36.4). (A respeito de sua derrota em Carquemis, V. NABUCODONOSOR.)

necromante. V. MAGIA.

Neemias. *A quem o Senhor conforta.* 1. O filho de Hacalias, da tribo de Judá, e provavelmente da casa de Davi.

Nada se sabe de Neemias, a não ser o que se acha em seu livro. Aparece pela primeira vez em Susã, o principal palácio dos reis da Pérsia, onde exercia o cargo de copeiro de Artaxerxes Longímano (445 a.C.). Hanani, seu parente, tinha chefiado uma delegação de judeus, procedentes da Judeia, e descrito a deplorável condição de seus compatriotas, aos quais se havia permitido que voltassem para Jerusalém. Neemias ficou muito consternado e, durante quatro meses, pediu a Deus que abençoasse um plano que lhe tinha ocorrido, de ele ir pessoalmente a Jerusalém, a fim de verificar o que se podia fazer para melhorar as miseráveis condições de seus habitantes (Ne 1e 2). O seu emprego de copeiro era importante e lucrativo, não havendo, além disso, dúvida de que ele era um homem rico. Com efeito, quando o rei aprovou a missão de seu favorito e o enviou a Jerusalém como governador da Judeia, Neemias recusou o salário de seu cargo por causa da pobreza do povo. O primeiro passo que Neemias deu ao chegar à cidade de seus pais foi examinar particularmente as arruinadas fortalezas e preparar o plano para a reedificação das muralhas, tornando-se necessária essa medida por causa da agitação que lavrava nas províncias vizinhas. Durante o governo dos persas, havia frequentes guerras entre as províncias do império, mas o governo central não dava grande importância a essas perturbações, desde que os tributos não deixassem de ser devidamente pagos. Era tal o entusiasmo de Neemias que, de modo prático, ele levou o povo inteiro a empregar toda a sua energia na reedificação dos muros. Foi uma grande obra, que se realizou em dois meses, não obstante a oposição, ora aberta, ora secreta, dos governadores da província de Samaria. V. SAMBALÁ. As maquinações de Sambalá e Tobias foram tamanhas que Neemias acabou sendo chamado à corte da Pérsia, ou talvez tivesse terminado sua licença. (A esse respeito, v. 2.6; 13.6.) Todavia, ao fim de sete anos — o intervalo entre os cap. 6 e 7 — Neemias voltou a Jerusalém para restaurar o templo e proceder à cerimônia da dedicação dos muros. Na sua segunda visita, mandou preparar as portas, determinando as vezes em que elas deveriam ser abertas e fechadas. Uma questão mais importante, contudo, era encher a cidade, quase vazia e desolada, de nova população. Neemias realizou isso, mandando retirar, para a cidade, das povoações próximas, uma família em cada dez. Fez também um censo do povo e estabeleceu que os judeus fossem instruídos na Lei (V. ESDRAS). Neemias reuniu grandes quantias para a reparação do templo e sustento dos serviços religiosos (cap. 7 e 8); fez suspender as exigências dos nobres, a usura dos ricos e a venda de

muitos de seus infelizes conterrâneos como escravos (cap. 5); impôs obrigações ao povo por meio de um pacto solene (cap. 9); insistiu sobre a preservação da santidade do templo, mandando expulsar Tobias das câmaras que ele ocupava com a permissão de Eliasibe. Igualmente afastou do serviço do templo os sacerdotes que tinham contraído casamento com mulheres pagãs. O último ato público que dele se registra foi o emprego de grandes esforços para restaurar o sábado como dia santificado para os israelitas (13.15-20). V. NEEMIAS, O LIVRO DE.

2. Um indivíduo que voltou da Babilônia a Jerusalém com Zorobabel (Ed 2.2; Ne 7.7).

3. Filho de Azbuque, que auxiliou a reedificação dos muros de Jerusalém (Ne 3.16).

Neemias, O Livro de. No cânon das Escrituras hebraicas, esse livro formava um só com o de Esdras. Quando os antigos escritores cristãos dividiram a obra, falaram de Esdras e Neemias como primeiro livro e segundo livro de Esdras. O livro de Neemias encerra seções cujo *autor* foi o próprio Neemias (Ne 1—7.73; 12.27- 43; 13.4-31). O narrador fala na primeira pessoa, faz uso de algumas expressões características (como "meu Deus" e "Deus dos céus") e escreve em um estilo mais vigoroso que o de Esdras. Neemias, ou o compilador da obra, acrescentou outro material, compreendendo as listas dos que edificaram o muro (Ne 3), dos judeus que retornaram com Zorobabel (Ne 7.6-73) e daqueles que selaram o pacto (Ne 10.1-27); e ainda as listas dos habitantes das cidades (Ne 11.3-36) e dos sacerdotes e levitas (Ne 12.1-26). A parte de Neemias 12.44—13.3 foi adicionada pelo compilador ou pelo redator. Os assuntos do livro já foram indicados resumidamente no verbete sobre Neemias. V. NEEMIAS. Os livros de Esdras e Neemias parecem estar estreitamente relacionados com Crônicas quanto à sua ação histórica, estilo e fraseologia.

É grande o *interesse pessoal* do livro. Neemias apresenta um nobre exemplo de verdadeiro patriotismo, ao proceder com temor a Deus (5.15) e procurar o bem-estar religioso da nação. O respeito de Neemias pela Lei divina, sua reverência pelo sábado (13.18), sua devoção, seu reconhecimento do grande poder de Deus em todas as coisas (1.11; 2.18), sua clara percepção do caráter de Deus (4.14; 9.6-33), sua vigilância e oração (4.9), sua humildade em atribuir todo bem a Deus (2.12; 7.5), tudo isso é altamente recomendável. Poucos livros da Bíblia contêm, como esse, tantas lições de filosofia divina, ou seja, da religião ensinada por meio de exemplos.

neginote. Termo genérico que designa todos os instrumentos de corda, tocados ou com a mão, como a harpa e a guitarra, ou com o plectro. A palavra (traduzida por "instrumentos de corda") acha-se nos títulos dos salmos 4, 6, 54, 55, 61, 67 e 76.

Neguebe. V. PALESTINA.

neilote. É provável que se trate de um termo genérico, significando instrumentos de sopro de todas as espécies, como flautas etc. Ocorre somente no título do salmo 5, traduzida por "flautas" (*ARA, ARC e NVI*).

Nergal. O deus da guerra, da doença e da morte na mitologia da Assíria e da Babilônia. Os homens de Cuta, colocados nas cidades da província de Samaria pelo rei da Assíria, adoravam Nergal (2Rs 17.30), sob o símbolo de "homem-leão". Cuta ou Tigaba, especialmente dedicada a Nergal, é, na tradição arábica, a cidade por excelência de Ninrode; e, por essa circunstância, tem sido conjecturado que Nergal pode representar o divinizado Ninrode, "poderoso caçador

diante do Senhor". Senaqueribe edificou um templo a Nergal na cidade de Tarbisa, perto de Nínive.

Nergal-Sarezer. *Nergal defende o rei!* Príncipe da Babilônia, que tomou o título de Rabe-Mague, isto é, chefe dos adivinhos. Acompanhou Nabucodonosor em sua última expedição contra Jerusalém e por ordem de seu senhor libertou Jeremias da prisão (Jr 39.3,13). Sabemos, pelos monumentos, que ele mais tarde foi rei com o nome de Neriglissar. Casou com uma filha do rei da Babilônia e assassinou Evil-Merodaque, o filho de Nabucodonosor, sucedendo-lhe no trono. Já foi descoberto na Babilônia um palácio que fora edificado por Neriglissar.

Netanel. *Deus dá.* Também Natanael. 1. O representante de Issacar, sendo um daqueles a quem Moisés enviou para descobrir a terra de Canaã (Nm 1.8; 2.5; 7.18, 23; 10.15).
2. Irmão de Davi (1Cr 2.14).
3. Sacerdote que ajudou a levar a arca desde a casa de Obede-Edom (1Cr 15.24).
4. Um levita (1Cr 24.6).
5. Filho de Obede-Edom e porteiro da arca (1Cr 26.4).
6. Um dos príncipes de Judá a quem Josafá enviou para ensinar nas cidades do seu reino (2Cr 17.7).
7. Chefe dos levitas, no reinado de Josias, o qual tomou parte nas festas da Páscoa, que o rei mandou celebrar (2Cr 35.9).
8. Indivíduo que voltou do cativeiro com Esdras e tinha casado com mulher estrangeira (Ed 10.22).
9. Um sacerdote (Ne 12.21).
10. Levita que tomou parte nos serviços musicais quando se procedia à dedicação dos muros de Jerusalém no tempo de Esdras e Neemias (Ne 12.36).

netinins. *Dado, dedicado.* As traduções dizem "levitas servidores" ou "servidores do templo". Eram pessoas consagradas ao serviço do tabernáculo e do templo, que se encarregavam dos trabalhos mais humildes, tais como acarretar água e madeira. Primeiramente os midianitas foram os destinados a esse ofício (Nm 31.30,47), depois os gibeonitas (Js 9.27) e mais tarde essa tarefa coube aos cananeus. Eles eram obrigados a conformar-se com a religião de seus conquistadores. Em tempos posteriores, eram escravos que Davi, Salomão e outros príncipes destinaram para o serviço do templo (Ed 2.58; 8.20).
Os netinins foram levados cativos com a tribo de Judá, sendo grande número deles colocado em lugares próximos do mar Cáspio. Mais tarde, Esdras trouxe, dentre esses, 220 para a Judeia (Ed 8.17,20). Os que vieram com Zorobabel eram 392 (Ne 3.26; 7.60). Até esse tempo, os netinins haviam sido uma casta desprezível e submissa; contudo, depois do exílio, em virtude da grande procura de trabalhadores para os serviços que eles prestavam, e do pequeno número de netinins que pudessem desempenhar essa função, seus trabalhos se tornaram consideravelmente caros. Os netinins, com os sacerdotes e os levitas, eram isentos da taxa imposta pelos sátrapas da Pérsia (Ed 7.24). Eles estavam sob a inspeção de um chefe escolhido de sua própria gente (Ed 2.43; Ne 7.46). Tomaram parte ativa na reedificação de Jerusalém (Ne 3.26); e a alguns deles foi dada para sua residência o Muro de Ofel, lugar conveniente por sua proximidade do templo (Ne 11.21). Outros, porém, habitaram com os levitas nas suas cidades (Ed 2.70). Nas crônicas do tempo, o seu lugar ficava em seguida aos levitas (1Cr 9.2).

Neustã. *Uma coisa de cobre*, ou talvez *serpente*. O desdenhoso epíteto que o rei Ezequias aplicou à serpente de cobre, que Moisés tinha mandado confeccionar no deserto e que se tinha tornado objeto de culto (2Rs 18.4). A serpente, que era uma recordação do livramento do povo israelita, adquiriu no decorrer dos anos uma santidade supersticiosa, havendo já para com ela uma reverência idólatra. O povo tinha caído no costume de lhe queimar incenso (2Rs 18.4).

neve. A neve cai na Palestina não somente sobre as serras do norte, mas também sobre terras mais ao sul, como Nazaré, e mesmo na cidade de Jerusalém, onde aparece frequentes vezes. Todavia, não permanece por muito tempo nas regiões baixas e pequenas elevações, de modo que, quando o gelo é necessário para fins de refrigeração, vão buscá-lo nas montanhas do Líbano (Pv 25.13; Jr 18.14). A queda da neve é mencionada em 2Sm 23.20; Sl 147.16; 148.8 (v. tb. Jó 6.16; 24.19). A neve nunca desaparece do cume do monte Hermom. Metaforicamente, toma-se a neve por pureza (Sl 51.7; Is 1.18), por esplendor brilhante (Dn 7.9; Ap 1.14), por brancura (Êx4.6; Nm 12.10), por qualidades purificadoras (Jó 9.30) e por efeitos de cresta e refrigeração (Pv 25.13; 26.1).

nichos de Diana. Os nichos de Diana, a que se refere a passagem de At 19.24, eram templos de prata em miniatura, ou grutas, contendo a imagem da deusa. Também existiam nichos feitos de mármore e de barro.

Nicodemos. Fariseu, membro do Sinédrio (Jo 3.1), que foi primeiramente um discípulo secreto do Senhor. Posteriormente, defendeu Jesus contra os principais sacerdotes e fariseus (Jo 7.50,51); e por fim declarou-se cristão, quando foi com José de Arimateia prestar as derradeiras homenagens ao corpo de Cristo que eles desceram da cruz e puseram no sepulcro (Jo 19.39,40).

nicolaítas. Aqueles que "sustentam a doutrina dos nicolaítas" são reprovados em Ap 2.6,15, de modo semelhante aos "que sustentam a doutrina de Balaão" (v. 14). Crê-se que as ações más dessas seitas eram praticamente idênticas; e, pelo que se lê em 2Pe 2.10-22 e Jd 4-18, podemos conhecer a natureza do sistema de Balaão. Eles não se abstinham de carnes oferecidas aos ídolos nem das relações pecaminosas (At 15.20,29). Esses atos eram males relacionados, porque as festas idólatras muitas vezes davam ocasião às mais grosseiras imoralidades. Aborrecer tais práticas era sinal de vida na igreja, mas esta se tornaria fraca e desleal na sua concordância com o mal (Ap 2.6). Se tolerasse tais ações,poderia perder a glória de ter sido fiel durante a perseguição (Ap 2.14,15).

Nicópolis. *Cidade da vitória.* Cidade onde Paulo tencionava invernar (Tt 3.12). Havia uma cidade com o mesmo nome na Trácia, na Cilícia e no Epiro, e não se sabe a qual delas faz referência o texto bíblico. É provável que fosse a Nicópolis do Epiro, uma cidade que Augusto edificou em memória da batalha de Ácio, no local que seu exército ocupara antes do combate. Estava convenientemente situada para o proveito dos viajantes que percorriam as partes orientais da Acaia e Macedônia, beneficiando igualmente os que se dirigiam para o norte.

Nilo. A palavra "Nilo" aparece em Gn 41.1, e muitas referências são feitas a esse rio. Sior (ou Shihor), que se encontra em várias passagens (Js 13.3; 1Cr 13.5), significa o Nilo. "Os rios da Etiópia" (Is 18.1) são os afluentes ou tributários do Nilo. (V. EGITO.)

Nínive. A capital do Império Assírio edificada por Ninrode (Gn 10.11). A cidade é mencionada como a sede do culto de Istar no tempo de Hamurabi. Em 2Rs 19.36 e Is 37.37, ela é pela primeira vez claramente indicada como residência do monarca Assíria. Senaqueribe reedificou-

a, e ali foi morto quando estava em adoração no templo de Nisroque, seu deus. A biblioteca que Assurbanipal ali formou tem sido a grande fonte de nossos conhecimentos com respeito aos assuntos da Assíria e Babilônia. Nos dias do profeta Jonas, "Nínive era cidade mui importante diante de Deus e de três dias para percorrê-la" (Jn 1.2; 3.3), talvez em circunferência. A sua população estava estimada em 600 mil pessoas. Não vamos imaginar que todo o espaço dentro de suas muralhas estivesse coberto de edifícios, pois havia grandes parques, extensos campos e casas isoladas, como na Babilônia. A ameaça de a cidade de Nínive ser destruída, dentro de três dias, foi suspensa em virtude do arrependimento e humilhação dos habitantes, desde o mais elevado até o mais humilde. A suspensão dessa calamidade se deu por quase duzentos anos, após os quais a iniquidade se manifestou em sua maior força, e, então, a profecia foi literalmente cumprida pela ação combinada dos medos e babilônios (606 a.C.). Os escritores gregos e romanos dizem que o último rei, a quem chamam de Sardanápalo, era levado a resistir aos seus inimigos em consequência de uma antiga profecia — de que Nínive nunca seria tomada de assalto enquanto o rio não se tornasse seu inimigo. Contudo, uma repentina inundação, a qual derrubou 20 estádios da muralha no seu comprimento, convenceu-o de que a palavra do oráculo se estava cumprindo, e então ele buscou a morte, ao mesmo tempo que destruía seus tesouros. Entrando o inimigo pela brecha, a cidade foi saqueada e arrasada. O profeta Naum tinha anunciado a destruição de Nínive: "As comportas do rio se abrem, e o palácio é destruído" e "Com inundação transbordante, acabará de uma vez com o lugar desta cidade" (Na 2.6; 1.8,9, respectivamente). O historiador Diodoro descreveu os fatos de tal modo que se torna claro que as predições do profeta foram literalmente cumpridas. Conta ele que o rei da Assíria, ensoberbecido com suas vitórias e na ignorância da revolta dos bactrianos, tinha determinado que houvesse uns dias de festa, nos quais deveria ser dada a seus soldados abundância de vinho. O comandante dos invasores, tendo sido informado desse estado de coisas pelos desertores do exército da Assíria, logo tratou de efetuar o ataque, derrotando e pondo em debandada o inimigo. Desse modo, tornaram- se verídicas as palavras do profeta: "Porque, ainda que eles se entrelaçam como os espinhos e se saturam de vinho como bêbados, serão inteiramente consumidos como palha seca" (Na 1.10). O profeta prometeu grande despojo ao inimigo: "Saqueai a prata, saqueai o ouro, porque não se acabam os tesouros; há abastança de todo objeto desejável" (Na 2.9). O historiador afirma que muitos talentos de ouro e prata, preservados do fogo, foram levados para Ecbátana. Segundo se lê em Na 3.15, a cidade não somente haveria de ser destruída por uma grande inundação, mas também pelo fogo que a haveria de consumir; e, na verdade, como refere Diodoro, ela foi destruída parte pela água e parte pelo fogo. A completa e perpétua destruição de Nínive e a sua desolação foram profetizadas: o Senhor "acabará de uma vez com o lugar desta cidade [...] não se levantará por duas vezes a angústia. [...] Ah! Vacuidade, desolação, ruína!" (Na 1.8,9; 2.10; 3.17-19). O mais vivo quadro de sua triste condição é o que nos dá o profeta Sofonias (2.13-15). Os canais que tinham fertilizado a terra estão agora secos. A não ser no período das chuvas, em que os campos aparecem verdes, tanto o sítio da cidade como os lugares em volta constituem um deserto de cor amarela. É possível ver rebanhos de ovelhas e manadas de camelos procurando escassas pastagens nessas terras áridas. Ouve-se o crocitar do corvo marinho, vindo esse som dos

insalubres pântanos e dos regatos cheios de canas. As abandonadas salas de seus palácios são agora habitadas por feras e outros animais, como a hiena, o lobo, a raposa e o chacal.

ninivitas. Os habitantes de Nínive (Lc 11.30).

Ninrode. Era filho de Cuxe, que era filho de Cam, o filho de Noé. Pensa-se que este Cuxe deveria pronunciar-se Caxe e representa não o Cuxe da Etiópia, mas a dinastia caxita da Babilônia. Ele é descrito como "poderoso caçador diante do Senhor" (Gn 10.9). O título de "caçador" pode ser compreendido literalmente a respeito daquele que vai à caça dos animais ferozes, ou talvez signifique o chefe das incursões contra as nações circunvizinhas. Provavelmente "diante do Senhor" tinha em sua origem uma referência teológica para dar a entender que a suprema Deidade estava interessada nas suas proezas. Ninrode estabeleceu um império em Sinar (Babilônia), sendo suas principais cidades Babel, Ereque, Acade e Calné, estendendo-se depois esse império na direção norte, ao longo do curso do Tigre sobre a Assíria, onde ele fundou um segundo grupo de capitais, Nínive, Reobote, Calá e Resém. O nome de Ninrode ocorre somente uma vez mais no AT: em Mq 5.6, "a terra da Assíria" e "a terra de Ninrode" são postas em paralelo. A tradição de Ninrode ainda é forte entre os árabes modernos, que lhe atribuem todas as grandes obras públicas da Antiguidade. Há alguma razão para julgar que a palavra é uma forma corrompida de Merodaque, mas muitos pensam que a descrição se adapta ao herói Gilgamesh, que era em parte humano e em parte divino.

nisă. O primeiro mês do ano sagrado e que se chama abibe nos livros de Moisés. Principiava com a lua nova no mês de março, quando tinha também seu começo o ano babilônico. É o nome do deus babilônico da primavera (Ne 2.1; Et 3.7). V. TEMPO, ANO.

Nisroque. o nome de um deus de Nínive. Senaqueribe estava adorando no seu templo quando foi assassinado por seus filhos, Adrameleque e Sarezer (2Rs 19.37; Is 37.38). Como tal nome não se encontra nas inscrições cuneiformes, pensa-se que é uma forma corrompida de Nusku, um deus Sol.

Nô, Nô-Amom. *Cidade, Cidade de Amom.* Uma deidade egípcia. Tebas, a principal cidade do Alto Egito, a única edificada sobre as duas margens do Nilo. Era superior a todas as outras em sua extensão e na magnificência de seus templos. Tebas foi saqueada e destruída por Assurbanipal em 664 a.C. (Jr 46.25; Ez 30.14-16; Na 3.8). V. NAUM, O LIVRO DE.

Nô-Amom. V. NÔ.

Noé. *Repouso.* 1. Filho de Lameque e neto de Matusalém (Gn 5.26-29). Achou graça aos olhos de Deus por sua retidão de caráter (Gn 6.8,9; Ez 14.14,20). Quando as maldades dos homens trouxeram a calamidade do Dilúvio (6.5-7), Noé foi avisado e dirigido na construção de uma arca para sua salvação e de sua família (6.14- 22). Noé, juntamente com sua mulher, seus filhos e suas noras, entrou na arca, a qual flutuou sobre as águas pelo espaço de cento e cinquenta dias antes de pousar no monte Ararate (Gn 7 e 8). Quando a família saiu da arca, Noé edificou um altar, oferecendo sacrifício a Deus. Foi abençoado pelo Senhor, sendo-lhe então feita a promessa de que nunca mais a terra seria coberta por outro dilúvio (Gn 8.21—9.17). Depois disso, "sendo Noé lavrador, passou a plantar uma vinha. Bebendo do vinho, embriagou-se" (Gn 9.20,21). Cam, nessa ocasião, procedeu para com seu pai de modo diferente de Sem e Jafé. O resultado do mau procedimento de Cam foi ser este amaldiçoado, ao passo que os seus irmãos foram abençoados. A profecia de Noé foi amplamente cumprida na história de seus

descendentes. Depois do Dilúvio, Noé ainda viveu trezentos e cinquenta anos (Gn 9.28,29). Ao testemunho de Noé fazem referências Jesus (Mt 24.37,38; Lc 17.26,27), Pedro (1Pe 3.20 2Pe 2.5) e a Epístola aos Hebreus (11.7).

Noemi. *Agradável.* Mulher de Elimeleque e sogra de Rute. Emigrou com sua família da Judeia para Moabe, retornando a sua pátria depois da morte de seu marido. O seu caráter está belamente descrito no livro de Rute.

noiva. V. CASAMENTO.

nome. Entre os hebreus, dava-se o nome a uma criança quando nascia (Gn 35.18) ou quando se circuncidava (Lc 1.59); a escolha do nome era feita pelo pai ou pela mãe (Gn 30.24; Êx2.22; Lc 1.59-63). Algumas vezes, o nome fazia referência a certas circunstâncias relacionadas com o nascimento ou o futuro da criança, como no caso de Isaque (Gn 21.3,6), Moisés (Êx 2.10) e Berias (1Cr 7.23). Isso ocorria especialmente com os nomes compostos de frases completas, como em Is 8.3. Acontecia também de certos nomes de pessoas sugerirem suas qualidades, como no caso de Jacó (Gn 27.36) e Nabal (1Sm 25.25). Os nomes eram por vezes mudados, ou aumentados, em obediência a certas particularidades, como no caso de Abrão para Abraão (Gn 17.5), de Gideão para Jerubaal (Jz 6.32), de Daniel para Beltessazar (Dn 1.7), e de Simão para Pedro (Mt 16.18). Além disso, devemos recordar que, segundo a mentalidade antiga, o nome não somente resumia a vida do homem, mas também representava sua personalidade, com a qual ele estava praticamente identificado. Por isso, a expressão "em meu nome" sugere uma real comunhão com o Orador Divino. Houve lugares que receberam seu nome em virtude de acontecimentos a eles relacionados, como Babel (Gn 11.9), O Senhor Proverá (Gn 22.14), Mara (Êx15.23), Perez-Uzá (2Sm 6.8) e Acéldama (At 1.19). Para o nome de Deus, V. JEOVÁ, SENHOR.

novilha. Vaca nova que se reservava para os sacrifícios (Nm 19.1-10). Moisés e Arão deviam recomendar da parte de Deus aos filhos de Israel que trouxessem "uma novilha vermelha, perfeita, sem defeito" (Nm 19.2), que não tivesse ainda trabalhado a fim de que pudesse ser oferecida ao Senhor. Não era costume pôr sob o jugo as novilhas que nunca tivessem tido cria, quer fosse para lavrar, quer para qualquer outro fim, embora algumas vezes elas fossem empregadas no trabalho de trilhar o trigo (Os 10.11). Era escolhida uma novilha vermelha, visto essa cor simbolizar a vida e a força; e por essa razão servia para ser oferecida convenientemente pelos pecados. As cinzas deviam ser usadas na purificação (V. PURIFICAÇÃO). Em Jr 46.20, há referências à jovialidade da novilha. V. SACRIFÍCIO, SANGUE.

Novo Testamento. Formado por 27 livros, é a segunda das duas partes em que a Bíblia se divide. O NT expõe as condições e a história da nova aliança entre Deus e os homens, e é a fonte primária de informações a respeito da vida e das obras de Jesus Cristo. Acredita-se que, com exceção do livro de Mateus — provavelmente escrito em hebraico — tenha sido escrito em grego. Divide-se em: I.Evangelhos: Mateus, Marcos, Lucas e João. II. Livro histórico: o livro de Atos. III. Epístolas paulinas: Romanos, 1e 2Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, 1e 2Tessalonicenses, 1e 2Timóteo, Tito, Filemom, Hebreus. IV. Epístolas gerais: Tiago, 1 e 2Pedro, 1, 2 e 3João e Judas. V. Livro profético: Apocalipse.

Números, O Livro de. O título do livro é derivado dos dois censos do povo de Israel: o primeiro no segundo ano de sua jornada (cap. 1—4); o outro, quando os israelitas estavam junto à terra de Canaã, trinta e oito anos mais tarde (cap. 26). Além desses temas, o livro compreende algumas leis e observâncias (cap. 5—10.10), bem como vários episódios notáveis, como, por exemplo, a nomeação dos 70 anciãos (cap. 11) e a expedição dos espias e suas consequências (cap. 13 e 14). A jornada dos hebreus prolonga-se então. Segue-se a rebelião de Coré, com os subsequentes decretos referentes ao sacerdócio (cap. 16—19). A marcha final pelo deserto é então narrada, descrevendo-se os incidentes da rocha tocada com a vara, da serpente de bronze, assim como a visita e as profecias de Balaão (cap. 20—24). As murmurações e os castigos do povo ocupam grande parte de Números, sendo concluída essa parte do Pentateuco com a conquista de Midiã (cap. 31), a divisão do território a leste do Jordão (cap. 32), a recapitulação das estações do deserto (cap. 33), uma exposição dos limites da terra prometida (cap. 34) e as deliberações com respeito às cidades de refúgio (cap. 35) e ao casamento dos herdeiros (cap. 36). O livro de Números, à parte de sua importância histórica, é particularmente valioso pela maneira em que descreve o cuidado do Senhor para com seu povo, sua justiça e sua compaixão. É também admiravelmente apresentado o caráter de Moisés: suas fraquezas e fortaleza moral. As *referências* do NT às personagens e aos incidentes de Números compreendem: os nazireus (Nm 6; Lc 1.15; At 18.18; 21.26); a Páscoa (Nm 9; Jo 19.36; 1Co 5.7); o maná (Nm 11.4-9; Jo 6.31-35,41-58; Ap 2.17); a fidelidade de Moisés (Nm 12.7; Hb 3.5,6); os prostrados no deserto (Nm 14.16; 1Co 10.5; Hb 3.8; Jd 5); o pecado de Coré (Nm 16; Jd 11); a vara de Arão (Nm 17.8; Hb 9.4); a disposição a respeito da novilha vermelha (Nm 19; Hb 9.13) e Balaão (Nm 22.5; 31.16; 2Pe 2.15; Jd 11; Ap 2.14). A expressão "ovelhas que não têm pastor" aparece pela primeira vez em Nm 27.17 (no AT, cp. 1Rs 22.17; 2Cr 18.16; Ez 34.5; Zc 10.2; e, no NT, com Mt 9.36; Mc 6.34).

nuvem. As terras da Bíblia são geralmente limpas de nuvens; e, quando essas aparecem no céu, nota-se isso mais do que em outros países menos ensolarados. A "nuvem sem água" é um provérbio a respeito do homem que promete, mas não cumpre sua promessa (Pv 16.15; cp. Jd 12.) A nuvem é também uma figura do que é transitório (Jó 30.15) e da barreira que existe entre o divino e o humano. Em muitas ocasiões, Deus simbolizou suas manifestações por meio de nuvens (Êx 19.18; 24.16; 33.9; 40.34-38; Dt 4.11; 2Sm 22.12; 1Rs 8.10; Ez 1.4).

nuvem, coluna de. Uma coluna de nuvem guiava de dia o povo israelita, transformando-se de noite em uma coluna de fogo (Êx 13.21). Essa era uma indicação miraculosa da presença de Deus guiando o povo resgatado. A coluna de nuvem nos momentos críticos interpunha-se entre os israelitas e os perseguidores egípcios (Êx 14.19).

O

Obadias. *Servo do Senhor.* l. Descendente de Zorobabel. Os seus filhos são mencionados em 1Cr 3.21.

2. Descendente de Issacar, é um dos principais homens de sua tribo (1Cr 7.3).
3. Descendente do rei Saul (1Cr 8.38; 9.44).
4. Indivíduo pertencente ao coro do templo na época de Neemias (1Cr 9.16; Ne 12.25). Em Ne 11.17, seu nome é Abda.
5. Guerreiro de Gade que se juntou a Davi em Ziclague (1Cr 12.9).
6. Um dos príncipes de Judá que no reinado de Josafá foram por ordem do rei ensinar nas cidades de Judá (2Cr 17.7).
7. Um homem que voltou da Babilônia com Esdras (Ed 8.9).
8. Sacerdote, ou família de sacerdotes, que selou o pacto com Neemias (Ne 10. 5).
9. Oficial de alta posição na corte de Acabe. Era adorador secreto do Senhor e conseguiu retirar cem profetas da vista odiosa de Jezabel, escondendo-os em uma cova. Elias o encontrou e, apesar da timidez de Obadias, pediu-lhe que o levasse à presença de Acabe (1Rs 18.3-16). Alguns o têm identificado com o profeta Obadias.
10. O pai de Ismaías (1Cr 27.19).
11. Superintendente de trabalhadores na restauração do templo (2Cr 34.12).
12. Obadias, o profeta, e autor do livro que tem seu nome. Nada se sabe a respeito de sua vida. No tempo de Jerônimo, era corrente a identificação do profeta com o servo de Acabe, ou o terceiro "capitão de cinquenta" (2Rs 1.13). O Talmude afirma que Obadias era um prosélito, natural de Edom.

Obadias, O Livro de. A data da profecia do livro deve estar relacionada com a época da tomada de Jerusalém, à qual se faz referência no v. 11. Pelas circunstâncias indicadas, deve tratar-se da conquista da cidade santa pelos babilônios no tempo de Nabucodonosor. Os idumeus, contra quem é dirigida a profecia, eram antigos inimigos de Israel (Nm 20.14-21); e, embora subjugados, tinham retomado algo de seu antigo poder (2Rs 16.6). Evidentemente eles se juntaram a Nabucodonosor para humilhar seus antigos adversários. Obadias acusa os idumeus dessa ofensa, que provavelmente teve sua efetuação de 588 a 586 a.C. As predições com respeito a Edom foram completamente cumpridas. O conteúdo do livro pode resumir-se no seguinte:
a) O maior inimigo dos israelitas eram então os idumeus, que se achavam orgulhosos de seu saber (v. 8) e de sua penhascosa e inexpugnável posição (v. 3).
b) O profeta anuncia que os tesouros desse povo serão postos a descoberto e ao mesmo tempo censura-os pelo ódio que nutrem pelos judeus, seus irmãos de sangue, pois se regozijavam com suas calamidades e incitavam Nabucodonosor a exterminá-los completamente (Sl 137.7). Por tudo isso, estava próximo o dia da retribuição: "como tu fizeste, assim se fará contigo" (v. 15). Mas o próprio povo escolhido já tinha sido transportado para o cativeiro, a terra santa estava abandonada e o castigo anunciado contra os idumeus parecia não ter diferença do que já tinha sido infligido à descendência de Jacó. O profeta então declara que Edom ainda seria como se nunca tivesse existido, desaparecendo completamente e para sempre (profecia que teve seu cumprimento de modo notável). Israel, porém, ainda haveria de levantar-se de sua queda,

reconquistando não somente sua própria terra, mas também a Filístia e Edom, regozijando-se finalmente com o reinado santo do prometido Messias. (A esse respeito, cp. a profecia de Obadias com as palavras de Ez 35; Jl 3.19.20; Am 1.11,12; 9.11-15 e, mais especialmente, Jr 49.7-22.) Não se encontra no NT nenhuma referência a essa pequena profecia.

Obede. *Servo.* 1. Filho de Boaz e Rute, a moabita; foi pai de Jessé, avô do rei Davi e um dos antepassados de Jesus Cristo (Rt 4.17,21,22; 1Cr 2.12; Mt 1.5; Lc 3.32).
2. Neto de Zabade e um dos principais guerreiros de Davi (1Cr 2.37,38).
3. Um dos valentes de Davi (1Cr 11.47).
4. Guarda-portão do tabernáculo (1Cr 26.7).
5. Pai de Azarias (2Cr 23.1).

Obede-Edom. *Servo de Edom.* 1. Quando a arca era conduzida da casa de Abinadabe, em Gibeá, para a cidade de Davi, foi desviada para a casa de Obede-Edom, o geteu, e lá permaneceu por três meses, trazendo bênçãos sobre toda a família (2Sm 6.10,11; 1Cr 13.13,14).
2. Obede-Edom, o levita, filho de Jedutum (1Cr 16.38), um guarda da arca. Os membros dessa família continuaram no serviço de guardas, tendo a seu cuidado os vasos do templo, no reinado de Amazias (1Cr 15.18,21,24; 16.5; 26.4,8,15; 2Cr 25.24). É possível que os dois sejam idênticos.

Odede. *Restaurador.* 1. Pai do profeta Azarias (2Cr 15.1). No v. 8, é evidente que deveria estar assim: "a profecia do profeta Azarias, filho de Odede".
2. Profeta do Senhor em Samaria, na ocasião em que Peca invadiu Judá. Ele convenceu Peca a entregar os 200 mil cativos que tinham sido levados (2Cr 28.9).

odre. Destinados a conter e transportar líquidos, os odres eram, e ainda são, feitos de peles de animais preparadas para esse fim. As peles são despegadas dos animais com o maior cuidado; separam-se do corpo, depois de removida a cabeça e as extremidades, como uma luva bem ajustada; e depois são costuradas as aberturas, à exceção do pescoço, que é atado como um saco por meio de um cordel de chicote. Esses odres tinham diversos volumes, conforme o tamanho das peles. Enquanto a pele ainda está fresca, é dada a um curtidor, que a torna própria para conter não somente água, mas vinho, leite e outros líquidos. O curtimento é feito com casca de carvalho ou de acácia, sendo deixada de fora a parte peluda.
A pele dos suínos nunca é empregada para esse fim pelos judeus, porque o porco é animal "imundo". Durante as longas caminhadas no deserto, essas vasilhas de couro, principalmente as de pele de cabra, tornam-se secas e gretadas, como os "odres de vinho, velhos, rotos e consertados" que os gibeonitas trouxeram a Josué, querendo enganá-lo quanto à duração de sua viagem. Esses odres, que ganhavam fendas pelo seu uso, eram consertados, mas depois já não tinham grande utilidade (Mt 9.17).
Os odres feitos de peles de animais não eram somente usados pelos árabes: na Europa, Ásia e África, o seu uso era bastante generalizado. Ainda hoje, existem na Espanha e em Portugal as borrachas para vinho que são muito semelhantes às da Arábia. De tais vasilhas, também os gregos, os romanos e os egípcios faziam uso para o mesmo fim. Na Pérsia, as peles eram conservadas por um revestimento de breu. A declaração "Já me assemelho a um odre na fumaça" (Sl 119.83) é uma referência à ação do calor sobre a pele, secando-a e gretando-a; em Mt 9.17, contudo, fala-se da expansão produzida pela fermentação.

oferta alçada. Não se deve confundir essa oferta com a do movimento. Ela representa uma oferta que era levantada de entre as outras ofertas (Êx 29.27; Lv 7.14) ou era proveniente do produto ganho pelos esforços da pessoa que oferecia (Dt 12.6). V. SACRIFÍCIO.

oferta de manjares. Descreve-se em Lv 2 e 6.14-23 o cerimonial respectivo à oferta de manjares. Compunha-se de farinha fina, em que se deitava sal, e era amassada com azeite e incenso, mas sem fermento, sendo geralmente acompanhada de uma oferta de vinho. Uma porção dessa massa, incluindo todo o incenso, deveria ser queimada sobre o altar como "porção memorial", o restante pertencia ao sacerdote, mas as ofertas de manjares dos próprios sacerdotes deveriam ser inteiramente queimadas. A soberania e a benignidade de Deus eram reconhecidas, por se lhe dedicar o melhor de seus dons: a farinha como principal sustento da vida, o azeite como símbolo da riqueza e o vinho como símbolo do vigor e da recreação (Sl 104.15). A ausência de fermento e a presença de sal significavam pureza; o incenso santificava aquele serviço especial a Deus. A oferta de manjares fazia parte de várias outras cerimônias, sendo algumas delas de importância ainda mais profunda (Êx29.1,2, 40,41; Lv 6.20; 8.2; 14.20; Nm 6.15; 8.8; 28.9,10,11-14,20,28; 29.3-16).

oferta movida. As porções dos sacrifícios que eram movidas na direção do altar, em vez de serem queimadas, e que depois eram comidas pelos sacerdotes e pelo ofertante. Essa oferta era agitada pelo ofertante da direita para a esquerda e movida para cima e para baixo (Êx29.24,26; Lv 7.30,34; Nm 18.11,18). V. OFERTA DE MANJARES, SACRIFÍCIOS PACÍFICOS.

Ofir. 1. Filho de Joctã (Gn 10.29; 1Cr 1.23). O nome deve corresponder a alguma cidade, região ou tribo da Arábia.

2. Ofir, como nome geográfico, tem sido identificado com três localidades: a parte meridional da Arábia, a Índia e a costa oriental da África. A maior prova é a favor da Arábia. Foi o local de onde Davi e Salomão obtiveram ouro e outras mercadorias de valor (1Rs 9.28; 10.11; 22.49; 1Cr 29.4; 2Cr 8.18; 9.10; Jó22.24; 28.16; Sl 45.9; Is 13.12).

Ogue. Foi rei de Basã, homem de estatura gigantesca, tendo domínio sobre 60 cidades (Js 13.12). Ele, seus filhos e seu povo foram exterminados na batalha de Edrei, sendo o seu território cedido aos descendentes de Rúben, Gade e à meia tribo de Manassés (Nm 32.33; Dt 1.4; 3.1-13; 4.47; 31.4; Js 2.10; 9.10; 13.12,30). Essa vitória permaneceu por muito tempo na memória nacional (Sl 135.11; 136.20). O "leito de ferro" que se via em Rabá dos filhos de Amom (Dt 3.11) era provavelmente um sarcófago de mármore preto. V. BASÃ.

olaria. Ainda que a olaria seja uma das mais antigas indústrias, não é, contudo, fácil vê-la mencionada entre os hebreus até os tempos de Saul e Davi (2Sm 17.28; 1Cr 4.23). Nas fases de sua vida nômade, eram poucas as necessidades dos israelitas, devendo ser muito simples os utensílios de barro, visto que os diversos animais que eles matavam lhes davam peles com as quais fabricavam vasos para água, mel e vinho. Os profetas, porém, muitas vezes se referem ao oleiro e à sua arte (Is 29.16; 30.14; 41.25; 64.8; Jr 18.2-6; 19.1-11).

Olival, Oliveiras, monte das (2Sm 15.30; At 1.12). Uma planada elevação, com pouco mais de 1,5 km de comprimento, a leste de Jerusalém (Ez 11.23; Zc 14.4). O monte Olival está separado da cidade pelo estreito vale de Cedrom. É cerca de 90 m mais alto do que o monte do templo e vai gradualmente subindo desde a parte norte da cidade, na direção leste, até a distância de aproximadamente 1.200 m ao sul de Harã, onde o Cedrom se desvia para o leste,

correndo para o mar Morto. O monte tem quatro cimos: (1) o Galileu, ou *Viri Galilaei* (homens da Galileia), o tradicional lugar sobre o qual os anjos falaram, dizendo "Varões galileus" (At 1.11); (2) o tradicional "monte da Ascensão"; (3) os "Profetas", nome derivado de uma gruta singular chamada "os túmulos dos profetas"; (4) "o monte da Ofensa", por ser ali que Salomão edificou um alto (1Rs 11.7; 2Rs 23.13). Pela subida do Olival, Davi fugiu por causa da revolta de Absalão (2Sm 15.30; 16.1,13). Os judeus foram buscar ramos no monte das Oliveiras para celebrar a Festa dos Tabernáculos, depois da volta do cativeiro (Ne 8.15). Ali foi o lugar de onde Jesus partiu, quando realizou sua entrada triunfal em Jerusalém, indo pela estrada entre os cumes (3 e 4); e ali também proferiu sua última profecia. No cimo oriental, perto de Betânia, aconteceu sua ascensão (Mt 26.30; Mc 14.26; Lc 22.39; Jo 8.1; Mt 21.1-11; Mc 11.1; Lc 19.29,37; Mt 24.3; Mc 13.3; Lc 21.37; 24.50; At 1.12).

oliveira. A oliveira é, pela primeira vez, mencionada em Gn 8.11, quando a pomba voltou para a arca de Noé com um ramo dessa árvore. Havia muitas oliveiras na terra santa, quando os israelitas tomaram posse dela (Dt 6.11); e elas estão associadas às vinhas como fonte de riqueza (1Sm 8.14; 2Rs 5.26). As azeitonas eram colhidas batendo- se ou sacudindo a árvore (Dt 24.20); era destinada aos respigadores uma parte (Êx 23.11). O azeite era extraído esmagando-se ou pisando o fruto (Êx 27.20; Jl 2.24; Mq 6.15). Há referência ao uso da madeira de oliveira em 1Rs 6.23, e ela é ainda empregada na Palestina em obras de gabinete. Uma coisa tão conhecida era naturalmente utilizada como símbolo. Um homem justo é comparado à oliveira por causa do seu verdor e da sua abundância (Sl 52.8; Os 14.6), e os seus filhos são descritos como ramos de oliveira (Sl 128.3). Elifaz diz dos maus: "E deixará cair a sua flor, como a oliveira" (Jó 15.33), referindo-se a como algumas vezes as flores caem abundantemente da árvore. O fruto da oliveira, em seu estado silvestre, é pequeno e sem valor, mas torna-se bom e abundante quando na planta silvestre se enxerta um ramo de boa árvore. Paulo serve-se dessa circunstância de modo admirável para mostrar aos gentios os benefícios que eles haviam recebido do verdadeiro Israel (Rm 11.17); é contrário à natureza, diz ele, enxertar um ramo silvestre em um tronco de boa árvore. V. AZEITE.

oliveira brava. O renovo bastardo a que se refere Isaías (14.19) é o zambujeiro. Dá certo gênero de azeite, de qualidade inferior, que se usa como medicamento, embora seja bom para a alimentação. O zambujeiro é uma árvore pequena que se encontra em todas as partes da Palestina, exceto no vale do Jordão. A madeira dessa planta é dura, e por isso foi ótima para nela serem esculpidas as figuras simbólicas dos querubins no templo de Salomão (1Rs 6.23). As folhas são pequenas e estreitas, e as flores, pouco distintas; o zambujeiro, contudo, é um belo arbusto. A mesma palavra hebraica aparece em Ne 8.15. V. OLIVEIRA.

Om. Chefe da tribo de Rúben que tomou parte em uma revolta contra Moisés (Nm 16.1).

ômega. A última letra do alfabeto grego (Ap 1.8).

ômer. Medida para secos, correspondente à décima parte do efa (Êx 16.36), aproximadamente 393 litros (Lv 27.16).

Onésimo. *Proveitoso.* Um escravo cristão de Colossos, que fugiu da casa de seu senhor, e, indo para Roma, foi convertido ao cristianismo por Paulo. Depois de sua conversão, Onésimo voltou para seu amo, chamado Filemom, levando uma carta de Paulo. É a carta conhecida pelo nome de Epístola a Filemom. V. tb. Cl 4.9, FILEMOM.

ônica, onicha. É um ingrediente do perfume "puro e santo" descrito em Êx30.34, 35. Supõe-se que é o operculum de uma espécie de molusco (*Strombus*) que vive nos mares orientais. A suas conchas são usadas em grande quantidade para fazer camafeus, sendo o *operculum* moído e misturado com substâncias aromáticas. É a "concha odorífera" dos antigos.

ônix. Uma pedra preciosa, assim chamada do gr. *onux*, "a unha", em razão da sua cor e semelhança com o mármore. mencionada pela primeira vez na Bíblia com o ouro e o bdélio do rio Pisom do Éden (Gn 2.12). Pedras ônix foram preparadas por Davi para o templo (1Cr 29.2). Eram provavelmente pedras do mármore ônix ou *onychus*. Deveria ser difícil o emprego das pedras preciosas no exterior do templo, embora estivesse ali o variegado mármore. A pedra do peitoral do sumo sacerdote era, sem dúvida, a preciosa pedra de ônix (Êx 28.9-12), especialmente apropriada para a gravura. (V. tb. Jo 28.16; Ez 28.13.)

Onri. *Adorador do Senhor.* 1. Rei de Israel e pai de Acabe. Quando seu nome aparece pela primeira vez nas Escrituras Sagradas, em 890 a.C., ele é comandante-chefe, sob o governo do rei Elá. Sendo este assassinado por Zinri, foi Onri proclamado rei por seus soldados; e, indo Onri atacar Zinri, em Tirza, conquistou esta cidade. Quanto a Zinri, pereceu nas chamas de seu palácio, dentro do qual ele reunia sua corte, como rei de Israel. Tibni e Jorão não aceitaram a supremacia de Onri, seguindo-se uma guerra civil que durou quatro anos. Saindo Onri vitorioso, reinou pelo espaço de seis anos em Tirza; transferiu depois sua residência para Samaria, a 11 km distante de Siquém, e ali reinou por mais seis anos. Onri fez um tratado com Ben-Hadade I, rei de Damasco, entregando- lhe algumas cidades da fronteira e tomando suas medidas para a residência de uma colônia siríaca em Samaria. Acabe, seu filho, casou com Jezabel, filha de um importante príncipe da Fenícia, e desse modo os males provenientes do culto a Baal foram introduzidos no reino de Israel. Além disso, durante o reinado de Onri, Betel permaneceu como capital religiosa do país, continuando ali o culto do bezerro introduzido por Jeroboão. Miqueias, por volta de 730 a.C., denunciou a política e a religião de Onri sob o nome de "os estatutos de Onri" (1Rs 16.15-26; 20.34; Mq 6.16).
2. Neto de Benjamim (1Cr 7.8).
3. Um descendente de Judá (1Cr 9.4).
4. Chefe da tribo de Issacar no reinado de Davi (1Cr 27.18).

oração. A oração cristã baseia-se na convicção de que o Pai Celeste, que tem providencial cuidado sobre nós (Mt 6.26,30; 10.29,30) e é "cheio de terna misericórdia" (Tg 5.11), ouvirá as petições dos seus filhos e responderá a elas da maneira e no tempo que julgar melhor. A oração deve, então, ser feita com toda a confiança (Fp 4.6), embora Deus saiba de tudo que necessitamos, antes de lhe pedirmos (Mt 6.8, 32). A sua resposta pode ser demorada (Lc 11.5-10); talvez a oração seja importuna (Lc 18.1-8), e repetida, como no caso de Jesus Cristo (Mt 26.44); a resposta pode não ser bem o que se pediu (2Co 12.7-9), mas o cristão pode pôr toda a sua ansiedade de lado, descansando na paz de Deus (Fp 4.6,7). Sem falar na oração relacionada com o culto ou na oração em períodos estabelecidos (Sl 55.17; Dn 6.10), orava-se quando e onde era preciso: dentro do "grande peixe" (Jn 2.1); sobre os montes (1Rs 18.42; Mt 14.23); no terraço da casa (At 10.9); no interior de um quarto (Mt 6.6); na prisão (At 16.25); na praia (At 21.5). O templo era, preeminentemente, a "casa de oração" (Lc 18.10), e todos aqueles que não podiam reunir-se no templo com os outros adoradores voltavam-se para ele quando oravam

(1Rs 8.32; 2Cr 6.34; Dn 6.10).

Notam-se várias *posições na oração*, tanto no AT como no NT: *em pé* (1Sm 1.10,26; Lc 18.11); de joelhos (Dn 6.10; Lc 22.41); *curvando a cabeça e inclinando-a à terra* (Êx12.27; 34.8); prostrado (Nm 16.22; Mt 26.39). Em pé ou de joelhos, na oração, as mãos permaneciam estendidas (Ed 9.5) ou erguidas (Sl 28.2; cp. 1Tm 2.8). As manifestações de contrição e dor eram algumas vezes acompanhadas de oração (Ed 9.5; Lc 18.13). A oração intercessora (Tg 5.16-18) é prescrita tanto no AT como no NT (Nm 6.23; Jó 42.8; Is 62.6,7; Mt 5.44; 1Tm 2.1).

Exemplos de oração mediadora aparecem nos casos de Moisés (Êx 32.31,32), Davi (2Sm 24.17; 1Cr 29.18), Estêvão (At 7.60) e Paulo (Rm 1.9). *Solicitações* para a oração intercessora encontram-se em Êx8.8; Nm 21.7; 1Rs 13.6; At 8.24; Rm 15.30-32; e as *respostas* a essas orações se veem em Êx8.12,13; Nm 21.8,9; 1Rs 13.6 e At 12.5-8. (A esse respeito, cp. tb. 2Co 12.8.)

O próprio exemplo de Jesus a respeito da oração é decisivo. Ele indicou o fundamento sobre o qual repousa a crença na oração, que é o cuidado providencial de um Pai onisciente (Mt 7.7-11). Ele ensinou seus discípulos a orar (Mt 6.5-15; Lc 11.1-13); assegurou-lhes a certeza da resposta de Deus a uma oração reta (Mt 7.7; 18.19; 21.22; Jo 15.7; 16.23,24); associou a oração à vida de obediência (Mc 14.38; Lc 21.36); nos anima a ser persistentes e até mesmo importunos na oração (Lc 11.5-8; 18.1-7); e ainda procurou os lugares retirados para orar (Mt 14.23; 26.36-46; Mc 1.35; Lc 5.16).

Jesus fez uso da oração intercessora na súplica conhecida pela designação de sua alta *oração sacerdotal* (Jo 17); orou durante a agonia na cruz (Mt 27.46; Mc 15.34; Lc 23.34,46). A oração *em nome de Cristo* é autorizada pelo próprio Jesus (Jo 14.13-16) e por Paulo (Ef 5.20; Cl 3.17). O *Espírito Santo* também intercede por nós (Rm 8.26).

Orebe. *Corvo.* 1. Um dos chefes do exército midianita que invadiu Israel e foi derrotado e repelido por Gideão (Jz 7.25; 8.3; Sl 83.11). Orebe foi morto pelos homens de Efraim, e sua cabeça foi levada a Gideão.

2. A rocha de Orebe, um pico que domina a planície do Jordão. Foi nesse lugar que as forças midianitas foram interceptadas quando fugiam de Gideão, sendo seu chefe, Orebe, morto pelos efraimitas (Jz 7.25; Is 10.26).

Oriente. Os hebreus exprimiam os pontos cardeais leste, oeste, norte e sul por palavras que significavam "adiante", "atrás", "à esquerda", "à direita", em conformidade com a posição da pessoa que estava com a face para o lado onde nasce o Sol (Jó 23.8,9). Por Oriente, eles frequentemente querem referir-se não somente à Arábia Desértica e à terras de Moabe e Amom, que ficam a leste da Palestina, mas também Assíria, Mesopotâmia, Babilônia e Caldeia, embora esses países estejam situados mais ao norte do que a leste da Judeia. Diz-se terem vindo do Oriente Balaão, Ciro e também os magos que visitaram Belém quando Jesus nasceu (Nm 23.7; Is 46.11; Mt 2.1). Os "povos do Oriente" são, em particular, as várias tribos desérticas a leste da Palestina (Jz 6.3).

Oriente, mar do. Outro nome do mar Morto (Ez 47.18).

Órion. A constelação a que se refere o livro de Jó em 9.9 e 38.31 e a profecia de Amós em 5.8.

ornamentos. Os habitantes da Palestina (como outros povos do Oriente nos tempos atuais) apreciavam muito as coisas luxuosas. Isaías (3.18-23) descreve os artigos de luxo que as mulheres usavam no seu tempo. Os adornos eram exibidos com prodigalidade nas festas de caráter público ou particular, mas de modo especial nos casamentos (Is 61.10; Jr 2.32; Os 2.13). Nos tempos de luto público, os ornamentos eram postos de lado (Êx 33.4-6). A palavra em Gn 24.22 deve ser "argola do nariz", e em Gn 38.18 deve traduzir-se por "cordão".

orvalho. O orvalho na Palestina é abundante no verão, todas as manhãs. Gideão encheu uma taça com a água da lã orvalhada (Jz 6.38). Quando Isaque abençoou Jacó, desejou-lhe o orvalho do céu que fertiliza os campos (Gn 27.28). Nesses países quentes, onde raras vezes chove, o orvalho da noite supre a falta de chuvas. Os profetas e os poetas empregam muitas vezes o termo "orvalho" em suas imagens (Dt 32.2; Jó 29.19; Sl 133.3; Pv 19.12; Is 26.19; Os 6.4; 13.3; 14.5; Mq 5.7). Em algumas dessas passagens, é mais da neblina que se trata, a qual é trazida pelo vento ocidental.

Oseias. *Salvação*. 1. Profeta de Israel e primeiro na ordem dos chamados Profetas Menores. Sobre a vida do profeta, somente se sabe o que ele nos diz: era filho de Beeri (1.1) e, segundo uma tradição cristã, pertencia à tribo de Issacar. O seu livro nos sugere, em muitas particularidades referidas, que ele era natural do Reino do Norte. A narrativa pessoal que se lê nos cap. 1—3 deve, sem dúvida, ser interpretada como realidade, e não somente como simbolismo. Segundo essa narração, Oseias casou tomando por mulher Gômer, filha de Diblaim, de quem teve três filhos, aos quais deu os nomes de Jezreel, Desfavorecida e Não-Meu-Povo. Gômer tornou-se adúltera e abandonou Oseias (cap. 2 e 5). Apesar de tudo isso, ela era amada pelo profeta, que a resgatou da escravidão (3.1,2), dando-lhe novamente lugar em sua casa, sem que fosse, contudo, considerada como esposa (3.3). (Quanto à interpretação simbólica da narrativa, V. OSEIAS, O LIVRO DE.) A vida ministerial do profeta passou-se nos reinos de Uzias, Jotão, Acaz e Ezequias, reis de Judá, e de Jeroboão II, o filho de Joás, rei de Israel (1.1). Por consequência, Oseias foi contemporâneo de Isaías, vivendo em um período de grande ansiedade nacional. A sua própria posição parece ter sido de insulação religiosa, mas de íntima comunhão com Deus.
2. O primeiro nome de Josué (Nm 13.16; Dt 32.44).
3. Efraimita, filho de Azazias e governador de seu povo no reinado de Davi (1Cr 27.20).
4. Um dos principais do povo que, junto com Neemias, selou o pacto (Ne 10.23).
5. O último rei de Israel (734 a 722 a.C.). Ele tinha alcançado o trono por meio de uma conspiração, na qual seu antecessor foi morto. Era um rei patriota que procurou o bem-estar de seu povo, trabalhando para libertá-lo do jugo da Assíria, mas praticou o grande e fatal erro de efetuar uma aliança com um povo pagão.
Peca procurara a aliança de Rezim, rei da Síria, contra Acaz, e com certa vantagem. Acaz, porém, imitando a política de seu rival, pediu auxílio ao rei da Assíria. Este veio, derrotou os israelitas e levou para a Média as duas tribos e meia que estavam além do Jordão, tornando tributário o resto do povo. Foi esse o primeiro cativeiro de Israel. Dez anos mais tarde, Oseias apelou para Sô, rei do Egito, para que este o ajudasse a sacudir o peso do tributo. Infelizmente, Ezequias também fez parte dessa confederação. Essa revolta foi causa de uma nova invasão do exército dos assírios, e dessa vez os israelitas foram inteiramente subjugados e, levados em segundo cativeiro para a Assíria, deixaram o país despovoado.

Quanto a Oseias, sendo preso e tratado como vassalo rebelde, foi encerrado na prisão e privado da vista. Embora fosse um rei valente e bom, chegou tarde demais para salvar seu povo, que, pela idolatria, embriaguez, cobiça e assassinatos, tinha produzido uma chaga, e uma chaga incurável, no seu organismo (Mq 1.9; 2Rs 15.20; 17.1,3,4,6; 18.1,9,10).

Oseias, O Livro de. A mensagem do profeta tem duas características principais: seu zelo na condenação do pecado de Israel, visto que os israelitas tinham abandonado a adoração ao Senhor e caído na idolatria; e o grande desejo manifestado pelo arrependimento dos pecadores para receberem o perdão de Deus. Podemos resumir o conteúdo do livro da seguinte maneira: 1. Os cap. 1—3 apresentam um quadro descritivo das relações existentes entre o Senhor e seu povo, sob a figura de uma mulher que foi infiel a seu marido; mas essa mulher foi por ele arrancada, porque lhe tinha grande amor, da companhia de seu amante, e ele a admitiu novamente em casa, esperando que ela, mergulhada em sua dor, se arrependesse, a fim de que se realizasse entre os dois uma perfeita comunhão. Para tornar mais vividamente real a narrativa, acham-se nela incorporadas as próprias experiências do profeta, passadas ou em sua vida doméstica, ou em sucessivas visões em que ele próprio assume o papel de marido traído. 2. Os cap. 4—14 encerram vários discursos proféticos que foram proferidos em tempos diferentes, desde a última parte do reinado de Jeroboão II até certo momento que precede em curto intervalo a queda de Samaria. Os principais tópicos são várias vezes repetidos: o culto do bezerro em Betel; as desmoralizadoras idolatrias dos lugares altos; a consequente corrupção moral dos sacerdotes e do povo; o procedimento desleal e infiel do povo em suas alianças pagãs, ora com a Assíria, ora com o Egito. Oseias passa sem interrupção da severa exprobação para uma terna repreensão; e esta é seguida de repetidos e amorosos apelos, com promessas de restauração expostas na mais comovente linguagem. E a conclusão é uma passagem de grande beleza, em que a melancolia e a aparente dureza dos traços precedentes são substituídas por descrições de elevada suavidade, que lembram o Cântico dos Cânticos de Salomão. O *estilo* do profeta é veemente e desordenado, conservando um pouco do paralelismo formal característico da poesia hebraica. Há muitas referências aos acontecimentos que se narram no Pentateuco, em Josué, Juízes e Samuel; nota-se também certa correspondência com passagens do livro de Amós.
As citações de Oseias no NT são:
O Filho do Senhor, chamado do Egito (Os 11.1; cp. Mt 2.15); rejeição e restauração (Os 1.10; 2.23; cp. Rm 9.25,26; 1Pe 2.10); a grande declaração "misericórdia, e não sacrifício" (Os 6.6; cp. Mt 9.13 e 12.7); e a promessa da destruição da morte (Os 13.14; cp. 1Co 15.55,56).

Otniel. Filho de Quenaz de Judá (Js 15.17) e irmão mais novo de Calebe (Jz 1.13), cuja filha Acsa lhe foi dada em casamento como recompensa de ter ele tomado Quiriate-Sefer (Jz 3.9; 1Cr 4.13). O casamento de um tio com sua sobrinha não é expressamente proibido pela lei levítica (Lv 18.12; 20.19). Otniel foi o primeiro juiz de Israel depois de Josué. Ele livrou a terra da opressão do rei da Mesopotâmia.

ouro. O uso do ouro era comum entre os hebreus. Várias partes do templo, dos ornatos e dos utensílios eram cobertas desse precioso metal (Êx 36.34-38; 1Rs 7.48-50); e muitos vasos dos ricos, bem como seus ornamentos pessoais e as insígnias de seus cargos, eram de ouro. Ofir (Jó 28.16), Parvaim (2Cr 3.6), Sabá e Raamá (Ez 27.22,23) são mencionados como lugares que

produziam ouro. Esse metal era abundante nos tempos antigos (1Cr 22.14; 2Cr 1.15; 9.9; Dn 3.1; Na 2.9), mas não era empregado no fabrico de moeda nem usado como padrão de valor.

ouro batido. (Nm 8.4.) O metal é batido conforme o modelo que se requer, sendo esta obra distinta da fundição (Êx 25.18, 31,36; 37.17,22).

ouvido. Essa palavra é usada figuradamente em diversos casos, como em Jr 6.10, em que ouvidos incircuncisos são ouvidos desatentos à Palavra de Deus. Os "ouvidos abertos" de Sl 34.15 significam que Deus presta constante atenção às orações de seu povo, ao passo que a expressão "endurece-lhe os ouvidos" (Is 6.10) se refere à alma dos desobedientes que não querem ouvir. Entre os judeus, o escravo que renunciava ao privilégio de poder libertar-se no ano sabático tinha de sujeitar-se a ter sua orelha furada com uma sovela por seu senhor, como sinal de perpétua escravidão.

A cerimônia era realizada na presença de algum juiz ou magistrado, sendo um ato voluntário (Êx 21.5,6).

ovelhas, carneiros. As ovelhas constituíam a principal riqueza dos patriarcas. A sua carne era não somente um dos alimentos principais, mas também de sua lã se fazia quase todo o vestuário para o povo. Além disso, por causa da acidentada natureza da terra, eram criados rebanhos por toda parte, sendo isso de maior importância que a agricultura. Os carneiros da Palestina eram de três raças: o carneiro vulgar, o carneiro enfezado, guardado por Amós (Am 1.1) e possuído por Mesa, e o carneiro de grossa cauda, sendo esta espécie principalmente notável pela enorme quantidade de lã da referida cauda, que algumas vezes chega a pesar de 10 a 20 arráteis. Esta espécie de carneiros acha-se na Tartária, Arábia, Pérsia, Barbária e Síria, sendo bem conhecida dos antigos e vendo-se ela representada nos monumentos da Assíria. O corpo é branco, a cabeça e o pescoço são negros, sendo córnea a ponta da cauda. Como quase toda a cauda é bastante gorda, os árabes a consideram uma comida muito delicada. Fazia parte dos sacrifícios pacíficos (Lv 3.9).

A ovelha é o primeiro animal que tem o nome especificado na Bíblia, quando Abel ofereceu ao Senhor os primogênitos de seu rebanho (Gn 4.2). Abraão era muito rico em ovelhas, e Jó, em certa ocasião, tinha em seus rebanhos 14 mil animais desse tipo. Em 2Rs 3.4, o rei Mesa, do país de Moabe, pagava um tributo de 100 mil cordeiros e a lã de 100 mil carneiros; e esse país é ainda notável por seus grandes rebanhos de ovelhas. Salomão sacrificou 120 mil ovelhas na dedicação do templo. O cordeiro era o tipo da inocência e pureza, e por isso figurava eminentemente nos sacrifícios. O cordeiro, ou o cabrito, era usualmente escolhido, sendo o carneiro somente para os sacrifícios expiatórios. A lã do carneiro, empregada no vestuário, é muitas vezes mencionada (Lv 13.47; Dt 22.11; Pv 31.13). Encontram-se muitas vezes nas Escrituras alusões à tosquia das ovelhas; e em Gn 38.12 se lê que Judá "subiu aos tosquiadores das suas ovelhas, em Timna".

Dos chifres de carneiro, faziam-se instrumentos musicais (Js 6.4) e também vasos para azeites e outros líquidos (1Sm 16.1). Além da roupa feita de fios de lã, as peles curtidas eram usadas como roupas (Hb 11.37); e o tabernáculo foi guarnecido de peles de carneiro tingidas de vermelho (Êx26.14). Os cães pastores eram usados para os mesmos fins dos tempos presentes (Josefo, Ant., IV, VIII, 9). V. PASTOR.

Ovelhas, Porta das (Ne 3.1,32; 12.39 [ARC]; Jo 5.2).

P

Paate-Moabe. *Governador de Moabe.* Chefe de uma das principais famílias de Judá. A sua descendência voltou com Zorobabel (Ed 2.6; 10.30; Ne 3.11; 7.11; 10.14). A singularidade do seu nome pode ser explicada pela emigração dos filhos de Selá, filhos de Judá, para Moabe, onde tinham domínio (1Cr 4.22). A esse respeito, cp. o caso de Elimeleque (Rt 1.2). Outras pessoas da mesma família voltaram com Esdras (Ed 8.4).

Pafos. Cidade na extremidade sudoeste de Chipre, onde se deu o encontro de Paulo com Elimas, o mago, durante sua primeira viagem missionária (At 13.6). Pafos, que hoje se chama Bafo, era um sítio notável pelo culto que ali se prestava à deusa Vênus, ou Afrodite, sobre a qual se dizia ter saído do mar naquele lugar. Entre os peregrinos que afluíam ao santuário pagão, havia manifestações de grande libertinagem. Um rei independente, que era também o hereditário sumo sacerdote do templo da deusa, governava a cidade e a parte ocidental de Chipre, até que os romanos se apossaram da ilha (58 a.C.).

pai. Essa palavra, além de sua significação geral, toma-se também nas Escrituras no sentido de avô, bisavô ou fundador de uma família, ainda que remota. Por isso, no tempo de Jesus Cristo os judeus chamavam pais a Abraão, Isaque e Jacó. Jesus Cristo é chamado o Filho de Davi, embora este rei estivesse dele distante muitas gerações. Pela palavra "pai", também se compreende o instituidor, o mestre, o primeiro de certa profissão. Jabal "foi o pai dos que habitam nas tendas e possuem gado". Jubal "foi o pai de todos os que tocam harpa e flauta" (Gn 4.20,21). Também se emprega o termo no sentido de parentesco espiritual bom ou mau; assim, Deus é o Pai da humanidade. O diabo é cognominado o pai da mentira (Jo 8.44). Abraão é o pai dos cristãos. É igualmente chamado "o pai de numerosas nações", porque muitos povos tiveram nele a sua origem. Na era patriarcal, a autoridade do pai na família era absoluta, embora ele não tivesse o poder de pessoalmente infligir a morte a seus filhos (Dt 21.18-21).

Paixão. Essa palavra aparece no sentido de *sofrer tribulações* quando se trata dos sofrimentos de Jesus Cristo (o Getsêmani, o julgamento, a flagelação, a zombaria e a cruz) em algumas passagens do NT (At 1.3; Hb 2.9; 1Pe 1.11; 4.13). Literalmente, a frase "depois de ter padecido" significa "depois de ele ter sofrido", fazendo ver na forma intransitiva do verbo que todos os incidentes da traição e morte de Jesus Cristo se concentraram em um só grandioso fato de redenção. Paulo não emprega intransitivamente o verbo, embora fale dos "sofrimentos de Cristo" (2Co 1.5) e também das "aflições de Cristo" (Cl 1.24); no entanto, nos últimos escritos do NT não são geralmente ativos os verbos "sofrer" e "padecer" (Lc 24.46; At 1.3; 3.18; 17.3; Hb 2.18; 9.26; 13.12; 1Pe 2.21; 4.1). Expressões mais limitadas, contudo praticamente equivalentes, notam-se nas referências à morte, à crucificação, à cruz de Cristo e, de modo especial, humilhação e ignomínia da cruz, um gênero de morte do qual o próprio Paulo estava isento na qualidade de cidadão romano (Gl 3.13; Fp 2.8; 3.10; cp. Hb 12.2; 13.13). Não nos ocuparemos aqui da interpretação que se dá à"paixão de Jesus Cristo", mas somente da narração dos acontecimentos. Os Evangelhos sinópticos demoram-se pouco na significação, mas muito na exposição dos fatos. No mais antigo entre eles, o Evangelho segundo Marcos, cuja narrativa é usada pelos outros dois, Jesus anuncia por três vezes seus sofrimentos (8.31; 9.31; 10.33), refere-se uma vez à sua morte, como "em resgate por muitos" (10.45), e uma vez

também ao seu "sangue da [nova] aliança, derramado em favor de muitos" (14.24). Todavia, Marcos consagra mais de um terço de todo o seu livro aos acontecimentos que têm relação imediata com a cruz e que não chegaram a ocupar uma semana. Se a exposição até a última semana era fragmentada, torna-se afinal diária; a maneira vigorosa em que é tratado o assunto da paixão de Cristo apoia e justifica a concentração que a igreja primitiva manifesta nos últimos acontecimentos. Com respeito aos incidentes da Paixão, os fatos relatados nos Evangelhos sinópticos podem ser resumidamente comparados. (Para o quarto Evangelho, v. mais adiante.)

1. *Getsêmani*. Na triste emoção de Jesus, Marcos põe na descrição um sinal de "pavor e agonia" omitido por Mateus. Lucas notavelmente abrevia essa parte da narrativa e registra só o aparecimento do anjo e a "agonia" (Lc 22.43,44). As pequenas variantes que aparecem na oração para que o cálice da amargura seja afastado, acabando o incidente com a vitoriosa submissão à vontade do Pai, não produzem alteração na substância.

2. *A prisão.* Marcos não reproduz palavra alguma de Jesus em resposta ao beijo da traição; Mateus registra: "Amigo, para que vieste?" (26.50); e Lucas narra: "Judas, com um beijo trais o Filho do Homem?" (22.48). Em alguns pequenos pormenores, a narrativa completa-se, recorrendo aos três autores.

3. *A zombaria.* Os três Evangelhos referem- se à zombaria na casa do sumo sacerdote. Em Marcos e Mateus, esse caso vem exposto em seguida à condenação; em Lucas, acha-se antes. Marcos e Mateus falam da flagelação e zombaria, levadas a efeito pelos soldados de Pilatos. Lucas omite esses fatos, mas apresenta um caso anterior de zombaria praticado pelos soldados de Herodes.

4. *A crucificação.* Os sarcasmos do povo, dos magistrados e dos soldados junto à cruz aparecem nas três narrações: segundo Marcos e Mateus, ambos os ladrões crucificados se uniram nas injúrias ao Salvador, mas Lucas descreve o belo acontecimento do ladrão arrependido. Mateus fala da bebida que por duas vezes foi oferecida a Jesus, revelando esses atos a compaixão dos ofertantes: a costumeira bebida estupefaciente ("vinho com fel"; 27.30) que era dada aos crucificados e que Jesus recusou, e algum vinagre (ou vinho azedo) embebido em uma esponja para aliviar as dores nos últimos instantes de esgotamento. O primeiro desses casos é apresentado por Mateus como um ato adicional de crueldade ("vinho com fel"). Lucas menciona a oferta do vinagre como ato de escarnecimento dos soldados, logo que Jesus foi crucificado.

5. As sete palavras na cruz. A provável ordem na qual as sete palavras foram proferidas, cotejando-se os Evangelhos, é a seguinte:

(1) "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem" (Lc 23.34).
(2) "Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso" (Lc 23.43).
(3) "Mulher, eis aí o teu filho! [...] Eis aí a tua mãe" (Jo 19.26,27).
(4) "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (Mt 27.46; Mc 15.34).
(5) "Tenho sede!" (Jo 19.28).
(6) "Está consumado!" (Jo 19.30).
(7) "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito" (Lc 23.46). As palavras do quarto Evangelho que descrevem a Paixão de Jesus são o produto de uma elevada concepção da pessoa de Cristo. Nota-se menos vigor narrativo na humilhação e nos sofrimentos humanos de Jesus, e mais

tocantes expressões no divino sacrifício daquele que, embora submisso, permanece Senhor e Rei (Jo 18.6, 36; 19.11).

palácio. Algumas palavras hebraicas se traduzem por "palácio" ou "paço", na Bíblia. É a habitação do rei, uma fortaleza, um templo ou ainda a casa de uma pessoa rica (Ed 6.2; Ne 1.1; 1Cr 29.1; Sl 45.8). No NT, aplica-se a palavra "palácio" de modo especial à residência do governador romano; era a casa edificada por Herodes e que é chamada de "o pretório" (Mc 15.16). A habitação do rei Davi foi construída com o auxílio de artífices que Hirão, rei de Tiro, forneceu (2Sm 5.11). O mais imponente palácio que Salomão edificou é descrito em 1Rs 5.8. Há alusões aos tesouros encontrados na casa do rei (1Rs 14.26; 15.18; 2Rs 14.14); e também (Ed 6.2) a um registro ou memória que se encontrou no palácio de Ecbátana, ou Acmetá.

Palestina. *A terra dos filisteus*. É propriamente o território da terra santa, que foi habitado pelos filisteus. Ficava na costa ocidental de Canaã, estendendo-se desde o rio do Egito, um pouco ao sul de Gaza, até Jope. A palavra "Palestina" é muitas vezes traduzida pelo termo "Filístia". No sentido mais moderno, a Palestina Ocidental compreendia a parte da Síria entre o vale do Jordão, o mar Morto e a costa oriental do Mediterrâneo. A Palestina Oriental alargava-se até o deserto da Síria. O limite setentrional era uma linha traçada alguns quilômetros ao sul de Tiro, até Dã, e daí pelo sopé do monte Hermom, sempre na direção leste, até o deserto. O limite meridional era o "ribeiro do Egito", o uádi el-Arish, uma corrente de inverno que leva as águas do Neguebe para o Mediterrâneo, situando-se aproximadamente a 65 km ao sul de Gaza. A distância que vai de Dã, ao norte, até Berseba, ao sul, é de 229 km. O comprimento da Palestina Ocidental é calculado em 224 km, sendo aproximadamente de 65 km a largura média do Jordão ao Mediterrâneo. As principais *características geográficas* do país são: a fértil planície que se estende de norte a sul, ao longo da praia do Mediterrâneo; a Sefelá, ou terra mais elevada, em ambas as partes do norte e sul do país; o interior montanhoso, correndo em todo o comprimento do país, de norte a sul; o vale do Jordão, compreendendo o rio Jordão, os lagos de Merom e Tiberíades, o intensamente salgado mar Morto; o Neguebe, ou a terra do Sul, ao sul da Judeia; e o deserto de Zim, conhecido também pelo nome de Arabá, o qual foi palco de ação dos israelitas no último ano de sua peregrinação.

A planície ocidental estende-se para o sul, desde a Fenícia até o monte Carmelo, um promontório que entra abruptamente pelo mar e continua depois ao longo do vale florido de Sarom, ainda hoje imensamente fértil, quando sua cobertura de areia é revolvida por meio de cavas; e a esta planície liga-se, finalmente, a da Filístia, prolongando- se para o interior em uma série de pequenos outeiros (a Sefelá) até a base dos montes da Judeia (1Cr 7.28; Jr 17.26; Zc 7.7).

Os montes da Galileia (montanhas de Naftali) compõem-se de pedra calcária, são recobertos e tantas vezes escalvados, com inumeráveis fendas e precipícios. Entre esses montes e as montanhas de Samaria, está o famoso vale de Jezreel, o qual forma um triângulo irregular, sendo a sua base, o lado oriental, de 24 km, ficando o vértice perto do mar, nas faldas do monte Carmelo, e junto à foz do rio Quisom (Jz 5.21). Esse vale foi o grande campo de batalha da Palestina, palco de muitas lutas decisivas. V. GIDEÃO, SAUL, DAVI, MEGIDO, JOSIAS. Dominando esse notável vale e a planície, estão os montes Tabor e Gilboa, e entre suas cidades eram mais ou menos importantes as de Suném, En-Dor, Caná, Naim e Nazaré. Para o sul do

vale de Jezreel, levanta-se o monte de Efraim. No meio desses outeiros de Samaria, acham-se vales muito férteis, especialmente o vale de Siquém, entre Ebal e Gerizim. As principais cidades deste distrito eram Samaria, Tirza, Betel e Silo. Mais para o sul, veem-se os montes da Judeia. Alcantilados como são, formam um lugar de extrema segurança e poder, um local próprio para a fortificação do santuário de Jerusalém. Para o sul de Jerusalém, a região montanhosa continua até Belém; e está ainda entre serras Hebrom (ou Quiriate-Arba), uma das mais antigas cidades do mundo. Foi aqui, em Manre, que Abraão conversou com os anjos. Foi ali também, em Macpela, um dos conhecidos locais da Bíblia, que ele foi sepultado. Quarenta quilômetros mais para o sul, em Berseba, acaba a terra montanhosa e começa o deserto, sendo este ponto o limite natural da terra. O deserto de Judá (Jz 1.16) é um território extraordinariamente não cultivado, a sudeste de Jerusalém, prolongando-se pelo lado ocidental do mar Morto. As rochas, duras e alcantiladas, formam cavernas que são ocupadas por pequenos grupos de pastores errantes à procura de escassas pastagens. Por esses sítios, habitam cabras monteses e coelhos de rochas. Foram esses lugares o palco das vagueações de Davi; e em En-Gedi, a leste, se encontraram em uma memorável ocasião Davi e Saul.

O vale do Jordão é uma estreita planície, de terreno igual, com 104 km de comprimento, e que é formada de depósitos aluviais, florescendo ali abundantemente a vegetação tropical. No tempo da ceifa (abril), o rio aumenta consideravelmente por causa do derretimento das neves do Líbano, sendo os animais ferozes obrigados a sair de seus covis e a procurar mais altos sítios. A sinuosidade do Jordão é tão grande que seu comprimento é três vezes maior que o do vale pelo qual ele corre. O mar Salgado (o nome de mar Morto data do século II da Era Cristã) dista 26 km da cidade de Jerusalém. Sobre suas tristes e solitárias praias, pendem alcantiladas montanhas. A água desse lago é tão salgada que nenhuma forma de vida organizada pode existir ali. Embora receba as águas do Jordão e de muitos ribeiros, sua grande profundidade (387 m abaixo do nível do Mediterrâneo) dá-lhe uma temperatura tão alta que as águas desaparecem por efeito de enorme evaporação. Chama-se na Escritura o "mar da Planície" (2Rs 14.25), o "mar Salgado" (Dt 3.17; Js 3.16; 12.3) e o "mar oriental" ou "do oriente" (Ez 47.18; Jl 2.20; Zc 14.8); e pelos árabes é cognominado Bahr Lut, o "lago de Ló".

O lago de Tiberíades (Bahr Tubarych), também chamado mar da Galileia, ou lago de Genesaré e de Quinerete, acha-se a 208 m abaixo do nível do Mediterrâneo. Com um comprimento de 20 km e uma largura de 13 km, o curso do lodoso Jordão divisa-se nas suas belas e claras águas. Em razão de sua posição, abrigado de todos os lados por montes e estando em um nível baixo, o calor chega a ser intenso durante o dia, e por isso violentas tempestades se desencadeiam quando pela tarde há uma rápida descida de temperatura. O lago é muito piscoso.

O lago de Merom (Baheiret el-Huleh) acha- se também, sobre o curso do Jordão, mais perto de sua nascente do que o mar da Galileia, sendo a superfície mais alta, quase 210 m acima do nível do oceano. Tem o comprimento de 11km e vai estreitando-se consideravelmente na direção do sul, dando saída ao rio Jordão. A sua praia setentrional é rodeada de pântanos e cheia de uma densa e viçosa vegetação, onde se abrigam numerosos animais ferozes. As montanhas e terras altas da Palestina são uma continuação da cordilheira do Líbano, tendo o monte Hermom a altura de 2.795 m. O monte Safede (855 m), a meio caminho entre as águas de Merom e o lago de Tiberíades, atrai a nossa atenção não tanto por causa de sua altura, mas por estar cercado de

profundos vales. A antiga cidade que o coroa supõe-se ter sido "a cidade edificada sobre um monte" (Mt 5.14), a que se refere o Salvador no Sermão do Monte. Jebel Jermak, a oeste de Safede, é uma elevação coberta de árvores, estando 1.190 m acima do nível do mar; é o mais alto monte da Palestina propriamente considerada. O monte Tabor (Jebel el-Tor), com 576 m de altura, é um dos mais admiráveis locais da Palestina. A parte do noroeste domina o vale de Nazaré. O Carmelo é uma cadeia de montes que se estende desde a costa até o interior da terra santa, no espaço de 24 km. O mais alto ponto dessa cordilheira está a 479 m acima do Mediterrâneo. O lado norte é escarpado e profundo, ao passo que a parte sul tem numerosos esporões inclinados para a costa. Em Samaria, são notáveis os montes Ebal e Gerizim (Jebel Eslamizeh e Jebel el-Tor), que se levantam em frente um do outro a uma altura de 900 m, estando Siquém (agora Nablus) na parte mais estreita do vale. Os planaltos da Judeia são uma continuação das serras de Samaria. Embora não haja nesta parte montanhas salientes, o nível geral dos cumes é de 450 m acima do nível do mar.

As fontes quentes da Palestina mostram que ainda não terminou ali a ação vulcânica, embora, na verdade, os frequentes abalos de terra tornem supérflua tal indicação. Essas nascentes encontram-se desde o mar Morto, e por todo o vale do Jordão, até Tiberíades, onde os romanos tinham construído muitas estâncias de banhos. A água é excessivamente quente, de tal modo que a mão não a pode suportar. Outra prova do caráter vulcânico dessa região se vê nos extensos depósitos de lava e enxofre, especialmente sobre a costa ocidental do mar Morto e em volta do sopé do monte Safede onde ainda se observam vestígios de dois vulcões extintos. A Palestina sempre esteve sujeita a tremores de terra (Am 1.1; Zc 14.5).

A Palestina está bem provida de águas. Embora muitos de seus ribeiros não sejam constantes, há certo número de poços e nascentes, especialmente nos montes mais altos, que compensam a ausência dos rios perenes. Todavia, a distribuição das águas é irregular, e alguns sítios, principalmente o deserto da Judeia e a região alta da costa, são muito pobres desse elemento. É verdade que em muitos lugares onde a água é deficiente, acha-se a compensação na forma de orvalhos abundantes. Há poucos rios e de pequena importância, à exceção do rio Jordão. Depois do Jordão, o principal é o Leontes (Nahr Litany), que nasce ao norte e deságua no Mediterrâneo, a cerca de 8 km acima de Tiro (es-Sur). O ribeiro de Quisom (Nahr el-Mukatta) entra no Mediterrâneo ao norte do monte Carmelo. O Sihor (uádi el-Arish), ou o ribeiro do Egito, nasce ao norte da península do Sinai e corre para o Mediterrâneo, na extremidade meridional da Palestina. Além dessas correntes, há vários cursos de água a leste do Jordão, de que não trataremos agora (para mais informações, v. jordão), e numerosos canais, cheios no inverno e na época das chuvas, sendo em outras ocasiões meros fossos secos.

O *clima* da Palestina é muito variável. A temperatura média da região da costa é de 21o, sendo os extremos 10 o e 29 o. As terras mais altas são mais frias; e Jerusalém tem uma temperatura média de 17 o, sendo notável a diferença entre os índices mais altos e mais baixos. A geada e a neve aparecem algumas vezes, mas não têm grande duração. O vale do Jordão quase nunca é frio, raras vezes registrando o termômetro uma temperatura abaixo de 25 o, ao passo que, por outro lado, sobe algumas vezes a 54 o. O calor da Judeia e da Galileia no verão é muito grande, e até mesmo fatal em algumas ocasiões, especialmente nas vizinhanças do monte Tabor (cp. 2Rs 4.18-20). Durante o verão, não há chuvas na Palestina, mas pelas tardes cai tão repentinamente

o orvalho, em uma neblina espessa, que o incauto viajante fica completamente molhado. As primeiras chuvas caem no mês de tisri (setembro e outubro), enchendo de novo os ribeiros do Sul (Sl 126.4); as últimas chuvas vêm no mês de nisã (março e abril). Aquelas vivificam a semente, e estas engrossam as espigas. Foi no tempo da Páscoa, quando as águas do Jordão tinham aumentado em virtude das últimas chuvas, que os israelitas atravessaram o Jordão (Js 3). O vento oriental da Palestina é prejudicial à vegetação, visto que, por causa da sua extrema secura, faz desaparecer toda a umidade. É também perigoso por causa de sua longa duração e grande força (Sl 48.7). O vento ocidental, contudo, é benéfico, trazendo a chuva depois da seca. Semelhantemente ao vento oriental, o vento do norte é frio e seco (Jó 37.9-22), ao passo que o do sul é tempestuoso.

Como a água da chuva atinge anualmente apenas 50 cm e somente beneficia a terra pelo espaço de 50 dias, pode presumir-se o valor dos numerosos poços da Palestina. Foram os poços a origem do conflito entre Abimeleque e Isaque (Gn 26.18-21). Moisés lembra a bondade de Deus em ter dado aos israelitas poços que eles não cavaram (Dt 6.11). V. CHUVA, POÇO, CISTERNA. Em virtude de ser o ar extremamente seco, aparece tantas vezes a miragem com a visão de abundante água fresca (Is 35.7). Com sua maravilhosa variedade de climas, era de esperar que a *vida vegetal* fosse semelhantemente variada. Trigo, cevada, milho miúdo, favas, ervilhas e lentilhas são os principais produtos, havendo também laranjas, cidras e limões em grande abundância, o que constitui um artigo de exportação. As árvores de maior importância são a palmeira, o carvalho, o terebinto, a figueira, o cipreste, o cedro, o sicômoro, a acácia, o pinheiro e o buxo.

A *vida animal* não é muito variada. Além dos animais domésticos, tais como o cavalo, o boi, o carneiro e o camelo, o burro e o macho, existem também na Palestina os de presa, cujas espécies principais são o leão (que já não existe ali), o urso, o leopardo, o lobo, a hiena, o chacal e a raposa. O cão também pode ser quase considerado uma criatura selvagem, pois somente é tolerado pelos seus serviços como varredor. O crocodilo ainda se vê na Palestina, bem como o urso, a cabra montês e numerosos animais menores.

São raras as aves de canto, mas as de rapina são numerosas, como a águia, o abutre, os falcões e os milhares de várias espécies. A garça, o pavoncino de popa, o xofrango, o mocho, a perdiz, o pavão, o pombo, a rola, a codorniz, o corvo, a cegonha e o pardal ali se encontram, algumas delas em grande quantidade.

Quanto aos peixes da Palestina, quase metade de sua totalidade é particularmente do Jordão e pertence a espécies que são principalmente africanas nos tipos. Não há peixe no mar Morto, mas o mar da Galileia contém muitas variedades, formando a pesca uma importante indústria. V. PEIXE, PESCA.

A respeito de insetos, há em grande quantidade abelhas e gafanhotos, causando estes últimos grandes prejuízos nas searas e sendo motivo de grande incômodo entre os lavradores. Embora a pulga seja só duas vezes mencionada na Bíblia (1Sm 24.14; 26.20), propaga-se tanto que se torna um verdadeiro tormento, principalmente nos acampamentos e nas hospedarias. Além disso, as pulgas trazem outro mal, pois são a principal causa do contágio da oftalmia, causa de temor nos países orientais. O tavão, o moscardo e outras variedades de insetos com ferrão, e os que sugam sangue, são comuns no vale do Jordão e molestam grandemente os animais. V.

Nos tempos do AT, calcula-se que a *população da Palestina* era de aproximadamente 5 milhões. A Bíblia tem muitos *nomes* para o país que conhecemos pela designação de Palestina. No tempo dos patriarcas e dos juízes, era chamada a "terra dos hebreus" (Gn 40.15), talvez "a terra dos heteus" (Js 1.4), a "terra de Israel" (1Sm 13.19), um termo aplicado a todo o país a oeste do Jordão, e não àquela porção que compreendia o reino de Israel. O sublime título de Oseias era a "terra do Senhor" (Os 9.3), ao passo que Zc (2.12) lhe chama a "terra santa", designação dada ao país ainda mesmo antes do tempo dos hebreus, segundo se diz. A Palestina é denominada por Daniel "terra gloriosa" (Dn 11.41), e Amós lhe chama a "terra do amorreu" (Am 2.10); e é simplesmente a "terra" em Rt 1.1, Jr 22.27 e Lc 4.25. Desde o cativeiro até o nascimento de Jesus, foi dado o nome de Judeia a todo o país (Mt 19.1; Mc 10.1). Na Epístola aos Hebreus, fala-se do antigo domínio dos cananeus como a "terra da promessa" (Hb 11.9).

A *história política* do país mostra-nos que nos tempos antigos havia dez nações de cananeus, sendo estas mais tarde reduzidas a sete (Gn 15.18-21; Dt 7.1).

MAPA DAS ANTIGAS DIVISÕES DA PALESTINA

CANANEUS	TRIBOS ISRAELITAS	ROMANOS
Sidônios	ASER (no Líbano)	Galileia superior
Desconhecidos	NAFTALI (a noroeste do lago de Tiberíades)	superior
Ferezeus	ZEBULOM (a oeste do lago de Tiberíades)	Galileia inferior
Ferezeus	ISSACAR (planície de Esdrelom, monte Tabor)	inferior
Heveus	A meia tribo de MANASSÉS (Dora e Cesareia)	Samaria
Heveus	EFRAIM (Siquém e Samaria)	
Jebuseus	BENJAMIM (Jericó, Jerusalém)	Judeia
Amorreus, heteus	JUDÁ (Hebrom, Judeia natural)	
Filisteus	SIMEÃO (sudoeste de Judá)	
Filisteus	DÃ (Jope)	
Moabitas	RÚBEN (Pereia, Hesbom)	Pereia
Amonitas	GADE (Decápolis)	
Reinos de Basã	A meia tribo de MANASSÉS (Gaulanites, Bataneia)	

DOMÍNIO DE HERODES, o grande, DESDE 37 a.C. ATÉ 4 a.C.

JUDEIA, SAMARIA, IDUMEIA	GALILEIA, PEREIA NATURAL	TRACONITES E ITUREIA
Renda de 400 talentos (cerca de 1 milhão de libras)	Renda de 200 talentos	Renda de 100 talentos

Seu filho foi herdeiro	Seu filho foi herdeiro	Seu filho foi herdeiro
ARQUELAU, que foi banido, e o governo da província foi entregue a procuradores: Copônio, 6 a 9 d.C.; Ambibulos, 9 a 12 d.C.; Rufus, 12 a 15 d.C.; Valerius Gratus, 15 a 27 d.C.	HERODES ANTIPAS, que mandou decapitar João Batista.	Filipe Herodes (Lc 3.1)
PÔNCIO PILATOS (27 a 36 d.C.).	HERODES ANTIPAS foi banido em 39 d.C.	Filipe morreu em 34 d.C.
HERODES AGRIPA I (neto de Herodes), rei de toda a Palestina (At 12), 41-44 d.C.		
Procuradores: Fadus, 44 d.C.? Alexandre, 48 d.C.; Ventidio, 48 a 52 d.C.; Félix, 52,53 a 60 d.C.; Festo, 60 a 62 d.C.	Agripa II (filho de Agripa I), tetrarca da Calcida (50 d.C.); é nomeado tetrarca de Traconites e de parte da Galileia (53 d.C.); Paulo defende-se perante ele em Cesareia (At 25 e 26).	

Entre esses povos, os amorreus eram os mais poderosos (Gn 15.16), e algumas vezes se empregava seu nome para designar todo o país. Quando os israelitas entraram na terra de Canaã, residiam no país os filisteus, os moabitas, os midianitas, os amonitas, os amorreus, os amalequitas e os edomitas. Josué dividiu o país em 12 partes, dando uma a cada tribo. Efraim e Manassés foram também contemplados na partilha, tendo a tribo de Levi sua porção dispersa por todo o território. Ao norte, ficavam Aser, Naftali, Zebulom e Issacar; mais tarde, essa parte passou a chamar-se Galileia. Ao centro, estavam Efraim e a meia tribo de Manassés, que mais tarde foi denominada Samaria. A parte do sul foi possuída por Judá, Benjamim, Dã e Simeão, a qual mais tarde teve o nome de Judeia. Dã, contudo, tendo dificuldade em vencer os filisteus da costa do mar, dividiu-se pelo tempo adiante, mandando para o norte uma colônia que se estabeleceu a oeste do monte Hermom e ao sul da cordilheira do Líbano. As tribos restantes, Rúben, Gade e a outra meia tribo de Manassés, tiveram suas possessões a leste do Jordão, do mar da Galileia e do mar Morto, não sendo geralmente esse distrito incluído na Palestina pelos modernos geógrafos. Veja cada tribo separadamente. Depois que o reino de Salomão se alargou e se consolidou, a distinção das tribos não foi mantida, e o sentimento nacional obliterou os limites e interesses das diferentes divisões. Essa tendência foi acelerada pela ação do rei, que dividiu seus domínios em 12 distritos, cada um com seu próprio governador (1Rs 4.7-19).

A morte de Salomão trouxe como consequência a divisão do reino. Houve uma revolta em virtude da qual dez tribos se separaram de seu filho Roboão, formando o reino de Israel, cuja primeira capital foi Siquém, e depois Tirza e Samaria (1Rs 15.33; 16.23,24). As tribos leais de Benjamim e Judá, com partes de Dã e Simeão, formaram o reino de Judá, tendo Jerusalém como capital. Esses dois reinos existiram lado a lado pelo espaço de duzentos e vinte anos, sendo depois destruído o reino de Israel por Salmaneser, rei da Assíria. Quanto ao reino de Judá, este continuou durante cento e vinte anos ainda, acabando ao fim desse tempo pela conquista de Nabucodonosor, imperador dos babilônios, que arrastou para duro cativeiro o povo judeu. Permaneceram cativos os judeus até que Ciro, rei da Pérsia, que havia destruído o Império Babilônico, lhes permitiu que voltassem à sua pátria. Durante o domínio persa, a Palestina fazia parte da província da Síria e assim continuou até que Alexandre, o Grande, conquistou o Império Persa. Os domínios desse conquistador foram, depois de sua morte, divididos por seus generais, ficando a Palestina sujeita

ora ao Egito, ora à Síria, até ser subjugada pelos romanos. V. ISRAEL e JUDÁ para outras particularidades históricas.

Sob o poder dos romanos, a Palestina foi dividida nos distritos da Galileia, Samaria e Judeia, a Idumeia com Pereia, Traconites, e Itureia além do Jordão. Por ocasião do nascimento do Salvador, todos esses territórios constituíam os domínios de Herodes, o Grande, que governou desde 37 a.C. até 4 a.C. V. HERODES.

A Palestina pertenceu ao Império Romano até 636 d.C., quando os árabes maometanos a conquistaram. Os cruzados permaneceram senhores da terra santa de 1100 a 1271, quando os maometanos voltaram a possuí-la. Mais adiante, em 1518, os turcos se apoderaram desse histórico território, perdendo-o para a Inglaterra em 1917. O território voltou ao domínio dos judeus em 15 de maio de 1948, com a fundação do Estado de Israel. O povo que ali vivia foi expulso da região, refugiando-se no sul do Líbano, onde permanece em campos de refugiados até os dias atuais. Em 1964, fundou-se a OLP (Organização para a Libertação da Palestina), que em 1988 proclamou o estabelecimento de um Estado palestino. O principal líder da organização foi o egípcio Yasser Arafat, falecido em 2004.

palha. Essa palavra, em Is 5.24 e 33.11 ("restolho"), significa erva seca. O gado da estrebaria e os cavalos alimentam-se de palha e forragem cortada ainda verde. Os hebreus e os egípcios não davam grande valor à palha inteira. Era usada para alimento dos bois, depois de cortada em pedaços e misturada com grãos (Is 11.7). A palha era também muito empregada na fabricação de tijolos (Êx 5.7) e como combustível nos fornos de pão. V. FORNO, PÃO, RESTOLHO.

palmeira. É da tamareira que trataremos aqui, uma árvore de grande estima e valor no Egito, Palestina e Arábia. Os árabes dizem que a palmeira tem tantos usos quantos são os dias do ano. A sua tâmara foi e é um artigo frequente na alimentação. Na jornada dos filhos de Israel pelo deserto, destacavam-se as palmeiras de Elim (Êx15.27; Nm 33.9). As barracas na Festa dos Tabernáculos deviam ser feitas em parte com palmeiras (Lv 23.40). Jericó era conhecida pelo nome de "cidade das Palmeiras" (Dt 34.3; 2Cr 28.15; cp. Jz 1.16; 3.13). Débora habitava debaixo das palmeiras, que tinham ligação com seu nome (Jz 4.5). Destacavam-se palmeiras na obra de entalhe do templo de Salomão (1Rs 6.29). Com respeito aos nomes que a palmeira sugeria, temos Tamar, Baal-Tamar, Hazazom-Tamar. Quando Jesus entrou em Jerusalém, o povo foi ao seu encontro com ramos de palmeiras (Jo 12.13). As referências simbólicas feitas à palmeira mostram que essa árvore era então, como é agora, considerada um tipo de graça e de beleza. Cântico dos Cânticos de Salomão (7.7) refere-se à sua elevada estatura; e o salmo 92 (12,14) alude ao seu verdor, fertilidade e duração.

palmo. Medida que é a extensão da mão aberta, desde a ponta do dedo mínimo até a ponta do polegar. Equivalente a cerca de 225 mm, geralmente se empregava para cálculos aproximados (Êx 28.16; Ez 40.43). V. PESOS E MEDIDAS.

Panfília. Província romana ao sul da Ásia Menor, ficando a Cilícia a leste, a Lícia a sudoeste, a Pisídia ao norte, e o mar Mediterrâneo ao sul. O seu comprimento era de 128 km, sendo a sua largura de 32 km aproximadamente.

A grande ilha de Chipre fica em frente à sua costa, e o mar localizado entre o continente e a ilha chama-se mar da Panfília (cf. At 27.5). O país era de terreno plano, entre o mar e os montes Taurus. Em 74 d.C., a Lícia estava unida ao governo da Panfília.

A sua principal cidade, Perge, situava-se perto do rio Cestro. Paulo e Barnabé tinham navegado pelo rio, depois de, procedentes de Chipre, terem atravessado o mar. Foi aqui que João Marcos os deixou (At 13.13; 15.38). Aqueles apóstolos pregaram a palavra de Deus ali, quando voltaram de sua viagem (14.24), indo embarcar no porto de Atália, também na Panfília, e supõe-se que havia uma sinagoga em Perge (At 2.10).

pão. Em todos os tempos, mesmo nos mais remotos, o pão foi o principal alimento dos hebreus. Trigo e cevada, separados ou associados a outros grãos ou legumes, eram triturados ou socados no pilão; depois se misturava a farinha e a água, podendo-se acrescentar um pouco de sal, e por fim a mistura era cozida. Mais tarde, o fermento e substâncias aromáticas começaram a ser usados.

Para fazer pão, amassava-se a farinha em gamelas com as mãos ou os pés, como os árabes fazem ainda hoje (Gn 18.6). A amassadura era algumas vezes feita em uma peça circular de couro, que facilmente podia ser levantada e levada de terra em terra, como convinha a um povo nômade. Às vezes, dava-se ao pão a forma de um bolo muito delgado; outras vezes, ele tinha a espessura de um dedo. O processo de cozer o pão era rápido. O trigo era moído todas as manhãs, e até se fazer o pão decorriam vinte minutos. Este era o pão asmo, usado somente em caso de necessidade (Gn 19.3) ou para fins cerimoniais. O pão fermentado requeria mais tempo, por causa da fermentação. Um pouco de massa do dia anterior era dissolvida em água, e a isto se misturava a farinha, sendo depois tudo bem amassado. Esperava-se, então, que a massa estivesse completamente levedada. O AT refere-se a três diferentes métodos de cozer o pão. Em 1Rs 19.6, lê-se: "Olhou ele e viu, junto à cabeceira, um pão cozido sobre pedras em brasa". Esse é, ainda hoje, o processo seguido pelos árabes. Sobre lajes, acendia-se o lume com palha, ramos secos e esterco de camelo. Quando a pedra estava bem quente, as cinzas eram removidas, sendo então os bolos da massa postos sobre as pedras quentes, e as cinzas trazidas outra vez para o seu lugar. Passados alguns minutos, as cinzas eram novamente retiradas, mas simplesmente pelo tempo necessário para se voltar o pão. Nas cidades, havia padarias, e existia também uma classe de padeiros profissionais. Mesmo assim, cada casa geralmente possuía seu próprio forno, que era um grande vaso de barro, no fundo do qual se acendia o lume. Quando o forno estava aquecido, os pães eram cozidos tanto na parte interior como na parte exterior. Nas pequenas povoações, fazia-se uma cova no chão, revestindo-se o fundo e as paredes com uma camada de barro, a qual, com o fogo, tornava-se dura e macia; a parte mais baixa oferecia boas condições de aquecimento para receber a massa do pão. Em geral, eram as mulheres que se ocupavam nesse trabalho, mas os profissionais eram sempre homens. Em Jerusalém, havia um bairro onde se fabricava o pão (Jr 37.21). V. PÃO ASMO.

pão asmo. Esse pão é feito somente de farinha e água, sem fermento, e cozido em porções de pequena espessura. Para se comer, o pão asmo não deve ser cortado, mas partido com os dedos (Mt 14.19). V. COZINHAR, FORNO.

pão da proposição. Os pães da proposição somavam 12 pães (um para cada uma das 12 tribos), que todos os sábados eram apresentados quentes e colocados sobre a mesa de ouro do tabernáculo (Êx 25.30). Era uma oferta de ação de graças, e o seu nome provinha de serem postos continuamente diante da face do Senhor. Esses pães só podiam ser comidos legitimamente pelos sacerdotes, e unicamente no pátio do Lugar Santo (Lv 24.9). Todavia, uma

exceção foi feita por Aimeleque, quando ele deu a Davi e a seus companheiros os pães da proposição, que tinham sido retirados de diante do Senhor (1Sm 21.1- 6; Mt 12.4).

papiro. 1. Os egípcios, em tempos muito remotos, empregavam para escrever uma substância que até certo ponto se assemelhava ao papel, chamada papiro. Esse nome derivava da haste da cana do papiro, uma planta que se encontra nos rios e lagos do Egito e da Palestina. O processo de manufatura era fácil, embora fosse tedioso. Quando a casca exterior era retirada da cana, cortava-se a entrecasca em partes muito delgadas. Estas eram, então, colocadas ao lado umas das outras sobre uma mesa e cuidadosamente unidas e alisadas, aderindo inteiramente depois de serem umedecidas com cola e água, e postas em uma prensa. Cada folha era composta de duas camadas, uma em que as tiras corriam horizontalmente, e a outra formada de tiras cruzadas com as primeiras. Depois que as folhas secavam-se ao sol e eram polidas suas superfícies, estavam preparadas para se escrever sobre elas. Para cartas e pequenos documentos, era suficiente uma simples folha; mas, quando se tratava de uma obra grande, grudavam-se várias folhas. Quando Isaías fala dos "navios de papiro" (18.2) (em algumas traduções, aparece "junco" ou "cana"), refere-se à aparência do papiro; e o "papel" mencionado em 2Jo 12 diz respeito a certa folha que se fabricava para escrever. Grandes quantidades de documentos particulares, oficiais e literários escritos sobre papiro têm sido descobertos no Egito nos últimos anos, lançando grande luz sobre os costumes e a linguagem dos egípcios desde 500 a.C. até aproximadamente 600 d.C. 2. Do nome "papiro" deriva-se a nossa palavra papel. A altura desse junco ou cana das lagoas do Egito é de 3,5 m a 4,5 m. Como a haste é flexível, emprega-se no fabrico de cordas, cestos etc. Deduz-se que os caules se podem entrelaçar muito bem do fato de ter sido feito dessa planta o berço em que Moisés foi exposto, e até embarcações de certa grandeza se faziam com esse junco, as quais serviam para armazenar gêneros. A passagem de Jeremias (15.16) talvez tenha sua explicação no fato de serem suas sumarentas raízes empregadas na alimentação, e de servir a parte superior da haste para nela se escrever depois da devida preparação. V. LIVRO. Em Isaías (58.5), bem como em Mateus (11.7), há clara referência a determinada cana, muito alta, que cresce livremente no país e que se curva pela ação de uma forte ventania, levantando-se logo que cessa a pressão.

Parã. Parã é ordinariamente identificada com a moderna El-Tih, a região montanhosa e despovoada que atravessa a península do Sinai, desde o uádi Feirun ao sul, seguindo na direção do norte, até a Palestina. Parã foi a pátria de Ismael (Gn 21.21) e palco das errantes jornadas dos israelitas (Nm 10.12; 12.16; 13.3,26; Dt 1.1; 33.2; Hc 3.3). Davi residiu no deserto de Parã depois da morte de Saul (1Sm 25.1, a não ser que se tome Parã por Maom); e Hadade procurou segurança em sítios fortificados quando fugia de Salomão (1Rs 11.18).

parábola. É uma narrativa imaginária ou verdadeira que se apresenta com o fim de ensinar uma verdade. Difere do provérbio porque sua apresentação não é tão concentrada como a daquele; contém mais pormenores, exigindo menor esforço mental para ser compreendida. Difere da alegoria, porque esta personifica atributos e as próprias qualidades, ao passo que a parábola nos faz ver as pessoas na sua maneira de proceder e viver. Também difere da fábula, visto que a parábola se limita ao que é humano e possível. No AT, a narração de Jotão (Jz 9.8-15) é mais uma fábula do que uma parábola, mas a de Natã (2Sm 12.1-4) e a de Joabe (14.5-7) são exemplos verdadeiros. Em Is 5.1-6, temos a semiparábola da vinha e, em 28.24-28, a de várias

ações na agricultura.

O emprego contínuo que Jesus fez das parábolas está em perfeita concordância com o método de ensino ministrado ao povo no templo e na sinagoga. Os escribas e os mestres da Lei faziam grande uso das parábolas e da linguagem figurada para ilustrar suas homilias. Tais eram os *Hagadote* dos livros rabínicos. A parábola, tantas vezes aproveitada por Jesus durante seu ministério (Mc 4.34), servia para esclarecer seus ensinamentos, referindo-se à vida comum e aos interesses humanos para patentear a natureza de seu reino e testar a disposição de seus ouvintes (Mt 21.45; Lc 20.19). As parábolas do Salvador diferem muito umas das outras. Algumas são breves e mais difíceis de compreender. Algumas ensinam uma simples lição moral; outras, uma profunda verdade espiritual. Neander classificou as parábolas dos Evangelhos, tendo em consideração as verdades nelas ensinadas e sua relação com o Reino de Jesus Cristo.

PARÁBOLAS SOBRE O PROGRESSO DO REINO DE CRISTO

1. A parábola do semeador: Mt 13.3-8; Mc 4.3-8; Lc 8.5-8
2. A parábola do trigo e joio: Mt 13.24-30
3. A parábola do grão de mostarda: Mt 13.31,32; Mc 4.30-32; Lc 13.18,19
4. A parábola do fermento: Mt 13.33; Lc 13.20,21
5. A parábola da rede: Mt 13.47,48

REQUISITOS MORAIS PARA A ENTRADA NO REINO DE CRISTO

(1) *Parábolas antifarisaicas ou requisitos negativos:*

6. A ovelha perdida: Mt 18.12,13; Lc 15.4-6
7. A dracma perdida: Lc 15.8-10
8. O filho pródigo: Lc 15.11-32
9. O fariseu e o publicano: Lc 18.9-14
10. A luta pelos primeiros assentos nos banquetes: Lc 14.7-11

(2) *Requisitos positivos:*

11. Os dois filhos: Mt 21.28-30
12. O tesouro escondido: Mt 13.44
13. A pérola: Mt 13.45,46
14. A torre e o rei em guerra: Lc 14.28-33
15. A veste nupcial: Mt 22.11-14

CHAMADA PARA ENTRAR NO REINO DO CÉU

16. As bodas: Mt 22.1-14; Lc 14.16-24

ATIVIDADE NO REINO DE CRISTO

17. A videira: Jo 15.1-8
18. Os lavradores maus: Mt 21.33-41; Mc 12.1-9; Lc 20.9-16
19. Os talentos: Mt 25.14-30; Lc 19.12-27. E as minas: Lc 19.12-27
20. A figueira estéril: Lc 13.6-9
21. Os trabalhadores: Mt 20.1-16

O VERDADEIRO ESPÍRITO DO REINO DE CRISTO

(1) *Perdão:*

22. O bom samaritano: Lc 10.25-37

23. O credor incompassivo: Mt 18.23-34 (cp. Lc 7.41,42)

(2) *O uso correto dos bens terrestres:*

24. O mordomo infiel: Lc 16.1-12

25. O rico avarento e o pobre Lázaro: Lc 16.19-31

(3) O espírito cristão sob o ponto de vista da prudęncia:

26. As dez virgens: Mt 25.1-13

(4) *A oração:*

27. A viúva importuna: Lc 18.1-8

28. O amigo importuno: Lc 11.5-10

O quadro a seguir mostra como as parábolas ocorrem nos Evangelhos.

As parábolas de Jesus Cristo nos Evangelhos

Parábolas	Mateus	Marcos	Lucas
Citadas nos trçs primeiros Evangelhos			
O semeador	13.3-23	4.3-20	8.4-15
O grão de mostarda	13.31,32	4.30,32	13.18,19
Os maus viticultores	21.33-41	12.1-9	20.9-16
Citadas em dois Evangelhos			
O fermento	13.33		13.20,21
A ovelha perdida	18.12,14		15.3-7
Citadas em somente um Evangelho			
O trigo e o joio	13.24-30		
O tesouro escondido	13.44		
A pérola de grande preço	13.45,46		
A rede	13.47-50		
O credor incompassivo	18.23-35		
Os trabalhadores da vinha	20.1-16		
Os dois filhos	21.28-32		
O casamento do filho do rei	22.1-10		
A veste nupcial	22.11-14		
Os dez talentos	25.14-30		
A semente germinando ocultamente		4.26-29	
O senhor da casa e seus servos		13.34-37	
Os dois devedores			7.41-43
O bom samaritano			10.25-37
O amigo ŕ meia-noite			11.5-10
O rico louco			12.16-21
Os mordomos na ausęncia do seu senhor			12.41-48
A figueira estéril			13.6-9

A dracma perdida			15.8-10
O filho pródigo			15.11-32
O mordomo infiel			16.1-9
O rico e Lázaro			16.19-31
O servo inútil			17.7-10
O juiz e a viúva importuna			18.1-8
O fariseu e o publicano			18.9-14
As minas			19.12-27
A videira	João 15.1-8		

Paráclito. V. ESPÍRITO SANTO.

paraíso. Essa palavra é de origem persa, significando um jardim, um parque, um recinto. Encontra-se somente no NT, ou como lugar das almas piedosas, que partem deste mundo (Lc 28.42; 2Co 12.4), ou em seu significado lato (Ap 2.7). A palavra acha-se em Neemias (2.8) a respeito das "matas do rei", e em Cântico dos Cânticos como "pomar" (4.13). V. ÉDEN.

paralisia. Doença do sistema nervoso produzida por qualquer dano mecânico da região espinhal ou por mal do cérebro. Em alguns casos, a paralisia depende de causas transitórias, suscetíveis à medicação.

Mais frequentemente, porém, manifesta- se uma perda de função, de maneira que a pessoa que se diz estar paralítica fica permanentemente inválida pelo fato de não poder mover-se de maneira alguma. Esse era, evidentemente, o caso do homem que foi levado por quatro amigos à casa onde Cristo estava em Cafarnaum (Mt 9; Mc 2; Lc 5), porquanto o termo especial que Lucas emprega é a própria palavra grega para a declarada paralisia por doença. Mas não é necessário supor que a doença desse homem fosse consequência direta de algum pecado especial, como também no caso do homem inválido que estava junto ao poço de Betesda. O caráter miraculoso da cura mostra-se pela rapidez com que ela foi realizada, de forma que o enfermo não apenas ficou livre de sua enfermidade, mas lhe foram restauradas as forças, sendo ele capaz de até mesmo transportar o leito em que estava deitado. O caso do criado do centurião era o de uma paralisia progressiva, acompanhada de espasmos musculares (Mt 8.6; Lc 7.2), com grandes dores e iminente perigo de morte. Alguns críticos pensam que o enfermo de Betesda (Jo 5.2-9) e a mulher mencionada por Lucas (13.11-17) eram casos de paralisia, mas essa teoria não tem grande apoio.

parapeito (Dt 22.8). *Impedimento.* Muro construído em volta do eirado de uma casa oriental, com o fim de evitar quaisquer desastres, visto que o alto da casa funciona como jardim no Oriente; servia também para separar os telhados das casas, embora não fosse difícil passar de um para o outro. Era ainda usado na fortificação de uma cidade (Jr 5.10).

pardal. Em Sl 84.3, a palavra traduzida por "pardal" era usada em geral para indicar simplesmente uma "ave", ainda que nesse exemplo pareça haver referência a uma espécie particular. Há diversas variedades de pardais no Oriente, de brilhantes cores, sendo de pequena importância. O pardal do paul encontra-se no vale do Jordão; e a leste do mar Morto há outra variedade, o pardal moabita (Mt 10.29,31; Lc 12.6,7).

parede da separação. Na Epístola aos Efésios (2.14), a obra de Cristo, formando dos dois povos — judeus e gentios — um único povo, de maneira que os pagãos pudessem desfrutar todos os privilégios da comunidade de Israel, é expressa nestas palavras simbólicas: "tendo derribado a parede da separação que estava no meio". Há aqui uma referência à balaustrada do templo, que separava o átrio exterior dos gentios do de Israel. Essa barreira, com os avisos escritos, é descrita por Josefo (*Guerras,* cf. v. 2). Um desses avisos (em grego) foi descoberto em 1871 e agora está em Istambul. É registrado nos seguintes termos: "Nenhum estrangeiro deve entrar no recinto do templo. Todo aquele que for ali apanhado deve atribuir a si próprio a culpa, cuja consequência é a morte". Paulo foi falsamente acusado de ter desprezado essa disposição (At 21.28,29).

parente. No AT, usa-se essa palavra principalmente para indicar as pessoas mais próximas pelo sangue, com certas obrigações, como se acha bem exemplificado no livro de Rute (cap. 2—4). No NT, o termo tem uma significação mais lata, abrangendo os membros da mesma nacionalidade (Rm 9.3).

partos. Um grande império da Antiguidade, que se levantou das ruínas do Império Persa (256 a.C.) e sustentou uma persistente luta com os romanos. O país estendia-se desde a Índia até o Tigre, e desde o deserto de Corasmiã até as praias do oceano Meridional. Os partos eram uma nação de guerreiros, constituindo o único poder que ali pôde resistir às armas dos romanos. Tinham seus exércitos de cavaleiros, que combatiam principalmente com flechas. A sua habilidade em domar os cavalos e usar o arco era tal que eles se tornaram temidos, sendo proverbial o "golpe dos partos", isto é, seu método de ferir mortalmente enquanto simulavam a retirada. O império dos partos durou cinco séculos; ao fim desse tempo, Artaxerxes, filho de Sassã, à frente dos persas, conseguiu restaurar o Império Persa (226 a.C.). A Pártia faz ainda parte da Pérsia, mas é pobre e tem poucos habitantes. Tudo o que resta de sua grandeza original são as ruínas de várias cidades. Somente em At 2.9 se faz menção aos partos.

Páscoa. É a festa instituída em lembrança da morte dos primogênitos do Egito e da libertação dos israelitas. O seu nome deriva de uma palavra hebraica que significa a passagem do anjo exterminador, durante a qual foram poupadas as habitações dos israelitas, cujas portas tinham sido aspergidas com o sangue do cordeiro pascal (Êx 12.11-27). Chama-se "a Páscoa do Senhor" (Êx 12.11,27); a "Festa dos Pães Asmos" (Lv 23.6; Lc 22.1) e os "dias dos pães asmos" (At 12.3; 20.6). A palavra "Páscoa" é aplicada não somente à festa no seu todo, mas também ao cordeiro pascal e refeição preparada para essa ocasião solene (Lc 22.7; 1Co 5.7; Mt 26.18,19; Hb 11.28).

Na sua *instituição* ,a maneira de observar a Páscoa deveria ser a seguinte: o mês da saída do Egito (nisã-abibe) deveria ser o primeiro mês do ano sagrado ou eclesiástico; e no 14º dia desse mês, entre as tardes, isto é, entre a declinação do sol e o seu ocaso, os israelitas deveriam matar o cordeiro pascal e abster-se de pão fermentado. No dia seguinte, o 15º, a contar das 6 horas da tarde anterior, principiaria a grande Festa da Páscoa, que duraria sete dias; contudo, apenas o primeiro e o sétimo dias seriam particularmente solenes. O cordeiro morto deveria ser macho, sem defeito, e não ter completado um ano. À falta de um cordeiro, os israelitas poderiam matar um cabrito. Nessa mesma noite, o animal assado deveria ser comido com pão asmo e uma salada de ervas amargas, não devendo, além disso, ser quebrados os ossos. Se alguma coisa

sobrasse para o dia seguinte, deveria ser queimada. Os que comessem a Páscoa deveriam ter a postura de viajantes, cingidos os lombos, tendo os pés calçados, com o cajado nas mãos, alimentando-se apressadamente. Durante os oito dias da Páscoa, eles não deveriam fazer uso de pão levedado, embora fosse permitido preparar comida, o que era, contudo, proibido no sábado (Êx 12). A Páscoa era uma das três festas em que todos os varões haveriam de "aparecer diante do Senhor" (Êx23.14-17). Era tão rigorosa a obrigação de guardar a Páscoa que todo aquele que não a cumprisse seria condenado à morte (Nm 9.13); entretanto, os que tivessem algum impedimento legítimo, como viagem, doença ou impureza, poderiam adiar sua celebração até o segundo mês do ano eclesiástico, o 14º dia do mês iár (abril-maio). Vemos um exemplo disso no tempo de Ezequias (2Cr 30.2,3). *Modificações posteriores* incluíam a oferta do ômer ou do primeiro feixe da colheita (Lv 23.10-14), bem como as instruções a respeito de serem oferecidos sacrifícios especiais em todos os dias da semana festiva (Nm 28.16-25) e a ordem para que os cordeiros pascais fossem mortos no santuário nacional e o seu sangue fosse aspergido sobre o altar, em vez de sobre os caixilhos e umbrais das portas (Dt 16.1-6). "À tarde, ao pôr do sol" (provavelmente significando a ocasião do crepúsculo ou então entre as 3 e 6 horas), os cordeiros eram mortos, sendo postos à parte a gordura e o sangue. A refeição era então servida em conformidade com sua instituição original. Na mesma noite, depois de ter começado o dia 15 de nisã, a gordura era queimada pelo sacerdote, e o sangue, derramado sobre o altar (2Cr 30.16; 35.11). Nesse dia 15, já passada a noite, havia o ajuntamento da congregação, durante o qual nenhuma obra desnecessária podia ser feita (Êx 12.16). No dia seguinte, o primeiro molho da colheita era oferecido e agitado pelo sacerdote diante do Senhor, sendo igualmente sacrificado um cordeiro macho, em holocausto, com oferta de manjares e bebida. Os dias entre o primeiro e o sétimo eram de quietude, a não ser que houvesse sacrifícios pelo pecado, ou fosse prescrita a liberação de alguma espécie de trabalho. O dia 21do mês de nisã, o último da festa, era novamente de santa convocação (Dt 16.8). Devia prevalecer em todos um ânimo alegre durante os dias festivos (Dt 27.7).

No *tempo de Jesus Cristo*, a festividade com os sacrifícios acessórios só podia realizar-se em Jerusalém; de toda parte, concorria tanta gente que não era possível acomodar todos dentro dos muros da cidade. Foi essa a razão que os magistrados apresentaram para que Jesus não fosse preso, pois receavam algum tumulto da parte da multidão que se achava em Jerusalém para a celebração da Páscoa (Mt 26.5).

Durante a semana da Páscoa (no 16º dia do mês de abril), era oferecido um feixe formado dos primeiros frutos da colheita da cevada, com um sacrifício particular (Lv 23.9-14). No aniversário desse dia, levantou- se Jesus Cristo dentre os mortos, e é possível que o apóstolo Paulo tivesse esse fato em vista, quando, falando da ressurreição do Redentor, disse: "[...] sendo ele as primícias dos que dormem" (1Co 15.20). A guarda da Páscoa é mencionada várias vezes: quando foi instituída (Êx 12.28, 50); no deserto do Sinai (Nm 9.3-5); e nas planícies de Jericó ao entrarem os israelitas na terra de Canaã (Js 5.10,11). A Bíblia também menciona que foi celebrada a Páscoa por Ezequias e alguns do povo (2Cr 30); por Josias (2Rs 23.21-23; 2Cr 35.1,18,19); depois da volta do cativeiro (Ed 6.19-22); e por Jesus Cristo (Mt 26.17- 20; Lc 22.15; Jo 2.13,23). V. FESTA, DIAS DE; CEIA DO SENHOR.

pastor. Os pastores no Oriente passam uma vida solitária. Eles vagueiam por lugares muito distantes de suas habitações, à procura de pastagens, e têm de proteger seus rebanhos de dia e de noite. O pastor, logo de manhã, faz sair as ovelhas do seu aprisco de ligeira construção e, chamando-as, as conduz; elas o seguem "porque lhe reconhecem a voz" (Jo 10.1-5). As ovelhas vão atrás do seu guardador e como que o cercam com sua confiança naquele que as protege do terrível lobo. A água é objeto de grandes cuidados da parte do pastor. É por isso que os poços, como o de Berseba, e os ribeiros, são grandes recursos e centros de pastagens (Sl 23.2). À hora do meio-dia, é costume dar de beber aos animais. No fato narrado em Gn 29, o principal incidente é a remoção da pedra de cima do poço, para que o rebanho de Raquel possa beber. Essa pesada pedra tinha ali sido colocada como proteção contra o pó e a areia. Mais tarde, Moisés prestou ajuda semelhante às filhas de Jetro, deitando água nos bebedouros para as ovelhas. Até hoje, o poço é geralmente o lugar de reunião no Oriente. V. POÇO. No caso de uma ovelha se desgarrar do rebanho, é dever do pastor procurá-la até encontrar (Ez 34.12; Lc 15.4). Os objetos que ordinariamente constituíam o equipamento do pastor eram um grande cajado, um curto e grosso bordão e uma funda. À tarde, quando o pastor levava o rebanho para o aprisco, obrigava as ovelhas a passar debaixo de uma vara, pela porta, observando cada animal que passava ao alcance da mão (Lv 27.32; Jr 33.13; Ez 20.37). Cumprindo sua missão durante o dia, ainda tem de vigiar o rebanho durante a noite (Jo 10.3). O terno cuidado do pastor pelas ovelhas se evidencia na maneira de ele prestar atenção aos fracos e enfermos membros do redil sob sua responsabilidade (Gn 33.13; Is 40.11). O relacionamento entre Deus e seu povo assemelha-se ao que existe entre o pastor e suas ovelhas (Sl 23.1; 80.1; v. as passagens messiânicas Is 40.11; Zc 13.7). Jesus a si mesmo se chama "o bom pastor" (Jo 10.11; cp. Hb 13.20; 1Pe 2.25). V. O VELHAS.

Pasur. 1. Filho de Imer e chefe de uma família de sacerdotes em Jerusalém (Jr 20.1). Imer era o principal da 16ª turma de sacerdotes (1Cr 24.14). Ele prendeu Jeremias e meteu-o no cepo, junto à porta de Benjamim, recebendo do ultrajado profeta o nome de Magor-Missabibe (Terror-Por-Todos-Os-Lados). Jeremias também predisse que ele e sua família morreriam no cativeiro babilônico. Pasur parece ter desempenhado o ofício de profeta (Jr 20.6).
2. Outro chefe de uma família sacerdotal e príncipe de Judá (1Cr 9.12; Ne 11.12; Jr 21.1). Esse também perseguiu Jeremias; e, quando o profeta profetizou desastres (Jr 38.1), aconselhou o rei a que o mandasse matar.
3. Pai de Gedalias, que se uniu a Pasur (2) para perseguir Jeremias (Jr 38.1).
4. Chefe de uma família sacerdotal que voltou com Zorobabel (Ed 2.38; 10.22; Ne 7.41). É possível que seja o mesmo que Pasur (1).
5. Sacerdote que selou o pacto (Ne 10.8), se não for o nome da casa de Pasur (1).

Pátara. Cidade da costa da Lícia, a 64 km a oeste de Mira. Paulo partiu desse porto em navio, quando se dirigia a Jerusalém no fim da sua terceira viagem missionária (At 21.1,2). Em Pátara, havia um famoso oráculo de Apolo; e, embora em outra época fosse uma povoação de considerável importância e até sede de um bispado, é hoje apenas um lugar de ruínas, as quais estão desaparecendo pouco a pouco na areia.

pátio. Essa palavra era geralmente aplicada ao recinto do tabernáculo e do templo. Em Mt 26.69, "Estava Pedro assentado fora no pátio", a referência é à parte quadrangular no centro do palácio

do sumo sacerdote. Não se trata da sala onde estava sendo julgado o Salvador. V. tb. Mc 14.66; 15.16; Jo 18.15.

Patmos. Pequena ilha rochosa no mar Egeu, situada a sudoeste de Éfeso (Ap 1.9). Tem cerca de 29 km de circunferência e, por causa do seu aspecto sombrio, serviu, por determinação dos imperadores romanos, de lugar de detenção para criminosos. Para essa ilha João foi desterrado por ordem do imperador Domiciano; e foi ali que ele recebeu a revelação descrita no livro de Apocalipse.

patriarcas. Príncipes, chefes de família ou de tribos. O termo foi aplicado com um sentido especial no NT em referência a Abraão, Isaque, Jacó, aos filhos de Jacó e a Davi (At 2.29; 7.8,9; Hb 7.4). No AT, a expressão equivalente é em geral "príncipe". O título é ,contudo, ordinariamente, dado àqueles que viveram antes do tempo de Moisés. Sob o regime patriarcal, o pai de família, ou chefe de tribo, tinha autoridade suprema sobre seus filhos e servos. Ele não tinha de dar contas de seus atos a nenhum superior terrestre e, por isso, podia recompensar ou castigar, segundo a sua maneira de ver. Isso se encontra inteiramente exemplificado na vida de Abraão, Isaque e Jacó. Cada um exercia sua autoridade com poder absoluto, e, como nos casos de Israel, Esaú, Jacó, Simeão e Levi, os patriarcas procediam mais segundo seus sentimentos pessoais do que em virtude de algum código de leis estabelecido. É claro que, na proporção em que os patriarcas possuíam o temor de Deus, o seu governo havia de exercer-se com justiça e bondade; mas onde faltasse esse sentimento religioso, haveria opressão, violência e injustiça.

Patros. Palavra egípcia com o significado de terra do sul; a parte setentrional do Alto Egito e a Tebaida dos gregos. Estendia-se desde alguns quilômetros ao sul de Mênfis até Siena na primeira catarata. Recentes descobertas de papiro confirmaram a existência de judeus em Siena, no século VI a.C. O profeta Jeremias incluiu os judeus, habitantes de Patros, na condenação que ele pronunciou contra "todos os judeus, moradores da terra do Egito" (Jr 44.1), por causa de suas inclinações idólatras. Ezequiel menciona Patros quando fala da volta dos egípcios cativos (Ez 29.14; 30.14). Isaías profetizou que os judeus voltariam do "Egito, de Patros, da Etiópia" (Is 11.11).

Paulo. *Pequeno.* Paulo é o nome romano de Saulo de Tarso, que se lê pela primeira vez em At 13.9, quando ele resistiu a Elimas, o mago, principiando nessa ocasião o seu trabalho gentílico na corte de Sérgio Paulo. Pode presumir-se que ele já era assim chamado em seu relacionamento com os gentios, mas depois desse incidente é sempre esse nome que o apóstolo recebe no livro de Atos e em suas epístolas. Várias inscrições mostram que Paulo era, nessa época, um nome comum na Síria e a leste da Ásia Menor.

O *nascimento e família* do futuro apóstolo habilitaram-no a chamar-se a si próprio "hebreu de hebreus" (Fp 3.5). Tinha puro sangue judaico, da tribo de Benjamim (Rm 11.1), e nasceu em Tarso, na Cilícia (At 9.11; 21.39; 22.3), por volta de 2 a.C., quando estava no auge o poder do imperador romano César Augusto. A sua educação foi caracteristicamente judaica. Quando rapaz, foi enviado a Jerusalém para ser instruído por Gamaliel "segundo a exatidão da lei de nossos antepassados", ele próprio dizia (At 22.3). Tanto Gamaliel como a própria família de Paulo pertenciam à seita dos fariseus. De seu mestre, pois, era natural que Paulo obtivesse um firme conhecimento da doutrina da ressurreição (At 23.6; 26.5; Fp 3.5). Com Gamaliel, Paulo também aprendeu aquelas estreitas doutrinas do farisaísmo, declarando-se "extremamente

zeloso das tradições" de seus pais (Gl 1.14). Além disso, Paulo conhecia a arte de fazer tendas (At 20.34; 1Ts 2.9). Como naquele tempo Tarso era notável centro de instrução, quase tão célebre quanto Atenas ou Alexandria, foi ali, sem dúvida, que Paulo estudou os antigos poemas e a filosofia da época; isso é deduzido de algumas citações que ele faz (At 17.28; 1Co 15.35; Tt 1.12).

A erudição de Paulo era, dessa forma, extraordinária. Por sua cultura, ele estava em contato com o mundo grego; por seus privilégios de cidadão, ele estava em contato político com o mundo romano; e, por essa prerrogativa de cidadão romano ser hereditária, sua família tinha consequentemente vantagens sociais. Os seus parentes estavam muito espalhados, porque alguns deles viviam em Jerusalém (At 23.16), e outros, segundo certa interpretação, em Roma (Rm 16.11) e tinham aceitado o cristianismo antes dele (Rm 16.7).

Paulo é mencionado *pela primeira* vez no livro de Atos, na descrição que ali se faz do apedrejamento de Estêvão. Embora Paulo não o tivesse apedrejado, é certo que esteve guardando as vestes dos que praticaram o apedrejamento (At 7.58-60; 8.1). Foi um incidente que manifestamente deixou profunda impressão em seu espírito (At 22.20).

Paulo entrou abertamente na obra da perseguição. Nesse seu procedimento, ele julgava estar trabalhando para Deus, segundo as tradições de seus pais (At 22.3; 26.9; Gl 1.14). Pouco tempo depois, Jerusalém já não era campo suficiente para seu zelo, pois os cristãos que ali viviam estavam ou na prisão, ou escondidos, ou em fuga (At 9.1,2). É possível dizer que Paulo foi eleito membro do Sinédrio depois da morte de Estêvão, se ele ainda não o era. Como o próprio apóstolo disse, ele não apenas exercia o poder de lançar na prisão, por missão desse tribunal, mas também dava seu voto quando matavam os cristãos (At 26.10).

A morte de Estêvão trouxe em consequência a *conversão* de Paulo. Nessa sua missão de servir a Deus, como Paulo a considerava, ele tomou o caminho de Damasco. Foi então que, ao dirigir-se para essa cidade, o perseguidor se transformou em discípulo de Jesus Cristo. O zelo que ele tinha mostrado contra o cristianismo se transformou em apoio e auxílio aos perseguidos. O miraculoso acontecimento é narrado por Lucas (At 9.1-19) e pelo apóstolo Paulo, nos discursos feitos ao povo de Jerusalém, depois de sua prisão (At 22.4-16), e mais tarde na presença de Agripa e Festo em Cesareia (At 26.10-18). O primeiro efeito do milagre foi o alívio que sentiram os cristãos de Damasco. Era bem conhecida a finalidade de sua ida a essa cidade; e o terror que inspirava esse fariseu pode deduzir-se da relutância de Ananias em aproximar-se dele (At 9.13,14) e da incredulidade dos discípulos quando Saulo lhes apareceu como correligionário nas sinagogas (At 9.21).

A cegueira e a inquietação de Paulo, que Lucas registra no livro de Atos (9.18,19), foram uma preparação para a visita de Ananias e para nova revelação da vontade de Deus. Dignas de nota também são as palavras, dirigidas a Ananias, "pois ele está orando" (At 9.11). Elas nos mostram o homem que tinha por hábito levantar o pensamento a Deus nos atos de sua vida (At 16.25; 20.36; 21.5). As próprias palavras de Paulo nos fazem ver isso mesmo (Gl 1.16,17).

A *natureza da revelação do Senhor a Paulo* é por ele explicada. É evidente que não se trata de mera impressão em sua alma durante algum arrebatamento. Paulo sentiu a visível presença de Jesus Cristo. Isso é sustentado em várias passagens, quer de uma forma positiva, quer incidentalmente. Na Primeira Epístola aos Coríntios, quando Paulo sustenta a validade de seu

próprio apostolado, ele assim argumenta: "Não sou apóstolo? Não vi Jesus, nosso Senhor?" (1Co 9.1). Quando ele traz, para prova, a verdade da ressurreição, seu argumento é: "E apareceu a Cefas [...]. Depois, foi visto por Tiago [...] e, afinal, depois de todos, foi visto também por mim, como por um nascido fora de tempo" (1Co 15.5- 8). Significativas são também as palavras de Ananias: "Saulo, irmão, o Senhor me enviou, a saber, o próprio Jesus que te apareceu no caminho por onde vinhas" (At 9.17; cp. At 22.14). O direto e imediato caráter do seu chamado, sem a intervenção de nenhuma agência humana, é outro ponto sobre o qual o próprio Paulo insistia muito, no decurso de sua vida apostólica. "Chamado para ser apóstolo", "apóstolo de Cristo Jesus pela vontade de Deus" (Rm 1.1; 1Co 1.1; 2Co 1.1; Ef 1.1; Cl 1.1), são expressões que os outros apóstolos não usam e com as quais Paulo descreve a si próprio, quando sua autoridade estava prestes a ser contestada. Pela oração de Ananias, Paulo foi aliviado da cegueira de que tinha sido acometido por motivo da visão sobrenatural (At 9.18); e, com a abertura de seus olhos, nasceu em sua alma uma completa submissão à vontade de Deus e o desejo de ser "sua testemunha diante de todos os homens" (At 22.14,15). Ele foi batizado, e iniciou seu ministério entre os filhos de Israel que estavam em Damasco (At 9.18-22,27; 26.20).

Parece certo que Paulo partiu de Damasco, porque disso temos a dupla prova de Lucas, em Atos, e do apóstolo, na Segunda Epístola aos Coríntios. Segundo o primeiro testemunho, os judeus estavam de emboscada para matar Paulo. Como eles vigiavam as portas da cidade, os seus irmãos o fizeram descer pelo muro em um cesto, o que não foi difícil, pois as casas estavam sobranceiras ao muro. Segundo o que Paulo expõe (2Co 11.32), era o preposto do rei Aretas que procurava prendê-lo. Não há dificuldade em harmonizar as duas narrativas. Podemos dizer, do mesmo modo, que Jesus foi condenado à morte pelos judeus ou pelo governador romano. Tendo escapado de Damasco, Paulo foi para Jerusalém e ali envidou todos os esforços para juntar-se ao grupo dos discípulos (At 9.26), que ainda duvidavam dele; contudo, a amizade de Barnabé assegurou a dos outros cristãos, e Paulo "estava com eles em Jerusalém, entrando e saindo". A sua educação helenística tornou-o argumentador de grande força entre os "gregos". A nova atitude do antigo fariseu e seu zelo levantaram contra Paulo, da parte dos judeus, uma forte oposição; e, estando a vida do apóstolo em perigo, ele foi obrigado a ir para Tarso, sua terra natal (At 9.30). Em certo arrebatamento de alma ocorrido em Jerusalém enquanto orava, Paulo reconheceu que Deus o chamava para a obra de evangelização entre os gentios (At 22.17-21). Dirigiu-se novamente a Tarso pela Cesareia (Cesarea Stratonis), na costa, e depois por Antioquia. As atividades de Paulo eram agora exercidas no estudo e ensino em Tarso, ou na fundação das igrejas (At 15.23,41), que foram mais tarde saudadas na carta apostólica, dirigida de Jerusalém, "aos irmãos de entre os gentios, em Antioquia, Síria e Cilícia". Depois dessa permanência na cidade de sua infância, não é certo se ele voltou para lá mais alguma vez. Enquanto Paulo estava em Tarso, certos homens de Chipre foram instrumentos de um despertamento entre os gentios. Um deles teria sido "Mnasom, natural de Chipre", que mais tarde foi seu hospedeiro (At 21.16); outro era José, o levita de Chipre, a quem os apóstolos havia muito tempo chamavam de Barnabé, o "filho de exortação" (At 4.36). Este foi o primeiro doutrinador que a igreja-mãe enviou aos novos discípulos de Antioquia. Ele ali trabalhou com energia (At 11.23); contudo, sentindo a grandeza da obra, "partiu Barnabé para Tarso à procura

de Saulo" (v. 25), cujo caráter vigoroso seria de grande valor nessa cidade de filosofia pagã. De sua parte, Paulo reconheceu que deveria ir para Antioquia, de modo que os dois partiram, sem demora, para essa cidade. Durante um ano, Paulo trabalhou ali com Barnabé; em virtude de sua missão, foi aos convertidos dado pela primeira vez o nome de "cristãos" (v. 26). Por esse tempo, Jerusalém e o resto da Judeia estavam sofrendo o tormento da fome, seguindo-se um período de tremores de terra. Auxílios foram enviados de todas as partes, sentindo-se os gentios convertidos de Antioquia obrigados a socorrer também seus inimigos de Jerusalém, como igualmente aconteceria uns 13 anos mais tarde (Rm 15.25-27). Sem perda de tempo, eles ajuntaram o que puderam, enviando o dinheiro por intermédio de Paulo e Barnabé (At 11.29,30). Na sua volta para Antioquia, Paulo e seu companheiro levaram com eles "João, apelidado Marcos", primo de Barnabé (At 12.25; Cl 4.10).

A primeira viagem missionária (At 13.1— 15.30). Quando Paulo e Barnabé regressaram a Antioquia, viram que era chegado o tempo de pregar o evangelho em outros territórios. Um novo movimento se operava em obediência ao Espírito Santo (At 13.2), e para isso se prepararam aqueles apostólicos pregadores com jejum e oração.

Indo com eles João Marcos, dirigiram-se em primeiro lugar a Chipre, de onde Barnabé era natural (At 4.36). Desembarcando em Salamina, pregaram nas sinagogas e, atravessando a ilha do oriente, chegaram a Pafos, que era uma cidade dedicada à deusa Vênus e centro de uma impudente idolatria. Pafos era a terra natal do procônsul Sérgio Paulo, homem instruído que, por falta de melhor conhecimento, estava procurando a luz por meio de Barjesus, um judeu mágico. Paulo falou a Sérgio Paulo, sendo suas palavras cristãs ouvidas com alegria. Barjesus opôs-se, contestando a doutrina do póstolo, mas foi ferido de cegueira temporária, como castigo da cegueira do seu coração (At 13.11). Partindo de Chipre, Paulo e seus companheiros navegaram para a ÁsiaMenor e chegaram a Perge, na Panfília, onde Marcos os deixou. Este acontecimento deve ter produzido em Paulo profunda tristeza e provavelmente foi causa de algum afastamento entre ele e Barnabé, motivando mais tarde uma separação (15.37-39). Marcos tinha viajado com eles desde a costa até a cidade grega e agora, desanimando, certamente na consideração da grande obra planejada por Paulo, voltou para Jerusalém (At 13.13). Fosse qual fosse a causa da dissidência, ela não perdurou, porque mais tarde achamos Paulo recomendando Marcos aos colossenses como seu "cooperador", "lenitivo" (Cl 4.10,11) para si mesmo e proveitoso para o ministério (2Tm 4.11).

Quando os apóstolos alcançaram Antioquia da Pisídia, foram recebidos com grande alegria pelos gentios, depois de terem estes ouvido a mensagem do evangelho; já os judeus fizeram tal oposição que Paulo e Barnabé sacudiram "contra aqueles o pó dos pés" (At 13.51). Listra, para onde os viajantes se dirigiram depois de terem sofrido certa oposição em Icônio (At 14.1-6), possuía uma imagem de Júpiter em um templo dedicado a esse deus à frente da porta da cidade. Os pagãos acreditavam que Júpiter era "o pai dos deuses e dos homens" e julgavam que algumas vezes ele visitava a terra acompanhado de Mercúrio, o deus da eloquência. Logo, não era de admirar que os adoradores desses deuses que haviam visto Paulo curar o coxo pensassem ter sido honrados com a visita de tais divindades.

A Barnabé, chamavam Júpiter por causa da dignidade de seu rosto e figura. A Paulo, que parece ter sido de pequena estatura (2Co 10.1,10), chamavam Mercúrio, porque "era este o principal

portador da palavra" (At 14.12). Queriam oferecer sacrifícios aos apóstolos, mas eles impediram que tal coisa se realizasse (v. 8-18). Mas deu-se o caso que desde Icônio, e mesmo desde Antioquia, os apóstolos tinham sido hostilmente perseguidos por certos judeus. Esses adversários incitavam a população contra eles, resultando desse movimento o apedrejamento e arrastamento de Paulo para fora da cidade (v. 19). No dia seguinte, Paulo partiu com Barnabé para descansar por algum tempo em Derbe (v. 20).
Derbe (Gudelissin), para onde se retiraram os apóstolos depois da perseguição em Listra, ficava a uns 48 km distante, na Licaônia (At 14.6,20). Ali eles não foram perseguidos, nem obstáculo algum se levantou à obra da evangelização da cidade. O resultado foi que nesse local eles fizeram muitos discípulos (v. 21). Retrocedendo, Paulo tornou a visitar os lugares onde tinha sido tão indignamente tratado, Listra, Icônio e finalmente Antioquia (At 14.21), concluindo assim sua primeira viagem missionária.
Entre essa viagem e a segunda, um assunto de grande importância foi resolvido. Muitos judeus tinham sido dispersos para além dos limites da sua própria terra. Nas cidades mais importantes, a leste e oeste, os judeus haviam estabelecido suas sinagogas, onde Moisés era pregado todos os sábados (At 15.21). Então, eles estavam, por um lado, cercados por uma idolatria que feria seus mais profundos sentimentos religiosos, bem como por uma desenfreada libertinagem em ligação com o politeísmo; e, por outro lado, patenteava- se uma orgulhosa e desdenhosa filosofia que extraordinariamente rebaixava tanto as classes mais educadas como o povo mais ignorante e irrefletido. Dessa forma, mantinha-se e fortalecia a "parede da separação" que existia entre judeus e gentios (Ef 2.14), estando uns distantes dos outros na maior parte das coisas da vida, à exceção do comércio. Havia, então, por essas razões, grande dificuldade: como disse Pedro a Cornélio, não era lícito a um judeu ajuntar-se ou chegar- se a estrangeiros (At 10.28). O próprio Pedro ofendeu mais tarde seus irmãos de Jerusalém, porque ele tinha entrado "em casa de homens incircuncisos" e comido com eles (At 11.3).
Pedro explicou o caso de haver comido com os incircuncisos, dizendo que o Espírito Santo também tinha sido derramado sobre eles e, "ouvindo eles estas coisas, apaziguaram-se e glorificaram a Deus" por sua compaixão para com os gentios (At 11.1-18). Os descontentes, contudo, levaram a questão mais adiante. Foi então resolvido que Paulo e Barnabé, com alguns outros, iriam a Jerusalém para conferenciar com os apóstolos e anciãos que ali viviam, pois a igreja dessa cidade, dirigida ainda por Tiago, era considerada a igreja-mãe da cristandade (At 15.1-6,12; Gl 2.4,5). A questão estava limitada ao único ponto da circuncisão. Paulo manteve seus princípios e foi bem-sucedido, pois, recebendo a destra de fraternidade, voltou para Antioquia reconhecido como apóstolo do "evangelho da incircuncisão" (At 15.22-26; Gl 2.7). Esse fato ocorreu cerca de dezessete anos depois de sua conversão.
A *segunda viagem missionária* (At 15.36— 18.28) foi mais extensa que a primeira. Partindo de Antioquia da Síria, Paulo fez sua viagem passando pela Síria e Cilícia, atravessando Derbe, Listra, Icônio, Galácia (segundo parece), Trôade, Filipos, Anfípolis, Tessalônica, Bereia, Atenas, Corinto e Éfeso, de onde navegou para Cesareia. A partida foi perturbada por uma diferença de opinião entre esse apóstolo e Barnabé. Desejava este que também os acompanhasse João Marcos, seu parente, que tinha sido censurado por Paulo em certa ocasião (At 15.38). Como Paulo não quisesse anuir, separaram-se; e tal divergência entre esses apóstolos produziu

resultados da mais alta importância, porquanto receberam os gentios a Água da Vida por meio de duas distintas correntes, em lugar de uma. Paulo conservou-se no continente da Ásia e da Europa, ao passo que Barnabé navegou para Chipre (v. 39). A contenda, embora acirrada, não durou muito tempo, pois Paulo mais tarde fala bem de seu cooperador (1Co 9.6). V. BARNABÉ, MARCOS. Partiram primeiro Barnabé e seu jovem primo; e Paulo, escolhendo Silas como companheiro e recebendo a bênção da igreja (At 15.40), dirigiu-se para a Cilícia, a província de sua terra natal. Desse modo, foi ele pela "Síria e Cilícia, confirmando as igrejas" (v. 41). Em Derbe, ele teve uma importante entrevista com Timóteo. A Galácia do Norte haveria de ser outro centro de suas atividades. Os seus habitantes receberam a mensagem de Paulo com entusiasmo e alegria (Gl 3.1; 4.14,15), não fazendo menção à sua aparência pessoal ou a qualquer doença corporal. Isso parece ter comovido o apóstolo, porque ele declara (Gl 4.15): "Se possível fora, teríeis arrancado os próprios olhos para mos dar". Se isso tinha ou não alguma relação com "o espinho na carne" (2Co 12.7), é apenas uma suposição. Seria isso oftalmia, ou malária, ou epilepsia? Não se sabe.

Deixando a Galácia, os viajantes atravessaram uma parte da Mísia (proibindo-lhes o Espírito de Jesus que entrassem em Bitínia) e chegaram a Trôade. Nesse ponto, Paulo estava separado da Europa por apenas uma pequena extensão de mar. Todavia, não era ainda sua intenção sair da Ásia Menor, onde havia muitos lugares para serem visitados. Durante sua breve estada em Trôade, Paulo atraiu a si um novo companheiro, que viria a ser o futuro historiador de seus trabalhos. Era Lucas, "o médico", como Paulo assim o denomina, e não um pintor, como o qualifica a tradição (V. LUCAS). O próprio Lucas é quem nos diz que foi nesse lugar que ele encontrou Paulo. "Procuramos partir para aquele destino [a Macedônia]", diz ele em At 16.10; e é o emprego da primeira pessoa do plural que nos revela a presença de Lucas entre os companheiros de Paulo em Trôade.

Foi em uma visão noturna que o Senhor mandou que Paulo passasse à Macedônia (At 16.9). Essa missão foi prontamente aceita (v. 10) pelo apóstolo e seus três companheiros, Silas, Timóteo e Lucas, que se aprontaram para a viagem Europa. Em dois dias, chegaram a Neápolis, o porto de Filipos.

Essa cidade era um grande posto militar e centro comercial. Não havia muitos judeus em Filipos e não existia sinagoga; eles tinham apenas um lugar transitório de oração, isto é, um local cercado por um muro, mas sem telhado. A congregação compunha- se principalmente de mulheres (At 16.13), sendo algumas judias e outras prosélitas. Dentre estas, foi convertida e batizada Lídia, de Tiatira. Esse foi o primeiro batismo na Europa, embora Lídia fosse uma mulher da Ásia. A cura de uma moça trouxe como resultado a prisão de Paulo e Silas (v. 19), sofrendo eles depois o castigo da flagelação. Quando ambos, na prisão, estavam orando, as cadeias se romperam, e as portas foram abertas pela violência de um tremor de terra. O carcereiro, convertendo-se, levou-os para sua própria residência e deu-lhes de comer (v. 30-34). De manhã, veio ordem para que aqueles homens fossem soltos, pois, segundo pensavam os magistrados, eram homens simples, que já tinham sido suficientemente castigados. As autoridades ficaram admiradas, quando lhes foi revelado pelos que tinham ido ao cárcere com o mandado de soltura, que os tais homens eram cidadãos romanos e tinham recusado a liberdade concedida daquela maneira.

A pedido dos pretores, saíram de Filipos; e Paulo, deixando aos cuidados de Timóteo e Lucas a nascente igreja, dirigiu-se a Tessalônica, distante 160 km de Filipos. A estrada que Paulo agora atravessava era o caminho pelo qual Xerxes tinha trazido da Ásia o seu exército. O apóstolo apareceu primeiramente diante de judeus, muito zelosos do seu culto religioso. Por três sábados, discutiu com eles (At 17.2), obtendo grande resultado entre prosélitos e gentios, mas despertando a hostilidade dos judeus. Estes fizeram grande tumulto e, não encontrando Paulo e Silas na casa de Jasom, onde estavam hospedados, levaram o hospedeiro à presença das autoridades por lhes ter dado alojamento. Entretanto, os apóstolos já deixavam Tessalônica e, percorrendo a distância de 96 km, chegaram a Bereia, que fica na rampa oriental da cordilheira do Olimpo. Ali foram alegremente recebidos, tendo seus ensinamentos cuidadosa e atenciosamente examinados. O resultado foi a organização de uma igreja forte em número e influência (At 17.10-12). No entanto, a hostilidade dos judeus de Tessalônica continuou a manifestar-se contra o apóstolo ainda em Bereia; e, por essa razão, a igreja de Bereia perdeu seu fundador e mestre, embora Silas e Timóteo ainda ali permanecessem. Paulo, tomando a direção do mar com alguns novos companheiros, partiu depois em um navio para Atenas (v. 14,15). Nos seus passeios pela cidade, pôde ver uma inscrição na qual se recomendava a adoração a alguma divindade fora do conhecimento gentílico (v. 23) e procurou tirar vantagem do fato, ao declarar: "Pois esse que adorais sem conhecer é precisamente aquele que eu vos anuncio" (v. 23).

O seu discurso na colina de Marte foi apenas a continuação das discussões diárias que ocorriam no mercado e na sinagoga. Em virtude desse trabalho de Paulo, creram alguns homens e mulheres (V. DÂMARIS), mas não sabemos se o número de cristãos foi grande ou pequeno, e por quanto tempo Paulo ficou ali com os novos convertidos. Algum tempo teve de passar entre eles, mas não temos nenhuma carta aos cristãos de Atenas e não sabemos se o apóstolo esteve lá outra vez. Paulo tinha mandado chamar seus companheiros Timóteo e Silas. Quanto a Timóteo, deliberou enviá-lo outra vez a Tessalônica para animar os cristãos dessa cidade, pois o apóstolo sentia-se incomodado com o fato de eles atravessarem suas tribulações sem um líder (1Ts 3.1,2). Silas não aparece em Atenas, mas o encontramos com o apóstolo em Corinto e associado a ele nas saudações da Primeira e da Segunda Epístola aos Tessalonicenses. (A esse respeito, v. mais adiante.) Paulo tinha ido a Corinto com tristeza, aterrorizado com a dificuldade enfrentada pela obra de evangelização (1Co 2.3). No entanto, esse "grande tremor" com que tinha entrado na cidade bem depressa se transformou em alegria. Paulo não somente observou quão alegremente o povo recebia sua palavra, mas Deus miraculosamente lhe revelou seus desígnios com respeito à evangelização desse lugar (At 18.9,10). Corinto era uma cidade muito corrompida: tinha-se tornado proverbial o "viver como um coríntio", o que significava não respeitar de forma alguma as leis da moralidade. No meio de todas aquelas questões e tumultos, Paulo aproximou-se primeiro de um judeu (v. 2) que tinha sido expulso de Roma pelo imperador Cláudio, talvez já sendo cristão. Pode ser que Paulo se relacionasse com Áquila por ser este, tal como o apóstolo, construtor de tendas. V. ÁQUILA. Paulo já tinha decidido não receber pagamento algum pela pregação do evangelho e, portanto, foi trabalhar na sua arte. Não tardou até que essas relações trouxessem como resultado Áquila e Priscila a ouvir as pregações do evangelho, como demonstram algumas referências do NT (At 18.18,26; 1Co

16.19; 2Tm 4.19). Enquanto Paulo assim vivia tranquilamente, Timóteo e Silas voltavam da Macedônia (At 18.5). O relatório de Timóteo com respeito às condições da igreja de Tessalônica e aos erros em que ela havia caído levou Paulo a escrever a esses amados cristãos a Primeira Epístola aos Tessalonicenses. Nessa ocasião, os judeus de Corinto estavam inquietando muito a Paulo, querendo afastá-lo de falar aos gentios (1Ts 2.15,16). Ele foi grandemente perturbado e "sacudiu as vestes" (At 18.6); proclamada sua inocência relativamente ao sangue dos que recusavam a salvação (Ez 33.8,9; Mt 27.24; At 5.28; 20.26), declarou que daí em diante haveria de pregar aos gentios. Um prosélito chamado Tito ou Tício Justo, de quem nada mais se sabe, ofereceu a Paulo sua própria casa, que ficava perto da sinagoga. Em tal lugar, o apóstolo continuou a apascentar seu rebanho com o alimento da palavra cristã. Foi seguido de Crispo, o principal da sinagoga, a quem ele próprio batizou. Batizou também com as próprias mãos Gálio e a casa de Estéfanas, abandonando, assim, o seu costume de não batizar os que se convertiam com sua pregação.

Paulo tinha permanecido em Corinto pelo espaço de aproximadamente dezoito meses, ou mais, tendo visitado também, segundo parece, outros lugares da Acaia e estabelecendo igrejas, quando pensou que já era chegado o tempo de voltar à Judeia. Como Priscila e Áquila estavam em viagem para Éfeso, o apóstolo resolveu acompanhá-los. Despediu-se solenemente dos irmãos dessa igreja (At 18.18) e partiu dali. A sua segunda viagem missionária tinha completado cerca de três anos. Paulo fez uma rápida visita a Jerusalém. Não sabemos com certeza se ele pôde assistir à festa. Simplesmente se diz que ele saudou a igreja, partindo logo para Antioquia (At 18.22). Ainda que Antioquia se tivesse tornado o centro do cristianismo, estando este a afastar-se cada vez mais da terra que lhe deu origem, pelo que sabemos, Paulo visitava agora essa cidade pela última vez.

Em sua *terceira viagem missionária* (At 19.1—21.14), Paulo, acompanhado de Timóteo, partiu de Antioquia em direção à Ásia Menor, visitando e animando as muitas igrejas que ele tinha implantado nessa região. Havia muitos lugares ricos, onde a ociosidade e o luxo minavam o caráter dos cristãos, a ponto de alguns chegarem a declarar que os pecados do corpo não tinham efeito algum na alma. Em Corinto, também se tinham levantado questões com respeito à eficácia superior do batismo, segundo fosse ministrado por Paulo, Apolo ou outros (v. Apolo), confessando cada um ser partidário do apóstolo preferido. Paulo então enviou para lá Tito e também Timóteo (embora pareça não ter este último ido tão longe; v. 1Co 4.17; 16.10; v. tb. At 19.22); e escreveu a Primeira Epístola aos Coríntios, depois de ter estado em Éfeso cerca de três anos (At 20.31). Na primavera de 57 d.C., quando Paulo chegou primeiramente a Éfeso nessa viagem, teve um memorável encontro com os 12 homens que ainda seguiam João Batista (At 19.1). O caso é contado resumidamente, destacando-se a pergunta do apóstolo "Recebestes, porventura, o Espírito Santo quando crestes?" (At 19.1-7) e a consequente imposição de mãos. A pregação de Paulo produziu maravilhosos resultados em Éfeso, tanto entre os judeus como entre os gentios. As práticas idólatras da cidade tinham diminuído bastante de valor, queimando muitos dos seus livros mágicos; e acontecia que o prestígio de Paulo aumentara tanto que era notável sua influência sobre algumas das mais ricas e poderosas personagens da província. O que agora punha em perigo a vida de Paulo era que sua crescente influência podia abalar seriamente o culto de Diana. Demétrio, um fabricante de ídolos e relicários que

continham uma imagem da deusa, fez um apaixonado discurso aos seus operários e a outros contra os ensinamentos de Paulo, que estavam reduzindo seus lucros (At 19.25ss) e ameaçavam desfazer o culto de Diana em seu grande templo. As palavras do ourives produziram grande excitação, mas o povo, depois de algumas horas de alvoroço, foi apaziguado pelo escrivão da cidade (v. 35). Do que se sabe, pelas inscrições, o escrivão era uma autoridade muito importante de Éfeso.

Pouco tempo depois, em uma reunião muito fraternal e afetuosa de cristãos, Paulo recomendou-os à graça de Deus e despediu-se dos efésios (At 20.1). Deixando Éfeso, visitou a povoação de Trôade pela segunda vez, com a ideia de ali implantar uma igreja (2Co 2.12). Contudo, o fato de não ter encontrado Tito, que tinha sido enviado de Éfeso a Corinto, afligiu bastante sua alma. Mesmo assim, Paulo continuou pregando e lançou ali os fundamentos para uma igreja cristã, antes de continuar sua jornada para Neápolis na Macedônia. Desembarcando em Neápolis, dirigiu-se imediatamente a Filipos, onde foi animado por uma calorosa recepção. Na cidade, encontrou-se novamente com Timóteo, mas só depois de ter estado algum tempo na Macedônia é que pôde alegrar-se com a presença de Tito. Nessa ocasião, o apóstolo não estava em boa condição de saúde (2Co 4.7; 5.10). Logo que Tito explicou a situação de Corinto, foi enviado para lá novamente com dois companheiros, a fim de receber as quantias, doadas pelos fiéis, para o socorro da Palestina. Paulo confiou a Tito outra carta, que dessa vez foi dirigida não só à igreja de Corinto, mas também a todos os cristãos da Acaia, e que é a nossa Segunda Epístola aos Coríntios. A grande coleta que o apóstolo tinha estabelecido, e que já estava sendo levada para a Macedônia e Acaia, foi ordenada com dupla finalidade. Havia indubitavelmente grande pobreza entre os cristãos hebreus, que, segundo o pensamento do apóstolo, deveriam ser socorridos pelas comunidades ricas que estavam sendo acrescentadas à igreja. Ao mesmo tempo, ele percebia, como estadista, que a brecha entre os judaizantes e os gentios, que se estava alargando com ameaças de grande mal, podia ser fechada por uma cordial e amável liberalidade dos gentios. A cura dessa separação era nesse tempo a ideia predominante de Paulo. Ele cristãmente pensava que, se os gentios tinham participado das bênçãos espirituais dos judeus, o dever deles era retribuir o benefício com bênçãos temporais (Rm 15.27; 2Co 9.12- 15). De todas as igrejas da Macedônia, nenhuma tomou parte mais ativa nessa coleta que a de Filipos. Três pessoas foram principalmente empregadas nessa obra, mas somente Tito é conhecido de nome, embora todas sejam calorosamente recomendadas por seu zelo e lealdade (2Co 8.18,19,22).

V. TITO.

Depois da partida de Tito, Paulo continuou a visitar as igrejas ao norte da Macedônia e estendeu suas operações ao longo da parte oriental do mar Adriático, naquela região que então se chamava Ilírico e hoje é conhecida pelos nomes de Dalmácia, Croácia e Bósnia-Herzegovina. No entanto, seu coração estava em Corinto e, como o inverno se aproximava, tomou depressa a direção do sul. Ele declarou que tinha determinado disciplinar a minoria desobediente (2Co 10.6), a qual ainda contestava sua autoridade e permanecia em seus hábitos de impureza. Contudo, quando o apóstolo chegou a Corinto (seria provavelmente pela data da Epístola aos Gálatas), recebeu notícias de ter ocorrido uma séria deserção nas igrejas da Galácia, talvez nas pertencentes ao norte, que contestavam a autoridade de Paulo para se submeterem à pregação dos missionários judaizantes que tinham ido de Jerusalém. Diziam estes que Paulo não era

verdadeiro apóstolo, pois nunca tinha estado com Cristo nem havia recebido dele nenhuma missão, e que sua doutrina estava em oposição à de Pedro e Tiago. Foi por tudo isso que Paulo escreveu sua Epístola aos Gálatas.
Durante três meses, Paulo estabeleceu em Corinto seu quartel-general, comple - tando a grande contribuição à Palestina. A quantia agora coletada provinha dos contribuintes individuais e era confiada a tesoureiros, escolhidos por toda a igreja, os quais deviam levá-la a Jerusalém na companhia de Paulo. Enquanto esperava que tudo estivesse preparado para a partida, Paulo escreveu uma carta à igreja de Roma, entregando-a confiadamente a uma notável mulher chamada Febe, que muito o tinha protegido, assim como a outros cristãos. Era ela uma cristã de Cencreia, que ia a Roma tratar de seus negócios particulares. O que o levou a escrever essa epístola foi o desejo de informar aos cristãos de Roma sua intenção de visitá-los, quando realizasse sua já planejada viagem, de Jerusalém para a Espanha. Que ele tinha consideráveis relações na metrópole do mundo civilizado é evidente pelo que se lê na epístola; e também se sabe que os cristãos de Roma eram principalmente convertidos do paganismo pelo fato de Paulo acentuar sua posição de apóstolo dos gentios, que Cristo lhe havia determinado (Rm 1.13). Paulo voltou a Jerusalém por mar. Na véspera de sua partida para a Síria, soube de uma conspiração contra sua vida, como outras que ocorreram em certas ocasiões (At 9.23,29; 23.12; 2Co 11.32). Para escapar de seus inimigos, Paulo foi obrigado a tomar outro caminho, seguindo com rapidez através da Macedônia por Tessalônica até Filipos, onde mais uma vez teve a companhia de Lucas, que parece ter ali ficado por ocasião da segunda viagem missionária, seis anos antes. Parece que Paulo celebrou ali a Páscoa, porque "depois dos dias dos pães asmos" (At 20.6) embarcou para Trôade. O navio atrasou cinco dias em sua viagem por causa da calmaria ou pela ação de ventos contrários. V. TRÔADE. Foi em Trôade que Paulo conseguiu fazer reviver o jovem Êutico (At 20.9). Embora o navio partisse de Trôade, Paulo rodeou o promontório por terra até Assôs, certamente para desfrutar certa tranquilidade que um navio daqueles tempos não podia proporcionar. O porto seguinte onde haviam de encontrar-se era Mileto, de onde Paulo mandou chamar os presbíteros da igreja de Éfeso. Houve ali grande contentamento entre os cristãos, quando ouviram dizer que Paulo estava tão perto; muitos deles percorreram a distância de 32 km para mais uma vez verem e ouvirem o apóstolo. Ele falou aos anciãos, recordando-lhes solenemente seus deveres e avisando-os das tentações que não tardariam a aparecer (At 20.18-35). Chegou depressa a hora da partida, e o navio, navegando com bom vento (21.1), passou por Cós e Rodes, e chegou a Pátara, à enseada de Xanto, que é agora uma espécie de deserto de areia movediça. Neste ponto, Paulo e seus companheiros trocaram de navio (21.2). Partindo no mesmo dia com vento ainda favorável, navegaram em direção a Tiro, sendo de 545 km a distância entre Pátara e esse porto da Fenícia. Havia discípulos em Tiro que avisaram Paulo do perigo que representava ir a Jerusalém. Mas o apóstolo resolveu enfrentar esse perigo e, passados seis dias, estando o navio pronto, embarcou mais uma vez, depois de uma despedida afetuosa da parte dos fiéis. A mesma cena se repetiu em Ptolemaida, onde Paulo desembarcou, embora por lá não se demorasse. Partindo dali, dirigiu-se a Cesareia (v. Tiro), onde foi visitar Filipe, o evangelista. Pôde demorar-se nessa cidade alguns dias, visto que havia chegado em boa ocasião para tomar parte na festa. Ágabo, que tinha o dom da profecia, mostrou a Paulo, de maneira dramática, que sua ida a Jerusalém era perigosa. Lucas

e os outros companheiros de Paulo choraram e pediram-lhe que não fosse, mas sua resolução era inabalável, e então seus amigos reconheceram que era a vontade de Deus (21.10-14); no final, até o acompanharam à cidade santa, onde lhe fizeram os irmãos uma boa recepção (58 d.C.).

Paulo foi recebido por Tiago e pelos presbíteros da igreja com o ósculo da fraternidade (At 21.18,19). Com a comitiva que o tinha acompanhado, ele entregou a grande coleta das igrejas gentílicas, falando então à assembleia sobre o "que Deus fizera entre os gentios por seu ministério" (21.19). Em virtude dessas boas notícias, todos deram glória a Deus, e fervorosas orações foram feitas em ação de graças. No entanto, havia na igreja cristã, dentre os fariseus, certo número que procurava transformar o cristianismo em uma seita judaica. Durante todo o tempo, eles tinham sido inimigos de Paulo. A alma deles estava em um estado de transição entre a Lei e o Evangelho. Para acalmar a agitação desse partido turbulento, a assembleia induziu Paulo a que fosse ao templo com quatro cristãos judeus, que tinham feito voto de nazireado (v. VoTo) e realizasse com eles as cerimônias necessárias. Como medida de conciliação, o ato de Paulo foi improfícuo. Quando Paulo estava no templo, lançaram mão dele e falsamente o acusaram de introduzir os gregos no Lugar Santo (21.28). Ele teria sido, sem dúvida, feito em pedaços pelo povo enfurecido se o comandante romano não tivesse aparecido para manter a ordem. Por algum tempo, sossegaram, ao ver Paulo preso, mas outra vez se exaltaram quando o apóstolo, tendo permissão de falar das escadas que conduziam do templo ao castelo de Antônia, declarou ter recebido de Deus a missão de pregar o evangelho aos gentios. O comandante ficou perplexo e, quando estava prestes a mandar açoitá-lo a fim de saber do que se tratava, Paulo declarou que era cidadão romano, não sendo lícito castigá-lo sem uma condenação. Lísias ficou receoso por ter atingido o apóstolo.

A cena agora muda, passando da fortaleza romana para uma reunião do Sinédrio especialmente convocada pelo comandante para considerar o caso de Paulo. Reconhecendo que não obteria a devida justiça, o apóstolo defende-se com a declaração de que era fariseu e estava sendo julgado por sua crença na ressurreição dos mortos, pois sabia que os da seita farisaica se levantariam contra os saduceus, que não cultivavam tal crença. A sua astúcia deu bom resultado, e ele foi mais uma vez guardado pelos soldados romanos para que não lhe fizessem mal (At 23.10). Com seu espírito deprimido pelos acontecimentos, Paulo foi confortado por outra visão na fortaleza. Paulo soube, por meio de um sobrinho, que os judeus queriam assassiná-lo, de modo que pôde livrar-se do atentado pelo fato de a conspiração ter sido denunciada às autoridades por esse filho da sua irmã. O comandante logo pôs Paulo fora de perigo, mandando-o em segredo a Cesareia, ao governador Félix (23.24ss), o qual determinou que ele fosse mantido preso até que chegassem seus acusadores. Por quase dois anos, esteve Paulo na prisão, esperando Félix receber alguma boa quantia para o libertar. Talvez ele tivesse ouvido falar da coleta trazida à Palestina. A má administração de Félix, no entanto, fez que ele fosse chamado a Roma, assumindo Festo o seu lugar como governador. Apenas tinha este chegado, recebeu do Sinédrio o pedido de que fosse permitido o julgamento de Paulo em Jerusalém. Festo indeferiu a petição dos judeus, mas espontaneamente sugeriu a Paulo a ida a essa cidade. Sabendo, porém, que o principal objeto da mudança de cena era seu assassínio, o apóstolo apelou do tribunal provincial, presidido por Festo, para o de César em Roma. Festo teve de aceitar a resolução de Paulo, pois o direito de

apelação era um dos mais importantes privilégios do cidadão romano. V. FESTO. Festo, contudo, estava incomodado com o caráter da acusação feita a seu prisioneiro e teve o prazer de ser auxiliado por seus amigos, o rei Herodes Agripa II e sua mulher Berenice, que tinham vindo visitá-lo. Paulo teve ocasião de falar em sua defesa, afirmando-lhe Agripa que ele podia ter sido posto em liberdade caso não tivesse apelado para Roma.

Paulo embarcou para Roma em um "navio adramitino" (At 27.2), que, depois de ter aportado em Sidom, levou os viajantes até Mirra, navegando ao norte de Chipre, em vez de seguir o caminho comum do sul, porque os ventos eram contrários. Havia ali um navio alexandrino, com carga de trigo para Roma. Era uma grande embarcação, pois levava, além de seu carregamento, cerca de 300 pessoas (v. 37). Arrastado por uma rajada de vento para o sul, navegou o navio abrigado pela ilha de Creta, o que foi uma imprudência, porque a costa meridional da ilha é deficiente em portos. Todavia, puderam ancorar em Bons Portos, um ancoradouro que conserva ainda hoje o mesmo nome. Ali se detiveram, porque os ventos do noroeste continuavam soprando fortemente. Paulo aconselhou que ficassem em Bons Portos, mas, como esse porto não era bom para ali invernarem, seu conselho não foi aceito (v. 12). Além disso, o centurião acreditava mais no piloto e no mestre do navio. Ocorrendo então uma favorável mudança de tempo, os marinheiros desfraldaram as velas com satisfação e costearam o Cabo Matala, tomando o rumo de Fenice (Loutro). Não tardou muito até que um forte pé de vento, chamado Euroaquilão, arrebatasse o navio, pondo-se a barlavento na pequena ilha de Clauda, a cerca de 37 km ao sul de Fenice. Ali trataram de guindar o batel, cingindo o navio com cordas para evitar que suas tábuas se rompessem com o vento. Além disso, amainaram as velas, pondo tudo em boa ordem na medida do possível. No entanto, continuando a ventania, trataram de aliviar a embarcação, lançando ao mar o que podiam dispensar. Seguiram-se, então, muitos dias de continuada fadiga e ansiedade, fazendo-se desesperados esforços para conservar o navio flutuando. Paulo animava os marinheiros, descrevendo-lhes uma visão que havia tido durante a noite. Na 14 anoite depois que tinham saído de Bons Portos, os marinheiros pensaram estar próximos de terra. A tripulação quis deixar os passageiros entregues ao seu destino, procurando salvar- se no bote. Paulo, contudo, compreendendo bem as coisas, falou ao centurião, que resolveu o assunto mandando cortar o cabo que prendia o batel; dessa forma, os marinheiros foram obrigados a ficar a bordo do navio para auxiliarem o salvamento de todos. Paulo foi ainda mais longe: animou os exaustos marinheiros e aconselhou-os a que se alimentassem, dando ele logo o exemplo, depois de agradecer a Deus. Já com maior disposição, trataram de lançar a carga ao mar com o fim de aliviar ainda mais o navio, fazendo também os preparativos para ancorar o barco. Quando rompeu o dia, os viajantes puderam ver um lugar favorável e, tomadas as necessárias precauções, deixaram correr o navio. Como os soldados eram responsáveis com a sua vida pela boa guarda dos prisioneiros, entendiam que deviam matar a todos, para que não fugisse nenhum, mas o centurião "impediu-os de o fazer" (At 27.43), tal a impressão que a conduta de Paulo causara em sua alma. Encalhado o navio, e abrindo-se com a força das ondas, todos trataram de salvar a vida, o que conseguiram ao chegar de diversos modos a terra, no caso à ilha de Malta (Melita).

Pelo espaço de três meses, conservaram-se na ilha os passageiros e a tripulação do navio naufragado, sendo ali tratados com hospitalidade pelos amáveis habitantes, especialmente pelo

principal da ilha, que se chamava Públio. A esse bom acolhimento, Paulo correspondeu curando o pai dele de uma doença, pela oração e imposição de mãos. Passado esse tempo, partiram em um navio que tinha por emblema Dióscuros e chegaram a Siracusa, na Sicília, ignorando-se se era permitido a Paulo desembarcar. Navegando para além de Ortígia com ventos contrários, chegaram a Régio, uma cidade cujos deuses padroeiros, Castor e Pólux, eram os próprios protetores daqueles navegantes. Um dia depois, encontrando vento favorável, continuaram na sua navegação, até alcançar Putéoli no dia seguinte. Paulo encontrou ali alguns cristãos (At 28.14), que logo noticiaram o fato aos irmãos que tinham saído de Roma. Paulo estava agora em uma das mais frequentadas passagens do Império Romano. Viajando ao longo da Via Ápia, depois de ter passado sete dias com os cristãos de Putéoli, achou-se Paulo entre pretores, procônsules, embaixadas, legiões e tropas de cavalaria. Quando chegou o destacamento à Praça de Ápio, saíram-lhe ao encontro certos cristãos de Roma. Andaram mais 16 km e, num lugar chamado Três Vendas, onde uma estrada que vinha da costa se ligava grande estrada onde eles estavam, encontraram outro grupo de cristãos, para receberem com honra "o embaixador em cadeias" (cf. Ef 6.20).
Por dois anos, Paulo viveu em sua própria casa, mas sempre guardado por um soldado (At 28.16-30); e isso foi assim durante a *sua primeira prisão em Roma*. Estava sempre ligado por cadeias a um soldado da guarda pretoriana. Esse mesmo fato o habilitou a fazer prosélitos na casa imperial, aos quais ele se refere na Epístola aos Filipenses (1.12ss; 4.44).
O julgamento de Paulo em Jerusalém não pôde efetuar-se sem que chegassem seus acusadores, o que aconteceu provavelmente no verão ou no outono de 61 d.C.; e certamente deveria ter havido outras delongas, visto que cada uma das acusações tinha de ser considerada separadamente. Durante esse tempo, o apóstolo trabalhou de modo altamente proveitoso para a igreja, auxiliado por fiéis assistentes e mensageiros, que escreviam o que ele ditava e levavam suas cartas. Do grupo de seus auxiliadores, eram Lucas, Timóteo, Tíquico, Marcos, Onésimo e seus companheiros de prisão Aristarco e Epafras, mencionados nas epístolas desse período, que provavelmente foram escritas nesta ordem: Filipenses e, mais tarde, Filemom, Colossenses, Efésios (Ef 6.21; Fp 1.1; Cl 1.1,7; 4.7,10,14; Fm 10,23,24).
Quase no princípio desse período (Fp 1.25; 2.24) e ainda mais claramente perto do seu fim (Fm 1,22), o apóstolo manifesta grande esperança de sair da prisão com toda a liberdade. Na verdade, como as provas contra ele não eram fortes, foi absolvido, retomando seus trabalhos apostólicos. As epístolas a Timóteo e Tito foram escritas em um tempo posterior ao da narrativa de Lucas no último capítulo de Atos, pois contêm alusões a fatos e incidentes de percurso que não se podem harmonizar com as viagens ali descritas. Combinando os fatos, deduzimos que o apóstolo, depois de sair da prisão na primavera de 61ou 63 d.C., dirigiu-se primeiramente à Macedônia e à Ásia Menor, acompanhado de Lucas e Timóteo. Logo depois, talvez tenha visitado a Espanha, realizando assim os seus desejos (Rm 15.24-28). Em seguida, foi a Éfeso e visitou novamente a Macedônia, de onde enviou sua Primeira Epístola a Timóteo, que já tinha sido encarregado por ele de dirigir a igreja dos efésios. Passado algum tempo, dirigiu-se a Creta e ali deixou Tito, a quem depois escreveu a respectiva epístola. V. TiTo. Paulo ainda visitou outros lugares, fortalecendo igrejas fracas, organizando outras e infundindo coragem às fortes. Foi talvez em Nicópolis (Tt 3.12) que Paulo foi preso como o principal da seita cristã.

Porquanto as autoridades romanas tinham começado a perseguir cruelmente os cristãos, desde que tinha ocorrido o grande incêndio de Roma (que se supõe ter sido obra do imperador Nero); pela segunda vez, o apóstolo foi enviado a Roma para ali ser julgado. O seu segundo cativeiro, contudo, é muito diferente do primeiro. Agora ele é tratado como malfeitor (2Tm 2.9) e lançado na prisão, onde somente o visitam os que têm mais coragem, arrostando qualquer perigo (2Tm 1.6). Parece que primeiramente ele tinha conseguido defender-se com bom resultado (4.16,17), mas talvez ele tivesse o pressentimento do martírio próximo (4.7). A Segunda Epístola a Timóteo é sua última carta de despedida. Paulo encontra-se agora só, acompanhado apenas do "médico amado", Lucas, tendo mandado chamar Timóteo e Marcos. Segundo a tradição da Igreja cristã, Paulo sofreu o martírio por decapitação, no fim do reinado de Nero (c. 67 d.C.).

A *aparência pessoal* do apóstolo foi-nos conservada pela tradição e concorda com a referência feita a seus antagonistas em Corinto (2Co 10.10). Ele é descrito como homem de pequena estatura, calvo, forte, com pernas tortas, de sobrancelhas cerradas, com o nariz ligeiramente pronunciado e cheio de encanto. Um satírico pagão também fala dele como alguém de larga fronte e nariz levemente pronunciado.

Paulo, Sérgio. Era o procônsul de Chipre quando Paulo visitou a ilha (At 13.7). É apresentado como homem prudente, com vontade de ouvir a mensagem apostólica, embora Elimas procurasse "afastar da fé o procônsul" (v. 8). O castigo que caiu sobre Elimas parece ter contribuído para a conversão de Sérgio Paulo (v. 12).

pavimento. O pavimento mencionado em Jo 19.13 era um espaço lajeado no palácio de Pilatos, sobre o qual algumas vezes se estabelecia o tribunal. V. GABATÁ. No AT, a palavra usada pode ter o sentido de uma obra em mosaico (Et 1.6).

pé. Regar com o pé (Dt 11.10) refere-se a um método de irrigação que se praticava no Egito. Os campos eram divididos em porções de terreno com 4,5 m de comprimento e 1,80 m de largura, separadas umas das outras por pequenas elevações de terra. A água era levada dos fossos para os canais formados nessas elevações. Bastava fazer uma depressão com o dedo do pé na terra amontoada para que a água caísse no tabuleiro. Depois de ter corrido suficientemente, o aldeão empurrava outra vez a terra com o pé, abrindo caminho para a água escorrer para outro lugar. Dessa maneira, todo o campo era enfim regado (cp. Pv 21.1). Descalçar as sandálias ou os sapatos era um sinal de respeito e reverência (Êx 3.5) e também um sinal de luto (Ez 24.17). Era costume lavar os pés dos estrangeiros que chegavam de viagem, porque eles geralmente caminhavam descalços ou usavam sandálias, estando por isso os pés quentes, doloridos e empoeirados. Não se deve esquecer de que em muitas ocasiões, principalmente nas estações secas ou em locais desertos do país, a água era cara por ser pouca, e concedê-la para fins de limpeza não era de forma alguma um meio barato de prestar um serviço. Nas casas abastadas, as abluções eram efetuadas por escravos, o que se considerava um serviço humilde. Por isso, foi certamente grande a lição de humildade dada pelo nosso Salvador ao lavar os pés aos seus discípulos (Jo 13.5).

Peca. *De olhos abertos, vigilantes* (?). Filho de Remalias, era oficial das forças reais; assassinou Pecaías, rei de Israel, apoderou- se do trono (736 a.C.) e dos recursos, e esforçou-se em restaurar as fortunas do seu país, as quais tinham sido enfraquecidas não só com os pesados tributos

lançados pelos monarcas da Assíria (2Rs 15.20), mas também com as lutas internas. Reuniu-se ao rei Rezim, de Damasco (2Rs 15.37), com o fim de espoliar o reino de Judá. Em parte, isso foi mais tarde realizado (2Cr 28.6) por meio de uma terrível mortandade, mas ele teve de recuar por causa do auxílio prestado a Judá pelo rei da Assíria (2Rs 16.7-9). As consequências dessa guerra foram notáveis: ela ocasionou as grandes profecias de Isaías (cap. 7—9); Elate, o único porto judaico no mar Vermelho, foi tomado; e, por fim, metade do reino de Peca passou a Tiglate-Pileser, rei da Assíria, que tinha sido chamado para socorrer o rei de Judá (2Rs 15.29; 2Cr 5.26). Peca, que tinha subido ao trono por meio de violência, foi também assassinado por Oseias, filho de Elá, o qual se apossou do reino (2Rs 15.30).

pecado. I. Um dos grandes objetivos da Bíblia é tratar dos fatos da vida humana, estabelecer a sua significação e efeito, e algumas vezes derramar luz sobre sua causa. No caso do pecado, há dois fatos principais: primeiro, que o ser humano é pecador; segundo, que todos pecam. Pode-se, portanto, esperar que a Bíblia derramará luz sobre o sentido da palavra "pecado" e sobre seus efeitos e nos fará conhecer a causa de sua influência universal sobre os seres humanos e o remédio para esse grande mal.

II. Segundo a Bíblia, a causa dos pecados encontra-se de maneira definitiva (tanto quanto se considera a vida terrestre) no pecado de nossos primeiros pais, com suas consequências transmitidas à posteridade. A esse fato, denomina-se "Queda". Basta dizer aqui, que, por mais baixo que estivessem Adão e Eva na escala da humanidade, como seres humanos deveriam ter tido, na verdade, algum conhecimento rudimentar do bem ou do mal; e, depois de sua primeira desobediência voluntária ao que lhes dizia a consciência, deveriam ter ficado em uma situação moral inferior à dos tempos passados. A primeira transgressão feita com conhecimento do mal não pode deixar de ser uma queda moral, por maior que fosse sua sabedoria adquirida no caminho da vida. Além disso, há razão para acreditar que as crianças nascidas após a Queda certamente haveriam de participar da natureza de seus pais, a ponto de ficarem mais fracas com respeito à moralidade do que se seus pais não tivessem transgredido. Essa crença muito razoável apresenta-se como o pensamento central da narrativa do cap. 3 de Gênesis. O escritor bíblico está evidentemente revelando mais do que a simples enunciação do pecado de Adão e Eva. Ele deseja fazer ver que a pena alcança toda a humanidade. Todos entram no mundo com a tendência original de uma natureza modificada para o mal. Não é, por consequência, de admirar que todas as pessoas realmente caiam em pecado. Nos capítulos seguintes de Gênesis, os terríveis e profundos efeitos do primeiro pecado são plenamente expostos.

III. Os diferentes aspectos do pecado que se apresentam aos escritores bíblicos podem ver-se de modo mais apropriado nos vários nomes usados como referência. Embora a Bíblia seja muito rica em termos que representam o pecado, o mal, a iniquidade e a maldade, podem ser mencionados aqui os mais importantes:

1. Palavras que têm o sentido de "falta, omissão, errar o alvo" etc. Em hebraico, há chêt e termos cognatos (Sl 51.9); em grego, *hamartia* (Rm 3.9) e *hamartêma* (1Co 6.18).

2. A perversão, a deturpação, implicando culpa, são faltas designadas pelo termo hebraico *avon* (1Rs 17.18). 3. Há várias palavras que indicam a transgressão de uma lei ou a revolta contra o legislador. Em hebraico, *peshã* (Pv 28.13; Is 53.5); em grego, *parabasis* ("transgressão", Rm 4.15), *paraptoma* ("delito", Ef 2.5), *anômia* (1Jo 3.4, onde se lê "o pecado é a transgressão", ou

"*hamartia* é *anômia*"), *asebeia* ("impiedade", 2Tm 2.16). 4. A imoralidade, o hábito do pecado e muitas vezes a violência se indicam com o hebraico *reshã* (1Sm 24.13) e o grego *adikia* (Lc 13.27). 5. A infidelidade e a deslealdade para com Deus e o ser humano são representadas pelo hebraico *má'al* (Js 22.22). 6. A culpa, que pede sacrifício expiatório, acha-se indicada pela palavra *ãshãm* (Pv 14.9).7. O pecado é considerado uma dívida na Oração Dominical, *õpheilèma* (Mt 6.12).

IV. Entre os grandes efeitos do pecado, podem-se mencionar: 1. O medo de Deus em contraste com o temor reverente e filial (Gn 3.10). 2. O endurecimento gradual da vontade contra o bem e as boas influências (Êx7.13). 3. A consumição da força e vida da alma, assemelhando-se à lepra que vai consumindo o corpo. 4. Tudo isso atinge seu maior grau na separação de Deus (Gn 3.24; Lv 13.46; 2Ts 1.9).

V. Na Bíblia, porém, o remédio para o pecado é no mínimo tão proeminente como sua causa, sua natureza e seu efeito. Na realidade, frequentes vezes apela-se para que os pecadores deixem seus pecados, fazendo-lhes ver os grandes males que caem sobre eles. Ao mesmo tempo, há promessas de serem amavelmente recebidos por Deus todos os que se arrependem (notadamente em 2Sm 12.13), sendo os meios humanos o arrependimento e a fé. Contudo, tanto o AT como o NT claramente nos ensinam que é preciso alguma coisa mais. No cap. 53 de Isaías, o sacrifício do Servo Sofredor nos evidencia os meios pelos quais se curam os pecados, pois esse Servo é a pessoa que carregou nossas iniquidades. Outros sacrifícios eram apenas tipos desse particular sacrifício (v. tb. Jo 1.29; Cl 1.21,22). Esse remédio torna efetiva a restauração de um direito divinamente estabelecido (Rm 5.1; 1Jo 1.9), para a remoção da mancha que caiu inclusive sobre os mais altos lugares por motivo do pecado, tocando a honra de Deus e seu templo (Hb 9.23-26); e não só para a remoção dessa mancha, mas também para a gradual eliminação do pecado no cristão (1Jo 1.7-9), embora, enquanto existir neste mundo, ele nunca estará inteiramente livre de sua influência (Rm 7.23; Gl 5.17; 1Jo 1.10). Não admira que o Filho de Deus tenha recebido o nome de Jesus, "porque ele salvará o seu povo dos pecados deles" (Mt 1.21).

pedagogo, aio. É uma palavra grega, que se lê em Gl 3.24,25, e que literalmente significa o que dirige ou guia uma criança (do gr. *paidos*, criança, e *agos*, diretor). A mesma palavra se encontra em 1Co 4.15. O "pedagogo" era um criado de confiança (ordinariamente um escravo), um aio, ou preceptor, a cujo cuidado era entregue o menino grego ou romano, até que este chegasse à idade de sua emancipação. Não há referência especial alguma, na mencionada passagem da Epístola aos Gálatas, ao dever que o escravo tinha de manter o rapaz em segurança para ser educado. O contraste está entre a tutela da Lei e a liberdade que se alcança em Cristo.

pederneira, facas de. Facas de pederneira eram usadas nos sacrifícios, empregando-as também os egípcios na preparação dos mortos para a embalsamação. Em ambos os casos, parecem ter sido uma reminiscência religiosa do tempo em que a pederneira era o único instrumento usado. V. Êx4.25; Js 5.2.

pedra. Montões ou pirâmides de pedra eram construídos como memoriais ou marcos históricos. Jacó e também Labão realizaram obras desse gênero no monte Gileade (Gn 31.46). Josué mandou assentar um montão de pedras em Gilgal (Js 4.5-7); e as duas tribos e metade de outra,

que ficaram além do Jordão, erigiram um monumento à margem desse rio, como testemunho de solidariedade com as tribos da Palestina Ocidental (Js 22.10).

pedra branca. "Ao vencedor [...] lhe darei uma pedrinha branca, e sobre essa pedrinha escrito um nome novo" (Ap 2.17). Seixos brancos eram usados para votar e como permissão de entrada em várias funções; eram também apresentados nos jogos aos vencedores. Não se sabe qual o exato costume ao qual a passagem mencionada faz referência. Mas o "nome novo" está inscrito em material indestrutível e branco, tendo assim a cor da felicidade.

pedra de esquina, angular. A grande pedra que ligava inteiramente e ajustava os lados de um edifício, no remate do ângulo (Is 28.16; Sl 118.22; Zc 4.7). A expressão "pedra de esquina" chegou a ser aplicada a pessoas de influência (Is 19.13); e no NT as passagens que acabamos de citar são frequentemente aplicadas a Jesus Cristo (Mc 12.10; Ef 2.20; 1Pe 2.6,7).

Pedro, Simão. O apóstolo filho de Jonas (Mt 16.17) era um pescador de Betsaida, na Galileia (Mt 4.18; Mc 1.16). O temperamento que se atribui aos galileus se evidencia na energia, independência e demasiada franqueza de Pedro. A sua fala também era característica da Galileia (Mc 14.70; At 2.7). Provavelmente ele já era casado antes de ser chamado para seguir Jesus, visto que a cura da sua sogra é descrita em Mt 8.14ss; e mais tarde ele teria sido acompanhado pela mulher em suas viagens missionárias (1Co 9.5). Aquele "meu filho Marcos", a quem se faz referência na Primeira Epístola de Pedro (5.13), era, sem dúvida, João Marcos, pois o título de filho era muitas vezes aplicado a discípulos.

Quando Jesus esteve em Betânia, na outra banda do Jordão (Jo 1.28), André, irmão de Simão, levou-o a Jesus (v. 40,41). Foi então que Cristo lhe deu o nome de Cefas (v. 42). Pedro, já na qualidade de discípulo de Jesus, esteve com o Mestre nas bodas de Caná (2.1-11), e é possível que o acompanhasse em sua viagem pela Judeia (2.12; 4.4), voltando mais tarde à sua ocupação de pescador (4.43). Depois disso, deu-se o seu chamado definitivo para o ministério (Mt 4.18-22; Mc 1.16-20; Lc 5.1-11), sendo Pedro incluído no grupo dos 12 apóstolos (Mt 10.2-4; Mc 3.13-19; Lc 6.12-16). Daqui em diante, Pedro é o mais conspícuo dos 12 discípulos nas narrativas dos Evangelhos. Foi testemunha da ressurreição da filha de Jairo (Mc 5.37; Lc 8.51); andou sobre as águas para ir ao encontro de Jesus (Mt 14.28-31); confessou que Jesus era "o Cristo, o Filho do Deus vivo", e foi abençoado por ele (Mt 16.13-20; Mc 8.27-30; Lc 9.18-21); foi censurado pelo mesmo Senhor, em virtude de suas deprecações para que os sofrimentos preditos por Cristo fossem dele afastados (Mt 16.22,23); esteve com Jesus no monte e foi testemunha da Transfiguração (Mt 17.1-4; Mc 9.2-6; Lc 9.28-32; 2Pe 1.17,18); foi buscar a moeda de tributo, achando-a na boca do peixe (Mt 17.24-27); quis saber de Jesus a respeito da prática do perdão (Mt 18.21); recebeu a promessa a respeito da glória futura daqueles que tinham deixado tudo para seguir Cristo (Mt 19.27-30); com outros, interrogou o divino Mestre sobre as desgraças anunciadas para a cidade de Jerusalém (Mc 13.1-4); e com João foi enviado para preparar a Páscoa (Lc 22.8). Na última ceia, não queria que Jesus lhe lavasse os pés (Jo 13.6-9); sugeriu a João que perguntasse o nome do traidor (Jo 13.24); declarou sua firme fidelidade a Jesus, mas foi avisado de sua queda próxima (Mt 26.33-35; Mc 14.29,31; Lc 22.31-34; Jo 13.36-38).

Pedro acompanhou Jesus ao jardim do Getsêmani (Mt 26.36-48; Mc 14.33-42; Lc 22.40-46). Quando o bando que havia de prender o Salvador chegou a esse lugar, Simão Pedro resistiu e

chegou a cortar uma das orelhas de Malco (Jo 18.10,26); depois foi seguindo de longe seu Mestre até o palácio do sumo sacerdote, onde entrou por intermédio de João (v. 16); e foi durante o julgamento que ele por três vezes negou conhecer seu Mestre, depois chorando amargamente seu erro (Mt 26.69-75; Mc 14.66-72; Lc 22.55-62; Jo 18.17,18,25-27). Após a crucificação, Pedro, acompanhado de João, visitou o sepulcro (Lc 24.12; Jo 20.2-6) e recebeu do Senhor uma mensagem que implicava uma renovação de confiança (Mc 16.7). Cristo, ressuscitado, apareceu-lhe quando ele estava só (Lc 24.34; 1Co 15.5) e também se manifestou estando Pedro com outros discípulos "junto do mar de Tiberíades", sendo ali interrogado pelo Salvador e novamente encarregado de anunciar o evangelho (Jo 21.1-23; 2Pe 1.14). Estava presente nas reuniões que os apóstolos tiveram depois da ascensão (At 1.13); foi ele quem sugeriu a nomeação de um apóstolo para o lugar de Judas (1.15-25) e apareceu para explicar as manifestações do Espírito Santo no dia de Pentecostes (2.14-40). O fato de curar o coxo, que pedia esmola junto à Porta Formosa do templo, resultou em seu discurso ao povo, bem como em sua prisão (cap. 3; 4.1-26). Foi Pedro quem censurou Ananias e Safira (5.1-11). Em virtude de certos milagres, os apóstolos foram presos, açoitados e depois soltos (5.12-42). Passado pouco tempo, Pedro e João, representando os apóstolos, foram enviados para confirmar os convertidos em Samaria (At 8.14); e, achando ali cristãos batizados, que não tinham recebido o Espírito Santo, impuseram sobre eles as mãos. Então Simão, o mago, revelou seus motivos anticristãos, propondo a Pedro que lhe fosse vendido o poder de dar o Espírito Santo por meio da imposição de mãos (cap. 8).

Três anos mais tarde, ocorreu o primeiro encontro mencionado entre Pedro e Paulo (At 9.26; Gl 1.17,18). Foram realizados dois milagres de cura (*Eneias, Dorcas*), enquanto Pedro andava visitando as igrejas ao sul da Palestina. A uma visão que ele teve, seguiu-se a conversão de Cornélio, sendo removidas da alma de Pedro suas dúvidas quanto à possibilidade de os pagãos se tornarem cristãos sem que fossem primeiramente judeus (At 10). A família de Cornélio recebeu o Espírito Santo, e seus membros foram batizados por Pedro, que por esse fato ofendeu seus conterrâneos (11.2). O apóstolo defendeu-se, contudo, convencendo-os de que "também aos gentios foi por Deus concedido o arrependimento para vida" (v. 18). Seguiu-se a prisão de Pedro por ordem de Herodes Agripa I, bem como seu miraculoso livramento. Tiago, o filho de Zebedeu, já tinha sido executado (12.2). V. TIAGO. Seis anos depois, nós o encontramos em Jerusalém discutindo com os outros apóstolos o tema da circuncisão. Mas ele não foi o presidente desse concílio, nem apresentou suas deliberações (cap. 15). Foi em Antioquia, não muito depois do concílio, ou, segundo alguns, antes dessa magna reunião, que houve o memorável conflito entre Pedro e Paulo (Gl 2.11-14). Pedro parecia indeciso sobre a questão da igualdade dos gentios. Paulo denunciou a conduta de Pedro, e então o mais velho submeteu-se ao apóstolo mais novo, permanecendo para sempre como seu amigo (2Pe 3.15).

A respeito dos últimos anos da vida de Pedro, nada se sabe como informação certa. Supõe-se que, saindo de Antioquia, ele tenha voltado a Jerusalém e permanecido por muito tempo nessa cidade. Segundo uma tradição muito antiga, ele teria ido para Roma, onde sofreu a morte por crucificação, cumprindo-se, assim, a predição de Jesus (Jo 21.18,19). O que é realmente certo é que ele foi martirizado no tempo da grande perseguição movida pelo imperador Nero, talvez em 67 d.C.

Pedro, Primeira Epístola de. Essa epístola está entre os escritos cuja *autenticidade* era por todos reconhecida na igreja primitiva. A prova interna também nos indica Pedro como seu autor. A *data* da epístola é geralmente fixada entre 64 e 67 d.C. A epístola foi *dirigida* aos cristãos judaicos dispersos pelas diversas províncias da Ásia Menor, embora ela inclua referências aos gentios convertidos que as suas igrejas abrigavam (1.14; 4.3).
Toda a matéria da epístola pode dividir-se em duas partes, não incluindo a saudação (1.1,2), a introdução (1.3-12) e a conclusão (5.13,14).
I. Exortações gerais para que haja entre todos amor e em todos santidade (1.13— 2.10). Mostra-se, especialmente nesta parte da epístola, que não estão perdidos os privilégios e distinções da antiga igreja, mas reproduzidos de uma forma mais alta, e conferidos a todos os cristãos. São esses a geração escolhida, eleitos em Cristo (1.2); têm uma terra da promessa, incorruptível e sempre bela, por sua "herança" (1.4); são o povo adquirido de Deus (2.9); permanece o templo, que é uma casa espiritual, sendo Cristo a pedra principal (2.4,5); têm um altar e um sacrifício, o precioso sangue de Cristo (1.18,19); os próprios cristãos são o sacerdócio real e santo (2.5,9); e finalmente os profetas escreveram e falaram da igreja cristã.
II. Exortações particulares sobre deveres especiais (2.11—5.12). Em toda parte, a epístola aponta para Cristo: para sua expiação, anunciada pelos profetas e contemplada pelos anjos antes da criação do mundo; para sua ressurreição e ascensão; para os dons recebidos por meio do Espírito Santo; para o exemplo do Salvador, que por nós sofreu; e para o terrível dia do julgamento final. À semelhança de Paulo, Pedro insiste na doutrina do evangelho como geradora de santidade e paciência; e, ainda como aquele apóstolo, procura levar cada cristão ao cumprimento de seus respectivos deveres, tendo em alta consideração nossos privilégios como cristãos. A honrosa referência a Paulo (2Pe 3.15), que publicamente o tinha censurado e havia exposto essa censura na Epístola aos Gálatas, aos quais o próprio Pedro estava agora escrevendo (Gl 2.11; 1Pe 1.1; 2Pe 3.1), é uma prova de verdadeira humildade. Desse modo, Pedro pôs em prática seu próprio preceito (1Pe 5.5), não tendo esquecido, na verdade, as lições dos últimos dias do divino Mestre. A sua explícita referência a Cristo como o divino Salvador, a verdadeira Pedra fundamental da igreja (2.4-7), parece aludir ao nome que lhe havia sido dado, para refutar antecipadamente a doutrina medieval de que Pedro é o fundamento da igreja. Algumas *características* da epístola são: o ensinamento de que a esperança está baseada na ressurreição (1.3,6,7,9,11,13); o dever de sermos pacientes no sofrimento e na provação (1.6,7; 2.19-21; 3.13-18; 4.12,13,19); e o uso do termo "graça" para toda a revelação cristã (1.10,13; 3.7; 4.10; 5.12). O título de "Supremo Pastor" aplicado a Cristo (5.4) também é particular dessa epístola.

Pedro, Segunda Epístola de. Essa epístola não foi geralmente aceita como canônica pela igreja primitiva. Eusébio a situa entre os livros cuja autenticidade se discutia, mas a autoria é reclamada por Pedro no próprio livro (1.1; 3.1). O autor escreve como homem idoso, aproximando-se de seu fim (1.14), o qual já antes tinha dirigido uma epístola aos mesmos leitores (3.1). A linguagem da epístola, especialmente no cap. 1, comparada aos discursos de Pedro em Atos e ao estilo da primeira epístola, nos revela ser o mesmo apóstolo o seu autor. Quanto à data, o livro pode ter sido escrito pouco antes de sua morte (1.14). Se aceitarmos a crença tradicional de que Pedro morreu em Roma, a carta teria aparecido não antes de 64 d.C. nem depois de 70 d.C.

Toda a *matéria da epístola* pode ser assim resumida: o apóstolo, depois do prefácio e da saudação, exorta seus leitores a perseverar na verdade, a não cair nos erros e infidelidade daqueles tempos. A melhor forma de evitar esse risco é, como ele lhes diz, a piedade progressiva (1.3-11). Além disso, eles encontrarão uma prova clara da verdade das Escrituras no cumprimento das profecias e no testemunho irrefutável dos santos de Deus (1.16-21). Em termos enérgicos, Pedro adverte os falsos mestres e os que principiaram a segui-los a respeito de sua culpa e perigosa propaganda (2.1-22); e assegura-lhes que a segunda vinda do Senhor, embora seja com grande demora e mediante longos sofrimentos, é tão certa como o Dilúvio (3.1-3). Em seguida, aconselha os cristãos a que sejam diligentes e santos (3.14-18). Apelando para os ensinamentos de Paulo, em confirmação às suas ideias, nota que eles tinham sido confundidos por certos homens com o fim de contestar as mais perniciosas práticas, mas esse mal deveria ser remediado pelo racional conhecimento das Escrituras, devendo existir sempre nos cristãos uma boa disposição para aprender e o espírito de humildade (3.15,16). Nota-se em algumas passagens certa relação entre essa epístola e a de Judas (v., p. ex., 2.4 e Jd 6; 2.6 e Jd 7; 2.11 e Jd 9; 2.17 e Jd 12). V. JUDAS, EPÍSTOLA DE.
"Conhecimento" é a nota fundamental da epístola. Um pormenor interessante e importante, indicativo de ter sido Pedro o autor dessa epístola e da primeira, é o emprego das palavras "santo" e "conversão (maneira de viver) e do termo "poder", aplicado a Deus (1Pe 2.9; 2Pe 1.3). Há ainda outras admiráveis duplicações de termos nas duas epístolas. Devemos notar que aquilo a que se tem atribuído o nome de "alusões retrospectivas" está em perfeita harmonia com o caráter simples e manifesto de Pedro. Considere- se o uso que ele faz das expressões "engodando almas inconstantes" (2.14) e "engodam [lançam a isca] com paixões carnais" (2.18).

peitoral. Uma peça bordada, de formato quadrado, com aproximadamente 25 cm de cada lado, sendo uma bela obra de arte (Êx 39.8) que o sumo sacerdote usava sobre o peito. Era feito de duas peças do mesmo rico estofo, com frente e forro, formando uma espécie de bolsa em que eram encerrados, segundo os rabinos, o Urim e o Tumim (Lv 8.8). Na parte da frente, havia 12 pedras preciosas, sobre cada uma das quais se achava gravado o nome de uma das 12 tribos. Eram dispostas em quatro ordens e separadas umas das outras pelas pequenas células de ouro em que estavam engastadas. Os nomes das pedras eram sárdio, topázio e carbúnculo; esmeralda, safira e diamante; jacinto, ágata e ametista; berilo, ônix e jaspe. O peitoral era preso pelas quatro pontas; as de cima, atadas aos ombros por ganchos ou cadeias de ouro; as de baixo, fixadas ao cinto da estola por duas fitas ou cordões. Esse ornamento nunca deveria separar-se das vestes sacerdotais, e era chamado de "memorial permanente" (Êx28.29, NVI); sua finalidade era lembrar ao sacerdote que ele representava as tribos cujos nomes trazia sobre o peito e que Deus havia feito certas promessas no seu pacto com o povo de Israel. É também chamado em várias referências de o "peitoral do juízo", porque o sumo sacerdote o usava quando exercia sua capacidade judicial em assuntos relacionados a toda a nação. V. ESTOLA SACERDOTAL, URIM E TUMIM.

peixe, pesca. A Bíblia divide os peixes em duas espécies: os limpos e os imundos. Era proibido comer estes últimos, que não tinham escamas e barbatanas (Lv 11.9-12), isto é, todos os répteis aquáticos. Os peixes eram abundantes no rio Nilo e compunham um dos gêneros de

alimentação do Egito, por isso a praga de transformação da água em sangue trouxe terrível dificuldade (Êx 7.21).

O mar da Galileia é fértil em peixe, e a pesca ali se fazia principalmente por meio de grandes redes flutuantes de arrastar, que são levadas por um barco, lançadas ao mar, formando depois um círculo (Mt 13.47-50). Havia também a rede simples, à qual se faz referência em Jo 21.8, e que é usada por pescadores caminhando pela água. Outra maneira de pescar era por meio de covos de vime. Também se empregavam na pesca o anzol e a corda (Jó 41.1; Is 19.8; Hc 1.15), além do arpão (Jó 41.7). A indústria da pesca nas costas do Mediterrâneo estava quase inteiramente nas mãos dos fenícios de Tiro e Sidom. Este povo abastecia de peixe a cidade de Jerusalém, devendo ter sido um bom negócio, pois uma das portas da cidade tinha o nome de Porta do Peixe (2Cr 33.14); isso faz crer que havia ali um mercado. A famosa passagem de Jó com respeito ao crocodilo, "Podes meter-lhe no nariz uma vara de junco? Ou furar-lhe as bochechas com um gancho?" (41.2), refere-se à prática egípcia de conservar vivo, em reservatórios, o peixe que não era ainda necessário. As guelras do peixe eram atravessadas por um anzol, que ficava preso a uma estaca por meio de uma corda de junco.

Era proibido aos hebreus prestar culto aos peixes (Dt 4.18), uma forma de idolatria que predominava e ainda se observa no Oriente.

O uso do peixe nas catacumbas de Roma como símbolo do cristianismo proveio do fato de formarem as iniciais das palavras gregas para "Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador" a palavra *ICHTUS*, que significa peixe.

Pelatias. *Libertação do Senhor.* 1. Neto de Zorobabel (1Cr 3.21).

2. Um dos 500 simeonitas que derrotaram os amalequitas no monte Seir (1Cr 4.42).

3. Nome de uma família que selou o pacto (Ne 10.22).

4. Filho de Benaia; um daqueles contra quem Ezequiel profetizou. Ele morreu em consequência disso (Ez 11.1-13).

pelicano. Uma das aves imundas (Lv 11.18; Dt 14.17); pertence à ordem dos *Steganopodes.* O pelicano, ordinariamente branco, é muito comum na Síria, embora o pelicano dalmaciano se ache também ali.

A expressão que se encontra em Sl 102.6, "pelicano no deserto", tem sido combatida, pois se trata de uma ave marítima. Mas é costume dessa ave dirigir-se de manhã cedo ao seu lugar de pesca, voltando regularmente antes do meio-dia ao seu favorito banco de areia ou aos pântanos do interior, a fim de fazer a digestão do peixe ingerido e alimentar seus filhotes; e de tarde o pelicano repete a operação. A aparência da ave na ocasião em que está digerindo seu alimento, com a cabeça abatida sobre os ombros e o bico descansando sobre o peito, manifesta desolação. As asas do pelicano são de grande poder, podendo alcançar mais de 3,5 m de extensão. O nome hebraico do pelicano significa "vomitar" e refere-se ao hábito dessa ave de armazenar alimento no largo saco, preso à mandíbula inferior, com o fim de alimentar seus filhotes, lançando fora a comida ao apertar seu bico contra o peito.

pelonita. 1. Heles, indivíduo da tribo de Efraim e um dos valentes de Davi, era chamado pelonita (1Cr 11.27; 27.10). Em 2Sm 23.26, vem com a designação de "paltita", como pessoa vinda de Bete-Pelete, ao sul de Judá (Js 15.27).

2. Em 1Cr 11.36, menciona-se "Aías, pelonita" entre os valentes de Davi.

pena. Para escrever com tinta sobre papiro ou pergaminho, os hebreus faziam uso de uma pena de cana. O bico era afiado com uma faca especial, que também se empregava para cortar papel (Jr 36.23). A sua forma é quase exatamente como a pena de cana usada pelos antigos romanos. Tanto o papel como as penas foram do Egito para a Palestina.
A "pena de ferro" de Jó (19.24) era um agudo instrumento de gravador (Is 8.1; Jr 8.8). V. ESCRITA, PERGAMINHO, TINTA.

pena de morte; e outros castigos. A pena capital era efetuada de diversos modos: pela forca (Js 8.29; 2Sm 21.12; Et 7.10); pelo apedrejamento, que era o sistema usual (Êx17.4; Lc 20.6; Jo 10.31; At 14.5); pelas fogueiras (Gn 38.24; Lv 20.14; 21.9); por pauladas (Hb 11.35); pelo arremesso do sentenciado, de cabeça para baixo, do alto de uma rocha, algumas vezes com uma pedra atada ao pescoço (2Cr 25.12; Lc 4.29); pela decapitação (Gn 40.19; Jz 9.5; 2Rs 10.7; Mt 14.8); pela serração em duas partes (Hb 11.37), vindo este método da Pérsia; e pela crucificação. V. CRUZ. Eram numerosos os crimes castigados com a morte: desonra aos pais (Êx21.15-17), profanação do sábado (Êx 31.14; Nm 15.35), blasfêmia (Lv 24.14,16; 1Rs 21.10; Mt 26.65,66), adultério e outros pecados de lascívia (Lv 20.10; 21.9; Dt 22.21,22,25; Jo 8.5), incesto (Êx 22.19; Lv 20.11; 14.16), idolatria (Lv 20.2; Nm 25.8; Dt 13.6ss; 17.2,7; Js 22.20). Castigos mais leves eram ordenados segundo o princípio do "olho por olho" (Êx 21.24,25); também havia o decepamento das mãos e dos pés (Jz 1.5-7; 2Sm 4.12), as chibatadas, que eram uma punição comum, a flagelação (Dt 25.3; 2Cr 11.24; Jz 8.16) e o sofrimento no tronco (Jr 20.2).
A restituição e a compensação eram impostas por vários delitos, como o furto, o assalto de noite às casas, o fogo às pilhas, a perda da demanda e a difamação (Êx 21.22; Lv 24.18-21; Dt 19.21; 22.18). Muitas das punições judaicas eram provenientes do Egito, sendo o poder de vida e de morte, e do encarceramento, conferido ao monarca e a certos oficiais superiores (Gn 40.3,22; 43.13).

pendente. Esse ornamento foi um dos presentes que o servo de Abraão deu a Rebeca, em nome de seu amo: "Então, lhe pus o pendente no nariz" (Gn 24.47). É costume em muitas partes do Oriente, mesmo na atualidade, as mulheres usarem argolas no nariz, geralmente do lado direito, que é perfurado embaixo. As argolas são de ouro e geralmente têm duas pérolas, sendo um rubi colocado entre elas.

penhor. I. Uma segurança para a realização de um contrato, ou uma garantia do pagamento de uma dívida (Dt 24.10-13). Assim Judá deu certos penhores a Tamar (Gn 38.17). Sob a lei judaica, havia um regulamento acerca dos penhores: a mó do moinho não deveria ser tomada em penhor (Dt 24.6); ninguém poderia entrar em uma casa para se apoderar de algum penhor (a casa do pobre era tida como coisa sagrada, o que mostra o espírito humanitário dessas leis); depois do sol posto, era proibido conservar um penhor de necessidade, nem poderia ser tomada em penhor a roupa de uma viúva (Dt 24.17). No livro de Jó (22.6), alguns são censurados conservado o penhor de seu irmão e tomado o boi da viúva (24.3,9). Em todos os países, geralmente há leis com o fim de proteger o devedor pobre contra o credor opressivo. A casa e a terra, ou mesmo os filhos e as filhas, podiam ser dados em penhor (Ne 5.5), ficando então em poder do credor. Algumas vezes, a lei acerca da guarda do sábado era quebrada pelo comprador que dava um penhor, em vez de dinheiro (Êx 22.26; Pv 20.16; Am 2.8). Em 1Sm 17.18, "trarás

uma prova" (ou "trazer uma garantia", NVI) significa tornar a trazer o sinal do seu bem-estar. V. ESCRAVIDÃO.

II.O que se dá como garantia de que certa coisa se realizará em seu devido tempo. O Espírito Santo e as suas influências são o penhor da nossa herança (2Co 1.22; 5.5; Ef 1.14).

Peniel. *A face de Deus.* O nome dado por Jacó ao lugar onde ele tinha lutado com Deus (Gn 32.30). Estava situado entre Jaboque e Sucote, sendo o caminho por onde Gideão perseguiu os midianitas (Jz 8.8,9,17). Foi fortificado por Jeroboão (1Rs 12.25).

Pentateuco. *Cinco volumes.* Todos os exemplares completos das Escrituras Sagradas principiaram com o Pentateuco. Os judeus chamavam-no de a "Lei" (*Torá*), ou melhor, "os cinco quintos da Lei", ou simplesmente os "quintos", sendo cada livro denominado "um quinto". Que esses cinco livros provieram de Moisés, atestam-no os seguintes argumentos:

1. Uma *antiga tradição* universal, tanto judaica como pagã, atribui a obra a Moisés. A convicção do povo judeu sobre esse assunto foi sempre inabalavelmente a mesma. Por todo o AT, o fato é inquestionável (Js 1.7,8; 8.31,34; 23.6; 1Rs 2.3; 2Rs 18.12; 14.6; 23.25; 1Cr 22.13; 2Cr 25.4; 33.8; Ed 3.2-6; 6.18; Ne 1.7,8.) Os testemunhos pagãos seguem naturalmente os judaicos, que são aceitos sem contestação por Tácito, Juvenal e Strabo, e também por Longino, Porfírio e o imperador Juliano. Maomé reconhece explicitamente a inspiração de Moisés e a genuína origem da lei judaica.

2. Esse testemunho é sustentado pela *própria História.* As referências encontradas no Pentateuco ao "livro" ou a "um livro", que estava em via de preparação, são muitas e explícitas (Êx17.14; 24.3-7; Nm 33.2; Dt 28.58,61; 31.9-12,24.) Todavia, deve notar-se que nenhum dos livros, à exceção de Deuteronômio, indica diretamente ter sido Moisés o autor do Pentateuco.

3. *Os outros livros* do AT, especialmente os profetas, estão cheios de referências aos Cinco Livros. As leis, as narrações históricas e a própria fraseologia do Pentateuco estavam evidentemente no espírito dos escritores sagrados, sendo-lhes tudo isso familiar e matéria autorizada.

A prova, deve-se dizer, é *por acumulação.* Algumas coincidências podiam imaginar-se acidentais; muitas, tomadas separadamente, seriam de pouca força, mas todas elas combinadas são irresistíveis.

Dos profetas do reino de Israel, v. Oseias: 1.10 (Gn 22.17); 4.10 (Lv 26.26); 4.13 (Dt 12.2); 5.6 (Êx10.9); 8.12, uma notável passagem que pode ser assim traduzida: "escrevi-lhe milhares de coisas da minha lei"; 11.1 (Êx 4.22); 11.3 (Dt 1.31); 11.8 (Dt 29.22,23); 12.3 (Gn 25.26; 32.24-58); 12.5 (Êx 3.15); 13.6 (Dt 8.11-14); Amós: 2.2 (Nm 21.28); 2.7 (Êx23.6); 4.4 (Nm 28.3); 9.13 (Lv 26.5).

Dos profetas do reino de Judá, v. Joel: 2.2 (Êx 10.14); 2.23,26,27 (Lv 26.4,5,11-13); Isaías: 11.9 (Nm 14.21); 12.2 (Êx15.2); e Jeremias: 4.23 (Gn 1.2); 41.10 (Dt 31.6- 8); 44.2 (Dt 32.15; 33.5,26); 52.12 (Êx 12.33,39; 14.19); 58.14 (Dt 32.13). E ainda as passagens de Mq 5.7 e Hc 3.19 (Dt 32.8,13); Mq 6.5 (Nm 22.5); Sf 3.13 (Lv 26.5,6) reforçam essa ideia. Finalmente, que Jeremias também é abundante em referências ao Deuteronômio, todos o admitem.

4. *Jesus Cristo e seus apóstolos* são concordes nas referências que atribuem a Moisés a origem do Pentateuco. É impossível ler passagens como Jo 1.17; 5.45-47; 7.19-23, sem reconhecer que

todo o peso da autoridade no NT está do lado "tradicional". Não podemos aqui discutir os argumentos contra a força do testemunho de Jesus Cristo.

5. *O que o Pentateuco encerra está inteiramente em harmonia com o fato de ser Moisés o seu autor.* (1) Os livros foram escritos por um hebreu que falava a língua hebraica e sentia grande amor por tudo o que pertencia à sua nação. (2) Foram escritos por um hebreu que conhecia bem o Egito e a Arábia, estando familiarizado com seus costumes e instrução. Ora, a instrução egípcia era cuidadosamente ocultada aos estrangeiros; somente os sacerdotes e os membros da família real, visto que os sacerdotes eram assim considerados, a podiam adquirir (v. *Heródoto*, II, 3.164,168). Logo, a essa classe de pessoas deve ter pertencido o escritor. (3) Além de tudo isso, há uma correspondência exata entre a narrativa e as instituições, mostrando que tanto estas quanto aquela tiveram um só autor. As leis não são dadas na forma de estatutos, mas misturadas com a narração dos fatos e inseridas quando as circunstâncias o exigiam. Muitas vezes são traçadas em resumo e depois repetidas com maior desenvolvimento e com as modificações que outras circunstâncias já pediam (cp. Êx 21.27 com Dt 15.12-17; Nm 4.24-33 com 7.1-9; Lv 17.3,4 com Dt 12.5,6,21; Êx22.26 com Dt 24.6,10-15).

6. A origem mosaica do Pentateuco implica sua *unidade essencial.* Quaisquer que sejam as fontes, mais remotas ou mais recentes, desta ou daquela parte dos anais, o historiador divinamente inspirado e legislador do povo hebreu fundiu tudo em uma só obra.

Pentecostes. É o quinquagésimo dia depois do segundo dia da Páscoa (16 de nisã). Os judeus chamam essa solene festividade de Festa das Semanas, visto que era observada sete semanas depois da Páscoa. Ofereciam-se então como primícias os frutos das searas, sete cordeiros daquele ano, uma vitela e dois carneiros para holocausto; dois cordeiros para um sacrifício pacífico; e uma cabra para sacrifício de propiciação (Êx 34.22; Lv 23.15,16; Nm 28.26ss; Dt 16.9,10). A festa foi instituída com o fim de obrigar os israelitas a dirigir-se ao tabernáculo ou ao templo (Êx 34.22), a reconhecer o absoluto domínio do Senhor com a espontânea oferta dos primeiros frutos (Êx23.16) e a comemorar o fato de ter sido dada a Lei, no monte Sinai, no 50º dia depois da saída do Egito. Primeiramente a oferta era espontaneamente apresentada, mas pouco a pouco, como a lei a tornava dura, passou a ser imperativa, sendo determinadas a quantidade e a natureza das ofertas (Lv 23.15,21), segundo a riqueza do indivíduo. Na verdade, veio a ser uma espécie de tributo.

Foi na Festa de Pentecostes que o Espírito Santo desceu sobre os apóstolos da miraculosa maneira descrita em At 2.1-4. V. FESTA, DIAS DE.

Penuel. V. PENIEL.

Peor. *Abertura.* 1. Um monte que faz parte da cordilheira que contém os montes Nebo e Pisga. Peor, em Moabe, é o lugar para onde Balaque conduziu Balaão, a fim de amaldiçoar o povo israelita (Nm 23.28).

2. O deus moabita (Nm 25.18; 31.16; Js 22.17). Nessas passagens, a palavra é uma contração de Baal-Peor.

pepinal. Os pepinos são muito cultivados no Oriente, e, quando os israelitas se achavam enfastiados do maná no deserto, lembravam-se, entre as boas coisas do Egito, dessa comida (Nm 11.5). Isaías, prevendo a desolação de Jerusalém, escreve (1.8): "A filha de Sião é deixada como choça na vinha, como palhoça no pepinal, como cidade sitiada". A choça ou palhoça era

de simples estrutura, feita de ramos de árvore e sustentada por meio de quatro compridas estacas; dentro dela, estava um homem ou um rapaz que vigiava a terra e a guardava dos ladrões ou dos animais destruidores, como as raposas e os chacais. Quando o trigo é colhido e a choupana é abandonada, caem os paus, ou inclinam-se para qualquer lado, e espalham-se os verdes ramos pela ação do vento, apresentando tudo aquilo um aspecto de verdadeira desolação

perdão. O perdão que Deus dá ao que peca contra ele é de vários modos representado. O pecado é coberto (Sl 32.1; 85.2); não é atribuído (Sl 32.2); é apagado (Is 43.25); não há mais lembrança dele (Is 43.25; Hb 8.12). O perdão é um ato de livre graça (Sl 51.1; Is 43.25); um ponto de justiça, em conformidade com os divinos desígnios, se confessarmos que somos pecadores (1Jo 1.9); um ato perfeito da misericórdia de Deus (Sl 103.2,3; 1Jo 1.7). O ato de perdoar é decisivo e nunca será revogado (Mq 7.19). Só Deus pode perdoar nossos pecados, embora o ser humano possa declarar que Deus está sempre pronto a usar de sua misericórdia para conosco. O perdão não pode ser comprado com nenhuma riqueza (Pv 11.4); nem pode ser alcançado pelas obras, pois somos salvos pela graça por meio da fé (Rm 11.6; Ef 2.8,9).

perdiz. *A perdiz Chukor*, grande, airosa e de belo aspecto, encontra-se na Palestina, geralmente por toda a Ásia, e de modo especial ao norte do Himalaia. No outono, essas aves reúnem-se em bandos, mas dispersam-se no inverno. São muito procuradas para alimentação, porém não é fácil apanhá-las, por sua grande habilidade em se ocultar. Ao sul da Palestina, o *Chukor* é substituído pela perdiz *Heyu*. É esta a perdiz do Sinai. É uma avezinha belamente salpicada de várias cores, sendo muito difícil distingui-la das pedras e da areia em que pousa. Não alça logo o voo, confiando mais em suas pernas do que em suas asas. Por essa razão, não é difícil caçá-la com uma varinha (1Sm 26.20). A passagem de Jeremias (17.11) vem do fato de serem os ovos da perdiz constantemente procurados pelos árabes para sua alimentação; e por isso aquele que ajunta riquezas, mas não por direito, terá tão pequena alegria e tão pequena satisfação com sua posse como a perdiz que ajuntou certo número de ovos e depois foi roubada.

peregrinações. As peregrinações que os filhos de Israel realizaram, marchando desde o Egito até a terra de Canaã, foram uma importante escola para sua instrução. Foi em Ramessés que iniciou a marcha dos israelitas. O caminho direto desse lugar para Canaã teria sido pela terra dos filisteus, ao norte dos lagos Amargos e ao longo da orla setentrional do deserto de Sur. Todavia, essa direção foi-lhes proibida (Êx 13.17,18); e por isso, depois de tomarem o rumo oriental por certo tempo, prosseguiram para o sul, exultando certamente com isso o faraó, porque os julgava, assim, em seu poder. Os israelitas acamparam a primeira noite em Sucote, que não devia ter sido longe de Ramessés. Pela segunda tarde, chegaram à orla do deserto, em Etã. Provavelmente agora deviam ter seguido para o oriente, mas foi-lhes ordenado assim: "Retrocedam e se acampem defronte de Pi-Hairote, entre Migdol e o mar, diante de Baal-Zefom" (Êx14.2). O local era um estreito desfiladeiro, perto da costa ocidental do golfo, entre os montes que guarnecem o mar e uma pequena baía ao sul. Eles ficaram desse modo "desorientados na terra". Esse movimento teve o efeito de atrair o faraó para junto deles, e o desígnio de alterar dessa maneira a linha de sua marcha foi revelado a Moisés (Êx 14.17). Os egípcios aproximaram-se dos israelitas quando estes estavam acampados diante do braço ocidental do mar Vermelho. Como no decorrer dos últimos trezentos anos se operou uma notável mudança quer na extensão quer na profundidade do golfo de Suez, em virtude de grande acumulação de areia, é impossível

determinar o lugar onde os israelitas atravessaram. Os israelitas passaram pelo mar seco para o lado oriental, perto do local agora chamado Ayun Musa (poços de Moisés), principiando aqui o deserto de Sur (Êx15.22) ou o deserto de Etã (Nm 33.8). Essas duas expressões se aplicam à parte superior do deserto; esse deserto estende- se desde o Egito até a praia oriental do mar Vermelho e alarga-se para o norte até a Palestina. O caminho que os israelitas tomaram é uma larga vereda pedregosa, entre as montanhas e a costa, na qual correm no inverno vários ribeiros que nascem nos montes. Nessa ocasião, tudo devia estar seco. O lugar onde primeiramente estacionaram foi Mara ("amargo"), onde ocorreu o milagre de se tornar doce a água amarga (Êx 15.23-25). O local onde isso aconteceu é provavelmente Ain Hawara, perto do riacho chamado uádi Amarah, que tem a mesma significação de Mara. A estação seguinte foi Elim, "onde havia doze fontes de água e setenta palmeiras" (Êx15.27); este local é fixado por Niebuhr e Burckhardt no vale onde corre Ghurundel, a maior de todas as correntes no lado ocidental da península. Esse vale contém agora tamareiras, tamargueiras e acácias de diferentes espécies. Obtém-se aqui água em abundância cavando poços; há também uma copiosa nascente, com um pequeno regato. Os israelitas chegaram depois ao deserto de Sim, "entre Elim e Sinai" (Êx 16.1), no sopé da escarpada cumeeira de et-Tih, um nome que significa "divagação"; é um deserto medonho, quase inteiramente destituído de vegetação. Foi logo depois de terem entrado nesse deserto que os israelitas obtiveram miraculosa provisão de codornizes e de maná. Supõe o dr. Robinson e outros que os israelitas tomaram a seguir a direção do sueste, marchando para a cordilheira do Sinai. Nesse caso, a sua passagem teria sido pelo extenso vale ao qual os árabes chamam uádi Feiran.

Passaram depois por Dofca e Alus. O vale Feiran é o local mais fértil de toda a região; e é aqui que devemos procurar Refidim, onde pela primeira vez foram atacados os israelitas (Êx17.8-13). Jetro, sogro de Moisés, também o visitou em Refidim, e por seu conselho foram nomeados juízes para ajudar o chefe israelita na ação judicial (Êx18). Também aqui, entre elevados picos, estava a rocha que, por mandado de Deus, foi ferida por Moisés, saindo dela depois abundância de água.

Em seguida, fizeram seu acampamento no ermo do Sinai, onde o Todo-poderoso revelou à multidão sua vontade por meio de Moisés, o decálogo foi dado ao ser humano e foi estabelecido o pacto (Êx 20.1-17; 24.7,8). Nesse deserto, também se deu o caso do culto prestado ao bezerro de ouro, o censo do povo e a construção do tabernáculo; além disso, ali Arão e seus filhos foram consagrados, celebrou-se a segunda Páscoa e morreram Nadabe e Abiú por terem oferecido fogo estranho ao Senhor. O monte onde a Lei foi dada chama-se Horebe em Deuteronômio e Sinai nos outros livros do Pentateuco. Provavelmente o primeiro nome designa todo o território, e o outro se refere simplesmente à montanha onde foi revelada a Lei. Os israelitas permaneceram no deserto do Sinai aproximadamente um ano, aparecendo de novo o sinal para a partida. Desde então, suas marchas e acampamentos foram sempre dirigidos pelo Senhor. Uma nuvem que manifestava sua presença cobria o tabernáculo de dia, e, "à tarde, estava sobre o tabernáculo uma aparência de fogo até à manhã" (Nm 9.15). O levantar da nuvem era sinal de avançar, caminhando os israelitas após ela, e, quando a nuvem parava sobre o tabernáculo, isso queria dizer que eles deveriam acampar de novo. Wilson e Robinson supõem que os israelitas passaram para o norte, ao longo do uádi esh-Sheikh, entrando em uma grande planície chamada el-

Hadharah, na qual estava Taberá, nome que significa "incêndio" e que lhe foi dado em virtude de certo número de israelitas insurgentes ter sido ali destruído pelo fogo que caiu do céu (Nm 11.1-3). A estação seguinte foi Quibrote-Hataavá ou os "sepulcros da concupiscência" (Nm 11.34; 33.16). De Quibrote, marcharam os israelitas para Hazerote, onde ocorreu a sedição de Miriã e Arão (Nm 12). Tanto Robinson como Burckhardt situam Hazerote em um local hoje chamado Ain Hudherah, no qual existe uma fonte e muitas palmeiras. As estações nessa parte do deserto foram Ritma, Rimom-Perez, Libna e Cades-Barneia, sendo alcançado provavelmente este último lugar por volta do mês de junho. Quando se aproximava a terra da promessa, foram enviados alguns espias para examiná-la; contudo, quando voltaram, suas informações foram de tal modo aterrorizadoras que o povo se revoltou; e por essa razão os hebreus tiveram de vaguear no deserto pelo espaço de quarenta anos. Saindo os israelitas de Cades-Barneia, depois da sua segunda visita em que houve a provocação ao Senhor nas águas de Meribá, eles vieram até o monte Hor, perto de Petra, onde Arão morreu. Esse monte, verdadeiro trono de desolação, consta de quebradas, minas e escuras profundidades. Os árabes chamam-no de Jebel Neby Hauran, que quer dizer o "monte do profeta Arão"; e ainda hoje, quando uma caravana oriental avista seu cume, sacrifica um cordeiro em memória desse grande sacerdote. Passando pelo uádi Arabá (provavelmente o "deserto de Zim") para Eziom-Geber (da segunda vez) e Elate, o povo chegou ao golfo oriental do mar Vermelho e voltou para o norte pelo deserto oriental da Arábia. Nesse lugar, existe um grande desfiladeiro, vindo do nordeste através das montanhas, que constitui a principal passagem no uádi Arabá para o deserto. A ascensão dos israelitas foi, sem dúvida, por essa estreita passagem, quando se desviaram do mar Vermelho e voltaram aos territórios de Edom. Nessa ocasião, o povo estava muito desanimado por causa do caminho e murmurou contra Deus e Moisés. As suas murmurações foram castigadas, aparecendo entre eles umas serpentes ardentes cuja picada produzia a morte; contudo, por mandado do Senhor, foi levantada uma serpente de bronze, sendo curados os que para ela olhavam com fé. Depois disso, prosseguiram os israelitas em sua viagem pelas faldas orientais das montanhas de Seir. Os edomitas, que primeiramente lhes haviam recusado a passagem por sua terra, agora consentiam em que eles viajassem ao longo de suas fronteiras, fornecendo-lhes também alimentos para sua caminhada (Dt 2.3-6). Nada se sabe de suas paragens até que chegaram a Zerede, um pequeno ribeiro que corre pelas montanhas até a extremidade ocidental do mar Morto. Partindo desse local, "se acamparam na outra margem do Arnom, que [...] é o limite de Moabe, entre Moabe e os amorreus" (Nm 21.13). Dali se dirigiram para Beer, ou Beer-Elim, o poço dos nobres do povo, local onde, vendo que estavam quase chegando ao fim do deserto, e na perspectiva de uma rápida entrada na terra da promessa, entoaram o "cântico do poço" (Nm 21.17,18). Após esse acontecimento, os israelitas desbarataram seu terrível inimigo Seom, rei dos amorreus, que habitava em Hesbom e cujos territórios se estendiam ao longo das praias do mar Morto e pelo vale oriental do Jordão até o rio Jaboque. Saindo vitoriosos na guerra contra Ogue, que ganhara os territórios a leste do mar da Galileia, os israelitas apoderaram-se da parte oriental do vale do Jordão. Essas terras conquistadas, sendo boas para pastagens, foram cedidas às tribos de Rúben e Gade e à meia tribo de Manassés, que tinham muito gado; entretanto, isso se deu como condição de que elas auxiliassem as outras tribos na sua conquista da terra prometida, a oeste do Jordão (Nm 32; Dt 3.8-20; Js 1.12,18). Por esse motivo, a estação

seguinte foi chamada Dibom-Gade, em distinção à outra Dibom pertencente aos rubenitas (Js 13.17). As ruínas desta povoação, com o nome de Dibom, veem-se a cerca de 6 km ao norte do rio Arnom. Desse lugar, os israelitas caminharam para Almom-Diblataim ou Diblataim, de onde seguiram para as serras de Abarim, em frente ao monte Nebo. Finalmente acamparam perto do Jordão, desde Bete-Jesimote até Abel-Sitim, em frente a Jericó (Nm 33.49). Assim terminou uma jornada de quarenta anos, que atravessou principalmente lugares desertos, viagem que poderia ter-se efetuado em apenas algumas semanas.

Perez. Filho de Judá e Tamar, sua nora (Gn 38.29), que obteve o direito de primogenitura sobre seu irmão e foi o chefe de numerosa família, cuja prosperidade é mencionada em Rt 4.12. Dele, descenderam duas famílias importantes: os hezronitas e os hamulitas. De Hezrom, proveio a casa de Davi, e por fim Jesus Cristo. No tempo de Davi, a casa de Perez distinguiu- se de modo especial, ocupando lugar acima da própria família do rei (2Sm 23.8; cp. 1Cr 11.11 com 27.2,3). A família continuava numerosa depois do cativeiro, pois só em Jerusalém ainda viviam 468 descendentes de Perez, estando Zorobabel incluído nesse número (Ne 11.4,6). Em todos os negócios importantes da nação e em ocasiões de crise nacional, sobressaíam os filhos de Perez, achando-se os livros de Crônicas e Neemias cheios de referências a indivíduos dessa família.

perfeito, perfeição. Essas palavras ocorrem muitas vezes tanto no AT como no NT. Algumas vezes aplicam-se a coisas, por exemplo a lei do Senhor, e ocasionalmente a Deus (Mt 5.48), mas o maior número de vezes é em referência ao ser humano. No AT, o atributo da perfeição é conferido a certas pessoas e negado a outras; no NT, ser perfeito é geralmente um assunto de vontade e exortação. O que se entende exatamente por perfeição?
1. Quer dizer que a coisa a que ela se aplica é, por sua natureza, completa, possuindo as qualidades que deve possuir e não tendo os defeitos que não deve ter.
2. O *uso do termo na Bíblia.* A palavra que no AT se emprega com a significação de perfeito é *tamim.* Parece que originariamente significava qualquer coisa bem-acabada, tendo por isso o mesmo sentido que em português. Aplicava-se à vítima do sacrifício, quando quer dizer sem defeito (Êx 12.5); e, em relação ao ser humano, significa pessoa direita, reta e de bom caráter (Gn 6.9; 17.1; Sl 119.1). Também é empregada em referência a caminho, palavra, lei de Deus em seu sentido lato. A palavra no NT é *telein*, oferecendo sua raiz a ideia de "fim, finalidade". Perfeito é aquilo que está de acordo com o fim que se deseja alcançar.
Vemos então que o uso da palavra na Bíblia está em conformidade com seu uso moderno. A sua significação é relativa, variando segundo aquilo a que se adapta. A absoluta perfeição pertence somente a Deus; nenhuma de suas criaturas a pode reclamar. Entretanto, em suas limitadas relações, as pessoas e as coisas podem, até certo ponto, ser perfeitas.
3. *Perfeição e o caráter cristão.* Há certas passagens no NT em que a palavra é empregada em relação ao discípulo de Jesus Cristo, sendo a mais notável a de Mt 5.48: "Sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste". O cristão deve cumprir o seu dever, como Deus cumpre o seu; como ser humano, o cristão deve ser como Cristo em conduta, caráter e vida. Não é um preceito impossível de praticar, não é um "conselho de perfeição", mas um desígnio prático da vida. O Sermão do Monte sugere o método cristão de vida para essa perfeição. Amar a Deus de todo o coração, a manifestação do mesmo amor aos seus semelhantes, o cultivo do seu próprio caráter de santidade, que é o amor em ação — essa é a qualidade de vida pela qual a pessoa se

torna perfeita, cumprindo sua missão na Terra. O versículo de Mateus é um resumo do que está exposto em todo o sermão. Na verdade, todo o ensino das Sagradas Escrituras é dado "a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra" (2Tm 3.17). A obra expiatória de Cristo foi efetuada para que o ser humano pudesse viver a vida que conduz à perfeição. O Espírito Santo é um auxiliador que está sempre presente; e um dia, no seu dia, tudo irá bem, cumprindo a Igreja cristã o seu fim, "até que todos cheguemos à unidade da fé [...], à perfeita varonilidade" (Ef 4.13). "Para que vos conserveis perfeitos e plenamente convictos em toda a vontade de Deus" (Cl 4.12). Isso ainda não é assim. Às vezes uma linguagem desprevenida é usada pelos teólogos cristãos, e o resultado é aparecerem pessoas reclamando esse estado de perfeição nesta vida. Isso é, evidentemente, contrário ao ensino do NT. Paulo diz de maneira determinada: "Não que eu o tenha já recebido ou que tenha já obtido a perfeição" (Fp 3.12); e toda a doutrina do cap. 7 da Epístola aos Romanos claramente mostra que a luta com o pecado termina somente com a vida. A meta está diante de nós; é um grande objetivo e assunto de urgente oração de nossa parte, e da ação do Espírito Santo, da parte divina; e por fim será atingida a meta. Não há lugar para presunção, como também não há espaço para desesperos.

perfume. Era comum o uso de perfumes entre os hebreus e outros orientais, antes de serem conhecidos dos gregos e romanos. Moisés fala da arte perfumista do Egito e refere-se à composição de dois perfumes: um era para ser oferecido sobre o altar de ouro, e outro se destinava a ungir o sumo sacerdote e os vasos sagrados (Êx30.23,25,34ss). Os perfumes também eram empregados na embalsamação, sendo compostos de mirra, aloé e outras drogas fortes e adstringentes para evitar a infecção e a corrupção. Muitas pessoas também se perfumavam (Et 2.12). O esposo no Cântico dos Cânticos de Salomão elogia o perfume de sua esposa (Ct 3.6) e é saudado com termos semelhantes. De maneira especial, ele indica o nardo, o cinamomo, a mirra e o aloé. Isso prova que tanto homens como mulheres faziam uso desses aromas, e essa prática é comum ainda hoje nesses países, onde o calor e a ausência da água quase obrigam a se fazer uso das essências ativas e dos desinfetantes (Et 2.12; Dn 10.3). Os perfumes eram preparados na forma de líquidos, pomadas e pós, e também de modo concentrado para diluição. Deve-se observar que, entre os orientais, o sentido do olfato é muito mais penetrantemente desenvolvido do que entre os europeus. Diz-se que os árabes muitas vezes mandam passar maçã sem volta da mesa do festim, não para que sejam comidas, mas para que cada convidado usufrua de seu bom aroma. pergaminho. É a pele de certos animais, como vitelas, cabras, burros, carneiros e outros, que era preparada para nela se escrever. Segundo Plínio, o nome teve sua origem no caso sucedido com o rei de Pérgamo, Eumenes II, que reinou por volta de 160 a.C. A sua ambição era formar uma grande biblioteca que sobrepujasse à de Alexandria no Egito. Contudo, o rei deste país proibiu, por inveja, que se fizesse a exportação do papiro, obrigando o rei de Pérgamo a recorrer aos antigos processos de empregar peles para a escrita. Na preparação do pergaminho, as peles ficam livres de todos os pelos, carne, gordura, excrescências, por meio de uma fricção com pedra-pomes. Enquanto se conserva a pele estendida na armação, passa-se giz por cima e continua a esfregar-se até que sua superfície se torne macia e própria para o seu fim. Depois dessa operação, deixa-se secar a pele, estando ainda esticada. Diz-se que Jerônimo foi o primeiro a possuir uma biblioteca composta inteiramente de

obras escritas em pergaminho. Os pergaminhos que Paulo pediu (2Tm 4.13), não se sabe de que tratavam. Supõe-se apenas que fossem documentos legais, ou então apontamentos sobre a vida de Jesus Cristo.

Pérgamo. Cidade da Mísia, hoje chamada Bergama, sede de uma das sete igrejas da Ásia a que foram dirigidas as cartas apocalípticas (Ap 2.12-17). Estava situada perto do rio Calco (hoje Bakyr-tchai) e distante 32 km de sua foz. É um lugar célebre pelo fato de ali ter sido pela primeira vez preparado o pergaminho. A cidade teve também uma biblioteca com 200 mil volumes, que depois foram levados para Alexandria. Segundo uma lenda, Pérgamo era terra sagrada por ter ali nascido Júpiter. Quando dominavam os reis atálicos, tornou-se Pérgamo uma cidade de templos, colégios e palácios reais, considerada a primeira cidade da Ásia. Um de seus principais monumentos era um templo dedicado a Esculápio, deus representado pela figura de uma serpente, visto que a medicina desse tempo compreendia os encantos e os encantamentos entre seus agentes curativos. Estava ali "o trono de Satanás" (Ap 2.13), provavelmente indicando que Pérgamo era nesse tempo a capital da província da Ásia e o mais antigo e principal centro do culto a César.
Havia na cidade certo número de judeus que recebiam as rendas e ocupavam as terras, sendo excluídos apenas dos cargos públicos, visto que não queriam tomar parte nas cerimônias pagãs de caráter religioso. A acusação feita à igreja de Pérgamo (Ap 2.14), de alguns de seus membros serem da escola de Balaão, mostra que estes, de alguma maneira, estavam seguindo o culto de Afrodite, muito em voga na cidade, tendo sido os israelitas desencaminhados de igual modo por Balaão.

perseguição. É o ato de correr em seguimento de alguém para o prender, e também qualquer violência praticada por motivo religioso ou político. Bem cedo, a igreja sofreu perseguição: Jesus o tinha predito no Sermão do Monte (Mt 5.10-12) e quando encarregou os Doze da missão de evangelizar (Mt 10.17,18). Depois da morte do divino Mestre, continuou a perseguição contra os pregadores do evangelho. Variavam de forma, empregando-se umas vezes processos regulares segundo a lei, prevalecendo em outras ocasiões a vontade do governante, como no procedimento de Herodes; acontecia, também, romper o povo fanatizado em violências tumultuosas contra os discípulos de Jesus. Depois do discurso de Pedro (At 3), os sacerdotes e os saduceus apoderaram-se desse apóstolo e de João. Quanto a Estêvão, sua obra de evangelização levantou acusações contrárias (6.11), sendo ele depois martirizado (7.58). Após este acontecimento, houve contra a igreja de Jerusalém uma grande perseguição (8.11). Herodes pôs-se campo (12.1); e os judeus competiam com os gentios na resistência ao progresso da igreja nascente. Se em Filipos e Éfeso os gentios eram os perseguidores (cap. 16 e 19), os judeus foram agressores em Antioquia da Pisídia (cap. 13), em Icônio e Listra (cap. 14), em Tessalônica (cap. 17) e em Corinto (cap. 18). As injustiças contra Paulo foram a causa de ele ter apelado para o tribunal de César (25.11), indo por isso para Roma, onde mais tarde foi executado. Ele próprio falou da perseguição que outros haviam de sofrer como ele tinha sofrido (2Tm 3.11, 12). Pedro conforta seus leitores, falando-lhes das provações iminentes (1Pe 4.12-19). João, em Ap 2.10,13, refere-se à perseguição já existente, ou próxima. O imperador Nero moveu uma grande perseguição em 64 d.C. Os cristãos foram de tal modo torturados que, segundo conta Tácito, historiador romano, houve um movimento de simpatia para com os discípulos de Cristo (Ann.,

15.24). Desde esse ano até o princípio do século IV d.C., as perseguições sucediam-se uma após outra. Na história moderna, a perseguição aos protestantes feita pela Igreja romana causou maior perda de vidas do que a guerra ao cristianismo nos tempos do paganismo. As igrejas missionárias também têm sido combatidas com as mais terríveis perseguições, como foram as que se levantaram contra os primeiros convertidos católicos romanos no Japão e, ainda em tempos mais modernos, as de Madagascar, Uganda e China. A Igreja romana nunca condenou seus princípios de que tudo o que ela considera heresia deve ser suprimido pela força. Procura defender-se com a lei de Moisés (p. ex., Dt 13). No entanto, a lei ali se trata do castigo que haviam de sofrer os que prestavam culto aos ídolos, servindo a outros deuses. Ora, é preciso nunca perder de vista que somos cristãos e que o verdadeiro princípio cristão, pelo qual nos devemos pautar, está estabelecido em 2Co 3.17.

Pérsia. Na sua maior extensão, o Império Persa ia desde a Trácia e o Egito, a oeste, até o Indo, a leste; e desde o mar Negro, o Cáucaso, o mar Cáspio e o Oxo e Jaxartos, ao norte, até a Arábia, o golfo Pérsico e o oceano Índico, ao sul. As principais cidades eram a Babilônia (conquistada por Ciro em 539 a.C.), Susã e Ecbátana na Média (2Cr 36.20-23; Et 1.3,14-18; 10.2; Ez 27.10; 38.5; Dn 8.20; 10.1,13,20; 11.2). A Pérsia antiga constava de um território comparativamente pequeno sobre o golfo Pérsico, ainda hoje conhecido pelo nome de Farsistã. Limitava-se ao norte com a Média, a oeste com Elão e a leste com a Carmânia. Era principalmente uma região deserta, sujeita a grandes vendavais; no entanto, nas terras mais elevadas a partir da costa, havia alguns vales férteis onde prosperavam as vinhas, as laranjeiras e os limoeiros. Eram mesmo famosos os vinhos de Shiraz. O norte do país era composto de terras desertas. Há apenas duas referências na Escritura a esta Pérsia, em confronto com o império (Ez 27.10; 38.5), devendo talvez ler-se ali Patros.

Os persas pertenciam à raça ariana e falavam a língua ariana, ou indo-europeia. O tipo físico dos conterrâneos de Dario e Xerxes, bem como o de seus modernos descendentes, era ariano em todos os traços fisionômicos. Os viajantes ainda falam das populações de cor branca e olhos azuis que se encontram nas terras altas da Pérsia, embora o povo em geral pertença ao tipo moreno, de cabeça bem formada, com cabelos e olhos pretos. Até na mesma família, podem alguns membros ser do tipo loiro e outros do tipo moreno. Os persas eram no princípio uma tribo meda que se havia estabelecido nas proximidades do mar. Eles tinham avançado mais para o sul do que os outros indivíduos da mesma família, fixando-se para além de Elão na praia oriental do golfo Pérsico. Estavam ainda, como parece, na idade da pedra, segundo o testemunho das sepulturas que têm sido abertas. Contudo, por suas relações com o reino civilizado da Assíria, não tardaram a fazer uso do bronze e do ferro, e mesmo da louça vidrada de Nínive. Desde os tempos mais remotos, a Pérsia tornou-se notável por suas frutas e legumes. A maior parte das árvores frutíferas pertencentes aos climas temperados e tropicais dá-se bem ali, constituindo seu tratamento uma indústria importante dessa gente. Cresce facilmente nessas terras: arroz, trigo, cevada, milho, ervilhas e favas, havendo desses cereais grandes mercados para alimentação do povo. Todas as hortas são cultivadas e grandemente estimadas. Os persas são bons jardineiros e muito apreciadores de flores, especialmente das rosas, que excedem em grandeza, beleza e fragrância às da maior parte de outros países. Eles não foram grandes negociantes, mas levaram a arte da agricultura a elevado estado de perfeição.

O governo da antiga Pérsia era monárquico, sendo a coroa hereditária. O poder dos reis era absoluto, e eles consideravam seu povo como escravos. Os títulos que eles tinham de "grande rei" e "rei dos reis" mostram a grande reverência que lhes tributavam seus súditos, os quais os consideravam como representantes da divindade, prostrando-se por isso diante deles. Além do rei, havia sete conselheiros de Estado, sendo todos eles pessoas de alta hierarquia (Ed 7.12ss). Esse conselho não se envolvia no governo do rei: apenas existia para aconselhar. O rei, na sua qualidade de juiz, era auxiliado por vários "juízes reais" que ele próprio escolhia para administrarem justiça em certas épocas nas várias províncias do império. Os juízes simples eram selecionados entre os homens de experiência, de 50 anos para cima. Os governadores das províncias tinham o nome de sátrapas e eram nomeados pelo próprio rei. Estes só exerciam sua missão por meio do monarca, que podia nomeá-los, castigá-los ou recompensá-los. Para se tratarem com brevidade os negócios do Estado, as províncias se ligavam à capital por meio de correios regulares, estabelecidos segundo um plano imaginado por Ciro. Esses postilhões viajavam de dia e de noite por meio de ginetes cuidadosamente colocados (Et 8.10). Os persas conservavam uma antiga crença em um Deus supremo, mas também prestavam culto ao Sol, à Lua e às estrelas. Os seus sacerdotes eram os magos, que, sob o domínio dos assírios e medos, tinham procurado alcançar poder sobre reis e povos. Quando os persas se tornaram poderosos, essa casta sacerdotal perdeu muito de sua influência e foi perseguida pelos monarcas. O rei Ciro adotou essa política e conseguiu efetuar grandes mudanças no sistema de magos. A sua revolução foi completada por Zoroastro, cujo sistema extraordinariamente notável era considerado mero produto da razão humana. Ele ensinava que "Deus existia desde toda a eternidade, sendo como que a infinidade do tempo e do espaço". Havia dois princípios no Universo: o bem e o mal; um era Ormazda, o agente de todo o bem; o outro era Arimã, o senhor do mal. Cada um deles tinha poder criativo, e por isso se acham o bem e o mal em todas as coisas. A luz era figura do espírito bom; a escuridão era figura do espírito mau. Por essa razão, o discípulo de Zoroastro volta-se para o fogo sobre o altar e para o Sol como a mais nobre de todas as luzes. Zoroastro afirmava que seu livro encerrava tudo o que era necessário saber para a direçãodos persas, quer se tratasse de religião, política, literatura e moralidade, quer das ciências naturais. Há no livro de Isaías um versículo notável (45.7), que se supõe conter uma referência à religião dos magos que prevalecia na Pérsia, no tempo de Ciro: "Eu formo a luz e crio as trevas; faço a paz e crio o mal; eu, o Senhor, faço todas estas coisas". Nessa passagem, o Senhor censura o culto às substâncias inanimadas, chamando a atenção para si próprio como autor dessas coisas. A religião dos persas permitia a poligamia e o incesto. A sua maneira de tratar os mortos configurava um ato religioso. O corpo era exposto em uma alta torre, vindo as aves devorá-lo. Era esse um costume abominável para o povo em geral, e por isso foi abandonado logo que se ofereceu a oportunidade; todavia, ainda existe entre os persas quem exponha seus mortos nas "torres do silêncio". As referências da Bíblia à Pérsia são as seguintes: 2Cr 36.20-23; Ed 1.1,2,8; 3.7; 4.3,5,7,24; 6.14; 7.1; 9.9; Et 1.3,18; 10.2; Dn 8.20; 10.1,13; 11.2.

pesca. V. PEIXE.

pesos e medidas. Trata-se de um assunto de considerável incerteza. Podemos, por várias passagens da Bíblia, determinar o valor dos pesos e medidas dos tempos bíblicos; é, contudo, matéria de muita dificuldade sua absoluta determinação com respeito às medições modernas.

Predominando na Palestina desde tempos remotos a influência da Babilônia, é muito provável que o sistema babilônico de pesos e medidas fosse o mais antigo que esteve em uso entre os hebreus; e, como alguns desses pesos e medidas podem ser determinados por descobertas recentes, há por esse motivo uma boa base de comparação. Todavia, antigos pesos de presumido valor equivalente que têm sido examinados por modernos instrumentos de precisão variam consideravelmente. As diferenças podem algumas vezes ser explicadas pelo motivo de estar cortada, ou gasta, a pedra-peso, mas isso não explica tudo. Outra confusão decorre do fato de terem mudado de valor, durante o tempo do AT, os pesos e medidas de mesmo nome, parecendo também que estiveram em uso ao mesmo tempo dois sistemas para fins diversos. Supõe-se, pelo que se lê em Am 8.5, que havia um reconhecido padrão nos mercados.

1. Pesos. Os mais antigos pesos eram de pedra. O termo hebraico ebhen (lit. pedra) é traduzido por "peso" em 2Sm 14.26 ("segundo o peso real") e em Pv 16.11 ("todos os pesos da bolsa"). Esses pesos tinham, por vezes, a forma de animais terrestres ou aves. Referências a isso podem ser encontradas em Gn 33.19 e Js 24.32, em que o hebraico kesitah ("peças de dinheiro" ou "peças de prata") é traduzido por "cordeiros" na *Septuaginta.*

A moeda padrão do AT era o siclo, palavra derivada de uma raiz hebraica que tem o sentido de "pesar", e só começou a significar moeda cunhada depois do exílio. Pelo sistema babilônico ordinário, 60 siclos = 1mina (correspondendo a geras de Ez 45.12, que se traduz por "arráteis" em 1Rs 10.17; Ed 2.69; Ne 7.71,72); e 60 minas (ou geras) = 1talento (Êx38.24; 2Rs 5.5). Todavia, no peso do ouro davam à mina o valor de 50 siclos; e o talento de ouro valia somente 3 mil siclos, em vez de 3.600. Em tais casos, o valor siclo-peso permaneceu o mesmo; contudo, pelo que se lê em 2Sm 14.26 ("duzentos siclos, segundo o peso real"), parece que entre os hebreus, como sabemos ter sido costume entre os babilônios, usava-se um siclo de mais alto peso nos pagamentos ao tesouro real. Havia pesos menores como o meio siclo ou o beca (Gn 24.22; Êx38.26), e o gera, ou 1/20 de 1siclo (Êx 30.13, "este siclo é de vinte geras", Nm 3.47; v. tb. Lv 27.25; Nm 18.16).

Com respeito ao peso absoluto do siclo, a prova é contraditória, mas há probabilidade de que o antigo siclo hebraico pesasse originariamente cerca de 12 g; contudo, depois de ter sido mais tarde aumentado o peso (como afirma o Talmude), passou a ser algo em torno de 14,54 g. A moeda siclo de Tiro pesa 14,3 g, e o siclo de prata judaico tem aproximadamente 14,5 g. No NT, a libra, citada em Jo 12.3 e 19.39, equivalia à libra romana, de cerca de 11 onças; e o talento (Ap 16.21) era talvez o talento ático, tendo metade de 100 pesos (siclos), aproximadamente.

2. *Medidas de comprimento.* As menores medidas originais são tomadas do corpo humano (Dt 3.11, "pelo côvado comum"). O *ammah*, ou côvado, era o comprimento do braço, desde o cotovelo até a extremidade do dedo maior. Medida comum a vários países, estava dividida em dois palmos (*zereth*, Êx28.16; 1Sm 17.4), sendo o palmo a distância entre o dedo polegar estendido e o dedo mínimo; ou tinha seis vezes a largura da palma da mão (tophah, Êx25.25) ou 24 vezes a largura do dedo (*etzba*, Jr 52.21).

No AT, temos provas de haver duas espécies de côvado, variando o seu comprimento. O profeta Ezequiel refere-se a uma cana de medir de 6 côvados de comprimento (Ez 40.5; 43.13). Provavelmente há uma referência à antiga medida em 2Cr 3.3, que fala do côvado "segundo o

primitivo padrão". Essas medidas provavelmente referem-se ao côvado que serviu na edificação do templo de Salomão: um padrão antigo, sendo 1/7 mais comprido do que aquele vulgarmente usado em tempos posteriores ao AT.
O mais antigo padrão de medida que conhecemos é o que se mostra na estátua do rei Gudea (c. 2500 a.C.), achada em Telloh. Na sua medição, o côvado equivale a 495 mm.
O côvado dos tempos posteriores aproximava- se do côvado grego, com cerca de 445 mm.
As medidas de distância mais indeterminadas são o "passo" (1Sm 20.3; 2Sm 6.13) e a "distância de um tiro de arco" (Gn 21.16).
Na avaliação de distâncias maiores, é mencionado o "cordel de medir" (Jr 31.39; Ez 47.3; Zc 2.1). No NT, há referência às seguintes medidas: o *estádio*, equivalente a 200 m (Mt 14.24; Lc 24.13; Jo 6.19; 11.18; Ap 14.20; 21.16); a *milha*, correspondente a 7½ estádios, cerca de 1.500 m; a toesa ou "braça" (At 27.28), que originariamente era a distância entre a extremidade de um braço, estando ambos estendidos, equivalente a 4 côvados, aproximadamente 2 m. A jornada de um dia de sábado era tradicionalmente a distância de 2 mil côvados (cf. *Targum de Jerusalém*, em Êx 16.29: "que ninguém vá do seu lugar no sétimo dia, além de dois mil côvados"). Em todo caso, era de uma milha (1.500 m em algumas passagens do *Talmude*), e a jornada de um dia era de 40 milhas (60 km), sendo esta milha a romana de mil passadas, ou então a distância percorrida em aproximadamente 18 minutos.
Em Lc 22.41, há menção a uma curta distância indefinida: "um tiro de pedra".
3. *Medidas de superfície.* A única medida de superfície mencionada no AT é o tzemed, traduzido pelo termo "jeira" (1Sm 14.14; Is 5.10). Era o espaço de terra que uma junta de bois podia lavrar em um dia. No entanto, são desconhecidas as dimensões exatas da jeira dos hebreus, não se sabendo que relação existia para com a dos romanos.
4. *Medidas de capacidade.* Nessas medidas, sua correspondência com o sistema babilônico é estreita; as medidas mais antigas baseiam-se no sistema sexagesimal. O efa pode ser considerado a unidade das medidas de capacidade, provavelmente equivalendo à unidade babilônica, que era de 0,505 litro. Provavelmente era usada como medida de secos e líquidos, mas só há referências ao *efa* como medida de líquidos (Lv 14.10).
A correspondente medida de secos pode ter sido 1/4 do *cabo*.
O siclo (2Rs 6.25) era medida de secos e líquidos, igual a 4 efas, ou a aproximadamente 2 litros.
O *him* (Êx 29.40; 30.24; Lv 19.36; 23.13; Nm 15.4; Ez 4.11; 45.24; 46.5) era uma medida de líquidos igual a 12 efas ou 3 siclos: cerca de 6 litros.
A "medida" (Gn 18.6; 1Sm 25.18; 2Rs 7.1,16,18 [NVI]; Ag 2.16) era equivalente a 6 siclos, sendo a terça parte do efa. Em Is 5.10, a tradução do efa é "três medidas" (cf. Mt 13.33). Usa-se tanto para secos como para líquidos, mas especialmente para os primeiros; é uma medida de 12,1 litros.
O *efa* para secos e o seu equivalente bato para líquidos correspondiam a 3 medidas. "O efa e o bato serão da mesma capacidade" (Ez 45.11): cerca de 36 litros.
O *ômer* (Lv 27.16; Is 5.10; Ez 45.11,13, 14; Os 3.2) usava-se para secos e líquidos e é equivalente a 1coro (Ez 45.14) — o mesmo *koros* de Lc 16.7, que era especialmente uma medida de secos.
O *ômer* (que em algumas citações aparece como "gômer") e o coro são medidas de 363 litros. O

ômer (Êx 16.16) é equivalente ao décimo do efa (Êx 29.40; Lv 14.10; 23.13,17; Nm 15.4,9). Trata-se de uma medida de secos que se baseia no sistema decimal, em vez de no sexagesimal. A tradição traduz lethek (Os 3.2) por meio ômer, mas essa informação é duvidosa.

Medidas para secos	Medidas para líquidos
6 siclos = 1 medida	4 efas = 1 siclo
3 medidas = 1 efa	3 siclos = 1 him
10 ômers = 1 efa	6 hins = 1 bato
10 efas = 1 ômer (coro)	10 batos = 1 ômer (coro)

No NT:

O "jarro" (como citado em Mc 7.4; do gr. xestés) é o sextarius latino, medida de 1,5 litro. A "metreta" (Jo 2.6; do gr. metrétés) = cerca de 40 litros.

O choinix, a "medida" de Ap 6.6, equivalia a pouco mais de 3 litros.

Pilatos, Pôncio. Procurador ou governador da Judeia, quando governava o imperador Tibério (26-36 d.C). Nos negócios públicos e particulares, mostrava-se cruel (v. Lc 13.1) e, durante os dez anos de seu governo, foi a principal causa de contínuas perturbações e revoltas. Pilatos fez algumas tentativas para livrar Jesus, porque ele sabia a causa da hostilidade para com o Rabi da Galileia (Mt 27.18) e também porque sua mulher tinha ficado perturbada com um sonho. Nessa ocasião, Pilatos estava ansioso por conservar a paz pública e, por isso, procurou apaziguar os judeus, mandando açoitar Jesus (Mt 27.26; Jo 19.1), porém ao mesmo tempo desejou libertá-lo no dia da Páscoa. Por fim, para se livrar de dificuldades, enviou Jesus a Herodes, esperando que este o julgasse (Lc 23.7,8). Todos esses expedientes não deram resultado; e, então, com receio de poder ofender os judeus e o imperador (Jo 19.12-15), Pilatos entregou Jesus aos inimigos para ser crucificado, lavando suas mãos em público para fazer crer que era inocente em tal crime (Mt 27.23,24). A inscrição que foi colocada sobre a vítima crucificada revela que ele se arrependeu da ação que praticou (Jo 19.19). O último ato de Pilatos descrito no NT foi ter mandado uma guarda para junto do túmulo onde estava o corpo de Jesus (Mt 27.64).

Pelo espaço de dez anos, a Judeia foi perturbada por Pilatos, sendo ele por fim deposto por Vitélio, procônsul da Síria, em 36 d.C., e enviado a Roma para prestar contas de seus atos perante o imperador. Quando estava em viagem para Roma, morreu Tibério, mas Calígula, o seu sucessor, desterrou Pilatos para Vienne, na Gália, onde ele caiu em tal desgraça que atentou contra a própria vida.

pintado, esculpido. Quadros pintados, como hoje os temos, eram desconhecidos dos antigos, mas havia numerosas figuras esculpidas em baixo-relevo ou pintadas a fresco, em cores claras, nas paredes dos palácios reais (Ez 23.14). No Egito, os sarcófagos das múmias eram adornados de retratos coloridos dos mortos, e inscrições feitas com esmero cobriam todo o espaço aproveitável. As "salvas de prata" (Pv 25.11) eram ornamentos de frutos e folhagem, gravados em pedra ou na madeira. V. ROMÃZEIRA.

pintura. A arte da pintura é quase desconhecida no AT, mas há uma referência (Jr 22.14) ao seu uso nas decorações da casa. O pintar os olhos é três vezes mencionado: em 2Rs 9.30, em que se diz que Jezabel "se pintou em volta dos olhos"; em Jr 4.30, em que se lê: "alargas os olhos com pinturas"; e em Ez 23.40: "coloriste os olhos". Geralmente as sobrancelhas e ambas as pálpebras

eram pintadas com estíbio ou antimônio. No moderno Egito, é usado kohl para o mesmo fim. É uma substância fuliginosa, feita de cascas queimadas de amêndoa ou de uma resina aromática chamada *liban.*

Esse costume, que perdurou no Egito por quatro ou cinco milênios, pode ser conhecido pelas antigas pinturas e esculturas; e até mesmo foram descobertos nos antigos túmulos vasos de kohl com os estiletes e os restos do pó preto. Para ser usada, a tintura era misturada com azeite e, depois, guardada em pequenos vasos de chifre. O estilete com o qual se fazia a aplicação do líquido corante era um pequeno ponteiro, mas não agudo, feito de madeira ou marfim.

piolho. A palavra aparece somente na referência à terceira praga do Egito (Êx 8.16-18; Sl 105.31). Os sacerdotes egípcios consideravam-se incompetentes para exercer suas funções caso não estivessem escrupulosamente limpos. De três em três dias, faziam a barba e rapavam os pelos do corpo. Por isso, a presença desse parasito era vista como algo pior do que as mais repugnantes pragas. Vinha prejudicar diretamente o exercício de seu culto cerimonial. Todavia, alguns críticos acreditam que as passagens citadas tratam apenas de mosquitos.

Piratom. *Altura*. A pátria de Abdom, o juiz, e de Benaia, um guerreiro que pertencia à guarda de Davi (Jz 12.13,15; 2Sm 23.30; 1Cr 11.31; 27.14). Talvez seja a moderna Farata, que fica a 11 km a sudoeste de Nablus.

Pisídia. Território montanhoso da Ásia Menor. Limitava-se a nordeste com a Licaônia, ao sul com a Panfília e a noroeste com a província da Ásia. No tempo de Paulo, fazia parte da província da Galácia, onde o apóstolo pregou (At 13.14; 14.24; cp. 2Tm 3.11). V. PAULO.

Pitom. *Casa (do deus) Atum.* Cidade de tesouros no Egito, na terra de Gósen (Êx 1.11), a leste do Nilo, perto da moderna Ismailia. O tesouro era certamente o trigo ou outros gêneros, não sendo provável que fosse constituído de metais preciosos ou joias. A cidade foi edificada pelos israelitas escravizados no tempo de Ramsés II. Os romanos construíram Hierápolis na orla da área que a cidade ocupava. Foi novamente descoberta por Naville em Tel-el-Mashkuta. V. GÓSEN.

planta, mamoeiro. Muita discussão tem havido sobre a identidade da planta que proporcionou ao desanimado profeta Jonas uma sombra benéfica e uma lição salutar. A opinião geral é a de que se trata da Palma cristi, o mamoeiro. As ervas silvestres que foram colocadas na sopa de Eliseu (2Rs 4.39) diferem da planta de Jonas: são as colocíntidas, com as quais se faz um conhecido medicamento, amargo e drástico; o aroma é tal que logo assusta; e as plantas, se empregadas como alimento, são altamente venenosas. A planta da colocíntida cresce abundantemente nos locais baixos em volta do mar Morto. Quando está inteiramente madura, sua casca é brilhantemente alaranjada, e as sementes são amargas.

plátano. A árvore de que se faz menção em Gn 30.37 e Ez 31.8 é o plátano oriental, um dos mais agradáveis e notáveis exemplares de vegetação existentes às margens dos rios e outros locais úmidos da Síria e terra santa. É árvore silvestre que cresce nas proximidades dos rios, na região do Líbano, e planta-se naqueles lugares em que se pode achar bastante umidade. As largas folhas e os ramos horizontais que possui a protegem perfeitamente dos raios solares. A casca é macia e esbranquiçada, cobrindo-se anualmente de renovos; esta circunstância pode explicar o estratagema de Jacó (Gn 30.37).

pó. Lançar pó ou cinza sobre a cabeça era sinal de luto (Js 7.6); sentar-se no pó era sinal de aflição (Is 47.1; Lm 3.29); sacudir em certo lugar o pó, aderente às sandálias, queria dizer que se renunciava às relações com a gente da povoação; lamber o póera sinal de abjeta submissão (Sl 72.9).

Deus ameaça os hebreus com uma chuva de pó (Dt 28.24). Isso é uma referência às terríveis tempestades de poeira que muitas vezes produzem grandes estragos, molestando os olhos, os ouvidos e o nariz, e fazendo mal aos ribeiros, campos e jardins. Lançar pó sobre uma pessoa é sinal de grande abominação. Em quase toda a Ásia, os que pedem justiça para um criminoso lançam pó sobre ele, querendo com isso significar que o tal deve perder a vida e ser lançado na sepultura. Simei manifestou sua hostilidade para com Davi arremessando-lhe pedras e levantando poeira quando o rei fugia de Absalão (2Sm 16.13). Era costume antigo nesses países áridos abafar a poeira diante de uma pessoa de distinção, regando o chão com água. Lançar pó para o ar, enquanto alguém estava passando, denotava ato de grande irreverência, sendo um ultraje se a pessoa fosse o soberano. Simei, por meio de seu gesto, queria mostrar que Davi não deveria viver mais tempo. Quando os judeus prenderam Paulo no templo, eles atiraram "poeira para os ares" (At 22.23), indicando com esse ato o seu ódio para com ele. Em Dt 28.24, fala-se da poeira trazida pelo vendaval, em vez da chuva. Em Ct 3.6, os "pós aromáticos do mercador" são os perfumes.

pobreza. A lei judaica era cuidadosa acerca dos pobres. Eles tinham direito de apanhar aquém e além o que se deixava ficar no campo depois da ceifa, ou depois da vindima, ou depois da colheita de azeitonas (Lv 19.9,10; Dt 24.19,21; Rt 2.2). No ano sabático, os pobres eram autorizados a ter parte nos excedentes (Êx 23.11; Lv 25.6); e, se eles tivessem vendido alguma porção da sua terra ou cedido sua liberdade pessoal, tudo isso lhes devia ser restaurado no Ano do Jubileu (Lv 25.25ss; Dt 15.12ss). Além disso, eram protegidos contra a usura (Lv 25.35,37; Dt 15.7,8; 24.10-13); recebiam uma porção dos dízimos (Dt 26.12,13); e sua situação ainda tinha de ser considerada sob outros pontos de vista (Lv 19.13; Dt 16.11,14). V. ESMOLA, EMPRÉSTIMOS, DÍZIMO.

poço. Em muitos lugares da terra santa, encontram-se fontes de água "viva", ou nascentes. Uma fonte desse gênero se chamava *ayin*, "olho", palavra que aparece em nomes de localidades, como "En-Gedi" e "En-Rogel". Uma palavra distinta dessa é *Beer*, que significa um poço escavado em situações favoráveis, para recolher as águas vindas de qualquer parte. Esta palavra entra também na composição de nomes de lugar — Berseba, Beera, Beerote. Além dos poços particulares, havia muitos poços públicos que homens eminentes mandavam abrir para uso geral ou por simples ato de benevolência. São exemplos o poço de Abraão e o poço de Jacó. Era grande o valor de tais poços em um clima quente e geralmente seco, e por essa razão ocasionalmente surgiam conflitos relacionados à posse deles. No tempo dos patriarcas, houve lutas entre Abraão e Abimeleque e entre Isaque e os filisteus por causa de poços (Gn 21.25; 26.18). Reuel recebeu Moisés em sua casa pelos serviços que ele lhe prestou, defendendo suas filhas contra os pastores que as impediam de tirar água para o rebanho de seu pai (Êx2.15-17). Parece que a mulher de Samaria julgou que o poço junto ao qual estava Jesus tinha sido uma prova de poder e generosidade de Jacó (Jo 4.12); e a filha de Calebe considerava incompleto o presente de terras que seu pai lhe dera, sem os necessários poços (Jz 1.14,15). Para não se desperdiçar a água e o

poço não se enchesse de areia, ele era coberto e algumas vezes fechado (Gn 29.2). Outros poços podiam ser abertos em certas ocasiões e na presença dos proprietários ou de seus servos. Raquel tinha provavelmente poder sobre o poço ao qual se faz referência em Gn 29.3, porque ele não foi aberto até que ela chegasse. A água era geralmente tirada dos poços com cântaros, mas atualmente emprega-se para esse fim uma roldana.
Em Gn 14.10, a palavra significa um lago betuminoso que cobre a parte mais baixa do vale do Jordão. Em Gn 37.20, trata-se de um poço seco, em formato de garrafa, onde José foi lançado por seus irmãos. Em Êx21.33, é um local para guardar grão, que em algumas ocasiões é uma escavação na rocha (v. tb. Jó 33.18ss; Sl 9.15ss). Em Sl 7.15, há uma alusão ao método de apanhar as feras, fazendo poços e cobrindo-os levemente com ramos ou estrume. Em Ap 9.1,2, "o poço do abismo" quer dizer a morada dos espíritos maus; em Lc 8.31, "abismo" tem a mesma significação. V. INFERNO.

poesia dos hebreus. I. *A sua forma.* É provável que nos tempos mais antigos, quando a história e a doutrina, e mesmo as regras do ritual e da moral, começaram a ser transmitidas, a poesia fosse usada como meio de impressionar a alma. É ainda mais provável que tal poesia fosse escrita de forma bastante rudimentar, pertencendo a rima e a metrificação a um período posterior da história dos hebreus. Sendo assim, quanto à sua forma, a poesia hebraica representa um período antigo de expressão poética. Na medida em que nos é possível determinar o caráter da poesia bíblica, os versos não eram medidos, a não ser em certos casos, e a rima era raramente usada. Algumas vezes, como se disse, é fácil achar a metrificação nos cânticos elegíacos usados pelas mulheres em ocasião de funeral e nos poemas do mesmo gênero. Tais são, por exemplo, as palavras proferidas pelas carpideiras em Jr 9.18-20 e os prantos de Am 5.1ss, assim como as esmeradas lamentações de Jr 1—4. Nesta espécie de poesia, o versículo está dividido em várias partes, sendo sua proporção de 3 para 2, com uma forte cesura entre elas, propiciando um ritmo particular, como se a última parte fosse desaparecendo. Chama-se o *quiná*, ou a medida de lamentação.
Em que pode, pois, a poesia hebraica distinguir- se na sua forma? Pelo seu ritmo, é a resposta. Um pedaço de prosa em hebraico pode ser belo, mas lhe falta o ritmo, que é distintivo da poesia. Na poesia hebraica, o ritmo tem um equilíbrio não de forma apenas, mas também de significação. A isso se chama tecnicamente paralelismo; e, em todas as introduções ao livro de Salmos, veem-se as várias espécies desse gênero de poesia. Basta dizer aqui que, evidentemente, a segunda parte de um verso pode concordar com a exposição da primeira (Sl 19.1) ou mostrar o lado oposto da verdade (Sl 1.6), podendo ainda tais paralelismos ser duplos (Sl 103.11,12). Alguns poetas, particularmente, ao que parece, os das épocas posteriores, gostavam de iniciar cada linha de um poema com uma nova letra do alfabeto (p. ex., Sl 25); e em um só caso (Sl 119) cada uma das estâncias começa com a mesma letra, até que as 22 letras do alfabeto hebraico sejam todas empregadas.
II. O seu caráter. Os mais importantes poemas do AT são o chamado "Cântico da Espada", de Lameque (Gn 4.23,24); o cântico de Miriã ao atravessar o mar Vermelho (Êx15); o cântico do poço (Nm 21.17,18); o cântico de Moisés (Dt 32); o cântico de Débora (Jz 5); os extratos do Livro dos Justos, em Js 10.12,13 (a batalha de Gibeom, sob a direção de Josué) e em 2Sm 1.19-27 (a lamentação de Davi a respeito de Saul e Jônatas); o cântico de Davi (2Sm 22); as poesias

contidas no livro de Isaías (p. ex., 5.1-7,26); Salmos, Provérbios, Cântico dos Cânticos de Salomão, Lamentações. Além dessas obras, muitas profecias assumem até certo ponto uma forma poética, mas não são poemas no sentido estrito da palavra.
Deve-se notar que nenhum desses poemas é puramente secular, ainda que naturalmente deva ter havido muitos cânticos seculares entre os hebreus (v. Is 23.15; 24.9). Os cânticos de Salomão, embora sejam propriamente uma coleção de odes entoadas durante a semana do casamento, não formam realmente uma exceção, porque, pela maneira em que a poesia se acha composta, logo desde o início houve a compreensão de que ela significava a relação de Deus para com Israel.
Assim, tudo o que chegou ao nosso conhecimento trata, mais ou menos diretamente, da comunhão da alma individual com Deus ou da íntima relação entre Deus e a nação.É difícil saber, em certo número de poemas, qual desses dois assuntos se apresenta, porque a linguagem tanto se pode compreender de um modo como de outro. Mesmo o "eu" do escritor pode representar a alma da nação, dirigindo-se a Deus. V. SALMOS, O LIVRO DOS.
A profunda experiência espiritual desses poetas é notável. Por isso, os salmos têm sido transferidos no seu todo para o culto cristão, pois os cristãos neles encontram a expressão daquela comunhão com Deus, a que a sua própria alma aspira.
III. A poesia do NT. Isso bem poderia ser exposto sob o título de poesia dos hebreus, porque todos os escritores do NT eram judeus, à exceção de Lucas; e coisa curiosa é ter ele sido o único que nos faz reviver a parte mais grandiosa das poesias hebraicas. Essa poesia do NT representa duas fases. Primeiramente, a de judeus piedosos, no tempo em que Jesus nasceu. *O Magnificat* (Lc 1.46-55), o *Benedictus* (Lc 1.68-79) e o *Nunc Dimittis* (Lc 2.29-32) eram, sem dúvida, originariamente poemas hebraicos ou aramaicos. Em segundo lugar, seria de esperar que, após a realização da paz e da alegria pelo evangelho com o derramamento do Espírito Santo, se seguiria em pouco tempo a formação de hinos cristãos. Parece efetivamente ter sido este o caso, porque encontramos fragmentos de tais hinos que são citados por Paulo para ilustração de suas próprias palavras (Ef 5.14; 1Tm 3.16). Trata-se somente de fragmentos, mas eles apresentam o lado moral e doutrinal da revelação de Cristo, fazendo ver ao mesmo tempo duas das grandes funções da poesia sagrada, isto é, auxiliar a memória na preservação de verdades e despertar a alma para uma íntima comunhão com Deus, podendo, assim, receber a luz que Deus lhe quer comunicar.

poligamia. A poligamia era um estado reconhecido entre os hebreus; "entretanto, não foi assim desde o princípio", como Jesus lembrou a seus ouvintes (Mt 19.8). Cedo apareceu a poligamia na família de Caim (Gn 4.23); foi um costume dos patriarcas (Gn 16.3; 25.1; 29.29,30), embora, como no caso de Abraão e Jacó, justificativas sejam apresentadas para o fato; existia entre os juízes (Jz 8.30); no caso de Davi, há indiretamente uma sanção expressa (2Sm 12.8); os reis eram polígamos (2Sm 5.13), mas havia restrições à licenciosidade real (Dt 17.17), e, como no caso de Salomão, maus resultados são descritos pela influência de muitas mulheres (1Rs 11.4). A existência da poligamia estava estreitamente relacionada com a da escravidão doméstica; e os direitos da mulher vendida como escrava por seu pai e casada com seu senhor ou com o filho deste estavam definidos na Lei (Êx21.7-11).

pomba. A primeira menção que se faz da pomba na Bíblia é em Gn 8.8,10,12. Noé empregou essa ave com o fim de saber quanto tinham baixado as águas do Dilúvio. As pombas são abundantes na Palestina, tanto em seu estado livre como domesticadas. São classificadas por Moisés entre os animais limpos e sempre foram aves da mais alta estima nas nações orientais. Em Sl 68.13, encontramos referência ao brilho de suas asas, quando se levantam a voar. A pomba é mencionada como símbolo de simplicidade, inocência, gentileza, afeição e fidelidade (Os 7.11; Mt 10.16). Podia ser oferecida em sacrifício pela gente pobre, quando não era possível apresentar oblação mais custosa. Foi nessas condições que Maria ofereceu "um par de rolas ou dois pombinhos" depois do nascimento de Cristo (Lv 12.8; Lc 2.22-24). Lê-se em Is 60.8: "Quem são estes que vêm voando como nuvens e como pombas, ao seu pombal?". A pele brilhantemente avermelhada em volta dos olhos pretos da rolinha explica as palavras de Ct 5.12. O esterco de pombos é muito empregado ainda hoje para adubar as terras no Oriente.

Pôncio Pilatos. V. PILATOS.

Ponto. *País junto do mar.* O território a nordeste da Ásia Menor, adjacente ao mar Negro. Limitava-se ao sul com a Capadócia, a leste com a Cálquida e a oeste com a Patagônia e Galácia. Em tempos mais antigos, fazia parte da Capadócia, quando esta era uma satrapia da Pérsia. Em 480 a.C., contribuiu com cem navios para a armada de Xerxes. Quase quatrocentos anos mais tarde, Mitrídates, o Grande, alargou os limites do Ponto e auxiliou os gregos na guerra contra os citas, estendendo-se então sua influência até o Danúbio. Dentro de alguns anos, porém, ele perdeu parte considerável de seu território, tornando-se o Ponto uma província romana, por volta de 64 a.C. Nos últimos tempos da vida de Paulo, a parte nordeste formava a província da Bitínia e Ponto, ao passo que o resto do território estava compreendido na vasta província da Galácia. Era a residência de certo número de judeus que estavam em Jerusalém no grande dia de Pentecostes; ali também viviam Áquila e os cristãos a quem Pedro se dirige em sua epístola (At 2.9; 18.2; 1Pe 1.1).

Pórcio Festo. V. FESTO.

porco. De nenhum animal se fala na Bíblia com tanta aversão como em relação ao porco. A Lei de Moisés proíbe que se coma sua carne, pois é animal imundo (Lv 11.7; Dt 14.8); e em diversos casos se faz alusão à comida da carne de porco como extraordinária abominação (Js 65.4; 66.3,17). Os mais ortodoxos judeus na Idade Média nem mesmo queriam proferir esse nome; e, quando se referiam ao animal, empregavam a palavra "abominação". Fala-se, contudo, desses cevados como o tipo da impureza: "Como joia de ouro em focinho de porco, assim é a mulher formosa que não tem discrição" (Pv 11.22; cp. Mt 7.6). Mais tarde, eram criadas manadas de porcos para negócio com a população pagã da Palestina (Mt 8.30-32; Mc 5.11-16; Lc 8.32,33; 15.15,16).

porós, alhos-porós. A palavra hebraica tem propriamente o sentido de relva verde, mas usa-se de modo especial para significar alhos-porós.
Os israelitas no deserto cobiçaram esses vegetais que eles tinham experimentado no Egito (Nm 11.5). Segundo Heródoto, os construtores das pirâmides do Egito alimentavam-se de rabanetes, cebolas e alhos, que juntamente com as lentilhas formavam as principais plantas comestíveis dessa fertilíssima terra.

porta. As portas das casas, bem como as das cidades, eram de madeira, ferro ou cobre (1Sm 4.18; At 12.10,13). As portas das cidades eram os lugares de maior afluência do povo para negócios, processos judiciais, conversação e passatempo na ociosidade (Gn 19.1; Dt 17.5; 25.7; Rt 4.1-12; 2Sm 15.2; 2Rs 7.1; Ne 8.1; Jó 29.7; Pv 31.23; Am 5.10,12,15). As portas das cidades continham escritórios à entrada. Eram de dois batentes; cerravam-se com fechaduras e ainda se seguravam com barras de ferro. A porta do templo chamada Formosa (At 3.2) era inteiramente feita de cobre de Corinto, sendo necessários 20 homens para fechá-la.

Porta da Fonte. Uma porta ao sul de Jerusalém, perto da qual havia uma fonte, sendo esta, talvez, a de Siloé (Ne 2.14; 3.15; 12.37).

Porta do Monturo. Melhor tradução seria "porta do monte de refugo". Era uma das portas de Jerusalém (Ne 2.13), fora da qual se juntava refugo de toda espécie. Estava provavelmente perto do ponto mais meridional da cidade.

Porta do Peixe. Uma porta na muralha de Jerusalém, no sentido norte (Ne 3.3; 12.39; Sf 1.10). V. PEIXE.

Porta Formosa (At 3.2,10). Uma porta do templo. V. TEMPLO.

porteiro. O que guarda uma porta ou portaria (2Sm 18.26, "sentinela"; 1Cr 16.42; Ed 2.42; Jo 10.3). Os porteiros do templo formavam uma classe distinta e estavam no seu lugar de dia e de noite, sendo regularmente rendidos. Cuidavam também das ofertas e do tesouro. Eles constituíam um corpo militarizado; eram "os soldados do Senhor", que guardavam a sua casa, nomeados por sorteio para as diversas entradas e pátios do templo e servindo por turnos (1Cr 26.1,13,19; 2Cr 8.14; 35.15). Tinham por obrigação manter a ordem e evitar a entrada de pessoas impuras ou excomungadas. Estavam sempre em número de 24 nos respectivos lugares, sob a vigilância de um oficial superior, que fazia a ronda a intervalos irregulares.

Potifar. *O dom de Rá* (o sol do meio-dia). Era o capitão da guarda do faraó, o oficial que comprou José dos mercadores ismaelitas (Gn 37.36; 39.1). Por sua posição, ele provavelmente tinha o encargo da prisão e vivia lá dentro em compartimentos especiais. A sua propriedade particular constava de terras, sendo José encarregado de tratar da sua lavoura (Gn 39.4-6). As mulheres egípcias de todas as classes desfrutavam absoluta liberdade, havendo, portanto, completa oportunidade para a tentação de José. O fato de Potifar não ter logo matado seu servo dá-nos a conhecer que ele nutria por José grande consideração, duvidando certamente de que ele tivesse praticado o ato de que o acusavam. V. JOSÉ.

poupa. Essa ave também estava entre as que a Lei de Moisés proibia que se comessem (Lv 11.19; Dt 14.18). A poupa, de bico comprido e delgado, alimenta-se dos insetos que encontra nos monturos e nas terras alagadiças, frequentando também os vales no deserto e os locais pantanosos junto das cidades. Possui uma crista alta, e na sua listrada plumagem salientam-se as penas de cor branca. Os seus movimentos são mais grotescos do que belos. A poupa é quase tão grande quanto um tordo, ou sabiá.

praga. Uma doença mortalmente contagiosa, que predomina no Oriente desde os tempos mais remotos, sendo o mais terrível flagelo do Egito e da Síria. O termo é usado metaforicamente para exprimir um castigo especial, resultante de atos malévolos (Êx9.14; Lv 26.21; 1Rs 8.37; v. tb. PRAGAS), e para designar uma calamidade (Mc 5.29,34; Lc 7.21).

Muitas palavras hebraicas se traduzem por "praga", para indicar enfermidades malignas, bem como males físicos e morais.

pragas, as dez. Essas terríveis visitações tiveram por fim levar o faraó a reconhecer e confessar que o Deus dos hebreus era supremo, estando o seu poder acima da nação mais poderosa do mundo, que era então o Egito (Êx 9.16; 1Sm 4.8), cujos habitantes deviam ser julgados por sua crueldade e grosseira idolatria.

I.*A conversão do Nilo em sangue*. Os egípcios tributavam honras divinas ao rio Nilo e o reverenciavam como o primeiro de seus deuses. Diziam que ele era o rival do céu, visto que regava a terra sem o auxílio de nuvens ou chuva. O fato de a água do sagrado rio se transformar em sangue, durante sete dias, foi uma calamidade que causou consternação e terror (Êx 7.14ss).

II. *A praga das rãs.* Na praga das rãs, o próprio rio sagrado foi um ativo instrumento de castigo, com outros de seus deuses. A rã era um animal consagrado ao Sol, sendo considerada um emblema de divina inspiração nas suas intumescências. O repentino desaparecimento da praga foi uma prova tão forte do poder de Deus quanto sua aplicação (Êx8.1ss).

III. *Piolhos.* A praga dos piolhos foi algo particularmente horroroso para os egípcios, tão escrupulosamente asseados e limpos. De modo especial, os sacerdotes rapavam os pelos de todo o corpo de três em três dias, a fim de que nenhum parasito pudesse neles achar-se, enquanto serviam seus deuses. Essa praga abalou os próprios magos, pois, em consequência da pequenez desses insetos, eles não podiam produzi-los pela ligeireza de mãos, sendo obrigados a confessar que estava ali o "dedo de Deus" (Êx 8.19).

IV. *Moscas*. Nas três primeiras pragas, os egípcios sofreram com os israelitas, mas por ocasião da quarta praga Deus, de modo especial, separou de seus opressores o povo que tinha escolhido (Êx 8.20-23).

V. *Peste nos animais.* A quinta praga se declarou no dia seguinte, em conformidade com a determinação divina (Êx 9.1ss). Outra vez é feita uma distinção entre os egípcios e seus cativos. O gado dos primeiros é inteiramente destruído, escapando à mortandade os animais dos israelitas. Esse milagre foi diretamente operado pela mão de Deus, sem a intervenção de Arão, embora Moisés fosse mandado ao faraó com o costumeiro aviso.

VI. *Úlceras.* A sexta praga (Êx9.8ss) mostra que, da parte de Deus, tinha aumentado a severidade contra um monarca obstinado, de coração pérfido. Agora também aparecia Moisés como executor das ordens divinas; com efeito, tendo ele arremessado ao ar, na presença do faraó, uma mão cheia de cinzas, caiu uma praga de úlceras sobre o povo. Foi um ato significativo. A dispersão de cinzas deveria recordar aos egípcios o que eles costumavam fazer no sacrifício de vítimas humanas, concorrendo o ar, que era também uma divindade egípcia, para disseminar a doença.

VII. *Chuva de pedras.* Houve, com certeza, algum intervalo entre essa praga (Êx 9.22ss) e a anterior, porque os egípcios tiveram tempo de ir buscar mais gado na terra de Gósen, onde viviam os israelitas. É também evidente que nessa ocasião os egípcios demonstravam um salutar temor do Deus de Israel, e a tempo precaveram-se contra a terrível praga dos trovões e da saraiva (Êx 9.20).

VIII. *Os gafanhotos.* Essa praga atacou o reino vegetal. Foi um castigo mais terrível que os outros porque a alimentação do povo constava quase inteiramente de vegetais. Nessa ocasião, os

conselheiros do faraó pediram com instância ao rei que se conformasse com o desejo dos mensageiros de Deus, fazendo-lhe ver que o país já tinha sofrido demasiadamente (Êx 10.7). O faraó cedeu até certo ponto, permitindo que somente os homens saíssem do Egito, mas mesmo isso foi feito com tão má vontade que ele mandou Moisés e Arão se retirarem de sua presença (Êx 10.7- 11). Foi então que uma vez mais Moisés estendeu seu braço à ordem de Deus, cobrindo-se a terra de gafanhotos, destruidores de toda a vegetação que tinha escapado da praga da saraiva. Outra vez prometeu o monarca que deixaria sair os israelitas, mas, sendo a praga removida, voltou atrás em sua palavra.

IX. *Três dias de trevas.* A praga das trevas mostraria a falta de poder do deus Sol, ao qual os egípcios prestavam culto. A nova praga caiu intempestivamente sobre os egípcios, havendo uma terrível escuridão sobre a terra durante três dias (Êx10.21ss). Os israelitas, todavia, tinham luz nas suas habitações. O faraó já consentia em que todo o povo deixasse o Egito, devendo, contudo, ficar o gado. Moisés, porém, rejeitou tal solução e, diante de tamanha cegueira do rei, anunciou a última e a mais terrível praga, que seria a destruição dos primogênitos do Egito (Êx 10.24—11.8). Afastou-se Moisés, irritado, da presença do Faraó, cujo coração estava ainda endurecido (Êx 11.9,10).

X. *A morte dos primogênitos.* Foi essa a última e decisiva praga (Êx 11.1ss). Foi também a mais claramente infligida pela direta ação de Deus, não só porque não teve relação alguma com nenhum fenômeno natural, mas também porque ocorreu sem a intervenção de agentes conhecidos. Mesmo as famílias que não possuíam crianças foram afligidas com a morte dos animais primogênitos. Os israelitas foram protegidos e ficaram livres da ação do anjo exterminador pela obediência às especiais disposições divinas.

prata, moedas de. Essa expressão no AT provavelmente refere-se ao siclo, sendo em Mt 26.15 e 27.3,5,6,9 uma quase certa referência aos 30 siclos que se pagavam por um escravo (Zc 11.12,13). Em Lc 15.8, 9, a moeda perdida chama-se "dracma", peça grega equivalente ao denário romano de prata. V. dinheiro, PESOS E MEDIDAS.

prata, ourives da prata. Tanto a prata como o chumbo se encontram na Palestina, havendo minas desses metais (Jó 28.1-11). Alude-se à prata refinada e a diversas ligas de metais em Sl 12.6; Pv 8.19; 25.4; Jr 6.30; Ez 22.20. Todavia, a prata também foi importada em grande quantidade, sendo levada em chapas pelos negociantes de Társis (2Cr 9.21; Jr 10.9). Usava-se em moeda, no fabrico de certos vasos e na prateação de metais inferiores (Gn 13.2; Am 8.6; Mt 26.15). Davi ajuntou uma boa quantidade desse metal para o templo (1Cr 29.2,7), que foi muito abundante no tempo de Salomão (1Rs 10.27). Tendo saído da Fenícia certo número de artífices para a edificação do palácio de Davi (2Sm 5.11) e do templo de Salomão, os hebreus aprenderam com os hábeis artistas de Hirão a arte de gravar em prata. No reinado de Joás, quando se tornaram necessárias algumas obras no templo, não há indício de terem sido empregados artífices estrangeiros (2Rs 12.7-13).

prato. "O que mete comigo a mão no prato" (Mt 26.23; Mc 14.20), disse Jesus na última ceia, referindo-se a Judas. Os convivas tomavam o alimento com os dedos. Cada pessoa partia um pedacinho de pão e metia-o no prato, levando-o depois à boca com qualquer comida que apanhasse, carne ou outro alimento.

predestinação. Essa palavra tem o sentido do termo grego proorizo, que significa o ato de limitar ou determinar antecipadamente (At 4.28; Rm 8.29,30; 1Co 2.7; Ef 1.5,11). Dessa maneira, diz respeito aos altos desígnios de Deus.
Quando em sentido mais restrito, com respeito à religião, considera-se a predestinação de Deus, ou uma determinação antecipada, estamos ainda face a face com o problema da Divindade; e, neste caso, podemos dizer que a doutrina da predestinação está associada com a da eleição. A única diferença é que a eleição se refere ao ato de escolha, enquanto a predestinação diz respeito à finalidade dessa escolha.
Na grandiosa passagem de Ef 1.4-14, as bênçãos do evangelho são relacionadas: 1) ao eterno propósito do Pai (v. 4-6); 2) à revelação histórica do Filho (v. 7-12); e 3) ao dom pessoal do Espírito Santo (v. 13, 14). Os cristãos a que se refere a epístola eram as pessoas que, pelo amor de Deus e pelos fins de predestinação, já haviam sido chamadas dentro da obra de Cristo, estando então sua vida individual sob a direção do Espírito Santo.
Em primeiro lugar, a Escritura nos ensina a predestinação de Deus, referindo-se ao seu plano geral de salvação. Vê-se isso no AT, na maneira pela qual o povo de Israel foi eleito para possuir privilégios nacionais temporais e espirituais. Mas no NT a eleição se vincula às realidades espirituais, quer se trate de oportunidades presentes, quer de perspectivas de segurança futura. Todavia, todo o NT insiste na resposta do pecador a essa atitude divina e na responsabilidade de todos os seres humanos de ouvir, aceitar e obedecer, a fim de possuir tais bênçãos. Eis que aqui se apresentam expressivamente estes dois grandes fatores — a soberania divina e a responsabilidade humana —, aparentemente opostos, mas realmente complementares da direção divina. Na verdade, Deus quer salvar do pecado o ser humano, daí ter enviado Jesus Cristo e manifestado sua graça. Isso se mostra na grandiosa obra da salvação desde seu início. A Escritura, porém, é igualmente clara quando diz que a graça divina opera segundo a boa disposição das pessoas em recebê-la, e ensina que ninguém pode ser salvo a menos que receba essa mesma graça. Esses dois lados da questão assim apresentados, mas nunca reconciliados, devem ser considerados sem nenhuma tentativa de completa explicação; portanto, com as nossas limitadas faculdades presentes, é obviamente impossível a reconciliação. Os dois lados são como linhas paralelas, que nunca se encontram, mas são igual e absolutamente necessárias. Devemos ser cuidadosos em manter tudo o que as Escrituras Sagradas nos ensinam e também em sustentar as doutrinas bíblicas segundo nos são apresentadas. A predestinação acha-se sempre relacionada: 1) à união com Cristo (Ef 1.4); 2) à presciência de Deus (1Pe 1.2); 3) ao plano divino de vivermos servindo (Ef 2.10); e 4) vontade divina de que sejamos santos (Rm 8.28-30; Ef 1.4; 2Ts 2.13). Quando a doutrina se apresenta em íntima relação com esses aspectos, procurando constantemente sua realidade espiritual, e não a considerando simplesmente sob o ponto de vista intelectual, não haverá nenhuma dificuldade prática. Quando iniciamos a vida cristã simplesmente depositando nossa fé em Cristo, logo percebemos algo do que Deus exige de nós e podemos entrar mais profundamente no plano da Providência, segundo a operação do Espírito de Deus em nosso coração.

presa. São os despojos tomados na guerra (Nm 31.27-32). Segundo a Lei de Moisés, a presa deveria ser igualmente dividida entre aqueles que estiveram em batalha e os que ficaram em casa e no campo. Davi resolveu que, no exército, as tropas que guardavam a bagagem deveriam ter

parte igual à daqueles que entravam na luta (1Sm 30.24). Contudo, mesmo no tempo de Abraão era reservada uma porção dos despojos para fins religiosos, com o nome de dízimo (Gn 14.20). Nesse particular exemplo, Abraão mostra seu edificante desinteresse, recusando sua parte do que havia sido tomado ao inimigo. Pela leitura de Dt 20.14-17, percebemos que, embora os prisioneiros de guerra fossem considerados legítimo despojo, esses aprisionamentos não deveriam ser feitos na própria terra de Canaã. V. DÍZIMO.

presbítero. Em 1Tm 4.14, Paulo recomenda a Timóteo: "Não te faças negligente para com o dom que há em ti, o qual te foi concedido [...] com a imposição das mãos do presbitério". Em 2Tm 1.6, o apóstolo fala do "dom de Deus que há em ti pela imposição das minhas mãos". O "presbitério" era o conselho dos presbíteros (cp. At 13.1-3.) V. BISPO, IGREJA.

presente. O costume de dar presentes é muito comum nos países do Oriente. Governadores e reis, percebendo muitas vezes as dificuldades e os perigos de alcançar rendimentos por meio do lançamento de impostos, estimulavam seus súditos a livremente oferecer-lhes presentes (1Sm 10.27). Era sempre de esperar que quem se aproximasse do rei ou de seus ministros lhes entregasse alguma dádiva (Pv 18.16). Essa prática deu origem a grandes abusos, abrindo larga porta ao suborno e a toda espécie de corrupção, atos fortemente condenados em muitas passagens das Escrituras Sagradas (Êx23.8; Dt 10.17; Sl 15.5; Is 1.23 e vários outros textos). Algumas vezes o rei, quando celebrava alguma festa, presenteava com vestimentas todos os que tinham sido convidados, a fim de que estes envergassem a veste apropriada antes de se sentarem à mesa (Gn 45.22; 2Rs 10.22; Ap 3.5). Recusar um presente era considerado grande insulto. Entretanto, oferecer algo é frequentemente apenas a maneira oriental de começar um negócio (v. Gn 23; 2Sm 24.22).

pretório. O pretório era originariamente a tenda do general em um campo romano; foi depois o palácio do governador; e, finalmente, a sala da audiência para administração da justiça. O governador romano residia em Jerusalém, no pretório, que em outros tempos fora o palácio de Herodes, o Grande (Mc 15.16); e em Cesareia, onde também Herodes possuíra uma habitação (At 23.35). O pretório de Pilatos era a torre Antônia, a cidadela de Jerusalém. Na Epístola aos Filipenses (1.13), a mesma palavra grega é traduzida por "guarda pretoriana", isto é, a guarda cujo dever era cuidar exclusivamente da pessoa do imperador.

primícias dos frutos. A lei ordenava que os primeiros frutos da terra fossem oferecidos na casa de Deus por ocasião das três grandes festas anuais (Êx 22.29; 23.19; 34.26). Era uma obrigação nacional e ao mesmo tempo individual. De diversos modos, os judeus deveriam reconhecer seu estado de devedores para com Deus pela fertilidade da terra (Êx 34.22; Lv 23.10,20,39; Nm 15.19,20; Dt 26.2-11). A quantidade mínima que se oferecia estava fixada, segundo o costume, em 1/60 de toda a produção.
Cada pessoa que subia ao monte do templo levava aos ombros seu cesto contendo os primeiros frutos e uma oferta de rolinhas, e dirigia-se ao pátio do templo, encontrando ali os levitas a cantar o salmo 30. As pombas eram sacrificadas em holocausto, sendo as primícias dos frutos apresentadas aos sacerdotes com as palavras indicadas no cap. 26 de Deuteronômio. Os sacerdotes moviam as ofertas no canto sudoeste do altar. Depois de passarem a noite em Jerusalém, os peregrinos voltavam no dia seguinte para suas casas (Dt 16.7). V. SACRIFÍCIO.
O termo "primícias" é metaforicamente aplicado no NT a Jesus Cristo, com referência à

ressurreição (1Co 15.20-23) e também aos judeus ou pagãos convertidos fé cristã (Rm 11.16ss; 16.5; 1Co 16.15).

primogęnito. Eram diversos os privilégios que o primogênito ou o filho mais velho possuía. Ele era consagrado ao Senhor (Êx 22.29) e, segundo a Lei, devia ser remido por meio de uma oferta de valor até 5 siclos, dentro de um mês desde o seu nascimento. Era-lhe dada uma porção dobrada da herança que lhe cabia (Dt 21.17). O filho primogênito era, normalmente, o sucessor do rei no trono (2Cr 21.3). Contudo, os privilégios intrínsecos à primogenitura podiam ser perdidos por má conduta, como ocorreu no caso de Esaú (Gn 27.37). Entre os animais, o macho primogênito também era devotado a Deus (Êx 13.2, 12,13; 22.29; 34.19,20).

primogęnitos, morte dos.. V PRAGAS, AS DEZ.

príncipe. Essa palavra é usada a respeito do chefe ou pessoa principal da família, ou da tribo, sendo também assim intitulados os primeiros sacerdotes da assembleia ou da sinagoga, e os principais dos filhos de Rúben, Judá e outros (Gn 17.20; 23.6; 25.16; Nm 1.16; 16.2; 34.18ss). Também se aplica ao soberano de um país e a seus principais dignitários (Gn 12.15). Jesus Cristo é o "príncipe dos reis da terra" (Ap 1.5, ARC), porque manifesta superioridade em relação a todos, concedendo autoridade segundo acha conveniente. Ele é o "Príncipe da Paz", porque sob seu governo há perfeita paz (Is 9.6). O "príncipe deste mundo" é o diabo, que se vangloria de ter todos os reinos do mundo à sua disposição (Jo 12.31; 14.30; 16.11).

prisão. O castigo de detenção, embora primitivamente em uso entre os egípcios (Gn 39.20; 40.3; 42.17), não era ordenado pela lei judaica; o suposto criminoso era, contudo, detido até seu julgamento (Lv 24.12; Nm 15.34). Durante o período da conquista e dos juízes, na verdade até o tempo de Saul, não há indicação de que os hebreus mantivessem prisões. Mais adiante, a prisão era uma parte do palácio real (1Rs 22.27), seguindo o costume das nações circunvizinhas (2Rs 25.27; Ne 3.25; Jr 32.2). Houve outra forma de prisão, na qual uma casa particular servia para manter os acusados em lugar seguro (Jr 37.15). Os prisioneiros sustentavam-se à sua própria custa, combinando todos a sua alimentação. No tempo de Cristo, cada palácio ou fortaleza tinha sua prisão, geralmente lugares subterrâneos (Lc 3.20; At 12.4- 10). O Sinédrio também contava com um lugar para detenção de pessoas acusadas de qualquer delito (At 5.18-23; 8.3). Em todas as prisões, eram usados cadeias e troncos para manter bem seguros os presos, e até mesmo, segundo o costume dos romanos, eles ficavam ligados aos soldados. Geralmente, como no caso de Paulo, os amigos podiam entrar nos cárceres (Mt 11.2; 25.36,39; At 24.23). Além das prisões referidas, qualquer lugar conveniente poderia servir de encarceramento (Gn 37.24; Jr 38.6-11).

Metaforicamente, chama-se prisão a uma condição baixa (Ec 4.14) e também ao estado em que Deus guarda Satanás (Ap 20.7). O mesmo nome é dado ao estado de escravidão espiritual no qual os pecadores são retidos por Satanás, em razão das suas próprias ações e desejos maus (Is 42.7; 53.8). O inferno é semelhante a uma prisão (1Pe 3.19). Os cativos, os escravos, são chamados prisioneiros (Jó 3.18; Sl 69.33; Is 49.9).

procônsul. O principal oficial romano das províncias governadas diretamente pelo Senado romano. O termo é aplicado a Sérgio Paulo, em Chipre (At 13.7,8,12), e a Gálio, na Acaia (At 18.12). O plural é empregado uma só vez, como figura de retórica, segundo parece, em lugar do secretário da câmara de Éfeso (At 19.38).

procurador. *Administrador.* É o principal oficial romano das províncias diretamente governadas pelo imperador (Lc 8.3). Tais eram Pilatos, Félix e Festo.

profecia, profetas. I. A *significação das palavras.* Em Pv 30.1, a palavra hebraica *massa* é traduzida em algumas versões por "profecia" ou "oráculo" (NVI). O termo *profeta*, em Is 30.10, representa a palavra hebraica *chozeh*, que propriamente significa "vidente" e se refere àquele que tem visões. Contudo, sempre, em todas as outras passagens do AT, "profecia" é a tradução de *nebu'a*, e "profeta", a tradução de *nabi*. Não é certa a significação original da raiz (NB'). A raiz (ND') significa ferver em cachão (vento forte), e *nabi,* portanto, supõe- se querer dizer aquele que ferve com a inspiração ou com a mensagem divina. Todavia, é mais provável que *nabi* esteja em conexão com uma raiz assíria ou árabe, que significa proferir, anunciar uma mensagem. Nesse caso, *nabi* é considerado o orador a quem foi confiada uma missão. Isso está em conformidade com o que se lê em Êx7.1: "Então, disse o Senhor a Moisés: Vê que te constituí como Deus sobre Faraó, e Arão, teu irmão, será teu profeta". Por isso, é provável que o nome "profeta", como é empregado na Bíblia, signifique aquele que fala como acreditado mensageiro do Deus Altíssimo. Deve-se observar que no termo de que tratamos aqui não há coisa alguma que implique previsão de acontecimentos. Um profeta pode predizer, ou não, o futuro segundo a mensagem que Deus lhe der. Desse modo, a palavra grega *prophetes*, que se acha na *Septuaginta* e no NT, significa aquele que "expõe, fala sobre certo assunto". Os substantivos abstratos *nebu'a* e *propheteie* ("profecia") têm uma significação correspondente. II. *O estado dos profetas ao receber a sua mensagem.* É importantíssimo ter uma noção certa das condições espirituais do profeta, a fim de que possamos penetrar os segredos da comunicação do ser humano com Deus. A concepção pagã da profecia era a de uma condição absolutamente passiva do profeta, de modo que, quanto mais inconsciente ele se mostrava, mais apto estava a receber a mensagem divina. Alguma coisa desse gênero se pode ver na história do povo israelita. Aquelas danças sagradas dos profetas de Baal, durante as quais eles batiam em si furiosamente, cortando-se com canivetes para que pudessem receber um sinal visível de aprovação divina, eram na realidade uma manifestação típica (1Rs 18.26-28); e é provável que em tempos posteriores os falsos profetas tomassem disposições semelhantes, com o fim de provocar em si próprios o estado de êxtase para suas arengas. Mas a ideia pagã de profecia se apresenta de modo muito claro em Balaão. A sua vontade e os seus próprios pensamentos são vencidos pela inspiração divina, proclamando ele a mensagem celestial, contrariamente aos seus particulares desejos (Nm 22—24). No tempo de Samuel, já se vê o princípio de melhor sistema. Ele reunia em comunidades aqueles que pareciam ter dons especiais da profecia, disciplinando-os, ensinando-lhes a música e, segundo parece, ministrando-lhes conhecimentos da história e religião, para que pudessem estar nas melhores condições de receber as palavras de Deus (1Sm 10.10-13; 19.18-20). A respeito da música, pode-se compreender que era para aquietar a alma e prepará-la para as comunicações com Deus (1Sm 16.14-23; 2Rs 3.15). Quanto a serem essas coisas escritas ou não pelo profeta, isso dependia do caráter particular de cada discurso. Tais profecias, devemos dizê-lo, são inteiramente opostas às produzidas no estado de mero êxtase. São escritas com grande escolha de palavras e frases, revelando a vida anterior dos profetas, os seus interesses e ocupações, e apresentando em vários graus a cultura e as circunstâncias temporais em que cada profecia foi revelada. As profecias de Amós, Miqueias,

Isaías e Jeremias, por exemplo, estão muito longe das de Balaão, tanto na visão espiritual como nos conscientes pensamentos e deliberado estudo. Os profetas tinham aprendido que Deus se servia das próprias faculdades e aptidões deles como instrumento das suas revelações. Na verdade, querendo formar a mais alta concepção do estado do profeta na recepção das comunicações divinas, temos este ideal em Jesus Cristo, que estava em comunhão com seu Pai e anunciava à humanidade o que dele ouvia (Jo 8.26-40; 15.15; 17.8). Em Jesus, não havia o estado de êxtase, mas se manifestava uma clara comunicação espiritual, tendo sua alma um grandioso poder receptivo e ativo. Conforme os profetas alcançavam esse maravilhoso dom de profecia, podiam receber e transmitir perfeitamente a mensagem divina.

III. *A função dos profetas.* Examinando suas palavras em um sentido lato e tomando no seu todo a obra dos profetas, observamos que uma de suas mais importantes funções era a interpretação dos fatos passados e presentes. Ao estudar os acontecimentos na presença de Deus, eles puderam percebê-los na sua luz divina e compreendê-los assim em seu verdadeiro aspecto e significação. Por isso, os profetas não eram realmente historiadores (como o autor dos livros dos Reis), mas foram algumas vezes políticos ativos, bem como dirigentes religiosos. Entre estes, podemos admitir não somente Isaías e Jeremias, mas também Eliseu, visto que este mandou um dos filhos dos profetas ungir Jeú, efetuando assim a destruição da dinastia de Onri, culpada de prestar culto a Baal (2Rs 9). Além disso, o fato de eles perceberem a significação dos acontecimentos passados e presentes habilitava-os a conhecer os resultados da vida pessoal e nacional e a proclamar princípios que tinham um alcance muito mais amplo do que o que eles podiam imaginar. Desse modo, quando as mesmas forças operavam em tempos e lugares muitíssimo distantes dos contemplados pelos próprios profetas, as suas palavras de advertência e conforto achavam cumprimento, não talvez em uma única ocasião, mas por diversas vezes. É a esse poder, intrínseco a uma previsão verdadeiramente inspirada, que Pedro provavelmente se refere, ao escrever que "nenhuma profecia da Escritura provém de particular elucidação" (2Pe 1.20), querendo dizer que seu significado e referência não se devem limitar a nenhum acontecimento no tempo.

IV. *O valor das profecias.* 1. Os sacerdotes tratavam dos rituais, ou melhor, das orações litúrgicas e dos cânticos sagrados. Nos profetas, havia visões mais largas e uma realização mais completa da vontade de Deus na vida diária, tanto particular como nacional. Se quisermos dizer em poucas palavras qual o efeito dos ensinamentos dos profetas sobre seus contemporâneos, quer se trate de pessoas, quer de nações, afirmaremos que a esperança era o forte sentimento que consolava a alma israelita, apesar de um passado manchado pelo pecado e de um presente sob ameaça de castigo. Todavia, superior a tudo, Deus estava realizando seu plano de misericórdia e bênçãos. Nenhuma religião fora do judaísmo podia mostrar em seus ensinamentos tais princípios de consoladora expectativa. Eis um dos grandes segredos que explicam o grande êxito que só a religião de Israel alcançou.

2. Se os contemporâneos dos profetas muito ganharam, ou estiveram em situação de ganhar, com a obra dos profetas, maior proveito disso devemos nós ainda tirar, já que estamos agora preparados para ver bem o efeito de suas doutrinas e predições e considerar as verdades eternas em que eles depositaram completa confiança. De modo particular, podemos apreciar até certo grau suas exposições acerca da grande Personagem por meio da qual haveria de vir a redenção

de Israel. Não é nossa finalidade aqui enumerar as várias profecias com relação a Cristo. A maioria delas é bem conhecida. Basta dizer que, embora os profetas não alcançassem completamente o sentido de suas próprias palavras, esperavam, contudo, um Ente que haveria de ser idealmente perfeito, na sua qualidade de Rei para governar, de Profeta para ensinar e de Sacerdote para reconciliar; que haveria de ser homem, e mais do que homem, pois seria ele mesmo Deus; e que haveria de sofrer até a morte, reinando contudo para sempre na Glória. V. Profecia e profetas do NT. Houve uma pausa: por espaço de trezentos anos, Deus não tinha falado à humanidade. Contudo, ao fim desse período, João, filho de Zacarias, cognominado o Batista, que foi "profeta" e "muito mais que profeta" (Mt 11.9), apareceu revelando às multidões a vontade de Deus a respeito delas e dizendo-lhes que era chegado o tempo em que as profecias sobre a vinda do Libertador deveriam ser cumpridas. De fato chegou o tempo do Profeta ideal, em quem se realizaram, no mais elevado grau, as palavras de Moisés (Dt 18.18; At 3.22), revelando Cristo, em seus atos e palavras, o Espírito do Pai celestial. Compreende-se que a atividade profética não se esgotasse na pessoa de Jesus Cristo, continuando de uma maneira nova, depois que o Espírito Santo foi derramado no dia de Pentecostes. Então, as palavras de Joel receberam parte de seu cumprimento: "Vossos filhos e vossas filhas profetizarão" (Jl 2.28; At 2.17). Mais uma vez, acostumaram-se os cristãos a ouvir os profetas, que se lhes dirigiam em nome do Senhor. Entre estes, são mencionados: Ágabo e outros, vindos de Jerusalém (At 11.27,28; 21.10), profetas em Antioquia (At 13.1), Judas e Silas (At 15.32) e as quatro filhas de Filipe, o evangelista (At 21.9). Paulo também se refere a profetas cristãos em 1Co 12.28ss; 14.29,32,37; Ef 3.5 e 4.11. Compreendemos, por essas passagens, que tais obreiros, tomando parte proeminente nas reuniões e cultos cristãos, eram algumas vezes inclinados a pensar que não podiam restringir o ímpeto da fala. O autor do Apocalipse também se refere frequentes vezes aos profetas cristãos, que são considerados como seus irmãos (Ap 22.9; v. tb. 10.7; 11.10-18; 16.6; 18.20-24; 22.6).

profetas, falsos. Tanto nos tempos do AT como nos do NT, apareciam homens que pretendiam falar em nome de Deus, não tendo, contudo, autoridade para isso, pois não haviam recebido do Senhor mensagem alguma. Isaías apresenta esse tipo como profeta "que ensina a mentira" (Is 9.15); Jeremias queixava-se dos que "profetizam falsamente" (Jr 5.31) e descrevia seus perigosos conselhos (Jr 14.13-15). A esse respeito, v. tb. Os 9.8; Mq 3.5; Sf 3.4; Zc 13.3. Jesus disse aos discípulos que se acautelassem dos "falsos profetas" (Mt 7.15; 24.24). Os profetas a que se faz referência em 1Rs 22.6 podem ter sido aqueles que dirigiam o culto a Baal (v. tb. 1Rs 18.40); ou os dos postes-ídolos (1Rs 18.19); ou então os do culto ao bezerro, no tempo de Roboão. Eram então ministros não da religião judaica, mas do paganismo.

propiciação. Propiciação é algo que leva alguém a perdoar uma ofensa recebida, ou a proceder misericordiosamente para com o ofensor. Duas vezes, Jesus é chamado por João (1Jo 2.2; 4.10) de a "propiciação pelos nossos pecados"; e Paulo fala da "redenção que há em Cristo Jesus, a quem Deus propôs [...] como propiciação" (Rm 3.24,25). Desse modo, a propiciação requerida pela justiça de Deus é manifestada em Cristo Jesus pela misericórdia divina. A palavra usada em Rm 3.25 significa "lugar ou instrumento de propiciação" e em Hb 9.5 é traduzida por

"propiciatório". Na *Septuaginta,* geralmente usa-se o termo a respeito da cobertura de ouro por cima da arca.

propiciatório. A palavra hebraica é *kapporete.* Tem sido muito discutido se kapporete significa uma lâmina para cobrir um lugar, ou o trono da misericórdia divina, ou a propiciação. O objeto indicado (Êx25.17- 22; cp. 37.6-9) era uma lâmina retangular de ouro colocada sobre a arca da Aliança, tendo sobre ela, de ambos os lados, um querubim de ouro. No Dia da Expiação, o propiciatório era aspergido com sangue das vítimas oferecidas pelo pecado (Lv 16.14, 15). Era de cima do propiciatório que o Senhor prometia ouvir o povo e falar com ele (Êx25.22; cp. Nm 7.89). A palavra grega usada na *Septuaginta* e no NT é literalmente "o propiciatório" (v. tb. Rm 3.25, em que o termo hebraico se acha traduzido por "propiciação").

prosélito. *Um estrangeiro.* Era o nome que os judeus davam àqueles que não eram judeus por nascimento, mas que vinham viver no seu país, colocando-se sob a proteção do Senhor; e também eram assim chamados os que abraçavam a religião judaica em outras terras. No NT, algumas vezes se lhes dão o nome de prosélitos, e outras vezes, o de "piedosos" e "tementes a Deus" (At 2.11; 10.2,22; 13.16,43).
Mais tarde, os judeus distinguiam duas espécies de prosélitos: *Prosélitos da Porta*, que habitavam na terra santa ou mesmo fora dali, os quais, sem circuncisão ou nenhuma outra cerimônia da Lei, prestavam culto a Deus e observavam as regras de Noé. Estas implicavam: 1) abster-se da idolatria; 2) da blasfêmia; 3) do assassinato; 4) do adultério; 5) do roubo; 6) nomear juízes justos e íntegros; 7) não comer a carne cortada de nenhum animal estando este vivo. Os privilégios que desfrutavam os Prosélitos da Porta eram: pela sua vida santa, podiam ter esperança da vida eterna e se lhes concedia habitarem na Palestina, partilhando a sua prosperidade. Prosélitos da Justiça eram aqueles que se convertiam ao judaísmo depois de um cuidadoso exame e que se circuncidavam observando toda a Lei de Moisés.

prostituta. A deificação das forças reprodutivas da natureza, culto largamente propagado no Oriente, fazia que a prostituição fosse um dos mais graves males dos tempos bíblicos. Mencionam-se no AT duas classes de prostitutas: 1) A prostituta apartada para fins religiosos. É usada a palavra a respeito de Tamar (Gn 38.21); e a licenciosidade associada a essas práticas idólatras é indicada em Os 4.12-14. 2) Uma pecadora habitual como Raabe (Js 2.1). A frequência do pecado, assim como o achar-se ele associado à idolatria, fazia que o termo fosse tomado em um sentido figurado (como em Is 1.21). No NT, a prostituta é mencionada com os publicanos (Mt 21.31, 32), que acreditou nas palavras de João Batista. Paulo, em 1Co 6.15,16, trata propriamente do pecado. No NT, o pecado da prostituição também é usado em sentido figurado, como no caso da referência à Babilônia (Ap 17).

provérbios. Era o nome dado, pelos hebreus, à sentenças morais, máximas, comparações vigorosas, ditos breves e enigmas. Salomão chama sábios àqueles que estudavam os provérbios (Pv 1.6). A palavra, na sua significação mais simples, diz respeito a certas ilustrações da vida, tiradas das coisas materiais (Pv 10.15; 22.1).

Provérbios, O Livro dos. Esse livro é um exemplo de literatura hebraica que trata da sabedoria ou, como se diz atualmente, da filosofia. A essa mesma classe pertencem Eclesiastes, Jó (embora único em certos aspectos) e alguns dos salmos; e também os livros apócrifos Sabedoria de Salomão e Eclesiástico. Esses livros distinguem-se claramente da literatura profética de Israel.

São mais práticos do que especulativos: apresentam mais a expressão filosófica de almas refletidas do que as formais mensagens do Senhor. Não se encontra a frase "Assim diz o Senhor" nas dissertações da experiência humana e nos problemas da existência. A sua visão vai além da perspectiva judaica: é mais humana e cosmopolita do que nacional. Todas as fases da vida humana são consideradas pelos autores nesses livros. No entanto, o Espírito Divino que operou na alma dos escritores fez que seus pensamentos servissem aos mais altos desígnios. Muitas vezes eles publicaram, assim como os profetas, verdades mais profundas do que o seu conhecimento e proferiram palavras cuja interpretação teve de esperar por tempos futuros.

A palavra "provérbios", aplicada ao que o livro de Provérbios contém, deve ser tomada em sentido lato, incluindo o discurso de introdução (cap. 1—9) e uma parábola, ou alegoria (24.30-34). Na forma, os provérbios são geralmente apresentados em *coplas*, dispostas segundo os vários métodos de paralelismo característicos da poesia hebraica.

A *autoria* do livro foi, desde tempos muito remotos, atribuída a Salomão. No prefácio à introdução, há as seguintes palavras: "Provérbios de Salomão, filho de Davi, o rei de Israel" (1.1); a seção que principia em 10.1 tem o título de "Provérbios de Salomão"; e a que começa em 25.1 abre com as palavras: "São também estes provérbios de Salomão, os quais transcreveram os homens de Ezequias, rei de Judá". Mas outros discursos são atribuídos a diferentes fontes: "as palavras dos sábios" (22.17); os "provérbios dos sábios" (24.23); "Palavras de Agur, filho de Jaque" (30.1); "Palavras do rei Lemuel" (31.1). Por consequência, é possível que a principal coleção (10.1— 22.16) e a seção 25—29, com a introdução, tenham sido obra do próprio Salomão, constituindo somente uma parte dos "três mil provérbios", que lhe são atribuídos em 1Rs 4.32; e que as outras partes do livro tenham sido acrescentadas. O livro pode ser dividido em cinco partes:

I. Dissertação sobre o valor e o alcance da verdadeira sabedoria, cap. 1—9.

II. Provérbios, assim estritamente chamados, compostos em parelhas, de forma muito enérgica e simples, cap. 10 —22.16. Tem a epígrafe de "Provérbios de Salomão".

III. Renovadas advertências sobre o estudo da sabedoria, como na parte I; 22.17-24. A designação dessa série de sentenças acha-se em 22.17: "as palavras dos sábios".

IV. Provérbios de Salomão, escolhidos pelos "homens de Ezequias", cap. 25—29.

V. As sábias instruções de Agur, filho de Jaque, a seus discípulos Itiel e Ucal, e as lições ensinadas ao rei Lemuel por sua mãe, cap. 30 e 31.

Os provérbios do cap. 30 são principalmente enigmáticos; e os v. 10-31 do cap. 31, em acróstico alfabético, dão um quadro da excelência da mulher virtuosa em conformidade com aquele tempo e aquele país. Ainda que a maior parte das regras de Salomão seja principalmente baseada em considerações de prudência, é certo que motivos estritamente religiosos são pressupostos ou expressamente prescritos. As descrições da sabedoria em 1.20-33, cap. 8 e 9.1-6 aplicam-se expressivamente à sabedoria de Deus, revelada e personificada em seu Filho, e ao próprio Filho, como a Palavra Eterna (cp. Pv 8 com Jo 1.1; 14.10). Avisos prévios sobre a imortalidade também nos são dados em 4.18; 12.28; 14.32; 15.24.

A natureza e as consequências do pecado subentendem-se nos próprios termos que descrevem a santidade (cp. 20 com 9.3,14).

A santidade que é dom de Deus está plenamente implicada em 1.23.

publicano. Cobrador de rendimentos públicos entre os romanos. Havia duas espécies de recebedores de tributos: os recebedores gerais e seus delegados em cada província, sendo os primeiros responsáveis para com o imperador pelas rendas do império. Eram os principais recebedores homens de grande importância no governo, geralmente membros de famílias ilustres; mas seus delegados, homens das classes inferiores, eram tidos, por causa de suas rapinas e extorsões, como ladrões e gatunos. As obrigações dos cobradores eram muito mais amplas do que acontece entre nós, porque eles tributavam todos os artigos de mercadoria que passavam pela estrada. V. MATEUS. Entre os judeus, era odiosa a profissão de um publicano. Os galileus principalmente submetiam-se a esses cobradores com a maior repugnância, a ponto de considerarem ilegítimo o pagamento do tributo (v. Mt 22.17). Quanto àqueles publicanos de sua própria nação, eram considerados quase pagãos (Mt 18.17). Os publicanos de que fala o NT eram vistos como traidores e apóstatas, instrumentos do opressor, e classificados como pessoas do mais vil caráter (Mt 9.11; 11.19; 18.17; 21.31,32), sendo os seus únicos amigos os desterrados. Não admira, pois, que aquele que comia e bebia com publicanos fosse tratado com desprezo por seus conterrâneos (Mt 9.11; Lc 15.1; 19.2). As próprias esmolas dessa gente não eram aceitas para a caixa dos pobres da sinagoga! Uma virtude, pelo menos, eles possuíam: a de não serem hipócritas. O publicano que no templo clamou "Ó Deus, sê propício a mim, pecador!" (Lc 18.13) mostrava que alguns da sua desprezada classe tinham sido tocados pela pregação de João Batista (Mt 21.32). O publicano Mateus foi escolhido pelo divino Mestre para participar do grupo dos 12 discípulos.

Públio. *Comum.* Era o nome do governador de Malta quando Paulo ali naufragou (At 28.7). Paulo miraculosamente curou o pai de Públio de uma febre; e, tornando-se esse fato conhecido, outros doentes foram levados ao apóstolo para serem curados (V. PAULO). Malta estava sob a intendência do pretor da Sicília, sendo Públio, provavelmente como principal proprietário da ilha, o seu representante local. Diz-se que ele foi o primeiro bispo maltês, sofrendo o martírio por causa de sua fé cristã.

Pul. 1. É o nome babilônico de Tiglate-Pileser III (IV), o rei da Assíria (2Rs 15.19), que veio contra Menaém, rei de Israel, por este não ter querido pagar o tributo como seu vassalo (V. ISRAEL). Menaém foi, por algum tempo, bem-sucedido em sua rebelião, até mesmo estendendo os limites de seu reino aos territórios que tinham estado sob o domínio de Salomão (1Rs 4.24). Pul, no entanto, marchou sobre a Palestina, e Menaém conseguiu evitar a destruição de Israel pelo pagamento de 100 talentos de ouro, ajuntados pelo regime de capitação (1Cr 5.26).

pulga. Davi compara-se a uma pulga (1Sm 24.14; 26.20), querendo demonstrar sua insignificância. Em parte alguma, as pulgas são mais abundantes do que no Oriente. Os aldeãos que habitam em cabanas feitas de ramos de árvore, ao norte da Síria, são frequentemente obrigados a abandoná-las para evitar o tormento das pulgas, indo residir no deserto durante um ou dois anos.

Punom. Lugar de acampamento dos israelitas, já quase no fim de sua peregrinação pelo deserto (Nm 33.42,43), entre Petra e Zoar. Estava à distância de três dias de viagem, partindo de Moabe, mas esse sítio ainda não foi encontrado.

Pur, Purim. *Sorte, sortes.* Era uma festa instituída para comemorar a sorte que foi lançada por Hamã, grande inimigo dos judeus (Et 3.7). Lançadas as sortes no primeiro mês do ano, foi fixado o dia 13 do 12º mês (adar) do mesmo ano para a execução do plano de Hamã, que era destruir todos os judeus da Pérsia. A superstição de Hamã, em dar crédito às sortes, foi causa de sua própria ruína e da preservação dos judeus, que assim tiveram tempo de procurar o auxílio de Ester. Os judeus observavam a festa nos dias 14 e 15 de adar, dando nessa ocasião, de maneira solene, graças a Deus pelo seu livramento (Et 9.14). Há um provérbio que diz: "O templo pode cair, mas nunca a Festa de Purim". Isso nos mostra como tal livramento impressionou tão poderosamente a alma nacional. V. ESTER, HAMÃ, MORDECAI.

purgatório. Suposto lugar de sofrimento no qual as almas santas são, entre a morte e o juízo, purificadas pelo fogo. Os principais textos nos quais a Igreja católica romana baseia a sua doutrina do purgatório são os seguintes: Sl 38.1; 66.12; Is 4.4; 9.18; Mq 7.8,9; Zc 9.11; Ml 3.3; Mt 5.22,25,26; 12.32; 1Co 3.12-15. A última passagem é a que apresenta dificuldade, mas esse "Dia" deve referir-se ao dia do juízo, que segundo a teoria romana vem depois do purgatório. Por outro lado, todo o ensino do NT rejeita o purgatório. O ladrão na cruz não teve de passar por tal lugar (Lc 23.43), e Paulo também não (2Co 5.8; Fp 1.23). Note-se ainda que a teoria romana é diretamente negada pelo livro da Sabedoria 3.1-3 (o qual a Igreja romana inclui no cânon das Escrituras Sagradas): "A alma dos justos está na mão de Deus, e nenhum tormento a tocará [...], eles estão em paz". A doutrina do purgatório foi pela primeira vez estabelecida pelo papa Gregório I(590-604), embora fosse já conhecida na literatura pagã (v., p. ex., Virgílio, *Eneida*, v. 739). Foi essa uma das doutrinas mais energicamente repudiadas pelos reformadores, principalmente porque os romanistas a relacionavam com as indulgências e outros meios supersticiosos, pelos quais seria abreviado o tempo que a alma haveria de sofrer no purgatório.

purificação. As purificações ordenadas pela lei judaica eram muitas vezes observadas no cumprimento dos votos (At 21.23, 24). V. NAZIREU. As lavagens cerimoniais ou abluções faziam parte dos mais antigos ritos religiosos; contudo, a purificação, na sua simplicidade, segundo a lei judaica, tinha por fim afastar os israelitas do uso daqueles ritos tão supersticiosos, e tantas vezes bárbaros, que os pagãos praticavam nas suas lustrações. A ninguém era permitido aproximar-se de Deus sem empreender a dupla purificação do altar e da bacia — o que se pode talvez espiritualizar, considerando tais atos como símbolos do sangue e do espírito de Jesus (Êx30.18ss; Hb 10.19,22).

A lavagem de todo o corpo era comum na admissão dos prosélitos judaicos em tempos posteriores, bem como em algumas abluções prescritas pela Lei (Êx29.4; Lv 14.8). Havia também um preceito segundo o qual se derramava água nas mãos e nos pés ou se fazia uma simples aspersão (Nm 8.7; 19.18; Dt 21.6). Nos sacrifícios solenes, aspergir o sangue era uma cerimônia indispensável, simbolizando o derramamento do sangue de Cristo pelos nossos pecados (Lv 1.5; 1Pe 1.2). Algumas vezes também se empregava a unção com óleo (Êx 30.26-28; Lv 14.27-29).

Putéoli. *Poços nascentes.* Porto de mar na Itália, a nordeste da baía de Nápoles. Paulo permaneceu ali uma semana, quando ia para Roma (At 28.13). O seu nome moderno é Pozzuoli. Em certo tempo, quando a parte meridional da Itália pertencia aos gregos, o nome da povoação era

Dicaerquia. Foram os romanos que lhe puseram o nome de Putéoli, em virtude de seus banhos quentes naturais. Como porto de mar, tornou-se um lugar de grande movimento, pois ali ancoravam os navios com trigo de Alexandria e desembarcava a maior parte dos viajantes que se dirigiam a Roma. Durante duzentos anos, antes de Cristo, foi também Putéoli o principal porto de que fazia uso o exército romano. A cidade sofreu bastante com tremores de terra e hoje já não tem grande importância.

Q

Queda. Embora não seja usada na Escritura com o sentido de degeneração, a palavra geralmente designa o afastamento da inocência em que o homem vivia para a corrupção predominante na humanidade. A Queda narrada em Gn 3 tem sido interpretada literal ou figurativamente, mas muitos dados sugerem que é figurativa e metafórica. Assim, as duas árvores não são apenas árvores, e a serpente é mais do que um mero réptil. O homem é criado na inocência, sem pecado, não na perfeição e mais alto grau de desenvolvimento, estando unido a Deus por obediência a certas leis que ele transgride. A primeira infração constitui a Queda, conscientemente reconhecida pelo homem, o qual, então, recebe o aviso do plano divino da redenção. Além disso, misteriosamente torna-se conhecido que o primeiro pecado não é apenas de um indivíduo, mas contamina toda a raça humana. Adão representa a origem da espécie humana; nele todos pecam e morrem; como e por que é assim nunca se soube. A Escritura revela o fato, e a experiência humana testemunha sua realidade. A luta contínua com o pecado, na esperança de que o bem será vitorioso no fim, não diz respeito a Adão somente, mas a todos os homens, segundo a primeira citação evangélica em Gn 3.15. A vida humana é conflitante por causa das tendências pecaminosas, mas há, na alma, a esperança da vitória final. Se não fosse assim, a vida seria inexplicável. Assim, alguns pontos necessitam de atenção especial:

I. *A origem do mal.* Deus, o Ente Supremo que existe por si mesmo, infinitamente bom, poderia nos ter criado perfeitamente bons. A capacidade para o mal poderia ter sido afastada por uma retidão inabalável de coração e consciência. Contudo, Deus não quis assim: sua vontade é que sejamos aperfeiçoados pelo sofrimento da tentação que o próprio Jesus suportou; devemos estar contentes em sustentar o combate até alcançarmos gloriosamente a vitória por meio do Salvador.

II. *A Queda e Cristo.* O NT aceita e esclarece as duas doutrinas: a do pecado, absolutamente nocivo, e a de homens, sem exceção, pecaminosos, não tendo esperança alguma em si mesmos. Entretanto, há pouca referência à própria Queda. Nosso Salvador nunca citou esse fato, mas o toma como aceito em todos os seus ensinamentos. Todos pecam; o pecado é um mal profundamente enraizado na vida interior. Todavia, o homem é um ser superior em valor e dignidade. Cristo nos ensina tudo isso e, nas parábolas de Lc 15, entre outras citações, relaciona o caráter pecaminoso do homem e a Queda com a redenção e obra renovadora. Paulo, como observado, baseia sua doutrina de pecado e expiação na revelação de Gênesis. A doutrina do pecado original como resultado da Queda, implicitamente ensinada em diversas passagens, é explicitada em Rm 5.12-21 e 1Co 15.22,44,47.

III. *A Queda e a Encarnação.* Algumas vezes se pergunta: "Se o homem não tivesse pecado, nosso Salvador Jesus Cristo teria se tornado homem?". A pergunta é inútil e sem resposta. Lembremos que a encarnação e a morte de Cristo tornam a expiação completa. A revelação sugere que Cristo encarnou para realizar a redenção(Mt 20.28; Lc 19.10; Gl 4.4ss). Queda, Encarnação, Expiação e Restauração são fatos da história humana e atos da presciência divina. Antes da Queda, a comunhão com Deus era perfeita e voltará a ser no reino. Se, no caso de

serem os homens impecáveis, o Filho de Deus se tornaria homem por amor à humanidade, é uma questão metafísica cuja solução não traria nenhuma vantagem prática. V. PECADO.

Quedar. *O homem de pele preta.* Filho de Ismael (Gn 25.13), pai dos quedaritas. Estes viviam em tendas e muitas vezes eram nômades, mas sua residência principal era ao sul do deserto da Arábia, o norte da Arábia Pétrea e na vizinhança do Mar Vermelho. Todavia, alguns se estabeleceram em vilas ou cidades (Ct 1.5; Is 42.11). Eram famosos flecheiros e bons pastores (Is 21.16,17; Is 60.7; Jr 49.28).

Quedes. *Santuário.* 1. Quedes de Naftali (Jz 4.6). Hoje é Kades, a noroeste do lago de Hulé, ou Merom, e contém muitas ruínas interessantes. Foi cidade fortificada de Naftali (Js 19.37) e cidade de refúgio para os homicidas das tribos do Norte (Js 20.7; 21.32; 1Cr 6.76). Quedes foi residência de Baraque, onde ele e Débora reuniram as tribos de Zebulom e Naftali antes do conflito. Ali perto, estava o carvalho de Zaanaim (TB), onde foi colocada a tenda de Héber e sua mulher Jael, da família dos queneus, e também onde Sísera encontrou a morte (Jz 4.6-11). A povoação foi tomada por Tiglate-Pileser (2Rs 15.29).
2. É hoje Tell Abu Kudeis, perto de Megido; foi cidade real dos cananeus. Josué a conquistou e, na distribuição das terras, coube a Issacar, depois cedida aos gersonitas (Js 12.22; 1Cr 6.72).
3. Cidade de Judá na extremidade sul (Js 15.23). Talvez a mesma que Cades-Barneia.

Quedorlaomer. Rei de Elão no tempo de Abraão. Com três príncipes da Babilônia e seus subordinados, sustentou duas campanhas na Palestina, reduzindo à sujeição os reis de Sodoma, Gomorra e de outras cidades. Conservou seu domínio sobre eles por doze anos, mas no ano seguinte eles se revoltaram. Depois, ele e seus aliados invadiram o país. Após derrotarem muitas tribos vizinhas, encontraram os cinco reis da planície no vale de Sidim. Ele os subjugou completamente: matou os reis de Sodoma e Gomorra, levou consigo grande despojo e ao mesmo tempo a família de Ló. Todavia, Abraão, ouvindo falar do cativeiro de seu sobrinho, tratou de libertá-lo (Gn 14.13-17). A narração bíblica se confirmou com a presença do nome (como servo da deusa Lagamar) nas inscrições cuneiformes da Babilônia; a invasão teria sido pelo ano 2330 a.C.

queijo. Os termos hebraicos traduzidos por "queijo" apenas exprimem vários graus de leite coalhado, sendo impossível saber até que ponto correspondem à nossa ideia de queijo (v. 1Sm 17.18; 2Sm 17.29; Jó10.10).

Queila. 1. É agora Khubet Kila, a aproximadamente 11km a noroeste de Hebrom. Uma cidade de Judá (Js 15.44) que caiu em poder dos filisteus e foi libertada por Davi; seus habitantes estavam dispostos a entregar o libertador a Saul (1Sm 23.1-13); foi reocupada depois da volta do cativeiro (Ne 3.17,18).
2. O garmita, da família de Calebe (1Cr 4.19), onde aparece como Abiqueila.

Quemuel. *Deus existe.* 1. Terceiro filho de Naor, irmão de Abraão (Gn 22.21).
2. Certo príncipe ou chefe de Efraim, um dos designados para dividir a terra (Nm 34.24).
3. Levita, pai de Hasabias, que foi chefe dos levitas no reinado de Davi (1Cr 27.17).

Quenate. *Possessão.* É hoje Kanawat, a sueste de Lejah, a cerca de 32 km ao norte de Busra. Foi uma cidade de Manassés, a leste do Jordão. Ao ser tomada por Noba, recebeu o nome do conquistador; depois foi recuperada por Gesur e Arã (Nm 32.42; Jz 8.11; 1Cr 2.23). Suas ruínas cobrem 1.600 m de comprimento e 800 m de largura.

queneu. Uma das tribos da Palestina no tempo de Abraão (Gn 15.19), que habitava nos retiros fortificados ao sul de Judá (1Sm 15.6 e 27.10). Foi profetizada por Balaão (Nm 24.21,22). Jetro, o sogro de Moisés, era queneu (Jz 1.16). Por isso e por sua amabilidade para com os israelitas vindos do Egito, os queneus foram salvos da destruição quando os amalequitas eram esmagados (1Sm 15.6) depois da conquista de Canaã. No tempo de Débora, Héber, o queneu, vivia muito ao norte (Jz 4.11). Hemate, também queneu, foi fundador da seita ou família conhecida pelo nome de recabitas. V. RECABITAS. Para explicar as longas relações amigáveis entre essa tribo de midianitas errantes e o povo de Israel, deve-se notar que os recabitas realmente estão incluídos nas genealogias de Judá (1Cr 2.55). O professor Sayce julga que os queneus eram uma família de ferreiros.

Queriote. *Cidades* (?). 1. Cidade de Moabe (Jr 48.24). Povoação atualmente identificada com Kureiyeh, uma cidade arruinada entre Busrah e Sulkad, no sul de Haurã. Talvez seja Babba, a 18 km ao sul de Amom.
2. Cidade ao sul de Judá, na fronteira da região montanhosa, a cerca de 19 km ao sul de Hebrom (Js 15.25). O seu nome atual é Kuryetein. V. JUDAS ISCARIOTES.

querubim. Os querubins aparecem no AT como seres celestiais, ministros da vontade divina, mas as referências deixam-nos em dúvida sobre a aparência e a função deles. Em Gn 3.24, são postos a leste do jardim do Éden, "para guardar o caminho da árvore da vida". Havia um querubim de ouro, de asas estendidas, em cada uma das extremidades da cobertura da arca, ou propiciatório (Êx 25.18-22; Hb 9.5). Também havia figuras de querubins tecidas nas cortinas e no véu do tabernáculo (Êx 26). Essas formas angelicais estavam representadas com grande magnificência no templo de Salomão (1Rs 6; v. tb. 2Rs 19.15, Sl 80.1; Is 37.16) e aparecem na visão de Ezequiel a respeito da Jerusalém restaurada (Ez 41.18,20,25).
A descrição mais completa está em Ez 10. No hebraico, cherub é singular, e cherubim é plural.

Quezibe. *Enganador.* Quezibe estava em Judá quando a filha de Sua, uma cananeia, deu à luz seu terceiro filho, Selá (Gn 38.5). É o mesmo lugar que Aczibe na região baixa de Judá (Js 15.44; Mq 1.14).

Quinerete. *Cerca.* Cidade fortificada na tribo de Naftali (Js 19.35). O mar de Quinerete (Nm 34.11; Js 13.27; 12.3) é o nome que o lago de Genesaré tem no AT. Em Dt 3.17 e 1Rs 15.20, o nome geralmente se aplica a toda a província.

Quios. (É hoje Scio.) Ilha separada de Esmirna, cidade na costa da Ásia Menor, por um estreito de 8 km. Paulo ancorou defronte de Quios quando voltava de sua terceira viagem missionária, permanecendo ali por uma noite (At 20.15). Nesse tempo, era uma ilha livre. É alcantilada, montanhosa e celebrada por sua beleza e fertilidade.

Quir de Moabe, Quir-Haresete, Quir-Heres. Uma das duas principais fortalezas de Moabe (2Rs 3.25; Is 15.1; 16.7,11; Jr 48.31,36); estava no cume de um monte, 1.028 m acima do mar Morto e 16 km distante dele, dominando as duas bifurcações do uádi Kerak.

Quiriate-Jearim. *Cidade das florestas.* Também é chamada: Quiriate, Quiriate-Arim, Quiriate-Baal, Baalá e Baale. É uma cidade gibeonita, nos limites de Judá e Benjamim, cedida a Judá (Js 9.17; 15.9,60; 18.14,15,28; Jz 18.12; 1Cr 2.50,52); o lugar onde a arca se conservou por vinte anos (1Sm 6.21; 7.1,2; 2Sm 6.2; 1Cr 13.5,6; 2Cr 1.4); "campo de Jaar" (Sl 132.6); foi reocupada depois do cativeiro (Ed 2.25; Ne 7.29); a residência do profeta Urias (Jr 26.20), que

reforçou os avisos de Jeremias, e foi por isso cruelmente assassinado por Jeoaquim. Não é conhecido o local, mas talvez possamos identificá-lo com Kuriet-el-Enab, a cerca de 13 km a oeste de Jerusalém.

Quirino. Mencionado em Lc 2.2, Cirene é a forma grega de P. Sulpício Quirino. Foi governador da Cilícia, anexada à Síria no tempo de Jesus Cristo. Essa passagem trata do alistamento do povo.

Quis. 1. Pai de Saul, o primeiro rei de Israel (1Sm 9; 2Sm 21.14).
2. Indivíduo de Benjamim (1Cr 9.36).
3. Benjamita bisavô de Mordecai (o primo da rainha Ester), que foi levado cativo para Babilônia na mesma época que o rei Joaquim (Et 2.5).
4. Merarita, da casa de Mali, da tribo de Levi (1Cr 23.21,22; 24.28,29). A expressão "Quis, filho de Abdi" (2Cr 29.12) indica mais a casa levítica ou qualquer ramo sob seu chefe do que um indivíduo.

quisleu. Nono mês do ano judaico. Inicia com a lua nova de dezembro (Ne 1.1; Zc 7.1).

Quisom. É um ribeiro que nasce no monte Gilboa, desliza pela planície de Jezreel com os seus afluentes e torrentes de inverno, corre ao fundo do monte Carmelo entre montanhas, por um estreitíssimo desfiladeiro para a planície de Akka e, finalmente, entra no mar Mediterrâneo, cerca de 9 km distante de sua nascente. Foi local da derrota de Sísera e da destruição dos profetas de Baal (Jz 4.7,13; 5.21; 1Rs 18.40; Sl 83.9).

Quitim. 1. Nome mencionado pela primeira vez em Gn 10.4 entre os filhos de Javã (Jônia, Grécia), que foram habitar as "ilhas das nações". Josefo escreveu que Cetino, um dos filhos de Javã, "possuía a ilha Cetima, que se chama agora Chipre; e, por essa razão, a todas as ilhas e à maior parte da costa marítima dão os hebreus o nome de Cetim". O autor judeu acrescenta que o nome foi também preservado em Citium, cidade da ilha de Chipre, hoje chamada Larnaca (Ant., I, 6.1). Chipre foi colonizada pelos fenícios ao sul e a leste, e o resto pelos gregos. No AT, Quitim refere-se à ilha de Chipre e também significa qualquer poder marítimo ao ocidente da Palestina.
Balaão predisse que uma armada haveria de sair dali para ruína da Assíria. Em Is 23.1,12, a ilha aparece como lugar de concentração das armadas de Tiro. Ali, os de Tiro buscavam cedro ou madeira de buxo, que embutiam marfim para cobrir seus navios (Ez 27.6). Em Dn 11.30, os navios de Quitim avançavam para o Sul a fim de encontrarem o rei do Norte.
2. Bisneto de Noé, cujos descendentes se chamam quitins, isto é, o povo de Chipre e das ilhas adjacentes (Gn 10.4; 1Cr 1.7; e também, aparentemente, Nm 24.24 e Jr 2.10). O local de Kition em Chipre acha-se agora ocupado por Larnaca.

R

rã. A praga das rãs foi uma das dez que afligiram os egípcios (Êx 8). A rã comestível ainda é abundante nesse país, enchendo o ar da noite com seu coaxar. Ao examinar algum dos charcos pantanosos, cheio de rãs, repentinamente elas se movem para todos os lados, mas não cessam de coaxar, pois foram incomodadas: rodeiam o importuno e continuam coaxando, desconfiadas. O sapo verde e a rãzinha das árvores são muito comuns na Palestina. Em Ap 16.13, os espíritos imundos que saem da boca do dragão são semelhantes a rãs.

Raabe. *Altivez, insolência, orgulho.* 1. Nome poético do Egito (Sl 87.4; 89.10; Is 51.9). Parece estar baseado em um antigo conto mitológico em que Raabe é um monstro marinho. 2. Prostituta de Jericó, que escondeu os espias enviados por Josué. Como recompensa, sua vida foi poupada quando a cidade foi conquistada (Js 2; 6.25). Casou com Salmom, príncipe de Judá, e dela descenderam Davi e Jesus (Mt 1.5). O autor da Epístola aos Hebreus engrandece sua fé (11.31), e Tiago a mencionou como exemplo da fé que produz boas obras (2.25).

Rabe-Saris. *Principal eunuco (?).* 1. Oficial do rei da Assíria, Senaqueribe, mandado contra Jerusalém no reinado de Ezequias (2Rs 18.17). 2. Título de Sarsequim e Nubusazbã, príncipes de Nabucodonosor, rei da Babilônia. O primeiro assistiu à tomada de Jerusalém e à prisão de Zedequias nessa ocasião, apesar de seus esforços para escapar; teve os olhos vazados e foi mandado para a Babilônia, carregado de cadeias. O segundo é mencionado entre os outros príncipes incumbidos de livrar Jeremias da prisão (Jr 39.3,13).

rabi. Título de honra, empregado pelos judeus, que significa "mestre"; tratamento dado a Jesus muitas vezes (Mt 23.7,8; 26.25,49; Mc 14.45; Jo 1.38,49; 3.2,26; 4.31; 6.25; 11.8, ARC). Rab, com significado de grande, entra na composição de muitos nomes de altos cargos.

Rabsaqué. Título militar que designa superioridade entre os assírios. Enviado de Senaqueribe, rei da Assíria, era conhecido apenas pelo título e foi enviado a Jerusalém para persuadir o povo a entregar-se, enquanto seu rei, após conquistar outras grandes cidades de Judá, estava cercando Laquis. Rabsaqué conhecia o hebraico e falou ao povo em sua própria língua, sustentando que a expedição de Senaqueribe era sancionada e ordenada pelo Senhor. É possível que soubesse, de algum modo, das profecias de Isaías a respeito da desolaçãode Judá e Israel pela obra destruidora dos assírios e tenha baseado suas palavras nelas (2Rs 18.17,19; Is 36 e 37).

raca. Termo popular de insulto que significa "vil", "desprezível" (Mt 5.22, ARC, TB). Está em estreita relação com a palavra *rekim*, traduzida por "homens levianos" em Jz 11.3. Os rabinos ensinavam que o uso da expressão era um crime quase tão grave quanto o assassinato.

rainha. Diversas palavras hebraicas foram traduzidas por "rainha". A primeira designa uma reinante soberana como a rainha de Sabá (1Rs 10.1), assim como Vasti e Ester (Et 1.9; 2.22). A segunda (Ne 2.6; Sl 45.9) supõe a esposa do rei. A terceira (1Rs 11.19; 2Rs 10.13; Dn 5.10) era empregada com referência à rainha-mãe, que exercia grande autoridade segundo o costume oriental.

"Rainha dos Céus". Título da deusa adorada pelas mulheres hebraicas pela conivência de seus maridos. Ofereciam-lhe bolos, faziam libações e queimavam incenso em sua honra nas ruas de

Jerusalém (Jr 7.18; 44.17-25). É muito provável identificá- la com Istar (ou Ishtar) da Babilônia, ou com Vênus, ou com a Lua. V. ASTORETE.

Ramá. *Lugar alto.* 1. Cidade de Benjamim (Js 18.25; Jz 4.5; 19.13) edificada sobre o cume de um monte, dominando a grande estrada do norte, 8 km distante de Jerusalém. Era uma fortaleza de fronteira, tomada e reconquistada por diversas vezes (1Rs 15.17-22; 2Cr 16.1,5,6; Is 10.29; Os 5.8); local de uma carnificina (Jr 31.15; Mt 2.18) e da prisão de Jeremias (Jr 40.1); foi reocupada depois da volta do cativeiro (Ne 7.30; 11.33). As suas ruínas ainda revelam sua importância primitiva. Hoje é Er-Ram.
2. Cidade do monte Efraim, terra natal e sepultura de Samuel (1Sm 7.17; 8.4; 15.34; 16.13; 19.18; 25.1; 28.3). O nome do lugar por extenso é Ramataim-Zofim. Tem sido identificada com Neby-Samwil, um local de grande altura, a 6 km a noroeste de Jerusalém, onde está o suposto túmulo do profeta.
3. Atual Er-Ramé, a 3 km a noroeste de Ain-Hazor: uma cidade murada ao sul de Naftali (Js 19.36).
4. Atual Rámia, 5 km distante de Tiro. Cidade da fronteira de Aser (Js 19.29).
5. O mesmo que Ramote-Gileade: 2Rs 8.29; 2Cr 22.6.

Ramessés. *Ra [o deus Sol] lhe deu nascimento.* Cidade do Egito ocupada pelos irmãos de José (Gn 47.11); cidade edificada, ou reedificada, para o faraó, pelos oprimidos israelitas (Êx 1.11). Foi onde começou o êxodo dos israelitas (Êx 12.37; Nm 33.3, 5); situada na parte oeste da terra de Gósen, não longe de Pitom.

Ramote-Gileade. *Alturas de Gileade.* Cidade de Gade, refúgio dos meraritas (Dt 4.43; Js 20.8; 21.38). Foi um dos comissariados de Salomão (1Rs 4.13) tomado pelo rei da Síria, e, por querer recuperá-la, Acabe perdeu sua vida (1Rs 22; 2Cr 18). Jorão a retomou (2Rs 8.28,29; 9.14; 2Cr 22.5,6), e Jeú, um de seus capitães, foi ungido e proclamado rei em seu lugar (2Rs 9.1-14).

raposa. As raposas, ou chacais, são abundantes em algumas partes da Judeia. Alimentam-se de aves e pequenos quadrúpedes. "Serão entregues ao poder da espada, e virão a ser pasto dos chacais" (Sl 63.10, ARC). Essa passagem demonstra os exércitos que eram seguidos por chacais, que devoravam os corpos deixados pelo caminho. Para evitar que os chacais devassassem as sepulturas, a terra era bem batida e misturada com espinhos. Sansão destruiu as searas dos filisteus, apanhando 300 raposas e atando suas caudas aos pares. Em seguida, pôs um tição em fogo entre elas e mandou-as para os campos (Jz 15.4,5). O fato de andarem em grandes catervas facilitaria a caça de tantas por meio de laços. Se a corda que prendia as duas caudas era grande o suficiente, correriam naturalmente aos pares, pois são animais muito gregários. Em uma antiga festividade romana, era costume juntar as raposas de modo semelhante com um farol entre elas. As raposas, ou chacais, faziam grande devastação nas vinhas (Ct 2.15). O chacal comum da Palestina é de uma cor amarelo-escuro.

Raquel. *Ovelha.* Foi esposa de Jacó, que só casou com ela depois de ter servido Labão, pai dela, e seu tio, por catorze anos. Como Raquel furtou as imagens de seu pai, ela ainda não estava livre das superstições e idolatria que prevaleciam na terra, de onde Abraão tinha sido chamado (Js 24.2,14). Era irmã de Lia e mãe de José e Benjamim. Morreu quando dava à luz Benjamim, sendo sepultada no caminho para Efrata, isto é, em Belém. Seu túmulo, o primeiro exemplo

bíblico de um monumento sepulcral, ainda está ali (Gn 35.19). Contudo, em 1Sm 10.2 se lê que o túmulo da mãe de José estava no limite norte de Benjamim, em Ramá (Jr 31.15). A explicação dada é: o verdadeiro sepulcro de Raquel estava realmente em Belém de Judá, mas uma semelhança dele estava posta em Ramá, território de seu filho Benjamim. Os incidentes de sua vida estão descritos em Gn 29—31, 33 e 35. Em Jr 31.15 e Mt 2.18, quando escreveram Raquel, queriam significar as tribos de Efraim e Manassés, os filhos de José. A profecia de Jeremias se cumpriu quando as duas tribos foram levadas cativas para além do rio Eufrates. Já Mt 2.18 serve-se disso para ilustrar o terrível acontecimento de Belém, quando Herodes mandou matar os meninos de até 2 anos. Por consequência, podia afirmar-se que Raquel, ali sepultada, chorava a morte de tantas crianças inocentes.

rato. O rato não podia servir de alimento (Lv 11.29). Ratos de campo e tumores atacaram os filisteus como pragas, servindo-lhes de aviso de que deveriam enviar a arca de volta aos israelitas (1Sm 6). Comida de rato é apresentada com horror em Is 66.17. Essa espécie de animais é abundante na Palestina.

Rebeca. Filha de Betuel encontrada pelo servo de Abraão na cidade de Naor, em Padã-Arã, e trazida para a Palestina para ser esposa de Isaque (Gn 24). Depois de dezenove anos de esterilidade, finalmente foi mãe de Esaú e Jacó (Gn 25.20-26). Rebeca favorecia seu filho mais novo e o induziu a enganar o pai (Gn 27). Ao receber as consequências da cólera de Esaú, ela persuadiu Isaque a mandar Jacó para Padã-Arã, onde estava sua família. Rebeca já não é mencionada quando Jacó voltou para seu pai, por isso se supõe que morrera durante a estada de seu filho em Padã-Arã. Paulo refere-se a Rebeca como conhecedora dos desígnios de Deus, a respeito de seus filhos, antes de eles terem nascido (Rm 9.10).

Recabe. *Cavaleiros (?).* 1. Pai de Jonadabe (2Rs 10.15,23; Jr 35.6-19); está relacionado aos queneus (1Cr 2.55). (V. RECABITAS.)
2. Guerreiro que, com seu irmão Baaná, assassinou Isbosete, filho de Saul. Foram mortos por ordem de Davi, por terem praticado esse homicídio (2Sm 4.2).
3. Pai ou antepassado de Malquias, governador do distrito de Bete-Haquerém (Ne 3.14), nomeado para reparar a Porta do Monturo, nas fortificações de Jerusalém, sob a direção de Neemias. Talvez seja a mesma pessoa mencionada no item 1.

recabitas. Seita ou ordem religiosa, iniciada em Jonadabe, filho de Recabe. Os seus princípios consistiam em reação e protesto contra o luxo e a licenciosidade que ameaçavam destruir inteiramente a simplicidade da antiga vida nômade de Israel no reinado de Acabe e Jezabel. Por causa de seus ideais, os recabitas não bebiam vinho, nem edificavam casas, nem semeavam grão, nem plantavam vinhas, nem possuíam coisa alguma. Habitavam em tendas, em memória de terem sido estrangeiros na terra. Por dois séculos e meio, cumpriram fielmente suas normas; mas, quando Nabucodonosor invadiu Judá, em 607 a.C., tiveram de abandonar suas tendas.

reconciliação. No AT, em algumas passagens, a palavra é vertida para "reconciliação", em outras, para "expiação do pecado" (Lv 6.31; 16.20; Ez 45.15,17). No NT, as palavras demonstram mudança espiritual, transformando inimizade em afeto. Em 2Co 5.18,19 e Cl 1.20,22, diz-se que Deus reconciliou o homem, "todas as coisas" e o mundo consigo mesmo por Jesus Cristo em sua morte (Rm 5.10). Semelhantemente, Jesus Cristo, pela cruz, reconciliou com Deus tanto os judeus como os gentios (Ef 2.16). Proclamar a obra reconciliadora de Jesus Cristo é

chamado de "ministério" e, também, a "palavra" de reconciliação (2Co 5.18,19). V. EXPIAÇÃO, PROPICIAÇÃO.

rede. Os egípcios faziam suas redes de fio de linho usando uma farpa própria de madeira. Como essas redes eram bem conhecidas dos judeus antigos (Is 19.8), é possível que a forma e o material fossem os mesmos nos dois países. As redes usadas para aves no Egito eram de duas espécies: armadilhas e laços. V. CAÇADOR. A rede, ou laço, é uma imagem dos sutis artifícios dos inimigos de Deus (Sl 9.15; 25.15; 31.4), além do inevitável castigo da Providência (Lm 1.13; Ez 12.13; Os 7.12). Usa-se também o termo a respeito da obra, que, de modo semelhante à corda, enfeita o capitel da coluna (1Rs 7.17).

redentor, redenção, remir. Retomar posse de uma pessoa ou coisa, reaver pela compra, tornar a alcançar um direito: atos que a Lei mosaica regula com muita particularidade. A redenção, ou resgate, de terras e casas (Lv 25.23,24,29), de um israelita (Lv 25.48) e de uma propriedade votada ou consagrada a Deus (Lv 27.9-27) acha-se claramente legalizada. Todavia, como a pessoa que havia vendido a casa, ou terra, ou a si próprio, tinha poucas probabilidades de alcançar os meios de resgatar o que tinha sido alienado, era assegurado a seus parentes o direito da redenção (Lv 25.48,49). Desse modo, o hebraico göel ("resgatador") veio a significar parente (Rt 2.20), que exercia o direito de "vingador de sangue" (Nm 35.19,21,27; Dt 19.12). Outra palavra hebraica é empregada para significar a redenção do primogênito (Êx 13.13,15). No NT, as duas ideias que as palavras "redenção" e "remir" do AT sugerem são compra (Gl 3.13; 4.5; Ap 5.9) e libertação (Lc 1.68; 24.21; Rm 3.24; Ef 1.7; Tt 2.14; 1Pe 1.18). V. EXPIAÇÃO; SANGUE, VINGADOR DO; PROPICIAÇÃO.

refains. 1. Uma raça de gigantes (Gn 14.5; 15.20).
2. O vale de Refaim, hoje chamado de El-Bukeia, é uma planície fértil, fechada de todos os lados por cordilheiras, que se estende progressivamente de Jerusalém para o sudoeste por quase 2 km, estreitando-se depois e formando o uádi El-Werd. Servia de limite às tribos de Judá e Benjamim (Js 15.8; 18.16) e foi local de conflitos entre Davi e os filisteus (2Sm 5.18,22; 23.13; 1Cr 11.15; 14.9).

refeição. Os termos no hebraico (Gn 43.16; Pv 15.17) têm um significado geral: qualquer porção de alimento que se come. O jantar de Lc 14.12 é, em certos países, o almoço. Os egípcios faziam sua refeição principal ao meio-dia (Gn 43.16); os trabalhadores tomavam uma leve refeição àquela hora (Rt 2.14); e em certas ocasiões essa mesma hora era consagrada a excessos de comida e bebida (1Rs 20.16). Os judeus seguiam o costume, ainda prevalecente entre os beduínos, de fazerem sua refeição principal depois do pôr do sol (Gn 19.1-3; Êx16.12; 18.12; Rt 3.7). Nos tempos do NT, o almoço era de manhã (Jo 21.5,12), mas não antes das 9 horas em dias de trabalho, pois era a primeira hora de oração (At 2.15); no sábado, almoçava-se depois do meio-dia, quando o serviço da sinagoga estava terminado. Os antigos hebreus sentavam-se para fazer suas refeições (Gn 27.19; Jz 19.6; 1Sm 20.5,24; 1Rs 13.20); com o aumento da suntuosidade da vida, o costume de comer sentado mudou-se no modo de estar reclinado. O profeta Ezequiel censura um indivíduo que se sentava "num suntuoso leito, diante do qual se achava mesa preparada" (Ez 23.41). No tempo de Jesus, as pessoas se reclinarem para comer já era costume universal. Em regra, somente três pessoas se acomodavam em cada leito, mas ocasionalmente quatro, até cinco. Os leitos tinham almofadas

para apoiar o cotovelo esquerdo, ficando livre o braço direito. O convidado, que ocupava o mesmo leito com outros, estava em posição mais elevada que seu vizinho, de forma que cada um descansava sua cabeça junto do peito do que ficava atrás dele, dizendo- se, então, que estava recostado no seio desse (Jo 13.23). Essa proximidade tornava o costume de colocar-se um amigo em seguida a outro agradável, proporcionando ocasião de fazerem confidências (Jo 13.25; 21.20). Como cabia às mulheres dar atenção aos hóspedes (Lc 10.40), provavelmente tomavam refeições irregulares e de curta duração. Antes de comer, os convidados lavavam as mãos, pois talheres não estavam em uso, e todos comiam do mesmo prato. Há, no AT, um exemplo apenas de darem graças a Deus antes da comida (1Sm 9.13). Contudo, por várias vezes se afirma, no NT, que Jesus pronunciava a oração de graças no princípio das refeições (Mt 15.36; Lc 9.16; Jo 6.11). Geralmente havia um prato simples, no qual cada comensal punha a mão (Mt 26.23); ocasionalmente eram servidas porções separadas a cada um (Gn 43.34; Rt 2.14; 1Sm 1.4). Um pedaço de pão, que se pegava com o polegar e dois dedos da mão direita, era mergulhado em uma tigela com molho de gordura, chamando-se a isso sopa (Jo 13.26), ou então era molhado no prato da comida e depois levado à boca. Era julgado como delicadeza passar a um amigo um bocado de pão (Jo 13.26). Após a refeição, davam-se graças a Deus, conforme Dt 8.10, sendo outra vez lavadas as mãos.
Por ocasião das festas ou ocasiões especiais, usava-se maior cerimonial. Os visitantes eram recebidos com um beijo (Lc 7.45); uma bacia com água era trazida para lavarem a cabeça, a barba e os pés (Lc 7.44); algumas vezes, os vestidos eram perfumados com unguento (Sl 23.5; Am 6.6; Lc 7.38; Jo 12.3); em ocasiões mais solenes, vestes de banquete eram providenciadas (Mt 22.11); e a cabeça era adornada com grinaldas (Is 28.1). A ordem da festa estava sob o cuidado de certa pessoa, o "mestre-sala" (Jo 2.8), que provava a comida e as bebidas antes de irem à mesa. Os lugares eram estabelecidos segundo a posição dos convidados (Gn 43.33; 1Sm 9.22; Mc 12.39; Lc 14.8; Jo 13.23); certas quantidades de comida eram colocadas diante de cada um (1Sm 1.4; 2Sm 6.19; 1Cr 16.3), recebendo os mais categorizados uma porção maior (Gn 43.33) ou mais escolhida do que os outros (1Sm 9.24).

refém. Muitas vezes, reis e nações subjugados entregavam certas pessoas ao conquistador, geralmente aquelas consideradas mais importantes, como garantia do cumprimento das condições estabelecidas. A expressão hebraica significa "filhos do penhor" (2Rs 14.14; 2Cr 25.24).

Refidim. *Sustentáculos (?).* A primeira e mais demorada parada que os israelitas fizeram, após sua saída do Egito; foi o lugar onde eles murmuravam, e, mais tarde, a rocha foi ferida para dar-lhes água. No mesmo local, Jetro visitou Moisés e também ali os amalequitas foram derrotados (Êx17.8; 19.2; Nm 33.14,15). Talvez seja o moderno uádi Feiran.

regeneração. A palavra traduzida por "regeneração" encontra-se somente duas vezes no NT (Mt 19.28; Tt 3.5). A primeira refere-se ao novo estado de coisas a se realizarem na segunda vinda de Cristo. A segunda trata da presente vida espiritual do cristão e é considerada o primeiro meio da misericórdia de Deus que nos salva: a) a lavagem da regeneração; b) a renovação do Santo Espírito. Para uma distinção entre elas, devemos dizer que a primeira parece sugerir uma condição de vida em que o Espírito Santo opera sua obra de renovação; assim, a palavra significa em relação ao presente o que Mt 19.28 significa em relação ao futuro. Há várias

passagens com palavras cognatas. Em Jo 1.12ss, os crentes são nascidos de Deus; em Jo 3.3, há um novo nascimento; em 3.5, o cristão deve ser "nascido da água e do Espírito". Em 1João, há vários sinais que caracterizam quem é nascido de Deus (2.29; 3.9,10,14; 5.1,4,18). Outras frases paralelas são: "uma nova criatura" (2Co 5.17; Gl 6.15), "passou da morte para a vida" (Jo 5.24) e "filhos de Deus" (1Jo 3.10). O fato de Deus conceder vida se passa secreta e ocultamente entre Deus e a alma; mas o nascimento é visível a todos. Devemos, pois, cuidadosamente distinguir a implantação de uma vida espiritual pela graça de Deus do fato de *vir à luz* (nascimento) vida para observação humana. O termo "regeneração" em Tt 3.5 e as palavras de Jesus "quem vem das alturas" (Jo 3.31) descrevem a natividade (lat. *nativitas*), e não a geração (lat. *generatio*). A alma novamente gerada é novamente nascida, mas renascimento (lat. *renatus*) pressupõe sempre nova geração (lat. *regeneratio*). O Espírito Santo, que concede vida pela Palavra (Tg 1.18), é, também, agente divino do novo nascimento (Jo 3.3,5,6,8, nascido de novo, nascido do Espírito), pois nos une à comunidade espiritual onde devemos crescer (At 2.47: "acrescentava-lhes o Senhor"). Considerando as coisas terrenas, a alma nascida de novo entra no corpo visível dos cristãos pelo batismo (At 2.41), na esfera em que sua vida já existente deve crescer e operar. Desse modo, do lado espiritual, o Espírito Santo, e do lado temporal, a ordenação do batismo, são considerados introdutórios de uma nova vida com relação à obra espiritual e temporal da igreja. Esses dois podem ser coincidentes ou separados, pois o nascimento do Espírito não está ligado ao tempo do batismo. A regeneração, quer como nova geração quer como novo nascimento, deve cuidadosamente distinguir-se da conversão. A regeneração é obra divina; a conversão é a resposta do homem a essa operação. A volta da alma para Deus é resultado do dom da vida. Converter-se é, na verdade, voltar-se para Deus.

Régen-Meleque. *Amigo do rei (?).* Uma das pessoas mandadas pelos cativos em Babilônia para investigar no templo a respeito do jejum (Zc 7.2).

rei. 1. O título de rei, como suprema autoridade e poder, é usado a respeito de Deus (Sl 10.16; 47.7; 1Tm 1.17).
2. Título aplicado a Jesus Cristo como rei dos judeus (Mt 27.11,37,42).
3. No AT, o título é empregado em um sentido muito amplo. Não trata apenas dos grandes potentados da Terra como os faraós do Egito (Gn 41.46) e o rei da Pérsia (Ed 1.1), mas também de pequenos monarcas, como o rei de Jericó (Js 2.2; cp. Jz 1.7).
4. Também designa o povo de Deus (Ap 1.6); a morte, como em "rei dos terrores" (Jó 18.14); e o "crocodilo", como na frase "e rei sobre todos os animais orgulhosos" (Jó 41.34).
5. Na história dos hebreus, o governo dos reis sucedeu ao dos juízes. A monarquia, existente nos povos circunvizinhos, foi uma concessão de Deus (1Sm 8.7; 12.12) correspondendo a um desejo do povo. Esse desejo, já manifestado em uma proposta a Gideão (Jz 8.22,23) e na escolha de Abimeleque para rei de Siquém (Jz 9.6), equivalia à rejeição da teocracia (1Sm 8.7), pois o Senhor era o verdadeiro rei da nação (1Sm 8.7; Is 33.22); a própria terra era conservada como propriedade divina (Lv 25.23). Todavia, o cuidado de Deus não foi retirado de seu povo (1Sm 12.22; 1Rs 6.13). A monarquia constituída era hereditária, embora a sucessão não fosse necessariamente pelos primogênitos, pois Davi nomeou Salomão como sucessor, em vez de Adonias, seu filho mais velho nessa ocasião. A pessoa do rei era inviolável (1Sm 24.5-8; 2Sm 1.14). Quando a coroa era colocada na cabeça do monarca, ele formava um pacto com seus

súditos, o de governá-los com justiça (2Sm 5.3; 1Cr 11.3), e os nobres se comprometiam a prestar obediência; e confirmavam sua palavra com o beijo de homenagem (1Sm 10.1). Os rendimentos reais provinham dos campos de trigo, das vinhas, dos olivais (1Sm 8.14; 1Cr 27.26-28) e do produto dos rebanhos (1Sm 21.7; 2Sm 13.23; 1Cr 27.29-31; 2Cr 26.10); a décima parte de cada um deles pertencia aos reis (1Sm 8.15,17). A renda do rei também vinha dos tributos pagos pelos negociantes que atravessavam o território hebraico (1Rs 10.15); dos presentes oferecidos pelos súditos (1Sm 10.27; 16.20; 1Rs 10.25; Sl 72.10); dos despojos da guerra e das contribuições das nações conquistadas (2Sm 8.2,7,8,10; 1Rs 4.21; 2Cr 27.5). O rei tinha, também, o poder de exigir o trabalho forçado, o que aumentava seus bens. Além disso, Salomão devia ter obtido lucros de suas empresas comerciais pelo mar. Davi, rei em Hebrom (2Sm 2.1-4,11). A história da monarquia, considerando primeiro o Reino Unido, e depois o Reino Dividido, é apresentada em resumo no quadro seguinte.

REIS DE ISRAEL E DE JUDÁ

Datas conforme a "Cronologia" de Frank Klassen, 1975

(*A Bíblia em ordem cronológica*, Editora Vida, 2003).

O Reino Unido	
A.C.	
1065 –	Saul torna-se rei (1Sm 9). Saul é confirmado rei (1Sm 11). Instruções de Samuel a Gilgal (1Sm 12).
1063 –	Primeira guerra contra os filisteus (1Sm 13). Primeira rejeição a Saul como rei. Vitória de Jônatas sobre os filisteus (1Sm 14). Guerra constante contra os filisteus.
1055 –	Nascimento de Davi (2Sm 5.4).
1050 –	Segunda rejeição a Saul como rei (1Sm 15).
1030 –	Nascimento de Mefibosete (2Sm 4.4). Declínio de Saul e ascensão de Davi. Inimizade entre Saul e Davi. Davi corre perigo e foge (1Sm 19). Misericórdia de Davi para com Saul; cresce a popularidade de Davi (1Sm 24). A queda de Saul.
1025 –	Davi torna-se rei. Período inicial em Hebrom (2Sm 5; 1Rs 2; 1Cr 29).
1018 –	Todo o Israel unido por Davi após sete anos e meio de rebelião (1Cr 29).
1016 –	A arca é trazida de volta a Jerusalém. Aumenta o poder de Israel. O pecado de Davi e suas consequências. Davi e Bate-Seba (1Rs 15). A conspiração de Absalão (2Sm 12—18). Davi reassume o trono. Retorno a Jerusalém (2Sm 19). Guerras e fomes. Últimos dias de Davi.
988 –	O recenseamento. Salomão casa-se com Naamá; nascimento de Roboão (1Rs 14.21). Conflitos finais de Davi (1Rs 1). Davi reúne material para a construção do templo (1Cr 22). Instruções de Davi. Responsabilidades delegadas. Pronunciamento de Davi ŕ assembleia em Jerusalém (1Cr 28). Últimas palavras de Davi. Morte de Davi (1Rs 2; 1Cr 29). Salmos de Davi.
985 –	Salomão torna-se rei (1Rs 1 e 2). O Senhor estava com ele (2Cr 1). Adonias e Joabe são mortos; Abiatar é destituído (1Rs 2). Casamento com a filha do faraó (1Rs 3). O amor de Salomão ao Senhor. Sacrifício em Gibeom. Salomão pede sabedoria a Deus. Retorno a Jerusalém (2Cr 1). Demonstração de sabedoria (1Rs 3).

Reação dos egípcios ŕ morte de Davi (1Rs 11). Os assessores de Salomão (1Rs 4).

982 – As edificações de Salomão (1Rs 5). Preparativos para construções. A construção do templo (1Rs 6).

975 – A construção do palácio real (1Rs 7). Confecção dos ornamentos do templo. Conclusão dos trabalhos.

974 – A dedicação do templo (1Rs 8).

962 – Prestígio e declínio de Salomão (1Rs 9). A prosperidade de Salomão. A amada e o amado; o Cântico dos Cânticos. O prestígio de Salomão (1Rs 9). Provérbios. O declínio de Salomão (1Rs 11). A condição infeliz do desviado (Ec).

945 – Morte de Salomão (1Rs 11 e 12). Descendentes de Salomão (1Cr 3).

O Reino Dividido		
Judá	**a. C.**	**Israel**
Roboão – Mau conselho causa revolta entre as dez tribos (1Rs 12); Roboão torna-se rei de Judá (1Rs 14); advertência para não lutar contra Israel (1Rs 12; 2Cr 11); influência espiritual; fortificações; a família real; a apostasia de Roboão (2Cr 12); nascimento de Asa; invasão de Sisaque, rei do Egito (1Rs 14; 2Cr 12); Asa começa a reinar em parceria com Roboão e mais tarde com Abias; guerra constante entre Jeroboão e Roboão; morte de Roboão (1Rs 14).	945	Jeroboão – A revolta das tribos (1Rs 12); Jeroboão torna-se rei de Israel; o rei conduz o povo à idolatria; o altar usado para o mal (1Rs 13); juízo pronunciado por um homem de Deus; Jeroboão pronunciado por um homem de Deus; Jeroboão persiste na prática do mal; Aías prediz a morte do filho de Abias (1Rs 14); guerra constante entre Jeroboão e Roboão; guerra entre Jeroboão e Abias.
Abias – Início do reinado (1Rs 15); guerra entre Jeroboão e Abias (2Cr 13); a família real; uma vida de pecados (1Rs 15); morte de Abias.	928	
Asa – Primeira reforma (2Cr 14; 1Rs 15); cidades construídas e exército; nascimento de Josafá(1Rs 22.45); Zerá e os etíopes são derrotados (2Cr 14); a profecia de Azarias (2Cr 15); a segunda reforma; guerra no final do reinado; guerra entre Baasa e Asa (1Rs 15); Asa derrota Israel com a ajuda dos sírios (2Cr 16); advertência do profeta Hanani; nascimento de Jeorão; Josafá começa a governar em parceria com Asa; Asa e a doença nos pés; morte de Asa (1Rs 15).	926	
	925	Nadabe – Uma vida de pecados (1Rs 15); morte de Jeroboão I (2Cr 13; 1Rs 14); Nadabe assassinado por Baasa (1Rs 15).
	924	Baasa – Uma vida de pecados (1Rs 15); assassinato da família de Jeroboão; guerra entre Baasa e Asa (1Rs 15); Asa derrota Israel com a ajuda dos sírios (2Cr 16); profecia de Jeú (1Rs 16); morte de Baasa, sucedido por Elá.
	901	Elá – Uma vida de pecados (1Rs 16); assassinado por Zinri.
	900	Zinri – Assassinato da família de Elá (1Rs 16); morte em um incêndio.
		Onri – Governo paralelo de Tibni (1Rs 16); morte de

		Tibni; Samaria, a capital; Acabe começa a governar em parceria com Onri; morte de Onri.
	889	Acabe – Instituída a adoração a Baal em Samaria (1Rs 16 e 21); reconstrução de Jericó; perseguição aos profetas (1Rs 18); início do ministério de Elias (1Rs 17); Eliseu junta-se a Elias (1Rs 19); guerra com os sírios (1Rs 20); Acabe e Nabote (1Rs 21); Josafá une-se a Acabe em sua terceira campanha contra a Síria.
Josafá – Uma vida santa (2Cr 17); Jeorão (Judá) casa-se com Atalia (Israel) (2Rs 8.18); nascimento de Acazias; Jeorão inicia o governo em parceria com Josafá; Josafá une-se a Acabe em sua terceira campanha contra a Síria (1Rs 22); Josafá é censurado por causa da aliança com Acabe; Josafá é censurado por causa da aliança com Acabe (2Cr 19); Josafá restaura a ordem na adoração; vitória sobre Moabe e Amom (2Cr 20); breve aliança entre Israel e Judá (1Rs 22); Josafá une-se a Jorão contra os moabitas (2 Rs 3).	886	
	870	Acazias – Uma vida de pecados (1Rs 22); a rebelião de Moabe (2Rs 3); o rei adoece (2Rs 1); breve aliança entre Israel e Judá (2Cr 20); Elias pede que caia fogo do céu (2Rs 1); morte de Acazias.
	869	Jorão – Início do reinado (2Rs 3); traslado de Elias (2Rs 2); início do ministério de Eliseu; Josafá une-se a Jorão contra os moabitas (2Rs 3); ministério de Eliseu (2Rs 4); cegueira causa derrota dos sírios (2Rs 6); cerco de Samaria, livramento confirmado pelos leprosos; propriedade devolvida à sunamita após sete anos de fome (2Rs 8); Hazael mata Ben-Hadade II e começa a reinar na Síria; Acazias auxilia Jorão contra o rei da Síria; Acazias visita Jorão em Jezreel.
Jeorão – Continuação do governo em parceria com Josafá; morte de Josafá (2Cr 20); uma vida de pecados (2Rs 8; 2Cr 21); revolta de Edom e Libna; profecia de Elias, praga; árabes e filisteus saqueiam Jerusalém pela segunda vez; o julgamento de Edom; a doença de Jeorão; nascimento de Joás.	865	
Acazias – Governo em parceria com Jeorão (2Rs 8 e 9); doença e morte de Jeorão (2Cr 21); Acazias começa a reinar sozinho (2Rs 8; 2Cr 22); Acazias auxilia Jorão contra a Síria; Acazias visita Jorão em Jezreel; Jeú derrota Jorão em Jezreel; príncipes de Judá eliminados; Jeú ordena a morte de Acazias.	859	
	858	Jeú – Jeú é ungido rei por ordem de Eliseu (2Rs 9); Jeú derrota Jorão em Jezreel; príncipes de Judá eliminados (2Rs 10); Jeú ordena a morte de Acazias (2Rs 9); Jezabel é morta por ordem de Jeú; julgamento sobre a casa de Acabe (2Rs 10); Jonadabe é poupado; a morte dos ministros de Baal; apostasia de Jeú, pressionado pela Síria; morte de Jeú.
Atalia – A família real é eliminada (2Rs 11); Joás é poupado (2Crs 22).	857	

Joás – Joás torna-se rei (2Rs 11); Atalia é executada; uma vida santa (2Cr 24); reavivamento sob a liderança de Joiada (2Rs 11); a família de Joás; nascimento de Amazias; a deslealdade dos sacerdotes; o templo é reparado (2Rs 12); Israel sofre devastação; mais tarde é restaurado (Jl 1); morte de Joiada (2Cr 24); a apostasia do rei; Joás suborna Hazael (2Rs 12); nascimento de Uzias (2Cr 24); Zacarias é eliminado; Judá é derrotado pela Síria; Joás é morto pelos seus oficiais.	852	
	830	Jeoacaz – Uma vida de pecados (2Rs 13); oprimido pela Síria; nascimento de Jeroboão II.
	814	Jeoás – Governo em parceria com Jeoacaz (2Rs 13); morte de Jeoacaz; Jeoás começa a reinar sozinho; uma vida de pecados; Jeoás visita Eliseu; morte de Eliseu e milagre no túmulo; derrota da Síria após a morte de Hazael; Judá contrata israelitas temporariamente (2Cr 25); mercenários dispensados saqueiam cidades de Judá; Jeroboão II inicia governo em parceria com Jeoás; Jerusalém é saqueada pela terceira vez, guerra perdida para Israel; morte de Jeoás (2Rs 13).
Amazias – Uma vida santa, na maior parte do reinado (2Cr 25); o exército em prontidão; Judá contrata israelitas temporariamente; vitória de Amazias sobre Edom (2Rs 14); mercenários dispensados saqueiam cidades de Judá (2Cr 25); a idolatria de Amazias; Jerusalém é saqueada pela terceira vez (2Rs 14); guerra perdida para Israel.	812	
Uzias – Uma vida santa (2 Rs 14 e 15); últimos quinze anos do reinado de Amazias; reconstrução de Elate; morte de Amazias; Uzias derrota os filisteus e aumenta seu prestígio; nascimento de Jotão; nascimento de Isaías; o grande terremoto de Am 1.1; nascimento de Acaz; instrução de Uzias no ofício sacerdotal (2Cr 26); fundação de Roma: início do período romano; Uzias é acometido de lepra; Jotão começa a governar em parceria com Uzias; morte de Uzias; a visão de Isaías (Is 6).	799	
	798	Jeroboão II – Israel é salvo, apesar da apostasia (2 Rs 14); a restauração futura de Israel (Am 9); início da mensagem de Oseias (Os 1); Jonas é comissionado para Nínive (Jn 1); julgamentos de destruição (Am 1); continuação da mensagem de Amós (Am 7); últimos dias de Jeroboão II (2Rs 14); morte de Jeroboão II; promessa de castigo ao povo pecador (Os 4).
	762	Zacarias – Uma vida de pecados (2Rs 15); assassinado por Salum; o grande terremoto de Am 1.1.
		Salum (2Rs 15).
	761	Menaém – Uma vida de pecados (2Rs 15); invasão assíria comandada por Pul; fundação de Roma, início do período romano; reinado de Assur-Narári II; morte de Menaém.

	750	Pecaías – Uma vida de pecados (2Rs 15); assassinado por Peca.
	748	Peca – Uma vida de pecados (2Rs 15); Tiglate-Pileser III começa a reinar na Assíria; Rezim, sucessor de Ben-Hadade III, começa a reinar na Síria; Rezim une-se a Peca para atacar Judá; prosperidade de Peca (2Cr 28); vitória sobre alguns de Judá; a intercessão de Obede, prisioneiros libertados (2Cr 28); fracassa a conspiração da Síria e de Israel contra Judá (Is 7); Tiglate-Pileser III conquista algumas áreas para a Assíria (2Rs 15); Peca assassinado por Oseias.
	747	Jotão – Uma vida santa (2Cr 27); Isaías, o profeta (Is 1—4); Miqueias declara o descontentamento de Deus com Israel (Mq 1); Jotão torna-se poderoso (2Cr 27); nascimento de Ezequias (2 Rs 18.2); Acaz começa a governar em parceria com Jotão; Rezim une-se a Peca para atacar Judá (2Rs 15); morte de Jotão.
Acaz – Prosperidade de Peca (2Cr 28); vitória sobre alguns de Judá; o filho de uma virgem é a esperança para o futuro (Is 7 e 9); profecia acerca da invasão de Judá pela Assíria (Is 7); o castigo iminente sobre Israel e Judá (Is 9); a intercessão de Obede; prisioneiros libertados (2Cr 28); fracassa a conspiração da Síria e de Israel contra Judá (Is 7); os inimigos não prevalecerão contra Judá, mas Israel irá à ruína em 65 anos; invasão dos edomitas e dos filisteus (2Cr 28); Damasco será julgada (Is 8;17); a Assíria derrota a Síria; Rezim, inimigo de Judá, é assassinado (2Cr 28); Judá é advertido acerca do julgamento iminente (Is 1); Acaz copia o altar de Damasco; a paganização de Jerusalém (2Rs 16).	732	
	729	Oseias – Uma vida de pecados (2s 17); Salmaneser V sucede Tiglate-Pileser II na Assíria; mensagem dos profetas (Is 28); muitos israelitas unem-se com Judá para celebrar a Páscoa (2Cr 30); os ídolos são destruídos (2Cr 31); Oseias é aprisionado (2Rs 17); continuação da mensagem de Oseias (Os 7—14); Samaria é sitiada por três anos (2Rs 17 e 18); Samaria é tomada pela Assíria; Sargão II sucede Salmaneser V, morto na batalha pela Assíria; causas da queda de Israel (2Rs 17).

MONARQUIA JUDAICA DEPOIS DA QUEDA DE SAMARIA

A.C.

721 – Ezequias – Governo em parceria com Acaz; sua virtude trouxe avivamento (2Rs 18); purificação e nova consagração do templo (2Cr 29); a adoração no templo é restaurada; muitos israelitas unem-se com Judá para celebrar a Páscoa (2Cr 30); os ídolos são destruídos, inclusive a serpente de bronze (2Rs 18); Ezequias promove reformas religiosas (2Cr 31); predição do cativeiro (Mq 3); morte de Acaz, Ezequias reina sozinho (2Rs 16; 2Cr 28);

717 – profecia acerca das regiões vizinhas (Is 21);

713 – julgamento dos filisteus (Is 14);

711 – julgamento de Moabe (Is 15 e 16); a prosperidade de Ezequias e o desafio à Assíria (2Rs 18; 1Cr 4); profecia contra as nações (Is 18—20); a era do Reino é esperada; a invasão iminente (Is 22; 34 e 35); outros fatos (2Rs 20; Is 38); a bênção futura para o povo escolhido de Deus (Is 40—66);

709 – nascimento de Manassés; Sargão II da Assíria morre e é sucedido por Senaqueribe;

704 – profecias de Miqueias (Mq 4—7); a batalha por Jerusalém (2Cr 32; Is 29-31);

700 – o período final da vida de Ezequias (2Rs 20).

697 – Manassés – Os assírios habitam cidades de Israel (2Rs 17); os pecados de Manassés; o descontentamento de Iavé; Senaqueribe destrói a Babilônia; futuro glorioso para a Assíria, o Egito e Israel;

681 – Senaqueribe é assassinado (2Rs 19); Esar-Hadom o sucede; Isaías é martirizado; a maldade crescente de Manassés; cativeiro e restauração de Manassés; morte de Esar-Hadom; Assurbanipal é o novo rei; nascimento de Amom; restauração da liderança espiritual; a Assíria conquista o Egito; nascimento de Jeremias; nascimento de Josias; morte de Manassés (2Rs 21).

642 – Amom – Uma vida de pecados (2Rs 21); assassinado por seus oficiais.

640 – Josias – começa a reinar aos 8 anos (2Cr 34);

635 – advertência contra Nínive (Na 1—3); nascimento de Jeoaquim (2Rs 23.36); as primeiras reformas (2Cr 34); nascimento de Jeoacaz (2Rs 23.31); nascimento de Daniel;

628 – início do ministério de Jeremias (Jr 1); a Assíria é enfraquecida pela invasão cita; início do declínio; a Babilônia declara-se independente da Assíria assim que Nabopolassar começa a reinar; profecias de Sofonias acerca de Israel e Judá (Sf 1—3);

623 – Josias restaura o templo (2Rs 22); segunda mensagem de Jeremias (Jr 3; 5), a devastação vinda do Norte; a celebração da Páscoa (2Rs 23); prosseguem as reformas de Josias; nascimento de Ezequiel; outra mensagem, ameaça de exílio, a menos que haja arrependimento (Jr 7—10); mensagem adicional, o pacto desrespeitado (Jr 11 e 12); nascimento de Zedequias; nascimento de Jeoaquim; Nínive, capital da Assíria, é destruída pelos babilônios; Josias é morto em batalha contra os egípcios; lamentação por Josias (2Cr 35).

608 – Jeoacaz – Uma vida de pecados (2Rs 23); Judá paga tributo durante um ano; Jeoacaz é levado cativo; sua morte.

608 – Jeoaquim – Posto como rei, paga tributo ao Egito (2Rs 23); a representação do jugo (Jr 27); mensagem no pátio do templo (Jr 26); Jeremias é declarado traidor, mas recebe proteção;

606 – mensagem de Habacuque; Jerusalém será sitiada por Nabucodonosor (Hc 1—3); misericórdia de Deus no julgamento; outras mensagens de Jeremias (Jr 35); os setenta anos de cativeiro; cerco de vinte anos a Jerusalém (Dn 1); profecias no início do cerco (Jr 25; 36; 45); os egípcios tentam apossar-se do espólios dos assírios, são derrotados pelos babilônios em Carquemis (Jr 46); Nabucodonosor alarga suas fronteiras (2Rs 24); Daniel decide não se contaminar (Dn 1); o martírio de Urias (Jr 26); Jeremias lamenta Jeoaquim (Jr 22); Jeremias e Baruque proclamam um jejum (Jr 36); o sonho de Nabucodonosor e a interpretação de Daniel (Dn 2); a mensagem de Deus é lida, destruída e depois reescrita (Jr 36); continuação da mensagem de Jeremias (Jr 13—19); primeira perseguição a Jeremias (Jr 19 e 20); a rebelião de Jeoaquim (2Rs 24); nascimento de Dario, o medo;

601 – o Egito conquista temporariamente o respeito de Nabucodonosor; nascimento de Ciro, da Pérsia; advertências (Jr 47—49); Jeoaquim cercado por vários adversários (2Rs 24); segunda deportação, 3.023 cativos (2Cr 36); morte de Jeoaquim.

598 – Joaquim – Uma vida de pecados (2Rs 24); seu cativeiro previsto por Jeremias (Jr 22); terceira deportação, 10 mil cativos, incluindo Joaquim, Ezequiel, Mardoqueu e os utensílios tirados do templo; a rebelião é sufocada (2Rs 24).

598 – Joaquim – Uma vida de pecados (2Rs 24); seu cativeiro previsto por Jeremias (Jr 22); terceira deportação, 10 mil cativos, incluindo Joaquim, Ezequiel, Mardoqueu e os utensílios tirados do templo; a rebelião é sufocada (2Rs 24).

597 Zedequias – Uma vida de pecados (2Rs 24); o cerco é profetizado (Jr 21—24); a carta aos exilados (Jr 29); resumo do cativeiro de Israel (Jr 30); a falsa profecia de Hananias (Jr 28); Jeremias e Zedequias vão à Babilônia.

593 Ezequiel: sua preparação e missão (Ez 1-3); sua missão como sentinela (Ez 3); a segunda visão da glória do Senhor; o Senhor está sendo justo ao enviar seu povo para o cativeiro (Ez 5—24). O reinado de Zedequias próximo do fim: a cidade prestes a ser conquistada (Jr 52); morte da esposa de Ezequiel (Ez 24); quarta deportação, 832 cativos (Jr 52); Jeremias é detido (Jr 32); prevista a destruição iminente (Jr 34);

588 continuação das profecias de Ezequiel na Babilônia (Ez 29—31); a previsão de Jeremias (Jr 37); Jeremias compra a propriedade de Hanameel em Anatote (Jr 32); a intercessão de Jeremias; profecia acerca da aliança e do reino davídicos (Jr 33); profecia acerca da destruição de Jerusalém; Jeremias no calabouço (Jr 34); mensagem para a Etiópia (Jr 39); a queda de Jerusalém (Jr 38); Zedequias foge (2Rs 25); o templo e o muro são destruídos; Jerusalém é saqueada pela quinta vez, agora por Nebuzaradã; quinta deportação: os pobres são deixados para trás; ornamentos e tesouros do templo levados para a Babilônia; sexta deportação, para Ribla;

586 Jeremias lamenta o destino de Jerusalém (Lm).

Rei, vale do. Vale onde o rei de Sodoma se encontrou com Abraão (Gn 14.17) e onde Absalão levantou para si um monumento (2Sm 18.18). É comumente identificado com o vale a leste de Jerusalém.

reino de Deus, dos céus. Acha-se a expressão "reino dos céus" somente em Mateus, que a emprega cerca de quatro vezes. Provavelmente representa as próprias palavras de Jesus, porque o céu era, para os judeus, sinônimo de Deus, que tinham preferência por motivos de respeito. Entretanto, como os outros escritores do NT tinham maiores relações com cristãos não judeus, usavam uma expressão mais inteligível — "o reino de Deus". Geralmente admite-se que "reino" tenha mais a significação de domínio do que a de lugar ou território dominado. Para os judeus do tempo de Jesus, as palavras não eram satisfatórias, pois continham o reino do Messias. A sua maneira de ver, baseada em Dn 2.44, 7.14 (v. tb. Sl 2.6, 110.2), apresentava ao seu espírito um reino material de caráter político. É certo que homens piedosos, como José de Arimateia, realmente tinham mais esperanças de renovação religiosa do que de reforma política (Mc 15.43), mas a maioria dos judeus entendia mais os aspectos políticos e materiais desse reino que os espirituais e morais. A existência dessa expectativa nos explica: a terceira tentação de Jesus Cristo (Mt 4.8-11); a atitude do povo que queria vir "arrebatá-lo para o proclamarem rei" (Jo 6.15); o pedido da mãe dos filhos de Zebedeu (Mt 20.20,21); a saudação de "toda a multidão dos discípulos" (Lc 19.37,38); e a pergunta de Pilatos (Mt 27.11). Mesmo a familiaridade com os ensinamentos de Jesus não afasta a antiga convicção. A prova disso está na lamentação dos discípulos no caminho de Emaús (Lc 24.21) e no apelo da igreja nascente (At 1.6). Todavia, esse modo de considerar o reino foi totalmente repudiado pelo Salvador (Jo 18.36; v. Lc 12.14).

O reino de Deus, ou reino dos céus, como apresentado nas palavras de Jesus Cristo, está inseparavelmente ligado à sua obra redentora; reino que não é do mundo, na sua origem ou conservação. Não é político também, com limites geográficos ou de raças. É um domínio espiritual e moral, em que Deus é supremo. Para todos (Mt 8.11,12; 25.31,34), o que caracteriza o cidadão desse reino não é sua raça, mas sua obediência (Mt 7.21; cp. 5.20). Está em contraste com posses materiais e é colocado acima delas (Mt 6.33). Desde o momento em

que opera na vida dos súditos, pode dizer-se que está dentro deles (Lc 17.21). Contudo, seu crescimento e especialmente seu complemento deveriam ser objeto de oração dos discípulos (Mt 6.10); sua aproximação era anunciada pelos apóstolos (Mt 10.7), e a própria mensagem de Jesus se chamava o "evangelho do reino" (Mt 9.35). Algumas vezes Jesus falou desse reino referindo-se a seus membros, como na parábola do joio e na da rede (Mt 13), e também ao lugar ou estado em que seus membros serão encontrados na vida futura (Mt 8.11; 25.34). Os usos apostólicos das palavras de que se trata harmonizam de igual modo os dois pensamentos: a vida presente do povo de Deus na Terra e sua glória futura. Desse modo, o reino "não é comida nem bebida, mas justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo" (Rm 14.17); em outro ponto de vista, é um reino que "carne e sangue" não podem herdar (1Co 15.50), é uma herança vindoura (Gl 5.21). V. MESSIAS.

Reis, Os Livros dos. Os livros conhecidos como Primeiro Livro dos Reis e Segundo Livro dos Reis formavam, primeiramente, um só livro. Os tradutores gregos do AT, autores da *Septuaginta,* dividiram a obra em duas partes. A separação, feita de tal modo que divide o reino de Acazias, é inteiramente arbitrária. Nada se sabe sobre seu autor. Uma tradição judaica atribui a obra ao profeta Jeremias com base em certas coincidências de estilo e linguagem e na correspondência entre 2Rs 24.18—25.21 e Jr 52.1-27. Todavia, os acontecimentos narrados estendem-se para além da vida do profeta. Seja como for, a obra é uma compilação, em cujo preparo se empregaram livremente os anais dos reis e a vida dos profetas. As fontes citadas são:
I.*O livro da história de Salomão*, 1Rs 11.41.
II. *O livro da história dos reis de Judá*, 1Rs 14.29, ao qual se fazem 15 referências.
III. *O livro da história dos reis de Israel*, 1Rs 14.19, mencionado 17 vezes.
IV. As frequentes inserções, com pequenas alterações ou sem elas, de narrativas de testemunhas oculares, que se leem na vida dos profetas Elias, Eliseu e Micaías. O compilador dá preeminência à Lei de Moisés, referindo-se, na maior parte das vezes, ao livro de Deuteronômio. Quanto à *data* de término da obra, não parece que tenha sido posterior a 586 a.C., nem anterior a 561 a.C., pois é o ano em que Evil-Merodaque subiu ao trono, fato mencionado em 2Rs 25.27. Todavia, uma parte considerável dos livros pode ter sido composta muito antes, dedução apoiada na linguagem das diferentes proveniências dos livros. O compilador usa muitas palavras que não estão na Escritura publicada até quase o tempo do cativeiro. Os assuntos dos dois livros fazem parte da história dos hebreus desde os últimos anos do reinado de Davi até o cativeiro, começando a narrativa no esplendor do reino unido de Davi e Salomão e terminando na miséria do exílio com o triste espetáculo do rei Joaquim, pensionário na corte de Evil-Merodaque. (V. UM RESUMO DA HISTÓRIA EM REI.) No decorrer dos fatos, há particular atenção à obra e influência dos profetas. A intervenção de Natã assegura a subida de Salomão ao trono (1Rs 1.45). Aías anuncia a divisão do reino e suas causas (1Rs 11.29-40). Semaías, depois da divisão, confirma-a, aconselhando Roboão a licenciar as tropas (1Rs 12.22,23). A idolatria de Jerobão é publicamente reprovada por vários profetas, com a ameaça do castigo consequente (1Rs 13.1-3; 14.7); é anunciado o juízo contra a casa de Baasa (16.1); e é distintamente declarada a condenação de Acabe (22.17-28). Destacam-se as obras de dois grandes profetas, Elias e Eliseu, que quase enchem vários capítulos, enquanto os reis apenas ocupam um lugar secundário (1Rs 17—2Rs 13).

relógio do sol (2Rs 20.11; Is 38.8). Segundo a opinião geral, o relógio de Acaz era uma escada preparada de tal modo que o sol mostrava nela as horas por meio da sombra. Pode ser que no fundo da escada estivesse uma coluna ou obelisco, cuja sombra cobria um maior ou menor número de degraus, segundo o sol estava baixo ou alto. A relação entre o comprimento da sombra e a hora do dia era certamente conhecida dos povos da Antiguidade. "Como o escravo que suspira pela sombra" (Jó 7.2), isto é, o escravo que deseja o fim do seu trabalho.

Renovo. Em Isaías (11.1), a palavra significa, figurativamente, Messias: "Do tronco de Jessé sairá um rebento, e das suas raízes um renovo". Quando se representa Cristo como um descedente delgado, saindo do tronco de uma velha árvore, cortada até a própria raiz e enfraquecida, tornando-se depois uma árvore poderosa, refere-se à dignidade real de Cristo, provindo da decaída casa de Davi, e também à posição altíssima que havia de ter o Messias após sua condição humilde na Terra (Jr 23.5; 33.15; Zc 3.8; 6.12).

Reobe. *Largura.* 1. O lugar mais afastado ao norte, visitado pelos espias (Nm 13.21); o mesmo que Bete-Reobe.
2. Cidade de Aser, perto de Sidom (Js 19.28).
3. Outra cidade de Aser (Js 19.30). Reobe, item 2 ou 3, foi cedida aos gersonitas, e os cananeus não foram expulsos de um deles (Js 21.31; Jz 1.31; 1Cr 6.75). É possível que os itens 2 e 3 sejam idênticos.
4. O pai de Hadadezer (2Sm 8.3,12).
5. Um levita ou família de levitas que selou o pacto com Neemias (Ne 10.11).

Reobote. *Espaços largos.* 1. Cidade edificada por Ninrode (Gn 10.11); foi talvez um subúrbio de Nínive, principalmente porque seu nome completo era Reobote-Ir, "espaços largos da cidade".
2. Cidade sobre o Eufrates, residência de Saul, um dos primeiros reis dos idumeus (Gn 36.37; 1Cr 1.48). A palavra ficou ainda ligada a dois locais, perto do rio Eufrates.
3. Nome de um poço cavado por Isaque, mantido como sua propriedade contra os pastores de Gerar (Gn 26.22).

resgate. Preço pago para obter uma pessoa ou coisa que alguém conserva em seu poder. Tudo o que se dá em compensação de uma pessoa é o seu resgate. Assim, um homem que resgata sua vida (Êx 21.30) dá por ela certa quantidade de dinheiro (Êx 30.12; Jó 36.18; Sl 49.7); e algumas espécies de sacrifícios podiam ser consideradas como resgates, isto é, substituíam a pessoa que fazia a oferta. Desse modo, diz-se que Jesus Cristo deu sua vida "em resgate por muitos" (Mt 20.28; Mc 10.45; cp. 1Tm 2.6), substituindo-os, carregando suas dores, suportando a pena que eles teriam de sofrer (v. tb. Rm 3.24; 1Co 1.30; Ef 1.7; 4.30; Hb 9.15; 1Pe 1.18). V. EXPIAÇÃO.

respigar, rebuscar. Ordem especial dada aos hebreus para que deixassem alguns dos frutos no campo para serem colhidos por gente ou parentes pobres (Lv 19.9,10; Jz 8.2). (V. tb. Rt 2.)

ressurreição. A ressurreição dos mortos, conforme a Escritura, é distinta da ressuscitação, ou restabelecimento da ordinária vida humana. A ressuscitação é a restauração da vida que se deixou. Ressurreição é a entrada em um novo estado de existência. Há três narrativas de ressuscitação no AT e cinco no NT: a restauração do filho da viúva de Sarepta por Elias (1Rs 17.17-23); a restauração do filho da Sunamita por Eliseu (2Rs 4.18-36); o recobramento da vida do homem lançado no sepulcro, por Eliseu (2Rs 13.20,21); Jesus restaurou à vida a filha

de Jairo (Mc 5.35-42; Lc 8.49-56); o filho da viúva de Naim (Lc 7.11-15); e Lázaro (Jo 11.1-44); e narram-se dois casos em Atos — o de Tabita (9.36,42) e o de Êutico (20.9-12). No AT, são poucos os indícios de uma crença na ressurreição (Jó 14.13-15; Sl 49.15; 73.24; Is 26.14,19; Dn 12.2); diz-se que não era para os inimigos de Deus (Sl 49.14; cp. Is 26.14), mas essa esperança era aplicada simbolicamente à nação (Ez 37.1-14; Os 6.2). A crença foi aumentando no judaísmo e cada vez se tornava mais distinta à medida que se aproximava o tempo de Jesus Cristo.

No tempo do nosso Salvador, a ressurreição era uma doutrina consideravelmente admitida, embora os saduceus, aceitando o ponto de vista do Eclesiástico, a negassem. Desse modo, Marta, quando Jesus lhe assegurou que seu irmão havia de ressurgir, respondeu: "Eu sei, replicou Marta, que ele há de ressurgir na ressurreição, no último dia" (Jo 11.23,24; cp. At 24.15). Quando Jesus tratou da ressurreição dos mortos, não a declarou como doutrina reconhecida pela Lei, ou pelos profetas, mas fez ver que estava subentendida nas palavras que Deus dirigiu a Moisés na sarça ardente, acrescentando: "Ora, ele não é Deus de mortos, e sim de vivos" (Mc 12.27). Na verdade, Jesus claramente ensinou uma ressurreição geral dos justos e dos injustos (Mt 22.23-33; Mc 12.18-27; Lc 20.27-38; Jo 5.28). Jesus Cristo associou de modo definitivo a volta à vida com sua própria obra de expiação por seu povo (Jo 6.39,44,54; 11.25,26; 14.19). Essa também era a doutrina apostólica (At 4.2; Rm 6.5,8; 1Co 15.20-22; 1Pe 1.3,4). Contudo, em Rm 8.11 achamos: "[Deus] [...] vivificará os vossos corpos mortais, por meio do seu Espírito que em vós habita". A ressurreição é, de modo geral, atribuída a Deus, ao Pai, ou ao Filho no NT (Jo 5.21; 6.39; 11.25; 2Co 4.14), mas não ao Espírito Santo somente. (Em 1Pe 3.18, deve-se entender que Cristo morreu no corpo, mas foi trazido a uma nova vida pelo Espírito.) Em relação à ressurreição do corpo, o argumento de Paulo em 1Co 15.35-53 mostra que: a) é real; b) esse corpo é, em qualidade e poder, muito mais sublimado do que o terrestre; c) de algum modo, é o resultado dele. V. RESSURREIÇÃO DE JESUS CRISTO, IMORTALIDADE DA ALMA.

ressurreição de Jesus Cristo. Na história terrena de nosso Salvador, nenhum fato é tratado com mais particularidade, quer pelos evangelistas quer pelos autores de Atos e das Epístolas, do que sua ressurreição. Esse interesse corresponde à importância que Paulo lhe dá em seus argumentos (1Co 15.14) e justifica a conclusão do bispo Westcott de que, considerando todos os elementos de prova, não há nenhum incidente histórico melhor ou mais diversamente sustentado do que a ressurreição de Cristo. Prenúncios da ressurreição podem ser vis tos em Sl 16.9,10 (v. At 2.31) e Is 26.19; mas não há indicação alguma de que essas passagens foram compreendidas antes do acontecimento; na verdade, é preciso tomar outra direção para prova (Mc 9.10). O próprio divino Mestre predisse sua ressurreição não menos abertamente que sua morte (Mt 12.40; 16.21; 17.23; 20.19; 26.32; 27.63; Mc 9.9; 14.28; Lc 24.7; Jo 2.19,21). A ação de Pedro (Mt 16.22) mostra o espírito com que esses avisos eram recebidos.

Os fatos sobre a ressurreição estão descritos pelos evangelistas em Mt 28, Mc 16, Lc 24 e Jo 20-21. Essas narrativas registram aparecimentos de Jesus a Maria Madalena no jardim (Mc 16.9,10; Jo 20.14,17); às mulheres que voltavam do sepulcro (Mt 28.9); aos discípulos no caminho de Emaús (Mc 16.12,13; Lc 24.13-35); a Pedro em Jerusalém (Lc 24.34; 1Co 15.5); aos 10 apóstolos em uma sala superior (Lc 24.36; Jo 20.19); aos 11 apóstolos à mesa (Mc

16.14; Jo 20.26); aos discípulos no mar de Tiberíades (Jo 21.1-24); aos 11 apóstolos em um monte da Galileia (Mt 28,16); e aos apóstolos na sua ascensão (Mc 16.19; Lc 24.50,51; At 1.4-10). Além disso, Paulo cita aparições a 500 irmãos de uma vez, a Tiago e a ele próprio (1Co 15.6-8). A linguagem de At 1.3 sugere que essas listas estão incompletas. As manifestações apontadas são claramente distintas de qualquer coisa a ser classificada de visão ou alucinação. Jesus, ressuscitado, falou com seus discípulos, comeu com eles e foi tocado por eles. As circunstâncias foram várias, e os aparecimentos se realizaram ou entre discípulos já preparados para isso, ou entre pessoas não preparadas.

Desde o princípio, a ressurreição foi um ponto essencial do ensino apostólico. O sucessor de Judas para o colégio apostólico foi escolhido para ser testemunha de "sua ressurreição" (At 1.22). O testemunho apostólico sempre foi argumento básico (At 2.32; 3.15; 10.41; 13.30) e era o tema dos discursos dos apóstolos (At 4.2, 33; 17.18; 23.6). Do mesmo modo, em Atos e nas Epístolas, os apóstolos, reconhecedores da importância da ressurreição, evangelizaram aqueles que foram regenerados "para uma viva esperança mediante a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos" (1Pe 1.3) depois de estarem mortos em delitos e pecados. Declara-se que essa ressurreição foi "por causa da nossa justificação" (Rm 4.25); que "seremos salvos pela sua vida" (Rm 5.10); que confessar ao Senhor Jesus e crer no Cristo ressuscitado são princípios de salvação (Rm 10.9); e que sua ressurreição é a garantia da nossa própria (1Co 15.20-23). A mudança operada nos apóstolos ao se certificarem da ressurreição e sua firme declaração do fato não são mais notáveis do que, nos séculos posteriores, a confiança da igreja de Cristo no Senhor ressurreto que subiu aos céus. A história da igreja de Cristo se explica na sua crença e dependência daquele que disse: "estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos" (Ap 1.18). V. EXPIAÇÃO.

restolho. Na época da ceifa, os egípcios colhiam primeiro as espigas de trigo, depois a palha, deixando o restolho nos campos. Os israelistas eram obrigados a ajuntar esses pedaços com suas raízes para a fabricação de tijolo (Êx 5.12). Algumas vezes, o chão era limpo do restolho pelo fogo, explicando Êx15.7 e Is 5.24. V. PALHA.

revelação. V. INSPIRAÇÃO.

Rezim. 1. Rei de Damasco que fez aliança com Peca, rei de Israel, para atacar Jotão e Acaz, sucessivos reis de Judá. Os exércitos aliados cercaram Jerusalém, mas foram malsucedidos (2Rs 15.37; 16.5; Is 7.1). Todavia, Rezim manteve a posse de Elate, cidade notável à entrada do golfo de Ácaba, com importantes ramos de negócios (2Rs 16.6). Mais tarde, Rezim foi derrotado e morto por Tiglate-Pileser III (IV), rei da Assíria (2Rs 16.9).
2. Família de Necoda, que voltou com Zorobabel (Ed 2.48; Ne 7.50).

ribeiro. Pequena corrente de água, seca no verão e abundante no inverno. Os principais ribeiros mencionados na Escritura são Arnom, Besor, Querite, Cedrom, Quisom, Zerede.

Ribla. 1. Cidade na terra de Hamate, na margem leste do Orontes (el-Asy), sobre a grande estrada entre a Palestina e os impérios orientais. Local de acampamentos militares, onde o faraó Neco aprisionou Jeoacás e onde Nabucodonosor sentenciou a respeito de Zedequias (2Rs 23.33; 25.6,20,21; Jr 39.5,6; 52.9-27). 2. Cidade da fronteira norte de Israel (Nm 34.11).

rim. Entre os semitas, os rins eram considerados sede das emoções, dos sentimentos, dos desejos e da consciência (Jó 16.13; Lv 3.4,5; 8.16).

Rimom. *Romã*. 1. Cidade de Judá cedida a Simeão e reocupada na volta do cativeiro (Js 15.32; 19.7; 1Cr 4.32; Ne 11.29; Zc 14.10).

2. É hoje Rummôn; monte branco que domina o deserto do Jordão (Midbar); inacessível retiro, onde parte remanescente dos benjamitas, depois da matança da tribo, refugiou-se por quatro meses (Jz 20.45, 47; 21.13). Localiza-se, em linha reta, a 5 km a leste de Betel, e a 11 km a nordeste de Gibeá.

3. Pai de Recabe e Baaná, os assassinos de Isbosete (2Sm 4.2,5,9).

4. Deus do vento, da tempestade e da chuva adorado em Damasco, onde havia uma casa ou templo de Rimom (2Rs 5.18).

5. Atualmente Rummaneh, em Damasco; cidade de Zebulom, que coube aos filhos de Merari (1Cr 6.77); é a mesma que Rimom- Metoar (Js 19.13, ARC).

rio. A exceção do Jordão, os rios da Palestina estão ou inteiramente secos e convertidos em quentes passadiços de pedras claras no verão, ou reduzidos a pequeníssimos ribeiros de leito estreito bastante profundo e oculto vista por um denso crescimento de arbustos. A palavra arábica *wady* (traduzida por "uádi"), que aparece muito na geografia moderna da Palestina, significa um vale seco ou ribeiro que ocasionalmente corre por ele. A palavra que geralmente é traduzida por "ribeiro" tem o significado de *wady*. Foi mandado a Elias que se escondesse no Querite (1Rs 17.3).

rio do Egito. Em Gn 15.18, é a designação do Nilo, significando o ramo pelusíaco ou mais oriental. Em outras passagens, refere-se a um rio do deserto, na fronteira do Egito, correndo ainda no uádi El-Arish, do centro da península do Sinai para o mar Mediterrâneo.

Rispa. *Pedra brilhante.* Concubina do rei Saul. A acusação de Isbosete contra Abner (2Sm 3.7) ocultava a insinuação de que Abner tinha em vista uma tentativa para apoderar-se do trono. Rispa era mãe de Armoni e Mefibosete, filhos de Saul. Estes dois, além dos cinco netos de Saul, foram entregues aos gibeonitas por Davi como expiação pela mortandade que Saul efetuara entre eles. Os gibeonitas crucificaram os sete israelitas e deixaram seus corpos nas cruzes do princípio da ceifa da cevada na primavera, pelo ardente estio, até a queda das chuvas periódicas em outubro. Rispa ficou sentada perto desse lugar todo aquele tempo para impedir que as aves do céu e as feras do campo, respectivamente de dia e de noite, devorassem os corpos (2Sm 21.1-11).

Roboão. Filho e sucessor de Salomão (1Rs 11.43), que subiu ao trono aos 41 anos. Quando lhe pediram que diminuísse os impostos, lançados por seu pai, ele recusou, com resposta altiva aos representantes do povo. Suas palavras arrogantes produziram a revolta de dez tribos e o estabelecimento do reino de Israel sob o domínio de Jeroboão. Roboão reuniu um exército de 180 mil homens para submeter os revoltados, mas não atacou em virtude das palavras do profeta Semaías, que declarou que a separação dos reinos era conforme a vontade de Deus (1Rs 12.23,24).

O culto ao Senhor foi mantido em Judá, e, por isso, muitos levitas e israelitas piedosos emigraram do Reino do Norte para o Reino do Sul, desgostosos com o culto do bezerro introduzido por Jeroboão em Dã e Betel (v. Jeroboão). Todavia, Roboão não removeu a idolatria lasciva importada por seu pai (1Rs 14.22-24). Essa imoralidade idólatra foi castigada

por uma invasão dos egípcios; Roboão teve de comprar a paz usando os tesouros de seu pai (1Rs 14.25-28). Roboão reinou dezessete anos, sucedendo-lhe Abião, seu filho com Maaca.

roda do oleiro. Nas terras do Oriente, essa roda é de madeira ou de pedra; é possível girá-la com auxílio da mão, do pé ou ainda por meio de um ajudante.

rolo. Nos tempos antigos, um livro era uma simples tira de papiro ou pergaminho, normalmente enrolado em duas varas. Era desenrolado quando alguém desejava lê-lo. V. PERGAMINHO.

Roma. A antiga "senhora do mundo", edificada na margem esquerda do rio Tibre sobre sete colinas. A cidade é mencionada somente no livro de Atos, na Epístola aos Romanos e na Segunda Epístola a Timóteo. Muitos judeus cativos e emigrantes foram levados a Roma no tempo de Pompeu, para um território especial na margem direita do Tibre. Júlio César e Augusto tinham bom relacionamento com os judeus, assim como Tibério, na última parte do seu reinado. Cláudio, porém, decretou "que todos os judeus se retirassem de Roma" (At 18.2) por causa dos tumultos relacionados com a pregação do cristianismo. Contudo, havia muitos judeus em Roma na época da visita de Paulo (At 28.16). O apóstolo ficou preso ali por dois anos, em sua própria casa alugada, com um soldado a guardá-lo (At 28.16, 30). Segundo o costume romano, Paulo ficava ligado a esse soldado por cadeias (At 28.20; Ef 6.20; Fp 1.13). Nessa habitação, ele pregava o evangelho a todos que o visitavam, pois isso não era proibido (At 28.30,31). Geralmente se crê que depois disso ele conseguiu a liberdade; mas logo foi novamente detido, sofrendo o martírio em Roma durante a perseguição de Nero. A respeito de Roma em 1Pedro e no Apocalipse, V. ROMANOS, EPÍSTOLA AOS.

romã. V. ROMÃZEIRA.

Romano, Império. O Império Romano está relacionado com a história do povo hebreu a partir de cerca de 161 a.C. Judas Macabeu era representante do ramo mais antigo da família de Arão; em uma revolta patriótica contra os sírios, alcançou a independência dos judeus, tornou-se governador e fez uma aliança defensiva com o Senado romano. Todavia, em 63 a.C., Pompeu mandou um exército para a Judeia e tomou Jerusalém. Desde então, os judeus estiveram sob o domínio de Roma, embora Hircano, da família de Judas Macabeu, conservasse uma soberania nominal. O ministro de Hircano, Antípater, cujo filho tornou-se conhecido na História pelo nome de Herodes, o Grande, tomou o título de rei por favor de Antônio em 40 a.C., sendo confirmada a sua posição por César Augusto. Apesar disso, os judeus foram tributários de Roma todo esse tempo, sendo seus príncipes *procuradores* de Roma. Os soldados romanos estavam alojados em Jerusalém no tempo de Herodes. Com Arquelau desterrado em 6 d.C., a Judeia tornou-se subordinada à Síria, governada por um procurador romano residente em Cesareia. Quanto Galileia e territórios adjacentes, foram governados pelos filhos de Herodes e outros príncipes de ordem inferior, em razão das relações entre o povo judeu e o governo de Roma no início da história do NT. Algumas das cidades das províncias conquistadas ou anexadas eram "livres", isto é, governadas por seus próprios magistrados e isentas de ocupação por uma guarnição romana, como Tarso, Antioquia da Síria, Atenas, Éfeso e Tessalônica. Outras cidades tinham o nome de "colônias" e eram comunidades de cidadãos romanos, presentes numa terra estrangeira como guarnições da cidade imperial, como Filipos, Corinto, Trôade e Antioquia da Pisídia. Altos impostos pesavam sobre as províncias em benefício de Roma e seus cidadãos. Os tributos eram "dados de renda", pagando

os "rendeiros" determinada quantia a Roma, depois arrancando dos provincianos o mais que podiam. Os cobradores, gente de classe inferior, foram os publicanos do NT. O Império Romano participou da preparação do mundo para a vinda de Cristo e auxiliou na propagação do cristianismo. V. JESUS CRISTO.

Romanos, Epístola aos. Carta dirigida a "todos os amados de Deus, que estais em Roma, chamados para serdes santos" (Rm 1.7).

Quanto a Paulo, nada se encontra em At 28 que nos faça acreditar que não havia cristãos em Roma quando o apóstolo chegou ali. Os "irmãos" citados em 28.15 devem ser naturalmente cristãos, pois não há razão para serem identificados com os "principais dos judeus" de 28.17. A própria epístola demonstra que Paulo não foi o fundador da igreja de Roma, sugerindo sua existência anterior quando o apóstolo pensava em visitar os cristãos dali, além de não haver nenhuma expressão que sustente a teoria da origem paulina da igreja em outras epístolas, pois em nenhuma parte ele chama os romanos de seus filhos (cp. 1Co 4.14 e Gl 4.19). Havia cristãos judaicos na crença, mas pagãos na origem; existiam lá israelitas, porque o apóstolo discute com eles, como sendo judeus; e alguns gentios eram membros da igreja, pois Paulo se dirige a eles como parte da família gentílica de algum modo (cp. 2.17 e 4.16ss com 1.13-15; 11.13ss). Desde o princípio, a autoria da Epístola aos Romanos foi atribuída ao apóstolo Paulo, não parecendo ter-se levantado dúvidas até o ano de 1792.

O *lugar* e a *data* dessa epístola são precisamente determinados pelos seguintes fatos: Paulo ainda não tinha estado em Roma (1.11,3,15); sua intenção era visitar a cidade depois de visitar Jerusalém (15.23- 28), pensamento prevalecente durante os três meses de sua residência em Corinto (At 19.21); ele estava para levar uma coleta da Macedônia e Acaia para Jerusalém (Rm 15.26,31); efetivamente levou esse dinheiro de Corinto para os pobres de Jerusalém no fim de sua visita (At 24.17); quando Paulo escreveu a epístola, Timóteo, Sosípatro, Gaio e Erasto estavam com ele (Rm 16.21,23). Gaio foi seu hospedeiro em Corinto (1Co 1.14). Erasto era coríntio, e pouco tempo antes fora mandado de Éfeso com Timóteo para a Macedônia pelo caminho de Corinto (At 19.22; 1Co 16.10,11). Os outros três são expressamente mencionados em At 20.4 como companheiros de Paulo em Corinto. Além disso, Febe, que geralmente se supõe ter sido a portadora da epístola, era membro daquela igreja, estabelecida no porto coríntio de Cencreia (16.1). Por consequência, ao mesmo tempo que Paulo estava se preparando para visitar Jerusalém, uma das pessoas convertidas por sua pregação partia em direção oposta, de Corinto para Roma, levando a epístola para os cristãos romanos. Assim, a data da carta deve ser o ano 56, ou 57, num mês do inverno, originária de Corinto.

Os *assuntos* e a argumentação da carta podem ser analiticamente expostos da seguinte maneira:

I- INTRODUÇÃO(1.1-17). 1. A saudação(1.1-7).

2. Introdução e juízo que Paulo forma a respeito do evangelho (1.8-17), versículos que resumem o assunto de toda a epístola.

O evangelho é: 1º) o poder de Deus para a salvação de todo o que crê; 2º) primeiramente do judeu; 3º) também do grego.

II- EXPOSIÇÃO DOUTRINAL (1.18-8.39): a) *Perversidade da raça humana.*

1. Condição dos gentios em relação a Deus (1.18-32) e aos deveres dos homens (1.24-32).

2. Condição dos judeus. Apenas conhecimento não salva (2.1-11), mas agrava a culpa (2.12-

29).
3. Comparação entre judeus e gentios. O valor da dispensação do AT não é diminuído (3.1-8); judeus e gentios são culpados e necessitam de salvação (3.9-20).
b) O evangelho, como plano de salvação, é explicado em si mesmo e nos seus resultados.
1. O plano é uma revelação da justiça e misericórdia de Deus; exclui toda a vanglória (3.27); é, nas mesmas condições, para salvação de todos (3.21-31).
2. Homens santos da Antiguidade justificados pela fé: Abraão (4.1-5) e Davi (4.6- 8). A circuncisão, sinal do pacto (4.9-12), e a teocracia, o seu resultado (4.13-17); é, por consequência, mais o resultado da justificação do que uma dependência dela.
3. A descrição da fé de Abraão e os resultados dessa fé (4.18-25).
4. Os frutos da fé na experiência cristã, que se manifestam em paz, alegria e esperança (5.1-11).
5. A excelência da fé, mostrada a todos os que vivem de modo cristão, pela comparação entre Adão, o pai da raça decaída, e Cristo, o autor da vida espiritual (5.12-21).
c) O *caminho da salvação* é favorável à santidade (3.8). 1. Não podemos viver no pecado, para que a graça abunde, pois somos um com Cristo, o Salvador, no seu batismo, na sua morte e na sua vida (6.1- 14); esclarecimento da ideia de Cristo ser nosso Rei e cabeça da igreja (6.12-14).
2. Tampouco podemos andar no pecado por vivermos na graça, e não sob o domínio da Lei. Na verdade, os servos devem obedecer a seus senhores. Além disso, os homens são fortemente dominados pela autoridade que reconhecem. Isso é um jugo, mas de retidão e liberdade, que terá um fim glorioso (6.15-23).
3. A ilustração da mesma verdade é dada em 6.2 como exemplo fundado na Lei (7.1-6).
4. Duas objeções: ou a Lei é pecado, o que não pode ser porque revela o pecado, imprimindo-o na consciência (7.7-12); ou a Lei, sendo uma coisa boa, tornou-se em morte (7.13-25), o que também não pode ser porque "o homem interior" admite que ela é espiritual, mesmo quando não lhe obedece. Assim, é um paradoxo da consciência despertada e regenerada. Os fatos que respondem às objeções mostram a necessidade que há de um novo sistema.
d) Não tendo podido a Lei *justificar-nos e santificar-nos, é Cristo por nós e Cristo em nós* a nossa justificação e santificação. 1. O cristão é justificado em Cristo e nele santificado pelo Espírito, e essa santificação será completa (8.1-11).
2. Dever e privilégio do cristão (8.12-17).
3. Relação entre a perfeição da criação e a dos filhos de Deus (8.18-30).
4. Alegre segurança de salvação (8.31-39).
III - A RELAÇÃO ESPECIAL DOS JUDEUS COM O EVANGELHO (cap. 9—11). Assim como em 1.18—3.20, o apóstolo explicou a relação dos judeus e gentios com a Lei, explica também, em 9.1—11.36, a relação de uns e outros com o evangelho. A conclusão do apóstolo é que a salvação é por Cristo e para todos os que creem; mas, sendo assim, a grande maioria dos judeus perece, tomando os gentios o seu lugar: consequência realmente severa e, para os judeus, particularmente aterradora. O apóstolo sente essa situação:
1. Ele afirma quão grande é sua tristeza pelos judeus serem rejeitados por sua incredulidade (9.1-5).
2. Todavia, não se pode dizer que a promessa ficará sem cumprimento, ou que essa diferença de tratamento não tem precedente, pois a promessa não foi extensiva a todos os filhos de Abraão,

mas somente aos descendentes de Sara; contudo, nem mesmo a todos os descendentes dela, mas somente a Isaque (9.7-9), seu filho, e a Jacó (9.10-13). A base da diferença não é o mérito real das pessoas, mas a escolha de Deus. De maneira nenhuma, é possível concluir disso que Deus é injusto, porque toda a misericórdia de Deus é uma prova de bondade e inteiramente imerecida. No caso do faraó, mostra-se que Deus tem direito de fazer distinções na realização de seus planos (9.14-18).
3. Essa ideia de determinação da parte de Deus não nos livra da censura? Não, primeiro porque Deus tem o direito de operar segundo sua vontade. Por isso, não há injustiça no exercício desse direito. Segundo, porque, exercendo Deus sua vontade, sua justiça e misericórdia serão manifestadas da maneira mais gloriosa (9.19-24), para a salvação de todos nas mesmas condições, quer judeus quer gentios.
4. A chamada dos gentios e a salvação dos judeus remanescentes estão preditas ou têm precedentes no AT (9.25-29).
5. A decadência e a rejeição dos judeus, embora, em certo sentido, seja conforme os desígnios da Providência, são realmente consequências da incredulidade (9.30-33), pensamento desenvolvido no cap. 10. O apóstolo, depois de ter novamente manifestado sua dor pela incredulidade dos judeus, mostra que a rejeição deles é consequência da incredulidade; mas logo afirma que todos os que invocarem o nome de Jesus Cristo, independentemente de serem judeus ou gentios, serão salvos (10.4-13). À objeção de que os judeus não podiam invocar aquele do qual nunca tinham ouvido falar (10.14-17), ele responde que ouviram, mas que não aceitaram a verdade, incredulidade prevista por seus próprios profetas (10.18-21).
6. Não se deve supor que o povo de Israel foi rejeitado, pois não o foram como judeus, mas como incrédulos: "eu também sou israelita", diz ele (11.1). Assim como no tempo do profeta Elias havia milhares que não prestaram culto a Baal, assim também parte dos israelitas foi escolhida segundo a graça, não por suas obras, mas por um favor de Deus. Quanto ao restante, não recebeu as bênçãos divinas por sua incredulidade (11.2-10). Além disso, não há, para os judeus como coletividade, uma completa rejeição; sua incredulidade provocou a proclamação da verdade aos gentios, e sua conversão se relacionará com a difusão universal das doutrinas cristãs (11.11-15), sendo a fé de seus antepassados uma garantia da aceitação do evangelho (11.16).
7. Humildade, fé, reverência e adoração ao Senhor justo e misericordioso, na esperança da aceitação geral dos judeus, devem ser sentimentos de todos os gentios convertidos (11.17-24).
8. Assim, Israel, na sua totalidade, voltará para Deus por meio de Jesus Cristo (11.25-32). 9. Todo o plano da salvação é uma prova da insondável sabedoria e do amor de Deus (11.33-36), a quem todos, por fim, em santa união, darão louvores.
IV - DESENVOLVIMENTO ÉTICO DA VERDADE (12—15.13): a) Em relação à conduta geral: toda a doutrina exposta conduz consagração da nossa vida, como seu verdadeiro resultado. A santidade começa com essa consagração (12.1,2) que se funda na humildade, isto é, em uma ideia justa de nós mesmos e de nossa posição (12.3). Essa consagração compreende: a relação do cristão com a igreja (12.4-13); a relação do cristão com o mundo (12.14-21); o espírito de consagração é considerado especialmente na nossa submissão aos poderes constituídos, que têm a força de uma determinação divina (13.1-7). A obediência em tais casos é outra forma da grande lei do amor (13.8-10), que deriva especialmente do evangelho, como

toda a santidade espiritual (13.11-14).
b) Em relação a nosso procedimento em coisas não essenciais (14.1—15.7) em que a paciência é nossa regra. Aquele que considera as coisas não essenciais como obrigatórias pode ser um cristão mais fraco, mas é de Deus; ele faz tudo por Cristo, seu juiz, conforme sua consciência, que é sua lei subordinada a Deus. Por consequência, nem é menos digno, nem deve ser levado, pelo desprezo dos outros, a violar o que ele próprio crê como coisa santa (14.2-23). O exemplo de Cristo e o fim das Escrituras nos ensinam esse dever sobre bases mais amplas — o bem comum (15.1-7). Repete-se a lição: tanto gentios como judeus são um só corpo, e a salvação de cada um nos mostra a fidelidade e a misericórdia de Deus (15.8-13).
V - COMUNICACÕES PESSOAIS. 1. O apóstolo explica o tipo de relação que mantém com os gentios e o zelo de que está possuído por amor deles (15.14-21).
2. Notificação de suas viagens em projeto (15.22,23).
3. Saudações a diversas pessoas (16.1-23) e pedido de cautela com os que causaram divisões (16.17-20).
4. Conclusão (16.24-27). A série interessante de saudações no último capítulo, 26 ao todo, dirigidas a uma comunidade pessoalmente desconhecida do apóstolo, oferece aos expositores certas dificuldades, que procuram resolver de vários modos. Algumas variantes e o fato de antigos exemplares não trazerem o texto dos dois últimos capítulos fizeram supor que, segundo o bispo Lightfoot, a epístola circulou nos primeiros tempos em duas formas: uma com os dois últimos capítulos, e outra sem eles; a mais breve, despojada tanto quanto possível do caráter epistolar, abstraindo-se a matéria pessoal, especialmente dirigida aos romanos. Também é possível que cópias antigas da epístola tenham sido enviadas com diferentes conclusões a diversas igrejas, sendo uma delas a igreja de Éfeso, pois as saudações (16.1-20) são dirigidas a pessoas que mais depressa se esperaria encontrar ali do que em Roma (como no v. 3, Priscila e Áquila, e no v. 5, Epêneto). O mesmo se deve supor sobre outros lugares onde o apóstolo residiu e trabalhou (v. 9,13). De fato, a epístola parece ter pelo menos dois términos distintos: um que principia em 15.30, e o outro, em 16.17. Há, também, duas (ou três) bênçãos finais (15.33; 16.20,24); mas, segundo os melhores textos, uma delas tem de omitir-se.

romãzeira. Árvore baixa, muito comum na Palestina e, geralmente, no Oriente. Seus frutos são muito espessos e frondosos, alguns guarnecidos de espinhos agudos. As folhas são em forma de lança, e as flores, vermelhas. O fruto, de casca dura e grãos vermelhos, amadurece em outubro e possui uma considerável quantidade de sumo agridoce, muito refrescante nos países quentes, embora pouco fino para o paladar das pessoas do Norte. A alta estima que os judeus tinham pela romãzeira pode depreender-se de ela ser um dos frutos que os espias trouxeram de Escol (Nm 13.23; 20.5) e de ser especificada pelos hebreus como um dos grandes mimos que deixaram no Egito. Para Moisés, foi uma das principais recomendações da terra prometida (Dt 8.8). Além disso, era tão admirada e tão abundantemente vista que se empregava muito na ornamentação, inclusive com uso de romãs azul e púrpura nas bordas da vestimenta do sumo sacerdote, e como principal embelezamento para o templo de Salomão. A casca é usada para curtir couros marroquinos e também na medicina.

roubo. A Lei mosaica sobre o roubo está em Êx 22.1-15. O homem que furtava outro homem era castigado com a morte (Êx 21.16; Dt 24.7).

rua. As ruas das cidades orientais eram, geralmente, estreitíssimas, tendo algumas vezes 90 a 120 cm de largura, e quase sempre eram muito tortuosas. Em muitos lugares, não era seguro passar um camelo carregado; era preciso comprimir-se junto a uma porta, ou abaixar-se muito, para o animal passar. Em Damasco, a rua onde Ananias encontrou Saulo tinha o nome de "Direita" (At 9.11). Ela ainda existe e é totalmente coberta, cerca de 2 km. Rua de Esmirna, banhada por um rio, com árvores de um lado e de outro, adapta-se à descrição de Ap 22.2 de algum modo. Raras vezes, as ruas eram calçadas, até o tempo dos romanos, e é coisa notável que uma das glórias da Jerusalém celestial é o calçamento de suas ruas.

Rúben. *Eis um filho!* O filho mais velho de Jacó e Lia (Gn 29.32). Em resultado de seu mau procedimento, perdeu o direito de primogênito e todos os privilégios da primogenitura (Gn 35.22). Livrou José da morte, opondo-se a seus irmãos (Gn 37.22). No êxodo, sua tribo continha 46.500 homens de mais de 21 anos e aptos para o serviço (Nm 1.20,21; 2.11); e, em poder, estava em sexto lugar. Alguns morreram na conspiração de Coré (Nm 16.1; Dt 11.6). Sua herança foi um território a leste do rio Jordão. Este limitava-se ao norte com o ribeiro de Jazer; ao sul, com o ribeiro de Arnom; a oeste, com o Jordão; e a leste, com as montanhas de Gileade. Esse local ainda é estimado acima de todos pelos possuidores de gado lanígero; rico em água; coberto de boa relva; e o favorito das errantes tribos pastoris. Os descendentes de Rúben foram pouco a pouco perdendo toda a associação de sentimentos e interesse com as tribos do oeste, afastando-se, também, do culto ao Senhor. Desaparecem da História quando foram levados para a Mesopotâmia por Tigla-te-Pileser (1Cr 5.26). Não há indicação de que algum juiz, profeta ou herói tivesse pertencido à tribo de Rúben.

Rute. V. RUTE, O LIVRO DE.

Rute, O Livro de. Livro ligado ao de Juízes por suas primeiras palavras. No cânon judaico, faz parte dos hagiógrafos, sendo o segundo dos cinco rolos das festas, um dos publicamente lidos em ocasiões festivas. O de Rute, por suas referências às colheitas, era designado para leitura na Festa de Pentecostes. Tanto na *Septuaginta*, como na *Vulgata*, é inserido logo depois de Juízes, assim como nas traduções modernas. Não se sabe quem foi seu *autor*. Todavia, a tradição judaica atribui-o a Samuel. A *data* é incerta, porém sabe-se que foi escrito depois do tempo dos juízes (1.1), quando certos costumes dos israelitas já eram antiquados, 4.7 (cp. Dt 25.9); e provavelmente quando a casa de Davi já governava Israel (4.17-22), embora a genealogia seja obra do redator subsequente. O livro descreve a vida de Rute, a moabita:

I. Casou com Quiliom, um dos dois filhos de Elimeleque, natural de Belém de Judá, que partira para o país de Moabe obrigado pela fome, talvez durante as invasões dos midianitas (Jz 6.1-6). Morrendo Elimeleque e seus filhos, Noemi, sua mulher, voltou para Belém em companhia de Rute, chegando no tempo da ceifa.

II. Respigava nos campos de Boaz, que era parente de Elimeleque. Boaz foi amável para com ela.

III. Pediu daquele lavrador o auxílio que lhe devia prestar como seu parente — Boaz compreendeu os direitos de Rute.

IV. Recebeu proteção de Boaz, que reconheceu suas responsabilidades. Finalmente, Boaz casou com Rute, nascendo desse casamento Obede, avô de Davi. Assim, embora de origem gentílica, Rute veio a ser uma das avós de Jesus Cristo (Mt 1.5,16). V. REDENTOR

S

Sabá. Palavra diferente do hebreu Seba e com significado desconhecido.
1. Filho de Raamá e neto de Cam (Gn 10.7; 1Cr 1.9).
2. Filho de Joctá (Gn 10.28; 1Cr 1.22).
3. Neto de Abraão (Gn 25.3; 1Cr 1.32), mas com troncos distintos do povo descrito no verbete.
4. Reino que compreende a parte mais considerável do Iêmen, ao sul da Arábia, entre o mar Vermelho e o golfo Pérsico. O reino de Sabá apareceu depois da queda do de Maim, ou dos mineanos. Seus chefes já possuíam o norte da Arábia, desde o tempo de Tiglate-Pileser e Sargão (733 e 715 a.C.). Sua antiga capital hoje é representada pelas ruínas de Marebe, na extremidade sudoeste da Arábia. Sua população foi considerada a mais rica da Arábia em virtude de seu comércio, com alusões aos ricos produtos do país (Sl 72.15; Is 60.6; Jr 6.20) e a seus negociantes (Ez 27.22, 23; 38.13). Alguns expositores afirmam que Seba é uma povoação da Etiópia. Seus habitantes são chamados de sabeus em Jó 1.15 e Jl 3.8.

Sabá, rainha de. Rainha que visitou Salomão depois de ouvir falar da "fama de Salomão, com respeito ao nome do Senhor"(1Rs 10.1-13; 2Cr 9.1-12). A esse fato se refere Jesus (Mt 12.42). É presumível que ela tenha ido de Sabá.

sabactâni. V. ELOÍ.

sábado. *Cessação do trabalho, descanso.* A instituição do descanso é registrada em Gn 2.2,3, mas a palavra aparece pela primeira vez em Êx16.23. Sua observância é ordenada pela Lei de Deus (Êx16.25-30), pois está prevista no quarto mandamento (Êx20.8-11). Associada em primeiro lugar com a obra da Criação (Gn 2.3; Êx20.11), também foi relacionada com a libertação dos israelitas do jugo egípcio (Dt 5.15). A Lei insistia na guarda do dia de descanso, "quer na aradura quer na sega" (Êx34.21). O trabalho proibido compreendia até o ato de acender o fogo (Êx 35.3), e quem fosse encontrado apanhando lenha era castigado com a morte (Nm 15.32-36). Nos sábados, havia um holocausto específico (Nm 28.9,10). A observância do dia era acompanhada, conforme os profetas, das bênçãos de Deus, e sua violação trazia ira (Is 56.2; 58.13; Jr 17.20,22; Ez 20.13). As passagens citadas mostram que a lassidão na guarda do sábado aumentava. Muitos guardavam o dia como costume, e não por espírito religioso (Is 1.13). Entre os "nobres de Judá" e outros, Neemias notou que o sábado era constantemente profanado e procurou restaurar sua observância (Ne 13.15-22). Restabelecida a lei do descanso, seu cumprimento foi se tornando cada vez mais rigoroso, até que no tempo de Jesus Cristo "os mandamentos dos homens" já eram numerosos, havendo confusão sobre a guarda do sábado. Havia diversas distinções fantásticas e engenhosas, porém evasivas. As interpretações dos doutores davam a lei caráter insuportável. No entanto, o Senhor estabeleceu o verdadeiro lugar do dia de descanso em seus ensinamentos. Jesus não veio destruir a Lei, mas cumpri-la (Mt 5.17). Ele próprio tinha costume de assistir ao culto da sinagoga nesse dia (Mc 6.2; Lc 4.16; 6.6; 13.10). Contudo, sustentava que tinha autoridade sobre o sábado (Mt 12.8) e afirmava que esse dia tinha sido instituído em benefício do homem (Mc 2.27). Nesse dia, operou um milagre (Mt 12.11-13; Mc 3.2-5; Lc 6.9,10) e defendeu seus discípulos acusados de infringir a lei do sábado (Mt 12.3-8).

Por certo tempo, os cristãos judaicos observavam não só o sábado, mas também o dia do Senhor. Paulo, porém, ensinou claramente que as exigências da lei do sábado não envolviam obrigação para os cristãos (Rm 14.5,6; Cl 2.16,17; cp. Gl 4.10). A instituição de guardar, depois de seis dias de trabalho, o sétimo como dia de descanso antecede a doação da Lei. A Igreja cristã transferiu o dia de descanso: o domingo é o sábado cristão, o dia de descanso e culto. Inácio escreveu que "já se não guardava o sábado judaico, mas que se vivia no espírito do dia do Senhor" (*ad Magn,* IX). V. SENHOR, DIA DO.

sábado, caminho de um. Distância de cerca de 6 estádios, mais ou menos 1km; limite máximo permitido aos judeus andar em dia de sábado (At 1.12). Dizia-se que essa distância fora originariamente fixada pela distância do tabernáculo à extremidade do campo no deserto.

sabático, ano. Os judeus celebravam o sétimo ano, não cultivando a terra (Êx23.10, 11; Lv 25.2,3ss). O ano sabático começava no outono, depois da ceifa. Nessa ocasião, o povo devia libertar os escravos (Êx21.2) e perdoar as dívidas. Além disso, aqueles cuja herança tinha sido alienada voltavam à posse de suas propriedades. Para celebrar a Criação, o ano sabático foi instituído para reforçar o conhecimento do senhorio de Deus sobre todas as coisas, particularmente sobre Canaã, a terra que ele dera aos hebreus. Nesse ano, os frutos dos campos e vinhas pertenciam aos pobres, necessitados e animais (Êx 20.10ss). Havia serviços especiais no templo durante a Festa dos Tabernáculos (Dt 31.10-13). Como Moisés predissera, essa instituição foi considerada com indiferença por muito tempo (Lv 26.34,35). Entretanto, depois do cativeiro, quando a terra ficou inculta, era observada com mais cuidado em compensação da longa negligência (2Cr 36.21). V. CEIFA, JUBILEU.

sabedoria. A palavra "sabedoria", em muitas passagens bíblicas, especialmente em Provérbios, significa um estado de meditação, tendo em vista a verdade e os deveres morais e religiosos. Em Pv 1.2, a palavra tem o sentido de prudência ou circunspecção. É a sabedoria que se deve querer alcançar; somente os loucos e os vaidosos se recusam a aprender e tirar proveito dos conselhos dos mais experientes (Pv 15). Também vemos a sabedoria personificada (Pv 1.20), como para nos sugerir suas aplicações. Em contraste com a incitação secreta dos maus, a sabedoria se revela apelando publicamente aos homens.
"Literatura de Sabedoria" é uma expressão que designa certas partes do AT, como o livro de Jó, alguns salmos, Provérbios, Eclesiastes e também os apócrifos Eclesiástico e Sabedoria de Salomão. Essa literatura especial não trata das coisas da nação de Israel, mas do princípio da crença e da conduta geral para todos: não são livros nacionais, mas de caráter universal; têm objetivo mais moral do que religioso, embora os ensinamentos sobre a vida e a maneira de dirigi-la nos façam ver a autoridade e os caminhos de Deus. Esses textos também apresentam uma filosofia hebraica, mais ou menos popular, como nos sugere a abundância de provérbios.

Sabetai. *Nascido no sábado.* 1. Levita (Ed 10.15) que expunha a Lei, depois de lida (Ne 8.7). 2. Levita superintendente da casa de Deus (Ne 11.16); talvez seja o mesmo que o primeiro.

sacerdote. Aquele que faz ou ministra sacrifícios a Deus entre os hebreus. Os gentios também o chamavam de sacrificador. Antes de considerar os vários aspectos bíblicos do sacerdote, é necessário mostrar quais são as características essenciais do sacerdócio. O que, na qualidade de sacerdote, ele devia fazer, que nenhum outro pudesse realizar sob quaisquer circunstâncias? A definição mais exata está em Hb 5.1: o sacerdote era "constituído nas coisas concernentes a

Deus a favor dos homens". Isso significa que ele apresentava coisas, dons e sacrifícios ao Senhor, ofertas do homem a Deus. Seu trabalho era oposto ao do profeta, que devia revelar Deus ao homem. Assim, a ideia fundamental de sacerdote é a de mediador entre o homem e Deus. O sacerdote apresenta-se entre o homem e Deus, como aparece o profeta entre Deus e o homem. Quando o sacerdote efetuava qualquer outro trabalho, que não o de sacerdote, era somente como executante das funções de outros homens. O ato do sacerdote, na sua obra para Deus, é sempre acentuado na Escritura (Êx28.1; Ez 44.16; Hb 7.25). No tempo dos patriarcas, o chefe da família ou tribo atuava como sacerdote, representando sua família diante de Deus, como o foram Noé, Abraão, Isaque e Jacó. Na época do êxodo, havia israelitas que possuíam o direito de sacerdócio e o exerciam; mas tornou-se necessário designar uma ordem especial para desempenhar os deveres sacerdotais, sendo a tribo de Levi a escolhida para tal. Dessa tribo, saíram os sacerdotes aarônicos, mediadores entre o homem e Deus. Os filhos de Arão eram sacerdotes, a não ser os excluídos por alguma incapacidade legal. Essa disposição continuou no Reino do Sul por toda a sua história. O fato de Jeroboão ter instituído seu próprio sacerdócio mostra a necessidade de uma mediação. Assim, o sacerdócio atestava a vida pecaminosa do homem, a santidade de Deus e, por consequência, a necessidade de haver certas condições para o pecador poder se aproximar da Divindade. O homem deveria ir a Deus por meio de um sacrifício e estar perto de Deus pela intercessão. Quando Esdras voltou do cativeiro, reconstituiu as determinações levíticas, e assim tudo continuou em sua essência até a destruição de Jerusalém, em 70 a.C.

No NT, as poucas passagens nos Evangelhos em que ocorre a palavra "sacerdote" referem-se apenas ao sacerdócio judaico. Em relação ao cristianismo, o termo "sacerdote" nunca é aplicado senão a Jesus Cristo. No NT, as funções sacerdotais, relacionadas com o sacrifício e a intercessão, acham-se frequentemente relacionadas com Jesus Cristo (Mt 20.28; Rm 8.34; Ap 1.5). Contudo, somente na Epístola aos Hebreus essas funções lhe são atribuídas como sacerdote. O sacerdócio de Cristo é a nota principal da Epístola aos Hebreus e mostra a diferença entre a imaturidade e a maturidade espiritual. Os que conhecem Jesus Cristo como Salvador têm um conhecimento elementar dele como Redentor; mas os que o conhecem como Sacerdote são considerados possuidores de maior conhecimento e experiência. A redenção é, em grande parte, negativa e implica livramento do pecado; contudo, o sacerdócio é inteiramente positivo, envolve o acesso a Deus. Os cristãos hebreus conheciam Cristo como Redentor, mas deviam conhecê-lo também como Sacerdote, que oferece a oportunidade de um livre e corajoso acesso a Deus em todos os tempos. Esse sacerdócio de Cristo está associado ao de Melquisedeque, um sacerdócio misterioso mencionado em Gn 14 e recordado posteriormente no salmo 110. O argumento de Hebreus é que, pelo salmo ter mencionado um sacerdócio diferente do de Arão, alguma coisa superior a esse sacerdócio era necessária. O sacerdócio de Melquisedeque é utilizado para explicar a pessoa divina do sacerdote, com sua obra ilustrada pelo sacerdócio aarônico, já que não havia uma obra sacerdotal em conexão com Melquisedeque. O sacerdócio de Cristo é considerado estável e eterno, jamais delegado a qualquer outra pessoa (Hb 7.24), pois o sacrifício de Jesus Cristo é superior aos sacrifícios do AT, porque é completo, espiritual e totalmente eficaz para a redenção (Hb 9.11-14; 10.11-14). Assim, o sacerdócio de Cristo nos ensina a grande verdade de que o cristianismo é a "religião do

acesso"; e comprova-se isso na exortação "aproximai-vos". Em Cristo, todos os crentes são sacerdotes. O ministro do evangelho, distinto do leigo, nunca é mencionado no NT como sacerdote, mas como presbítero ou ancião, palavras com uma ideia inteiramente diferente. Em referência aos crentes, mesmo o sacerdócio nunca está associado aos cristãos individuais, mas à sua coletividade: "sacerdócio santo" (1Pe 2.5). No NT, a verdade fundamental sobre o sacerdócio é: o cristianismo é um sacerdócio, mas não tem sacerdócio.

saco. Palavra de pura origem hebraica, espalhada na Europa pelos viajantes da Fenícia. Era um pano forte e áspero, feito de pelo de camelo e cabra, usado junto ao corpo como sinal de dor e luto, em ocasiões de grandes calamidades, arrependimento e perturbação (Gn 37.34; 2Sm 3.31). Geralmente, o saco era usado sobre os lombos, causando grande desconforto (Ez 27.31). Tinha cor escura, pendendo para preto (Ap 6.12).

sacramento. V. BATISMO, CEIA DO SENHOR.

sacrifício. Os sacrifícios e as ofertas parecem ser do tempo de Caim e Abel. Caim ofereceu "do fruto da terra", Abel "trouxe das primícias do seu rebanho, e da gordura deste" (Gn 4.3,4). Os sacrifícios aparecem na idade patriarcal (Gn 15.9- 11,17; 31.54; 46.1) e eram familiares aos israelitas no Egito (Êx 3.18). A Lei estabeleceu os sacrifícios e ofertas que os judeus deveriam oferecer a Deus com certas particularidades. As ofertas eram tanto do reino vegetal como do animal, aquelas chamadas de ofertas "sem sangue", da palavra hebraica que significa "dons", e estas ofertas de sangue, da palavra que significa "sacrifícios mortos". Além das ofertas de vegetais e animais, usava-se também o sal mineral, emblema de pureza. Do reino vegetal, empregavam-se farinha, trigo torrado, bolos e incenso, e as libações de vinhos nas ofertas de bebidas. Os sacrifícios normalmente andavam unidos, e eram considerados uma adição às ofertas de ação de graças, realizadas com fogo (Lv 14.10-21; Nm 15.5-11; 28.7-15). Os animais oferecidos eram bois, cabras e carneiros sem mancha, tendo entre 8 dias e 3 anos. Há uma exceção em Jz 6.25, "o boi de sete anos". Em alguns casos, as pombas também eram oferecidas (Êx 22.20; 12.5; Lv 5.7; 9.3,4). Nunca se ofereciam peixes, e sacrifícios humanos eram expressamente proibidos (Lv 18.21; 20.2). Os sacrifícios somente eram oferecidos no pátio à entrada do tabernáculo e, mais tarde, do templo (Lv 17.1-9; Dt 12.5-7). Havia, porém, de tempos em tempos, sacrifícios em outros lugares, sem censura (Jz 2.5; 11.15; 16.5; 1Rs 18.30). Ao mesmo tempo, os israelitas mostravam uma disposição constante para sacrificar "nos lugares altos", antes de existir um santuário permanente (1Rs 3.2), e mais tarde por motivos de cisma (1Rs 12.31; 2Cr 33.17). Por lei, para a realização do sacrifício, primeiramente o próprio ofertante deveria purificar-se (Êx19.14; 1Sm 16.5) e depois levar a vítima ao altar. Voltado para o santuário, o ofertante punha a mão sobre a cabeça do animal, para identificar a vítima e o pecador, e ser alcançada a expiação pelo sacrifício (Lv 1.4; 3.2; 4.33). Depois era dado o golpe, podendo, contudo, esse ato ser praticado pelo sacerdote (2Cr 29.23, 24; Ed 6.20). Depois da morte da vítima, o sacerdote recebia o sangue e espalhava-o perto das ofertas, mas separado delas. O animal era cortado em pedaços pelo ofertante (Lv 1.6), e a gordura era queimada pelo sacerdote. Em alguns sacrifícios, antes ou depois da morte do animal, a vítima era levantada, em um movimento de vaivém, na direção do altar, simbolizando a apresentação ao Senhor. Nos casos em que os adoradores comiam parte do sacrifício, isso dava ideia de sua comunhão com Deus. Em si mesmos, os sacrifícios eram muito imperfeitos, não podendo, de forma alguma, purificar

a alma. Paulo descreveu essas e outras cerimônias da Lei como "rudimentos fracos e pobres" (Gl 4.9). Representavam graça e pureza, mas não as comunicavam. Convenciam o pecador da necessidade de purificar-se e dar satisfação a Deus, mas não conferiam santidade. O judeu piedoso não era insensível a isso, como o salmista nos mostra em suas palavras de profundo sentimento: "Sacrifícios agradáveis a Deus são o espírito quebrantado; coração compungido e contrito não o desprezarás, ó Deus" (Sl 51.17). Deus ensinou ao povo, por meio dos profetas, que, se o pecador não tivesse disposições santas, seus sacrifícios não poderiam agradar-lhe (Sl 40.6; 51.16; Is 1.11-14; Jr 35.15; Os 14.2; Jl 2.12,13; Am 5.21,22). Todos os sacrifícios são símbolos do sacrifício de Cristo, sua sombra instituída (Hb 9.9-15; 10.1). Cristo, oferecendo-se a si mesmo, aboliu todos os outros sacrifícios (1Co 5.7; Hb 10.8-10). A ideia do sacrifício muitas vezes é usada em sentido secundário e metafórico, aplicado às boas obras dos crentes, aos deveres de oração, aos louvores a Deus etc. (Hb 13.16). "Não negligencieis igualmente a prática do bem e a mútua cooperação; pois com tais sacrifícios Deus se compraz." "Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis os vossos corpos por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus" (Rm 12.1). O adorador não deveria oferecer o que não lhe custava coisa alguma; parte dos seus bens seria transferida dele para Deus. A oferta poderia ser: certo tempo, facilidade, conforto, propriedade, inteligência; e essas coisas podiam ser consagradas ao Senhor. V. ALTAR, SACRIFÍCIOS PACÍFICOS.

sacrifício expiatório. Sacrifício de expiação pelo pecado (Lv 4.32-35). Era um holocausto, diferente dos sacrifícios com vítimas oferecidos por pecados cometidos inadvertidamente ou por ignorância. Contudo, se a falta era voluntária, o transgressor merecia ser cortado da comunhão. Era a "expiação do pecado por meio de uma vida dada em substituição" (Lv 5.17-19; 15.2,9, 19ss; Nm 6.11). Os sacrifícios expiatórios eram: a) oferecidos pelo sumo sacerdote, quando ele tinha cometido qualquer ofensa de que a nação pudesse sofrer as consequências; b) quando toda a nação tinha pecado inadvertidamente; c) por indivíduos que tivessem pecado por ignorância (Lv 4.32-35); d) muito especialmente no grande Dia da Expiação. O sumo sacerdote, quando era o primeiro ou o último caso, punha a mão sobre a cabeça da vítima, confessando seu pecado. No segundo caso, os anciãos punham a mão sobre a vítima ou punham-na sobre a pessoa que trazia a oferta, se fosse o terceiro caso. As cerimônias do grande Dia da Expiação eram realmente muito significativas (v. Lv 16.20,26-33; Nm 29.7-11). O bode emissário levava consigo os pecados do povo, e o segundo bode era sacrificado, prefigurando especialmente a obra de Jesus Cristo. Os sacrifícios expiatórios também eram oferecidos em certas ocasiões para purificação de pessoas contaminadas (Lv 9.22; 14.19-31; 15.2,14,15,25-30; Nm 6.2- 12). No NT, fala-se de Jesus Cristo como a vítima da expiação (Rm 8.3,4; 2Co 5.21; Hb 1.3; 9.28).

sacrifícios pacíficos, de ação de graças. 1. Oferecimento de um novilho, carneiro ou cabra. O animal era trazido pelo ofertante que punha as mãos sobre ele e, então, o matava junto ao lado sul do altar. À roda do altar, o sangue era derramado, e a gordura, queimada. O peito "em movimento" e a espádua "alevantada" da oferta pertenciam ao sacerdote, e o resto do animal era usado em um ato sacrificial (1Co 10.18). Era uma oferta voluntária algumas vezes feita em cumprimento de um voto (Nm 6.14,17). O Senhor era considerado como presente ao sacrifício, pois havia comunhão com ele. Os sacrifícios pacíficos tinham uma relação muito estreita com os feitos pelos pecados e com os holocaustos; depois deles, havia uma festa solene

de ação de graças (Êx20.24ss). V. ALTAR, SACRIFÍCIO.
2. As cerimônias de sacrifícios pacíficos ou de ação graças estão descritas em Lv 3; 7.11-18,29-34; 23.20. O princípio geral desses sacrifícios era o da espontaneidade (Lv 19.5). Depois do sacrifício, a oferta era usada em uma refeição especial. Os sacrifícios pacíficos foram oferecidos em favor do povo em ocasiões de grande solenidade e regozijo, como no pacto (Êx 24.5), na consagração de Arão e do tabernáculo (Lv 9.18), na leitura solene da Lei em Canaã por Josué (Js 8.31), na elevação de Saul ao trono (1Sm 11.15), na condução da arca ao monte Sião (2Sm 6.17), na consagração do templo por Salomão (1Rs 8.63—9.25), e na Páscoa, no reinado de Ezequias (2Cr 30.22).

saduceus. Os saduceus formavam um partido judaico, mencionado apenas 13 vezes no NT, mas não no quarto Evangelho ou nas Epístolas. Desempenharam um papel importante na história religiosa daquele tempo. 1. Geralmente se afirma que seu *nome* é derivado de Zadoque, algum vulto do partido, ou do Zadoque que foi sacerdote no tempo de Davi (1Rs 1.8) e Salomão (1Cr 29.22). Havia descendentes de Zadoque no sacerdócio depois do exílio, organizando um partido com fins políticos e eclesiásticos ou religiosos. Por mais de um século antes do nascimento de Jesus Cristo, constituíam um importante partido nacional, e no tempo do NT todos os sumos sacerdotes eram saduceus.
2. *Sua atitude para com o divino Mestre* parece bastante natural, pois eram um partido aristocrático com relações íntimas com o sacerdócio. Os ensinamentos de Jesus eram um ataque direto à sua posição. Não surpreende sua indignação quando Jesus purificou o templo (Mt 21.12) e aceitou o título de "Filho de Davi" (Mt 21.15). Seu desejo de eliminar Jesus era tão forte quanto o dos fariseus (Lc 19.47); como eles, também procuraram criar dificuldades a Jesus, fazendo-lhe perguntas astutas (Mt 22.23). No início de seu ministério, Jesus os censurou publicamente (Mt 3.7) e disse aos discípulos que se acautelassem do fermento deles (Mt 16.6,11,12).
3. Depois da morte de Jesus Cristo, a oposição dos saduceus se manifesta outra vez, juntando seus clamores aos dos sacerdotes (At 4.1; 5.17). Paulo fazia uso das diferenças doutrinais entre fariseus e saduceus em defesa própria (At 23.6). A maneira de Paulo se referir à ressurreição facilmente se notará considerando o doutrinamento dos saduceus.
4. A particularidade da doutrina dos saduceus é revelada por Jesus (Mt 16.6,12) e pelos evangelistas (Mt 22.23; Mc 12.18; Lc 20.27). O conflito entre eles e os fariseus evidencia-se em At 23.6-8. Pelas passagens já citadas, nota-se que os saduceus negavam a ressurreição e a existência de anjos e espíritos. *Quanto à ressurreição*, Josefo, depois de explicar a crença dos fariseus no destino, no livre-arbítrio, no poder imortal da alma, em recompensas e castigos em um estado futuro, acrescenta que a doutrina dos saduceus é a da morte da alma com o corpo (Ant., XVIII, 1, 4). *Quanto à negação da existência de anjos e espíritos*, sua filosofia ia de encontro aos ensinos do AT; por isso, pode-se explicar a impopularidade dos saduceus a esse e outros respeitos. Josefo fez ver que, quando os saduceus se tornaram magistrados, tiveram de "aceitar as noções dos fariseus, porque de outra sorte o povo não os toleraria" (Ant., XVIII, 1, 4). Como partido, os saduceus nunca foram numerosos, terminando sua existência depois da destruição de Jerusalém.

Safã. 1. Filho de Azalias e pai de Aicão (2Rs 22.3,12). Seus outros filhos foram Eleasá e Gemarias (Jr 29.3; 36.10-12); e seus netos, Gedalias (Jr 39.14; 40.5) e Micaías (Jr 36.11). Foi secretário e o principal oficial do rei Josias. Como escriba e seu igual em categoria, acompanhou os enviados para cuidar do dinheiro coletado pelos levitas para a reparação do templo (2Rs 22.4-20; 2Cr 34.8-20). O exemplar da Lei achado por Hilquias foi levado a Josias por Safã, que o leu perante o rei. V. HILQUIAS, HULDA, JOSIAS.
2. Pai de Eleasá (Jr 29.3). É possível que seja o mesmo do item 1.
3. Pai de Jaazanias (Ez 8.11), possivelmente idêntico ao item 1.

safira. *Beleza.* Pedra azul transparente, extremamente bela e preciosa, inferior apenas ao diamante em brilho, dureza e valor. Nos exemplares mais raros, há um profundo azul-celeste; em outros, sua cor varia entre esse azul e o esplendor do puro cristal, não tendo nesse caso as menores manchas de colorização, mas apresentam brilho superior. A safira oriental azul-celeste é a mais bela. Às vezes a safira é matizada com veios de uma brancura de espato, ou mostra distintas malhas de cor áurea (Jó 28.6,16; Ez 28.13). A safira era a segunda pedra na segunda ordem do peitoral do sumo sacerdote (Êx28.18). A claridade e a transparência dessa pedra formosa servem para descrever a visão que Moisés e os anciãos tiveram a respeito de Deus em Êx24.10 (cp. Ez 1.26; 10.1). É um dos 12 fundamentos do muro da nova Jerusalém (Ap 21.19; cp. Is 54.11). (V. tb. Ct 5.14; Lm 4.7.)

sal. Os judeus tinham uma inesgotável provisão de sal nas praias do mar Morto, e havia uma montanha de sal com 8 km de comprimento no extremo sul do mesmo mar. Estavam ao pé da montanha os poços de sal de Sf 2.9 e o vale do Sal de 2Sm 8.13. Os fenícios obtinham sal do mar Mediterrâneo pela evaporação. O sal usado pelos antigos era o sal-gema e o dos lagos de água salgada, que era impuro e sem sabor exterior. A alusão em Mt 5.13 é a esse sal, muitas vezes lançado fora, como inútil. Os orientais costumam ratificar promessas com presentes de sal, emblema da preservação e também da constância e fidelidade. É uma garantia sagrada de hospitalidade, que eles nunca se atreviam a quebrar, preferindo dar guarida a criminosos a entregá-los à justiça, logo que eles tenham comido do seu sal. Até os beduínos, que roubam no deserto, respeitam aquele que procurou o abrigo da sua tenda, ao qual foi oferecido antes, na verdade, o sal da amizade. Como toda oferta de manjares devia ser salgada (Lv 2.13), foi estabelecida a "aliança perpétua de sal" entre Deus e seu povo (Nm 18.19; 2Cr 13.5). Parece haver uma referência às suas qualidades de sabor e preservação em Mt 5.13; Mc 9.50 e Cl 4.6. O sal produz queimação nos vegetais (Dt 29.23); assim se explica a esterilidade das praias do mar Morto. A terra salgada de Jr 17.6 é o mesmo que os "lugares secos do deserto", significando regiões improdutivas (Jó 39.6; Sl 107.34; Ez 47.11; Sf 2.9). Por isso, na Antiguidade havia o costume de espalhar sal nas ruas de uma cidade inimiga quando conquistada, como sinal de perpétua desolação (Jz 9.45).

sal, poços de. Poços feitos na praia do mar Morto para encherem com a água da cheia e se espraiar até certa distância. Quando as águas baixam, a dos poços se evapora depressa, deixando uma camada de sal de cerca de 25 mm de espessura (Sf 2.9).

Salamina. Cidade na extremidade leste de Chipre, onde Paulo desembarcou na sua primeira viagem missionária (At 13.5). Como menciona sinagogas, certamente havia muitos judeus no local, pois uma sinagoga era suficiente na maior parte das povoações fora da terra santa. A

história mostra isso, pois Herodes, o Grande, tomou minas de cobre de renda em Chipre que os judeus empregavam em sua exploração. A cidade desapareceu completamente, mas suas ruínas estão perto da atual Famagusta. V. PAULO.

Salém. *Paz.* A cidade de que Melquisedeque era rei (Gn 14.18; Hb 7.1,2). Provavelmente identificada com Jerusalém de acordo com a tradição judaica; Salém é uma designação poética de Jerusalém (Sl 76.2).

salgueiro. O salgueiro é comum na Palestina e países circunjacentes; cresce perto de rios e torrentes do inverno, especialmente nas margens dos rios Jordão, Arnom e Caliroe. Também se desenvolve nos vales próximos do mar Morto (Jó 40.22; Is 44.4). O salgueiro aparece mencion ado primeiro como a árvore cujos ramos se empregavam na construção de barracas na Festa dos Tabernáculos (Lv 23.40). A árvore do Sl 137.2 é o *Salix Babilonica*, ou o chorão. Em Is 15.7, "torrentes dos salgueiros" é um dos limites de Moabe.
Outra palavra hebraica traduzida por "salgueiro" ocorre apenas uma vez na parábola de Ezequiel, a respeito da videira plantada, posta junto às grandes águas como um salgueiro (Ez 17.5).

Salim. *Paz*. Em Jo 3.23, está escrito que "João estava também batizando em Enom, perto de Salim, porque ali havia muitas águas", a única ocorrência dos dois nomes. Assim, os lugares não podem ser certamente identificados. Há um lugar chamado Salim, perto de Nablus, e outro de nome Ainum no uádi Faria, um vale rico de nascentes, cuja água corre para o Jordão. Mas essas povoações são separadas uma da outra por 11 ou 13 km.

Salmă. É presumível que seja uma forma abreviada de Salmaneser (Os 10.14). Bete-Arbel, que ele destruiu, provavelmente era uma fortaleza conquistada por um dos reis assírios com esse nome, talvez Salmaneser III, 783-773 a.C. Tem sido identificada com a moderna Irbid, perto de onde existem extensas cavernas, que repetidas vezes foram fortificadas pelos judeus.

Salmaneser. Quarto rei da Assíria com esse nome, que sucedeu Tiglate-Pileser e reinou por cinco anos, em 727-722 a.C. (2Rs 17.3; 18.9). Ele invadiu o reino de Israel duas vezes. Na segunda, levou cativo Oseias, que, revoltado contra sua autoridade, recusava-se a pagar tributo; cercou Samaria, que foi, apesar de resistir mais de dois anos, finalmente tomada por Sargão depois da morte de Salmaneser. V. SARGÃO.

Salmom. Salma, pai ou fundador de Belém (1Cr 2.51,54). Pai de Boaz, que casou com Rute, sendo por isso o fundador da casa de Davi (Rt 4.20,21; 1Cr 2.1; Mt 1.4; Lc 3.32).

Salmos, O Livro dos. Nenhuma parte da Escritura tem sido mais pesquisada e comentada do que os Salmos. O grande interesse por essa parte da Bíblia tem como única razão de ser o auxílio que presta à devoção. O autor Hooker a elogia, dizendo que tudo o que importa conhecer, ou realizar, ou possuir, encontraremos na celestial e maravilhosa fonte dos Salmos: magnanimidade heroica, justiça perfeita, moderação severa, sabedoria rigorosa, arrependimento sincero, paciência ilimitada, os mistérios de Deus, os sofrimentos de Cristo, o terror da ira, o conforto da graça, as obras da Providência a respeito do mundo e as alegrias prometidas desse mundo para onde nos dirigimos. Hooker ainda afirma que, com certeza, não há dor na alma ou doença, mancha ou desassossego, que não tenha nesse admirável tesouro um remédio pronto e eficaz. O *título* dado a toda a coleção de livros é "livro dos Salmos" em Lc 20.42 e At 1.20, e também se diz simplesmente "os Salmos" em Lc 24.44. O título hebraico (*têhillim*) significa

"louvores"; o que usamos e que nos vem da *Septuaginta* designa odes adaptadas à música. Para os salmos individuais, o título geralmente empregado é *mizmôr*, "um cântico com acompanhamento musical" (57 vezes). A palavra *shir*, cântico ou ode, marca os salmos 45 e 46; e, em combinação com *mizmôr*, os salmos 30 e 48; e, combinada a mesma palavra com *hama'aloth*, "os degraus", designa os salmos 120—134 ("cântico dos degraus"). Na epígrafe dos salmos 17, 86, 90, 102, 142, acha-se o termo *têphillah*, "oração"; e esse mesmo termo no plural é usado no pós-escrito do salmo 72. No original hebraico e na *Septuaginta*, os Salmos acham-se divididos em cinco livros:

1. Sl 1—41. Com apenas quatro exceções (1, 2, 10, 33), são os salmos que se atribuem, segundo seus títulos, a Davi.
2. Sl 42—72. São os salmos dos "filhos de Coré" (42—47) e de "Davi" (51—65 e 68—70). Provavelmente, é uma compilação de salmos para os serviços do tabernáculo e do templo.
3. Sl 73—89. Salmos de "Asafe" (73—83) e de "Coré" (84—89), na sua maioria, suplementares ao livro 2. Apenas um salmo desse livro é atribuído a Davi (86).
4. Sl 90—106. O primeiro deles é atribuído a Moisés, dois a Davi (101 e 103), e os demais são anônimos.
5. Sl 107—150. São litúrgicos: incluem os salmos de aleluia e os cânticos dos degraus. Foram, talvez, coligidos para o serviço do segundo templo. A autoria do salmo 110 é atribuída por Jesus Cristo a Davi (Mc 12.36,37; Lc 20.42-44), e igualmente outros nestas passagens (At 1.16; 2.25; 4.25; Rm 4.6; 11.9; Hb 4.7). Segundo a tradição judaica, a maior parte da coleção é de Davi. Torna-se claro, à luz de certos versículos, que esse rei era poeta. (2Sm 1.19-27; 3.33,34). O salmo 18 é citado em 2Sm 22.2-51 e 23.1. Davi é chamado "o mavioso salmista de Israel". O mesmo salmista estabeleceu os serviços do santuário (2Cr 29.27,30). Como músico, Davi promoveu o desenvolvimento da música religiosa (1Sm 16.17,18; Am 6.5); contudo, nem todos os salmos mostram ser de sua autoria. No texto hebraico, seu nome acha-se em 73 salmos, como autor; na *Septuaginta*, há mais 12, que também lhe são atribuídos.

O nome de Asafe, primeiro músico de Davi, ou de seus descendentes, está relacionado a 12 salmos: 50 e 73—83. Aos filhos de Coré, outra família de cantores, 11salmos são atribuídos. A essa família, pertencia Hemã, o ezraíta, neto de Samuel (Sl 88; cp. 1Sm 8.2 e 1Cr 6.33). Etã é considerado autor do salmo 84.

O nome de Salomão está nos salmos 72 e 127; provavelmente mais como assunto do que autor do primeiro. Moisés é reconhecido como autor do salmo 90.

Os salmos têm sido classificados de muitos modos. A seguinte disposição do rev. Biekersteth pode ser útil para fins devocionais:

I. *Salmos didáticos.* Sobre o caráter de homens bons e maus, sobre sua felicidade e miséria: 1; 5; 7; 9—12; 14; 15; 17; 24; 25; 32; 34; 36; 37; 50; 52; 53; 58; 73; 75; 84; 91; 92; 94; 112; 119; 121; 125; 127; 128; 133; sobre a excelência da lei divina: 19 e 119; sobre a vaidade da vida humana: 39; 49; 90; sobre o dever dos que estão em lugares superiores: 82 e 101; sobre a humildade: 131.

II. *Salmos de louvor e adoração.* Reconhecimento da bondade e misericórdia de Deus e particularmente de seu cuidado para com o homem fiel: 23; 34; 36; 91; 100; 103; 107; 117; 121; 145; 146; reconhecimento de seu poder, glória e atributos em geral: 8; 19; 24; 29; 33; 47;

50; 65; 66; 76; 77; 93; 95—97; 99; 104; 111; 113—115; 134; 139; 147; 148; 150.
III. *Salmos de ações de graças.* Por graças a indivíduos: 9; 18; 22; 30; 34; 40; 75; 103; 108; 116; 118; 138; 144; por graças aos israelitas em geral: 46; 48; 65; 66; 68; 76; 81; 85; 98; 105; 124; 126; 129; 135; 136; 149.
IV. *Salmos de devoção.* Exprimem arrependimento, enfaticamente chamados sete salmos penitenciais: 6; 32; 38; 51; 102; 130; 143; exprimem a confiança em Deus, no meio das aflições: 3; 16; 27; 31; 54; 56; 57; 61; 62; 71; 86; exprimem extremo desalento, mas não sem esperança: 13; 22; 69; 77; 88; 143; orações em tempo de terríveis desgraças: 4; 5; 11; 28; 41; 55; 59; 64; 70; 109; 120; 140; 141; 143; orações quando há privação do culto público: 42; 43; 63; 84; orações para pedir auxílio, pela consideração da justiça da causa: 7; 17; 26; 35; orações em tempo de aflição e perseguição: 44; 60; 74; 79; 80; 83; 89; 94; 102; 129; 137; orações de intercessão: 20; 67; 122; 132; 144.
V. *Salmos eminentemente proféticos:* 2; 16; 22; 40; 45; 68; 69; 72; 97; 110; 118, messiânicos na sua maior parte.
VI. *Salmos históricos*: 78; 105; 106. Diversas citações dos salmos, no NT, referem-se a Jesus Cristo e à sua obra. Uma lista dessas passagens: Sl 2. *Salmo messiânico*: prediz as conquistas e a soberania do Filho de Deus, sendo citadas muitas vezes as palavras proféticas em At 4.25; 13.53; Hb 1.5; 5.5, Ap 2.26,27 e 12.5. Na primeira passagem, a profecia é atribuída a Davi pelos apóstolos.
Sl 16. A respeito da ressurreição do Santo, refere-se Pedro em At 2.27, e Paulo, em At 13.35.
Sl 8.5,7. O homem, como senhor da criação, ideal de sua única realização em Cristo (Hb 2.5-9).
Sl 22.7,8,18. A vítima inocente (Mt 27.35, 39-48).
Sl 22.22. Testemunho do Salvador para com sua própria obra (Hb 2.11,12).
Sl 31.5. Jesus entrega seu espírito a Deus (Lc 23.46).
Sl 35.19. Odiado sem causa (Jo 15.25).
Sl 40.6. Encarnação, obediência e sacrifício (Hb 10.5-10).
Sl 41.9. O traidor entre seus amigos (Jo 13.18).
Sl 45.6. Salmo messiânico: o trono eterno do Filho (Hb 1.8,9).
Sl 68.18. Sua descida e ascensão (Ef 4.8).
Sl 69.9. Zelo pela casa de seu Pai (Jo 2.17).
Sl 69.21-25. Cristo e seus inimigos (Mt 23.37,38; 27.14,48; Rm 11.9-11).
Sl 110. Salmo messiânico: atribuído pelo próprio Cristo a Davi; Cristo, o Conquistador, o Rei e Sacerdote (Mt 22.43,44; At 2.34; 1Co 15.25,26; Hb 1.13; 5.6; 7.17). Sl 118.22,23. A pedra que os edificadores rejeitaram (Mt 21.42; Ef 2.20). Sl 132.11. O herdeiro do trono de Davi (At 2.30).

Salomão. *Pacífico (?)*. Terceiro rei de Israel, décimo filho de Davi, o segundo que teve de Bate-Seba. Seu nascimento fora anunciado nas palavras proféticas de Natã (2Sm 7.12,13; 1Cr 22.7-10). Nasceu em Jerusalém, e foi chamado de Jedidias, "querido do Senhor", pelo profeta (2Sm 5.14; 12.24,25). Quando Adonias, filho de Davi, sendo seu pai já muito velho, levantou-se e disse "eu reinarei" (1Rs 1.5), Natã incitou a rainha Bate-Seba que fizesse Davi lembrar sua promessa sobre Salomão. Bate-Seba o fez imediatamente. Davi, informado do que se passava,

mandou que Zadoque e Natã ungissem seu filho Salomão rei. Os partidários de Adonias prontamente o abandonaram, mas Salomão não lhe fez então mal algum, mandando-o para casa (1Rs 1.53; 1Cr 23.1). Mais tarde, a cerimônia da unção foi repetida (1Cr 29.22-25). Depois da morte de Davi (1Rs 2.10), Salomão casou com uma filha do faraó do Egito, trazendo-a para Jerusalém (1Rs 3.1). Em um sonho, pediu a Deus que lhe desse sabedoria, recebendo então a promessa de abundantes bênçãos (1Rs 3.5-15). Sua sabedoria e piedade (1Rs 3.16-28; 5.5), o esplendor de sua casa e a extensão de seu reino espalharam sua fama para longe (1Rs 10.1-13). Conforme predito, ele edificou o primeiro templo de Jerusalém (1Rs 5.6; 2Cr 2—4) e um palácio para si; a Casa do Bosque do Líbano; um edifício para sua mulher, a rainha egípcia; o muro de Jerusalém e várias cidades (1Rs 3.1; 7.1,2,8; 9.15-19,24). Salomão e seu povo desfrutaram profunda paz durante seu reinado, em todos os seus domínios. Ele governou sobre todos os povos desde o Eufrates (e ainda mais para além do rio) até o Nilo. Seu exército era grande e bem equipado (1Rs 4.26; 10.26; 2Cr 1.14). Protegeu o comércio de tal modo que a Palestina se tornou rica e abundante em artigos de luxo (1Rs 9.26,28; 10.14,15,27- 29). Sua casa tornou-se notável por sua riqueza e esplendor (1Rs 10.5; cp. Mt 6.29). Entretanto, a prosperidade degenerou em voluptuosidade; a moral e a religião decaíram muito. Salomão tomou mil mulheres e concubinas, entre elas moabitas, amonitas, edomitas, sidônias e heteias. Seu coração foi pervertido de tal modo por essas mulheres que chegou a adorar falsos deuses, como Astarote dos sidônios, Moloque dos amonitas, e Camos dos moabitas, aos quais edificou templos no monte das Oliveiras (1Rs 11.1,2; Ne 13.26). Seus pecados trouxeram o castigo anunciado (2Sm 7.14; 1Rs 11.9-13), e apareceram os inimigos (1Rs 11.14-40), enevoando seus últimos dias. Depois de reinar quarenta anos, Salomão morreu, e foi sepultado "na cidade de seu pai Davi" (1Rs 11.42,43; 2Cr 9.29-31). Três livros do AT, Provérbios, Eclesiastes e Cântico dos Cânticos, são atribuídos a esse rei. Jesus Cristo fez alusões à sabedoria de Salomão e à magnificência com que vivia (Mt 6.29; 12.42; Lc 11.31; 12.27). V. ADONIAS, BATE-SEBA, TEMPLO.

Salomão, Pórtico de. No templo de Herodes, havia uma colunata sobre cada um dos quatro lados da arca do templo. A do leste, tinha essa designação ou por alguma das construções de Salomão, ou por ali ainda existirem restos do edifício original. No mesmo lugar, Jesus ensinou suas doutrinas (Jo 10.23); e também foi ali que Pedro, João e os apóstolos tiveram reuniões e falaram ao povo (At 3.11; 5.12).

Salomé. 1. Uma das mulheres que observaram a crucificação (Mc 15.40; 16.1). Por uma comparação com Mt 27.56, parece ser a mulher de Zebedeu; por Jo 19.25, também é possível deduzir que seja a irmã de Maria, mãe de Jesus. V. MARIA. Foi ela quem pediu a Jesus lugares de honra, no reino dos céus, para seus filhos (Mt 20.20).
2. A filha de Herodias (Mt 14.6; Mc 6.22).

saltério. Instrumento de cordas para acompanhar a voz (Sl 33.2; 144.9). Uma espécie de alaúde, semelhante à viola, mas triangular. O número de suas cordas variava entre 6 e 12. Eram colocadas sobre uma pele muito esticada, presa ao cavalete e tocadas com os dedos, como a harpa (2Sm 6.5; 1Rs 10.12).

Salum. *Retribuição.* 1. Filho de Jabes que matou Zacarias, o 14º rei de Israel, e usurpou seu trono. Depois de reinar um mês, foi assassinado em Samaria por Menaém, em 770 a.C. (2Rs 15.10-

15).

2. Guarda das vestes e marido da profetisa Hulda (2Rs 22.14; 2Cr 34.22).

3. Descendente de Jerameel (1Cr 2.40,41).

4. Filho do rei Josias (1Cr 3.15; Jr 22.11), também conhecido como Jeoacaz. (V. JEOACAZ.)

5. Neto de Simeão (1Cr 4.25).

6. Pai de Hilquias (1Cr 6.12,13; Ed 7.2).

7. Filho de Naftali (1Cr 7.13). Em Gn 46.24, é Silém.

8. Levita chefe dos porteiros da porta oriental do templo (1Cr 9.17,31; Ed 2.42; Ne 7.45).

9. Pai de Jeizquias (2Cr 28.12).

10. Um porteiro do santuário (Ed 10.24).

11. Um dos filhos de Bani (Ed 10.42).

12. Filho de Halôes. Governador de metade de Jerusalém que auxiliou na reparação dos muros da cidade com a ajuda de seus filhos (Ne 3.12).

13. Filho de Col-Hozé (Ne 3.15).

14. Tio do profeta Jeremias (Jr 32.7). É possível que seja o mesmo do item 2.

15. Oficial a serviço do templo no reinado de Joaquim (Jr 35.4).

salvação, salvar, salvo. Palavras empregadas tanto no AT como no NT em mais de um sentido. Em muitos lugares, significa salvar o corpo ou a vida ou ser salvo de algum perigo. Contudo, no sentido religioso entende-se a salvação da alma, havendo referência direta ou implícita à esperança messiânica ou à obra de Jesus Cristo. Desse modo, no AT "salvação" e "salvar" se usam para o livramento de um perigo, como quando os israelitas atravessaram o mar Vermelho (Êx14.13,30), e no caso de Jônatas (1Sm 14.45); os mesmos termos são usados sobre a vida individual e a vida dos animais (Gn 12.12; Js 6.25; 1Rs 18.5). Semelhantemente, quando se quer exprimir a segurança por firme livramento, pondo inteira confiança no Senhor, é a salvação personificada (Sl 3.8; 35.9; 62.2; Is 12.2; Jr 33.16; Mq 7.7; Hc 3.18). Esse livramento ou segurança não é só nacional (Sl 28.9; Is 25.9; Os 14.3), mas também pessoal (Sl 6.4; 69.1), tendo em vista a redenção relacionada com a esperança messiânica (cp. Lc 1.69,77). Nas páginas do NT, encontra-se igualmente a palavra "salvar" em sentido lato: em algumas passagens, quer dizer livramento do perigo (Mt 8.25; Jo 12.27; At 27.20), mas, em muitas outras, indica o estado de perdão e segurança obtido por Jesus Cristo para o homem (Mt 1.21; Lc 19.10; Jo 12.47; At 2.21; 4.12; 13.47; 16.30; Rm 5.9; 1Co 1.18; 1Ts 5.9; Hb 5.9). Essa salvação é para o presente e o futuro e está relacionada com a fé no Salvador, quer se trate do alívio imediato do corpo, quer se tenha em vista um significado mais profundo do termo (Lc 7.50; 18.42; At 16.30,31; Rm 10.9; 1Co 1.21). É objeto da livre disposição do Altíssimo e de sua graça (Ef 2.5,8; Tt 2.11). V. EXPIAÇÃO, SALVADOR.

Salvador. Palavra usada no AT para designar Deus (2Sm 22.3; Sl 106.21; Is 43.3; 49.26) e também os homens libertadores (2Rs 13.5; Ne 9.27; Ob 21). Nome aplicado aos juízes (Jz 3.9,15; cp. 2.16). No NT, "Deus, meu Salvador" (Lc 1.47) e, nas epístolas pastorais de Paulo, "Deus, nosso Salvador" (1Tm 1.1; 2.3; Tt 1.3; 2.10; 3.4; v. tb. 2Pe 1.1; Jd 25) referem-se a Deus como nosso Redentor em Jesus Cristo (cp. 2Co 5.19). Quanto a seu emprego, falando do nosso divino Mestre, V. JESUS CRISTO. V. SALVAÇÃO.

Samaria. *Torre de vigia.* 1. Província que compreendia primeiro todo o território ocupado pelas dez tribos rebeladas sob o governo de Jeroboão, de Betel até Dã, e do mar Mediterrâneo até a Síria e Amom. O território foi diminuído pela inclusão das tribos de Simeão e Dã no reino de Judá, pelas conquistas de Hazael (2Rs 10.32), Pul e Tiglate-Pileser (2Rs 15.29; 1Cr 5.26), e finalmente pelas vitórias de Salmaneser (2Rs 17.5,6). Depois disso, Samaria tornou-se uma terra de completa desolação (2Rs 17.23,24; 21.13) e, em seguida, foi repovoada por estrangeiros durante os anos do cativeiro (2Rs 17.24; Ed 4.10). V. ISRAEL, REINO DE.

2. A cidade de Samaria, capital das dez tribos, era forte, semelhante a Jerusalém. Estava situada na metade do caminho do Jordão ao Mediterrâneo, a leste de Sarom, no alto de um monte alongado, íngreme e facilmente protegido. Foi edificada por Onri, rei de Israel, que comprou o monte de Samaria a Semer por 2 talentos de prata (1Rs 16.24). Os reis empreenderam muitas obras na cidade de Samaria para ela ser forte, bela e rica. Acabe construiu nela uma casa de marfim (1Rs 22.38,39), e o profeta Amós descreve a cidade como a sede do luxo e da afeminação (Am 3.15; 4.1,2). A vida e a morte de Acabe, assim como o culto a Baal, estão relacionados com Samaria (1Rs 16.32; 22.38; 2Rs 10.1- 28; 2Cr 18). Ali o profeta Eliseu exerceu seu ministério (2Rs 5; 6.1-20; 7). Por duas vezes, Samaria foi cercada pelos sírios, sem resultado (1Rs 20.1-34; 2Rs 6.24; 7.20), sendo tomada mais tarde, depois de três anos de cerco. O assédio iniciado por Salmaneser IV foi concluído por Sargão em 722 a.C. (2Rs 17.5,6). Os habitantes sofreram horrivelmente durante esse tempo (Os 10.4,8,9). Em Mq 1.6, a cidade foi reduzida a um monte de pedras. Após subjugar a cidade, Sargão deportou seus habitantes para muito longe de Israel. De acordo com a política dos conquistadores da Antiguidade, Sargão e, mais tarde, Esar-Hadom repovoaram Samaria com gente da Babilônia, Cuta e outras províncias longínquas, certamente para destruir os sentimentos nacionais entre os povos conquistados (2Rs 17.24; Ne 4.2).

Os cutitas reedificaram a cidade destruída até certo ponto, e, quando os judeus voltaram de seu cativeiro, certo número deles foi residir ali com suas mulheres estrangeiras (Ef 4.17; Ne 4.2). V. SAMARITANOS.

Samaria continuou assim, sem grandes mudanças, até que Aulo Gabínio, enviado de Pompeu, a reedificou, possivelmente no ano 60. Ainda permaneceu como insignificante até Herodes mandar reedificá-la e dar a ela um esplendor ainda maior do que o de outros tempos. Então, passou a chamar-se Sebasta, que significa Augusta, segundo o nome do imperador romano. Pela vontade de Herodes, a antiga povoação tornou-se uma cidade maior do que fora em qualquer tempo. Para embelezá-la mais, esse rei construiu um magnífico templo, do qual hoje apenas algumas ordens de arruinadas colunas podem ser vistas. Essas ruínas estão fora da atual pequena vila de Sebastieh, representante atual da antiga capital dos reis de Israel. Depende da presença ou não do artigo grego em At 8.5 para determinar se há menção da cidade de Samaria no NT. Herodes morreu em 4 a.C., quando Samaria era parte dos domínios de seu filho Arquelau. Segundo a tradição, João Batista foi sepultado em Sebasta, havendo ruínas de uma igreja com o nome do pregador do deserto como prova de tal fato.

3. A província de Samaria, no NT, ficava entre a Judeia e a Galileia (Lc 17.11). Seu limite norte eram os montes do limite sul de Esdrelom; ao sul, havia a fronteira norte de Benjamim. Foi atravessada por Jesus Cristo (Jo 4.4-43) e recebeu muito cedo a luz do evangelho (At 8.5-25).

samaritanos. Seita antiga e existente ainda hoje entre os judeus. Seu nome deriva de Samaria, cidade capital de seus domínios. V. ISRAEL, ISRAELITAS. Depois da queda de Samaria e do reino de Israel, Sargão levou seus habitantes para a Assíria, e, em parte, os territórios dos israelitas foram depois repovoados por estrangeiros vindos das vizinhanças do Tigre e do Eufrates (2Rs 17). Estes e os israelitas que tinham ficado em Israel aliaram-se por casamento, tomando mais tarde o nome de samaritanos. O país despovoado fora invadido por animais ferozes, fazendo os idólatras concluírem que o "Deus do país" estava encolerizado. Aterrorizados com essa ideia, mandaram pedir ao imperador da Assíria que lhes mandasse um sacerdote do Senhor para instruí-los sobre como prestar culto ao Deus de Israel.
De início, a religião local era diversificada: "temiam o Senhor e ao mesmo tempo serviam a seus próprios deuses". Contudo, após as reformas de Josias, estendidas até Betel e aos distritos do Norte (2Rs 23.15; 2Cr 34.6,7), parece que o povo destruiu seus ídolos, aceitando a religião israelita nominalmente (v. Ef 4.5,6). Todavia, embora tivessem a mesma religião dos judeus, não eram estimados por eles, pois usaram de calúnias e vários estratagemas para impedir a reedificação do templo de Jerusalém.
Após o cativeiro, com o início de uma reforma na Judeia por Neemias, alguns judeus casados com mulheres pagãs preferiram tornar-se samaritanos a repudiar suas esposas. Um deles foi Manassés, filho do sumo sacerdote, que conseguiu a renúncia de muita idolatria dos samaritanos, edificando sobre o monte Gerizim um templo, onde o culto se assemelhava ao de Jerusalém. V. MANASSÉS, NEEMIAS, SAMBALÁ. Mais tarde, quando o país fazia parte do Império Grego, os samaritanos se revoltaram contra Alexandre, que os expulsou de Samaria e os reuniu com os macedônios, dando a província aos judeus. Isso contribuiu bastante para aumentar a animosidade entre os dois povos. Samaria tornou-se refúgio para os transgressores da Lei judaica, que depois iam prestar culto ao Senhor no monte Gerizim. Quando os negócios judeus prosperavam, os samaritanos não perdiam a chance de se chamarem hebreus, pertencentes à raça de Abraão. Contudo, quando os judeus eram atormentados com perseguições, os samaritanos não os reconheciam como irmãos, declarando que eram fenícios, ou descendentes de José, ou Manassés. Os samaritanos se interessavam pela antiga aliança mosaica. Sua fé e práticas religiosas eram baseadas somente no Pentateuco, rejeitando inteiramente os outros livros do cânon judaico. Seu templo, edificado no monte Gerizim, permaneceu ali até 109 a.C. Jesus distinguia os samaritanos das ovelhas perdidas de Israel e dos gentios (Mt l0.5,6). Nesse tempo, o ódio entre eles e os judeus estava no auge (Lc 9.52,53; Jo 4.9), e até ao próprio Salvador chamavam samaritano, associando à palavra tudo quanto era mau (Jo 8.48).

Sambalá. Um horonita de Horonaim, em Moabe (Ne 2.10,19; 4.1,7; 6.1-14). Chefe militar de Artaxerxes, monarca persa, que governava os habitantes de Samaria (Ne 4.2) quando Neemias veio para Judá, encarregado de reedificar os muros de Jerusalém. Auxiliado por Tobias, o amonita, e por Gesém, o árabe, fez o possível para inquietar e contrariar Neemias (Ne 2.19; 4.7). Sua filha casou com um neto de Eliasibe. Após a expulsão de seu genro do sacerdócio, trouxe nova perturbação a Neemias e aos judeus vindos do cativeiro. Sambalá e seus filhos são mencionados nos papiros de 408 a.C., encontrados em Elefantina. V. NEEMIAS.

Samos. Ilha próxima da costa oeste da Ásia Menor, um pouco ao sul de Éfeso, afastada da praia cerca de 1,5 km. Quando Paulo estava de volta de sua terceira viagem missionária, atravessou esse estreito canal (At 20.15). A ilha é montanhosa, explicando o nome que tem (altura). Foi lugar importante e notável pelo culto a Juno, por ser terra natal de Pitágoras e pelos gregos terem derrotado a armada persa (479 a.C.) nesse mesmo estreito.

Samotrácia. Pequena ilha, mas notável por certos aspectos. Localizada a noroeste do mar Egeu, onde Paulo ancorou durante sua primeira viagem missionária (At 16.11). É visível durante a viagem entre Trôade e Neápolis. Possuiu diversos nomes em diferentes períodos: primeiro Dardânia, depois Leucânia e, por fim, Samos. Sua cidade principal ficava no norte da ilha, de onde também se via o ancoradouro. Embora tivesse apenas 27 km de perímetro, era um Estado livre. V. PAULO.

Samuel. *Nome de Deus*, ou, menos provável, ouvir de Deus. Filho de Elcana e sua esposa Ana. Como Isaque, era o filho da promessa (1Sm 1). Antes de nascer, foi consagrado como nazireu, promessa devidamente cumprida (1Sm 1.24-28). O menino serviu "o Senhor, perante o sacerdote Eli" (1Sm 2.11). Usava a estola sacerdotal de linho branco e, todos os anos, recebia a visita de sua mãe, trazendo-lhe uma pequena túnica (2.19). Fineias e Hofni, filhos de Eli, comportavam-se muito mal e eram censurados por seu idoso pai (1Sm 2.12ss). Então, veio a palavra do Senhor a Samuel, anunciando aflição sobre a casa de Eli (1Sm 3.11-14). Após anos, encontramos Samuel exercendo o alto cargo de juiz e governador. A arca voltara das terras dos filisteus, e os israelitas, exortados por Samuel, deixaram o culto a Baal e Astarote, servindo somente ao Senhor. Os filisteus continuavam seus ataques, mas Samuel intercedeu pelos israelitas, que derrotaram o inimigo. Para comemorar a vitória, Samuel mandou levantar o monumento de Ebenézer. Morava em Ramá, porém era juiz de Israel em "Betel, Gilgal, e Mispa" (1Sm 7).

Depois, Samuel reaparece já ancião, nomeando seus dois filhos, Joel e Abias, administradores da justiça em seu lugar (1Sm 8.1). O mau procedimento desses juízes levou o povo a pedir um rei. Samuel suplicou ao Senhor que o guiasse no assunto, e foi-lhe dito que resolvesse segundo os desejos do povo, explicando aos israelitas os perigos que corriam ao colocar um homem para governá-los e administrar os bens da nação (1Sm 8). Dirigido por Deus, Samuel ungiu Saul rei e intimou o povo a comparecer em Mispa para escolher seu dominador (1Sm 9.10). Falando nobremente, defendeu seus próprios atos de governo, avisou os israelitas sobre seus deveres para com o Senhor e prometeu interceder a favor deles (1Sm 12). Quando Saul pecou, Samuel lhe fez conhecer a censura divina (1Sm 13.11-15). Após Saul ser rejeitado, Samuel ungiu Davi (1Sm 16.1-13; 1Cr 11.3). Parece que Samuel sempre foi juiz, apesar da nomeação de um rei (1Sm 7.15). Contudo, geralmente é lembrado como profeta (1Sm 10.11; 1Cr 9.22; 26.28; 29.29).

Morreu, lamentado por todo o povo de Israel, e foi sepultado em Ramá (1Sm 25.1; 28.3). Sua posição entre os israelitas é manifestada nas referências à sua personalidade e obra (Sl 99.6; Jr 15.1; At 3.24; 13.20; Hb 11.32). V. SAUL.

Samuel, Os Livros de. Inicialmente, os dois livros de Samuel formavam apenas um. Na *Septuaginta*, os livros de Samuel e Reis foram considerados como tendo uma só história, sendo chamados respectivamente Primeiro e Segundo Livro dos Reis. Sua *autoria* é incerta. Os cap.

1—24 são atribuídos a Samuel e também, em virtude de 1Cr 29.29, a Natã, o profeta, e a Gade, o vidente. Por referências a fontes semelhantes (2Cr 9.29; 12.15; 26.22), é provável que os dois últimos fossem autores das narrações sobre o reinado de Davi (cp. 1Sm 22.5; 2Sm 7.2-17; 12.1; 24.11-14; 1Cr 21.11,12). Outras fontes possíveis são "a história do rei Davi" (1Cr 27.24), o livro dos Justos (2Sm 1.18) e a coleção, em que se descobre um forte elemento poético. O cântico de Ana (1Sm 2.2-10) e, mais tarde, o *Magnificat* de Maria (Lc 1.46-55) profeticamente se referem a um rei que haveria de vir, o "Ungido", entrando, assim, na linha das passagens relativas ao Messias. Nesses livros, há as elegias de Davi sobre a morte de Saul, Jônatas e Abner (2Sm 1.17-27; 3.33,34), além da ode de triunfo sobre seus inimigos (2Sm 22; Sl 18) e o último cântico do "mavioso salmista de Israel" (2Sm 23.1-7).
A *matéria* dos dois livros pode ser resumida da seguinte forma:
Primeiro Livro de Samuel. 1. Conclusão dos tempos dos juízes: nascimento e primeira fase da vida de Samuel, maldade dos filhos de Eli e anúncio do julgamento da família (cap. 1—3); derrota dos israelitas, captura da arca, punição dos filisteus e livramento da arca (cap. 4—6); arrependimento e livramento dos israelitas (cap. 7).
2. Início da monarquia: o povo pede um rei (cap. 8); designação e nomeação de Saul (cap. 9 e 10); vitória de Saul na guerra com os amonitas (cap. 11); fala de Samuel ao povo, resignando seu cargo (cap. 12); guerras de Saul com os filisteus e amalequitas, sua desobediência e rejeição (cap. 13—15).
3. Vinte ou trinta anos após a parte precedente, o fim do reinado de Saul e a designação de Davi para rei: unção de Davi por Samuel (cap. 16); sua vitória na luta com Golias (cap. 17); perseguição de Saul contra Davi, que foge para Ramá, Nobe, Gate e Adulão (18—22.5); matança dos sacerdotes em Nobe (22.6—23); Davi livra Queila e retira-se para o deserto e Gate (cap. 23—27); os filisteus novamente guerreiam contra os israelitas; Saul e a médium de En-Dor (cap. 28); os príncipes dos filisteus despedem Davi, que persegue os amalequitas (cap. 29 e 30); derrota dos israelitas pelos filisteus, morrendo Saul e seus filhos no combate (cap. 31).
Segundo Livro de Samuel. 1. Triunfos de Davi e suas lamentações sobre Saul e Jônatas (cap. 1); Davi eleito rei, primeiro de Judá e depois de todo o povo de Israel (cap. 2—4); conquista de Jerusalém e derrotas dos filisteus (cap. 5); condução da arca para Jerusalém (cap. 6); o desejo de Davi de construir um templo, pacto da misericórdia de Deus demonstrada a ele, sua oração e ação de graças (cap. 7); subjugação dos filisteus, moabitas, sírios, amonitas etc. (cap. 8—10).
2. Perturbações de Davi e suas causas; seu arrependimento e outros fatos; descrição do pecado de Davi a respeito de Urias e repreensão de Natã (cap. 11 e 12); pecado de Amnom e sua morte por Absalão (cap. 13); rebelião, derrota e morte de Absalão (cap. 14—19); revolta de Seba e sua repressão (cap. 20); vingança dos gibeonitas (21.1-14); batalhas com os filisteus (21.15-22); salmo de ação de graças de Davi e suas últimas palavras (cap. 22; 23.1-7); seus principais homens de guerra (23.8-39); numeração do povo e subsequente castigo; oração e sacrifício (cap. 24).

sandália. O termo não aparece em toda a Escritura, mas o calçado usado no Oriente em geral era a sandália: tinha sola de couro ou madeira, atada aos pés por meio de correias (Gn 14.23; Is 5.27), e eram tiradas quando se entrava em uma casa ou santuário (Êx3.5; Js 5.15; Lc 7.38; cp. Êx12.11; Js 9.5-13). Há um variado simbolismo em relação aos calçados na Escritura. 1.

Desatar as correias das sandálias (ou levá-las) parece sinal de inferioridade, talvez o ofício do escravo mais humilde da casa (Mt 3.11; Mc 1.7; Lc 3.16: Jo 1.27).
2. Sacudir o pó das sandálias significava repúdio, livrando-se a pessoa de responsabilidades (Mt 10.14 e paralelos: Lc 10.11; At 13.51).
3. A renúncia e a transferência dos direitos legais eram ratificadas pelo ato de descalçar um sapato; era uma espécie de segurança do contrato dá-lo à pessoa com quem se fazia a transação (Dt 25.10; Rt 4.7,8).
4. Na curiosa bênção sobre Aser vem a frase "o ferro e o metal será o teu calçado" (Dt 33.25, ARC).
5. Em Ef 6.15, o guerreiro cristão deve ter os seus pés calçados "com a preparação do evangelho da paz", como desejoso de levar as boas-novas a toda parte (cp. Is 52.7).
6. O filho pródigo voltou à casa paterna sem sandálias (Lc 15.22).
7. Sem dúvida, havia diferença conforme o preço das sandálias (cf. Ct 7.1; Ez 16.10; Am 2.6; 8.6).

sândalo. Há menção do *almug* em 1Rs 10.11 e 2Cr 9.10, que veio em grande quantidade de Ofir, assim como ouro e pedras preciosas para o templo e casa de Salomão, nas naus de Hirão, bem como para fabricação de instrumentos musicais. Não há certeza sobre a madeira, mas parece que se trata do sândalo, que é duro, pesado, de fino aspecto e com uma bela cor de granada.

Sangar. Filho de Anate que libertou Israel do jugo dos filisteus e matou 600 homens desse povo com uma aguilhada de boi (Jz 3.31). Há, ainda, referência a Sangar no cântico de Débora (5.6). Pelas palavras de 3.31 e 4.4, deveria estar, na linha dos juízes, entre Eúde e Débora, mas não está mencionado em 4.1. Pode ser idêntico a Sangar, um rei heteu; e, como Anate era uma deusa pagã, conjectura-se que Sangar teria sido da família dos heteus.

sangue. Mencionado pela primeira vez no assassinato de Abel (Gn 4.10). Comer carne com sangue era proibido (Gn 9.4) conforme estabelecia a Lei (Lv 17.10-12), e tal proibição foi tratada pela igreja cristã (At 15.20- 29). No ritual hebraico, o derramamento de sangue no sacrifício era frequente; a Páscoa (Êx 12.7-13) era o mais significativo desses atos, pondo o fato em relação com a obra de Jesus. Em Hb 9-10, os antigos sacrifícios são contrapostos ao "único sacrifício pelos pecados" oferecido por Jesus. Em outras citações, trata-se de modo particular do sangue derramado na cruz do Calvário (v. Rm 5.9; Ef 1.7; Cl 1.20; 1Pe 1.19; 1Jo 1.7; Ap 1.5). O termo "sangue" tem alguns significados secundários. "Carne e sangue" significa a natureza humana, em contraste com o corpo espiritual dado aos crentes (1Co 15.50), ou a humanidade em contraste com Deus (Gl 1.16). A causa "entre caso e caso de homicídio" (Dt 17.8) envolvia pena capital, se fosse satisfatoriamente averiguado.

sangue, vingador do. Vingador que perseguia um homicida, a quem, pela Lei de Moisés, era permitido matar, exceto se o derramador de sangue entrasse em alguma das seis cidades de refúgio (Nm 35.11, 12). V. CIDADES DE REFÚGIO. Essa permissão de vingança, concedida à família ofendida, era um costume próprio de povos não civilizados, ou semicivilizados. A rixa de sangue existe entre muitas raças ainda hoje.

sanguessuga. *Chupador.* Em Pv 30.15, é um tipo de insaciável apetite. Suas espécies são comuns na Palestina; prendem-se à boca dos animais quando vão beber água.

Sansão. *Pertencente ao Sol.* Filho de Manoá, da tribo de Dã, nascido em Zoni, após seu nascimento ter sido miraculosamente revelado a seus pais (Jz 13). Foi nazireu (Jz 16.17). Casou contra a Lei (Êx 34.16; Dt 7.3) com uma mulher filisteia de Timna. Depois de matar um leão quando ia para Timna (Jz 14.5-9), expôs um enigma, que sua esposa correu a declarar a resposta aos filisteus. Teria, então, de pagar certa quantia; por isso, ele matou e despojou 30 filisteus de Ascalom; mas a sua mulher foi dada pelo pai a outro homem (Jz 14.19,20). Como vingança, Sansão tomou 300 raposas, atou-lhes tições à cauda e largou-as nas searas dos filisteus, destruindo as plantas. Continuou uma guerra de represálias (Jz 15), até que, traído por Dalila, foi preso pelos filisteus, que o cegaram e o levaram para Gaza. Numa festa em honra do deus Dagom, os filisteus conduziram o prisioneiro ao templo para se divertirem. Em certo momento, Sansão conseguiu derrubar abaixo o edifício, morrendo ele e grande número dos inimigos. Seus irmãos apoderaram-se do corpo e o puseram na sepultura da sua família, entre Zorá e Estaol. Sansão foi juiz em Israel por vinte anos (Jz 16). É classificado como um dos heróis da fé em Hb 11.32,33.

santificação. As palavras do AT que se traduzem por "santificação", "santificar" e "santo" implicam separação. O fato fundamental, indicado pelo uso dessas palavras, é a santidade do próprio Deus. Ele é santo, o Santo de Israel (2Rs 19.22; Sl 71.22; Is 1.4), e requer santidade de todos os que são dele (Lv 11.44,45; 19.2; 21.8; Js 24.19; Sl 22.3; Is 6.3). Assim, tanto as pessoas como as coisas associadas com o Santíssimo Deus são separadas para seu serviço e adquirem uma relativa santidade. São pessoas e coisas santas, estão santificadas. As mesmas palavras são aplicadas do mesmo modo ao sétimo dia (Gn 2.3; Ne 8.11), ao lugar da sarça ardente (Êx 3.5), ao tabernáculo (Êx 29.44), a Arão e seus filhos (Êx 28.41; Lv 8.30), às suas vestes (Êx 28.2), ao óleo da unção (Êx 30.25), à convocação (Êx 12.16), ao templo (2Cr 7.16), ao jejum (Jl 1.14; 2.15) etc. Essa separação mostra aprovação dos objetos e pessoas no AT, isto é, foram santificados, representam a operação do Espírito Santo dentro do homem (Is 62.12; Ez 37.28). No NT, Jesus Cristo fala de si próprio como aquele "a quem o Pai santificou" (Jo 10.36), ou seja, a quem o Pai consagrou, separou para sua obra de redenção; e a si mesmo se santificou para que os seus discípulos fossem santificados na verdade (Jo 17.17,19). Todo o seu ensinamento está em oposição às formas de justiça expressas na obediência exterior à Lei. No ensino dos apóstolos, a palavra tem o sentido não somente de separar ou consagrar (como no caso da mulher ou do marido incrédulo (1Co 7.14), mas também de purificar e direcionar o homem pela obra do Espírito Santo (Rm 15.16; 2Ts 2.13; 1Pe 1.2). Os resultados são expostos por João nas palavras "andar na luz" (1Jo 1.7) e "guardar os mandamentos" de Deus (1Jo 2.3); e por Paulo, nas expressões "agradar a Deus" (1Ts 4.1), "viver de modo digno do Senhor" (Cl 1.10), "corações confirmados em santidade, na presença de nosso Deus" (1Ts 3.13), "aperfeiçoando a nossa santidade no temor de Deus" (2Co 7.1) etc. V. JUSTIFICAÇÃO, SANTOS.

santificar. *Tornar sagrado, separar, consagrar, fazer santo.* Nesse sentido, há pessoas, coisas e lugares santificados; como também o nome, o caráter, o poder e a dignidade de Deus devem ser santificados, isto é, profundamente reverenciados como santos (Êx 20.11; 40.9; Mt 6.9; Lc 11.2). V. SANTOS.

santos. Palavra que, no AT, representa duas palavras hebraicas: a) piedoso (Sl 30.4, diversas vezes nos Salmos e tb. em 1Sm 2.9; 2Cr 6.41; Pv 2.8); b) separado, termo aplicado aos anjos (Sl 89.5,7) e aos homens (Dt 33.3; cp. o v. 2; Sl 16.3; 34.9; Dn 7.18). Esta última palavra, no seu equivalente grego, é adotada no NT para designar a comunidade cristã (At 9.13; Rm 1.7; 1Co 1.2; 2Co 1.1). Assim, a expressão indica primeiramente o chamado e o estado do cristão e, em segundo lugar, as qualidades próprias do crente, que derivam de tão alto privilégio. A Escritura não autoriza, de modo algum, a limitação da palavra a pessoas de especial santidade. V. SANTIFICAÇÃO.

santuário. Lugar consagrado a Deus. Termo empregado sobre a terra prometida (Êx 15.17; Sl 78.54), o tabernáculo (Êx25.8; 36.1), o Lugar Santo (Lv 4.6), o templo (1Cr 22.19), a habitação de Deus (Sl 102.19) e um refúgio (Is 8.14).

Sara. *Princesa.* A esposa de Abraão (Gn 11.29) e, conforme Gn 20.12, também sua meia-irmã. A respeito de sua vida, V. ABRAÃO. Morreu com 127 anos e foi sepultada na caverna de Macpela (Gn 11.29—23.20). É(Gl 4.22-31) o tipo da "Jerusalém lá de cima". Suas excelências são recordadas em Hb 11.11 e 1Pe 3.6.

sarça. "A sarça ardente", em Êx3.2, implica uma moita de silvas, embora a planta não se encontre no monte Sinai. Portanto, é muito provável que se trate de uma moita de acácias. Em Gn 21.15, a palavra usada supõe qualquer arbusto de pequena altura, mas em Is 7.19 significa os espinheiros próximos da água (Lc 6.44; At 7.80). V. ESPINHOS.

Sardes. Antiga capital dos reis da Lídia nas margens do Partolo, afluente do rio Hermo. Foi sede de uma das sete igrejas da Ásia, às quais se dirigem as cartas apocalípticas (Ap 1.11). Essa igreja é censurada por sua falta de religião vital, tinha um nome de vida, mas estava realmente morta (Ap 3.1-4). Hoje é uma admirável aldeia no meio das ruínas das grandezas do passado.

sárdio. Pedra preciosa cor de carne, que ocupava lugar de destaque na primeira ordem do peitoral do sumo sacerdote (Êx 28.17; 39.10). Também estava nas joias usadas pelo rei de Tiro (Ez 28.13). Segundo Ap 4.3, aquele que ocupa o trono celestial se parece com jaspe e sárdio. Em Ap 21.20, ainda se menciona a pedra como uma das fundamentais da Jerusalém celestial. O sárdio (sardonix), uma espécie de ágata, era usado muitas vezes para selar com o selo esculpido na pedra preciosa escolhida por sua dureza. Assim também se explica seu uso no peitoral do sumo sacerdote. Algumas variedades apresentam uma cor amarelada.

sardônio. Uma variedade de sárdio, com uma camada branca opaca sobreposta a um vermelho estrato transparente do verdadeiro sárdio cor de carne. É uma ágata muito usada para gravura de camafeu. Em Ap 21.20, é mencionada como a quinta pedra fundamental do muro da Jerusalém celestial.

Sargão. General assírio que usurpou o trono quando Salmaneser IV morreu, em 722; reinou até 706 a.C. (Is 20.1). Há uma referência ao imperador, embora não nomeada, em 2Rs 17.6—18.11. Foi guerreiro notável e feliz em seus combates. Povoou a Média com os habitantes de Samaria e outros países conquistados. Seus exércitos, tão vitoriosos, estenderam tanto os domínios do imperador que ele se tornou senhor da Babilônia, Média, Assíria, Filístia e, por algum tempo, do Egito (v. Is 20.2-4). Com tantas vitórias sobre países próximos e mais afastados, pôde reedificar Nínive com uma magnificência esplendorosa e ali fixou residência. Sucedeu-lhe seu filho Senaqueribe.

Sarom. *Terreno plano.* Havia duas regiões de pastagens com esse nome. 1. Planície entre as montanhas de Efraim e o mar Mediterrâneo, e entre o Carmelo ao norte e Jope ao sul. Tornou-se célebre por sua beleza e fertilidade e ainda conserva essas qualidades, adornada de rosas brancas e vermelhas, narcisos, cravos encarnados e lírios brancos e cor de laranja na primavera. As manadas do rei Davi se apascentaram em suas pastagens (1Cr 27.29). A beleza e utilidade desses campos eram tamanhas que sua perda seria uma calamidade (Is 33.9). Era símbolo da prosperidade (Is 65.10) e do adorno (Ct 2.1). É a Sarona referida no livro de Atos (9.35). V. PALESTINA.

2. Local a leste do Jordão, com terras de pasto de Gileade e Basa, onde os de Gade alimentavam seus rebanhos (1Cr 5.16).

Satanás. *Adversário.* V. DEMÔNIO. sátiro. Monstro da mitologia grega, homem da cintura para cima e cabra para baixo. De acordo com a crença popular, povoavam os lugares desertos; e, em diversas passagens da Escritura, parecem compreendidos como bodes, demônios e diabos (Is 13.21; 34.14; Lv 17.7; 2Cr 11.15).

saudação. Palavras de saudação são citadas diversas vezes no AT como "Senhor meu" (Gn 19.18), "Bendito do Senhor" (Gn 24.31), "Benditos sejais vós do Senhor" (1Sm 23.21), "Paz seja contigo" (Jz 19.20) e especialmente a elaborada "Paz seja contigo, e tenha paz a tua casa, e tudo o que possuis tenha paz" (1Sm 25.6). No NT, encontramos diversas saudações: "Salve, Mestre!" (Mt 26.49); "Salve!" (Mt 28.9); "Paz seja nesta casa" (Lc 10.5); "Paz seja convosco" (Jo 20.21). V. tb. as saudações usadas em todas as epístolas.

Os atos que acompanhavam as saudações também variavam. O ósculo era costume que persistiu nos tempos do NT (Gn 33.4; 45.15; 50.1; Lc 7.45; 15.20; At 20.37; 2Co 13.12). Um cavaleiro apeava-se diante de um superior (Gn 24.64; 1Sm 25.23). Na presença dos reis, era comum as pessoas se prostrarem (1Rs 1.53; Et 8.3); também Cornélio se ajoelhou diante de Pedro (At 10.25). O curvar-se era sinal de muito respeito (Gn 23.7; 42.6; 1Sm 24.8); e o dobrar os joelhos era um ato de homenagem usado na adoração (1Rs 8.54; Lc 22.41) e às vezes praticado pelos suplicantes (Mc 1.40; 10.17; 15.19).

Saul. *Pedido.* 1. Primeiro rei de Israel, da tribo de Benjamim, filho de Quis, lavrador rico (1Sm 9.1; 14.51; 1Cr 8.33). Como o povo desejava um rei, Samuel foi levado a ungir Saul, que depois foi eleito pela sorte (1Sm 10.21). Habitou em Gibeá (1Sm 10.26; 14.2). Como os amonitas comandados por Naás, a pedido dos homens de Jabes-Gileade, lhes tivessem oferecido o desprezo e a escravidão, Saul levantou o exército de Israel para defender os sitiados de Jabes, conseguindo derrotar completamente o inimigo (1Sm 10.27; 11.1-13). Instigado por Samuel, Saul foi proclamado rei perante o Senhor em Gilgal (1Sm 11.14,15). Firmou seus direitos e ganhou a confiança do povo com o resultado das suas campanhas militares contra os inimigos de Israel (1Sm 14.47-52). Todavia, em uma guerra contra os amalequitas, salvou o rei e o melhor do seu despojo. Por isso, foi censurado por Samuel, que o avisou, então, de que Deus o rejeitara (1Sm 15). Nesse tempo, o caráter de Saul tornou-se sombrio e melancólico. Um espírito maligno da parte do Senhor o atormentava (1Sm 16.14). Assim, Saul teve de receber Davi, um pastor tocador de harpa, em seu palácio, com o fim de acalmar o rei (1Sm 16.18), tarefa em que obteve grande êxito (1Sm 16.23). Estimou muito o rei a Davi, com afeição maior do que a dedicada a seu filho Jônatas. Desde então, as histórias de Saul e Davi estão

estreitamente entrelaçadas. O dom profético, primeiro desenvolvido nele, desapareceu para voltar apenas ocasionalmente. A maior parte dos quarenta anos de seu reinado foi assinalada por manifestações de uma louca raiva em que ele mostrava terrível ciúme de Davi (1Sm 19.24). Certa vez, procurou uma feiticeira para receber conselhos (1Sm 28.3ss). (V. FEITICEIRA.) Após isso, houve uma invasão dos filisteus, e Saul foi vencido, perseguido e seus filhos mortos. Essa última calamidade fez o ferido rei procurar a morte, caindo sobre a própria espada (1Sm 31.1-6). Sua cabeça foi colocada no templo de Dagom, e seu corpo foi despido e pendurado com os corpos de seus três filhos nos muros de Bete-Seã. No início de sua carreira, salvou o povo de Jabes-Gileade, condenado a morrer. Agora os moradores de Jabes foram de noite buscar seus corpos, dando-lhes respeitosa sepultura (1Sm 31.11-13). V. DAVI, EN-DOR, SAMUEL.

2. Sexto rei de Edom (Gn 36.37,38; 1Cr 1.48,49).

3. Na forma Saulo, refere-se a Paulo antes da sua conversão (At 7.58; 8.1,3; 9.1ss). V. PAULO.

Seba. *Sete.* 1. Benjamita que se revoltou contra Davi (2Sm 20.1ss). V. DAVI.

2. Indivíduo de Gade (1Cr 5.13).

3. Cidade no território de Judá, que coube a Simeão (Js 19.2). Provavelmente o mesmo que Sema (Js 15.26).

Seba. *Sete* ou *Juramento.* É o poço que deu seu nome a Berseba (Gn 26.3.3). V. BERSEBA.

Sebá. Filho mais velho de Cuxe (Gn 10.7; 1Cr 1.9). Os descendentes de Sebá habitavam nas praias do mar Vermelho, constituindo um reino que se estendia desde a costa do mar Vermelho até Meroé, entre os rios Astapo e Astaboras. Era um grande centro comercial (Sl 72.10; Is 43.3; 45.14) e país muito importante sob o ponto de vista político; seu povo é descrito como de aspecto belo. V. CUXE

sebate. Décimo primeiro mês do ano judaico, principiando com a lua nova de fevereiro (Zc 1.7).

Sebna. Escriba ou secretário de Ezequias (2Rs 18.18). Em certo tempo, era administrador do palácio, mas foi degradado, contribuindo Isaías para isso, por sua despótica conduta e suas inclinações à idolatria (2Rs 18.26,37; 19.2; Is 22.15; 36.3,11,22; 37.2).

seca. Tempo do meado de maio até o meado de agosto em que a vegetação é preservada pelo orvalho (Ag 1.11).

seda. Embora mencionada somente três vezes na Bíblia, era bem conhecida na terra santa e países circunvizinhos, sendo importada do Oriente em seu estado bruto. O método de separar os fios para formar um tecido fino empregava-se nesses tempos, ficando essa fazenda semelhante à moderna gaze. A seda era manufaturada e colorida em Tiro e Berito, às vezes pela mistura com outros materiais. V. LINHO. Era muito cara, valendo, às vezes, seu peso em ouro (Ez 16.10,13; Ap 18.12).

Sefarvaim. Cidade, ou cidades da Assíria, de onde o rei assírio trouxe muitos cativos para repovoarem as cidades de Samaria (2Rs 17.24,31); identificada com Sipar, a cidade de Samos, o deus Sol. A Sefarvaim de 2Rs 18.34 (Is 36.19), e de 19.13 (Is 37.13), pode ou não ter sido a mesma. A cidade de Sipar, edificada sobre o Eufrates, é identificada com Sefarvaim por alguns críticos.

Sefelá. V. PALESTINA.

Seir, monte. *Áspero.* 1. Cordilheira que se estende do sul do mar Morto até o braço oriental do mar Vermelho, em Eziom-Geber. Tem 160 km de comprimento e 32 km de largura. Suas rampas e vales foram inicialmente habitados pelos horeus (Gn 14.6; 36.20; Dt 2.12,22). Por obra de Esaú, o país se confundiu com Edom (Gn 32.3; 33.14; 36.8; 36.20; Dt 1.44; 2.1-20,29; Js 11.17; 12.7; 24.4; 2Cr 20.10). Esse território, contudo, fora anteriormente invadido e assolado por Quedorlaomer, rei de Elão. O monte Seir foi evitado pelos israelitas, na sua larga peregrinação para a terra prometida (Dt 1.2; 2.1; 2Cr 20.10). As duas nações entraram em conflito ali (1Cr 4.42; 2Cr 20). Foi assunto de poéticas referências (Nm 24.18; Dt 33.2; Jz 5.4; Is 21.11; Ez 25.8). Sua principal cidade era Petra.
2. Montanha na fronteira norte de Judá (Js 15.10), entre Quiriate-Jearim e Bete-Semes.

seita. Palavra usada a respeito dos saduceus (At 5.17), dos fariseus (At 15.5; 26.5), dos cristãos, como nazarenos (At 24.5), e dos cristãos sem outro título (At 28.22). V. HERESIA.

selá. Termo musical de significação incerta. Ocorre 71vezes em 39 salmos e três vezes no salmo de Hc 3. Muitos comentaristas concordam que a palavra é derivada de uma raiz que significa "levantar", "elevar". Assim, seu significado será: "para cima", "alto". Nesse sentido, é diversamente interpretada como direção: a) aos tocadores, para mais forte acompanhamento, mesmo que alguns críticos tenham a opinião de que se trata somente da transliteração da palavra grega *psalle*, "façam vibrar os instrumentos"; b) aos cantores, para que continuem a elevar seu coração e sua voz em louvor; c) a toda a congregação, para que se una na bênção "Bendito seja o Senhor para sempre", elevando sua voz nos louvores ao Senhor.

Selemias. 1. Porteiro do tabernáculo (1Cr 26.14).
2. Ed 10.39.
3. Ed 10.41.
4. Pai de Ananias (Ne 3.30).
5. Tesoureiro dos dízimos, nomeado por Neemias (Ne 13.13).
6. Jr 36.14.
7. Filho de Abdeel, ordenado por Joaquim para prender Baruque e Jeremias (Jr 36.26). (V. JOAQUIM.)
8. Pai de Jucal (Jr 37.3).
9. Pai de Jerias, que prendeu Jeremias (Jr 37.13).

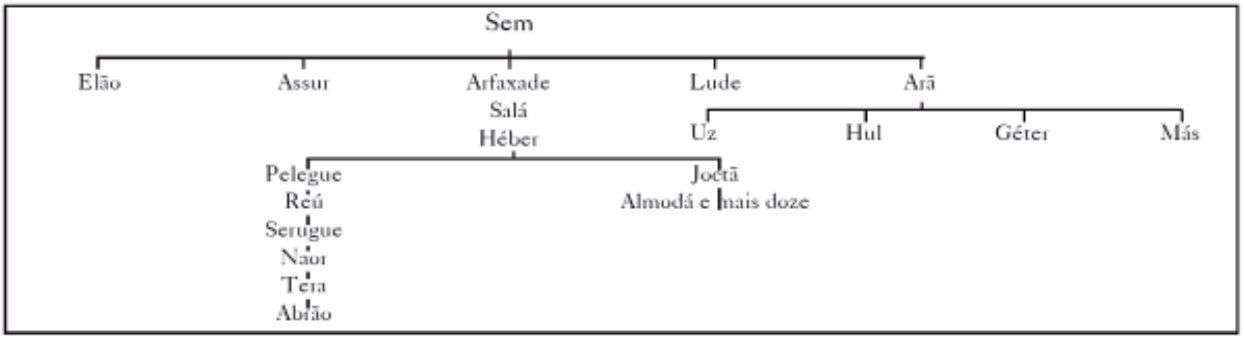
Selęucia. Porto do Mediterrâneo e também uma das principais cidades da Síria, perto da foz do Orontes. Paulo e Barnabé partiram desse porto para sua primeira viagem missionária (At 13.4). Nome derivado de Seleuco Nicator. Antioquia, cujo porto era Selêucia, a cerca de 26 km para o interior. Desde sua fundação, foi de grande importância e resistiu com êxito ao invasor. Nos tempos do NT, obteve sua liberdade pela valorosa resistência ao ataque de Tigranes.

selo. Geralmente eram usados como os anéis, ou no dedo ou presos ao pescoço por um cordão. Outros, em forma de cilindros furados em todo o seu comprimento, eram passados por cima do gesso ou outra substância para ficarem impressos. Normalmente eram feitos de pedra dura ou preciosa, às vezes de louça ou simples barro cozido. Exemplares de antigos selos e anéis-selos da Palestina deixam claro que a arte de gravar em pedra provavelmente passara dos fenícios para os hebreus. A maior parte dos anéis-selos são simplesmente pedras ovais. Muitas vezes, o anel tinha apenas o nome do possuidor gravado

nele. Há um exemplar muito antigo que deve ter pertencido a um hebreu, por causa da antiguidade dos caracteres, com as palavras "Pertencente a Obadias, servo do rei" esculpidas. (A respeito do uso dos selos nos tempos do AT, v. 1Rs 21.8; Et 8.8; Jr 32.10; Dn 6.17.). O NT emprega muitas vezes a metáfora de o selo ser um sinal de validade e determinação (V. Jo 3.33; 6.27; Rm 4.11; 15.28; 1Co 9.2; 2Co 1.22; Ef 1.13; 4.30; 2Tm 2.19; Ap 5—8; 9.4 etc.)

Selomite. 1. Mãe do egípcio, cujo filho foi apedrejado (Lv 24.11-23). 2. Filha de Zorobabel (1Cr 3.19). 3. Levita (1Cr 23.9). Aqui é Selomote. 4. 1Cr 23.18. 5. Tesoureiro do tabernáculo, nomeado no tempo de Davi (1Cr 26.25,26,28). Também Selomote. 6. Filha (ou filho) de Roboão (2Cr 11.20). 7. Ed 8.10.

Sem. *Nome afamado.* O mais velho dos três filhos de Noé (Gn 5.32). V. NOÉ. Depois do Dilúvio, ele e os outros membros da família tomaram parte no pacto com Deus (Gn 9.1ss). Aos 98 anos, era casado, mas sem filhos. Depois disso, teve sete filhos, e Noé o abençoou por causa do ato filial narrado em Gn 9.20ss. Viveu até 600 anos. Sua posteridade habitou a Alta Ásia e a Média, estendendo-se do mar Mediterrâneo até a Índia. Foi de Arfaxade, seu terceiro filho, que surgiu a nação eleita e o Messias, no qual todas as famílias da Terra haveriam de ser abençoadas. V. ABRÃO, ARÃ, ELÃO, HÉBER, NAOR, TERA.



Semaías. *O Senhor ouviu.* 1. Profeta do tempo de Roboão, que tinha intenção de conduzir seu exército contra o reino rebelado de Israel, quando recebeu de Semaías o aviso divino para não fazer guerra a seus irmãos (1Rs 12,22; 2Cr 11.2). Apareceu de novo para animar Judá durante o cerco de Jerusalém, feito por Sisaque (v. Sisaque), rei do Egito (2Cr 12.5,7). Também escreveu a história do reinado de Roboão (2Cr 12.15). 2. Descendente de Davi (1Cr 3.22). 3. Pai de Sinri e Simeão (1Cr 4.37). 4. Chefe da tribo de Rúben (1Cr 5.4). 5. Merarita (1Cr 9.14; Ne 11.15). 6. Levita (1Cr 9. 16). 7. Coatita que auxiliou a transportar a arca desde a casa de Obede-Edom (1Cr 15.8,11). 8. Levita e arquivista do tempo de Davi (1Cr 24.6). 9. Coatita (1Cr 26.4-7).

10. Levita (2Cr 17.8).
11. Filho de Jedutum (2Cr 29.14).
12. Levita (2Cr 31.15).
13. Chefe levita (2Cr 35.9).
14. Indivíduo que voltou com Esdras (Ed 8.13).
15. Mensageiro de Esdras (Ed 8.16).
16. Sacerdote que casou com uma estrangeira (Ed 10.21).
17. Homem que casou com uma estrangeira (Ed 10.31).
18. Reparador da muralha (Ne 3.29).
19. Adversário de Neemias (Ne 6.10).
20. Sacerdote (Ne 10.8).
21. Cooperador de Neemias (Ne 12.36).
22. Músico que deu graças no ato da dedicação das muralhas (Ne 12.42).
23. Pai de Urias (Jr 26.20).
24. Indivíduo que provocava hostilidade a Jeremias (Jr 29.24).
25. Pai de Delaías (Jr 36.12).

semana. A divisão do tempo em semanas baseia-se na Bíblia com a instituição do sábado (Gn 2.2); mas, sem dúvida, tem relação com as fases da Lua. V. TEMPO. Sob a designação de "sete dias", o termo já está mencionado no tempo do Dilúvio (Gn 7.4,10; 8.10,12) e pelo seu nome comum de *Shabua* (Gn 29.27,28). Os dias da semana eram numerados; dizia-se primeiro dia, segundo, terceiro, quarto, quinto, sexto e sétimo, que era o sábado ou dia de descanso. Pela circunstância de ser o sábado o principal dia da semana, era todo o período de sete dias chamado algumas vezes *Shabat*, talvez mesmo no hebraico do AT (Lv 23.15; 25.8); e no NT *Sabbaton,* Sabata (Mc 16.2,9; Lc 24.1; Jo 20.1,19). Além da semana de dias, os judeus tinham três outros períodos de tempo, denominados "semanas" (Lv 25.1-17; Dt 16.9,10): a) A semana de semanas era um período de sete semanas ou quarenta e nove dias, após os quais vinha o quinquagésimo, o dia de Pentecostes, em que se celebrava a Festa das Semanas. V. FESTA, PENTECOSTES. b) A semana de anos era um período de sete anos; no último deles, não se cultivava a terra, e o povo deleitava-se em um sábado, uma estação de descanso. c) A semana de quarenta e nove anos era a semana sabática, sendo o ano seguinte o do Jubileu (Lv 25.1-22; 26.34). V. JUBILEU. Depois da ressurreição de Cristo, o dia seguinte ao sábado judaico começou a ser observado pelos cristãos, e pouco a pouco esse dia tornou-se o sábado cristão, atualmente chamado domingo, isto é, o dia do Senhor (At 20.7; 1Co 16.2). V. SÁBADO.

Senaqueribe. *Sin* [o deus Lua] *tem multiplicado seus irmãos.* Filho e sucessor de Sargão, rei da Assíria, que subiu ao trono em 705 a.C. Educado no esplendor do palácio, com todas as comodidades, Senaqueribe jamais patenteou as virtudes de seu pai. Era fraco, arrogante e cruel. Somente pôde conservar seu império com auxílio de veteranos e generais adestrados por Sargão. No seu segundo ano de imperador, foi obrigado a dominar uma insurreição, por meio da qual Merodaque-Baladã se tinha apoderado da Babilônia. Em 701 a.C., Senaqueribe invadiu a Fenícia e a Palestina porque Ezequias, rei de Judá, e outros reis vizinhos se recusaram a pagar-lhe tributo (2Rs 18.13-16). Há uma narração dessa campanha inscrita com as próprias palavras de Senaqueribe em um monumento comemorativo, segundo o costume da época: "Tirei do seu

posto e mandei para a Síria a Zedequias, rei de Ascalom, que não se tinha submetido ao meu poder, nem sujeitado os deuses da casa de seus pais, a sua mulher, os seus filhos, as suas filhas, os seus irmãos e toda a descendência da casa de seus pais. E pus à frente dos homens de Ascalom a Saludari, o filho de Rukipti, que tinha sido seu rei, obrigando-o ao pagamento do tributo; e fiz que lhe fosse prestada a homenagem devida sua majestade, e ele ficou vassalo. No decurso de minha campanha, pude tomar Bete-Dagom, Jape, Bene-Beraque e Azur, as cidades de Zedequias, que não tinham querido submeter-se imediatamente ao meu jugo, e levei comigo o despojo dessas povoações. Então revelaram grande temor na sua alma os sacerdotes, os homens principais e o simples povo de Ecrom, que haviam prendido com cadeias seu rei, Padi, pelo fato de este mostrar fidelidade ao império da Assíria, e o tinham entregado a Ezequias, o judeu, que o mandou lançar como inimigo em uma escura masmorra. Em socorro dessa gente, foi o rei do Egito com os seus besteiros, os carros de guerra, os cavalos do rei da Etiópia, constituindo tudo isso uma força poderosa. Perto da cidade de Elteque, foram formadas as tropas em ordem de batalha. Eu, tendo toda a confiança em Assur, meu senhor, combati-os e derrotei-os [...]. Apoderei-me das cidades de Elteque e Timna, levando os seus despojos. Marchei depois contra a cidade de Ecrom (v. ecrom) e mandei matar os sacerdotes e os homens principais que tinham cometido o pecado de rebelião, sendo os seus corpos pendurados em estacas por toda a cidade ao redor. Considerei como presa os cidadãos que tinham procedido mal; quanto ao resto da população que não tinha praticado pecado ou crime, eu, não achando neles falta alguma, fiz a declaração de que estavam perdoados. O rei Padi que eu tinha trazido de Jerusalém, sentei-o no trono real seu imperante [...].

"Quanto a Ezequias de Judá, eu o cerquei, pois não se tinha submetido ao meu poder, e tomei 46 cidades, e fortalezas, entre as mais fortes de seu reino, e inumeráveis cidades pequenas, que dependiam daquelas, batendo as muralhas com os aríetes e, auxiliando o assalto, outras máquinas de guerra. Eu trouxe de lá 200.150 cativos, pessoas de todas as classes e de ambos os sexos, e, além disso, cavalos, mulas, jumentos, camelos, bois e inumeráveis carneiros. O próprio Ezequias conservei encerrado em sua cidade real, como um pássaro na gaiola [...].

"E reduzi seus domínios [...]. Os tributos foram aumentados. O temor pela grandeza da minha soberania oprimiu sua alma. E mandou após mim seu embaixador à minha real cidade de Nínive, para me entregar como presente e como tributo [...] 800 talentos de prata [...] um vasto tesouro (de enumerados artigos), sendo-me prestadas as devidas homenagens". Nessa narração de sua campanha, por prudência, Senaqueribe não cita o desastre de seu exército diante de Jerusalém (2Rs 19). Contudo, refere-se ao tributo que Ezequias lhe ofereceu em Laquis, quando procurou afastar o ataque assírio com dinheiro, e assim fez ver com essa referência o bom êxito da guerra. Todavia, os 800 talentos de prata não são exagerados, visto que eram equivalentes a 500 (2Rs 19), calculados de acordo com o valor do dinheiro em Nínive. A destruição do exército de Senaqueribe, por causa de uma peste que causou a morte de 185 mil homens, libertou a Palestina de seu poder. Durante o resto de seu reinado, absteve-se de qualquer outro ataque. (Com respeito à narração bíblica desse fato, v. 2Rs 18,19; 2Cr 32; Is 36 e 37). Em 700 a.C., Senaqueribe teve de tomar as armas de novo para abafar uma revolta no seu próprio território, seguida de um combate na Babilônia. Depois, seu filho mais velho foi nomeado vice-rei. Contudo, este último depois foi levado cativo pelos elamitas, que invadiram o país

afrontando o poder assírio por quatro anos. No ano seguinte, Senaqueribe tomou a Babilônia, subjugando-a a ferro e fogo e vendendo seus habitantes como escravos; após isso, as águas do canal de Araxes inundaram a cidade arruinada. Ocupou o resto de sua vida principalmente na construção de canais e aquedutos e na reedificação do seu suntuoso palácio em Nínive. Embora deixasse a direção das guerras para seus generais, foi realmente um grande edificador. Seu palácio, abrangendo oito geiras, estava embelezado de finas esculturas e inscrições. Muitas delas ainda podem ser vistas. Foi assassinado em 681 a.C. por seus dois filhos mais velhos, Adrameleque e Sarezar, enquanto adorava seu deus (2Rs 19.37; Is 37.38). V. BABILÔNIA, EZEQUIAS, NÍNIVE.

Senhor. No AT, o termo "Senhor", para exprimir Jeová, está suficientemente compreendido nesta última palavra; e como tradução de *ādôn* não precisa de explicação. Em Js 13, e frequentemente em Juízes e Samuel, representa um título nativo dos governantes filisteus, não se sabendo coisa alguma a respeito de seu poder. O uso de "Senhor" (*kyrios*) no NT é interessante, embora muitas vezes seja ambíguo. Nas citações do AT, significa geralmente Jeová, assim como em outros lugares (v. Mt 1.20). Contudo, fora essas citações, muitas vezes há dúvida sobre se a referência é a Deus (certamente Mc 5.19), ou ao Salvador, como Senhor e Mestre. Neste último caso, há exemplos de seu emprego, passando por todas as gradações, pois Jesus é reconhecido ou como Senhor e Mestre no mais alto sentido (Mt 15.22; e geralmente nas epístolas; v. 1Co 12.3), ou como doutrinador de grande distinção (Mt 8.21; 21.3), ou pessoa digna de todo o respeito (Mt 8.6).

Deve-se observar que kyrios ,termo grego equivalente ao latim *dominus*, era o título do imperador romano em todas as terras orientais, em volta do Mediterrâneo. Isso explica os cristãos aplicarem esse título ao Salvador, com o intuito de acentuar em sua mente e na das pessoas ao seu redor a existência de um império maior mesmo que o de César. Com efeito, o contraste entre o chefe supremo do Império Romano e o Senhor de todos parece apoiar muitos ensinamentos do NT.

Às vezes, o termo "Senhor" (Lc 2.29; At 4.24) é tradução de despótes, "dono, amo", que, quando empregado a respeito dos homens, sugere absoluto direito de propriedade no mundo antigo inerente a uma verdadeira irresponsabilidade. V. ESCRAVIDÃO.

Senhor, a Oração do; a Oração Dominical. Primeiro nome das petições ensinadas por Jesus Cristo a seus discípulos em resposta ao pedido feito por eles (Lc 11.2-4). Depois, a Oração Dominical foi introduzida no Sermão da Monte (Mt 6.9-13). Embora se ache um paralelo para cada petição nos escritos judaicos, a oração assim disposta é absolutamente singular.

Senhor, dia do (domingo). Expressão encontrada somente em Ap 1.10. A opinião cristã tende fortemente a considerar esse texto uma referência ao dia de descanso e culto. Contudo, alguns entendem que a expressão significa o grande "dia do Senhor". Ao primeiro dia da semana, o NT se refere repetidas vezes (Lc 24.1; Jo 20.1,19; 1Co 16.2), e a expressão "o dia do Senhor" marca a transição para o uso do domingo, que parece ser o reconhecido título de uma festa cristã desde Inácio. Entre os pagãos, o primeiro dia da semana chamava "dia do Sol"; dia reconhecido por Justino Mártir, em sua *Apologia* (c. 150 d.C.), pois cita as assembleias e serviços religiosos que os cristãos efetuavam no "dia do Sol". O mesmo termo também está em um edito do imperador Constantino (321 d.C.). As duas designações, dia do Senhor e dia do

Sol, estão no edito de Graciano (386 d.C.). A guarda do primeiro dia da semana, como dia do Senhor, está indicada em 1Co 16.2 (v. At 20.6,7); e ficou considerado de descanso, para comemorar a ressurreição de Jesus.

"Senhor dos Exércitos". Senhor representa, nessa expressão, o nome de Jeová, sendo *Jeová Sabaoth* o título hebraico, que parece ter sido abreviado da forma original — Jeová, Deus de Sabaoth (Am 3.13). A palavra *exércitos (sabaoth)* tanto pode significar os corpos celestiais (Dt 4.19), os seres angélicos (1Rs 22.19), ou ainda um exército terrestre (1Sm 17.45). Alguém pode imaginar que um exército terrestre sugeria um celestial, mas também somos levados a discutir se a referência "celestial" não é mais antiga, empregada antes de Israel ter algum exército; pois, no sacrifício babilônico, o deus Lua era chamado de "príncipe dos deuses", e Nebo, "o condutor dos exércitos do céu e da Terra". Raras vezes, encontra-se a expressão em outros lugares, que não nos profetas, homens que, na maioria, tinham visão mais abrangente que sacerdotes e governantes dos poderes soberanos de Deus.

Senhor, mesa do (1Co 10.21). V. CEIA DO SENHOR.

Seom. Rei amorreu de Hesbom que atacou os israelitas quando se aproximavam da terra prometida, perdendo a batalha e a vida, além de seu país ser ocupado pelo inimigo. Antes dessa guerra, Seom derrotou os moabitas, tomando parte de seu território (Nm 21.21; Dt 1.4; 2.24; 3.2,6; Jz 11.19-21; Ne 9.22; Sl 135.11; 136.18, 19). V. AMORREUS.

Septuaginta. V. SETENTA, VERSÃO DOS.

serafim. Ordem de anjos mencionada apenas na visão de Isaías (6.2,6). São humanos na sua forma, mas com seis asas, conservando-se em lugar superior ao do Senhor. Clamam dizendo: "Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória". Humilhado pela visão do Ser Perfeito, um serafim voou para o profeta com uma brasa viva tirada do altar e tocou-lhe os lábios, para limpá-lo de seu pecado. É possível que o nome signifique "seres ardentes", em um sentido ativo, com referência à função de purificar, como pelo fogo, aqueles a quem foram enviados. V. ANJO.

Seraías. 1. Escriba (2Sm 8.17).
2. Primeiro sacerdote de Jerusalém, quando a cidade foi tomada por Nabucodonosor (2Rs 25.18; 1Cr 6.14; Ed 7.1; Jr 52.24).
3. Filho de Tanumete (2Rs 25.23; Jr 40.8).
4. Irmão de Otniel (1Cr 4.18,14).
5. Simeonita (1Cr 4.35).
6. Sacerdote que voltou com Zorobabel (Ed 2.2; Ne 10.2; 12.1,12). Em Ne 7.7, é Azarias.
7. Sacerdote chamado de "príncipe da casa de Deus" depois do exílio (Ne 11.11,12).
8. Jr 36.26.
9. Filho de Nerias. Jeremias mandou Seraías para a Babilônia com a sentença da cidade. Foi instruído a lançar o papel no Eufrates, para demonstrar que a Babilônia do mesmo modo afundaria para nunca mais levantar (Jr 51.59-64).

Sérgio Paulo. V. PAULO, SÉRGIO; ELIMAS.

serpente. Há cerca de 30 espécies de serpentes na Palestina, muitas altamente venenosas. É citada primeiro em Gn 3.1,13 como o mais sagaz de todos os animais selváticos. As propriedades perigosas da classe serpente estão no Sl 58.4: "Têm peçonha semelhante à peçonha da serpente",

e também em Dt 32.24 e Pv 23.32. Em algumas passagens, parece que o veneno reside na língua (Jo 20.16; Sl 140.3), em vez de ser atribuído à picada, como corretamente indicado em Nm 21.9 e Pv 23.32. Ao hábito de as serpentes se ocultarem, há citações em Ec 10.8 e Am 5.19. Seu modo particular de andar é considerado maravilhoso em Pv 30.19. Em Is 59.5, a expressão "chocam ovos de áspide" mostra que era bem conhecido o fato de as serpentes serem animais ovíparos (cp. 34.15). A domesticação e o encantamento de serpentes estão citados em Sl 58.5, Ec 10.11 e Jr 8.17. Jesus uma vez aludiu à prudência tradicional da serpente (Mt 10.16).

serpente de bronze. As serpentes que atacaram os hebreus no deserto provavelmente pertenciam classe das áspides e víboras, pois a ardente inflamação de sua picada venenosa se descreve como causada pelo fogo (Nm 21.6). A serpente de bronze levantada por Moisés, por disposição divina, depois foi indicada por Jesus como símbolo do levantamento do Filho do homem (Jo 3.14). Com certeza, a serpente de metal não tinha virtude para operar a cura, mas, na grande fé de ser libertado de seu mal, o israelita a olhava e não morria. Depois, a serpente de bronze teve um uso supersticioso, por isso foi destruída por Ezequias (2Rs 18.4). (V. NEUSTÃ.)

serra. As serras dos antigos eram feitas de bronze, depois de ferro. Eram apenas uma ou duas lâminas diretas. O objeto a ser serrado era colocado a prumo, e o corte, feito para baixo. Sua forma não era muito diferente dos atuais serrotes comuns. Sabemos que a pedra era cortada com serras, pois há citação do fato em 1Rs 7.9. A serra era também um instrumento de tortura ou de morte (1Cr 20.3; cp. Hb 11.37). O ato de Davi em 2Sm 12.31 indica trabalhos forçados.

servo. Tradução de duas palavras hebraicas frequentes no AT, que significam rapaz, pessoa de serviço ou escravo. Algumas vezes, a palavra é empregada sobre pessoas humildes (Gn 32.18,20) e altos oficiais da corte (Gn 40.20; 2Sm 10.2,4). Uma terceira palavra denota aquele que está às ordens de alguém para o ajudar (Êx33.11). Contudo, na maioria das vezes o termo, no AT, refere-se a um escravo. Do mesmo modo, no NT, "servo" aparece como tradução das palavras hebraicas indicadas, significando criado da casa (como em Lc 16.13), rapaz (como em Mt 8.6) ou agente (como em Mt 26.58). Entretanto, na maioria dos casos, o termo refere-se a um escravo (Mt 8.9). Os apóstolos aplicavam a palavra a si mesmos, como servos de Deus (At 4.29; Tt 1.1; Tg 1.1) e de Jesus Cristo (Rm 1.1; Fp 1.1; Jd 1). V. ESCRAVIDÃO.

Servo do Senhor. No AT, diversas pessoas são citadas como servos de Deus: Abraão, Isaque, Jacó (Dt 9.27), Moisés (Js 1.2), Josué (Js 24.29), Isaías (20.3), Jó (1.8) e até Nabucodonosor (Jr 27.6). A expressão também se aplicava ao povo de Israel, que, algumas vezes, recebia o nome de Jacó, povo escolhido de Deus (Is 41.8; 42.19; Jr 30.10; Ez 28.25). Quatro passagens ainda têm um sentido mais profundo: Is 42.1- 4; 49.1-6; 50.4-9; 52.13—53.12. Alguns críticos apenas querem identificar esse Servo com o Israel ideal. O povo de Israel foi chamado para ser o servo de Deus (Dt 10.12,20). Embora castigado por seus pecados, não foi rejeitado (Rm 11.1; cp. 11.29), ainda ficou uma "semente santa" (Is 6.13), um "remanescente" (Rm 11.5). Até aqui, a identificação apresenta-se natural. Contudo, em Is 49.5,6, o Servo tem lugar especial, e é notável sua missão para com Israel, mas é rejeitado (Is 53). No cumprimento desse dever sublime, a mais alta concepção do Servo do Senhor é atingida pelo próprio Jesus, que cumpriu a predição de Is 53, oferecendo "um único sacrifício pelos pecados" (Hb 10.12). V. ISAÍAS, O LIVRO DE.

sete. O número sete nos sugere considerações específicas. Aparece pela primeira vez na narrativa da Criação (Gn 2.1-3) e está na Lei com relação às festas (Êx2.15; Lv 25.8; Dt 16.9), à consagração de sacerdotes e altares (Êx29.30,35,37), ao estado da pessoa imunda (Lv 12.2), ao espargimento de sangue (Lv 4.6) e de azeite (Lv 14.16). Sobre pessoas em número de sete, nota-se: filhos (Rt 4.15; 1Sm 2.5; Jr 15.9; At 19.14), conselheiros (Ed 7.14; Et 1.10,14), donzelas (Et 2.9), homens de sabedoria (Pv 26.16), homens necessitados (Ec 11.2), mulheres (Ap 8.2), Espíritos (Ap 1.4), demônios (Mc 16.9). Coisas em sete: animais (Gn 7.2), vacas e espigas de trigo (Gn 41.2-7), altares (Nm 23.1), colunas (Pv 9.1), correntes de água (Is 11.15), varas e tranças (Jz 16.7,13), olhos (Zc 3.9), estrelas (Am 5.8), selos (Ap 5.1) etc. Sete vezes, em algumas passagens, é inclinação (Gn 33.3), castigo (Lv 26.18,21), louvor a Deus (Sl 119.164), pagamento (Pv 6.31) e perdão (Mt 18.22). O número sete também era usado como redondo (Jo 5.19 etc.) e como sete vezes mais, no sentido de inteiramente (Gn 4.15).

Sete. *Rebento* (?). Filho de Adão e Eva (Gn 4.25,26; 5.3-8; 1Cr 1.1; Lc 3.38).

Setenta, os. Discípulos mandados por Jesus, fato descrito apenas por Lucas (10.1,17).

Setenta, Versão dos. I. *A origem da tradução. Os Setenta*, do latim *Septuaginta*, é o nome pelo qual a primeira e única tradução do AT é conhecida. A lenda de sua origem vem de uma carta escrita por certo Aristeias, que servia na corte de Filadelfo, rei do Egito (285-247 a.C.), a seu irmão Filocrates. Ela diz que o rei desejou possuir uma tradução da Lei hebraica para sua biblioteca, por sugestão do bibliotecário real de Alexandria, e por isso escreveu ao sumo sacerdote de Jerusalém, Eleazar, pedindo-lhe que mandasse seis anciãos eruditos de cada uma das 12 tribos a Alexandria, para realizarem a pretendida versão. Esses tradutores chegaram ao Egito em seu devido tempo trazendo um exemplar da Lei hebraica, escrita com letras douradas em um rolo de peles. Por fim, foram conduzidos a um edifício na ilha de Faros, onde começaram seu trabalho, comparando os diferentes resultados e fazendo-os concordar. Assim, a tradução, com sua transcrição, foi completada em setenta e dois dias, apenas com o Pentateuco, ou a Lei, vertida para o grego. É possível julgar que o Pentateuco foi traduzido pelo ano de 250 a.C., mas não há provas certas sobre a data do resto da versão. Tudo bem pensado, é provável que houvesse muito menos cuidado com a última parte traduzida, e que vários livros fossem traduzidos na realidade mais para instrução de pessoas particulares do que para o interesse de toda a comunidade, até mesmo com algumas partes de certos livros traduzidas por diversas pessoas. Isso explica a grande variedade de estilo, com respeito ao grego e à maneira de traduzir o hebraico. Contudo, os livros dos profetas, os anteriores e os posteriores (V. ANTIGO TESTAMENTO), ao que parece, foram finalizados por volta de 132 a.C.; e a parte mais considerável da Escritura (V. ANTIGO TESTAMENTO) pela mesma época. Alguns críticos, contudo, consideram até mesmo a tradução desses livros datada de um século mais cedo. II. *O conteúdo e a ordem.* Ao abrir qualquer edição dos Setenta, impressiona a diferença entre essa versão e a nossa Bíblia, que, quanto ao conteúdo que apresenta, assemelha-se ao original hebraico. Na *Septuaginta*, encontramos mais um salmo, o de número 151, além de alguns capítulos mais no livro de Ester e as narrativas de Susana, Bel e o dragão, e também o *Benedicite*, O cântico dos trẹs jovens, adicionados ao livro de Daniel. Além disso, há acréscimos em 1Rs 8—12. Notaremos, também, muitos versículos em 1Sm 17 e 18. Ainda mais, no original dos Setenta, embora não nos nossos manuscritos atuais, o livro de Jó existia

em uma forma muito mais abreviada do que a do texto hebraico. Além dessas diferenças, há livros inteiros adicionados: 1Esdras, Sabedoria de Salomão, Sabedoria de Jesus, filho de Siraque ou Eclesiástico, Judite, Tobias, Baruque, Epístola de Jeremias, e pelo menos dois livros dos Macabeus (1e 2). Esses livros, com 2Esdras e a Oração de Manassés, com os capítulos acrescentados mencionados anteriormente, são os escritos apócrifos, que vêm como apêndice em algumas edições do AT. V. APÓCRIFOS, LIVROS.

Contudo, a *Septuaginta* difere da versão hebraica, não somente na adição ou omissão de passagens e na adição de livros completos, mas também na ordem em que as matérias estão. A Bíblia hebraica (V. ANTIGO TESTAMENTO) está disposta, como parece, segundo o princípio da data da canonização de suas três grandes divisões: a Lei, os Profetas (Anteriores e Posteriores) e os Escritos. Entretanto, a dos Setenta segue outra classificação: Lei, História, Poesia e Profecia. Rigorosamente, a Vulgata, versão latina padrão, também segue essa ordem, introduzindo os apócrifos. Essa disposição, que, excluindo os apócrifos, nos parece a melhor pelo hábito, é a mais conveniente, mas não se baseia no método dos compiladores da Bíblia hebraica, base, na verdade, científica.

Deve dizer-se que, em alguns livros, notoriamente Jeremias e no fim de Provérbios, a ordem dos capítulos difere consideravelmente na versão hebraica e na *Septuaginta.* A numeração dos salmos 10—147 também é outra nesta versão, pois os salmos 9 e 10 formam um só, assim como o salmo 147 se subdivide em dois.

III. *O estado atual do texto.* É deplorável que essa primeira versão, a maior de todas do AT, esteja em estado tão pouco satisfatório hoje, a ponto de ninguém poder dizer quais as palavras exatas escritas pelos tradutores do Pentateuco, muito menos o grau de exatidão das outras partes da Bíblia. Essa incerteza é maior em razão de determinadas circunstâncias que mencionaremos a seguir.

A *Septuaginta* logo se tornou a forma da Escritura usada pelos cristãos. Naturalmente utilizavam-na em seus esforços para convencer os judeus da verdade do evangelho. Isso levou os judeus do século II d.C. a fazerem uma nova tradução, mais harmoniosa com o sistema de interpretação favorável à sua maneira de ver. Assim, certas passagens do AT foram traduzidas em um sentido anticristão, por obra de Áquila (c. 130 d.C.), um gentio que, tendo anteriormente aceitado o cristianismo, mais tarde se tornara judeu; sua tradução tinha aspirações de ser extremamente literal. Um pouco mais tarde (c. 150 d.C.), apareceu outra versão, a de Teodócio, que revisou a obra e parece ter sido cristão. Embora mais próxima do hebraico que a *Septuaginta*, foi muito querida dos cristãos, com o livro de Daniel tão bem recebido que é hoje o texto das edições comuns a esta, sobrevivendo a antiga tradução somente em um manuscrito. Uma terceira versão foi a de Símaco (c. 170 d.C.), de quem se sabe ainda menos. Procurou traduzir o hebraico para um grego mais idiomático do que seus antecessores. Além dessas, houve outras traduções de livros feitas separadamente, das quais há alguns fragmentos muito pequenos. Desse modo, no primeiro quarto do século III d.C., havia quatro grandes versões gregas da Escritura hebraica, além daquelas de apenas alguns livros. Orígenes (185- 256 d.C.), o maior e o mais original de todos os pais da Igreja, concebeu o plano de copiar todas essas versões em colunas paralelas, com o original hebraico, e uma transliteração deste, em caracteres gregos. Assim, ele formou uma vasta obra de seis colunas (Héxapla, isto é,

sêxtuplo), além de outras adicionais, referentes a outras versões que de qualquer livro existiam. Tudo isso estava bem claro em um grande original manuscrito em Cesareia, na Palestina (onde permaneceu até sua destruição no século VI). Contudo, é evidente que, quando toda a importante coluna dos Setenta foi copiada, havia erros dos copistas nas várias espécies de marcas. Com exceção de pouquíssimos fragmentos, não há nenhum manuscrito que possuímos que não contenha trabalho de Áquila ou Teodócio, em mistura com o texto dos Setenta. IV. Sua importância histórica. Finalmente, devemos lembrar que a Septuaginta é de grande interesse não só pelo que é, mas também pelo que tem feito: 1. Como mencionado, foi a Bíblia dos tempos do NT. Grande parte das citações do AT, que está no NT, é da versão grega. Há diversas citações na Epístola aos Hebreus, nenhuma tirada da Bíblia hebraica. Contudo, normalmente não é possível provar que qualquer texto citado pertença aos livros apócrifos da Bíblia. Na verdade, algumas coincidências verbais mostram que alguns desses livros eram conhecidos dos autores inspirados; mas não são utilizados em suas argumentações. Deve-se observar que o livro de Enoque, citado em Jd 14, não faz parte da *Septuaginta.*

2. A Septuaginta era conhecida não somente pelos escritores do NT, mas também pelos primeiros pais da Igreja. O grego era a língua-mãe do Oriente e de grande parte da população de Roma e dos estrangeiros e, certamente, era compreendida pela grande maioria dos cristãos da região. Assim, é fácil entender que muitos termos teológicos provieram da *Septuaginta*, e, como os pais da Igreja não liam o hebraico (existia apenas uma ou duas exceções), sua maneira de formar e de exprimir as doutrinas teológicas devia ser grandemente determinada por essa tradução. Por exemplo, no século IV toda a Igreja cristã estava interessada na discussão de Pv 8.22: "O Senhor me criou", segundo a *Septuaginta*; mas, no hebraico, "O Senhor me possuía". A história do desenvolvimento de muita doutrina teológica da Igreja cristã seria quase ininteligível sem a *Septuaginta*.

3. Finalmente, essa versão é extremamente importante pela influência nas traduções feitas diretamente dela, ou do hebraico com seu auxílio. Essa contribuição, influente nesses dois modos, é especialmente verdadeira sobre as versões latinas, a mais antiga das quais (o velho latim) foi feita da *Septuaginta*, sendo a posterior (Vulgata) evidentemente efetuada do hebraico; mas isso aconteceu depois de a *Septuaginta* ter originado muitas expressões latinas das coisas sagradas. Deve-se notar que a chamada Vulgata de hoje provém da mistura do antigo texto latino com a própria Vulgata de Jerônimo.

Os pais latinos, bem como os gregos, eram quase todos ignorantes sobre o hebraico (Jerônimo era um dos poucos que o conheciam), por isso estavam verdadeiramente dependentes da *Septuaginta*, que tanto influenciara a *Vulgata* latina. É quase desnecessário mostrar que as últimas traduções, influenciadas direta e indiretamente pela *Vulgata*, encerram muita coisa que deriva historicamente da *Septuaginta*.

Sevene. Última cidade do Egito na fronteira sul para o lado da Etiópia (Ez 29.10; 30.6). Tinha uma grande guarnição para proteger as vizinhas pedreiras de granito e os operários contra as incursões dos bandos de salteadores errantes. O centro fortificado de Sevene era uma ilha do Nilo, chamada então Elefantina, atual Assuã. Nela têm sido encontrados papiros escritos no século V a.C. que tratam dos judeus que então viviam ali.

Sião. A fortaleza de Jerusalém (2Sm 5.7).

sibolete. Dilúvio, corrente e também uma espiga de trigo. Palavra que os gileaditas empregavam, depois de vencer os homens de Efraim, para colocar os fugitivos que procuravam atravessar os vaus do Jordão à prova, negando que eram efraimitas. Como tinham dificuldades em pronunciar o hebraico "sh" (como em *chão*), os gileaditas diziam que pronunciassem *shibboleth* (*chibôlet*); se eles se traíam proferindo *sibboleth* (*cibôlet*) eram mortos (Jz 12.6).

siclo. Em todos os usos da palavra, há referência a um peso. Desde os tempos mais remotos, os metais preciosos eram usados como representantes de riqueza. Abraão comprou por 400 siclos de prata, pesando-os a Efrom, o terreno onde estava a caverna de Macpela (Gn 23.16). Há muitos exemplos semelhantes de uso da moeda por peso. Abimeleque deu mil peças de prata a Abraão (Gn 20.16). Os príncipes dos filisteus pagaram a Dalila, cada um, 1.100 peças de prata (Jz 16.5,18). (V. tb. Gn 37.28; Jz 17.2; 2Rs 5.23.) Também eram regulados por: contribuições do tabernáculo (Êx 30.13; 38.26); sacrifícios de animais (Lv 5.15); resgate do primogênito (Nm 3.50; 18.16); e pagamento ao vidente (1Sm 9.8). Os meios siclos tinham valor distinto, como em Êx30.13, e a quarta parte de 1siclo em 1Sm 9.7,8. Mais tarde, siclo tornou-se o nome de uma moeda, realizando-se a troca do siclo peso pelo siclo moeda. Além do siclo, havia a beca ou meio siclo (Êx 38.26), a terça parte (Ne 10.32), o *rebah* ou quarta parte (1Sm 9.8), e o *gera* ou a vigésima parte de um siclo (Êx30.13). V. PESOS E MEDIDAS.

sicômoro (Lc 19.4). Uma verdadeira figueira ainda comum nos lugares quentes e abrigados da Palestina. No Egito, "as figueiras do faraó", como são chamadas, ainda se veem em muitos lugares, não tão abundantemente como em outros tempos. Crescem fácil e rapidamente, têm uma copa grande, ramos largos e raízes enormes. Dá várias colheitas de figos durante o ano, mas são pequenos e insípidos. No entanto, são a alimentação principal para as classes mais pobres. Quando Amós diz que era colhedor dos frutos do sicômoro, pode referir-se ao tratamento do fruto para o tornar comestível (Am 7.14). Tanto nas flores como na folhagem, assemelha-se muito à figueira comum. A madeira é macia, mas durável, e pode ser cortada em tábuas grossas. Davi e Salomão tinham plantações especiais de sicômoros nos outeiros das proximidades da costa, onde um clima suave favorecia seu crescimento (1Rs 10.27; 1Cr 27.28). Possuindo os hebreus cedros, pinheiros e carvalhos, não admira que o considerassem como coisa inferior (Is 9.9,10); além disso, não se pode comparar seu fruto com as espécies semelhantes. (V. FIGUEIRA.)

Sicute. Nome de Adar, o deus assírio da guerra (Am 5.26). Também traduzido por "tabernáculo", ou "tenda", como em conexão com Sucote.

Sidom. *Pescaria.* 1. Filho mais velho de Canaã, o legendário fundador de Sidom, conforme item 2 (Gn 10.15).

2. Hoje é Saida, uma cidade antiga e rica da Fenícia, edificada sobre uma pequena elevação que entra no mar Mediterrâneo. Em tempos antiquíssimos, foi mais importante que Tiro (Js 11.8; 19.28; Jz 18.7). Um historiador antigo afirma que os habitantes de Sidom fundaram Tiro, mas não há prova disso, a não ser os habitantes de Tiro chamarem-se sidônios; contudo, os sidônios nunca são chamados tírios. Seja como for, isso tende a mostrar que Sidom, nos tempos primitivos, foi uma cidade de extraordinária influência. Além disso, sidônios é um nome genérico que significa os fenícios ou os cananeus (Js 13.6; Jz 18.7,28).

Na última passagem, Tiro teria sido mencionada se realmente fosse de igual importância, pois era da mesma região e estava 32 km mais perto. Entretanto, em tempos bíblicos Sidom geralmente estava subordinada a Tiro. Sidom ficava nos limites de Zebulom: foi cedida a Aser e ocupada; mas a idolatria de seus habitantes, que não foram expulsos, era um laço para os israelitas (Gn 49.13; Js 13.6; 19.28; Jz 1.31; 10.6; 2Sm 24.6; 1Rs 16.31,32). Assim como Tiro, que fica a uns 32 km ao sul, Sidom tinha estreita aliança com os israelitas. Um de seus reis foi Etbaal, pai de Jezabel, mulher de Acabe (1Rs 16.31). Também foi denunciada pelos profetas (Is 23; Jr 25.22; 27.3; 47.4; Ez 28.21,22; Jl 3.4; Zc 9.2). Jesus visitou os lugares próximos de Sidom, afastados quase 80 km de Nazaré (Mt 15.21; Mc 7.24-31); seus habitantes recorreram a ele (Mc 3.8; Lc 6.17); era governada por Herodes (At 12.20); foi residência de cristãos (At 27.3).

Silas. Membro notável da igreja cristã primitiva e cidadão romano (At 15.22). Foi enviado pelos apóstolos a Antioquia com Paulo e Barnabé (At 15.22,27,34). Também foi cooperador de Paulo e seu companheiro na segunda viagem missionária pela Ásia Menor (At 15.40; 16.19; 17.4,10; 1Ts 1.1; 2Ts 1.1). Silas foi para a prisão com Paulo, em Filipos, de onde foram libertados por um milagre (At 16.19-40). Por certo tempo, permaneceu em Bereia com Timóteo (At 17.14), mas foi se encontrar com Paulo novamente em Corinto (At 17.15; 18.5). Silas é um diminutivo de Silvano, nome pelo qual é conhecido nas epístolas (2Co 1.19; 1Ts 1.1; 2Ts 1.1). Provavelmente foi o mesmo Silvano portador da Primeira Epístola de Pedro (1Pe 5.12).

Silo. *Descanso.* É agora Seilum; um lugar a 16 km a nordeste de Betel, sobre um outeiro escarpado, cercado de altos montes. Um pouco a leste, houve uma fonte abundante, tornando-o um belo lugar para acampamento. Estava no caminho principal de Betel a Siquém. No tempo de Josué, Silo era o lugar de reunião e santuário dos israelitas. Aqui foi dividida a terra, por sorteio, entre as tribos, cabendo a própria cidade a Manassés (Js 19.51). Permaneceram na mesma povoação a arca e o tabernáculo até o tempo de Samuel, por trezentos anos (Js 18.1-10; 22.12; Jz 18.31; 1Sm 1,2,3,4; 1Rs 2.27; Sl 78.60; Jr 7.12,14; 26.6,9). Os solteiros de Benjamim foram ali buscar moças para serem suas esposas (Jz 21.12- 21); ali também viveu o profeta Aías (1Rs 14.2,4). O lugar foi colonizado novamente pelos que voltaram da Babilônia (Jr 41.5).

Siló. Palavra que aparece em Gn 49.10 como nome de pessoa. Quando Jacó abençoava seus filhos e anunciava o futuro grandioso de Judá, declarou: "O cetro não se arredará de Judá [...] até que venha Siló". A interpretação dada à palavra é a de um título messiânico, "Ente da Paz" (cp. Is 9.6). A versão siríaca diz: "Até que venha aquele de quem é", uma predição ainda mais significativa do Messias. (Cp. Ez 21.27: "até que venha aquele a quem ela pertence de direito", que provavelmente se refere à passagem.)

Siloé. *Enviado.* O "tanque de Siloé" é citado em Jo 9.7,11. Em Ne 3.15, diz-se que o "muro" (muro do açude de Hasselá) era perto do jardim do rei, provavelmente uma parte das fortificações no sul do vale Tiropeão, das quais fazia parte a "torre de Siloé" (Lc 13.4). Outra menção a Siloé acha-se em Is 8.6: "as águas de Siloé que correm brandamente". Tanto seu nome (enviado) como a frase "correm brandamente" parecem uma referência ao tanque abastecido por um aqueduto que trazia as águas da "Fonte da Virgem" (Giom), nascente no vale

de Cedrom. Esse cano, cavado na rocha, já foi descoberto; em 1880, achou- se uma inscrição perto do tanque, que descreve como os mineiros trabalharam, partindo das extremidades e encontrando-se no meio. Com todas as probabilidades, tanto o tanque como o cano devem ser atribuídos a Ezequias (2Rs 20.20; 2Cr 32.2-4,30; Is 22.9,11).

Silvano. V. SILAS.

Sim. *Lodaçal*. 1. Cidade do Egito, depois chamada Palusium, situada entre pântanos dos ramos do Nilo, a nordeste. Hoje está inundada (Ez 30.15,16).

2. Deserto de Sim. Um espaço inculto entre Elim e o Sinai, atravessado pelos israelitas e onde as codornizes e o maná foram dados ao povo (Êx 16.1; 17.1; Nm 33.11,12). V. CODORNIZ.

Simão. *Ouvindo.* 1. Irmão de Jesus (Mt 13.55; Mc 6.3). V. IRMÃOS DO SENHOR.

2. Mt 4.18. V. PEDRO.

3. O Zelote, apóstolo de Jesus Cristo, de quem não se conhecem os atos (Mt 10.4; Mc 3.18; Lc 6.15; At 1.13). V. CANANITA.

4. Leproso que vivia em Betânia, em cuja casa a cabeça do Salvador foi ungida com óleo (Mt 26.6; Mc 14.3). Como vivia em sua própria casa e entre o povo, já deveria estar livre da lepra e provavelmente era um dos curados por Jesus Cristo. Lázaro, Maria e Marta eram seus hóspedes (Jo 12.2).

5. Cireneu obrigado a prestar auxílio ao Redentor, levando a cruz ao lugar da crucificação (Mt 27.32; Mc 15.21; Lc 23.26), pois Jesus, fatigado, não a podia levar mais. Era pai de Alexandre e Rufo (Mc 15.21) e, talvez, o cristão de Roma citado em Rm 16.13.

6. Fariseu, em cuja casa Jesus foi ungido pela mulher pecadora (Lc 7.36-50).

7. Pai de Judas Iscariotes (Jo 6.71; 12.4; 13.2,26). V. JUDAS ISCARIOTES.

8. Mágico de Samaria, geralmente chamado Simão Mago, que tentou comprar o dom do Espírito Santo por dinheiro (At 8.9-24), ato chamado de "simonia". A posterior tradição cristã diz muito de sua vida depois desse acontecimento.

9. Simão, o curtidor, um cristão de Jope com quem Pedro se hospedou (At 9.43; 10.6,17,32).

Simeão. *Ouvindo.* 1. Filho de Jacó e Lia (Gn 29.33; 34.25). Jacó predisse que ele e Levi, por sua crueldade para com os siquemitas, não teriam porção determinada na terra prometida: "dividi-los-ei em Jacó, e os espalharei em Israel" (Gn 49.5,7). No tempo da fome, foi prisioneiro de José, como segurança de que seus irmãos voltariam ao Egito (Gn 42.24,36). A razão da escolha não é citada.

A tribo de Levi nunca teve qualquer porção determinada do território; e a de Simeão recebeu apenas uma parte da terra, desmembrada de Judá (Js 19.1), e certos territórios nas montanhas de Seir e desertos de Gedor (1Cr 4.39,42), que tiraram à força de seus primeiros habitantes. A tribo de Simeão era pequena e com pequeno grau de multiplicação (1Cr 4.27). No censo feito no Sinai, era relativamente grande, pois somava 59.300 combatentes (Nm 1.23; 2.12,13); mas, na segunda contagem, em Sitim, era a menor de todas as tribos (Nm 26.14). Na marcha pelo deserto, ela ficava na parte sul do tabernácu-lo, sob o estandarte de Rúben (Nm 2.12). Houve grande mortandade na tribo após sua idolatria em Peor. Josias destruiu seus ídolos (2Cr 34.6). Davi se refugiou em suas terras e deu-lhes parte dos despojos dos amalequitas. Ao subir ao trono, certo número de pessoas dessa tribo assistiu à sua coroação em Hebrom (1Cr 12.23ss).

2. Judeu piedoso, de idade avançada, que louvou a Deus quando Jesus foi apresentado no

templo (Lc 2.25ss). Dizia-se que Gamaliel, instrutor de Paulo (At 22.3), era filho de Simeão; assim, foi provavelmente um rabi de alta consideração. Diz a tradição que ele foi chefe do Sinédrio.

3. Nome na genealogia de Jesus Cristo (Lc 3.30).

4. Discípulo e profeta de Antioquia, apelidado Níger (negro) e doutrinador em Antioquia (At 13.1).

Simei. 1. Filho de Gérson (Nm 3.18; 1Cr 6.17,42; 23.7-10; Zc 12.13).

2. Benjamita, filho de Gera (2Sm 16.5; 19.16-23; 1Rs 2.8-44). Pertencia à casa de Saul e vivia em Baurim. Quando Davi e suas tropas passavam por esse local, o monarca foi insultado por Simei, que lhe chamou "homem de sangue" (2Sm 16.7,8) e, arremessando-lhe pedras e lodo, o amaldiçoou, dizendo que era castigado pela morte de Saul e seus filhos. Davi proibiu Abisai de fazer mal a Simei (2Sm 16.9,10), perdoando-lhe mais tarde e permitindo-lhe que residisse em Jerusalém. Quando Salomão, já avisado por seu pai Davi, subiu ao trono (1Rs 2.9), proibiu que Simei saísse da cidade sob pena de morte. Após três anos, Simei, em perseguição a alguns de seus escravos, desobedeceu à ordem e foi morto por Benaia (1Rs 2.36,46).

3. Oficial de Davi, que permaneceu fiel durante a usurpação de Adonias (1Rs 1.8).

4. Oficial de Salomão (1Rs 4.18).

5. Neto de Jeconias (1Cr 3.19).

6. Benjamita (1Cr 4.26,27).

7. Indivíduo de Rúben (1Cr 5.4).

8. Merarita (1Cr 6.29).

9. Benjamita (1Cr 8.21).

10. Levita (1Cr 25.17).

11. Homem de Ramá e oficial de Davi (1Cr 27.27).

12. Filho de Hemã (2Cr 29.14).

13. Levita do tempo de Ezequias (2Cr 31.12,13).

14. Levita (Ed 10.23).

15. Indivíduo da família de Hasum (Ed 10.33).

16. Membro da família de Bani (Ed 10.38).

17. Avô de Mordecai (Et 2.5).

sinagoga. *Assembleia.* Seu significado literal é convenção ou assembleia. Como o termo "igreja", passou a significar o próprio edifício, onde a assembleia se reunia. "Assembleias" locais para instrução da Lei e para culto existiam desde tempos muito antigos, como "as casas dos profetas" (1Sm 10.11; 19.20-24; 2Rs 4.1). Durante o cativeiro, não eram raras as reuniões dos anciãos de Israel (v. Ez 8.1 e passagens paralelas); as verdadeiras sinagogas parece terem sido formadas mais tarde, na Dispersão. Desde cerca de 200 a.C., esse gênero de assembleia começou a se desenvolver na Palestina com organização sistemática e múltiplos edifícios próprios para serviços religiosos.

Essas assembleias estavam intimamente relacionadas com a obra dos escribas, como instrução do povo na Lei e sua aplicação na vida diária. Nas sinagogas, custosos rolos da Escritura, escritos pelos escribas, eram cuidadosamente guardados em uma caixa ou arca, visivelmente voltada para o povo que estava sentado.

Havia reuniões regulares todos os sábados e também no segundo e quinto dias da semana. Nessas reuniões, era dada importância especial à leitura da Lei e dos Profetas, e também se faziam orações, exortações, explicações, e se davam esmolas. Como o conhecimento do hebraico se extinguia pouco a pouco, a leitura de porções da Escritura tinha de ser acompanhada da respectiva tradução em aramaico, ou talvez em grego, língua entendida ao norte da Palestina no tempo de Jesus Cristo. As sinagogas eram não apenas locais de culto, mas também escolas, onde as crianças aprendiam a ler e escrever, além de pequenos tribunais de justiça onde a sentença era dada e executada (Mt 10.17). Geralmente estava sob direção dos "anciãos" (Mc 7.3), sendo o primeiro algumas vezes chamado de príncipe ou chefe das assembleias (Lc 13.14; At 13.15). O lugar dos anciãos e dos principais era em frente da arca, voltados para a congregação. Os anciãos tinham o poder de disciplinar, excomungar e açoitar; eles ou os principais convidavam pessoas de consideração para ler, orar ou pregar no serviço religioso. A coleta era levantada por dois ou mais indivíduos, e havia um "ministro" (assistente), conforme Lc 4.20, que tinha os livros sagrados sob seu cuidado e cumpria os deveres simples de guarda. A ordem do culto assemelhava-se muito à descrita em Ne 8.1-8 (cp. Lc 4.16-20). As sinagogas eram muito numerosas. Em qualquer povoação com certo número de judeus tratando de negócios, havia uma sinagoga. As companhias comerciais também possuíam sua própria sinagoga, e até estrangeiros as construíam para os de sua própria nação. Por isso, fala-se em sinagogas "dos Cireneus, dos Alexandrinos e dos da Cilícia e Ásia", pessoas do gênero daquelas que em uma ocasião subiram a Jerusalém (At 6.9). No tempo de Cristo, era raro o país do Império Romano onde não houvesse uma sinagoga.

Sinai. A península do Sinai fica entre o golfo de Suez e o de Ácaba. O deserto do Sinai, onde os israelitas acamparam quase um ano e Moisés levantou o tabernáculo da aliança. É mais alto do que o resto do país. Foi onde o Todo-poderoso fez conhecer sua vontade por meio de Moisés à multidão dos hebreus. No monte Sinai, que se levanta abruptamente da planície, foi entregue o decálogo e feito o pacto (Êx 20.1-17; 24.7,8). Nesse deserto, os israelitas prestaram culto ao bezerro de ouro e foi efetuado o recenseamento do povo (Nm 1.19; 3.1); Arão e seus filhos foram consagrados; foi celebrada a segunda Páscoa (Nm 9.5); Nadabe e Abiú foram mortos por oferecer fogo estranho ao Senhor. V. NADABE. A montanha onde Moisés recebeu a Lei do Senhor chama-se Horebe em Dt 1.2; em qualquer outro lugar, tem o nome de Sinai. Parece que Horebe designa todo o território, e Sinai, a montanha.

Sinédrio. *Assentados em conselho.* É a forma hebraico-aramaica da palavra grega *sunedrion*, traduzida por "conselho". Nome do supremo tribunal de Jerusalém nos tempos do NT, mas a origem do tribunal é obscura. Provavelmente pode ter relação histórica com a antiga assembleia dos anciãos no Estado israelita, formalmente interrompida, embora não inteiramente, pelo governo pessoal dos reis. O rei Josafá parece ter-lhe dado, de algum modo, a forma de um tribunal de justiça (2Cr 19.8). Ainda, a existência da assembleia de anciãos, em diferentes cidades, havia de sugerir aos judeus do cativeiro a formação de um corpo judicial na capital para tratar dos negócios de toda a nação. Na volta do cativeiro, Jerusalém era reconhecida como a capital da nova organização nacional, e sua assembleia, que aumentava à medida que os judeus habitavam diversos lugares do país, tornava-se cada vez mais respeitada e influente. Entretanto, não há citações de tal assembleia até o tempo de Antíoco, o Grande (246-226 a.C.), sendo

então chamada *Gerousia* ou Senado. Diz-se que o Sinédrio compreendia 71membros (cp. os 70 anciãos de Nm 11.16, em união com Moisés), varões eminentes, entre eles o sumo sacerdote, assim como, em anos posteriores, os que o tinham precedido no seu cargo e os de relações sacerdotais imediatas.Eram estes do partido dos saduceus, mas em certos períodos de tempo estavam os fariseus em maioria. Os deveres do Sinédrio eram bastante amplos, como: dispor sobre a religião prática, cuidar do templo, investigar dos direitos dos mestres religiosos e entrar em relação com os Estados estrangeiros. Esta última função dependia, naturalmente, da força ou fraqueza dos reis ou governadores desse tempo. Por volta do ano 20 d.C., os romanos tiraram o poder de vida e morte do Sinédrio. V. ANCIÃO, CONSELHO.

Siquém. *Ombro.* 1. Cidade no vale entre Ebal e Gerizim, na cadeia de montanhas da Palestina, distante 64 km de Jerusalém, no caminho para Nazaré (Gn 33.18); também se chama Siquém (At 7.16). O nome de Neápolis (de onde se deriva a moderna Nablus) foi dado pelo imperador Vespasiano. Abraão veio para esse vale (Gn 12.6ss), onde teve a visão da promessa da terra em herança, e ali também edificou um altar ao Senhor. Nesse lugar, Jacó comprou um campo, erigiu um altar e cavou um poço (Gn 33.18-20,34; 35.4; Jo 4.6). Nesse mesmo local, José andou procurando seus irmãos e depois tomou a direção de Dotã, para onde eles tinham passado (Gn 37.12ss). Para ali levaram os ossos de José, vindos do Egito e sepultados no terreno que Jacó comprara (Js 24.32).
Na divisão da terra, Siquém coube a Efraim, embora fosse perto de Manassés (Js 17.7). Depois, passou aos levitas, fazendo-se dela uma cidade de refúgio (Js 20.7; 21.21; 1Cr 6.67; 7.28). Siquém foi o local de uma notável reunião nacional, edificando Josué, nessa ocasião, um altar no monte Ebal, que dominava o vale. Ali inscreveu em pedra as palavras da Lei, e a leu ao povo que estava em grande ajuntamento nas rampas opostas de Ebal e Gerizim (Js 8.30-35). A partir de então, foi o ponto das grandes reuniões do povo israelita (Js 24.1-25; 1Rs 12.1; 2Cr 10.1). Siquém era a terra natal de Abimeleque, e o lugar de sua insurreição, e onde a parábola de Jotão foi proferida (Jz 8.31; 9). Abimeleque foi morto com uma pedra arremessada por uma mulher, depois de arrasar o povo e mandar cobrir seu lugar de sal (Jz 9). Foi reedificada por Jeroboão (1Rs 12.25). Jeremias diz que alguns de seus habitantes, que iam a caminho de Jerusalém, foram mortos por Ismael (41.5,7). Foi em um local afastado cerca de 3 km de Siquém que Jesus conversou com a mulher de Samaria (Jo 4.1-42). Os discípulos, talvez, também exercessem seu ministério ali (At 8.25). V. JACÓ, POÇO DE.
2. Filho do heveu Hamor. Era a principal autoridade de Siquém quando Jacó chegou ali (Gn 33.19; Js 24.2; Jz 9.28). Por seu procedimento para com Diná (v. diná), Siquém foi morto pelos irmãos dela, e sua cidade, assolada (Gn 34.2-26).
3. Filho de Gileade (Nm 26.31; Js 17.2).
4. Filho de Siquém (1Cr 7.19).

Siracusa. Cidade na costa leste da Sicília, onde Paulo permaneceu três dias durante sua viagem para Roma (At 28.12). Antes do tempo de Paulo, Siracusa fora conhecida por sua magnificência, com um belo porto, ainda hoje usado para os navios de Alexandria que para ali vão com trigo. Contudo, as guerras e invasões de piratas produziram grande dano, razão pela qual, apesar de sua importância, tornou-se insignificante.

Siraque, O Livro de. V. APÓCRIFOS, LIVROS; ECLESIÁSTICO, O LIVRO DE.

Síria. A Síria, também chamada Arã por causa do patriarca cujos descendentes a povoaram, compreendia o país entre o rio Eufrates, a leste; o Mediterrâneo, a oeste; a Cilícia, ao norte; e o deserto da Arábia, ao sul, excluindo a Palestina. Todavia, seus limites nunca foram bem determinados, e seu nome era vagamente usado. A Síria possuía muitas cidades famosas em seus limites, entre elas Damasco, Antioquia, Selêucia, Palmira e Laodiceia. Era composta de uma reunião de pequenos Estados que lutavam entre si pela supremacia, mas com resultados indefinidos. O reino de Damasco era o principal. Depois do tempo de Abraão, aparece pela primeira vez na Bíblia aliado com Hadadezer, rei de Zobá, contra Davi (2Sm 8.5); como resultado, a Síria, submeteu-se a Davi, mas no reinado de Salomão houve uma revolta chefiada por Rezom de Zobá, que também se apoderou de Damasco (1Rs 11.23-25). Desde então, os reinos da Síria ficaram independentes de Israel, com quem tiveram repetidas guerras sob o governo da dinastia de Hadade, notável com o cerco de Samaria, malogrado tão maravilhosamente (2Rs 6 e 7). Em seguida, assassinou Hazael, rei da Síria, e usurpou o trono, oprimindo Israel, mas a seu tempo foi vencido por Jeoás, rei de Israel (2Rs 13.22- 25). Jeroboão II alcançou superioridade, e, depois de algum tempo, vê-se o reino da Síria, com Rezim como soberano, em aliança com Israel contra Acaz, rei de Judá (Is 7.1-6). Para essa luta, o rei Acaz chamou em seu auxílio o monarca assírio Tiglate- Pileser, seguindo-se uma série de rápidos acontecimentos, de que provieram o revés, a morte de Rezim e a absorção de Damasco pela Assíria. A partir de então, os Estados da Síria deixaram de existir independentes, tornando-se parte do grande Império Assírio, de onde depois passaram para o domínio dos babilônios, a seguir dos persas, e depois para os generais de Alexandre, o Grande, que, pela primeira vez, fizeram daqueles pequenos Estados um grande e próspero reino. As inscrições de Tiglate-Pileser comemoram a queda de Damasco, a derrota de Rezim e apresentam Hadade como uma divindade da Síria.

Nos tempos do NT, a Síria, já província romana, abrangia a Palestina, que mesmo dependente tinha um governador ou procurador propriamente seu. Assim, na época do nascimento de Jesus, era legado da Síria C. Sentio Saturnino (9-6 a.C.), a quem sucederam P. Quintílio Varo (6-4 a.C.) e P. Sulpício Quirino (3-2 a.C.). Quando o Salvador foi crucificado, era legado de L. Aélio Lâmia, e Pôncio Pilatos, o procurador.

Sisaque. Rei do Egito que recebeu Jeroboão (1Rs 11.40) e invadiu a Judeia durante o reinado de Roboão. Tomou várias cidades muradas, bem como Jerusalém, e levou os tesouros do templo (1Rs 14.25,26; 2Cr 12.2-9). O muro do sul do grande templo de Carnaque tinha esculturas com uma lista das cidades da Palestina conquistadas pelo rei egípcio.

Sísera. *Criança* (?). 1. General do exército de Jabim, rei de Canaã, assassinado por Jael (Jz 4.2ss; 5.20-30; 1Sm 12.9; Sl 83.9). Sísera fora derrotado por Baraque e Débora, e fugiu do campo de batalha. Cansado, procurou abrigo na tenda de Jael, mulher que lhe cravou uma estaca em uma das fontes, enquanto ele dormia. V. JAEL.

2. Antepassado de uma família que voltou para Jerusalém com Zorobabel (Ed 2.53; Ne 7.55).

Sô. Rei egípcio de descendência etíope, cujo nome por extenso era Sabaku, pertencente à 24ª dinastia. Oseias, que desejou livrar-se do jugo da Assíria, o procurou para obter auxílio e aliança (2Rs 17.4). A consequência foi desastrosa, pois Oseias tornou-se prisioneiro dos assírios que

invadiram o reino de Israel. Tomou Samaria e levou as dez tribos para o cativeiro. Muitos, contudo, pensam que Sô era apenas um vice-rei no delta. V. OSEIAS, ISRAEL, SAMARIA.

Sodoma. Uma das principais cidades da planície opostas à invasão de Quedorlaomer (Gn 14). Foi residência de Ló(Gn 13.12,13). Foi destruída, com Gomorra, Zeboim e Admá, cidades vizinhas, por seus crimes de soberba, intemperança, ociosidade e luxúria (Ez 16.49,50; 2Pe 2.6-9; Jd 7), de tal forma que não há vestígio de nenhuma delas (Gn 19). V. GOMORRA, VINHA.

Sofonias. 1. O autor do livro de Sofonias.
2. Antepassado de Samuel e Hemã (1Cr 6.36).
3. Segundo sacerdote no reinado de Zedequias. Semaías, escrevendo de Babilônia, pediu-lhe que castigasse Jeremias, supondo que o profeta falsamente pretendia sê-lo. Duas vezes, Sofonias foi ter com Jeremias, por ordem do rei, para obter informações relativas ao cerco e pedir ao profeta que intercedesse pelo povo. Quando a cidade foi tomada, Sofonias foi preso e levado a Ribla com outros, onde foram mortos (2Rs 25.18; Jr 21.1; 29.25,29; 37.3; 52.24).
4. Pai de Josias (Zc 6.10).

Sofonias, O Livro de. O autor desse livro pode ter sido tetraneto do rei Ezequias (1.1). Viveu no reinado de Josias (1.1), certamente antes da reforma conhecida pelo nome do rei. O intuito do profeta foi avisar o povo das consequências do pecado, preparando o caminho para a reforma. As afirmações do livro podem ser resumidas assim: a) *Capítulo 1*: uma acusação geral contra Judá e todos os praticantes de ritos idólatras, como a Baal e seus sacerdotes Quemarim e Milcom (Moloque); proclamação da proximidade do grande "dia de indignação, dia de angústia" (v. 14,15). Há uma evidente referência à invasão dos citas que enchiam a terra de terror na época. As regiões circunvizinhas, especialmente o país dos filisteus, foram devastadas, mas havia a esperança de Jerusalém ser poupada, como aconteceu (v. 12), adiando a catástrofe. b) *Capítulo 2*: prediz os diversos castigos em conexão com a grande invasão que filisteus, especialmente os habitantes da beira-mar (quereteus), moabitas, amonitas e etíopes sofreriam; descreve com maravilhosa exatidão a desolação de Nínive. As profecias começam a se cumprir com as conquistas de Nabucodonosor. O resultado foi prestar a devida reverência ao Senhor, pois "os deuses da terra" estavam caindo em descrédito. Os pagãos haviam de prestar-lhe culto, "cada um do seu lugar" (2.11). c) *Capítulo 3*: na última parte da profecia, descreve sua nova crença, pois lhe oferecem sacrifícios (3.10). Além disso, Sofonias repreende a cidade de Jerusalém, censura-a por seus pecados e conclui com as mais animadoras promessas sobre sua restauração futura, a reunião das nações na igreja de Deus, e a feliz condição do povo do Senhor nos últimos dias.

O dr. Keith observou a exatidão com que Sofonias, Amós e Zacarias predizem o destino das quatro principais cidades da Filístia: Gaza, Ascalom, Asdode e Ecrom(cp. Am 1.6,7,8; Zc 9.5; Sf 2.4-6). Nota-se que, a respeito de Gaza, está escrito que sobre ela e seu rei viria assolação. Atualmente, entre ruínas de mármore branco, vê-se sua antiga magnificência, com algumas aldeias com casas de barro, a única morada de seus habitantes. De Ascalom e Asdode, diz que ficariam sem habitantes, como o é na verdade. Gaza é habitada, mas Ascalom e Asdode já não existem, embora ainda existam suas ruínas. Contudo, com Ecrom foi diferente: "Será desarraigada", diz a profecia. Até seu verdadeiro nome se perdeu.

Na verdade, a profecia e a providência, as predições e os respectivos acontecimentos são obra da mesma mão onipotente.

Sol. O luzeiro "maior" de Gn 1.16-18. O nome aparece primeiro em Gn 15.12. O culto ao Sol era muito comum e ainda está largamente espalhado no Oriente. Os israelitas foram ensinados a não praticar essa adoração (Dt 4.19; 17.3). V. BETE-HOROM, HERES, IDOLATRIA, JOSUÉ, ESTRELA.

sonho. Os orientais, particularmente os judeus, consideravam muito os sonhos e recorriam a quem dizia saber explicá-los para sua interpretação. Nota-se a antiguidade do costume nas histórias do padeiro e copeiro-mor do faraó (Gn 40), do próprio faraó (Gn 41) e de Nabucodonosor (Dn 2), que também quiseram seus sonhos explicados. Os midianitas davam crédito a essas representações mentais, como o sonho que um midianita relatou a seu companheiro e Gideão interpretou com um feliz prognóstico (Jz 7.13,15). O mesmo ocorreu com os sonhos de Abimeleque (Gn 20.3-7), Labão (Gn 31.24), José (Mt 1.20), dos magos (Mt 2.12) e da mulher de Pilatos (Mt 27.19). Deve ser cuidadosamente observado que mais sonhos eram concedidos aos que não tinham a vantagem de viver sob o pacto judaico.

sortes, lançar. Método exposto na Escritura e utilizado para determinar uma escolha. No AT, em alguns casos, foi divinamente determinado, como na escolha do bode emissário (Lv 16.8) e na divisão da terra prometida (Nm 26.55; Js 14.2). Na crucificação de Jesus, suas vestes foram repartidas entre os soldados que lançaram sortes para saber a quem caberiam (Sl 22.18; Mt 27.35). Matias foi escolhido para ocupar o lugar de Judas Iscariotes por meio de sortes (At 1.26). V. PURIM; FESTA, DIAS DE.

Sóstenes. 1. Principal da sinagoga de Corinto, maltratado pelos gregos quando Gálio recusou as acusações dos judeus contra Paulo, na segunda viagem missionária do apóstolo (At 18.17). 2. Cristão companheiro de Paulo em Éfeso (1Co 1.1). Muitos creem que é o mesmo do item 1, que se tornou cristão depois dos acontecimentos de At 18.17.

Suão. Filho de Dã, fundador da família dos suamitas (Nm 26.42).

suborno. Dar presentes era, e ainda é, algo tão comum no Oriente que às vezes é difícil saber onde acaba o cumprimento e inicia o suborno. Todavia, em Êx23.8, não há dúvida de que o presente que tinha intenção de escapar ao castigo era mais corretamente considerado suborno. Os subornos também eram feitos para abrandar os conquistadores (2Rs 16.8). O presente levado a um profeta era uma gratificação, sem caráter algum de suborno (1Sm 11.7). Entretanto, segundo Ez 22.12, falsos profetas recebiam presentes como suborno. Em Jó 15.34, nota-se que o suborno era comum entre certas classes da sociedade, pois "tendas de suborno" é uma expressão que descreve a corrupção dos tribunais de justiça.

Sucote. *Cabanas.* 1. Lugar a leste do Jordão, onde Jacó acampou quando voltava de Padã-Arã (Gn 33.17) e também a parte de Gade na divisão da terra (Js 13.27). Gideão passou por Sucote na perseguição aos midianitas e, como os príncipes dessa terra lhe recusaram alimentos, matou-os na volta (Jz 8.5-16). Salomão estabeleceu ali uma casa de fundição de cobre (1Rs 7.46; 2Cr 4.17) onde os vasos para o serviço do templo foram fundidos. O lugar é desconhecido, mas provavelmente era ao sul do rio Jaboque. 2. O vale de Sucote é mencionado em Sl 60.6; 108.7, mas a localização é desconhecida. 3. Local onde os israelitas acamparam pela primeira vez depois de deixarem o Egito e antes de

atravessarem o mar Vermelho (Êx 12.37; 13.20; Nm 33.5,6). Supõe-se que era uma estação para as caravanas que iam do Egito para o Norte.

Sucote-Benote. *Cabanas, ou tendas das filhas.* Nome de deuses criados por homens da Babilônia (2Rs 17.30). Parece se tratar de uma divindade babilônica corrompida, Bel-Merodaque, ou de sua mulher, Zer-Banite.

Sulamita. Designação da heroína de Cântico dos Cânticos de Salomão (6.13). Talvez fosse uma forma alternativa de Suném. V. SUNÉM.

sumo sacerdote. Principal dos sacerdotes judeus. Arão e seus filhos foram solenemente separados para o cargo sacerdotal (Êx 28.1; 40.12-15). Arão o ocupou primeiro, e essa preeminência era hereditária (Êx29.29,30). A função era vitalícia, mas Salomão expulsou Abiatar do cargo por traição (1Rs 2.27). Quando os filhos de Eli morreram por sua iniquidade, o sumo sacerdócio foi transferido as descendentes de Itamar, o segundo filho de Arão (1Sm 2.35,36). Todavia, o cargo voltou para a família de Eleazar durante o reinado de Salomão (1Rs 2.35) e permaneceu nela até o cativeiro. Depois disso, Jesua, ou Josué, filho de Jozadaque, foi o primeiro sumo sacerdote (Ed 3.2), e seus sucessores imediatos eram membros de uma família levítica específica. Em seguida, o cargo foi ocupado por príncipes macabeus e, por meio deles, juntou-se à mitra uma tríplice coroa de ouro. Sob o governo dos romanos, a dignidade, a honra e a santidade do cargo quase se desvaneceram. Por certo tempo, não muito depois do cativeiro, o posto frequentemente era vendido pelo melhor lance, às vezes a pessoas que não eram da família sacerdotal. Ocorria frequentemente de o sumo sacerdote ser substituído a cada ano, e em certas ocasiões havia diversos ao mesmo tempo. Anás (Lc 3.2; Jo 18.13,24; At 4.6) foi sumo sacerdote por vários anos e viu o sumo sacerdócio ocupado por seus filhos e genros. Isso certamente lhe deu considerável influência. V. CAIFÁS.

As vestes do sumo sacerdote, além do simples manto sacerdotal, eram:

1. A vestidura da estola sacerdotal: feita de lã azul, com suas bordas ornamentadas com 72 campainhas de ouro, alternando com muitas romãs bordadas.

2. A estola: uma vestimenta presa aos ombros que descia até os calcanhares, mas na frente não passava da cintura. Era feita de linho fino e tecida de ouro e púrpura. Ao lado de cada ombro, havia uma abertura com uma pedra preciosa com os nomes das tribos. V. ESTOLA SACERDOTAL.

3. O peitoral do juízo: também de linho fino, de 25 cm de largura, em forma quadrada, com 12 pedras preciosas, cada uma com os nomes das 12 tribos esculpidos. Em relação ao peitoral, havia o Urim e o Tumim, palavras que significam "luz" e "perfeição", mas acerca das quais os eruditos divergem muito. Quando o sumo sacerdote queria saber a vontade do Senhor, punha o peitoral, e dizia-se que ele ia consultar o Senhor segundo o juízo de Urim (Nm 27.21). (V. PEITORAL.) O sumo sacerdote também usava uma coroa, ou mitra, com uma lâmina de ouro puro presa por uma fita azul com algumas palavras hebraicas que significavam "Santidade ao Senhor" (Êx28.36; 39.30).

Os deveres especiais do sumo sacerdote mais particularmente diziam respeito ao Dia da Expiação, como descrito em Lv 16. (Cp. Hb 9.) V. EXPIACÃO, DIA DA; SACERDOTE.

Suném. Cidade de Issacar, ao norte de Jezreel, no sudoeste do pequeno Hermom, mais de 32 km distante do Carmelo. Local em que os filisteus acamparam antes da batalha de Gilboa; a

primeira habitação de Abisague, serva de Davi, e da hospedeira de Eliseu (Js 19.18; 1Sm 28.4; 1Rs 1.3; 2Rs 4.8,25).

suquitas. *Habitantes das rochas.* Tribo mencionada com os líbios e etíopes, que participava do exército de Sisaque (2Cr 12.3).

Sur. *Desviando-se.* Porta de Jerusalém (2Rs 11.6), chamada em 2Cr 23.5 de "a Porta do Fundamento". Não se sabe se era na cidade, no templo ou no palácio do rei.

Sur. Muralha. Deserto entre a Palestina e o Egito que se estende na direção sueste desde o istmo de Suez até o et-Tih (Gn 16.7; 20.1; 25.18; Êx15.22; 1Sm 15.7; 27.8); também se chama deserto de Etã. V. ETÃ.

Susã. Cidade cujo nome foi mudado para Shush, Susã em grego. Primeiro foi a capital de Elão, província da Pérsia e residência dos monarcas persas (Ne 1.1; Et 2.3; Dn 8.2). Local em que Daniel teve a visão do carneiro e do bode (Dn 8); e também onde Dario Histaspes publicou seu decreto ordenando a reedificação do templo de Jerusalém. Reconhecendo isso, os judeus chamaram Susã à porta oriental do templo e também mandaram pintar a cidade nessa parte do edifício. Também foi onde Assuero realizou a esplêndida festa descrita em Et 1.5.

Suzana. Mulher que seguiu Cristo e o serviu com seus bens (Lc 8.3).

T

Taanaque. Povoação na extremidade sudoeste da planície de Esdrelom, a 8 km a sudeste de Megido. Era cidade real de Canaã e foi conquistada por Josias. Depois disso, pertenceu ao território de Issacar, mas foi cedida à meia tribo ocidental de Manassés, passando mais tarde aos coatitas; e por isso não foram expulsos os cananeus (Js 12.21; 17.11-13; 21.25; Jz 1.27,28; 1Cr 7.29). Foi lugar de reunião do exército de Sísera (Jz 5.19), fazendo parte posteriormente de um dos comissariados de Salomão (1Rs 4.12).

Tabeal. Provavelmente, *Deus é bom.* Peca e Rezim procuraram colocar no trono de Judá o "filho de Tabeel", em lugar de Acaz (Is 7.6). É provável que a pessoa mencionada seja o próprio Peca, pois Tabeal, em virtude de uma troca de letras, que mais tarde usualmente se praticava entre os judeus, poderia ler-se Remala (Remalias).

tabernáculo. 1. A construção do tabernáculo, com uma descrição dos objetos que possuía, está narrada em Êx25—27; 36—38. O tabernáculo onde se realizava o culto público, de quando os israelitas andaram pelo deserto até o reinado de Salomão, era não só o templo de Deus, mas também o palácio do Rei invisível. Era "sua santa habitação", o lugar em que ele encontrava seu povo e tinha comunhão com os israelitas; era a "tenda da congregação", isto é, o templo do encontro de Deus com o homem. Tinha formato retangular, construído com tábuas de acácia, tendo 18 m de comprimento e 6 m de largura. As tábuas eram guarnecidas de ouro e unidas por varas do mesmo metal, com base de prata. Em volta, havia ricos estofos e bordados caros de várias cores (Êx26.1-14). Contudo, o lado oriental era fechado por uma cortina de algodão, suspensa de varões de prata sustentados por cinco colunas cobertas de ouro. O interior dividia-se em duas partes por um véu ou cortina bordada com figuras de querubins e outros ornamentos (Êx26.36,37). A parte anterior, por onde se entrava, chamava-se o Santo Lugar (Hb 9.2); o fundo do tabernáculo, ocupando um espaço menor, era o Santo dos Santos, isto é, o Lugar Santíssimo, onde estava a arca da Aliança ou do Testemunho. A arca era um cofre de madeira de acácia, guarnecido de finíssimo ouro por dentro e por fora, assim como sua tampa. Em suas extremidades, havia dois áureos querubins com as asas estendidas. Por cima, estava "a Glória", símbolo da presença de Deus, que ficava entre eles e vinha até a cobertura da arca — "o propiciatório". A arca continha as duas tábuas de pedra, o Livro da Lei, uma urna com maná e a vara de Arão (Êx 25.21; Dt 31.26; Hb 9.4). Na primeira parte do tabernáculo, estava o altar de ouro do incenso (Êx 30.1-10), um candelabro de ouro maciço com sete braços (Êx 25.31-39) e uma mesa de madeira de acácia, chapeada de ouro, sobre a qual estavam os pães da proposição e talvez o vinho (Êx 25.23-30). V. ALTAR, para uma exposição de Hb 9.3,4. Em volta do tabernáculo, havia um espaço de 100 côvados de comprimento por 50 de largura, fechado por cortinas de linho fino, sustentadas em varões de prata, e iam de uma coluna à outra. Havia 20 colunas com bases de bronze, de 3 m de altura. A entrada era pelo lado oriental e estava protegida por uma cortina com figuras bordadas de jacinto, púrpura e escarlate (Êx 27.9-19). Nesse pátio sem cobertura, eram realizados todos os serviços públicos religiosos e oferecidos os sacrifícios. Perto do centro, estava o altar de cobre, com 5 côvados de comprimento por 5 de largura. Nos quatro cantos do altar, havia proeminências chamadas "chifres" (Êx27.1-8; Sl 118.27). Os vários instrumentos do altar eram de bronze, mas os do

altar do incenso eram de ouro (Êx 25.31-40; 27.3; 38.3). No átrio, entre o altar de bronze e o tabernáculo, havia uma grande bacia, também de bronze, onde os sacerdotes faziam suas abluções antes do culto (Êx 30.17-21). Sobre o altar, via-se continuamente vivo o lume, que primeiro aparecia miraculosamente e depois era conservado pelos sacerdotes (Lv 6.12; 9.24; 10.1). É provável que, antes de o próprio tabernáculo ser edificado, Moisés usasse uma tenda menor, para a adoração a Deus, fora do campo, chamada "a tenda da congregação" (Êx33.7). Deve-se dizer que todos os materiais para o tabernáculo podiam ter sido obtidos na península do Sinai, pois sua construção era simples. V. ALTAR, ARCA, BACIA, BRASEIROS, CÁLICE, CANDEEIRO ,COLUNA ,LÂMPADA ,PRATO , PROPICIATÓRIO, VASO, VÉU.

Tabernáculos, Festa dos. Festividade solene dos hebreus, que durava oito dias e era celebrada depois da colheita do trigo e dos frutos, sendo a última chamada de Festa da Colheita dos frutos. Era uma das três grandes solenidades em que todas as crianças do sexo masculino se apresentavam diante do Senhor. Foi instituída para comemorar a bondade de Deus, que protegeu os filhos de Israel no deserto e os fez habitar em tendas ou barracas depois de terem deixado as terras egípcias. Durante a festa, não se fazia trabalho algum. No primeiro dia, o povo cortava ramos das mais belas árvores, com seus frutos, assim como ramos de palmeiras, os mais cheios de folhas, e ramos dos salgueiros que cresciam nas margens dos ribeiros. Então, levavam-nos e agitavam-nos, diz-se, na direção dos quatro cantos da Terra, cantando certos cânticos. Chamavam a esses ramos também hosanoth ou hoshiah, visto que, quando eram levados e movidos, o povo elevava a voz com hosanas, como mais tarde aconteceu quando Jesus entrava em Jerusalém. O último dia da festa era o da grande hosana. Durante uma semana, o povo habitava em tendas construídas de ramos, em memória de terem assim vivido após sua saída do Egito (Lv 23.34-44; Dt 31.10-13; Ne 8.16; Mt 21.8,9; Jo 7; 8.12-20). Nos tempos do NT, um sacerdote e um grupo de adoradores iam em procissão buscar água em uma moringa de ouro, com a capacidade da quarta parte de um him, cerca de 900 ml, à fonte de Siloé, com origem em uma rocha perto do templo. Essa água era misturada com quantidade igual de vinho (Êx 29.40), e ofereciam-se libações (Lv 23.36, 37), enquanto o povo cantava as palavras de Isaías "com alegria tirareis águas das fontes da salvação"; e derramava-se a água no sacrifício da tarde com alegres aclamações (Jo 7.37). Acendiam-se os candeeiros de ouro no átrio do templo na primeira noite e, talvez, também nas outras noites da festa (Jo 8.12). Além disso, os sacerdotes subiam os degraus que separavam o pátio das mulheres do pátio interior, cantando os salmos dos degraus (Sl 120—134).

Tabita. V. DORCAS.

Tabor. 1. Jebel et-Tor; monte notável, isolado, em forma de cúpula, que abruptamente se ergue a nordeste da planície de Jezreel, com 400 m de altura, estendendo-se de seu topo até grande distância (Sl 89.12; Jr 46.18). Estava entre as tribos de Issacar e Zebulom (Js 19.22). Foi o ponto de reunião das forças de Baraque (Jz 4.6, 14) para a guerra contra Jabim e Sísera; local da mortandade dos filhos de Gideão (Jz 8.18); e centro de uma forma corrompida de religião, característica do Reino do Norte (Os 5.1). Desde o século III, diz-se que o monte Tabor foi onde se deu a Transfiguração (V. TRANSFIGURAÇÃO); mas os Evangelhos não citam o nome do "alto monte", sendo provável que naquele tempo o cume do Tabor fosse habitado e em parte fortificado.

2. Cidade de Zebulom, sobre o monte Tabor, ou perto dele, cedida aos filhos de Merari (Js 19.22; 1Cr 6.77).

3. "Planície", ou mais corretamente "carvalho" do Tabor, perto de Betel, no caminho que Saul tomou depois de ungido por Samuel (1Sm 10.3).

Tadeu. Talvez seja uma forma do grego Teudas, ou uma palavra aramaica que significa "peito feminino"; assim, seria um nome carinhoso. Seu verdadeiro nome parece ter sido Judas. Foi um dos 12 apóstolos (Mt 10.3; Mc 3.18). É também chamado Judas, irmão, ou filho, de Tiago (Lc 6.16; At 1.13). V. tb. Jd 5.

Tadmor. *Cidade de palmeiras* (?). Antiga Palmira, povoação a 192 km a nordeste de Damasco, em um oásis rico de água e frutos, a meio caminho entre o Eufrates e o Orontes (1Rs 9. 18). Foi edificada por Salomão (2Cr 8.4). Confira também 1Rs 9.18, em que a verdadeira palavra é Tamar (V. TAMAR). Palmira estava vantajosamente situada para seu comércio com Babilônia. A cidade de Palmira continuou habitada até a queda do Império Romano. Suas ruínas são majestosas.

Tafnes. 1. A clássica Dafne, hoje Tell Defenneh, onde há vestígios de um grande campo de tropas; uma cidade importante no nordeste do Egito (Jr 2.16), para onde o profeta Jeremias e outros fugiram de Jerusalém (Jr 43.7-9; 44.1), e onde ele profetizou a conquista do Egito por Nabucodonosor (Jr 46.14). Também Ezequiel parece referir-se à mesma cidade (Ez 30.18).

2. Rainha egípcia, mulher do faraó que recebeu Hadade, o edomita, e lhe deu sua irmã em casamento (1Rs 11.19,20).

talento. É,no AT, o maior peso hebraico para metais. Os antigos hebreus parece terem tido três diferentes talentos, provenientes da Assíria e Mesopotâmia, onde havia três talentos semelhantes. O talento peso "do rei" era igual ao peso padrão de cerca de 90 kg; o talento de ouro, cerca de 75 kg, 11.360 dólares americanos; o talento de prata, cerca de 67 kg, 768 dólares americanos. A moeda mencionada no NT é o talento grego, com o valor de, aproximadamente, 455 dólares americanos. Aquela quantia que o servo da parábola devia era, portanto, enorme, 4.544.400 dólares americanos (Mt 18.24). V. PESOS E MEDIDAS.

Talmom. Chefe de uma família de porteiros do templo, depois da volta do cativeiro (1Cr 9.17; Ne 11.19). Alguns voltaram com Zorobabel (Ed 2.42; Ne 7.45); seus descendentes empregaram-se no mesmo ofício nos dias de Neemias e Esdras (Ne 12.25).

Tamar. *Palmeira.* 1. Foi mulher sucessivamente de Er e Onã, filhos de Judá, e mãe, por obra do próprio Judá, de Perez e Zerá. Do primeiro, deu-se continuidade à linhagem sagrada. Ela está entre os antepassados de Jesus Cristo (Gn 38.6-30; Mt 1.3).

2. Filha de Davi, ultrajada por seu irmão Amnom e vingada pelo seu irmão Absalão (2Sm 13.1-32; 1Cr 3.9).

3. Filha de Absalão, que provavelmente recebeu esse nome em memória de Tamar, e que herdou a beleza de sua tia e seu pai (2Sm 14.27).

4. Fronteira sueste de Judá (Ez 47.19; 48.28; e provavelmente 1Rs 9.18). V. TADMOR

tamborim. Ainda hoje as mulheres do Oriente dançam ao som do tamborim (Êx 15.20; 2Sm 6.5; Jó 21.12).

Tamuz. Um nome de Adônis, o deus do Sol, sendo Biblos, da Fenícia, o principal lugar de seu culto. Sua festividade anual, em junho na Babilônia, em agosto na Palestina, que tomava a

forma de uma lamentação pela morte desse deus, e de regozijo por ter voltado à vida, era feita com ritos obscenos (Ez 8.14). O rio Adônis (Nahr Ibrahim), que tem sua origem nas montanhas do Líbano, apresenta algumas vezes a cor vermelha, pois o terreno do Líbano é muito vermelho por natureza. A fantasia popular converteu essa vermelhidão no sangue de Adônis. Tem-se julgado que as palavras de Is 17.10 se referem aos "jardins de Adônis", cujas plantas depois de cortadas eram postas em vasos com sua imagem, feita de madeira, e depressa murchavam. Em Dn 11.37, "desejo de mulheres" pode também referir-se ao mesmo ídolo.

tangedor. "Trazei-me um tangedor", diz o profeta Eliseu (2Rs 3.15), para significar um tocador de instrumento de cordas como a harpa. O poder da música para afastar a alma da influência de coisas exteriores e prepará-la para as visões interiores se torna igualmente manifesto por outras passagens: 1Sm 10.5,6; 16.14-23. Os músicos, a que se faz referência em Mt. 9.23, eram tocadores de flauta, que se empregavam como pranteadores profissionais.

Társis. 1. Em Gn 10.4 e 1Cr 1.7, Társis é um dos filhos de Javã. O professor Sayee crê significar isso que Társis foi um território colonizado por estrangeiros da Grécia jônica.
2. Empório comercial, provavelmente o mesmo que Tartessos, na Espanha; é quase certo tratar-se da antiga cidade de Sevilha, uma da s principais colônias, a mais remota, dos fenícios (1Rs 10.22; 2Cr 9.21; Is 2.16; Jr 10.9; Ez 27.12; Jn 1.3). Vários metais, como prata, ferro, estanho e chumbo eram exportados de Társis. "Navios de Társis" eram, certamente, embarcações em viagem para outros portos.
3. Bisneto de Benjamim (1Cr 7.10).
4. Um dos sete príncipes da Pérsia que viram com grande satisfação a face do rei (Et 1.14).

Tarso. Principal cidade da Cilícia, Ásia Menor; terra natal e primeira residência de Paulo (At 9.11,30; 11.25; 21.39; 22.3). Tinha fama de ser um centro de educação sob o governo dos primeiros imperadores romanos e era rival das universidades de Atenas e Alexandria. Foi cidade livre pela boa vontade de Antônio. Pompeu, Júlio César, Antônio e Augusto conferiram o título de cidadão romano a alguns de seus habitantes, supondo-se que entre eles os antepassados de Paulo receberam essa distinção (At 22.28). Atualmente é uma pequena aldeia de menor importância do que os modernos portos de Mersina e Adana.

teatro. Em Éfeso, a multidão, excitada contra Paulo pelo discurso de Demétrio, correu precipitadamente ao teatro para considerar o assunto (At 19.29,31). A palavra tem ali o significado comum, o de lugar onde se representam peças dramáticas, mas muitas vezes usado para reuniões públicas.

tebete. O décimo mês judaico, dezembro a janeiro. Talvez o mês lamacento, na Assíria (Et 2.16).

tecelagem. Trabalho principalmente de mulheres. Durante o período das guerras, elas fabricavam belos tecidos, e sobre isso há uma interessante referência em 2Rs 23.7. Provavelmente a maior parte dos tecidos mais finos eram importados, bem como os damascos de seda e os panos de linho, vindos do Egito. Os teares da Babilônia eram célebres por seus produtos, como se pode depreender das capas de Sinar que Acã cobiçou (Js 7.21). As inscrições dos monarcas assírios (século IX ao VII a.C.) fazem frequentes alusões a roupas bordadas de linho, levadas para a Assíria das nações ocidentais da Ásia, com quem estavam em guerra. Os materiais usados na fabricação do pano eram, além de outros, a seda, o linho, o algodão, o pelo de cabra e de camelo e a lã.É impossível dizer quando os horeus iniciaram o uso da lançadeira. A palavra,

assim traduzida em Jó 7.6, significa de preferência o tear pequeno para trabalhar à mão; assim como em Jz 16.14. O eixo de tecelão, comparado à haste da lança de Golias (1Sm 17.7; cf. 2Sm 21.19), era uma peça forte de madeira pertencente grade do tear e que corria ou horizontal ou perpendicularmente.

Tecoa. Talvez signifique o *ato de amarrar tendas*, ou o *soar das trombetas* (v. Jr 6.1). Hoje é Tukua, a 8 km ao sul de Belém, a 11 km a nordeste de Bete-Zur, em um território montanhoso de pastagem, que se inicia perto de Hebrom e se estende para o oriente, na direção do mar Morto. Asur, neto de Judá, é chamado seu "pai", evidentemente o seu fundador (1Cr 4.5). Terra natal daquela mulher discreta mandada a Davi para o reconciliar com Absalão (2Sm 14.2); também a de um dos valentes de Davi (2Sm 23.26; 1Cr 11.28; 27.9); e a do profeta Amós (Am 1.1). Foi fortificada pelo rei Roboão (2Cr 11.6) e reocupada pelos judeus depois da volta do cativeiro (Ne 3.5,27). O povo que vivia nessa região devia ter-se dedicado, principalmente, ao pastoreio; então pouco mais podia ter sido do que um grupo de tendas, às quais voltavam os homens, em ocasiões de folga, das pastagens vizinhas, e onde habitavam as famílias durante a ausência de seus chefes. Este é, ainda, o caráter do lugarejo.

Telassar. *A colina de Assar.* Nome do deus Merodaque, cujo templo era famoso em Telassar. Mencionada em 2Rs 19.12 e Is 37.12 como cidade dos filhos de Éden, conquistada e habitada pelos assírios no tempo de Senaqueribe. Devia estar localizada no oeste da Mesopotâmia.

Temã, ou Temá, ou Tema. *Terra do sul* (?). Filho de Ismael, com uma tribo com seu nome, e com o país ocupado pela gente que a formava (Gn 25.15; 1Cr 1.30; Jó 6.19; Is 21.14; Jr 25.23). Teyma ainda é uma cidade bem conhecida do norte da Arábia, na estrada das caravanas de Damasco.

templo. Descrevem-se, aqui, três templos em Jerusalém: o templo de Salomão; o templo reedificado sob a direção de Neemias; e o templo de Herodes.

1. *Templo de Salomão.* A edificação do templo foi a grande tarefa do reinado de Salomão. A madeira da construção foi trazida do Líbano pelos operários fenícios empregados nessa e em outras obras semelhantes em grande número. Preparou-se o emadeiramento antes de ser levado ao mar, depois foi conduzida em navios até Jope, e, desse porto, pelo mar até Jerusalém, em uma distância de cerca de apenas 64 km (1Rs 5.9). Semelhantemente, as grandes pedras eram cortadas, cinzeladas e cuidadosamente marcadas antes de enviadas para Jerusalém. Foram empregados milhares de operários nesse trabalho. Havia 160 mil palestinos divididos em duas classes: a primeira, de israelitas nativos, dos quais 30 mil, ou aproximadamente 1em cada 44 da população vigorosa do sexo masculino, foram arregimentados para essa obra em uma "leva". Esses homens trabalhavam por determinado tempo, 10 mil durante um mês, e depois voltavam por dois meses a suas casas. A segunda classe de operários (1Rs 5.15; 2Cr 2.17,18) era constituída por 150 mil homens, 70 mil carregadores e 80 mil serradores de pedra. Os da primeira classe, hebreus, eram trabalhadores livres sob a direção dos inteligentes artífices de Hirão, e os da outra classe, representantes dos antigos habitantes pagãos da Palestina, eram realmente escravos (1Rs 9.20,21; 2Cr 2.17,18; 8.7-9). Além desses, foram nomeados 3.300 oficiais (1Rs 5.16), com 550 "chefes" (1Rs 9.23), dos quais 250 eram, na verdade, israelitas nativos (como 2Cr 8.10).

O contrato entre Salomão e Hirão era assim: Salomão devia providenciar a manutenção e

salário dos homens de Hirão, que recebiam certa quantidade de trigo batido, cevada, vinho e azeite (2Cr 2.10); ao passo que, enquanto os materiais para a edificação fossem requisitados, Hirão impunha, por esse benefício, uma contribuição anual de 20 mil medidas de trigo e outras 20 mil do melhor azeite do mercado. A Fenícia dependia principalmente da Palestina para seu abastecimento de pão e azeite (Ez 27.17; At 12.20).

O mestre de obras que o rei Hirão mandou chamava-se Hirão-Abi, um descendente dos judeus, por parte de mãe (2Cr 2.13,14).

O templo estava voltado para o leste; ou seja, os adoradores, entrando pelo leste, tinham em frente o Santo dos Santos e olhavam para o oeste; e, com efeito, sendo o véu desviado para o lado, a arca na parte mais funda do santuário era vista, estando voltada para o leste. Entrando pelo oeste, o adorador se acharia no vestíbulo, que ocupava toda a largura do templo, isto é, cerca de 9 m, com profundidade de 10,5 m. Propriamente o santuário tinha 27 mde comprimento por 9 m de largura e 13,5 m de altura; era constituído do Lugar Santo e do Santo dos Santos. Essas medidas dizem respeito ao interior; para saber sobre a arca do templo, considera-se para a avaliação as paredes e a cadeia circunjacente de construções laterais. Essas câmaras serviam para armazenagem dos vasos sagrados; talvez também de quartos de dormir para uso dos sacerdotes a serviço do templo. Nessas câmaras, a entrada era por uma porta ao meio do frontispício do sul, onde também havia uma escada de caracol que levava aos compartimentos superiores (1Rs 6.8). As janelas do próprio templo, que deviam estar acima do telhado das câmaras, eram de grades e não podiam ser abertas (1Rs 6).

Os objetos mais proeminentes no vestíbulo eram dois grandes pilares, Jaquim e Boaz, que Hirão formou por ordem de Salomão (1Rs 7.15-22). Jaquim ("ele sustenta") e Boaz ("nele há força") apontavam para Deus, em quem se devia firmar, como Força e Apoio por excelência, não só o santuário, mas também todos aqueles que ali realmente entravam. O vestíbulo dava para o Lugar Santo por portas de dois batentes feitas de madeira de cipreste, com gonzos de ouro postos em umbrais de madeira de oliveira. Diversas figuras esculpidas de querubins entre palmeiras e, por cima delas, botões de flor a abrir e grinaldas as embelezavam. Dentro do santuário, todos os móveis sagrados eram de ouro, e os exteriores, de cobre. O sobrado, as paredes, incrustadas de pedras preciosas, e o teto eram cobertos de ouro. Tudo isso devia luzir com grande brilho à luz dos dez candelabros sagrados de ouro puro. Os candelabros do Lugar Santo tinham cada um sete braços e eram distribuídos, cinco do lado direito e cinco do lado esquerdo, em frente do Santo dos Santos (1Rs 7.49). A entrada para o Santo dos Santos estava vedada por um véu "de estofo azul, púrpura, carmesim e linho fino", com querubins bordados nele (2Cr 3.14). Entre os castiçais, estava o altar do incenso, feito de madeira de cedro e coberto de ouro (1Rs 6.20,22; 7.48); e à direita e à esquerda, havia dez mesas de ouro com os pães da proposição (2Cr 4.8). Os instrumentos necessários para usar a sagrada mobília também eram de ouro puro (1Rs 7.49,50). Passava-se do Lugar Santo para o Santo dos Santos por portas de dois batentes, de madeira de oliveira.

No Santo dos Santos, estava a arca, a mesma que estivera no tabernáculo. Salomão mandou pôr ao norte e ao sul da arca duas gigantescas figuras de querubim, esculpidas em madeira de oliveira e revestidas de ouro, cada um com 4,5 m de altura, e os dois com suas asas estendidas, cobrindo o propiciatório, tinham 4,5 m de largura. Saía-se do vestíbulo para o átrio interior, ou

‘‘pátio dos sacerdotes” (1Rs 6.36; 2Cr 4.9), pavimento formado de grandes pedras, assim como o “pátio grande” do povo (2Cr 4.9). No “pátio dos sacerdotes”, estava o altar dos holocaustos (1Rs 8.64), de bronze, com 4,5 m de altura, com a base de 9 m de comprimento por 9 m de largura. Entre o altar e o vestíbulo, estava o “mar de bronze”, com 2,25 m de altura e 13,5 m de circunferência (1Rs 7.23-26; 2Cr 4.2-5). Essa imensa bacia era sustentada por 12 leões de bronze fundido, com 3 olhando para cada ponto cardeal. Seu fim era conservar ali a água em que os sacerdotes realizavam suas abluções. Para a lavagem das coisas pertencentes aos sacrifícios, havia 10 bacias menores, ou pias, de bronze, 5 colocadas à direita e 5 à esquerda da “casa” (1Rs 7.38; 2Cr 4.6). Essas bacias eram movidas, estando sobre rodas. Finalmente, no “pátio dos sacerdotes” sobressaía uma plataforma de metal (2Cr 6.13) de onde o rei Salomão elevou ao céu sua profunda oração, parecendo ter sido sempre esse o lugar dos reis no templo (2Rs 11.14; 23.3). O “pátio dos sacerdotes” estava cercado por um muro. Desse pátio, descia-se para o pátio exterior do povo, cercado por um sólido muro, do qual quatro fortes portas cobertas de bronze davam saída para o monte do templo (2Cr 4.9). Nele havia grandes colunatas, câmaras e quartos, tanto para alojar os sacerdotes e levitas como para armazenar o que era necessário aos diferentes serviços do templo.

As cerimônias para a consagração do templo de Salomão estão descritas em 1Rs 8.

2. *O segundo templo.* O templo de Salomão foi saqueado pelas tropas de Nabucodonosor em 586 a.C. e ficou em ruínas durante o cativeiro babilônico.

A altura do segundo templo era menor, mas a arca do templo, e não precisamente o Lugar Santo ou o Santo dos Santos, era mais ampla do que no templo de Salomão. O segundo templo era muito inferior, na sua suntuosidade, ao de Salomão, e deve ser observado que foi a magnificência da decoração e a riqueza de utensílios, e não a simples grandeza, que o tornaram apreciado. A narrativa de Ez 40—42 é apenas o esboço de um templo ideal, e não de um edificado.

Dois séculos antes do nascimento de Cristo, o povo começou a negligenciar o culto a Deus, mais que em qualquer outro tempo desde o retorno do cativeiro. Deus permitiu que os judeus fossem então castigados por sua descrença, consentindo que Antíoco Epifânio, rei da Síria, com um exército, saqueasse Jerusalém e o templo. Nessa ocasião, os sacrifícios diários foram suspensos; o próprio templo foi dedicado por Antíoco a Júpiter Olimpo, cuja imagem foi levantada sobre o altar dos holocaustos (168 a.C.). O culto ao Senhor foi proibido, assim como a observância da Lei, sob as mais duras penalidades; cada exemplar dos escritos sagrados encontrado pelos inimigos era queimado; e o povo foi obrigado, sob pena de morte, a fazer sacrifícios aos ídolos. Todavia, Judas Macabeu liderou uma revolta contra Antíoco e foi bem-sucedido; apoderou-se, então, de Jerusalém, e seu primeiro cuidado foi reparar e purificar o templo para a restauração do culto divino. Essa nova consagração do templo (165 a.C.) e o restabelecimento do culto foram depois sempre comemorados com uma festa anual de oito dias, chamada Festa da Dedicação (Jo 10.22). Em 65 a.C., Roma subjugou a Síria, e, após dois anos, Pompeu marchou à frente do exército para a Judeia, cercou Jerusalém, tomou-a, dirigiu-se ao templo, profanou-o, entrando no Santo dos Santos, e tornou o país tributário dos romanos, embora ainda governado por príncipes macabeus.

3. *O “terceiro templo”*, ou *templo de Herodes*. Durante os reinados dos últimos príncipes

macabeus, Herodes Antípater, idumeu, obteve uma posição de alta influência no país. Depois de sua morte, seu filho, conhecido como Herodes, o Grande, de tal modo ganhou a afeição dos romanos que foi posto como rei da Judeia em lugar de Antígono Macabeu. Contudo, para firmar sua posição, Herodes foi obrigado a tomar Jerusalém de assalto (37 a.C.), condenando Antígono à morte pouco depois. Para ganhar popularidade, Herodes reedificou o templo, fazendo despesas extraordinárias. É evidente, inclusive, que em certos casos esse templo foi mais grandioso que o de Salomão. No ano 36 do reinado de Herodes, sendo Augusto imperador de Roma, nasceu em Belém de Judá o Salvador do mundo. Foi, pois, o templo de Herodes que Jesus e seus discípulos conheceram profundamente. Herodes iniciou sua reedificação no ano 20 ou 19 a.C., e, depois de quarenta e seis anos, ele ainda não estava concluído, tendo, na verdade, seu acabamento final em 64 d.C.

tempo. Dois grandes fatores empregados pelo homem primitivo para a determinação do tempo devem ter sido, como hoje, o Sol e a Lua, sendo fixadas pelo sol as unidades do tempo, o dia e o ano, e sugerindo a lua a parte anual do mês, e a divisão deste em semanas. Os hebreus, em seus cálculos para regularem o tempo, usavam dois sistemas: solar e lunar.
1. *O dia.* Espaço de 24 horas, de sol a sol. Nos tempos mais remotos, era mais natural considerar o nascer do sol como princípio do dia, segundo o costume dos babilônios, ou o pôr do sol, segundo o costume dos hebreus. Este último processo é, talvez, o mais fácil de todos, pois tem sido sempre para os homens mais provável ver o pôr do sol do que seu nascimento. Por isso, na cosmogonia pré-histórica, registrada em Gn 1, "houve tarde e manhã, o primeiro dia". Esse método está registrado em toda a Bíblia, sendo ainda hoje seguido pelos judeus.

Nomes cananeus	Nomes babilônico-hebraicos	O tempo do ano
l. Abibe	Nisă	março-abril
2. Zive	Iár	abril-maio
3.	Sivă	maio-junho
4.	Tamuz	junho-julho
5.	Abe;	julho-agosto
6.	Elul	agosto-setembro
7. Etanim	Tisri	setembro-outubro
8. Bul	Marquesvă	outubro-novembro
9.	Quisleu	novembro-dezembro
10.	Tebete	dezembro-janeiro
11.	Sebate	janeiro-fevereiro
12.	Adar	fevereiro-março

2. *Divisões do dia.* a) A tríplice divisão do dia em manhã, meio-dia e tarde (v. Sl 55.17) é evidente por si mesma. b) Relacionadas com essas designações, estão as vigílias da noite: três, segundo o cômputo dos hebreus; e quatro, segundo o sistema romano. c) Divisão do dia em horas. A origem da divisão do dia em 12 ou 24 partes parece ter-se perdido na Antiguidade, mas chegou até nós por meio da Babilônia. Entre os hebreus, bem como entre os romanos, contavam-se as horas de cada dia desde o nascer do sol até o pôr do sol. A duração de cada hora não era um espaço certo de tempo, como entre nós, mas a duodécima parte do tempo em que o Sol se mostrava acima do

horizonte; parte naturalmente variável segundo as estações. d) Posterior divisão em minutos e segundos parece não ter sido conhecida dos hebreus (embora se diga ter vindo dos babilônios). 3. *O mês.* O mês era lunar, com pouco mais de 29 dias, havendo, assim, em cada ano 12 meses. É, talvez, conveniente examinar o quadro apresentado neste artigo. Para completar aproximadamente o ano solar, eram intercalados, às vezes, alguns dias, ou mesmo duas ou três semanas, segundo o entendimento dos diretores sacerdotais do calendário. Contudo, é incerto até que ponto ia esse sistema nos tempos bíblicos. A adição era feita depois do mês de adar, e chamava-se segundo adar. Os 12 meses solares parecem ser o resultado de uma posterior divisão do ano solar, sendo a sua base os 12 meses lunares.
4. *O ano*. a) Quando inicia o ano? Entre nós, como também entre os romanos, começa quando o Sol atinge aproximadamente o ponto mais baixo. Mas não era assim entre os hebreus. Eles tinham dois sistemas: I. O sistema sagrado, oriundo da Babilônia, que principiava cerca do equinócio da primavera. Em conformidade com isso, os tempos das festas sagradas eram regulados. Também se menciona na Bíblia, com referência a acontecimentos seculares, como "Decorrido um ano, no tempo em que os reis costumam sair para a guerra" (2Sm 11.1). II. O sistema civil principiava com o equinócio do outono, quando se concluíam as colheitas. b) V. Ano, a respeito dos agrupamentos de sete anos, e de sete vezes sete, e CRONOLOGIA, quanto aos métodos de computar uma série de anos. Além das diferentes eras ali dadas, podemos mencionar o modo judaico de calcular o tempo desde a criação do mundo baseado na cronologia bíblica. Segundo este cômputo, o ano de 1240 era 5000, *anno mundi*. Na fixação dessa data, em um livro ou em um monumento, usa-se omitir a casa dos milhares. E assim, quando se lê em um moderno livro judaico a data de 674, esse número adicionado a 1240, representa 1914 d.C.

tenda. Forma de habitação, conservada entre os árabes errantes, desde os tempos do antigo Israel até nossos dias. As tendas eram, inicialmente, feitas de peles e, mais tarde, de lã ou de pelo de cabra, e por vezes de pelo de cavalos. O pano da tenda assentava sobre uma ou várias estacas, conforme seu tamanho, e estava preso ao chão por pregos especiais espetados na terra com um maço. A tenda tomava diversas formas: as menores eram redondas, e as maiores, oblongas. Quando a tenda era maior, dividia-se em três espaços por panos suspensos e tapetes: o espaço da frente era reservado para pessoas da classe inferior e animais; o segundo, para os homens e crianças da família; e a parte mais atrás, para as mulheres. Entretanto, tratando-se de pessoas de mais distinção, havia uma tenda separada para cada mulher casada. Assim, a tenda de Jacó era separada da de Lia e da de Raquel, ao passo que uma simples tenda era suficiente para suas duas concubinas (Gn 31.33). Semelhantemente, Sara tinha uma tenda própria (Gn 24.67). As tendas das tribos nômades eram dispostas em acampamentos circulares, no meio dos quais o gado ficava seguro. Os casados, os noivos, tinham uma tenda especial (Sl 19.5), como é, ainda hoje, o costume entre os árabes. O ofício de Paulo era o de fabricante de tendas, sendo essa, talvez, a razão de ser famoso para esse fim o pano fabricado na Cilícia com pelos de cabras (At 18.3).

tentação, a. A tentação de Jesus Cristo está descrita nos três Evangelhos sinópticos (Mt 4.1-11; Mc 1.12,13; Lc 4.1-13), mas João não se refere a esse fato. Marcos apenas apresenta algumas palavras sobre o assunto. A ordem da segunda e terceira tentações, como está em Mateus, é invertida em Lucas. Os evangelistas descrevem um fato real, e não somente uma visão: o conflito é com o poder do mal, e não com um tentador humano. O lugar tradicional da

tentação é o deserto de Jericó (v. Js 16.1 para uma descrição do deserto), sendo o monte de Quarantânia ao norte de Jericó considerado o lugar da terceira tentação. O jejum de Jesus traz à memória o de Moisés (Êx 34.28) e o de Elias (1Rs 19.8). Nosso Salvador estava livre da inclinação para o pecado, quanto alma, mas não estava fechado às tentações de fora. Ele tinha o poder de não pecar, e "não conheceu pecado" (2Co 5.21; cp. Hb 2.18 e 4.15).

tentador, o. O agente da tentação de Jesus é chamado o tentador (Mt 4.3). Também se denomina "o diabo" (Mt 4.1; Lc 4.2) e Satanás (Mc 1.13). A designação de tentador também aparece em 1Ts 3.5. V. DEMÔNIO, SATANÁS.

Teófilo. *Amigo de Deus.* A pessoa a quem Lucas dedica seu Evangelho e o livro de Atos (Lc 1.3; At 1.1). Julga-se que fora um gentio de alta categoria, que, influenciado pela pregação evangélica, converteu-se ao cristianismo. "Excelentíssimo" é, provavelmente, um título (v. tb. At 23.26; 24.2; 26.25) usado no século II d.C. a respeito dos cavaleiros romanos.

teologia. Doutrina ou ciência de Deus. A *Teologia cristã*, aquela que mais nos interessa, é, na aceitação geral, a ciência da religião evangélica como revelada na Bíblia, desenvolvida na História e continuada na vida progressiva da Igreja cristã. Religião e teologia estão uma para com a outra na relação de vida e conhecimento, de prática e teoria. Um cristão é, necessariamente, participante da revelação de Cristo acerca de Deus: a fé baseia-se no conhecimento, e fazer teologia é simplesmente tornar a fé intelectualmente fortalecida, é definir e sistematizar o conhecimento que sobre ela repousa e para o qual ela, por sua vez, guia o crente.

As principais divisões, ou aspectos, do estudo teológico são a parte bíblica, a sistemática, a histórica e a prática. Entre elas, repousando o cristianismo sobre a revelação contida nas Escrituras, é primária e fundamental a teologia bíblica ou exegética, pois o principal trabalho do teólogo é interpretar e sistematizar o ensino do AT e NT. De modo claro, a teologia bíblica divide-se em teologia do AT e teologia do NT, tratando a primeira da progressiva revelação de Deus ao povo hebreu, e a segunda tem seu ponto culminante em Jesus Cristo. Não achamos uma teologia no AT; achamos uma relgião: noções, esperanças e aspirações religiosas. Nós mesmos fazemos teologia quando damos a essas ideias e convicções religiosas uma forma sistemática ou metodológica. Portanto, o método deve ser histórico; a teologia do AT é, realmente, a história da religião de Israel, como ali descrita. Dr. Davidson distingue cinco grandes períodos históricos:

1. Antes do êxodo.
2. Do êxodo à profecia escrita, 800 a.C.
3. Do ano 800 até o exílio, 586 a.C.
4. Do exílio até o encerramento do cânon profético, 400 a.C.
5. Do ano 400 até a Era Cristã.

A literatura do AT é, em suas partes distintas, fixada nesses períodos, e foi por meio de cada um deles que se deu o incremento das grandes ideias religiosas: a doutrina sobre Deus, o homem, o pecado, a redenção e as últimas coisas.

Semelhantemente, o NT é mais um livro de religião que de teologia. Contudo, a vida religiosa que sua literatura nos oferece tem duas características: essa vida é a de uma única geração do homem, absolutamente dominada e formada por Jesus Cristo. O NT é o testemunho dos

apóstolos sobre o Salvador. Cabe à teologia do NT interpretar e sistematizar esse testemunho, colher dos escritos desses homens — a quem, na frase de Paulo, ele "apreendeu" e de quem se assenhoreou — os seus pensamentos e suas convicções com relação ao divino Mestre, ao seu ensino e à sua obra a favor do homem. A teologia do NT compreende sete divisões principais:

1. O ensino de Jesus, segundo os Evangelhos sinópticos.
2. O ensino de Jesus, segundo o quarto evangelho.
3. O primeiro ensino apostólico (Atos, Tiago, 1e 2Pedro).
4. A teologia de Paulo.
5. A teologia da Epístola aos Hebreus.
6. A teologia do Apocalipse.
7. A teologia de João.

Ora, embora seja conveniente distinguir as teologias do NT e AT, devemos considerar que não são duas, mas uma somente. Cristo veio cumprir a Lei e os Profetas: seu ministério e o dos seus apóstolos apropriaram e completaram a revelação dada a Israel pela Escritura hebraica. Assim, os grandes temas religiosos são continuados. O que mais se distingue nos ensinamentos de Jesus, não falando no testemunho de si próprio, é sua revelação acerca da paternidade de Deus e sua doutrina relativa ao reino de Deus. As principais verdades das quais seus discípulos e intérpretes estavam de posse são aquelas relacionadas com a pessoa e obra de Cristo: cristologia e soteriologia, ou o caminho da salvação. Nas sucessivas "teologias" da igreja, que formam a "história da doutrina cristã", essas verdades têm recebido força variante. À literatura apologética do século II, em que o cristianismo era defendido contra os ataques pagãos e desvios heréticos, houve a longa controvérsia quanto à pessoa de Cristo, à sua encarnação e Trindade, sendo o resultado final de tudo isso a "fé universal". V. TRINDADE. No Ocidente houve controvérsias sobre o pecado e a graça, sendo assentado como único caminho salvador na igreja a justificação somente pela fé. A esses três períodos estão relacionados os nomes de Atanásio, Agostinho e Lutero. Calvino sistematizou a teologia protestante, acentuando de modo especial a soberania de Deus. Deve-se acrescentar que, por toda a História, dá-se variante peso a três fatores formadores da crença teológica: a autoridade da Escritura, a permanente direção do Espírito e os direitos da faculdade intelectual. A teologia de cada época deve interpretar e considerar cada um desses três elementos. O incremento da literatura bíblica, especialmente de dicionários da Bíblia, desde que foram escritos, amplamente confirma o atual e principal debate. O renovado estudo da Escritura pode alterar-lhe a perspectiva, sem de maneira alguma prejudicar sua autoridade.

Podem levantar-se perigos no novo caminho, mas, se a pessoa de Jesus permanece firme à nossa vista e as veredas do estudo bíblico forem fielmente e sem receio percorridas de ponta a ponta, de forma que estejamos apoiados na declaração do Salvador de que as Escrituras "testificam de mim", não correrá risco o futuro da teologia. "O Senhor tem ainda muitas verdades para fazer brotar da sua santa Palavra"; e com a direção do Espírito daquele que "ontem e hoje é o mesmo, e o será para sempre", e resultando sempre em uma profunda e crescente satisfação para o espírito, para o coração e para a vontade, as gerações podem, uma após outra, aprofundar cada vez mais o significado da graça de Deus revelada em Jesus Cristo, nosso Senhor.

Tera, Terá (TB). Pai de Abraão, Naor e Harã. Tronco dos israelitas, ismaelitas, midianitas, moabitas e amonitas por meio de seus filhos (Gn 11.24-32). Era um idólatra (Js 24.2) e habitava além do Eufrates, em Ur dos caldeus (Gn 11.28). Saiu Tera com Abraão, Sara e Ló (seu neto) de Ur dos caldeus "para ir à terra de Canaã; foram até Harã, onde ficaram" (Gn 11.31). Em Harã, ele morreu aos 205 anos (Gn 11.32).

terebinto. Árvore de tronco pequeno e nodoso, que cresce até a altura de quase 6 m; muitas vezes acha-se isolada, e por isso é facilmente reconhecida a distância, sendo ideal sob ela se realizarem práticas religiosas especiais. Em outros lugares, fora da Palestina, dela se extrai a terebentina para fins comerciais. V. CARVALHO, ÁRVORE.

terra. Os hebreus tinham vários nomes para terra, especialmente *adamá* e eretz. *Adamá*, isto é, a terra vermelha (Gn 1.25), denota, muitas vezes, terra arável (Gn 4.2). O termo é, também, empregado sobre um país, especialmente a Palestina (Gn 47.19; Zc 2.12). Quando Naamã pediu uma carga de terra que dois mulos pudessem levar (2Rs 5.17), foi influenciado pela ideia pagã de que o Senhor era um deus local, podendo apenas ser adorado com uso de seu solo nativo.

Eretz é a terra em oposição ao céu, ou a terra seca como distinta do mar (Gn 1.1, 10). A palavra é, também, aplicada a toda a Terra (Gn 18.18), ou a qualquer divisão dela (Gn 21.32), e mesmo ao chão que uma pessoa pisa (Gn 33.3).

A expressão "profundezas da terra" (Is 44.23) significa literalmente profundos recessos, como cavernas, os vales e, figuradamente, a sepultura. No NT, além do termo comum "terra", correspondente às várias significações apresentadas, há uma palavra especial que significa "terra habitada" (Lc 4.5; Rm 10.18), usada de modo particular a respeito do Império Romano. Terra, em um sentido moral, é oposta ao que é celestial e espiritual (v. Jo 3.31; 1Co 15.47-49; Tg 3.15).

terremoto. As terras da Bíblia sempre foram sujeitas a terremotos; no vale do Jordão e na região do mar Morto, há muitos vestígios de ação vulcânica. Provavelmente, essas forças interiores foram instrumento de destruição na ruína das cidades da planície (Gn 19.25); e o tremor de terra juntou-se à terrível presença e juízos de Deus (Êx 19.18; 1Rs 19.11). Assim, o terremoto está no simbolismo da profecia (Is 29.6; Mc 13.8; Ap 16.18).

Nos dias de Saul, há registro de um tremor de terra ocasionado por armas, que Jônatas e seu escudeiro provocaram (1Sm 14.15). No reinado de Uzias, dois terremotos são mencionados em forma de uma memorável catástrofe (Am 1.1; Zc 14.5). Josefo liga o fato com a impiedade do rei que se julgou habilitado a oferecer incenso no altar de ouro e descreve o caso com linguagem muito semelhante à da profecia de Zc 14.4. (Josefo, Ant., IX, 10.4.) Segundo a narração de Mateus, a morte de Jesus foi assinalada por um terremoto, ocasião em que se abriram os túmulos "e muitos corpos de santos, que dormiam, ressuscitaram" (Mt 27.51-54). Na cidade de Filipos, Paulo e Silas puderam livrar-se da prisão em virtude de um fenômeno semelhante (At 16.26).

Tértulo. Orador que o sumo sacerdote e o Sinédrio tomaram a seu serviço para acusar o apóstolo Paulo em Cesareia diante do procurador romano, Antônio Félix (At 24.1). Tértulo era de origem romana, ou pelo menos italiana, mas provavelmente discursava em grego, não em latim.

Pertencia à classe dos oradores profissionais, com um grande número deles espalhados por todo o império, na esperança de acharem emprego nos tribunais de província.

tesbita, o. Conhecida designação de Elias (1Rs 17.1; 21.17,28; 2Rs 1.3,8; 9.36). Crê-se que a referência é a Tisbé de Naftali, ou a Tisbi ou Tesebe de Gileade. Pensou-se que as palavras "que vem dos habitantes de Gileade" deveriam ser lidas "que era de Tisbé de Gileade", de acordo com a *Septuaginta.* Isso implica apenas uma alteração nas vogais, e não nas consoantes.

Tessalônica. Cidade da Macedônia, chamada em tempos mais antigos Termas ("Banhos Quentes"). O nome de Tessalônica foi-lhe dado pelo general macedônio Cassandro, em honra de sua mulher, irmã de Alexandre, o Grande. Sob domínio romano, foi a capital de um dos quatro distritos da Macedônia e a sede do governador provincial, ou pretor, embora fosse uma cidade livre, administrada por "magistrados" (At 17.6,8, ARC), conservando-se ainda essa designação especial em um arco de triunfo. A localização de Tessalônica, a estação central em uma estrada que ia da Ilíria à Trácia através da Macedônia, e o porto do mar em uma excelente baía, fazia aumentar seu negócio e suas riquezas, atraindo a si, por esse motivo, uma população mista de gregos, romanos e judeus.É ainda, como sempre tem sido, uma florescente cidade comercial, com o nome, agora levemente modificado, de Salônica. Sua posição geográfica e importância marítima tornavam-na um dos centros de propagação do evangelho na Europa. Paulo trabalhou ali por pouco tempo, durante sua segunda viagem missionária (At 17.1-13). Enquanto permaneceu em Tessalônica, os filipenses lhe enviaram determinado auxílio "não somente uma vez" (Fp 4.16). Foi a terra de Aristarco (At 27.2), e Demas foi para ali depois de ter deixado Paulo (2Tm 4.10). A narrativa de At 17 revela a força da pregação de Paulo aos judeus e prosélitos ("gregos piedosos"). As epístolas sugerem que os últimos membros da igreja foram principalmente gentios convertidos (1Ts 1.9; 2.14). O alto caráter da igreja, quanto à fé, zelo e amor fraternal transparece nas palavras das epístolas.

Tessalonicenses, Epístolas aos. (Em relação à igreja a que foram dirigidas essas cartas, V. TESSALÔNICA.). A respeito da *autoria*, afirma-se com segurança que foram escritas por Paulo. Com toda a probabilidade, foram as primeiras epístolas do apóstolo. A *data* em que foi escrita deve fixar-se pelo tempo da segunda viagem missionária de Paulo, em que visitou a Europa pela primeira vez, entre 49 e 51d.C., ou talvez 51 e 53 d.C. As cartas foram escritas em Corinto, e depreende-se o seu objetivo de sua exposição doutrinal. O evangelho fora, pela primeira vez, pregado em Tessalônica por Paulo e Silas, pouco depois de saírem da prisão em Filipos. Na verdade, do que diz a epístola, parece concluir-se que a igreja era formada principalmente de gentios (1Ts 1.9) que, certamente, se haviam convertido depois de ele ter falado por três semanas. As referências do apóstolo à sua maneira de viver entre os tessalonicenses implica uma permanência demorada na cidade. Paulo dirigiu-se primeiramente aos judeus, como costumava fazer, e depois, com resultado ainda maior, aos gentios. Forçado a sair da cidade pela violência dos judeus, o apóstolo deixou a nova igreja em dificuldades. Sua ansiedade a esse respeito era grande e, por isso, estando em Atenas, enviou Timóteo a Tessalônica para animar e confortar esses novos cristãos, pois estavam expostos a grandes perseguições (1Ts 3.1,2). Timóteo, cumprida sua missão, foi encontrar-se com Paulo em Corinto e descreveu-lhe a firmeza de fé dos cristãos tessalonicenses, o que foi, motivo de alegria e satisfação para o apóstolo (1Ts 3.6-9), despertando nele o desejo de visitá-los novamente.

Contudo, após seu plano ser contrariado várias vezes, escreveu então de Corinto sua primeira epístola.

A primeira epístola divide-se em duas partes: 1. Na primeira parte (cap. 1—3), o apóstolo mostra sua satisfação e alegria pela maneira com que os tessalonicenses tinham recebido o evangelho e por sua fidelidade e constância em meio às perseguições que tanto deviam afligi-los. Justifica seu procedimento e o de seus cooperadores na pregação do evangelho e declara seu grande interesse por aqueles crentes a quem muito estimava.
2. O restante da epístola está cheio de admoestações práticas; advertências quanto ao pecado, notório nessa cidade; exortações para que cultivassem as virtudes cristãs, devendo observar de modo especial uma vida vigilante, sóbria e santa, para serem belas e esperançosas as condições de seu viver (4.1-12; 5). Palavras especiais de consolo são dirigidas aos que choravam a morte de seus queridos. Fala com sua autoridade apostólica da ressurreição das pessoas piedosas quando Cristo vier, a que se seguiria uma transformação de vida; exorta-os a se animarem nessa gloriosa esperança (4.13 e 5.11); e ainda acrescenta uma série de breves conselhos, um resumo do evangelho prático (5.12-23). Termina, depois de recomendar que se abstivessem "de toda forma de mal", com saudação e bênção (5.22-28).

A *segunda epístola* foi escrita não muito depois da primeira. Sua intenção principal foi corrigir a crença existente entre os cristãos de Tessalônica de que o aparecimento do Salvador e o fim do mundo estavam próximos; e, além disso, protestar contra qualquer má aplicação da doutrina ensinada. Com efeito, o erro daqueles cristãos baseava-se, em parte, na má interpretação de algumas expressões de sua primeira epístola; e parece ter sido sustentado por alguns que pretendiam ser inspirados, chegando mesmo a escrever cartas fictícias em nome do apóstolo. Havia, também, alguns que, sob o pretexto da religião, desprezavam suas ocupações seculares, entregando-se a uma vida desregrada.

Os assuntos da segunda epístola são: saudação; agradecimentos a Deus pelo caráter cristão dos tessalonicenses e por sua firmeza na oração (1.2-11,12) e refere-se ao erro de alguns quererem antecipar o dia do Senhor. Lembra os cristãos de Tessalônica o que lhes ensinara quando estava com eles; diz-lhes que esses ensinamentos se referem mais ao inesperado do acontecimento do que à sua proximidade; e explica àqueles irmãos que o grande fato haveria de ser precedido da "apostasia" e do temporário domínio do homem do pecado, o usurpador espiritual que, depois de removidos certos obstáculos, estabeleceria um sistema de erro e engano pelo qual muitos seriam desviados (2.1- 12) do verdadeiro caminho. Em seguida, vêm as ações de graças e as exortações práticas (2.13-3.5); depois, os conselhos quanto ao modo de tratar com membros desordenados e as últimas mensagens e saudações (3.6-18).

A feição característica das duas epístolas é a ausência de uma exposição doutrinária geral e a insistência nas "últimas coisas": a vinda do Senhor (1Ts 1—2.19; 3.13; 4.15—5.3,23; 2Ts 1.7—2.12); a ressurreição e glória futura dos crentes (1Ts 4.13-18; 5.10; 2Ts 1.5; 2.14). Quanto à passagem de 2Ts 2.6-10, V. ANTICRISTO.

testemunha. Pela Lei judaica, requeria-se o depoimento de duas ou mais testemunhas dignas de fé para sustentar a afirmação de um fato, e só assim provar o crime do réu (Nm 35.30; Dt 17.6,7; 19.15). Todo que fosse amaldiçoado pela autoridade competente era constrangido a responder (Lv 5.1). Por isso, Jesus Cristo replicou ao sumo sacerdote, quando este o interrogou,

dizendo: "Eu te conjuro pelo Deus vivo" (Mt 26.63). Na sua resposta, Jesus deu verdadeiro testemunho de seu poder. A pessoa que apresentava um testemunho falso era severamente castigada (Êx 23.1-3; Dt 19.16-21). Isso para proteger fortemente os pobres, que de outra maneira ficariam à mercê de gente sem escrúpulos. Era dado, algumas vezes, testemunho formal sobre as tábuas da Lei, que estavam na arca, e desse modo no tabernáculo. Procedem daqui as expressões a "arca do Testemunho" e o "tabernáculo do Testemunho".

tetrarca. *Governador de uma quarta parte.* Há Herodes Antipas, tetrarca da Galileia; Herodes Filipe, tetrarca de Itureia e Traconites; e Lisânias, tetrarca de Abilene (Lc 3.1). Parece que os romanos usavam esse título nos tempos do NT para designar príncipes tributários sem importância suficiente para serem chamados reis. Certamente, por cortesia do povo, dava-se a Herodes Antipas, tetrarca da Galileia, o título de rei (Mt 14.9 e Mc 6.14,22). Herodes Antipas e Herodes Filipe eram filhos de Herodes, o Grande.

Teudas. Talvez seja uma contração de Teodoro, o *dom de Deus*; era o nome de um insurgente, que Gamaliel mencionou diante do Sinédrio (At 5.35-39), enquanto os apóstolos, a quem tinham prendido, eram interrogados. Esse indivíduo apareceu à frente de 400 homens aproximadamente, procurando desencaminhar o povo com suas falsas doutrinas e também realizar seus desígnios pela violência. Fazia alto conceito de si próprio, mas por fim foi morto, e sua gente, dispersada e reduzida a nada. Josefo (Ant., XX, 5.1) refere-se a um homem com o mesmo nome, que se revoltou, mas foi isso dez anos depois do discurso de Gamaliel. Não se sabe da relação entre os dois fatos, mas Lucas tem mais crédito nesse assunto.

Tiago. É o mesmo nome que Jacó. 1. Tiago, apelidado o Maior, para se distinguir de Tiago, o Menor, era irmão de João Evangelista e filho de Zebedeu e Salomé (Mt 4.21). Era natural de Betsaida da Galileia, e, como João, era pescador; ambos deixaram tudo para seguir Cristo (Mc 1.18,19). Tiago e João foram testemunhas da transfiguração de Jesus Cristo (Mt 17.1). Durante o ministério de Jesus, raras vezes os dois irmãos estiveram separados um do outro; pareciam falar e proceder juntamente. Quando uns samaritanos recusaram hospedar Jesus, os filhos de Zebedeu pediram licença para rogarem que do céu fosse enviado fogo para consumir aquela gente (Lc 9.54). V. BOANERGES. Pouco tempo depois, por meio de sua mãe, Salomé, apresentaram o famoso pedido de terem os primeiros lugares no reino de Cristo. Alguns dias depois da ressurreição de nosso Salvador, Tiago e João foram pescar no mar de Tiberíades e viram Jesus; também estavam presentes na ascensão. Entre os anos 42 e 44, Herodes Agripa, neto de Herodes, o Grande, ordenou que Tiago fosse preso e morto em Jerusalém (At 12.1, 2). Diz a lenda que o único que trouxe acusação perante os juízes contra Tiago ficou tão impressionado com a constância do apóstolo em confessar Jesus Cristo que ele próprio se declarou cristão, sendo então os dois condenados à decapitação.
2. Filho de Alfeu, ou Tiago, o Menor, ou o Pequeno. Foi também um dos Doze, mas não há outros detalhes a seu respeito.
3. Tiago, o irmão do Senhor e do apóstolo Judas. Foi provavelmente o autor da epístola. Tinha por apelido "Justo" por sua santidade e pureza de vida. Diz-se que tinha sido sacerdote e que, desde o seu nascimento, observava as leis dos nazireus. Oito dias depois da ressurreição, Jesus lhe apareceu (1Co 15.7). Estava em Jerusalém e era considerado coluna da igreja quando Paulo esteve ali pela primeira vez depois de sua conversão, em 37d.C. (Gl 1.19). No Concílio de

Jerusalém, realizado por volta de 49-51 d.C., Tiago sustentou que os cristãos gentios não deviam ser obrigados a observar a lei cerimonial (At 15.13-29). Sua morte, segundo a tradição cristã, foi a de um mártir. Cerca do ano 63 d.C., os judeus lhe ordenaram que de uma das galerias do templo proclamasse que Jesus de Nazaré não era o Messias. Contudo, em vez de falar assim, ele anunciou à multidão que Cristo era o Filho de Deus e Juiz do mundo. Então seus inimigos, enraivecidos, o lançaram ao chão e o moeram com pancadas. Não estando ainda completamente morto, acabaram de matá-lo com pedradas, enquanto ele orava por seus algozes. Isso aconteceu pouco antes do cerco da cidade. Tiago era tão altamente considerado que os judeus julgaram ter sido a destruição de Jerusalém e do seu templo um castigo do céu por terem assassinado esse santo homem. Quanto ao significado de "irmão do Senhor", V. TIAGO, EPÍSTOLA DE.

Tiago, Epístola de. A autoria dessa epístola tem sido discutida; contudo, geralmente é aceito que não foi Tiago, o irmão de João, quem a escreveu, embora alguns expositores a atribuíssem a ele, mas sim Tiago (ou Jacó) que, depois da morte do primeiro (At 12.2), é mencionado como líder da igreja de Jerusalém e chamado por Paulo "o irmão do Senhor" (At 12.17; 15.13-29; 21.18-25; Gl 1.19). Tudo bem considerado, parece provável que Tiago, o autor da epístola, era filho de José e Maria e, por consequência, irmão de Jesus. A epístola é dirigida aos judeus, particularmente os cristãos, talvez aqueles que abraçaram a fé cristã no grande dia de Pentecostes (At 2.5-11) e voltaram às suas casas nas várias partes do Império Romano. Os destinatários podem, pois, ser não só esses, mas também os que Tiago conhecia muito bem por suas visitas a Jerusalém em ocasiões de festividades. Pelo que se pode deduzir do conteúdo da epístola, esses judeus convertidos parece terem vivido em condições de aflição exterior, faltando-lhes as bênçãos temporais. Além disso, parece ter-lhes faltado também paciência e submissão para com Deus, não havendo neles vigilância piedosa sobre si mesmos e amor a seus semelhantes. O assunto principal da epístola é o caráter de vida do verdadeiro cristão, que deve ser "praticante da palavra", perseverando na "lei perfeita da liberdade", em contraste com o espírito e a conduta do que meramente professa o cristianismo. Numerosas ilustrações são expostas nas várias relações e condições da vida real, adaptadas às circunstâncias e necessidades de diferentes classes de pessoas. Para as diversas provações da vida, ali se encontram palavras consoladoras e de ânimo, com veementes exortações à prática das virtudes cristãs. Acrescentam-se a isso admoestações e reprovações, tendo em vista aqueles que desonram a religião, dizendo que a professam, sem a praticarem.

O estilo da epístola é sentencioso e enérgico, pitoresco e rico de figuras. De modo notável, assemelha-se, na matéria e na forma, aos ensinamentos de Jesus, especialmente no Sermão da Monte (Mt 5—7), havendo evidentes alusões a algumas partes dessa maravilhosa exposição. "Sabedoria" é uma das palavras essenciais da epístola, podendo comparar-se seu estilo ao dos livros de sabedoria (*Hokhmah*) do AT. Em Tg 1.5-8 e 3.13-18, encontra-se uma enumeração das qualidades da sabedoria falsa e da verdadeira. Nota-se, ainda, a importância com que são tratados certos assuntos: fé e palavras; oração, 1.5-7; 4.8; 5.13-18; tentação, 1.2,12-14. Não obstante a severidade do estilo retórico, nota-se a constante recorrência à palavra "irmãos".

tiara. *Turbante, toucada.* A tiara, ou turbante, que os sacerdotes simples usavam, era de várias tiras de pano de linho, colocadas em volta da cabeça para parecer uma coroa. O turbante ficava

inteiramente coberto com outra peça de linho, que chegava a cobrir a fronte (Êx28.40). A tiara do sumo sacerdote não era muito diferente da dos sacerdotes (Êx 39.28; Ez 44.18).

Tiatira. Cidade que hoje é Akhissar. Estava situada entre a Lídia e a Mísia, ambos territórios incluídos na província da Ásia. Lídia, a vendedora de artigos de púrpura em Filipos, tinha relação com essa cidade (At 16.14), e havia muitas associações comerciais ali. Entende-se que "púrpura" era a cor de uma tinta, proveniente da garança, que ainda hoje nasce nas vizinhanças. Tiatira era sede de uma das sete igrejas da Ásia a que foram dirigidas as cartas apocalípticas (Ap 1.11; 2.18). A passagem obscura de Ap 2.20,21 tem sido explicada como uma referência ao culto da sibila Sambata. Fora dos muros de Tiatira, havia um templo dedicado a Sambata. Talvez a igreja judaico-cristã de Tiatira não tivesse reprovado essa corrupção como deveria. Outra explicação, que não exclui a primeira, é que naquela passagem alude aos ritos que acompanhavam o culto de Apolo, principal divindade da cidade. Contudo, talvez seja melhor ver naquelas palavras uma referência a certa profetisa cristã, que sustentava os falsos ensinamentos dos nicolaítas.

Tiberíades. V. GALILEIA, MAR DA.

Tibérias. Hoje é Tubariya, cidade na margem ocidental do mar da Galileia, dando seu nome ao mar (Jo 6.1,23; 21.1). Edificada por Herodes Antipas e nomeada em honra do imperador Tibério, tornou-se capital da Galileia. Herodes, o assassino de João Batista, residia em Tibérias, explicando- se o fato de ele nunca ter visto Jesus e observado qualquer milagre, pois parece que o Salvador nunca visitou essa cidade. Tibérias era, de modo predominante, uma cidade gentílica, e Cristo desenvolvia seu trabalho entre as populações judaicas mais ao norte do lago.

Tibério. Tibério Cláudio Nero, segundo imperador de Roma, governando primeiro com Augusto em 11-14 d.C. Reinou depois independentemente, no período de 14-37 d.C, de forma que a vida pública de Jesus e os primeiros acontecimentos da idade apostólica ocorreram no período de sua administração. Antes de sua ascensão ao trono imperial, distinguiu-se por suas qualidades de orador, guerreiro e estadista; mas, quando imperador, seu governo foi manchado pelos crimes e vícios mais obscuros. Provavelmente o ano 15 (d.C.) do império de Tibério César (Lc 3.1) é o número de anos a partir do ano 11. A cidade de Tibérias, edificada por Herodes Antipas, tomou seu nome desse imperador.

tição. Pedaço de lenha em brasa na extremidade (Is 7.4; Am 4.11; Zc 3.2); um facho (Jz 15.4); toras que queimam (Pv 26.18).

Tiglate-Pileser. Rei da Assíria, o terceiro ou quarto com esse nome. Seu nome babilônico era Pul, e foi a ele que Menaém, rei de Israel, pagou tributo em 738 a.C. (2Rs 15.19). Atacou Samaria no reinado de Peca e tomou várias cidades para a Assíria em 732 a.C. (2Rs 15.29). Depois da invasão, Peca fez aliança com Rezim, rei da Síria, e juntos prepararam um ataque a Jerusalém. O rei de Judá, Acaz, pediu então auxílio a Tiglate-Pileser, que marchou contra Damasco e a tomou, matando Rezim. Em seguida, deliberou castigar Peca e assolou todo o território a leste do Jordão, levando para o cativeiro os rubenitas, os de Gade e a meia tribo de Manassés, que foram colocados na Mesopotâmia superior. O resultado dessa invasão pode resumidamente descrever-se assim: a Síria e uma parte importante de Samaria passaram a pertencer ao Império Assírio, e o reino de Judá ficou reduzido a tributário desse império (2Rs 15.37; 16.10, 11; 1Cr 5.26; 2Cr 28.16-21).

Tigre. V. ÉDEN, HIDÉQUEL.

tijolo. Os tijolos usados pelos judeus para edificações eram geralmente secos ao sol, ou cozidos ao fogo para os lugares úmidos e pantanosos, e também para ornamentação. A arte de fabricar tijolos já era conhecida no tempo da construção da torre de Babel (Gn 11.3). Os israelitas a aprenderam durante o tempo em que foram obrigados a trabalhar para os egípcios (Êx 1.14). Era necessário buscar pedras a grande distância, mas o barro estava perto e era abundante. Assim, a fabricação de tijolos, os secos ao sol e os cozidos no forno, chegou a ser uma arte aperfeiçoada do Egito, quando os governadores locais tinham uma grande população de escravos estrangeiros e os obrigava a fabricar tijolos. Os sofrimentos dos hebreus nesse trabalho duro, segundo a narração do Êxodo, são inteiramente provados por esculturas nos monumentos, que muitas vezes representam o intendente das obras com sua vara. Era costume usar palha cortada, caniços e quaisquer refugos fibrosos para darem consistência ao barro do Nilo usado na fabricação dos tijolos secos ao sol. Pelas palavras de Êx5.18, sabemos que os egípcios tornaram o trabalho dos hebreus mais pesado ao recusarem o fornecimento da palha cortada. Desse modo, estes foram compelidos a procurar a palha nos campos e em várias herdades. Pode-se imaginar o tamanho incômodo, pois deviam apresentar o mesmo número de tijolos outrora fabricado. Esses tijolos tinham mais ou menos o dobro do tamanho dos usados atualmente. Em cada tijolo empregado nos edifícios públicos, havia o nome do rei gravado, e, algumas vezes, o nome das casas para as quais eram destinados.
A Babilônia, assim como o Egito, era um país sem pedras. Provavelmente ali se exerceu, em primeiro lugar, a arte de fabricar tijolos. As minas examinadas de numerosos edifícios atestam a inteligência e gosto dos tijoleiros babilônicos. A maioria dos tijolos encontrados tem o nome do rei Nabucodonosor. A muitos deles, pode-se mais propriamente dar o nome de ladrilhos (Ez 4.1), pois eram decorados e esmaltados. As minas de Nínive têm, também, proporcionado aos estudiosos muitos ladrilhos de belo esmalte.
Os fornos de cozer o tijolo eram usados no Egito para tijolos menores do que os secados ao sol, variando entre 25 e 30 cm de comprimento, 15 e 23 cm de largura e 7,5 e 18 cm de espessura. Jeremias menciona um desses fornos (Jr 43.9) do Egito, e, pelas palavras de 2Sm 12.31, vê-se que também existiam na Palestina no tempo de Davi. Isaías (65.3) se queixa de o povo edificar altares de tijolo, em vez de pedra tosca, conforme prescrevia a Lei (Êx 20.25). V. CASA, OLARIA.

Timna. *Sujeição (?).* 1. Concubina de Elifaz, filha de Esaú (Gn 36.12).
2. Irmã de Lotã e filha de Seir, o horeu (Gn 36,22; 1Cr 1.39).
3. Principal ou chefe do povo de Edom, descendente de Esaú (Gn 36.40; 1Cr 1.51).
4. Filho de Elifaz e neto de Esaú (1Cr 1.36); evidentemente o mesmo que Coré (Gn 36.16, TB).

5. Atual Tibna, a 3 km a oeste de Ain Shems, perto de onde o uádi Surar corre sobre a planície da Filístia; cidade da fronteira norte de Judá (Js 15.10), cedida a Dã (Js 19.43), ocupada depois pelos filisteus (Jz 14.1-5) e de novo tomada no tempo de Acaz (2Cr 28.18).
6. Cidade nas montanhas de Judá; lugar desconhecido (Gn 38.12-14; Js 15.57).

Timóteo. *Honra a Deus.* Jovem companheiro de Paulo, habitante ou, talvez, natural de Listra, na Licaônia, onde o apóstolo o encontrou pela primeira vez (At 16.1,2). Seu pai era grego, mas sua

mãe e avó eram judias piedosas e o educaram cuidadosamente segundo o ensino da Escritura (2Tm 3.14). Timóteo provavelmente se converteu ainda muito jovem, por ocasião da primeira visita de Paulo a Listra (At 14.6; 16.1; 1Co 4.17; 1Tm 1.2; 2Tm 1.2). Depois da separação de Paulo e Barnabé, pela discordância a respeito de João Marcos (At 15.37-39), Timóteo foi o escolhido por Paulo para ajudá-lo em seus trabalhos. Depois de circuncidado, foi para Paulo um cooperador leal e estimado; ajudou o apóstolo na organização das igrejas de Filipos e Tessalônica (At 17.14), tendo para com a primeira um interesse especial (Fp 2.19). Após permanecer por algum tempo em Bereia (At 17.13,14), foi provavelmente juntar-se a Paulo em Atenas, o qual, em seguida, o enviou a Tessalônica (1Ts 3.2); não demorou para se reencontrar com seu mestre em Corinto, levando notícias da igreja. Com Paulo e Silas, é mencionado no começo de 1e 2Tessalonicenses. Em seguida, Timóteo aparece trabalhando em Éfeso (At 19.22), recebendo ânimo para isso com a saudação nas epístolas aos Colossenses e a Filemom. Dessa cidade, foi mandado com Erasto à Macedônia e Acaia (At 19.22), com uma missão especial para a igreja de Corinto (1Co 4.17). Mais tarde, aparece com outros em uma saudação à igreja de Roma (Rm 16.21) e acompanha, depois, o apóstolo à Ásia (At 20.4). Não se sabe se ele foi com Paulo até Roma, mas é mais provável que fosse encontrar seu diretor e mestre nessa cidade; depois foi enviado a Filipos (Fp 2.19). O apóstolo recomenda que se apressasse em visitá-lo quando de sua última prisão (2Tm 4.9-13). Na Epístola aos Hebreus, fala-se na saída de Timóteo da prisão, mas, como não se sabe a data da carta nem o lugar onde foi escrita, é impossível compreender a referência. A tradição eclesiástica apresenta Timóteo como primeiro bispo de Éfeso e diz que morreu ali martirizado quando João estava exilado em Patmos.

Timóteo, Epístolas a. Desde o século I, a autoria dessas epístolas tem sido atribuída a Paulo.

1. *Primeira epístola.* A data em que foi escrita deve ser certo tempo depois da primeira prisão do apóstolo em Roma, possivelmente no ano 66. Quanto ao local, pode ter sido Trôade, talvez em casa de Carpo (cf. 2Tm 4.13). O propósito pode deduzir-se de seu conteúdo, com dois objetivos principais:

I. Destruir as falsas doutrinas dos mestres judeus que, sob pretexto de fidelidade à Lei, ensinavam mandamentos em desacordo com os santos preceitos mosaicos.

II. Orientar e estimular Timóteo no desempenho de sua missão, esclarecendo-o sobre: a) devoções bíblicas (2.1-8; 2); b) deveres e comportamento das mulheres cristãs (2.9,12; cp. 1Co 11.3-16; 14.34-40; 1Pe 3.1-6); c) de quem tinha cargos eclesiásticos (3.1-13); d) seu próprio ensino (3.14—4); e) sua santidade pessoal (4.11- 16); f) direção da igreja no tratamento de transgressores, viúvas, bons e maus, anciãos, escravos e ricos, indicando os deveres das diversas classes de pessoas (cap. 5 e 6; cp. Tt 1.10-3.11). Com os ensinamentos do apóstolo, há também vivas e afetuosas recomendações, referências à própria conversão de Paulo e previsões sobre a vinda de Cristo.

2. *Segunda epístola.* Última epístola de Paulo. Deve ter sido escrita durante sua segunda prisão em Roma, não muito antes de seu martírio, talvez no início do ano 67. O tempo decorrido entre as duas prisões, parece que o apóstolo passou na Ásia(Fm 1.22), depois na Macedônia (1Tm 1.3), invernando em Nicópolis do Épiro(Tt 3.12). A razão de o apóstolo voltar a Roma não é citada; é mencionado apenas que logo foi preso como malfeitor (2Tm 2.9). Toda a carta está revestida de particular interesse, com os últimos conselhos do apóstolo. Depois de uma

afetuosa saudação com ação de graças (1.1-5), aconselha Timóteo a ser corajoso, zeloso e firme no ministério (1.6- 14); fala-lhe de alguns infiéis e recorda as boas obras de Onesíforo (1.15-18); exorta-o a ter paciência, aludindo a seus próprios sofrimentos pelo evangelho (2.1-13), e a ser fiel no ministério, manifestando retidão pessoal (2.14-26); anuncia tempos perigosos sobre os "últimos dias" (3.1-9); e volta a exortar (3.10—4.5), terminando com mensagens pessoais. Encontramos, nas epístolas a Timóteo e Tito — epístolas pastorais —, a mais clara revelação que a Escritura oferece sobre caráter, qualificações e deveres do ministro cristão. Essas epístolas também encerram a mais completa previsão da corrupção do cristianismo em tempos próximos dos seus e da extensiva influência da infidelidade, a que a Escritura chama "os últimos tempos". Note-se que Policarpo, que escreveu pelo ano 117 d.C., pode ter citado 1Tm 6.7.

tinta. Significa literalmente "preto". A tinta só é mencionada uma vez no AT (Jr 36.18). Isso pode fazer supor que as profecias eram escritas de modo indelével. Por outro lado, deduz-se de Êx32.33 e Nm 5.23 que a tinta usada pelos hebreus não era perdurável. Os papiros mostram que a tinta usada no Egito, de várias cores, continha ácido e era permanente. No NT, há três referências à tinta (2Co 3.3; 2Jo 12; 3Jo 13).

tinteiro. Recipiente que os negociantes e escreventes traziam no cinto (Ez 9.2-11, TB), feito de modo que não só continha tinta, mas também levava as penas. V. PENA, ESCRITA.

tipo. O original grego *typos* está traduzido de diversas formas por figura, divisa, exemplo, modelo. Na sua acepção comum, exprime um símbolo do que está por vir, quer uma personagem, quer um incidente, quer uma instituição. Desde o princípio, houve diversas imagens representativas, envolvendo cada uma delas algumas verdades e tendendo a ilustrar a obra de Jesus Cristo, ou o caráter e a história de seu povo. A história judaica e o culto formavam grandioso tipo. O AT é o NT coberto com véu; e o NT é o AT sem véu. O antigo povo judeu, por exemplo, estava para com Deus na mesma relação em que hoje está a Igreja cristã e mesmo cada cristão. Os sofrimentos dos israelitas no Egito, sua libertação sob a direção de Moisés, sua peregrinação pelo deserto e sua entrada na terra de Canaã, tudo isso prefigura a experiência de todos os cristãos.

Não somente os israelitas viviam sob o governo da mesma autoridade que nos governa e eram dirigidos em um sistema de disciplina, mas também os fatos de sua história eram típicos da história da igreja (Rm 2.28; 1Co 10; Hb 4; 1Pe 2.5-10; Ap 15.5). Também é digno de nota que a relação entre o povo judeu e algumas das nações circunvizinhas é um tipo, uma figura da relação entre a Igreja cristã e seus adversários. Sodoma e Ismael, Egito e Babilônia, acham-se todos representados na história do verdadeiro Israel (Gl 4.25; Ap 14.8). Pode-se acrescentar que, enquanto sob certo aspecto Israel é, como servo do Senhor, a imagem de Jesus Cristo, cada um dos israelitas era tipo dele, assim como Moisés o foi entre os profetas, e Davi e Salomão, entre os reis. Por consequência, as expressões que originariamente eram verdadeiras acerca do tipo são aplicadas a Jesus Cristo como antítipo ou realidade (At 13.34). Assim como o povo, também são típicos os ritos e o culto do AT. Toda a dispensação era a sombra das boas coisas futuras, e não a própria imagem ou substância delas. Essa substância era Cristo (Hb 10.1).

Tíquico. Indivíduo natural de uma província da Ásia, provavelmente não Éfeso nem Colossos (At 20.4). Foi companheiro e cooperador de Paulo; acompanhou o apóstolo durante algum tempo, da Macedônia a Jerusalém; e, com essa última navegação, foi concluída a terceira viagem

missionária (At 20.15,38). Esteve em Roma com Paulo, este na prisão (Cl 4.7,8). A linguagem dos versículos leva-nos, naturalmente, a supor que Tíquico e também Onésimo foram portadores da Epístola aos Colossenses. As palavras de Ef 6.21,22 dão-nos a ideia de que ele, na mesma viagem, levou a Epístola aos Efésios, uma espécie de carta circular dirigida às igrejas da Ásia. Segundo parece, quando Paulo escreveu a Epístola a Tito (3.12), ele já estava com o apóstolo em Nicópolis (provavelmente em Épiro), a ponto de ser enviado a Creta. Tíquico é, de novo, mencionado em 2Tm 4.12, epístola escrita em Roma durante o segundo encarceramento de Paulo. Andou, evidentemente, associado com o grande apóstolo em alguns dos episódios mais críticos de sua vida; deve ter sido um homem de energia e simpatia.

Tiraca. Reinou na Etiópia, de certo modo o antigo Sudão anglo-egípcio, e no Egito (691-665 a.C.). Em 701 a.C., quando Senaqueribe, imperador da Assíria, estava fazendo guerra a Ezequias, ouviu falar da marcha de Tiraca, que parece ter sido chamado em auxílio do então rei do Egito para o combater; e mandou, pela segunda vez, intimar o rei de Judá a entregar Jerusalém (2Rs 19.9; Is 37.9). É de origem etíope, provavelmente negro, como insinua seu posterior inimigo e conquistador Esar-Hadom.

Tirano. Paulo, por dois anos, disputava todos os dias "na escola de Tirano", em Éfeso (At 19.9), a única referência a Tirano. Supõe-se que era gentio e mestre de filosofia. Também pode ter sido um cristão, ou, pelo menos, inclinado para as novas doutrinas. A ideia de que era judeu, membro de uma sinagoga particular, não é provável, pois seu nome é grego e não consta que fosse prosélito. V. ESCOLA.

Tiras. O professor Sayce, que interpreta Gn 10 geograficamente, sugere que Tiras pode representar o rio Tiras, nome primitivo do Quimerianos. O professor Driver diz que se trata de uma referência ao Tursenoi, um povo que outrora habitara na costa norte e ilhas do mar Egeu, muito temido dos gregos pela pirataria. É possível que a palavra esteja ligada aos nomes de dois países nas proximidades de Carquemis, Tarshkha e Tarshba (Gn 10.2; 1Cr 1.5), mencionados pelo rei egípcio Ramsés III.

Tiro. Atual Es Sur, uma povoação pobre. Foi, em tempos antigos, uma cidade fortificada da Fenícia, situada sobre uma península rochosa, primitivamente uma ilha da parte oriental do Mediterrâneo, colonizada pelo povo de Sidom (Is 23.2,12; cf. Gn 10.15). Foi cedida à tribo de Aser e ocupada sem que seus habitantes fossem expulsos (Js 19.29; Jz 1.31, 32; 2Sm 24.7). Tiro forneceu materiais e artífices para Davi construir seu palácio e Salomão, o templo (2Sm 5.11; 1Rs 5; 7.13,14; 9.11- 14,27; 10.22; 16.31; 1Cr 14.1; 22.4; 2Cr 2). Foi denunciada pelos profetas (Is 23; Jr 25.22; 47.4; Ez 26—28; Jl 3.4-8; Am 1.9,l0; Zc 9.2-4). A cidade de Tiro alcançou grande poder e esplendor. Cerca de cento e cinquenta anos depois da edificação do templo de Salomão, estabeleceu a grande colônia de Cartago, assenhoreou-se de Chipre — que continha preciosas minas de cobre — e exerceu domínio sobre Sidom. Foi cercada por Salmaneser, mas sem resultado (Ez 27). O cerco de Nabucodonosor durou treze anos, seguindo-se uma pequena sujeição ao Império Babilônico, ou uma aliança com esta potência (Jr 27.3- 8; Ez 29.18-20). De Tiro, foram de novo fornecidos materiais para a edificação do segundo templo, além de outros produtos (Ed 3.7; Ne 13.16). Jesus andou pelas vizinhanças da cidade, afastada de Nazaré uns 65 km (Mt 11.21; 15.21; Mc 3.8; 7.24; Lc 6.17; 10.13). Foi residência de pessoas cristãs (At 21.3-6). Tiro, diferente de outras cidades celebradas do mundo

antigo, comerciais e independentes como ela, era uma monarquia, e não uma república, conservando essa forma de governo até a completa perda de sua independência. Desde tempos remotíssimos, os tírios foram conhecidos por sua aptidão para toda obra artística de cobre ou metal amarelo. A madeira de cedro para o templo foi levada em jangadas de Tiro a Jope, por 118 km, estando Jope distante de Jerusalém cerca de 51 km. Hirão, rei de Tiro, mandou marinheiros a Salomão para a viagem a Ofir e à Índia. Por outro lado, a Palestina era o celeiro da Fenícia, fornecendo-lhe, além do trigo, azeite, mel e bálsamo. Tiro era afamada pela manufatura de certa tinta púrpura. Até o fim do século XIII, tendo sobrevivido à queda dos impérios da Macedônia e Roma, foi uma grande cidade, comparando-se Roma recente. Por fim, caiu diante das armas conquistadoras dos maometanos. Tiro perdeu sua qualidade de ilha ao ser cercada por Alexandre, o Grande, edificando este rei um molhe, que pôs a cidade em comunicação com o continente. O molhe foi alargado pelos depósitos de areia, e tem agora a largura de cerca de 500 m.

Tirza. *Prazer, beleza.* 1. A mais nova das cinco filhas de Zelofeade. Como o israelita não teve filhos homens, fez-se uma lei, em virtude da qual, morrendo um homem sem descendência de sexo masculino, os bens passariam para suas filhas (Nm 26.33; 27.1; 36.11; Js 17.3). 2. Cidade real de Canaã, conquistada por Josué (Js 12.24); foi residência de alguns reis de Israel, a saber: Jeroboão, Baasa, Elá, Zinri e Onri; lugar da sepultura de Baasa e Zinri (1Rs 14.17; 15.21,33; 16.6-23); e da conspiração de Menaém contra Salum (2Rs 15.14,16). Era afamada por sua beleza (Ct 6.4). Hoje talvez seja Teiasir.

Tito. Amigo e companheiro de confiança de Paulo. Era grego de nascimento (Gl 2.3) e se converteu ao cristianismo por influência do apóstolo, que lhe chamava seu "verdadeiro filho, segundo a fé comum" (Tt 1.4; cp. 1Tm 1.2). Nada se sabe sobre sua família ou terra natal. É citado, pela primeira vez, como acompanhante de Paulo e Barnabé a Jerusalém (Gl 2.1; v. At 15.2). Passados alguns anos, reaparece ligado à igreja de Corinto, de onde levou uma carta ao apóstolo (2Co 7.6; um relatório ansiosamente esperado, 2Co 2.13). O interesse de Tito por essa igreja parece ter sido notável (2Co 8.23), sendo sua pureza de motivos considerada inquestionável (2Co 12.17,18). Por determinação de Paulo, ficou em Creta (Tt 1.5). Não há indício de alguma visita do apóstolo a essa ilha, a não ser em At 27.7; mas é possível que estivera em Creta depois de sua primeira prisão em Roma. Tito teve de encontrar-se de novo com Paulo em Nicópolis (Tt 3.12). Depois disso, separou-se do apóstolo para ir Dalmácia (2Tm 4.10). Nada se sabe sobre sua vida posterior. Alguns o têm identificado com Justo, mencionado em At 18.7, e com Silas, mas seu nome não aparece no livro de Atos.

Tito, Epístola a. Essa carta e as duas dirigidas a Timóteo constituem as chamadas Epístolas Pastorais. Quanto ao lugar e data em que foi escrita, é provável que Paulo, em sua viagem para a Ásia, depois de sua primeira prisão em Roma, tenha desembarcado em Creta e deixado Tito ali, escrevendo, mais tarde, essa epístola da Macedônia, em caminho para Nicópolis, da Trácia. Há, também, a opinião de que Tito, conforme os desejos de Paulo, fosse ter com ele em Nicópolis, acompanhando- o depois em sua última viagem a Roma e permanecendo com o apóstolo nessa cidade durante parte do tempo da segunda prisão (2Tm 4.10). Nessa ocasião, foi enviado para a Dalmácia, a fim de pregar o evangelho ou visitar as igrejas já formadas ali. Nada sabemos com certeza da origem da igreja de Creta. É provável que, estando alguns judeus da ilha em

Jerusalém, no dia de Pentecostes, quando Pedro pregou seu famoso sermão, fosse para ali levada a religião cristã por alguns convertidos. Parece, também, deduzir-se da epístola que Paulo trabalhou ali, provavelmente com bons resultados, não sendo possível, contudo, pôr em ordem os negócios das igrejas por ser obrigado a partir apressadamente
A missão de que Tito foi encarregado em Creta parece ter sido difícil, pois o povo era volúvel, dissimulado e rixoso. Os cretenses eram notoriamente conhecidos como licenciosos, mostrando uma vida de intemperança (1.12). Há uma notável semelhança entre essa epístola e 1Timóteo, supondo-se, por isso, que foram escritas na mesma ocasião. Os ensinamentos da epístola podem ser resumidos da seguinte maneira: a) Paulo descreve as qualidades dos que deviam seguir a carreira do ministério, qualidades muito necessárias por causa dos falsos mestres, cujos princípios doutrinários eram perigosos, e em razão, também, do caráter geral dos cretenses (cap. 1); b) Paulo dá várias instruções a Tito, que ele deveria transmitir a diversas classes de pessoas: prescreve aos anciãos e jovens as virtudes que deveriam rigorosamente distingui-los; exorta Tito, que era jovem, a que fosse um exemplo vivo das virtudes que tinha de recomendar; ensina os servos a serem obedientes e fiéis, pois o evangelho da salvação era para os indivíduos de todas as classes e condições, a fim de os tornar santos neste mundo e prepará-los para uma vida melhor e mais elevada (cap. 2); c) Paulo instrui Tito sobre a obediência às autoridades constituídas, devendo aconselhar os cristãos a um comportamento pacífico e bondoso e lembrar-lhes sua antiga perversidade e dons que tinham alcançado pela livre graça de Deus. O apóstolo insiste na obrigação que todos os crentes têm de ser eminentes em boas ações; e, depois de acautelar Tito para que não entrasse em investigações frívolas, nem se envolvesse em discussões inúteis, além das derradeiras instruções, fecha a epístola com saudações e bênção (cap. 3). Merece destaque nessa epístola o fato de ser exortada a gente da classe mais humilde a ornar a doutrina do evangelho, e o de, sendo nossa salvação atribuída exclusivamente à graça (2.11), à bondade e ao amor de Deus (3.4), ser essa circunstância a base das mais constantes recomendações da santidade (2.14—3.8).

Tito Justo. O nome por extenso de Justo. Segundo algumas autoridades, deve ler-se Tício Justo (At 18. 7). V. JUSTO (2).

Tobe. *Bom.* Atual Taiyibeh, em Basã do sul. A terra de Tobe era um território a leste de Gileade, onde Jefté se refugiou quando foi expulso de casa por seus meios-irmãos (Jz 11.2) e onde permaneceu à frente de um bando de aventureiros até os anciãos de Gileade o buscarem naquele lugar (Jz 11.5). É mencionado em 2Sm 10.6,8 como um dos pequenos Estados aramaicos que auxiliaram os amonitas em sua grande luta com Davi.

Tobias. *O Senhor é bom para mim.* 1. Levita, a quem o rei Josafá mandou ensinar a Lei na cidade de Judá (2Cr 17.8).
2. Mencionado em Zc 6.10 como tendo voltado da Babilônia a Jerusalém. Na presença dele e de outros, Zacarias recebeu a ordem de coroar como sacerdote Josué, filho de Jeozadaque.
3. Os filhos de Tobias voltaram com Zorobabel, mas não puderam provar sua ligação com Israel (Ed 2.60; Ne 7.62).
4. Amonita que se opôs fortemente à reedifcação de Jerusalém por Neemias. Suas afrontas chegaram a ponto de fixar sua residência no templo, apesar de Moisés ter decretado que os

amonitas e moabitas jamais poderiam entrar na congregação de Deus. Neemias lançou fora da câmara toda a mobília da casa de Tobias (Ne 13.8).

Tobias, O Livro de. V. APÓCRIFOS, LIVROS.

tocador de flauta. Pessoa que, em certas cerimônias, tocava flauta ou gaita; palavra hebraica que, traduzida por flauta ou gaita, é derivada de uma raiz que significa perfurar, abrir por meio de furo. A flauta é um dos mais antigos instrumentos musicais, tendo sido a gaita pastoril dos hebreus um pouco diferente da dos egípcios e da dos gregos. Usava-se em todas as ocasiões festivas da vida pública ou particular (Is 5.12; Lc 7.32): banquetes, bodas, em certos serviços religiosos e procissões públicas (1Sm 10.5; 1Rs 1.40, TB; Is 30.29); assim como nos funerais (Mt 9.23) e em ocasiões de luto público (Jr 48.36).

Tofete. *Lugar da chama.* Lugar do vale de Hinom, talvez na sua junção com o vale de Cedrom. Crê-se ter sido primeiro um lugar de especial beleza, mas depois foi corrompido com o culto aos ídolos, com sacrifícios a Baal e a Moloque, deus do fogo. Josias o "tornou impuro", isto é, derrubou seus altares e lugares altos, convertendo-o em receptáculo para toda a imundícia de Jerusalém. Em Jeremias (7.32; 19.6), declara-se que Tofete e o vale do filho de Hinom receberiam o nome de "Vale da Matança". Conforme tais palavras, sabe-se que ali correu o sangue de diferentes povos: romanos, persas, judeus, gregos, cruzados e maometanos (2Rs 23.10). V. HINOM, VALE DE.

Togarma. Filho de Gômer (Gn 10.3). O professor Sayce situa Togarma na Armênia ou Ásia Menor. Local de onde eram importados cavalos (Ez 27.14); em Ez 38.6, a casa de Togarma faz parte dos exércitos de Gogue.

Toí. Rei de Hamate sobre o Orontes. Era inimigo de Hadadezer, rei da Síria, e, quando este foi derrotado pelo exército de Davi, Toí mandou seu filho Jorão levar ao conquistador presentes de ouro, prata e bronze (2Sm 8.9,10). Pode ser que Toí quisesse desviar por esse meio a hostilidade de Davi. Em 1Cr 18.9,10, seu nome é Toú.

tolo, loucura. Palavras que, segundo seu uso na Escritura, denotam pecado ou perversidade, e não fraqueza mental ou falta de compreensão (2Sm 13.13; 15.31; Jó 2.10; Sl 14.1; Pv 15.5; 19.1). Todavia, também são usadas com seu significado moderno (1Co 1.27; 4.10). Quando Jesus Cristo afirmou "e quem lhe chamar tolo estará sujeito ao fogo do inferno" (Mt 5.22), quis reprovar com suas palavras o espírito desdenhoso, insolente e sem caridade, que está absolutamente em desacordo com as qualidades de mansidão e amor que devem caracterizar seus discípulos.

Tomé. *Gêmeo.* Tomé, chamado Dídimo, em grego (Jo 11.16; 20.24; 21.2), era um dos 12 apóstolos (Mt 10.3; Mc 3.18; Lc 6.15). A lealdade para com o Mestre (Jo 11.16) coexistia nele com certa incredulidade (Jo 14.5; 20.25), manifestada de modo especial na ressurreição. Sua mente se tinha fixado muito na crucificação (cp. sua declaração pormenorizada em Jo 20.25); a prova que ele propôs estava em conformidade com as palavras anteriores de Jesus Cristo (Lc 24.39,40). O Cristo ressurrecto deu a Tomé a prova pedida, e ele então expressou sua crença desta maneira: "Senhor meu e Deus meu" (Jo 20.26-29). Depois disso, viu outra vez Jesus no mar de Tiberíades (Jo 21.2). Diz uma lenda que Tomé foi pregar o evangelho "aos indianos, chineses e cusitas e às ilhas de perto e de longe". Os cristãos da Igreja de São Tomé sobre a Costa de Malabar consideram-no seu fundador.

topázio. Pedra preciosa transparente de cor áurea. Hilário diz que excede em brilho às outras pedras, como o ouro, aos diversos metais. O topázio de Cuxe era famoso; e uma ilha do mar Vermelho era chamada ilha do Topázio (Êx 28.17; Jó 28.19; Ez 28.13; Ap 21.20). As descrições no Apocalipse estão em íntima conexão com as de Êxodo e Ezequiel. Era uma pedra que brilhava no peitoral do sumo sacerdote; semelhantemente, adornava as vestes do rei de Tiro e luzia nos fundamentos da Jerusalém celestial. Em Jó, assevera-se que o topázio da Etiópia não se iguala à sabedoria.

Torá, Torah. 1. Os cinco livros de Moisés, também chamados Pentateuco. 2. Compreende a literatura religiosa do judaísmo.

torre. Além das torres que faziam parte das fortificações das muralhas, havia, também, nas terras planas, torres onde podiam alojar- se os guardadores de gado, vigiando dali seus rebanhos e manadas e defendendo-os dos ataques das feras e de roubos. O rei Josias também mandou construir torres nos desertos para os pastores, pois tinha muito gado (2Cr 26.10). A torre edificada no meio da vinha (Is 5.2) e a torre do rebanho (Mq 4.8) eram do mesmo tipo. Várias torres, empregadas para meros fins de defesa, são conhecidas por diferentes designações: a torre de Davi (Ct 4.4), a torre de Éder (Gn 35.21), a torre dos Fornos (Ne 3.11), a torre de Hananeel (Jr 31.38), a torre do Líbano (Ct 7.4), a torre dos Cem (Ne 3.1), a torre de Penuel (Jz 8.17), a torre de Siquém (Jz 9.46).

toupeira. Em Is 2.20, há referência ao rato-toupeira (*spalax typhlus*) que habita em tocas e, como o morcego, aparece nas ruínas. É um roedor abundante nas planícies da Judeia, desde o mar Morto até Gaza, e pelos lugares de Berseba.

touro. Usado nos sacrifícios hebraicos e ofertas. Os touros das ricas pastagens de Basã eram bem alimentados, por isso eram fortes e ferozes, tornando-se símbolos dos inimigos cruéis e perseguidores (Sl 22.12). O "boi montês", em Is 51.20, segundo algumas versões, é o antílope, animal bravo e indomável, mas não tão forte para não ser apanhado em redes. V. BOI, CORÇO.

traça. Inseto que rói os vestidos e a que a Escritura algumas vezes se refere (Is 50.9; 51.8; Mt 6.19,20; Tg 5.2). No Oriente, o vestuário era considerado algo de muita importância, por isso se guardavam as vestes em amplas salas. Os bens em roupas custosas eram de mais valor que atualmente. A Bíblia menciona frequentes vezes os presentes de vestes, costume que ainda prevalece entre os orientais. V. tb. Jó4.19; 13.28, 27.18; Sl 39.11; Os 5.12.

transfiguração, a. A transfiguração de Jesus Cristo realizou-se, provavelmente, nas rampas do Hermom. Está descrita em Mt 17.1-8; Mc 9.2-8 e Lc 9.28-36. Pedro, que estava presente, faz referência ao acontecimento em 2Pd 1.16-18. A cena representava, por antecipação, a gloriosa vinda de Cristo e indicava, pela presença de Moisés e de Elias, que estava cumprido o AT. V. JESUS CRISTO.

tribos, as dez. As dez tribos formavam o Reino do Norte, o Reino de Israel. Em 732 a.C., essas tribos foram levadas por Tiglate-Pileser em cativeiro para a Assíria e os países próximos do mar Cáspio. Há muitas suposições sobre sua subsequente história, mas a teoria mais plausível — e não passa de teoria — é a de que os israelitas das dez tribos foram absorvidos pelos povos entre os quais passaram a viver. Acerca das modernas "identificações", há muito que dizer a favor dos afeganes. Por outro lado, também pode ser que tanto os israelitas como os cativos de Judá e

Benjamim se unissem no seu comum exílio da Babilônia e voltassem juntos como um só povo à Palestina, em consequência dos editos publicados pelos reis da Pérsia. É certo que membros das dez tribos também vieram.

tribunal. A acusação feita a Jesus Cristo foi de traição, punível com a morte (Lc 23.2,38; Jo 19.12,15). Em Filipos, Paulo e Silas foram acusados de inovações na religião judaica, um crime para desterro ou morte (At 16.19-21). Os autores judaicos do processo contra Paulo no tribunal de Cesareia, diante de Félix, empregaram um advogado romano para fazer a acusação. V. TÉRTULO. Paulo, apelando para César no tribunal, na presença de Festo, logo fez passar sua causa para a jurisdição do imperador romano. O direito de apelação para a suprema autoridade era privilégio do cidadão romano (At 24—26). O fato de se empregar o plural, falando daqueles a quem Demétrio e os artífices expuseram seu caso, encontra melhor explicação na maneira geral de descrever os acontecimentos, pois a palavra significa "procônsules", e havia só um procônsul. É possível que a referência seja feita a seus assessores nos tribunais (At 19.38). V. JUIZ, SINÉDRIO.

tributo. Parece que os hebreus estiveram livres do pagamento de impostos até o tempo dos reis, não se referindo aqui às contribuições para a manutenção do culto religioso. No tempo da monarquia, os tributos sobre os habitantes compreendiam o dízimo dos produtos tanto da terra como do gado (1Sm 8.15,17); presentes ao rei, teoricamente voluntários, mas realmente obrigatórios no princípio de seu reinado ou no tempo de guerra (1Sm 10.27; 16.20; 17.18); direitos de gêneros importados, principalmente as especiarias de certos territórios da Arábia (1Rs 10.15); o monopólio de alguns ramos de comércio, como, por exemplo, o ouro, o linho fino do Egito e cavalos (1Rs 9.28; 10.28,29; 22.48); e a apropriação, para a casa do rei, da primeira colheita de forragem (Am 7.1). Infere-se que esses tributos eram pesados, pois no tempo do rei Saul a isenção deles era considerada recompensa suficiente pelos grandes serviços militares (1Sm 17.25). Apesar da prosperidade e esplendor do reinado de Salomão, havia descontentamento no povo pela obrigação de pagar grandes impostos, situação que contribuiu muito para a revolução que se seguiu. O povo queixava-se não da idolatria de Salomão, mas das contribuições (1Rs 12.4). Os judeus, enquanto sujeitos aos persas e aos reis do Egito e da Síria, tinham de fazer grandes contribuições. Sobre as exigências persas, pode-se ver certas particularidades em Ed 4.13,20 e 7.24. O povo via-se obrigado a hipotecar suas vinhas e campos, pedindo dinheiro emprestado com juros de 12% (Ne 5.1-11). Na falta de pagamento, os devedores eram presos e tratados como escravos. Quando a Judeia se tornou formalmente uma província romana, os tributos eram contratados, aparecendo então os publicanos (V. PUBLICANOS) como uma nova praga para o país. Os direitos de alfândega, que Mateus recebia (9.9), iriam não para Roma, mas para a tetrarquia de Herodes Antipas. Os tributos com o nome de portoria eram levantados nos portos, nos cais e às portas das cidades. Além de tudo isso, os judeus deviam pagar um tributo por cabeça (Mc 12.15), tributo que os rabinos disputavam a legitimidade do pagamento (Mt 22.17; Mc 12.13; Lc 20.22). Esse imposto per capita era particularmente odioso aos judeus, pois era considerado sinal de servidão, dando lugar à astúcia dos inimigos de Jesus, que procuravam apanhá-lo em algumas palavras sobre esse ônus para o colocar em situação difícil com o povo ou com as autoridades romanas. O tributo mencionado em Mt 17.24 dizia respeito ao dinheiro do resgate, dado às autoridades do templo

(Êx 30.13-16). Em At 5.37, o que se diz é, provavelmente, uma referência ao fato de ser indagado o valor da propriedade na Síria, certamente para fixar os respectivos impostos. Isso serve para explicar a revolta de Judas da Galileia. (V. Jd 4.)

trigo. Cedo o trigo aparece como objeto de cultura na Palestina, no Egito e países circunvizinhos (Gn 26.12; 27.28; 30.14). O Egito era afamado pela superabundante produção de cereais (Gn 12.10ss). O trigo que hoje cresce na Palestina é provavelmente o do tempo da Bíblia, não difere da espécie que conhecemos, o *triticum vulgare* dos botânicos, mas há diferentes variedades. Na Palestina, o trigo é semeado em novembro ou dezembro e colhido em maio ou junho, segundo o clima e a localidade. No Egito, fazia-se a colheita um mês mais cedo, sendo em ambos os países colhida a cevada três ou quatro semanas antes do trigo. O trigo silvestre da Palestina foi reconhecido há alguns anos, mas é apenas uma pequena planta.

trigo torrado. Grãos que ainda se conservavam tenros e que se tostavam sobre chapas quentes. Nos tempos do AT, as espigas preparadas dessa maneira, ou cereais, constituíam um artigo comum de alimento, e ainda o é nos países do Oriente (Lv 23.14; Js 5.11; Rt 2.14; 1Sm 17.17; 2Sm 17.28).

Trindade. A divindade de Cristo é confirmada nas mais antigas pregações cristãs, sob os termos "Senhor e Cristo" (At 2.36, cf. 4.12; 5.31; 10.36). A mais antiga epístola de Paulo já concentrou essa fé no significativo título "Senhor Jesus Cristo" (1Ts 1.1,3; 5.23,28). A mais característica expressão dada à crença é a designação de "Filho de Deus" aplicada a Cristo, não somente por sua *missão* divina (Mc 1.11; cf. Sl 2.7), mas também por sua *natureza* divina, envolvendo as verdades de sua preexistência e encarnação. Note que o único exemplo desse título, no livro de Atos, está ligado à primeira pregação do convertido Saulo de Tarso (At 9.20). O sentido é messiânico (cf. seu termo equivalente, v. 22, "o Cristo"). Saulo foi convencido, pela visão que teve na estrada de Damasco, de que Jesus, o Messias, era uma pessoa divina. Por isso, a expressão "Filho de Deus" alcançou, para ele, um novo significado. Logo em seus primeiros escritos, aparece, sem imposição, a linguagem natural de que esse fato era reconhecido como incontestável pelo apóstolo (1Ts 1.10; Gl 1.16; 2.20; 4.4,6; 1Co 1.9; 15.28; 2Co 1.19; Rm 1.3,4,9; 5.10; 8.3, 29,32; Ef 4.13). Em nenhuma parte, Paulo apresenta uma doutrina específica sobre a pessoa de Cristo, mas as passagens citadas (especialmente Rm 8.3; Gl 4.4; 1Co 15.28, bem como 1Co 8.6; 2Co 4.4; 8.9; Fp 2.6-11; Cl 1.13-19) claramente mostram que, para ele, era Cristo um ser verdadeiramente único, que, antes de vir ao mundo, partilhava da natureza e glória divinas, e depois, em sua sublime ressurreição, foi simplesmente ocupar de modo maravilhoso a dignidade que corresponde à sua essência e direitos inerentes. Não é necessário uma circunstanciada prova de que essa maneira de ver Cristo foi aceita e desenvolvida por outros escritores do NT. O próprio tema do autor da Epístola aos Hebreus é a finalidade necessária de uma revelação pelo "Filho" de Deus (Hb 1.1-4 e *passim*); o prólogo ao Evangelho de João, com sua proclamação do "Verbo" feito carne, e a mensagem de Deus aos homens por meio do "unigênito do Pai" preparam-nos para a elevada cristologia de todo o Evangelho e da primeira epístola. Sem referência a quaisquer passagens contestadas, pode, de modo decisivo, mostrar-se que Jesus possuía a qualidade divina para os escritores do NT. Eles conservavam fortemente o monoteísmo da religião hebraica: para eles, havia "um só Deus" (Rm 3.30; 1Co 8.6; Gl 3.20; Ef 4.6; 1Tm 2.5; Tg 2.19). Mas também havia "um só Senhor" (1Co

8.6; Ef 4.5) de tal modo essencialmente relacionado com Deus, em tudo o que se refere aos homens, que a bênção apostólica toma naturalmente a forma dual: "a todos os amados [...] Graça e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo" (Rm 1.7; 1Co 1.3; 2Co 1.2; Gl 1.3; Ef 1.2; Fp 1.2; 1Ts 1.1; 2Ts 1.2; 1Tm 1.2; 2Tm 1.2; Tt 1.4; Fm 3). Além disso, a história da Igreja cristã tem seu princípio no dia de Pentecostes, com o derramamento do Espírito Santo, "a promessa do Pai", anunciada por Jesus (Lc 24.49; At 1.4; 2.33). Não se tem como escopo, aqui, pormenorizar o ensino do NT a respeito do Espírito. Contudo, no sentido lato, a operação de Deus no mundo para santificar e fortalecer os homens é atribuída ao Espírito. Ora, o Espírito é Deus operando no mundo. Dois pontos necessitam de especial menção:

1. Nas passagens anteriormente citadas, o dom do Espírito está em íntima conexão com a elevação de Cristo. Em virtude de Jesus ter passado da morte para seu lugar à mão direita de Deus, é possível ao homem uma vida divina, cheia da energia do Espírito. Isso é confirmado pela doutrina do quarto Evangelho: "o Espírito até aquele momento não fora dado, porque Jesus não havia sido ainda glorificado" (Jo 7.39); "Mas eu vos digo a verdade: Convém-vos que eu vá, porque se eu não for, o Consolador não virá para vós outros [O Paráclito, isto é, o advogado, auxiliador]; se, porém, eu for, eu vo-lo enviarei" (16.7; cf. 14.16,26; 15.26). Essa é apenas outra ilustração do dito a respeito da deificação de Jesus, tendo-se mostrado que a expressão "Espírito de Deus" pode ser trocada por qualquer destas: "Espírito de Jesus", "Espírito de Cristo", "Espírito de Jesus Cristo" (At 16.7; Rm 8.9; Fp 1.19), e que, em 1Jo 2.1, o próprio Jesus Cristo é o "Paráclito". 2. Ao lado da doutrina pela qual o Espírito parece *identificar-se* com a operação de Deus, ou de Cristo na sua exaltação, há uma concepção que *distingue* o Espírito Santo do Pai e do Filho. Essa ideia está identificada nas passagens já mencionadas e se desenvolve nos ensinos de Paulo, se não em uma sólida doutrina, pelo menos em uma quase personificação do Espírito. Sua operação na alma dos crentes é um trabalho pessoal (1Co 2.13; 12.11; Rm 8.9,14,16,26). Ele é igualado com Deus Pai e com Cristo, o Senhor (1Co 12.4-6; Ef 4.4-6). A habitual bênção dual já citada não completa a concepção de Paulo com respeito à Divindade, uma vez que somente ele dá inteira expressão à sua fé com a tríplice fórmula, hoje tão familiar, "A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vós" (2Co 13.13; cf. a fórmula batismal de Mt 28.19). Assim, esses são os dados para a doutrina da Trindade: o reconhecimento de um só Deus, sendo feita, contudo, a distinção, dentro da Divindade, entre Pai, Filho e Espírito. O *problema* quanto à existência de três em um só não está formulado no NT e muito menos resolvido. Tertuliano (c. 200 d.C.) foi o primeiro a usar o termo "Trindade", que não entrou em nenhum credo, antes do chamado Credo de Atanásio (no século V), um documento de autoria desconhecida, grandemente influenciado pela teologia de Agostinho (*De Trinitate*, c. 415 d.C.). A descrição das longas controvérsias, pelas quais foram alcançadas as elaboradas definições desse credo, pertence à história da doutrina. São simples e muito antigas as afirmações do Credo Apostólico, envolvendo de modo geral a crença pré-nicena e a do credo adotado no Concílio de Niceia (325 d.C.) e ainda a do Credo Palestiniano, que foi aumentado no Concílio de Constantinopla (381 d.C.), sendo hoje conhecido pelo nome de Credo Niceno. O motivo da convocação do Concílio de Niceia foi o rompimento da controvérsia ariana

quanto à pessoa do Filho de Deus, na qual Ário e Atanásio foram os protagonistas de um e outro lado: "e o Credo, na plenitude e precisão de suas asserções, plenamente mostra sua origem. De fato, como o preparou o Concílio, o Credo foi mais uma manifestação sobre a divindade e humanidade de Jesus Cristo do que na verdade uma confissão cristã". Tudo o que se segue às palavras "Creio no Espírito Santo" foi acrescentado em 381. O centro de controvérsia existe na expressão "consubstancial ao Pai" (*homoousion*, da mesma substância): a aceitação desta palavra em oposição à fórmula ariana *homoiousion* (de substância semelhante), deu fim à questão, debatida de 325 até 381, triunfando o patriarca Atanásio e sendo determinada a "Fé Católica". A luta, com efeito, foi sustentada para manter a doutrina do NT sobre a pessoa de Jesus Cristo. Harnack expõe o problema, ao dizer: "Aquele que apareceu no mundo em uma união do homem com Deus é divino, identificando-se com o Ser supremo que governa o céu e a Terra, ou é apenas semidivino? É esta a questão decisiva da controvérsia ariana". As sutilezas metafísicas sobre a doutrina da Trindade, nas suas mais amplas expressões, e ainda mais sobre as discussões pelas quais se chegou a essa mesma doutrina, podem trazer confusão e repulsa. Trata-se, simplesmente, de um mistério: "Podes, nas tuas investigações, achar o Ente Supremo? Podes encontrar o Todo-poderoso na sua perfeita luz?". Todavia, essa doutrina nos ajuda a conceber Deus, não como uma Divindade abstrata, mas em toda a plenitude de uma viva e amorosa personalidade concreta, transcendente e, contudo, imanente; absoluta e perfeita e, contudo, manifestou-se criando um mundo que, por seu encarnado Filho, veio remir. Cada um de seus elementos constitutivos, Pai, Filho e Espírito, traz "à alma o pensamento de Deus de um modo diferente, ocupando todos seu divino lugar, enquanto na sua unidade satisfazem eles todas as exigências do nosso instinto religioso".

Trôade. É hoje Eski-Stamboul. Um porto marítimo na Mísia, o principal ponto de embarque e chegada de passageiros entre a Ásia Ocidental e a Macedônia. Dali, Paulo navegou para Filipos por duas vezes, voltando outra vez (At 16.8,11; 20.5,6; 2Co 2.12; 2Tm 4.13). Foi em Trôade que Paulo levantou Êutico da morte durante um discurso prolongado até a meia-noite. Ali, também, passados muitos anos, deixou a capa e alguns pergaminhos na casa de Carpo. Esse porto estava entre boas estradas, ligado a outros lugares da costa e do interior. Fica um pouco ao sul da antiga Troia.

Trófimo. Nativo de Éfeso que acompanhou Paulo em sua terceira viagem missionária, da Macedônia até Jerusalém. Era gentio, e espalhou-se a falsa notícia de que Paulo o havia introduzido no templo, originando um tumulto e a prisão de Paulo, do que resultou, afinal, sua viagem a Roma (At 20.4; 21.29). Paulo, escrevendo de Roma, diz que tinha deixado Trófimo doente em Mileto, perto de Éfeso (2Tm 4.20). Isso certamente não foi um incidente da primeira viagem a Roma, pois nessa ocasião o navio "tinha chegado com dificuldade defronte de Cnido", sendo compelido pelo vento a navegar para o leste de Creta (At 27.7). Mileto fica a 80 km ao norte de Cnido. Desaparece, pois, toda a dificuldade sobre as duas prisões de Paulo e a ele ter feito uma viagem ao Oriente entre elas.

trombeta. Normalmente, era o *shophar* ou chifre de carneiro ou de boi (Js 6.4), ainda em uso entre os judeus nas ocasiões solenes. Menciona-se, também, trombetas de prata, usadas somente pelos sacerdotes (Nm 10.2). V. JUBILEU.

Trombetas, Festa das. A lua nova era celebrada no início de cada mês; mas no princípio do mês de tisri (pelo meado de setembro) havia uma celebração especial, chamada Festa das Trombetas. Havia toque de trombetas e sacrifícios adicionais (Lv 23.24; Nm 29.1). Com a festa, começava o mês sétimo ou sabático do ano religioso, compreendendo ainda esse mês o Dia da Expiação e a Festa dos Tabernáculos. Além disso, era o dia do ano-novo no ano civil. Alguns críticos pensam ser essa a festa mencionada em Jo 5.l.

trono. Cadeira. Nos países em que as pessoas costumavam se sentar no chão ou reclinadas, a cadeira era considerada um símbolo de dignidade (2Rs 4.10; Pv 9.14). Para indicar especialmente um trono real, a expressão geralmente utilizada é "o trono do reino" (Dt 17.18; 1Rs 1.46; 2Cr 7.18). Para subir ao trono de Salomão, havia seis degraus (1Rs 10.19; 2Cr 9.18): era uma cadeira de braços, marchetada de figuras de marfim e guarnecida de ouro nos lugares em que o marfim não era visto. Em Cl 1.16, os "tronos" representam alta hierarquia entre seres angelicais, segundo as representações dos escritores apocalípticos. V. APÓCRIFOS, LIVROS.

trovão. Na Palestina, é muito raro durante os meses do estio. Os hebreus praticamente interpretavam o trovão, dizendo ser a voz do Senhor (Jó 37.2; Sl 18.13; Is 30.30). O trovão era para eles o símbolo do poder divino (Sl 29.3) e da vingança (1Sm 2.10; Ap 8.5). Em certas ocasiões, o trovão se manifestou como sinal ou instrumento da ira de Deus (Êx9.23; 19.16; 1Sm 7.10; 12.18). A expressão "filhos do trovão" (Boanerges, Mc 3.17) parece ser usada em alguns países sobre os gêmeos, mas não se sabe se isso tem alguma relação com o uso que Jesus fez da palavra.

tumores, úlceras. Erupções manifestadas nos egípcios com a sexta praga. É possível que fossem pequenos carbúnculos inflamatórios e dolorosos. Já se tem identificado essa doença com a "lepra preta", uma espécie de morfeia que feriu os magos do Egito de modo tão intenso que não puderam permanecer diante de Moisés. Desde os tempos mais antigos, o Egito foi molestado com a peste bubônica; apresentam-se os inchaços um por um ou aos grupos, nos braços, nas virilhas e no pescoço, quando as glândulas estão inflamadas (Êx9.9,10). V. LEPROSO, ÚLCERA.

U

Ulai. Rio perto de Susã, onde Daniel teve algumas visões (Dn 8.2-16). O Ulai, que os gregos chamam Eulaeus, corria para o Eufrates, um pouco abaixo do local em que ele se une com o Tigre.

úlcera. Ferida que vai supurando e que dura como efeito de causa interna ou local. Em Dt 28.27,35, trata-se, provavelmente, de certos sinais de moléstia cutânea, chamada elefantíase, uma espécie de lepra.
A irritação produzida na pele pela poeira e pelo calor causa muitas doenças purulentas no Egito (Êx 9.9). Em alguns casos, a lepra parece ter sido causada por uma longa sucessão de pequenas úlceras (Lv 13.18), quando já havia tendência para a doença. A opinião de que a terrível enfermidade eruptiva de pele que afastou Jó (2.7) do convívio social era de natureza leprosa é sustentada por algumas autoridades médicas. A palavra hebraica usada para exprimir a sexta praga do Egito tem o sentido de inflamação e é derivada de uma raiz siríaca que significa "estar quente". V. TUMORES.

ungir. A prática de ungir o corpo friccionando- o com óleo e outros unguentos era comum no clima quente da Palestina, tornando-se uma necessidade para saúde, conforto e bom aspecto pessoal. O ungir a cabeça com óleo ou unguento era prova de consideração do hospedeiro para com seus hóspedes (Sl 23.5; Mt 26.7; Lc 7.46; Jo 11.2; 12.3). Quando se punha de lado o costume, era sinal de luto ou desgraça (Dt 28.40; Mq 6.15). O modo de manifestar respeito a um morto era ungi-lo com óleo (Mt 26.12; Mc 16.1; Lc 23.56). V. EMBAL-SAMAMENTO. Isaías (21.5) refere-se ao costume de untar o escudo com azeite antes de o guerreiro ir para a batalha, com o objetivo de fazer deslizar os golpes sobre ele. O óleo era utilizado em vários trabalhos religiosos: o tabernáculo foi dedicado a Deus com o "óleo da santa unção"; foi empregado em Arão e seus filhos, quando consagrados ao sacerdócio, e todas as vezes que um levita ascendia ao lugar de sumo sacerdote, era ungido (Lv 16.32). Saul, por expressa determinação de Deus, foi ungido para exercer seu cargo real, assim como os reis Davi, Salomão, Jeú e Joás. Na verdade, Davi foi ungido três vezes (1Sm 16.13; 2Sm 2.4; 5.3). A expressão "meus ungidos" é equivalente a "meus profetas" em Sl 105.15; 1Cr 16.22. Dessa prática de ungir com óleo os que eram consagrados ao serviço de Deus deriva o título hebraico "Messias" e o seu equivalente grego "Cristo"; Cristo é o "profeta, sacerdote e rei", ungido na verdade com o Espírito Santo e com virtude (At 10.38). Também se diz dos que seguem Cristo que são "ungidos" por Deus (2Co 1.21; 1Jo 2.20,27).

unguento. Em Êx 30.25, diz-se "o óleo sagrado para a unção". O unguento, ou bálsamo, com o qual Jesus foi ungido era produto do nardo (Mt 26.7; Jo 12.3). V. UNGIR, AZEITE.

Ur. 1. "Ur dos caldeus" é uma cidade mencionada na Bíblia como a terra de Tera, pai de Abraão; dali ele emigrou para Canaã com Abraão, Ló e Sara (Gn 11.28,31; 15.7). Provavelmente o lugar deve ser identificado com Uru de Babilônia, que é hoje Tell Mugheir, sobre a margem oeste do rio Eufrates, cerca de 200 km distante do golfo Pérsico.
2. Valente de Davi (1Cr 11.35).

Urias. *O Senhor é um fogo.* 1. Capitão de Davi e marido de Bate-Seba (2Sm 11.3- 26; 12.9-15; 1Rs 15.5; 1Cr 11.41). Era um heteu convertido ao judaísmo. Sua esposa, muito formosa, era

filha de Eliã, oficial do rei Davi (2Sm 11.3; 23.34). Quando Urias estava no campo de batalha sob as ordens de Joabe, que combatia os amonitas, Bate-Seba foi vítima da paixão de Davi; e, para ocultar sua própria infâmia, este tratou primeiro de chamar Urias à sua pátria; como esse plano falhou, ordenou que o pusessem em uma arriscadíssima expedição militar para morrer. Depois do tempo de luto, Bate-Seba casou com o rei. Urias era oficial correto e dedicado, homem de alto caráter. O ato de ele recusar o conforto da sua casa, pois seus companheiros sofriam as durezas da guerra, manifesta suas boas qualidades de valente e leal. V. BATE-SEBA, DAVI.

2. Sacerdote que edificou um altar idólatra para Acaz, segundo o modelo desse rei (2Rs 16.10-16); também, uma testemunha de Isaías (Is 8.2).

3. Sacerdote do tempo de Neemias e pai de Meremote (Ed 8.33; Ne 3.4).

4. Sacerdote que se pôs à direita de Esdras, enquanto o livro da restabelecida Lei era lido (Ne 8.4).

5. Profeta, filho de Semaías. O rei Jeoaquim ordenou que fosse morto, pois profetizara o mal para o país e especialmente para Jerusalém. Conseguiu fugir para o Egito, mas foi descoberto e trazido a Judá por Elnatã. Ali foi morto, e seu corpo, lançado na sepultura comum (Jr 26.20-23).

Urim e Tumim. *Luzes e perfeições.* Como há muita dúvida sobre esses nomes, é bom examinar a Escritura sobre o assunto: "Também porás no peitoral do juízo o Urim e o Tumim, para que estejam sobre o coração de Arão, quando entrar perante o Senhor" (Êx 28.30; cf. Lv 8.8). Há, aqui, uma alusão a pequenos objetos, em conexão com a interpretação da vontade de Deus por meio do sumo sacerdote, estando esses objetos guardados em uma dobra do peitoral. Parece que se trata de pedras, usadas como sortes, ou talvez uma única pedra com duas faces sobre as quais estivessem gravados os termos Urim e Tumim. Na "bênção de Moisés" (Dt 33.8), o privilégio de possuir o "Tumim e o Urim" é recebido pela tribo de Levi. Em outras passagens, há referências expressas ao Urim e ao Tumim como meios de adivinhação. Na divina designação de Josué para sucessor de Moisés, lê-se: "Apresentar-se-á perante Eleazar, o sacerdote, o qual por ele consultará, segundo o juízo do Urim, perante o Senhor" (Nm 27.21). O que levou Saul a consultar a feiticeira de En-Dor foi que, quando Saul consultou o Senhor, este "não lhe respondeu; nem por sonhos, nem por Urim, nem por profetas" (1Sm 28.6). Nos dias de Esdras e Neemias, o método tinha caído em desuso; por isso, Zorobabel adiou sua decisão sobre o direito de certas famílias ao sacerdócio, "até que se levantasse um sacerdote com Urim e Tumim" (Ed 2.63; Ne 7.65).

Pode dizer-se que, provavelmente, o mesmo método de adivinhação tenha sido empregado em alguns casos em que o Urim e o Tumim não são expressamente mencionados (v. Js 7.14-18; Jz 20.28; 1Sm 10.20-24; 2Sm 2.1; 5.19,23).

Desse modo, o Urim e o Tumim eram o meio de apelar, pela sorte, para a vontade ou o conhecimento de Deus quando havia duas alternativas, sendo isso naturalmente uma prerrogativa dos sacerdotes.

Ursa. V. ÓRION.

urso. *O que corre suavemente.* Em tempos muito antigos, a Palestina era coberta de florestas onde ursos e outras feras procuravam abrigo e alimento. A frequência de sua menção mostra que o

urso fora um animal comum, embora atualmente muito raro. Usa-se diversas vezes como símile a ferocidade do urso (2Sm 17.8; Pv 17.12; Os 13.8). O urso siríaco é diferente do preto da Europa por ter pernas mais curtas, cor amarelada e garras menores; come alimento animal quando forçado. Na visão de Daniel, simbolizava o reino medo-persa e anunciava o caráter destruidor dos conquistadores. O profeta Isaías, em uma admirável descrição da mudança do coração por efeito das doutrinas que Cristo haveria de pregar, apresenta o urso, animal feroz e em parte carnívoro, em companhia da vaca, alimentando-se ambos das mesmas pastagens (Is 11.7; 1Sm 17.34-37; Pv 28.15; Lm 3.10; Dn 7.5; Am 5.19; Ap 13.2). V. ELISEU.

urtiga. Planta associada com sarças e espinhos, encontrada em lugares incultos e desprezados. Os desterrados do tempo de Jó ajuntavam-se "debaixo dos espinheiros" (Jó 30.7); plantas que crescem até 1,80 m de altura perto do mar Morto. Salomão observou que o jardim dos preguiçosos "estava cheio de espinhos, a sua superfície coberta de urtigas" (Pv 24.31). Quatro espécies da planta são conhecidas na Palestina, incluindo a pequena urtiga e a romana.

usura. As leis sobre as dívidas tinham muitas particularidades segundo as circunstâncias dos judeus. Todo proveito, juro ou benefício além do valor do dinheiro ou objeto era proibido entre os hebreus, embora pudessem ser recebidos juros de estrangeiros. Esse regulamento tinha a intenção de conservar a maior parte da nação na média condição de vida, que é, na verdade, a mais feliz.

As leis mosaicas eram tão opostas aos hábitos e práticas do pauperismo quanto da grande acumulação de propriedade. Parece que os judeus aprenderam a usura durante o cativeiro, embora fosse proibida pela Lei (Lv 25.36,37; Ez 18.8,13,17). O montante do juro era provavelmente de 1% ao mês (Ne 5.11) ou de 12% ao ano. Depois da volta do cativeiro, os pobres se queixavam de seus irmãos mais ricos (Ne 5.1-15), os quais foram publicamente censurados por Neemias (v. 6-13). Reconheceu-se que a censura era justa e fez-se a restauração. Embora o exílio na Babilônia os tivesse curado do mal da idolatria, entregavam-se muito ainda a atos de ambição e opressão; por meio de hipotecas, os mais ricos se apossavam das terras e até das pessoas em troca de alimentos e outras coisas necessárias. Entre os egípcios, o juro acumulado nunca deveria exceder duas vezes a importância da quantia emprestada.

Uzá. *Força.* 1. Filho de Abinadabe (2Sm 6.3). Depois que os filisteus, receosos de conservar a arca por mais tempo em seu poder, a tinham mandado embora, ela esteve durante muitos anos na casa de Uzá, em Quiriate-Jearim. Como Davi resolveu removê-la para Jerusalém, Uzá e seu irmão Aiô iam com o carro que a transportava (1Cr 13.7). Chegando a arca à eira de Quidom, inclinou-se muito em certa ocasião, e Uzá, para evitar sua queda, a susteve com as mãos, caindo logo morto (1Cr 13.10).

A morte de Uzá causou tal impressão que a arca não foi levada mais longe, e o nome do lugar mudou para Perez-Uzá, "infração de Uzá" (2Sm 6.8; 1Cr 13.11).

2. Certo indivíduo, em cujo jardim foram sepultados dois reis de Judá, chamados Judá e Manassés (2Rs 21.18,26). Talvez a palavra deva ser corrigida para Uzias, o rei.

3. Descendente de Merari (1Cr 6.29).

4. Benjamita (1Cr 8.7).

5. Indivíduo cujos descendentes, uma família de netineus, voltaram à Palestina com Zorobabel (Ed 2.49; Ne 7.51).

Uzias. *O Senhor é minha força.* 1. Rei de Judá e filho do assassinado rei Amazias, que fora posto no trono pelo povo aos 16 anos (2Cr 26.1ss). Foi um rei sábio que fortaleceu e consolidou sua nação durante um longo reinado de cinquenta e dois anos (808/809 a 756/757 a.C.). Também é conhecido como Azarias. Sua primeira e bem-sucedida campanha foi contra os edomitas, de quem tirou Elate (v. elATe), que eles arrancaram das fracas mãos de Jorão, oitenta anos antes. Esse porto importante do golfo de Ácaba foi fortificado por ele e transformado em centro de comércio com os estrangeiros (2Rs 14.21; 2Cr 26.1-3). Em seguida, levantou-se contra os filisteus e certas tribos árabes do Sul, derrotando-os e impondo-lhes tributos. Os amonitas também foram compelidos, por prudência ou necessidade, a enviar presentes a Uzias (2Cr 26.6-8). Esse rei também fortaleceu grandemente as defesas de Jerusalém, construindo sobre as muralhas novos e terríveis engenhos de destruição. A invenção da catapulta e da balista para o arremesso de grandes pedras e dardos é atribuída a Uzias (2Cr 26.15). Essas máquinas de guerra foram representadas nas esculturas assírias. Uzias ainda equipou um exército, que se diz ter sido de 307.500 homens, com as melhores armas da época, tornando-se temido das nações circunvizinhas (2Cr 26.7,8). Para beneficiar o povo, mandou abrir poços e incentivou a agricultura, dando ele próprio o exemplo ao cultivar campos e plantar vinhas. Edificou torres para proteger os rebanhos e manadas contra ladrões e feras (2Cr 26.10). Uzias foi um adorador do Senhor firme e verdadeiro, procurando os conselhos do profeta Zacarias (2Cr 26.5); mas tornou-se altivo, e seu orgulho trouxe sobre ele um terrível castigo. Intentou queimar incenso sobre o altar de Deus, ato praticado somente pelo sumo sacerdote, mas o sumo sacerdote Azarias e alguns outros fizeram-lhe forte oposição. Irado com a resistência dos sacerdotes, procurou satisfazer seu desejo à força, mas Deus o feriu de lepra (2Rs 15.5; 2Cr 26.16ss). Por causa dessa doença, teve de abandonar seu palácio e viver fora da cidade, governando como regente seu filho Jotão. Quando morreu, foi sepultado em um sepulcro especial (2Cr 26.23). V. AZARIAS.

2. Filho de Uriel, levita e ascendente de Samuel (1Cr 6.24).
3. Superintendente de Davi (1Cr 27.25).
4. Sacerdote casado com mulher estrangeira no tempo de Esdras (Ed 10.21).
5. Pai de Ataías (Ne 11.4).

Uziel. *Força de Deus.* 1. Filho de Coate e neto de Levi, cujos descendentes foram chamados uzielitas (Êx 6.18,22; Lv 10.4; Nm 3.19,30; 1Cr 6.2; 23.12,20).
2. Filho de Isi e capitão do exército, que foi com 500 companheiros em uma expedição contra os amalequitas do monte Seir. Os amalequitas foram repelidos, e Uziel tomou posse do país do inimigo (1Cr 4.42).
3. Neto de Benjamim (1Cr 7.7).
4. Filho de Hemã, posto por Davi no serviço do canto (1Cr 25.4). No v. 18, é chamado Azarel.
5. Levita que ajudou o rei Ezequiel na purificação do templo (2Cr 29.14).
6. Ourives que participou da construção dos muros de Jerusalém (Ne 3.8).

uzielitas. *A família de Uziel.* Era constituída por 112 pessoas quando Davi transportou a arca para Jerusalém (1Cr 15.10). O chefe da casa era Aminadabe (Nm 3.27; 1Cr 26.23).

V

vaca. Mencionada nos dias de Jacó, na Palestina, e nos do faraó, no Egito, como animal doméstico (Gn 32.15; 41.1-4). Em Canaã, os israelitas tinham numerosas vacas (Dt 7.13; 28.4). Uma vaca e seu bezerro não deviam ser mortos no mesmo dia (Lv 22.28; cf. Êx23.19; Dt 22.6,7).

vaidade. Palavra que na Bíblia nunca tem significado de desvanecimento e orgulho, mas quase sempre de vacuidade. A expressão conhecida "vaidade de vaidades" literalmente quer dizer "sopro de sopros", ou "vapor de vapores" (Ec 1.2). Em Is 41.29 e Zc 10.2, "vácuo" e "vazias" são traduções de uma palavra que significa tristeza e iniquidade.

vale. A Palestina é um território de montes e vales, por isso encontramos muitas povoações com o nome do vale ou serra onde foram fundadas. Geralmente, quando se menciona um vale, com mais propriedade pretende-se dizer "desfiladeiro" ou "ravina", uma vez que a natureza abrupta e pedregosa dos montes da Palestina e a estreiteza do espaço entre muitas serras tornam esses nomes mais apropriados. Em alguns lugares, o vale representa a Sefelá, ou terra baixa, território ondulado entre a região montanhosa e a planície marítima (Js 9.1; 10.40; 1Rs 10.27). V. PALESTINA.

vale da Bęnção. Lugar em que o rei Josafá deu louvores a Deus (2Cr 20.26).

vale da Visão. (Is 22.1,5). Expressão ininteligível, mas deve referir-se a Jerusalém. Assim, chama-se a cidade de Jerusalém um "vale", pois, embora edificada sobre montes, era dominada por alturas circunjacentes ainda maiores, com vales entre elas; ou talvez porque um vale é uma depressão solitária e tranquila no meio de montanhas. Na verdade, Jerusalém era um lugar pacífico e abrigado, fechado para o mundo, mas escolhido pelo Senhor para mostrar os segredos de seu governo universal a seus profetas. O vale da Visão era um lugar onde se manifestava a presença de Deus.

vale do Sal. Lugar na vizinhança de Petra (Sela), onde Davi e Amazias derrotaram e mataram um grande número de edomitas (2Sm 8.13; 2Rs 14.7; 1Cr 18.12; 2Cr 25.11; Sl 60, título).

vale dos Artífices. Lugar talvez fundado por Joabe (1Cr 4.14), também chamado de Gearashim. Em Ne 11.35, menciona-se a povoação como novamente habitada pelos benjamitas depois do cativeiro. Localizava-se no chão ondulado da planície de Sarom, a leste de Jafa.

vaso. Os hebreus tinham muitas formas desse objeto. Além do simples vaso de barro ou metal, havia a panela para cozer carne (Êx16.33). Outras vezes trata-se de uma grande bacia, também utilizada para lavar (Sl 60.8, TB). Outra palavra era *cheres*, utensílio usado para cozer qualquer coisa em fogo lento (Ez 4.9, TB). O *dud* era outro item de cozinha. O saf (Êx 12.22) era empregado para guardar o sangue com que eram borrifados os umbrais das portas. O *kiyyor* (Êx30.18) era uma pia de lavar. Mas tanto *kiyyor* como *saf* eram termos que designavam os utensílios usados no ritual religioso. V. OLARIA.

Vasti. *O mais excelente.* Rainha que o rei persa Assuero (Xerxes) depôs, elevando depois Ester à posição de sua esposa (Et 1.9-19; 2.1-17). Vasti se recusara a comparecer diante dos convidados à mesa real, ato de audácia para aquele tempo, não adequado a uma mulher. Sua recusa, embora

natural, encolerizou Assuero de tal modo que a exonerou de seu alto posto. Nada mais se sabe a respeito dela. V. ESTER.

vau. O principal vau do Jordão ficava perto de Jericó (Js 2.7; Jz 3.28; 2Sm 19.15). Há, também, os vaus do rio Jaboque (Gn 32.22) e Arnom (Nm 21.13; Is 16.2).

veado. Animal mencionado entre os permitidos na alimentação (Dt 12.15; 14.5; 15.22). Era o provimento de Salomão para cada dia (1Rs 4.23), mostrando ser parte da alimentação regular daqueles que podiam obtê-lo. A palavra hebraica compreendia diversas espécies de caça brava (gamos, cervos, veados, corças) encontradas na Palestina. A corça é designada mais vezes em certas expressões poéticas. Fala-se da "corça de amores" no livro de Provérbios (5.19) e há referência à velocidade e agilidade desses animais em Gn 49.21; 2Sm 22.34; Is 35.6. Suas características são o cuidado pelos filhotes e a extrema timidez. Essa timidez algumas vezes provoca aborto nas cervas após um repentino sobressalto; contrariando a prática comum, elas se retiram para lugares ocultos e ali dão à luz as pequenas criaturas. Conhecer os hábitos desses animais dá nova força a certas passagens como Jó 39.1 e Sl 29.9.

veneno. A Bíblia menciona o veneno de áspides (Jó 20.16), de serpentes (Dt 32.24) e de répteis e víboras (Dt 32.33). V. fel. A má conduta e as más palavras são comparadas ao veneno, ou peçonha, pois são nocivas e perniciosas para a alma e o corpo dos homens (Dt 32.33; Sl 58.4; Rm 3.13; Tg 3.8). Os desígnios de Deus, nos infortúnios dos homens, também são julgados semelhantes ao veneno destruidor (Jó 6.4; 20.16). As setas venenosas são conhecidas desde os tempos mais antigos, e Jó parece referir-se a seu uso (6.4). O envenenamento por qualquer forma não era um vício judeu, embora houvesse químicos hábeis entre seus botânicos, certamente familiarizados com muitas substâncias venenosas. V. VÍBORA.

vento. Os hebreus reconheciam os quatro principais ventos: norte, sul, leste e oeste, como vindos dos quatro pontos cardeais. O vento norte limpa o ar; o sul aquece e amadurece as colheitas; e, como os dois restantes são tempestuosos, o leste vindo do deserto é muito seco e faz murchar as ervas; o oeste traz chuvas fortes. O vento norte era fresco e úmido, e Salomão menciona suas qualidades benéficas (Ct 4.16). Jó (1.19) descreve a violência do vento leste (v. tb. Is 21.1; Jr 4.11; Zc 9.14). O mar de Tiberíades está sujeito a repentinas tempestades, por ser rodeado de altos terrenos. V. GALILEIA, MAR DA; PALESTINA, CLIMA DA.

vermelhão. O antigo vermelhão era, provavelmente, óxido de chumbo ou talvez bissulfato de mercúrio muito empregado em obras de decoração, nos tetos ou pinturas de imagens (Jr 22.14; Ez 23.14). A cochonilha é abundante no norte da Arábia e pode ter sido usada para dar à tinta a cor do vermelhão, sendo essa tinta empregada para tingir objetos.

vespa. Nas três passagens que mencionam vespas, os vespões são instrumentos do Senhor para castigar os cananeus e tirá-los de suas habitações: "Também enviarei vespas diante de ti, que lançarão fora os heveus, os cananeus e os heteus" (Êx 23.28). V. Dt 7.20; Js 24.12. A espécie mais comum na Palestina é a vespa orientalis, distinta da espécie conhecida no oeste da Europa. Há cerca de 50 espécies no Sinai e em lugares circunvizinhos do Egito e da Arábia.

vestimenta. José usou uma vestimenta de linho fino quando o faraó o elevou a primeiro-ministro (Gn 41.42). Faziam-se mantos com franjas para uso dos filhos de Israel (Nm 15.38,39; Dt 22.12). Os que prestavam culto a Baal usavam vestimentas próprias (2Rs 10.22). Com respeito às vestes dos sacerdotes segundo a Lei mosaica, v. Êx28.40-43; 39.27-29; e, quanto às do sumo

sacerdote, Êx28 e 29. A vestimenta de Jesus, sobre a qual os soldados lançaram sortes para ver com quem ficaria (Mt 27.35; Jo 19.24), era a túnica comum sem costura, usada por todos no Oriente. V. TB. VESTUÁRIO, JESUS, SACERDOTE.

vestuário. O mais antigo foi feito de folhas de figueira costuradas para formar uma cinta (Gn 3.7); depois foram usadas peles. A vestidura de Elias era feita de pele de ovelha ou algum outro animal, sem tirar a lã (2Rs 1.8). A arte de tecer pelos de animais era conhecida dos hebreus desde tempos muito remotos (Êx 26.7; 35.6); o saco penitencial, usado em ocasiões de tristeza, era feito de pelo de cabra preta. O vestuário de João Batista era de pelos de camelo (Mt 3.4). Em todos os tempos, a lã foi muito empregada, particularmente nas vestes exteriores (Jó 31.20; Pv 27.26; 31.13). O linho fino era usado nas vestes dos principais sacerdotes (Êx 28.5), assim como pelas classes ricas (Gn 41.42; Pv 31.22; Lc 16.19). A seda foi introduzida muito mais tarde (Ap 18.12). Era proibido pela Lei usar qualquer tecido em que houvesse mistura de lã e linho (Lv 19.19; Dt 22.11), provavelmente para fortalecer a ideia de pureza e simplicidade. A cor geral do vestuário dos hebreus era o branco natural, realçado, em alguns casos, pela arte do lavandeiro. A referência ao fio encarnado (Gn 38.28) faz supor que a arte de tingir já era conhecida nesse tempo. Os hebreus aprenderam com os egípcios vários métodos de produzir estofos, embelezados com o uso de fios coloridos (Êx 35.25), estola de ouro (Êx28.6) e figuras no tecido (Êx26.1,31; 36.8,35). As vestes confeccionadas com fios de ouro (Sl 45.13) e, posteriormente, com fios de prata eram usadas pela realeza; quanto aos ricos, suas vestes eram de outras espécies de bordado (Jz 5.30; Sl 45.14; Ez 16.13). Vestimentas tingidas eram importadas de países estrangeiros (Sf 1.8); a púrpura e o escarlate eram usados em certas ocasiões pelas pessoas luxuosas (Pv 31.22; Lc 16.19; 2Sm 1.24). O árabe moderno se veste como o antigo hebreu, com vestes flutuantes. Há uma veste exterior, quente e pesada, e outra interior, de tecido leve. Havia certa semelhança entre o vestuário masculino e o feminino, embora com diferença suficiente para indicar o sexo: "A mulher não usará roupa de homem, nem o homem, veste peculiar à mulher" (Dt 22.5). Era necessário o artigo semelhante à nossa camisa, feito de lã, algodão ou linho, e preso ao corpo com um cinto. Quando qualquer pessoa aparecia somente com essa roupa, dizia-se que estava nua (1Sm 19.24; Jó 22.6; Is 20.2; 58.7; Jo 21.7; Tg 2.15). Sobre essa espécie de túnica vestia-se outra mais comprida. A veste exterior comum consistia em uma peça quadrangular de lã. Envolvia todo o corpo ou era posta sobre os ombros, como um chale, ou ainda lançada sobre a cabeça para cobrir a face (2Sm 15.30; Et 6.12).

As mulheres usavam a mesma espécie de camisa, mas suas vestes exteriores eram diferentes, compreendendo também uma espécie de chale e um véu, e terminavam em uma ampla franja que escondia os pés (Is 47.2; Jr 13.22).

A veste exterior dos hebreus também era utilizada como roupa de cama, por isso um credor não a podia conservar em seu poder depois do pôr do sol (Êx 22.26; Dt 24.12,13). O costume de empenhar as vestes parece ter sido muito comum. As vestes largas, flutuantes, dos hebreus davam lugar a uma variedade de ações simbólicas: o rasgar das roupas expressava várias emoções, como desgosto (Gn 37.29, 34; 2Sm 1.2; Jó 1.20), medo (1Rs 21.27; 2Rs 22.11,19), indignação (2Rs 5.7; 11.14; Mt 26.65), desespero (Jz 11.35; Et 4.1). Geralmente, apenas a veste exterior era rasgada (Gn 37.34; Jó 1.20; 2.12); mas, em certos casos, a interior (2Sm

15.32); e outras vezes tanto uma quanto outra (Ed 9.3; Mt 26.65). Sacudir as vestes ou o pó era sinal de rejeição (At 18.6); estendê-las diante de uma pessoa significava lealdade e recepção alegre (2Rs 9.13; Mt 21.8); envolver o rosto com elas manifestava temor (1Rs 19.13) ou dor (2Sm 15.30; Ed 6.12; Jr 14.3,4); arremessá-las de si era indício de excitação (At 22.28); segurá-las queria dizer súplica (1Sm 15.27; Is 3.6; 4.1; Zc 8.23). Durante as viagens, as vestes exteriores eram cingidas (1Rs 18.46), e lançadas fora quando impediam os movimentos do corpo (Mc 10.50; Jo 13.4; At 7.58). A expressão "tens roupa" (Is 3.6) indicava abastança, porque as mudanças de roupa constituíam um dos muitos elementos de riqueza (Jó 27.16; Mt 6.29; Tg 5.2). As mulheres da casa faziam as vestes (Pv 31.22; At 9.39), pois, em virtude da grande simplicidade do corte, não era preciso grande arte para confeccioná-las. O profeta Isaías (3.16) refere-se à extravagância no vestuário (v. tb., Jr 4.30; Ez 16.10; Sf 1.8; 1Tm 2.9; 1Pe 3.3).

véu. O véu ainda é uma particularidade do vestuário da mulher no Oriente. Rebeca cobriu o rosto quando viu Isaque pela primeira vez (Gn 24.65). Moisés velou a face quando desceu do monte e falou ao povo (Êx34.33-35), provavelmente usando sua capa. Em Rt 3.15 e Is 3.22, talvez haja referência ao véu grosseiro que cai pelas costas das mulheres beduínas, usado para levar toda espécie de coisas.

víbora. Réptil mencionado três vezes no AT (Jó 20.16; Is 30.6; 59.5). No NT, a palavra traduzida por "víbora" significa, na verdade, qualquer serpente venenosa (Mt 3.7; 12.34; 23.33; Lc 3.7). O animal que se prendeu à mão de Paulo, supõe-se que era a espécie comum *vipera aspis* (At 28.3).

vida eterna. V. ETERNA, VIDA.

videira. V. VINHA.

vidro. A invenção do vidro é de época remotíssima, existia em 2000 a.C., embora a única referência no AT seja a de Jó 28.17, com o nome de cristal. O brilho e a transparência do vidro fazem parte das imagens de Apocalipse (4.6; 15.2; 21.18,21). A arte de fazer espelhos com vidro coberto de mercúrio ainda não era conhecida, ou, pelo menos, não praticada. Os espelhos eram feitos de metal polido; cf. Êx38.8; Jó37.18; Is 3.23; 1Co 13.12; 2Co 3.18 e Tg 1.23. Esses espelhos estavam sujeitos a muitas imperfeições, de modo que a frase "agora vemos como em espelho" quer dizer obscuramente, indistintamente.

vigilante. Mensageiro celestial (Dn 4.13), implicando a divina vigilância sobre os negócios do homem. No livro de Enoque (V. APÓCRIFOS, LIVROS), usa-se a mesma palavra para os arcanjos e também anjos decaídos que desprezaram seu dever de vigiar. V. ANJO.

vigília. Os judeus dividiam a noite em três vigílias: a primeira, "princípio das vigílias" (Lm 2.19), do pôr do sol às 22 horas; a segunda, "a vigília média" ou da meia-noite (Jz 7.19), das 22 horas às 2 horas; e a terceira, a "vigília da manhã" (1Sm 11.11), das 2 horas até a alvorada. Posteriomente, a noite era dividida segundo o costume dos romanos, em quatro vigílias (das 18 horas às 6 horas da manhã) de três horas cada uma (Mt 14.25; Lc 12.38). Em Mc 13.35, as quatro vigílias são designadas por seus nomes especiais. V. DIA, HORA, TEMPO.

vilas. As vilas da Palestina geralmente estavam agrupadas em volta das muralhas de uma cidade fortificada. Entretanto, elas próprias não tinham muros ou outra proteção, esperando os habitantes rurais que sua forte vizinha os defendesse nas ocasiões de perigo. Como podiam ser

abandonadas em qualquer momento de ataque, as casas das vilas eram de construção leve, com paredes de barro e tetos de colmo. Hesbom e Jazer, pertencentes aos amorreus, com suas pequenas povoações em volta, eram exemplo de cidades fortes (Nm 21.25ss, TB). Além de não ter muros, posteriormente a vila também não tinha nenhuma sinagoga, mas um serviço religioso na sinagoga da cidade quando os aldeões iam ali para tratar de negócios. V. CIDADE.

vinagre. Produto da fermentação acética do vinho. Boaz disse a Rute que se aproximasse e molhasse seu pão no vinagre (vinho) com os segadores (Rt 2.14). Os trabalhadores da Palestina ainda molham o pão de modo semelhante. O nazireu não devia beber "vinagre do vinho" ou "vinagre de bebida forte" (Nm 6.3), proibição válida também para João Batista (Lc 1.15). O vinagre dado ao Salvador na cruz era a posca, uma bebida comum aos soldados romanos (Jo 19.28-30), uma espécie de vinho azedo, de baixo custo, diluído em água. Jesus já recusara a estupefaciente mistura de vinho e mirra, ou fel (Mt 27.34; Mc 15.23).

vinda de Cristo, segunda. Ainda que a expressão não ocorra no NT, o acontecimento a que se refere teve proeminente importância na fé e esperança da igreja primitiva. A ideia do AT quanto ao "Dia do Senhor" (Jl 1.15; 2.11), principalmente como dia de juízo (cf. Sl 50.1-6), identificou-se com a da vinda de Jesus Cristo para julgar o mundo (At 17.31), restaurar todas as coisas e, especialmente, confirmar e completar a salvação dos crentes. Geralmente, essa "vinda" é conhecida como *parousia*, isto é, presença, pensamento de chegada, além de revelação ou manifestação (v. 2Ts 2.8, em que as ideias se combinam).
Não há dúvida de que, na pregação apostólica e na fé dos primeiros cristãos, a *parousia* era considerada iminente. Primeiro, Paulo a esperava durante sua própria vida (1Co 15.51; 1Ts 4.15); a expectativa desse fato é sua constante inspiração e base de apelação (1Co 1.7,8; 7.29-31; Fp 1.10; 2.16; 1Ts 1.10; 2.19; 3.13; 4.13- 5.11; cp. Hb 10.25; 1Jo 2.18). De algum modo, essa crença deve ter-se baseado nos ensinamentos de Jesus Cristo, talvez erradamente quanto ao *tempo*, seguramente quanto ao *fato*, pois cita as palavras de Jesus, que declarou estar próximo o reino de Deus (Mc 1.15) e que, repetidas vezes, na mesma linguagem da visão de Daniel, anunciou a vinda do Filho do homem (Mc 8.38; 13.26; 14.62). O lado moral do ensinamento é manifesto para incutir fidelidade, paciência e vigilância (Mc 13.9,33-37; Lc 12.33-36; 18.8); e há avisos de que a vinda poderia demorar (Mc 13.5; Lc 12.45). Todavia, em outras falas de Jesus Cristo sobre a "vinda do Filho do homem", não se distingue claramente se o acontecimento ocorreria dentro daquela geração (Mt 10.23; Mc 9.1; 13.30); e essa ideia não pode modificar-se com a linguagem de Mc 13.10 (cp. Cl 1.6,23). Parece-nos, então, que a nossa concepção da *parousia* anunciada por Cristo deve, pelo menos, alargar-se para encontrar um cumprimento no Pentecostes, outro na queda de Jerusalém, e para dar lugar a um consequente desenvolvimento da nova fé, com a esperança de uma intervenção de Deus assinalada na história da humanidade para o triunfo final de seu reino.

vinha, videira. A primeira vinha citada está em conexão com o monte Ararate, talvez sua primeira localização, onde Noé a plantou (Gn 9.20). As vinhas eram conhecidas no Egito, como no sonho do copeiro-mor do faraó (Gn 40.9,10) e de sua destruição pelo granizo (Sl 78.47). A extensão e importância da cultura das vinhas mostram-se abundantemente em monumentos que representam, pela pintura e escultura, todo o processo de tratar as videiras (usualmente

sobre varas, sustentadas por colunas), de colher o fruto e convertê-lo em vinho. Em linguagem profética, o próprio povo de Israel era uma vinha trazida do Egito (Sl 80.8). Rabsaqué, em suas palavras injuriosas aos judeus, no reinado de Ezequias, oferece levá-los para uma terra como a deles, "terra de cereal e de vinho, terra de pão e de vinhas" (2Rs 18.32). A cultura das videiras em Canaã antes da invasão dos hebreus é manifesta por certos incidentes, como o encontro de Abraão e Melquisedeque, a narrativa dos espias e as alusões de Moisés à herança prometida (Gn 14.18; Nm 13.20,24; Dt 6.11). Mesmo naquele período primitivo, o território em que esse ramo da agricultura alcançou sua mais alta perfeição no sul da Palestina pode ser conhecido pela promessa patriarcal a Judá: "Ele amarrará o seu jumentinho à vide, e o filho da sua jumenta, videira mais excelente"; e também o bem-amado José é comparado ao "ramo frutífero junto à fonte; seus galhos se estendem sobre o muro" (Gn 49.11,22). O vale de Escol (cacho de uvas) proporcionou aos espias belíssimos cachos de uvas levados a Moisés, e recebeu seu nome dessa circunstância (Nm 32.9). O vale de Soreque (vinha), Timna, na planície da Filístia, tinha fama semelhante (Jz 14.5; 15.5; 16.4). Do mesmo modo também a planície das vinhas (Abel-Queramim), a leste do rio Jordão (Jz 11.33). Mais tarde, as vinhas do En-Gedi, na costa ocidental do mar Morto, eram mencionadas de modo especial (Ct 1.14); e Jeremias lamenta a destruição das vinhas moabitas de Sibma (Jr 48.32). O vinho de Helbom, no Antilíbano, era exportado para Tiro (Ez 27.18); e Oseias alude ao aroma do "vinho do Líbano" (14.7). É desnecessário citar passagens que mostram o valor da videira e de seu produto na Palestina, durante toda a história do AT e NT, e quão excelente e abundante era a vinha na Síria. Basta mencionar as promessas originais feitas aos israelitas antes de eles formarem uma nação, a beleza da linguagem figurada nos salmos e nas profecias, e o fato de em umas cinco parábolas do grande Mestre haver referência às videiras e sua cultura. Há circunstância de se encontrarem umas 12 palavras nas línguas hebraica e grega, principalmente na primeira, para designarem essa planta e seus usos igualmente significativos.

Os antigos habitantes da Palestina imitaram os egípcios no tratamento das parreiras, sendo a uva emblema de prosperidade e paz. O tipo de solo ensinou os cananeus e seus sucessores a formar terraços próprios. Nos pátios das casas grandes e pelas paredes das casas de campo, as videiras estendiam suas gavinhas; provavelmente também as deixavam subir em volta das figueiras e outras árvores. As videiras são cultivadas ao norte, e provavelmente o foram também em tempos antigos, ao longo de terrenos planos, apenas com um pequeno apoio (Sl 80.10; 128.3; Ez 17.6). As vinhas eram então, como hoje, cercadas de muros toscos ou de uma sebe, ou por ambos (Is 5.5; Mc 12.1). Entre muros dessa espécie, Balaão ia montado na jumenta. Cabanas de construção grosseira eram feitas para os guardadores das vinhas, como nos tempos do AT, e edificadas "torres", de onde se podia vigiar para evitar depredações do homem ou de animais, como o javali e os chacais (Sl 80.18; Ct 2.15; Is 1.8; 5.2; Mt 21.33). O tempo da vindima no outono e o da ceifa do trigo que a precedia eram ocasiões de especial regozijo (Is 16.10; Jr 25.30). Os preparativos gerais estão descritos na parábola de Isaías (cap. 5) e na de Jesus Cristo (Mc 12.1-9). Era permitido aos pobres fazer a respiga nas vinhas e searas (Lv 19.10). Os podadores também pertenciam às classes pobres (Is 61.5). As vinhas, como os campos de trigo, tinham seu ano sabático, isto é, a cada sete anos a terra era lavrada, mas não semeada (Êx 23.11; Lv 25.3ss).

Na linguagem figurada da Escritura, a videira é emblemática do povo escolhido, das bênçãos na dispensação evangélica e também daquele em quem a igreja vive e cresce por meio de seus vários membros, e do sangue derramado na cruz para resgatar a humanidade (Is 5.7; 55.1; Mt 26.27-29; Jo 15.1). O ato de pisar uvas no lagar é emblemático dos juízos divinos (Is 63.2; Lm 1.15; Ap 14.19,20). V. VINHO, LAGAR DE VINHO.

vinho. O sumo das uvas produzia diversas espécies de vinho. Quando pisadas no lagar, o sumo das uvas corria para uma cuba. Esse sumo chamava-se "vinho novo"; e os judeus bebiam-no nesse estado, mas pouco tempo depois iniciava a fermentação. O vinho fermentado tinha diversos nomes. Uma parte pouco melhor que o vinagre formava a bebida comum dos operários ou trabalhadores do campo durante o calor da colheita (Rt 2.14); esse foi o vinho fornecido por Salomão em enormes quantidades para os rachadores de lenha no Líbano (2Cr 2.10). O vinagre que deram ao Salvador na cruz (Mc 15.36) era provavelmente a *posca*, uma mistura de vinho e água que costumavam dar aos soldados romanos; o vinho com mirra era uma bebida estupefaciente (v. 23). O vinho não era misturado somente com água, mas também era aromatizado algumas vezes (Sl 75.8; Pv 9.2,5; 23.30). O AT alude muitas vezes ao vício que os hebreus e outros povos da Antiguidade tinham: beber excessivamente. Há, também, muitas citações de orgias vergonhosas nas festas, no tempo da vindima. Anualmente, Belsazar e Xerxes tinham seus "banquetes de vinho"; Neemias aparece como copeiro de Artaxerxes; e Naum e Habacuque acusaram os ninivitas e caldeus de serem vergonhosamente desregrados (Na 1.10; 2.1; 3.11; Dn 5.1,2; Hc 2.15,16). Como nessas passagens, há muitos exemplos, nas esculturas assírias, do abuso do fruto. Os profetas do século VIII a.C. referem-se frequentemente aos banquetes em que as classes média e alta da comunidade bebiam demasiadamente. Amós descreve vividamente essas orgias dos príncipes de Samaria, que deitavam sobre as camas de marfim e bebiam vinho por taças (6.4-6). Oseias escreve que, no dia do aniversário natalício do rei, os príncipes ficaram doentes com a excitação do vinho (Os 7.5); e Isaías exclamava (28.1): "Ai da soberba coroa dos bêbados de Efraim". O mesmo profeta denuncia os habitantes de Jerusalém: "Ai dos que se levantam pela manhã, e seguem a bebedice, e continuam até alta noite, até que o vinho os esquenta" (Is 5.11). Jesus Cristo, em Caná da Galileia, transformou a água em vinho (Jo 2.9,10). Há indicações no NT de que o vinho algumas vezes era bebido em excesso (Jo 2.10; At 2.13; 1Co 5.11; 6.10; Ef 5.18). Paulo (Rm 14.21) sugere a abstinência para o bem-estar dos outros, mas recomenda um pouco de vinho a Timóteo, por sua fraqueza física (1Tm 5.23). V. VIDEIRA, LAGAR DE VINHO.

virgem. Por determinação da Lei, era propriedade de seu pai, que recebia um dote quando ela se casava (Êx22.16; v. Gn 29.15-18). A honra da virgem era protegida contra a maledicência, mas o desvio da virtude era severamente castigado (Dt 22.13-21). Não há, no NT, indício algum de alguma ordem de virgens reconhecida, embora suponha-se isso pela passagem de At 21.9. A questão do casamento da virgem é tratada por Paulo à luz das circunstâncias da época em 1Co 7.25-38. A palavra "casto" é empregada em relação ao homem em Ap 14.4,5.

virgem, nascido da. Jesus Cristo foi "nascido da virgem Maria". Em Mt 1.22,23, declara-se isso como o cumprimento da profecia de Is 7.14. V. em Anuel. A passagem tem uma dupla referência, pois trata de nascer uma criança segundo o simples curso da natureza e, em segundo lugar, da encarnação miraculosa de Jesus Cristo, do qual são particularmente descritivos os

termos empregados. Essa interpretação parece ser mais natural, já que a profecia evidentemente designa duas coisas: uma libertação próxima, e outra, mais afastada, porém mais gloriosa. O nascimento da primeira criança era um penhor da libertação próxima, e a do Messias constituía um mais maravilhoso penhor de outra libertação, mais grandiosa. Nesse cumprimento mais elevado da profecia, torna-se evidente a propriedade do termo "virgem" e o inteiro significado do nome Emanuel (Mt 1.23; Lc 1.35; Jo 1.14). A palavra hebraica *almah*, traduzida por "virgem" em Is 7.14 e em três outras passagens, significa etimologicamente uma jovem, virgem ou não; mas, de fato, é empregada de modo restrito a respeito de uma virgem. Os tradutores da *Septuaginta* na trasladação de *almah* empregaram a palavra parthenos, que é quase sempre usada a respeito de virgens.

visão. Termo empregado tanto no AT como no NT no sentido de uma manifestação, por sonho ou de outra maneira, pela qual uma mensagem divina vem ao homem, como aconteceu com Abraão (Gn 15.1), Jacó (Gn 28.12), Moisés (Êx 3.2), Balaão (Nm 24.4-16), Ezequiel (37.1-14) etc. Aos profetas, Deus falou "de vários modos", revelando sua verdade o maior número de vezes pela realização do estado sobrenatural das faculdades sensitivas, intelectuais e morais, a que a Escritura chama visão. Nesse estado, coisas longínquas como tempo e lugar, ou meras representações simbólicas deles, tornaram-se realidades vivas para a alma do profeta, e assim ele as descreve. Por isso, as predições proféticas muitas vezes se chamam "visões", isto é, coisas vistas, dando-se aos profetas o nome de "videntes" (1Cr 25.5; Is 1.1; Ob 1; Hc 2.2,3). Quanto às visões do NT, v. Mt 3.16; 17.1-9; At 2.2,3; 7.55, 56; 9.3,10,12; 10.3,19; 16.9; 18.9; 22.17,18; 23.11; 2Co 12.1-4. V. PROFECIAS.

Visão, vale da V. VALE DA VISÃO.

viúva. A viuvez, assim como a esterilidade, era algo vergonhoso e censurável em Israel (v. Is 54.4). Julgava-se que uma mulher de mérito e reputação podia realizar novo casamento ou na família de seu falecido marido (Rute), ou em qualquer outra família, se ele tivesse morrido sem filhos (Dt 25.5-10).

Quanto às leis sobre os bens herdados pela mulher, é difícil determinar até que ponto eram usadas nos tempos antes do exílio. Todavia, deve-se dizer que Boaz, pertencente à mesma família que o marido de Noemi, casou com a moabita Rute, na qualidade de possuidor com Noemi da terra pertencente ao falecido Elimeleque, "para suscitar o nome do esposo falecido, sobre a herança dele"; e é possível que a lei (Dt 25.5-10) que determinava que uma viúva sem filhos deveria casar com o irmão de seu marido possa ter sido ordenada não apenas para suscitar posteridade do sexo masculino, mas para garantir a permanência da propriedade que ela possuísse na tribo de seu último marido. Por outro lado, a ausência no livro de Deuteronômio de qualquer regulamento expresso sobre a herança da mulher e as repetidas referências à viúva em conexão com o órfão e o estrangeiro (Dt 14.29; 16.11; 26.12), cabendo-lhe dízimos e ofertas de festas, indicam com muita probabilidade que a posição da viúva era precisa (Is 10.2; Jr 7.6). Na Escritura, há frequentes mandamentos para se socorrer a viúva e o órfão(Êx 22.22; Dt 10.18; 14.29). Deus é mesmo chamado o marido da desolada e diz: "as tuas viúvas confiem em mim" (Jr 49.11). Paulo ordena que se honrem as viúvas (1Tm 5.3). Na primitiva igreja cristã, houve viúvas que, por sua pobreza, eram colocadas na lista das pessoas sustentadas pela igreja (At 6.1); outras recebiam o encargo de visitar os doentes e prestar auxílio às mulheres no

batismo etc. Contudo, as mulheres escolhidas para isso deviam ter pelo menos 60 anos (1Tm 5.9).

voto. Promessa solene, voluntária, feita a Deus por uma pessoa que se obriga a realizar um ato para promover a glória dele, ou a abster-se de qualquer ato com o mesmo fim. Na dispensação do AT, os votos eram comuns (Nm 30; Jz 11). Na Lei, havia um preço de resgate por votos, com respeito a coisas oferecidas ou pessoas consagradas (Lv 27). Todavia, alguns supõem que esse dinheiro deveria ser pago em adição à oferta da pessoa, como visível declaração de que havia sido consagrada a Deus (Gn 28.20,22; Jz 11.30,31; 1Sm 1.11, 21). Havia votos voluntários (Dt 23.22; Ec 5.4,5; At 5.4), obrigatórios (Nm 30.2,4,7,11,12; Dt 23.21-23; Jz 11.35; Jó 22.27; Sl 50.14; 76.11; Pv 20.25; Ec 5.4- 7; Jn 2.9; Na 1.15) e também exceções (Nm 30.3-13). A violação de um voto era castigada (1Sm 14.24,39). Certos votos particulares descritos no AT foram os de Jacó (Gn 28.20-22), de Jefté (Jz 11.30,31), da mãe de Mica (Jz 17.2,3), de Ana (1Sm 1.11), de Elcana (1Sm 1.21), dos marinheiros (Jn 1.16) e de Jonas (Jn 2.9). Em At 18.18; 21.23, temos provas de certas determinações sobre votos no tempo dos apóstolos. V. CORBÃ, NAZIREU.

Z

Zabade. 1. Valente de Davi (1Cr 2.36,37), mencionado em 1Cr 11.41 como descendente de Alai, cuja bisavó, descendente de Judá, casou com Jará, um egípcio, conforme sua genealogia (1Cr 2.31,34-36). O nome dela é mencionado, provavelmente, para indicar sua relação com a tribo.

2. Efraimita (1Cr 7.21).

3. Cúmplice de Jeozabade no assassinato do rei Joás (2Cr 24.26), ambos condenados à morte por Amazias, filho e sucessor de Joás. Em vez de Zabade, lê-se Jozacar em 2Rs 12.21.

4. Três diferentes israelitas, casados com mulheres estrangeiras (Ed 10.27,33,43).

Zabdi. 1. Neto de Judá e avô de Acã (Js 7.1,17,18).

2. Benjamita (1Cr 8.19).

3. Oficial que dirigia os trabalhos sobre o vinho das adegas de Davi (1Cr 27.27).

4. Filho de Asafe, o trovador Zacur (Ne 11.17; 12.35), e Zicri (1Cr 9.15).

Zacarias. *O Senhor se lembra de nós.* 1. Autor do livro de Zacarias.

2. Rei de Israel, o último da casa de Jeú, que reinou somente seis meses. Foi morto em uma conspiração chefiada por Salum. Sustentou as práticas idólatras da nação (2Rs 14.29; 15.8,11).

3. A mãe de Ezequias, Abi, era filha de Zacarias (2Rs 18.2).

4. Filho de Baraquias assassinado pelos judeus entre o templo e o altar (Mt 23.35; Lc 11.51). A referência é, provavelmente, a Zacarias, filho de Joiada (2Cr 24.20,21). Baraquias foi o pai do profeta Zacarias. As crônicas que descrevem seu assassinato entraram em último lugar no cânon hebraico. Assim, foi o último relato de homicídio nos livros sagrados, como o de Abel fora o primeiro.

5. Pai de João Batista, um sacerdote da ordem de Abias. Quando lhe foi prometido um filho, desejou um sinal, por isso ficou mudo. Depois, quando escrevia o nome de João, voltou-lhe a fala. Zacarias foi "cheio do Espírito Santo" e proferiu o hino conhecido como Benedictus (Lc 1.5-23,57-79).

6. Porteiro do tabernáculo da congregação; julgado o "conselheiro prudente" (1Cr 9.21; 26.2,14).

7. Príncipe de Judá no reinado de Josafá enviado para instruir o povo na Lei (2Cr 17.7).

8. Filho do sumo sacerdote Joiada. V. Zc 1. Aquele a quem Jesus se refere em Mt 23.35.

9. Capataz dos operários empregados na restauração do templo (2Cr 34.12).

10. Chefe do povo, associado com Esdras na volta de Babilônia e na leitura da Lei (Ed 8.16; Ne 8.4).

11. Sacerdote que tocava as trombetas na dedicação dos muros da cidade efetuada por Esdras e Neemias (Ne 12.35,41).

12. Outros Zacarias são mencionados em diversos lugares, mas nada se sabe deles.

Zacarias, O Livro de. A autoria desse livro é atribuída, nas suas primeiras palavras, a Zacarias, filho de Berequias, neto de Ido, da tribo sacerdotal (Ne 12.4,6). Ele veio da Babilônia ainda jovem, com Zorobabel e Josué; iniciou sua missão de profeta cerca de dois meses depois de Ageu (Ed 5.1; 6.14; Ag 1.1), no segundo ano de Dario Histaspes, e continuou por dois anos (Zc 7.1). Em grande parte, por causa de seu zelo e do de Ageu, a reedificação do templo foi

possível (Ed 5.1; 6.14). Mesmo com o objetivo imediato de animar os judeus na restauração do culto público, há outros objetivos importantes em Zacarias. Suas profecias alcançam "o tempo dos gentios", mas a história do povo escolhido ocupa o centro de suas predições. O livro pode dividir-se em três seções:
1. Os cap. 1—6 contêm oito visões do profeta no segundo ano de Dario, que revelavam as dispensações da Providência sobre os judeus e as nações que os tinham oprimido.
2. Os cap. 7—8 guardam profecias sobre a prosperidade futura dos judeus no engrandecimento de Jerusalém e estão entremeadas de avisos e exortações.
3. Os seis capítulos restantes (9—14) contêm uma série de predições, revelando a futura história do povo de Deus desde esse período até o fim do mundo. Intercaladas nessas profecias, há muitas outras sobre a pessoa, o caráter e a obra do Messias, a promulgação do evangelho, a chamada dos gentios, a glória final e a bem-aventurança da Igreja de Deus, unindo judeus e gentios em uma santa comunidade debaixo da direção do grande Sumo Sacerdote e Rei. As muitas citações de profetas anteriores e da época do cativeiro, na segunda parte do livro, indicam que o autor é de uma época posterior. Na verdade, é mais razoável supor que apenas um profeta os citou do que acreditar que eles todos o citaram (cp. 9.2 com Ez 28.3; 9.5 com Sf 2.4; 9.11 com Is 51.14; 9.12 com Is 49.9, 61.7; 10.3 com Ez 31.17; 11.4 com Ez 34.4; 11.3 com Jr 12.5; 13.8,9 com Ez 5.12; 14.8 com Ez 47.1-12; 14.10,11 com Jr 31.38-40; 14.16- 19 com Is 60.12, 66.23; 14.20,21 com Ez 43.12, 44.9).
Algumas referências ao profeta Zacarias, no NT, estão em íntima relação com a obra de Jesus Cristo: Zc 9.9, a entrada do Rei em Jerusalém (Mt 21.5; Jo 12.14,15); Zc 11.13, as 30 peças de prata (Mt 27.9,10); Zc 12.10, olhando para aquele a quem traspassaram (Jo 19.37; Ap 1.7); Zc 13.7, o Pastor ferido (Mt 26.31; Mc 14.27); Zc 14.11, não haverá mais anátema (Ap 22.3).

Zadoque. *Reto.* 1. Um dos dois principais sacerdotes no tempo de Davi (2Sm 8.17), que se juntou ao rei, em Hebrom (1Cr 12.28), depois da morte de Saul. Zadoque permaneceu fiel a Davi por todo o seu reinado, apesar de todas as agitações. Quando Absalão se revoltou e Davi foi compelido a fugir de Jerusalém, Zadoque e os levitas o acompanharam, levando a arca (2Sm 15.24). Quando Absalão foi morto, Zadoque estava entre os que persuadiram os anciãos de Judá a convidarem Davi a voltar. Sendo Davi já de idade avançada e Adonias aclamado rei por influência de certo partido, ele pôs-se ao lado de Davi e ungiu Salomão seu sucessor. Salomão, depois de ascender ao trono, retirou Abiatar, partidário de Adonias, do sumo sacerdócio e deu toda a autoridade a Zadoque (1Rs 1.7,26; 2.27,35). Seus descendentes (Ez 44.15,16) são louvados por sua fidelidade desde o tempo de Salomão e têm privilégios especiais na visão profética sobre o templo restaurado e o culto ali prestado ao Senhor.
2. Pai de Jerusa, esposa do rei Uzias e mãe do rei Jotão (2Rs 15.33; 2Cr 27.1).
3. Indivíduo que reparou uma porção do muro no tempo de Neemias (Ne 3.4).
4. Sacerdote que reparou uma porção do muro no tempo de Neemias (Ne 3.29).

zanzumins. Nome amonita dos refains (Dt 2.20). Povo "grande, numeroso e alto", mas conquistado ou destruído pelos amonitas, que se apoderaram de seu território a nordeste de Moabe. V. ZUZINS.

Zaqueu. *Puro.* O incidente que inclui a figura de Zaqueu está em Lc 19.1-10. Era superintendente dos cobradores de tributos, mas ainda sujeito a um superior romano. Zaqueu

era judeu, e Jesus o chama de "filho de Abraão" para mostrar que mesmo sua ocupação não o punha fora da comunidade de Israel. O vivo desejo de ver Jesus era mais do que simples curiosidade, ou não teria respondido ao convite do Mestre tão prontamente. Jesus chegara a Jericó, indo em direção a Jerusalém para a celebração da Páscoa, que, por suas palmeiras e jardins de balsamina, era nessa ocasião um distrito muito florescente, o que tornou Zaqueu um homem rico.

Zarefate (ARC). *Lugar de fundição.* Atual Sarepta; cidade fenícia entre Tiro e Sidom. Foi residência temporária de Elias (1Rs 17.9,10; Ob 20; Lc 4.26). Sarepta (Lc 4.26) é a forma grega de Zarefate.

Zaretã. Lugar onde os israelitas atravessaram o rio Jordão para entrarem em Canaã (Js 3.16, TB) e onde foram fundidos os vasos de cobre para o templo de Salomão. Em 2Cr 4.17, o nome é Zereda. Talvez seja o mesmo lugar que em Jz 7.22 se chama Zererá.

Zeba. Um dos dois reis de Midiã, mortos por Gideão, que assassinaram alguns irmãos desse libertador em suas incursões. Depois da derrota dos midianitas, os dois reis escaparam, indo por Gileade até Carcor. Gideão os perseguiu até ali, os aprisionou, os trouxe a Ofra, sua terra natal, e os matou (Jz 8.5-21; Sl 83.11).

Zebadias. 1. Benjamita que se juntou a Davi em Ziclague (1Cr 12.7).
2. Indivíduo que, com 80 pessoas de sua família, voltou com Esdras (Ed 8.8).
3. Sacerdote que casou com uma estrangeira depois da volta da Babilônia (Ed 10.20).
4. Levita enviado para ensinar a Lei nas cidades de Judá (2Cr 17.8).
5. Superintendente na casa de Judá sobre as coisas "que dizem respeito ao rei", no tempo de Josafá (2Cr 19.11).
6. Outros Zebadias são mencionados em 1Cr 8.15,17; 26.2; 27.7.

Zebedeu. Pescador da Galileia, pai de Tiago e João, discípulos de Cristo, e marido de Salomé. Os dois filhos foram chamados por Jesus quando estavam no barco de seu pai, ajudando a consertar as redes. A família tinha bens suficientes para ter criados a seu serviço. As relações entre João e o sumo sacerdote também sugerem sua posição social (Mt 4.21; 27.56; Mc 1.20; 15.40; Jo 18.15).

Zebulom. Décimo filho de Jacó (Gn 30.20). Quando sua tribo partiu do Egito, tinha 57.400 homens capazes de lutar. Cerca de quarenta anos mais tarde, o número aumentou para 60.500. O território de Zebulom, na terra prometida, ficava de certo modo entre o mar de Tiberíades e o Mediterrâneo (Gn 49.13). A referência em Dt 33.19, "chuparão a abundância dos mares e os tesouros escondidos da areia", tem sido interpretada como entregar-se mais tarde a respectiva tribo ao comércio, à pesca e à fundição de metais e do vidro. O rio Belo, cuja areia se adaptava fabricação de vidro, corre no território de Zebulom. As "saídas" de Dt 33.18 são as da planície do Aca; e o monte do v. 19 é a eminência sagrada do Tabor que Zebulom haveria de repartir com Issacar. O "caminho do mar" (Is 9.1) é a grande estrada, de Damasco ao Mediterrâneo, que atravessava boa parte do território de Zebulom e provia comunicação com os negociantes da Síria, Fenícia e Egito. As tribos de Zebulom e Naftali distinguiram-se na guerra de Baraque e Débora contra Sísera, general dos exércitos de Jabim. V. tb. Nm 1.9,30; 26.26,27; Js 19.10; Jz 4.6,10; 5.14,18. Os povos de Nazaré, Caná e Tiberíades estavam situados dentro dos limites de Zebulom (Is 9.1; Mt 4.13,15).

Zedequias. *Justiça do Senhor.* 1. Último rei de Judá antes do cativeiro. Quando Nabucodonosor tomou Jerusalém, levou o rei Jeconias (Joaquim) para Babilônia com suas mulheres, filhos, oficiais e os melhores artífices da Judeia, e em seu lugar pôs seu tio Matanias, cujo nome ele mudou para Zedequias, e fê-lo prestar juramento de fidelidade. Zedequias fez o mal vista do Senhor. No nono ano, revoltou-se contra Nabucodonosor, que fez marchar um exército contra Jerusalém. Jeremias aconselhou Zedequias a se render, mas ele recusou. Tomada a cidade, Zedequias fugiu, mas foi preso na planície de Jericó e levado a Nabucodonosor em Ribla, da Síria, e ali viu a execução de seus filhos, sendo-lhe depois tirados seus próprios olhos. Preso em diversas cadeias, foi levado para Babilônia. No caso de Zedequias, duas predições que pareciam contraditórias foram harmonizadas: a primeira delas afirma que Zedequias "seria entregue nas mãos do rei de Babilônia, e com ele falaria boca a boca, e o veria face a face" (Jr 32.4); a outra anuncia que ele seria levado para Babilônia, à terra dos caldeus, mas não a veria, ainda que viesse a morrer ali (Ez 12.13). O reino de Judá já estava no fim.
2. Profeta de Baal na corte de Acabe. Quando Micaías, profeta do Senhor, o censurou por sua falsa predição, o falso profeta lhe bateu na face. A morte de Acabe em Ramote-Gileade confirmou a profecia de Mica (1Rs 22; 2Cr 18).
3. Falso profeta na Babilônia entre os cativos levados com Jeconias (Jr 29.21,22). Jeremias predisse seu terrível destino.
4. Príncipe de Judá nos dias de Jeoaquim (Jr 36.12).
5. Indivíduo que assinou o pacto e é mencionado logo depois do governador; mas apenas nesse caso. Pode ter sido um oficial persa ou qualquer personagem da família real de Israel (Ne 10.1).

zelo. Em algumas passagens bíblicas, é o terno amor de Deus para com sua igreja. Paulo diz aos coríntios que estava zeloso a respeito deles com zelo de Deus (2Co 11.2). Linguagem simbólica empregada para representar o vivo cuidado e constante amor de Esposo celestial por sua noiva, a Igreja (Sl 78.58; 79.5).

Zelote. Nome dado a Simão, um dos apóstolos (Mt 10.4; Mc 3.18). Palavra aramaica equivalente ao termo grego *zelotes* (Lc 6.15; At 1.13), que em algumas versões é traduzido por "zelador". Tal nome lhe foi dado ou porque ele era membro da seita judaica dos zeladores, os extremistas no repúdio da dominação romana, ou porque manifestava ardente zelo na obra da evangelização. V. At 22.3 e Gl 1.14, sobre o emprego da palavra "zelosos".

zemareu. Tribo citada em Gn 10.18 e 1Cr 1.16; mencionada entre os filhos de Canaã. Zemar era uma cidade interiorana do sul da Fenícia. Foi sede de um governador egípcio, no tempo da 18º dinastia, quando a Palestina e a Síria estavam sujeitas ao Egito. Depois perdeu a importância, como outras cidades fenícias que não estavam situadas na costa.

Zerá. 1. Neto de Esaú, um dos principais de Edom (Gn 36.13,17; 1Cr 1.37).
2. Zera, ou Zara, e seu irmão gêmeo, Perez, eram filhos de Judá e Tamar (Gn 38.30; 1Cr 2.6; Mt 1.3). Seus descendentes foram chamados zeraítas, ezraítas, ou izraítas, nome com que chegaram ao tempo de Zorobabel (Nm 26.20; 1Rs 4.31; 1Cr 9.6; 27.8,11; Ne 11.24).
3. Filho de Simeão (1Cr 4.24); é Zoar em Gn 46.10.
4. Gersonita (1Cr 6.21).
5. Etíope de Cuxe que invadiu o reino de Judá e foi derrotado pelo rei Asa. Como Cuxe (Gn 10.7) era antepassado de certas tribos árabes, é possível que Zerá fosse apenas um chefe árabe,

não rei da Etiópia. Assim, Zerá pode representar Dhirrih, Zirrihj, título de príncipes de Sabá na Arábia. Diz-se que Zerá tinha um exército de 1milhão de soldados e veio sem oposição do Egito até Maressa, a oeste do país montanhoso de Judá. Ali encontrou Asa, no vale de Zefati, e foi completamente derrotado. Foi perseguido até Gerar, no ângulo da Arábia que separa o Egito da Palestina (2Cr 14.9-15).

Zerede. Nome do ribeiro junto ao qual os israelitas acamparam antes de passarem para a terra dos amorreus (Nm 21.12; Dt 2.13,14); pode estar identificado com o uádi el-Hesi, ou melhor, com o uádi Kerak.

Zeres. Esposa de Hamã, que aconselhou seu marido a preparar a forca para Mordecai. Contudo, quando soube que se tratava de um judeu, predisse que Hamã haveria realmente de cair diante dele (Et 5.10,14; 6.13).

Zeruia. Irmã de Davi e mãe de Abisai, Joabe e Asael, os três guerreiros mais eminentes do exército de Davi (1Sm 26.6; 2Sm 2.13; 1Rs 1.7; 1Cr 2.16). Não há menção de seu marido.

Ziba. Foi escravo do rei Saul; depois de obter sua liberdade, fundou uma família de 15 filhos e 20 escravos (2Sm 9.2-11). Ziba contou a Davi sobre a existência de Mefibosete, filho aleijado de Jônatas. Davi tratou Mefibosete bem e o fez assentar à sua mesa; também ordenou que Ziba, seus filhos e criados cultivassem em benefício de Mefibosete a herdade que lhe fora novamente dada; parece que Ziba deixou de ser o proprietário independente daquelas terras. Acusando falsamente Mefibosete de traição para com Davi, por ocasião da revolta de Absalão, Ziba alcançou metade da herança (2Sm 16.1-4; 19.17-29).

Ziclague. Cidade na extremidade sul de Judá (Js 19.5), cedida a Simeão; esteve sob domínio dos filisteus. Foi dada por Aquis, rei de Gate, a Davi, que ali recebeu notícias da morte de Saul. Foi reedificada e ocupada depois do cativeiro (Js 15.31; 19.5; 1Sm 27.6; 30.1,14,26; 2Sm 1.1; 4.10; 1Cr 4.30; 12.1,20; Ne 11.28).

Zicri. Guerreiro efraimita do exército de Peca. Na batalha tão desastrosa para o reino de Judá, o príncipe Maeseias, filho do rei, e Azicão, o mordomo do palácio, e Elcana, o segundo depois do rei, caíram nas mãos de Zicri (2Cr 28.7). Outras pessoas com o mesmo nome são mencionadas em Êx 6.21; 1Cr 8.19,23,27; 9.15; 26.25; 27.16; 2Cr 17.16; 23.1; Ne 11.9; 12.17.

zive. *Flores*. Segundo mês judaico, o mês das flores, que ocorre de meado de abril, mais ou menos, até meado de maio (1Rs 6.1,37).

Zilpa. Mulher siríaca que Labão deu à sua filha Lia para a servir e dada a Jacó para sua concubina por Lia. Mãe de Gade e Aser (Gn 29.24; 30.9-13).

Zim. Deserto ao sul da Palestina, entre et-Tin a oeste e o Arabá a leste; limites indeterminados; talvez compreenda parte do deserto de Parã (Nm 13.21; 20.1; 33.36; 34.3,4; Dt 32.51; Js 15.1,3). Cades ficava no deserto de Zim, sendo nesta região a Idumeia limítrofe de Judá, e Cades uma cidade da fronteira de Edom.

zimbro. Há na Palestina e regiões limítrofes 358 plantas leguminosas ou de vagens. Entre elas, uma das mais belas e úteis é o *rothem*, uma espécie de arbusto, que na Escritura também se chama junípero (TB). Os viajantes falam com prazer de suas flores cor de cravo, vistas em grande quantidade nas encostas ou nas planícies, exalando odor suave. Os árabes chamam-lhe *retem*; e, à semelhança do antigo profeta em certa ocasião de abatimento espiritual (1Rs 19.4,5), os que vagueiam por esses lugares ficam contentes de poderem abrigar-se debaixo dos seus

ramos, pois a planta chega à altura de 2,5 a 3 m. Stanley, Robinson e outros viajantes falam de sua refrescante sombra na "aborrecida terra" do Sul. São mencionadas as "brasas vivas de zimbro" por sua viveza ardente; hoje o carvalho do *retem* é tão altamente apreciado que grandes quantidades desse arbusto são destruídas pelos beduínos, para produzir combustível para os mercados do Egito. Jó (30.4) refere-se a uma fome tão terrível que o mantimento dos pobres eram as raízes do zimbro, mostrando essa admirável declaração a intensidade do flagelo pela razão de serem essas raízes muito amargas e repugnantes. Todavia, as ovelhas gostam do fruto da planta. Uma das estações dos israelitas era chamada Ritmá (Nm 33.18,19), talvez por haver abundância de *rothem* no local.

Zinri. 1. Principal da tribo de Simeão, morto com a princesa midianita Cosbi, por Fineias, filho de Arão (Nm 25.14). Nessa ocasião, os israelitas sofriam terríveis pragas por causa de seu culto impuro prestado a Baal-Peor. Zinri aproveitou a situação para levar Cosbi para o campo israelita, na presença de Moisés e do povo.
2. Rei de Israel que governou o país por apenas oito dias. Usurpou o trono pelo assassinato do rei Elá, mas o exército aclamou o general Onri como rei. Onri marchou imediatamente contra a capital Tirza. Zinri refugiou-se no palácio, pôs-lhe fogo e pereceu nas chamas (1Rs 16.9-20).
3. Descendente de Judá (1Cr 2.6).
4. Descendente de Saul (1Cr 8.36; 9.42).
5. Tribo dos filhos do Oriente (Jr 25.25).

Ziz. A ladeira de Ziz ficava acima de En-Gedi, e hoje é uádi Husasa. Por ali foram os moabitas e amonitas, desde o mar Morto até o deserto de Judá, perto de Tecoa (2Cr 20.16). Mesmo caminho seguido ainda hoje pelos árabes nas suas expedições de pilhagem. O planalto logo acima do desfiladeiro ainda é chamado el-Husasa (Haz-zis).

Zoã. A moderna San e a clássica Tânis, em uma extensa planície a leste de um antigo ramo oriental do Nilo, perto de sua foz. Zoã era uma cidade antiquíssima do Baixo Egito e uma das principais residências dos faraós. Foi edificada, ou pelo menos fortificada, pelos reis pastores [hicsos] que invadiram e subjugaram o Egito em cerca de 2000 a.C. Depois de quinhentos anos de domínio, foram gradualmente expulsos do país, sendo Zoã a última fortaleza que possuíram. Por volta de 1500 a.C., foram obrigados a capitular. Durante a dinastia dos reis pastores, foi edificado um templo a Sete, o Baal egípcio, em Zoã. Ramsés II, que pode ter pertencido a essa dinastia, embelezou esse templo, e foi sucedido por seu filho Meneptá. Nesse período, desde a imigração dos pastores até o reinado de Meneptá, deu-se a estada dos israelitas no Egito e o êxodo. Supõe-se que os mais antigos reis da dinastia dos pastores estiveram na posse tanto de Mênfis como de Zoã, mas que os faraós da opressão e do êxodo tinham sua sede de autoridade em Zoã. A condenação de Zoã é anunciada em Ez 30.14. Uma das principais capitais e residências dos faraós, agora é terra de pescadores, lugar infestado de répteis e febres malignas. As ruínas do antigo templo manifestam sua grandeza na época (Nm 13.22; Sl 78.12,43; Is 19.11, 13; 30.4). V. EGITO.

Zoar. *Pequeno.* Lugar por detrás do qual o terreno se vai elevando por 3 ou 5 km, existindo ali muitas cavernas. Cidade da planície, chamada Belá na sua origem (Gn 14.2,8); poupada na destruição de Sodoma e Gomorra por intercessão de Ló, que ali achou abrigo. Tinha seu

próprio rei. Na descrição da morte de Moisés, menciona-se Zoar como o lugar longínquo até onde se estendia sua vista desde Pisga (Gn 13.10; 19.22,23,30; Dt 34.3; Is 15.5; Jr 48.34).

Zobá. Pequeno reino da Síria, que se estendia ao norte de Damasco e a leste de Hamate até o Eufrates. Foi hostil a Saul, Davi e Salomão; pátria de um dos homens valentes de Davi (1Sm 14.47; 2Sm 8.3-12; 10.6-8; 23.36; 1Rs 11.23; 1Cr 18.3-9; 19.6; título do Sl 60). Pela narrativa da primeira campanha de Davi contra aquela nação, pode-se ver quanto era rica. Muitos oficiais do inimigo usavam escudos de ouro, e as cidades tomadas por Davi forneceram-lhe grande quantidade de cobre. Em um período posterior, Joabe e Davi derrotaram sucessivamente os exércitos de Zobá com grandes perdas. Os régulos, tributários do pequeno reino da Síria até então, transferiram sua aliança para o rei de Israel.

Zoelete. *Pedra da serpente*. Atual Zahweileh; uma pedra sagrada perto da Fonte da Virgem — En-Rogel — no fosso a sudeste de Jerusalém. Foi onde Adonias levantou o estandarte da rebelião contra Davi (1Rs 1.9). O costume de colocar pedras com o nome de uma pessoa ou acontecimento está descrito na Escritura muitas vezes (Gn 28.22; 31.45; 35.14; Js 4.9-20; 15.6; 18.17; 24.26; 1Sm 6.14,18; 7.11,12; 14.33).

Zorá. Hoje é Sorah. Na orla da região montanhosa, na extremidade meridional de uma crista que domina o uádi Surar, cidade de Judá, ocupada por Dã (Js 15.33; 19.41; Jz 18.2,8,11); pátria e lugar da sepultura de Manoá e Sansão (Jz 13.2,25; 16.31); fortificada pelo rei Roboão (2Cr 11.10).

zoratitas. Em 1Cr 4.2, o povo de Zorá é mencionado como descendente de Sobal, um dos filhos de Judá que afirma ter fundado Quiriate-Jearim, de onde provieram os zoratitas e estaoleus (1Cr 2.52,53)

Zorobabel. Chefe da tribo de Judá, que voltou do cativeiro de Babilônia com muitos judeus no primeiro ano de Ciro, sendo intitulado *tirsata*. Antes de iniciar sua jornada, recebeu os vasos sagrados que Nabucodonosor levara do templo. Os que voltaram, após receber presentes de prata, ouro, gêneros e animais, também foram acompanhados de Josué, o sumo sacerdote, e de outros sacerdotes e levitas, assim como de chefes de família. O altar foi edificado sobre o antigo local, e o sacrifício diário foi restaurado. Todavia, a grande obra de Zorobabel foi a edificação do templo. Ciro lhe ofereceu madeira, pedra e dinheiro, e a pedra do fundamento foi colocada com grande pompa e cerimônia religiosa. O mesmo salmo de louvor a Deus que fora cantado quando Salomão dedicou seu templo foi ouvido novamente. Contudo, houve obstáculos de várias espécies. Os samaritanos reclamaram parte na obra, e, como foi-lhes recusada, trataram de fazer-lhe oposição. Além disso, o primeiro entusiasmo arrefeceu, de modo que, por dezesseis anos, os trabalhos foram suspensos. Entretanto, o povo ia edificando excelentes casas de habitação. No segundo ano de Dario, os judeus foram incitados a continuar a obra pelos discursos proféticos de Ageu e Zacarias. Então Zorobabel, Josué e todo o povo decicidamente retomaram o trabalho, assegurando a Zorobabel a proteção divina (Ag 2.23). No sexto ano de Dario, o templo estava terminado, e a dedicação foi feita com grande regozijo. Zorobabel também restaurou as ordens de sacerdotes e levitas e tratou da sua subsistência; também registrou os que voltaram, segundo suas genealogias (1Cr 3.19; Ed 2—5; Ne 7.7; 12.1,47; Ag 1; 2; Zc 4.6-10).

Zur. *Rocha.* 1. Um dos cinco príncipes de Midiã, morto pelos israelitas quando Balaão também caiu a um golpe de espada (Nm 31.8). Cosbi, filha de Zur, foi morta por Fineias, com seu amante Zinri, o principal da tribo de Simeão (Nm 25.15). 2. Benjamita (1Cr 8.30; 9.36).

zuzins. Raça aborígene destruída por Quedorlaomer e seus aliados (Gn 14.5). Supõe- se que os zuzins habitavam o país dos amonitas e estavam identificados com os zanzumins ou refains exterminados pelos amonitas, que depois ocuparam seu território (Dt 2.20).